

MARCOS TADEU HOLLER

UMA HISTÓRIA DE CANTARES DE SION
NA TERRA DOS BRASIS:
A MÚSICA NA ATUAÇÃO DOS JESUÍTAS
NA AMÉRICA PORTUGUESA (1549-1759)

VOLUME 1

Tese em 2 volumes apresentada
ao Curso de Doutorado em
Música do Instituto de Artes da
UNICAMP como requisito parcial
para a obtenção do Título de
Doutor em Musicologia sob a
orientação da Profa. Dra. Helena
Jank.

CAMPINAS
2006

H722h

Holler, Marcos Tadeu.

Uma história de cantares de Sion na terra dos brasis : a música na atuação dos jesuítas na América Portuguesa (1549-1759) / Marcos Tadeu Holler. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

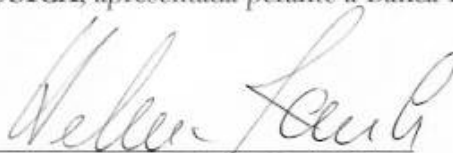
Orientador: Helena Jank.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes.

1. Música. 2. Jesuítas. 3. Brasil – História - Período colonial, 1500-1822. I. Jank, Helena. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. III. Título.

Instituto de Artes
Comissão de Pós-Graduação

Defesa de Tese de Doutorado em Música, apresentada pelo
Doutorando **Marcos Tadeu Holler** - RA 925619, como parte dos requisitos para a obtenção
do título de **DOUTOR EM MÚSICA**, apresentada perante a Banca Examinadora:



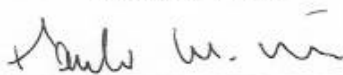
Profa. Dra. Helena Jank - DM/IA - UNICAMP

Presidente/Orientadora



Prof. Dr. Edmundo Pacheco Hora - DM/IA - UNICAMP

Membro Titular



Prof. Dr. Paulo Mugayar Kühl - DAP/IA - UNICAMP

Membro Titular



Prof. Dr. Paulo Augusto Castagna - DM/IA - UNESP

Membro Titular



Prof. Dr. Rogério Budasz - UFPR

Membro Titular

A meus pais.

AGRADECIMENTOS

Aos Profs. Helena Jank e Paulo Castagna, sem os quais este trabalho não se teria concretizado.

Aos Profs. Edmundo Hora, Paulo Kühl e Rogério Budasz, pelas contribuições.

Alla Prof.ssa Rosa Cafiero, che mi ha reso possibile la ricerca negli archivi a Roma e Lisbona.

A minha família, por tudo.

A Umberto e Rui, pela paciência.

A duas grandes amigas: Cristina e Dida, pela ajuda inestimável.

Aos Profs. Alcir Pécora e Cristiane Nascimento, pelas ótimas idéias e pela companhia no Ciak.

Aos amigos, pelas contribuições diretas e indiretas: Miriam, Lúcia, Silvana, Sérgio Figueiredo, Fernando Binder, Letícia e Izabela.

O trabalho foi realizado com o auxílio financeiro da CAPES.

Às margens dos rios da Babilônia,
sentamo-nos e choramos,
nos salgueiros daquelas terras,
penduramos nossas harpas.
E ali os que nos levaram cativos
pediram-nos que lhes cantássemos um canto,
e os que nos oprimiam, que fôssemos alegres:
'Cantai-nos algum dos cânticos de Sion!'
Como haveríamos de cantar um cântico do Senhor
em terra estranha?

Salmo 136.

... e ouviam-se naquele tempo os cantares de Sion em terra
tão alheia e tão selvagem daquele paganismo.

Crônica da Companhia de Jesus da Missão do Maranhão.
Padre Domingos de Araújo, 1720.

Resumo

Em 1549 chegou ao Brasil o padre jesuíta Manoel da Nóbrega, dando início à intensa atuação dos jesuítas nas Américas. Apesar da restrição à música expressa nos documentos da Companhia de Jesus, referências ao uso do canto e de instrumentos em cerimônias religiosas e eventos profanos são extremamente freqüentes em relatos jesuíticos desde pouco tempo depois da sua chegada no Brasil até a expulsão dos padres em 1759.

O objetivo principal deste trabalho é o levantamento de informações sobre a música na atuação dos jesuítas no Brasil colonial, desde a sua chegada, em 1549, até a expulsão em 1759, utilizando como fundamentação os documentos da época, sobretudo os de autoria dos próprios jesuítas. Além de manuscritos jesuíticos originais dos sécs. XVI a XVIII foram utilizadas publicações ou transcrições modernas destes documentos, e cópias (manuscritas, xerográficas, digitalizadas ou microfilmadas) de originais.

A leitura dos documentos não nos permite responder a todas as questões referentes à atuação musical dos jesuítas, mas pode revelar importantes aspectos da história da música no Brasil.

Abstract

In 1549 the Jesuit priest Manoel da Nóbrega arrived at the Brazilian shores, and this was a milestone to the beginning of an intensive activity exerted by Jesuits in America. Despite the fact that the musical practice was forbidden by the rules of the Society of Jesus, references to the use of songs and instruments in religious ceremonies and non-sacred events are very frequent in reports left by the Jesuits since their first arrival in Brazil to their extinction and expulsion in 1759.

The main purpose of this research is to raise informations about the music in the activities of the Jesuits during the time they were in colonial Brazil. Besides the original Jesuitical manuscripts from 16th to 18th centuries, publications, modern transcriptions or copies (handwritten, photocopied, scanned and microfilmed) of originals were also used in this research.

Those documents do not answer all the questions referring to the music practiced in the jesuitic establishments, but can reveal important aspects of the history of the music in Brazil.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Catedral Basílica de Salvador.....	43
Figura 2 - Igreja do Seminário de Belém da Cachoeira	45
Figura 3 - Colégio dos Jesuítas do Rio de Janeiro.	50
Figura 4 - Destruição do Morro do Castelo	50
Figura 5 - Colégio dos Jesuítas de São Paulo (gravura de Thomas Ender, de 1818).....	53
Figura 6 - Igreja do Colégio de São Paulo, reconstruída em 1954.....	54
Figura 7 - Igreja da Aldeia das Guaraíras.....	80
Figura 8 - Igreja da Aldeia de São Pedro do Cabo Frio	81
Figura 9 - Igreja da Aldeia de Reritiba	83
Figura 10 - Capela de Nsa. Sra. do Rosário, na Aldeia do Embu	84
Figura 11 - Igreja da Fazenda de Santa Cruz (gravura de Thomas Ender, de 1817)	86
Figura 12 - Antonio Ferreira: gaiteiro e tamborileiro. Séc. XVIII.....	94
Figura 13 - Gaiteiro e tamborileiro	95
Figura 14 - Tambor e flauta	95
Figura 15 - Gaitas e pífanos de metal, de Pernambuco e Alagoas.....	97
Figura 16 - Doçaina do séc. XVIII	100
Figura 17 - Rabeca guarani	114
Figura 18 - Rabeca krahô.....	115
Figura 19 - Órgão da Capela de Nsa. Sra. do Rosário, no Embu	123
Figura 20 - Órgão da Capela de Nsa. Sra. do Rosário, no Embu	123

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Instrumentos nos inventários dos estabelecimentos da América Portuguesa	193
Quadro 2 - Instrumentos nos inventários das reduções da América Espanhola	194

SUMÁRIO – VOLUME 1

1. INTRODUÇÃO.....	01
1.1 Objetivos	03
1.2 Metodologia	04
1.3 Definição de termos.....	04
 2. FONTES DOCUMENTAIS E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	 09
2.1 A documentação jesuítica	10
2.4.1 Cartas anuais.....	10
2.4.2 Relatos.....	12
2.4.3 Catálogos	13
2.4.4 Instruções e regulamentos.....	14
2.4.5 Biografias	14
2.2 Acervos consultados	15
2.3 Fontes impressas	20
2.4 Revisão bibliográfica	22
2.4.1 Jesuítas e música	22
2.4.2 Jesuítas e música no Brasil	24
 3. OS JESUÍTAS NO BRASIL	 31
3.1 O Padre Inácio de Loyola e as origens da Companhia de Jesus.....	32
3.2 A Companhia em Portugal e no Brasil	37
3.3 Os estabelecimentos jesuíticos no Brasil colonial	38
3.3.1 Aldeias	38
3.3.2 Casas, colégios e seminários	39
3.4 Estabelecimentos no séc. XVI	41
3.4.1 O Colégio de Jesus da Bahia.....	42
3.4.2 O Seminário de Belém da Cachoeira.....	44
3.4.3 Os Colégios de Olinda e Recife, em Pernambuco.....	45
3.4.4 A Casa na Paraíba.....	47
3.4.5 O Real Colégio das Artes, no Rio de Janeiro	48
3.4.6 O Colégio de Santiago e aldeias do Espírito Santo	51
3.4.7 O Colégio dos Meninos de Jesus, em São Vicente.....	51
3.4.8 O Colégio de São Paulo	52
3.4.9 O Colégio de São Miguel, em Santos	54
3.5 Estabelecimentos no séc. XVII	55
3.5.1 O Colégio de São Luís do Maranhão	55
3.5.2 O Colégio de Santo Alexandre, no Pará.....	56
3.5.3 A missão na Serra de Ibiapaba	57
3.6 Estabelecimentos no séc. XVIII	58
3.6.1 O Colégio de Paranaguá	59
3.6.2 A Casa em Santa Catarina	59
3.7 Os estabelecimentos no momento da expulsão	60
3.8 A expulsão dos padres dos domínios portugueses e a extinção da Companhia	65

4. AS REFERÊNCIAS A INSTRUMENTOS MUSICAIS NOS TEXTOS JESUÍTICOS.....	69
4.1 O séc. XVI.....	70
4.2 O séc. XVII	71
4.3 O séc. XVIII.....	73
4.4 Os inventários nos autos de seqüestro dos bens jesuíticos.....	74
4.4.1 Inventários dos bens de colégios e seminários.....	76
4.4.1.1 Casa da Vila da Vigia, no Pará.....	76
4.4.1.2 Igreja do Colégio do Maranhão.....	76
4.4.1.3 Igreja do Colégio da Bahia.....	76
4.4.1.4 Igreja do Seminário de Belém da Cachoeira.....	77
4.4.1.5 Igreja do Colégio de São Paulo.....	78
4.4.1.6 Colégio do Recife.....	78
4.4.2 Inventários de fazendas e aldeias	79
4.4.2.1 Aldeia das Guaraíras, no Rio Grande do Norte	79
4.4.2.2 Aldeia de São Pedro do Cabo Frio, no Rio de Janeiro	80
4.4.2.3 Aldeia de Reritiba, no Espírito Santo	82
4.4.2.4 Aldeia do Embu, em São Paulo	84
4.4.2.5 Fazenda de Santa Cruz, no Rio de Janeiro	85
4.4.3 Inventários sem referências a instrumentos	87
4.5 Os termos referentes a instrumentos musicais nos documentos jesuíticos	89
4.5.1 Instrumentos de sopro	90
4.5.1.1 Flautas, <i>fistulae</i> e <i>tibiae</i>	90
4.5.1.2 Charamelas, trombetas e <i>tubae</i>	91
4.5.1.3 Gaitas	92
4.5.1.4 Baixões, fagotes e doçainas	98
4.5.1.5 Oboés	101
4.5.1.6 Sacabuxa	101
4.5.1.7 Clarim, trombetas e cornetas	102
4.5.1.8 Requinta	103
4.5.1.9 Buzinas e búzios.....	104
4.5.2 Instrumentos de cordas.....	105
4.5.2.1 Violas.....	105
4.5.2.2 Harpas	106
4.5.2.3 <i>Cytharae, lyrae</i> e <i>barbiti</i>	108
4.5.2.4 Descantes	109
4.5.2.5 Rabecas e rabecões	112
4.5.2.6 <i>Chordarum instrumenta</i>	113
4.5.3 Instrumentos de teclado.....	116
4.5.3.1 Cravo.....	116
4.5.3.2 <i>Clavichordium</i>	117
4.5.3.3 Manicórdio.....	118
4.5.3.4 Órgão	119
4.5.4 Instrumentos de percussão.....	124

5. A ATUAÇÃO MUSICAL DOS JESUÍTAS NO BRASIL COLONIAL	129
5.1 Jesuita non cantat	130
5.1.1 A música nos regulamentos da Companhia de Jesus	131
5.1.2 A desobediência do Colégio de Viena.....	135
5.1.3 A imposição do Papa Paulo IV	136
5.1.4 Permissões e restrições após 1556.....	140
5.2 Jesuita non cantat in Lusitania	142
5.3 Jesuita non cantat in Provincia Indica	145
5.4 Jesuita non cantat in Provincia Brasilica.....	149
5.4.1 A atuação musical dos jesuítas junto aos índios.....	149
5.4.1.1 Meninos índios e órfãos de Lisboa	150
5.4.1.2 Índios músicos no séc. XVI	152
5.4.1.3 O uso de instrumentos indígenas.....	153
5.4.1.4 Cantigas e autos	156
5.4.2 Restrições à prática e ao ensino musical realizados por padres da Companhia	159
5.4.2.1 Jesuítas envolvidos com a prática e o ensino musical	160
5.4.2.2 A prática musical realizada por externos à Companhia	166
5.4.2.2.1 Nas aldeias.....	166
5.4.2.2.2 Nos estabelecimentos urbanos.....	167
5.4.2.3 O ensino da música	170
5.4.3 A prática musical permitida em ocasiões especiais	173
5.4.3.1 A música nos regulamentos jesuíticos do Brasil	174
5.4.3.2 O canto de órgão.....	175
5.4.3.3 Eventos sacros em que se permitia a prática musical	176
5.4.3.3.1 Vésperas.....	177
5.4.3.3.2 Quaresma e Semana Santa	178
5.4.3.3.3 Quarenta Horas	179
5.4.3.3.4 As confrarias e o canto do Terço do Rosário.....	180
5.4.3.3.5 As procissões e as ladainhas cantadas	183
5.4.3.3.6 Cerimônias fúnebres.....	186
5.4.3.3.7 A Cerimônia das Onze Mil Virgens	186
5.4.3.4 Eventos profanos.....	188
5.4.3.4.1 Representações teatrais.....	189
5.4.3.4.2 Cerimônias de láurea.....	190
5.4.3.4.3 Recebimentos.....	190
5.5 Jesuita cantat in Paracuaria	192
5.5.1 A documentação musical nos estabelecimentos jesuíticos portugueses e espanhóis	192
5.5.2 Motivos para as diferenças na produção musical da América Portuguesa e da América Espanhola.....	196
5.5.2.1 O aldeamento dos índios e o regime de repartição.....	196
5.5.2.2 A atuação de músicos nas reduções espanholas	200
5.5.2.3 A destruição dos manuscritos por ocasião da expulsão	201

6. CONCLUSÃO	203
7. BIBLIOGRAFIA	207
7.1 Referências bibliográficas.....	208
7.2 Bibliografia consultada	214
7.3 Publicações dos sécs. XVI ao XVIII	220
7.3.1 Fontes primárias.....	220
7.3.2 Fontes secundárias	222
7.4 Fontes impressas de documentos jesuíticos	223
7.5 Documentos.....	225
7.6 Fontes das ilustrações.	245
ÍNDICE DE DOCUMENTOS	247

I - INTRODUÇÃO

Fundada por Inácio de Loyola e criada oficialmente em 1540, a Companhia de Jesus tinha como principal objetivo disseminar a palavra de Cristo entre os pagãos, o que levou os jesuítas a outros continentes no séc. XVI. Nove anos após a criação oficial da Companhia de Jesus, o Padre Manuel da Nóbrega aportou no Brasil, dando início à atuação dos jesuítas nas Américas, e nos dois séculos que separaram a sua chegada e a expulsão, essa atuação foi intensa.

A catequese dos índios não foi a única forma de atuação da Companhia de Jesus no Brasil, apesar de ter sido o principal motivo de sua vinda. Os jesuítas voltaram-se também para a população dos centros urbanos que começavam a surgir, e os colégios aos poucos passaram a oferecer formação superior, além dos ensinamentos básicos de ler e escrever. Com os colégios e seminários (e suas bibliotecas, praticamente as únicas na época), os jesuítas estabeleceram no Brasil uma importante rede de ensino em um período no qual não existiam imprensa, circulação de livros ou universidades.

A atuação dos jesuítas era ainda de grande interesse para a Coroa portuguesa, pois ocupavam e defendiam áreas disputadas com a Espanha, e no momento de sua expulsão, a Companhia de Jesus havia se estabelecido em toda a costa do Brasil, desde Belém do Pará até Laguna, em Santa Catarina, e em aldeias no interior da Amazônia.

Os missionários jesuítas logo perceberam na música um meio eficaz de sedução e convencimento dos indígenas, e embora os regulamentos da Companhia de Jesus fossem pouco afeitos à prática musical, referências à música em cerimônias religiosas e eventos profanos são encontradas em relatos desde pouco tempo depois da chegada dos jesuítas no Brasil até sua expulsão em 1759. A atuação musical dos jesuítas certamente influenciou a formação da cultura brasileira ou de identidades culturais regionais; porém, é difícil determinar até que ponto isso ocorreu, devido à interrupção desse processo com a expulsão, e à pouca atenção que o tema até agora recebeu de pesquisadores, apesar de sua importância.

Até o momento, a única fonte de informações sobre a atuação musical dos jesuítas no Brasil colonial são os documentos textuais. Neste trabalho são apresentados documentos dos sécs. XVI a XVIII, com informações sobre prática e o ensino musical nos estabelecimentos jesuíticos da América Portuguesa. Apesar da abundância, os documentos não nos oferecem uma visão completa e inequívoca, principalmente pelo fato de os eventos musicais não terem sido considerados pelos jesuítas como um elemento efetivamente merecedor de descrição; além disso, as referências à música nos relatos são geralmente breves e secundárias, o que nos permite apenas entrever esse cenário. A leitura dos documentos, entretanto, nos leva a conclusões relevantes para a compreensão do processo histórico da música no Brasil. Segundo Capistrano de Abreu, “uma história dos jesuítas é obra urgente; enquanto não a possuímos será presunçoso escrever a do Brasil” (apud ASSUNÇÃO, 2004, p. 18).

1.1 Objetivos

O objetivo principal deste trabalho é o levantamento de informações sobre a música na atuação dos jesuítas no Brasil colonial, desde a sua chegada, em 1549, até a expulsão em 1759, utilizando como fundamentação os documentos da época, sobretudo os de autoria dos próprios jesuítas; com isso pretende-se também contribuir para o conhecimento de diversos aspectos da música praticada no Brasil nesse período. A apresentação nos anexos dos textos encontrados, mesmo dos que não foram diretamente utilizados neste trabalho, auxiliará ainda na realização de pesquisas posteriores sobre o tema, ou temas relacionados.

1.2 Metodologia

Para este trabalho foram utilizados textos dos sécs. XVI ao XVIII sobre a atuação dos jesuítas na América Portuguesa, manuscritos ou publicados, encontrados em acervos brasileiros e europeus, e a partir desses textos buscaram-se informações referentes à prática e ao ensino da música nos estabelecimentos jesuíticos do Brasil colonial.

Os documentos encontrados foram transcritos no volume 2 deste trabalho, em sua grafia original. A transcrição paleográfica dos manuscritos, que consiste de uma transcrição que mantém as características originais do texto, como divisão de linhas, abreviaturas e eventuais variações ortográficas, foi realizada segundo as regras propostas por Vera Lúcia Costa Acioli em **A escrita no Brasil Colônia** (2003), e o processo encontra-se descrito em maiores detalhes no mesmo volume. As informações sobre música foram reunidas em um *index rerum notabilium* (índice de coisas notáveis), comum na literatura da época.

Nas citações feitas no corpo do trabalho, os textos em outras línguas (espanhol, italiano, alemão e, sobretudo, latim) foram traduzidos pelo autor, salvo indicação em contrário; as traduções do latim foram realizadas com a ajuda do Prof. Mauri Furlan. Os textos em português antigo foram vertidos para o atual.

1.3 Definição de termos

Alguns termos empregados nos documentos são específicos da época, e, para maior precisão, foram citados neste trabalho na forma original; esses termos encontram-se descritos a seguir.

Bastante freqüente nos textos jesuíticos, “canto de órgão” significa música polifônica, puramente vocal ou envolvendo instrumentos. O desconhecimento do seu significado levou alguns autores a conclusões

errôneas, associando-o ao instrumento órgão. O Frei Juan Bermudo, em sua **Declaración de instrumentos musicales**, de 1555, define o canto d'órgão como "harmonia musical, mensurável e proporcional, aperfeiçoada pela variedade, ou diversidades de notas, de sinais, e vozes" (1957 [1555], f. 48v). Segundo o Padre Antônio Fernandez, em **Arte de Mvsica de Canto Dorgam, e Canto Cham, & proporções de musica diuididas harmonicamente**, de 1626, "música de canto d'órgão é a harmonia que nasce de uma variada prolação de tempo na cantoria" (1996 [1626], f. 2). Bluteau, em seu **Vocabulario português e latino**, escrito entre 1712 e 1721, apresenta a seguinte definição para o termo:

Do cantochão diferencia-se o canto de órgão, em que aquele é uniforme, e este é figural, mensural e multiforme; figural, porque tem diversas figuras, umas que valem mais, e outras menos; mensural, porque estas figuras se medem umas com outras, ou com número binário, ou ternário; multiforme pela composição, e harmonia das vozes em proporcionadas distâncias. (BLUTEAU, 2002 [1712-1721], vol. 6, p. 115)

"Solfa" significa música escrita, não improvisada, e é definida por Bluteau como "as notas da música" (2002 [1712-1721], vol. 7, p. 706). "Papéis de solfa" são partituras, "aprender solfa" significa aprender leitura musical e "cantar por solfa, ou solfejar" é cantar com a partitura.

Outros termos como "escolas de ler, escrever e contar", "instrumentos músicos" e "coro músico" são freqüentes nos documentos, e foram mencionados neste trabalho em sua forma original.

Em vários textos, alguns eventos sacros (sobretudo missas) são caracterizados como "solenes" ou "realizados com solenidade", e supõe-se que o termo se refira ao uso da música. O **Tratado de cerimoniaes para a casa de São Roque de Lisboa**, elaborado em 1626 pelo Padre Visitador Antônio Mascarenhas, mostra a diferença entre missas rezadas e solenes:

Adverte-se [...] que não temos na Companhia missa nenhuma rezada nem a que chamamos 'do dia' no altar-mor que seja solene, pois nenhuma missa rezada o pode ser pela regra geral, e somente temos por solenes as que se dizem cantadas a nosso modo em Quinta-feira de Endoenças, no Sábado Santo, na comemoração dos defuntos, e agora novamente ordenadas nos dias de nossos Santos Padres Inácio e Francisco Xavier, nas quais se devem guardar todas as cerimônias de missa solene, ainda que conforme nosso costume não usamos de diácono e subdiácono. (Instr.AnMasc, 1626, f. 1v)

Apesar das evidências, não se pode afirmar com certeza que o termo se refira à prática musical em todos os documentos que o mencionam; ainda assim esses documentos foram considerados para este trabalho, e encontram-se transcritos nos anexos.

Muitos dos documentos jesuíticos encontrados estão escritos em latim, e para alguns termos não foi possível uma tradução precisa; esses termos serão mencionados neste trabalho na língua original, sempre no nominativo. Optou-se também por citá-los mantendo o número (singular ou plural) em que surgem com maior frequência.

"*Concentus*" é um termo em latim de difícil tradução, bastante freqüente nos textos jesuíticos, desde as primeiras décadas de sua atuação até o séc. XVIII. Dicionários modernos traduzem-no como "harmonia", "concerto" ou "consonância". Segundo Praetorius (1958 [1619], vol. 3, p. 4), "*concentus* ou *symphonia*" é o que os italianos chamavam "*concetto* ou *concerto*"; é ainda definido no **Vocabolario degli accademici della Crusca**, de 1623, como "harmonia do som concordante das vozes" (p. 202). O termo surge quase sempre associado a um complemento: "*concentus tibiarum*" (*concentus* de flautas ou charamelas), "*concentus organicus*" (*concentus* de instrumentos), "*concentus musicorum*" e "*concentus symphonicorum*" (*concentus* de músicos). A forma mais freqüente, porém, é "*concentus musicus*" (*concentus* músico ou musical), uma combinação de sentido menos específico. A única definição para o termo "*concentus musicus*" foi encontrada no **Vocabulario** de Bouteau, como tradução para "canto músico, ou musical", que é "a união harmônica das quatro vozes, a que chama tiple, contralto, tenor e contrabaixo,

com a consonância dos instrumentos” (2002 [1721], vol. 2, p. 112). Não se encontrou uma expressão em português que pudesse corresponder à tradução de “*concentus musicus*”, e também não se encontrou a expressão “canto músico ou musical” apresentada por Bluteau, mas pelo exposto acima e por meio da leitura dos documentos é possível inferir que o termo estava relacionado ao uso de instrumentos musicais, acompanhando vozes ou não.

A tradução dos termos em latim referentes a instrumentos musicais nem sempre é óbvia, e esses termos também foram mantidos nas citações na forma original, sempre no nominativo. No capítulo 4 apresenta-se uma discussão mais detalhada sobre seu significado.

II - FONTES DOCUMENTAIS E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 A documentação jesuítica

Uma das diferenças entre a Companhia de Jesus e outras ordens é o volume de correspondência produzida desde sua criação até sua extinção, em 1773. Além do caráter documental, a correspondência jesuítica tinha um cunho didático e edificante, sobretudo ao descrever os sucessos da empreitada da Companhia nas missões distantes, e destinava-se a ser lida nos colégios e outros estabelecimentos. Os registros escritos eram comuns já nos primeiros anos de existência da Companhia, e as instruções do Padre João de Polanco, de 1547, determinavam qual deveria ser o conteúdo das cartas:

Quanto ao que se deve escrever, é em geral tudo aquilo que importa saber sobre as coisas e as pessoas da Companhia, e do mesmo que escreve. Assim é mister que se escreva e represente todo o estado do negócio espiritual. Primeiramente o que se faz, e a que se destina, como pregar, ler, exercitar, conversar, estudar, etc.. (Instr.JoPol.1, 1547, p. 544)

Segundo o mesmo documento (p. 547), o teor das cartas deveria ser edificante, e o que não deveria ser mostrado, como defeitos do próprio escritor e de outros, deveria vir em cartas separadas; não foram encontrados, entretanto, exemplos destas últimas.

Em 1580 foi incorporado às Regras da Companhia de Jesus (**Regulae Societatis IESU**) o extenso documento **Formula scribendi**, que regulamentava detalhes como o conteúdo, a frequência e o modo de envio dos escritos.

2.1.1 Cartas ânuas

A **Formula scribendi** determinava que

os Provinciais das Índias devem escrever ao Prepósito Geral quando se oferecer oportunidade de envio por navios; porém os Reitores e Superiores das casas e os professores dos noviços da Índia devem escrever uma vez ao ano; os do Brasil e da Nova Espanha, se tiverem oportunidade, duas vezes.” (FORMULA SCRIBENDI, [1580], p. 41)

Segundo Lamalle (1981-1982, p. 104), essa seria a origem das cartas ânuas, os documentos mais consultados por pesquisadores. De freqüência geralmente anual, mas algumas vezes escritas a cada 2, 3, 4 ou até mesmo 6 anos, as cartas ânuas eram relatos mais detalhados e extensos que as cartas ordinárias, e descreviam, quase sempre em latim, os principais acontecimentos nas aldeias e colégios da Companhia.

No Brasil o documento mais antigo encontrado que se assemelha a uma ânuia é uma carta do Padre Gonçalo de Oliveira, do Rio de Janeiro, de 1573 (An.GoOliv, 1573), mas o primeiro documento a mencionar o termo “anual” é a carta do Padre Quirício Caxa, da Bahia, de 1574 (An.QuCax, 1574), em cuja assinatura encontra-se a inscrição “*Annualis Collegij sinus omnium sanctorum in brasilia anni 1574*”.¹ Até então a função das ânuas era preenchida pelas cartas ordinárias, que tiveram sua freqüência reduzida consideravelmente após 1574. Cabe observar que nos documentos do séc. XVI nem sempre é clara a diferenciação entre uma ânuia e uma carta ordinária, e que em alguns casos essa divisão foi feita neste trabalho puramente por questões metodológicas.

A maioria das ânuas foi escrita no Colégio da Bahia, e isso pode explicar o fato de as descrições de eventos desse Colégio e de suas aldeias serem geralmente mais detalhadas do que as das outras regiões. Somente depois do final do séc. XVII surgiram ânuas específicas de capitanias, como a **Ânuia da Província do Maranhão de 1696**, do Padre Miguel Antunes (An.MiAnt, 1696), e a **Ânuia da missão que fizeram dois religiosos da Companhia de Jesus em algumas vilas de São Paulo em 1700**, do Padre Antônio Rodrigues (An.AnRodr, 1700).

¹ Anual do Colégio da Bahia de Todos Santos, no Brasil, do ano de 1574.

As cartas ânuas são bastante relevantes para este trabalho; além do caráter prático e objetivo de suas descrições, elas são um dos conjuntos de documentos nos quais as referências à música surgem com maior frequência. Foram encontradas cerca de 120 ânuas, das quais 86 continham informações sobre música. Diferentemente do que ocorre com as cartas ordinárias e os relatos, as ânuas existem em sua maior parte somente como manuscritos: das ânuas utilizadas, somente 4 haviam sido publicadas.

2.1.2 Relatos

Logo após a criação da Companhia de Jesus, tornou-se uma prática comum a produção de extensos relatos ou crônicas, que descreviam de forma edificante, e obviamente laudatória, a história dos estabelecimentos e as atividades dos missionários. O exemplo mais antigo é a **Vida de Inácio de Loyola e Crônica da Companhia de Jesus**, escrita no séc. XVI por João Afonso de Polanco, secretário do Padre Inácio de Loyola. O texto é baseado nas cartas que chegavam dos estabelecimentos de diversas regiões, como as dos Padres Manuel da Nóbrega e José de Anchieta.

Até a extinção da Companhia várias relações e crônicas foram escritas, geralmente baseadas na documentação existente. Um dos principais relatos de autoria jesuítica é a **História da Companhia de Jesus na extinta província do Maranhão e Pará** do Padre José de Moraes, de 1759, publicada pela primeira vez em 1860 e disponível atualmente em uma reedição de 1987. Alguns desses textos chegaram a ser publicados na época, como a **Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil**, do Padre Simão de Vasconcelos, de 1663, e a obra **Viagens de alguns missionários da Companhia de Jesus na América, segundo seus próprios relatos**, do Padre von Murr, de 1785.

Dois relatos do Padre Fernão Cardim extremamente conhecidos desde meados do séc. XIX, fontes para vários trabalhos sobre a música dos jesuítas, são **Do princípio e origem dos índios do Brasil e de seus**

costumes e cerimônias e Informação da missão do Padre Cristóvão Gouveia às partes do Brasil, publicados pela primeira vez em Lisboa em 1894 e 1847, respectivamente, e reunidos em 1925 na publicação **Tratados da terra e gente do Brasil**. Na **Crônica da Missão do Maranhão**, escrita em 1698 e publicada na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** em 1909, o Padre João Felipe Bettendorf não se baseia somente em documentos, mas também descreve suas experiências pessoais nas missões do Maranhão. Provavelmente por uma inclinação particular, o Padre Bettendorf refere-se a práticas musicais em vários trechos dessa crônica, assim como nas ânuas de sua autoria, e esse é por isso um dos relatos mais freqüentemente mencionados neste trabalho. A localização dos originais dos três relatos mencionados acima é desconhecida, e atualmente sua consulta apenas é possível por meio das publicações.

Existem ainda crônicas e relações manuscritas que não tiveram publicação, como a **Crônica da Companhia de Jesus na missão do Maranhão**, do Padre Domingos de Araújo, de 1720, e o extenso documento **História da Vice-Província do Maranhão do ano 1607 a 1700**, de autoria atribuída ao Padre Matias Rodrigues.

2.1.3 Catálogos

De acordo com a **Formula scribendi** ([1580], p. 45), deveriam ser enviados regularmente ao Padre Geral três catálogos das casas e colégios. O primeiro (*catalogus primus* ou *brevis*) traria uma relação de todos os estabelecimentos e uma lista de padres e irmãos, com os nomes e sobrenomes, pátria de origem, idade, tempo e posição na Companhia, estudos e tarefas desempenhadas. O segundo (*catalogus secundus*, ou *secretus*) deveria conter a avaliação de cada religioso mencionado no *catalogus primus*, com o julgamento de qualidades como engenho, juízo, prudência, talento como professor, etc. Nesse catálogo os religiosos não eram indicados nominalmente, mas pelos números associados aos nomes no *catalogus primus*. O terceiro

catálogo (*tertium* ou *rerum*) conteria uma descrição das atividades econômicas das casas.

Os catálogos da América Portuguesa encontram-se atualmente no Arquivo Romano da Companhia de Jesus, nos fundos Bras 5, Bras 6 (I e II) e Bras 27, e são uma importante fonte de informações sobre as funções desempenhadas cotidianamente pelos padres nos estabelecimentos jesuíticos.

2.1.4 Instruções e regulamentos

Além dos regulamentos gerais da Companhia de Jesus, uma importante fonte de informações sobre o uso da música pelos jesuítas são as instruções e regras estabelecidas para a Província do Brasil pelos Padres Visitadores, que tinham como função verificar se os preceitos da ordem estavam sendo seguidos corretamente nos estabelecimentos da Companhia. Desses documentos destaca-se a **Visita do Padre Antônio Vieira**, escrita entre 1658 e 1661. No Arquivo Romano da Companhia de Jesus, o fundo Bras 2 contém vários desse regulamentos.

2.1.5 Biografias

Assim como os relatos e crônicas, desde o surgimento da Companhia de Jesus era uma prática comum a produção de biografias de seus membros mais ilustres. Essas biografias geralmente eram de autoria e data indeterminadas, escritas em um estilo claramente apologético, afetado e carregado nos detalhes positivos, no qual se percebe uma intenção mais edificante do que documental; por esse motivo praticamente não foram consideradas para este trabalho, embora tenham sido transcritas nos anexos.

2.2 Acervos consultados

Encontram-se listados a seguir os acervos de manuscritos e publicações originais consultados para este trabalho:

São Paulo

USP - Instituto de Estudos Brasileiro (IEB)

Núcleo para a História do Índio e do Indigenismo (NHII)

Museu Paulista

Biblioteca Mário de Andrade

Biblioteca do Pátio do Colégio

Arquivo Público do Estado

Arquivo Histórico Municipal

Arquivo da Cúria Metropolitana

Arquivo do Tribunal de Justiça do Estado

Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

Rio de Janeiro

Biblioteca Nacional

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

Arquivo Nacional

Arquivo Histórico do Itamaraty

Real Gabinete de Leitura

Campinas

UNICAMP - Biblioteca Central - Coleção Sérgio Buarque de Hollanda

Coleção de Obras Raras

Arquivo Edgard Leuenroth

Florianópolis

Arquivo Público do Estado de Santa Catarina

Arquivo Público Municipal de Florianópolis

Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

Arquivo da Cúria Metropolitana de Florianópolis

Porto Alegre

Arquivo Público do RS

Biblioteca Pública do Estado.

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

Roma

Arquivo Romano da Companhia de Jesus (ARSI)

Biblioteca do Instituto Histórico da Companhia de Jesus (IHSI)

Arquivo Histórico da Propaganda Fide

Biblioteca do Vaticano

Biblioteca Nacional Vittorio Emanuele

Lisboa

Biblioteca Nacional

Biblioteca da Ajuda

Arquivo Histórico Ultramarino

Arquivo Histórico da Torre do Tombo

No Rio de Janeiro, a Biblioteca Nacional e o Instituto Histórico Brasileiro possuem um acervo relativamente vasto de documentos jesuíticos, a maioria deles publicados nos **Anais da Biblioteca Nacional**, na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** ou em outros meios. Grande parte desse material é formada por cópias manuscritas de documentos presentes em acervos europeus, sobretudo na Biblioteca de Évora e no ARSI.

O Arquivo Nacional possui alguns documentos administrativos referentes a jesuítas, espalhados por vários fundos.

Em São Paulo, a consulta ao Instituto de Estudo Brasileiros (IEB), vinculado à Universidade de São Paulo (USP), foi relevante, não somente pelas referências bibliográficas, mas também pelo acervo de manuscritos, sobretudo os das Coleções Yan de Almeida Prado e Alberto Lamego.

A maior parte da documentação jesuítica referente ao Brasil, porém, encontra-se em acervos europeus. No Brasil muitos documentos foram destruídos no momento da expulsão dos jesuítas das colônias, e a quase totalidade dos que restaram perdeu-se devido à má conservação; segundo Gonçalves Dias (apud LEITE, 1938-1949, vol. 1, p. XXIV), em 1831 os documentos jesuíticos no Arquivo do Maranhão estavam reduzidos a somente 1000 volumes, e vinte anos depois nada mais restava deles. Nesse processo desapareceu uma documentação que hoje seria extremamente importante, como papéis dos colégios, livros-tombo das igrejas e mesmo partituras.

Atualmente, o principal acervo da Companhia de Jesus, tanto de manuscritos quanto de publicações, é o Arquivo Romano da Companhia de Jesus (Archivum Romanum Societatis IESU - ARSI). Localizado em Roma, o acervo possui instalações para 24 pesquisadores e é extremamente bem organizado. O arquivo foi formado pela recuperação dos documentos expropriados da Companhia na época da expulsão e espalhados por outros acervos; segundo Pasztor, o acervo

sofreu grandes perdas, sobretudo durante o período da supressão (1773-1814) [...]. Em 1893 o material antigo do Arquivo da Cúria [dos Jesuítas] foi enviado para a Holanda, de onde retornou a Roma somente em 1939, à nova e atual sede da Cúria. Em 1945 foi também transportado da *Chiesa del Gesù* à Cúria o *Fondo Gesuitico*, composto de material expropriado em 1873 pelo Estado Italiano, mas restituído em 1924 à Companhia. O material arquivístico conservado no ARSI ocupa mais de 900 metros lineares. (PASZTOR, 1970, pp. 394-395)

Diversamente do que ocorre com quase todas as outras ordens, o arquivo da Companhia disponibiliza seu acervo ao público laico. O principal fundo de documentação referente ao Brasil no ARSI é o *Provincia Brasiliensis et Maragnonensis* (Bras), que compreende os seguintes códices:

- Bras 1 - *Epistolae Generalium* (1678-1759)
- Bras 2 - *Ordinationes PP. Generalium et Visitationes* (1566-1603)
- Bras 3 I - *Brasiliae Epistolae* (1550-1660)
- Bras 3 II - *Brasiliae Epistolae* (1661-1695)
- Bras 4 - *Brasiliae Epistolae* (1696-1737)
- Bras 5 - *Catalogi breves et triennales Provinciae Brasiliae* (1556-1660)
- Bras 6 I - *Catalogi breves et triennales Provinciae Brasiliae* (1701-1736)
- Bras 6 II - *Catalogi breves et triennales Provinciae Brasiliae* (1737-1757)
- Bras 8 I - *Historia Provinciae Brasiliensis* (1574-1619)
- Bras 8 II - *Historia Provinciae Brasiliensis* (1620-1647)
- Bras 9 - *Historia Provinciae Brasiliensis et Maragnonensis* (1651-1702)
- Bras 10 I - *Historia Provinciae Brasiliensis* (1700-1722)
- Bras 10 II - *Historia Provinciae Brasiliensis* (1723-1756)
- Bras 11 - *Fundationes Collegii Bahiense* (1564-1730)
- Bras 12 - *Hist. fund. Colleg. Bahiens., Pernamb., Flum. Ianuar.* (1564-1730)
- Bras 13 - *Menologio dos varoens illustres da Companhia de Jesu I* (Jan-Jun)
- Bras 14 - *Menologio dos varoens illustres da Companhia de Jesu II* (Jul-Dez)
- Bras 15 I - *Brasiliae Historia* (1549-1575)
- Bras 15 II - *Brasiliae Historia* (1576-1599)
- Bras 25 - *Epistolae Generalium* (1710-1740)
- Bras 26 - *Epistolae Maragnonenses* (1653-1738)
- Bras 27 - *Catalogus Maragnonensis* (1671-1753)
- Bras 28 - *Inventarium Maragnonense* (1760-1768)

Desses códices foram aqui transcritos cerca de 160 documentos, além dos que já haviam sido encontrados em cópias ou transcrições em acervos brasileiros. Foram transcritos ainda 25 documentos de interesse

coligidos dos fundos *Vitae* (biografias de padres e irmãos da Companhia de Jesus), *Opp. nostrorum* (documentos de autoria de padres da Companhia), *Lusitania* (referente a Portugal e suas assistências), *Institutiones* (correspondência de Inácio de Loyola aos diversos provinciais), *Historia Societatis* (história da Companhia de Jesus), *Epistola Nostrorum* (correspondência pessoal de padres da Companhia, incluindo várias cartas do Padre José de Anchieta), *Congregationes* (respostas do Geral aos Provinciais) e *Fondo Gesuitico* (documentação de caráter diverso).

Próximo ao ARSI situa-se o Arquivo Histórico da Propaganda Fide, que contém alguma documentação sobre a atuação de diversas ordens nas Américas. No fundo *Scritture riferite nei Congressi* encontram-se 16 códices em ordem cronológica, de 1649 a 1889, com o título *America Meridionale dall'Istmo de Panamá allo Stretto di Magellano*. Desses códices apenas os três primeiros abrangem o período de atuação dos jesuítas. Apesar do número reduzido de documentos encontrados, estes fornecem informações interessantes.

Ao contrário das expectativas, a Biblioteca do Vaticano não se revelou um acervo significativo para este trabalho. A seção de manuscritos não dispõe de um mecanismo de busca eficiente; ademais, por meio do levantamento apresentado na obra **Guida delle fonti per la Storia dell'America Latina negli archivi della Santa Sede e negli archivi ecclesiastici d'Italia**, de Pasztor (1970), percebe-se que não existe ali documentação jesuítica relevante, o que coincide com as declarações de Serafim Leite (1938-1949, vol. 1, p. XXIII).

A Biblioteca Nacional Vittorio Emanuele, também em Roma, possui um *Fondo Gesuitico*, no qual foram encontrados alguns documentos de interesse. Não existe um mecanismo de busca temático, e a pesquisa pôde ser realizada somente devido ao reduzido número de documentos.

A consulta aos acervos de Lisboa, ainda que realizada em um curto período de tempo, mostrou-se profícua. Apesar de a maioria dos documentos tratarem de aspectos puramente econômicos e administrativos, as poucas

informações encontradas foram fundamentais. No Arquivo da Torre do Tombo, os principais fundos referentes a jesuítas são o Armário Jesuítico e o Cartório Jesuítico; também no fundo Capitanias do Brasil encontram-se documentos jesuítos, sobretudo no que se refere à sua expulsão e ao seqüestro de seus bens. Ainda que não exista um mecanismo de busca muito detalhado para cada fundo, a pesquisa é viável devido ao reduzido volume de documentação.

No Arquivo Histórico Ultramarino (AHU) foram encontrados vários documentos relevantes, como os inventários dos bens do Seminário de Belém da Cachoeira e da Aldeia de Reritiba. Os documentos do AHU referentes ao Brasil foram copiados por iniciativa do Projeto Resgate e encontram-se disponíveis nos acervos brasileiros em microfilme ou cópias digitalizadas; porém, os mecanismos de busca são geralmente falhos, restritos ou mesmo inexistentes (como ocorre com o fundo da Capitania da Bahia, que inclui os inventários mencionados acima), o que dificulta ou impossibilita sua consulta.

Na Biblioteca Nacional de Lisboa foram encontrados alguns manuscritos referentes à atuação musical dos jesuítas no Brasil e em Portugal, e levantaram-se informações relevantes na consulta ao material bibliográfico. Nesse acervo foi encontrada a única partitura do trabalho: um *Te Deum* cantado no Colégio de São Roque, em Lisboa, em 1721, sem referência ao autor. Na Biblioteca da Ajuda não foi encontrada qualquer documentação de interesse.

2.3 Fontes impressas

No final do séc. XIX e início do séc. XX era comum a publicação integral ou parcial de documentos em periódicos, sem relação com um texto analítico ou descritivo. Além dos já mencionados **Anais da Biblioteca Nacional** e **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, outros periódicos publicaram documentos jesuítos, como o **Archivo do Distrito Federal** e as revistas dos institutos históricos estaduais, principalmente o do

Ceará. A obra **Documentos para a História do Brasil e especialmente a do Ceará**, do Barão de Studart (1904-1921), consiste exclusivamente dos documentos de seu acervo particular. Algumas obras de referência sobre jesuítas ou sobre o Brasil colonial, como a **Corographia historica, chronographica, genealogica, nobiliaria, e politica do Imperio do Brasil** de Alexandre José de Mello Moraes (1858-1863), também trazem transcrições de documentos, mas nem sempre mencionam sua origem.

Grande parte do material disponível no ARSI foi publicada na coleção **Monumenta Historica Societatis IESU**, com cerca de 160 volumes. No Brasil, o único acervo em que se encontrou toda a **Monumenta Historica** foi a Biblioteca do Colégio São Luís, em São Paulo. A coleção está na seção reservada aos padres e professores do Colégio, mas pesquisadores podem ter acesso à obra, mediante permissão especial. Os volumes 79, 80, 81, 87 e 99 dessa coleção correspondem à **Monumenta Brasiliae**, organizada por Serafim Leite, contendo transcrições de cartas do séc. XVI sobre o Brasil. Outras obras de Serafim Leite também trazem a transcrição integral ou parcial de vários documentos, como **Páginas de História do Brasil** (1937), **Luiz Figueira: a sua vida heróica e sua obra literária** (1940) e, sobretudo, a **História da Companhia de Jesus no Brasil** (1938-1949).

Textos jesuíticos do séc. XVI podem ainda ser consultados em outras obras, como **Cartas avulsas**, de 1988, e **Cartas dos jesuítas do Oriente e do Brasil**, de 1993. A correspondência do Padre José de Anchieta foi impressa em **Cartas: correspondência ativa e passiva**, de 1984, e seus autos também tiveram algumas publicações. Com exceção das cartas e sermões do Padre Antônio Vieira, encontrados em edições portuguesas e brasileiras, a publicação de correspondência posterior ao séc. XVI é mais rara.

Vários documentos jesuíticos dos sécs. XVI e XVII com referências à música, sobretudo as cartas publicadas em **Monumenta Brasiliae**, foram transcritos por Castagna em sua dissertação de mestrado **Fontes bibliográficas para a pesquisa da prática musical no Brasil nos séculos XVI e XVII** (1991), que constituiu uma importante fonte para este trabalho.

2.4 Revisão Bibliográfica

2.4.1 Jesuítas e música

Os primeiros estudos consistentes sobre a música na Companhia de Jesus surgiram na década de 1940, período em que Serafim Leite publicou a **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Assim como Leite, os autores desses estudos eram todos jesuítas, sobretudo porque os acervos da Companhia eram fechados à consulta de laicos, como ocorre ainda hoje com a maioria de arquivos religiosos. Somente mais tarde o ARSI disponibilizaria seu acervo ao público em geral, o que possibilitou que a atuação jesuítica fosse estudada sob outros ângulos que não o dos próprios jesuítas. Dessa forma, é em geral evidente uma certa parcialidade nas conclusões dos primeiros autores.

Os trabalhos dos padres jesuítas Thomas Culley e Clement McNaspy são uma importante contribuição; porém, percebe-se o caráter laudatório e a preocupação com a divulgação de uma imagem positiva da Companhia:

Entre 1600 e 1773, a atividade musical entre os jesuítas era tão vigorosa e disseminada que seria impossível descrevê-la em poucas palavras. A música estava presente em todos os colégios e seminários importantes; era utilizada extensivamente em eventos religiosos como procissões, congregações marianas (confrarias), na catequese, assim como na liturgia; estava presente no enorme número de hinários editados ou escritos por jesuítas, era usada extensivamente em conexão com produções dramáticas, festividades acadêmicas e na dança, tanto na Europa como nas missões. Em muitos casos, jesuítas não apenas apoiavam a atividade musical mas eram profissionalmente engajados com ela. Além de serem patronos de diversos músicos famosos da época, os jesuítas eram ativos como compositores, teóricos, construtores de instrumentos, historiadores e intérpretes. (CULLEY; McNASPY, 1971, pp. 214-215)

O mesmo caráter enaltecedor percebe-se nas obras do Padre Thomas Frank Kennedy. Sua tese de doutorado, **Jesuits and Music; the**

European Tradition, de 1982, não teve publicação e está disponível em poucos acervos; mais acessível, o artigo **Jesuits and music: reconsidering the early years**, de 1988, é um apanhado geral de diversos relatos e instruções, no qual é evidente a preocupação do autor não de mostrar uma visão geral clara da música nos estabelecimentos jesuíticos na Europa, mas de afirmar a importância da música dentro da Companhia. Segundo o artigo, vários mitos são criados quando se aborda o tema, e “falar de uma tradição musical jesuítica é justo e verdadeiro, mas essa tradição não floresceu sem seus críticos, ou sem uma certa apreensão e vigilância pela parte de muitos dos Padres Jesuítas” (p. 89). Uma de suas conclusões é a de que as restrições à prática musical provinham

mais de uma interpretação da espiritualidade jesuítica, que suspeitava da música por seus aspectos emocionais, do que do medo de Loyola de que os jesuítas fossem obrigados a cantar os ofícios, e o que definitivamente pode ser determinado, é que, no final, esta interpretação não se tornou o posicionamento da maioria dentro da Companhia, e não teve sucesso em conter o desenvolvimento musical. (KENNEDY, 1988, p. 95)

Do mesmo autor menciona-se ainda o artigo **Jesuit Colleges and Chapels: Motet Function in the late sixteenth and early seventeenth Centuries**, de 1996.

Um texto que se destaca pela imparcialidade é o verbete sobre música e dança no **Diccionario Historico da la Compañia de Jesús** de autoria do Padre Tejón, de 2001. Além de apresentar uma discussão extensa e abrangente, incluindo um trecho sobre a música nas missões do Brasil, o caráter é bem menos parcial e apologético do que em textos anteriores.

O artigo **Os Jesuítas e a Música**, do Padre J. Costa da Lima, de 1946, não foge à regra quanto ao tom laudatório, mas é o exemplo raro de um texto em português sobre o tema ainda nos anos 40, e surpreende pela quantidade de informações apresentadas, inclusive sobre a atuação no Brasil, mesmo sem a consulta à obra de Leite, que estava ainda em publicação.

Finalmente, podem-se mencionar alguns artigos sobre a música em assistências ou estabelecimentos específicos, como **The Influence of German College in Music**, de Thomas Culley (1969); **Algunos Documentos sobre la Música en el Antiquo Seminario Romano**, de Ricardo Villoslada (1962); **Gesang, Tänze und Musik im Dienst der alten indischen Jesuitenmissionen**, de Joseph Wicki (1976), sobre as missões portuguesas na Índia; **La Musica presso i Gesuiti in Polonia nel XVII Secolo**, de Anna Szweykowska (1990), e o livro **Les Jésuites et la Musique**, de Pierre Guillot (1991), sobre o Colège de la Trinité em Lyon, na França. A bibliografia sobre a música nas reduções espanholas é relativamente extensa, e não caberia mencioná-la toda aqui. Não foi encontrado um texto específico sobre a atuação musical dos jesuítas em Portugal.

2.4.2 Jesuítas e música no Brasil

Antes das publicações de Serafim Leite e dos estudos mais detalhados realizados no final do séc. XX, as referências à atuação dos jesuítas no Brasil eram encontradas em livros de história da música, alguns de autoria portuguesa. A conclusão era geralmente que os jesuítas levavam aos selvagens “incultos” uma música “superior” à que eles conheciam.

Em **A Musica no Brasil desde os tempos coloniaes até o primeiro decenio da República**, de 1908, Guilherme Theodoro Pereira de Mello descreve a introdução pelos jesuítas de “novos espécimens musicais” entre os indígenas, que “levam de vencida os cantares cabalísticos” (p. 21), e menciona a atração que a música exercia sobre os índios, que seguiam os padres como “a rapaziada vadia ao ouvirem uma banda de música na rua” (p. 22). Assim como em várias outras obras sobre o tema, sobretudo as anteriores às publicações de Leite, são citados os autos do Padre Anchieta e os relatos do Padre Fernão Cardim. O autor conclui que “os jesuítas foram os primeiros fundadores da escola de música instrumentista no Brasil, como seja flauta,

violino, cravo, órgão por serem estes instrumentos os mais apropriados ao acompanhamento das vozes nos cantares da igreja” (p. 28).

Publicada em Milão em 1926, a **Storia della Musica nel Brasile dai Tempi Coloniali sino ai nostri Giorni** de Vincenzo Cernicchiaro menciona crônicas como as de Simão de Vasconcellos (1663) e Baltasar Teles (1645). O autor aponta para o fato de muitas informações sobre a atuação dos jesuítas terem se perdido, porém apresenta dados errôneos: a expulsão dos padres do Brasil é datada ali em 1767, quando na verdade ocorreu em 1759, e o capítulo VI menciona a “última fase dos jesuítas no ensino da música” entre 1774 a 1807, período de supressão da ordem. Cernicchiaro descreve ainda a fundação de São Paulo pelos padres Manuel Nunes e Manuel de Paiva, sem qualquer referência ao Padre Nóbrega; conclui que os instrumentos utilizados devem ter sido *viola da braccio* e *da gamba*, e mostra a mesma visão da superioridade dos jesuítas sobre os índios:

É neste superbo ideal que a vida de Anchieta, de Nóbrega e de seus companheiros, espíritos dedicados à cura dos pobres, ao consolo dos infelizes, à liberdade dos escravos, à propagação da arte musical, como vida civil e social, que estes recebem o troféu da imortalidade, a glória de seu grande passado. (CERNICCHIARO, 1926, P. 25)

Em **O Índio na Música Brasileira**, ensaio enviado ao Congresso Internacional de Artes Populares de Praga de 1928, Luciano Gallet discorre brevemente sobre a atuação musical dos jesuítas no Brasil, com algumas citações dos textos conhecidos da época, como os relatos do Padre Fernão Cardim, porém sem referências a algumas delas. Mencionando o relato **Roteiro do Brasil** de Gabriel Soares de Sousa, de 1587, no qual o autor descreve o canto dos índios como de um “sofrível tom”, Gallet questiona se o adjetivo referir-se-ia a uma “desafinação” ou a uma escala diferente da européia; além disso afirma que a música que os índios ouviam dos brancos recém-chegados “era apenas outra música diversa da que eles usavam” ([1928] 1971, p. 619). Entretanto, a principal informação contida no texto é a

de uma substituição da música “primitiva” dos índios por uma “superior” européia: no capítulo III, intitulado “destruição da música primitiva”, Gallet menciona a descrição do Padre Cardim de um indiozinho que tocava diversos instrumentos, e afirma que “por esse tempo, já devia estar agonizando a primitiva música dos índios recém-civilizados” (p. 621).

A principal obra sobre a história da música no Brasil nas primeiras décadas do séc. XX é a de Renato de Almeida, publicada em 1926 e novamente em 1942, em edição corrigida e aumentada. A obra é referenciada em vários outros textos posteriores, inclusive portugueses. Almeida refere-se ao fato de muitas informações terem se perdido, por não ter existido música notada ou impressa no período, mas ainda assim apresenta conclusões sobre características dessa música e sua superioridade sobre a dos indígenas:

A música que os Jesuítas trouxeram era simples e singela, as linhas puras do cantochão, cujos acentos comoviam os indígenas. [...] Havia uma influência indefinível e instintiva que atuava sobre a sensibilidade grosseira dos índios, naqueles cantos e naqueles hinos que lhes pareciam vozes celestiais, alguma coisa de extático e sobrenatural. (ALMEIDA, 1942, p. 285)

Almeida conclui ainda que “essa música não teve significado artístico algum, nem passaria de adaptações do que os padres traziam de Portugal e aqui se repetia com uma ou outra modificação ou cópia sem merecimento próprio” (p. 291).

Em meados do séc. XX o Padre Serafim Leite trouxe à luz os resultados de sua intensa pesquisa em arquivos jesuítas de documentos referentes ao Brasil. A sua **História da Companhia de Jesus no Brasil**, em 10 volumes, publicados entre 1938 e 1949, ainda hoje é a principal obra de referência para qualquer estudo sobre jesuítas no Brasil colonial. A partir dos textos reunidos nos 5 volumes de **Monumenta Brasiliae** (sob sua coordenação), Leite produziu também uma série de artigos, alguns deles sobre música, como **Cantos, Músicas e Danças nas Aldeias do Brasil no séc. XVI** (1937), **Introdução do Teatro no Brasil** (1937), **A Música nas**

Primeiras Escolas do Brasil (1947) e **Antonio Rodrigues, Primeiro Mestre Escola de São Paulo** (1952). Os artigos foram publicados na revista jesuítica **Broteria**, dificilmente encontrada nos acervos brasileiros. Apesar da relevância das informações apresentadas, Leite não chega a conclusões significativas sobre a atuação musical dos jesuítas no Brasil colonial, e não se afasta do caráter apologético comum aos autores jesuíticos.

Após as publicações de Leite e até o final do séc. XX, não se tem informações ou pontos de vista significativamente diferentes sobre a atuação musical dos jesuítas no Brasil. Em a **Origem e Evolução da Música em Portugal e sua Influência no Brasil**, de 1942, de autoria de Maria Luiza de Queiroz Amancio Santos, são mencionados textos de Leite e ainda outros documentos, como o **Inventário da Fazenda de Santa Cruz**, que já havia sido publicado em 1895. A autora afirma que “grandes psicólogos, os jesuítas aproveitaram a disposição inata dos índios, aceitando, a princípio, o ritmo e os instrumentos deles” (p. 86). A **História Breve da Música no Brasil**, de Gastão de Bettencourt, de 1947, baseia-se nas obras de Renato de Almeida e Serafim Leite. A atração dos índios pela música dos padres é considerada pelo autor português como mostra de “uma forte inclinação para a arte dos sons e um profundo sentido rítmico” do brasileiro (p. 20).

Nas décadas de 40 e 50 foram publicadas algumas obras de Luís Heitor Correa de Azevedo. O artigo **Música e Catequese**, de 1945, é um apanhado de textos publicados, a maioria nas obras de Serafim Leite. Em **Música e Músicos do Brasil**, de 1950, a única referência a jesuítas é o conservatório de negros na fazenda Santa Cruz. O obra **150 Anos de Música no Brasil (1800-1950)**, de 1956, tem 5 páginas dedicadas aos jesuítas, com citações de Serafim Leite e transcrições dos textos conhecidos na época, como os relatos dos padres Balthasar Telles, Simão de Vasconcelos e Fernão Cardim. Segundo o autor (p. 15), o gosto pela música implantado pelos jesuítas ter-se-ia propagado no século XVIII. Assim como Leite, não apresenta conclusões significativas, mas é mais imparcial que os outros textos da época.

Dos livros sobre história da música no Brasil nas últimas décadas do séc. XX, destaca-se a **História da Música Brasileira**, de Bruno Kiefer, de 1977. Ao mencionar a música na atuação dos jesuítas, Kiefer apresenta citações de diferentes origens, como de Curt Lange e José Ramos Tinhorão, mas apesar de uma visão mais imparcial, não escapa a conclusões semelhantes às dos anteriores. Segundo o autor, “como decorrência da ação ‘civilizadora’ dos jesuítas, a música dos índios, expressão de povos mais fracos culturalmente, cedeu o lugar à música européia. O fenômeno da *deculturação da música indígena brasileira* [...] é incontestável” (p. 12). Kiefer conclui ainda que a atuação dos jesuítas no Brasil não teve influência significativa em eventos musicais posteriores, apesar de terem sido os primeiros professores de música européia no Brasil, pois essa atuação visava sobretudo os indígenas, cuja cultura não deixou vestígios na música brasileira (p. 11).

Apesar de mais recente, a **História da Música no Brasil** de Vasco Mariz, de 1981, apresenta informações pouco fundamentadas, como a de que o “repertório [dos jesuítas] era circunscrito ao cantochão e ao gênero de música renascentista, sobretudo portuguesa” (p. 38). Além disso, o autor mostra uma visão preconceituosa: “obviamente uma civilização de nível tão baixo como a de nosso indígena teria de soçobrar ante uma influência tão poderosa quanto a européia. Ocorreu então o que já se chamou, apropriadamente, de ‘deculturação’ da música indígena brasileira” (idem).

No artigo **A Deculturação da Música Indígena Brasileira**, de 1972 e no livro **História Social da Música Popular Brasileira**, de 1990, ambos de autoria de José Ramos Tinhorão, a atuação dos jesuítas é abordada de uma perspectiva diversa. Os textos são baseados em documentos do período colonial encontrados em publicações modernas, principalmente em **Monumenta Brasiliae**, e no artigo **A Música nas Primeiras Escolas do Brasil**, de Serafim Leite. Segundo Castagna, Tinhorão “é o único pesquisador que estudou a contribuição musical jesuítica do ponto de vista sociológico. Seu artigo [...] e seu recente livro [...] são os melhores textos que já foram escritos sobre o assunto” (1991, vol. 1, p. 54, nota 182). Tinhorão afirma que

com a expulsão dos jesuítas “os naturais da terra viam desaparecer definitivamente o seu aparente intercâmbio com os brancos colonizadores” (1972, p. 21), e também destaca o isolamento da igreja como o principal motivo de a atuação dos jesuítas não ter influenciado significativamente a formação da cultura musical do Brasil (1990, p. 43).

No final do séc. XX, a atuação musical dos jesuítas no Brasil atraiu a atenção de musicólogos, e surgiram trabalhos que abordavam o tema sob um olhar mais científico, distante da apologia dos autores jesuítas e da visão parcial e preconceituosa do início do século. Aqui devem-se mencionar o artigo **Sobre a Música no Paraná (1600-1850)**, de Rogério Budasz (1995), e sua dissertação de mestrado **O Cancioneiro Ibérico em José de Anchieta - um Enfoque Musicológico** (1996). De autoria de Paulo Castagna, têm-se a já mencionada dissertação de mestrado **Fontes Bibliográficas para a Pesquisa da Prática Musical no Brasil nos séculos XVI e XVII** (1991), e os artigos **A Música como Instrumento de Catequese no Brasil dos sécs. XVI e XVII** (1997) e **Uma Abordagem Musicológica da Produção Literária de Antônio Vieira** (1999). Essas obras serão mencionadas neste trabalho oportunamente.

III - OS JESUÍTAS NO BRASIL

3.1 O Padre Inácio de Loyola e as origens da Companhia de Jesus

A principal fonte de informações sobre a vida do Padre Inácio de Loyola, o fundador da Companhia de Jesus, é a sua **Autobiografia**.¹ O texto foi ditado ao Padre Luís Gonçalves da Câmara entre 1553 e 1555, e relata desde a batalha em que foi ferido, aproximadamente aos 26 anos de idade, até 1538, poucos anos antes da criação da Companhia. Em vários aspectos da sua vida percebem-se os elementos que viriam mais tarde a caracterizar os ideais dos jesuítas: o altruísmo, o ideal de catequização e a dedicação ao estudo e à erudição.

Iñigo López de Loyola nasceu na Província de Guipúzcoa, no território basco. Os dados da **Autobiografia** referentes à sua idade e data de nascimento são contraditórios, mas acredita-se que ele tenha nascido em 1491. De família nobre, recebeu a formação cavalheiresca própria de sua classe, e aos 13 anos foi enviado por seu pai para Arévalo, para que fosse treinado de maneira apropriada para sua classe social.

Em 1521 a França declarou guerra ao imperador Carlos V de Habsburgo, que era também rei da Espanha desde 1516, e na luta contra as tropas da França, Loyola foi ferido por uma bala de canhão. Enquanto recuperava-se em sua terra natal, não encontrou os romances cavalheirescos que gostava de ler, e voltou-se à literatura que tinha à mão: as vidas dos santos na **Legenda Aurea** do Beato Jacopo da Voragine e a **Vida de Cristo** de Ludolfo da Saxônia, o que deu início a seu processo de conversão. Por um longo período ele dividiu-se entre a opção de voltar à sua vida pregressa ou de seguir o caminho dos santos, especialmente de São Francisco de Assis e São Domenico; optou pela segunda, que lhe trazia serenidade e conforto:

¹ Utilizou-se a tradução para o português do Padre Armando Cardoso S.J., de 1997.

Notou, todavia, esta diferença: quando pensava nos assuntos do mundo, tinha muito prazer; mas, quando, depois de cansado, os deixava, achava-se seco e descontente. Ao contrário, quando pensava em ir a Jerusalém descalço, em não comer senão verduras, em imitar todos os mais rigores que via nos Santos; não se consolava só quando se detinha em tais pensamentos, mas ainda, depois de os deixar, ficava contente e alegre. (LOYOLA, 1991 [1553], p. 23)

Após o restabelecimento de sua saúde, ele dirigiu-se ao mosteiro beneditino de Montserrat, na Catalunha, onde se confessou e depôs a espada e o punhal no altar de Nossa Senhora. Depois disso partiu para a cidade de Manresa, onde pretendia passar alguns dias, mas lá ficou por quase um ano, principalmente devido a um surto de peste.

Em Manresa ele viveu com grande austeridade, e “ouvira cada dia a Missa maior, Vésperas e Completas, tudo cantado: sentia nisso grande consolação” (LOYOLA, 1991 [1553], p. 34). Ali experimentou um processo de grande iluminação interior, que às vezes tomava a forma de visões que ele acreditava virem de Deus. Nesse período passou a usar suas experiências religiosas para ajudar os outros, e para esse fim começou a tomar notas, o que foi o princípio dos **Exercícios espirituais**, uma espécie de “programa de desenvolvimento espiritual” em várias etapas, ao qual viria mais tarde a submeter seus seguidores.

Loyola chegou a Jerusalém em 1523, decidido a lá permanecer pelo resto de sua vida, mas teve dificuldades devido à dominação dos turcos, e por isso retornou 20 dias após sua chegada. Em 1524 ele encontrava-se em Barcelona, onde aprendia latim em uma classe de crianças que não tinham a metade de sua idade, e mendigava sua comida. Dois anos depois, atendendo à sugestão de seus mestres, foi para a Universidade de Alcalá, cujo programa de estudos era fortemente influenciado pela Universidade de Paris e pelo movimento humanista da Renascença Italiana, e onde teve contato com a **Física** de Aristóteles. Nas horas livres pregava o catecismo nas ruas, e começou a guiar outros estudantes com os **Exercícios**. Loyola ainda vestia o seu hábito de peregrino e mendigava por sua comida; encontrou seus

primeiros seguidores, que se vestiam como ele e tinham os mesmos costumes. Seus atos chamaram a atenção da Inquisição, o que fez com que ele fosse preso por 42 dias à espera de um veredicto. Ele e seus companheiros foram declarados inocentes, mas obrigados a vestirem-se como os outros estudantes e a não falarem em público sobre questões religiosas. Loyola trocou Alcalá pela Universidade de Salamanca, onde chegou com quatro companheiros em 1527, logo levantando a suspeita dos dominicanos do Convento de Santo Estêvão; poucas semanas depois estava novamente na prisão. Novamente foi libertado, com a permissão de continuar ensinando a doutrina cristã, contanto que “nunca definissem ‘isto é pecado mortal, isto venial’ senão depois de quatro anos a mais de estudo” (LOYOLA, 1991 [1553], p. 80). Isso pareceu-lhe ter fechado uma porta, e ele decidiu então continuar os estudos em Paris, ainda que fosse uma cidade perigosa para espanhóis, súditos de Carlos V.

Chegou a Paris em 1528, e pelos 7 anos seguintes, tempo em que ficou na cidade, estudou gramática, humanidades, artes (filosofia) e teologia, e em 1535 obteve o grau de Mestre em Artes (LOYOLA, 1991 [1553], p. 93, nota 37). Em Paris trocou seu nome de Iñigo para Ignatius; ali conheceu os quatro primeiros membros do que seria mais tarde a Companhia de Jesus, entre eles Francisco Xavier, basco e de origem nobre como ele, e Pierre Favre (ou Pedro Fabro), vindo de uma humilde família de pastores de Savoy, mas com grande conhecimento de latim e grego. Ainda em Paris, juntaram-se ao grupo Nicolás de Bobadilla e o português Simão Rodrigues. Em 1534 Loyola e seus seis companheiros fizeram o chamado Voto de Montmartre, através do qual professavam pobreza e castidade, e decidiram peregrinar até Jerusalém, onde passariam suas vidas a ajudar as almas; se o plano não tivesse sucesso, iriam a Roma e ofereceriam seus serviços ao Papa para o que ele julgasse ser “da maior glória de Deus e o bem das almas” (idem, p. 94).

Em 1535 Loyola voltou à sua terra natal para a despedida, e em 1537 reencontrou-se com seus companheiros em Veneza. Enquanto esperavam uma oportunidade de partir para a Terra Santa, ofereceram-se como voluntários em hospitais, e pregavam e mendigavam em cidades

próximas. Em Veneza Loyola determinou que, se fossem questionados sobre quem eram, responderiam que eram a *Compagnia de Gesù*, já que não tinham outro superior além dele; essa foi a origem do nome da ordem. Na pequena cidade de La Storta, nos arredores de Roma, Loyola teve uma de suas iluminações mais conhecidas, a visão de Jesus carregando a cruz, com Deus a seu lado. Loyola considerou a visão como uma confirmação do nome de Jesus para o grupo, do qual não desistiu mesmo com as objeções de que o título era arrogante, ou de que todos os cristãos eram por definição membros da Companhia de Jesus. Pelo título e pela origem de Loyola, vários estudiosos atribuíram características militares à Companhia, mas O'Malley refuta tal associação:

O termo *Compagnia* em italiano e em tal contexto não significa mais que uma associação, e era usado amplamente na Itália da época para designar vários tipos de fraternidades ou irmandades religiosas. [...] Não há razão para acreditar que o termo *compagnia* tivesse para eles qualquer conotação militar que mesmo intérpretes bem informados, como Nadal e Polanco, atribuíram a ele. O termo talvez tenha sido escolhido por não mais que conveniência, pois eles certamente não estavam prontos a designar-se como uma ordem religiosa. (O'MALLEY, 1998, p. 34)

A partir de Veneza, e já com um grupo de 10 companheiros, Loyola decidiu ir a Roma oferecer seus serviços ao Papa Paulo III, e nesta cidade passaria o resto de sua vida. Em 1539, em Roma, ainda à espera de uma viagem a Jerusalém, Loyola elaborou os cinco capítulos da **Summa**, que seriam o esboço da **Formula Institutis Societatis IESU**. A **Formula** foi transmitida ao Papa Paulo III, através da intermediação do Cardeal Gasparo Contarini, aliado de Loyola. Algumas objeções à criação da Companhia de Jesus foram levantadas, como o fato de que a Igreja já tinha muitas ordens, e a criação de novas havia sido abolida desde o 4º Concílio de Latrão, em 1215. Com a intercessão de Contarini e de outros poderosos aliados, 15 meses depois de ter recebido os 5 capítulos, em 27 de setembro de 1540, o Papa Paulo III criou oficialmente a Companhia de Jesus através da bula **Regimini**

militantis ecclesiae (O'MALLEY, 1998, pp. 4-6). Na **Formula** percebem-se os ideais que caracterizariam a Companhia de Jesus pelos séculos seguintes, e que a levaria a outros continentes:

Todos que pretenderem, em nossa Companhia que desejamos que seja agraciada com o nome de Jesus, militar por Deus sob o [vessillo] da cruz, e servir somente ao Senhor e à Igreja sua esposa, à disposição do pontífice Romano, Vigário de Cristo na terra, professo o voto solene de castidade, pobreza e obediência, convença-se profundamente de fazer parte de uma companhia instituída ao único propósito de se ocupar especialmente da defesa e propagação da fé, e do progresso das almas na vida e na doutrina cristã. (FORMULA, 1550, ¶ 1)

A referência às “Índias” surge já na primeira versão da **Formula**, de 1540:

Por esse motivo, tudo o que o atual Pontífice Romano e seus sucessores ordenarem como pertinente ao progresso das almas e à propagação da fé, e quiserem enviar-nos a qualquer país que seja, nós seremos obrigados a obedecer-lhe, imediatamente e sem desculpa ou tergiversação; aconteça de nos enviarem entre os Turcos, ou a outros infiéis, existentes nas regiões a que chamamos Índias, ou junto aos hereges, cismáticos ou fiéis. (FORMULA, 1540, ¶ 3)

A bula do Papa Paulo III menciona somente 10 membros, que puderam votar em 1541 para eleger Loyola como seu primeiro Superior, mas antes da publicação da bula, a Companhia havia crescido e já contava com 20 membros ou mais, de nacionalidades e classes sociais variadas, vindos quase que exclusivamente de uma elite acadêmica. Segundo O'Malley (1998, p. 6), esse perfil iria determinar o futuro da Companhia.

O Padre Inácio de Loyola faleceu em 31 de julho de 1556, e foi canonizado em 1622 pelo Papa Gregório XV, juntamente com o Padre Francisco Xavier.

3.2 A Companhia em Portugal e no Brasil

Em 1539, D. João III, Rei de Portugal, solicitou a Roma a presença dos jesuítas em suas terras, preocupado não somente com questões religiosas em Portugal, mas também com os projetos de colonização. Em 1540 chegaram a Lisboa os Padres Francisco Xavier e Simão Rodrigues. O Padre Xavier foi enviado em 1541 para a Índia, e o Padre Rodrigues permaneceu para ocupar-se da consolidação da Companhia no reino. Em 1541 foi fundado um colégio, que em 1542 foi transferido para o Mosteiro de Santo Antão, passando a chamar-se Colégio de Santo Antão. Em 1542 já eram 12 padres que, por intervenção do Reitor da Universidade de Coimbra, tinham freqüência às aulas de direito civil, direito canônico, matemática, retórica e música; em 1544 a Companhia em Portugal contava já com 45 membros, e em 1547 foi iniciada a construção do Colégio de Jesus de Coimbra. A Companhia prosperou em Portugal, e até o séc. XVIII vários outros colégios haviam sido fundados: em Évora (1553), Braga (1560), Bragança (1561), Funchal (1570), Angra (1570), Ponta Delgada (1591), Faro (1599), Portalegre (1605), Santarém (1621), Porto (1630), Elvas (1644), Faial (1652), Setúbal (1655), Portimão (1660), Beja (1670) e Gouveia (1739) (ASSUNÇÃO, 2004, parte II).

O objetivo do Padre Simão Rodrigues era a Índia, como o Padre Francisco Xavier, mas D. João III, tendo em vista a colonização do Brasil, decidiu enviar para lá religiosos da Companhia. Simão Rodrigues ofereceu-se para liderar a missão, mas o Padre Loyola não o permitiu, por não haver como substituí-lo em Portugal; enviou então em seu lugar o Padre Manuel da Nóbrega (RODRIGUES, 1931, pp. 3-5). Com ele iam os Padres Leonardo Nunes, Antônio Pires e João de Azpicuelta Navarro e os irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jácome, que logo seriam ordenados. Partiram de Belém em 1º de fevereiro de 1549, na armada de Tomé de Souza, primeiro Governador do Brasil, e chegaram à Bahia no dia 29 de março (LEITE, 1938-1949, vol. 1, pp. 18-19).

3.3 Os estabelecimentos jesuíticos no Brasil colonial

3.3.1 As aldeias

No séc. XVI, o principal objetivo da presença dos jesuítas no Brasil era a atuação junto aos índios: sua conversão, o ensino do português e do cultivo da terra, sua habilitação para ofícios mecânicos e a modificação de seus hábitos considerados nocivos, como o nomadismo, a antropofagia e a poligamia. A presença dos índios aliados era de grande importância no início da colonização do Brasil. O conhecimento que possuíam da terra e da língua tornava-os necessários para a realização de atividades que os brancos não poderiam desempenhar, como a coleta de especiarias não cultivadas que cresciam nas matas, a condução de canoas em expedições e, sobretudo, a atuação como guerreiros, tanto contra inimigos indígenas quanto europeus. Dessa forma o trabalho dos jesuítas era de grande importância para a Coroa portuguesa, pois, além de ocupar as terras da colônia, trazia os índios para aldeamentos próximos dos centros urbanos e tornava-os capazes de desempenhar tarefas para os brancos.

A legislação do Brasil colonial diferenciava os índios “aldeados” ou aliados e o “gentio bravo”, índios inimigos que se recusavam à conversão ou que haviam praticado hostilidades contra os colonizadores. Os índios inimigos capturados poderiam ser escravizados, mas os índios aliados ou “descidos” viviam sob o regime de repartição, segundo o qual os trabalhos deveriam ser remunerados, não obrigatórios e temporários, de forma que as aldeias pudessem desenvolver-se, o que é afirmado já na lei de 1587 e reafirmado várias vezes em alvarás e regimentos posteriores. Há indícios, porém, de que os regulamentos não eram obedecidos, e os índios das aldeias eram explorados e sobrecarregados, encontrando-se praticamente em uma condição de escravidão. Os próprios jesuítas, notórios defensores da liberdade dos índios, eram acusados de utilizá-los para seus propósitos (PERRONE-MOISÉS, 1998).

O deslocamento dos índios aliados do sertão para aldeamentos mais próximos era chamado de “descimento”, operação que desde o regimento de Tomé de Souza de 1547 deveria ser realizada de forma pacífica. A presença de padres nos descimentos era obrigatória, já que o principal objetivo era a catequização dos índios, e em vários momentos a legislação determinava a presença exclusiva dos jesuítas, sobretudo pelo conhecimento que possuíam das línguas indígenas. Regulamentos como o Alvará de 21/8/1582 e a Provisão Régia de 1/4/1680 estabeleciam que os aldeamentos dos aliados deveriam ser localizados nas proximidades dos aglomerados urbanos, facilitando a civilização dos índios e a utilização dos seus serviços. Nas primeiras décadas os jesuítas eram encarregados não somente da catequese (governo espiritual), mas também da organização dos trabalhos nas aldeias (governo temporal); a partir da Lei de 1611 o governo temporal passa a ser desempenhado pelo capitão-mor, que deveria ser um morador da aldeia (PERRONE-MOISÉS, 1998).

Um aspecto importante da atuação dos jesuítas no Brasil colonial desde o seu início foi a preservação e a documentação das línguas indígenas. Apesar de ensinarem português, era obrigatório para os padres e irmãos o aprendizado da “língua brasílica”, que na verdade eram línguas gerais, comuns a diferentes grupos, tendo por base o tronco Tupi, no sul, e a língua geral amazônica. Nesse processo cantigas e orações foram traduzidas, autos foram escritos na “língua brasílica”, e surgiram as primeiras gramáticas das línguas indígenas, como a de José de Anchieta, em 1595, e a do Padre Luís Figueira, de 1621 (VILLALTA, 2004).

3.3.2 Casas, colégios e seminários

Os principais estabelecimentos jesuítas no Brasil, entretanto, eram os colégios. Todos os aldeamentos deveriam estar vinculados a um colégio e, com exceção de algumas missões, como as do Amazonas, deveriam ser estabelecidos em um local não muito distante deste.

As casas (ou residências) eram a princípio escolas de ler, escrever e contar, voltadas para os meninos índios e os filhos dos portugueses. Aos poucos começavam a oferecer estudos mais avançados e, com a dotação real e o reconhecimento oficial, passavam a colégios. Com o progressivo desenvolvimento dos núcleos urbanos, os colégios tornaram-se estabelecimentos voltados exclusivamente para a formação dos brancos, com alguns estudos para os escravos negros, sem a presença dos índios. No Brasil colonial, os colégios jesuíticos eram praticamente a única possibilidade de ensino superior, possibilidade esta que desapareceria com sua expulsão e seria retomada somente no séc. XIX.

No final do séc. XVII e início do séc. XVIII foram fundados alguns seminários, que se diferenciavam dos colégios pelo regime de internato e pela formação mais direcionada a futuros clérigos. Devido ao regime de internato, os alunos deveriam contribuir com uma taxa para sua manutenção, ao contrário do que ocorria nos colégios, que eram gratuitos.

Até o momento da extinção da ordem, o sistema de ensino dos jesuítas foi determinado pelo **Ratio studiorum**, uma série de regras que começaram a ser elaboradas em 1591 e tiveram sua versão definitiva em 1599. Segundo esse documento, os cursos oferecidos nos estabelecimentos jesuíticos seriam os de letras humanas, de artes e teologia. O curso de letras humanas, no qual se ensinava o latim e às vezes também o grego, era dividido em retórica, humanidades e gramática. O curso de artes, ou filosofia e ciências, abrangia a lógica, a física, a metafísica, a ética e a matemática. O curso de teologia dividia-se em teologia moral, ou estudo de casos, que estudava os atos, vícios e virtudes, e teologia especulativa, cujo tema era o dogma católico (LEITE, 1938-1949, vol. 1, livro 1, cap. 5).

A doutrina de São Tomás de Aquino (o tomismo), baseada na escolástica de Aristóteles, era ainda extremamente valorizada na igreja do séc. XVI. Isso reflete-se no **Ratio studiorum**, que determinava que "os nossos sigam completamente na teologia escolástica a doutrina de São Tomás e o considerem como seu próprio doutor, e façam todos os esforços para que os

ouvintes se lhe afeiçoem do modo mais favorável” (apud WEHLING, 1994, p. 277). Mesmo no séc. XVIII, com o surgimento do pensamento iluminista, a doutrina tomista era seguida pelo ensino jesuítico, como afirma Rizzini:

Os trabalhos de Galileu e Harvey, no campo experimental, e de Bacon, Descartes, Grotius e Hobbes, no especulativo, todos concluídos na primeira metade do seiscentismo, não conseguiram modificar a rotina da Companhia. Continuou a ensinar latim decorado e a desprezar o grego e as línguas vivas, inclusive a portuguesa, as histórias universal e pátria, nos estudos menores e a repelir o direito natural, o nacional e a jurisprudência, a história da legislação, a matemática, a física experimental e a anatomia, nos superiores. (RIZZINI apud WEHLING, 1994, p. 103)

O **Ratio studiorum** não menciona a música, e não foram encontrados documentos que demonstrassem que o ensino de música fosse usual nos colégios, com exceção do Seminário de Belém da Cachoeira, na Bahia.

A seguir são apresentados alguns dados históricos sobre a fundação e desenvolvimento dos estabelecimentos jesuíticos no Brasil colonial. A história da Companhia de Jesus no Brasil é extensa e complexa, tendo sido escrita por Serafim Leite em 10 volumes. Não se tem a pretensão de mostrar aqui um resumo de toda essa história, por isso somente serão transcritos dados dos principais estabelecimentos e algumas informações consideradas importantes para a compreensão deste trabalho.

3.4 Estabelecimentos no séc. XVI

No séc. XVI teve início a instalação dos jesuítas na Bahia, com a chegada de Nóbrega, e em seguida sua viagem ao Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e São Vicente, quando se deu a fundação dos primeiros colégios e aldeias.

3.4.1 O Colégio de Jesus da Bahia

Algum tempo após a sua chegada, o Padre Nóbrega escolheu o local para a construção da igreja da Companhia, que seria mais tarde chamado de Terreiro de Jesus, local onde permaneceriam até o momento da expulsão. A primeira igreja era de taipa, e passaria por várias reconstruções até a forma em que se encontra preservada atualmente.

Em 1550 foram enviados de Lisboa sete meninos do Colégio dos Órfãos,² e com eles foi fundado o primeiro colégio da Companhia nas Américas, o Colégio dos Meninos de Jesus da Bahia. Mais meninos viriam para o Brasil em 1551 e, em 1555, outros 18 ou 20. Em 1556 o Colégio dos Meninos de Jesus passou a chamar-se Colégio de Jesus, e a última referência à atuação dos meninos órfãos é a carta de 1557 do padre Antônio Blasques, que relata a sua entrada na Aldeia do Rio Vermelho, na Bahia, cantando em procissão, “do que eles [os índios] se maravilhavam e ficaram como atônitos, porque em extremo são dados à música e ouvir cantar” (Car.AnBlas.2, 1557, p. 199). Não se sabe exatamente o destino de todos os meninos órfãos. Alguns morreram pelas condições precárias do Brasil no séc. XVI, alguns foram enviados de volta a Portugal, outros continuaram seus estudos e tornaram-se sacerdotes da Companhia (LEITE, 1938-1949, vol. 1, livro 1, cap. 3).

Em 1572 iniciou-se o curso superior para os candidatos ao sacerdócio na Companhia e em 1575 as aulas aceitavam estudantes externos. No final do séc. XVI o Colégio já oferecia estudos de humanidades, filosofia (ou de artes) e teologia, além dos cursos elementares de ler, escrever e contar. Os cursos encerravam-se com cerimônias de láurea das quais participava toda a cidade. A **Ânua da Província do Brasil de 1578**, do Padre Ludovico Fonseca, descreve o encerramento dos cursos com música de *tibiae* e *barbiti*,³ e com a

² Anexo ao Colégio de Santo Antão, em Lisboa, o Colégio dos Órfãos foi fundado em agosto de 1549, com sete meninos, pelo padre catalão Pero Doménech, e em 1551 já abrigava 160 meninos (Rodrigues, 1931, pp. 700-701).

³ Cf. o cap. 4 sobre a definição dos termos em latim.

presença do Governador, do Bispo e de outras pessoas ilustres da cidade (An.LuFons.2, 1578, f. 302v).

A Biblioteca do Colégio iniciou-se com a chegada de Nóbrega em 1549. Em 1694 possuía aproximadamente 3000 livros e segundo Leite (1938-1949, vol. 5, p. 94) era no momento da expulsão a mais importante do Brasil, possuindo cerca de 15.000 livros.



Figura 1 – Catedral Basílica de Salvador
Fonte: VALLADARES, 1990, vol. 4, p. 186.

A igreja existente no Colégio da Bahia no momento da expulsão dos jesuítas era a quarta construção: a primeira, erigida por Nóbrega, durou até 1553. No mesmo ano começou-se a levantar a segunda, também por Nóbrega; porém, esta já se encontrava em ruínas em 1564. Em 1572 inaugurou-se a terceira, construída por Mem de Sá. Em 1624 ocorreu a invasão da Bahia pelos holandeses, que se estabeleceram no Colégio e profanaram a Igreja. Logo após sua expulsão começou-se a pensar em uma reconstrução, que se iniciaria somente em 1657, e terminaria em 1672 (LEITE, 1938-1949, vol. 5, livro 1, cap. 5). A igreja é atualmente a Catedral Basílica de Salvador (fig. 1).

3.4.2 O Seminário de Belém da Cachoeira

O Seminário de Belém da Cachoeira, na Bahia, foi fundado em 1678, pelo Padre Alexandre de Gusmão, e até o início do séc. XVIII era o único da Companhia na América portuguesa. O objetivo era, com o regime de internato, possibilitar a educação dos moradores que viviam no sertão, para que tivessem não somente os rudimentos de ler e escrever, mas também latim e música. O regime de internato envolvia custos adicionais, que foram solicitados à Coroa portuguesa, sem sucesso; a solução foi buscar os recursos nas famílias dos alunos; dessa forma, o seminário foi também aberto aos filhos de famílias abastadas, que deveriam pagar uma pensão possibilitando a admissão de alunos pobres, que não pagariam (LEITE, 1938-1949, vol. 5, livro 1, cap. 8).

O Seminário abriu com 8 alunos; em 1690 eram 37, em 1693 eram 50 e em 1697 chegavam a 100. O maior número de alunos foi 115, em 1739. Em sua visita ao Seminário, o Padre Manoel Correia mencionou os ofícios cantados pelos internos na Semana Santa, em 1693 (Vis.ManCor, 1693, f. 326v).

A construção da igreja iniciou-se em 1686 e estava concluída em 1701 (LEITE, 1938-1949, vol. 5, livro 1, cap. 8). Ainda encontra-se preservada no que é atualmente o município de Belém da Cachoeira (fig. 2).



Figura 2 – Igreja do Seminário de Belém da Cachoeira

Fonte: VALLADARES, 1990, vol. 4, p. 182.

No ARSI encontram-se os regulamentos do Seminário (Ord.SemBel, [1696]), elaborados no final do séc. XVII, um importante documento para a história da educação no Brasil.

3.4.3 Os Colégios de Olinda e Recife, em Pernambuco

Em 1551 o Padre Nóbrega partiu para Olinda com o Padre Antônio Pires, e já nesse ano começou a reunir meninos “do gentio” para serem

ensinados, o que foi o princípio do Colégio. Em 1552 Nóbrega retornou à Bahia, deixando em Olinda o Padre Pires e a seu encargo uma pequena igreja doada pelo Governador da Capitania. Além da catequese, os estudos iniciaram-se definitivamente em 1568; em 1571 já existia o edifício da escola dos meninos, e em 1576 estabeleceu-se a dotação real para o Colégio. Nesse ano a igreja recebeu uma relíquia das Onze Mil Virgens, trazida de Portugal pelo Padre Provincial Inácio Tholosa. Entre 1625 e 1626, o Colégio teve o Padre Vieira como professor de retórica. O Colégio cresceu, com donativos da população e de El-Rei, e em 1630, quando os holandeses tomaram Olinda, acharam o Colégio superior a qualquer outra casa religiosa de Pernambuco. Os edifícios do Colégio e da igreja foram incendiados pelos holandeses em 1631, e reconstruídos a partir de 1660 (LEITE, 1938-1949, vol. 1, livro 5, cap. 2).

No início o Colégio oferecia o curso elementar e o de latim. O relato do Padre Fernão Cardim descreve a recepção do Padre Visitador Cristóvão de Gouveia pelos alunos em 1584:

Os estudantes de humanidades [do Colégio de Pernambuco], que são filhos dos principais da terra, indo o padre à sua classe, o receberam com um breve diálogo e boa música, tangendo e dançando muito bem, porque se prezam os pais de saberem eles esta arte. (Rel.FeCar.2, 1585, p. 329)

Em 1607 iniciou-se o curso de teologia moral e em 1673 o curso de artes. Em 1687 uma Provisão Régia validou o curso de filosofia do Colégio de Olinda como equivalente ao de Coimbra (LEITE, 1938-1949, vol. 5, livro 2, cap. 4).

A povoação de Recife, fundada no séc. XVI, era no séc. XVIII apenas um entreposto de mercadorias que chegavam ou partiam de Olinda. Em 1619 os jesuítas fundaram ali uma escola de ler e escrever, mesmo que, segundo o Padre Provincial, a casa de Recife fosse de pouca urgência, pois ficava próxima a Olinda e a vila já dispunha de uma casa dos franciscanos. A fundação oficial do Colégio do Recife deu-se em 1655, por uma Ordem Régia de D. João IV, e

foi inaugurado em novembro de 1678. Além do ensino elementar, o Colégio passou a oferecer também o curso de latim, por solicitação dos moradores, que achavam Olinda longe demais. No séc. XVIII, além do ensino elementar de ler e escrever, o Colégio oferecia os cursos de teologia moral, filosofia, letras humanas e doutrina cristã aos meninos brancos e mestiços, e de doutrina cristã aos escravos, ministrado por um padre conhecedor da língua de Angola.

Em sua **Crônica**, o Padre Bettendorf descreve sua passagem por Recife e Olinda em 1684:

Em o dia seguinte, véspera do Espírito Santo, desembarquei com os padres e alguns irmãos, deixando os mais para guardas do fato; fomos direitos ao Colégio do Recife, [...]; fomos recebidos com toda a caridade, e depois de jantar nos veio convidar o Padre Pero Dias, Reitor de Olinda, para seu Colégio, e nos levou consigo, [...].

Em o dia seguinte, disse missa em o altar mor, ao som das charamelas de seus dextríssimos chameleiros, respeitando com isso o Padre Reitor Pero Dias, o vice superiorado, que breve tempo tinha exercitado, pela viagem, por ordem do Padre Visitador, o qual chegou pouco depois. (Cro.JoBett, 1698, p. 379)

A igreja do Colégio começou a ser construída em 1686 e foi terminada em 1690. Em 1708 ergueu-se ao lado da igreja do Colégio a igreja da Congregação de Nossa Senhora da Conceição que, segundo Leite (1938-1949, vol. 5, livro 2, cap. 6), é o único caso no Brasil de uma Congregação Mariana com igreja própria.

3.4.4 A Casa na Paraíba

Já nas primeiras décadas do séc. XVII pensava-se na abertura de uma casa na Paraíba. Por muito tempo a Capitania foi alvo apenas de missões periódicas. A casa seria iniciada somente em 1683 e, no momento da expulsão, oferecia os cursos de latim e humanidades, além do ensino elementar (LEITE, 1938-1949, vol. 5, livro 3, cap. 1).

3.4.5 O Real Colégio das Artes, no Rio de Janeiro

A primeira estada de um jesuíta no Rio de Janeiro deu-se em 1552, na passagem do Padre Nóbrega com o Governador Tomé de Souza rumo a São Vicente. Em 1565 o Padre Gonçalo de Oliveira fundou uma casa com a invocação de São Sebastião e em 1567 Nóbrega voltou ao Rio, com o Padre Visitador Inácio de Azevedo e alguns outros padres, para encarregar-se da construção do futuro colégio; porém, ali veio a falecer, em outubro do mesmo ano. Em 1575 um alvará real ordenou que fossem dados aos padres todo o material necessário para a construção do colégio, que se iniciaria em 1585 (LEITE, 1938-1949, vol. 1, livro 4, cap. 2).

O relato do Padre Fernão Cardim descreve a visita do Padre Cristóvão de Gouveia ao Colégio do Rio de Janeiro, em 1585, e a chegada da relíquia de São Sebastião:

Aos 20 (de dezembro de 1584), véspera de S. Thomé, chegamos ao Rio. [...] Neste colégio tivemos o Natal com um presépio muito devoto, que fazia esquecer os de Portugal [...]. O irmão Barnabé Telo fez a lapa, e às noites nos alegrava com seu berimbau.

Trouxemos no navio uma relíquia do glorioso Sebastião engastada em um braço de prata. Esta ficou no navio para a festejarem os moradores e estudantes como desejavam, por ser esta cidade do seu nome, e ser ele o padroeiro e protetor [...]. O Sr. Governador, com os mais portugueses, fizeram um lustroso alardo de arcabuzaria, e assim juntos com seus tambores, pífaros e bandeiras foram à praia. [...] Houve no mar grande festa de escaramuça naval, tambores, pífaros e flautas, com grande grita e festa dos índios, e os portugueses da terra com sua arcabuzaria e também os da fortaleza dispararam algumas peças de artilharia grossa, e com esta festa andamos rica charola, com grande aparato de velas acesas, música de canto d'órgão, etc. [...] Estava um teatro à porta da Misericórdia com uma tolda de uma vela, e a santa relíquia se pôs sobre um rico altar, enquanto se representava um devoto diálogo do martírio do santo, com choros e várias figuras muito ricamente vestidas, e foi asseateado um moço atado a um tronco: causou este espetáculo muitas lágrimas de devoção e alegria a toda a cidade por representar ao vivo o martírio do santo, nem faltou

mulher que não viesse à festa. Acabado o diálogo, por a nossa igreja ser pequena, lhes preguei no mesmo teatro dos milagres e mercês, que tinham recebido deste glorioso mártir na tomada deste rio, a qual acabada deu o Padre Visitador a beijar a relíquia a todo o povo e depois continuamos com a procissão e danças até nossa igreja: era para ver uma dança de meninos índios, o mais velho seria de oito anos, todos nus, pintados de certas cores aprazíveis, com seus cascavéis nos pés, e braços, pernas, cinta, e cabeças com várias invenções de diademas de penas, colares e braceletes. (Rel.FeCar.2, 1585, pp. 345-348)

Os estudos no Colégio do Rio de Janeiro iniciaram-se em 1573, antes mesmo que o prédio tivesse sido levantado, e em 1583 o Colégio oferecia curso elementar (de ler, escrever e contar), de humanidades e de teologia moral (LEITE, 1938-1949, vol. 1, livro 4, cap. 2). Entre 1638 e 1640 iniciou-se o curso superior de artes ou filosofia, destinado tanto aos externos quanto a irmãos da Companhia; em 1740 o Colégio recebeu o título de Real Colégio das Artes, mesma denominação do Colégio de Coimbra (idem, vol. 6, livro 1, cap. 1).

Já no séc. XVII o Colégio do Rio de Janeiro era o segundo maior colégio no Brasil, depois do Colégio da Bahia, e a ele eram vinculados todos os estabelecimentos e missões do sul. No inventário realizado após a expulsão dos jesuítas foram contados 5.434 livros. Os prédios do Colégio e da igreja, inaugurada em 1588, ainda se encontravam preservados no início do séc. XX (fig. 3), mas foram destruídos em 1922, com a demolição do Morro do Castelo por questões urbanísticas (fig. 4), demolição esta, segundo Lucio Costa, “feita com desamor e sem os cuidados que no caso se impunham” (1941, p. 21). Algumas relíquias do Colégio encontram-se ainda hoje dispersas por outras igrejas do Rio de Janeiro.

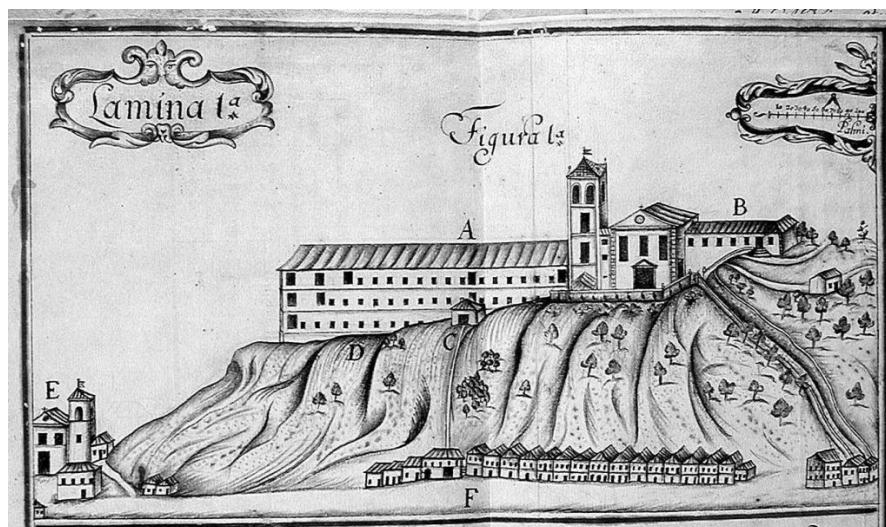


Figura 3 – Colégio dos Jesuítas do Rio de Janeiro. Gravura do séc. XVIII.

Fonte: Original no ARSI, Bras 4, f. 380. S/a. S/l, s/d.
Anexo a documento de 12 de outubro de 1728.



Figura 4 – Destruição do Morro do Castelo

Fonte: disponível em <<http://www.fotolog.net/andredecourt/>>.
Acesso em 05.10.2005

3.4.6 O Colégio de Santiago e aldeias do Espírito Santo

Depois do Padre Nóbrega, em 1549, o Padre Afonso Braz e o Irmão Simão Gonçalves vieram à Capitania do Espírito Santo, em 1551, e iniciaram as práticas usuais de administração de sacramentos e pregação. Em 1552 iniciou-se na Vila de Vitória a escola de ler e escrever para crianças, índios e escravos; no entanto, o Colégio de Santiago foi fundado somente em 1654, pois já existia o Colégio do Rio de Janeiro, para os que desejassem educação superior (LEITE, 1938-1949, vol. 1, livro 3).

Na visita do Padre Inácio de Azevedo, em 1568, existiam três aldeias; até o início do XVII chegaram a existir 10 aldeias no Espírito Santo, das quais duas tornaram-se principais: a de Reritiba e a dos Reis Magos. Fundada nas últimas décadas do séc. XVI, a Aldeia de Reritiba é um dos estabelecimentos jesuíticos mais antigos do Espírito Santo, conhecida por ser o local onde faleceu o Padre José de Anchieta. A Aldeia dos Reis Magos surgiu no séc. XVII; em 1689 contava com 764 índios e, no momento da expulsão, eram mais de 2000 (LEITE, 1938-1949, vol. 6, livro 2).

3.4.7 O Colégio dos Meninos de Jesus, em São Vicente

Alguns meses após a chegada no Brasil, o Padre Leonardo Nunes foi enviado à Capitania de São Vicente, na armada de Pero de Góis, com 10 ou 12 meninos. A esses meninos e a outros, filhos de portugueses e índios que havia trazido na sua incursão aos Campos de Piratininga, o Padre Nunes começou a ensinar o português, os rudimentos de ler e escrever, e latim e canto a alguns mais hábeis. Em novembro de 1552 o Padre Nóbrega embarcou para São Vicente, com o Padre Francisco Pires, alguns meninos do colégio e índios; lá inaugurou em 2 de fevereiro de 1553 o Colégio dos Meninos de Jesus, que logo a seguir seria transferido para o Campo de Piratininga (LEITE, 1938-1949, vol. 1, livro 3, cap. 5).

3.4.8 O Colégio de São Paulo

Nóbrega não considerava propícia a convivência dos alunos do Colégio de São Vicente com os colonos. Partindo de São Vicente, foi até o Campo de Piratininga e encontrou uma região própria para a criação de gado e cultivos, o que o fez estabelecer ali o Colégio. Em 1553, três aldeias foram reunidas em uma, iniciando o processo que mais tarde daria origem à cidade de São Paulo. Nóbrega deixou Piratininga aos cuidados de dois padres, mas não se tem documentação sobre sua identidade.

Em dezembro de 1553 chegaram a São Vicente os Padres Afonso Brás e Vicente Rodrigues, com os Irmãos José de Anchieta e Gregório Serrão. Nóbrega decidiu repartir os padres e irmãos pelas aldeias recém fundadas. Alguns chegam a Piratininga no dia 25 de janeiro de 1554, dia da conversão de São Paulo, o que deu nome à casa. Em 1631 a casa de São Paulo passou a ter o estatuto de colégio, tornando-se independente do Colégio do Rio de Janeiro, ao qual era subordinada (LEITE, 1938-1949, vol. 1, livro 3, cap. 6).

A mão de obra indígena era necessária em São Paulo, já que não era fácil a aquisição de escravos negros; contudo, a presença dos jesuítas era um empecilho à captura dos índios, o que causou uma revolta da população em 1640 e a expulsão dos padres, para a qual colaboraram também religiosos de outras ordens, como os franciscanos. Em 1643 um alvará do rei D. João IV perdoou os moradores de São Paulo e determinou a restituição aos jesuítas de seus estabelecimentos, o que não foi aceito pela população local. Somente em 1653 realizou-se um acordo entre os padres e os moradores da vila. Os cursos foram retomados nesse ano, com a volta dos padres, e em 1708 abriu-se o curso superior de teologia moral, por solicitação dos moradores (ASSUNÇÃO, 2004, pp. 173-174).

A primeira capela jesuítica em São Paulo foi construída na sua fundação, entre 1553 e 1554, e depois substituída por uma igreja mais sólida, no final do séc. XVI. Um nova igreja foi erguida em 1653, com a volta dos padres após sua expulsão em 1640, sendo a torre acrescentada em 1683.

Após uma reconstrução da igreja, que terminou em 1694, foram acrescentados uma nova torre e altares, em 1701 e 1707, respectivamente (LEITE, 1938-1949, vol. 6, livro 4, cap. 8).

Algumas gravuras do séc. XIX ainda mostram o prédio do Colégio e da igreja, que já se encontravam em ruínas no início do séc. XX (fig. 5). O prédio que vemos hoje é uma réplica erigida em 1954; da construção original somente foi preservada uma parede de taipa de pilão (fig. 6). Atualmente o prédio abriga o Museu Padre Anchieta.



Figura 5 – Colégio dos Jesuítas de São Paulo
(gravura de Thomas Ender, de 1818)

Fonte: WAGNER; BANDEIRA, 2000, p. 873.



Figura 6 – Igreja do Colégio de São Paulo, reconstruída em 1954

Fonte: disponível em
<<http://www.sampa.art.br/SAOPAULO/novasampa.htm>>.
Acesso em 13.10.03.

3.4.9 O Colégio de São Miguel, em Santos

A casa de Santos surge nos catálogos somente em 1589. No início do séc. XVII os catálogos referem-se a ela como a Casa de São Miguel. A casa foi transformada em Colégio de São Miguel em 1643, durante a expulsão dos padres de Piratininga, e a fundação oficial do Colégio deu-se em junho de 1652. Com a elevação da casa a colégio, passou a oferecer, além da catequese e primeiras letras, os cursos de latim e letras humanas, o que se manteria até 1759, com a expulsão dos padres (LEITE, 1938-1949, vol. 6, livro 4, cap. 10).

3.5 Estabelecimentos no séc. XVII

O início do séc. XVII foi marcado pela chegada dos jesuítas às capitanias do Maranhão e Pará, e pelo estabelecimento de diversas missões no Amazonas.

Em 1612 os franceses fundaram uma colônia no Maranhão, *La France Equinoxiale*, que seria tomada pelos portugueses em 1615, pela armada de Alexandre de Moura. Em 1626 foi oficialmente criada a Província do Maranhão e Grão-Pará, separada da Província do Brasil.

Segundo Cavalcanti Filho (1990), a atuação dos jesuítas no Maranhão foi diferente da dos outros estados, sobretudo devido ao isolamento e ao estado nativo sem mistura nem alteração dos índios da região. O número de aldeias administradas pelos jesuítas era consideravelmente maior do que na Província do Brasil, o que se pode perceber na lista apresentada no final deste capítulo.

Algumas das crônicas jesuíticas mais importantes referem-se à Província do Maranhão e Grão-Pará, como a **Crônica da Missão do Maranhão**, do Padre João Filipe Bettendorf, de 1698; a **Relação das missões do Maranhão**, do Padre Jacinto de Carvalho, de 1719; a **Crônica da Companhia de Jesus na missão do Maranhão**, do Padre Domingos de Araújo, de 1720; a **História da Companhia de Jesus na extinta Província do Maranhão e Pará**, do Padre José de Moraes, de 1759, e o **Tesouro descoberto no Amazonas**, do Padre João Daniel, escrito entre 1757 e 1776.

3.5.1 O Colégio de São Luís do Maranhão

Na armada de Alexandre de Moura iam os jesuítas Manuel Gomes e Diogo Nunes, cujas assinaturas constam dos autos de posse; ao chegar, os padres tomaram posse de uma ermida que havia sido construída pelos capuchinhos franceses, no mesmo local onde mais tarde erguer-se-ia o Colégio (LEITE, 1938-1949, vol. 3, livro 2, cap. 2). Uma carta do Padre Manuel Gomes,

de 1621, descreve a viagem ao Maranhão como uma empreitada na qual levavam 300 índios como guerreiros e “cantores que cantavam os ofícios divinos em canto de órgão, com flautas, charamelas e outros instrumentos músicos” (Car.MaGom, 1621, pp. 274-275); esta carta descreve também a primeira missa rezada com “charamelas, flautas, harpa e outros instrumentos necessários para a música” (p. 279).

Os padres Gomes e Nunes ocupavam-se somente da catequese e do ensino de ler e escrever. Em 1626, com a chegada do Padre Luís Figueira, abriu-se uma escola de letras para os filhos dos portugueses e em seguida iniciou-se a construção do Colégio. Em 1668 iniciaram-se os estudos superiores no Maranhão, com os cursos de teologia, humanidades e filosofia.

Entre 1660 e 1661, nas cidades de São Luís e Belém, ocorreram revoltas contra os jesuítas, sobretudo pela defesa que faziam da liberdade dos índios, o que interferia na economia local. Os padres foram expulsos, mas retornaram em seguida. Novamente em 1684, pelo mesmo motivo, comerciantes e proprietários rurais de São Luís revoltaram-se e expulsaram os jesuítas da cidade, na chamada “Revolta de Beckmann” ou de “Bequimão”. Nesses dois períodos os estudos foram interrompidos. Após a volta dos padres a igreja foi reconstruída; o documento anônimo **Lembrança dos defuntos enterrados na Igreja de Nsa. Sra. da Luz do Colégio da Companhia de Jesus do Maranhão**, de 1730, descreve a solenidade de inauguração da igreja nova em 1699, com Vésperas cantadas (Lemb.Def, 1730, f. 1v).

Em 1762 a igreja do Colégio do Maranhão passou a Catedral de São Luís do Maranhão. A partir daí sofreu várias reformas, mas atualmente encontram-se somente vestígios da antiga igreja dos jesuítas (LEITE, 1938-1949, vol. 3, livro 2, cap. 2).

3.5.2 O Colégio de Santo Alexandre, no Pará

A colonização do Pará iniciou-se em 1615, quando Francisco Caldeira de Castelo Branco chegou à região, vindo do Maranhão, e encontrou ali um

local adequado para o estabelecimento de um forte e uma cidade. Como havia partido no dia 25 de dezembro, deu ao forte o nome de Forte de Belém e, à cidade, o nome de Nossa Senhora de Belém.

Em 1621 os jesuítas tentaram o primeiro estabelecimento no Pará, mas foram barrados pelo Procurador do Povo, que temia que os jesuítas se opusessem ao cativeiro dos índios. O estabelecimento da Companhia no Pará iniciou-se somente em 1653, com a ida dos padres Antônio Vieira, João de Souto-Maior e outros, levando uma carta de recomendação de D. João IV à Câmara e assumindo o compromisso de não lidarem com índios cativos, mas somente com o “gentio”. O Colégio de Santo Alexandre foi fundado em seguida e tem seu nome devido às relíquias do mártir doadas pelo Papa Urbano VIII (LEITE, 1938-1949, vol. 3, livro 3, cap. 1). A **Ânua da missão do Maranhão de 1671** do Padre Bettendorf descreve a inauguração da igreja do Colégio, com a participação do coro dos mercedários (An.JoBett.2, 1671, f. 261v).

Também no Pará o ensino dos jesuítas consistia inicialmente de rudimentos de ler e escrever e da catequese, mas com a fundação do Colégio passou-se a oferecer o curso de latim, filosofia e teologia moral (LEITE, 1938-1949, vol. 4, livro 5, cap. 2). O Colégio de Santo Alexandre tinha ainda escolas de artes e ofícios, que preparavam pedreiros, ferreiros, carpinteiros, escultores, torneiros, alfaiates, tecelões e canoeiros; tinha ainda oficinas de pintura e escultura (idem, cap. 1).

O Padre Bettendorf, autor da **Crônica da Missão do Maranhão** e de outros documentos utilizados neste trabalho, foi Reitor do Colégio do Maranhão entre 1663 e 1667, entre 1674 e 1680 e entre 1688 e 1690; do Colégio do Pará foi Reitor entre 1661 e 1663.

3.5.3 A missão na Serra de Ibiapaba

A primeira estada dos jesuítas na Serra de Ibiapaba, atualmente no Ceará, deu-se em 1607, na tentativa dos padres Francisco Pinto e Luís Figueira de chegar por terra ao Maranhão. Ao passar por Ibiapaba, os padres

perceberam uma região fértil e abundante de alimentos, diferente do sertão, e extremamente propícia à catequese, já que ali conviviam várias tribos de diferentes etnias indígenas. Na Serra os padres ficaram por cerca de 4 meses; todavia, ao prosseguir para o Maranhão, foram atacados por tapuias, e o Padre Francisco Pinto foi assassinado, o que forçou o Padre Figueira a voltar para Pernambuco.

No séc. XVII os jesuítas faziam várias outras tentativas de estabelecimento na Serra, o que somente se efetivaria em 1656, por iniciativa do Padre Antônio Vieira. O Padre Vieira esteve pessoalmente em Ibiapaba; sua viagem foi descrita na **Relação da Missão da Serra de Ibiapaba** (Rel.AnVie.1, 1659). Nas idas à Ibiapaba eram levados índios de Pernambuco, que atuavam não somente como guerreiros, mas também como músicos, como uma forma de atrair os gentios. O Padre Bettendorf, em sua **Crônica**, menciona os índios músicos e chameleiros trazidos de Pernambuco a Ibiapaba em 1656 (Cro.JoBett, 1698, p. 96); o documento anônimo **Fundação das igrejas e conventos dos padres da Companhia de Jesus** descreve os ofícios realizados em canto de órgão pelos índios músicos trazidos pelo Padre Vieira na sua viagem de 1659 (Fund.IgrConv, [1777], f. 181v).

No séc. XVIII a missão de Ibiapaba tornar-se-ia a maior aldeia da Província do Brasil, contando em 1756 com 6000 almas; pelas suas dimensões e isolamento, foi o estabelecimento da América Portuguesa que mais se aproximou das características das reduções do Paraguai, embora sem atingir a sua complexidade de organização. Atualmente é o município de Viçosa, no Ceará.

3.6 Estabelecimentos no séc. XVIII

No séc. XVIII teve-se a fundação de seminários nas capitanias do Pará, Maranhão, Paraíba e Minas Gerais, todos por iniciativa do Padre Gabriel Malagrida, e a fundação de colégios das capitanias do sul.

3.6.1 O Colégio de Paranaguá

A partir do início do séc. XVII vários jesuítas estiveram em Paranaguá, geralmente de passagem, mas somente em 1682 foi feita uma viagem com o propósito de um estabelecimento na região. A residência foi inaugurada em 1708 e elevada a colégio em 1755. Atualmente a igreja não existe mais, e o colégio foi modificado (LEITE, 1938-1949, vol. 4, livro 5, cap. 1).

A **Ânua da Província do Brasil de 1755**, do Padre Simão Álvares, descreve a cerimônia realizada na transformação da residência de Paranaguá em colégio, com o hino *Te Deum* cantado com instrumentos musicos e missa cantada celebrada em louvor a Nossa Senhora do Rosário, padroeira da nova igreja (An.SiAlv, 1755, f. 496).

3.6.2 A Casa em Santa Catarina

No séc. XVII os jesuítas estiveram na Ilha de Santa Catarina e arredores em três missões: de 1605 a 1607, de 1616 a 1618 e de 1635 a 1637. A fixação dos padres no local ocorreu somente em 1748, com a fundação de um colégio na Vila do Desterro, atual Florianópolis, por solicitação da população, como informa uma carta do Secretário de Estado Manoel Coutinho ao Governador de Santa Catarina:

Foi Sua Majestade servido que houvesse um colégio de Padres da Companhia nessa Ilha para instrução da mocidade, e também para que com mais edificação, e com maior número de ministros, se instruissem na religião, e pudessem ter o exercício dela os moradores da Ilha. (Car.ManAn, 1749, f. 6)

A **Ânua da Província do Brasil de 1748 e 1749**, do Padre Francisco da Silveira, menciona o canto do terço do Rosário todos os dias pelos padres com os alunos e a população da Ilha de Santa Catarina (An.FrSilv, 1750, f. 430); a **Ânua da Província do Brasil de 1754**, do Padre Inácio de

Passos, descreve sua atuação junto aos filhos dos açorianos, enviados para a colonização da Ilha (An.InPas, 1755, f. 447v). A atuação dos jesuítas em Santa Catarina não durou muito tempo, pois devido à perseguição, os padres foram obrigados a abandonar a casa em 1757 (LEITE, 1938-1949, vol. 6, livro 5, cap. 2).

3.7 Os estabelecimentos no momento da expulsão

Encontram-se listados a seguir os estabelecimentos jesuítas existentes no Brasil colonial no momento da expulsão, a partir das seguintes fontes: **História da Companhia de Jesus na extinta Província do Maranhão e Pará**, do Padre José de Moraes (1987 [1759]), **História da Companhia de Jesus** de Serafim Leite (1938-1949), **História eclesiástica do Ceará** de Geraldo Nobre (1980) e os documentos manuscritos **Catálogo das residências, colégios, seminários e missões nas Províncias do Brasil em 1749** (Cat.Provs.Bras, 1749) e **Relação, por capitania, do número de colégios, seminários, casas, missões e residências da Companhia de Jesus no Brasil em 1750** (Rel.Cap, 1750).

Maranhão e Grão-Pará

Colégios

- Do Maranhão
- Do Pará

Casas

- Tapuytaperá
- Vigia
- Madre de Deus

Aldeias

- Abacaxis
- Andira
- Arapeá

- Arari (Cachoeira)
- Arecarú
- Arucará
- Arvará
- Aryndiba
- Boccas de Araticú (Oeiras)
- Borari
- Byrajubá
- Caeté
- Camamú
- Camutá
- Cruça ou Curuça
- Gibiré
- Guaricu ou Guaricurú
- Icatú
- Itaerucá
- Itapicurú
- Jaguariri
- Javary
- Macajuba
- Madre Deos
- Mamayacú
- Maracanã
- Maracú
- Marajó
- Moririba
- Mortigura (Villa Franca)
- Pinaré
- Piracuri
- Rio Guaporé
- S. Braz
- S. Fr. Xavier de Acamá
- S. João, capitania de Caeté [?]
- S. José
- Salinas
- Samaúma (Beja)
- Santa Cruz
- Santo Ignacio
- Spiritu Santo
- Tapajós
- Tremembé
- Trocano
- Tupinambás (Guarupá)
- Tutoja
- Xingú
- Ybirajuba

Seminários

- do Pará
- do Maranhão
- das Aldeias Altas

Ceará

Real Hospício dos Aquirás

Aldeias

- Porangaba - Sr. Bom Jesus
- Paupina - Nsa. Sra. Conceição
- Caucaia - Nsa. Sra. Prazeres
- Payacus - Nsa. Sra. Conceição
- Ibiapaba - Nsa. Sra. Conceição

Fazendas de Ibiapaba

- Imbueira
- Missão
- Tiaia
- Pitinga

Rio Grande do Norte

Aldeias anexas ao Colégio de Olinda:

- Guajaru - Nsa. Sra. dos Prazeres
- Guaraíras - São João Batista

Paraíba

Colégio e seminário

Pernambuco

Colégio de Olinda

- Residência Monjope

Colégio do Recife

- Residência Nsa. Sra. Da Luz
- Residência de Urubumerim

Sergipe

Residências (anexas ao Colégio da Bahia)

- Jaboatão
- Tejuipeba

Engenhos

- Conde
- Pitinga

Bahia

Colégio da Bahia

- Igreja

- Casa
- Noviciado da Anunciada da Giquitaia
- Seminário da Conceição
- Residência do Pitanga
- Residência de Cotegipe
- Residência da Quinta

Aldeias:

- Espírito Santo
 - Ubatuba
 - Jurú
 - Canabraba
 - Saco dos morcegos
 - Outras 4 no sertão
- Seminário de Belém da Cachoeira

Piauí

3 casas (vinculadas ao Colégio da Bahia)

Ilhéus

Casa na Villa de S. Jorge Missões (anexas ao Colégio da Bahia)

Aldeias:

- Nsa. Sra. Escada
- Missão Nova dos Gherins
- De Sto. André
- Nsa. Sra. Das Candeas

Casa de Sta. Ignez (anexa ao Col. da Bahia)

Porto Seguro

Casa

Aldeias (anexas ao Colégio da Bahia):

- S. João
- Patatyba

Espírito Santo

Colégio de Santiago

Aldeias:

- Moribeca
- Araçatyba
- Itapoca
- Reis Magos
- Reritiba

Cabo Frio e Goytacazes

Casas (anexas ao Colégio do Rio)

- Goytacazes

- Macahé
 - Campos Novos
- Aldeia de S. Pedro do Cabo Frio (anexa ao Colégio do Rio)

Rio de Janeiro

Colégio do Rio

Casas:

- Sta. Cruz
- Engenho Novo
- Engenho Velho
- S. Cristóvão
- Macacú

Aldeias:

- S. Francisco Xavier
- S. Barnabé (Bernabé)
- S. Lourenço

Minas Gerais

Seminário em Mariana (anexo ao Colégio do Rio)

São Vicente e São Paulo

Colégio de Santos

Colégio e Igreja de São Paulo

Aldeias:

- S. José
- M' Boy (Embu)
- Itapecerica
- Carapicuíba
- Capella
- Itaquaquecetuba

Fazendas:

- Sant' Anna
- Araçariguama
- Botucatu

Governo dos Guyazes

Aldeias:

- Rio das Velhas
- 2 nas Minas da Natividade

Governo de Cuyaba, em Mato Grosso

2 aldeias

Governo do Rio Grande e Rio da Prata

1 aldeia de índios junto ao Rio de S. Pedro ou Rio Grande

Casa da Colônia de Sacramento

Governo de Paranaguá e Santa Catarina

Colégio de Paranaguá
Casa de Santa Catarina

3.8 A expulsão dos padres dos domínios portugueses e a extinção da Companhia

Em 1750, Sebastião José de Carvalho e Melo (que em 1759 receberia o título de Conde de Oeiras e em 1769 de Marquês de Pombal, pelo qual é atualmente mais conhecido) subiu ao cargo de Ministro dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, e por meio de seu prestígio junto ao Rei de Portugal, conseguiu que em 1751 seu irmão Francisco Xavier de Mendonça Furtado fosse nomeado para Governador do Estado do Grão-Pará e Maranhão. A partir de então começou a tomar várias medidas contra a Companhia de Jesus, que culminariam com o aprisionamento e a expulsão dos padres dos territórios portugueses em 1759, dos territórios espanhóis em 1770, e a extinção da Companhia em 1773. Uma outra medida sua foi proibir a “língua geral” falada nas aldeias e estabelecer o português como a única língua permitida, obrigando, inclusive, seu ensino nas escolas (ASSUNÇÃO, 2004).

Entre os vários motivos para a perseguição aos jesuítas, mencionam-se as liberdades e privilégios econômicos de que gozavam esses padres desde o governo de Tomé de Souza, devido ao fato de o sucesso de seu estabelecimento ser de interesse da Coroa portuguesa. Além de receber subsídios, no Brasil foi permitida à Companhia a posse de bens materiais, como terras, gado e escravos, livres da obrigação de impostos. Os jesuítas eram ainda isentos de impostos sobre os produtos que vinham de Portugal, o que lhes permitia obter os produtos e também enviá-los com preços mais baixos. No momento da expulsão, a Companhia de Jesus havia acumulado um grande número de propriedades; sua independência econômica, o que se

refletia também no âmbito político, incomodava à Coroa e aos moradores. Um outro fator foi a defesa da liberdade dos índios, que já havia causado problemas com a população, como na sua expulsão de São Paulo em 1640 e do Maranhão em 1660 e 1684. Os jesuítas eram ainda acusados de utilizar o trabalho indígena para proveito próprio, inclusive comercializando os bens coletados ou produzidos pelos índios (ASSUNÇÃO, 2004).

Soma-se a esses fatores a acusação de incitação dos índios às Guerras Guaraníticas. Em 1750, por meio do Tratado de Limites, a região da Colônia do Sacramento (atualmente no Uruguai) passou a pertencer à Coroa espanhola, e em troca, passava a Portugal o domínio da região ao sul de Laguna, que atualmente corresponde ao Rio Grande do Sul. Nessa região estavam estabelecidas 7 reduções jesuíticas espanholas de índios guarani (os 7 Povos das Missões), que não aceitaram o Tratado e levantaram-se em uma revolta armada, da qual os jesuítas foram acusados de serem os mentores.

A documentação da época torna evidente uma tentativa do Marquês de Pombal de incriminar o máximo possível os jesuítas. Quando ocorreu o atentado contra o monarca D. José I, em 1758, os principais acusados eram os jesuítas, entre eles o Padre Gabriel Malagrida, que havia feito duras críticas à Coroa (ASSUNÇÃO, 2004).

Além das justificativas oficiais, percebe-se um caráter extremamente pessoal na perseguição do Marquês de Pombal aos jesuítas. Esse fato era inclusive comentado na época: o duque de Choiseul, primeiro ministro de Luís XV, referindo-se à acirrada campanha contra os jesuítas, comentou que Pombal “tinha sempre um jesuíta a cavalo no nariz” (apud WEHLING, 1994, p. 154). Uma das explicações encontradas na literatura é o fato de o Marquês de Pombal ter tido sua formação dentro do pensamento iluminista do séc. XVIII, enquanto o ensino jesuítico representava os ideais da escolástica medieval (CAVALCANTI FILHO, 1990).

A lei de 3 de setembro de 1759 declarava os jesuítas desnaturalizados, proscritos e exterminados dos territórios portugueses; segundo essa lei, os religiosos possuíam

um temerário, e façanhoso projeto de usurpação de todo o Estado Brasil, com um tão artificioso, e tão violento progresso, que, não sendo pronta e eficazmente atalhado, se faria dentro no espaço de menos de dez anos inacessível, e insuperável todas as forças da Europa unidas. (apud ASSUNÇÃO, 2004, pp. 40-41)

A extinção e supressão da Companhia foram decretadas em 1773 pela bula **Dominus ac Redemptor**, do Papa Clemente XIV. Com a morte de D. José I e a ascensão ao trono de D. Maria I, o quadro político sofreu alterações, e os ex-jesuítas perseguidos passaram a lutar pela restituição da Ordem, o que viria a ocorrer em 1814.

IV - AS REFERÊNCIAS A INSTRUMENTOS MUSICAIS NOS DOCUMENTOS JESUÍTICOS

Os instrumentos mencionados nos relatos jesuíticos serão abordados separadamente neste capítulo, porque, à parte o seu uso pelos jesuítas, a leitura dos textos fornece informações importantes sobre sua presença no Brasil colonial entre os séculos XVI e XVIII. As discussões sobre o significado e a tradução dos termos em latim referentes a instrumentos são um outro motivo para uma abordagem em separado.

Várias conclusões já haviam sido apresentadas por Castagna em sua dissertação de mestrado **Fontes bibliográficas para a pesquisa da prática musical no Brasil nos séculos XVI e XVII** (1991), o que é indicado no texto; este capítulo, porém, complementa o trabalho de Castagna, ao utilizar um conjunto mais abrangente de documentos jesuíticos.

4.1 O séc. XVI

O uso de instrumentos musicais em cerimônias religiosas e eventos profanos em estabelecimentos da Companhia de Jesus no Brasil é mencionado em diversos relatos, desde pouco tempo depois da chegada dos jesuítas no Brasil até sua expulsão em 1759. Como já mencionado no capítulo anterior, os meninos eram o principal alvo dos jesuítas no séc. XVI; nos textos do séc. XVI, as situações em que se descrevem o uso de instrumentos geralmente referem-se à prática por meninos, tanto pelos “brasis” quanto pelos órfãos enviados de Lisboa, como mostra a seguinte carta do padre Antônio Blasques, de 1565:

Houve nestas vésperas três coros diversos: um de canto de órgão, outro de um cravo e outro de flautas de modo que, acabando um, começava o outro, e todos, certo, com muita ordem quando vinha a sua vez. E dado que o canto do órgão deleitava ouvindo-se e a suavidade do cravo detivesse os ânimos com a doçura da sua harmonia, todavia quando se tocavam as flautas se alegravam e se regozijavam muito mais os circunstantes, porque, além de o fazer mediocrementemente, os que as tangiam eram os meninos brasis, a quem já de tempo o padre Antônio Rodrigues tem ensinado. (Car.AnBlas.8, 1565, p. 463)

O uso de instrumentos por Nóbrega para atrair os índios seria um fato bastante conhecido na Companhia de Jesus sendo mencionado em vários documentos posteriores, até o séc. XVIII, como na **História da Companhia de Jesus na Vice-Província do Maranhão do ano 1607 a 1700**, de 1770, atribuída ao Padre Matias Rodrigues, segundo a qual “o Padre Manuel da Nóbrega, apóstolo do Brasil, não duvidava que os instrumentos músicos, mesmo que bárbaros, trariam os índios a Cristo” (His.ProvMar, 1770, p. 37). Alguns documentos mostram evidências de que, ao menos no início da sua atuação no Brasil colonial, os jesuítas utilizassem instrumentos indígenas, o que será discutido em maiores detalhes no próximo capítulo.

4.2 O séc. XVII

O séc. XVII foi marcado pela expansão dos jesuítas nos domínios portugueses, com a criação de estabelecimentos nas capitanias do Maranhão e do Grão-Pará, as primeiras missões à região da Ilha de Santa Catarina e Laguna e o desenvolvimento dos colégios voltados cada vez mais para a população urbana. Comparando-se com a documentação do séc. XVI, nesse período não se tem somente uma maior quantidade de referências a instrumentos, mas também maior variedade, pois surgem vários instrumentos que antes não haviam sido mencionados, como as charamelas (que passam a surgir nos relatos quase tão freqüentemente quanto flautas) e baixões. Também é maior a diversidade de situações em que essas referências ocorrem: a prática não é mais realizada somente pelos meninos, mas por um grupo mais variado, e pela primeira vez faz-se menção a chameleiros, trombeteiros, *tibicines* (tangedores de *tibiae*) e *lyricines* (tangedores de *lyrae*).

Nesse período tem-se o relato mais rico em referências a instrumentos, a **Crônica da Missão do Maranhão**, do Padre João Felipe Bettendorf, datada de 1698. Além da **Crônica**, as cartas anuais escritas pelo Padre Bettendorf são prolíficas em informações sobre prática musical, o que parece indicar uma inclinação pessoal do Padre Bettendorf pela música,

característica comum a alguns padres de origem germânica. Na **Crônica** são feitas várias referências a índios músicos (geralmente chamados de “chameleiros” ou “mestres de capela”) levados nas missões para que atraíssem os selvagens; na missão à Serra de Ibiapaba de 1565, logo após a chegada dos padres, fizeram-se “os ofícios divinos com canto de órgão com os índios músicos e chameleiros que lá se achavam, vindos de Pernambuco, onde antes moravam” (Cro.JoBett, 1698, p. 96). A mesma **Crônica** descreve as atividades do Padre Gonçalo de Veras nas aldeias do Maranhão, “não tendo outros romeiros que os rapazes que lhe serviam e tocavam as flautas do tempo do sacrifício da Missa, por ser um deles Tabajara da serra, que sabia tocar, e ter além destes uns índios chameleiros da mesma nação” (p. 224) e, em torno de 1670, a visita do Padre Superior às missões do Maranhão, acompanhado por “um índio, por nome Thomazio, trombeteiro” (p. 260).

Um dos principais motivos para o aumento da diversidade de instrumentos mencionados nos relatos jesuíticos no séc. XVII foi provavelmente a mudança no ambiente musical externo aos estabelecimentos jesuíticos. Nesse período começam a desenvolver-se alguns aglomerados urbanos, como Olinda e Salvador, e surgem em alguns documentos as primeiras descrições de uma prática musical alheia às aldeias e ao processo de conversão dos índios. Uma das referências mais antigas à música fora dos estabelecimentos jesuíticos é o relato do viajante francês François Pyrard, que durante sua estada na Bahia, em 1610, menciona o senhor de engenho Balthazar de Aragão que contratava os serviços de um francês, cuja função era a de “ensinar música a vinte ou trinta escravos, que todos juntos formavam uma consonância de vozes e instrumentos, que tangiam sem cessar” (apud CASTAGNA, 1991, vol. 2, p. 317). Na sua **Crônica**, o Padre Bettendorf menciona também instrumentistas domésticos e externos à Companhia. Quando o padre encontrava-se na aldeia de Inhuaba, no Pará, cantava “missas solenes, ajudado pelos domésticos de Diogo Pereira, que eram os meus músicos, e acompanhavam canto com suas rabecas e violas, que tocavam com muita destreza” (Cro.JoBett, 1698, p. 593). Ainda segundo a **Crônica** do Padre

Bettendorf, “logo que o Padre Superior, Pero Luiz, entrou no Colégio do Maranhão comigo [em 1681 ou 1682], achamos o estrangeiro Pascoal Pereira, nosso amigo antigo, com seus chameleiros para nos dar as boas vindas” (p. 347).

Em 1601, quando voltavam de Roma ao Brasil, o Padre Fernão Cardim e alguns companheiros foram capturados e aprisionados por corsários ingleses. O Padre Cardim foi liberado em 1603, mas em uma carta de 1602 ele descreve vários objetos que ficaram em poder dos ingleses, entre eles alguns instrumentos musicos.¹ Essa é a única referência à origem de instrumentos utilizados nos estabelecimentos jesuíticos do Brasil colonial.

4.3 O séc. XVIII

Diferentemente do que ocorre nos documentos dos séculos XVI e XVII, as referências a instrumentos no séc. XVIII são mais escassas. Além de relatos sobre períodos anteriores, a única referência específica a um instrumento foi encontrada na **Ânua da Província do Brasil de 1741**, que menciona *tibicines* em uma cerimônia no Colégio do Rio de Janeiro (An.JoNog, 1742, f. 399v). Os outros relatos, além de raros, mencionam instrumentos em geral: a **Ânua do Brasil de 1727**, do Padre Marcus de Távora, contém uma rara referência a instrumentos de cordas (*chordarum instrumenta*), que acompanhavam as ladainhas cantadas aos sábados na igreja no Colégio de São Paulo (An.MaTav, 1727, f. 287v); a **Ânua da Província do Brasil de 1736**, do Padre Cornélio Pacheco, descreve uma cerimônia fúnebre no Colégio do Rio de Janeiro com salmodias fúnebres acompanhadas de instrumentos (*organice*), oficiada por carmelitas (An.CoPac.1, 1737, f. 371); a cerimônia na elevação da

¹ Carta do Padre Fernão Cardim a Sir Robert Cecil, da prisão de Gatehouse, em Londres, de 4 de fevereiro de 1602. Segundo Leite (1938-1949, vol. 7, pp. 6-7 e vol. 8, pp. 135-136), foi publicada em **Historical Manuscripts Commission Reports**, e citada em FLOOD, W. H. Grattan. Portuguese Jesuits in England in penal times. In: **The Month**, Londres, 1924, n. 143, pp. 157-159. O documento não foi consultado para este trabalho.

residência de Paranaguá a colégio, em 1755, foi realizada com um *Te Deum* acompanhado por instrumentos músicos, segundo a **Ânua da Província do Brasil de 1755**, do Padre Simão Álvares (An.SiAlv, 1755, f. 496). Outros poucos documentos mencionam *musicus concentus*, o que possivelmente também é uma referência ao uso de instrumentos, como já foi mencionado.

Um documento elucidativo é a **Anacefaleose ou narração da solenidade pela beatificação do Padre João Francisco Régis, da Companhia de Jesus**, do Frei Bartolomeu do Pilar, datado de 31 de outubro de 1717, que descreve as cerimônias pela beatificação do Padre João Francisco Régis, da Companhia de Jesus, realizadas nos principais colégios jesuíticos. O autor, Frei Bartolomeu do Pilar, era carmelita; mais tarde seria o primeiro bispo do Pará e um grande impulsionador da música, levando consigo para Belém “nove capelães músicos, sendo um deles mestre-de-capela; oito moços de coro, também instruídos em música; um organista; um chantre e um subchantre. Diz-se que era muito amigo da música, cantor” (SALLES, 2001, p. 3). O texto menciona vários instrumentos, como *tubae*, *cytharae*, *fistulae*, *tibiae* e *fides*. A **Ânua de 1717**, do Padre Manoel Ribeiro, descreve as mesmas cerimônias, mas menciona somente o coro de cantores e “*concentus* de vozes” no Colégio de Olinda e “*concentus musicus*” no Colégio do Recife (An.MaRib, 1718, f. 177). Comparando-se esses dois textos percebe-se que a ausência de referências a instrumentos nos documentos jesuíticos não significa que estes deixaram de ser usados, mas sim que não eram mais algo a ser mencionado nos relatos, provavelmente porque seu uso era um fato comum no âmbito não-jesuítico e não mais extraordinário como nos séculos anteriores.

4.4 Os inventários nos autos de seqüestro dos bens jesuíticos

Apesar da escassez de referências a instrumentos nos relatos do séc. XVIII, os inventários nos autos de seqüestro dos bens jesuíticos, realizados a partir de 1759, representam um conjunto documental relevante sobre os estabelecimentos dos jesuítas no momento da expulsão. A sua leitura é

extremamente elucidativa e mostra uma relação de instrumentos diversa da que é apresentada nas ânuas e cartas.

Com sua expulsão decretada em 1759, os jesuítas foram aprisionados e enviados a Portugal. Seus bens foram seqüestrados e posteriormente leiloados, doados a outras instituições ou simplesmente deterioraram-se à espera de que fosse dado a eles algum destino; nesse processo de seqüestro foram elaborados documentos dos quais constavam inventários minuciosos dos bens encontrados nos estabelecimentos jesuíticos.

A pesquisa nos inventários encontra, porém, alguns problemas. Vários desses documentos foram perdidos e os que ainda restam (inteiros ou não, originais ou cópias) estão espalhados por vários acervos, brasileiros e europeus. Outro aspecto que dificulta sua pesquisa é a variedade dos documentos (apesar de todos seguirem praticamente o mesmo modelo), pois se encontram inventários datados desde 1759 até 1780; além disso, existem inventários de um mesmo local mas de datas diferentes, cujo conteúdo não coincide exatamente. Percebe-se ainda por outros documentos a existência de instrumentos que não foram mencionados nos inventários. Deve-se adicionalmente levar em conta que os realizadores dos inventários não teriam necessariamente algum conhecimento de música, razão pela qual os termos utilizados para a descrição dos instrumentos não devem ser entendidos de forma inequívoca.

Apesar disso, a leitura dos inventários pode trazer informações relevantes. De um total de 40 inventários encontrados, 10 apresentavam referências a instrumentos, inventários que se encontram transcritos a seguir, assim como alguns outros documentos, como cartas e catálogos, que oferecem informações complementares sobre instrumentos existentes no momento da expulsão. Os termos pelos quais os instrumentos são denominados serão discutidos no final deste capítulo.

4.4.1 Inventários dos bens de colégios e seminários

4.4.1.1 Casa da Vila da Vigia, no Pará

A Casa da Vila da Vigia (atualmente município de Vigia), próxima a Belém do Pará, foi fundada na terceira década do séc. XVIII com o objetivo de transformar-se em um colégio; antes disso, porém, sobreveio a expulsão dos jesuítas. A biblioteca da casa contava com mais de 1000 volumes. A antiga igreja ainda existe e é um dos bens imóveis tombados pelo IPHAN (LEITE, 1938-1949, vol. 3, pp. 280-282). O inventário da igreja, no ARSI, menciona “um órgão pequeno de canas” (Inv.Vigia, [1760], f. 15v).

4.4.1.2 Igreja do Colégio do Maranhão

O inventário da igreja do Colégio do Maranhão encontra-se também no ARSI. O único instrumento mencionado nesse inventário é um órgão (Inv.ColMar, [1760], f. 26v), sem maiores descrições ou detalhes. No mesmo códice encontra-se, porém, uma carta do Reitor do Colégio, Padre Bernardo de Aguiar, escrita posteriormente à expulsão dos jesuítas, da qual consta que

na mão de Carlos José, organista do Colégio, ficou o cravo do dito Colégio, a quem depois de estarmos presos fiz um escrito, em que dizia que lho tinha dado; mas foi só para que os Ministros Régios não lho tirassem, porque na verdade eu lho não dei. (Car.BerAg, [1767], f. 25)

Em outros documentos não se encontrou qualquer referência a um cravo no Colégio.

4.4.1.3 Igreja do Colégio da Bahia

O inventário da igreja do Colégio da Bahia, de 5 de março de 1760, encontra-se no Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa, e menciona “um

órgão velho e destemperado, que não toca por se achar com os foles rotos e algumas peças dele quebradas” (Inv.ColBah, 1760, ff. 37-37v).

Segundo a **Ânua da Província do Brasil de 1732**, do Padre Inácio de Souza, foi comprado para a igreja do Colégio um “órgão músico, notável pelo dourado, por suas pinturas e pela harmonia de vozes igualmente agradável aos ouvidos; obra da qual tínhamos grande necessidade” (An.IgSouz, [1733], f. 341v). Presumindo-se que esse seja o mesmo órgão referido no inventário e considerando as dificuldades na época para a obtenção de instrumentos, chama a atenção o fato de que em poucas décadas esse órgão tenha se deteriorado a ponto de estar inutilizado.

4.4.1.4 Igreja do Seminário de Belém da Cachoeira

O inventário da igreja do Seminário de Belém da Cachoeira encontra-se no Arquivo Histórico Ultramarino e menciona “um órgão muito velho e um banquinho em que se assenta o organista, avaliado em 19.200 réis” e ainda “um cravo velho e sem cordas, avaliado em 6.400 réis” (Inv.SemBel, 1760, f. 20v). A **Ânua da Província do Brasil de 1732**, do Padre Laurêncio de Almeida, registra a aquisição para o Seminário de Belém de um órgão “que executa ofícios divinos com grande solenidade” (An.LaAlm, 1733, f. 356v). Da mesma forma que no Colégio da Bahia, também aqui o órgão encontrava-se em desuso algumas décadas após sua compra.

Deve-se observar que o Seminário de Belém é praticamente o único estabelecimento jesuítico da América Portuguesa sobre o qual se encontram repetidas referências ao ensino de música. Segundo o documento **Ordens para o Seminário de Belém**, do final do séc. XVII, os alunos

nos Dias Santos e suetos à tarde, depois de estudarem uma hora, terão o mais tempo de recreação e poderão [...] procurar de aproveitar o tempo, [...] provando os tonilhos e aprendendo a tocar os instrumentos, conforme a ordem que tiver dado o Padre Reitor. (Ord.SemBel, [1696], p. 188)

Nenhum documento especifica, porém, quais eram os instrumentos utilizados pelos alunos.

4.4.1.5 Igreja do Colégio de São Paulo

No códice 481 do Arquivo Nacional (no Rio de Janeiro) encontram-se vários documentos sobre o seqüestro de bens nos estabelecimentos jesuíticos de São Paulo. Um auto de praça lançando os bens dos jesuítas do Colégio de São Paulo, de 21 de novembro de 1774, refere-se a “um órgão pequeno de três [registros] com seus pertences pelo preço de 55 mil réis” (Aut.ColSP, 1774, f. 186). Da avaliação dos bens do Colégio, realizada em 22 de abril de 1775, consta “um órgão pequeno de três [registros] com todos os seus canudos de estanho, em bom uso”, avaliado pelo organista da Sé, Inácio Xavier Coelho, em 55.000 réis (Inv.ColSP, 1775, f. 168v). O Catálogo trienal da Província do Brasil de 1725 relata a compra para o Colégio de São Paulo de “um órgão de bom tamanho, que nas festas acompanha maravilhosamente o canto dos músicos” (Cat.ManDias, 1725, f. 157).

Além dos documentos mencionados acima, do códice do Arquivo Nacional consta uma avaliação de bens seqüestrados aos jesuítas e reunidos no Colégio de São Paulo, realizada entre 6 de junho e 16 de julho de 1771, que menciona “uma armação de órgão principiada em madeira de cedro”, avaliada em 12.800 réis (Av.ColSP, 1771, f. 92). Esse parece ser um outro instrumento, ausente dos inventários, mas não foi encontrada qualquer informação sobre a sua origem ou destino.

4.4.1.6 Colégio do Recife

Não foi encontrado o inventário dos bens dos estabelecimentos de Pernambuco; há indícios, contudo, de que existia um órgão no Colégio do Recife: o Arquivo Histórico da Torre do Tombo possui vários códices com a receita dos bens confiscados aos jesuítas no Recife e o livro de 1774 descreve

a arrematação de “um órgão pertencente ao Colégio” por 20.000 réis (Rec.BensRec, 1774, f. 11), em meio a uma série de documentos sobre arrematações de bens imóveis.

4.4.2 Inventários de fazendas e aldeias

4.4.2.1 Aldeia das Guaraíras, no Rio Grande do Norte

A aldeia das Guaraíras surgiu do movimento iniciado em 1678 para que os jesuítas de Olinda retomassem suas missões na Capitania do Rio Grande do Norte após a expulsão dos holandeses. Em 1758 havia na aldeia cerca de 800 índios (LEITE, 1938-1949, vol. 5, p. 528). Em 1760 o aldeamento passou à categoria de vila, com o nome de Vila Nova de Arez e atualmente é o município de Arêz. A Igreja de São João Batista, construída em 1679, ainda mantém suas características originais, apesar das restaurações (fig. 7).

O original do inventário da aldeia das Guaraíras, de 7 de junho de 1760, encontra-se no Arquivo Histórico Ultramarino, sendo parte de um extenso códice com os inventários de todos os estabelecimentos jesuíticos do Ceará e do Rio Grande do Norte. O inventário menciona “umas charamelas desta igreja”, encontradas em posse do capitão-mor dos índios, Balthasar da Silva (Inv.AldGuar, 1760, f. 394). O capitão-mor era o administrador temporal da aldeia, cargo que, de acordo com a Lei de 1611, deveria ser desempenhado por um dos moradores (PERRONE-MOISÉS, 1998).

O uso de charamelas nos cultos é mencionado com frequência nos textos desde o séc. XVI; porém, o que chama a atenção nesse documento é o fato de as charamelas não estarem na igreja, mas nas mãos do capitão-mor.



Figura 7 – Igreja da Aldeia das Guaraíras, atualmente no município de Arêz

Fonte: Disponível em <<http://www.icone.inf.br/ares/historia.htm>>.
Acesso em 10.10.2003.

4.4.2.2 Aldeia de São Pedro do Cabo Frio, no Rio de Janeiro

A Aldeia de São Pedro do Cabo Frio foi fundada em 1617, com índios vindos da Aldeia de Reritiba, no Espírito Santo; o objetivo era ocupar a região e evitar a incursão de franceses, holandeses e ingleses (LEITE, 1938-1949, vol. 6, pp. 119-120). A fundação da Aldeia, realizada com cânticos alternados dos índios, é descrita na **Carta triênia do Brasil de 1617 a 1619**, do Padre

Simão Pinheiro (Tri.SiPinh, 1620, f. 239). Atualmente é o município de São Pedro da Aldeia e a antiga igreja dos jesuítas foi tombada pelo IPHAN (fig. 8).



Figura 8 – Igreja da Aldeia de São Pedro do Cabo Frio

Fonte: LEITE, 1938-1949, vol. 6, p. 226.

Encontrado no Arquivo Histórico Ultramarino, o inventário da Aldeia de São Pedro do Cabo Frio foi realizado em 5 de julho de 1759. O item “miscelâneo do mais que pertence à igreja” menciona os seguintes instrumentos:

Um órgão com seu banco e outro para o organista;
uma estante com seu pé para as funções do coro e ofício de defuntos;
dois bancos grandes, que servem no coro;
uma harpa com sua caixa;
um terno de charamelas com sua sacabuxa;
duas flautas;
duas rabecas;
um baixão. (Inv.AldSPed, 1759, pp. 6-7)

O uso de instrumentos na Aldeia de São Pedro do Cabo Frio é mencionado já em documentos mais antigos. Uma carta do Padre Provincial Diogo de Machado, de 1689, descreve cerimônias realizadas na aldeia, com música e instrumentos:

Celebram-se no decurso do ano as festas e na Quaresma os Ofícios Divinos com música de canto de órgão com seus instrumentos competentes, tudo executado pelos mesmos índios com notável asseio e devoção, com que se edifica o povo circunvizinho que a eles concorre. (Car.DioMach, 1689, f. 270)

A referência a uma sacabuxa nesse inventário é intrigante. Dos documentos utilizados para este trabalho, o único a mencioná-la, além desse, é uma carta do Padre Provincial Henrique Gomes ao Padre Geral, da Bahia, de 16 de junho de 1614, quando descreve a festa do Espírito Santo, na Aldeia do mesmo nome (Car.HeGom, 1614, p. 19).

4.4.2.3 Aldeia de Reritiba, no Espírito Santo

A Aldeia de Reritiba é um dos estabelecimentos jesuíticos mais antigos do Espírito Santo; hoje leva o nome de Anchieta, por ter sido o local onde o Padre José de Anchieta faleceu, em 1597. Não se pode precisar a data de sua fundação, mas sabe-se que ocorreu antes de 1581 (LEITE, 1938-1949, vol. 1, p. 248). Nos sécs. XVII e XVIII houve intenso movimento catequético na Aldeia de Reritiba e em outras nas redondezas, dependentes dela, estando presentes em geral 4 ou 5 padres para assegurar esse movimento (idem, vol.

6, pp. 145-146). Uma **Relação da Província do Brasil**, do início do séc. XVII, atribuída ao Padre Jácomo Monteiro, descreve a recepção dos padres em Reritiba por índios “mui bons dançantes e tangedores de flautas, violas” (Rel.JaMont, [1610], p. 400). A antiga igreja dos jesuítas ainda existe (fig. 9).

O inventário da aldeia, realizado em 5 de julho de 1759, encontra-se também no Arquivo Histórico Ultramarino. O item “instrumentos e mais móveis da igreja” menciona “um órgão pequeno, um cravo sem cordas e um baixão” (Inv.AldRer, 1759, p. 10).



Figura 9 – Igreja da Aldeia de Reritiba, atualmente no município de Anchieta

Fonte: Disponível em <<http://www.flogao.com.br/municipioscapixabas>>.
Acesso em 09.10.2005

4.4.2.4 Aldeia do Embu, em São Paulo

Geralmente denominada nos documentos jesuíticos como M'boi ou M'boy, a aldeia de Embu iniciou-se em 1624 com uma doação aos Padres da Companhia. A residência começou a ser construída em 1730 e a Capela de Nsa. Sra. do Rosário foi edificada no séc. XVIII, em data indeterminada. Em 1757 a aldeia possuía 261 índios, que se dedicavam à cultura da mandioca, trigo, algodão e legumes e à produção de tecidos (LEITE, 1938-1949, vol. 6, livro 4, cap. 1). A capela e a residência foram restauradas pela SPHAN em 1939 e 1940; atualmente abrigam um museu de arte sacra dos jesuítas (fig. 10).



Figura 10 – Capela de Nsa. Sra. do Rosário, na Aldeia do Embu

Fonte: foto do autor.

O Arquivo Público do Estado de São Paulo possui uma cópia do inventário da capela, realizado em 02 de dezembro de 1759, no qual são mencionados os seguintes itens:

Um órgão pequeno;
um manicórdio,
um baixão,
duas harpas,
uma caixa com vários papéis de solfa;
duas rabecas novas com sacos de baeta vermelha e suas caixas;
uma rabeca com seu saco de linhagem;
um rabecão novo com sua caixa;
[...];
três bancos no coro; dois de espaldar e um pequeno do órgão;
uma caixa, em que estão nove saíotes e outros enfeites das
danças dos carijós. (Inv.AldEmb, 1759, f. 8)

Dos inventários encontrados até agora, esse é o único que menciona papéis de solfa, que mesmo em outros documentos são mencionados muito raramente. A referência aos saíotes de dança dos carijós mostra a relação dos instrumentos com a atuação junto aos índios.

4.4.2.5 Fazenda de Santa Cruz, no Rio de Janeiro

Vinculada ao Colégio do Rio de Janeiro, a Fazenda de Santa Cruz surgiu já no séc. XVI com a função de abastecer o Colégio; alcançou sua grandiosidade no séc. XVIII com a sucessiva compra de terras vizinhas e ficou conhecida pela sua abastança e uberdade, que continuou mesmo após a expulsão dos jesuítas, quando chegou a ser transformada em residência de férias do Imperador D. Pedro I. Segundo Leite (1938-1949, vol. 6, livro 1, cap. 3), era uma povoação perfeita e modelar para a época, com igreja, residência, hospedaria, escola de rudimentos para os meninos e de catequese, hospital, cadeia e diversas oficinas, como ferraria, tecelagem, carpintaria, olaria, casa de cal, casa de farinha, descasca de arroz, casa de curtumes, engenhoca de aguardente, engenho de açúcar, estaleiro e roças de mandioca, feijão e algodão; os trabalhadores ocupavam centenas de habitações e só no núcleo

central havia 232 senzalas. A igreja ainda existia no início do séc. XIX (fig. 11), mas não foi preservada.



Figura 11 – Igreja da Fazenda de Santa Cruz
(gravura de Thomas Ender, de 1817)

Fonte: WAGNER; BANDEIRA, 2000, p. 780.

O inventário da Fazenda, de 6 de maio de 1768, encontra-se publicado na revista **Arquivo do Distrito Federal**. Dele constam os seguintes instrumentos pertencentes à igreja:

Três rabecas, uma quebrada;
um rabecão velho;
um cravo;
um manicórdio;
duas flautas doces;
uma viola quebrada;
oito charamelas, que constam dos seguintes instrumentos:
um baixo de metal amarelo;
um tenor de pau vermelho e pé de metal amarelo;
um contralto da mesma forma;
um tiple de pau amarelo;
uma requinta de pau amarelo;
dois tiples de pau vermelho com cintos de metal;
dois oboés de pau amarelo;
um oboé de pau pintado. (Inv.FazSCruz, 1768, p. 77)

Aqui percebe-se a inexatidão dos inventários: são mencionadas 8 charamelas, mas somente 7 encontram-se descritas. A charamela descrita como “um baixo de metal amarelo” é provavelmente um instrumento de metal, a exemplo da sacabuxa mencionada no inventário da Aldeia de São Pedro. O termo “requinta” no inventário é uma incógnita, pois além de não ser comum nos textos do período, o verbete não foi encontrado na literatura da época.

4.4.3 Inventários sem referências a instrumentos

No mesmo códice do inventário do Colégio do Maranhão encontra-se o inventário do Colégio do Pará, do qual não constam instrumentos. No Instituto de Estudos Brasileiros, na coleção Alberto Lamago, existe um inventário do mesmo colégio realizado pelos próprios jesuítas, em 1720, anteriormente ao processo de seqüestro de bens e, apesar do grande detalhamento, também nada há acerca de instrumentos; tampouco há referências a eles em outros documentos sobre Colégio, como ânuas ou catálogos. Não foram encontrados os inventários dos outros colégios.

Estão listados a seguir os inventários encontrados que não mencionam instrumentos. Entre parênteses está indicado o acervo que contém o documento ou a referência à sua publicação.

Maranhão e Grão-Pará

Colégio do Pará, 1760 (ARSI); ca. 1720. (IEB)

Casas

Tapuytaperá, 1760 (ARSI)

Madre de Deus, 1760 (ARSI)

Aldeias

Javary, 1760 (ARSI)

S. João (IEB)

Byrajubá, 1760 (ARSI)

Gibiré, 1760 (ARSI)

Marajó 1760 (ARSI)

Seminários

do Pará, 1760 (ARSI)

do Maranhão, 1760 (ARSI)

das Aldeias Altas, 1760 (ARSI)

Ceará

Aldeias

Porangaba, 23 out 1759 (AHU)

Paupina, 23 fev 1760 (AHU)

Caucaia, 03 out 1759 (AHU)

Payacus, 18 jan 1760 (AHU)

Ibiapaba, 07 jun 1759 (AHU)

Rio Grande do Norte

Aldeia do Guajaru, 24 de maio 1760 (AHU)

Sergipe

Engenhos

Conde, 27 de agosto de 1759 (AHU)

Pitinga, 27 de agosto de 1759 (AHU)

Bahia

Noviciado da Anunciada da Giquitaia, 26 de dezembro de 1760 (AHU)

Ilhéus

Casa na Villa de S. Jorge, 15 de outubro de 1760 (AHU)

Rio de Janeiro

Residências

Engenho Novo, 14 de outubro de 1775 (Archivo do Districto Federal, vol. 3)

S. Cristóvão, 09 de novembro de 1759 (Archivo do Districto Federal, vol. 2)

São Vicente e São Paulo

Aldeias

Itapecerica, 1780 (Arquivo Público do Estado de São Paulo)

1780 (Arquivo Nacional)

Carapicuíba, 1780 (Arquivo Público do Estado de São Paulo)

Fazendas

Sant'Anna, 1780 (Arquivo Nacional)

Araçariguama, 1780 (Arquivo Nacional)

13 de fevereiro de 1815 (Arquivo Nacional)

26 de agosto de 1800 (Docs. avulsos para a hist. de SP)

Botucatu, 1780 (Arquivo Nacional)

Paranaguá e Santa Catarina

Residência na Ilha de Santa Catarina, 5 de Julho de 1759 (AHU)

Rio Grande e Rio da Prata

Residência da Colônia de Sacramento, 5 de Julho de 1759 (AHU)

4.5 Os termos referentes a instrumentos musicais nos documentos jesuíticos

A seguir serão apresentados os termos referentes a instrumentos encontrados nos textos jesuíticos. Para os termos em latim serão propostas traduções, com base tanto em definições na literatura do período quanto em comparações entre traduções realizadas pelos próprios jesuítas.

4.5.1 Instrumentos de sopro

4.5.1.1 Flautas, *fistulae* e *tibiae*

As flautas são freqüentemente mencionadas nos textos do séc. XVI até o início do séc. XVII, sempre como “frautas”; foram os instrumentos mais utilizados no princípio da atuação dos jesuítas junto aos índios, não somente pela semelhança com seus instrumentos, mas também pela facilidade na sua construção e execução. Surgem em várias situações, tanto sacras, como missas, ofícios e procissões, quanto profanas, como recebimentos e festas; porém, o termo refere-se tanto a instrumentos dos portugueses como dos índios e a distinção nem sempre é clara. Os textos tampouco fazem distinção entre flautas transversais e doces; a única exceção são as duas flautas doces mencionadas no inventário da Fazenda de Santa Cruz (Inv.FazSCruz, 1768, p. 77).

Nos textos jesuíticos em latim, um termo não muito freqüente, mas claramente associado às flautas, é “*fistulae*”, que significa literalmente “cano” ou “tubo” (e também é utilizado para “canhão”). A tradução do termo por “flautas” é comum nos dicionários modernos e na bibliografia sobre música. Na **Ânua da Província do Brasil de 1573**, do Padre Quirício Caxa, o termo aparece associado a *auloedi* (flautistas).

O termo “*tibia*” na Roma antiga referia-se a um instrumento aerófono do tipo da flauta, mas já no séc. XVI designava tanto instrumentos de bisel, como flautas, quanto de palhetas, como as charamelas (ANDRÉS, 1995, p. 374). Nos dicionários modernos o termo é traduzido por “flautas”; Bluteau traduz a expressão “tanger charamelas” como “*tibiis canere*” (2002 [1721], vol. 2, p. 277). Nos textos jesuíticos do séc. XVI as menções às *tibiae* são freqüentes, tanto em relatos sobre aldeias quanto sobre colégios, assim como às flautas. Entretanto, a partir do início do séc. XVII a tradução desse termo torna-se menos clara; nesse período surgem as primeiras referências ao uso de charamelas e os textos descrevem *tibiae* utilizadas nas mesmas situações

em que eram utilizadas as flautas e charamelas, o que torna difícil uma tradução exata.

4.5.1.2 Charamelas, trombetas e *tubae*

Depois das flautas, os instrumentos mais freqüentemente mencionados a partir do séc. XVII são as charamelas. A referência mais antiga encontra-se na **Relação anual das coisas que fizeram os padres da Companhia de Jesus nos anos de 1602 e 1603** do Padre Fernão Guerreiro, de 1605, na qual se diz que são tocadas pelos meninos índios nas missas (GUERREIRO, 1605, f. 112v). As charamelas são comuns também em aldeias não-jesuíticas: segundo uma carta do Conde Miranda de Andrade de 1659, o índio Jorge Tagaibuna oferece seus serviços à coroa portuguesa e pede, para que possam celebrar o Sacrifício da Missa, “um sino e umas charamelas” (Car.MiAnd, 1659, p. 222), o que também é solicitado pelo tapuia Francisco Aragiba, segundo uma carta do Cabo Antônio Mendes, do mesmo ano (Pet.AntMen, 1659, p. 102). Seu uso é mencionado até o séc. XVIII: dos instrumentos descritos nos inventários dos autos de seqüestro dos bens jesuíticos, as charamelas estão entre os mais freqüentes.

Além de “*tibiae*”, no início do séc. XVII surge também o termo “*tubae*”, que também pode designar charamelas ou trombetas. A dupla possibilidade de tradução do termo pode ser percebida na relação manuscrita **História da Companhia de Jesus na Vice-Província do Maranhão do ano 1607 a 1700**, que reproduz em latim alguns documentos do período. O trecho da declaração de Alexandre de Moura que relata a atuação dos jesuítas junto aos índios no início da colonização do Maranhão “com canto de órgão e charamelas” (Cer.AIMou, 1620, p. 102) é traduzido na **História** como “*ad organi tubarumque sonitum decantando*” (His.ProvMar, 1770, p. 161). Um trecho da carta de Vieira a El Rey de 1660, originalmente em português, no qual Vieira relata a comemoração das pazes dos Nheengaíbas com os portugueses “ao som de trombetas, buzinas, tambores, & outros instrumentos”

(Car.AnVie.5, [1660], f. 137v), é traduzido no mesmo relato como "*alij tubas, alij buccinas inflabant, alij tympana, alij alia ad strepitum edendum apta pulsabant*" (His.ProvMar, 1770, p. 690). Observa-se no mesmo texto a tradução tanto de "charamelas" quanto de "trombetas" por "*tubae*".

Nos sécs. XVII e XVIII o termo "charamela" não era utilizado somente para instrumentos de madeira com palheta dupla, mas também para instrumentos de sopro de metal, como trombetas. Um exemplo é a coleção de Charamelas Reais exibida no Museu do Coche em Lisboa, constituída exclusivamente de sopros de metal. Essa dupla acepção do termo pode ser percebida no inventário dos bens da igreja da Fazenda de Santa Cruz, no Rio de Janeiro, que descreve "oito charamelas", sendo "um baixo de metal amarelo" e as demais "de pau" (Inv.FazSCruz, 1768, p. 77); o inventário da igreja da Aldeia de São Pedro do Cabo Frio, também menciona "um terno de charamelas, com sua sacabuxa" (Inv.AldSPed, 1759, p. 6).

O termo "*tubae*" não está associado somente a situações bélicas e militares ou grandes comemorações, como ocorre com trombetas, mas também a cerimônias sacras junto a flautas, como charamelas; talvez seja utilizado nesses contextos para diferenciar as charamelas das flautas. O relato do Frei Bartolomeu do Pilar menciona sinos, explosões e "*clangore tubarum*" na cidade da Bahia (Rel.BaPil, 1717, f. 141v), o que sugere uma referência a trombetas, mas também "*fistularum murmure, tubarum clangoribus*" no ofício de Vésperas no Colégio da Bahia (f. 146), situação para a qual nenhum dos textos em português menciona trombetas, mas sim charamelas.

4.5.1.3 Gaitas

Em alguns documentos encontram-se referências a gaitas; seu significado, porém, nem sempre é claro, pois o termo pode estar relacionado a instrumentos diferentes. A referência mais antiga é uma carta de 1552 ao Padre Pedro Doménech, na qual se pede que "fizesse prover de alguns instrumentos para que aqui possamos tanger [...] como são flautas, gaitas"

(Car.DiTup, 1552, p. 383); a carta solicita ainda “algum tamborileiro e gaiteiro” (p. 384). Segundo Bluteau, “gaiteiro” é “o que toca gaita de fole” (2002 [1721], vol. 4, p. 8); por essa definição, Castagna (1991, vol. 2, p. 43, notas 53 e 59) conclui que as gaitas mencionadas poderiam ser gaitas de fole. Segundo Oliveira (1966, p. 71), existem referências a gaitas de fole acompanhadas pelo tamboril em Portugal já no séc. XV; suas representações nos sécs. XVII e XVIII eram freqüentes, como a figura de presépio em barro do séc. XVIII mostrada na fig. 12, e eram encontrados nas aldeias até o início do séc. XX, como mostra a fig. 13. Pelo exposto acima, pode-se concluir que as gaitas solicitadas na carta de 1552 eram gaitas de fole; não existem, porém, referências concretas a seu uso no Brasil.

Bluteau (2002 [1721], vol. 4, p. 8) afirma ainda que o termo “gaita” é um sinônimo para “flauta”. Nas aldeias de Portugal, além da gaita de foles, o tamborileiro às vezes acompanhava uma flauta de bisel, ou pífaro (OLIVEIRA, 1966, p. 183), como mostrado na fig. 14. No relato **Tesouro descoberto no Amazonas**, o Padre João Daniel descreve em detalhes alguns instrumentos dos índios das aldeias da Amazônia; entre esses encontra-se uma gaita acompanhada do tamboril, semelhante às flautas das aldeias de Portugal; segundo o relato, os índios

têm para isso suas gaitas e tamboris; pois ainda que não têm ferro, lá têm habilidade de fabricarem as gaitas de algumas canas, ou cipós ocos, ou que facilmente largam o âmago; e os tamboris de paus ocos, ou se é necessário os ajustam com fogo. Uma das suas gaitas muito usada é uma como flauta, a que podemos chamar o pau que ronca, com três buracos, dois na parte superior e um na inferior; e ordinariamente o mesmo, que a toca, bate com a outra mão no tamboril. E não há dúvida que alguns o fazem com perfeição, e com suave e doce melodia, ajustando as pancadas do tamboril ao som da flauta, bailando juntamente compassados, de modo que podem competir com os mais destros galegos e finos gaiteiros. Nem é necessário que alguém os ajude; porque o mesmo com a mão esquerda e dedos, sustenta, toca e floreia na gaita; debaixo do braço pendurado o tamboril, e com a mão direita o vai batendo e tocando. (Rel.JoDan, 1776, t. 1, p. 205)



Figura 12 – Antônio Ferreira: gaiteiro e tamborileiro.
Figura de presépio de barro. Séc. XVIII.

Fonte: OLIVEIRA, 1966, fig. 209.



Figura 13 – Gaiteiro e tamborileiro.

Fonte: OLIVEIRA, 1996, fig. 48.



Figura 14 – Tambor e flauta.

Fonte: OLIVEIRA, 1996, fig. 53.

É curioso, entretanto, que o Padre João Daniel descreva a flauta e tamboril como instrumentos tipicamente indígenas e não como uma introdução portuguesa.

Ainda hoje, o termo “gaita” é utilizado popularmente no Norte e Nordeste para definir um instrumento semelhante. Vicente Salles afirma que a gaita “parece ter sido um dos primeiros instrumentos introduzidos na Amazônia. O nome indica uma espécie de flauta vertical, como a flauta doce, em geral feita de taboca” (1980, p. 39). Também segundo Salles, “no Nordeste ainda se mantém esta denominação indicativa da flauta vertical, usada principalmente nas zabumbas ou esquentas mulher do interior de Sergipe e Alagoas” (idem, nota de rodapé 19). No **Dicionário da Música Brasileira**, Mário de Andrade também define o termo como um instrumento rústico e semelhante ao píforo:

Pequena flauta rústica de embocadura livre, feita de bambu, folha de flandres ou ainda a partir dos ossos de animais silvestres. Sendo um instrumento característico de povos primitivos, a gaita é, entretanto, amplamente conhecida e de uso popular no Norte e Nordeste, assemelhando-se ao píforo ou flautim. (ANDRADE, 1989, p. 235)

Segundo a **Enciclopédia da Música Brasileira**, ainda hoje, no Nordeste, “gaita ou gaitinho corresponde ao pife e à flauta rudimentar e rústica” (MARCONDES, 1998, p. 312, col. 1); o seu sinônimo como “gaita” também é mostrado no verbete “pife” da mesma enciclopédia: “também chamado de píforo, pífono, pifre, gaita e gaitinho. Pequena flauta de bambu ou metal, reta ou transversal, sem chaves, geralmente com seis orifícios” (p. 626, col. 2). Na fig. 15 têm-se algumas dessas gaitas, de metal, utilizadas em Pernambuco.



Figura 15 – Gaitas (acima) e pifanos (abaixo) de metal, de Pernambuco e Alagoas

Fonte: OHTAKE, 1988, p. 89.

Por sua facilidade de construção e execução, as gaitas mencionadas nos relatos jesuíticos provavelmente são instrumentos de bisel e não gaitas de fole.

Além disso, observando-se outros textos, percebe-se que o termo também faz referência a alguns instrumentos dos índios, como as “gaitas de canas” utilizadas no ritual descrito no relato **Do princípio e origem dos**

índios do Brasil e de seus costumes e cerimônias, do Padre Fernão Cardim (Rel.FeCar.1, [1584], p. 97), e as “bozinas, gaitas e cascavéis, que são seus instrumentos músicos”, presentes no relato do Padre Luís Figueira, descrevendo os indígenas de Ibiapaba em sua **Relação da missão do Maranhão**, de 1608 (Rel.LuFig.2, 1608, p. 120). Na **Crônica** do Padre Bettendorf, índios Tapuias roubam um osso do cadáver do padre Bernardo Gomes para “fazer uma gaita” (Cro.JoBett, 1698, p. 431); ao descrever sua viagem ao Pacajá, o Padre Souto-Maior menciona “tambores, gaitas e varias danças” dos índios na festa de inauguração da igreja (Rel.JoMay, 1656, p. 168) e em seu relato, o Padre João Daniel afirma que “as flautas, que chamam toré, [...] ordinariamente são acompanhadas a duo, ou terno, sem tambor, e os gaiteiros as tocam abraçados uns com os outros” (Rel.JoDan, 1776, t. 1, p. 214).

Dessa forma, pode-se supor que as gaitas mencionadas nos textos jesuíticos eram flautas de construção mais rústica e que seu uso atual no Norte e Nordeste do Brasil tem origem provável na atuação dos jesuítas no período colonial.

4.5.1.4 Baixões, fagotes e doçainas

Outros instrumentos de sopro utilizados pelos jesuítas são os baixões, fagotes e doçainas, mencionados em alguns poucos textos do séc. XVII. O baixão é um instrumento semelhante ao fagote; segundo Fétis, é o que “os italianos chamam *Fagottone*, e que soa uma oitava mais baixo que o *Fagotte* ordinário” (1858 [1830], p. 14). O termo “baixão” surge com maior frequência: uma carta do Padre Henrique Gomes descreve uma festa do Espírito Santo na Aldeia do mesmo nome, na Bahia, em 1614, com “vésperas e missa a dois coros, também cantada, tudo com seu baixão, sacabuxa, flautas e charamelas” (Car.HeGom, 1614, p. 19) e o relato da viagem do Padre Frutuoso Correia ao Maranhão, em 1696, descreve uma missa cantada no navio pelos

religiosos das Mercês “com harpa, baixão e viola, para mitigar as saudades da música desse Reino” (Rel.FruCor, 1696, p. 387).

O fagote, segundo Bluteau, é um “instrumento músico de assopro. É de pau, e se dobra em duas partes” (2002 [1721], vol. 4, p. 14). A única referência a fagotes nos documentos utilizados no presente trabalho foi encontrada na **Crônica** do Padre Simão de Vasconcelos, mencionados juntamente com baixões. O texto, de 1663, descreve a atuação dos primeiros jesuítas nas aldeias do Brasil, na qual os índios seriam “destros em todos os instrumentos músicos, charamelas, flautas, trombetas, baixões, cornetas e fagotes: com eles beneficiam em canto de órgão Vésperas, Completas, Missas, Procissões, tão solenes como entre os Portugueses” (VASCONCELOS, 1663, p. 179). Esse trecho repete-se de forma idêntica na **Vida do venerável Padre José de Anchieta** (1672, p. 164).

Segundo Bluteau, a “doçainha” é um

instrumento músico de sopro. É uma casta de flauta, da qual (se me não me engano) faz o P. Kircher menção na I. parte de sua Musurgia, pág. 500. aonde diz *Et uno altero instrumento barytono, quod Dulcinum, sive fagottum vocabit* [é um outro instrumento barítono, que se chama *dulcinum*, ou fagote]. (BLUTEAU, 2002 [1721], vol. 3, p. 276)

A única referência a doçainas é encontrada no relato do Padre Fernão Guerreiro sobre a atuação dos jesuítas na Província do Brasil, na qual os índios “fazem suas procissões solenes, e seus filhos oficiam missas de canto de órgão e com doçainas” (GUERREIRO, 1605, f. 122v). Segundo Castagna (1991, vol. 2, p. 249), os termos “fagote” e “doçaina” são extremamente raros nos textos do período referentes ao Brasil e seriam uma modalidade de baixão, se é que não se trata de um mesmo e único instrumento.

Observa-se que não existem referências ao uso desses instrumentos em textos do séc. XVI, embora o Padre Vasconcelos os relacione a esse período. A fonte dessa informação não é conhecida, mas pode-se supor que o Padre Vasconcelos tenha feito uma descrição da atuação dos primeiros jesuítas

baseado no que ocorria em sua própria época; alguns parágrafos antes da citação aos fagotes, ele registra que o modo de ensinar nas antigas aldeias “ainda hoje persevera nas almas do Brasil (com pouca variedade em algumas delas)” (VASCONCELOS, 1663, p. 176).

Mesmo que não existam referências ao baixão nos relatos do séc. XVIII, seu uso ainda parecia freqüente nesse período, pois é mencionado nos inventários de três aldeias jesuíticas: da Aldeia de São Pedro do Cabo Frio, no Rio de Janeiro (Inv.AldSPed, 1759, p. 7), da Aldeia de Reritiba, no Espírito Santo (Inv.AldRer, 1759, p. 10) e da Aldeia do Embu, em São Paulo (Inv.AldEmb, 1759, f. 8).

O inventário da Fazenda de Santa Cruz menciona entre as charamelas “um tenor de pau vermelho e pé de metal amarelo” (Inv.FazSCruz, 1768, p. 77); essa descrição parece corresponder a de um baixão ou uma doçaina, instrumentos que, diferentemente da charamela, têm uma base ou “pé” de metal, como mostrado na fig. 16.²



Figura 16 – Doçaina do séc. XVIII

Fonte: Disponível em <<http://www.hansmons.com/dulcians/#sources>>. Acesso em 14.10.2005.

² Conclusão sugerida por Fernando Binder.

4.5.1.5 Oboés

Não se encontrou qualquer referência a oboés nos relatos. O único registro da sua presença em um estabelecimento jesuítico do período colonial é o **Inventário da Fazenda Santa Cruz**, do qual constam “dois oboés de pau amarelo e um outro de pau pintado” (Inv.FazSCruz, 1768, p. 77). A grafia original do documento é “bues”.

4.5.1.6 Sacabuxa

A sacabuxa é um ancestral do trombone e, segundo Bluteau, um “instrumento músico, pneumático, de metal, da feição de trombeta, exceto que é mais comprido, e se estende e se encolhe em si mesmo, de cima para baixo” (2002 [1712-1721], vol. 7, p. 417). Nos textos jesuíticos utilizados para este trabalho foram encontradas somente duas referências a sacabuxas. O inventário da Aldeia de São Pedro do Cabo Frio, no Rio de Janeiro, menciona um terno de charamelas com sua sacabuxa (Inv.AldSPed, 1759, pp. 6-7). O outro documento que a menciona é uma carta do Padre Provincial Henrique Gomes ao Padre Geral, da Bahia, de 16 de junho de 1614, que descreve a festa do Espírito Santo na Aldeia de mesmo nome, na Bahia:

A festa se fez com várias e bem ensaiadas danças de moços e meninos, com seus ditos em louvor do dia, duas pregações, uma em português, outra na língua brasil, vésperas e missa a dois coros, também cantada, tudo com seu baixão, sacabuxa, flautas e charamelas, que dentro na cidade não sei se se fizera melhor. (Car.HeGom, 1614, p. 19)

Segundo Castagna (1991, vol. 2, p. 266), essa carta é a única referência à sacabuxa encontrada na documentação sobre o Brasil dos séculos XVI e XVII e poderia ter sido uma informação forjada pelo Provincial. Levando em conta a imprecisão das denominações nos textos da época, outra possibilidade seria a de que esses documentos se refiram a um outro

instrumento de sopro de metal, como uma trombeta, da mesma forma que no Inventário da Fazenda de Santa Cruz se menciona “um baixo de metal amarelo” entre as charamelas (Inv.FazSCruz, 1768, p. 77).

4.5.1.7 Clarim, trombetas e cornetas

Segundo Binder e Castagna (2005), os termos “clarim” e “trombeta”, no final do séc. XVIII, eram sinônimos do instrumento atualmente conhecido como trompete natural. O **Diccionario Musical**, de Raphael Coelho Machado, define o clarim como um “instrumento da ordem dos sopros de metal, de som claro e agudo, timbre marcial”, e sinônimo de trombeta (1909, p. 31).

Desses termos, o mais freqüente nos textos jesuíticos é “trombeta”; presente nos estabelecimentos jesuíticos desde o início de sua atuação, a trombeta é mencionada até o final do séc. XVII. Uma carta de Nóbrega de 1549 descreve uma “procissão com grande música, a que respondiam as trombetas” (Car.MaNob.2, 1549, p. 129). Em seu relato de 1698, o Padre Bettendorf descreve sua visita às aldeias do Maranhão, acompanhando o Padre Superior, em ca. 1670:

[Os mosquitos] foram nos seguindo, tanto que não houve Padre nem ainda índio que pudesse fechar olho para dormir; o que vendo eu que levava em nossa companhia um índio, por nome Thomazio, trombeteiro, mandei-lhe que tocasse trombeta, virado para banda de um outeiro, para com a agradável correspondência do eco que ali havia, passarmos a noite com algum alívio, ou ao menos com menos moléstia pelo divertimento que causou. (Cro.JoBett, 1698, p. 260)

As trombetas são mencionadas pelo Padre Vasconcelos como instrumentos utilizados pelos jesuítas no início de sua atuação no Brasil, em sua **Crônica** (VASCONCELOS, 1663, p. 179) e na **Vida do Padre José de Anchieta** (1672, p. 164). O clarim aparece somente na **Crônica** do Padre Bettendorf, tocado na sua viagem de Lisboa ao Maranhão, no dia da festa de Santo Inácio, com disparos de artilharia (Cro.JoBett, 1698, p. 441).

Certos instrumentos dos índios também eram designados como “trombetas”, como as “trombetas ou mumbiz” dos índios Irurizes, descritas pelo Padre Bettendorf (Cro.JoBett, 1698, p. 356) e as trombetas dos Nheengaíbas, na atual Ilha de Marajó, relatadas na carta do Padre Antônio Vieira de 1660 (Car.AnVie.5, [1660], f. 134). Segundo Castagna (1991, vol. 1, p. 508, nota 363), no Brasil colonial existiam vários instrumentos de sopros indígenas que poderiam receber o nome de trombetas, aos quais Renato de Almeida dedicou uma grande seção de sua **História da Música Brasileira**.

Segundo Binder e Castagna (2005), um instrumento diverso das trombetas é a corneta, ou pistom, de tubo menor e predominantemente cônico. As únicas referências a cornetas são encontradas nos documentos do Padre Vasconcelos mencionados acima, juntamente com as trombetas, o que sugere que já no séc. XVII esses termos designavam instrumentos diversos.

4.5.1.8 Requinta

A requinta relacionada no inventário da Fazenda de Santa Cruz (Inv.FazSCruz, 1768, p. 77) é uma incógnita. O termo tornar-se-ia comum a partir do final do séc. XVIII, designando uma pequena clarineta, mas o instrumento não existia no Brasil no período em que o inventário foi realizado; além disso não é mencionado em outros textos do período ou na literatura da época.

O **Dicionário Musical** de Machado define “requintas” como “pequenas clarinetas cujo diapasão está na quarta acima das grandes, ou também as pequenas cornetas que servem nos campos de batalha” (1909, p. 191). A definição da requinta mencionada no inventário como uma pequena corneta é mais plausível que como uma clarineta; não foram encontrados, porém, documentos do séc. XVIII que comprovassem essa possibilidade.

Deve-se ainda levar em conta o fato de não ter sido encontrado o original do inventário da Fazenda de Santa Cruz. Sua única fonte é uma

publicação de 1895 e não se pode afirmar com certeza que a transcrição na publicação é fiel ao original.

4.5.1.9 Buzinas e búzios

Bluteau define “bosina, ou bozina, ou buzina” como uma “trombeta pastoril, ou ponta de boi, de que usam os pastores. [...] Antigamente eram de corno, e de marfim” (2002 [1721], vol. 2, p. 165). A definição de “buzina” como “corno” encontra-se na carta de Pero Vaz de Caminha, segundo a qual, logo após a primeira missa realizada no Brasil, levantaram-se muitos índios e “tangeram corno ou buzina” (apud CASTAGNA, 1991, vol. 2, p. 4). Os búzios eram grandes conchas, encontradas no litoral do Brasil desde o Nordeste até São Paulo, utilizadas como instrumentos de sopro.

As buzinas são mencionadas nos textos jesuíticos geralmente em referência a instrumentos dos índios. Segundo Castagna (1991, vol. 2, p. 234, nota 191), “buzinas” parecem denominações portuguesas para uma classe de instrumentos de sopro indígenas. Elas figuram no relato do Padre Luís Figueira como um dos instrumentos utilizados pelos índios no seu recebimento durante a primeira missão à Serra de Ibiapaba (Rel.LuFig.2, 1608, p. 120). O Padre Vieira também foi recebido pelos Nheengaíbas com buzinas, como narra em uma carta de 1660 (Car.AnVie.5, [1660], f. 136). A **Ânua do Maranhão de 1696**, do Padre Miguel Antunes, descreve um ritual de comemoração de guerra dos índios, com buzinas e um “coro de desentoadas vozes” (An.MiAnt, 1696, f. 427).

Referências a búzios foram encontradas apenas em uma carta do Padre Leonardo Nunes, de 1550, designando instrumentos indígenas: a carta descreve um ataque dos índios, que “tangiam nos búzios com que fazem alarde em suas guerras, que parecia mesmo o inferno” (Car.LeNun, 1550, p. 86).

Em uma carta de 1654, o Padre Vieira relata uma viagem dos padres pelos rios do Maranhão e Pará, durante a qual as buzinas eram utilizadas para

que as canoas se comunicassem umas com as outras (Car.AnVie.2, 1654, p. 364). Segundo Luís da Câmara Cascudo no **Dicionário do folclore brasileiro**,

os grandes búzios eram empregados no Brasil como buzinas, uso universal, sagrado e profano. As antigas barcas e botes de pescarias trocavam saudações na linguagem dos toques do búzio. O som agudo dos búzios chamava o vento, ouvido a distâncias grandes. (CASCUDO apud CASTAGNA, 1991, vol. 2, p. 538, nota 415)

Por essa definição, Castagna (1991, vol. 2, p. 426, nota 297) afirma que o Padre Vieira provavelmente estava se referindo ao búzio, que era normalmente utilizado em embarcações desde época anterior ao descobrimento.

4.5.2 Instrumentos de cordas

4.5.2.1 Violas

As referências a violas nos textos jesuítas sobre o Brasil são relativamente freqüentes. A **Informação da Província do Brasil de 1583**, do Padre Cristóvão de Gouveia (Inf.CrGouv, 1583, f. 334v) e a **Informação da missão do Padre Cristóvão Gouveia às partes do Brasil**, do Padre Fernão Cardim, de 1585 (Rel.FeCar.2, 1585, pp. 292 e 315), mencionam violas tocadas por meninos índios em aldeias da Bahia; o relato **Algumas coisas mais notáveis do Brasil** do Padre Francisco Soares, de 1590, descreve meninos índios tocando violas nas aldeias do Brasil (Inf.FrSoa, [1590], f. 1021v). No séc. XVII, a **Relação da Província do Brasil**, de ca. 1610, atribuída ao Padre Jácomo Monteiro, descreve o seu recebimento em uma Aldeia do Espírito Santo, pelos meninos “bem empenados e mui bons dançantes e tangedores de flautas, violas” (Rel.JaMont, [1610], p. 400).

Um dos textos jesuítas mais elucidativos é a **Crônica da Missão do Maranhão**, do Padre João Felipe Bettendorf, de 1698; o texto menciona

sua recepção no Caeté com violas tocadas por moradores (Cro.JoBett, 1698, p. 301); menciona também a mudança, entre 1690 e 1692, para o Colégio do Maranhão, do Padre Diogo da Costa, que “sabia tocar admiravelmente bem a viola” (p. 478) e a atuação do próprio Padre Bettendorf na Aldeia de Inhuaba, no Rio Tocantins, “ajudado pelos domésticos de Diogo Pereira, que eram os meus músicos, e acompanhavam canto com suas rabecas e violas, que tocavam com muita destreza” (p. 593).

Não há dúvidas de que as violas mencionadas nos relatos jesuíticos sejam as violas dedilhadas, e não as violas *da gamba* ou *da braccio*. A viola dedilhada era um instrumento extremamente comum em Portugal na época e, segundo Castagna,

as citações desse instrumento em Portugal e em suas colônias, durante os séculos XVI e XVII, são abundantes, sendo encontradas tanto na música profana quanto nas funções da igreja. A julgar pela documentação conhecida, pelo menos no séc. XVI, era o instrumento polifônico ou de harmonia mais difundido entre os povos ibéricos. No Brasil, pelo uso pouco freqüente do cravo, foi o principal instrumento acompanhador e de harmonia na música profana até o séc. XVIII. É provável que fosse utilizado também em igrejas que não possuíam órgãos. (CASTAGNA, 1991, vol. 2, p. 221, nota 173)

As violas são freqüentes nos relatos jesuíticos desde as últimas décadas do séc. XVI até o final do séc. XVII; chama a atenção, contudo, o fato de os inventários dos autos de seqüestro mencionarem apenas uma viola, encontrada na igreja da Fazenda de Santa Cruz (Inv.FazSCruz, 1768, p. 77).

4.5.2.2 Harpas

As referências a harpas são raras nos relatos jesuíticos; a mais antiga é encontrada em descrições da viagem do Padre Inácio de Azevedo ao Brasil, que mandava “cantar alguns músicos que levava, os Irmãos Magalhães, Álvaro Mendes e Francisco Peres Godoi, ao som de uma harpa, prosas devotas” (VASCONCELOS, 1663, p. 403; Fund.IgrConv, [1777] , f. 43V). Essa harpa,

porém, jamais chegou ao Brasil, pois o navio com o Padre Azevedo naufragou em 1570.

O único relato jesuítico que menciona de forma indubitável uma harpa tangida em terras brasileiras é a carta do Padre Manuel Gomes de 1621, que descreve a primeira missa realizada no Maranhão após a expulsão dos franceses. A missa, “que foi de choros, com charamelas, flautas, harpa e outros instrumentos necessários para a música” (Car.MaGom, 1621, p. 279), foi rezada pelo Padre Gomes, com aparatos cedidos pelos carmelitas; não fica claro se alguns dos instrumentos também haviam sido cedidos pelos carmelitas, pois o Padre Gomes menciona a ida ao Maranhão com “cantores que cantavam os ofícios divinos em canto d’órgão, com flautas, charamelas e outros instrumentos músicos” (p. 275), mas não se encontram outras referências a harpas no texto.

A harpa é mencionada ainda na **História da Companhia de Jesus na extinta Província do Maranhão e Pará**, do Padre José de Moraes, na descrição da redução de São Miguel, na Província do Peru, que “tem na sua igreja muitos instrumentos, como órgão, harpa, etc., que sabem tocar os mesmos índios” (Rel.JoMor, 1759, p. 364).

A discrepância entre o número de referências a violas e a harpas parece indicar um uso bem maior de violas nos estabelecimentos jesuíticos no Brasil, provavelmente pela influência da cultura portuguesa. Porém, a leitura dos inventários nos autos de seqüestro de bens jesuíticos sugere uma outra realidade: nos 10 documentos encontrados, são mencionadas três harpas, uma no inventário da igreja da Aldeia de São Pedro do Cabo Frio, no Rio de Janeiro (Inv.AldSPed, 1759, p. 7), e duas outras no Inventário da Capela da Aldeia do Embu, em São Paulo (Inv.AldEmb, 1759, f. 8), mas somente uma viola quebrada, no inventário da igreja da Fazenda de Santa Cruz, no Rio de Janeiro (Inv.FazSCruz, 1768, p. 77).

Por que nos inventários o número de harpas é bem maior, sendo que o instrumento mal é mencionado nas cartas e relatos? Um provável motivo

seria o uso do baixo-contínuo no séc. XVIII, para o qual as harpas seriam mais adequadas que as violas.

4.5.2.3 *Cytharae, lyrae e barbiti*

O termo "*cytharae*" figura em somente três dos documentos encontrados, sendo dois de autoria do Padre José de Anchieta e escritos em 1584: a **Ânua da Província do Brasil de 1583** e o relato **Sobre os colégios e residências da Companhia de Jesus no Brasil**, de 1584. O terceiro documento é a **Narração da solenidade pela beatificação do Padre João Francisco Régis, da Companhia de Jesus**, do Frei Bartolomeu do Pilar, já mencionado pelas características que o diferenciam dos documentos de autoria jesuítica, quais sejam, por ter sido escrito por um carmelita e pela grande quantidade de referências à música.

Na **Ânua de 1583** o instrumento, mencionado no plural, é descrito em uma cerimônia no Colégio da Bahia ao lado de outros instrumentos, após uma procissão no dia da Invenção da Cruz (3 de maio), na qual se celebrou "uma devota cerimônia, acompanhada de órgão, *tibijs*, *clauichordia* e *cytharis*, e canto dos salmos" (An.JoAnch.2, 1584, f. 118). No relato **Sobre os colégios** as *cytharae* também são mencionadas no plural, no Colégio da Bahia em 1583, onde "os estudantes das classes superiores reuniam-se na nossa igreja nas sextas-feiras da Quaresma e cantavam as Completas solenes acompanhados do órgão e de *cytharis*" (Rel.JoAnch, 1584, f. 4v). Na versão de Viotti desse documento em português ([ANCHIETA], 1984, pp. 336-353), o termo é traduzido por "alaúdes" mas, segundo Castagna (1991, vol. 2, p. 204), essa tradução é pouco adequada, pois não existiriam referências à presença de alaúdes no Brasil. Castagna apresenta a tradução para "violas" como sendo mais correta, já que entre os ibéricos o instrumento era mais utilizado que o alaúde. Bluteau também apresenta o termo "*cytharae*" como uma das traduções para "viola": "chamam-lhe comumente *Cithara*, posto que o

instrumento, a que os Latinos chamaram *Cithara*, poderia ser muito diverso do que chamamos *Viola*" (2002 [1721], vol. 8, p. 508).

A **Ânua da Província do Brasil de 1611**, sem indicação de autor, descreve uma procissão realizada em Pernambuco em ação de graças devido à chuva, na qual havia um carro triunfal em cujo topo iam representações da "fé, conversão das almas, zelo e amor divino", e embaixo iam os cantores, "*lyricines*" e "*tibicines*" (An.ProvBras.2, 1612, f. 118v). A tradução literal para "*lyricines*" seria "tangedores de lira". Em nenhum outro texto encontra-se qualquer referência a esse termo, usado aqui provavelmente pelo caráter mais ornamental que prático da presença dos instrumentos no carro triunfal.

Nos textos jesuíticos, o termo "*barbiti*" foi encontrado somente na **Ânua da Província do Brasil de 1578**, do Padre Ludovico Fonseca, que descreve uma cerimônia de recebimento de láureas pelos alunos do Colégio da Bahia, em 1578, com "discursos apropriados, recitação de epigramas e concerto de *tibiae* e *barbiti*" (An.LuFons.2, 1578, f. 302v). "*Barbiti*" (singular "*barbitos*", "*barbitus*" ou "*barbiton*") é o termo bíblico para "lira" ou "cítara"; é traduzido em Calonghi (1950) por "*arpa*" (harpa), em Vallauri e Durando (2000) por "*cetra*" (cítara) e em Torrinha ([1942]) por "lira, alaúde".

Os termos "*cytharae*", "*lyrae*" e "*barbiti*" provavelmente designam instrumentos dedilhados de uma forma geral; pode-se chegar a uma conclusão sobre seu significado observando-se as referências a esses instrumentos nos textos em português. Não são encontradas harpas ou alaúdes nos textos sobre o Brasil do final do séc. XVI, mas violas aparecem freqüentemente; além disso, levando-se em conta que os termos "*cytharae*", "*lyrae*" e "*barbiti*" são mencionados nos mesmos locais e na mesma época que as violas, supõe-se que se trate dos mesmos instrumentos.

4.5.2.4 Descantes

A acepção do termo "descante" não é sempre clara. Castagna (1991, vol. 2, pp. 221 e 576) apresenta uma extensa lista de definições, que pode ser

resumida a duas possibilidades: a de um canto acompanhado – definição apresentada, entre outros, por Bluteau (2002 [1712-1721], vol. 3, p. 103) - ou de uma pequena viola, como define Mário de Andrade no **Dicionário musical brasileiro** (1989, p. 193).

As únicas referências ao termo em documentos do séc. XVI são encontradas na **Informação da missão do Padre Cristóvão Gouveia às partes do Brasil**, do Padre Cardim, de 1585, geralmente como parte de uma lista de diversos instrumentos, o que evidencia sua definição como um deles. Nesse relato é descrita a recepção do Padre Visitador Cristóvão de Gouveia no Colégio da Bahia, com “boa música de vozes, cravo e descantes” (Rel.FeCar.2, 1585, p. 286). No mesmo documento, o Padre Cardim descreve ainda a procissão dos estudantes no dia 3 de maio na cidade da Bahia, com “boa música de vozes, flautas e órgãos. Em alguns passos estavam certos estudantes, com seus descantes e cravos, a que diziam salmos, e alguns motetes” (p. 325). Também na Bahia, o Padre Cardim descreve a festa das Onze Mil Virgens no Colégio no dia 17 de outubro, cuja missa foi oficiada com a capela “de alguns cantores da Sé, com órgãos, cravos e descantes” (pp. 336-337).

Um fato que corrobora a definição de “descantes” como instrumentos no texto do Padre Cardim é a menção em outro trecho ao fato de que os índios nas aldeias da Bahia tocam “flautas, violas e cravos e oficiam missas em canto de órgão” (Rel.FeCar.2, 1585, p. 315), o que guarda uma grande semelhança com a descrição da missa solene rezada pelo Padre Visitador na Aldeia do Espírito Santo, na Bahia, em 1584, “com diácono e subdiácono, oficiada em canto d’órgão pelos índios, com suas flautas, cravo e descante” (p. 303). Percebe-se que a diferença entre os textos, no que diz respeito aos instrumentos, é somente a substituição do termo “descante” por “violas”. Em outros textos não foram encontradas referências a violas no Colégio da Bahia que coincidissem com os relatos do Padre Cardim; no entanto, como já exposto anteriormente, existem referências a “*cytharae*” e “*barbiti*”, em 1583 e 1578, respectivamente, ambas no mesmo colégio.

Supondo-se que esses termos se refiram também a violas, esse seria mais um indício a corroborar a definição de “descantes” como instrumentos no relato do Padre Cardim.

No início do séc. XVII outros dois relatos mencionam descantes. Na carta do Padre Provincial Henrique Gomes ao Padre Geral, de 16 de junho de 1614, o termo também aparece como parte de uma lista de vários outros instrumentos. Nesse documento o Padre Gomes descreve as doutrinas aos domingos no Colégio da Bahia “com boas músicas, que sempre há, descantes, órgãos e às vezes flautas e charamelas” (Car.HeGom, 1614, p. 11). É notória a semelhança com as citações do Padre Cardim, o que nos leva a concluir que aqui o texto também se refira a instrumentos.

Por outro lado, o relato do Padre Mateus de Aguiar, que descreve a fundação de uma nova residência em Porto Seguro, em 1621, também menciona descantes:

E tanto que se acabou de fazer a Igreja e tudo o demais, aos 2 de Fevereiro, dia de Nossa Senhora das Candeias, depois de jantar, se deu princípio às obras novas, armando o primeiro taipal. E para o solenizar, se arvorou um formoso mastro com sua bandeira branca de vinte palmos em quadra, ao som de um tambor e de muitas arcabuzadas e mosquetadas, que com muita destreza disparavam os mancebos da terra, entressachando sua música e descante e repiques de sinos e um Te Deum Laudamus do Padre Vigário, com todos os músicos de sua capela. (Rel.MatAg, 1621, pp. 233-234)

Nesse trecho o sentido de “descante” obviamente não se refere a instrumentos, mas a cantos.

A única referência ao termo no séc. XVIII foi encontrada na **Vida do Apostólico Padre Antônio Vieira**, do Padre André de Barros, publicada em 1746. O texto, entretanto, não é de caráter descritivo, mas poético, e refere-se à introdução do canto do Terço do Rosário no Maranhão, descrito como um “angélico descante” (BARROS, 1746, p. 597).

4.5.2.5 Rabecas e rabecões

As referências a instrumentos de arco nos relatos jesuíticos são bastante raras, surgindo somente no final do séc. XVII. Rabecas (ou rebecas) são mencionadas apenas na **Crônica** do Padre Bettendorf, tocadas por externos à Companhia, os domésticos de Diogo Pereira, para que auxiliassem o Padre Bettendorf nos ofícios durante sua estada na Aldeia de Inhuaba, no Pará (Cro.JoBett, 1698, p. 593). Segundo Bluteau, a rabeca, ou rebeca, é um “pequeno instrumento músico de cordas. [...] Consta a rabeca de quatro cordas, e tange-se com arco. Os seus sons agudos são muito alegres e despertam o espírito. O seu concerto é de quinta em quinta” (2002 [1712-1721], vol. 7, p. 81).

Uma possível tradução de “rabecas” para o latim seria “*fides*”, que os dicionários modernos traduzem como “violino”. O termo “*fides*” surge somente em uma referência nos textos jesuíticos, sem interesse para este trabalho: a **História da Companhia de Jesus na Vice-Província do Maranhão do ano 1607 a 1700**, atribuída ao Padre Matias Rodrigues, ao relatar a passagem do Padre Vieira pela Ilha Graciosa, nos Açores, na sua volta ao Maranhão, menciona que “pássaros músicos, que se chamam canários, e em Portugal eram criados em gaiolas, rompiam os ares com seu formidável chilrear, como o de um canto de *fides*” (His.ProvMar, 1770, p. 469).

Mesmo nos inventários, a presença dos instrumentos de cordas é modesta. O inventário da Aldeia de São Pedro do Cabo Frio menciona duas rabecas (Inv.AldSPed, 1759, f. 5), o inventário da Aldeia do Embu menciona duas rabecas e um rabecão (Inv.AldEmb, 1759, f. 14) e o inventário da Fazenda de Santa Cruz menciona três rabecas e um rabecão (Inv.FazSCruz, 1768, p. 77), perfazendo 10 instrumentos de cordas (8 rabecas e 2 rabecões), de um total de quase 60 instrumentos encontrados nos inventários. A escassez de referências aos instrumentos de cordas mostra que, ao menos no âmbito jesuítico, ainda não era comum a utilização desses instrumentos, o que se tornaria extensivo no Brasil colonial do final do séc. XVIII.

Ainda no séc. XX tem-se notícia de rabecas utilizadas em aldeias indígenas. As figs. 17 e 18 mostram dois instrumentos do acervo do Museu do Ipiranga, em São Paulo; a rabeca mostrada na fig. 17 foi coletada entre os guarani no litoral sul de São Paulo, por Franz Adam, em 1909, e a rabeca krahô da fig. 18 foi coletada na bacia do Tocantins, em 1949, por Harald Schultz. Não é possível, porém, determinar se a construção desses instrumentos reflete a influência da atuação dos jesuítas no período colonial.

4.5.2.6 *Chordarum instrumenta*

A **Ânua do Brasil de 1727**, do Padre Marcus de Távora, faz uma alusão curiosa a instrumentos de cordas (*chordarum instrumenta*) ao descrever as atividades da Confraria de Nsa. Sra. no Colégio de São Paulo: “o culto dos alunos à Deípara e sua confraria são louvados por todos os outros colégios. Todos os sábados de manhã oficiam a liturgia em canto de órgão, e cantam docemente as ladainhas acompanhadas por instrumentos de cordas” (An.MaTav, 1727, f. 287v).

Não é possível discernir se o termo se refere a instrumentos de arco, ou a instrumentos de cordas em geral. Na literatura da época não foi encontrada uma definição específica, mas o **Vocabulário** de Bluteau define harpa, clavicórdio, rabeca e viola como “instrumentos de cordas”. Também não foram encontrados outros documentos sobre o Colégio de São Paulo do início do séc. XVIII que se referissem especificamente a instrumentos, e nos documentos referentes ao seqüestro dos bens do Colégio consta apenas um órgão. Como mencionado no item anterior, no âmbito jesuítico ainda não era comum o uso extensivo dos instrumentos de arco; sendo as violas extremamente comuns, pode-se supor que a ânua do Padre Marcus de Távora se refira a esses últimos instrumentos.



Figura 17 – Rabeca guarani
Fonte: OHTAKE, 1988, p. 42.

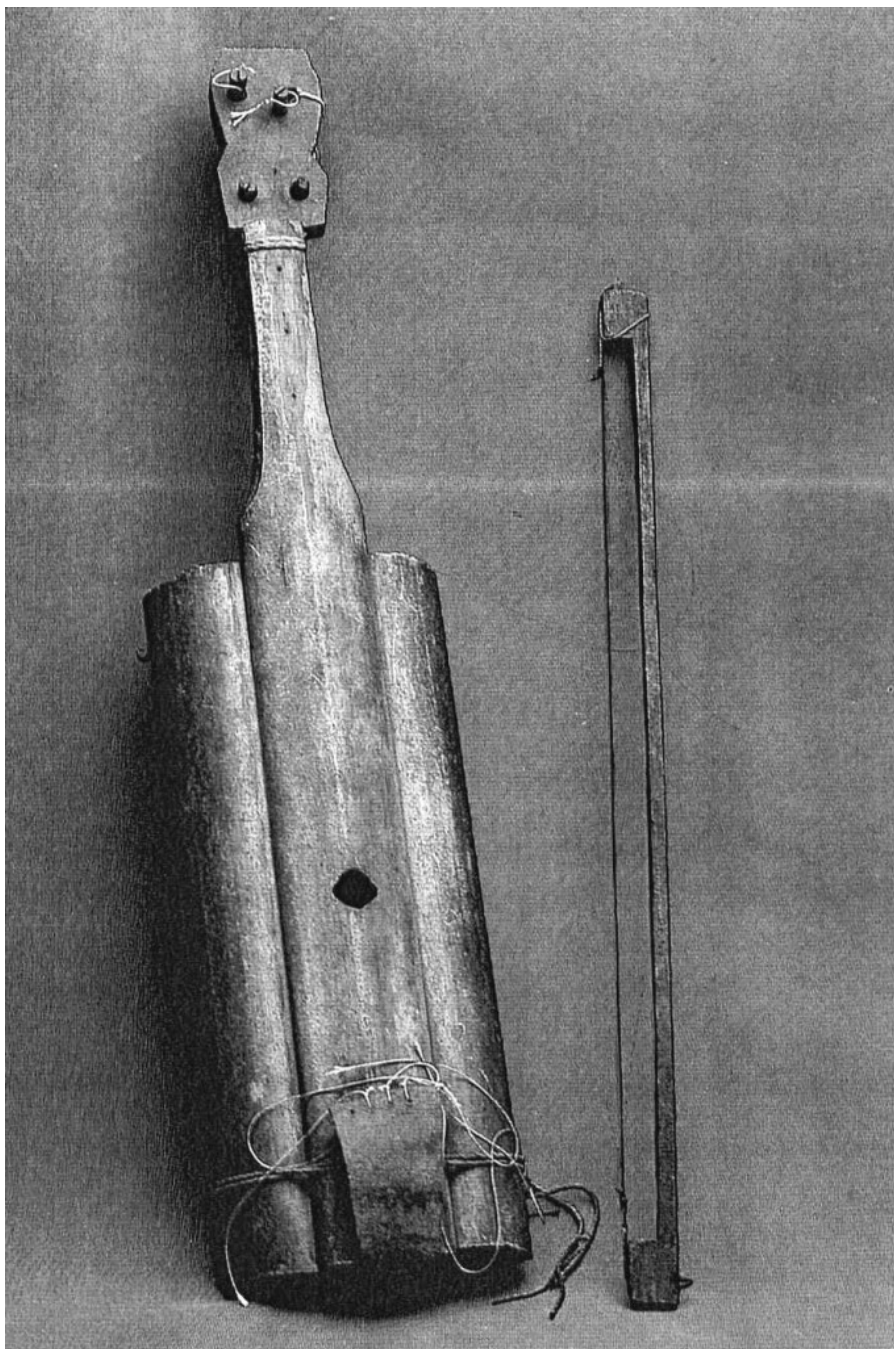


Figura 18 – Rabeca krahô
Fonte: OHTAKE, 1988, p. 43.

4.5.3 Instrumentos de teclado

4.5.3.1 Cravo

As referências ao uso do cravo nos estabelecimentos jesuíticos no Brasil distribuem-se de forma bastante irregular. Elas são abundantes no séc. XVI: a mais antiga é uma carta de 1565, na qual o Padre Antônio Blasques descreve ao Provincial a realização de Vésperas na cidade da Bahia, em 31 de dezembro, oficiadas pelos meninos índios com canto de órgão, cravo e flautas, ensinados pelo padre Antônio Rodrigues, e um cravo tocado após a procissão, no mesmo dia (Car.AnBlas.8, 1565, pp. 463-464). O Padre Fernão Cardim, em sua descrição da visita do Padre Cristóvão de Gouveia em 1583, menciona algumas vezes o cravo: em uma missa de canto de órgão oficiada pelos índios em 1583 na Aldeia do Espírito Santo, na Bahia (Rel.FeCar.2, 1585, p. 303); tocado por meninos índios nas três aldeias existentes na época na Bahia (do Espírito Santo, de Santo Antônio e de S. João) em 1584 (p. 315) e tocado no Colégio da Bahia, em 1583 (p. 286). O Padre Cardim descreve ainda a utilização do cravo no Colégio de Pernambuco, também tocado pelos estudantes, na missa do dia das Onze Mil Virgens, em 17 de outubro de 1584 (p. 336). Em um relato do final do séc. XVI, o Padre Francisco Soares menciona os catecúmenos que tocam cravos nas aldeias do Brasil (Inf.FrSoa, [1590], f. 1021v).

No séc. XVII as referências ao cravo são bem mais escassas; as duas únicas encontram-se na **Crônica** do Padre Bettendorf, e em ambos os casos o cravo é tocado por externos à Companhia: na Novena de São Francisco Xavier, na Igreja do Colégio do Maranhão, em ca. 1691, o cravo é tocado por Gregório de Andrade (Cro.JoBett, 1698, p. 521) e na Quaresma, no Colégio do Pará, em 1697, por padres mercedários (p. 632).

Referências a cravos foram encontradas nos inventários do Seminário de Belém da Cachoeira, na Bahia (Inv.SemBel, 1760, f. 20v), da Aldeia de Reritiba, no Espírito Santo (Inv.AldRer, 1759, p. 10) e da Fazenda de

Santa Cruz, no Rio de Janeiro (Inv.FazSCruz, 1768, p. 77). O inventário do Colégio do Maranhão não menciona um cravo, mas uma carta do Padre Bernardo de Aguiar, Reitor do Colégio no momento da expulsão, afirma que "na mão de Carlos José, organista do Colégio, ficou o cravo do dito Colégio" (Car.BerAg, [1767], f. 25).

Apesar da abundância de referências ao uso de cravos, não se tem qualquer informação sobre a origem desses instrumentos. Diferentemente do que ocorre com os órgãos, não se tem relatos sobre possíveis construtores de cravos que tivessem atuado junto aos jesuítas no Brasil colonial ou qualquer documentação sobre sua compra ou transporte. Presume-se que os instrumentos utilizados no séc. XVI fossem mais simples e de construção mais rústica, e que no séc. XVIII fossem mais elaborados, já que sua utilização fora do âmbito jesuítico era mais usual.

4.5.3.2 *Clavichordium*

A única referência ao termo "*clavichordium*" encontra-se na **Ânua da Província do Brasil de 1583**, do Padre Anchieta, ao descrever o uso do instrumento em uma cerimônia no dia da Invenção da Cruz (3 de maio) no Colégio da Bahia (An.JoAnch.2, 1584, f. 118). Não há dúvidas de que o termo se refira ao cravo e não ao clavicórdio. Como afirma Castagna (1991, vol. 2, p. 208) em nota sobre a ânua de Anchieta, o volume sonoro do clavicórdio é extremamente reduzido para que seja utilizado como acompanhador nessas circunstâncias; além disso, o clavicórdio não é mencionado nos relatos jesuítas encontrados (nem, ainda segundo Castagna, em qualquer texto em português até 1700), e chama ainda a atenção o fato de o uso do cravo ter sido mencionado por Cardim no mesmo local e data da ânua de Anchieta, ou seja, o Colégio da Bahia em 1583 (Rel.FeCar.2, 1585, p. 286).

Nos documentos em latim não se encontrou outro termo que pudesse ser traduzido como "cravo". Um termo que pode levar a conclusões errôneas é "*cymbalum*", que consta em alguns dicionários como "cravo";

pode-se, porém, perceber pelo contexto em que ele é utilizado que se trata na realidade de sinos, assim como o termo "*campanae*".

4.5.3.3 Manicórdio

Os inventários da Capela da Aldeia do Embu (Inv.AldEmb, 1759, f. 8) e da Fazenda de Santa Cruz mencionam um manicórdio, um dos termos utilizados para definir o clavicórdio. Segundo Bluteau

hoje o manicórdio tem quarenta e nove, ou cinqüenta teclas e setenta cordas, que descansam em cinco cavaletes. É mais antigo que o cravo, ou espineta; e como o pano, com que o cobrem, abafa o som, chamam-lhe cravo surdo e espineta muda. (BLUTEAU, 1721, vol. 5, p. 295)

O **Dicionário musical** de Raphael Coelho Machado define o manicórdio como um "instrumento muito inferior ao cravo e piano, porém com teclados e cordas singelas, feridas por macinhos de metal" (1909, p. 115).

Partindo-se do mesmo princípio proposto para a tradução do termo "*clavichordium*", poder-se-ia supor que nos inventários o "manicórdio" se referisse também a cravos; um fato intrigante, todavia, é que o inventário da Fazenda Santa Cruz menciona ambos os instrumentos. O termo "manicórdio" poderia talvez estar sendo utilizado para designar espinetas; os autores dos inventários não eram necessariamente conhecedores de música, nem estavam preocupados com uma descrição pormenorizada dos instrumentos, e assim esses instrumentos poderiam ter sido descritos por outro termo para diferenciá-los do cravo, de maiores dimensões. Um fato que pode corroborar essa última hipótese é que os inventários das reduções espanholas mencionam 12 espinetas, mas nenhum clavicórdio.³

³ O levantamento de instrumentos nos inventários das reduções espanholas foi realizado por Curt Lange (apud SZARÁN; von THÜMEN, 1999, pp. 98-99), e encontra-se reproduzido na pág. 194.

Não se deve excluir ainda a possibilidade de serem realmente clavicórdios; a explicação para o fato de estes não constarem nos relatos talvez esteja em terem sido introduzidos somente no séc. XVIII, quando os relatos se tornam bem menos detalhados que nos períodos anteriores. Cabe lembrar que o cravo e o órgão não são mencionados nos textos do séc. XVIII, apesar de vários desses instrumentos terem sido encontrados nos inventários.

4.5.3.4 Órgão

Como ocorre com o cravo, as referências ao órgão são freqüentes nos textos do séc. XVI, praticamente desaparecem no séc. XVII e ressurgem nos inventários do séc. XVIII. As referências mais antigas encontram-se nos textos de Anchieta de 1584: o relato **Sobre os Colégios e residências da Companhia de Jesus no Brasil** menciona o uso do órgão em ofícios no Colégio da Bahia nas sextas-feiras da *Quadragesima* em 1583 (Rel.JoAnch, 1584, f 4v) e a **Ânua da Província do Brasil de 1583** descreve cerimônias acompanhadas de órgão e outros instrumentos, também no Colégio da Bahia (An.JoAnch.2, 1584, f. 118). A **Informação da missão do Padre Cristóvão Gouveia**, de autoria do Padre Fernão Cardim, menciona o órgão no Colégio da Bahia, em missa “oficiada com boa capela dos índios, com flautas e de alguns cantores da Sé, com órgãos, cravos e descantes” (Rel.FeCar.2, 1585, p. 336). Percebe-se aqui o uso comum do termo no plural, “órgãos”, mesmo em se tratando apenas de um instrumento. Além destas referências ao órgão no Colégio da Bahia, o Padre Francisco Soares afirma ainda em um relato de 1590 que os índios das aldeias do Brasil aprendiam e tocavam “órgãos”, entre outros instrumentos (Inf.FrSoa, [1590], f. 1021v). Devido à falta de recursos para a aquisição ou construção de um órgão de dimensões maiores, os órgãos mencionados nos relatos do final do séc. XVI eram provavelmente mais simples e sem grandes recursos.

No séc. XVII a única referência a um órgão é a carta do Padre Henrique Gomes, que menciona novamente o seu uso no Colégio da Bahia com outros instrumentos, o que atrai os moradores (Car.HeGom, 1614, p. 11).

Nas décadas de 1720 e 1730 encontram-se registros da aquisição de órgãos em três estabelecimentos jesuíticos. No **Catálogo Trienal da Província do Brasil** de 1725 consta a compra para o Colégio de São Paulo de “um órgão de bom tamanho, que nas festas acompanha maravilhosamente o canto dos músicos” (Cat.ManDias, 1725, f. 157); segundo a **Ânua da Província do Brasil de 1732** do Padre Inácio de Souza, foi comprado para o Colégio da Bahia um “órgão músico, notável pelo dourado, por suas pinturas e pela harmonia de vozes igualmente agradável aos ouvidos; obra da qual tínhamos grande necessidade” (An.IgSouz, [1733], f. 341v) e uma carta do Padre Laurêncio de Almeida registra ainda a aquisição para o Seminário de Belém, no mesmo ano, de um órgão “que executa ofícios divinos com grande solenidade” (An.LaAlm, 1733, f. 356v).

Os inventários dos autos de seqüestro mostram que a presença de um órgão era comum nos colégios no momento da expulsão, ou seja, em meados do séc. XVIII. O órgão é mencionado nos inventários dos três estabelecimentos referidos no parágrafo anterior, isto é, da igreja do Colégio de São Paulo (Inv.ColSP, 1775, f. 168v), da igreja do Colégio da Bahia (Inv.ColBah, 1760, ff. 37-37v) e do Seminário de Belém (Inv.SemBel, 1760, f. 20v). Chama, porém, a atenção o fato de os dois instrumentos comprados na Bahia em 1732 estarem velhos e em desuso em 1760.

Encontram-se referências ao órgão ainda em outros inventários de Colégios: o inventário da igreja do Colégio do Maranhão registra como único instrumento um órgão (Inv.ColMar, [1760], f. 26v); a receita dos bens confiscados aos jesuítas no Recife descreve a arrematação de “um órgão pertencente ao Colégio” por 20.000 réis (Rec.BensRec, 1774, f. 11).

A única alusão a um órgão nos inventários do Pará encontra-se no inventário da Casa da Vila da Vigia, que menciona “um órgão pequeno de canas” (Inv.Vigia, [1760], f. 15v). O Padre Carlos Borromeu descreve alguns

órgãos construídos de taboca ou taquara em outras aldeias jesuíticas no Pará, tendo chegado inclusive a ver alguns dos seus canos e molduras, como é o caso do órgão da Capela de Nossa Senhora de Nazaré de Iburajuba, no Moju, do qual “restam ainda algumas peças [...] em forma de flautas antigas nas mãos dos lavradores” (1951, p. 106), e o da Capela de Nossa Senhora da Conceição de Jaguarari, também no Moju, de cujo “órgão de taboca (construído de canas bravas, cercada de puas sólidas e agudas) [...] restam alguns canos e molduras como testemunhas eloqüentes do esforço musical da época dos Padres Jesuítas” (p. 107). Borromeu atribui a construção desse último órgão ao irmão leigo João Xavier Traer, nascido em Brixen, no Tirol, em 1668, que embarcou para as missões do Maranhão e do Pará em 1703 e atuou entre os jesuítas da região até sua morte em um naufrágio, em 1737. Segundo Borromeu (p. 107), os trabalhos em madeira na moldura do órgão seriam semelhantes aos da Igreja do Colégio de Santo Alexandre, no Pará, de autoria do Irmão Traer, mas não há documentação que comprove essa autoria, nem mesmo de que o Irmão Traer tivesse construído órgãos; sua biografia na **História da Companhia de Jesus** de Serafim Leite (vol. 9, pp. 165-166) descreve-o apenas como marceneiro. Não foram encontrados os inventários dessas duas aldeias.

Pelo que mostram os inventários, o órgão encontrava-se presente também em algumas aldeias, como na Aldeia de São Pedro do Cabo Frio, no Rio de Janeiro (Inv.AldSPed, 1759, pp. 6-7), na Aldeia de Reritiba, no Espírito Santo (Inv.AldRer, 1759, p. 10) e na Aldeia do Embu (Inv.AldEmb, 1759, f. 8).

Atualmente a antiga capela dos jesuítas da Aldeia do Embu é um museu de objetos que pertenceram aos jesuítas; é parte de seu acervo um órgão positivo de construção rústica (figs. 19 e 20) de um teclado, sem pedaleira, com 5 registros e 234 flautas de metal e 32 de madeira. Segundo Kerr (1985), o órgão foi reformado em 1953 por Nicolau Lorusso e na década de 1970 por J. C. Rigatto, quando lhe foi adicionado um motor elétrico. Em 1983 a Associação de Organistas e o Rotary Clube do Embu promoveram mais uma restauração, realizada por Warwick Kerr Jr. e João Palmiro de Souza.

Infelizmente, em 2004 o órgão encontrava-se em péssimo estado de conservação e em local não acessível. Até o momento não se encontrou qualquer documento que demonstre a sua origem; suas características, contudo, parecem indicar que foi construído no séc. XVIII. Caso isso seja comprovado, esse seria o único instrumento remanescente da atuação dos jesuítas no Brasil-colônia de que se tem notícia no presente.

É de se supor que nos períodos ou locais em que a aquisição de um órgão era difícil, este era substituído por outros instrumentos. Segundo Castagna (1991, vol. 2, p. 221, nota 173), a viola era provavelmente utilizada em igrejas que não possuíam órgãos; outros instrumentos que talvez tenham desempenhado essa função foram as flautas e as trombetas. Não foram encontrados documentos jesuítas da América portuguesa que corroborassem essa hipótese, mas essa informação pôde ser obtida em um documento da Índia: a carta do Padre Pedro da Cruz aos Padres e Irmãos da Companhia de Jesus de Évora, do Colégio de Goa, de 1563, descreve os ofícios da Semana Santa, realizados “com toda a solenidade possível, servindo as trombetas de órgãos em algumas partes da missa” (Car.PedCru, 1563, p. 34).

Em alguns textos modernos encontram-se referências equivocadas ao uso do órgão nos estabelecimentos jesuítas devido a um erro de interpretação do termo “canto de órgão”, que significa apenas música polifônica, sem relação necessária com o instrumento. Um carta do Irmão Diogo Jácome, de 1552, que descreve a primeira missa dos jesuítas em São Vicente “com toda a música de canto de órgão e flautas” (Car.DiJac, 1552, P. 246) foi transcrita em **Cartas Avulsas** como “com toda a música de canto, de órgão e flautas” (1998, p. 132), o que altera seu sentido substancialmente.



Figura 19 – Órgão da Capela de Nsa. Sra. do Rosário, no Embu.
Fonte: foto do autor.



Figura 20 – Órgão da Capela de Nsa. Sra. do Rosário, no Embu.
Fonte: foto do autor.

4.5.4 Instrumentos de percussão

Os instrumentos de percussão mencionados mais freqüentemente nos textos jesuíticos são os tambores e tamboris. Segundo Bluteau, o tambor

é um instrumento militar, composto de uma caixa de pau de carvalho delgado e dobrado em figura cilíndrica, com duas faces, cada uma delas coberta por uma pele de carneiro estirada sobre arcos e apertada com cordéis; toca-se com duas baquetas. (BLUTEAU, 2002 [1721], vol. 8, p. 34)

Bluteau apresenta ainda sua tradução para o latim como *Tympanum*. Ainda segundo Bluteau, o tamboril é “uma espécie de pequeno tambor, com que bailam nas aldeias, ao som da flauta” (2002 [1721], vol. 8, p. 34). Curiosamente, a citação que Bluteau oferece como exemplo é de um trecho da **Crônica** do Padre Simão de Vasconcelos: “um índio, que tocava seu tamboril. Vasconcel. Notícias do Brasil, p. 198” (idem).

Nos textos jesuíticos, os tambores e tamboris são mencionados em ocasiões profanas, em sua maior parte em recebimentos, como a carta do Padre Antônio Blasques de 1564, que descreve o recebimento com “tambor e folia” dos padres e índios que vêm de outras aldeias, na Aldeia de São Tiago (Bahia), em 1564 (Car.AnBlas.7, 1564, p. 450). Os termos referem-se tanto a instrumentos dos índios quanto dos brancos e aparecem geralmente associados a outros instrumentos, como flautas (Rel.FeCar.2, 1585, p. 339; Car.PeRodr.1, 1597, f. 445), gaitas (Rel.FeCar.2, 1585, p. 305; Rel.JoMay, 1656, p. 168) ou buzinas e trombetas (Car.AnVie.5, [1660], f. 137v).

Na **Relação da Missão da Serra de Ibiapaba**, de 1659, o Padre Antônio Vieira descreve uma procissão do enterro na Semana Santa, na qual iam “todos os índios arrastando os arcos e flechas ao som das caixas destemperadas” (Rel.AnVie.1, 1659, p. 132). Bluteau apresenta o termo “caixa” como sinônimo de tambor (2002 [1721], vol. 2, p. 220) e define “destemperar caixas” como “tocar o tambor confusamente e sem ordem, como se costuma, quando se castiga um soldado” (vol. 3, p. 175). Domingos Vieira

define caixas destemperadas como “as que se tocam nos funerais e durante a aplicação da pena capital ou de degradação de algum militar” (apud CASTAGNA, 1991, vol. 2, p. 576, nota 471).

O pandeiro era bastante semelhante aos instrumentos que conhecemos hoje pelo mesmo nome, porém sem a pele; segundo Bluteau, “é a modo de cercadura de uma peneira, com uns vãos ao redor, em que estão metidas umas chapinhas de latão, a que chamam soalhas, que movidas fazem um som agradável e festivo” (2002 [1721], vol. 6, p. 219). O relato do Padre Fernão Cardim descreve o recebimento do Padre Visitador Cristóvão de Gouveia na Aldeia do Espírito Santo, na Bahia, em 1583, no qual os meninos da aldeia dançavam “ao som da viola, pandeiro e tamboril e flauta, e juntamente representavam um breve diálogo, cantando algumas cantigas pastoris” (Rel.FeCar.2, 1585, p. 292). Assim como o tamboril e a gaita, o pandeiro era um instrumento comum em Portugal no período do Brasil colonial e foi um dos instrumentos pedidos a Portugal na carta de Diego Tupinambá, para que com eles se atraíssem os índios (Car.DiTup, 1552, p. 383).

A mesma carta pede ainda que se enviem *sonajas* (em espanhol, no original) que, segundo as definições, é um instrumento semelhante ao pandeiro. No **Vocabulario** de Bluteau, a *sonaja* é descrita como um

arco de madeira, que de espaço em espaço tem umas lâminas, ou rodinhas de metal, que se ferem umas com as outras e fazem uma ruidosa consonância [...]. Sonaja me parece mais castelhano que português, e será pandeiro, ou espécie dele. (BLUTEAU, 2002 [1721], vol. 7, p. 720)

Covarrubias apresentou em 1661 uma descrição semelhante: “um cerco de madeira, que a trechos tem umas rodinhas de metal que se ferem umas com as outras e fazem um grande ruído” (apud ANDRÉS, 1995, p. 359). A carta de 1552 pede “um par de pandeiros e *sonajas*” (Car.DiTup, 1552, p. 383); pelas definições, entretanto, não se pode precisar a diferença entre os dois instrumentos.

Ainda um outro instrumento solicitado na mesma carta são nésperas, descritas por Bluteau como “campainhas sem badalos, que tanger tocando uma na outra, que usam os bufarinheiros [mascates]” (2002 [1721], vol. 5, p. 173). Não se encontraram definições diferentes desta dada por Bluteau e o termo também não se repete em outros documentos.

Uma carta do Padre Leonardo do Vale de 1562 descreve o recebimento do Padre Luís da Grã pelos índios em uma aldeia da Bahia com “galantarias de penas de diversas cores e lavores, e com muitos tangeres e atabales” (Car.LeVal.2, 1562, p. 374). Bluteau define os atabales como uma “espécie de tambor, com caixa grande, redonda, coberta de uma parte e da outra por peles finas de bezerro. [...] Hoje entre nós são instrumentos que se tocam em dias de festas e regozijos” (2002 [1721], vol. 1, p. 626). Segundo Castagna, “o termo atabale foi usado pelos portugueses para designar uma espécie de tambor indígena que, pelo menos entre os tupinambás, era chamado de guarará” (1991, vol 2, p. 445, nota 304).

De acordo com a definição de Bluteau, os cascavéis são uma “bolinha de metal, do tamanho de uma avelã, oca e furada, com um bocadinho de ferro, ou de outra coisa dura por dentro, que causa um tinido alegre” (2002 [1721], vol. 2, p. 179). O relato do Padre Cardim descreve uma dança de meninos índios no Colégio do Rio de Janeiro, em que eles aparecem “pintados de certas cores aprazíveis, com seus cascavéis nos pés, e braços, pernas, cinta” (Rel.FeCar.2, 1585, p. 347). Uma relação da Província do Brasil de 1610, atribuída ao Padre Jácomo Monteiro, descreve alguns hábitos dos índios, entre eles o de tanger cascavéis para o filho para que este seja bom cantor (Rel.JaMont, [1610], p. 414). Os cascavéis são mencionados já na carta de Pero Vaz de Caminha de 1500 e, segundo nota de Jaime Cortesão (apud CASTAGNA, 1991, vol, 2, p. 6, nota 1), eram objetos usuais de troca com os indígenas; são citados na **Crônica** do Padre Vasconcelos entre as dádivas (“a melhor fala de todas as nações”) dos portugueses para os índios, no início da colonização (VASCONCELOS, 1663, p. 9).

Segundo Plínio Ayrosa, o maracá “é o denominativo tupi de um dos instrumentos de ‘música’ mais comuns nas culturas primitivas. Simples chocalho, exige apenas uma cabaça e sementes ou pedrinhas para funcionar” (apud CASTAGNA, 1991, vol. 2, p. 197, nota 135). A carta do menino Diego Tupinambá, de 1552, define os maracás como “uns cascos de umas frutas como cocos [...] com pedrinhas dentro” (Car.DiTup, 1552, p. 383). O relato do Padre Luís Figueira menciona os maracás no recebimento dos padres em Ibiapaba, em 1608, e dá uma definição semelhante para o instrumento: “são uns cabaços com uns feijões dentro” (Rel.LuFig.2, 1608, p. 120).

A **Informação da missão do Padre Cristóvão Gouveia** do Padre Cardim descreve o Natal de 1583, na povoação de Nossa Senhora da Escada, próxima à cidade da Bahia, “aonde algumas vezes nos ajuntávamos com boa e devota música, e o Irmão Barnabé [Tello] nos alegrava com seu berimbau” (Rel.FeCar.2, 1585, p. 301). O mesmo relato menciona novamente o berimbau tocado pelo Irmão Barnabé Tello, no Natal de 1585, no Rio de Janeiro (p. 345). Segundo as várias definições apresentadas por Castagna (1991, vol. 2, p. 220, nota 170), trata-se de um berimbau de boca, como definido por Luís da Câmara Cascudo no **Dicionário do folclore brasileiro**, de 1988:

Pequenino instrumento sonoro, feito de ferro (os mais antigos) e de aço (os relativamente modernos). Consta de dois braços que se ligam, arqueando-se com uma lingüeta ao meio. Toca-se levando o berimbau à boca, prendendo-o nos dentes e fazendo a lingüeta vibrar, puxando-a com o dedo indicador. Dá-se um som monótono, espécie de zumbido. (CASCUDO apud CASTAGNA, 1991, vol. 2, p. 220, nota 170)

Cascudo informa ainda que o berimbau “foi trazido ao Brasil pelos portugueses” (apud CASTAGNA, 1991, vol. 2, p. 220, nota 170). Tinhorão (1972, p. 25, nota 25) comenta o relato do Padre Cardim e afirma que muitos autores referem-se a ele sem esclarecer que o berimbau mencionado não é o que se utiliza hoje na capoeira.

V - A ATUAÇÃO MUSICAL DOS JESUÍTAS NO BRASIL COLONIAL

Uma discussão detalhada sobre as características da atuação musical dos jesuítas no Brasil colonial deveria considerar aspectos regionais, já que, devido a condições geográficas e políticas, o estabelecimento da Companhia de Jesus não se deu de forma homogênea em todas as regiões da América Portuguesa; também deveria ser levado em conta o processo histórico, pois quando os jesuítas chegaram, em 1549, o ambiente social e político não era o mesmo do momento em que foram expulsos, em 1759.

A pesquisa nas fontes documentais, porém, não fornece informações suficientes para uma tal abordagem. Apesar do grande número de documentos encontrados, estes abrangem uma vasta área geográfica, que vai das aldeias da Amazônia até o extremo sul dos domínios portugueses e um período de mais de dois séculos; além disso, as informações sobre música são esparsas, o que não possibilita uma observação detalhada da prática musical em cada estabelecimento jesuítico, durante todo o período de sua atuação. Entretanto, a leitura dos documentos nos permite entrever algumas características comuns à atuação da Companhia de Jesus no Brasil colonial, o que será discutido a seguir.

5.1 *Jesuita non cantat*

Os regulamentos estabelecidos nas primeiras décadas de existência da Companhia de Jesus foram determinantes para a atuação musical dos jesuítas nos séculos seguintes, ao menos nas assistências de Portugal. Observando-se o processo de formação desses regulamentos e a documentação sobre missões jesuíticas em outras regiões de domínio português, podem-se compreender vários aspectos da música praticada nos estabelecimentos jesuíticos do Brasil colonial.

5.1.1 A música nos regulamentos da Companhia de Jesus

Antes da criação oficial da Companhia de Jesus, a música já era objeto de preocupação do Padre Inácio de Loyola. O primeiro regulamento da Companhia foi a **Prima Societatis IESU Instituti Summa**, que consistia de cinco capítulos ou parágrafos, elaborados em Roma por Loyola e seus seguidores, em 1539. Segundo a **Summa**, nos estabelecimentos jesuíticos não se deveriam usar, “na missa e em outras cerimônias sacras, nem o órgão e nem o canto” (SUMMA, 1539, p. 19).

Os capítulos da **Summa** serviram de esboço para a elaboração de um documento mais extenso, a **Formula Institutis Societatis IESU**, que foi revisada e incorporada em 1540 à bula **Regimini militantes ecclesiae**, do Papa Paulo III, que oficializou a criação da Companhia de Jesus, e em 1550 à bula **Exposcit debitum**, do Papa Julio III, que a confirmou. Na elaboração da **Formula**, a proibição à música foi considerada demasiadamente restritiva pelo revisor papal, o Cardeal Ghinucci, principalmente porque o uso extensivo da música nas práticas da igreja luterana era um atrativo para os fiéis, e assim essa proibição foi excluída dos textos incorporados às duas bulas.

Em 1547, após ter sido eleito Superior da Companhia, Loyola dedicou-se, com a ajuda de seu assistente, o Padre Juan Alfonso de Polanco, à elaboração do que viria a ser o principal conjunto de regras da Companhia: as **Constituições da Companhia de Jesus**. A primeira versão das **Constituições** foi promulgada em 1552 e publicada em 1558, em latim. Sem a sanção de externos à Companhia, as restrições à prática musical nos estabelecimentos jesuíticos voltaram a surgir. O capítulo 3, com o título “do que se devem ocupar e do que se devem abster os membros da Companhia”, proíbe expressamente o coro nos ofícios e Horas Canônicas:

Porquanto as ocupações assumidas com vistas à assistência das almas são de grande importância e próprias da nossa Instituição, e muito freqüentes, e como por outro lado nossa residência neste ou naquele lugar seja incerta, que os Nossos não usem o coro para Horas Canônicas ou Missas e para outras coisas que se entoam num ofício, uma vez que há lugares de sobra onde se satisfaçam aqueles a quem sua devoção mover a ouvi-las.¹ (CONSTITUTIONES, 1583 [1558], pp. 209-210)

Um comentário a esse trecho proíbe o uso do canto:

Se for indicado em algumas Casas ou Colégios, no tempo em que se houver de pregar ou ler de noite, para deter o povo antes de leituras ou prédicas desse gênero, poderia ser dito somente o ofício vespertino. Assim também de ordinário nos domingos e dias de festa, sem o chamado canto *figurato* ou *firno*,² mas em tom devoto, suave e simples: e isso no intuito, e até onde fosse indicado, de mover o povo a freqüentar mais as confissões, pregações e leituras, e não de outro modo. No mesmo tom poder-se-ia dizer o ofício que se costuma chamar 'das trevas', com as suas cerimônias, na Semana Santa. (CONSTITUTIONES, 1583 [1558], nota nas pp. 209-210)

O texto veta ainda a entrada de instrumentos musicais, assim como de mulheres, nas casas e colégios da Companhia:

Deve-se cuidar para que não entrem mulheres nas Casas nem nos Colégios da Companhia. [...] e instrumentos de qualquer espécie que sejam para recreação ou mesmo para a música e também livros profanos e outros objeto desse tipo. (CONSTITUTIONES, 1583 [1558], pp. 96-97)

A restrição à prática musical não provinha de um gosto pessoal do Padre Loyola. O Padre Luís Gonçalves da Câmara, a quem Loyola ditou sua **Autobiografia**, afirma que em Manresa, ele "ouvia todos os dias a missa maior e as Vésperas e Completas, tudo cantado, e sentia nisso grande

¹ Os trechos das **Constituições** transcritos neste capítulo foram traduzidos por Fernando Ota.

² O termo *canto figurato* significa música polifônica, ou, em alguns documentos jesuítcos, fabordão, o que será discutido mais adiante; *canto firno* refere-se ao canto monódico, ou gregoriano.

consolação” (Act.LuGon, 1553-1555, p. 388). Em seu **Memorial**, o Padre Gonçalves da Câmara descreve mais detalhadamente a relação de Loyola com a música:

O com que muito se alevantava em oração era a música e canto das coisas divinas, como são Vésperas, missas e outras semelhantes; tanto que, como ele mesmo me confessou, se acertava de entrar em alguma igreja quando se celebravam estes ofícios cantados, logo parecia que totalmente se transportava de si mesmo.

E não somente lhe fazia isto bem à alma, mas ainda à saúde corporal: e assim, quando a não tinha, ou estava com grande fastio, com nenhuma cousa se lhe tirava mais, com que ouvir cantar alguma cousa devota a qualquer Irmão. E espanto-me como, vendo as pessoas que com ele estavam isto, nunca se buscou um Irmão, nem colegial do Colégio Germânico, onde havia muitos e bons cantores, que nisto o pudesse ajudar. Porque o mais que nesta matéria vi, o todo tempo que estive em Roma, foi chamarem-lhe o Padre Frusio do Colégio Germânico, quando estava na cama com fastio, para lhe tanger um cravo,³ sem cantar, porque até isto o ajudava; e um coadjutor temporal muito simples e virtuoso que cantava muitas prosas devotas, tanto no tom e voz com que os cegos as dizem, que parecia que fora moço de cego. E tudo isto era tão raro, que em quase dois anos e meio que estive em Roma, não se faria mais que cinco ou seis vezes. (Mem.LuGon, [1555], pp. 636-637)

Os motivos para as restrições à música tinham um fundo prático: desde sua criação, um aspecto importante da Companhia de Jesus era o que chamavam de “cuidado dos bens espirituais”, ou seja, as atividades como catequese, pregação, confissão, comunhão e administração de sacramentos e a atuação junto ao povo, através da educação e obras assistenciais. Segundo Loyola, a música absorveria os padres e tiraria sua atenção do trabalho cotidiano. O próprio texto das **Constituições** deixa claro que haveria lugares de sobra para os que desejassem ouvir música em um ofício, mas “aos nossos, porém, convém que tratem do que é mais próprio à nossa vocação para a

³ O texto foi publicado em **Monumenta Historica Societatis IESU** no idioma original, o português, porém uma nota de rodapé na publicação, em latim, traz uma tradução de cravo para clavicórdio. Por esse motivo, em várias publicações modernas encontram-se referências errôneas ao instrumento mencionado.

glória de Deus” (CONSTITUTIONES, 1583 [1558], p. 210). Questionado pelo Padre Luiz Gonçalves da Câmara sobre o motivo de não se ter coro na Companhia, Loyola respondeu que

pensava que, se não tivéssemos coro, todos saberiam que estaríamos ociosos quando viessem dispor de nossas almas e isso seria um estímulo para que o fizessem. Pela mesma razão quisemos viver na pobreza, para que não perdêssemos tempo negociando rendas. (Mem.LuGon, [1555], p. 609)

As mesmas informações encontram-se nos **Atos do Padre Inácio**, do Padre Pedro de Ribadeneira:

Na segunda-feira da Semana Santa do ano de 1554, contando nosso Padre [Loyola] em minha presença como havia entrado na Igreja de São José (que era seu dia) e sentindo grande consolação com a música que ali ouviu, acrescentou estas palavras: - Se eu seguisse meu gosto e inclinação, instituiria o coro e o canto na Companhia, mas deixo de fazê-lo, porque Deus N. Sr. me deu a entender que não é esta sua vontade, e não se quer servir dos nossos no coro, mas em outros de Seus serviços. (Act.PetRib, [1566], p. 337)

Pelo menos até 1555, essa proibição não se limitou aos regulamentos, mas foi realmente seguida, como mostram diversos documentos. Em uma carta de 1553, o Padre Francisco de Estrada pediu a Loyola que liberasse o uso do coro, o que seria uma condição para que o *condestable*⁴ oferecesse à Companhia o Colégio que estava construindo:

Faço ainda saber a V. P. como o *condestable* [Petrus Fernandez de Velasco] está aqui, [...] e sempre me diz que gostaria que nossa religião tivesse coro e canto, e parece que o fato de não os termos lhe impede de nos dar o colégio que está contruindo. Várias outras pessoas e quase toda a cidade pedem o mesmo, porque, vindo à nossa capela e não ouvindo canto, mas senão silêncio, dizem que os cantos levam muito o povo à devoção, e

⁴ Oficial que exercia a primeira dignidade militar (CAVERO, vol. 2, p. 351); o correspondente em português é “condestável”, definido no **Grande dicionário da língua portuguesa** de 1877, de Antônio de Moraes Silva, como o “título do primeiro oficial da coroa, primeiro dignatário do reino, o qual tinha o comando em chefe de todo o exército” (vol. 3, p. 365).

que não os ter é motivo para que muitos não venham às nossas capelas. [...] Escrevo isto a V. R. porque, se lhe convém, podemos satisfazer ao *condestable* e provocar sua devoção [...] se disséssemos as horas em tom; isso pouco tempo gastaria e moveria o povo à devoção. (Car.FrEst, 1553, p. 479)

Loyola respondeu com a mesma justificativa: “de fazer e ordenar coro nessa capela não parece conveniente, visto que temos tão poucos dos nossos e tão ocupados” (Car.FrEst, 1553, p. 479).

Diversos textos traduzem a reação dos padres diante do afastamento do povo das igrejas devido à ausência da música no cultos, mas não se encontrou outra justificativa para a proibição à prática musical além das apresentadas por Loyola.

5.1.2 A desobediência do Colégio de Viena

Nem todos os estabelecimentos jesuíticos, porém, respeitavam as proibições; o colégio de Viena recusava-se a abolir a música, motivo pelo qual seu Reitor, o Padre Nicolau Lanoy, foi advertido pelo Padre Loyola em uma carta de 1554:

Sobre o canto nas missas e matinas, etc, penso que V.R. já tenha recebido o capítulo de nossa constituição sobre esse assunto, que lhe foi enviado. Seria bom atender à uniformidade; porém, para não fazer uma violência notável ao que é costumeiro em sua igreja, se condescende, não ordenando expressamente a V.R. que se conforme em tudo com os outros colégios; mas gostaríamos, o quanto se pode, que se restringisse em coisas semelhantes. E sobre o órgão não ocorre falar agora, já que até o momento ainda não foi utilizado. (Car.InLoy.1, 1554, pp. 67-68)

Uma outra advertência, um pouco mais severa, foi feita em seguida:⁵

⁵ As instruções do Padre Loyola, apesar de conterem sua assinatura, foram escritas na 3ª pessoa do singular, já que eram ditadas a Polanco, seu assistente.

Vendo N.P. o que se escreve a V.R. sobre o canto e órgão, parece-lhe que não foi dito o suficiente, porque a introdução de tais ritos e costumes, tão diversos do que usa a nossa Companhia, não era coisa ligeira ou pouco importante, que V.R. devesse usar sem avisá-lo. [...] Em primeiro lugar encarregou-me de dar a V.R. uma penitência, que durasse um mês [...] Em segundo lugar ordena que se cesse imediatamente de cantar as missas e matinas e se adapte ao nosso procedimento, ou pelo menos, se não lhe parecer conveniente que isso ocorra subitamente, que isso seja feito aos poucos, de modo que em três meses e aos mais tardar em seis meses, isso tenha sido cumprido. (Car.InLoy.2, 1554, pp. 117-118)

Não foram encontradas respostas de Lanoy ou qualquer indicação de que elas tenham existido, mas a prática musical no Colégio de Viena não cessou, assim como não cessaram as advertências e penitências; até a extinção da Companhia existiu uma rica produção musical não somente nesse Colégio, mas também nos outros da Áustria e da Alemanha. Um dos motivos apontados para a desobediência desses colégios poderia talvez ser o fato de os jesuítas nos países germânicos aterem-se mais aos preceitos da Igreja do que às regras da Companhia.

5.1.3 A imposição do Papa Paulo IV

Em 1555 o Cardeal João Pedro Carafa foi nomeado Papa Paulo IV, o que alteraria as restrições à música na Companhia de Jesus. Segundo o Padre Gonçalves da Câmara (Mem.LuGon, [1555], p. 712), Loyola já havia manifestado seu temor pelo Cardeal Carafa, que ameaçava obrigar a Companhia a instituir o coro em suas práticas, o que realmente ocorreu. Em 6 de agosto de 1558, O Padre Diego Lainez, que fora eleito Superior após a morte de Loyola, foi chamado à presença de Paulo IV e advertido com relação à proibição ao coro; dois dias depois, a ordem foi levada oficialmente aos jesuítas pelo Cardeal Afonso Carafa, sobrinho do Papa (CULLEY; MCNASPY, 1971, p. 226). Não existem registros escritos dessa ordem, a qual foi transmitida verbalmente pelo Cardeal Carafa.

De acordo com a **Crônica** de Polanco, em 1555, antes mesmo das ordens expressas do Papa Paulo IV, Loyola decidiu permitir o uso do coro na igreja do Colégio da Companhia em Roma, ainda que sob determinadas circunstâncias, para que a iminente decisão do Papa não se chocasse com os preceitos da Companhia:

Para que o Pontífice não modificasse uma característica da Companhia, este ano o Padre Inácio espontaneamente decidiu que os ofícios das Vésperas deveriam ser cantados em nossa igreja aos domingos e dias festivos, assim o Pontífice talvez ficasse satisfeito e não ordenasse a introdução do coro na Companhia. Dessa forma, após debater com os precursores da Companhia, decidiu-se pela introdução de um canto que não fosse contra os preceitos das Constituições; a escolha foi feita pelo próprio Padre Inácio e constituía do canto figurado (chamado de *falsum bordonem*) para a edificação do povo. (Cro.JoPol.1, 1555, p. 33)

O *falsum bordonem*, também chamado de *faux-bourdon*, falso bordão, ou fabordão, é um tipo de polifonia simples, geralmente improvisada. Segundo Bluteau, trata-se de uma “casta de cantar, que não é tão regular, como o da solfa, ou contraponto” (2002 [1721], Suplemento, parte I, p. 418). Fétis define o termo como

1º. uma música para diversas vozes, mas simples e sem compasso, cujas notas são quase todas iguais e cuja harmonia é sempre silábica; 2º. um canto onde se colocavam por baixo de uma máxima, isto é, de uma nota que vale oito compassos, muitas silábicas e raras vezes dissonâncias; 3º. um gênero de música em cantochão, na qual o canto era executado por uma voz intermediária, de ordinário pelo tenor, enquanto as outras vozes cantavam em contraponto figurado. (FÉTIS, 1858 [1830], p. 50)

Segundo Murray Bradshaw (apud KENNEDY, 1982, pp. 23-24), o fabordão encaixava-se perfeitamente nas idéias do Concílio de Trento sobre a música litúrgica, pois era um repertório constituído basicamente de peças corais, homofônicas, construídas sobre melodias do canto gregoriano,

tornando-se por essas características a prática musical mais comum nos colégios jesuíticos na Europa, embora nenhum exemplo tenha sido preservado.

O termo “canto figurado” geralmente designa canto de órgão, ou música polifônica, e por isso a sua definição como fabordão na **Crônica** do Padre Polanco torna confusa a interpretação de outros textos, como as **Constituições**. Na **Ata da Primeira Congregação da Província Romana da Companhia de Jesus**, de 1568, porém, a distinção entre canto figurado e fabordão é clara: segundo ela, “a maior parte dos Padres da Congregação sentiram que o canto figurado deveria ser removido da igreja, mas que o fabordão deveria ser mantido” (Ata.CongRom, 1568, p. 16).

Além do uso do fabordão, a **Crônica** do Padre Polanco deixa claro que a música deveria ser realizada em ocasiões determinadas: nas Vésperas dos domingos e dos dias festivos. Além disso, a música deveria ser executada pelos alunos dos colégios: segundo Polanco, Loyola optou pelo fabordão porque “muitos alunos do nosso colégio e do Colégio Germânico, e dentre os que vêm do Norte, conhecem bem este tipo de canto” (Cro.JoPol.1, 1555, p. 33).

A permissão para o uso da música, ainda que restrita a determinadas ocasiões, estendeu-se em seguida a outros estabelecimentos além da igreja da Companhia em Roma, como mostram as instruções de Loyola de 30 de março de 1556:

Nesta quarta-feira comecem-se a cantar os ofícios da Semana Santa, e no dia de Páscoa comecem-se as Vésperas em um canto que tenha muita graça e devoção, parte em cantochão e parte *figurado*, etc. (Instr.InLoy, 1556, p. 183)

O Padre Polanco, por comissão do Padre Loyola, descreveu os ofícios realizados com música algumas semanas mais tarde, deixando claro que a música havia sido realizada pelos estudantes, sem que os padres tivessem deixado suas funções:

O ofício, que se começou a cantar na Quarta-Feira Santa e as Vésperas que se começaram no dia de Páscoa, tiveram muito sucesso, e de grande maneira conquistaram as almas de muitos; mas não por isso diminuíram os confessores ou pregadores, porque os colegiais bastam para fazer esta festa. (Car.JoPol.1, 1556, p. 245)

Esse relato mostra uma característica marcante da Companhia de Jesus até a sua extinção: a prática musical não deveria ser realizada por padres, para que estes pudessem continuar com sua atuação junto aos “bens espirituais”. Essa informação pode ser encontrada em vários outros documentos, como, por exemplo, na carta do Padre Loyola ao Padre Pelletario de 1556, na qual fica claro que a prática musical poderia ser realizada, desde que não interferisse na atuação dos padres:

Ainda que se cantem as Vésperas no nosso colégio, isso não pode ser imitado por outros colégios, que não cheguem a um número de 50 alunos; [...] Se não for impedimento aos confessores e outras pessoas que atendem aos bens espirituais [...] poder-se-ia cantar sem incômodo coisas mais importantes, o que não se poderia fazer onde há pouco número. (Car.InLoy.3, 1556, p. 326)

As práticas musicais no Colégio de Viena prosseguiram além do limite estabelecido por Loyola e não cessaram as reprimendas:

N.P. soube que V.R. faz cantar a missa pelos nossos, o que lhe desagradou; e ordenou-me que lhe escrevesse para que os nossos as não digam, nem cantem [...]. E disse N.P. que V.R. faça penitência todos os dias, que será ler essas palavras: ‘não é conveniente fazer novos ritos ou introduzir novos hábitos sem a ordem de quem tem o governo universal’ [...]. Sobre as Vésperas cantadas, ainda que em Roma se façam as festas por existir uma grande quantidade de cantores, sem haver a necessidade de se ocupar os confessores ou outros operários, não parece a N.P. que se deva cantar em colégios onde estejam menos de 50 pessoas. (Car.InLoy.4, 1556, p. 13)

Essa reprimenda deixa claro que a música era permitida, desde que não ocupasse os padres, como ocorria no colégio administrado pelo Padre Lanoy.

5.1.4 Permissões e restrições após 1556

Loyola faleceu em 1556 e, segundo Tejón, “a atitude da Companhia de Jesus a respeito da música passou a depender não somente da maior ou menor compreensão do carisma do fundador, mas também de cada Padre Geral, seu caráter e qualidades” (2001, p. 2776). Além disso, em 1559, um ano após ter instruído a Companhia sobre o uso do coro, o Papa Paulo IV faleceu, mas a Companhia de Jesus não retornou às proibições anteriores relativas à música, mantendo a permissão de seu uso em ocasiões especiais, como mostram muitos documentos. Instruções de 1562 do Padre Nadal, Visitador de diversas províncias da Europa, permitem o canto em “missas e Vésperas, extraordinariamente em domingos e festas e nos ofícios da Semana Santa, isto é, quarta, quinta, sexta e sábado santo” (Instr.JeNad.1, [1562], p. 492); outras instruções suas de 1566 determinam

que se utilize a música de modo que somente se cante na missa o *Kyrie, Gloria, Credo, Sanctus, Agnus* e a resposta ao *Ite Missa est*. E nas Vésperas, cantem-se os salmos no que se chama fabordão ou semelhante; o restante deve ser cantado em gregoriano. Excetuam-se as solenidades maiores, nas quais, com permissão do Provincial ou do Reitor, poder-se-á cantar mais. Embora se possam cantar motetos durante missas e Vésperas, que esses não sejam muito longos, especialmente durante as missas. (Instr.JeNad.2, [1566], p. 285)

Nas instruções do Padre Nadal ao Reitor do Colégio de Viena, de 1566, vê-se que, apesar da liberação da prática musical nos estabelecimentos da Companhia, foram mantidas as restrições ao uso de instrumentos musicais. De acordo com as instruções, “os nossos não devem usar o órgão no coro,

nem charamelas ou flautas”⁶ (Instr.JeNad.2, [1566], p. 288). O texto mostra ainda que a polêmica sobre o uso da música nesse Colégio não havia terminado; essa polêmica continuaria pelas décadas posteriores. Um documento elucidativo é a carta do Padre Lanoy de 1577 ao Padre Geral Everardo Mercuriano. Lanoy não escreve mais como Reitor do Colégio, pois em 1563 havia sido nomeado Superior da Província da Áustria, que compreendia as casas de Innsbruck, Viena, Praga e Tyrnau; nessa carta descreve a reação da Província às proibições ao canto figurado e aos instrumentos:

Nas igrejas desses colégios era praticado o canto músico muito refinadamente e nelas ainda é mais freqüente o uso do órgão, sobretudo em Viena, agora que ali foi montado um órgão importado [do estrangeiro] e colocado junto ao coro músico. No momento já se encontra quase banido o canto gregoriano, porque dizem que os cantores são menos versados nele do que no canto figurado, que agora somente os meninos aprendem. Surgem aos poucos, dos [pátios] ou de quaisquer outros lugares, charamelas e flautas,⁷ que com seu mugido e estrépito parecem mais afastar as almas da devoção do que atraí-las a ela. Propus a estes nossos cantores a moderação do Padre Nadal a ser observada sobre o canto figurado, que afasta flautistas e chameleiros do nosso coro. Esta forma de cantar na verdade provoca grande distração às nossas almas e pouca devoção ao povo. Quem dirige o coro naquela igreja como professor de canto é o Padre Wolfgang Piringerus, a quem há pouco preferimos remover da direção do coro e substituí-lo pelo Irmão Johannes Trogerum, boêmio, já que havia uma discórdia perpétua entre eles por causa do canto, e o Padre Piringerus por nenhuma razão podia ser levado a ceder, afirmando que sem canto não se pode viver. Do mesmo modo, no Colégio de Gratz, nosso irmão Valentinus Novodomensis, boêmio, subdiácono, deleita-se imensamente com a música. Na igreja de Santo Egídio, a nós confiada, canta com externos e dirige os cantores juntamente com o professor de canto. É completamente absorto pela música. A isso cabe justamente a palavra dos sábios: o mel enfastia a quem o come demais. Não falta quem deseje tornar-se discípulo deles na arte do canto e aprender o quanto ignoram sobre música. Mas nós não permitimos isso... (Car.NicLan, 1577, pp. 718-719)

⁶ No original *tubis aut fistulis*; cf. o cap. 4 para uma discussão mais detalhada sobre possíveis traduções destes termos.

⁷ Cf. a observação anterior.

Por essa carta percebe-se que, mais do que uma característica pessoal de Lanoy, o uso da música nos estabelecimentos da Província da Áustria era prática comum; mais de uma década após as instruções do Padre Nadal, continuam a ser mencionados as charamelas e flautas (*tubae* e *fistulae* no documento original) e o órgão. Observa-se que a proibição de Lanoy acontece em uma época na qual os instrumentos musicais eram já utilizados extensivamente nas missões jesuíticas no Brasil.

As restrições à prática musical tornaram-se uma constante entre os jesuítas pelos séculos seguintes e, segundo MacDonnel (1995, cap. 3), deram origem ao mote "*jesuita non cantat*", que se tornou comum entre os clérigos católicos.

5.2 *Jesuita non cantat in Lusitania*

Um tratado de tradições e costumes da Companhia de Jesus, escrito entre 1546 e 1577 pelo Padre Jerônimo de Nadal, mostra que, apesar dos regulamentos, a prática musical não era realizada da mesma forma em todas as assistências da Companhia: segundo o tratado, "a tradição não é a mesma em todos os colégios. Em Portugal não se canta em nossos colégios e casas; na Espanha não se usa o canto gregoriano, mas sim o *unitonus*; em Viena usa-se o canto figurado" (Trat.JeNad, [1577], p. 621).

Nesse documento, fundamental para a compreensão da atuação musical dos jesuítas no Brasil colonial, percebe-se a distinção entre o uso da música nos estabelecimentos germânicos e portugueses, que não se restringe ao séc. XVI, mas pode ser observada até a extinção da Companhia, no séc. XVIII. Na literatura sobre a Companhia de Jesus, como, por exemplo, no verbete **Jesuiten** da enciclopédia **Die Musik in Geschichte und Gegenwart** (Hüschen, 1996), encontram-se referências a dezenas de jesuítas de origem germânica envolvidos com teoria e prática musical, mas são mencionados somente dois padres de origem portuguesa: o Padre Tomás Pereira, teórico

atuante na China no séc. XVII e autor de um tratado sobre música ocidental,⁸ e o Padre Cristóvão da Fonseca, compositor, que, segundo o **Diccionario Historico de la Compania de Jesùs**,

apresentou um *Te Deum*, cantado em 31 de dezembro de 1719, diante da corte, na igreja da Casa professa de São Roque em Lisboa, e dirigiu a orquestra e 15 coros de cantores. Repetiu no final de 1720. Apresentou música de vésperas solenes em 9 de agosto de 1727 no mesmo templo, para celebrar a canonização de L. Gonzaga e Estanislau Kostka. Foi considerado um dos compositores portugueses mais famosos de seu tempo. (O'NEILL, 2001, vol. 2, p. 1477)

O *Te Deum* do Padre Fonseca⁹ é mencionado também na publicação **Sinopsis annalium Societatis Jesu in Lusitania ab anno 1540 usque ad annum 1725**, do Padre Antônio Franco, de 1726 (FRANCO, 1726, pp. 445;458;463).

Não foi encontrado um estudo especificamente sobre a música na atuação dos jesuítas em Portugal, e os seus documentos também não foram publicados, como ocorreu com o Brasil e a Índia; dessa forma não se puderam levantar informações mais detalhadas para este trabalho. Apesar disso, alguns textos mostram que a prática musical, embora restrita, não era completamente inexistente nos colégios portugueses, como afirmou o Padre Nadal.

Por meio do **Regimento do Colégio dos Meninos Órfãos de Lisboa**, de 1615, percebe-se que a música era utilizada em determinadas ocasiões: “nos domingos e dias Santos de guarda dirão sempre Benedictos e

⁸ Sobre as atividades musicais do Padre Tomás Pereira, cf. o artigo **Um músico português do século XVII na corte de Pequim**, de Joel Canhão (1986) e o capítulo VII de **The jesuits and the sino-russian treaty of Nerchinsky**, do Padre Joseph Sebes (1961).

⁹ Na Biblioteca Nacional de Lisboa encontra-se uma partitura impressa, datada de 1723, com o título **Te Deum que há de cantar alternadamente o coro de música e o povo em cantochão na igreja da Casa Professa de São Roque da Companhia de Jesus, em 31 de dezembro**. O impresso traz somente a parte do canto gregoriano, que deveria ser cantada pela congregação, intercalada por indicações de trechos onde entraria o “côro de música”. Esses trechos eram provavelmente de autoria do Padre Cristóvão da Fonseca, mas não foram localizados.

Magnificat cantada, e nas festas solenes será cantado todo o ofício. Às terças-feiras de Quaresma cantarão as Completas” (Reg.ColOrf, 1615, f. 13v). Segundo as instruções elaboradas pelo Padre Antônio Mascarenhas, Visitador do Colégio de Lisboa em 1626, permitia-se o uso da música nos ofícios religiosos, porém com restrições:

Adverte-se [...] que não temos na Companhia missa nenhuma rezada nem a que chamamos ‘do dia’ no altar-mor que seja solene, pois nenhuma missa rezada o pode ser pela regra geral, e somente temos por solenes as que se dizem cantadas a nosso modo em Quinta-feira de Endoenças, no Sábado Santo, na comemoração dos defuntos, e agora novamente ordenadas nos dias de nossos Santos Padres Inácio e Francisco Xavier, nas quais se devem guardar todas as cerimônias de missa solene, ainda que conforme nosso costume não usamos de diácono e subdiácono. (Instr.AnMasc, 1626, f. 1v)

De acordo com o texto, as missas “solenes” na Companhia eram realizadas de forma diversa, sem a presença do diácono e subdiácono (o que era uma convenção nesse tipo de missa), e cantadas “a nosso modo”. Ao mencionar a ausência do diácono e subdiácono como “nosso costume”, o Padre Mascarenhas provavelmente referia-se especificamente ao Colégio de Lisboa, e não à Companhia em geral, ou mesmo à assistência portuguesa da Companhia, já que diversos textos do Brasil e da Índia mencionam a presença de diácono e subdiácono em missas cantadas.

É difícil, contudo, perceber o significado da expressão “cantada a nosso modo”. Seria uma referência ao fabordão? Nos textos jesuíticos do Brasil não se encontrou qualquer menção direta ao seu uso; o único relato dos sécs. XVI e XVII a mencioná-lo é a relação do padre capuchinho Martin de Nantes, do final do séc. XVII, que descreve o hábito dos tapuias de cantar todas as tardes o Terço do Rosário “à maneira portuguesa, muito agradavelmente, com uma espécie de fabordão”. (apud CASTAGNA, 1991, vol. 1, p. 551). Segundo Castagna, o termo “à maneira portuguesa” poderia significar “em português” (1991, vol. 1, p. 554, nota 159) ou “em uma forma que teria vindo de Portugal” (p. 555, nota 162). O uso do fabordão é descrito ainda por Trindade

e Castagna (1996) como um dos procedimentos de composições do conjunto de manuscritos conhecido como “Grupo de Mogi das Cruzes”, datado do final do séc. XVII e início do séc. XVIII.

Seriam as instruções do Padre Mascarenhas uma evidência de que o fabordão era usual nos estabelecimentos jesuíticos de Lisboa, ou da assistência de Portugal, ou até mesmo uma prática comum aos missionários jesuítas portugueses atuantes no Brasil? Isto é, da mesma forma que o termo “canto figurado” designa o fabordão nos primeiros documentos da Companhia, é possível que o mesmo ocorra com “canto de órgão”, freqüente nos textos da América Portuguesa?

Essas questões permanecem aqui em aberto e se constituem em tema para trabalho futuro, quando serão consultados outros documentos mais específicos sobre a música nos estabelecimentos jesuíticos em Portugal.

5.3 Jesuita non cantat in Provincia Indica

Como no Brasil, as missões da Companhia de Jesus na Índia estavam sob a assistência de Portugal. Os documentos do séc. XVI sobre essas missões mostram grande semelhança com os relatos sobre o Brasil do mesmo período; em número consideravelmente maior, sua leitura pode fornecer informações relevantes também sobre a atuação dos jesuítas na América Portuguesa. O acesso a esses documentos foi facilitado graças à sua publicação em 18 volumes da série **Monumenta Historica Societatis IESU**, com o título **Documenta Indica**, editados pelo Padre Joseph Wicki. O Padre Wicki é ainda autor do artigo **Gesang, Tänze und Musik im Dienst der alten indischen Jesuitenmissionen**¹⁰ (1976), sobre a música nas missões portuguesas na Índia, que não será considerado neste trabalho pelo seu caráter apologético e

¹⁰ Cantos, danças e música nas antigas missões jesuíticas na Índia.

pela discrepância de suas informações em relação às informações encontradas nos documentos.

Em 1543 os jesuítas portugueses chegaram à Índia e antes mesmo da vinda do Padre Nóbrega ao Brasil, já se haviam dado conta da utilidade da música no processo de conversão dos gentios.¹¹ Os documentos jesuíticos referentes ao Brasil não deixam claro qual era o encaminhamento da Companhia no que concerne ao uso da música na catequese, o que, por outro lado, é evidente nos documentos relativos à atuação dos missionários na Índia. Em uma carta de Goa de 1545, o Padre Antônio Criminalis expressa a Loyola a sua preocupação com o fato de os meninos cantarem nos ofícios, apesar de ser do agrado dos locais:

Eu gostaria que [os meninos] não cantassem coisa alguma, mas dizem que isso escandalizaria o povo, porque já têm este costume, e que isso parece agradar muito ao Senhor Deus. Meus companheiros dizem que aprenderão a cantar, mas eu lhes digo que não lhes prometam tal coisa, porque vai um pouco além do meu sentir, e me parece que não devemos cantar. (Car.AnCri, 1545, pp. 20-21)

Não foi encontrada a resposta de Loyola a essa consulta do Padre Criminalis, mas é evidente que as práticas musicais continuaram. Como informou em uma carta ao Padre Inácio de Loyola, de 1553, o Padre Gaspar Bazaeus, Vice-Provincial da Índia, permitiu que os meninos cantassem nos ofícios para que o povo voltasse à igreja:

Sabem os mais deles [meninos órfãos recolhidos nos engenhos] cantochão e alguma parte de canto de órgão. O povo se queixava de que o canto dos moços da terra tivesse sido excluído dos ofícios no tempo do Padre Antônio Gomes, por vontade do instituidor, o Padre Mestre Diogo, [...] despovoaram a casa totalmente e perderam-lhe a devoção, e assim o Vice-Rei e muitos fidalgos queixaram-se a mim, pois não podiam gostar

¹¹ Segundo Herczog (2001, p. 15), nos primeiros anos do séc. XVI, antes da criação da Companhia de Jesus, já se conhecia a atração que a música exercia sobre os índios; existem mesmo notícias de missionários que teriam escrito à Europa pedindo que fossem enviados ajudantes que tocassem instrumentos musicais.

de ouvir as pregações, porque os ofícios divinos não eram oficiados em cantochão. Assim me pareceu ser serviço de Deus, pois disso nenhum prejuízo [se seguia], senão proveito e crédito da gente, para mais santificar e aquietar-se o povo quando vierem ouvir a pregação os domingos e os santos, e ouvirem os ofícios divinos cantados, então ordenei de mandar ensinar a esses meninos para terem seu coro certos dias na semana, e cantarem os ofícios divinos como nas outras igrejas, o qual haverá um ano ou mais que é continuado. [...] e os do outro colégio não cantam, nem aprendem para isso. (Car.GasBaz, 1553, p. 599)

Em uma carta de ca. 1556 o Padre João de Polanco propõe que se tolere o canto na Índia, já que ele atrai o gentio:

Propôs-se que se tolerasse o canto nos ofícios divinos nas regiões da Índia, para que desse modo aqueles homens incultos fossem mais atraídos na religião ao culto de Deus. E isto podia acontecer em Goa muito facilmente, onde os meninos cantavam nos ofícios, [...] e isso foi comprovado pelo Padre Francisco Xavier; nem era difícil ensinar os cantores, uma vez que os meninos mais adiantados no canto ensinavam os demais. (Car.JoPol.2, [1556], p. 460)

Uma permissão expressa ao uso da música nas missões distantes é encontrada somente em 1558, nas instruções do Padre Polanco às missões da Índia:

Deve-se permitir o canto na Índia e em outros lugares distantes, mesmo que isso não seja permitido à Companhia na Europa, se nesses locais isso for um auxílio para o culto de Deus e para o proveito espiritual, como se observou em Goa e na Etiópia. (Instr.JoPol.2, 1558, p. 77)

No mesmo ano ocorreu a imposição do Papa Paulo IV, e Polanco escreveu novamente, a mando do Padre Geral Lainez:

O canto, que até agora se permitiu na Índia para a edificação da gente, se aprova muito mais, tendo sido ordenado por Sua Santidade, e será bem ajudar aos meninos com a intervenção de alguns dos nossos na missa e Vésperas dos domingos e festas, além dos ofícios da Semana Santa e do Natal; e finalmente façam como têm feito até aqui sem escrúpulo de contrariar as Constituições. (Instr.JoPol.3, 1558, p. 133)

A permissão para o uso do canto de órgão continuou mesmo após a morte do Papa Paulo IV. Em uma consulta ao Padre Geral Lainez em 1562, o Padre Barreto, missionário em Cochim, na Índia, informou que

temos em nossa casa missa cantada sem gasto ou ocupação de nossa parte, por assim parecer agradável à gente, e continuamente vêm pessoas a cantá-lo por sua devoção. Se é com consentimento e vontade de V.P., contiuamos com isso, e se não o é, voltamos ao uso que antes tínhamos de missas rezadas por assim parecer mais conforme às Constituições. (Car.NuBar, 1562, p. 482)

De acordo com a resposta de Lainez, o canto de órgão poderia ser permitido na Índia, desde que não envolvesse a participação dos padres:

Quanto ao canto da missa, que muitas vezes é de órgão, sendo sem ocupação dos nossos, e edificando-se os da cidade, parece-me que se pode permitir que se continue seu uso [...] ainda que as Constituições excluam o canto de órgão. (Instr.JaLain, 1562, p. 653)

A mesma informação encontra-se em uma carta de 1576, na qual o Padre Visitador Valignani informa ao Padre Geral que “o canto é feito sempre por forasteiros, ainda que aqui em Goa o façam os meninos, que são muitas vezes ajudados pelos externos, e aqui em Goa é fácil sustentá-lo” (Car.AValig, 1576, p. 622).

Os textos sobre a Índia posteriores aos séc. XVI não foram consultados, pelo fato de existirem somente em manuscritos, e por não serem o objeto principal deste trabalho. Nota-se a ausência de estudos musicológicos que envolvam a Companhia de Jesus em Portugal e suas assistências, e trabalhos adicionais sobre o tema poderão contribuir para uma compreensão mais acurada da música feita pelos jesuítas no Brasil.

5.4 *Jesuita non cantat in Provincia Brasilica*

Por meio dos documentos mostrados acima percebe-se que algumas regras da Companhia de Jesus relativas à música foram mantidas em Portugal e nas missões da Índia. A prática musical é permitida como uma ferramenta de conversão do gentio; nos estabelecimentos urbanos, pode ser utilizada em eventos sacros, desde que seja restrita a determinadas ocasiões, e que não seja realizada pelos padres, para que estes possam ocupar-se do cuidado com o bem espiritual.

A leitura dos documentos mostra que essas características são também presentes na atuação dos jesuítas no Brasil colonial, desde a sua chegada até o momento da expulsão, como exposto a seguir.

5.4.1 A atuação musical dos jesuítas junto aos índios

A música na atuação dos jesuítas nas aldeias do Brasil colonial teve um caráter eminentemente prático e refletiu as características da ordem de intenso trabalho externo de assistencialismo e catequese. Os documentos demonstram que o uso da música pelos jesuítas junto aos índios foi extensivo desde a sua chegada ao Brasil em 1549. Em uma carta de agosto desse ano, Nóbrega menciona a atração que a música exercia sobre os índios, descrevendo uma “procissão com grande música, a que respondiam as trombetas. Ficaram os índios espantados de tal maneira, que depois pediram ao Padre [Juan de Azpicuelta] Navarro que lhes cantasse como fazia na procissão” (Car.MaNob.2, 1549, p. 129). A partir de então os padres passaram a buscar na música um meio de aproximação com os indígenas, o que é evidente nos documentos até o momento da expulsão.

A utilização do canto e de instrumentos pelos jesuítas junto aos índios foi o aspecto mais rico e influente da sua atuação musical no Brasil colonial. Segundo Tinhorão, os jesuítas teriam consistido na única possibilidade

de integração da cultura indígena à formação da cultura brasileira antes do séc. XX, e

com a expulsão dos jesuítas do Brasil em 1759, por ordem do Marquês de Pombal, ministro do Rei D. José I, de Portugal, a substituição das escolas dos jesuítas pelas chamadas Escolas Régias, e o estabelecimento da administração civil nas aldeias de indígenas sob o nome de Diretório dos Índios, os naturais da terra viam desaparecer definitivamente o seu aparente intercâmbio com os brancos colonizadores. Daí em diante, o pouco de sua cultura que ia se incorporar ao processo histórico brasileiro já nada mais deveria aos primitivos habitantes, mas a uma nova classe de gente: os mestiços de brancos que - muito sintomaticamente - um alvará de 4 de abril de 1755, sugerido pelo próprio Pombal, mandava igualar aos portugueses da Colônia, ao mesmo tempo que proibia 'dar-se-lhes o nome de *caboclos*, de outros semelhantes, que se possam reputar injuriosos'. (TINHORÃO, 1972, p. 21)

A influência da atuação jesuítica no período colonial provavelmente pode ser ainda hoje percebida no uso das rabecas e gaitas na música popular e folclórica no Norte e Nordeste do Brasil; porém, devido à interrupção de suas atividades com a expulsão dos padres em 1759, é difícil determinar até que ponto a atuação dos jesuítas influenciou a formação da cultura brasileira ou de identidades culturais regionais contemporâneas.

Como estratégias de aproximação com os índios, podem-se mencionar o uso dos seus instrumentos e a tradução de textos sacros e cantigas em sua língua; índios catequizados (sobretudo crianças, no séc. XVI) tocando e cantando eram também uma forma eficiente de conquistar os não-aldeados.

5.4.1.1 Meninos índios e órfãos de Lisboa

As crianças foram o principal alvo da catequese dos jesuítas, ao menos nas primeiras décadas de sua atuação; além de aprender com mais facilidade, através delas chegava-se mais rapidamente aos adultos, bastante arredios à presença dos brancos. Segundo Leite (1938-1949, vol. 1, p. 32), o

Padre Simão Rodrigues recomendou expressamente ao Padre Nóbrega a criação de meninos, ao dar-lhe o abraço de despedida em Lisboa.

Em 1550 foram enviados à Bahia os sete primeiros meninos do Colégio dos Órfãos, que já cantavam em Lisboa, como se pode ver na descrição de sua partida, pelo Padre Doménech:

Chegados a Belém [o Mosteiro de Santa Maria de Belém] e postos de joelhos diante do Santíssimo Sacramento, fizeram oração e, esperando pelo batel, cantaram a Salve Rainha e umas prosas a Nossa Senhora, onde estava muita gente e muitos frades, que ficaram mui edificados; e cantando umas cantigas de N. Senhora levantaram-se para se embarcar, acompanhados de muitos homens e mulheres. (Car.PeDom.1, 1550, p. 172)

Entre 1552 e 1557, os meninos órfãos são freqüentes nos relatos do Brasil, oficiando missas e cantando em procissão pelas aldeias. Em junho de 1552 o Padre Nóbrega escreveu ao Padre Simão Rodrigues dizendo que “este Colégio dos Meninos de Jesus vai em muito crescimento e fazem muito fruto, porque andam pelas aldeias com pregações e cantigas de Nosso Senhor ‘polla lingua’, o que muito alvoraça a todos” (Car.MaNob.4, 1552, p. 350). Uma carta do Irmão Vicente Rodrigues, de setembro de 1552, descreve a atuação do Padre Nóbrega com os meninos:

O Padre Nóbrega e outros irmãos fizeram algumas peregrinações aqui. Passaram muitos trabalhos dignos de notar, porque indo pelo sertão, visitavam as aldeias com a cruz levantada a modo de procissão, com suas redes, onde dormem, às costas, cada um com a sua, assim os padres como os meninos, caminhando todo o dia, e quando chegávamos às aldeias entrávamos com cantares santos e hinos. (Car.VicRod.4, 1552, p. 413)

Além dos meninos órfãos de Lisboa, a partir dessa data tornam-se extremamente freqüentes as descrições de meninos índios que aprendem canto e instrumentos e oficiam missas com música. Em uma carta de 1552 ao Padre Simão Rodrigues, o Padre Nóbrega menciona dois deles:

Eu tinha dois meninos da terra para mandar a V. R., os quais serão muito para a Companhia. Sabem bem ler e escrever e cantar, e são aqui pregadores, e não há mais que aprender; mandá-los-ia para aprenderem lá virtudes um ano e algum pouco de latim, e para se ordenarem quando tiverem idade. (Car.MaNob.4, 1552, p. 353)

As referências aos meninos órfãos não se estendem por muito tempo, mas a música dos meninos índios é mencionada até o início do séc. XVII, como na relação do Padre Fernão Guerreiro de 1605, segundo a qual os filhos dos índios “oficiam missas de canto d’órgão, com doçainas, charamelas, e outros instrumentos semelhantes” (GUERREIRO, 1605, f. 112v).

5.4.1.2 Índios músicos no séc. XVI

Da mesma forma que ocorria no séc. XVI com os meninos índios e órfãos portugueses, no séc. XVII índios músicos são levados nas novas expedições como uma forma de atrair os selvagens. Em uma primeira tentativa de se chegar por terra ao Maranhão, realizada pelos Padres Luís Figueira e Francisco Pinto em 1607, foram levados “*nheengaraybos* ou mestres de capela” (Rel.LuFig.2, 1608, p. 129); a missão não teve êxito, devido ao fato de o Padre Pinto ter sido morto pelos índios de Ibiapaba. A primeira missão bem sucedida dos jesuítas ao Maranhão ocorreria somente em 1615, logo após a expulsão dos franceses, com a ida do Padre Manuel Gomes na armada de Alexandre de Moura, com 300 índios como soldados e

cantores que cantavam os ofícios divinos em canto de órgão, com flautas, charamelas e outros instrumentos músicos, [...] para que vendo os gentios tudo feito por índios de nossas doutrinas se afeiçoassem a receber nossa Santa Fé e entendessem que o mesmo faríamos ensinando seus filhos. (Car.MaGom, 1621, pp. 274-275)

A atração dos índios pela música é mencionada nos textos até o séc. XVIII. Segundo o Padre Antônio de Macedo, na sua obra **Vida do Padre João de Almeida da Companhia de Jesus**, de ca. 1650, nada atrairia mais os

brasis que a música (Vid.AnMac, [1650], f. 13v). O Padre Bettendorf, em sua **Crônica** de 1698, afirma que “não há dúvida que um dos meios para entretê-los e afeiçoá-los a ficar e estar com os Padres é ensiná-los a tocar algum instrumento para suas folias em dias de suas festas em que fazem suas procissões e danças” (Cro.JoBett, 1698, p. 272). Segundo o relato **Tesouro descoberto no Amazonas**, do Padre João Daniel, o Padre Antônio Vieira, quando Superior das Missões do Maranhão,

aconselhava aos mais missionários daquele Estado, que introduzissem nos seus neófitos o canto, e instrumentos músicos, e ele mesmo assim o fazia, e fez para isso um grande provimento de instrumentos dos quais ainda restavam, e vi alguns no meu tempo, e bem o conheciam, experimentavam os mais missionários. (Rel.JoDan, 1776, t. 2, p. 211)

O texto do Padre João Daniel mostra que, apesar de não ser muito freqüente nos relatos após o séc. XVI, a música continuava a ser utilizada pelos missionários como um meio eficiente de atrair os indígenas.

5.4.1.3 O uso de instrumentos indígenas

Quando se discute a atuação musical dos jesuítas no Brasil, uma questão importante a ser colocada é a extensão do uso dos instrumentos dos próprios indígenas no processo de catequese.

Em uma carta de julho de 1552, o Padre Nóbrega relata ao Padre Simão Rodrigues que os meninos órfãos de Lisboa “costumavam cantar pelo mesmo tom dos índios, e com seus instrumentos, cantigas na língua em louvor de N. Senhor” (Car.MaNob.5, 1552, p. 373). O uso dos instrumentos dos índios é também evidenciado na polêmica entre Bispo Pedro Fernandes Sardinha e o Padre Nóbrega. Chocado com o seu uso em cerimônias religiosas, o Bispo reportou-se ao Padre Simão Rodrigues, Provincial da Companhia em Portugal:

Eu, querendo de alguma forma procurar fazer o ofício de bom pastor, admoestei, no primeiro sermão que fiz logo que cheguei a esta costa, que nenhum homem branco usasse os costumes gentílicos, porque, além de serem provocativos, são tão dissonantes da razão, que não sei quais são os ouvidos que podem ouvir tais sons, e tanger tão rústico.

Os meninos órfãos, antes que eu viesse, tinham o costume de cantar todos os domingos e festas cantares de Nossa Senhora ao tom gentílico, e de tanger certos instrumentos que estes bárbaros tanger e cantam quando querem beber seus vinhos e matar seus inimigos. Falei sobre isso com o Padre Nóbrega e com algumas pessoas que sabem a condição e maneira destes gentios [...] e disse que estes gentios se gabavam de ser os melhores, pois os padres e meninos tangiam seus instrumentos e cantavam a seu modo. Digo que os padres tangiam, porque em companhia dos meninos vinha um padre sacerdote, Salvador Rodrigues, que tangia, dançava e saltava com eles. (Car.PeSar.1, 1552, pp. 358-359)

Nóbrega defendeu-se, reafirmando a atração que o uso de instrumentos provocava nos índios, sem que isso prejudicasse a fé católica:

Se nos abraçarmos com alguns costumes deste gentio, os quais não são contra nossa fé católica, nem são ritos dedicados a ídolos, como é cantar cantigas de Nosso Senhor em sua língua e pelo seu tom, e tanger seus instrumentos de música que eles [usam] em suas festas quando matam contrários e quando andam bêbados; e isto para os atrair a deixarem os outros costumes essenciais e, permitindo-lhes estes, trabalhar por lhe tirar os outros. (Car.MaNob.6, [1552], pp. 406-407)

A resposta a essa carta de Nóbrega não foi encontrada, e também não parece ter chegado aos registros da Companhia de Jesus: Polanco, em sua **Vida de Inácio de Loyola e história da Companhia de Jesus**, refere-se à crítica do Bispo Sardinha, porém menciona somente a consulta de Nóbrega ao “juízo de homens pios e doutos em Portugal” (Cro.JoPol.2, 1539-1556, vol. 3, p. 466), uma referência provável ao Padre Simão Rodrigues, e não informa se houve uma resposta a Nóbrega, ou mesmo se essa prática continuou ou não. Castagna, em seu artigo **A música como instrumento de catequese no Brasil**, conclui que “é quase certo que a utilização de instrumentos indígenas

não foi bem aceita em Portugal, uma vez que esse tipo de relato não volta a ocorrer, mesmo após a morte do Bispo” (1997, p. 280).

A referência mais próxima nos relatos do Brasil a um possível uso dos instrumentos indígenas é a expressão “a seu modo”, freqüente até o final do séc. XVI, como na carta do Padre Antônio Blasques de 1561, na qual se descreve uma procissão na Aldeia de Santa Cruz:

Tornando pois ao meu propósito, como chegou à povoação, ocupou-se nos seus costumados exercícios, e véspera da Invenção da Cruz (que assim se chama esta casa) fizeram uma procissão mui solene, levando os índios às costas uma cruz mui formosa e grande, para arvorá-la em um monte para onde agora se mudou a igreja; iam eles tangendo e cantando uma folia a seu modo, e de quando em quando vinham fazer reverência à cruz que um Irmão levava. (Car.AnBlas.5, 1561, p. 338)

A mesma expressão encontra-se em uma carta do Padre Pero Rodrigues ao Padre Provincial, de 1599, que descreve a recepção de índios descidos na Aldeia dos Reis Magos, no Espírito Santo, pelo Padre Domingos Garcia e a gente de sua aldeia, “levando-lhes refresco de mantimentos, festejando a vinda com música de flautas, e outras a seu modo” (Car.PeRodr.2, 1599, f. 473v)

A leitura dos relatos sobre a atuação dos jesuítas na Índia pode fornecer informações sobre essa questão: alguns documentos mencionam o uso de instrumentos “da terra” pelo menos até o final do séc. XVI. Uma carta do Padre Belchior Dias de 1556, do Colégio de Baçaim (Índia), descreve a primeira missa em uma ermida não muito distante da cidade, com “muita solenidade, não somente por amor dos cristãos, que se movem muito por estes exteriores, mas ainda dos gentios, que iam com charamelas e outros instrumentos da terra, com cânticos e salmos” (Car.BelDi.2, 1566, p. 99); segundo a **Carta Ânua da Província da Índia de 1577**, a festa da Nsa. Sra. da Assunção foi realizada em Mampolim “com toda a música de canto d’órgão, danças e folias, e todos os mais instrumentos músicos da terra” (An.India, 1577, p. 956), e uma carta do Padre Francesco Pasio, de 1578, menciona que

em Goa as missas nas festas principais e Vésperas contavam com “muito boa música feita pelos órfãos e catecúmenos [...], que tocam órgão e outros instrumentos da terra” (Car.FrPas, 1578, pp. 358-359).

Esses documentos não nos permitem afirmar com certeza se o uso de instrumentos “da terra” ocorria também no Brasil; todavia, visto que os padres atuantes na Índia eram também portugueses, e dada a semelhança entre os relatos sobre a Índia e o Brasil, é de se supor que se os instrumentos da terra tivessem sido proibidos no Brasil, o mesmo teria ocorrido com a Índia; por outro lado, chama a atenção o fato de os instrumentos “da terra” não serem mencionados nos documentos sobre o Brasil, como o são nos documentos sobre a Índia. Pode-se, porém, afirmar que, no Brasil, mais cedo ou mais tarde os instrumentos teriam sido substituídos por instrumentos de modelo europeu, provavelmente devido à decadência paulatina da atividade jesuítica nos aldeamentos ou mesmo ao desenvolvimento do uso desses instrumentos no âmbito não-jesuítico, o que teria tornado mais fácil sua aquisição. O uso de instrumentos europeus é evidenciado na carta do Padre Fernão Cardim de 1602, que descreve seu aprisionamento por corsários ingleses quando voltava de Roma, e o roubo dos instrumentos músicos que trazia ao Brasil.¹²

5.4.1.4 Cantigas e autos

Um processo comum na catequese no séc. XVI, mencionado nos relatos já nos primeiros anos da atuação jesuítica no Brasil, era a utilização de cantigas com textos sacros vertidos na língua dos índios. Em uma carta de abril de 1549 ao Padre Simão Rodrigues, o Padre Nóbrega expressou a necessidade de os missionários aprenderem a língua dos índios para uma maior proximidade: “temos determinado ir viver nas aldeias quando estivermos mais assentados e seguros, e aprender com eles a língua e i-los

¹² Cf. o cap. 4, nota de rodapé 1.

doutrinando pouco a pouco. Trabalhei por tirar em sua língua as orações e algumas práticas de N. Senhor.” (Car.MaNob.1, 1549, p. 112). Pouco tempo depois o Padre Navarro traduziu o Pai Nosso “em modo de seus cantares, para que aprendessem e gostassem mais rápido, principalmente os meninos” (Car.JuAzp.1, 1550, p. 280). O Padre Nóbrega relata em 1550 que o Padre Navarro “fazia os meninos cantarem à noite certas orações que lhes havia ensinado em sua língua, [...] em lugar de certas canções lascivas e diabólicas que usavam antes” (Car.MaNob.3, 1550, p. 159).

Pelo que indicam os documentos mais antigos, no início de sua atuação, os jesuítas utilizavam-se, além da língua dos índios, também de suas melodias. Uma das críticas do Bispo Sardinha era que os meninos órfãos cantavam “cantares de Nossa Senhora ao tom gentílico” (Car.PeSar.1, 1552, p. 358); em resposta, Nóbrega afirmou que uma forma de atrair os índios era “cantar cantigas de Nosso Senhor em sua língua e pelo seu tom” (Car.MaNob.6, [1552], p. 407). Não foram encontradas referências posteriores ao uso de melodias indígenas ou de cantigas “pelo seu tom”. Exatamente como ocorreu com o uso dos instrumentos dos índios, essa prática provavelmente foi logo abandonada.

Apesar de não conterem nenhum tipo de notação musical, os autos do padre José de Anchieta são praticamente o único registro de melodias da atividade dos jesuítas no Brasil. Para esses autos várias cantigas foram escritas na língua dos índios, trazendo indicações textuais de melodias conhecidas, que deveriam ser utilizadas para os textos. Os originais encontram-se no ARSI, fundo *Opera Nostrorum* 24, e tiveram várias publicações em português. Os autos foram discutidos por Castagna (1991, vol. 1, pp. 57-61) e sobretudo por Budasz, em sua dissertação de mestrado **O cancionero Ibérico em José de Anchieta – um enfoque musicológico** (1996), razão pela qual não se entrará aqui em maiores detalhes sobre o assunto.

As referências às cantigas vertidas na língua dos índios são freqüentes no séc. XVI, mas tornam-se raras depois disso. A **Crônica** do Padre

Bettendorf descreve procissões na Aldeia de Cairitiba, no Maranhão, em 1607, nas quais os índios levavam “diante de si a imagem da Virgem Senhora Nossa, cantando alternativamente: *Tupá cy angaturana, Santa Maria Christo Yàra*” (Cro.JoBett, 1698, p. 272). A **História da Companhia de Jesus** do Padre José de Moraes, de 1759, relata a atuação do Padre Luís Figueira no Maranhão entre 1636 e 1638:

Era notável o fruto com que o bom padre via reverdecer aquelas mirradas plantas pela ignorância e esquecimento próprio, por falta do orvalho da divina palavra, que era o mesmo que a necessidade que padeciam de operários; e querendo-lhes fosse mais suave o jugo da lei que professavam, lhes compôs em devotas canções pela sua mesma língua, com que haviam de louvar a Deus, e sua Mãe Santíssima, aos anjos e santos do Céu; e para melhor os atrair com a melodia do canto, ele mesmo tomava o trabalho de ensinar os inocentes de melhores vozes, para na sua boca aperfeiçoar os louvores divinos com maior fruto. (Rel.JoMor, 1759, p. 144)

O Padre Luís Figueira afirma na sua **Relação da missão ao Maranhão**, de 1607, que ensinava os filhos dos índios de Ibiapaba a ler e a cantar (Rel.LuFig.1, 1607, f. 168v), mas não faz menção à composição de cantigas.

Um documento que demonstra a existência dessa prática ainda no final do séc. XVII é o **Catecismo da doutrina Christã na Lingua Brasilica da Nação Kiriri**, do Padre Luis Vincencio Mamiani delle Rovere, publicado em Lisboa em 1698. Parte do **Catecismo** é composta de **Cantigas na lingua kiriri para cantarem os Meninos da doutrina com a versão em versos castelhanos do mesmo metro** e de um *Stabat Mater* traduzido na língua kiriri, com a solfa de 4 cantigas. Este seria o único caso de um registro musical de cantigas da atuação jesuítica no Brasil colonial, porém nos exemplares consultados (das Bibliotecas Nacionais do Rio de Janeiro, de Lisboa e de Roma) foi deixado um espaço em branco no lugar da impressão da solfa. Segundo Budasz (1995), que menciona ainda exemplares consultados em Nápoles e Paris, o espaço deixado seria para a música, que provavelmente deveria ser escrita pelo próprio jesuíta que utilizasse o livro.

O costume de se compor ou traduzir cantigas na língua dos índios provavelmente deve ter continuado até a expulsão, ainda que em uma proporção cada vez menor, e é ausente dos relatos porque provavelmente teria deixado de ser um fato inédito e interessante o suficiente para constar dos relatos, da mesma forma que ocorreu com as referências a instrumentos.

5.4.2 Restrições à prática e ao ensino musical pelos padres da Companhia

As instruções do Padre Inácio de Azevedo, em sua primeira visita ao Brasil, mostram que as restrições à prática musical expressas nas Constituições deveriam ser seguidas, exceto nas aldeias:

Acerca de cantar missas e outros ofícios divinos, e procissões, etc., nas partes onde há curas e vigários que o fazem em nossa igreja, os nossos guardem as Constituições, procurando ajudar as almas com as confissões, e pregações, e ensinar a doutrina cristã, e evitar-se-á a emulação dos curas. Nas partes onde não há outros sacerdotes, como é Piratininga ou em aldeias entre os índios, ali poderão fazer, segundo ver o Provincial que convém para a edificação do povo, mas de maneira que não falem por isso nos ministérios já ditos. (Vis.IgAzev, [1566], f. 137v)

O único regulamento encontrado para um estabelecimento urbano é o **Regulamento do Seminário de Belém**, de ca. 1696, segundo o qual “de nenhuma maneira os Nossos ensinem solfa nem toquem instrumentos, nem cantem e muito menos na Igreja e no câro” (Ord.SemBel, [1696], p. 183).

As poucas referências à prática musical realizada por padres jesuítas coincidem com esses regulamentos. Elas surgem geralmente nos primeiros anos da Companhia de Jesus e são comuns no séc. XVI, sempre associadas à atividade junto aos índios, porém tornam-se mais raras nos documentos posteriores.

5.4.2.1 Jesuítas envolvidos com a prática e o ensino musical

A referência mais antiga a padres jesuítas envolvidos com prática musical encontra-se em uma carta de 1549 do padre Nóbrega, que descreve uma procissão na qual os índios ficaram “espantados tal maneira, que depois pediram ao Padre [João de Azpicuelta] Navarro que lhes cantasse como fazia na procissão” (Car.MaNob.2, 1549, p. 129). Alguns anos depois, o Bispo Sardinha criticou o fato de o Padre Salvador Rodrigues tocar e dançar com os meninos (Car.PeSar.1, 1552, p. 359). Foi encontrada uma biografia anônima do Padre Salvador Rodrigues (Vid.SalRod, [s/d]), que não se refere à sua suposta prática ou ensino de música, apesar de mencionar o canto de ladainhas e orações pelos meninos.

Um outro exemplo do séc. XVI é o Padre Antônio Rodrigues, que “sabia cantar e tanger flauta, com que causava muita devoção nos gentios” (His.FundCol, [1574], p. 128). A biografia do Padre Antônio Rodrigues difere dos outros membros da Companhia; ele veio para o Paraguai como soldado e entrou para a Companhia em São Vicente em 1553, aos 38 anos de idade (e não aos 16 ou 17 anos como geralmente ocorria), e ordenou-se sacerdote 9 anos mais tarde (LEITE, 1938-1949, vol. 9, p. 82). Além da prática musical, vários documentos mencionam o ensino de canto e de instrumentos aos meninos índios pelo Padre Rodrigues na Aldeia de Piratininga em 1554 (Car.JoAnch.2, 1554, p. 106), e na Bahia, nas Aldeias do Rio Vermelho em 1556 (Quad.AnBlas.2, [1557], p. 185), do Espírito Santo (Car.AnBlas.6, 1564, pp. 433-434), de São Tiago (Car.AnBlas.7, 1564, p. 450) em 1564, e no Colégio em 1565 (Car.AnBlas.8, 1565, p. 463). As atividades musicais do Padre Rodrigues foram descritas por Serafim Leite no artigo **Antonio Rodrigues, o 1º mestre escola de São Paulo**, de 1952.

O Padre Inácio de Azevedo também é relacionado a atividades musicais. Um documento de 1574 relata que ele, ciente dos atributos musicais do Padre Antônio Rodrigues, tê-lo-ia levado consigo para a conversão dos tamoiós em ca. 1560 (His.FundCol, [1574], p. 128). Segundo a **Crônica** do

Padre Simão de Vasconcelos (1663, pp. 446 e 403), o Padre Azevedo era versado em canto de órgão e na sua segunda vinda ao Brasil, em 1570, teria trazido consigo músicos (os irmãos Magalhães, Álvaro Mendes e Francisco Peres Godoi), ao som de cuja harpa rompia em lágrimas. O Padre Inácio de Azevedo não chegou ao Brasil, pois morreu em um naufrágio. Um fato curioso é que entre as instruções estabelecidas pelo Padre Azevedo em sua primeira vinda ao Brasil como Visitador, encontram-se algumas restrições à música, como a proibição de se ensinar o canto nas casas da Companhia no Brasil e de se cantar missas e outros ofícios (Vis.IgAzev, [1566], f. 137v), um procedimento semelhante ao do Padre Lanoy, que foi punido devido à prática musical enquanto era Reitor do Colégio de Viena, mas proibiu-a quando era Visitador.

Em alguns documentos do séc. XVII também se encontram referências à prática musical por padres jesuítas, embora com menor freqüência. A **Ânua da Província do Brasil de 1670 a 1679**, do Padre Felipe Coelho, menciona a morte do Padre Gondícalus Pereira em 1679, descrito no documento como “pintor, alfaiate, torneiro e músico” (An.FeCoel, 1679, f. 243v); não foi encontrada em outros documentos qualquer referência a uma atividade musical do Padre Pereira. Em sua **Crônica**, o Padre Bettendorf cita o Padre João Maria Gorzoni, na Aldeia de Cairitiba, em ca. 1670, “que tocava uma gaitinha, [...] perfeitamente bem por solfa” (Cro.JoBett, 1698, p. 270); cita também o Padre Diogo da Costa, que se mudou para o Colégio do Maranhão entre 1690 e 1692, e “sabia cantar e tocar admiravelmente bem a viola, ensinou os rapazes a cantarem e a tocarem, suspendia os ouvintes quando se cantavam as Ladainhas e Salve Rainha à honra da Virgem Senhora Nossa da Luz” (p. 478). Chama a atenção a grande quantidade de referências à prática musical no relato de Bettendorf, assim como nas ânuas de sua autoria, o que parece indicar sua propensão à música, mas a única menção à música praticada pelo próprio Padre Bettendorf é a de que ele cantava “missas solenes, ajudado pelos domésticos de Diogo Pereira, que eram os meus

músicos, e acompanhavam canto com suas rabecas e violas, que tocavam com muita destreza” (Cro.JoBett, 1698, p. 593).

A única referência em textos do séc. XVIII foi encontrada na **Crônica** do Padre Domingos de Araújo. Segundo o texto, o Padre Antônio Vieira ordenou

que todos os dias os estudantes e meninos da escola cantassem o terço, Salve Rainha e ladainha da Senhora na Igreja da Senhora da Luz no Colégio do Maranhão [...] e no fim cantava o mesmo Padre Antônio Vieira um exemplo, com que fortemente movia e afervorava a todos no amor e devoção da Senhora. (Cro.DomAr, 1720, f. 166v)

Apesar de algumas referências à prática musical realizada pelos padres, uma carta de 1671 do Padre Manoel Rodrigues ao Prepósito Geral sobre celebrações em São Luís do Maranhão mostra que os regulamentos deveriam continuar sendo seguidos, porque

um dos nossos padres aqui nesta igreja canta por modo de solfa, fazendo o compasso aos que o ajudam, que são seus discípulos, e como os ensina e ensaia na classe, cuidaram os que os vêem que os nossos ensinam solfa, e já lhe advertirão os Superiores passados, e não falta quem diga que melhor seria fazê-los dizer ao nosso modo, ou não fazer ofício. (Car.MaRodr, 1671, f. 28v)

Em algumas biografias, documentos de caráter extremamente laudatório, encontram-se referências de repúdio à música como algo a ser louvado, como na biografia do Padre Belchior Pontes, escrita em 1752 pelo Padre Manoel da Fonseca:

Divertia-se algumas vezes seu irmão João de Pontes com o suave de músicos instrumentos, mas ele nada prezava de terrestres melodias; se conservava como serpente surda, que foge à suavidade do encantador, no seu amado retiro [...]. Nem o ter aprendido a cantar era motivo suficiente, para que em companhia do irmão gastasse algum tempo neste lícito exercício: antes de tal sorte se houve em toda a sua vida, que quem não soubesse que tinha aprendido esta arte, julgaria que nem ainda muito de longe tinha cortejado ao harmonioso Apolo. (FONSECA, 1752, p. 12)

Descrição semelhante encontra-se na **Vida do Padre Manoel Correia**, escrita pelo Padre José Rodrigues em ca. 1766, segundo a qual o Padre Correia não apreciava ouvir o *concentus musicus* em cerimônia nas igrejas (Vid.MaCor, [1766], p. 17).

Apesar de não haver menção alguma nos regulamentos, as restrições à prática pelos padres não parecem estender-se com o mesmo rigor aos irmãos. O Padre Antônio Blasques descreve uma procissão na Aldeia de São Paulo (na Bahia) em 1564, na qual “ia o côro dos irmãos cantando *Te Deum laudamus* e *Laudate Dominum omnes gentes*” (Car.AnBlas.6, 1564, p. 437); segundo o Padre Fernão Cardim, a viagem do Visitador da Bahia a Pernambuco em 1585 foi realizada com “boa música, que alguns irmãos de boas falas faziam freqüentemente ao som de uma suave flauta, que de noite nos consolavam e de madrugada nos despertavam com devotos e saudosos salmos e cantigas” (Rel.FeCar.2, 1585. P. 326).

Alguns documentos referem-se especificamente a irmãos envolvidos com algum tipo de prática musical: o Padre Fernão Cardim menciona o Irmão Barnabé Tello tocando seu berimbau na Bahia em 1583 (Rel.FeCar.2, 1585, p. 301) e no Rio de Janeiro em 1584 (p. 345). O Irmão Inácio de Azevedo, atuante na Aldeia do Gurupi (Pará) em 1661, é descrito como “um bom músico” pelo Padre Bettendorf, em sua **Crônica** (Cro.JoBett, 1698, p. 154). A **Ânua do Brasil de 1727**, do Padre Marcus da Távora, comunica a morte do Irmão Pedro de Matos, descrito como “cantor suavíssimo” (An.MaTav, 1727, f. 286); o mesmo irmão é mencionado no **Catálogo Breve da Província do Brasil de 1719**, do Padre Manoel Dias, como Vice-Procurador, despenseiro e cozinheiro,¹³ mas nada se encontra no catálogo sobre sua atividade como cantor. O documento **Lembrança dos defuntos que estão enterrados na Igreja de Nsa. Sra. da Luz do Colégio da Companhia de Jesus do Maranhão** menciona a morte do Irmão Francisco Tomás em 1723, que

¹³ **Catálogo Breve da Província do Brasil**. Padre Manoel Dias. Bahia, 28 de julho de 1719. Original no ARSI, Bras 6 I, ff. 101-106. O documento não foi transcrito nos anexos por não apresentar informações sobre música.

“mostrou particular zelo do bem comum, e zelo de chamar os meninos, e meninas para a doutrina, com os quais rezava, e cantava nos sábados a Ladainha de N. Senhora” (Lemb.Def, 1730, ff. 13v-14); em 1727 cita a morte do Irmão Inácio Luiz, que “assistia ao Terço, que também cantava, acompanhando os meninos” (f. 18v), e em 1740, do Irmão Manoel Machado, que

nunca falhava ao terço do Colégio, e fora dele, quando os estudantes externos o cantavam, e ele cantava ao seu modo de tal sorte, que metia interna devoção ver a devoção com que estava. Fazendo o refeitório em Tapuitapera cantava a Ave Maria e o Rosário. (Lemb.Def, 1730, f. 28)

Os catálogos breves, que de acordo com a **Formula scribendi** ([1580], p. 45) deveriam ser enviados regularmente ao Padre Geral, continham uma lista de padres e irmãos, com seus estudos e tarefas desempenhadas. Vários destes catálogos podem ser encontrados no acervo do ARSI, como o **Catálogo Breve da Província do Brasil de 1719**, do Padre Manoel Dias,¹⁴ no qual são listadas funções dos padres, como enfermeiro, cozinheiro, farmacêutico, despenseiro, bibliotecário,¹⁵ etc. Assim como nos outros catálogos, neste não se encontra qualquer referência a atividades relacionadas à música.

Observando-se catálogos de outras ordens percebe-se uma realidade diferente. Entre beneditinos a prática musical era comum, ainda que fossem proibidos de cantar em igrejas de outras ordens. A título de comparação, encontra-se transcrita a seguir uma lista de beneditinos músicos atuantes no Brasil nos séculos XVII e XVIII, apresentada pela Dra. Elisa Lessa no Congresso Internacional Brasil-Europa 500 Anos (1999):

Fr. José de S. Ana Coimbra, cantor mór (1764-1766)

Fr. Luís da Assunção, cantor mór (1765-1768)

¹⁴ Sobre o catálogo do Padre Manoel Dias, cf. a nota anterior.

¹⁵ No original: *infirmarius, cocus, pharmacopola, dispensarius, bibliopola*.

Fr. Henrique da Encarnação, cantor mór (1780-1783)
Fr. João de J. M. J. Mendonça, cantor mór, (1786-1789)
Fr. Manuel dos Prazeres, cantor (1789-1793)
Fr. João do Deserto, cantor mór (? - 1624)
Fr. Antônio da Encarnação, baixão (? - 1638)
Fr. Manuel de Mesquita, cantor mór (? - 1639)
Fr. Plácido da Cruz, organista (? - 1642)
Fr. Estevão Jesus, baixão (? - 1644)
Fr. Antônio de S. Paulo, harpista (? - 1652)
Fr. Manuel da Cruz, baixão (1656 - 1743)
Fr. Bento da Cruz, cantor mór (? - 1663)
Fr. Manuel do Desterro, cantor (? - 1668)
Fr. Manuel da Encarnação, harpista (1669 - 1753)
Fr. Dionísio de S. José, cantor (1674 - 1731)
Fr. Martinho de Jesus, cantor (? - 1683)
Fr. Marcos do Desterro, organista (? - 1686)
Fr. Romualdo de S. Catarina, cantor (? - 1693)
Fr. Matias de S. Bento, cantor mór (? - 1695)
Fr. Rodrigo do Espírito Santo, cantor (? - 1698)
Fr. João de S. Maria Cantor, organista (? - 1699)
Fr. Pedro de S. José, organista (1707 - 1795)
Fr. Faustino da Vitória, cantor mór (? - 1713)
Fr. Félix, instrumentista (? - c. 1700/1715)
Fr. Francisco da Gama, organista, cantor, mestre capela (? - c. 1700/1715)
Fr. Agostinho de Santa Mônica, cantor, instrumentista (? - 1715)
Fr. Pantaleão de S. Bento, instrumentista (? - c.1719/1720)
Fr. João do Sacramento, organista (? - 1720)
Fr. Boaventura de S. Quitéria, organista (? - 1721)
Fr. José de Jesus Maria Sampaio, compositor, organista (1721 - 1810)
Fr. Emiliano da Madre de Deus, cantor (? - 1730)
Fr. Joaquim de Jesus Maria, cantor mór (? - 1732)

Fr. Antônio Serafins, músico (? - 1749)

Fr. Miguel de Jesus Maria, cantor, mestre de coristas (? - 1777)

Fr. S. Luzia Cantor, mestre capela (? - 1758)

Em resumo, percebe-se que a prática musical realizada por padres jesuítas era mais usual nas primeiras décadas da sua atuação no Brasil. Nesse período as Constituições da Companhia estavam sendo elaboradas e a prática musical justificava-se pela atuação junto aos índios. Nos séculos XVII e XVIII existia uma prática isolada, que não se enquadrava exatamente nos preceitos da Companhia. Diferentemente do que ocorria com os padres, a prática pelos irmãos era aceita.

5.4.2.2 A prática musical realizada por externos à Companhia

Além das restrições a que os padres se ocupassem da música, nos relatos jesuítas do Brasil colonial são comuns referências à prática musical por externos à Companhia de Jesus nos seus estabelecimentos, tanto em aldeias quanto em colégios e seminários.

5.4.2.2.1 Nas aldeias

Apesar de os regulamentos permitirem a prática musical pelos padres em aldeias, esta era geralmente um encargo dos índios, como mostra a **Informação da Missão do Padre Christovão de Gouvêa** do Padre Fernão Cardim, de 1585:

Em todas estas três aldeias [do Espírito Santo, de Santo Antônio e de São João, na Bahia] há escola de ler e escrever, onde os padres ensinam os meninos índios, e a alguns mais hábeis também ensinam a contar, cantar e tanger; tudo tomam bem, e há já muitos que tanger flautas, violas, cravo, e oficiam missas em canto d'orgão, coisas que os pais estimam muito. (Rel.FeCar.2, 1585, 1585, P. 315)

O Marquês de Montalvão, ao descrever as atividades dos jesuítas nas aldeias de São Paulo, menciona que “é muito para ver a doutrina com que tem os índios das aldeias que hoje têm, porque em cada uma delas beneficiam os ditos índios as missas em canto de órgão, e assistem aos mais ofícios divinos” (Car.MaMon, [1640], p. 196).

Também é mencionada a prática musical pelos índios no Rio de Janeiro. Segundo a **Informação das ocupações dos Padres e Irmãos do Rio de Janeiro**, do Padre Antônio de Mattos, de 1619, um dos objetivos da Companhia junto aos índios era de “os domesticar nos costumes [...] para que saibam promover o culto divino, e ajudar a celebrar os ofícios divinos com canto de órgão e instrumentos músicos” (Inf.AnMat, 1619, p. 564).

5.4.2.2.2 Nos estabelecimentos urbanos

Nos estabelecimentos jesuíticos voltados para a formação da população urbana, fora do âmbito da catequese indígena, as restrições à prática musical eram obedecidas mais rigorosamente. Vários documentos descrevem eventos realizados com música nos colégios e seminários e, em quase sua totalidade, esses documentos mencionam a participação de externos à Companhia de Jesus, como religiosos de outras ordens, músicos contratados, seminaristas e estudantes dos colégios.

No final do séc. XVII e início do séc. XVIII era bastante freqüente a presença de padres seculares e de religiosos de outras ordens, sobretudo mercedários e carmelitas, nas cerimônias dos colégios.

Era constante a presença dos mercedários nos ofícios realizados nos colégios jesuíticos do Maranhão e Pará, segundo os relatos do Padre Bettendorf. Consta na **Ânua da missão do Maranhão de 1671**, de sua autoria, que a inauguração da igreja do Colégio de Santo Alexandre, em Belém do Pará, em 1668, foi celebrada com “o coro músico dos padres de Nsa. Sra. das Mercês” (An.JoBett.2, 1671, f. 261v). Segundo sua **Crônica**, no Colégio do Maranhão os “músicos de Nossa Senhora das Mercês” cantavam a *Salve*

Regina e as ladainhas nas devoções da Confraria de Nsa. Sra., após a instituição do terço pelo Padre Vieira, em 1652 (Cro.JoBett, 1698, p. 78); no Colégio do Pará, a Quaresma de 1698 foi oficiada com a “assistência dos muitos reverendos padres das Mercês, para cantarem, ao som do cravo, os misereres, no princípio, e no final das práticas, os seus motetes devotíssimos, acomodados á Sagrada Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo” (p. 632). Em uma das raras referências à harpa nos textos jesuíticos, ela é tocada por religiosos das Mercês na viagem do Padre Frutuoso Correia de Lisboa ao Maranhão, na qual “cantou o P. Comissario das Mercês Missa à Nossa Senhora, que oficiaram os seus religiosos com harpa, baixão e viola, para mitigar as saudades da música desse Reino” (Rel.FruCor, 1696, p. 387).

Segundo Vicente Salles, são escassas as informações sobre a música dos mercedários, pois estes não nos legaram informações sobre sua história, como o fizeram outras ordens. Sabe-se que, vindos de Quito, instalaram-se em Belém em 1639, onde iniciaram a construção de sua igreja e convento em 1640, e em 1654 fundaram o convento de São Luís do Maranhão (SALLES, 2003, pp. 7-8). Assim como a Companhia de Jesus, a Ordem de Nsa. Sra. das Mercês também foi extinta em 1787 e teve seus bens confiscados pela Coroa portuguesa.

Alguns relatos mencionam também a participação dos carmelitas em cerimônias nos principais colégios, a partir do final do séc. XVII. Segundo Salles, os carmelitas eram “grandes cantochanistas, a eles se deve a primeira aula de solfejo e cantochão, instituída em Belém em 1640” (SALLES, 2001, p. 2). Um grande evento para a música do Pará foi a chegada em 1724 do frei carmelita Bartolomeu do Pilar, primeiro bispo do Pará, que trazia em sua comitiva “nove capelães músicos, sendo um deles mestre-de-capela; oito moços do coro, também instruídos em música; um organista; um chantre e um subchantre” (idem, p. 3). Segundo a **Ânua da Província do Maranhão de 1672**, do Padre Bettendorf, as Vésperas foram oficiadas na Quaresma na igreja do Colégio pelos carmelitas, “com suave *concentus* de vozes e instrumentos músicos” (An.JoBett.4, 1672, f. 284v). Em todas as outras

referências à atuação musical dos carmelitas em colégios jesuíticos, trata-se de cerimônias fúnebres: no Colégio da Bahia em 1706 (Car.JoAnd.2, 1706, f. 102); no Colégio de Olinda em 1706 (Car.JoAnd.3, 1706, f. 105) e em 1713 (An.JoAnd.5, 1714, f. 95); no Colégio do Rio de Janeiro em 1736, com salmodias fúnebres e instrumentos (An.CoPac.1, 1737, f. 371) e em 1738 (An.FrAlm, 1738, f. 375v). Um documento do séc. XVIII, atribuído ao Padre Jacinto de Carvalho, descreve as cerimônias realizadas no Colégio do Maranhão pela ocasião da morte do padre jesuíta João de Vilar, em 1719, com a participação de carmelitas e mercedários:

Chegadas as novas da sua morte à Cidade do Maranhão, não se pode facilmente explicar quão grande fosse o sentimento geral de todos. Fez-se-lhe o ofício de defuntos com toda a solenidade na nossa Igreja, que cantaram os Religiosos do Carmo e das Mercês, veio assistir o Bispo com todo o clero, o Senado da Câmara com todos os ministros da justiça. (Mor.JoVil, [1719], ff. 73-73v.)

As cerimônias fúnebres eram uma das ocasiões em que se permitia a música nos estabelecimentos jesuíticos, mas não se encontrou qualquer justificativa para a presença quase exclusiva dos carmelitas nessas cerimônias.

A **Ânua da Província do Brasil de 1620**, do Padre Inácio Taveira, menciona uma missa solene oficiada por beneditinos no Colégio da Bahia, em 1620 (An.InTav, [1621], f. 276v); é a única referência encontrada à música realizada por essa ordem em um estabelecimento jesuítico.

Alguns relatos mencionam também a contratação de músicos profissionais para eventos realizados nos colégios. O **Catálogo do Colégio da Bahia**, realizado em 1701 pelo padre Francisco de Mattos, refere-se a gastos com “óleo, vinho, cera, vestes sacerdotais e o pagamento dos músicos” (Cat.FrMat, 1701, p. 589). Uma biografia anônima do Padre Estanislau de Campos, Reitor do Colégio da Bahia, menciona a contratação de músicos por ocasião dos exames do colégio:

Por esta razão, chegando o tempo destinado aos exames de filosofia, mandou, a expensas do colégio, ornar a sala da escola, vir os principais músicos da cidade, e fazer outros preparativos, afim de que os estudantes externos perdessem a falsa opinião, em que estavam, de não poderem os nossos estudantes assistir a festas literárias, se não fossem coadjuvados por suas riquezas. (Vid.EsCam, [1765], p. 28)

Diferentemente do que ocorre em outras ordens, nos estabelecimentos jesuíticos os coros eram geralmente constituídos pelos seminaristas. Em uma carta do Colégio do Maranhão, de 6 de agosto de 1756, o Padre Franciscus Wolf descreve as cerimônias da Semana Santa, cantadas pelos seminaristas: “com singular devoção realizaram-se as funções e cerimônias da Semana Santa, com o coro músico formado por nossos seminaristas” (Car.FrWol.1, 1756, f. 485v). É curioso que, apesar das referências ao coro e a instrumentos no Colégio do Maranhão, não são mencionadas aulas de música.

5.4.2.3 O ensino da música

Assim como a prática, também o ensino da música nos colégios e seminários do Brasil deveria ser realizado por externos, e não por padres. Dentre os estabelecimentos jesuíticos urbanos do Brasil colonial, o único sobre o qual se encontraram repetidas referências ao ensino musical foi o Seminário de Belém da Cachoeira, na Bahia. O **Regulamento** do Seminário, um documento único e relevante para a história do ensino no Brasil, menciona o ensino de solfa, canto e instrumentos aos internos:

Haverá duas classes de Latim, além da classe de Solfa, e em uma se ensinará a Arte e na outra a mais Latinidade e Retórica, conforme a capacidade dos ouvintes, segundo a ordem das classes da Companhia. [...]
Acabado o repouso, irão fazer breve oração ao Senhor ou à Senhora; recolher-se-ão a seus lugares, a estudar as obrigações da classe, até as três horas, e serão castigados os que neste tempo falarem. Às três horas irão à classe; acabada ela poderão falar até a lição de solfa, à qual assistirão todos, e terão suas

lições, e serão castigados os que faltarem. Acabada ela poderão esparecer até as Ave-Marias, conforme a permissão do Padre Reitor. [...]

Nos Dias Santos e suetos à tarde, depois de estudarem uma hora, terão o mais tempo de recreação, e poderão jogar os jogos costumados e merendar, e procurar de aproveitar o tempo, recordando o atrasado, fazendo suas composições, provando os tonilhos, e aprendendo a tocar os instrumentos, conforme a ordem que tiver dado o Padre Reitor. (Ord.SemBel, [1696], pp. 185, 187-188)

O mesmo regulamento proíbe aos padres jesuítas o ensino e a prática musical e estabelece que o “mestre de música seja um secular” (Ord.SemBel, [1696], p. 183). Sobre essa proibição, Serafim Leite faz o seguinte comentário:

Por serem poucos os padres a se ocuparem dos ministérios sacerdotais, que não poderiam ser exercitados senão por eles, o ‘mestre de Música será um secular’ (§12 do *Regulamento Geral*). Esta última disposição legal, de serem de fora os Professores de música, era de difícil execução, por se ter situado o Seminário em lugar sadio e amplo, fora de aglomerado urbano. Belém ficava longe da Bahia e a alguma distância da Vila da Cachoeira, onde poderiam morar esses Professores. Nas casas da Companhia não era costume viverem seculares. Circunstância que deve ter concorrido, não obstante o texto da lei orgânica, para se dispensar no decorrer dos anos; e, se não sempre, muitas vezes, alguém da casa, mais perito na arte, teria sido mestre de música. Deve ter sido o caso do Irmão PEDRO DE MATOS, de Tôrres Vedras, a quem ofereceram outras Ordens Religiosas e admissão com o sacerdócio, preferido ele ficar irmão leigo na Companhia, e, no Seminário de Belém, onde faleceu, em 1725, com a menção de ‘grande cantor’. (LEITE apud CASTAGNA, 1991, vol. 2, p. 683)

Apesar da observação de Leite, o **Regulamento** parece ter sido realmente seguido. O professor externo de música é mencionado pelo Padre Manoel Correia em sua visita ao Seminário, já em 1693 (Vis.ManCor, 1693, f. 327v), e a **Ânua da Província do Brasil de 1699**, do Padre João Antonio Andreoni, Reitor do Colégio da Bahia, menciona

o canto músico com um professor externo, após os estudos de letras, para que sirvam nos dias festivos no templo à religião e à piedade, com o prazer santo e doce dos que ouvem aquela melodia, e admiram a discrição conjunta e com ordem. (An.JoAnd.1, 1699, f. 443)

O mesmo costume é observado nos textos sobre a Índia. Instruções do Padre Francisco Borgia de 1570 determinam que “em Goa, que os nossos não ensinem o canto” (Car.FranBor, 1570, p. 189). Wicki, em seu artigo sobre as escolas dos jesuítas na Índia portuguesa (1986), transcreve uma extensa lista de professores atuantes nos colégios, ano a ano, entre 1500 e 1756, descrevendo a função de cada um; as únicas referências à música mencionam um externo, em 1664, nos colégios de Chaul, Damão, Diu e Salsete, sendo que neste último as referências ao professor repetem-se até 1709.

Observa-se que, nas instruções do Padre Vieira e do Padre Gouveia, não se encontram restrições ao ensino musical pelos padres, porque nas aldeias não era possível contratar um professor, como ocorria no Seminário.

No artigo **Contribuição para a História da Música na Amazônia**, Borromeu relata a descoberta do que provavelmente foi material utilizado pelos jesuítas em aulas de música da Aldeia de Murtigura, no Pará:

Na ocasião da reforma do forro da igreja de São João Batista de Murtigura (hoje Conde), obra histórica dos missionários da Companhia de Jesus, descobriram-se tábuas de música, com as notas xilografadas na madeira dura de acapu, sem dúvida peças de material didático da antiga escola missionária de Murtigura. (BORROMEU, 1951, p. 107)

Nos textos jesuíticos não se encontrou qualquer referência ao uso de placas de madeira em aulas de música; não se sabe tampouco o paradeiro atual das placas encontradas.

5.4.3 A prática musical permitida em ocasiões especiais

Pelo que os documentos indicam, a música era utilizada com maior frequência nos cultos nas aldeias, geralmente feita pelos índios, mas não era uma prática usual nos aglomerados urbanos. Já em 1555 o Padre Ambrósio Pires informa em uma carta de Porto Seguro que os bispos “perseguem nossos devotos que querem antes ouvir uma missa rezada na Companhia que uma cantada na sua paróquia” (Car.AmPir, 1555, p. 231). A mesma informação pode ser encontrada em documentos posteriores; em uma carta de 1653, o Padre Antônio Vieira afirma que o culto com canto público pode não parecer próprio à Companhia:

Não faltarão porventura a quem por este modo de devoção com canto público pareça coisa menos própria da Companhia, mas a Vossa Reverência, que esteve em Roma e viu semelhantes devoções que nas sextas-feiras e sábados se fazem na nossa casa professa, certo estou que não há de parecer coisa estranha do nosso instituto, antes muito própria dele, pois é trazer almas a Deus por todas maneiras. (Car.AnVie.1, 1653, p. 232)

A justificativa de Vieira para o uso do canto ainda é a mesma que a utilizada por Nóbrega, ou seja, a de “trazer almas a Deus por todas as maneiras”. Um documento extremamente elucidativo é uma carta do Padre Jodoco Peres, Superior das missões no Maranhão, ao Padre Geral, relatando a expulsão dos jesuítas do Maranhão pela população em 1684, na revolta de Bequimão, e o seu reestabelecimento em 1685. O Padre Peres demonstra sua preocupação com o fato de padres seculares e de outras ordens terem realizado ofícios nas suas igrejas com música, durante a sua ausência:

Os religiosos de outras ordens esforçaram-se contra nossa infame expulsão [...] e serviram-nos com seu trabalho, cantando os ofícios divinos nas nossas igrejas; me pergunto agora se depois (quando então faltarem os clérigos, ou outros músicos seculares) continuaremos a celebrar nossas comemorações com missas recitadas, sem canto algum. (Car.JodPer, 1685, f. 125)

Esses documentos explicam o fato de os relatos jesuíticos sobre o Brasil mencionarem a música em eventos significativos, o que também coincide com as disposições da Companhia em geral, sobretudo após 1556.

5.4.3.1 A música nos regulamentos jesuíticos do Brasil

Prática comum nos estabelecimentos da Companhia era a visita de um padre, nomeado especialmente para essa função, que deveria verificar se os preceitos da ordem estavam sendo cumpridos e criar regras mais específicas. Os regulamentos dos Padres Visitadores para os estabelecimentos do Brasil mostram quais eram as ocasiões em que se poderia fazer música nos cultos. Não existe uma completa uniformidade entre os documentos, mesmo porque estes abrangem um grande período de tempo, durante o qual algumas práticas podem ter desaparecido e outras surgido, mas existem coincidências significativas.

De acordo com as instruções do Padre Visitador Cristóvão de Gouveia, de 1586, deveriam ser preservados bons costumes, como o de se oficiar, "pelo menos nas quatro festas principais, se vierem cantores, missa cantada para consolo dos índios e aumento da Cristandade" (Instr.CrGouv.1, 1586, f. 146). As instruções do mesmo Padre Gouveia de 1589 são mais precisas, determinando que "bem se poderão cantar as missas com os índios no Natal, Circuncisão, Santa Cruz de Maio, Onze Mil Virgens e São Cristóvão, como se costuma" (Instr.CrGouv.2, 1589, f. 148). Segundo as instruções do Padre Vieira para as aldeias do Maranhão, "na Quaresma podendo ser, far-se-ão, todas as sextas-feiras, as procissões dos Passos com a Ladainha, prática da Paixão, disciplina; e o mesmo com maior solenidade na Semana Santa" (Vis.AnVie, [1661], p. 113). As ocasiões mencionadas nas instruções dos Visitadores coincidem com os relatos.

5.4.3.2 O canto de órgão

Pelos documentos jesuíticos percebe-se que nos estabelecimentos da Companhia utilizava-se o canto gregoriano e, em ocasiões especiais, o canto de órgão: as recomendações do Padre Geral Claudio Acquaviva ao Padre Gouveia de 1587 permitem “cantar em canto de órgão a missa e matinas na noite do Natal, como se faz na Semana Santa para os índios” (Instr.CIAcq.2, 1587, f. 57); em 1607 o Padre Visitador Manuel de Lima determinou que “havendo comodidade para nos três colégios se fazerem os ofícios da Semana Santa em canto de órgão, poder-se-á fazê-lo, conforme a visita do Padre Cristóvão de Gouveia” (Vis.MaLim, [1607], f. 61v).

No período da atuação dos jesuítas no Brasil colonial, entre meados do séc. XVI e meados do séc. XVIII, o uso tanto do canto de órgão quanto da monodia era comum na Igreja Católica. No séc. XVIII, em Roma, o canto gregoriano coexistia com a polifonia vocal no estilo de Palestrina. Segundo Heyink (1999, pp. 14-15), a prática comum na Capela Sistina era a do *stile antico*, com um repertório baseado em missas e motetos dos sécs. XV e XVI, sem instrumentos; na Capela Giulia utilizavam-se o órgão e outros instrumentos, porém somente para a realização do baixo-contínuo; nas outras igrejas, o que determinava a escolha era a disponibilidade econômica e as características de cada instituição. O número de cantores ia de um mínimo de três (em Santa Maria Traspontina) a seis (na Chiesa del Gesù, dos jesuítas), chegando até a 18 (na Capella Giulia em São Pedro).

O canto de órgão surge já nos relatos mais antigos sobre a atuação dos jesuítas no Brasil, como em uma carta de 1º de janeiro de 1551, na qual o Padre Diogo Jácome descreve a primeira missa da Companhia no Brasil, “a qual foi com toda a música de canto de órgão e flautas, como se lá [em Coimbra] pudera fazer” (Car.DiJac, 1552, p. 246). Em uma carta de 1689, o Padre Provincial Diogo de Machado descreve as aldeias vinculadas ao Colégio do Rio de Janeiro:

Celebram-se no decurso do ano as festas e na Quaresma os Offícios Divinos com música de canto de órgão com seus instrumentos competentes, tudo executado pelos mesmos índios com notável asseio e devoção, com que se edifica o povo circunvizinho que a eles concorre. (Car.DioMach, 1689, f. 270)

Referências explícitas ao canto monódico não surgem com a mesma frequência. Uma delas é a carta do Padre Provincial Henrique Gomes de 1614, que descreve as procissões realizadas na Bahia por ocasião de “uma seca mui extraordinária” e ao relatar a participação dos meninos do Colégio menciona o uso de “música de cantochão” e “música de órgão”. Segundo o documento, dois meninos

começaram a entoar [...] as Ladainhas à porta da nossa Igreja, da banda de fora, e respondendo os mais, se foram pelas ruas principais da Cidade com edificação mui notável de quantos os viam, [...] Começou o acto com meninos, mas como se continuou, e voltaram por adonde saíram, podia-se ver o acompanhamento de gente que traziam após si, trocada já a música de cantochão em a de órgão, que alguns músicos bons cantavam movidos da devoção, que a todos fez aquela vista, como lhe chamavam, de anjos. (Car.HeGom, 1614, p.13)

Apesar de não ser freqüente sua menção explícita nos relatos, o canto gregoriano era provavelmente uma prática comum, não sendo assim digno de nota nos relatos, diferentemente do que ocorre com o canto de órgão.

5.4.3.3 Eventos sacros em que se permitia a prática musical

As instruções dos Visitadores concernentes à música nas aldeias e colégios eram seguidas na prática, como mostram os relatos. Missas cantadas e Vésperas solenes eram geralmente oficiadas na Semana Santa, na Quaresma e no Natal. Em cerimônias fúnebres cantavam-se salmos nas Matinas e Laudes. Encontram-se ainda referências ao uso da música em eventos sacros

não-litúrgicos, como procissões, cerimônias das Onze Mil Virgens e eventos realizados dentro de confrarias de estudantes, sobretudo as marianas.

5.4.3.3.1 Vésperas

As instruções mais antigas do Padre Loyola que permitiam o uso da música nos ofícios referem-se às Vésperas: em 1555 podiam ser feitas com música nos domingos de dias festivos (Cro.JoPol.1, 1555, p. 33) e, em 1556, cantadas na Páscoa (Instr.InLoy, 1556, p. 183); trata-se ainda de um dos eventos mencionados com maior frequência nos textos jesuíticos posteriores. As Vésperas eram consideradas como um momento especial da liturgia, não somente dentro dos preceitos da Companhia de Jesus, mas também nas práticas da Igreja Católica em geral, e desde os sécs. XII e XIII eram um dos poucos momentos em que se permitia o uso da polifonia (STEINER, 1980, p. 685).

Como a primeira função noturna dos ofícios das horas, as Vésperas são oficiadas geralmente ao pôr-do-sol, no momento em que são acendidas as luzes internas, e consistem do seguinte:

Depois de um verso introdutório (*Deus in adjutorium*), seguido do responsório relativo (*Gloria Patri, Alleluia*), são lidos ou cantados cinco salmos, precedidos e concluídos cada vez com um breve verso, ou antífona. Depois de um último verso (*capitulum*) com responsório (*Deo gratias*) seguem-se um hino, um verso e um responsório, e finalmente o *Magnificat*, que por sua vez é iniciado e concluído com uma antífona. As Vésperas concluem-se com uma pregação do dia ou da semana (*oratio*) e com a bênção (*Benedicamus Domino*); se não se seguem imediatamente as Completas, encerra-se o ofício com uma série de orações à Virgem (a antífona de Nossa Senhora). As breves antífonas que precedem e concluem os salmos podiam ser cantadas em canto gregoriano, substituídas por motetos ou por trechos instrumentais, ou cantadas em gregoriano antes de um salmo e depois serem substituídas por trechos polifônicos livres depois do salmo. (RAINER, 1999, p. 19)

Nos documentos jesuíticos sobre o Brasil, Vésperas cantadas são mencionadas com freqüência, geralmente associadas ao uso de instrumentos, tanto nas aldeias quanto em colégios. Já em 1556 o Padre Antônio Blasques menciona Vésperas cantadas pelos meninos órfãos em aldeias da Bahia (Quad.AnBlas.2, [1557], p. 187). Vésperas eram cantadas “mui solennes”, com canto de órgão, na Bahia, na Aldeia de Santa Cruz em 1561 (Car.LeVal.1, 1561, p. 356), na Aldeia de São Paulo em 1563 (Car.LeVal.3, 1563, p. 406) e na Aldeia de São Tiago em 1564 (Car.AnBlas.7, 1564, p. 451). Em 1565 eram oficiadas na cidade da Bahia pelos meninos índios ensinados pelo padre Antônio Rodrigues, com canto de órgão, cravo e flautas (Car.AnBlas.8, 1565, p. 463), e na Aldeia do Espírito Santo, em 1614, a dois coros, com baixão, sacabuxas, flautas e charamelas (Car.HeGom, 1614, p. 19).

Nas aldeias do Rio de Janeiro os índios beneficiavam as vésperas cantadas com flautas e canto de órgão em 1607 (An.ProvBras.1, 1608, f. 2v); no Colégio foram cantadas solenemente a três coros e vários instrumentos, na canonização de São Francisco Xavier, em 1622 (Rel.MigAr, 1621, p. 131). O Padre Bettendorf descreve Vésperas cantadas na Quaresma de 1671 no Colégio do Maranhão pelos carmelitas, com “suave *concentus* de vozes e instrumentos músicos” (An.JoBett.4, 1672, f. 284v).

5.4.3.3.2 Quaresma e Semana Santa

Além das Vésperas na Páscoa, as instruções do Padre Loyola de 1556 permitiam o canto dos ofícios da Semana Santa que, juntamente com a Quaresma, é freqüentemente mencionada nas instruções e nos relatos como uma das ocasiões em que se fazia música.

Já em 1591 o Padre Marçal Belliarte menciona os ofícios da Quaresma realizados com vozes e canto de *tibiae* no Colégio da Bahia (An.MaBel.3, 1591, f. 375v); referências semelhantes são bastante comuns até o final do séc. XVII, como na **Relação sumária do que obraram os Padres da Companhia de Jesus no Brasil desde o ano de 1690 até o de 1691**,

que descreve a realização dos ofícios da Quaresma e da Semana Santa com música nas aldeias da Bahia, como se fazia nas vilas:

Nas cinco aldeias de língua geral dos índios, a saber duas em Porto Seguro, uma nos Ilhéus, uma no Camamu, e na do Espírito Santo, perto da Bahia, se ocupam os missionários nos mistérios costumados, doutrinando, batizando, e ouvindo de confissão aos índios, sendo a do Camamu e a do Espírito Santo também de muito proveito para os brancos, principalmente no tempo da Quaresma, e Semana Santa, por se fazerem nelas os ofícios com toda a decência, música, procissões e sermões, como costumamos nas vilas mais povoadas. (Rel.Br, [1692], f. 376)

Às sextas-feiras da Quaresma era comum uma procissão com ladainhas cantadas, tanto nas aldeias, quanto nos Colégios, como atestam vários documentos. Dois deles mencionam a *Salve Regina* cantada aos sábados: no Colégio do Rio de Janeiro, segundo as **Anotações para a ânua da Província do Brasil de 1604** do Padre Fernão Cardim (An.FeCar.1, 1606, f. 50), e nas aldeias da Bahia, segundo a **Ânua da Província do Brasil de 1607**, do Padre Gaspar Álvares (An.GasAlv, 1608, f. 66). A **Crônica** do Padre Bettendorf descreve a Quaresma no Colégio do Pará, em 1697, com o auxílio dos Padres das Mercês, que cantavam motetes¹⁶ ao som do cravo (Cro.JoBett, 1698, p. 632).

5.4.3.3.3 Quarenta Horas

As Quarenta Horas são uma adoração contínua do Santíssimo Sacramento exposto durante 40 horas, período em que Jesus permaneceu sepultado. Segundo Salles (1980, pp. 61-64), as Quarenta Horas de penitência e recolhimento foram instituídas em 1669 em São Luís pelo Padre Francisco

¹⁶ Motetos ou motetes são mencionados em outros textos e eram uma prática comum na Companhia de Jesus. Para uma descrição mais detalhada, cf. o artigo **Jesuit colleges and chapels: motet function in the late sixteenth and early seventeenth centuries**, de Frank Kennedy (1996).

Veloso, Superior das missões e Reitor do Colégio do Pará, e em 1695 pelo Padre Bento de Oliveira no Pará, como uma medida contra o entrudo que alcançava grande popularidade e que por três dias no ano transformava a cidade em um pandemônio. A música na cerimônia das Quarenta Horas era um modo de atrair a população e desviar sua atenção do chamariz profano que representava o entrudo, como descreve o Padre Simão Marques:

Qual foi o motivo para a instituição das Quarenta Horas? R. Foi a vida licenciosa, e o relaxamento do povo cristão em bacanais. Como naqueles três dias, que antecedem o solene jejum de 40 dias, os cristãos parecem abandonar seu Cristo por Baco e Vênus, pública e abertamente, a ponto de, depostos os pudores e todo o senso de religião, se entregarem a todo desvario de embriaguez, pândega, lascívia e depravações, [...]. Assim a Companhia de Jesus aproveitou esta ocasião para declarar guerra aos bacanais viciosos, [...] não como um raptor armado, mas com apurada ornamentação das igrejas e pio *concentus* de músicos, com assembléias para o povo, e com preces solenes de 3 dias com indulgências plenas incluídas. (MARQUES, 1758, p. 312)

Os relatos mencionam as Quarenta Horas solenes não somente no Colégio do Maranhão, mas também no Colégio do Espírito Santo em 1691 (Rel.Rj, [1692], f. 371v) e em Paranaguá em 1716 (An.PINun.1, 1716, f. 116).

5.4.3.3.4 As confrarias e o canto do Terço do Rosário

A associação dos alunos em congregações ou confrarias, sobretudo marianas, eram uma prática comum nos colégios da Companhia, não somente nos domínios portugueses. Segundo Kennedy, “em 1556 uma Congregação Mariana se havia estabelecido no Colégio Romano para devoção da Virgem Maria, [...]. Os membros se reuniam nas noites de domingo para cantar as Vésperas” (1988, p. 74). O canto, às vezes com instrumentos, era comum nas congregações. Segundo o relato do Padre Anchieta, já no ano de 1583, em São Vicente, tem-se a fundação da Confraria de Nossa Senhora do Rosário, com “pompas solenes e *musicus concentus*” (Rel.JoAnch, 1584, f. 5v). Alunos da

Confraria de Nossa Senhora cantavam orações no Colégio do Rio de Janeiro em 1719 (An.JoHon, 1719, f. 211v) e em 1727 no Colégio de São Paulo cantavam missas aos sábados com canto de órgão e instrumentos de cordas (An.MaTav, 1727, f. 287v).

A Congregação de Nossa Senhora da Luz no Colégio do Maranhão deu início à prática de se cantar o Terço do Rosário, introduzida pelo Padre Vieira em 1653; em 1662 o Padre Pero Luís Gonçalves iniciou as atividades da Congregação (Reg.JoBett, 1670, f. 2) e em ca. 1670 o Padre Bettendorf instituiu-a oficialmente. O **Compromisso e regras da Congregação de Nossa Senhora da Luz e do Terço, no Colégio dos Padres da Companhia de Jesus, em São Luís do Maranhão**, elaborado pelo Padre Bettendorf de acordo com as “regras que se costumavam guardar nas solenidades ou confrarias da Europa” (Cro.JoBett, 1698, p. 266), mostra a música presente em vários momentos. Deve-se salientar que as confrarias eram formadas pelos alunos, caso em que a prática musical não ia contra os preceitos da Companhia. O principal objetivo da Congregação era o canto do terço, que todos os dias deveria ser cantado ou rezado onde quer que estivessem os membros (Reg.JoBett, 1670, f. 4). De acordo com o regulamento, poder-se-ia fazer música, desde que não fosse fora da liturgia:

Todos os quartos domingos do mês, se confessarão e comungarão todos na sua missa, que se dirá pelas 9 ou 10 horas [...]. Nesta missa assistirão pelo menos quatro irmãos [...], e podendo ser, haverá alguma música, mas não sem missa cantada. (Reg.JoBett, 1670, f. 5v)

O mesmo regulamento determina ainda que “em um destes três dias [do entrudo antes da Quaresma] confessarão e comungarão, e cada dia assistirão a uma Missa sua, na qual haverá alguma música” (f. 5v). Esse foi o único regulamento encontrado para uma congregação em estabelecimentos jesuítcos. Cabe aqui lembrar a estreita relação do Padre Bettendorf com a música, sempre presente em seus relatos.

A prática de se cantar o terço já era comum em Portugal; o responsável pela sua introdução no Brasil colonial foi o Padre Antônio Vieira, na sua vinda ao Brasil em 1653, segundo carta do próprio Vieira:

Seguindo o fervor da gente e desejando que todos fizessem algum serviço geral e público à Virgem Senhora Nossa, cuja invocação é a desta igreja, preguei em dia da Anunciação e publiquei para que daquela tarde em diante se rezasse o terço do rosário a coros, como se usa em S. Domingos de Lisboa e em outras muitas igrejas da mesma cidade. Vêm por obrigação todos os estudantes e meninos de nossa escola: seguem a estes muitos soldados e gente de todos os estados e está tão introduzida e aceita a devoção, que se enche ordinariamente a igreja de muitos que concorrem a ela. Faz-se este exercício ao pôr do sol por ser a hora mais cômoda; põe-se a imagem da Virgem Senhora sobre a ara no altar-mor com velas acesas; assiste um padre, que encomenda o terço pelo método de nossa cartilha. Começam a entoar dois meninos de melhores vozes e segue toda a igreja alternadamente com grande piedade e devoção. Dura tudo de três quartos para uma hora, a qual todos dão por bem empregada, acabando com ela aquele dia e começando a noite em louvores a Deus e Sua Mãe Santíssima. (Car.AnVie.1, 1653, p. 231)

A introdução do terço pelo Padre Vieira parece ter sido memorável, pois continua sendo mencionada em textos posteriores, até mesmo de meados do séc. XVIII. O Padre Domingos de Araújo faz referência a esse fato em sua **Crônica** de 1720:

Passados os dias de descanso e visitas, o Padre Antônio Vieira, que era Superior de toda a missão da Companhia no Maranhão, aplicou-se logo com vigilante e compreensiva providência à causa do Sacrossanto Evangelho, [...]. Ordenou que todos os dias os estudantes e meninos da Escola cantassem o terço, Salve Rainha e ladainha da Senhora na Igreja da Senhora da Luz no Colégio do Maranhão e para que se perpetuasse esta devoção instituiu uma Irmandade, de cujos irmãos dois no princípio assistiam com duas tochas nas mãos e no fim cantava o mesmo Padre Antônio Vieira um exemplo, com que fortemente movia e afervorava a todos no amor e devoção da Senhora. (Cro.DomAr, 1720, ff. 166-166v)

O Padre Vieira também é mencionado no documento **Maranhão conquistado a Jesus Christo**, posterior a 1757, segundo o qual

desde o dia do levantamento e expulsão dos Padres sempre se continuou o Sacramento na nossa Igreja, o qual renovava, com recomendação dos Padres, o Vigário Geral Francisco da Costa, e como também sempre se continuou a cantar o Terço a N. S.^a, costume inalterado que há naquele Colégio, principiado pelo Padre Antônio Vieira. (Rel.BeFon, [1757], f. 320)

Uma descrição pormenorizada do terço cantado foi apresentada por Castagna em seu artigo **Uma abordagem musicológica da produção literária de Antônio Vieira** (1999) e não sendo por isso repetida aqui.

5.4.3.3.5 As procissões e as ladainhas cantadas

Dos eventos relacionados à música, as procissões são os mais freqüentemente mencionados nos textos jesuíticos, sobretudo no séc. XVI. Eram realizadas tanto em aldeias como pelos estudantes dos colégios, em muitas ocasiões e com diversas finalidades: além das comemorações sacras, como o *Corpus Christi* e as cerimônias das Onze Mil Virgens, eram comuns as procissões em ação de graças ou para a obtenção delas, como as realizadas devido à seca, pelos estudantes do Colégio da Bahia em 1614 (Car.HeGom, 1614, p. 12) ou a do Rio de Janeiro em 1619 (Tri.SiPinh, 1620, f. 235v).

Vários relatos sobre as procissões mencionam instrumentos, danças e folias dos índios, ao lado do canto de orações, mistérios, motetes, hinos e salmos (*Laudate Pueri*, *Laudate Dominum* e *Miserere*); o repertório mais associado a procissões, porém, são as ladainhas.

Cantadas tanto em aldeias como nos colégios, desde os primórdios da atuação dos jesuítas no Brasil até a sua expulsão, as ladainhas consistem de um série de invocações. Na Ladainha de Nossa Senhora, ou Lauretana, são invocados seus 48 títulos.

As ladainhas eram comuns em Portugal no período colonial. O documento **Fundação das Igrejas e Conventos dos Regulares Padres da Comp.^a de Jesus extincta**, posterior a 1777, descreve o canto das ladainhas pelo Padre Inácio de Azevedo em Portugal, ainda no séc. XVI:

Fazia-lhes [aos noviços] Inácio práticas, dava-lhes desenganos do que haviam de padecer na Empresa. [...] Todos os dias pela manhã, antes, ou depois da Missa, levava a comunidade em procissão pelos campos, cantando as Ladainhas, correndo certas cruces distantes e ao pé destas, postos de joelhos, acabavam entoando em cantochão *dulce lignum, dulce clavos*. (Fund.IgrConv, [1777], f. 41)

Do repertório mencionado nos relatos jesuíticos, são as ladainhas que abrangem maior período de tempo: são cantadas desde o início da atuação dos jesuítas no Brasil até o séc. XVIII, como, por exemplo, em procissões dos meninos órfãos de Lisboa pelas aldeias (Car.VicRod.1, [1552], p. 145) e na partida do Padre Juan de Azpicuelta Navarro de Porto Seguro, segundo uma carta do Padre Antônio Blasques de 1554 (Car.AnBlas.1, 1554, p. 57). Ao descrever a chegada do Padre Manuel de Lima ao Maranhão em 1652, o Padre José de Moraes menciona o canto das ladainhas na igreja do Colégio de Santo Alexandre, em Belém do Pará, referindo-se a essa prática como um costume antigo na Vice-Província:

Estes dois tesouros que deu o Santíssimo Padre Urbano VIII ao Padre Manuel de Lima [as relíquias de São Bonifácio e Santo Alexandre] foram aplicados, o de S. Bonifácio ao Colégio do Maranhão e o de Santo Alexandre ao Colégio do Pará, de onde este se tomou o nome, que além de terem especial culto nos dois altares em que foram religiosamente colocados, se faz deles particular comemoração nas ladainhas de cada dia, por costume antigo da Vice-Província. (Rel.JoMor, 1759, p. 190)

Até o séc. XVIII são comuns as referências a ladainhas. Segundo a **Crônica** do Padre Domingos de Araújo, nas aldeias do Maranhão “aos sábados se canta a Salve, Ladainhas Lauretanais de Nossa Senhora e nos dias Santos e festivos e nas Quintas-feiras – *Tantum ergo Sacramentum*” (Cro.DomAr, 1720,

f. 77). Em 1727, no Colégio de São Paulo, as ladainhas eram cantadas com instrumentos de cordas (An.MaTav, 1727, f. 287v); encontram-se referências a ladainhas também em Ibiapaba em 1727 (An.MaTav, 1727, f. 291v) e no Colégio do Maranhão em 1730 (Lemb.Def, 1730, f. 14). Como mostra o documento **Lembrança dos defuntos enterrados na Igreja de Nsa. Sra. Da Luz do Colégio do Maranhão**, as ladainhas eram geralmente cantadas aos sábados:

Aos 22 de Janeiro de 1723 passou desta a melhor vida o Irmão Francisco Thomas. [...] Mostrou particular zelo do bem comum e zelo de chamar os meninos e meninas para a doutrina, com os quais rezava e cantava nos sábados a Ladainha de N. Senhora. (Lemb.Def, 1730, ff. 13v-14)

As ladainhas podiam ser cantadas completamente em cantochão ou canto de órgão (diretas), ou alternando os dois tipos de canto (alternadas). O manuscrito anônimo **Relação da viagem do Socorro** traz um extenso relato sobre música nos ritos realizados por dois padres da Companhia de Jesus e um padre carmelita em viagem de Portugal à Cidade da Bahia em 1638 (segundo anotação acrescentada ao manuscrito) e descreve a prática de ladainhas alternadas no navio:

E já que fizemos menção das missas e pregação, Vésperas e salvas de mosquetaria e artilharia grossa que houve no Navio Nossa Senhora de Guadalupe em honra de S. Inácio, é justo que a façamos também das Ladainhas de Nossa Senhora, que todos os dias se cantaram no mesmo Navio, à tarde, da seguinte forma: [...] dava-se sinal com a campainha, para que acudissem os cantores e estivessem atentos os soldados e marinheiros; e postos todos de joelhos, [...] começavam o Padre Visitador e o P.^e Frei Helias a entoar as Ladainhas em cantochão e respondiam os cantores, repetindo sempre o mesmo que os Padres entoavam, ora em cantochão ora em canto de órgão. Acabada a Ladainha, diziam todos em voz alta 'Senhor Deus Misericórdia' 3 vezes e logo se tocava o tambor, para os soldados entrarem de guarda e entraram nela todos os dias e vigiavam seus quartos, como se estivessem cercados de inimigos; e este costume se guardou sempre em toda esta viagem. (Rel.LuLop, [1639], ff. 16-16v)

Alguns documentos mencionam também ladainhas diretas, como a **Crônica** do Padre Vasconcelos, segundo a qual os meninos índios trazidos de São Vicente cantavam todos os dias na Bahia as ladainhas em canto de órgão (VASCONCELOS, 1663, p. 138).

O canto das ladainhas não era uma prática exclusiva da Companhia de Jesus, nem foi restrita ao período de sua atuação no Brasil colonial: segundo Castagna et al., “há um impressionante número de obras compostas para esse texto no Brasil, desde a segunda metade do século XVIII até a atualidade” (2003).

5.4.3.3.6 Cerimônias fúnebres

Também as cerimônias fúnebres eram ocasiões especiais dignas de serem celebradas com música. A Visita do Padre Manoel de Lima, de ca. 1607, estabelecia que “o ofício de defuntos é só matinas e laudes” (Vis.MaLim, [1607], f. 62), como ocorreu na cerimônia fúnebre do Padre Antônio Vieira na Bahia, descrita pelo Padre João Antônio Andreoni em 1697:

Os cônegos e os cantores, juntamente com os nossos, acompanharam o seu corpo, transportado da capela doméstica para o templo da Sé Metropolitana e, depois de cantadas segundo o rito Matinas e Laudes, ofereceram pela sua alma a Missa solene. (Car.JoAnd.1, 1697, p. 159)

Como já mencionado, vários relatos registram a participação musical dos carmelitas em cerimônias fúnebres nos colégios da Bahia, de Olinda e do Rio de Janeiro, no séc. XVIII.

5.4.3.3.7 A Cerimônia das Onze Mil Virgens

O dia das Onze Mil Virgens, 17 de outubro, relembra as jovens martirizadas no séc. IV pelos hunos, juntamente com Santa Úrsula. Seu culto era comum em Portugal, como atestam as diversas capelas das Onze Mil

Virgens em igrejas e mosteiros; eram o orago do Colégio da Companhia de Jesus em Coimbra. No Brasil essa devoção foi introduzida no séc. XVI com a chegada de suas relíquias, distribuídas entre alguns colégios. O Colégio de Pernambuco recebeu o crânio de uma das virgens em 1576, trazido de Portugal pelo Padre Provincial Inácio Tholosa; a Capitania do Espírito Santo também recebeu uma das cabeças em 1579, ocasião para o qual José de Anchieta escreveu o **Auto de Santa Úrsula ou das Onze Mil Virgens**. O Padre Cristóvão de Gouveia trouxe uma das cabeças à Bahia, em 1583, como descrito no relato do Padre Fernão Cardim:

Trouxe o padre uma cabeça das Onze mil virgens, com outras relíquias engastadas em um meio corpo de prata, peça rica e bem acabada. A cidade e os estudantes lhe fizeram um grave e alegre recebimento: trouxeram as santas relíquias da Sé ao Colégio em procissão solene, com flautas, boa música de vozes e danças. (Rel.FeCar.2, 1585, P. 28)

A comemoração do dia das Onze Mil Virgens passou a ser habitual. O mesmo relato descreve a cerimônia realizada na Bahia em 1584, com procissão de estudantes, na qual ia um barco, ou uma réplica, com os estudantes vestidos como as virgens:

No dia seguinte [17 de outubro de 1584], por ser dia das Onze mil virgens, houve no Colégio [da Bahia] grande festa da confraria das Onze mil virgens, que os estudantes têm a seu cargo; disse missa nova cantada um padre com diácono e subdiácono. [...] A missa foi oficiada com boa capela dos índios, com flautas e de alguns cantores da Sé, com órgãos, cravos e descantes. E acabada a missa, ordenou-se a procissão dos estudantes, na qual levamos debaixo do pátio três cabeças das Onze mil virgens e as varas levaram os vereadores da cidade e os sobrinhos do Sr. Governador. Saiu na procissão uma nau a vela por terra, muito formosa, toda embandeirada, cheia de estudantes, e dentro dela iam as Onze Mil Virgens ricamente vestidas, celebrando seu triunfo. [...] na procissão houve danças e outras invenções devotas e curiosas. (Rel.FeCar.2, 1585, pp. 336-337)

As danças e representações na cerimônia das Onze Mil Virgens eram comuns. As **Anotações para a ânuia da Província do Brasil de 1604**, do Padre Fernão Cardim, mencionam uma tragédia apresentada ao público no Colégio de Olinda pela Confraria das Onze Mil Virgens (An.FeCar.1, 1606, f. 50v). São, porém, proibidas em regulamentos posteriores, como na **Visita do Padre Manoel de Lima**, de 1607:

E admita-se que no tal dia [das Onze Mil Virgens], nem em qualquer outra solenidade, se faça passo ou representação alguma, por pia que pareça, dentro da nossa igreja, e na procissão se moderem as danças e outras representações. (Vis.MaLim, [1607], f. 62)

O Padre Antão Gonçalves, em sua visita ao Colégio de Pernambuco de 1666, proibiu também que os padres e estudantes se vestissem como as virgens:

Na festa das Onze Mil Virgens, não se consintam danças dos estudantes, porque gastam muito aos pais e eles perdem seu estudo: se contudo o juiz e mordomos quiserem, que hajam as tais danças; que os nossos não concorram para elas, buscando vestidos ou outras coisas, nem as figuras se vistam, ou nos estudos, ou no Colégio, e muito menos se consintam figuras na procissão, que vão em traje de mulheres, [...]. Também não se consintam comédias, ou tragédia alguma, e de tudo o acima dito sejam os estudantes avisados. (Vis.AnGon.1, 1666, f. 3)

As cerimônias das Onze Mil Virgens tornaram-se uma prática comum no Norte e Nordeste do Brasil, mesmo fora do âmbito de atuação dos jesuítas.

5.4.3.4 Eventos profanos

Além dos eventos sacros mencionados acima, algumas ocasiões profanas também eram realizadas com música: as representações teatrais, as cerimônias de início e de final de curso nos colégios e os recebimentos nas aldeias.

5.4.3.4.1 Representações teatrais

As representações teatrais são mencionadas desde as primeiras décadas da atuação dos jesuítas no Brasil até o séc. XVIII. Autos, diálogos, comédias e tragédias eram apresentados tanto em aldeias quanto em colégios. Documentos sobre os colégios jesuíticos de outras províncias e assistências mostram uma relação estreita das representações com a prática musical; uma carta do Padre Francisco Lopes de 1565, enviada de Cochim, na Índia, descreve as festividades de início de ano, com a representação de uma tragédia com “cinco atos, e a cada ato havia música de flautas, charamelas e violas d’arco e alguns cantavam a estes instrumentos” (Car.FraLop, 1565, p. 414). No Brasil, porém, não foram encontradas indicações claras de que as representações fossem feitas com música, embora se possa supor que isso tenha ocorrido. Uma indicação pode ser inferida a partir da carta do Padre Manoel Gomes, descrevendo a ida da armada de Alexandre de Moura ao Maranhão em 1615:

Ajuntamos 300 índios, exercitados nas armas, que naquelas partes são soldados de importância, para nos acompanharem pelos povos dos gentios. Levávamos ainda cantores, que cantavam os ofícios divinos em canto de órgão, com flautas, charamelas e outros instrumentos músicos, e nas festas solenes representavam diálogos e faziam danças e folias, para o que também levava mestre. (Car.MaGom, 1621, p. 275)

Nesse trecho percebe-se que a referência a diálogos é feita juntamente com as descrições da música feita pelos índios (canto de órgão, instrumentos, danças e folias), o que sugere que também os diálogos eram feitos com música.

Um aspecto que chama a atenção nas representações teatrais é que, diferentemente do que ocorre com a música, em vários dos documentos tem-se informação sobre a autoria das obras. Além dos autos de José de Anchieta, podem-se mencionar, por exemplo, o breve diálogo sobre cada palavra da Ave Maria composto pelo Padre Álvaro Lobo e apresentado na

Aldeia da Conceição, no Espírito Santo, em 1584 (Rel.FeCar.2, 1585, p. 340), e a tragicomédia sobre a Assunção da Virgem, de autoria do Padre Juliano Xavier, apresentada ao povo da cidade da Bahia, segundo a **Ânua do Brasil de 1727**, do Padre Marcus de Távora (An.MaTav, 1727, f. 285v).

5.4.3.4.2 Cerimônias de láurea

Os primeiros títulos de bacharel em artes foram conferidos em 1575, no Colégio da Bahia e, segundo Serafim Leite (1938-1949, vol. 1, cap. 5), foram os primeiros graus conferidos na América Portuguesa; em 1578, foram conferidos os primeiros graus de Mestre em Artes, no mesmo Colégio. As cerimônias de láurea contavam com a presença de pessoas ilustres da cidade e eram realizadas com solenidades, festejos, representação de diálogos e disputas.

Segundo a **Ânua do Brasil de 1589**, do Padre Marçal Belliarte, os estudos iniciavam-se no dia de São Brás, 3 de fevereiro, com “disputas magnas de artes, teologia e casos”; depois da “festa solene de missa cantada”, tinha-se a “oração do início do ano e música de instrumentos e vozes, que sempre há” (An.MaBel.1, 1590, f. 369v).

As cerimônias de láurea no Colégio da Bahia são descritas na **Ânua da Província do Brasil de 1578**, do Padre Ludovico Fonseca, com harmonia de *tibiae* e *barbiti* (An.LuFons.2, 1578, f. 302v) e na **Ânua da Província do Brasil de 1614**, do Padre Sebastião Vaz, com Vésperas solenes cantadas (An.SeVaz, 1615, f. 158v).

5.4.3.4.3 Recebimentos

Os recebimentos eram um cerimonial indígena que consistia em ir ao encontro de um visitante ilustre que se dirigia à aldeia, com música de instrumentos e cantos. Segundo Cardoso (1977, p. 8), nos autos de Anchieta o ato inicial ou introdutório geralmente corresponde a um recebimento. **A**

Relação da missão do Maranhão pelo Padre Luís Figueira, de 1608, descreve o seu recebimento pelos índios na primeira missão a Ibiapaba:

Chegando à aldeia, saiu um grande tambor que já toda a manhã íamos ouvindo, com seus maracás (que são uns cabaços com uns feijões dentro) tangendo e cantando, e com essa solenidade nos meteram na casa que nos tinham aparelhado, e dois outros nos trouxeram logo muitos presentes e as músicas e danças continuaram por dois outros dias. (Rel.LuFig.2, 1608, p. 121)

A prática dos recebimentos foi mantida pelos padres jesuítas nas aldeias de sua administração. Ao chegar na Aldeia do Espírito Santo, na Bahia, em 1583, o Padre Cristóvão de Gouveia foi recebido pelos índios “cantando e tangendo a seu modo” (Rel.FeCar.2, 1585, p. 291). O Padre Pedro Rodrigues, em um carta de 1599, descreve o recebimento de índios descidos, pelo Padre Domingos Garcia e os índios da Aldeia dos Reis Magos, no Espírito Santo. Segundo o documento, o Padre Domingos Garcia

mandou alguns índios velhos a mais de 50 léguas pela terra adentro, para trazerem seus parentes. Depois de alguns meses vieram com 400 almas, [...] O Padre os foi receber daí a algumas léguas, com a gente de sua aldeia, levando-lhes refresco de mantimentos, festejando a vinda com música de flautas e outras a seu modo. (Car.PeRodr.2, 1599, f. 473v)

Em outros relatos percebe-se a introdução de elementos da catequese na música feita nos recebimentos: na sua visita à Aldeia de São Tiago, na Bahia, em 1576, o Padre Provincial Inácio Tolosa foi recebido pelos índios “cantando devotissimamente o salmo *Laudate Pueri*, com instrumentos” (Rel.LuFon, 1576, p. 26). Na Aldeia de São João, em 1577, o padre foi recebido pelos índios que, “em procissão [...] cantando harmoniosamente o salmo *Laudate Dominum*, conduziram-no com toda a alegria até a igreja” (Car.LuFon, 1577, p. 44).

Os recebimentos são mencionados em relatos do final do séc. XVI até meados do séc. XVII. A única menção no séc. XVIII encontra-se no diário da viagem do Rio de Janeiro até a cidade de São Paulo realizada por Dom

Pedro de Almeida e Portugal, governador da capitania de São Paulo e Minas; o governador descreve seu recebimento com danças e músicas dos índios em uma aldeia administrada por dois padres jesuítas (Rel.PeAlm, [1717], p. 306). Um provável motivo para a escassez de referências a recebimentos após o final do séc. XVII é o abandono paulatino das práticas indígenas, causado pela decadência das aldeias e pelo crescimento constante dos núcleos urbanos.

5.5 *Jesuita cantat in Paracuaria*

Apesar de os jesuítas terem iniciado sua atuação na América Espanhola mais de meio século depois da América Portuguesa, é notória a abundância de informações sobre a prática musical nas suas reduções, desde a chegada dos primeiros jesuítas em 1610 até sua expulsão em 1767, fato que tem sido objeto de estudo de pesquisadores desde a sua redescoberta, em meados do século passado. Diferentemente do que ocorre no Brasil, na América Espanhola foram descobertos instrumentos musicais provenientes das reduções jesuíticas do período colonial e partituras, muitas já publicadas e gravadas. Por meio dos documentos percebe-se que essa diversidade não é fruto somente da preservação desse material, mas também de uma produção musical mais rica nos estabelecimentos jesuíticos espanhóis.

5.5.1 A documentação musical nos estabelecimentos jesuíticos portugueses e espanhóis

A diferença entre os estabelecimentos jesuíticos portugueses e os espanhóis pode ser percebida pelo exame comparativo da documentação sobre os instrumentos no momento da expulsão dos jesuítas das duas colônias, mostrados nos quadros 1 e 2. A listagem dos instrumentos nos inventários das reduções espanholas foi realizada pelo musicólogo Francisco Curt Lange (apud SZARÁN; von THÜMEN, 1999, pp. 98-99).

	Casa da Vila da Vigia (Pará)	Colégio do Maranhão	Colégio da Bahia	Sem. de Belém da Cachoeira (Bahia)	Colégio de São Paulo	Colégio do Recife	Ald. das Guairáras (Rio Gr. do Norte)	Ald. de S. Pedro do C. Frio (Rio de Jan.)	Aldeia de Reritiba (Espírito Santo)	Aldeia do Embu (São Paulo)	Faz. De Santa Cruz (Rio de Janeiro)	TOTAL
Baixões								1	1	1		3
Cravos		1		1					1		1	4
Charamelas							[4]	[4]			8	[16]
Flautas								2			2	4
Harpas								1		2		3
Manicórdios										1	1	2
Oboés											3	3
Órgãos	1	1	1	1	1	1		1	1	1		9
Rabecas								2		3	3	8
Rabecões										1	1	2
Sacabuxas								1				1
Violas											1	1
TOTAL	1	2	1	2	1	1	[4]	[12]	3	9	20	[56]

Quadro 1 - Instrumentos nos inventários dos estabelecimentos
da América Portuguesa¹⁷

¹⁷ Os números entre colchetes são aproximações.

	Conc. de Uruguay	Santo Thomé	Yapeyú	San Nicolás	San Carlos	San Ig. Guazú	N. Sra. de Fe	Santa Rosa	San Ignacio Mini	Santa Ana	S. Trinidad	Corpus	N. S. de Loreto	Candelaria	S. Fr. Xavier	Asunción La Cruz	S. Lorenzo	S. Juan Bautista	S. Pedro y S. Pablo	TOTAL
Baixões	6	2	5					3	5			3	4	2		2	2	3	4	41
<i>Bandurras</i>												[6]								[6]
Clarins	4	1	3		5			2	3				3	4	4			2	4	35
Cornetas	2															2		1	2	7
Cravos			2										2					1		5
Charamelas	21	4	11		5			11	6			[6]	4	6	5	4	8	7		[98]
Espinetas	1								1			2		3	3	1			1	12
Fagotes			1																1	2
<i>Fagotillos</i>	3																			3
Flautas	4	2											2						2	10
Guitarras			1																	1
Harpas	4	1	9		5			3	4			4	6	6	6	6	4	8	3	69
Liras												[6]							2	[8]
Oboés			1																2	3
Órgãos	1	1	1		1	2	1	2	2	1	2	1	1	3		1	1	1		22
Rabecas	6	4		13	5			5	7			[6]	6	5	5	4	1	9	14	[90]
Rabecões	2		1									3	2	1	1	1	3		2	16
Tímpanos														1	2					3
Trompas		1																		1
<i>Vihuelas</i>									2											2
Violas	2																			2
TOTAL	56	16	35	13	21	2	1	26	30	1	2	[37]	30	31	26	21	19	32	37	[436]

Quadro 2 - Instrumentos nos inventários das reduções da América Espanhola ¹⁸

¹⁸ Na fonte utilizada os cálculos das quantidades totais estavam incorretos, e foram corrigidos aqui.

Dos inventários das reduções espanholas constam cerca de 500 instrumentos, encontrados em 19 estabelecimentos. Até o momento foram encontrados os inventários (e outros documentos referentes aos bens desapropriados dos jesuítas no momento da expulsão) de cerca de 40 estabelecimentos portugueses. Apenas 11 deles fazem referências a instrumentos, em uma distribuição bastante irregular: de cerca de 60 instrumentos mencionados, 20 encontram-se no inventário da Fazenda de Sta Cruz (Rio de Janeiro), cerca de 12 no inventário da igreja da Aldeia de São Pedro do Cabo Frio e 9 no inventário da Aldeia do Embu (São Paulo).

Alguns dados são coincidentes nos inventários dos estabelecimentos portugueses e espanhóis, como o grande número de charamelas e a existência de pelo menos um órgão em cada estabelecimento; é, porém, evidente o número maior de inventários com referências a instrumentos nas reduções espanholas (19) e também a quantidade (500) e a variedade (22) de instrumentos encontrados.

Essa diferença é um indício de que, no momento da expulsão, a produção musical nas reduções espanholas era mais rica que nos estabelecimentos jesuítas da América Portuguesa, o que pode ser percebido também em documentos anteriores, como a **Carta Ânua do Padre Antônio Ruiz**, Superior da Missão do Guairá, de 1628, que descreve o encanto de um padre visitante da Vila de São Paulo pela música produzida na redução espanhola de Santo Inácio:

Veio a essa redução [de Santo Inácio] um clérigo ordenante da Vila de São Paulo, com desejo de acabar de se ordenar no Paraguai. Voltou [...] muito maravilhado em ver o cuidado dos índios e de ouvir a música, e para a ter também em sua terra, levou alguma música consigo. (An.AntRu, 1628, f. 1v)

Deve-se lembrar que até 1640 as Coroas portuguesa e espanhola estavam unidas e era permitido o contato entre os padres das duas nacionalidades.

5.5.2 Motivos para as diferenças na produção musical da América Portuguesa e da América Espanhola

5.5.2.1 O aldeamento dos índios e o regime de repartição

O principal motivo para a prática musical nas aldeias da América Portuguesa não se ter desenvolvido como ocorreu na América Espanhola foi o modo como os jesuítas se estabeleceram, o que ocorreu de forma diversa nas duas Américas. Era importante para o processo de catequese isolar os índios do branco colonizador, pois este, além de não ser um bom exemplo, buscava a escravidão do índio de forma explícita ou velada, como no regime de repartição, no qual os índios eram obrigados a realizar trabalhos.

No séc. XVI os padres jesuítas chegaram ao Paraguai e buscaram estabelecer suas missões (ou reduções) no interior do continente, protegidas dos espanhóis e principalmente dos mestiços bandeirantes, que vinham do norte em busca de índios para serem levados como escravos. As entradas foram mais fáceis no sul devido às condições geográficas: ali a vegetação não apresentava as dificuldades da mata atlântica, que permeava toda a costa brasileira. No sul também existia grande quantidade de gado, que havia sido introduzido décadas antes e vivia em estado livre na região.

Serafim Leite descreve a diferença entre os aldeamentos nas duas Américas:

As Aldeias do Brasil e do Paraguai tiveram diversa origem, organização e finalidade. No Brasil [...], ao redor das vilas e cidades agruparam-se as 'aldeias' dos Índios, com tríplice fim: — doutrinário (a catequese), econômico (o serviço dos índios), político (a intenção de utilizar os Índios aldeados na defesa das vilas e cidades contra os Índios não confederados ou contra os inimigos externos). [...] No Paraguai, a maneira foi diversa. As Aldeias fundaram-se (muito depois das do Brasil) no coração da selva, com intenção apenas doutrinária, e logo a seguir econômica, agrícola, pecuária, industrial e artística, por necessidade de subsistência e desenvolvimento da coletividade. (LEITE, 1938-1949, vol. 6, p. 553)

No Brasil, o regime de repartição dificultava o trabalho dos padres nas aldeias, pois não permitia a formação de uma população estável, como descreve o documento anônimo **Representação que fez a Companhia de Jesus do Estado do Maranhão a El-Rei, pelas vexações e desordens que padecem no mesmo Estado:**

Ficando finalmente os missionários sós nas aldeias, [...] sem quem lhes fosse caçar, nem pescar para se poderem sustentar, vendo-se obrigados a de pescadores de almas, serem agora pescadores de peixes, acompanhados de algumas crianças, que, por serem incapazes do serviço tinham ficado nas aldeias; vendo-se obrigados a fazerem o ofício de cavadores, abrindo as covas, quando morria alguma índia para a enterrarem com as outras índias; vendo-se obrigados a pegarem em um remo ajudados das ditas crianças, para passarem em uma canoinha a outras aldeias da sua administração, ou para se irem confessar com outro missionário. (Repr.CoJes, [1667-1676], ff. 271-271v)

Em uma carta de 1719 o Padre Manoel Seixas, Superior das missões do Maranhão, queixa-se a El-Rei, afirmando que com o regime de repartição a atuação dos missionários é supérflua:

Achou-se finalmente um missionário em uma aldeia só e sem poder exercitar os ministérios de missionário, porque levados os índios, as mulheres e crianças se espalham pelos matos buscando frutas para se sustentarem; para praticar e reduzir gentios pelos sertões, sem índios que os levem e acompanhem, não há meio nem modo: tudo, suposto este modo de proceder dos portugueses, mostra que é supérflua a vinda dos Religiosos da Companhia a este Estado. (Car.MaSeix, 1718, f. 65v)

Na obra **Tesouro descoberto no Amazonas**, escrita entre 1757 e 1776, um dos mais elucidativos relatos sobre a Amazônia do séc. XVIII, o Padre João Daniel descreve a condição de isolamento das reduções espanholas e compara-as com as missões portuguesas. Segundo o Padre Daniel,

as missões espanholas, que estão mui florescentes naqueles estados, têm outro regime, mui diverso, tanto que não só se não extraem os seus índios para serviço algum dos brancos, ou suas canoas, mas nem ainda se consente em muitas delas o

entrarem, ou aportarem lá brancos alguns, para se evitarem com esta providência os muitos distúrbios, que acusam nas missões; por isso são tão populosas e florescentes, que vale mais uma sua das mais pequenas aldeias do que a mais populosa missão portuguesa. (Rel.JoDan, 1776, t. 2, pp. 209-210)

A diferença na forma dos aldeamentos trouxe conseqüências para produção musical nas duas colônias. A instabilidade nas aldeias dificultava o ensino e a prática musical, o que é evidente em documentos do período. O Padre João Daniel descreve vários aspectos dos aldeamentos do Amazonas à época da expulsão dos jesuítas, inclusive a impossibilidade de se ensinar música aos índios, devido ao regime de repartição:

Como já apontei acima os danos grandes desta repartição dos índios aos moradores, aqui agora só descreverei dois dos seus maiores inconvenientes; responderei a um reparo, que fazem muitos, perguntando qual seria a razão pela qual se façam com tanto festejo espiritual os Ofícios Divinos nas missões espanholas e com tanta remissão nas portuguesas? [...] Agora responderei ao reparo descrevendo dois dos maiores inconvenientes, que trazem anexos a repartição dos índios ao serviço dos brancos. O 1º é o não poderem celebrar-se com o decoro necessário os Ofícios Divinos suposta a repartição dos índios; e a causa é: porque com a repartição dos índios, não há índios estáveis nas aldeias; todos estão expostos a marcharem para fora a maior parte do ano.

Desta sorte não se podem ensinar os meninos e muito menos os adultos a música, nem instrumentos músicos, porque é trabalho perdido: que vale cansar-se um missionário a ensinar os seus neófitos a cantar uma missa, a celebrar um ofício, a tocar alguns instrumentos, se eles chegando a ser capazes de oficiarem nas igrejas se obrigam a ir remar canoas e trabalhar para os brancos? Todos os missionários têm catequistas e sacristãos que têm ensinado com grande desvelo e industriado para os ajudar nas obrigações da igreja; porém às vezes é tal perseguição de índios para o serviço real e serviço dos brancos, que nem sacristãos, nem catequistas ficam isentos de saírem para fora, como sucedia no meu tempo; com semelhantes desordens, como se hão de ensinar outros a música e Ofícios Divinos? [...]

Por isso um missionário de outra religião, desejando por uma parte celebrar com todo o esplendor os Ofícios Divinos e considerando por outra a instabilidade dos índios, mandou ensinar as meninas mais hábeis da doutrina a beneficiar os ofícios da igreja, solfa etc. e na verdade só elas o podem fazer

por mais estáveis nas suas aldeias, se não tivessem outros inconvenientes, que as proíbem de semelhantes ministérios. (Rel.JoDan, 1776, t. 2, pp. 210-211)

O Padre João Daniel compara as aldeias portuguesas com as reduções espanholas, mais estáveis, nas quais os padres têm bons resultados no ensino da música aos índios:

Não assim nas missões castelhanas, onde os índios são estáveis, bem como qualquer povoação de brancos da Europa e por isso os ensinam os seus missionários, aprendem solfa, aprendem instrumentos músicos, celebram nas igrejas com muita solenidade os Ofícios Divinos aproveitam-se nas artes mecânicas e finalmente bem logra-se, o que se lhes ensinam. E tem outra conveniência a música dos índios, e é que gostam muito delas; nem há o que mais os atraia à igreja do que a música; a música os convida a freqüentarem as igrejas, a música os excita a celebrarem com muita solenidade os Ofícios Divinos, a música finalmente os acaricia e move ainda os selvagens a saírem de seus matos, a submeterem-se aos missionários, a ouvirem a Doutrina Cristã e a fazerem-se católicos. (Rel.JoDan, 1776, t. 2, p. 211)

Observa-se, porém, que o Padre João Daniel não negava a existência da prática musical. Em outro trecho do mesmo documento, ele menciona que o Padre Antônio Vieira recomendava aos missionários o uso de instrumentos músicos na atuação junto aos índios, e afirma ainda ter visto os instrumentos que o Padre Vieira havia mandado construir para esse fim (Rel.JoDan, 1776, t. 2, p. 211).

Em sua **Crônica da Missão do Maranhão**, de 1720, o Padre Domingos de Araújo compara os índios do Maranhão e do México e também menciona o regime de repartição como um empecilho ao ensino da música:

O gênio e o engenho dos índios deste estado é o mesmo que dos índios de México. Só em uma partida não está provado: no ler, escrever, cantar todo o gênero de canto e no estudo e perícia da língua latina. Porque ainda até agora os não aplicaram os missionários a estes exercícios e artes; nem a mui pouca residência que fazem nas suas aldeias em razão de andarem quase toda a vida com o remo na mão, servindo a Ministros de El Rei e a moradores em trato sucessivo, a isto dá lugar por

estarem suas aldeias a maior parte do ano desertas; mas ainda que não foram ensinados, mostram mui boa habilidade para cantar. (Cro.DomAr, 1720, f. 77)

Percebe-se que os relatos atribuem à instabilidade nas aldeias o motivo para a dificuldade do desenvolvimento de uma prática musical e não à falta de habilidade dos índios.

5.5.2.2 A atuação de músicos nas reduções espanholas

A maior riqueza na produção musical nas reduções espanholas pode ser explicada ainda pela presença de compositores e padres com formação musical sólida, sobretudo com formação em colégios germânicos, conhecidos pela sua maior abertura com relação à prática musical, diversamente do que ocorreu no Brasil.

Pela extensão de sua atuação e por seus relatos, o padre de origem germânica de atuação mais significativa nas reduções do Paraguai foi o Padre Antonio Sepp. Nascido em uma família aristocrática do Tirol em 1655, o Padre Sepp aportou em Buenos Aires em 1691 e, até falecer na redução de São João Batista em 1733, enviou textos com seus relatos a seus familiares na Alemanha, que os publicaram posteriormente. Sepp tinha formação musical e tocava vários instrumentos. Em seus relatos ele descreve em detalhes vários aspectos da música nas reduções, como a construção de um órgão com os materiais disponíveis (SEPP, 1973 [1709], pp. 137-139) e o repertório praticado, que inclui Schmelzer, Biber e Teubner (pp. 271-272).

Herczog, em sua obra **Orfeo nelle Indie** (2001), sobre a música nas reduções jesuíticas do Paraguai, descreve a atuação dos padres Martin Schmid (1694-1772), Johann Messner (1703-1779) e Florian Paucke (1719-1779), entre outros.

Domenico Zipoli já era organista e compositor de certo renome em Roma em 1716 quando entrou para a Companhia de Jesus por motivos ignorados. Partiu para Buenos Aires em 1717 e, apesar de nunca ter atuado

diretamente nas reduções, pois faleceu em Córdoba em 1726 antes de ter sido ordenado, sua produção musical foi amplamente disseminada pelas reduções espanholas, sendo parte importante do repertório missioneiro (AYESTARÁN, 1962).

5.5.2.3 A destruição dos manuscritos por ocasião da expulsão

Um motivo que justifica o fato de não terem sido encontradas partituras da atividade jesuítica na América Portuguesa, também relacionado à forma de estabelecimento nas colônias, foi a destruição dos manuscritos no processo do seqüestro dos bens dos jesuítas por ocasião da sua expulsão. O relato do Padre José Caeiro descreve o roubo e destruição no Colégio do Rio de Janeiro em 1759:

Quase toda a noite seguinte se passou em examinar os objetos pertencentes aos jesuítas recém-chegados. Quinhentos escudos que pertenciam a vários colégios, foram roubados, assim como todos os livros, exceto os breviários e todos os manuscritos, que desapareceram por completo. Das outras coisas a maioria foi para o fisco, outras foram roubadas e algumas foram restituídas aos jesuítas. (CAEIRO, 1936 [1777], p. 197)

A destruição de manuscritos também é relatada em textos de autoria não-jesuítica. Um ofício do desembargador Agostinho Felix de Souza Capello ao conde de Bobadella descreve a destruição de livros e manuscritos no mesmo Colégio do Rio de Janeiro, durante a qual

começaram a voar papéis em pedaços, das janelas de alguns cubículos por algum tempo, dos quais, mandando-se apanhar parte deles, não se pôde fazer juízo certo do que continham antes de dilacerados e depois disso se tem divulgado que dentro do Colégio se queimou grande cópia de papéis e livros. (Of.AgFel, 1760, p. 122)

Além da destruição no momento da expulsão, existem informações de documentos preservados que se teriam perdido devido à má conservação:

Gonçalves Dias (apud LEITE, 1938-1949, vol. 1, p. XXIV) relata que os documentos jesuíticos do Arquivo do Maranhão estavam reduzidos em 1831 a somente 1000 volumes (o que indica que anteriormente eram em maior quantidade) e que vinte anos mais tarde nada mais restava deles.

Nesse processo desapareceram documentos que teriam sido uma importante fonte de informação para pesquisas modernas. Dos papéis administrativos dos colégios restaram somente os que estavam arquivados nos arquivos europeus. Nos arquivos de cúrias metropolitanas podem-se encontrar os livros-tombo das igrejas que pertenceram aos jesuítas, mas somente os que foram escritos após a expulsão, pois os anteriores foram destruídos; pode-se supor que também partituras tenham se perdido.

Também nesse aspecto as missões espanholas diferenciaram-se; as missões portuguesas encontravam-se mais próximas do contato com os centros urbanos e no momento da expulsão os jesuítas tiveram seus bens seqüestrados ou destruídos mais facilmente, ao passo que as reduções espanholas foram abandonadas e várias partituras passaram de mão em mão entre os índios, até serem redescobertas no séc. XX.

Por meio do exposto acima observa-se que, apesar de pertencerem à mesma ordem e partilharem dos mesmos ideais e regulamentos, os jesuítas portugueses e espanhóis tiveram atuações diferenciadas nas Américas, mais condicionadas por questões políticas do que ideológicas ou religiosas. O estudo sobre a atuação dos jesuítas no Brasil não deve esperar os mesmos resultados obtidos nos estudos sobre a América Espanhola, embora a empreitada seja relevante; ainda assim algumas comparações poderão evidenciar aspectos elucidativos.

VI - CONCLUSÃO

A atuação musical dos jesuítas em Portugal e suas assistências e, conseqüentemente, no Brasil, foi determinada pelos regulamentos estabelecidos logo nas primeiras décadas de existência da Companhia de Jesus. A leitura dos documentos jesuítas sobre o Brasil colonial não permite a evidenciação de detalhes dessa atuação, mas possibilita a visualização de algumas características comuns.

Nas missões da Índia, antes da chegada do Padre Nóbrega ao Brasil, os missionários conheciam o efeito que a música exercia sobre o gentio e, apesar das restrições nos regulamentos, o uso do canto e de instrumentos foi extensivo nas aldeias do Brasil colonial. A introdução de elementos musicais europeus pelos jesuítas influenciou aspectos da formação de culturas regionais que se mantêm até hoje, mas que são impossíveis de serem traçados de volta à sua origem devido à expulsão dos padres em 1759, e a interrupção do processo.

Fora das aldeias, os padres jesuítas da América Portuguesa seguiram os preceitos da ordem e evitaram a prática musical nos seus estabelecimentos. Nos colégios e seminários existia uma prática musical, realizada geralmente por externos (membros de outras ordens, músicos contratados ou estudantes seminaristas) e em determinadas ocasiões.

Apesar de seguirem os preceitos da mesma ordem, questões políticas e nacionais fizeram com que a atuação de jesuítas portugueses e espanhóis não apresentasse as mesmas características, e não se pode esperar da pesquisa sobre a atuação dos jesuítas no Brasil os mesmos resultados dos encontrados até o momento sobre a América espanhola.

A leitura dos documentos, entretanto, deixa em aberto diversas questões: de onde vinham as partituras e instrumentos utilizados pelos jesuítas no Brasil? Qual era o repertório e quem eram os compositores? Como era o ensino da música nos estabelecimentos?

Este trabalho não esgota o estudo sobre o assunto; pelo contrário, pretende-se aqui abrir um caminho para estudos futuros, que poderão revelar importantes aspectos dos primórdios da história da música no Brasil.

VII - BIBLIOGRAFIA

7.1 Referências¹

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. **A escrita no Brasil colônia**. Um guia para leitura de documentos manuscritos. Recife: Fundação Joaquim Nabuco / Ed. Massangana, 2003.

ALMEIDA, Renato. **A música brasileira no período colonial**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942. Separata dos **Anais do III Congresso de História Nacional**.

ALMEIDA, Renato. **História da música brasileira**. 2. ed. corr. e ampl. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Comp., 1942.

ANDRADE, Mário de. **Dicionário musical brasileiro**. Brasília: Ministério da Cultura; Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

ANDRÉS, Ramón. **Diccionario de instrumentos musicales de Píndaro a J. S. Bach**. Barcelona: Bibliograf, 1995.

ASSUNÇÃO, Paulo de. **Negócios jesuíticos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2004.

AYESTARÁN, Lauro. **Domenico Zipoli: Vida y obra**. Buenos Aires: Pontificia Universidad Católica Argentina Facultad de Artes y Ciencias Musicales, 1962.

AZEVEDO, Luís Heitor Correa de. **150 anos de música no Brasil (1800-1950)**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956.

_____. Música e catequese. **Cultura Política**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 49, pp. 142-145, 1945.

_____. **Música e músicos do Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1950.

BETTENCOURT, Gastão de. **História breve da música no Brasil**. Lisboa: [s.n.], 1945.

BINDER, Fernando; CASTAGNA, Paulo. Trombetas, clarins, pistões e cornetas no século XIX e as fontes para a história dos instrumentos de sopros no Brasil. **Música Hodie**, Goiânia, vol. 5, n. 1, pp. 11- 20, 2005.

¹ Baseadas na norma NBR 6023, de 2002, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)

BORROMEU, Carlos. Contribuição para a história da música na Amazônia. **Música Sacra**, Petrópolis, vol. 11, n. 6, pp. 105-108, 1951.

BUDASZ, Rogério. **O cancioneiro ibérico em José de Anchieta**: um enfoque musicológico. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), Escola de Comunicação e Artes, 1996.

_____. **Sobre a Música no Paraná (1600-1850)**. Versão ampliada do artigo publicado no Caderno G - Gazeta do Povo, 25.09.1995, p. 2. Disponível em <<http://www.cce.ufpr.br/~rbudasz/musicapr.html>>

CALONGHI, Ferruccio. **Dizionario latino italiano**. Torino: Rosenberg & Sellier, 1950.

CANHÃO, Joel. Um músico português do século XVII na corte de Pequim. **Biblos**, Coimbra, n. 62, pp. 519-533, 1986.

CAPELLI, Adriano (Coord.). **Dizionario di Abbreviature latine ed italiane**. Milão: Editore Ulrico Hoepli, 1967.

CASTAGNA, Paulo Augusto. A música como instrumento de catequese no Brasil dos sécs. XVI e XVII. **Confronto de culturas: conquista, resistência, transformação**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 1997, pp. 275-290.

_____. **Fontes bibliográficas para a pesquisa da prática musical no Brasil nos séculos XVI e XVII**. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), Escola de Comunicação e Artes, 1991. 2 vols.

_____. Uma abordagem musicológica da produção literária de Antônio Vieira (1608-1697). **Cadernos do IEB**, São Paulo, n. 1, pp. 39-72, 1999.

CAVALCANTI FILHO, Sebastião Barbosa. **A questão jesuítica no Maranhão colonial (1622-1759)**. Dissertação de Mestrado em História do Brasil pela Universidade Federal de Pernambuco. São Luís: Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado (SIOGE), 1990.

CAVEIRO, David Ortega. **Dicionário espanhol-português**. Barcelona: Ramón Sopena, 1966.

CERNICCHIARO, Vincenzo. **Storia della musica nel Brasile dai tempi coloniali sino ai nostri giorni (1549-1925)**. Milão: Stab. Tip. Edit. Filatelli Riccioni, 1926.

CULLEY, Thomas S.J. The influence of German College in music. **Analecta musicologica**, Departamento de Música do Instituto Histórico Alemão de Roma, n. 7, pp. 1-37, 1969.

CULLEY, Thomas S.J.; McNASPY, Clement J. S.J. Music and the early jesuits (1540-1565). **Archivum Historicum Societatis IESU**, Roma, vol. 60, n. 80, pp. 213-245, jul/dez 1971.

FÉTIS, F. J.. **A música ao alcance de todos ou noticia succinta de tudo o que é necessario para ajuizar e fallar dest´arte, sem a ter aprofundado**. Traduzida em portuguez por José Ernesto d´Almeida. Porto, 1858.

GALLET, Luciano. O índio na música brasileira. Ensaio enviado ao Congresso Internacional de Artes Populares de Praga de 1928. In: CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia do folclore brasileiro**. São Paulo: Martins, 1971, pp. 618-626.

GUILLOT, Pierre. **Les jésuites et la musique**. Le colège de la Trinité à Lyon. 1565-1762. Liège (Bélgica): Mardaga, 1991.

HERCZOG, Johann. **Orfeo nelle Indie**: I gesuiti e la musica in Paraguay (1609-1767). Lecce: Mario Congedo Editore, 2001.

HEYINK, Rainer. **Al decoro della Chiesa, & à lode del Signore Iddio. I Vespri concertati nella Roma del seicento**. (Studi, cataloghi e sussidi dell'Istituto di Bibliografia Musicale, vol. 4.) Roma: Istituto di Bibliografia Musicale, 1999.

HOORNAERT, Eduardo (Coord.). **História da Igreja na Amazônia**. Petrópolis: Editora Vozes, 1992.

_____. **A Igreja no Brasil-colônia (1550-1800)**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

HÜSCHEN, Heinrich. Jesuiten. In: BLUME, Friedrich (Org.). **Die Musik in Geschichte und Gegenwart**. Bärenreiter Verlag, 1996, vol. 7, cols. 1460-1475.

KENNEDY, Thomas Frank S.J.. Jesuit colleges and chapels: motet function in the late sixteenth and early seventeenth centuries. **Archivum Historicum Societatis IESU**, Roma, vol. 65, n. 130, pp. 197-213, jul/dez 1996.

_____. Jesuits and Music: reconsidering the early years. **Studi Musicali**, Florença, n. 1, pp. 71-99, 1988.

_____. **Jesuits and Music:** the european tradition. 1547-1622. Tese de doutorado. Santa Barbara, Universidade da Califórnia, 1982.

KERR, Machado Dorotéa. **Possíveis causas do declínio do órgão no Brasil.** Em anexo: Catálogo de órgãos do Brasil. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Escola de Música, 1985.

KIEFER, Bruno. **História da música brasileira.** Porto Alegre: Ed. Movimento, 1977.

LAMALLE, Edmond. L'archivio di un grande Ordine religioso. L'Archivio Generale della Companhia di Gesù. **Archivia Ecclesiae**, ns. 24-25, pp. 89-120, 1981-1982.

LEITE, Serafim S.J.. A música nas primeiras escolas do Brasil. **Broteria**, Lisboa, vol. 44, pp. 377-390, 1947.

_____. A cabana de Antonio Rodrigues. Separata de **Broteria**, Lisboa, vol. 56, pp. 433-441, 1953.

_____. A Companhia de Jesus e o culto de N. Sra. da Conceição. **Broteria**, Lisboa, vol. 43, pp. 591-602, 1946.

_____. Antonio Rodrigues, primeiro mestre-escola de São Paulo (1553-1554). **Broteria**, Lisboa, vol. 55, pp. 301-310, 1952.

_____. Cantos, músicas e danças nas aldeias do Brasil (sec. XVI). **Broteria**, Lisboa, vol. 24, pp. 42-52, 1937.

_____. **História da Companhia de Jesus no Brasil.** Lisboa: Livraria Portugália; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira e Instituto Nacional do Livro, 1938-1949. Edição especial: Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000. 10 vols.

_____. Introdução do teatro no Brasil (séc. XVI). **Broteria**, Lisboa, vol. 24, 1937, pp. 395-405.

_____. Vicente Rodrigues, 1º mestre escola do Brasil (1528-1600). **Broteria**, Lisboa, vol. 52, pp. 288-300, 1951.

LESSA, Elisa. Os beneditinos portugueses e o voto de "passar o mar": a música nos mosteiros do Brasil. **Correspondência musicológica euro-brasileira**, Colônia, n. 65, 2000. Disponível em <<http://www.revista.akademie-brasil-europa.org/CM65-03.htm>>. Acesso em 07.04.04.

LIMA, J. da Costa. Os jesuítas e a música. **Musica sacra**, Petrópolis, ano 6, n. 2, pp. 23-26, fev. 1946.

MacDONNELL, Joseph F. SJ. **Companion of Jesuits**: a tradition of collaboration. Fairfield: Fairfield University, 1995. Disponível em <<http://www.faculty.fairfield.edu/jmac/sj/cj/cj1se.html>>. Acesso em 30.01.04.

MACHADO, Raphael Coelho. **Dicionário musical**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1909.

MARCONDES, Marcos Antônio (Ed.). **Enciclopédia da Música Brasileira**. São Paulo: Art Editora, 1998.

MARIZ, Vasco. **História da música no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1981.

McCOOG, Thomas M. S.J. **A guide to jesuit archives**. Roma: Institutum Historicum Societatis IESU; St.Louis: Institute of Jesuit Sources, 2001.

NOBRE, Geraldo. **História eclesiástica do Ceará**: 1a. parte. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1980.

O'MALLEY, John (Ed.). **The jesuits**. Cultures, sciences and the arts, 1540-1773. Toronto: University of Toronto Press, 1999.

_____. **The first jesuits**. Cambridge: Harvard University Press, 1998.

O'NEILL, Charles E. S.J.; DOMINGUEZ, Joaquin M.a S.J.. **Dicionario historico de la Compania de Jesùs**. Roma: Institutum Historicum Societatis IESU, 2001.

PASZTOR, Lajos. **Guida delle fonti per la Storia dell'America Latina negli archivi della Santa Sede e negli archivi ecclesiastici d'Italia**. Cidade do Vaticano: Arquivo Vaticano, 1970.

PEREIRA DE MELLO, Guilherme Theodoro. **A musica no Brasil desde os tempos coloniaes até o primeiro decenio da república**. Bahia: Typographia de S. Joaquim, 1908.

PERRONE-MOISÉS, Beatriz. Índios livres e índios escravos – os princípios da legislação indigenista do período colonial (séculos XVI a XVIII). In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 115-132.

RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal**. Porto: Empresa Editora, 1931.

SALLES, Vicente. **A música e o tempo no Grão-Pará**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1980.

_____. O teatro e a música na Amazônia da segunda metade do século XVIII. In: SEMINÁRIO LANDI E O SÉCULO XVIII NA AMAZÔNIA, 2003. **Anais...** Disponível em <<http://www.landinf.br/anais/Teatro%20e%20Musica%20no%20Tempo%20de%20Landi.DOC>>. Acesso em 08.09.2005.

_____. Os carmelitas e a arte do cantochão. **Brasiliana**, Rio de Janeiro, n. 7, pp. 2-5, jan. 2001.

SANTOS, Maria Luiza de Queiroz Amancio. **Origem e evolução da música em Portugal e sua influência no Brasil**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1942.

SEBES, Joseph S.J.. **The jesuits and the sino-russian treaty of Nerchinsky (1689)**. The diary of Thomas Pereira S.J.. Roma: Institutum Historicum Societatis IESU, 1961.

SILVA, Antônio de Moraes. **Grande dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Joaquim Germano de Souza Neves, 1877.

SOMMERVOGEL, Carlos. **Bibliothèque de la Compagnie de Jésus**. Bruxelas: Oscar Schepens; Paris: Alphonse Picard, 1895. 12 vols.

STEINER, Ruth. Vespers. In: SADIE, Stanley (Org.). **The "New Grove" dictionary of music and musicians**. Washington: Macmillan, 1980, vol. 19, p. 685.

SZARÁN, Luis (Comp. e transcr.); von THÜMEN, Gisela (Ed.). **Musica en las Reducciones Jesuíticas de America del Sur**. Assunção: Missions Prokur S. J., 1999.

SZWEYKOWSKA, Anna. La musica presso i gesuiti in Polonia nel XVII secolo. **Quadrivium - Nuova Serie**, Bologna, vol. 1, n. 2, pp. 9-19, 1990.

TEJÓN, J. I. Música y danza. In: O'NEILL, Charles E. S.J. e DOMINGUEZ, Joaquin M.a S.J.(Org.). **Diccionario historico da la Compañia de Jesús**. Roma: Institutum Historicum Societatis IESU, 2001, vol. 3, pp. 2776-2789.

TINHORÃO, José Ramos. A deculturação da música indígena brasileira. **Revista Brasileira de Cultura**, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 13, pp. 9-26, jul/set 1972.

_____. **História social da música popular brasileira**. São Paulo: Editora 34, 1998.

TORRINHA, Francisco. **Dicionário latino-português**. Porto: Gráficos Reunidos LTDA, [1942].

TRINDADE, Jaelson Bitran. Música colonial paulista: o grupo de Mogi das Cruzes. **Revista do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)**, Rio de Janeiro, n. 20, pp. 15-24, 1984.

TRINDADE, Jaelson Bitran; CASTAGNA, Paulo Augusto. Música pré-barroca luso-americana: o grupo de Mogi das Cruzes. **Revista Eletrônica de Musicologia**, Curitiba, vol.2. Disponível em <<http://www.humanas.ufpr.br/rem/remv1.2/vol1.2/mogi.html>>. Acesso em 18.11.2005.

VALLAURI, T.; DURANDO, C. **Dizionario latino-italiano**. [S.l.]: Libritalia, 2000.

VILLALTA, Luiz Carlos. Uma Babel colonial. **Revista Nossa História**, São Paulo, ano 1, n. 5, pp. 58-63, mar 2004.

VILLOSLADA, Ricardo G. S.J. Algunos documentos sobre la música en el antiguo Seminario Romano. **Archivum Historicum Societatis IESU**, Roma, vol. 31, n. 61, pp.107-138, jan/jun 1962.

WEHLING, Arno; WEHLING, Maria José C. de. **Formação do Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

WICKI, Joseph. Das Schulwesen der Jesuiten in portugiesischen Indien. 1599 bis 1759. **Archivum Historicum Societatis IESU**, Roma, vol. 55, n. 109, pp. 33-85, jan/jun 1986.

_____. Gesang, Tänze und Musik im Dienst der alten indischen Jesuitenmissionen (ca. 1542-1580). In: **Missionskirche im Orient**. Immensee, 1976, pp. 138-152.

7.2 Bibliografia consultada

ALDEN, Dauril. **The making of an enterprise: the Society of Jesus in Portugal, its empire, and beyond - 1540-1750**. Stanford: Stanford University Press, 1996.

ALEGRIA, José Augusto. **O ensino e a prática da música nas Sées de Portugal**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1985.

APPLEBY, David. **La musica de Brasil**. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

AZEVEDO, João Lúcio de. **Os jesuítas no Grão-Pará**: suas missões e a colonização. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1930.

BAENA, Antonio Ladislau Monteiro. **Compêndio das eras da Província do Pará**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1969.

BARATTA, José do Carmo. **Escola de heroes**: O Collegio de N. S. das Graças. O seminario de Olinda. Recife: Imprensa Industrial, 1926.

BAZIN, Germain. **A arquitetura religiosa barroca no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1956. 2 vols.

BOOGAART, E. van den; BRIENEN, Rebecca Parker. **Brasil Holandês**: informações do Ceará de Georg Marcgraf (junho-agosto de 1639). Rio de Janeiro: Index, 2002.

BURNS, E. Bradford. Introduction to the Brazilian Jesuit letters in Mid-America: an historical quarterly. **The Institute of Jesuit History**, Chicago, n. 44, pp. 172-186, 1962.

CABRAL, Oswaldo R. **Os Jesuitas em Santa Catarina e o ensino de humanidades na Província**. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 1940.

CACCIAGLIA, Mario. **Pequena história do teatro no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 1986.

CAMÊU, Helza. **Introdução ao estudo da música indígena brasileira**. [Rio de Janeiro]: Conselho Federal de Cultura, 1977.

CARNEIRO, David A. da Silva. Colégio dos jesuítas em Paranaguá. **Revista do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)**, Rio de Janeiro, n. 4, pp. 361-382, 1940.

CARVALHO, José Antonio. **O Colégio e as residências jesuíticas no Espírito Santo**. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), Escola de Comunicação e Artes, 1979.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia do folclore brasileiro**. São Paulo: Martins, 1971.

_____. **História do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1955.

CERQUEIRA E SILVA, Ignacio Accioli de. **Memórias históricas e políticas da Bahia**. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1919-1940. 6 vols.

CONSIGLIO, Vittorio. **Fontes missionárias e história indígena**: um inventário analítico sobre textos jesuítas nos arquivos romanos referentes a missão em Maranhão e Grão-Pará, séculos XVII-XVIII. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1997.

COSTA, Lúcio. A arquitetura dos jesuítas no Brasil. **Revista do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)**, Rio de Janeiro, n. 5, pp. 9-100, 1941.

COUTO, José Jorge da Costa. **O Colégio dos jesuítas do Recife e o destino do seu patrimônio (1759-1777)**. Dissertação de mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de letras, 1990. 2 vols.

_____. Um estabelecimento jesuíta no Nordeste do Brasil: o Colégio do Recife. Separata de **Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbekian**, Paris, n. 36, pp. 571-578, 1996.

CRUZ, Ernesto. Sequestro dos bens dos regulares da Companhia de Jesus no Pará, Maranhão e Piauí. In: CONGRESSO COMEMORATIVO DO BICENTENÁRIO DA TRANSFERÊNCIA DA SEDE DO GOVERNO DO BRASIL DA CIDADE DE SALVADOR PARA O RIO DE JANEIRO. **Anais...** [Rio de Janeiro]: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro/Departamento de Imprensa Nacional, 1967, vol. 3, pp. 13-36.

DAEMON, Basilio Carvalho. **Provincia do Espirito Santo**: sua descoberta, historia chronologica, synopsis e estatistica. Vitória: Typographia do Espirito Santense, 1879. Obra de domínio público, disponível em www.ape.es.gov.br/daemon_livro.htm. Acesso em 04.11.2003.

DANTAS, Beatriz Góis (Org.). **Repertório de documentos para a história indígena**. Arquivo público estadual de Sergipe, coleções clero e câmara municipais. São Paulo: Núcleo para a História do Índio e do Indigenismo da Universidade de São Paulo (NHII-USP)/FAPESP, 1993.

DINIZ, Jaime C.. **Músicos pernambucanos do passado**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1969.

_____. **Organistas da Bahia: 1750-1850.** Rio de Janeiro: Edições Templo Brasileiro LTDA, 1986.

_____. Velhos organistas da Bahia: 1559-1745. **Universitas**, Salvador, n. 10, pp. 5-42, 1971.

DIXON, Graham. Musical activity in the Church of the Gesù in Rome during the early baroque. **Archivum Historicum Societatis IESU**, Roma, vol. 49, n. 97, pp. 321-337, jan/jun 1980.

EDMUNDO, Luiz. **O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis.** Rio de Janeiro: Athena Editora, [s.d.].

FERREIRA, Arnaldo. **Jesuítas do Maranhão e Grão-Pará.** São Luís: Apontamentos, 1955.

FRANZEN, Beatriz Vasconcelos. **Os jesuítas portugueses e espanhóis e sua ação missionária no sul do Brasil e Paraguai (1580 - 1640):** um estudo comparativo. Porto Alegre: Editora Unisinos, 1999.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala.** Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1987.

GAMA, José Bernardo Fernandes. **Memórias históricas da Província de Pernambuco.** Recife: Arquivo Público Estadual, 1977. 2 vols.

GAMBINI, Roberto. **O espelho índio:** os jesuítas e a destruição da alma indígena. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

HAUBERT, Maxim. **Índios e jesuítas no tempo das missões:** séculos XVII e XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Capelas antigas de São Paulo. **Revista do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)**, Rio de Janeiro, n. 5, pp. 105-120, 1941.

_____. **Raizes do Brasil.** Rio de Janeiro: J. Olympio, 1936.

HOLANDA, Sergio Buarque de; CAMPOS, Pedro Moacyr. **História geral da civilização brasileira.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

KOCH, Ludwig S.J.. **Jesuiten-Lexicon.** Die Gesellschaft Jesu einst und jetzt. Paderborn: Verlag Bonifacius-Druckerei GMBH, 1934.

La COUTURE, Jean. **Os jesuítas.** Os conquistadores. Porto Alegre: L&PM Editora, 1991.

LAMEGO, Alberto. **A terra Goytaca à luz de documentos inéditos**. Gaudio: L'édition d'art, 1920-1943. 6 vols.

LISBOA, João Francisco. **Crônica do Brasil Colonial**: apontamentos para a história do Maranhão. Petrópolis: Vozes, 1976.

LUTTERBECK, Jorge Alfredo. **Jesuítas no sul do Brasil**: capítulos de história da missão e província sul-brasileira. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1977.

MACHADO NETO, Dionísio. **Música sacra em terra de Santos**. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), Escola de Comunicação e Artes, 2001.

MARIZ, Marlene da Silva (Org.). **Repertório de documentos para a história indígena existentes no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**. São Paulo: Núcleo para a História do Índio e do Indigenismo da Universidade de São Paulo (NHII-USP)/FAPESP, 1994.

MARQUES, Cezar Augusto. **Diccionario historico, geographico e estatistico da Província do Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1808. Obra de domínio público, disponível em <http://www.ape.es.gov.br/diccionario_CAM.htm>. Acesso em 04.11.2003.

MOHANA, João. **A grande música do Maranhão**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1974.

MONTEIRO, John Manuel. **Guia de fontes para a história indígena e do indigenismo em arquivos brasileiro**. Acervos das capitais. São Paulo: Núcleo para a História do Índio e do Indigenismo da Universidade de São Paulo (NHII-USP)/FAPESP, 1994.

_____. Os Guarani e a história do Brasil meridional. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 475-498.

MORAES, Rubens Borba de. **Bibliografia brasileira do período colonial**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), 1969.

NASCIMENTO, Anna Amelia Vieira (Intr.). **A Quinta do Tanque**. Arquivo do Estado da Bahia, 1980.

NEMÉSIO, Vitorino. **O campo de São Paulo**: a Companhia de Jesus e o plano português no Brasil. Lisboa: Ed. Panorama, 1971.

PACQUIER, Alain. **Les chemins du baroque dans le Nouveau Monde.** De la terre de Feu à l'embouchure du Saint-Laurent. [S.l.]: Librairie Arthème Fayard, 1996.

PADESCA, Ana Luisa Balmori. **Os jesuítas e a música na expansão portuguesa quinhentista.** Dissertação de mestrado. Coimbra: Universidade de Coimbra Faculdade de Letras, [1997].

PIAZZA, Walter Fernando. **A igreja em Santa Catarina:** notas para sua história. Florianópolis: Secretaria de Educação e Cultura, 1977.

PLAZAOLA, Juan S.J. Ignazio de Loyola y el Brasil. **Anuario del Instituto Ignacio de Loyola,** Astigarraga (Gipuzkoa), n. 2, pp. 161-176, 1995.

PREISS, Jorge Hirt. **A música nas missões jesuíticas nos séculos XVII e XVIII.** Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1988.

REPERTÓRIO de documentos para a história indígena no Maranhão: Coleção de documentos do Arquivo Público do Estado do Maranhão. São Luís: [s.n.], 1997.

RESENHA de manuscritos e documentos outros da Secção Histórica do Arquivo Público do Estado da Bahia. Salvador: Secção Histórica do Arquivo Público do Estado da Bahia, 1950.

RONDÓN, Víctor. Música e doutrina no Símbolo Católico Indiano (Lima, 1598), de Luís Jerônimo de Oré (1554-1630). Tradução e adaptação de Paulo Castagna. **ARTEunesp,** São Paulo, n. 13, pp.133-160, 1997.

ROSTIROLLA, Giancarlo. La musica negli istituti religiosi della Cia di Gesu nel XVI e XVII secolo. In: CONVEGNO INTERNAZIONALE DI STUDI PROMOSSO DALLA COMPAGNIA DI GESÙ DALL'UNIVERSITÀ DELL'AQUILA NEL IV CENTENARIO DELL'ISTITUZIONE DELL'AQUILANUM COLLEGIO (1596). L'Aquila, 8 a 11 de novembro de 1995. **Anais...** Roma, Institutum Historicum Societatis IESU, pp. 261-357.

SALA, Emilio. La musica nei drammi gesuitici. In: **I GESUITI e i primordi del teatro barocco in Europa.** 1994: Roma, Centro Studi sul Teatro Medioevale e Rinascimentale, pp. 389-440.

SANTAMARIA, Daniel J. **Del tabaco al incienso:** reduccion y conversion en las misiones de las selvas sudamericanas, siglos XVII y XVIII. Jujuy: CEIC, 1994.

SCHMITZ, Egidio. **Os jesuítas e a educação.** A filosofia educacional da Companhia de Jesus. Porto Alegre: UNISINOS, 1994.

SMITH, Robert C.. Jesuit buildings in Brazil. **The Art Bulletin**, vol. 30, n. 3, pp.187-213, set 1948.

SOUTO, Domingos Maurício Gomes do. **Balanço cultural dos jesuítas no Brasil (1549-1760)**. Coimbra: [s.n.], 1955. Separata de **Brasília**, vol. 9.

SOUZA, Laura de Mello (Org.). Cotidiano e a vida privada na América Portuguesa. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, vol. 1.

STUDART, Guilherme (Barão de). **Duas memórias do jesuita Manuel Pinheiro**. Extrahidas da Revista do Arquivo Cearense. Fortaleza: Typographia Minerva de Assis Bezerra, 1905.

_____. **Datas e factos para a historia do Ceará**. Edição fac-similar dos originais de 1896 (vols. 1 e 2) e 1924 (vol. 3). Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. 3 vols.

TELLES, Isadora Travassos. **A 'função escriturária' no Rio de Janeiro**: um estudo de caso do auto *Na festa de São Lourenço* (ca. 1583) de José de Anchieta. Dissertação de mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2004.

TOCANTIS, Leandro. **Santa Maria de Belém do Pará**. [Belém]: Civilização Brasileira, 1976.

URECH, Edouard. **Dizionario dei Simboli Cristiani**. Roma: Edizioni Arkeios, 1955.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de (Visconde de Porto Seguro). **História geral do Brasil**: antes da sua separação e independência de Portugal. São Paulo: Melhoramentos, [19--].

7.3 Publicações dos sécs. XVI ao XVIII

7.3.1 Fontes primárias

BERMUDO, Juan. **Declaración de instrumentos musicales**. Kassel, Basel: Bärenreiter Verlag, 1957. Edição fac-similar do original de 1555.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario português e latino**. Hildesheim: Georg Olmos Verlag, 2002. Edição fac-similar do original de 1712-1721.

CARNEIRO, Manoel. **Sermam que pregou o padre mestre Manoel Carneyro da Companhia de JESU no collegio do Rio de Janeiro em o segundo dia das quarenta horas no anno de 1667**. Évora: Officina da Universidade, 1668.

CONSTITUTIONES Societatis IESU cum earum Declarationibus. (1558). Roma: [s.n.], 1583.

FERNADEZ, Antônio. **Arte de Mvsica de Canto Dorgam, e canto cham, & proporções de musica diuididas harmonicamente**. [Évora]: Publinorma, 1996. Edição fac-similar do original de 1626.

FRANCO, Antonio R.P. **Sinopsis annalium Societatis Jesu in Lusitania ab anno 1540 usque ad annum 1725**. Augusta Vindelicorum & Græcii. Sumptibus Philippi, Martini, & Joannes Veith, hæredum. [s.l.]: [s.n.], 1726.

LETTERE ANUE d´Etiopie, Malabar, Brasil, e Goa. Dall´anno 1620 fin´al 1624. Roma: 1627.

LOYOLA, Inácio de. (1553-1555). **Autobiografia**. Tradução de Armando Cardoso S.J.. São Paulo: Loyola, 1997.

MARQUES, Simão. **Brasilia pontificia sive speciales facultates pontificiæ quæ brasiliæ episcopis conceduntur, et singulis decenniis renovantur, cum notationibus evulgatæ, et in quatuor libros distributæ per R. P. Simonem Marques conimbricensem Societatis Jesu in Provincia Brasilica diœcesis fluminensis examinationem synodalem, olim in Collegio Jannuariensi sacro, theologio, primariū professorem, postea verò in eodem Collegio studiorum generalium decanum**. Accessit appendix pro casibus in Brasilia reservatis cum desiderata eorum expositione. Opus omnibus confessariis, parochis, causidicis, et iudicibus transmarinis, præsertim ecclesiasticis, in utraque India, tam Orientali, quàm Occidentali perquàm utili, ac necessarium. Lisboa: Imprensa de Antonio Vicente da Silva, 1758.

PRAETORIUS, Michael. **Syntagma Musicum**. Kassel, Basel: Baerenreiter Verlag, 1958. Edição fac-similar do original de 1619. 3 vols.

REGRAS da Companhia de Iesv. Évora: Manoel de Lima Impressor, 1603.

ROVERE, Luis Vincencio Mamiani delle. **Catecismo kiriri pelo P. Luiz Vincencio Mamiani**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1949. Edição fac-similar de: Catecismo da doutrina christã na lingua brasilica da nação kiriri

composto pelo P. Luis Vincencio Mamiani da Companhia de Jesus, missionario da Provincia do Brasil. Lisboa, Miguel Deslandes, 1698.

SANTA MARIA, Agostinho de. **Santuario Mariano, e historia das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e milagrosamente manifestadas, & apparecidas.** Lisboa, 1718-1723. 10 vols.

SEPP, Antonio. (1696). **Relación de viaje a las misiones jesuíticas.** Buenos Aires: Eudeba, 1971. Tradução de Reisebeschreibung.

_____. (1709). **Continuación de las labores apostólicas.** Buenos Aires: Eudeba, 1973. Tradução de Continuatio laborum apostolicorum.

VOCABOLARIO degli accademici della Crusca. Veneza: I. Sarzini, 1623.

von MURR, Christoph Gottlieb. **Reisen einiger Missionarien der Gesellschaft Jesu in Amerika aus ihren eigenen Zufäßen.** Nürnberg: Johann Eberhard Zeh, 1785.

7.3.2 Fontes secundárias

BARROS, André de. **Vida do Apostolico Padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus, chamado por antonomasia O Grande:** aclamado no mundo por principe dos oradores evangelicos, prégador incomparavel dos augustissimos Reys de Portugal, varão esclarecido em virtudes, e letras divinas, e humanas: restaurador das Missões do Maranhão, e Pará. Dedicada ao serenissimo Senhor Infante D. Antonio pelo P. Andre de Barros da Companhia de Jesus. Lisboa: Nova Oficina Silviana, 1746. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, pp. 572-576.

FONSECA, Manoel da. **Vida do veneravel Padre Belchior de Pontes, da Companhia de Jesus da Provincia do Brasil, composta pelo Padre Manoel da Fonseca, da mesma Companhia, e Provincia.** Offerecida ao nobilissimo Senhor Manoel Mendes de Almeida, Capitaõ Mór da Cidade de S. Paulo &c. Lisboa: Francisco da Silva, 1752. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, pp. 577-579.

GUERREIRO, Fernão. **Relaçam annal das cousas que fizeram os Padres da Companhia de Iesvs nas Partes da India Oriental, & no Brasil, Angola, Cabo Verde, Guine, nos annos de seiscentos & dous & seiscentos & tres, & do processo da conuersam & christandade daquellas partes, tirada das cartas dos mesmos padres que de lá vieram.** Pelo padre Fernam Guerreiro da mesma Companhia, natural de Almodouar de Portugal. Vay diuidido em quatro liuros. O primeiro de Iapã e II.

da China & Maluco. O III. da India. O IIII. do Brasil, Angola, & Guiné. Lisboa: per Iorge Rodrigues impressor de livros, 1605. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, pp. 248-249.

VASCONCELOS, Simão de. **Chronica da Companhia de JESV do Estado do Brasil: e do qve obrarão sevs filhos nesta parte do novo mvndo.** TOMO PRIMEIRO da entrada da Companhia de Jesv nas partes do Brasil e dos fvndamentos qve nellas Lançãrão, & continuarão seus Religiosos em quanto alli trabalhou o Padre Manuel da Nobrega Fundador, & primeiro Prouincial desta Prouincia, con sua vida, & morte digna de memoria: e algvas noticias antecedentes curiosas, & necessarias das cousas daquelle Estado, pello Padre Simão de Vasconcellos da mesma Companhia: Natural da Cidade do Porto, Lente que foi da sagrada Theologia, & prouincial no dito Estado. Lisboa: Henrique Valente de Oliveira, 1663. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, pp. 446-457.

_____. **Vida do veneravel Padre Ioseph de Anchieta da Companhia de Iesv, tavmatvrgo do nouo mundo, na Prouincia do Brasil composta pello P. Simam de Vasconcellos, da mesma Companhia, lente de prima na sagrada theologia, & Prouincial que foi na mesma Prouincia, natural da Cidade do Porto.** Dedicada ao Coronel Francisco Gil d'Araujo. Lisboa: João da Costa, 1672. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, pp. 466-469.

7.4 Fontes impressas de documentos jesuíticos

[ANCHIETA, José de.] **Teatro de Anchieta.** Tradução versificada, introdução e notas pelo Padre Armando Cardoso. São Paulo: Edições Loyola, 1977. (P. Joseph de Anchieta - Obras Completas, vol. 3.)

_____. **Teatro de José de Anchieta.** Tradução do tupi de Eduardo de Almeida Navarro e do castelhano de Júlio César de Assunção Pedrosa. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Cartas:** correspondência ativa e passiva. Pesquisa, introdução e notas do Padre Helio Abranches Viotti SJ. São Paulo: Loyola, 1984.

[CAEIRO, José.] (17--). **Primeira publicação após 160 anos do manuscrito inédito de José Caeiro sobre os jesuítas do Brasil e da Índia.** Edição bilíngüe (latina-português), tradução de Manuel Narciso Martins e introdução de Luiz Gonzaga Cabral. Salvador: Escola Tipográfica Salesiana, 1936.

[CARDIM, Fernão.] ([1584],1585). **Tratados da terra e gente do Brasil.** Introduções e notas de Rodolfo Garcia, Batista Caetano e Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro, 1925.

CARTAS AVULSAS, 1550-1568. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. (Cartas jesuíticas, vol. 2; Coleção reconquista do Brasil, 2ª. série, vol. 148.)

CASTAGNA, Paulo Augusto. **Fontes bibliográficas para a pesquisa da prática musical no Brasil nos séculos XVI e XVII.** Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), Escola de Comunicação e Artes, 1991, vol. 2.

ECKART, Anselmo S.J.. (176-). **Memórias de um jesuíta prisioneiro de Pombal.** São Paulo: Ed. Loyola, [s.d.].

FAZENDA, José Vieira. Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 143, 1921.

GARCIA, José Manoel (Apres.). **Cartas dos jesuítas do Oriente e do Brasil.** 1549-1551. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1993.

INSTITUTUM Societatis IESU. Florença: Typographia a SS. Conceptione, 1893. 3 vols.

LEITE, Serafim S.J.. **História da Companhia de Jesus no Brasil.** Lisboa: Livraria Portugália; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira e Instituto Nacional do Livro, 1938-1949. Edição especial: Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000. 10 vols.

_____. **Luiz Figueira:** a sua vida heróica e sua obra literária. Lisboa: Divisão de Publicações e Biblioteca da Agência Geral das Colônias, 1940.

_____. (Org.). **Monumenta Brasiliae.** Roma: 1956-1960. 4 vols. (Monumenta Historica Societatis IESU, vols. 79-81, 87.)

_____. **Páginas de História do Brasil.** São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1937.

LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. (1768). **Informações sobre as minas de São Paulo / A expulsão dos jesuítas do Colégio de São Paulo.** São Paulo: Editoria Comp. Melhoramentos, [s.d.].

MONUMENTA Historica Societatis IESU. Roma, Madrid: 1894-[19--]. 156 vols.

MORAES, Alexandre José de Mello. **Corographia historica, chronographica, genealogica, nobiliaria, e politica do Imperio do Brasil**. Rio de Janeiro: Typographia Brasileira, 1858-1863. 4 vols.

STUDART, Guilherme. **Documentos para a história do Brasil e especialmente do Ceará**. Fortaleza: Typographia Studart (vol. 1) e Typographia Minerva (vols. 2 a 4), 1904, 1909, 1910, 1921. 4 vols.

[Vieira, Antônio.] **Cartas do Padre Antonio Vieira**. Coordenação de J. Lucio de Azevedo. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925.

[Vieira, Antônio.] **Obras escolhidas do P.e António Vieira**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1951. 5 vols.

WICKI, Joseph. (Org.). **Documenta Indica**. Roma: 1948-1988. 18 vols. (Monumenta Historica Societatis IESU, vols. 70-133.)

7.5 Documentos

Act.LuGon, 1553-1555. **Atos do Padre Inácio de Loyola, pelo Padre Luís Gonçalves da Câmara**. S/l, [Roma], 1553-1555. Publicado em **Fontes narrativi de S. Ignatio de Loyola et de Societatis Iesu initiis**, vol. 1: Narrationes scriptæ ante annum 1557. (Monumenta Historica Societatis IESU, vol. 66.) Roma: 1943.

Act.PetRib, [1566]. **Atos do Padre Inácio de Loyola, pelo Padre Pedro de Ribadeneyra**. S/l, s/d [Roma, 1566]. Publicado em **Fontes narrativi de S. Ignatio de Loyola et de Societatis Iesu initiis**, vol. 2: Narrationes scriptæ ante annis 1557-1574. (Monumenta Historica Societatis IESU, vol. 73.) Roma: 1951.

An.AnRodr, 1700. **Ânua da missão que fizeram dois religiosos da Companhia de Jesus em algumas vilas de São Paulo em 1700**. Padre Antônio Rodrigues. Colégio de São Paulo, 24 de dezembro de 1700. Original no ARSI, Bras 10 I, doc. II, ff. 5-7v.

An.CoPac.1, 1737. **Ânua da Província do Brasil de 1736**. Padre Cornélio Pacheco. Bahia, 6 de janeiro de 1737. Original no ARSI, Bras 10 II, doc. LV, ff. 369-372. Cópia nos ff. 377-380, como doc. LVII.

An.FeCar.1, 1606. **Anotações para a ânuia da Província do Brasil de 1604.** Padre Fernão Cardim. Bahia, 13 de janeiro de 1606. Original no ARSI, Bras 8 I, doc. XVI, ff. 49-50v.

An.FeCoel, 1679. **Ânuia da Província do Brasil de 1670 a 1679.** Padre Felipe Coelho. Colégio da Bahia, 15 de julho de 1679. Original no ARSI, Bras 9, doc. XXXII, ff. 237-249.

An.FrAlm, 1738. **Ânuia da Província do Brasil de 1738.** Padre Francisco de Almeida. Colégio da Bahia, 17 de dezembro de 1738. Original no ARSI, Bras 10 II, doc. LVI, ff. 373-376v. Cópia nos ff. 386-390.

An.FrSilv, 1750. **Ânuia da Província do Brasil de 1748 e 1749.** Padre Francisco da Silveira. Colégio da Bahia, 15 de janeiro de 1750. Original no ARSI, Bras 10 II, doc. LXVI, ff. 429-430v.

An.GasAlv, 1608. **Ânuia da Província do Brasil de 1607.** Padre Gaspar Álvares. Bahia, 2 de agosto de 1608. Original no ARSI, Bras 8 I, doc. XVIII, ff. 65-69.

An.IgSouz, [1733]. **Ânuia da Província do Brasil de 1732.** Padre Inácio de Souza. S/l, s/d [1733]. Original no ARSI, Bras 10 II, doc. LI, ff. 340-343.

An.India, 1577. **Ânuia da Província da Índia de 1577.** S/a. S/l [Goa, novembro de] 1577. Original no Arquivo da Torre do Tombo (Lisboa), Armário Jesuítico 28, ff. 32v-42. Publicado em **Documenta Indica**, vol. 10 (1575-1577). (Monumenta Historica Societatis IESU, vol. 98.) Roma: 1968, pp. 938-959.

An.InPas, 1755. **Ânuia da Província do Brasil de 1754.** Padre Inácio de Passos. Colégio da Bahia, 16 de janeiro de 1755. Original no ARSI, Bras 10 II, doc. LXIX, ff. 445-449.

An.InTav, [1621]. **Ânuia da Província do Brasil de 1620.** Padre Inácio Taveira. Bahia, 1º de fevereiro [de 1621]. Original no ARSI, Bras 8 II, doc. LVII, ff. 274-280v.

An.JoAnch.2, 1584. **Ânuia da Província do Brasil de 1583.** Padre José de Anchieta. Bahia, 5 de janeiro de 1584. Original no ARSI, Fundo Epistolae Nostrorum 95 (Epp. Venerabilium S.I. 1555-1592), ff. 118-119v.

An.JoAnd.1, 1699. **Ânuia da Província do Brasil.** Padre João Antonio Andreoni. Bahia, 5 de abril de 1699. Original no ARSI, Bras 9, ff. 440-444. Cópia digitalizada do NHII.

An.JoAnd.5, 1714. **Ânua da Província do Brasil de 1714.** Padre João Antônio Andreoni, Bahia, 24 de dezembro de 1714. Original no ARSI, Bras 10 I, doc. XXIV, ff. 92-97v. Cópia nos ff. 98-103v.

An.JoBett.2, 1671. **Ânua da missão do Maranhão de 1671.** Padre João Felipe Bettendorf. São Luís, 21 de julho de 1671. Original no ARSI, Bras 9, doc. XXXVII, ff. 259-267v. Cópia digitalizada no NHII.

An.JoBett.4, 1672. **Ânua da missão do Maranhão de 1672.** Padre João Felipe Bettendorf. São Luís, 28 de agosto de 1672. Original no ARSI, Bras 9, XXXVIII, ff. 284-291v. Cópia digitalizada no NHII.

An.JoHon, 1719. **Ânua da Província do Brasil de 1719.** Padre João Honorato. Bahia, 16 de setembro de 1719. Original no ARSI, Bras 10 I, doc. XXXII, ff. 210-214v.

An.JoNog, 1742. **Ânua da Província do Brasil de 1741.** Padre José Nogueira. Colégio da Bahia, 1º de janeiro de 1742. Original no ARSI, Bras 10 II, doc. LXI, ff. 399-402. Cópia nos ff. 407-410.

An.LaAlm, 1733. **Ânua da Província do Brasil de 1732.** Padre Laurêncio de Almeida. Bahia, 1º de janeiro de 1733. Original no ARSI, Bras 10 II, doc. LII, ff. 353-356v. Cópia nos ff. 357-360v.

An.LuFons.2, 1578. **Ânua da Província do Brasil de 1578.** Padre Ludovico Fonseca. Bahia, 16 de dezembro de 1578. Original no ARSI, Bras 15 II, doc. 60, ff. 302-304v.

An.MaBel.1, 1590. **Ânua da Província do Brasil de 1589.** Padre Marçal Belliarte. Colégio da Bahia, 4 de janeiro de 1590. Original no ARSI, Bras 15 II, doc. 71, ff. 368-370v.

An.MaBel.3, 1591. **Anotações para a ânua da Província do Brasil de 1591.** Padre Marçal Belliarte. S/I [Bahia], 1591. Original no ARSI, Bras 15 II, doc. 75, ff. 375-377.

An.MaRib, 1718. **Ânua de 1717.** Padre Manoel Ribeiro. Bahia, 10 de agosto de 1718. Original no ARSI, Bras 10 I, doc. XXX, ff. 175-178.

An.MaTav, 1727. **Ânua da Província do Brasil de 1727.** Padre Marcus de Távora. Colégio da Bahia, 1727. Original no ARSI, Bras 10 II, doc. XLIV, ff. 285-292. Cópia nos ff. 293-301.

An.MiAnt, 1696. **Ânua da Província do Maranhão de 1696.** Padre Miguel Antunes. S/I [Maranhão], 1696. Original no ARSI, Bras. 9, doc. LXIV, ff. 426-431. Cópia digitalizada no NHII.

An.GoOliv, 1573. **Ânua da Província do Brasil de 1572.** Padre [Gonçalo de] Oliveira. Colégio do Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1573. Original no ARSI, Bras 15 I, doc. 49, ff. 233-238.

An.PINun.1, 1716. **Ânua da Província do Brasil de 1716.** Padre Plácido Nunes. Bahia, 8 de julho de 1716. Original no ARSI, Bras 10 I, doc. XXVII, ff. 112-119. Cópia nos ff. 120-128.

An.ProvBras.1, 1608. **Ânua da Província do Brasil de 1607.** S/a. Bahia, 9 de agosto de 1608. Original no Arquivo Histórico da Torre do Tombo, fundo Cartório Jesuítico, maço 68, doc. 429.

An.ProvBras.2, 1612. **Ânua da Província do Brasil de 1611.** S/a. S/l, março de 1612. Original no ARSI, Bras 8 I, doc. XXVI, ff. 116-119.

An.QuCax, 1574. **Ânua da Província do Brasil de 1573.** Padre Quirício Caxa. Colégio da Bahia, 17 de janeiro de 1574. Original no ARSI, Bras 15 I, doc. 52, ff. 251-263v.

An.SeVaz, 1615. **Ânua da Província do Brasil de 1614.** Padre Sebastião Vaz. Bahia, 13 de junho de 1615. Original no ARSI, Bras 8 I, doc. XXXV, ff. 155-167v.

An.SiAlv, 1755. **Ânua da Província do Brasil de 1755.** Padre Simão Álvares. Bahia, 3 de dezembro de 1755. Original no ARSI, Bras 10 II, doc. LXXX, ff. 495-496v.

Ata.CongRom, 1568. **Ata da Primeira Congregação da Província Romana da Companhia de Jesus.** 1568. Original no ARSI, Congr. 41, ff. 1v-6v. Publicado em **Monumenta Pedagogica Societatis IESU**, vol. 3 (1557-1572). (Monumenta Historica Societatis IESU, vol. 108.) [Roma]: L. Lukács, 1974, pp. 14-22.

Aut.ColSP, 1774. **Auto de Praça lançando os bens dos jesuítas do Colégio de São Paulo.** 21 de novembro de 1774. Original no Arquivo Nacional, cód. 481: Bens confiscados aos jesuítas de São Paulo. Inventário do Colégio de São Paulo, Colégio de Aragariguama, etc, f. 174 ff.

Av.ColSP, 1771. **Avaliação dos bens dos jesuítas da Capitania de São Paulo.** 6 de junho a 16 de julho de 1771. Original no Arquivo Nacional, cód. 481: Bens confiscados aos jesuítas de São Paulo. Inventário do Colégio de São Paulo, Colégio de Aragariguama, etc.

Car.AmPir, 1555. **Carta do Padre Ambrósio Pires ao Padre Diego Mirón.** Porto Seguro, 6 de junho de 1555. Publicado em **Monumenta Brasiliae**, vol. 2, pp. 228-233. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, p. 70.

Car.AnBlas.1, 1554. **Carta do Padre Antônio Blasques aos Padres e Irmãos de Coimbra.** Porto Seguro, 8 de maio de 1554. Original não localizado. Apógrafo ou tradução para o espanhol no Colégio de Chamartin (antigo Códice do Colégio de Alcalá), Madrid, Varia Historia III, ff. 618-619v. Publicado em **Monumenta Brasiliae**, vol. 2, pp. 55-60. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, p. 58.

Car.AnBlas.2, 1557. **Carta para o Padre Inácio de Loyola.** S/a [Irmão Antônio Blasques]. S/l [Bahia], 10 de junho de 1557. Segundo LEITE, tradução portuguesa de espanhol perdido na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [S. Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 34-38v. Publicado em **Cartas Avulsas**, pp. 194-204. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, pp. 80-81.

Car.AnBlas.5, 1561. **Carta do Padre Antônio Blasquez ao Padre Diogo Laynez e aos mais Padres e Irmãos da Companhia.** Bahia, 23 de setembro de 1561. Segundo LEITE, apógrafo em espanhol com ortografia extremamente irregular, com muitas palavras portuguesas e portuguesismos, no ARSI, Bras 15, ff. 103-108v; apógrafo em espanhol na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [São Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 105-111, semelhante porém com algumas palavras a menos. Publicado em **Cartas Avulsas**, pp. 324-348. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, pp. 127-129.

Car.AnBlas.6, 1564. **Carta do Padre Antônio Blasquez para o Padre Provincial em Portugal.** Bahia, 30 de maio de 1564. Segundo LEITE, apógrafo coevo em espanhol com portuguesismos na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [São Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 145-148v. Publicado em **Cartas Avulsas**, pp. 430-442. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, pp. 136-137.

Car.AnBlas.7, 1564. **Carta do Padre Antônio Blasquez para Portugal.** Bahia, 13 de setembro de 1564. Segundo LEITE, apógrafo coevo em espanhol com portuguesismos na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [São Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 156-160v. Publicado em **Cartas Avulsas**, pp. 443-459. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, pp. 138-140.

Car.AnBlas.8, 1565. **Carta do Padre Antônio Blasquez para o Padre Provincial de Portugal.** Bahia, 9 de maio de 1565. Segundo LEITE, apógrafo coevo em espanhol com portuguesismos na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [São Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 153-155v. Publicado em **Cartas Avulsas**, pp. 460-468. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, pp. 143-144.

Car.AnCri, 1545. **Carta do Padre Antônio Criminalis ao Padre Loyola.** Goa, 7 de outubro de 1545. Original no ARSI, Epp. NN. 98, ff. 132-135v. Publicado em **Documenta Indica**, vol. 1, 1540-1549. (Monumenta Historica Societatis IESU, vol. 70.) Roma: 1948, pp. 8-23.

Car.AnVie.1, 1653. **Carta do Padre Antônio Vieira ao Padre Provincial do Brasil.** Maranhão, 22 de maio de 1653. Original não localizado; conhecem-se somente os fragmentos intercalados transcritos na **História da Companhia de Jesus na extinta Província do Maranhão e Pará** do Padre José de Moraes (1759) e reunidos por João Lúcio Azevedo em **Cartas**, vol. 1, carta LXIV, pp. 316-355. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, pp. 423-424.

Car.AnVie.2, 1654. **Carta do Padre Antônio Vieira ao Padre Provincial do Brasil.** S/l [Pará], [janeiro] de 1654. Original não localizado; conhecem-se somente os fragmentos intercalados transcritos na **História da Companhia de Jesus na extinta Província do Maranhão e Pará** do Padre José de Moraes (1759) e reunidos por João Lúcio Azevedo em **Cartas**, vol. 1, pp. 355-383. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, p. 426.

Car.AnVie.5, [1660]. **Carta do Padre Antônio Vieira ao Rei de Portugal, D. Afonso VI.** Pará, [28 de novembro de 1659 ou Maranhão, 11 de fevereiro de 1660]. Cópia impressa no ARSI, Bras 9, doc. XVI, ff. 130-139v; versão manuscrita em italiano nos ff. 78-86v e ff. 89-104, e em códice da Biblioteca do Vaticano, todas com a data de "Maranhão, 11 de fevereiro de 1660". Segundo LEITE, o original em português encontra-se na Biblioteca de Évora, CXV/2-13, f. 339, e tradução francesa na Biblioteca da Ecole de S.^{te} Geneviève, em Paris, com a data de "Pará, 28 de novembro de 1659". Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, p. 441.

Car.AValig, 1576. **Anotações para uma carta do Padre Visitador A. Valignani ao Padre Geral.** Chorão, 3 de novembro de 1576. Original na Biblioteca Nacional Vittorio Emanuele (Roma), mss. Gesuitici 1255, no 16, ff. 273-288v. Publicado em **Documenta Indica**, vol. 5, 1561-1563. (Monumenta Historica Societatis IESU, vol. 83.) Roma: 1958, pp. 586-648.

Car.BelDi.2, 1566. **Carta do Padre Belchior Dias ao Padre Leoni Henriques.** Baçaim, 4 de dezembro de 1566. Original no ARSI, Goa 8 III ff. 503-512v. Publicado em **Documenta Indica**, vol. 7 (1566-1569). (Monumenta Historica Societatis IESU, vol. 89.) Roma: 1962, pp. 90-102.

Car.BerAg, [1767]. **Carta do Padre Bernardo de Aguiar.** S/l, s/d [Roma: 1767]. Original no ARSI, Bras 28, f.25/p.43 ss.

Car.DiJac, 1552. **Carta do Irmão Diogo Jacome para os Padres e Irmãos do Colégio de Coimbra.** S/l [São Vicente], 1552. Cópia na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1-5, 2, 38, ff. 196v-199, a partir de original não localizado. Publicado em **Cartas Avulsas**, pp. 127-132. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, p. 29.

Car.DioMach, 1689. **Carta do Padre Provincial Diogo de Machado.** Bahia, 15 de julho de 1689. Original no ARSI, Bras 3 II, doc. CLXXIII, ff. 270-271. Publicado em LEITE, 1938-1949, vol. 6, p. 107, em português.

Car.DiTup, 1552. **Carta do menino Diego Tupinambá Peribira Mongetá Quatiá [escrita pelo Padre Francisco Pires] ao Padre Pedro Doménech, em Lisboa.** Bahia, 5 de agosto de 1552. Original não localizado. Tradução em espanhol no ARSI, Bras 3 I, ff. 64-67v. Publicado em **Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 375-389. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, pp. 40-42.

Car.FraLop, 1565. **Carta do Padre Francisco Lopes aos Padres e Irmãos da Companhia de Jesus do Colégio de São Roque, em Lisboa.** Cochim, 6 de janeiro de 1565. Original no ARSI, Goa 8 III, ff. 486-489v. Publicado em **Documenta Indica**, vol. 4 (1563-1566). (Monumenta Historica Societatis IESU, vol. 86.) Roma: 1960, pp. 407-416.

Car.FranBor, 1570. **Carta do Padre Francisco Borgia ao Padre Gundisalvo Alvares, Visitador.** Roma, 10 de janeiro de 1570. Original no ARSI, Instit. 51 II, ff. 330v-331.

Car.FrEst, 1553. **Carta do Padre Franciscus de Estrada ao Padre Inácio de Loyola.** Burgis, 17 de setembro de 1553. Publicado em **Epistolæ mixtæ ex variis europæ locis ab anno 1537 ad 1556 scriptæ nunc primum a patribus Societatis Jesu in lucem editæ**, vol. 3 (1553). (Monumenta Historica Societatis IESU. Vol 17.) Madrid, 1900, pp. 478-480.

Car.FrPas, 1578. **Carta do Padre Francesco Pasio ao Irmão Laurentio Pasio.** 30 de novembro de 1578. Original no ARSI, Goa 12 II, ff. 465-472v. Publicado em **Documenta Indica**, vol. 9 (1577-1580). (Monumenta Historica Societatis IESU, vol. 103.) Roma: 1970, pp. 358-359.

Car.FrWol.1, 1756. **Carta do Padre Franciscus Wolf ao Padre Visitador e Vice-Provincial.** Colégio do Maranhão, 6 de agosto de 1756. Original no ARSI, Bras 10, doc. LXXVIII, ff. 485-488. Cópia digitalizada no NHII.

Car.GasBaz, 1553. **Carta do Padre Gaspar Bazaeus, Vice-provincial da Índia, ao Padre Inácio de Loyola.** Goa, 12 de janeiro de 1553. Original no ARSI, Goa 10 I, ff. 266-273v. Publicado em **Documenta Indica**, vol. 2, 1550-1553. (Monumenta Historica Societatis IESU, vol. 72.) Roma: Institutum Historicum Societatis IESU, 1950, pp. 578-603.

Car.GasBaz, 1553. **Carta do Padre Gaspar Bazaeus, Vice-provincial da Índia, ao Padre Inácio de Loyola.** Goa, 12 de janeiro de 1553. Original no ARSI, Goa 10 I, ff. 266-273v. Publicado em **Documenta Indica**, vol. 2, 1550-1553. (Monumenta Historica Societatis IESU, vol. 72.) Roma: 1950, pp. 578-603.

Car.HeGom, 1614. **Carta do Padre Provincial Henrique Gomes ao Padre Assistente Antônio de Mascarenhas.** Bahia, 16 de junho de 1614. Original no ARSI, Bras. 8, ff. 169-174. Publicado em LEITE, 1938-1949, vol. 5, pp. 5-24. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, pp. 264-265.

Car.InLoy.1, 1554. **Carta do Padre Inácio de Loyola ao Padre Nicolau Lanoy.** Roma, 22 de novembro de 1554. Publicado em **Sanctii Ignatii de Loyola - Societatis Jesu fundatoris - epistolæ et instructiones. Monumenta ignatiana ex autographis vel ex antiquioribus exemplis collecta , series prima**, vol. 8. (Monumenta Historica Societatis IESU, vol. 36.) Madrid, 1909. Pp 67-69.

Car.InLoy.2, 1554. **Carta do Padre Inácio de Loyola ao Padre Nicolau Lanoy.** Roma, 30 de novembro de 1554. Original no ARSI, Cod. Monac. II, ff. 10v-11; *Cod. Rom. VI*, f. 14. Publicado em **Sanctii Ignatii de Loyola - Societatis Jesu fundatoris - epistolæ et instructiones.** Monumenta ignatiana ex autographis vel ex antiquioribus exemplis collecta , series prima, vol. 8. (Monumenta Historica Societatis IESU, vol. 36.) Madrid, 1909, pp. 117-118.

Car.InLoy.3, 1556. **Carta do Padre Loyola ao Padre João Pelletario.** Roma, 2 de maio de 1556. Original no ARSI, Regest IV. ff. 47v-48. Publicado em **Sanctii Ignatii de Loyola - Societatis Jesu fundatoris - epistolæ et instructiones.** Monumenta ignatiana ex autographis vel ex antiquioribus exemplis collecta , series prima, vol. 11. (Monumenta Historica Societatis IESU, vol. 40.) Madrid, 1911, pp. 325-328.

Car.InLoy.4, 1556. **Carta do Padre Inácio de Loyola ao Padre Nicolau Lanoy.** Roma, 20 de junho de 1556. Original no ARSI, Regest V, ff. 35v-37. Publicado em **Sanctii Ignatii de Loyola - Societatis Jesu fundatoris - epistolæ et instructiones.** Monumenta ignatiana ex autographis vel ex antiquioribus exemplis collecta , series prima, vol. 12. (Monumenta Historica Societatis IESU, vol. 42.) Madrid, 1911, pp. 12-17.

Car.JoAnch.2, 1554. **Carta do Padre José de Anchieta ao Padre Inácio de Loyola.** São Paulo de Piratininga, [1º de setembro de] 1554. Segundo LEITE, apógrafo ou tradução para o latim de original perdido, provavelmente em português, no ARSI, Bras 3 I, ff. 115-117v; apógrafo ou tradução em latim nos ff. 119-123v; apógrafo ou tradução em latim na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa], 1-5, 2, 38, ff. 199-205. Publicado em **Monumenta Brasiliae**, vol. 2, pp. 83-118, a partir do texto no ARSI, Bras 3 I, ff. 115-117v, e conferido com os outros dois textos citados. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, pp. 61-62.

Car.JoAnd.1, 1697. **Carta sobre a morte do Padre Vieira.** Padre João Antonio Andreoni. Bahia, 20 de julho de 1697. Original no ARSI, fundo Assistentiae Lusitanae 58 (Necrologia - 1548-1741), ff. 515-519. Cópia em 520-527. Publicado nos **Annaes da Bibliotheca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 19, pp. 145-160, 1897, em latim e português, sem informação sobre as fontes.

Car.JoAnd.2, 1706. **Carta do Padre João Antônio Andreoni.** Bahia, 3 de agosto de 1706. Original no ARSI, Bras 4, doc. LXVII, f. 102.

Car.JoAnd.3, 1706. **Carta do Padre João Antônio Andreoni.** Bahia, 12 de novembro de 1706. Original no ARSI, Bras 4, doc. LXIX, ff. 104-105v.

Car.JodPer, 1685. **Carta do Padre Jodocus Peres, Superior das missões, ao Padre Geral.** Évora, 7 de dezembro de 1685. Original no ARSI, Bras 26, doc. LXXII, f. 125.

Car.JoPol.1, 1556. **Carta do Padre João de Polanco ao Padre Michaeli Turriano, por comissão do Padre Inácio de Loyola.** Roma, 14 de abril de 1556. Original no ARSI, Cod. Ebor. II, ff. 215v-216. Publicado em **Sanctii Ignatii de Loyola - Societatis Jesu fundatoris - epistolæ et instructiones.** Monumenta ignatiana ex autographis vel ex antiquioribus exemplis collecta, series prima, vol. 11. (Monumenta Historica Societatis IESU, vol. 40.) Madrid, 1911, pp. 244-247.

Car.JoPol.2, [1556]. **Carta do Padre João de Polanco.** S/l, s/d [Janeiro de 1556]. Original no ARSI, Hist. Soc. 69 I, pp. 540-544. Publicado em **Documenta Indica**, vol. 3: 1553-1557. (MHSI, vol. 74.) Roma: 1954, pp. 455-460.

Car.JuAzp.1, 1550. **Carta do Padre Juan de Azpicuelta Navarro aos Padres e Irmãos de Coimbra.** Bahia, 28 de março de 1550. Autógrafo em espanhol no ARSI, Bras 3 I, ff. 27-30. Publicado em **Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 177-187. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, p. 27.

Car.LeNun, 1550. **Carta do Padre Leonardo Nunes.** São Vicente, 24 de agosto de 1550. Original na Biblioteca Nacional, cod. LXXVII, 6-22. Publicado em **Cartas Avulsas**, pp. 83-89.

Car.LeVal.1, 1561. **Carta do Padre Leonardo do Valle, da Bahia para os Irmãos.** Salvador, 23 de setembro de 1561. Segundo LEITE, apógrafo em português na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [São Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 111v-115. Publicado em **Cartas Avulsas**, pp. 349-361. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, pp. 131-132.

Car.LeVal.2, 1562. **Carta do Padre Leonardo do Vale para os Padres e Irmãos da Companhia de Jesus, em S. Roque.** Bahia, 26 de junho de 1562. Segundo LEITE, apógrafo em português na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [São Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 116-124v. Publicado em **Monumenta Brasiliae**, vol. 3, pp. 469-507. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, p. 133.

Car.LeVal.3, 1563. **Carta do Padre Leonardo do Vale para o padre Gonçalo Vaz, Provincial da Companhia de Jesus em Portugal.** Bahia, 12 de maio de 1563. Segundo LEITE, apógrafo em português na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [São Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 132-137. Publicado em **Monumenta Brasiliae**, vol. 4, pp. 3-22. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, p. 134.

Car.LuFon, 1577. **Carta do Padre Luís da Fonseca ao Padre Geral da Companhia de Jesus.** São Salvador da Bahia, 17 de dezembro de 1577. Original não localizado. Segundo CASTAGNA, publicada apenas em **Lettres du Jappon, Peru, et Brasil** (edição única de Paris, Thomas Brumen, 1578). Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, pp. 168-169.

Car.MaGom, 1621. **Carta do Padre Manuel Gomes.** S/l, 2 de julho de 1621. Original na Biblioteca Nacional de Lisboa, caixa y. 2.22. Publicado em STUDART, 1904, vol.1, pp. 273-288.

Car.MaMon, [1640]. **Carta de ca. 1640 com a resposta do Marquês de Montalvão sobre a queixa dos paulistas.** S/l, s/d [1640]. Original não localizado. Publicado em LEME, **Informações sobre as minas de São Paulo**, p. 196.

Car.ManAn, 1749. **Carta do Secretário de Estado Manoel Antonio de Azevedo Coutinho ao Governador da Capitania de Santa Catarina.** S/l [Ilha de Santa Catarina], 20 de novembro de 1749. Original no Arquivo do Estado de Santa Catarina, fundo Avisos Diversos ao Governador da Capitania 1748/1804.

Car.MaNob.1, 1549. **Carta do Padre Manoel da Nóbrega ao Padre Simão Rodrigues.** Bahia, [abril] de 1549. Original na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1-5, 2, 38, ff. 1-2. Publicado em **Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 108-115. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, p. 18.

Car.MaNob.2, 1549. **Carta do Padre Manoel da Nóbrega ao Padre Simão Rodrigues.** Bahia, 9 de agosto de 1549. Original na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1-5, 2, 38, ff. 3-5. Publicado em **Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 118-132. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, p. 19.

Car.MaNob.3, 1550. **Carta do Padre Manoel da Nóbrega ao Padre Simão Rodrigues.** Porto Seguro, 6 de janeiro de 1550. Original não localizado. Publicado em **Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 155-170. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, p. 23.

Car.MaNob.4, 1552. **Carta do Padre Manoel da Nóbrega ao Padre Simão Rodrigues.** Bahia, 10 de junho de 1552. Apógrafo incompleto em português, de original perdido, na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, CXVI / 1-

33, ff. 189-191v. Publicado em **Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 348-357. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, p. 36.

Car.MaNoB.5, 1552. **Carta do Padre Manoel da Nóbrega ao Padre Simão Rodrigues**. S/l, s/d [Bahia, fins de julho de 1552]. Apógrafo em português, de original perdido, no ARSI, Bras 15 I, ff. 62-63. Publicado em **Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 367-375. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, p. 39.

Car.MaNoB.6, [1552]. **Carta do Padre Manoel da Nóbrega ao Padre Simão Rodrigues**. S/l, s/d [Bahia, fins de agosto de 1552]. Original na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, CXVI / 1-33, ff. 194v-197. Publicado em **Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 400-409. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, p. 46.

Car.MaRodr, 1671. **Carta do Padre Manoel Rodrigues ao Padre João Paulo Oliva, Prepósito Geral da Companhia de Jesus, sobre as celebrações por seculares no Maranhão**. São Luís do Maranhão, 31 de março de 1671. Original no ARSI, Bras 26, doc. XVII, ff. 28-30v.

Car.MaSeix, 1718. **Carta do Padre Manoel Seixas, Visitador das missões do Maranhão, a El Rei**. Pará, 13 de junho de 1718. Original no ARSI, Bras 26, doc. CXXVI. Cópia fotográfica na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (I 48,14,1), e manuscrita no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Car.MiAnd, 1659. **Carta do Conde Miranda Andrade sobre o que pede o Índio do Maranhão Jorge Tagaibuna**. Pernambuco, 1o de agosto de 1659. Original na coleção Studart. Publicado em STUDART, 1910, vol. 3, pp. 222-224.

Car.NicLan, 1577. **Carta do Padre Nicolaus Lanoy ao Padre Geral Everardo Mercuriano**. [Olomutio], 23 de dezembro de 1577. Original no ARSI, Germ. 138 II, ff. 425-426v. Publicado em **Monumenta Pedagogica Societatis IESU**, vol. 4 (1573-1580). (Monumenta Historica Societatis IESU, vol. 124.) [Roma]: Institutum Historicum Societatis IESU, 1981, pp. 712-719.

Car.NuBar, 1562. **Carta do Padre M. Nunes Barreto ao Padre Lainez**. Cochim, 15 de janeiro de 1562. Original no ARSI, Goa 8 II, ff. 315-316v. Publicado em **Documenta Indica**, vol. 5 (1561-1563). (Monumenta Historica Societatis IESU, vol. 83.) Roma: 1958, pp. 481-487.

Car.PedCru, 1563. **Carta do Padre Pedro da Cruz aos Padres e Irmãos da Companhia de Jesus de Évora**. Goa, 23 de novembro de 1563. Original no ARSI, Goa 8 III, ff. 486-489v. Publicado em **Documenta Indica**, vol. 4 (1563-1566). (Monumenta Historica Societatis IESU, vol. 86.) Roma: 1960, pp. 32-44.

Car.PeDom.1, 1550. **Carta do Padre Pero Doménech aos Padres e Irmãos de Coimbra.** Lisboa, 27 de janeiro de 1550. Original na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, CVII / 2-1, ff. 152v-153v. Publicado em **Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 170-174. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, pp. 25-26.

Car.PeRodr.2, 1599. **Carta do Padre Pedro Rodrigues ao Provincial, descrevendo missões ao sertão da Bahia.** Colégio da Bahia, 19 de dezembro de 1599. Original no ARSI, Bras 15 II, doc. 108, ff. 473-478.

Car.PeSar.1, 1552. **Carta do Bispo D. Pedro Fernandes Sardinha ao Padre Simão Rodrigues.** S/l, s/d [Bahia, julho de 1552]. Original não localizado. Tradução para o espanhol no ARSI, Bras 3 I, ff 102-102v. Publicado em LEITE, **Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 357-367. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, p. 36.

Car.VicRod.1, [1552]. **Carta do Irmão Vicente Rodrigues.** S/l, s/d [1552]. Original não localizado. Tradução em espanhol no ARSI, Bras 3 I, ff. 56v-57v, com emendas do Padre João de Polanco. Publicado em **Cartas Avulsas**, pp. 142-145, em português; **Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 315-321, a partir da cópia do ARSI. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, p. 33.

Car.VicRod.4, 1552. **Carta do Irmão Vicente Rodrigues aos Padres e Irmãos de Coimbra.** Bahia, 17 de setembro de 1552. Original não localizado. Tradução em espanhol no ARSI, Bras 3 I, ff. 68-68v, com várias emendas e cortes do Padre Polanco. Publicado em **Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 409-415. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, p. 47.

Cat.FrMat, 1701. **Catálogo da Província do Brasil.** Padre Francisco de Mattos. Bahia, 18 de agosto de 1701. Original no ARSI, Bras 6 I, ff. 26-30. Publicado em LEITE, 1938-1949, vol. 5, pp. 588-596.

Cat.ManDias, 1725. **Catálogo trienal da Província do Brasil.** Padre Manoel Dias. Bahia, 20 de julho de 1725. Original no ARSI, Bras 6 I, ff. 155-158.

Cer.AIMou, 1620. **Certidão de Alexandre de Moura dada aos Padres da Companhia.** Setúbal, 20 de outubro de 1620. Original no ARSI, Bras 8, ff. 301-301v. Publicado em LEITE, 1938-1949, vol. 3, pp. 101-102.

Cro.DomAr, 1720. **Crônica da Companhia de Jesus na missão do Maranhão.** Padre Domingos de Araújo. S/l [Maranhão], 1720. Original na Biblioteca Pública de Évora, códice CXV/2-11, ff. 209-331v, incompleto; cópias manuscritas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (11,2,7) e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Cro.JoBett, 1698. **Crônica da Missão do Maranhão**. Padre João Felipe Bettendorf. S/l [Maranhão], 25 de maio de 1698. Original não localizado. Publicado na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 72, 1909, pp. 1-697. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, pp. 491-507.

Cro.JoPol.1, 1555. **Vida de Inácio de Loyola e Crônica da Companhia de Jesus, pelo Padre João Afonso de Polanco**. Roma, 1539-1556. Publicado em **Chronicon Polanci**, vol 5 (Monumenta Historica Societatis IESU, vol. 9.) Madrid, 1897.

Cro.JoPol.2, 1539-1556. **Vida de Inácio de Loyola e Crônica da Companhia de Jesus, do Padre João Afonso de Polanco**. Publicado em **Monumenta Historica Societatis IESU**. Vols. 1,3,5,7,9,11. Roma: 1539-1556.

FORMULA, 1540/1550. **Formula Institutis Societatis IESU**. 27 de setembro de 1540 e 21 de julho de 1550. O texto de 1540 foi publicado na bula *Regimini militantis Ecclesiae*, do Papa Paulo III, e o texto de 1550 na bula *Exposcit debitum*, do Papa Júlio III. Tradução italiana disponível em <<http://www.gesuiti.it/File/Pubblicazioni/TestiFondamentali/Formule.pdf>>, sem referência à localização do original. Acesso em 08.11.2005.

FORMULA SCRIBENDI, [1580]. **Formula scribendi**. S/l, s/d [Roma, 1580]. Publicado em **Institutum Societatis IESU**. Florença: ex Typographia a Ss. Conceptione, 1893, vol. 3.

Fund.IgrConv, [1777]. **Fundação das igrejas e conventos dos padres da Companhia de Jesus**. S/a. S/l, s/d [posterior a 1777]. Original na Biblioteca de Évora, DCCCXLI / 25-35; cópia manuscrita na Biblioteca Nacional.

His.FundCol, [1574]. **História da Fundação dos Colégios do Brasil**. S/a. S/l, s/d [posterior a 1574]. Manuscrito da Biblioteca Nazionale Vittorio Emanuele (Roma), Fondo Gesuitico, códice 1614. Publicado nos **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, vol. 19, 1897, pp. 75-144. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, pp. 245-246.

His.ProvMar, 1770. **História da Companhia de Jesus na Vice-Província do Maranhão do ano 1607 a 1700**. S/a [Padre Matias Rodrigues]. Roma, 18 de agosto de 1770. Original no IEB, coleção Yan de Almeida Prado, códice 42.

Inf.AnMat, 1619. **Informação das ocupações dos Padres e Irmãos do Rio de Janeiro para o Assistente de Portugal em Roma**. Padre Antônio de Mattos. Rio de Janeiro, março de 1619. Original no ARSI, Bras 3 I, ff. 199-201v. Publicado em LEITE, 1938-1949, vol. 6, pp. 563-568. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, p. 342.

Inf.CrGouv, 1583. **Informação da Província do Brasil de 1583.** Padre Cristóvão de Gouveia. Bahia, 31 de dezembro de 1583. Original no ARSI, Bras 15 II, doc. 67, ff. 333-339. Cópia incompleta e sem assinatura no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Inf.FrSoa, [1590]. **Algumas coisas mais notáveis do Brasil e alguns costumes dos índios.** Padre Francisco Soares. S/l, s/d [1590]. Original na Biblioteca da Real Academia de História de Madrid, Jesuítas, tomo 119, MS 254, ff. 1020-1026. Publicado como **Coisas notáveis do Brasil:** apresentação e introdução de A. G. Cunha. Lucas, Instituto Nacional do Livro e MEC, 1966, vol. 1, XXIV, p. 209. Transcrito em CASTAGNA, 1991, pp. 237-238.

Instr.AnMasc, 1626. **Tratado de cerimônias para a casa de São Roque, pelo Padre Visitador Antonio Mascarenhas.** S/l [Lisboa], 1626. Original na Biblioteca Nacional de Lisboa, códice 4234.

Instr.CIAcq.2, 1587. **Carta do Padre Geral Cláudio Acquaviva ao Padre Visitador Cristóvão de Gouveia.** Roma, 27 de janeiro de 1587. Original no ARSI, Bras 2, ff. 57-57v.

Instr.CrGouv.1, 1586. **Ordens do padre Cristóvão de Gouveia.** Roma, 1586. Original no ARSI, Bras 2, ff. 139v-147v.

Instr.CrGouv.2, 1589. **Ordens do Padre Cristóvão de Gouveia.** Roma, 1º de janeiro de 1589. Original no ARSI, Bras 2, ff. 147v-149v. Outra cópia encontra-se no Fondo Gesuitico, Collegia, Busta 11/1369, env. no. 7 (Bahia), doc. no. 10.

Instr.InLoy, 1556. **Carta do Padre Inácio de Loyola.** Roma, 30 de março de 1556. Original no ARSI, Cod. Rom. VI, f. 284v. Publicado em **Sanctii Ignatii de Loyola - Societatis Jesu fundatoris - epistolæ et instructiones.** Monumenta ignatiana ex autographis vel ex antiquioribus exemplis collecta, series prima, vol. 11. (Monumenta Historica Societatis IESU, vol. 40.) Madrid, 1911. P. 183.

Instr.JaLain, 1562. **Instruções do Padre Lainez ao Padre Melchiori Nunes Barreto.** Trento, 10 de dezembro de 1562. Original no ARSI, Epp. Nn. 36, ff.94-94v. Publicado em **Documenta Indica**, vol. 5 (1561-1563). (Monumenta Historica Societatis IESU, vol. 83.) Roma: 1958, pp. 652-656.

Instr.JeNad.1, [1562]. **Instruções do Padre Jerônimo de Nadal.** S/l, s/d [Roma, 1562]. Publicado em **Epistolae P. Hieronymi Nadal Societatis Jesu ab anno 1546 ad 1577 nunc primum editae et illustratae a patribus ejusdem Societatis**, vol. 4: Selecta Natalis monumenta in ejus epistolis commemorata. (Monumenta Historica Societatis IESU, vol. 90.) Madrid, 1905, pp. 364-619.

Instr.JeNad.2, [1566]. **Instruções do Padre Jerônimo de Nadal ao Reitor do Colégio de Viena.** S/l, s/d [Roma, 1566]. Original no ARSI, Natal. instr. Germ., ff. 91-102 (154-165). Publicado em **Epistolae P. Hieronymi Nadal Societatis Jesu ab anno 1546 ad 1577 nunc primum editae et illustratae a patribus ejusdem Societatis**, vol. 4: Selecta Natalis monumenta in ejus epistolis commemorata. (Monumenta Historica Societatis IESU, vol. 90.) Madrid, 1905, pp. 283-303.

Instr.JoPol.2, 1558. **Instruções do Padre João de Polanco às missões da Índia.** Roma, agosto de 1558. Original no ARSI, Instit. 18, ff. 431-434v. Publicado em **Documenta Indica**, vol. 4 (1557-1560). (Monumenta Historica Societatis IESU, vol. 78.) Roma: 1956, pp. 72-80.

Instr.JoPol.3, 1558. **Instruções do Padre João de Polanco às missões da Índia.** Roma, 13 de dezembro de 1558. Original no ARSI, Fondo Gesuitico, Collegia 1443, Goa, ff. 269-270. Publicado em **Documenta Indica**, vol. 4 (1557-1560). (Monumenta Historica Societatis IESU, vol. 78.) Roma: 1956. P. 133.

Inv.AldEmb, 1759. **Inventário da Igreja da Capela Nsa. Sra. do Rosário, Embu.** 2 de dezembro de 1759. Cópia xerográfica no Arquivo Público do Estado de São Paulo, Acervo Permanente, Documentos do Tribunal de Justiça Federal, Pasta Cópias de Inventários, sem referências à localização do original. Segundo Trindade (1984), o original encontra-se na Delegacia do Tesouro do Estado de São Paulo.

Inv.AldGuar, 1760. **Inventário dos bens da Igreja de São João Batista da Missão das Guaraíras.** 7 de junho de 1760. Original no Arquivo Histórico Ultramarino, Série Inventários dos Bens Confiscados aos Jesuítas em Pernambuco, códice 1964, ff. 390 a 399. Cópia digitalizada no Projeto Resgate, Códices do fundo do Conselho Ultramarino relativos ao Brasil existentes no Arquivo Histórico Ultramarino.

Inv.AldRer, 1759. **Inventário dos bens da Aldeia de Nossa Senhora da Assunção de Reritiba.** 5 de julho de 1759. Original no Arquivo Histórico Ultramarino, fundo Rio de Janeiro, caixa 56, doc. 5485.

Inv.AldSPed, 1759. **Inventário das alfaias, ornamentos e do mais pertencente à igreja da Aldeia de São Pedro de Cabo Frio.** 5 de julho de 1759. Original no Arquivo Histórico Ultramarino, fundo Rio de Janeiro, caixa 56, doc. 5485.

Inv.ColBah, 1760. **Inventário dos ornamentos de ouro e prata e mais alfaias pertencentes à igreja do Colégio da Companhia de Jesus da Cidade da Bahia.** 5 de março de 1760. Original no Arquivo Histórico Ultramarino, fundo Bahia (Castro e Almeida), caixa 26, doc. 4893.

Inv.ColMar, [1760]. **Inventário da igreja do Colégio do Maranhão.** S/d [1760]. Original no ARSI, Bras 28, f.23/p.39 ss.

Inv.ColSP, 1775. **Inventário dos bens do Colégio de São Paulo.** 22 de abril de 1775. Original no Arquivo Nacional, cód. 481: Bens confiscados aos jesuítas de São Paulo. Inventário do Colégio de São Paulo, Colégio de Aragariguama, etc, f. 167v ff.

Inv.FazSCruz, 1768. **Inventário dos bens da Fazenda de Santa Cruz (Rio de Janeiro).** 6 de maio de 1768. Original não localizado. Publicado em **Archivo do Districto Federal**, n. 2, 1895, pp. 73-77 (com continuação em outras páginas isoladas).

Inv.SemBel, 1760. **Inventário dos ornamentos de ouro e prata e mais alfaías pertencentes à igreja do Seminário de Belém da Companhia de Jesus.** 23 de janeiro de 1760. Original no Arquivo Histórico Ultramarino, fundo Bahia (Castro e Almeida), caixa 26, doc. 4894.

Inv.Vigia, [1760]. **Inventário da casa da Companhia de Jesus na Vila da Vigia.** S/d [1760]. Original no ARSI, Bras 28, f.15 / p.23 ss.

Lemb.Def, 1730. **Lembrança dos defuntos que estão enterrados na Igreja de Nsa. Sra. da Luz do Colégio da Companhia de Jesus do Maranhão.** S/a. Colégio de Santo Alexandre (Pará), 1730. Original na Biblioteca Nacional de Lisboa, seção XIII, fundo antigo, doc. no. 4518; cópia manuscrita no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Mem.LuGon, [1555]. **Memorial do Padre Luiz Gonçalvez da Camara.** [1555]. Publicado em **Fontes narrativi de S. Ignatio de Loyola et de Societatis Iesu initiis**, vol 1: Narrationes scriptæ ante annum 1557. (Monumenta Historica Societatis IESU, vol. 66.) Roma: 1943.

Mor.JoVil, [1719]. **Morte do Padre João de Vilar.** S/a [Padre Jacinto de Carvalho]. S/l, s/d [posterior a 27 de setembro de 1719]. Original na Biblioteca de Évora, códice CXV / 2-13, f. 318-323, e em latim no ARSI, Bras 10, f. 229-232; cópia manuscrita em português na Biblioteca Nacional, e em latim no Instituto Histórico Brasileiro, ambas sem indicação de autor.

Of.AgFel, 1760. **Ofício do desembargador Agostinho Felix de Souza Capello ao conde de Bobadella.** Rio de Janeiro, 10 de março de 1760. Original na Biblioteca Pública do Porto, códice 555. Publicado parcialmente em FAZENDA: **Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro.**

Ord.SemBel, [1696]. **Ordens para o Seminário de Belém.** S/a. S/l, s/d [Belém da Cachoeira, 1696]. Original no ARSI, Fondo Gesuitico, Collegia, Busta nº 15 / 1373, nº 4 (Belém da Cachoeira), doc. nº 1. Publicado em Leite, 1938-1949, vol. 5, pp. 180-189.

Pet.AntMen, 1659. **Sobre o que pede Antonio Mendes, Cabo das tropas de Pernambuco, em razão da forma, em que se poderão reduzir à obediência de S. Mag.de os índios tapuias, e outros particulares.** [Pernambuco], 28 de novembro de 1659. Original na coleção Studart. Publicado em STUDART, 1921, vol. 4, pp. 100-104. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, p. 440.

Quad.AnBlas.2, [1557]. **Quadrimestre de setembro de 1556 a janeiro de 1557.** S/a [Irmão Antônio Blasques]. S/l, s/d [Bahia, 1º de janeiro de 1557]. Original não localizado. Cópia em português na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1-5, 2, 38, ff. 39-42. Publicado em **Cartas Avulsas**, pp. 182-189; **Monumenta Brasiliae**, vol. 2, pp. 345-356, como sendo de autoria do Ir. Antonio Blasques, da Bahia, de 1º de janeiro de 1557. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, pp. 75-76.

Rec.BensRec, 1774. **Receita dos bens confiscados aos jesuítas no Colégio do Recife.** 1º de janeiro de 1774. Original no Arquivo Histórico da Torre do Tombo, fundo Capitânias do Brasil, livro 609.

Reg.ColOrf, 1615. **Regimento do Colégio dos Meninos Órfãos de Lisboa.** S/a. S/l [Lisboa], 20 de agosto de 1615. Original na Biblioteca Nacional de Lisboa, coleção Pombalina, mss. 249, nº 66.

Reg.JoBett, 1670. **Compromisso e regras da Congregação de Nossa Senhora da Luz e do Terço, no Colégio dos Padres da Companhia de Jesus, em São Luís do Maranhão.** Padre João Felipe Bettendorf. São Luís do Maranhão, 12 de setembro de 1670. Original no ARSI, Fondo Gesuitico, Collegia, Busta nn. 94 / 1465, nº 5 (Maranhão).

Rel.AnVie.1, 1659. **Relação da Missão da Serra de Ibiapaba, pelo Padre Antônio Vieira.** S/l, 1659. Original não localizado. Nenhuma das fontes publicadas menciona o original; segundo CASTAGNA, comparando-se os textos percebe-se que a publicação de BARROS serviu de fonte para as demais. Publicado em BARROS, André de. **Vozes Saudosas.** Lisboa: Miguel Rodrigues, 1736, pp. 3-89. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, pp. 436-438.

Rel.BaPil, 1717. **Anacefaleose ou narração da solenidade pela beatificação do Padre João Francisco Régis, da Companhia de Jesus.** Frei Bartolomeu do Pilar. Pernambuco, 31 de outubro de 1717. Original no ARSI, Bras 10 I, doc. XXIX, ff. 136-173.

Rel.BeFon, [1757]. **Maranhão conquistado a Jesus Cristo, e à Coroa de Portugal pelos religiosos da Companhia de Jesus.** S/a [Padre Bento da Fonseca]. S/l, s/d [Maranhão, após 1757]. Original na Biblioteca de Évora, cód. 115 / 2-14 afl. 2; cópia manuscrita no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Rel.Br, [1692]. **Relação sumária do que obraram os Padres da Companhia de Jesus no Brasil desde o ano de 1690 até o de 1691.** S/a. S/l, s/d [1692]. Original no ARSI, Bras 9, doc. LVI, ff. 375-376v.

Rel.Cap, [1750]. **Relação, por capitania, do número de colégios, seminários, casas, missões e residências da Companhia de Jesus no Brasil em 1750.** S/a. S/l, s/d [1750]. Original no IEB, coleção Alberto Lamego, cód. 42, doc. 1.

Rel.FeCar.1, [1584]. **Do princípio e origem dos índios do Brasil e de seus costumes e cerimônias.** Padre Fernão Cardim. S/l, s/d [1584]. Segundo Batista Caetano, original na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, sem indicação de título, códice e localização. Publicado na **Revista Trimestral do Instituto Histórico**, Lisboa, vol. 57, n. 1, 1894, pp. 185-212; [CARDIM], 1925 [1584-1585], pp. 79-106. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, pp. 209-212.

Rel.FeCar.2, 1585. **Informação da missão do Padre Cristóvão Gouveia às partes do Brasil ou Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica.** Colégio da Bahia, 16 de outubro de 1585. Original não localizado. Publicado em [CARDIM], 1925 [1584-1585], pp. 281-372. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, pp. 213-219.

Rel.FruCor, 1696. **Relação da viagem do Padre Frutuoso Correia ao Maranhão.** São Luís, 26 de maio de 1696. Original no ARSI, Bras, 9, ff. 416r-419v. Publicado em LEITE, 1938-1949, vol 9, apêndice C, pp. 386-392. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, pp. 488-489.

Rel.JaMont, [1610]. **Relação da Província do Brasil.** S/a [Padre Jácomo Monteiro]. S/l, s/d [1610]. Original no ARSI, Vitae 153, ff. 54-66v. Publicado em LEITE, 1938-1949, vol. 8, pp. 393-425. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, pp. 259-263.

Rel.JoAnch, 1584. **Sobre os Colégios e residências da Companhia de Jesus no Brasil.** Padre José de Anchieta. Salvador da Bahia, 1º de janeiro de 1584. Original no ARSI, Bras 8 I, ff. 3-7v. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, pp. 202-204.

Rel.JoDan, 1776. **Tesouro descoberto no Amazonas, pelo Padre João Daniel.** Lisboa, 1757-1776. Original na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Publicado nos **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 95 (tomos I-II), 1975; tomo I pp. 7-437, tomo II pp. 7-440. Publicado como **Tesouro descoberto no máximo Rio Amazonas.** Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2004. 2 vols.

Rel.JoMay, 1656. **Diário da jornada que o Padre João de Sotto Mayor fez ao Pacajá em 1656.** S/l. Original da Biblioteca de Évora, códice 115-2-11 ff. 66. Cópia manuscrita na Biblioteca Nacional. Publicado na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, vol. 77, n. 130, 1914, pp. 156-179.

Rel.JoMor, 1759. **História da Companhia de Jesus na extinta Província do Maranhão e Pará.** Padre José de Moraes. Colégio do Pará, 1759. Original na Biblioteca de Évora, cód. CXV/1-27, f. 771 pp. Publicação: Rio de Janeiro: Editorial Alhambra, 1987. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, pp. 580-588.

Rel.LuFig.1, 1607. **Relação da missão dos Padres Francisco Pinto e Luís Figueira ao Maranhão.** Padre Luís Figueira. S/l, 30 de setembro de 1607. Original no ARSI, fundo Assistentiae Lusitanae 58 (Necrologia - 1548-1741), ff. 163-169.

Rel.LuFig.2, 1608. **Relação da missão do Maranhão pelo Padre Luís Figueira.** S/l, 26 de março de 1608. Original no ARSI, Bras. 8, 71-83. Publicado em LEITE, 1949, pp. 107-152.

Rel.LuFon, 1576. **Relação do Padre Ludovico Fonseca, enviada ao Padre Provincial Everardo Mercuriano.** Bahia, 17 de dezembro de 1576. Original na Coleção Studart. Publicado na **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, n. 23, 1909, pp. 17-63.

Rel.LuLop, [1639]. **Relação da viagem do Socorro.** S/a [Padre Luís Lopes]. S/l, s/d [1639]. Original na Biblioteca Pública de Évora, CXVI / 1-14 a nº 1, ff. 1-56. Cópia manuscrita no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Publicado em FREDERIC MAURO. **Le Bresil Au XVIIe Siecle. Documents Inédits Relatifs À L'Atlantique Portugais.** Coimbra, separata de **Brasília**, vol. 11, 1961, pp. 11-68. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, pp. 381-384.

Rel.MatAg, 1621. **Relação da nova Residência que se fez em Porto Seguro por ordem do Padre Provincial Domingos Coelho aos 25 de Dezembro de 1621 annos.** Padre Mateus de Aguiar. Original no ARSI, Bras 8, ff. 317-319. Publicado em LEITE, 1938-1949, vol. 5, pp. 229-236.

Rel.MigAr, 1621. **Extrato de algumas coisas escritas do Brasil no ano de 1621. Padre Michele Daraço [Padre Miguel ou Manoel de Araújo].** S/l, 31 de dezembro de 1621. Original não localizado. Publicado em **Lettere anue d'Étiopie, Malabar, Brasil, e Goa.** Dall'anno 1620 fin'al 1624. Roma, 1627, pp. 119-136. Transcrito em CASTAGNA, 1991, vol. 2, pp. 348-349.

Rel.PeAlm, [1717]. **Diário da jornada de Dom Pedro de Almeida e Portugal do Rio Janeiro até a cidade de São Paulo, e desta até as minas, no ano de 1717.** S/a. S/l, s/d [1717]. Original no Arquivo Histórico

Colonial, Lisboa. Publicado na **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)**. Rio de Janeiro, n. 3, 1939, pp. 283-316.

Rel.Rj, [1692]. **Relação do que se obrou pelos Padres da Companhia de Jesus na diocese do Rio de Janeiro no Brasil desde o ano de 1690 até o de 1691**. S/a. S/l, s/d [Rio de Janeiro, 1692]. Original no ARSI, Bras 9, doc. LV, ff. 371-372.

Repr.CoJes, [1667-1676]. **Representação que fez a Companhia de Jesus do Estado do Maranhão a El-Rei, pelas vexações e desordens que padecem no mesmo Estado**. S/a. S/l, s/d [Maranhão, 1667-1676]. Original não localizado; cópia manuscrita na Biblioteca Nacional.

SUMMA, 1539. **Prima Societatis IESU Institutii summa**. Agosto de 1539. Original na Biblioteca do Vaticano, AA. Arm. I-XVIII, 6461, ff. 145-148. Publicado em **Constitutiones et Regulae Societatis Iesu**, vol. 1: Monumenta Constitutionum Praevia. (Monumenta Historica Societatis IESU, vol. 63.) Madrid, 1903, pp. 14-21.

Trat.JeNad, [1577]. **Tratado de tradições e costumes da Companhia de Jesus**. Padre Jerônimo de Nadal. S/l, s/d [Roma, entre 1546 e 1577]. Original com correções do próprio Nadal no ARSI, Cod. Vatic. 6, ff. 333-337. Publicado em **Epistolae P. Hieronymi Nadal Societatis Jesu ab anno 1546 ad 1577 nunc primum editae et illustratae a patribus ejusdem Societatis**, vol. 4: Selecta Natalis monumenta in ejus epistolis commemorata. (Monumenta Historica Societatis IESU, vol. 90.) Madrid, 1905, pp. 619-625.

Tri.SiPinh, 1620. **Carta triênia do Brasil de 1617 a 1619**. Padre Simão [Pinheiro]. S/l, 11 de abril de 1620. Original no ARSI, Bras 8 I, doc. XLVI, ff. 226-249v. Cópia digitalizada no NHII.

Vid.AnMac, [1650]. **Vida do Padre João de Almeida da Companhia de Jesus, nascido na Inglaterra e morto no Brasil, escrita em latim pelo Padre Antônio Macedo, português, e traduzida em italiano**. Padre Antônio de Macedo. S/l, s/d [1650]. Original no ARSI, Vitae 117. Publicado como **De vita et moribvs Joannis de Almeida Societatis Iesv Presbyteri**. Antonio de Macedo eiusdem Societatis authore. Roma: Franciscum Tizunum, 1671.

Vid.EsCam, [1765]. **Vida do Padre Estanislau de Campos da Companhia de Jesus**. S/a. S/l, s/d [Roma, 1765]. Original não localizado. Cópia manuscrita em latim no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sem informação sobre autor, local ou data. Publicado na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 52, pp. 5-104, 1889, em edição bilíngüe, com tradução para o português de T. Alencar Araripe.

Vid.MaCor, [1766]. **Vida do Padre Manoel Correia, pelo Padre José Rodrigues [de Melo]**. S/l, s/d [posterior a 1760. 1766?]. Original no ARSI, Vitae 81.

Vid.SalRod, [s/d]. **Vida do Padre Salvador Rodrigues**. S/a. S/l, s/d [Posterior a 1553]. Original no ARSI, fundo Assistentiae Lusitanae 58 (Necrologia - 1548-1741), ff. 30-31.

Vis.AnGon.1, 1666. **Visita do Padre Antão Gonçalves ao Colégio de Pernambuco**. Outubro de 1666. Original no ARSI, Fondo Gesuitico, Collegia, Busta 114 / 1487, doc. 8.

Vis.AnVie, [1661]. **Visita do Padre Antônio Vieira**. S/l, s/d [Colégio do Pará, entre 1658 e 1661]. Original não localizado. Publicado em Leite, 1938-1949, vol. 4, pp. 105-124.

Vis.IgAzev, [1556]. **Primeira visita do Padre Inácio de Azevedo**. S/l, s/d [Bahia, 1566]. Original no ARSI, Bras 2, ff. 137-139.

Vis.MaLim, [1607]. **Terceira visita do Padre Manoel de Lima à Província do Brasil**. S/l, s/d [Colégio de Pernambuco, 3 de dezembro de 1607]. Original na Biblioteca Nazionale Vittorio Emanuele (Roma), cód. 1255, doc. 14.

Vis.ManCor, 1693. **Visita ao Seminário de Belém**. Padre Manoel Correa. Bahia, 13 de junho de 1693. Original no ARSI, Bras 3 II, doc. CCIV, ff. 326-327v.

7.6 Fontes das ilustrações

OHTAKE, Ricardo (Coord.). **Instrumentos musicais brasileiros**. [Rio de Janeiro]: Rhodia, 1988.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de. **Instrumentos musicais populares portugueses**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1966.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Nordeste Histórico e Monumental**. 4 vols. [S.l.]: Val Editora, 1990.

WAGNER, Robert; BANDEIRA, Júlio. **Viagem ao Brasil nas aquarelas de Thomas Ender - 1817-1818**. 3 vols. Petrópolis: Kapa Editorial, 2000.

ÍNDICE DE DOCUMENTOS

Act.LuGon, 1553-1555	132
Act.PetRib, [1566]	134
An.AnRodr, 1700	11
An.CoPac.1, 1737	73, 169
An.FeCar.1, 1606	179, 188
An.FeCoel, 1679	161
An.FrAlm, 1738	169
An.FrSilv, 1750	59
An.GasAlv, 1608	179
An.GoOliv, 1573	11
An.IgSouz, [1733]	77, 120
An.India, 1577	155
An.InPas, 1755	60
An.InTav, [1621]	169
An.JoAnch.2, 1584	180, 117, 119
An.JoAnd.1, 1699	172
An.JoAnd.5, 1714	169
An.JoBett.2, 1671	57
An.JoBett.4, 1672	168, 178
An.JoHon, 1719	181
An.JoNog, 1742	73
An.LaAlm, 1733	71, 120
An.LuFons.2, 1578	43, 109, 190
An.MaBel.1, 1590	190
An.MaBel.3, 1591	178
An.MaRib, 1718	74
An.MaTav, 1727	73, 113, 163, 181, 185, 190
An.MiAnt, 1696	11, 104
An.PINun.1, 1716	180
An.ProvBras.1, 1608	178
An.ProvBras.2, 1612	109

An.QuCax, 1574.....	11
An.SeVaz, 1615.....	190
An.SiAlv, 1755	59, 74
Ata.CongRom, 1568.....	138
Aut.ColSP, 1774	78
Av.ColSP, 1771	78
BARROS, 1746	111
CAEIRO, 1936 [1777]	201
Car.AmPir, 1555.....	173
Car.AnBlas.1, 1554.....	184
Car.AnBlas.2, 1557.....	42
Car.AnBlas.5, 1561.....	155
Car.AnBlas.6, 1564.....	160, 163
Car.AnBlas.7, 1564.....	124, 160, 178
Car.AnBlas.8, 1565.....	70, 116, 160, 178
Car.AnCri, 1545	146
Car.AnVie.1, 1653	173, 182
Car.AnVie.2, 1654	105
Car.AnVie.5, [1660].....	93, 103, 104, 124
Car.AValig, 1576	148
Car.BelDi.2, 1566	155
Car.BerAg, [1767]	76, 117
Car.DiJac, 1552.....	122, 175
Car.DioMach, 1689	82, 176
Car.DiTup, 1552	93, 125, 127
Car.FraLop, 1565.....	189
Car.FranBor, 1570	172
Car.FrEst, 1553	135
Car.FrPas, 1578	156
Car.FrWol.1, 1756	170
Car.GasBaz, 1553.....	147
Car.HeGom, 1614.....	82, 98, 101, 111, 120, 176, 178, 183
Car.InLoy.1, 1554	135
Car.InLoy.2, 1554	136

Car.InLoy.3, 1556	139
Car.InLoy.4, 1556	139
Car.JoAnch.2, 1554	160
Car.JoAnd.1, 1697	186
Car.JoAnd.2, 1706	169
Car.JoAnd.3, 1706	169
Car.JodPer, 1685	173
Car.JoPol.1, 1556	139
Car.JoPol.2, [1556]	147
Car.JuAzp.1, 1550	157
Car.LeNun, 1550	104
Car.LeVal.1, 1561	178
Car.LeVal.2, 1562	126
Car.LeVal.3, 1563	178
Car.LuFon, 1577	191
Car.MaGom, 1621	56, 107, 152, 189
Car.MaMon, [1640]	167
Car.ManAn, 1749	59
Car.MaNob.1, 1549	157
Car.MaNob.2, 1549	102, 149, 160
Car.MaNob.3, 1550	157
Car.MaNob.4, 1552	151, 152
Car.MaNob.5, 1552	153
Car.MaNob.6, [1552]	154, 157
Car.MaRodr, 1671	162
Car.MaSeix, 1718	197
Car.MiAnd, 1659	91
Car.NicLan, 1577	141
Car.NuBar, 1562	148
Car.PedCru, 1563	122
Car.PeDom.1, 1550	151
Car.PeRodr.2, 1599	155, 191
Car.PeSar.1, 1552	154, 157, 160
Car.VicRod.1, [1552]	184

Car.VicRod.4, 1552.....	151
Cat.FrMat, 1701	169
Cat.ManDias, 1725	78, 120
Cer.AIMou, 1620.....	91
CONSTITUTIONES, 1583 [1558].....	132, 133
Cro.DomAr, 1720	162, 182, 184, 200
Cro.JoBett, 1698	47, 58, 72, 98, 102, 103, 106, 112, 116 153, 158, 161, 162, 163, 168, 179, 181
Cro.JoPol.1, 1555	137, 138, 177
Cro.JoPol.2, 1539-1556.....	154
FONSECA, 1752	162
FORMULA, 1540	36
FORMULA, 1550	36
FORMULA SCRIBENDI [1580].....	11
FRANCO, 1726	143
Fund.IgrConv, [1777]	58, 106, 184
GUERREIRO, 1605	91, 99, 152
His.FundCol, [1574].....	160
His.ProvMar, 1770	71, 91, 92, 112
Inf.AnMat, 1619	167
Inf.CrGouv, 1583.....	105
Inf.FrSoa, [1590]	105, 116, 119
Instr.AnMasc, 1626.....	6, 144
Instr.CIAcq.2, 1587.....	175
Instr.CrGouv.1, 1586	174
Instr.CrGouv.2, 1589	174
Instr.InLoy, 1556	138, 177
Instr.JaLain, 1562.....	148
Instr.JeNad.1, [1562]	140
Instr.JeNad.2, [1566]	140, 141
Instr.JoPol.2, 1558	147
Instr.JoPol.3, 1558	147
Inv.AldEmb, 1759.....	85, 100, 107, 112, 118, 121
Inv.AldGuar, 1760	79

Inv.AldRer, 1759	83, 100, 116, 121
Inv.AldSPed, 1759	82, 92, 100, 101, 107, 112, 121
Inv.ColBah, 1760.....	77, 120
Inv.ColMar, [1760]	76, 120
Inv.ColSP, 1775	78, 120
Inv.FazSCruz, 1768	87, 90, 92, 100, 101, 102, 103, 106, 107, 112, 117
Inv.SemBel, 1760.....	77, 116, 120
Inv.Vigia, [1760]	76, 120
Lemb.Def, 1730	56, 164, 185
MARQUES, 1758.....	180
Mem.LuGon, [1555].....	133, 134, 136
Mor.JoVil, [1719].....	169
Of.AgFel, 1760	201
Ord.SemBel, [1696].....	45, 77, 171
Pet.AntMen, 1659	91
Quad.AnBlas.2, [1557].....	160, 178
Rec.BensRec, 1774	79, 120
Reg.ColOrf, 1615	144
Reg.JoBett, 1670	181
Rel.AnVie.1, 1659.....	58, 124
Rel.BaPil, 1717.....	92
Rel.BeFon, [1757]	183
Rel.Br, [1692]	179
Rel.FeCar.1, [1584]	98
Rel.FeCar.2, 1585.....	46, 49, 105, 110, 116, 117, 119, 124, 125, 126 127, 163, 166, 187, 190, 191
Rel.FruCor, 1696	99, 168
Rel.JaMont, [1610]	83, 105, 126
Rel.JoAnch, 1584.....	108, 119, 180
Rel.JoDan, 1776	93, 98, 153, 198, 199
Rel.JoMay, 1656	98, 124
Rel.JoMor, 1759	107, 158, 184
Rel.LuFig.1, 1607	158
Rel.LuFig.2, 1608	98, 104, 127, 152, 191

Rel.LuFon, 1576	191
Rel.LuLop, [1639].....	185
Rel.MatAg, 1621.....	111
Rel.MigAr, 1621.....	178
Rel.PeAlm, [1717]	192
Rel.Rj, [1692]	180
Repr.CoJes, [1667-1676]	197
SUMMA, 1539	131
Trat.JeNad, [1577]	142
Tri.SiPinh, 1620.....	81, 183
VASCONCELOS, 1663.....	99, 100, 102, 106, 126, 161, 186
VASCONCELOS, 1672.....	102
Vid.AnMac, [1650].....	153
Vid.EsCam, [1765]	170
Vid.MaCor, [1766]	163
Vid.SalRod, [s/d]	160
Vis.AnGon.1, 1666.....	188
Vis.AnVie, [1661]	174
Vis.IgAzev, [1566].....	159, 161
Vis.MaLim, [1607]	175, 186, 188
Vis.ManCor, 1693	44, 171

MARCOS TADEU HOLLER

UMA HISTÓRIA DE CANTARES DE SION
NA TERRA DOS BRASIS:
A MÚSICA NA ATUAÇÃO DOS JESUÍTAS
NA AMÉRICA PORTUGUESA (1549-1759)

VOLUME 2 - DOCUMENTAÇÃO

Parte 1

Tese em 2 volumes apresentada
ao Curso de Doutorado em
Música do Instituto de Artes da
UNICAMP como requisito parcial
para a obtenção do Título de
Doutor em Musicologia sob a
orientação da Profa. Dra. Helena
Jank.

CAMPINAS
2006

NOTAS

Neste volume estão transcritos os trechos dos documentos encontrados com informações sobre música. Dos documentos relativos à Companhia de Jesus em geral e a Portugal e Índia foram transcritos somente os citados no vol. 1; os documentos com informações sobre o Brasil foram transcritos em sua totalidade.

A – Sobre as transcrições

1. Em todas as transcrições os trechos com informações sobre música encontram-se sublinhados.

B - Sobre as transcrições de manuscritos

As transcrições paleográficas dos documentos apresentados nos anexos baseiam-se nas regras propostas em **A escrita no Brasil colônia** de Vera Lúcia Costa Acioli (2003), com algumas variações. As regras utilizadas neste trabalho são as seguintes:

1. As barras inclinadas (/) indicam mudança de linha.
2. Palavras ou partes de palavras de transcrição duvidosa são apresentadas entre colchetes: "Curatio autem malè [tornatis] carminibus" ou "unde beneuolo [c]ultu, paternoque". Em caso de mais de uma possibilidade de transcrição, estas são separadas por vírgulas: "corpus uenustate, ac [uocum, uocem] modulate uibrabant" ou "corpus uenustate, ac uoc[u,e]m modulate uibrabant". Termos ou trechos incompreensíveis são indicados por "[?]".
3. Abreviaturas de clara dedução foram transcritas no formato em que aparecem no texto: "e os mais Irmãos, que quiserem assistir, ao SS.^{mo} Sacramento". Abreviaturas transcritas na forma completa são apresentadas entre colchetes, precedidas de "abrev:", como no exemplo a seguir: "in area pp [abrev: propter] collegium ad id muneris...".
4. Foi mantida a acentuação original. Tomou-se como padrão a colocação do til (~) no final do ditongo, em situações dúbias: "seraõ a arbitrio da Meza, e ainda que por paixões...".
5. Foi mantido o apóstrofo como indicação de "m" no final das palavras, comum nos textos em latim e presente também em alguns textos em português. Por exemplo, o trecho "tu' suburbanoru' militu'" deve ser interpretado como "tum suburbanorum militum".

6. Nos manuscritos em latim é comum não se fazer distinção entre as letras "u" e "v"; ambas eram escritas como "u" nas minúsculas, e "V" nas maiúsculas, o que acontece às vezes também em alguns manuscritos em português. Nas transcrições apresentadas aqui optou-se por manter a grafia original. A distinção entre "u" e "v" somente foi feita nos textos em que a diferenciação era evidente.

7. Para as referências aos manuscritos no corpo do texto foi criado um código para cada documento, que consiste de uma abreviatura do tipo de documento ("Car" para cartas, "Rel" para relatos, "Instr" para instruções, etc.) seguida das iniciais do nome e sobrenome do autor, e do ano em que o documento foi escrito. No caso de existir mais de um documento do mesmo autor, a diferenciação foi feita através de um número, que indica a ordem cronológica dos documentos. Dessa forma, as duas ânuas de autoria do Padre José de Anchieta são indicadas no texto por "An.JoAnch.1, 1582" e "An.JoAnch.2, 1584". Para os documentos de autor desconhecido, foi utilizada uma abreviatura do título do documento, como o relato **Notícia das missões dos jesuítas no Maranhão desde 1712 até 1757**, cuja referência é "Not.Miss, 1757". Documentos publicados são citados pelo sobrenome do autor e data, como por exemplo "Franco, 1726". Datas supostas ou aproximadas são indicadas entre colchetes, como em "Rel.AnMach, [1753]". Referências a ano ou década indeterminados são feitas com traços (-), da seguinte forma, respectivamente: [175-] e [17--].

C – Sobre as transcrições de documentos publicados

1. Nas transcrições de documentos publicados seguiu-se o texto original da publicação. Nas transcrições a partir de Castagna (1991), a paginação refere-se à fonte original, e não às páginas da transcrição.

2. As referências às fontes impressas são feitas de forma abreviada; a citação completa encontra-se no vol. 1, no item 7.4. da bibliografia.

D - Abreviaturas utilizadas

ARSI: Archivum Romanum Societatis IESU.

ARSI, Bras: *Fundo Provincia Brasiliensis et Maragnonensis*.

IEB: Instituto de Estudos Brasileiros.

NHII: Núcleo para a História do Índio e do Indigenismo.

IHGB: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

IHSI: Institutum Historicum Societatis IESU.

MHSI: Monumenta Historica Societatis IESU.

SUMÁRIO – VOLUME 2

PARTE 1

1. A COMPANHIA DE JESUS	1
1.1 Regulamentos	1
1.2 Cartas, relatos e instruções.....	11
2. A COMPANHIA DE JESUS EM PORTUGAL E NA ÍNDIA	33
2.1 Portugal	31
2.2 Índia	41
3. A COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL	59
3.1 Cartas	59
3.2 Ânuaas	207
3.3 Instruções e regulamentos.....	309
3.4 Catálogos	335

PARTE 2

3. A COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL (continuação)	
3.5 Relações e crônicas.....	347
3.6 Biografias	521
3.7 Inventários	563
3.8 Outros.....	579
3.9 Documentos de autoria não-jesuítica.....	587
ÍNDICE DE DOCUMENTOS	605
ÍNDICE DE AUTORES	619
INDEX RERUM NOTABILIUM	647

I - A COMPANHIA DE JESUS

1.1 Regulamentos

SUMMA, 1539

Prima Societatis IESU Instituti summa. Agosto de 1539.

Fonte: original na Biblioteca do Vaticano, AA. Arm. I-XVIII, 6461, ff. 145-148.

Versão utilizada: publicação em **Constitutiones et Regulae Societatis Iesu**, vol. 1: Monumenta Constitutionum Praevia. (MHSI, vol. 63.) Madrid, 1903, pp. 14-21.

P. 19.

"[6]5^m. Socii omnes, quicumque in sacris fuerint, quamvis ad beneficia et introitus nullum ius acquirere possint, teneantur tamen ad dicendum officium secundum Ecclesiae ritum, non tamen in choro, ne ab officiis charitatis, quibus nos totos dedicavimus, abducantur.

"Quamobrem nec organa aut musicus canendi ritus, missis aut officiis suis adhibeant; ista enim, quæ laudabiliter clericorum ac religiosorum reliquorum divinum cultum exornant, et ad excitandos ac flectendos pro ratione hymnorum ac mysteriorum animos fuerunt inventa, nobis non mediocri impedimento experti sumus, cum iuxta vocationis nostre formam, praeter caetera necessaria officia, nos in consolandis etiam corpore vel animo aegrotis magnam diei atque etiam noctis partem frequenter esse oporteat occupatos."

FORMULA, 1540/1550

Formula Institutis Societatis IESU. 27 de setembro de 1540 e 21 de julho de 1550.

Fonte: O texto de 1540 foi publicado na bula *Regimini militantis Ecclesiae*, do Papa Paulo III, e o texto de 1550 na bula *Exposcit debitum*, do Papa Júlio III.

Versão utilizada: tradução italiana disponível em <http://www.gesuiti.it/File/Pubblicazioni/TestiFondamentali/Formule.pdf>, sem referência à localização do original. Acesso em 08.11.2005.

Texto de 1540	Texto de 1550
"1. Chiunque, nella nostra Compagnia che desideriamo insignita del nome di Gesù, vuole militare per Iddio sotto il vessillo della croce e servire soltanto il Signore ed il Romano Pontefice suo Vicario in terra, emesso il voto solenne di castità, si persuada profondamente di far parte di una comunità istituita allo scopo precipuo di occuparsi specialmente del progresso delle anime nella vita e nella dottrina cristiana, e della propagazione della fede. [E ciò], mediante pubbliche predicazioni ed il servizio della parola di Dio, gli Esercizi spirituali e le opere di carità, ed espressamente, attraverso l'insegnamento della verità cristiana ai fanciulli e ai rozzi, e la consolazione spirituale dei credenti, con l'ascoltarne le confessioni. Faccia anche in modo di avere dinanzi agli occhi, sempre, prima d'ogni altra cosa, Iddio, e poi la forma di questo suo Istituto che è una via per arrivare a Lui, e di conseguire con tutte le forze tale fine propostogli da Dio. Ognuno, tuttavia, secondo la grazia comunicatagli dallo Spirito Santo, ed il grado proprio della sua vocazione, (affinché non avvenga che si abbia forse zelo, ma zelo non illuminato)."	"1. Chiunque, nella nostra Compagnia che desideriamo insignita del nome di Gesù, vuole militare per Iddio sotto il vessillo della croce e servire soltanto il Signore e la Chiesa sua sposa, a disposizione del Romano Pontefice, Vicario di Cristo in terra, emesso il voto solenne di castità, di povertà e di obbedienza, si persuada profondamente di far parte di una compagnia istituita allo scopo precipuo di occuparsi specialmente della difesa e propagazione della fede, e del progresso delle anime nella vita e nella dottrina cristiana. [E ciò], mediante pubbliche predicazioni, conferenze ed ogni altro servizio della parola di Dio, gli Esercizi spirituali, l'insegnamento della verità cristiana ai fanciulli e ai rozzi, e la consolazione spirituale dei credenti, con l'ascoltarne le confessioni e con l'amministrazione degli altri sacramenti. Ed egli nondimeno si dimostri adatto a riconciliare i dissidenti, a soccorrere e servire piamente quelli che sono in carcere e negli ospedali, e a compiere, in assoluta gratuità, tutte le altre opere di carità che sembreranno utili alla gloria di Dio e al bene comune; non percependo stipendio alcuno per il proprio lavoro svolto in tutte le attività sopra elencate. Faccia anche in modo di avere dinanzi agli occhi, finché vivrà, prima d'ogni altra cosa, Iddio,

	e poi la forma di questo suo Istituto che è una via per arrivare a Lui, e di conseguire con tutte le forze tale fine propostogli da Dio. Ognuno, tuttavia, secondo la grazia comunicatagli dallo Spirito Santo, ed il grado proprio della sua vocazione.”
“3. Tutti i compagni sappiano e ricordino ogni giorno, non solo nei primi tempi di professione, ma finché vivranno, che la Compagnia intera ed i singoli [membri] militano per Iddio, fedelmente obbedienti al ss.mo signor nostro il Papa e agli altri Romani Pontefici suoi successori. E benché apprendiamo dal Vangelo, sappiamo per fede ortodossa, e crediamo fermamente che tutti i fedeli cristiani sono sottomessi al Romano Pontefice come a capo e a Vicario di Cristo, tuttavia, per una maggiore umiltà della Compagnia ed una più perfetta mortificazione di ciascun [suo membro], e l'abnegazione delle nostre volontà, abbiamo giudicato sommamente opportuno che ognuno di noi, oltre che dal comune vincolo, sia legato da voto speciale. In forza di esso, tutto ciò che l'attuale Romano Pontefice e gli altri suoi successori comanderanno come pertinente al progresso delle anime ed alla propagazione della fede, ed in qualsivoglia paese vorranno mandarci, noi, immediatamente, senza alcuna tergiversazione o scusa, saremo obbligati ad eseguirlo, per quanto dipenderà da noi; sia che ci invieranno presso i Turchi, sia ad altri infedeli, esistenti nelle regioni che chiamano Indie, sia presso gli eretici, scismatici o fedeli quali che siano.”	“3. Quelli, poi, che faranno professione in questa Compagnia sappiano e si ricordino, non solo nei primi tempi di professione, ma finché vivranno, che la Compagnia intera e i singoli [membri], che in essa fanno professione, militano per Iddio, fedelmente obbedienti al ss.mo signor nostro il Papa Paolo III e agli altri Romani Pontefici suoi successori. E benché apprendiamo dal Vangelo, sappiamo per fede ortodossa, e crediamo fermamente che tutti i fedeli cristiani sono sottomessi al Romano Pontefice come a capo e a Vicario di Gesù Cristo, tuttavia, per una maggiore devozione all'obbedienza verso la Sede Apostolica e una maggiore abnegazione delle nostre volontà, e una più sicura direzione dello Spirito Santo, abbiamo giudicato sommamente opportuno, che ognuno di noi e chiunque farà in seguito la medesima professione, oltre che dal vincolo dei tre voti sia legato da un voto speciale. In forza di esso, tutto ciò che l'attuale Romano Pontefice e gli altri suoi successori comanderanno come pertinente al progresso delle anime ed alla propagazione della fede, ed in qualsivoglia paese vorranno mandarci, noi, immediatamente, senza alcuna tergiversazione o scusa, saremo obbligati ad eseguirlo, per quanto dipenderà da noi; sia che giudicheranno inviarci presso i Turchi, sia ad altri infedeli, esistenti nelle regioni che chiamano Indie, sia presso gli eretici, scismatici o fedeli quali che siano.”

Ata.CongRom, 1568

Ata da Primeira Congregação da Província Romana da Companhia de Jesus. 1568.

Fonte: original no ARSI, Congr. 41, ff. 1v-6v.

Título original: "Actae primae congregationes provincialis romanae. Anno 1568."

Versão utilizada: publicação em **Monumenta Pedagogica Societatis IESU**, vol. 3 (1557-1572). (MHSI, vol. 108.) [Roma]: L. Lukács, 1974, pp. 14-22

P. 16.

"Die 27 maii - Sessio quinta.

"[3] Primum decretum - Propositum fuit de cantu figurato a nostro templo removendo, et externis ad canendo no admittendis. - Sensit maior pars a templo nostrae domus professae cantum figuratum esse removendum, falsum bordonem retineri posse. In locis et temporibus constitutiones et decreta congregationes esse servanda, et ex Seminario vel Collegio Germanico auxilium ad cantum sumi posse.

"Extra decretum: Extra Urbem in Italia cantum simplicem, ubi canendum esset, in Gallia et Germania etiam falsum bordonem usurpari posse. Si ex collegio mittuntur aliqui ad canendum, ut pauci mittantur. Multi senserunt expresse vespertinum officium non celebrandum cum non sequitur concio vel lectio. Et implicite id dicunt qui iuxta constitutiones et decreta procedi volunt. Aliquis observavit in minoribus collegiis cantum adhibitum impedire, non iuvare alia munera propria Societatis. Alius quod iuxta finem cantus, tempus, locus et modus esset tenendus."

FORMULA SCRIBENDI, [1580]

Formula scribendi. S/I, s/d [Roma, 1580].

Versão utilizada: publicação em **Institutum Societatis IESU**. Florença: ex Typographia a Ss. Conceptione, 1893, vol. 3.

Observações: em 1580 o texto já fazia parte das “Regulae Societatis IESU”, e sofreu pequenas alterações nas edições seguintes.

Pp. 3-47: “Summarium constitutionem, regulae comunes ad generales.”

Pp. 41-45: “Formula scribendi”.

P. 41.

“[col. 1] 1. MAGNOPERE iuverit ad animorum unionem in Societate, litterarum ultro citroque missarum inter inferiores et Superiores frequens commercium; et crebro alios de aliis certiores fieri, et audire quae ex variis locis ad aedificationem, et eomm quae geruntur cognitionem, afferuntur.

“2. Superiores Domorum et Rectores scribant singulis hebdomadis ad suum “Provincialem in Europa; in Indiis vero, ut suis Provincialibus visum fuerit commodum et opportunum.

“3. Scribant autem ad suum Provincialem de statu personarum et rerum omnium, non solum quae inter Nostros, sed etiam quae per ministeria Societatis erga externos in Domibus suis vel Collegiis fiunt; et non tantum de his, quae recte se habent, sed etiam de his quae secus: et quoad fieri poterit curent, ut omnia tamquam praesentia Provincialis cernat.

“4. Primo quoque tempore ad suum Provincialem scribant Superiores Domorum et Rectores de obitu eorum, qui in suis locis decedunt. Provincialis vero reliquos de sua Provincia admonebit, ut quam primum solitis suffragiis et orationibus eorum animae iuventur: et statim Praepositum Generalem et vicinos Provinciales certiores [col. 2] reddat, ut simile officium praestare possint.

“5. Missi ad fructificandum in agro Domini, scribant ad suum Provincialem, aut ad eum quem ille designaverit, singulis hebdomadis, vel quoties ipsis fuerit praescriptum, ut per crebram litterarum communicationem, quantum fieri potest, totum successum suarum missionum illi declarent.

“6. Provinciales Superioribus Domorum et Rectoribus, ac iis, qui in missionibus versantur, singulis mensibus; privatis autem personis, quibus et quando opus erit, scribant.

“7. Provinciales omnium Provinciarum Europae scribant ad Generalem semel quolibet mense: Rectores autem et Superiores Domorum, et Magistri Novitiorum, tertio quoque mense.

“8. Provinciales Indiarum scribant Praeposito Generali quando se obtulerit navigationis commoditas; Rectores vero et Superiores Domorum, ac Magistri Novitiorum, ex Indiis semel, ex Brasilia et nova Hispania bis in anno, si se obtulerit occasio.”

P. 45

"DE CATALOGIS ET INFORMATIONIBUS ANNUIS."

"32. Ad clariorem omnium Nostrorum cognitionem, Superiores Domorum et Collegiorum duos catalogos conficiant ante id temporis, quo Procuratores Provinciarum ad Generalem veniunt, ita exade, ac si numquam missi fuissent. In primo describantur omnes, qui in suis Domibus vel Collegiis ac missionibus sunt, in quo contineatur uniuscuiusque nomen, cognomen, patria, aetas, vires, tempus Societatis, studiorum, et ministeriorum, quae exercuit, et gradus in litteris, si quos habet, et an Professus, vel Coadiutor sit etc., et a quo tempore.

"[col. 2] 33. In secundo catalogo dotes et qualitates uniuscuiusque describantur, videlicet: ingenium, iudicium, prudentia, experientia rerum, profectus in litteris, naturalis complexio, et ad quae Societatis ministeria talentum habeat; quae omnia diligenter, re DEO prius commendata, et mature considerata, et omni privato affectu semoto, sincere et breviter perstringenda erunt. Et utrumque catalogum ad suum Provinciale mittant.

"34. Sub finem cuiusque anni interiecti, tertium etiam alium brevem catalogum ad Provinciale mittant, continentem nomina, et ministeria; in quibus unusquisque Nostrorum occupatur. Mittant etiam supplementum primi et secundi catalogi, in quo ea tantum adnotabunt, quae eo anuo de novo occurrerint addenda; ut, qui in Societatem Interim fuerint admissi, aut ab ea defuerint, vel quod mortui sint, vel alia quavis causa.

"35. Hunc tertium catalogum, et supplementum primi et secundi catalogi totius Provinciae, cum narratione pro annuis litteris, de qua dictum est, ad Generalem mittet Provincialis mense Ianuario: primum vero et secundum per Procuratorem Provinciae ad eundem, sigillo suo obsignatos, perferendos curabit. Quod si quid ipsi in his catalogis et informationibus notandum addendumve videretur, id seorsim ad Generalem scribat."

CONSTITUTIONES, 1583 [1558]

Constituições da Companhia de Jesus. Roma, 1558.

Publicação: Constitutiones Societatis IESU cum earum Declarationibus.
Roma: 1583.

P. 88.

"Tertia pars. De iis conservandis & promovendis, Qui in Probatione manent."

Pp. 96-97.

§ 14

"Prætera honestatis & decetiae ratione conuenit ^(L) fœminas non ingredi Domos nostras, nec Collegia, sed tantum Ecclesias: & arma nulla, nec ^(M) instrumenta rerum uanarum Domi haberi; sed tantum ea, quæ faciunt ad finem illum diuini seruitij & laudis, quem sibi præxibet Societas."

"(L) Vt fœminæ non ingrediatur Domus, nec Collegia Societatis, fere semper debet obseruari. Sed si illæ eximia charitate, vel auctoritate simul cū charitate essent conspicu; [...]"

"(M) Cuiusmodi essent instrumenta ad ludendum, vel ad rem musicā, libri etiā profani, & allia id genus."

P. 112.

"Quarta pars. De iis, qui in Societate retinentur, instruendi in litteris; et alijs, quæ ad proximos iuuanos conferunt."

P. 145.

"Capvt VIII.

"... ; & cerimoniae eisdem omnis Societas, quantum fieri potest, vtatur: in quibus ysum Romanum vt magis vniversalem, & quem peculiari quadam ratione Sedes Apostolica amplexa est, quantum patietur regionum varietas, sequetur."

P. 194.

"Sexta pars. De iis Qui admissi & in corpus Societatis cooptati sunt: quod ad ipsorum personas attinet."

P. 207.

"Capvt III. De iis rebus, in quibus occupari, & à quibus abstinere debet Qui in Societate sunt."

Pp. 209-210.

"Quoniā occupationes, quæ ad animarum auxilium assumuntur, magni momēti sunt, ac nostri Instituti propriæ, & valde frequentes, cumque alioque nostra habitatio tam sit in hoc vel in illo loco incerta; ^(B) non utentur Nostri choro, ad Horas Canonicas, vel Missas, & allia officio decantāda:

P. 210.

quandoquidem illis, quos ad ea audienda deuotio mouerit, abunde suppetet, ubi sibi ipsis satisfaciāt. Per nostros autē ea tractari conuenit, quæ nostræ vocationis ad Dei gloriā magis sunt propria."

"(B) Si in quibusdā Domibus vel Collegijs indicaretur; eo tempore, quo vesperi prædicādum, vel legendum est, ad populum detinēdum ante huiusmodi Lectiones vel Cōnciones, posset vespertinum officium tantum dici. Sic etiam ordinarie Dominicis & festis diebus, sine cantu figurato vel firmo, vt vocāt, sed tono quodam deuoto, suaui, & simplici: & id in hūc finem, & quatenus indicaretur, quod populus ad magis frequentandas Confessiones,

P. 210.

Conciones, et Lectiones moueretur, et non aliter. Eodem tono officium, quod tenebrarum dici solet, cum suis cæri monijs in hebdomada sancta fieri posset."

1.2 Cartas, relatos e instruções

Instr.JoPol.1, 1547

Instruções do Padre João de Polanco de 1547. Roma, 27 de julho de 1547.

Fonte: original no ARSI, Epist. Polanci, 4 ff. n.9.

Versão utilizada: Publicação em **Monumenta Ignatiana**. Series prima: epistolae et instructiones, vol. 1. (MHSI, vol. 22.) Madrid, 1903.

P. 544.

“De las cartas que se ynuían, y primero de lo que se ha de escribir.

[...]

“Quanto á lo que se ha de escribir, es en general todo aquello que inporta saber de las cosas que se tractan, y de las personas de la Compañia, y del mesmo que escribe. Assí que es menester se escriua y represente todo el estado del negocio espiritual. Primeramente lo que se haze, y á qué se attiende, como es predicar, leer, confessar, exercitar, conuersar, studiar, etc.”

P. 547.

“Del modo de lo que se ha de guardar en escribir.

[...]

“Primeramente, poniéndose delante lo que quieren escribir, véase lo que ha de venir en la carta principal, id est, lo que puede mostrase á muchos, como son las cosas de edificación; y lo que ha de venir en hijuelas, id est, lo que no es para mostrar, agora sea edificatiuo, agora no, como son los defectos propios y de otros, y algunas cosas loables, pero no para todos.”

Car.FrEst, 1553

Carta do Padre Franciscus de Estrada ao Padre Inácio de Loyola. Burgis, 17 de setembro de 1553.

Versão utilizada: publicação em **Epistolæ mixtæ ex variis europæ locis ab anno 1537 ad 1556 scriptæ nunc primum a patribus Societatis Jesu in lucem editæ**, vol. 3 (1553). (MHSI, vol. 17.) Madrid, 1900, pp. 478-480.

P. 479

"También hago saber á V. P. cómo el condestable [Petrus Fernandez de Velasco] está aquí, y me a hablado algunas vezes con mucho amor, y siempre me toca en que querría que en nuestra religión ubiese coro y canto, y paresce que el no avello le retrahe de no darnos el collegio que haze. Otras muchas personas y quasi toda la çiudad está en lo mesmo; porque, viniendo á nuestra capilla y no hallando horas, ni canto, sino silencio, dizen que no se hallan, y, que los cantos prouocan mucho al pueblo á devotión, y que el no avellos es causa que mucha gente no viene á nuestras capillas, ni se mueven á tomar enterramientos en ellas, etc. Scriuo esto á V. R., porque, si le paresciere, podamos al condestable satisfacer, y provocalle su deuotión; y también, si á V. R. paresciere que en esta nuestra capilla, en vn coro que tenemos, se dixesen las horas en tono, que poco tiempo se gastaría, y el pueblo mucho se movería á devotión."

Nota de rodapé 3:

"En quid rei propositæ Ignatius respondere jussit. 'De hacer y ordenar coro en esa capilla no parece conveniente entre tanto que hay tan pocos supósitos y tan ocupados; en el Collegio del Condestable sería otra cosa, porque donde hubiese escolares en mucho [número], mejor se sufriría que algunos asistiesen á un poco de coro, en cual sufren las Constituciones, quando se ordena á entretenir las gentes para los sermones [ó] colaciones.' Polancus ex *com.*, Patri Francisco de Strada, 6 nov. 'Del coro dice más resueltamente Nuestro Padre que, si tanto en ocio V.R., que cante solo; pero que dese estar los otros; finalmente siente que más nada de lo que permitem las Constitutiones se haga en esta parte'. Eidem, 7 nov. POLANCO t. III, pag. 368,369, no 810, annot. 4."

Car.InLoy.1, 1554

Carta do Padre Inácio de Loyola ao Padre Nicolau Lanoy. Roma, 22 de novembro de 1554.

Versão utilizada: publicação em **Sanctii Ignatii de Loyola - Societatis Jesu fundatoris - epistolæ et instructiones.** Monumenta ignatiana ex autographis vel ex antiquioribus exemplis collecta, series prima, vol. 8. (MHSI, vol. 36.) Madrid, 1909, pp. 67-69.

Pp. 67-68.

"Pax Xpi.

"Risponderà per questa alla vltima de V.R. de 7.^{bre}. Et prim

P. 68

ma, quanto al nuovo Mtre. Erardo [Avantianus]... Circa la mesa che si canta, matutino, etc., penso haurà V.R. ricevuto il capitulo di nostre constitutioni, quale gli fu mandato sopra questa materia. Quanto si potrà saria bene attendere alla vniformità; ma, per non far violenza notabile alla consuetudine di questa sua chiesa, si condescende, non ordinando espressamente alla V.R. ch'in tutto si conforme con gl'altri collegi; ma ben vorriamo, quanto si può, si restrignese in cose simili. Et così delli organi non accaderà parlarci, non essendo introdotti insin'adesso."

Car.InLoy.2, 1554

Carta do Padre Inácio de Loyola ao Padre Nicolau Lanoy. Roma, 30 de novembro de 1554.

Fonte: original no ARSI, Cod. Monac. II, ff. 10v-11; *Cod. Rom. VI*, f. 14.

Versão utilizada: publicação em **Sanctii Ignatii de Loyola - Societatis Jesu fundatoris - epistolæ et instructiones**. Monumenta ignatiana ex autographis vel ex antiquioribus exemplis collecta, series prima, vol. 8. (MHSA, vol. 36.) Madrid, 1909, pp. 117-118.

Pp. 117-118.

"Vedendo N.P. quello si scrive a V.R. sopra li canti et organi, gli parse non essere detto a sufficienza, perché l'introduzioni de tali riti et consuetudini, tanto diuersi di quelli usa la Compagnia nostra, pare non era cosa tanto leggera o poco importante, che douessi vsarla V.R. senza auisarlo. E tanto questo è peggio, quanto era meglio non cominciare, che interlasciare detta vsanza, il che è necessario acciò non si uedessi di tanti

P. 118

colori nostra Compagnia, che non la riconoscesse in vna banda chi l'ha conosciuto in altra.

"Prima adunque mi raccomandò ch'io dessi a V.R. una penitentia, che gli durasse per un mese, et questa sarà che ogni dì per detto tempo s'accusi avanti Iddio N.S. di questa sua colpa, et domandi spirito de vnione et conformità omnimoda con la Compagnia vniuersale, che del cuore s'estenda alle opere esteriori, tutte a gloria diuina. Secondariamente ordina S.R., che si leui subito tutto questo del cantar messe et matutino, etc., et s'accomodi al nostro procedere, o ueramente, se non parerà conueniente che tutto si leui d'un tratto, che pian piano si leui ogni cosa, in modo che in termine de tre mesi, et al più lungo di sei, siano levati afatto."

Cro.JoPol.1, 1555

Vida de Inácio de Loyola e Crônica da Companhia de Jesus, pelo Padre João Afonso de Polanco. Roma, 1539-1556.

Título original: "Vita Ignatii Loiolae et rerum Societatis Jesu historia. Auctore Joanne Alphonso de Polanco ejusdem Societatis sacerdote."

Versão utilizada: publicação em **Chronicon Polanci**, vol. 5. (MHSI, vol. 9). Madrid, 1897.

P. 33.

"58. Et tamen, ut occasionem ipsi adimeret P. Ignatius immutandi quicquam quod ad nostrum institutum pertineret, sponte sua hoc ipso anno constituit, ut vespertinum officium in ecclesia nostra diebus dominicis et festis cantaretur; sic uidebatur contentus fore Pontifex, nec chorum allium a Societate expetiturus. Cum autem, re tractata cum quibusdam ex primoribus Societatis, qui Romæ versabatur, judicatum fuisset hujusmodi cantum inducendum esse, qui nostris constitutionibus non repugnaret, rationem cantus ipsemet P. Ignatius sibi reservavit, et constituit ut in cantu figurato (quem *falsum bordonem*² vocant) caneretur ad majorem populi ædificationem. Et quamvis hæc ratio cantus constitutionibus minus consonet, que eas condiderat, Romæ dispensandum esse censuit; et invitabat eum, quod essent multi tum in collegio nostro, tum in Germanico et ex septentrionalibus scholasticis, qui cantus rationem egregie tenerent³."

Notas de rodapé:

"2. Hispanice *fabordon*, italice *fabordone*, gallice *faux-bourdon*. [...]

"3. Paucis post annis alumnorum in Collegio Germanico *chorus* inter insigniores Urbis habebatur et ab insignioribus musicæ professoribus regebatur, sc. Ludovico de Victoria et aliis."

Mem.LuGon, [1555]

Memorial do Padre Luís Gonçalves da Câmara. [1555].

Título original: "Algumas coisas que o padre Luiz Gonçalves notou na vida de nosso Padre Ignacio, as quais vão escritas por modo de teisto em castelhano, porque assy as escreveo em Roma no tempo que lá conversou a nosso Padre. E pera maior declaração vão feitas sobre ellas humas annotações por modo de grossa em Portugues, porque as fez o mesmo Padre Luis Gonçalves cá em Portugal."

Versão utilizada: publicação em **Fontes narrativi de S. Ignatio de Loyola et de Societatis Iesu initiis**, vol. 1: Narrationes scriptæ ante annum 1557. (MHSI, vol. 66.) Roma, 1943.

P. 605: A 17 del mismo [de fevereiro de 1555], yendo el Padre para la viña.
P. 609.

"137. 11 [Pregunté al Padre] Quál fue el motivo de no tener coro. - R. Yo pensaba que, si no tuviésemos coro, todo el mundo sabría que estábamos ociosos, quando no nos viesen aprovechar a las ánimas; y así, esto nos sería espuela para querellas aprovechar. Y por la misma razón nosotros quisimos vivir em pobreza para más poder aprovechar las ánimas, sin embaraços de negociar rentas, y teniendo también esta espuela."

P. 635: "A 22 del mismo [de fevereiro de 1555]"
Pp. 636-637.

"177. O com que muito se alevantava em oração era a musica e canto das cousas divinas, como são vesporas, missas e outras semelhantes; tanto que, como elle mesmo me confessou, se acertava de entrar em alguma ygreja quando se celebravão estes officios cantados, logo parecia que totalmente se transportava de sy mesmo.

"178. E não somente lhe fazia isto bem à alma, mas ainda à saude corporal: e assy quando a não tinha, ou estava com grande fastio, com nenhuma cousa se lhe tirava mays, com que ouvir cantar alguma cousa devota a qualquer Yrmão. E espanto-me como, vendo as pessoas que com elle estavam isto, nunca se buscou hum Yrmão, nem collegial do collegio germanico, onde avia muitos e bons cantores, que nisto o podesse ajudar. Porque o mays que nesta materia vy, o todo tempo que estive em Roma, foy chamarem-lhe o P. Frusio do collegio germanico, quando estava na cama com fastio, pera lhe tanger um cravo¹, sem cantar, porque ate ysto o ajudava; e hum coadjutor temporal muito simple e virtuoso

P. 637.

que cantava muitas prosas devotas, tanto no tom e voz com que os cegos as dizem, que parecia que fora moço de cego. E tudo isto era tam raro, que em quasy dous annos e meyo que estive em Roma, não se faria mays que cinco ou seis vezes."

Nota de rodapé na P. 637

"1. Instrumentum musicum antiquum cordibus metallicis in capsula inclusis et apte percussis sonos edens. Aliquam similitudinem habebat cum recentiore instrumento *piano* generatim dicto, a quo substitutus est. Galice dicebatur *clavicorde*, hispanice *clavicordo*, italice *clavicordio* vel *clavicordo*."

P. 712: "6 dia [de abril de 1555]"

"325. [Hoy supe] 1º de la afición del Padre a la música y cómo teme Theatico [futuro Papa Paulo VI] por el cantar.

Nota de rodapé: Joannes Petrus Carafa, cardinalis, deinde Paulus IV. Timebat Ignatius ne vellet pontifex chorum in Societatem inducere. Cf. Nadal II, 40. De quidem vera Cardinalis Carafa, post obitum Marcelli II electus Pontifex in Societate chorum haberi issuisset anno 1558., Post eius mortem anno sequenti chorus cessavit. Vide Sacchini, lib. II, no 61; Lainii. Monum., III, 538. Sacchinus, Franciscus S.J., Historiæ Societatis IESU pars II, sive Lainius, Antuerpiæ, M.DC.II."

P. 729: "21-30 Iunii."

"371. Lázaro pidió licencia para ir peregrinar 3 o 4 meses para se aprovechar. El Padre se la concedió, y aun se quería ir libre de los votos, mas él no quiso; y así se parte hoy. [...]

"373. [id] El Padre nos dio capelo porque rezábamos por el huerto, y amenasó, si más lo hacíamos, diciendo que cantábamos."

Act.LuGon, 1553-1555

Atos do Padre Inácio de Loyola, pelo Padre Luís Gonçalves da Câmara.
S/l, [Roma], 1553-1555.

Título original: "Acta patris Ignatii scripta a P. Lud. Gonzalez de Camara 1553/1555"

Versão utilizada: publicação em **Fontes narrativi de S. Ignatio de Loyola et de Societatis Iesu initiis**, vol. 1: Narrationes scriptæ ante annum 1557. (MHSI, vol. 66.) Roma, 1943.

P. 388: "Cap. III – Vita Ignatii Minorissæ [em Manresa]."

"20. Hasta este tiempo siempre había perseverado quase en un mesmo estado interior con una igualdad grande de alegría, sin temer ningún conocimiento de cosas interiores espirituales.

"Aquestos días que duraba aquella visión, o algún poco antes que començase (porqué ella duró muchos dias), le viro un pensamiento recio que le molestó, representándosele la dificultad de su vida, como que si le dixeron dentro del ánima: '¿Y cómo podrás tu sufrir esta cida 70 años que had de vivir?' mas a esto le respondió también interiormente con grande fuerça: '¡O miserable! ¿puédesme tú prometer una hora de vida?' Y ansí venció la tentación y quedó quieto. Y esta fue la primera tentación que le vino después de lo arriba dicho. Y fue esto entrando en una iglesia, en la qual oía cada día la misa mayor y las vísperas y completas, todo cantado, sintiendo en ello grande consolación; y ordinariamente leía a la misa la Psión, procedendo siempre en su igualdad."

P. 391.

"Contigit autem hoc cum in ecclesiam ingrederentur⁴, in qua quotidie missæ maioris sacrificio intererat, et vespers et completorio, quibus in rebus magnam capiebat consolationem. Ex more habebat ut in audienda missa Passionis historiam legeret, perdurante semper in eius animmo illa sua æqualitate.

Nota de rodapé:

"4. Potui esse templum conventus Patrum Prædicatorum, vel *la Seo*, seu ecclesia cathedralis."

Instr.InLoy, 1556

Carta do Padre Inácio de Loyola. Roma, 30 de março de 1556.

Fonte: original no ARSI, Cod. Rom. VI, f. 284 v.

Título original: "Universæ Societati Jesu. Roma, 30 Martii 1556."

Versão utilizada: publicação em **Sanctii Ignatii de Loyola - Societatis Jesu fundatoris - epistolæ et instructiones.** Monumenta ignatiana ex autographis vel ex antiquioribus exemplis collecta, series prima, vol. 11. (MHSA, vol. 40.) Madrid, 1911, p. 183.

"Este miércoles si comienzen á cantar los officios de la semana santa, y el día de pascha se comenzen las vésperas en un canto que tiene gratia y mucha deuotione, parte llano, y parte figurato, etc."

Car.JoPol.1, 1556

Carta do Padre João de Polanco ao Padre Michaeli Turriano, por comissão do Padre Inácio de Loyola. Roma, 14 de abril de 1556.

Fonte: original no ARSI, Cod. Ebor. II, ff. 215v-216.

Título original: "Pater Joannis de Polanco ex comm. Patri Michaeli Turriano, Roma 14 Aprilis 1556."

Versão utilizada: publicação em **Sanctii Ignatii de Loyola - Societatis Jesu fundatoris - epistolæ et instructiones.** Monumenta ignatiana ex autographis vel ex antiquioribus exemplis collecta, series prima, vol. 11. (MHSI, vol. 40.) Madrid, 1911, pp. 244-247.

P. 245.

"El officio, que se commenço á cantar el miércoles santo, y las bísperas que se comenzaron el día de Pascua, han tenido mui buen successo, y en gran manera se han ganado los ánimos de muchos; mas no por esso se han demenuido los confessores ny predicadores, porque los collegiales bastan para hazer esta fiesta."

Car.InLoy.3, 1556

Carta do Padre Loyola ao Padre João Pelletario. Roma, 2 de maio de 1556.

Fonte: original no ARSI, Regest IV. ff. 47v-48.

Título original: "Patri Joanni Pelletario ex comm. Roma, 2 Maii 1556."

Publicação utilizada: Sanctii Ignatii de Loyola - Societatis Jesu fundatoris - epistolæ et instructiones. Monumenta ignatiana ex autographis vel ex antiquioribus exemplis collecta, series prima, vol. 11. (MHSI, vol. 40.) Madrid, 1911, pp. 325-328.

P. 326.

"Ancora che si canti il vespero nel collegio nostro, non si po imitar' de altro collegio insin' a tanto che arrivi al numero de 50 persone; et se la signora Factora volesse scrivere sopra ciò, V.R. veda de divertirla, perchè non è questa regola per partire exceptione. Di qua, senza impedir li confessori et altre persone che attendono al bene spirituale, si non trovati vintiquattro cantori, sì che poteva cantarsi senza discomodo de' cose più importanti, il che non si potria dove è poco numero."

Car.InLoy.4, 1556

Carta do Padre Inácio de Loyola ao Padre Nicolau Lanoy. Roma, 20 de junho de 1556.

Fonte: original no ARSI, Regest V, ff. 35v-37.

Versão utilizada: publicação em **Sanctii Ignatii de Loyola - Societatis Jesu fundatoris - epistolæ et instructiones**. Monumenta ignatiana ex autographis vel ex antiquioribus exemplis collecta, series prima, vol. 12. (MHSI, vol. 42.) Madrid, 1911, pp. 12-17.

P. 13:

"Nostro Padre ha inteso che la R.V. fa cantar la messa alli nostri, il che li ha dispiaciuto; et mi ha ordinato li scriuessi che non la dicano più li nostri, nè cantino insino a tanto che habiano speciale ordine. Et se la consuetudine fossi tanto inanzi che paressi notabile disedificatione lasciarla, potrà vn forastiero dir la messa insino a tanto che V.R. ausi di qua; et in tutto questo tempo, insino a tanto che V.R. riceua risposta delle lettere che ci scriuerà sopra questo, dice N.P. faccia ogni dì penitentia, la quale serà legere queste parole: 'Non conuiene far noui riti o introdur noue consuetudine senza ordine de chi tiene il gouerno uniuersale', e appreso un Pater noster et una Auemaria, domandando a Dio N. S. gratia di portarsi bene nel officio allor commesso per l'obedienza.

"Del cantare il vespero, benchè in Roma si faccia le feste per esserui la commodità de cantori senza occupare li confessori nè altri operarii, non pare a N.P. si cantino in collegii doue non sieno più di 50 persone."

P. 15.

"Dal canto della R.V. e tutti li collegiali posso dire, che li habiamo grande inuidia per la grande occasione che hanno, non solamente di fare, ma etiam di patire molte cose per il diuino seruicio et religion catholica."

Car.LuEst, 1557

Carta do Padre Ludovico de Estrada. Monastério de Huerta (Espanha), 10 de março de 1557.

Título original: "Epistula Ludovici de Estrada ad revmum. dom. Hieronymum de Vivero, Complutum, e Monasterio de Huerta, 10 martii 1557."

Versão utilizada: publicação em **Fontes narrativi de S. Ignatio de Loyola et de Societatis Iesu initiis**, vol. 2: Narrationes scriptæ ante annis 1557-1574. (MHSI, vol. 73.) Roma, 1951.

P. 11: "Ludovicus de estrada - ordinis cisterciensis - patribus ac fratribus domus septiman censis Societatis Iesu - e monasterio de huerta, 12 februarii 1557."

P. 30

"Unos les [aos jesuítas] persiguen debaxo de título de noveleros, otros diziendo que arrogantemente atribuyeron a sí el santo nombre de Jesús, otros porque no traen hábito de frayles, otros porque no cantan las horas canónicas, otros porque tratan con las gentes, otros porque en breves días los ven tan aprovechados."

Test.DiLain, 1558

Testemunho dos Padres Lainez e Salmeron do encontro com o Papa Paulo IV. Roma, 24 de setembro de 1558.

Fonte: original no ARSI, Collectanea de Instituto, t. VIII.

Título original: "Patrum Lainii et Salmeronis testimonium. Romae, 24 Septembris 1558."

Versão utilizada: publicação em **Lainii Monumenta**, vol. 8 (1564-1565). (MHSI, vol. 55.) Madrid, 1917, pp. 673-675.

Pp. 673-675.

"El martes a seys de Setiembre de 1558 fuymos yo y el P. Salmerón a hablar con su Sacntidad, como antes auíamos apostado con él, [...]. Después con mucha mayor commotión habló en lo del choro, reprehendiéndonos primero y diziéndonos que auíamos sido rebeldes a él en no auer acetado el choro [...]

P. 674

A lo 2º del choro se respondió que, quanto a la rebeldia, su Sanctidad se acordasse que ésta era la primera palabra que sobre esto dezía, y que donde no ay mandamiento no puede auer re-

P. 675

beldia. Y quanto a fauorecer los herejes. Que nosotros harto nos mostráuamos ser contrarios, assí diziendo el offico, aunque no em choro, como diziendo em coro las vísperas..."

Instr.JeNad.1, [1562]

Instruções do Padre Jerônimo de Nadal. S/l, s/d [Roma, 1562].

Título original: "P. Hieronymi Natalis instructiones."

Versão utilizada: publicação em **Epistolae P. Hieronymi Nadal Societatis Jesu ab anno 1546 ad 1577 nunc primum editae et illustratae a patribus ejusdem Societatis**, vol. 4: Selecta Natalis monumenta in ejus epistolis commemorata. (MHSI, vol. 90.) Madrid, 1905, pp. 364-619.

Pp. 492-494: "De iis, quae ad templum spectant."

"Canere missam et vespas, vbi cani solitum est diebus dominicis et festis, atque officium hebdomadae sanctae, id est, die mercurii, jovis, veneris, et sabbati sancti, ita intelligitur, vt id fiat, si satis multi sint ex nostris. [...]

P. 493.

"Post cantatam missam, cani non est necessum 'Salve regina', non est enim consuetudo, vt tunc canatur, sed absolutis vespas. [...]

P. 494.

"Antequam sacerdos missam cantaturus ad summum altare egrediatur, poterit componi calix super altare ab alio, propterea quod poscit solemnitas, vt statim incipiat confessionem sacerdos antequam ad altare accedat.

"Poterunt nostri ipsa dominicae natiuitatis nocte sanctissima matutinum in ecclesia canere, atque templi sui copiam exteris facere, donec matutinis fuerit finis impositus: postea tamen claudi non solet. Nam solent missae celebrari et confessiones audiri post decantatum matutinum."

P. 495. "De doctrina christiana."

"Si ad aedificationem maiorem fieri posset, essent pueri docendi doctrinam christianam, rithmis compositam, canendo, ac ita per duos pueros institui ad hunc cantum, et per plateas ac vigos cogi et conuocari campanula, praeuntibus et canentibus doctrinam illis duobus pueris ad hoc instructis, subsequente institutore doctrinae, ac sic duci ad templum nostrum, vt in quibusdam provinciis fieri consuevit."

P. 556. "De recreationibus."

"Recreationi quotidianae deambulatio vel consessus datur in collegio et colloquium de rebus, quae ad honestam animi refectionem faciunt: nihil aliud. Hebdomadariæ, præter hanc, dari possunt: visitationes ecclesiarum; deambulationes in agro vrbi vicino; vsurpantur etiam ludi tabellarum ad mensam, iactus etiam discorum ad stilum; rotatio manualis trochi; tum etiam cantus figuratus. [...] Qui vero in ludo superantur, ii vel canunt submissiori voce vnum versum alicuius psalmi, astantes apertis capitibus, vel flexis genibus, vel dicunt tacite orationem dominicam, vel salutationem angelicam. Horum tamen ludorum vel cantus vsus in aliis prouinciis receptus est, præterquam in prouinciis Aragoniæ, Andalusiae, et vtriusque Castellæ; quod in illis nulla sit offensio externorum; in his timeatur."

Car.JeNad.1, 1563

Carta do Padre Jerônimo de Nadal ao Reitor do Colégio de Viena. S/l [Roma], 1563.

Fonte: original no ARSI, Natal. instr. Germ., ff. 138-145 (204-211).

Versão utilizada: publicação em **Epistolae P. Hieronymi Nadal Societatis Jesu ab anno 1546 ad 1577 nunc primum editae et illustratae a patribus ejusdem Societatis**, vol. 4: Selecta Natalis monumenta in ejus epistolis commemorata. (MHSI, vol. 90.) Madrid, 1905, pp. 267-278.

P. 268

"Intermitantur letaniae, quae fiunt in templo die lunae; non intermitantur tamen domi, nisi iis diebus, quibus cantantur in templo.

"Ne utantur organis conducticiis. Suenus tractetur ut coadiutor temporalis de Societate, et omnino ad Societatem recipiatur absque scrupulo."

Instr.JeNad.2, [1566]

Instruções do Padre Jerônimo de Nadal ao Reitor do Colégio de Viena.
S/l, s/d [Roma, 1566].

Fonte: original no ARSI, Natal. instr. Germ., ff. 91-102 (154-165).

Versão utilizada: publicação em **Epistolae P. Hieronymi Nadal Societatis Jesu ab anno 1546 ad 1577 nunc primum editae et illustratae a patribus ejusdem Societatis**, vol. 4: Selecta Natalis monumenta in ejus epistolis commemorata. (MHSI, vol. 90.) Madrid, 1905, pp. 283-303.

P. 285.

"Adhibeatur musicae modus, ut in missa musice tantum cantetur 'Kyrie' 'Gloria' 'Credo' 'Sanctus' 'Agnus' responsio ad 'Ite missa est'. Et in vesperis psalmi cantentur ad falso bordonem, ut dicuntur, uel similiter; potest tamen cantari 'magnificat' musice. Reliqua omnia cantentur gregoriane. Excipientur ex hac ratione cantus, maiores solemnitates, in quibus ex provincialis uel rectoris facultate, poterunt aliquid amplius canere musice. Et cum erit illis licitum cantare motetta in missa uel in vesperis, praecipiat illis ne sint proluxa, praesertim in missa.

"Detur opera ut cantores obediant, tanquam superiori, praefecto chori, et exercetur in hac re disciplina."

P. 288.

"Simpliciter non utantur nostri organis in choro, nec tubis aut fistulis. Claudantur loca retro chorum extra templum, ne iis possint abuti externi. Nulli concedatur sacerdos ad cantandam missam exgra templum nostrum, et de hac re consulatur pater generalis, si uelit concedere. Interim seruetur consuetudo."

Act.PetRib, [1566]

Atos do Padre Inácio de Loyola, pelo Padre Pedro de Ribadeneyra. S/l, s/d [Roma, 1566].

Título original: "P. Petri de Ribadeneyra. De actis patris nostri Ignatii 1559-1566."

Versão utilizada: publicação em **Fontes narrativi de S. Ignatio de Loyola et de Societatis Iesu initiis**, vol. 2: Narrationes scriptæ ante annis 1557-1574. (MHSI, vol. 73.) Roma, 1951.

P. 320.

"Tempus compositiones huius documenti strcite definire non posse videtur. [...] Notationem antiquissimam, etiam diei, invenimus sub numero 50, estque diei 29 aprilis anni 1553. Itaque vel iam ab anno 1549 [...] Iam, si de integra collectione agatur, prefecta illa esse videtur intra anos 1559-1566."

P. 337.

"29. Die lunæ magnæ Sti. Ioseph celebrantur, narrabat pater se ad eius aedem indulgentiarum gratia divertisse, musicamque in ea audivisse, seque ea fuisse mirifice recreatum, et adiecit: - Si gustum meum et animi propensionem sequerer, ego chorum cantumque in Societate instituerem; sed non faciam, quoniam intelligo non esse Dei voluntatem, neque institutum huc nostrum nos, sed alio vocat - anno 1554.

"*Dichos e Hechos*, V, 10. El lunes de la semana sancta del año de 1554, contando nuestro Padre en mi presencia cómo había entrado en la yglesia de Sant Joseph (que era su día), y sentido gran consolación con la música que allí oyó, añandió estas palabras: - Si yo siguiesse mu gusto y mi inclinación, yo pondría choro y canto en la Compañía; mas déxolo de hazer, porque Dios N. S. me ha dado a entender que no es esta su voluntad, ni se quiere servir de nostros en choro, sino en otras cosas de su servio."

Car.NicLan, 1577

Carta do Padre Nicolaus Lanoy ao Padre Geral Everardo Mercuriano.
[Olomutio], 23 de dezembro de 1577.

Fonte: original no ARSI, Germ. 138 II, ff. 425-426v.

Título original: "P. Nicolaus Lanoy Vis. Prov. Austr. S. I. P. Everardo Mercurian Praep. Gen. S. I. Olomutio 23 decembris 1577 - Romam."

Versão utilizada: publicação em **Monumenta Pedagogica Societatis IESU**, vol. 4 (1573-1580). (MHSI, vol. 124). [Roma]: Institutum Historicum Societatis IESU, 1981, pp. 712-719.

Pp. 718-719.

"3. Quarto: In templis horum collegiorum nimis accurate exerceretur cantus musicus, ubi tiam crebrior est organorum usus, praesertim Viennae quand nunc parata sunt ibi organa magno externorum quorundam aere, et omnino iuxta chorum canentium collocata. Exulat nunc fere cantus gregorianus, quia dicunt cantores se minus illum callere quam figuratum, quem solum pueri nunc discunt. Accedunt subinde vel ex aulis vel aliunde tubae et fistulae quae suo boatu ac strepitu videntur potius animos a devotione avocare quam ad illam incitare. Ego istis cantoribus nostris proposui moderationem P. Natalis in cantu figurato servandam qui etiam tibicines ac tubicines a nostris choris arcebat. Magnam sane haec ratio canendi parit nostris animis distractionem et populo modicam devotionem. Qui in hoc templo dirigit chorum taquam magister cantus, est P. Wolffgangus Piringerus, quem nuper cum esset inter ipsum et suum substitutum Ioannem Trogerum bohemum propter cantum dissidium perpetuum, voluimus illum a praefectura chori remove et Trogerum fratrem illi surrogare. Sed nulla ratione potuit adduci ut cedere, affimans absque cantu se vivere non posse. Ita et collegio graetiensi musica delectatur vehe-

P. 719

menter frater noster Valentinus Novodomensis bohemus subdiaconus. Illic in templo S. Aegidii nobis assignato cum externis canit et una cum magistro cantus cantores dirigit. Totus est et ipse in musica absorptus. His evenit iuxta dictum Sapientis: Qui multum mel comedit, non est ei bonum, Nec desunt qui in arte canendi cupiant istorum fieri discipuli et discere quam ignorant musicen. Sed nos id non permittimus ..."

Trat.JeNad, [1577]

Tratado de tradições e costumes da Companhia de Jesus. Padre Jerônimo de Nadal. S/l, s/d [Roma, entre 1546 e 1577].

Fonte: segundo a publicação, original com correções do próprio Nadal no ARSI, Cod. Vatic. 6, ff. 333-337.

Título original: "P. Hieronymi Natalis tractatus de traditionibus et consuetudinibus Societatis Jesu. S/d."

Versão utilizada: publicação em **Epistolae P. Hieronymi Nadal Societatis Jesu ab anno 1546 ad 1577 nunc primum editae et illustratae a patribus ejusdem Societatis**, vol. 4: Selecta Natalis monumenta in ejus epistolis commemorata. (MHSI, vol. 90.) Madrid, 1905, pp. 619-625.

P. 621.

"Ut canatur in choro missa, non solum uesperæ; quae traditio non obtinuit in omnibus collegiis, nam in Lusitania nullus canit in nostris collegiis uel domibus; in reliquis Hispanæ non usurpatur gregorianibus cantus, sed unitonus; Viennæ etiam figuratus usurpatur. [...]

"Ut cantentur matutinæ in vigilia natalis Domini."

II - A COMPANHIA DE JESUS EM PORTUGAL E NA ÍNDIA

2.1 Portugal

Ata.Congr, 1575-15771

Atas das congregações provinciais das assistências da Companhia de Jesus da Espanha e Portugal, dos anos 1575 a 1577.

Fonte: original no ARSI, Congr. 42, ff. 251-262v.

Título original: "Ex actis congregationum provincialium Assistentiarum Hispaniae et Lusitaniae. Annis 1575-77."

Versão utilizada: publicação em **Monumenta Pedagogica Societatis IESU**, vol. 4 (1573-1580). (MHSI, vol. 124.) Madrid, 1981, pp. 259-278.

P. 274.

"- Ad 60: Commedias raro debere fieri, semper decretum est. Nunc quia scholae istae novae sunt, satis erit si commediae quotannis semel fiant; sed decursu temporis partius multo his ut oportebit, quae et multum habet distractionis et parum utilitatis.

"[3] 61. De cantus usu qui apud nos iusto amplior extitisse videtur, placuit nostrum tonum satis esse debere iuxta Constitutionem et tertiae congregationis decretum. Sed in festo Conceptionis, quod scholastici externi celebrare solent, nihil prohibet eos suo cantu uti. In praecipuis quoque festis collegii, Circumcisionis scilicet et Divini Pauli, titularis nostrae ecclesiae patroni, populi consolationi et aedificationi indulgeri etiam poterit, dummodo nostri iis in solennitatibus non nisi suo cantu utantur."

Reg.ColOrf, 1615

Regimento do Colégio dos Meninos Órfãos de Lisboa. S/a. S/I [Lisboa], 20 de agosto de 1615.

Fonte: original na Biblioteca Nacional de Lisboa, coleção Pombalina, mss. 249, nº 66.

Título original: "Regimento do Co/legio de Jezus dos Meninos Orf/faons da Cidade de Lisboa."

Anotação na margem: "Este regimento / foi decretado por / Felippe 3º; a funda/ção do Collegio / è de D. João / 3º."

Assinatura: "20 do mes de Ag^{to} de 1615."

F. 3.

"Titulo 2º. da Cappella. [...]"

"§ 1. [...] Nas festas / solemnes e principaes da Igr.a seraõ as missas oficiadas / de Canto d'Orgão nos domingos e dias Santos de [guar/da] de Cantoxaõ, ..."

F. 3v.

"§ 3º. / A festa da Ascençaõ de N. Snr. (q' he o orago do Col/legio) se celebrará nelle com a mayor solemnidade / que for possiuel. Armarseha a Capp.^a com todo o / ornato necessario e as Vesporas se cantaraõ solem/nissimam.^{te} p.^a o q' se buscaraõ os muzicos e mais apa-/relhos q' se requerem: ..."

F. 10v.

"T.º 6º. do Mestre do Canto e de ler e escreuer. / Será este Mestre Sacerdote limpo e sem raça al/guma de Moiro ou judeu de boa uida e costumes des/tro na arte e q' saiba tanger Orgãos e de talento p.^a po/der ensinar os Orfaõs com utilid.^e e adestralos no / Canto de Orgão e Contraponto ..."

F. 11-11v.

"§ 3º. / Darlheshá todos os dias a tarde duas liçoins [deboa] cada huã / a primr.^a de Canto d'Orgão de dia de Paschoa athe o primr.º de / Outubr.º á huma hora [...] A seg^{da} de Cantochaõ [...] /

F. 11v.

"Do [Prou.^{or}] em ambos os cazos será obrigado a dar ordem / [satisfaça] por elle a sua obrigação e em alguns dias, / de [facto, fecto] á noite, ou á hora, q' lhe parecer mais acomoda/da lhes mandará fazer exercicio de Canto de Orgão / de manr.^a, que possaõ sahir destros p.^a o q' tratará sempre com / Curiozid.^e de lhe buscar e trazer algumas letras e cantorias / nossas com q' os [esperte] e incite a se ocuparem na arte / com mais cuid.^o. /

“§ 4º. / Será obrigado a officiar com os Orfaões todas as missas / q’ costumaõ cantar no Colegio assim de Cantoxaõ co-/mo de Orgaõ tangendo a ellas o Orgaõ as uezes q’ for ne/cessario e da mesma maneira assistirá com elles / ás festas domingos e dias santos em q’ cantaõ Vesporas / ou Completas p.^a fazer o Compago e tanger o Orgaõ ins/truindoos e encaminhandoos naquelles actos em tudo oq’ / lhe parecer p.^a se auerem de celebrar com mais perfeiçaõ.”

F. 13.

“Titulo 8º do Habito e Obrigacoens / dos Orfaões.”

F. 13v.

“§ 4º. / Dito o Offº ouuiraõ do mesmo Coro missa, q’ p.^a este [S^{to}] / hade hauer áquella hora [...] e acabada a Missa se sahiraõ todos em ordem / de dois em dois cantando o Te Deum laudamus, athe a salla / grande de q’ he Padroeiro S. Christouaõ onde de joelhos lhe / cantaraõ a sua antifona e oraçaõ e dahy sahiraõ juntos / ao refeitório tomar os seus almoços. [...] /

“§ 9º. / Nos domingos e dias Santos de guarda diraõ sempre / Benedictos, e Magnifica cantada e nas festas solem/nas será cantado todo o Off. As terças feiras de qua/resma cantaraõ as Completas á Ora, q’ parecer ao Reitor com a mayor solemnid.^e q’ for possiuel do q’ terá m.^{to} / cuid.^o o Mestre.”

Instr.AnMasc, 1626

Tratado de cerimônias para a casa de São Roque, pelo Padre Visitador Antonio Mascarenhas. S/l [Lisboa], 1626.

Fonte: original na Biblioteca Nacional de Lisboa, código 4234.

Título original: "Tratado de Ceremonias, q conforme ao missal, / Ceremonial, e Ritual Romano, e uso de nossa Comp.^a / se haõ de guardar nas solenidades, e officios, que / nesta Igreja, e casa de S. Roque, os nossos da Co'p.^a / costumaõ fazer, e de nouo se copiou, e Reform[ou] por / orde^m do P^e Antonio Mascarenhas da / Comp.^a de IESU Visitador / da Prouincia de Por-/tugal no an-/no. 1626."

F. 1.

"Alguãs aduertencias, q pareçaõ co'ueniente da [uan te] / p.^a uso deste tratado!"

F. 1v

"Aduertese no 3^o lugar, q não temos na Comp.^a missa ne-/nhũa resada ne^m a q' chamamos do dia no altar mor q' seia so-/le'ne, pois nenhuã missa resada o pode ser pela regra ge-/ral, e som^{te} temos por solénes as q se dizem cantadas a nosso mo-/do em 5^a fr^a de endoenças, e em sabbado s^{to}. na comemora-/çaõ dos defuntos, e agora novam.^{te} ordenadas nos dias dos / nossos S.^{tos} PP. Ignatio, e Fr^{co} Xavier, nas quais se deve^m / guardar todas as ceremonias de missa soléne, ainda q confor/me nosso costume não usamos de diacono, e subdiacono."

F. 23

"Todas as vezes q celebra'se assi' nas mis-/sas cantadas como resadas se afasta do meyo do al/tar p.^a algũ dos danos delle..."

Des.SebHenr, 1714

Despesas de uma casa da Companhia de Jesus. Padre Sebastião Henrique. Porto, 1714.

Fonte: original na Biblioteca Nacional de Lisboa, código 4512.

Título original: "Livro da despeza / anno de 1714."

Assinatura em cada trecho: "Porto / [...] / Sebastiam Henrique"

Observações: Repetem-se quase todos os meses a música de 4.^{os} Domingos. Repetem-se o *Te Deum* na véspera do dia de IESU, Quarenta Horas, e Hora da Ascensão.

F. 200

"Janeiro de 1714 /

Por dinhr.^o aos Muzicos por dous 4.^{os} Domingos ----- 1E000 /

Pello Te Deum aos mesmos em vespera de IESU -----1E000 /

[...] /

Pella muzica nos tres dias das mesmas 40 horas -----8E000 /

[...] /

Pella muzica do Laus perenne ----- 1E440 /

[...] /

Mayo de 1714 /

Pella muzica da hora em dia da Ascençaõ ----- 4E000 /

[...] /

Pella muzica de 2 4.^{os} Domingos ----- 1E000 /

[...] /

F. 201v

Outubro de 1714 /

Pellas charamellas da oraçaõ de Sapiencia ----- 0E30 /

F. 202v

Janeyro de 1716 /

[...] /

Pello afinar do Organ seis mil reis ----- 6E000"

FRANCO, 1726

Sinopse das ânuas da Companhia de Jesus em Portugal do ano 1540 até o ano 1725. Padre Antônio Franco. S/l, 1726.

Publicação original: FRANCO, Antonio R.P. **Sinopsis annalium Societatis Jesu in Lusitania ab anno 1540 usque ad annum 1725. Augusta Vindelicorum & Græcii. Sumptibus Philippi, Martini, & Joannes Veith, hæredum. Anno MDCCXXVI.** 1726.

P. 445: 1713.

Na lateral da página: "Hymnus, *Te Deum* in fine anni."

"20. Postremâ anni die, quemadmodum in multis aliis regionibus laudabiliter inductum, in templis etiam nostris cantatur hymnus Ambrosianus in gratiarum actionem pro receptis à DEO beneficiis. Quæ sancta consuetudo jussu A.R.P. Generalis cœpit, deinceps quotannis die prædictâ continuanda."

P. 458: 1718, Soc. 179.

Na lateral da página: "Hymnus *Te Deum* in Domo Professæ"

"5. In Templo Domûs Professæ Ulyssiponensis magno totius urbis concursu, Regibus præsentibus, solemni ritû cantatus est hymnus Ambrosianus die postremâ anni. Supra modum amnium affecit animos concors vox populi Choro respondes."

P. 463: 1719, soc. 180.

Na lateral da página: "Hymnus *Te Deum*"

"22. Anni postremâ die hymnus *Te Deum* decantatus eò magnificentiæ crevit, ut hæc in majus non videatur augeri posse. Figurato Canto hymnum composuit P. Christophorus Fonseca nostræ Societatis musices peritissimus. Qui in arte erant excellentiores Ulyssipone, fassi funt insignis Magistri opus esse. Nec ullus fuit, qui tot choros (erant enim quindecim) manu suâ auderet moderari. Necesse est visum ipsum P. Christophorum agere moderatorem in/eo templi loco, unde posset ad omnibus observari. Concursi in templo nostro Domus Professæ numquam visus augustior, Reges, Infantes, Cardinales Inquisitor Generalis, Nuncius, Patriarcha, Legati Regum, Duces, Marchiones, Comites, & quidquid Ulyssipone grande erat. Acessêre ex aliis capita fine numero. Studiosi nostrarum scholarum à multo tempore musicis instructi numeris suo loco respondebant Chorus. Quidquid voces, & instrumenti musici exquisitum erat Ulyssipone, im templo audiebatur. Sumptum Patriarcha sustinuit."

2.2 Índia

Car.AnCri, 1545

Carta do Padre Antônio Criminalis ao Padre Loyola. Goa, 7 de outubro de 1545.

Fonte: original no ARSI, Epp. NN. 98, ff. 132-135v.

Título original: "P. Antonius Criminalis S.I., P. Ignatio de Loyola, Romae. Goa 7 Octobris 1545."

Versão utilizada: publicação em **Documenta Indica**, vol. 1: 1540-1549. (MHSI, vol. 70.) Roma: 1948, pp. 8-23.

Pp. 20-21.

"9. Misser Paulo ha particolare cargo di questi giovani, cioè dormire dove dormeno, andare con lori e stare, cantarci la missa alle feste, perchè cantero alle feste l'offi[ci]o in la ecclesia, cioè terza, sexta, nona, vespro e completa, non per rasone de canto, lori chiamano intoado; similmente fanno alle benedictione dela mesa. Io voleva che non cantasseno cosa alcuna, ma dicero che si scandalizaria al populo, perchè hanno già questo costume, e apare ancora bene e per ringraziare molto al Signore Iddio. Li miei compagni dicero che imparerano de cantare ovvero de intoar, ma io li dico che non so se li prometta tal cosa, perchè va uno pocho fora del mio sentire,

p. 21

e me apare che non havemo da cantare, pur me voria confirmare con li altri e non essere di quelli che si dice: hè de sua testa. Se havemo da cantar havressimo a caro che fusse l'officio novo de tre lectione con dispensatione del Papa. Questa ecclesia non ha obligatione alcuna quanto sia de cantare officio, nè altre cose."

Car.GasBaz, 1553

Carta do Padre Gaspar Bazaeus, Vice-provincial da Índia, ao Padre Inácio de Loyola. Goa, 12 de janeiro de 1553.

Fonte: original no ARSI, Goa 10 I, ff. 266-273v.

Título original: "P. Gaspar Bazaeus S.I. Indiae Viceprovincialis. P. Ignatio de Loyola, Romam. Goa 12 Januarii 1553."

Versão utilizada: publicação em **Documenta Indica**, vol. 2: 1550-1553. (MHSI, vol. 72). Roma: 1950, pp. 578-603.

P. 587: Colégio de Goa, atuação dos padres Antônio Vaz, Francisco Lopez e o Irmão Francisco Durão.

"Fazem grande proveito nas gualés e gualyões, onde andam, segundo me escreveo o filho do Vise-Rei, dom Fernando; confessam e pregão, e amoestão os outros exertitos de virtude, e os que ha caridade nestas partes ensina. Levão consigo mais cynquo mininos orfãos, quatro principiados em grammatica, e os mais deles sabem cantochão e parte de canto de órgão."

Pp. 592-593.

"23. Aguora darei conta a Vosa Sancta Charidade dos moços que laa criamos neste collegio, asi da terra como orfãos, e o modo que temos com elles para os aproveitar. [...]"

P. 593

"[...] outro [Irmão] Pero d'Almeida, que os ensina a cantar chão e órgão."

P. 599.

"25. Sabem os mais deles [meninos órfãos recolhidos nos engenhos] cantochão e alguma parte de canto de órgão. E como quer que o povo se queixasse, tyrar no tempo do Padre Antonio Guomez o cantar, que fazião os moços da terra no officiar que faziam nos officios divinos, segundo era a vontade do instituidor, o Padre Mestre Diogo, que sancta gloria aja, que para isso ordenou coro e a ygreja tamanha, como nós temos, e totalmente despovoarão a casa e lhe perderão a devação, e asi o Vise-Rei me aqueixou e muitos fidalgos que não podião quostar de ouvir as pregações por não oficiarem os officios divinos em cantochão: polo qual me pareceo ser serviço de Deus, pois dahi nenhum perjuizo [se seguia], senão proveito e credito da gente, para mais santificar e quietar-se o povo quando laa vyerem ouvir a pregação os domingos e os santos, de ouvirem os officios divinos cantados, ordenei de mandar ensinar a estes mininos para terem seu coro certos dias na somana, e cantarem os officios divinos como nas outras igrejas, o qual averá hum anno ou mais que hé continuado. [...] e os do outro collegio não cantão, nem aprendem para isso."

Car.JoPol.2, [1556]

Carta do Padre João de Polanco. S/I, s/d [Janeiro de 1556].

Fonte: original no ARSI, Hist. Soc. 69 I, pp. 540-544.

Título original: "P. Joannis de Polanco S.I.. Excerpta e litteris indicis de electione patris quadros in provincialem."

Versão utilizada: publicação em **Documenta Indica**, vol. 3: 1553-1557. (MHSI, vol. 74.) Roma: 1954, pp. 455-460.

P. 460.

"14. Idem proposuit de cantu divinorum officiorum in Indiae regionibus tolerando, ut rudes illi homines in religione ad Dei cultum ea ratione magis allicerentur. Et perfacile Goae id fieri poterat, ubi pueri cantandi officio fungebantur, quibus unicus sacerdos in cantanda Missa per mediam horam prolixus quam in privatis immoraretur: et id probatur fuisse a P. Franciso Xavier; nec difficile erat cantores docere, cum provectiores in cantu pueri reliquos docerent."

Instr.JoPol.2, 1558

Instruções do Padre João de Polanco às missões da Índia. Roma, agosto de 1558.

Fonte: original no ARSI, Instit. 18, ff. 431-434v.

Título original: "Memoria de negotiis missionariis tractandis. Romae ante finem Augusti 1558."

Versão utilizada: publicação em **Documenta Indica**, vol. 4: 1557-1560. (MHSI, vol. 78.) Roma: 1956, pp. 72-80.

P. 77.

"De cantu ecc.

"13. An permitti debeat cantus in India et aliis locis remotissimus, quamvis in Europa non sit Societatis concessus, se animadvertetur eas nationes ad Dei cultum, et spiritualement profectum ex eo iuvari, ut Goae observatum est, et in Ethiopia."

Instr.JoPol.3, 1558

Instruções do Padre João de Polanco às missões da Índia. Roma, 13 de dezembro de 1558.

Fonte: original no ARSI, Fondo Gesuitico, Collegia 1443, Goa, ff. 269-270.

Título original: "Joannes de Polanco S. I. Ex Commis. P. Iacobi Lainez S.I.. P. Antonio de Quadros S.I., Provinciali Indicae. Romae 13 decembris 1558."

Versão utilizada: publicação em **Documenta Indica**, vol. 4: 1557-1560. (MHSI, vol. 78.) Roma: 1956, p. 133.

"7. El canto que hasta aquí se ha permitido en la India por la edificación de la gente, agora mucho más se aprueba siendo ordenado por Su Santidad, y será bien ayudar a los niños interveniendo algunos de los nuestros que los enderecen en la missa y visperas de los domingos y fiestas, ultra de los oficios de la Semana Sancta y de Navidad: y finalmente hagan como han hecho hasta aquí sin escrúpulo de contravenir a las Constitutiones."

Car.NuBar, 1562

Carta do Padre M. Nunes Barreto ao Padre Lainez. Cochim, 15 de janeiro de 1562.

Fonte: original no ARSI, Goa 8 II, ff. 315-316v.

Título original: "P. M. Nunes Barreto S.I., P. Jacobo Lainez, Praep. Gen. S.I. Cocinum 15 Januarii 1562."

Versão utilizada: publicação em **Documenta Indica**, vol. 5: 1561-1563. (MHSI, vol. 83). Roma: 1958, pp. 481-487.

P. 482.

"Tenemos en casa missa cantada sin gasto no ocupación de nuestra parte por assí parecer más agradable a la gente, y vienen de continuo personas por su devoción a cantarla. Si es con consentimiento y voluntad de V.P., yremos adelante con esto, y si no tornarnos hemos al uzo que de antes teníamos de rezadas por assí parecer más conforme a las Constituciones."

Instr.JaLain, 1562

Instruções do Padre Lainez ao Padre Melchiori Nunes Barreto. Trento, 10 de dezembro de 1562.

Fonte: original no ARSI, Epp. Nn. 36, ff.94-94v.

Título original: "P. J. Lainez, Praep. Gen. S.I., P. Melchiori Nunes Barreto S.I., Cocinum. Tridento 10 Decembris 1562."

Versão utilizada: publicação em **Documenta Indica**, vol. 5: 1561-1563. (MHSI, vol. 83.) Roma: 1958, pp. 652-656.

P. 653.

"2. Quanto al canto de la missa, que muchas vezes es de órgano, siendo sin ocupación de los nuestros, y edificándoselos de la ciudad, me parece se puede dispensar que se use par adelante: que halgo se ha de conceder a la India, aunque por ordinario las Constitutiones escluyan el canto de órgano."

Car.PedCru, 1563

Carta do Padre Pedro da Cruz aos Padres e Irmãos da Companhia de Jesus de Évora. Goa, 23 de novembro de 1563.

Fonte: Original no ARSI, *Goa* 8 III, ff. 486-489v.

Título original: "Fr. Petrus da Cruz S.I. Sociis Eborensibus"

Assinatura: "Oy 23 de Noviembre de 1563, de Goa. [...] Pero da Cruz."

Versão utilizada: publicação em **Documenta Indica**, vol. 4: 1563-1566. (MHSI, vol. 86.) Roma: 1960, pp. 32-44.

P. 34.

"5. Los officios de la semana sancta hizimos como pudimos. Diximos la Passión a bozes, y era yo el Evangelista. [...] La missa del sábbato santo y las de los días de Pascoa y fiestas señaladas se dizían con toda la solenidad possible sirviendo las trompetas de órganos em algunas partes de la missa."

Car.FraLop, 1565

Carta do Padre Francisco Lopes aos Padres e Irmãos da Companhia de Jesus do Colégio de São Roque, em Lisboa. Cochim, 6 de janeiro de 1565.

Fonte: Original no ARSI, Goa 8 III, ff. 486-489v.

Título original: "P. Franciscus Lopes S.I. Ex comm. Soccis Ulysiponensis ad S. Rochi."

Assinatura: "Oje, deste Cochim do collegio da Madre de Deus, a 6 de janeiro de 1565. Por comissão do Padre Mestre Melchior, Francisco Lopes."

Versão utilizada: publicação em **Documenta Indica**, vol. 4: 1563-1566. (MHSI, vol. 86.) Roma: 1960, pp. 407-416.

P. 414.

"17. O principio das escolas este anno parece que levou vantagem a todos os passados. [...] Finalmente, recitou-se a tragedia con se achar a ella o Senhor Bispo, adayão, provisor e outros clerigos, e o mais povo. Tinha cinco actos e a cada acto avia musica de frautas, charamelas e violas d'arco, e alguns cantavão a estes instrumentos."

Car.BelDi.1, 1566

Carta do Padre Belchior Dias aos Padres da Companhia de Jesus em Portugal. Baçaim, 1 de dezembro de 1565.

Título original: "P. Melchior Dias S.I. ex comm. Sociis Lusitanis."

Assinatura: "Deste colégio de Jesus da cidade de Baçaim, ao primeiro de Dezembro de 1565 anos. Por comissão do P^e Francisco Cabral, [...] Belchior Diaz."

Versão utilizada: publicação em **Documenta Indica**, vol. 7: 1566-1569. (MHSI, vol. 89.) Roma: 1962, pp. 554-582.

P. 558.

"5. O Irmão Pero Vaaz hé porteiro e sãocristão, e ymsina o canto aos mininos de cassa, aomde tambem vem alguns de fora que ajudão a cantar e fazem os officios..."

Car.BelDi.2, 1566

Carta do Padre Belchior Dias ao Padre Leoni Henriques. Baçaim, 4 de dezembro de 1566.

Fonte: Original no ARSI, Goa 8 III ff. 503-512v.

Título original: "P. Melchior Dias S.I. ex comm. P. Leoni Henriques S.I. Prov. Lus."

Assinatura: "Colégio de Baçaym, aos 4 de Dezenbro de 1566. Por comissão do Padre Reytor Pero Vaz. Servo indigno, Belchior Diaz."

Versão utilizada: publicação em **Documenta Indica**, vol. 7: 1566-1569. (MHSI, vol. 89.) Roma: 1962, pp. 90-102.

Pp. 98-99

"...Aos onze dias de Novembro se disse laa [em uma ermida `meya legoa desta cidade'] a primeira misa cantada em que se ajuntarão com muito contentamento e alegria os christãos. O mesmo se faz todos os domingos hyndo daqui hum Padre pola menhãa com hum Irmão. Os dias passados se levou daqui o retabolo pera se pôr nella, que hee da vocação do bem-aventurado Sam Tomé, padroeyro destas partes, com

P. 99

muita solenidade, nam somente por amor dos christãos, que se movem muito por estes exteriores, mas aynda dos gentios, pera sua confusão, hyndo com cheramelas e outros ynstrumentos da terra, com canticos e salmos;..."

Car.FranBor, 1570

Carta do Padre Francisco Borgia ao Padre Gundisalvo Alvares, Visitador. Roma, 10 de janeiro de 1570.

Fonte: original no ARSI, Instit. 51 II, ff. 330v-331.

Título original: "P Franciscus Borgia, Praep. Gen. S. I. P. Gundisalvo Alvares S. I. Visitatori."

Assinatura: "De Roma, X de Enero 1570."

Versão utilizada: publicação em **Documenta Indica**, vol. 7: 1569-1573. (MHSI, vol. 91.) Roma: 1964, pp. 185-192.

P. 189.

"Em Goa no enseñen los nuestros a cantar."

An.GomVaz, 1576

Ânua da Índia de 1575. Padre Gomes Vaz. S/I, 14 de Janeiro de 1576.

Título original: "P. Gomes Vaz S.I. Ex comm.. P. Everardo Mercuriano, Praep. Gen. S. I."

Assinatura: "Annua de las Indias Orientales para Nuestro Padre General, de 14 de Enero de 1576."

Versão utilizada: publicação em **Documenta Indica**, vol. 10: 1575-1577. (MHSI, vol. 98.) Roma: 1968, pp. 450-496.

P. 470.

"41. Ajuntadas pues todas estas personas com el P.^e Visitador y el P.^e Provincial, y otros muchos Padres y Hermanos que fueron de Goa en una fortaleza del Rey de aquellas tierras, llamada Rachor, donde tienen los nuestros casa y residencia, 2^o domingo después de la Epyphania, que fue a 15 de Enero, a siete horas de la mañana començaron a venir los nuevos christianos ordenados en tres processiones, y assi era necessario porque, como venían de diversas partes y residencias, no podian venir juntos. Los 1^{os} que legaran fueron los de Verná, que eran ciento u sessienta; viníam acompañados de otros christianos de su aldea con fiesta y músicas de atambores y trompetas y otros instrumentos a uso de la tierra."

Car.AValig, 1576

Anotações para uma carta do Padre Visitador A. Valignani ao Padre Geral. Chorão, 3 de novembro de 1576.

Fonte: original na Biblioteca Nacional Vittorio Emanuele (Roma), mss. Gesuitici 1255, no 16, ff. 273-288v.

Título na publicação: "P. A. Valignani S.J. Vis.; adnotationes ad epistolas PP. Generalium. Chorão 3 Novembris 1576."

Versão utilizada: publicação em **Documenta Indica**, vol. 5: 1561-1563. (MHSI, vol. 83). Roma: 1958, pp. 586-648.

P. 622.

"94. El canto se haze siempre por forasteros, aunque aquí em Goa lo hazen los niños, que son muchas veses de los externos ayudados, y aquí em Goa es fácil de sustentarlo..."

An.India, 1577

Ânua da Província da Índia de 1577. S/a. S/I [Goa, novembro de] 1577.

Fonte: original no Arquivo da Torre do Tombo (Lisboa), Armário Jesuítico 28, ff. 32v-42.

Título original: "Litterae annuae Provinciae Indicae Sociis Lusitanis Missae."

Versão utilizada: publicação em **Documenta Indica**, vol. 10: 1575-1577. (MHSI, vol. 98.) Roma: 1968, pp. 938-959.

P. 955.

"Da Costa de Travancor, de 1577."

P. 956.

"... Indo daqui os padres a celebrar a festa de Mampolim, que hé da Nossa Senhora da Assumpção, depois da festa acabada com toda a musica de canto d'orgão, danças e folias, e todos os mais instrumentos musicos da terra..."

P. 957.

"36. Em todas as mais igrejas da Costa, que serão por todas até vinte e sinco, se celebrão as festas dos oragos com grande solenidade, e mostrão os christãos grande fervor andando em competencias huns com os outros sobre se festejarem bem. E assi em huma igreja da dita Costa, celebrando-se a festa do Spirito Santo [2 de junho de 1577], se aparelharão os christãos pera a celebrar com grandes festas, com todos os instrumentos musicos da terra..."

Car.FrPas, 1578

Carta do Padre Francesco Pasio ao Irmão Laurentio Pasio. S/l, 30 de novembro de 1578.

Fonte: original no ARSI, Goa 12 II, ff. 465-472v.

Título original: "P. Franciscus Pasio. Fr. Laurentio Pasio."

Assinatura: "Il giorno de Santo Andrea 1578. Servo em Christo, Francesco Pasio."

Versão utilizada: publicação em **Documenta Indica**, vol. 9: 1577-1580. (MHSI, vol. 103.) Roma: 1970, pp. 358-359.

Pp. 358-359.

"39. Et si celebra l'oficio divino in questa chiesa [de Goa] con tanta sollenità e perfectione quanta possa essere; impercioché per fare scordare alli gentili le cerimoni e coro et fare che piglino grande concetto et afetione alla nostra religione christiana et al culto divino fanno li Padri l'oficio molto solennemente, cantando messa nelle feste principali con diacono e subdiacono, et vespero com cinque Padre con piviali, et tengono molto buona musica de or-

P. 359

fanelli e catechumini, quali se mantengono in una parte di questo collegio e saranno poco meno di cento, e sonano organo e altri instromenti della terra..."

III - A COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL

3.1 Cartas

Car.MaNob.1, 1549

Carta do Padre Manoel da Nóbrega ao Padre Simão Rodrigues. Bahia, [abril] de 1549.

Fonte: original na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1-5, 2, 38, ff. 1-2.

Título original: "Carta que ho Padre Manuel da Nóbrega propositio provincial da Companhia de Jesu no Brasil escreveo ao P. Mestre Simão ho anno de 1549." Com outra letra, no final: "No mez de Abril".

Publicações:

- 1. Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 108-115. Na p. 108 encontram-se listadas as publicações deste documento.
- 2.** Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 18, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

Pp. 111-112.

"Desta maneira ir-lhe-ey insinuando as orações e doctrinando-os [os índios da terra] na fé até serem habiles para o baptismo. Todos estes que tratam comnosco, dizem que querem ser como nós, senão que nom tem com que se cubrão como nós, e este soo inconveniente tem. Se ouvem tanger à missa, já acodem, e quando nos vem fazer, tudo fazem: assentão-se de gíolhos, batem nos peitos, alevantão as mãos ao ceo; e já hum dos principaes delles aprende a ler e toma lição cada dia com grande cuidado, e em dous dias soube o A B C todo, e ho insinamos a benzer, tomando tudo com grandes desejos. Diz que quer ser christão e nom comer carne humana, nem ter mais de numa molher e outras cousas; soamente que há-de ir à guerra e os que cativar vendê-los e servir-se delles, porque estes desta terra sempre tem guerra com outros e asi andão todos em discórdia. Comem-se huns aos outros, digo hos contrários.

"Hé gente que nenhum conhecimento tem de Deus, nem ídolos, fazem tudo quanto lhe dizem. Trabalhamos

P. 112

de saber a língua delles e nisto o P.^e Navarro nos leva vantagem a todos. Temos determinado ir viver com as Aldeas como estivermos mais assentados e seguros, e aprender com elles a lingoa e i-los doctrinando pouco a pouco. Trabalhey por tirar em sua lingoa as orações e algumas pratic[as de] N. Senhor, e nom posso achar lingoa que mo saiba dizer, porque sam elles tam brutos que [nem vocabulos tem]."

Car.MaNob.2, 1549

Carta do Padre Manoel da Nóbrega ao Padre Simão Rodrigues. Bahia, 9 de agosto de 1549.

Fonte: original na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1-5, 2, 38, ff. 3-5.

Título original: "Carta que ho Padre Manuel da Nóbrega, preposito provincial da Companhia de Jesu em as terras do Brasil, escreveo ao P.e Mestre Simão, preposito provincial da dita Companhia em Portugal ho anno de 1549."

Publicações:

1. **Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 118-132. Nas pp. 118-119 encontram-se listadas as publicações deste documento.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 19, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

Pp. 128-129.

"Agora pouco há vierão aqui a consultar-me algumas duvidas, e estiverão aqui por dia do Anjo [21 de julho de 1549], onde

P. 129

baptizamos muitos [índios]. Tevemos missa cantada com diacono e subdiacono: eu disse missa, e o P.^e Navarro a epistola, outro o evangelho, Leonardo Nunez e outro clerigo com leigos de boas vozes região o coro. Fizemos precissão com grande musica, a que respondião as trombetas. Ficarão os Indios spantados de tal maneira, que depois pedião ao P.^e Navarro que lhes cantasse asi como na precissão fazia. Outra precissão se fez dia de Corpus Christi [20 de junho de 1549] muy solemne, em que jugou toda a artelharia que estava na cerca, as ruas muito enrramadas, ouve danças e invenções à maneira de Portugal."

Car.MaNob.3, 1550

Carta do Padre Manoel da Nóbrega ao Padre Simão Rodrigues. Porto Seguro, 6 de janeiro de 1550.

Fonte: original não localizado. Tradução italiana na Biblioteca Apostólica Vaticana, Ottoboni lat. 797, ff. 74-77v.

Título original: "De Porto Sicuro nel Brasil. Manuel de Nobrega a 6 de Genaro 1550"

Publicações:

- 1. Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 155-170. Na p. 155 encontram-se listadas as publicações deste documento.
- 2.** Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 23, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

P. 159

"Nella lingua di questo paese siamo alcuni di noi molto rudi, ma il P. Navarro ha speciale grazia da Nostro Signore in questa parte, perchè andando per questi castelli delli negri in puochi giorni che ci sta s'intende con loro et predica nella medesima lingua, et finalmente in ogni cosa pare che N. Signore li presti favore et grazia per poter più aiutare le anime. Il venerdi, quando facciamo la disciplina insieme con molti della terra, che doppo la predica, fatta sopra la Passione de Christo, fanno il medesimo, anche lui ci viene; li altri giorni visita hor un luogo hor un'altro fuori della Città. Fa etiam a la notte cantare a li putti certe orationi che li ha insegnato nella loro lingua, dandoli esso il tuono, et queste in loco di certe canzone lascive etaboliche che usavano prima."

Car.PeDom.1, 1550

Carta do Padre Pero Doménech aos Padres e Irmãos de Coimbra.

Lisboa, 27 de janeiro de 1550.

Fonte: original na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, CVII / 2-1, ff. 152v-153v.

Título original: "Carta que o Abade Pero Domenecque escreveo de Lisboa aos Irmãos da Companhia de Jesus do Collegio de Coimbra aos 27 de Janeiro de 1550"

Publicações:

- 1. Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 170-174. Na p. 170 encontram-se listadas as publicações deste documento.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 25-26, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

Observação: o Padre Doménech foi fundador do Colégio dos Órfãos em Lisboa, e jamais esteve no Brasil. Esta carta descreve a partida dos órfãos de seu Colégio para o Brasil.

Pp. 172-174.

"Vespora dos Reis [5 de janeiro de 1550] depois de jantar com grandes fervores e postos de gíolhos diante de huma imagem de Nossa Senhora [quatro dos "meninos órfãos que forão ao Brasil com os Padres e Irmãos nossos"] tomarão sua cruz alevantada e abraçando alguns irmãos pequenos e enfermos que em casa ficavão, pedindo-se perdão huns aos outros com muitas lagrimas se despedião delles. E acompanhados de todos os outros irmãos órfãos andaram em procissão cantando uma cantiga que diz:

Gran Senhor nos há nacido
humano e mais divino.

Todas as ruas e janelas [de Lisboa] que estavam cheas de gente huns choravão, outros alevantarão as mãos aos ceos dando louvores ao Senhor, outros os benzião, outros saião com esmolos pollas ruas, outros andavão carregados às costas do seu fatinho, outros corrião pera os ver chamando-lhes bem-aventurados. Era tanto fougo por onde elles passavão, que me acendia o rosto como se estivera numa estufa. Ora que faria a outros que tem outros espíritos mais limpos e mais enlevados no amor do Senhor! E assim passando polla Rua Nova e polla metade da cidade, forão a pé até Betlem acompanhados de muitos devotos; et ne deficerent in via, quis a Providencia divina que certos

devotos nos esperassem na metade do caminho com refresco de muito pão e muyta fruyta.

"Chegados a Betlem e postos de giolhos diante do Santíssimo Sacramento [no Mosteiro de Santa Maria de Belém (Jerônimos)], fizeram oração e, esperando pollo batel, cantarão a Salve Rainha e humas prosas a Nossa Senhora onde estavam muita gente e muytos frades, que ficarão muy edificados; e cantando humas cantigas de N. Senhora se alevantarão pera se embarcar acompanhados de muytos homens e molheres. Chegado o batel pera se embarcar, vierão-se todos pera

P. 173

mim pecador e, prostrando-se com muyta humildade e lagrimas, pedindo-me perdão e a benção, confesso minha fraqueza que por muyto que dissimulasse non potui continere lacrymas, e abraçando-os cum osculo pacis et elevatis oculis in coelum, lhes dei a benção que aquelle nosso Padre eterno despensa com suas creaturas per mãos de seus ministros. Então abraçavão-se huns aos outros com muytas lagrimas e choros dizendo: "Irmãos meus, ficai muito embora". Outros dizião: "O irmão meu, como nos deixais?". Era tanto o choro que grandes e pequeninos, moços e velhos que ali estavam todos choravão. Então hum delles, que se chamava Francisco Carneiro, saltou no batel e arrinado à borda delle tomou a cruz na mão e, alevantada no ar com fervor, começou a cantar a alta voz:

Os mandamentos de Deus
que a vemos de guardar
dados pelo Rey dos ceos
pera todos nos salvar.

"Andava tam fervente que parecia daqueles que vão a receber martyrio. Emtão todos o seguirão, e eles chorando no mar e nós na terra, fazendo longum vale, se partirão sem partir-se nossos olhos deles até que chegarão ao galeão. Os nossos mininos que quá ficavão sentirão tanto a partida dos seus caríssimos irmãos que os não podíamos aquietar, que hera já perto da cidade e ainda alguns deles choravão. O dia despois dos Reis hà tarde [7 de janeiro de 1550], os Padres da Companhia e Irmãos nossos vistirão suas sobrepelices e hum deles hum capa e os meninos com sua cruz alevan-

P. 174

tada e hum retabolo de Nossa Senhora [que] levavão no ar, cantando a Salve Regina dederunt vela ventis. E assi no nome de Nosso Senhor Jesu Christo se partirão. Por amor de Nosso Senhor, Irmãos meus charíssimos, que os encomendamos a Nosso Senhor que o mesmo fazemos quá nós outros."

Car.JuAzp.1, 1550

Carta do Padre Juan de Azpicuelta Navarro aos Padres e Irmãos de Coimbra. Bahia, 28 de março de 1550.

Fonte: Autógrafo em espanhol no ARSI, Bras 3 I, ff. 27-30.

Publicações:

1. **Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 177-187. Na p. 177 encontram-se listadas as publicações deste documento.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 27, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

P. 280.

"Estes ["ciertos indios gentiles"] já no hazen lo que les sus hechizeros, mas como se allan dolientes llaman a nos por que les rezemos las palabras de Dios. Agora acabaremos una iglesia junto dellos, en donde les tengo tirada la creación del mundo y encarnación de Jesú Christo, de manera que les quede declarados los articulos de la fé; los mandamientos y otras oraciones, tengo tambien tiradas, las quales siempre les insiño así en la nuestra lengua [português] como en la suia [tupi], y el Pater Noster tire en modo de sus cantares para que más presto aprendiessen y gustasen, principalmente para los mochachos, a los quales enseno que las digan sobre los dolientes las dichas oraciones, mediante las quales se allan mejor."

Car.LeNun, 1550

Carta do Padre Leonardo Nunes. São Vicente, 24 de agosto de 1550.

Fonte: original não localizado. Cópia na Biblioteca Nacional, cod. LXXVII, 6-22.

Título original: "Outra do padre Leonardo Nunes do porto de São Vicente do anno de 1550."

Publicações:

1. Cartas Avulsas, pp. 83-89.

2. Revista do IHGB, n. 4, p. 224.

3. Em tradução italiana nos **Diversi Avisi Particolari dall'Indie di Portogallo...** Veneza: 1559, pp. 55-60.

Versão utilizada: publicação em **Cartas Avulsas**.

P. 86.

"Neste tempo os Indios não nos davam espaço nenhum, seguindo-nos e accomettendo-nos por todas as partes, e certo que pareciam diabos; todos andavam nús, como elles todos costumam, delles tintos de negro, outros de vermelho, outros cheios de pennas, e não cessavam de atirar frechadas, com grande grita, e outros tangiam nos busios, com que fazem alarde em suas guerras que parecia o mesmo Inferno e assi nos perseguiram passante de tres horas, de maneira que, si foram contrairos e nos seguiram um pouco mais, nem um de nós escapara de que não fizeram seu manjar."

Car.PeCor.1, 1551

Carta do Irmão Pero Correia para os Irmãos que estavam na África.
São Vicente, [20 de junho] de 1551.

Fonte: original não localizado. Tradução em espanhol no ARSI, Bras 3 I, ff. 25v-26v, com a data de 20 de junho de 1551.

Publicações:

1. **Cartas Avulsas**, pp. 123-125, em português. Segundo a publicação: "copiada no livro de registro 'Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil, desde o anno de 1549 até ao de 1586' cit. f. 18."
2. **Diversi Avisi Particolari**, pp. 141-143, em tradução para o italiano.
3. **Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 223-229, a partir da cópia do ARSI. Na p. 224 encontram-se listadas as publicações deste documento.
4. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 28, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: publicação em **Cartas Avulsas**.

Pp. 123-124.

".. Estes [os índios] fazem umas cabaças a maneira de cabeças, com cabellos, olhos, narizes e bocca com muitas pennas de côres que lhes apegam com cera compostas á maneira de lavores e dizem que aquelle santo que tem virtude para lhes poder

p. 124

valer e diligenciar em tudo, e dizem que falla, e á honra disto inventam muitos cantares que cantam diante delle, bebendo muito vinho de dia e de noite, fazendo harmonias diabolicas, e já aconteceu que andando nestas suas santidades (que assim a chamam elles) foram duas linguas, as melhores desta terra, lá e mandaram-nas matar."

Car.AnPir, 1551

Carta do Padre Antônio Pires aos Irmãos da Companhia. Pernambuco, 2 de agosto de 1551.

Fonte: original não localizado.

Publicações:

1. **Cartas Avulsas**, pp. 101-110. Segundo a publicação: "copiado no livro de registro 'Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil', cit. fl. 7."
2. **Diversi Avisi Particolari**, pp. 42-48, em tradução para o italiano.
3. **Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 250-264. Na p. 251 encontram-se listadas as publicações deste documento.
4. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 31, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.
5. **Revista do IHGB**, n. 6, pp. 95-103, em português.

Versão utilizada: publicação em **Cartas Avulsas**.

P. 106.

"Já começam os filhos dos Gentios a fugir de seus paes, e vir-se para nós, e por mais que lhes fazem não os podem apartar da conversação dos outros meninos; e é tanto, que á nossa partida da Bahia chegou um escalavrado e sem comer todo um dia, fugindo do seu pae para nós. Cantam todos uma missa cada dia, e occupam-se com outras coisas semelhantes. Agora se ordenam cantares em esta lingua, os quaes cantam os Mamalucos polas aldêas com os outros, e já tiveramos a casa cheia, si os pudermos sustentar e tiveramos onde os aposentar."

Car.VicRod.1, [1552]

Carta do Irmão Vicente Rodrigues. S/l, s/d [1552].

Fonte: original não localizado. Tradução em espanhol no ARSI, Bras 3 I, ff. 56v-57v, com emendas do Padre João de Polanco.

1. **Cartas Avulsas**, pp. 142-145, em português. Segundo a publicação:
"copiada no livro de registro 'Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil, desde o anno de 1549 até ao de 1586', cit. fl. 24v."
2. **Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 315-321, a partir da cópia do ARSI. Na p. 310 encontram-se listadas as publicações deste documento.
3. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 33, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.
4. **Diversi Avisi Particolari**, pp. 156-159, em tradução para o italiano.

Versão utilizada: publicação em **Cartas Avulsas**.

P. 143.

"Um Principal de nome Tacoy (o qual por ter duas mulheres o não quizemos fazer christão), um dia veio com grande vontade a pedir o bautismo, e bautizado d'ahi a poucos dias adoeceu á morte, e sendo doutrinado e aparelhado para morrer christão, levantou-se na rêde e pediu a uma sua irmã sua roupa, e disse: *O irmã Não vês tantos cantares quantos vêm do Ceo para me levar?* e levantadas as mãos expirou."

P. 144.

"Andavam os meninos orphãos que mandaram do Reino e estão neste collegio polas aldêas, pregando e cantando cantigas de Nosso Senhor na lingua da terra declaradas."

P. 145.

"Em uma aldeia de um grande mais grave Principal de todos os da terra se poz uma cruz, a qual puzeram os Padres em procissão, cantando com os meninos as ladainhas e toda a aldeia um a um iam a beijal-a e adora-la. E depois, estando assi todos juntos, lhes pregou um menino dextro nisso, declarando-lhes o mysterio da cruz, na qual pregação deu Nosso Senhor fervor e lagrimas ao Principal, de maneira que se poz a chorar e deu um seu filho aos Padres."

Car.DiJac, 1552

Carta do Irmão Diogo Jácome para os Padres e Irmãos do Colégio de Coimbra. S/I [São Vicente], 1552.

Fonte: cópia na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1-5, 2, 38, ff. 196v-199, a partir de original não localizado.

Publicações:

1. **Cartas Avulsas**, pp. 127-132. Segundo a publicação: "copiada no livro de registro 'Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil, desde o anno de 1549 até ao de 1586', cit. fl. 196.
2. **Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 238-247, com a data de junho de 1551. Na p. 239 encontram-se listadas as publicações deste documento.
3. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 29, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.
4. Parcialmente em **Diversi Avisi Particolari**, pp. 143-145, em tradução para o italiano.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA e publicação em **Cartas Avulsas**.

Observação: percebe-se como a vírgula colocada entre as palavras "canto" e "de órgão" na versão em **Cartas Avulsas** leva a um erro de interpretação.

Transcrição em CASTAGNA:

P. 242.

"E sem ventura, ainda que certo, meus Irmãos, grandíssima lastima poem, po[n]derando ho mal como hé, porque vireis e vê-lo-eis que cousa pode ser, entrar em numa povoação de índios e ver quatrocentas almas ou mais por caminho de perdição, tam fora de saberem de quantos annos são, nem se an-de morrer, nem depois de mortos onde an-de ir, que nenhuma paixam nelles entra. Seus prazeres são como an-de ir a gerra, como an-de beber num dia e numa noute, sempre beber e cantar e bailar, sempre em pee correndo toda a Aldea, e como an-de matar os contrarios e fazer cousa nova pera a matança;"

P. 246

"Quanto ao demais de que vos desejo fazer sabedores pera louvor de N. Senhor, hé da nossa igreja, que já está a cerca acabada, e da primeira missa que nella se disse, que foi dia da mesma vocação que foi dia de Jesu [1º de janeiro de 1551], a qual foy com toda a muziqua de canto d'orgão e frautas, como se lá [em Coimbra] podera fazer."

Publicação em Cartas Avulsas:

P. 129

"... nenhuma paixão nelles entra [nos índios], seus prazeres são como hão de ir á guerra, como hão de beber um dia e uma noite, sempre beber e cantar e bailar, sempre em pé correndo toda a aldeia, e como hão de matar os contrairos e fazer cousa nova pera a matança..."

P. 132.

"... vos desejo fazer sabedores pela louvor de Nosso Senhor e da nossa igreja que já está a cêrca acabada e `da primeira missa que se nella disse que foi dia da mesma vocação que foi dia de Jesu, a qual foi com toda a musica de canto, de órgão e frautas, como se lá pudera fazer."

Car.VicRod.2, 1552

Carta do Irmão Vicente Rodrigues. Bahia de Todos os Santos, 17 de março de 1552.

Fonte: original não localizado. Tradução em espanhol no ARSI, Bras 3 I, ff. 55v-56v.

Publicações:

1. **Cartas Avulsas**, pp. 134-140. Segundo a publicação: "copiada no livro de registro 'Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil, desde o anno de 1549 até ao de 1586', cit. fl. 21.
2. **Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 305-314, com a data de 17 de maio de 1552, a partir da cópia do ARSI. Na p. 306 encontram-se listadas as publicações deste documento.
3. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 32, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.
4. Parcialmente em **Diversi Avisi Particolari**, pp. 154-156, em tradução para o italiano.

Versão utilizada: publicação em **Cartas Avulsas**.

P. 137.

"... E recolhendo-se elles, tornaram a perseguir-nos e sendo já duas horas ante-manhã determinarmos desenterrar o morto para nos aquietar, como fizemos muito secretamente, de noite, e o levamos a enterrar junto da cidade, sem ninguem o saber; o que foi muito, porque toda a noite beberam seus vinhos, cantando e bailando, e naquelle passo adormeceram que nem cachorro bradou, ..."

P. 138.

"...D'ali a alguns dias falleceu [Bastião Telles] e deixou-nos um filho seu por nome Mathias para o ensinar e termos connosco. Finalmente ordenamos que viessem os brancos com tumba e procissão dos meninos e muita gente e o enterramos na ermida com missa cantada de defunctos ... "

Car.VicRod.3, [1552]

Carta [por comissão do Governador do Brasil Tomé de Souza ao Padre Simão Rodrigues]. Irmão Vicente Rodrigues. S/l, s/d [Bahia, maio de 1552].

Fonte: original não localizado. Tradução em espanhol no ARSI, Bras 3 I, ff. 56v-57v.

Publicações:

- 1. Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 315-321. Na p. 310 encontram-se listadas as publicações deste documento.
- 2.** Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 33, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

Pp. 317-318.

"Muchos enfermos recibieron salud por oración de los Padres [em algumas 'destas três u quatro Aldeas', as primeiras da Bahia], de los quales no se puede contar, principalmente dos moços; y quando se baptizavan una summa del gentil, la noche siguiente dixo uno dellos que se aliara en la gloria; cantando por su arte decía muchas cosas que viera de nuestra fé, y no se hartava en las contar.

"Hun Principal por nombre Tacoí, el qual por tener dos mugeres no lo quisieron hazer christiano, un día vino con grande deseo a pedir el baptismo, y baptizado, de aí a

P. 318

pocos días caió en una enfermedad mortal. Y estando instruído y preparado para morir christiano, alevantóse en la red y pidió a su hermana su ropa, y díxole: 'O hermana, ¿no vees tantos cantares quantos vienen del cielo para me llevar?' Alevantadas las manos ai cielo dió el espíritu al Señor. [...]"

P. 320.

"En una Aldea ['destas três u quatro'] de un grande y más grave de los Principales de la tierra se puso una cruz, la qual pusieron los Padres en una procissão cantando con los ninnos las letanías, y toda la Aldea uno y uno ía a besarla y adorarla."

Car.MaNob.4, 1552

Carta do Padre Manoel da Nóbrega ao Padre Simão Rodrigues. Bahia, 10 de junho de 1552.

Fonte: apógrafo incompleto em português, de original perdido, na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, CXVI / 1-33, ff. 189-191v.

Publicações:

- 1. Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 348-357. Na p. 348 encontram-se listadas as publicações deste documento.
- 2.** Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 36, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

P. 350.

"Este Collegio dos Meninos de Jesu vai em muito crescimento e fazem muito fructo, porque andão pellas Aldeas com pregações e cantigas de Nosso Senhor polla lingua que muito alvoraça a todos, do que largamente se escreverá por outra via."

P. 353.

"Eu tinha dous meninos da terra pera mandar a V. R., os quais serão muito pera a Companhia. Sabem bem ler e escrever e cantar e são quá pregadores, e não há quá mais que aprender; e mandava-os pera aprenderem lá virtudes hum anno e algum pouco de latim, pera se ordenarem como tiverem idade e folgara El-Rei muito de os ver serem primitias desta terra."

Car.PeSar.1, 1552

Carta do Bispo D. Pedro Fernandes Sardinha ao Padre Simão Rodrigues. S/l, s/d [Bahia, julho de 1552].

Fonte: original perdido. Tradução para o espanhol no ARSI, Bras 3 I, ff 102-102v. Depois do texto há esta explicação [f. 103v]: "Esta carta mando el Obispo del Brasil al P.^e Maestro Simón no se sabe quando [entrelinha doutra letra: 'la mandó l'an. 1552 poco da poi che l'istesso Vescovo era arrivato al Brasile'], porque no fué dada. Después sabiendo el Obispo que Maestro Symón no tenía el cargo y era ydo de Portugal parecióle que no era, porque venía en el sobrescripto que Maestro Symón solo la liesse, y escribió otra al Padre Rector del colegio de San Antón de aquí de Lisboa en que sumariamente cuenta algunas cosas de la carta, y después [as duas últimas palavras repetidas, mas riscadas] allando un treslado, que allá le avia quedado della, la tresladó de su mano y lá enbió sin poner los dias, y este es el treslado della."

Publicações:

- 1. Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 357-367. Na p. 357 encontram-se listadas as publicações deste documento.
- 2.** Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 36, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

Pp. 358-360.

"Yo queriendo en el alguna manera de procurar hazer el officio de buen pastor, amonesté, en el primir sermón que hize luego como llegé a esta cuesta, que ningún hombre blanco uzase de las costumbres gentílicas, porque, ultra que ellas son provocativas a mal, son tan disonantes de la razón, que no sé cuáles son las orejas que pueden oyr tales sonos y rústico tañer.

P. 359.

"Los ninos huérfanos antes que yo viniesse tenían costumbre de cantar todo los domingos y fiestas cantares de nuestra Señora al tono gentílico, y tañeren ciertos instrumentos que estes bárbaros tañen y cantan quando quieren beber sus vinos y matar sus inimigos. Platicé sobre esto com el Padre Nobrega y com algunas personas que sabem la condición y manera destos gentiles, em especial com el que lleva ésta, que se llama Pablo Díaz, y allé que estos gentiles se alaban que ellos son los buenos, pues los Padres y ninos tañian sus instrumentos y cantavan a su modo. Digo que Padres tañian, porque en la compañía de los niños venía hun Padre sacerdote, Salvador Rodriguez; tañia,

dançava y saltava com ellos. Y tanto por esto ser en favor de la gentilidad, y com poco fruto de la fee y conversán, y com menos reputación de la Compañia, como también por inventor desto ser un Gaspar Barbosa, el qual en la ciudad de Lixbona huyó del cárcel y se acogió a la See, y de allí em la mitad dei día se descyó por una sogá, y vino después degra[da]do acáa para siempre; y por no dexar de usar aún aqua de sus costumbres malas, le mando el Governador venir a esta ciudad preso, y salió la sentencia que no saliesse más desta ciudad. Después de andar aquí se metió velut lupus in vestimenta ovium con los vuestros Padres, más zelos[os] de la virtud que esprimentados en la malicia, para le averem licentia de[l] Governador, como realmente ovieron, para se tomar. Este es el que

P. 360

inventó esta curiosa y suprestiosa gentilidad, y él mismo cantava y tañia por las calles con los niños y Padres. La qual cosa defendí para quitar gentilidad que tan mal parecia a todos."

P. 365.

"Y com esto acabo lembrando a V. R. que cerca de la confessión por intérprete y de las otras cerimonias de los gentiles vaa mucho vellas aquí y escrevellas y estallas allá desputando, porque es esta gente tam afeccionada a sus costumbres que no quiero más para dizir que quanto le predicamos es nada por ver que gustamos de sus cantares, tañeres gentiles."

Car.MaNob.5, 1552

Carta do Padre Manoel da Nóbrega ao Padre Simão Rodrigues. S/l, s/d [Bahia, fins de julho de 1552].

Fonte: apógrafo em português, de original perdido, no ARSI, Bras 15 I, ff. 62-63.

Publicações:

- 1. Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 367-375. Na p. 368 encontram-se listadas as publicações deste documento.
- 2.** Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 39, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

P. 372.

"Os padres que o Bispo [D. Pedro Fernandes Sardinha] trouxe nom edificarão nada este povo, porque cá fazião-lhe tudo de graça e agora vêm outro medo de proceder. O vigairo desta cidade [Manuel Lourenço], que agora hé chantre, mandou-o prender o Bispo por uma paixão, porém soltou-se logo."

P. 373.

"Os mininos desta casa acostumavão cantar pelo mesmo toom dos Indios, e com seus instrumetos, cantigas na lingua em louvor de N. Senhor, com que se muyto athraião os corações dos índios, e asi alguns mininos da terra trazião o cabelo cortado à maneira dos índios, que tem muyto pouca differença do nosso costume, e fazião tudo para a todos ganharem. Estranhou-o muyto o Bispo e na primeira pregação falou nos costumes dos gentios muyto largo, por donde todo o auditório o tomou por isso. E foy assi, porque a mym o reprehendeo muy asperamente, nem aproveitou escusar-me que nom erão ritos nem costumes dedicados a ídolos, nem que prejudicassem a fee catholica. Obedeci-lhe e asi o farey em tudo, porque por menos mal tenho deixarem-se de salvar gentios que sermos ambos divisos.

"Este negocio dos mininos e sua confraria favorece-o muito mal e soltou palavras por donde se ficou entendendo nom levar disso muyto gosto. São eu tam mão, que sospeito que nom há por bem feyto senão o que elle ordena e faz, e todo o mais despreza."

Car.DiTup, 1552

Carta do menino Diego Tupinambá Peribira Mongetá Quatiá [escrita pelo Padre Francisco Pires] ao Padre Pedro Doménech, em Lisboa.

Bahia, 5 de agosto de 1552.

Fonte: original não localizado. Tradução em espanhol no ARSI, Bras 3 I, ff. 64-67v, à qual o Padre Doménech juntou algumas palavras para o Padre Geral.

Título original: "Treslado de una carta del Brasil que escriven a Pedro Domenec sobre las cosas que Nuestro Señor obra por los ninos de la doctrina en aquellos gentiles". Letra do Padre Doménech. Outra letra: "1552 5 Augusti".
Assinatura: "De vuestros hermanos [provável singular no original] / Diego Topinambá Peribira Mongetá Quatiá."

Publicações:

- 1. Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 375-389. Na p. 375 encontram-se listadas as publicações deste documento.
- 2.** Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 40-42, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

Observações: Leite informa nas pp. 389-390, nota 41: "Esta cláusula requer alguns esclarecimentos: a) De vossos irmãos: Talvez o original estivesse no singular, e o tradutor ou copista o transpusesse para o plural, contando vários signatários, como aparentemente se apresentam a quem quer que desconheça a língua brasílica (tupi); b) Diogo: O facto de haver um só nome cristão, junto com a significação das palavras tupis, sugere que talvez se trate de um só menino com nome composto pelo P. Francisco Pires, autor da carta, que fazia diligência por aprender, o tupi sem nunca chegar a saber bem. Nome composto dos seguintes elementos: de batismo (Diogo), de tribo (Tupinambá), de família (Peribira), de escola (Mongetá Quatiá: ler, que lê e escreve); c) Mongetá: 'Aimõguetá, falar a alguém'; ler o escrito. [Leonardo do Vale] - **Vocabulário na língua brasílica**. Coordenado e prefaciado por Plínio Ayrosa. São Paulo, 1938. I, [1953], 133; II, 20.; d) Quatiá: 'Escritura, pintura, dibuxo, papel, carta, libro'; 'aiquatiá, escrever'; 'quaitá mongetá', leer. Antonio Ruiz de Montoya - **Vocabulário y Tesoro de la lengua Guarani o más bien Tupi**. Viena de Áustria, 1676, 262, 323v".

P. 378.

"La cruz fué siempre levantada [por la tierra adentro] y los niños delante, de dos en dos o de tres en tres, predicando, unos delante de los otros por un espacio, a grandes voces, predicando a Christo ser el verdadero Dios que hizo los cielos y la tierra y todas las cosas para nosotros, para que le conociésemos y serviésemos, y nosotros a quienes El hizo de la tierra y dió

todo, no lo queremos conocer ni creer, obediendo a sus hechizeros y malas costumbres, y que de allí adelante no tendrían excusa, pues Dios les imbiava la verdadera santidad, que es la cruz y aquellas palabras y cantares."

P. 379.

"En algunas casas de las Aldeas [indígenas], porque no fuésemos a ellas, hazían fuego y quemavan sal y pimienta, porque con la fortaleza y edor no passássemos; e nosotros con todo visitávamos las casas todas con la cruz levantada. Y nosotros entrando ibamos con cantares de nuestro Señor, de manera que todo les era para consolación, porque les dezíamos la verdad, y que todo que ilevávamos era vida y que los ruines eran los que murían porque no querían las cosas de Dios.

"Quanto a la romería de las pissadas [Pegadas de Sao Tomé], de la Aldea donde posamos es un tiro de ballesta. Lo más de la noche tuvimos grandes cumplimientos con el Principal que estava al presente. Nos dixeron que morássemos

P. 380

allí y que nosotros, que sabíamos, los enseñáramos y ellos nos harían una casa en las pissadas del bienaventurado Santo. Con los quales de mañana partimos, después de plática y predicaciones por las casas e cantares, para las pissadas, con la letanía nuestra compañera, y ellos todos con ora pro nobis."

Pp. 382-385.

"Pusimos una cruz [durante `otra peregrinación la semana de Lázaro (1º de abril de 1552) de ocho leguas donde llaman el Grillo', a 8 léguas da Bahia, próximo do Rio Matoim] y dixímosle lo que era, y fué luego como se lo dixieron, y con los suyos hizieron un camino donde la pusimos. Para llevarla hizimos una processión con girnaldas en la cabeca, con los negros [i.e.; indios] diziendo ora pro nobis. [...]

P. 383.

"En esta Aldea [do `Grillo', entre 1º e 17 de abril de 1552] uvo muchas fiestas donde los niños cantaron y holgaron mucho, y de noche se levantaron al modo de ellos y cantaron y tañeron con tacuaras, que son unas cañas grossas con que dan en el suelo y con el son que hazen cantan, y con maracás, que son de unas frutas unos cascós como cocos y agüerados con unos palos por donde dan y pedrezuelas dentro con lo qual tañen. Y luego los niños cantando, de noche (como es costumbre de los negros), se levantavan de sus redes e andavan espantados en pos de nosotros. Parézeme, según ellos son amigos de cossas músicas, que nosotros tañendo y cantando entre ellos los ganaríamos, pues diferencia ay de lo que ellos hazen a lo que nosotros hazemos y haríamos si V. R.^a nos hiziesse proveer de algunos instrumentos para que acá tañamos (imbiando algunos niños que sepan tañer), como son flautas, y gaitas, y nésperas, y unas vergas de yerro con unas argollicas dentro, las quales tañen da[n]do con un yerro en la verga; y un par de panderos y sonajas. Si

P. 384

viniesse algún tamborilero y gaitero acá, parézeme que no havría Principal que no dicesse sus hijos para que los enseñassen.

"Y junto con esto, como el P.^e Nóbrega determina yr lejos por la tierra adentro, yrian seguros con esto, porque los negros a sus contrarios (a los quales quieren muy mal, tanto que se comen unos a otros) los dexan entrar en sus tierras y casas, si les traen tañeres y cantares, y assi los nombran santidades y les dan quanto tienen porque les dizen muchas cosas falsas y mentiras que el demonio, su padre, les enseña. Pues si esto que los negros saben que son mentiras y engaños, y assi lo confiessan, los atrae, ¿qué harán si con música, que nunca oyeron, les predicáremos la verdad del mismo Dios exercitada en nuestras almas? ¿Quien tendrá duda sino que tremerán los demonios y sus poderíos como nublados ante el sol? Esto dize el Padre Nóbrega y tengo lo por muy cierto, porque los niños tienen muchos sermones estudiados y tañen e cantan al modo dellos, lo qual huelgan de oyr. Y quando los niños van cantando y tañendo por sus Aldeas, vienen los viejos (que suelen aver miedo de nosotros y esconden sus hijos) a bailar sin descansar, y assimismo las viejas, por cujo consejo se rigen así viejos como mocos; y los niños andan tras nosotros y esperando quando emos de tañer o cantar, rogándonos que los enseñemos, y diziéndonos algunos que quieren venir con nosotros. Así lo desean, mas no osan del todo fiar por los engaños y males que hast'aquí recibieron de los christianos passados, lo qual agora nuestro Señor les abre los ojos y confiessan nuestra verdad muchos dellos y conocen sus engaños.

"Para lo qual hemos menester se muchos y ayudados de muchos Padres y niños que canten, acompañados de virtud para que pueden enseñar a los otros, trayendo consigo las cosas que les hemos pidido y encommendado, y muchas campanas para quando se repartieren por las Aldeas con que llamen a la doctrina, de lo que acá tenemos mucha falta, porque los Padres y los niños son repartidos por las Capitanías, y an menester muchas campanillas quando fueren por las Aldeas.

P. 385

"Después tomaran los niños para la tierra adentro, adonde fue el Padre Nobrega e otro Padre y dos Hermanos, día del Ángel Custodio [19 de julho de 1552] y acabada la processión, y después que comimos en casa, con la cruz toda pintada de pluma de la tierra muy hermosa, con el Niño Jesús en lo alto de la cruz en traje angélico con una espada pequeña en la mano. Y assi fuimos con la cruz levantada por las Aldeas cantando en cada una dellas y tañendo a modo de los negros y con sus mesmos sonos y cantares, mudadas las palabras en loores de Diós."

Pp. 386-387.

"En la otra ['Aldea' no sertão dos Carijós ou Guaranía do Sul] que primeiro durmimos tuvimos nuestros sermones y hablas de nuestro Señor [pelo P. Nóbrega]. [...]

P. 387

Y después desto tañíamos y cantávamos, de lo que algunos habían miedo, porque pensavan que nuestro cantar les daría la muerte, otros por el contrario hogavan mucho y venían a nuestro tañer a cantar y baylar, donde venían viejos y viejas que era para espantar, siendo éstas por quien ellos se rigen."

Pp. 388-389.

"Anduvimos con mucho trabaxo de caydas fasta llegar a las pissadas [‘detrás de un río Matuin’ ou Cotegipe, entre maio e juiho de 1552], donde allamos los negros tam buenos que huvo de quedar allí un Hermano [Vicente Rodrigues] con dos niños para

P. 389

los enseñar y hazer una casa en las pissadas [de Sao Tomé] donde se recojan niños y deprendan. Allí hallamos buen acogimiento, porque por un hijo suyo nos imbió a llamar a su casa el Principal, donde recibimos tanta consolación, que fue mayor que los trabajos que passamos. Y en esa misma Aldea bailamos y cantamos a su modo y los cantares en su lengua, y la muger del Principal se levantó a bailar con nosotros. E otro día por la mañana nos fue amostrar en limonar donde los niños tomaron de los limones. Day nos partimos para las pissadas con cantares de nuestro Señor y los gentiles de la Aldea yvan con nosotros. Y cantamos en las pissadas un hymno del Spiritu Santo, y day nos partimos de los Hermanos, los quales quedavan muy deseosos de nosotros."

Car.FrPir.1, [1552]

Carta do Padre Francisco Pires para os Irmãos de Portugal. S/l, s/d [Bahia, 7 de agosto de 1552].

Fonte: original não localizado. A publicação em **Cartas Avulsas** não menciona o original. Leite transcreve o documento a partir de apógrafo incompleto em português, de original português perdido, da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, CXVI / 1-33, ff. 186-189v.

Publicações:

1. **Cartas Avulsas**, pp. 152-157.
2. **Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 390-400, como sendo da Bahia, de 7 de agosto de 1552. Na p. 391 encontram-se listadas as publicações deste documento.
3. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 45, a partir de **Monumenta Brasiliae**.
4. Em tradução para o italiano em **Diversi Avisi Particolari**, pp. 150-154.

Versão utilizada: publicação em **Cartas Avulsas**.

Pp. 153-154.

"O padre Paiva passou ao Espirito Santo, onde antes estava o padre Affonso Braz, e, por ser vindo a Porto-Seguro, e dahi vir ter commigo a communicar-me casos de consciencia, e não se encontraram no caminho, foi forçado ao padre Paiva ficar-se no Espirito Santo, e tambem por ser Quaresma, e do povo se não poder expedir, e foi tudo ordenado por Nosso Senhor; porque levava tres meninos, com os quaes principiou aquella casa, e não eram tão necessarios em S. Vicente, pera onde elles iam, os quaes acarretaram outros da terra, que aprendem e causam muita devoção com suas doutrinas e prégações e cantares de Nosso Senhor, assim aos Christãos como Gentios, e vai em

P. 154

muito crescimento aquella casa e ha de ser a melhor de toda costa, em razão dos muitos mantimentos que alli ha em muita abastança, posto que agora esteja muito pobre de gente."

Pp. 155-156.

"Os meninos da terra fazem muito fructo, e ajudam muito bem aos Padres, e espantam-se verem-nos fallar com fervor, e sem medo

P. 156

nem vergonha de Nosso Senhor. Em casa se tem muito exercicio de tudo, assim das prégações, como de cantigas pola lingua e em portuguez, e aprendem muito o necessario, têm sua oração mental e verbal, tudo repartido a seu tempo conveniente, e praticas de Nosso Senhor, que cada dia, todos juntos á noite, o padre Nobrega e os Padres lhes fazem..."

Car.MaNob.6, [1552]

Carta do Padre Manoel da Nóbrega ao Padre Simão Rodrigues. S/l, s/d
[Bahia, fins de agosto de 1552].

Fonte: original na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, CXVI / 1-33, ff. 194v-197.

Publicações:

- 1. Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 400-409. Na p. 400 encontram-se listadas as publicações deste documento.
- 2.** Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 46, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

Pp. 406-407.

"Com a vinda do Bispo [D. Pedro Fernandes] se moverão algumas duvidas, nas quais eu não duvidava, porque sam soberbo e muito confiado em meu parecer, as quais nos pareceu bem

P. 407.

communicá-las com V. R. pera que as ponha em disputa entre parecer de letrados e me escreva o que devo de fazer.

"Primeiramente, se se poderão confessar por interprete a gente desta terra que não sabe falar nossa lingoa, porque parece cousa nova e não usada em ha christandade, porto que Caietano in summam, II^a conditione, e os que alega Navarro, c. Frates, nº 8.º de penit. dist. 5.^a, digam que pode, posto que não seja obrigado. [...]

"Item. Se nos abraçarmos com alguns costumes deste gentio, os quais não são contra nossa fee catholica, nem são ritos dedicados a idolos, como hé cantar cantigas de Nosso Senhor em sua lingoa pello seu toom e tanger seus estromentos de musica que elles [usam] em suas festas quando matão contrairos e quando andão bebados; e isto pera os atrahir a deixarem os outros costumes esentiais e, permitindo-lhes estes, trabalhar por lhe tirar os outros; e assi o pregar-lhes a seu modo em certo toom andando passeando e batendo nos peitos, como elles fazem quando querem persuadir alguma cousa e dize-la com muita eficácia; e assi trosquiarem-se os meninos da terra, que em casa temos, a seu modo. Porque a semelhança é causa de amor. E outros costumes semelhantes a estes."

Car.VicRod.4, 1552

Carta do Irmão Vicente Rodrigues aos Padres e Irmãos de Coimbra.
Bahia, 17 de setembro de 1552.

Fonte: original não localizado. Tradução em espanhol no ARSI, Bras 3 I, ff. 68-68v, com várias emendas e cortes do Padre Polanco.

Publicações:

- 1. Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 409-415, sem as emendas do Padre Polanco. Na p. 409 encontram-se listadas as publicações deste documento.
- 2.** Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 47, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

P. 413.

“Algunas perigrinaciones hizieron acá el P.^e Nobrega y los otros Hermanos con los ninnos. Muchos trabajos pasaron e dignos de notar, porque iendo por el sarthão visitando las aldeas con la † [cruz] alevantada a modo de procissão y con sus redes, donde duermen, a las cuestras, cada uno con la suia, assí ninnos como Padres, caminando todo el día, y quando lhegávamos a las aldeas entrávamos con cantares santos y hymnos, los gentiles con miedo que tenían de nos pensando que les traíamos la muerte no nos recibían ni osavan de nos dar de lo que tenían, mas antes quemavan pimienta para nos echar de casa con el numo delia, y ansí andávamos mui grandes jornadas no dexando todavía de praedicar las grandezas de Dios.”

Car.FrPir.2, 1552

Carta do Padre Francisco Pires para os Irmãos da Companhia de Jesus.
Bahia, 17 de setembro de 1552.

Fonte: original no ARSI, Bras 3 I, doc. 27, ff. 58-59v. O documento 27 (ff. 58-63) tem o título "Copia d'alcune lettere mandate per diuersi Padri del Brasil".

Título original: "Cauato d'una del P.^e Fran^{co} Perez che sta in Baia / per li soi fratelli della Comp^a de Jesu dalli 17 / de settembre 1552."

F. 58: Padre Manuel de Paiva (Pavia) em São Vicente.

"... Fu forzato detto P.^e Pauia restarsi nel Spo' S.^{to} per esser quaresima, et per non si po-/ter spedire per la diuotione del Populo, et tutto fu ordinato sal S.^{re} che portaua tre fã/ciulli, con li quali deide principio alla fondation' di quella casa, che non erano tanto necessa-/rij a S. Vincenzo, doue andauano: alli quali si aggiungero altri della Terra, che impa-/rano, et causano molta diuotione con sue prediche et dottrina, et col cantare cose del S.^{re} cosi / a Ch'riani come a Gentili, et ua con molto aumento quella casa, che ha d'esser la meglior di / tutta la costa, per la comodita que ui è di sostentarsi in molta abbondanza; benche sia la / Terra al pn'te assai spogliata."

Car.PeDom.2, [1552]

Carta do Padre Pero Doménech ao Padre Inácio de Loyola. S/l, s/d
[Lisboa, outubro de 1552].

Fonte: original no ARSI, Bras 3 I, ff. 67-67v.

Publicações:

1. **Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 415-417. Na p. 416 encontram-se listadas as publicações deste documento.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 48, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

Observações:

1. O relato do Padre Doménech se baseia em informações providas do Brasil, e não em observação direta.
2. Sobre a transcrição do Pai Nosso em língua brasil no final do texto, segundo nota de Leite na p. 416, "Escreveu apenas o título, nao a oração na língua brasil, isto é, em tupi, oração, com outras, já corrente no Brasil em 1552". Segundo Castagna, em nota na p. 48, "a versão brasílica do Pater noster, que é mencionada pela primeira vez por JUAN DE AZPICUELTA NAVARRO na carta de 28 de março de 1550 (§ 1), foi publicada por ANTONIO DE ARAÚJO [...] apenas em 1618. Contudo, ANDRÉ THEVET, **na Cosmographie universelle** (1575, v. II, parte IV, cap. VIII) já apresenta sua versão feita pelos franceses, que pode ter sido utilizada na 'França Antártica' entre 1555 e 1559".

P. 416.

"Después de ésta [carta], recebimos otras de diez o doze niños, hijos de padres gentiles convertidos e bautizados. Scriven cómo tienen ya hecho quatro casas de ninnyos, y iglesias y hermitas entre los gentiles. Y un ninno scrive que fuyó de su madre e vino para la casa de los niños, y después de instruydo en la fe, se fue a predicar a su madre la fe de Christo, y halló que tenía una cabeza y pedacos de carne humana colgada al humo para comer. Fuyó luego y después por obediencia tornó y reprehendióla de sus malas costumbres.

"La orden que tienen es esta: que a la noche los Padres que tienen cargo dellos les dan meditaciones de la muerte o de juicio o semejantes cosas; y por la mañana madrugan y vanse por las casas de los negros y gentíos y tómanlos en la cama y allí les platican de la muerte y infierno e de la pasión de nuestro Señor, y alguns vezes baylan y cantan, y así los ajuntan. Después desto que los tienen ajuntados, assí baylando y cantando, dizenles la pasión de nuestro Señor, mandamientos, Pater Noster, Credo e Salve Regina en su lingua, de manera que los niños en su lingua ensenyan a sus padres, y los padres van con las manos juntas tras sus hijos cantando Sancta Maria, y ellos respondendo ora pro nobis. Loado sea Jesú Christo para sempre.

†

El Pater Noster en li[n]gua brasil."

Car.IrmPort, 1553

Carta aos Irmãos de Portugal. S/a. São Vicente, 10 de março de 1553.

Fonte: original não localizado. Tradução em espanhol no ARSI, Bras 3 I, ff. 90-91v.

1. **Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 425-433, a partir da cópia do ARSI. Na p. 425 encontram-se listadas as publicações deste documento.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 51, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

P. 428.

"Llegando a esta Capitanía del Spirito Sancto [em fins de 1552] nos vino a buscar el Padre Alfonso Braz en un barco y nos llevó al Collegio de Santiago. Fue allá también el Govemador con toda la gente, y en la yglesia diximos el hymno Veni creator Spiritus."

P. 429.

"[...] Después fueron los Padres por el Rio arriba [até a Ilha do Governador, 'al Río de Henero', em fins de 1552] a unas aldeas de unos indios que son amigos de los blancos, adonde les prediqué en su lengua y juntava los niños y les enseñava la doctrina. También les hazia decorar cantares de N. Señor en su lengua y les hazía cantar."

P.431. "Ordena aora el P.a Nóbrega la Confradía del Niño Jesús, y día de la Purificación de N. Señora [2 de fevereiro de 1553] hizimos una processión todos los niños, y fuimos a la yglesia de la Villa todos con cirios encendidos [na 'Capitanía de S. Vicente']. A la buelta cantamos missa, y predicó el P.e Nóbrega. [...] Muchas vezes cantan los niños todos missa de canto de órgano, lo que es muy acepto a los Indios y huelgan de los oír todos."

Car.AnRodr.1, 1553

Carta do Padre Antônio Rodrigues aos Padres e Irmãos de Coimbra.
São Vicente, 31 de maio de 1553.

Fonte: original não localizado. Tradução em espanhol no ARSI, Bras 3 I, ff. 91v-93v.

1. **Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 468-481, a partir da cópia do ARSI. Na p. 468 encontram-se listadas as publicações deste documento.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 52, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

Pp. 478-479.

"Tornados a nuestra ciudad, hallamos admirable fructo hecho en los gentiles, porque un Padre llamado Nuno Gabriel ['Juan Gabriel de Lescaño, clérigo'], dexando una capellanía que tenía en la iglesia, se dio a doctrinar del todo estos gentiles, y tomava los principales dellos y los hijos de los principales; y ios tenía en una casa grande e allí los enseñava a leer e escrevir, y sabían el Pater Noster y Ave Maria, Credo y Salve Regina, mandamientos y finalmente toda la doctrina. Hizoles cantares contra todos sus vicios, scilicet, para no comer carne humana, para no se pintar, para no matar, etc. Fue cosa para abalar a Diós el fructo que con estos gentiles hizo este Padre y la mudanca que hizieron, porque siendo de antes grandes comedores de hombres, agora ya bj [61] legoas al derredor no los comen. Es tanto el fervor que tienen, que aun no es mañana quando son los caminos llenos de los que vienen a missa: mejor saben las fiestas que muchos christianos. Viene a missa un principal con todo su pueblo y después otro con el suyo, y consequintérnente los otros, y muy de mañana por tomar lugar en la yglesia. P. 479. Hazía este Padre con ellos processiones y ilevava consigo los que doctrinava cantando loores de nuestro Señor, y specialmente en las processiones de Corpus Christi cantando muchos loores del Santíssimo Sacramento. Predicávales cada día, y venían de 5 legoas las mujeres con sus hijos a cuestras por fríos grandíssimos, hambres y muchos trabajos a baptizarse, y aun aora les parece que hazer mal a un christiano es el mayor mal que se puede hazer."

Car.MaNob.7, 1553

Carta do Padre Manoel da Nóbrega ao Padre Luís Gonçalves da Câmara, em Lisboa. São Vicente, 15 de junho de 1553.

Fonte: original não localizado. Tradução para o espanhol no ARSI, Bras 3 I, ff. 96-98. Nos ff. 93-94 têm-se 4 parágrafos traduzidos do mesmo original, mas de forma diversa.

Publicações:

1. **Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 489-503 e pp. 504-506. Na p. 504 encontram-se listadas as publicações deste documento.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 53-54, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

P. 492.

"[...] Y considerando la qualidad de aquestos gentiles, que es tener poca constancia en dexar las custumbres en que se an criado, assentamos ir cien legoas de aquí a hazer una casa, y en ella recoger los hijos de los gentiles y hazer ayuntar muchos indios en una grande ciudad, haziéndolos bivar conforme a la razón, lo qual no fuera mucho difícil por lo que de la tierra ya avemos sabido y veemos por experientia, y el Hermano Correa obligava a esso la vida por lo que de los Indios conosco. No se pudo esto esconder a Sathanás, porque avéndose el Governador [Tomé de Sousa] dicho que le parecía bien entrarnos, des que supo que llevávamos capilla y cantores y que avíamos de hazer casa, lo estorvó por todas las vías, diziendo que se acogerían allá los malhechores y otros hombres deudores huyrían para allá, y que quando los Indios hiziessen alguna cosa mal hecha que no podrían vingarse dellos por el peligro en que nos poníamos."

P. 497.

"En esta casa [o Colégio de S. Vicente] tienen los niños sus exercícios bien ordenados, aprenden a leer y escrevir y van muy avante, otros a cantar y tañer frautas, y otros mamalucos mas diestros aprenden grammática; ... "

P. 505. Outra versão do trecho anterior:

"En esta casa tienen los niños sus exercícios ordenados. Aprenden a leer y escrevir; van muy adelante, y alguns a cantar, y otros de mejor ingenio aprenden ya la grammática; ... "

Car.BrLour.1, 1553

Carta do Padre Brás Lourenço aos Padres e Irmãos de Coimbra. Bahia, 30 de julho de 1553.

Fonte: original não localizado. Tradução para o espanhol no ARSI, Bras 3 I, ff. 89v-90.

Publicações:

- 1. Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 513-518. Na p. 514 encontram-se listadas as publicações deste documento.
- 2.** Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 55, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

Pp. 517-518.

"El Padre Vicente Rodríguez con otro Padre fueron a un lugar de los gentiles adonde hazían grandes fiestas porque querían matar un inimigo suyo y comerlo, al qual trabayaran de hablar para que se hiziesse christiano, como avía días que hazían. Y hallando en él apareyo para receber el baptismo, llegaron adonde estaban dos mil o más de los gentiles con grandes fiestas, cantares de diversas maneras, y el contrario que havía de matar, a quien ellos avían hablado, estava en um campo cobierto de ramos con mucha solemnidad, adonde no dexavan ir ningún christiano. A lo menos todavía llegaron y supieron estar aún firme en la voluntad de ser christiano. Los gentiles que cerca estaban, entendiendo la cosa, no querían permittir ellos lo tocassen, porque les parece que tocando los christianos les dañan el comer suyo verdadero, que ellos piensan ser el de los contrarios. Estando así no sabiendo qué hazer por no tener agua para lo baptizar, ny en aquel tiempo la tienen los Indios porque todo es vino, detriminaron de comer algo por tener ocasión de pedir agua, y ansi lo hizieron. Y pendiendola no la quisieron dar, porque los que entendían la cosa tenían dado aviso que no la diessen. Quiso nuestro Señor que passó por allí una moger gentil con una calabaca de agoa, e llamáronla que les

P. 518.

diesse de beber, y uno del los, haziendo que bivia, moyo un paño y con aquella agua le baptizó. Sentiéndolo todavía los gentiles, con gran furia empearan a dar grandes bozes y las viejas los irritavan: '¿No véys que os dañan la carne?' Y viniendo con aquella furia contra los Padres, y ellos con gran siguridad les mostraron charydad y amor."

Car.PeSar.2, 1553

Carta do Bispo Pedro Fernandes Sardinha ao Reitor do Colégio de Santo Antão, em Lisboa. Salvador, 6 de outubro de 1553.

Fonte: original não localizado. Tradução para o espanhol no ARSI, Bras 3 I, ff. 103v-103 (folha encadernada ao contrário).

Publicações:

1. **Monumenta Brasiliae**, vol. 2, pp. 11-12.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 56, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

P. 11.

"En la carta que escrevía al P.e Maestro Symón [em julho de 1552] dizia y digo aora a VR que estrañé mucho, y estrañan todos a los Padres confessaren las mistiças mugeres casadas com portugueses per intérprete, niño de doze o 13 años nascido y creado en la tierra; y también andaren tañendo y cantando los días de fiesta los instrumentos y sonos que los gentiles tañen y cantan quando andan embriagados y hazen sus matares. Y aora me dixerón que enterraron algunos que hizieron christianos al modo gentílico.

"Esto[s] tañeres y modo de enterrar se V. R. quiere ver lea un tratadillo que allá embío a Su Alteza y por él verá quan poco aperejados son estos bárbaros para se convertiren, y quanto más devemos ocuparnos que no se pervertan los blancos que en que se conviertan los negros."

Car.BrLour.2, 1554

Carta do Padre Brás Lourenço aos Padres e Irmãos de Coimbra. Espírito Santo, 26 de março de 1554.

Fonte: original não localizado. Tradução para o espanhol no ARSI, Bras 3 I, ff. 108-110, com lusitanismos e palavras antiquadas.

Publicações:

1. **Monumenta Brasiliae**, vol. 2, pp. 38-49.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 57, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

P. 43.

"Y por la mañana [de 21 de novembro de 1553] nos venimos para la tierra con una vela que ordenaran, y venimos por gracia de N. Señor a un Río que llaman de las Caravelas [em frente aos Abrolhos]. [...] Y ansí también se pusieron los niños a cantar algunas cantigas que aquá hizieron en lengua de los negros y otras en la nuestra."

Car.AnBlas.1, 1554

Carta do Padre Antônio Blasques aos Padres e Irmãos de Coimbra.
Porto Seguro, 8 de maio de 1554.

Fonte: original não localizado. Apógrafo ou tradução para o espanhol no Colégio de Chamartin (antigo Códice do Colégio de Alcalá), Madrid, Varia Historia III, ff. 618-619v.

Publicações:

- 1. Monumenta Brasiliae**, vol. 2, pp. 55-60.
- 2.** Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 58, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

P. 57.

“Quedamos entonces y el Padre Navarro, el qual hizo su viaje de ay a un mes. Llegado el día que se avía de partir [de Porto Seguro], fue tanto el sentimiento que en la missa tuvo, que a ttodos los circunstantes causava mucha devoción, y en voz, que claramente se oýa, hizo los votos, de que todos quedaron muy satisfechos. Acabada la misa, tomó su bordón donde llevaba un crucifixo, y todos cantando las ledanías se fueron a embarcar.”

Car.PeCor.2, [1554]

Carta do Irmão Pero Correia a um padre do Brasil. S/l, s/d [São Vicente, 18 de julho de 1554].

Fonte: original não localizado. Tradução para o espanhol no ARSI, Bras 3 I, ff. 112-114, como sendo de São Vicente, de 18 de julho de 1552

Publicações:

1. **Cartas Avulsas**, pp. 163-165, sem informação sobre a fonte.
2. **Monumenta Brasiliae**, vol 2, pp. 63-72, a partir da tradução do ARSI.
3. Transcrita em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 59, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.
4. **Diversi Avisi Particolari**, pp. 239-242, com a data de 8 de junho.

Versão utilizada: publicação em **Cartas Avulsas**.

P. 163.

"Primeiramente nosso padre Nobrega, querendo entrar pela terra a dentro, enviou adiante um irmão que sabia algum tanto da lingua, ao qual, como quer que ia por obediencia, livrou Nosso Senhor de mui grandes perigos, e, depois de haver elle entrado cincoenta ou sessenta leguas, foi o padre Nobrega levando um Irmão comsigo e quatro meninos, e em sua peregrinação tinha esta maneira que, quando entravam em alguma aldêa dos Indios, um dos meninos levava uma cruz pequena levantada, iam cantando as ladainhas, e logo se juntava, os meninos do lugar com elles. Maravilhava-se muito a gente de cousa tão nova e recebia-os muito bem. Ao partir dos logares tambem iam cantando as ladainhas."

P. 165.

"Este lugar de Indios convertidos em que estamos se chama Piratininga e está dez leguas pela terra a dentro onde temos egreja; todos os domingos e dias de festas ha sermão e depois do offertorio se saem os catechumenos; pela semana ha doutrina na egreja duas vezes ao dia; temos tão bem escola onde ensina um irmão a ler e escrever os meninos e alguns a cantar..."

Car.JoAnch.1, [1554]

Carta do Padre José de Anchieta aos Padres e Irmãos de Coimbra. S/l, s/d [Piratininga, 15 de agosto de 1554].

Fonte: Tradução espanhola de original português perdido, publicada em **COPIAS DE VNAS / Cartas de algunos padres y herma/nos dela compañía de Iesus que es/criuieron dela India, Iapon, y Bra/sil alos padres y hermanos de la mis/ma compañía, en Portugal trasla/dadas de portugues en castella/no. Fuero recebidas el año / de mil y quinientos y / cincuenta y / cinco. / Acabarones a treze dias del mes / de Deziember. Por Ioan / Alvarez. / Año. M. D. V.**

Publicações:

- 1. Monumenta Brasiliae**, vol. 2, pp. 80-82.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 60, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

P. 81.

“Estamos como les he scripto en esta Aldea de Piratininga donde tenemos una gran escuela de niños, hijos de indios enseñados ya a leer y escribir, y aborrecen mucho las costumbres de sus Padres, y algunos saben ayudar a cantar la missa. Estos son nuestra alegría y consolación, porque sus padres no son muy domables, puesto que sean muy diferentes de los de las otras Aldeas, porque ya no matan ni comen contrarios, ni bevan como de antes.

“Dia de Sant Lorente [10 de agosto de 1554] se dieron algunas ropas a algunos dellos del paño que el Rey nos da de limosna, cosa con que huelgan mucho. Y assí las más de las noches se juntan a cantar cosas de Dios en su lengua; algunos de otras Aldeas se vienen aquí a possar en esta con sus casas.”

Car.JoAnch.2, 1554

Carta do Padre José de Anchieta ao Padre Inácio de Loyola. São Paulo de Piratininga, [1º de setembro de] 1554.

Fonte: apógrafo ou tradução para o latim de original perdido, provavelmente em português, no ARSI, Bras 3 I, ff. 115-117v; apógrafo ou tradução em latim nos ff. 119-123v; apógrafo ou tradução em latim na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa], 1-5, 2, 38, ff. 199-205.

Publicações:

1. **Monumenta Brasiliae**, vol. 2, pp. 83-118, a partir do texto no ARSI, Bras 3 I, ff. 115-117v, e conferido com os outros dois textos citados. Na p. 83 encontram-se listadas as publicações deste documento.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 61-62, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

Tradução para o português: Serafim Leite.

P. 89. "Hi inter quos conversamur, filios suos erudiendos nobis libenter concedunt, qui postea, parentibus succedentes, Christo populum gratum efficiant, ex quibus 15 baptizati pluresque alii cathecumini in Schola, ab Antonio Rodriguez preceptore optime instituti, versantur. Qui horis antemeridianis, post lectionem, recitatis simul in ecclesia letaniis, <u>pomeridianis vero cantico Salve Regina decantato</u>, dimituntur. Singulis autem sextis feriis, magna cum devotione, se usque ad sanguinem flagellantes, processiones faciunt."	P. 106. "Estes [índios] entre os quais vivemos, entregam-nos de boa vontade os filhos para serem ensinados, os quais depois, sucedendo a seus pais, poderão constituir um povo agradável a Cristo. Na Escola, muito bem ensinados pelo Mestre Antônio Rodrigues, encontram-se 15 já baptizados e outros, em maior número, ainda catecúmenos. Os quais, depois de rezarem de manhã as ladainhas em coro na Igreja, a seguir à lição, <u>e de cantarem à tarde a Salve Rainha</u>, são mandados para suas casas; e todas as sextas-feiras fazem procissões com grande devoção, disciplinando-se até ao sangue."
P. 92. "[...] Itaque duo solum, qui id facere neglexerunt, vulnerati, unus desideratus est; a reliquis hostes fusi fugetique sunt, a nostris autem cathecuminis nonnulli capti, quos antea maxima cum letitia et <u>summa cantuum solemnitate comedere solebant</u>, occisi sunt et more christianorum sunt seppulti."	P. 109. "Os inimigos foram dispersos e postos em fuga pelos nossos catecúmenos, foram mortos e sepultados à maneira dos cristãos. Antes costumavam-nos comer com a maior alegria e <u>grandes vozearias e cantos</u>."

Car.JoAnch.3, 1554

Carta do Padre José de Anchieta. Piratininga, [setembro] de 1554.

Fonte: original não localizado. Cópia em espanhol no Colégio de Chamartin (antigo Códice do Colégio de Alcalá), Madrid, Varia Historia III, ff. 620-620v.

Publicações:

1. Monumenta Brasiliae, vol. 2, pp. 118-123.

2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 63-64, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

Pp. 120-121.

"Estamos en esta nueva población de cathecúminos llamada Piratininga, donde el Señor por su missericordia y bondad infinita quiere reduzir algunas destas ovejas perdidas ai rabaño de su Yglesia, y esto no con pequeno trabajo que con ellos tenemos, predicándoles continuamente y trayéndolos por quantas vías podemos, porque es esta gente tam indómita y bestial, que toda su felicidad tiene puesta en matar y comer carne humana, de lo qual por la bondad de Dios tenemos apartados estos; y con todo tienen tan arraygada la costumbre de beber y cantar sus cantares gentílicos, que no ay remedio para los apartar del todo dellos. Así que muchas vezes nos dan mucha tribulación, y principalmente despu[é]s que tornaran de la guerra, por lo qual muchos dellos se an ydo de aqui por se ver libres de nosotros, que nunca dexamos de les importunar que dexen del todo sus malas costumbres.

"Un índio que mucho tiempo ha es baptizado por unos christianos portugueses que ya aqui [em Piratininga] moraron, se aparto destos por vivir más a su voluntad, y este vino un dia con dos mujeres cantando por la Aldea según su costumbre gentílica, y incitando los otros a hazer lo mesmo. Un Hermano, que tiene cargo de los enseñar, se levantó con unas disciplinas y los hechó fuera, aunque el indio se mostró muy áspero contra él. Este nos tiene hecho aqui mucho mal, moviendo los otros que bevan y

P. 121.

canten como antes, y así algunos y los demás dellos nos dan bien en que entender con su dureza.

"Por lo qual nuestro principal fundamento es en la doctrina de los niños, los quales les enseño a leher, escribir y cantar; estos trabajamos de tener debaxo nuestra mano para que después vengan a succeder en lugar de sus padres y hagan pueblo de Dios.

"Dia de S. Lorenço [10 de agosto de 1554] se dieron algunas ropas a algunos dellos de paño, que el sereníssimo Rey de Portugal nos da de lymosna, y con esto se cativan tanto, como se les diessen una muy grande cosa. Y así éstos las más de las noches se juntan a cantar cantares de Dios en su lingua, ai contrario de sus padres, para que ex ore infantium, et lactentium perficiatur laus Dei propter inimicos eius."

Car.LuGra, 1554

Carta do Padre Luís da Grã ao Padre Inácio de Loyola. Bahia, 27 de dezembro de 1554.

Fonte: original no ARSI, Epp. NN. 95, ff. 87-88.

Publicações:

- 1. Monumenta Brasiliae**, vol. 2, pp. 128-139. Na p. 128 encontram-se listadas as publicações deste documento.
- 2.** Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 65, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

Pp. 133-134.

“Mas el demonio tiene de su mano aquellos ciegos [‘los infieles’], que tanto que les hablamos de sus ánimas o cosas que les interrompa las lenguas mentiras, que suelen contar de sus valentías, luego se van y las mugeres toman sus hijos, aunque no tan niños, i los van a esconder en los matos; y muchos me procuravão de estorvar con cantiguas que ellas cantan mui alto pera que sus hijos no oigan. Y esto hazen con dizer que haziéndose caraibas, que assí llaman a los

P. 134.

christianos, an de morir luego: porque los días passados permitió Dios que los niños baptizados se morieron pocos a pocos, por ventura que aquellos eran los que desta tierra estavan determinados para el cielo, y antes que la malicia los mudasse los llevó el Señor pera sí.”

Car.JoAnch.4, 1555

Carta do Padre José de Anchieta ao Padre Inácio de Loyola. São Vicente, [fins de março] de 1555.

Fonte: cópia ou tradução em latim no ARSI, Bras 3 I, ff. 134-136; Cópia ou tradução em latim nos ff. 129-133.

Publicações:

1. **Monumenta Brasiliae**, vol. 2, pp. 173-209, a partir do texto no ARSI, Bras 3 I, ff. 134-136, e conferido com o outro texto citado. Na p. 174 encontram-se listadas as publicações deste documento.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 66-67, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

Tradução para o português: Serafim Leite.

Pp. 176-177. "Nostri hii cathecumeni, cum quibus negocium nostrum est, nonnihil a pristinis moribus recedere videntur, cum iam raro clamores ineffrenati, quos in potationibus excitare solent audiantur, quod potissimum ipsorum malum est, et ex quo omnia alia ipsis promanant. Dum enim maxime ebrii sunt, praeteritorum malorum memoria excitatur, in quibus cum gloriari coeperunt, continuo hostium interficiendorum desiderium et carnis humanae fames exardescit. Nunc vero cum potationum ineffrenata libido aliquantum cesset, alia etiam nefanda flagitia cessent, necesse est. Ita enim aliqui ex illis subditi nobis sunt, ut non sine nostra facultate potare audeant, idque magna cum moderatione si cum pristino furore comparetur, ex quo fit ut ecclesiam frequentius adeant, reprehensionesque et obiurgationes patientius sufferant, nonnulli etiam ex illis a nobis solliciti et instanter petunt ut ipsis legitime ductis	P. 294 "Estes nossos catecúmenos, de que nos ocupamos, parecem apartar-se um pouco dos seus antigos costumes, e já raras vezes se ouvem os gritos desentoados que costumam fazer nas bebedeiras. Este é o seu maior mal, donde lhes vêm todos os outros. De facto, quando estão mais bêbados, renova-se a memória dos males passados, e começando a vangloriar-se deles logo ardem no desejo de matar inimigos e na fome da carne humana. Mas agora, como diminui um pouco a paixão desenfreada das bebidas, diminuem também necessariamente as outras nefandas ignonímias; e alguns são-nos tão obedientes que não se atrevem a beber sem nossa licença, e só com grande moderação se a compararmos com a antiga loucura. Donde se segue que freqüentam mais a Igreja, sofrem com mais paciência repreensões e censuras, e

uxoribus, rectum vivendi inodum committamus. [...] "Sed minuit hanc nostram consolationem parentum ipsorum obstinata duritia, qui exceptis nonnullis, ad antiquorum morum vomitum videntur redire velle, et maxime P. 177 nunc quibusdam miserrimis <u>cantum solemnitatibus</u> et potationibus, quae cuidam iam iam interficiendo in quodam oppido huic propinquo parantur volentes interesse, quod non longe a carnis humanae epulis abest. Ita malorum exemplo comotti et depravati sunt."	alguns deles, casados em legítimo matrimônio, pedem-nos com grande empenho que lhes ensinemos o modo de viver bem. "Diminui contudo esta nossa consolação a dureza obstinada dos pais, que, exceto alguns parece quererem voltar ao vômito dos antigos costumes, indo às festas dos seus misérrimos <u>cantares e vinhos</u>, na morte próxima de um [contrário] que se preparava numa aldeia vizinha. Como não estão longe destes comeres de carne humana, impressionam-se e depravam-se com o exemplo dos maus.
P. 189 " [...] In magna pace ac tranquillitate inter Indos nonnihii de ipsorum conversione sperantes agebamus, adeo ut cum ipsis a festivitatibus quibus (ut superioribus litteris dixi) interfuerunt redeuntibus Ecclesiae aditum negaremus, nisi prius se flagellantes a Domino veniam postularent. Omnes fere uno consensu ut nobiscum in gratium redirent processione facta <u>filliis ipsorum litanias decantantibus</u> Ecclesiam calendis Ianuarii misericordiam patenter introierunt, puorumque qui in schola versantur concursus et frequentia in dies augebatur."	P. 206. " [...] Vivíamos em grande paz e tranquilidade entre os Índios, com alguma esperança da sua converção e até chegávamos a proibir-lhes a entrada na igreja se não pedissem primeiro perdão a Deus e tomassem disciplina quando voltavam de assistir às festas, como disse na carta precedente. E quase todos à uma entraram na igreja, no dia primeiro de Janeiro [de 1555], pedindo misericórdia, <u>enquanto os filhos deles cantavam as ladainhas</u>; e aumentava dia a dia o grande concurso de meninos que freqüentam a Escola."

Car.AmPir, 1555

Carta do Padre Ambrósio Pires ao Padre Diego Mirón. Porto Seguro, 6 de junho de 1555.

Fonte: original no ARSI, Bras 3 I, ff. 139-139v.

Título original: "Copia de una del P. Ambrosio Pires del brasil para el Provincial de Portugal".

Assinatura: "1555 12 Iunio. Porto Sicuro."

Publicações:

1. Monumenta Brasiliae, vol. 2, pp. 228-233.

2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 70, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

P. 231.

"Também lembro a V. R. que hé cousa de muita importantia trabalhar por acrescentar as nossas letras appostolicas e privilegios da Companhia, que os que nella ou sem suas casas ouvirem missas nos dias de festas e domingo cumprão, pois o tem outras muitas religiões, porque estes Senhores Bispos, se nos vem a ter desgosto, também perseguem nosos devotos que querem antes ouvir huma missa rezada na Companhia que huma cantada na sua parrochia."

Car.JuAzp.2, 1555

Carta do Padre Juan de Azpicuelta Navarro aos Padres e Irmãos de Coimbra. Porto Seguro, 24 de junho de 1555.

Fonte: original não localizado. Documento publicado em **COPIAS DE VNAS / Cartas de algunos padres y herma/nos dela compañía de Iesus que es/criuieron dela India, Iapon, y Bra/sil alos padres y hermanos de la mis/ma compañía, en Portugal trasla/dadas de portugueses en castella/no. Fuero recebidas el año / de mil y quinientos y / cincuenta y / cinco. / Acabaron a treze dias del mes / de Deziember. Por Ioan / Alvarez. / Año. M. D. V.**

Publicações:

- 1. Monumenta Brasiliae**, vol. 2, pp. 244-251. Na p. 244 encontram-se listadas as publicações deste documento.
- 2.** Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 71, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

P. 246.

“Estava pues en esta aldea [‘por la tierra adentro trezientos y cincuenta leguas’] mucha gente de otras aldeas, que era venida a las fiestas de los hechizeros [em janeiro de 1554 ou depois]. Luego que nosotros llegamos uvo en ellos algun alboroto, mas un indio principal que yva con nosotros, muy buen hombre, comenzó a hazerles una plática a su modo con que assossegaron. Y con todo esso no quesimos estar ay más que aquella noche, que fué para mi muy triste y muy larga, porque vi cosas de que quedé espantado. En mitad de una plaça tenían hecha una casa grande, y en ella otra muy pequeña, en la qual tenían una calabaza figurada como cabeça humana, muy ataviada a su modo, y dezían que aquel era su sancto, y llamávanle Amabozaray, que quiere dezir persona que dança y huelga, que tenía virtud de hazer que los viejos se tornassen moços. Los índios andavan pintados con tintas, aun los rostros, y emplumados de plumas de diversos colores, baylando y haziendo muchos gestos, torciendo las bocas y dando aullidos como perros; cada uno traía en la mano una calabaza pintada, diciendo que aquellos eran sus sanctos, los quales mandavan a los Indios que no trabajassen, porque los mantenimientos nacerían por si, y que las flechas yrían ai campo a matar la caça. Estas y otras muchas cosas, que eran para llorar muchas lágrimas, vi.”

Quad.AnBlas.1, [1556]

Quadrimestre de janeiro até abril [de 1556]. S/a [Irmão Antônio Blasques]. S/l, s/d [maio de 1556].

Fonte: original na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, CXVI / 1-33, ff. 200v-203v. Leite atribui sua redação ao Irmão Antônio Blasques.

Publicações:

- 1. Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 266-274. Na p. 266 encontram-se listadas as publicações deste documento.
- 2.** Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 72, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

P. 272.

"A hum destes [índios da 'povoação de Tubarão'], que estão junto da igreja, nasceo hum filho [antes de 18 de fevereiro de 1556] e fez muito que lho bautizasse logo como a filho de christão com solenidade, ho que se fez em hum domingo com festa e solenidade. Fizerão-lhe o officio solene e cantado, os meninos fizerão procissão con todos polla Aldea cantando a ladainha; ali se fes huma boa pregação a todos, que erão mais de trezentas pessoas. Ofereceo este com seu filho huma oferta de peixe asado e farinha. Con este se bautizarão outros inocentes, por serem filhos de indios, que crem estarão quedos sem se mudarem dali por terem obrigação ao lugar."

Quad.AnBlas.2, [1557]

Quadrimestre de setembro de 1556 a janeiro de 1557. S/a [Irmão Antônio Blasques]. S/l, s/d [Bahia, 1º de janeiro de 1557].

Fonte: original não localizado. Cópia em português na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa], 1-5, 2, 38, ff. 39-42.

Título original: "Lettras quadrimestres de Setembro a Janeiro de 1556 da Baya do Salvador, para nosso Padre Ignacio."

Publicações:

1. **Cartas Avulsas**, pp. 182-189. Segundo a publicação: "copiada no livro de registro 'Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil, ...', cit. fl. 39 até 42, incompleta.
2. **Monumenta Brasiliae**, vol. 2, pp. 345-356, como sendo de autoria do Ir. Antonio Blasques, da Bahia, de 1º de janeiro de 1557. Na p. 346 encontram-se listadas as publicações deste documento.
3. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 75-76, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: publicação em **Cartas Avulsas**.

P. 182.

"O que ao presente primeiro se offerece é o que succedeu depois da chegada do Provincial. Deixando, pois, á parte a alegria quetivemos com sua vista, logo dahi a quatro dias se começaram a ler as Constituições e a se exercitar algumas dellas..."

Pp. 183-185.

"E para que nosso prazer fosse de todo cumprido, em esta sação disse missa nova o padre João Gonçalves, em dia de Nossa Senhora de Agosto, achando-se a ella presente o Governador com toda a mais gente da cidade, e dado que não foi festejada com frautas e canto de orgão, todavia tivemos cá uma cousa que leva a ven-

p. 184

tagem a toda musica e cantares, porque ordenou o Padre que os Indiosinhos catechumenos os bautizasse elle em este mesmo dia.

"O negocio passou assim: Vinham os meninos com suas roupetinhas brancas e umas capellas de flores em a cabeça e palmas em as mãos em signal de victoria que alcançavam do Demonio. Já em estes comenos estavam os Padres aguardando por elles á porta da egreja, aonde lhe fizemos os cathecismos com toda a solemnidade e festa que nos podemos. Estando, pois, tudo a ponto de os bautisar, começaram os Padres e meninos a ladainha cantada, não com

pequena devoção e lagrimas dos presentes, por ver como a piadosa clemencia do Senhor se dignava de escolher a estes para filhos, nascidos de gente tão bruta e boçal. Depois de feitos christãos, nos fomos para dentro levando-os em meio de nós outros, cantando Te Deum Laudamus, e os abraçamos, não como a servos e estranhos, sinão como a filhos de Deus.

"A gente de fóra, maxime as Indias e Gentios, vendo o gasalhado que lhe faziamos, ficavam juntamente edificados e espantados, e á verdade por este respeito se tangeu áquella hora a doutrina para que vendo esta obra se afeioassem a receber nossa Fé e viessem em conhecimento de seu Creador. Em casa não faltava prazer; maiormente o Padre missa cantans pela sorte que lhe coube estava mui alegre, e certo parece haver-lhe Deus guardado este premio por lhe galardoar o trabalho que elle tomou em os ir a buscar, porque estes são os Indiosinhos que em as outras faço relação que deixados os seus paes se vinham a elle.

"O que em ordem disto succedeu foi a fundação da egreja do rio Vermelho, para cujo principio ordenou o Padre-Antonio Rodrigues, que em mui breve com a graça do Senhor e ajuda dos Indios fez uma ermida junto de sua aldêa situada em um outeiro, um tiro do mar, ao pé da qual está um rio que os Indios chamam Camarajipe, que em nosso vulgar chamamos rio Vermelho. O dia antes que em ella se dissesse a primeira missa, por mandado do Padre vim eu com os meninos estudantes para que elles a officiassem. De madrugada veio o Padre com o mestre da capella da Sé e com um outro homem amigo, devoto da casa, os quaes por sua devoção se offerecem a o officiar. Antes que a benzessem, dissemos

P. 185

as ladainhas repartidos em dois coros, para inteiral-os havia vozes sufficientes.

"Logo se fez ao derredor da egreja, dizendo os meninos uma cantiga, e respondeu o outro côro com as frautas, cousa que parecia muito bem, maxime por ser entre este Gentios, que em extremo são affeiçãoados á musica e cantares, e emtanto que os feiticeiros que entre elles chamam santos, usam desta manha quando lhes querem apanhar alguma cousa. A missa foi tambem cantada com ajuda de nossos devotos e dos meninos orfãos; a ella se acharam presentes muitos Gentios que não pouco se maravilhavam desta novidade. O irmão Antonio Rodrigues lhes pregou em a lingua brasilica como soe, *scilicet*: com grande fervor e zelo. [...]

"Elle [o Ir. Antonio Rodrigues] e o padre Ambrosio Pires vão pola menhã a uma aldeia a que nós puzemos por nome S. Lourenço, a feita lá a doutrina se vêm para casa a buscar os meninos que andam a pescar pela praia, porque é gente tão pobre que não têm outra cousa para comer sinão o que pescam. E por esta ocasião se lhes faz algum tanto duro acudir á campainha, mas todavia vêm e juntos alguns (porque todos não é possível) lhe dão lição e ensinam a doutrina. Depois de comer, têm o mesmo trabalho em os ir a chamar, mas então vêm todos, e os doutrina mais de espaço, porque ultra da lição, doutrina, ensina-lhes o Irmão a cantar missa, e dizer a Salve, a qual sabem já e cantam por si com alguns introitos da missa, conformando-se em tudo com a ordem de S. Vicente."

Pp. 186-187.

"Os dias passados partio o irmão Antonio Rodrigues do rio Vermelho, com setenta Indios, a maior parte meninos, e chegando a uma ermida que está um bom pedaço da cidade nos fez saber como eram chegados. Sahiram os meninos da casa com sua cruz a os receber e juntos vieram todos em procissão, cantando pela cidade as ladainhas: alguns se disciplinavam, outros levavam a lanterna em a mão, do que se edificava a cidade, dando ao Senhor muitas graças. Em casa nos estava aguardando o Padre com muito alvoroço, e delle foram todos recebidos e agasalhados como costuma, *scili-*

P. 187

cet: com grande caridade e desejo de os ver a todos mui bons christãos e polos alegrar mandou o padre aos meninos que lhe cantassem em sua lingua e a nossa algumas cantigas, do que elles gostavam muito. Finalmente acabou-se esta festa com dizer tudo em voz alta a *Salve* e as orações da doutrina.

"D'ahi a quatro dias, que foi vespera de Todos os Santos, por lhes pagar esta vinda mandou o Padre á aldêa os meninos orfãos a que lhe cantassem as vespervas e officiassem a missa."

Car.JoAnch.5, 1557

Carta do Padre José de Anchieta [aos Padres e Irmãos de Portugal].

São Paulo de Piratininga, fim de abril de 1557.

Fonte: apógrafo coevo em português na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa], 1-5, 2, 38, ff. 29v-31v.

Publicações:

- 1. Monumenta Brasiliae**, vol. 2, pp. 364-370. Na p. 364 encontram-se listadas as publicações deste documento.
- 2.** Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 78, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

Pp. 367-368.

“Porque se ofereceo fazer menção dos contrários, direi algumas cousas não fora de propósito. Veio poucos dias há, grande copia delles, e combatendo um lugar de Portugueses o roubou. Acolheram-se à fortaleza sete ou oito Portugueses, que se acharão presentes, e, como quisessem entrar com elles os inimigos, foram mortos mui delles. Por outra parte acometerão uma casa onde estavam dois christãos, e saltando como simios na telhado, derribando as telhas, os tomarão por força, e levarão com muitos dos escravos e mais presa. Não muito depois se seguio uma peste de que morreo grande numero dos contrários; tiravam os mortos de casa e deitavão-os às onças, as quais de noite vinham e os comião. Desta maneira os castigou a dextra do Senhor. E depois indo a elles os Portugueses em navios, tomarão mais de 50, que estavam fazendo grandes festas, com muito vinho e cantos sobre a morte dos dois Portugueses christãos que já tinham comido. Depois de tornados ao porto, sentenciarão dois à forca, os quais o pastor [Francisco Fernandes] que tem as vezes do Bispo pouco há defunto, que pouco antes tinha chegado, consolou e instruiu na fé (porque não estava presente nenhum de nossos Irmãos); e assim recebidos a bautismo, chamando sempre o nome de Jesus, foram enforcados.”

Car.FrPir.3, [1557]

Carta do Padre Francisco Pires. Espírito Santo, s/d [maio de 1557].

Fonte: segundo a publicação em **Cartas Avulsas**, cópia na Biblioteca Nacional de Paris, da qual a Biblioteca Nacional do Rio, possui traslado manuscrito; tradução autógrafa em espanhol no ARSI, Bras 15 I, ff. 47v-48v, e nos ff. 51-53v, em uma carta do Irmão Antônio Blasques, da Bahia, de 2 de abril de 1558.

Publicações:

1. **Cartas Avulsas**, pp. 220-223.
2. **Monumenta Brasiliae**, vol. 2, pp. 371-377. Na p. 371 encontram-se listadas as publicações deste documento.
3. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 79, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: publicação em **Cartas Avulsas** e autógrafo em espanhol do ARSI, ff. 51-53v.

Publicação em Cartas Avulsas:

P. 221.

"... Fomos buscal-o [o corpo de Sebastião de Lemos] com grande pompa e solemnidade: primeiramente o Padre Vigario levava um Crucifixo nas mãos coberto de luto, como ás sextas-feiras na quaresma se costuma fazer, e sua cruz diante e a dos meninos, e o Governador na procissão com toda a demais gente da terra, e assim, nós cantando e elles pranteando, o trouxemos á nossa igreja; muito se espantavam e edificaram os Indios de ver aquelle concerto que davamos, que logo na noite seguinte prérgou Jaraguay, dizendo que aquella era a verdade e que deviam todos ser bons christãos. Certos dias depois do seu enterramento, lhe fizemos um officio cantado, ao qual esteve presente o pae e alguns dos seus, e o Governador o assentou entre si e seu filho Vasco Fernandes..."

Autógrafo do ARSI:

F. 52 ff.

"Treslado de algunos cap.^{os} de cartas del P.^e / Fran^{co} Perez q' han uenido del Stu Santo, alg^{os}, / sedexan descriuir & seren ya enbiados à San / Vicente dondese an de imbiar à V.P. segun / la orden q' esta dada."

F. 52: Morte de Bastian de Lemos, "hijo del [gato]".

"... fuimos à bus-/carlo con gran pompa y solemnidad primeram^{te} el p.^e Vicario lleuaua un crucifixo en las manos cubierto / de luto como en los uienes en la quaresma se acostumbra hazer y su cruz delante y la de los niños, y el / Señor Gouernador en la pcession con toda la demas gente de la tierra yassi nos cãtando y ellos plan-/teandolo truximos à sua yglesia mucho se espantaron y edificaron los Indios de ver aql concierto que / dauamos [e]luego la noche siguiente predico Jaraguai diziendo q' aqla era l uerdad y que deuian todos ser / buenos Xpianos, ciertos dias despues de su enterram^{to} le hizimos un officio entonado ..."

Car.AnBlas.2, 1557

Carta para o Padre Inácio de Loyola. S/a [Irmão Antônio Blasques]. S/l [Bahia], 10 de junho de 1557.

Fonte: tradução portuguesa de espanhol perdido na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [S. Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 34-38v.

Título original: "Summa de algumas cousas que iam em a Náo que se perdeu do Bispo pera o nosso padre ignacio."

Publicações:

1. **Cartas Avulsas**, pp. 194-204. Segundo a publicação: "copiada no livro de registro 'Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil, ...', cit. fl. 34."
2. **Revista do IHGB**, n. 5, p. 214.
3. **Monumenta Brasiliae**, vol. 2, pp. 377-391, como sendo de autoria do Ir. Antonio Blasques. Na p. 377 encontram-se listadas as publicações deste documento.
4. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 80-81, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: publicação em **Cartas Avulsas**.

P. 196.

"Entre estes [meninos índios trazidos das aldeias] se achou um que, vendo vir a sua mãe, se escondeu entre o arvoredor, e dizia depois aos Irmãos que, ainda que sua mãe o quizesse levar por força, que não se houvesse de ir com ella: a este puzeram o nome Jeronymo e entre os outros meninos é o mais sizudo e modesto. Outros meninos em a idade bem pequenos enganaram a seus paes, dizendo que iam a nadar para ter ocasião de se vir com o Irmão; quasi todos estes são já christãos e sabem a doutrina chistã e aprendem a ler e cantar, como em as outras farei relação. Louvores a Sua Magestade por tudo."

P. 199.

"Como chegamos á vista della [da Aldeia do Rio Vermelho], mandou João Gonçalves que cada menino orfão levasse um filho dos Gentios a seu cargo, por amor das feiticeiras que não nos embaissem: e assi entraram em procissão cantando, do que elles se maravilhavam e ficavam como attonitos, porque em extremo são dados á musica e ouvir cantar."

Pp. 199-200.

"E dado caso que isto bastara para imaginar em o

P. 200

inferno, todavia ficou-se mais imprimido com uma invenção que vimos sahindo d'esta, a qual é esta: Vinham seis mulheres nuas pelo terreiro, cantando a seu modo, e fazendo taes gestos e meneios que pareciam os mesmos diabos. Dos pés á cabeça estavam cheias de pennas vermelhas; em suas cabeças traziam umas como carochas de penna amarella. Em as espaldas levavam um braçado de pennas que parecia uma coma de cavallo, e por alegrar a festa tangiam umas frautas que têm, feitas das canellas dos contrarios, para quando os hão de matar."

Car.MaNob.8, 1559

Carta do Padre Manoel da Nóbrega ao Padre Miguel Torres e aos Padres e Irmãos de Portugal. Bahia, 5 de julho de 1559.

Fonte: apógrafo em português na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [São Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 51v-56v.

Publicações:

1. **Monumenta Brasiliae**, vol. 3, pp. 49-67. Na p. 49 encontram-se listadas as publicações deste documento.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 115-116, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

Pp. 51-52.

"E começando em Sam Paulo [igreja a uma légua da Bahia, hoje Brotas], que foy a primeira, direy primeiramente ha ordem que teve e tem em proceder. Aqui há escola dos meninos, que são pera isso, cada dia numa só vez, porque tem o mar longe e vão pelas menhãs pescar pera sy e pera seus paes, que não se mantém doutra cousa, e às tardes tem escola tres oras ou quatro. Destes ahi cento e vinte por rol, mas contínuos sempre há de oitenta pera arriba. Estes sabem a doutrina e cousas da fee, lem e escrevem; já cantão e ajudão já alguns há

P. 52

missa. Estes são já todos baupizados com todas as meninas da mesma ydade, e todos os innocentes e lactantes. Depois da escola há doutrina geral a toda gente, e acaba-sse com Salve cantada polos meninos e as Ave Marias. Depois, huma hora de noite, se tanje o sino e os meninos tem cuydado de ensinarem ha doutrina a seus pais e mais velhos e velhas, os quais não podem tantas vezes ir há igreja, e hé grande consolação ouvir por todas as casas louvar-se Nosso Senhor e dar-se glória ao nome de Jesu.

"Aos domingos e sanctos tem missa e pregação na sua lingoa e de contino hé tanta a gente que não cabe na igreja, posto que hé grande; ali se toma conta dos que faltão ou dos que se ausentão e lhes fazem sua estação. Ho meirinho, que hé hum seu Principal delles, prega sempre aos dominguos e festas polas casas de madrugada a seu modo. A obediencia que tem hé muyto pera louvar a Nosso Senhor, porque não vão fora sem pedir licença, porque lho temos asym mandado por saberemos onde vão, pera que não vão comunicar, ou comer carne humana, ou embebedar-se a alguma Aldea longe; e se algum se desmanda, hé presso e castigado pelo seu meirinho, e o Governador faz delles

justiça como de qualquer outro christão e com maior liberdade. Se algum adoece, hé obrigado a mandar-nos chamar e hé de nós curado e remedeado asi no corpo com n'alma ho melhor que podemos, e assi poucos morrem que não sejam bautizados no artigo da morte, quando elles amostrão sinaes de fee e de contrição, e assi destes como dos inocentes regenerados com a agoa do baptismo se salvão muytos."

P. 56.

"Ao sábadó sancto loguo seguinte [25 de março de 1559] fizemos [na igreja de 'Sam Paulo'] ho officio das fontes muy solenes e bautizamos naquelle dia a muytos, os quaes estavam confessados e aparelhados asi pera o baptismo como pera o casamento que avião de receber despois do dia da Ressureiçam [26 de março]. Ouve muitos desposados e fizemos a picissão muy solene, porque veio folia da cidade que Simão da Gama ordenou e Bastião da Ponte seu cunhado: os meninos cantando na lingoa [e] em portugues cantigas a seu modo dando gloria a Nosso Senhor;, e forão todos os Imdyos em pecissão asi homens como molheres, tendo as ruas limpas e bem enramadas, de que muyto se alegrou meu spiritu em ho Senhor."

Pp. 57-58.

"Dia de Corpus Christi seguinte [25 de maio de 1559] se fez outra picissão solemne da mesma maneira e muytas vezes se faz polas necessidades que ocorrem com sua ladainha, a qual dizem os meninos e respondem todos; principalmente huma fezerão pedindo chuva pola grande seca que avia, de maneira que se secavão os mantimentos e forão ouvidos de N. Senhor. Todos tem jaa per custume quando seus filhos adoecem trazerem-nos a igreja com suas pobres offertas a offerer e dos que morrem fazemo-los enterrar con ponpa funeral, e

P. 58

dizem-lhe seus officios de que elles muyto edeficão; quando podemos tem missas cantadas em festas principaes."

Car.FrPir.4, [1559]

Carta do Padre Francisco Pires aos Padres e Irmãos de São Roque. S/l, s/d [Bahia, 30 de julho de 1559].

Fonte: apógrafo em português na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [São Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 195v-196v.

Publicações:

1. **Cartas Avulsas**, pp. 265-267, sem informação sobre a fonte.
2. **Monumenta Brasiliae**, vol. 3, pp. 108-112. Na p. 109 encontram-se listadas as publicações deste documento.
3. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 117, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: publicação em **Cartas Avulsas**.

P. 266.

"Um dos negros que acima disse que morreram, era um delles desta villa de S. Paulo, christão dos antigos e principal; fomos o padre Antonio Pires e eu com outros alguns Irmãos fazer um officio e assi se trabalha solemnizar ali muito o culto divino para em tudo tomarem novo espirito. Vieram todos á egreja, houve uma solemne pregação na sua lingua, *scilicet*: do inferno, purgatorio e gloria, e acabado o officio e missa cantada, .. jantámos um gallo que nos trouxeram de offerta."

Car.AnBlas.3, 1559

Carta do padre Antônio Blasquez para o Padre Geral. Bahia do Salvador, 10 de setembro de 1559.

Fonte: autógrafo em espanhol com portuguesesismos, no ARSI, Bras. 15, ff. 55-58v.

Publicações:

1. **Cartas Avulsas**, pp. 249-257. Segundo a publicação: "copiada no livro de registro 'Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil...', cit. fl. 58, em castelhano.
2. **Monumenta Brasiliae**, vol. 3, pp. 129-140. Na p. 128 encontram-se listadas as publicações deste documento.
3. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 118, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: publicação em **Cartas Avulsas**.

Pp. 253-254.

"Como o Padre [Nóbrega] acabou este officio, os Indiozinhos christãos começaram a louvar ao Senhor com uma prosa em lingua brasilica e hespanhola, cousa que movia muito a devoção aos circumstantes, que todos estavam mui edificados de ver os meninos tão aproveitados nas cousas da Fé. Officiaram á missa cantada os mesmos In-

P. 254

diozinhos filhos dos baptizados, acabada a qual o Padre casou a 15 Indios com suas mulheres..."

P. 255.

"Estavam algumas povoações dos Indios affastadas desta aldêa [de São João]; por isso não se lhes podia soccorrer por estarem longe de nós e disto resultava um grande mal, porque os que nós outros doutrinavamos tinham estas povoações por suas guaridas, onde iam quando queriam e celebravam por ali seus beberes e bailes, com outros ritos gentilicos, que os Padres se esforçavam por desarraigá-lhes quanto podiam."

Car.AnBlas.4, 1559

Carta do Padre Antônio Blasquez ao Padre Geral. Bahia, 10 de setembro de 1559

Fonte: original no ARSI, Bras 15 I, doc. 13, ff. 67-67v. Autógrafo em espanhol no f. 59.

Título original: "De Blasquez ao P. General."

Assinatura: "Della Baia del Saluador li 10 di settembre 1559. / [...] / Per com^{ne} del P^e Manuel de Nobrega / Antonio Blasquez."

Publicações:

1. **Monumenta Brasiliae**, vol. 3, pp. 141-144. Na p. 142 encontram-se listadas as publicações deste documento.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 119, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: documento original.

F. 67.

"Il P.e Nobrega parti di quà / la settimana passata per la terra di Santu Spiritû et nel camino / haueua a pigliar seco alcuni puti che stauano in / Itapuan; accio che in Santo Spo' s'insegnassero, et instruissero nelle / cose della fede, per la commodità [?] / che in altre parte del Brasil. Come quelli di Santo Spo' ritesero / dell'andata sua, e che s'auuicinaua; l'andarno à riceuere, preceden- / do li preti, li q.^{li} portauano nel fronte et nelle manj il segno della S.^{ta} Croce. / L'aspettò nel porto; mostrando tutta sentir somma allegrezza con / la sua presençia; per che [sano] ben (come gli stessi dicono) che esso è uero / padre loro. Di là lo / condussero infin' alla casa della Comp^a [pra'] cantando cantichi / lode a Dio [Fs.S.^{re}]..."

Car.AnRodr.2, 1559

Carta do Padre Francisco Pires, com outra do Irmão Antônio Rodrigues para o Padre Nóbrega. S/l [Bahia], [28 de setembro ou 2 de outubro] de 1559.

Fonte: apógrafo em português na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [São Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 65v-66.

Publicações:

- 1. Cartas Avulsas**, pp. 270-272. Segundo a publicação: "copiada no livro de registro 'Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil...', cit. fl. 65v."
- 2. Monumenta Brasiliae**, vol. 3, pp. 153-156, como sendo de 28 de setembro de 1559. Na p. 154 encontram-se listadas as publicações deste documento.
- 3.** Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 120, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: publicação em **Cartas Avulsas**.

P. 271.

"Escolheu logo [o Governador Mem de Sá] este sitio onde estava a cerca dos Indios pera ahi se ajuntar uma villa: poz-lhe o nome de Nossa Senhora da Victoria, e que a egreja se fizesse á custa de Simão da Gama e elle o acceitou de boa vontade e por grande mercê. É grande sua alegria ver-me ensinar e prégar, e muito mais ouvir cantar os meninos a Sa/ve e ladainhas cada dia."

Car.JoAnch.6, 1560

Carta do Padre José de Anchieta ao Padre Diego Laynes, em Roma. São Vicente, 31 de maio de 1560.

Fonte: autógrafo em latim no ARSI, Epp. NN. 95, ff. 89-92v.

Assinatura: "S. Vincentii. Joseph 1560."

Publicações:

- 1. Monumenta Brasiliae**, vol. 3, pp. 202-236. Na p. 202 encontram-se listadas as publicações deste documento.
- 2.** Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 121, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

Tradução: Serafim Leite.

P. 205. "Non multis ante diebus cum essemus Piratiningae post occasum solis, caepit aër commisceri, subito obnubilari caelum, tonitruisque et fulguribus crebris minitari: tum ventus ab Austro [...] acceptis viribus tantopere invaluit, ut exitium minari Dominus videretur. [...] mirum est quantas mediae horae spatio (nec enim amplius duravit) arborum et tectorum strages editit, et quidem certe nisi Dominus breviasset tempus illud, nihil tantam vim posset retorquere, quin omnia funditus ad terram ruerent. Sed inter haec omnia illud magis miradum, quod Indi, qui eo tempore potationibus indulgebant <u>et cantibus</u> (ut solent) nihil ad tantam rerum confusionem esterriti, nec saltare desierunt, nec potare, perinde ac si omnia posita essent in summa tranquillitate."	P. 124. "Não há muitos dias, estando em Piratininga, depois do pôr do sol, de repente começou a turvar-se o ar, a enevoar-se o céu, a amiudarem-se os trovões e os relâmpagos; o vento Sul [...] ganhou tal violência que parecia o Senhor ameaçar com a destruição. [...] Em meia hora (que não durou mais) é de espantar quanta devastação produziu em árvores e casa; e na verdade se Deus não abreviasse aquele tempo nada poderia resistir e tudo se arrasaria. E o mais admirável é que os índios, então entretidos em seus <u>beberes e cantares</u> (como costumam), sem nenhum temor a tamanha confusão das coisas, não deixaram de <u>dançar nem de beber</u>, como se estivesse tudo no maior sossego."

Car.JoAnch.7, 1560

Carta do Padre José de Anchieta ao Prepósito Geral Iacobo Lainez.

Colégio de São Vicente, 1º de junho de 1560.

Fonte: autógrafo em latim no ARSI, Epp. NN. 95, ff. 93-96; autógrafo em espanhol em ff. 108-110v e ff. 112-116.

Título original: "Reuerendo in Christo Patri / Iacobo Laynez Praeposito Generali Societatis Jesu."

Assinatura: "Sancti Vincentij ex collegio / Jsu', Kalendis Junij anno à Christi ortu 1560. / [..] / Joseph."

Publicações:

- 1. Monumenta Brasiliae**, vol. 3, pp. 246-296. Na p. 247 encontram-se listadas as publicações deste documento.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 122, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: documento original.

Observação: os ff. 87-141v do códice contêm correspondências e papéis particulares do padre José de Anchieta sobre as missões indígenas e a Companhia de Jesus no Brasil, escritas em português, latim e espanhol.

F. 94.

"... In maioribus festiuitatibq, maximè cum natalis Domini dies, & passionis / memoria celebrat' confluunt Piratininga' ferè omnes multis antè diebus, intersunt diuini officijs / et processionibq, flagris se usqß ad sanguinis effusione caedentes, ad quae multo antè praeparant funiculos / cum magna diligentia, quod brasij etiam faciunt temporibus, cum pompae aliqua necessitate' celebra't. / officium tenebraru' peragimq in ecclesia sine cantu, quod miserere [mei], [terrepetito] nos flagellates concludimq, / passione' quoqß dominicam ipsoru' idiomate praedicamus no' sine multa audientiu' deuotione & lachrymis, quas & in / confessionibus effundunt ubertim & in sacra Dominici corporis perceptione."

F. 94v.

"Satis multa uideor de indis retulisse, quibus tamè aliqua de ipsoru' hostibus et bellis uident' subnec-/tenda, in quibus cum o'nes penè cogitationes & curas ponat, im ipsis maxime, gnatas apud eos / uires uirtus habeant, et cristianae uitae documenta, solet elucessere. Superioribus diebus contra / hostes profecti expugnaru't oppidum, & ceperu't multos, unus in gnadam apud nos Indoru' habi-/tatione dicebatur cum cantibus, potationibus, & solemnitatibus (ut solet) occidendus."

Tradução em espanhol nos ff. 108-110v:

Assinatura: "Del Collegio de Jsû, de S. V^{te}. año de 1580. al primero / de Junio. / [...] / Joseph."

Ff. 108v-109.

"... En las fiestas prin-/cipales, maxime quando se celebra el nascimiento y passio' del snor' concorren à Piratininga de todos los lu-/

F. 109

lugares comarcanos quasi todos muchos dias antes, estan presentes a los diuinis officios, y pcessioness discipli-/nandose hasta derramar sangre, para lo qual mucho a'tes apareian diciplinas co' mucha dilige'tia, lo mesmo haze' / en otros tiempos, quando por alguna necessidad se hazen pcessioness. el officio de las tinieblas, hazemos en la / iglesia sin canto, el qual co'cluimos tomando una disciplina co' tres Miserere, tambien les predicamos la / passion en su lengua no sin gran deuotio' y muchas lagrimas de los oyentes, las quales tambien derraman / en abundancia en las cofessiones et co'muniones."

F. 109.

"Muchas cosas parece [?] [cansado] de los Indios, alas quales aiu'tase algunas de sus guerras, en las quales como / tengan puesto quasi todo su pensamiento y cuidado, nellas se puede ver, qua'to ualga con ellos la uirtud y doctrina / de la uida christiana. Los dias passados yendo contra los enemigos uenciero' un lugar, y tomaro' captiuos muchos / uno de los quales se dezia auerse de matar en una poblacion cerca de Piratininga co' sus ca'tos, uinos / y fiestas, como es costumbre."

Car.RuyPer.1, 1560

Carta do Padre Ruy Pereira aos Padres e Irmãos da Companhia da Província de Portugal. Bahia, 15 de setembro de 1560.

Fonte: apógrafo em português na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [São Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 90v-98v.

Publicações:

1. **Cartas Avulsas**, pp. 281-297. Segundo a publicação: "copiada no livro de registro 'Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil, ...', cit. fl. 90v."
2. **Monumenta Brasiliae**, vol. 3, pp. 285-306. Na p. 285 encontram-se listadas as publicações deste documento.
3. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 124, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.
4. **Diversi Avisi Particolari**, vol. 2, fl. 131-150, em tradução para o italiano.
5. **Annais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**, 1835, n. 4, pp. 139-165.

Versão utilizada: publicação em **Cartas Avulsas**.

Pp. 283-284.

"Quanto aos estudantes [do Colégio da Bahia], se faz muito fruto no espiritual, e muitos andavam movidos para a Companhia, e frequentavam mui-

P. 284

to as confissões; mas por justos respeitos não se recebeu mais que um criado do Sr. Bispo, que chamam Antonio Leitão, dos melhores cantores e fallas que tinha; será de idade até 18 annos, tem bom engenho, e outras muitas boas partes pera a Companhia, e dá até agora signaes de ser um grande servo do Senhor."

Pp. 288-289.

"Depois que a armada partiu pera o Rio de Janeiro, se fez cada somana procissão por essa intenção. E quando não podiam sahir se diziam as ledainhas na igreja, e ás sextas feiras da quaresma iam se os meninos disciplinando. E em todas estas procissões havia muito concurso de gente, e vindo á igreja se sahiam as mulheres, e se começava uma rija disciplina, ás portas fechadas, em quanto o padre Antonio Rodrigues dizia o *Miserere*, e dando-se de modo,

que estando um Irmão junto um sentiu tanto sangue que lhe tomou as disciprinhas, as quaes estavam bem ensaguentadas. Quinta-feira de Endoenças se foram daqui em procissão á cidade, onde ia grande somma de disciprinantes, e lá foram na deanteira da procissão, cantando sua ledainha, que dous delles acostumam dizer, respondendo os outros, que foi cousa de muitra edificação; têm grande attenção nas pregações; têm tão differentes costumes entre si, e em saudar os brancos quando se com elles encontram, e sabem tão bem a doutrina, assi na lingua como no portuguez; dizem com tanta devação e concerto, uma *Salve* todos os sabbados,
P. 289

e o rosario do nome de Jesus todo os domingos e santos antes da missa; que quem os vê tem mui grande motivo pera dar muitas graças áquelle que taes cousas obra em suas creaturas. ..."

Car.AnPir.2, 1560

Carta do Padre Antônio Pires aos Padres e Irmãos da Companhia de Jesus em Portugal. S/I [Bahia], 22 de outubro de 1560.

Fonte: apógrafo em português na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [São Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 100v-102v.

Publicações:

1. **Cartas Avulsas**, pp. 300-306. Segundo a publicação: "copiada no livro de registro 'Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil, ...', cit. fl. 100v."
2. **Monumenta Brasiliae**, vol. 3, pp. 307-315. Na p. 307 encontram-se listadas as publicações deste documento.
3. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 125, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: publicação em **Cartas Avulsas**.

P. 302.

"Daqui [o Padre Luís da Grã] se foi a Sancti Spiritus que está a seis leguas desta cidade onde o receberam os principaes com muita gente com folia de tamboris e como lhe disserem todos grandes e pequenos: *Louvado seja Jesus Christo*, e vieram-no a receber com esta festa um grande pedaço de caminho e assi o foram festejando até á casa. ..."

Car.RuyPer.2, 1561

Carta do Padre Ruy Pereira do Brasil aos Padres e Irmãos da Companhia em Portugal. Pernambuco, 6 de abril de 1561.

Fonte: apógrafo em português na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [São Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 103-105.

Publicações:

- 1. Cartas Avulsas**, pp. 307-316. Segundo a publicação: "copiada no livro de registro 'Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil, ...', cit. fl. 103. em português."
- 2. Monumenta Brasiliae**, vol. 3, pp. 323-336. Na p. 323 encontram-se listadas as publicações deste documento.
- 3.** Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 126, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: publicação em **Cartas Avulsas**.

Pp. 315-316.

"... Quanto aos officios da Sumana Santa e a solemnidade com que fizemos a Ressurreição com todo o estrondo da artilharia, frautas e musica, e quanto com estas cousas o povo se consola e se

P. 316

nos affeição..."

Car.AnBlas.5, 1561

Carta do Padre Antônio Blasquez ao Padre Diogo Laynez e aos mais Padres e Irmãos da Companhia. Bahia, 23 de setembro de 1561.

Fonte: apógrafo em espanhol com ortografia extremamente irregular, com muitas palavras portuguesas e portuguesismos, no ARSI, Bras 15, ff. 103-108v; apógrafo em espanhol na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [São Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 105-111, semelhante porém com algumas palavras a menos.

Publicações:

1. **Cartas Avulsas**, pp. 324-348. Segundo a publicação: "copiada no livro de registro 'Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil, ...', cit. fl. 105."
2. **Monumenta Brasiliae**, vol. 3, pp. 394-427, como sendo de 1º de setembro de 1561. Na p. 395 encontram-se listadas as publicações deste documento.
3. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 127-129, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: publicação em **Cartas Avulsas**.

P. 331.

"Depois desta primeira visitação, dahi a poucos dias determinou o Padre Provincial ir outra vez a esta aldêa [de São João, na Bahia] para fazer outro baptismo solemne, para cuja chegada os Padres lhe tinham preparado outra boa mão, pra que os baptisasse e casasse. Sabido, pois, na aldeia como se aproximava, sahiram a recebê-lo em caminho com o alvoroço e alegria costumada, e pelo caminho iam os Indios cantando na sua lingua: '*Vamos receber o padre Luiz da Grã, que por nossa causa* (era então tempo de inverno) *não receia chuvas, nem charcos, nem maus caminhos. Folgae todos com a sua vinda, pois nos traz a vida boa.*' "

Pp. 337-338.

"Daqui se partiu para S. João, onde lhe fizeram os Indios aquelle recebimento tão solemne que acima disse, e baptizou a cento e tantos com grande alvoroço e alegria de todos. Partiu logo para a povoação de Santo Antonio, por caminho asperro e muito cheio de matos: será de Santiago jornada de um dia, mas o caminho é tão fragoso que bem poderá passar por dous. Foi aqui recebido Sua reverendissima com grande regosijo dos Indios, por-

P. 338

que, com tambores sahiram a recebê-lo em caminho; aqui baptizou o padre provincial por esta vez a dezesete casaes em lei de graça, *ultra* outros que se fizeram christãos sem se casarem. [...] Tornando pois ao meu proposito, como chegou á povoação, occupou-se nos seus costumados exercicios, e vespera da

Invenção da Cruz (que assim se chama esta casa) fizeram uma procissão mui solemne, levando os Indios ás costas uma cruz mui formosa e grande, para arvorar-a em um monte para onde agora se mudou a egreja; iam elles tangendo e cantando uma folia a seu modo, e de quando em quando vinham fazer reverencia á cruz que um Irmão levava.”

Pp. 338-339.

“... Logo depois de concluido o que convinha nesta povoação, voltou para a cidade e ao outro dia depois que chegou foi-se á povoação de Santiago e dahi a quinze dias ao Espirito Santo, para que se mudasse aquella povoação, porque, por ser o sitio mui doentio, morriam muitos e muito a miudo [...]

P. 339

Andavam attonitos e como que pasmados vendo o que por elles passava. Não usavam seus cantares e bailes, mas tudo era tristeza e pela aldêa não se ouvia senão choros e gemindos pelos defuntos. ...”

Pp. 342-343.

“Depois que o padre Luiz da Grã chegou á povoação de Santiago, logo deu para que se fizesse um baptismo solemne na missa nova do padre Vicente Fernandes, á qual se acharam presentes alguns Padres e Irmãos da cidade para officiarem nella, porque foi de canto de orgão com algumas cançonetas e motetes, o melhor que se poud e soube. [...]

P. 343

Chegado, pois, o dia do glorioso apostolo Santiago, o que primeiro se fez foi uma procissão logo pela manhã, estando ornadas de palmeiras as ruas por onde trouxeram o que cantava a missa com grande alegria e regozijo de todos; ia uma grande procissão de meninos, Indiosinhos christãos, *ultra* outros muitos casados em lei de graça, com outra grande multidão de Gentios; disparavam pela procissão tiros de espingarda e camaras, para festejarem esta festa. O Padre que cantava a missa ia no meio de seus padrinhos, que levavam vestidas suas capas mui ricas, com uma cruz dourada adiante, e os Padres e Irmãos cantando alguns motetes e hymnos em louvor do Senhor. Finalmente, acabada a procissão e feitos os catechismos, se começou a missa de canto de orgão com a maior solemnidade e festa que se poud e soube, ...”

P. 344.

“Esteve o Padre Provincial depois desta vinda em casa uns dez ou doze dias e logo se dirigiu para a povoação de S. Paulo, afim de preparar outra bôa mão que se haviam de casar e fazer christãos, no qual baptismo o Sr. Bispo se havia de achar presente, o qual, depois que teve recado, fomos com elle um domingo pela manhã, não querendo levar comsigo mais que um criado e dois meninos cantores. [...]

“Dahi a pouco se começou a procissão e o Sr. Bispo, com um Padre dos nossos, começaram as ladainhas, e assim sahimos da egreja em procissão, elles dous sós cantando, os demais respondendo, cousa que não sei a que olhos não parecera bem. ...”

Car.LeVal.1, 1561

Carta do Padre Leonardo do Valle, da Bahia para os Irmãos. Salvador, 23 de setembro de 1561.

Fonte: apógrafo em português na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [São Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 111v-115.

Publicações:

1. **Cartas Avulsas**, pp. 349-361. Segundo a publicação: "copiada no livro de registro 'Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil, ...', cit. fl. 111v."
2. **Monumenta Brasiliae**, vol. 3, pp. 435-451. Na p. 435 encontram-se listadas as publicações deste documento.
3. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 131-132, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: publicação em **Cartas Avulsas**.

P. 352.

"E nisto vinha a outra gente e mancebos da aldêa com grandes alaridos de danças e tangeres, e poz o Senhor tanta virtude nesta mezinha de simplicies palavras e ditas a seu modo, que de improviso o Principal se mudou e esteve com grande assocego e reverencia ao que o Padre dizia, e os seus que, como digo, vinham tão embebidos em suas danças, tendo, parece, alguma noticia do que passava, subitamente se calaram, e ficou tudo tão quieto que parecia não haver gente na aldêa, cousa certo muito pera louvar ao Senhor..."

Pp. 355-336.

"E com estes enfadamentos chegamos a uma grande e fermosa praia, uma legua quasi antes da aldêa, e repousando á sombra de muiertas arvores e palmeiras que ao longo della havia, mandamos recado á aldêa [de Santa Cruz] que viessem levar o pontifical e mais fato, e partindo á tarde pola praia com o que boamente se poudes levar, topamos um dos nossos Padres que nos vinha a receber com tantos meninos da terra que era cousa pera muito louvar a Nosso Senhor; todos se iam ao Bispo, que ia em uma rede que levavam dous Indios, e fazendo suas reverencias diziam por saudação: *louvado seja Jesu Christo*, e depois a cada um dos Padres que com elle iam. E passando o Padre que os trazia com elles polo fato que deixamos, viamos vir o padre Provincial com outra grande somma, muito alegres por nossa ida, tangendo com seus tamboris, e chegando á aldêa se encheu a egreja de gente de maneira que dentro nem fóra me pa-

P. 356

rece que cabiam, onde o Bispo lhes lançou a benção cantada, e assentado em uma cadeira junto do altar lhe iam todos assim homens como mulheres a beijar a mão. E com isso se despediram, se foram a suas casas.

"Ao outro dia, que foi sabbado, vespóra da festa, logo pola manhã nos mandou o Padre á egreja, os que sabiamos a lingua, a confessar os que se haviam de baptisar ao outro dia, a qual confissão, como já saberão, não é mais que pera lhe fazer detestar a vida passada e conhecer a que querem tomar, e alguns que já eram christãos se confessavam pera casarem, e com isto e o fazer do rol se gastou o dia. E no mesmo dia chegou em outro barco o Ouvidor Geral com gente da cidade, que também polo conhecerem por tal, foi delles e de nós bem recebido, e á tarde, junta a gente, se disseram as vespóras mui solemnes de canto de órgão. E ellas acabas, se fez pola aldêa uma procissão, onde iam duas cruces, *scilicet*: uma nossa, dourada, e outra de prata, grande e fermosa, da sé.

"Ao domingo, que foi dia da Exaltação da Cruz, se levantou o Padre Provincial e o padre Antonio Pires, que ahi residia, duas ou tres horas ante-manhã, e mandando logo chamar a gente, se começou a occupar nos rões e em concertar os casamentos que haviam de ser, e nós os linguas a confessar, como o dia dantes. E vindo o dia e horas pera dizer missa, se começou de canto de órgão, com diacono e subdiacono; mas era tanto o numero da gente, grande parte da qual eram lactantes e outros innocentes, ..."

Pp. 357-358.

"Ao outro dia se ajuntou grande numero de gente pera verem os casamentos que, por o dia d'antes não haver tempo pera elles, se deixaram pera aquelle, que era a segunda-feira depois da festa, a qual junta, se revestiu Sua Senhora pera dizer missa de ponti-

P. 358

fical, servindo-lhes dous de nós de diacono e sub-diacono, a qual se começou mui solemne de canto de órgão, pera que elle levára a sua capella, ajudando-lhe alguns dos nossos que entendem delle. [...] E acabada a missa se fez uma procissão, onde ia o Bispo debaixo de um pallio vermelho com os mais ministros que já disse revestidos, por uma mui comprida e fermosa rua, e porque a festa não parecesse sómente nossa e dos novos christãos, muitos dos Gentios cheios de fervor e ataviados á sua guisa, com penna muito louçã e seus maracás nas mãos, tangendo, ordenaram sua folia, com que descorriam pola procissão, e assi foi celebrada com motetes em canto do órgão e psalmos bem acompanhados de vozes, e também com os cantares e folia, dos que si mais souberam mais fizeram. ..."

Car.LeVal.2, 1562

Carta do Padre Leonardo do Valle para os Padres e Irmãos da Companhia de Jesus, em S. Roque. Bahia, 26 de junho de 1562.

Fonte: apógrafo em português na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [São Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 116-124v.

Publicações:

1. **Cartas Avulsas**, pp. 370-397. Segundo a publicação: "copiada no livro de registro 'Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil, ...', cit. fl. 116."
2. **Monumenta Brasiliae**, vol. 3, pp. 469-507. Na p. 469 encontram-se listadas as publicações deste documento.
3. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 133, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: publicação em **Cartas Avulsas**.

P. 374.

"... Asi que, sendo avisados os Indios da sua ida [do Padre Luís da Grã], se alegraram muito e os Principaes lhe mandaram fazer os caminhos, que é a maior honra e recebimento que antre elles se faz, e lhe mandaram 15 ou 20 mancebos ao caminho pera o levarem em uma rede, os quais o foram tomar algumas tres leguas antes da aldeia, e elles com a mais gente o foram receber uma legua della por ordem, *scilicet*: os meninos primeiro com suas capellas de flores nas cabeças, e indo mais por diante estavam os homens e depois as mulheres, e todos cheios de contas e suas galantarias de pennas de diversas côres e lavores, e com muitos tangeres e atabales se foram pera o logar... "

Car.LeVal.3, 1563

Carta do Padre Leonardo do Valle para o Padre Gonçalo Vaz, Provincial da Companhia de Jesus em Portugal. Bahia, 12 de maio de 1563.

Fonte: apógrafo em português na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [São Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 132-137.

Publicações:

- 1. Cartas Avulsas**, pp. 404-418. Segundo a publicação: "copiada no livro de registro 'Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil, ...', cit. fl. 132."
- 2. Monumenta Brasiliae**, vol. 4, pp. 3-22. Na p. 3 encontram-se listadas as publicações deste documento.
- 3.** Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 134, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: publicação em **Cartas Avulsas**.

P. 406.

"Em S. Paulo se aparelhou outro para o qual o Padre Provincial mandou um dos novos ordenados se apercebesse pera dizer missa nova, porque era necessario ser o bautismo algum tanto mais festejado que os outros, por ser de homens principaes e de mais policia, como criados ao bafo dos Brancos e visinhos mui antigos desta cidade. A vespóra pola menhã foi o Bispo que os havia de bautisar e logo aquella tarde os bautisou, ajudando-lhes os Padres que ahi estavamos e depois disso se disseram as vespóras de canto de orgão mui solememente e uma procissão pola aldeia; e ao outro dia, estando grande multidão de gente junto, assi Indios que os novos christãos haviam convidado de diversas e remotas partes, como Brancos, homens e mulheres, que fóra nem dentro da igreja cabiam, bautisou o Bispo alguns que ficaram do outro dia e deu ordens menores a alguns que a isso foram da cidade. O qual acabado, se começou a missa de canto d'orgão com tão boa capella e tão bem fornecida de cantores como se podera achar em qualquer das principaes egrejas de Lisboa, com diacono e subdiacono, afóra os padrinhos, e todos com ricas dalmaticas e capas, e ao tempo da missa e logar acostumado se assentou o Bispo pera fazer os casamentos, precedendo uma pratica que o diacono lhes fez em sua lingua sobre o sacramento que haviam de receber, e depois delles casados e a missa dita, se fez uma solemne procissão polo logar; e o mais que restava do dia puzeram elles com folias e dansas, com que aguardeciam ao bispo a honra que lhes fizera. Foram os bautisados 312 e casados em lei de graça 161."

Car.SePin, 1563

Carta do Irmão Sebastião de Pina para o Padre Gonçalo Vaz. Bahia, 12 de maio de 1563.

Fonte: apógrafo em português na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [São Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 132-137.

Publicações:

1. **Cartas Avulsas**, pp. 404-418. Segundo a publicação: "copiada no livro de registro 'Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil, ...', cit. fl. 132."
2. **Monumenta Brasiliae**, vol. 4, pp. 3-22. Na p. 3 encontram-se listadas as publicações deste documento.
3. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 134, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: publicação em **Cartas Avulsas**.

P. 422: Relato da viagem ao Brasil.

"Fomos assi enjoados os tres até ás Canarias; dahi por diante quiz o Senhor que convalescessemos de maneira que podessemos já servil-o em alguma cousa, e assi começamos logo a ordenar algumas cousas do seu serviço, sc: o padre Quiricio todos os domingos por ser tempo de quaresma e que houvesse sempre missa cantada nelles e que todos os dias á tarde houvesse ledainhas publicé, e aos sabbados a *Salve* e que um dos Irmãos ensinasse todos os dias a doutrina aos meninos que na nau iam e á demais gente que a quizesse aprender."

Car.AnBlas.6, 1564

Carta do Padre Antônio Blasquez para o Padre Provincial em Portugal.
Bahia, 30 de maio de 1564.

Fonte: apógrafo coevo em espanhol com portuguesismos na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [São Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 145-148v.

Publicações:

1. **Cartas Avulsas**, pp. 430-442. Segundo a publicação: "copiada no livro de registro 'Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil, ...', cit. fl. 145, em castelhano."
2. **Monumenta Brasiliae**, vol. 4, pp. 52-70. Na p. 53 encontram-se listadas as publicações deste documento.
3. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 136-137, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: publicação em **Cartas Avulsas**.

P. 431.

"... Neste tempo não se viam entre elles [entre os índios, devido à peste] nem ouviam os bailes e regosijos costumados, tudo era chôro e tristeza..."

Pp. 433-434.

"...Daqui o Padre Provincial fez viagem para o Espirito-Santo, onde o estava esperando o padre Antonio Rodrigues, com grande alvoroço, porque assim elle como os Indios o desejavam muito. Fez nesta aldêa o Padre Provincial 90 christãos e delles casou 80 em lei de graça, precedendo a festa e regosijo costumado, assim da parte dos nossos com hymnos e cantigas, como da delles com seus cantares e bailes; haverá nesta aldêa algumas mil almas, pouco mais ou menos, e creio que a maior parte delles ou quasi todos christãos, porque ja muitos annos que tratamos com elles. Tem a seu cargo esta casa o padre Antonio Rodrigues, um grande obreiro *inter gentes*, assim em zelo e fervor, como em obra e trabalhos que entre elles tem tomado mui continuos; de doze annos a esta parte que em nossa companhia com elles conversa, tem ensinado aos meninos mui bons costumes, como são ajudar missa,

P. 434

cantar e dizer a doutrina em casa a seus parentes: de tudo seja gloria ao Senhor."

P. 436.

"... Cantaram-se [na Aldeia de São Paulo] as vespervas mui solemnemente e tanto que se maravilhavam os que nos conheciam, parecendo-lhes que entre nós não haveria quem fôsse para isso. Acabadas as vespervas, que foram de canto de órgão, o Padre Provincial mandou que só os meninos das aldêas dissessem a *Salve cantada*, a qual disseram com tanto aire e graça, que não foi pequeno motivo de louvar ao Senhor a gente que ali se achou, vendo rapazes tão bem doutrinados nas cousas do Senhor. Pouco depois de dita a *Salve*, já quasi noite, estando os padres confessando na egreja, chegou o padre Balthazar Alvares com uma grande multidão de meninos que trazia da sua aldêa de S. João, que estará algumas 5 leguas desta, os quaes vinham em procissão cantando a ladainha, espectáculo na verdade com que todos nos alegrámos e consolámos; *maxime* a gente de fóra toma d'ahi materia para deitar-lhe mil benções."

Pp. 437-438.

"Antes de dizer a missa se fez uma procissão mui grande por esta aldeia e creio que si V. Rvma. a vira, se alegrara muito em seu espirito, porque veria precederem-n'a grande numero de meninos todos christãos, com suas palmas nas mãos e suas grinaldas cheias de cruces na cabeça; após elles se seguia um grande esquadrão de gente anciã e de dias e no meio delles muitos dançarinos e bailadores, que á sua guiza e modo faziam a cousa mais solemne. Junto a estes ia o côro dos Irmãos cantando *Te Deum laudamus* e *Laudate Dominum omnes gentes*, e logo vinham o diacono e subdiacono revestidos com dalmaticas de brocado, que Sua Senhoria nos emprestou. Com esta ordem se andou pela aldêa louvando ao Senhor: iam quatro curzes, uma de Santo Antonio, outra de S. João, outra de Santiago e a ultima do Espirito Santo, precedendo os rapazes por sua ordem, seguindo a sua cruz e freguezia. Acabada a procissão, se começou a missa cantada e nella prérgou o padre reitor e depois delle o padre Gaspar Lourenço aos Brasis, com tanto applauso e gosto dos ouvintes, que ainda os que não entendiam a lingua folgavam muito de se achar presentes, vendo sua acção e graça que Deus nesta parte lhe tem communicado mui particular. Acabada a missa, não se acabou aos circumstantes a devoção e gosto que sentiram neste jubileu, porque diziam que por nem um haver quereriam ter perdido cousa tão boa, indo por uma parte quietos na consciencia e consolados e por outra parte com o que viram mui edificados e dando ao Senhor muitas graças. Alguns senhores, para regosijarem mais a festa, depois de comer correram a argollinha na aldêa e os Indios tambem fizeram os seus bailados e danças, todos e cada um á sua

P. 438

maneira, alegrando-se no Senhor. A elle seja por tudo gloria e louvor sempiterno."

Car.AnBlas.7, 1564

Carta do Padre Antônio Blasquez para Portugal. Bahia, 13 de setembro de 1564.

Fonte: apógrafo coevo em espanhol com portuguesismos na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [São Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 156-160v.

Publicações:

1. **Cartas Avulsas**, pp. 443-459. Segundo a publicação: "copiada no livro de registro 'Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil, ...', cit. fl. 156."
2. **Monumenta Brasiliae**, vol. 4, pp. 70-93. Na p. 71 encontram-se listadas as publicações deste documento.
3. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 138-140, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: publicação em **Cartas Avulsas**.

Pp. 445-447.

"Estando já quasi toda a gente junta e tudo a ponto para se começar as vespas de pontifical, dão-nos rebate de que vinham todos os meninos das outras povoações em procissão, e, sahindo, divisamos ao longe que eram o padre Antonio Rodrigues, o irmão Simeão Gonçalves, o padre Antonio de Pina e o padre Balthasar Alvares, os quaes, com toda a gente das suas aldêas, vinham ganhar o jubileu; traziam quatro cruces, as quaes seguiam grande multidão de meninos; vinham todos, como têm de costume, com suas divisas de galantaria, uns com suas grinaldas nas cabeças e palmas nas mãos, outros com uns diademas feitos de pennas de diversas côres, a seu modo formosas e lustrosas; finalmente, cada um levava aquillo que aos olhos de todos parecesse mais galante e polido. No fim desta procissão vinham cinco Padres vestidos de suas sobrepelizes e junto a elles os discipulos que sabiam melhor cantar, e assim, com esta ordem e concerto, vinham cantando as ladainhas.

"A gente que tinha vindo a ganhar o jubileu, quando os viu virem por aquelles valles, correu logo a recebê-los e todos os romeiros se alvoroçaram com a sua vinda, não se cansando de dar mil louvores e graças ao Senhor com tão devoto espectáculo; quando elles entraram pela igreja estava uma pessoa confessando-se commigo e olhando para elles não pude reter as lagrimas; creio que o mesmo fariam outros que não vi.

"Finalmente toda esta multidão de meninos entrou pela aldêa entoando louvores ao Senhor e trouxeram consigo á igreja quan-

P. 446

tos Brancos havia na povoação. Juntos, pois, todos os Indios e meninos que tinham vindo das outroas povoações, concertada e ataviada a egreja com mui ricos ornamentos, se começaram as vespersas em pontifical, com toda a solemnidade possivel, por que, de cantores, ornamentos e tudo o mais necessario, Sua Senhora a tinha mandado prover, e creia Vossa Rvma. que em algumas partes de Portugal não se diriam com tanto decoro, nem porventura com tão grande auditoria, nem ouvidas com tanta devoção. [...] Toda esta noite, não só da parte dos Indios, com seus bailes e dansas, como da dos brancos, com seu tambor e folia, se passou festejando a festa com muito prazer e regosijo.

" ... Ditas as missas, nas quaes commungaram algumas 120 pessoas das que vieram ganhar o jubileu, se deu ordem para que se fizesse a procissão, em que iam 6 cruces, ás quaes seguia grande multidão de meninos com as devisas de que atraz fallei. Logo vinha o côro com a sua musica, cantando hymnos e

P. 447

psalmos, maxime o que começa Laudate Dominum, omnes gentes. Junto ao côro estavam os nossos padres com sobrepelizes, excepto os que traziam capas e iam junto ao Bispo....

"Pondo isto de parte e tornando ao meu proposito: sem duvida que si Vossa Revma. visse a boa ordem e decoro desta procissão, a alegria e festa dos Indios, a devoção e contentamento dos brancos, a multidão de Indios christãos, as benções e louvores que davam ao Senhor, creio que *in Domino* teria muito que alegrar-se, si trouxesse á memoria que a maxima parte daquelles Indios, que moravam na sombra e na região da morte, se tinha já dado a luz da Fé, na qual doutrinados e ensinados, tudo aquillo que antes era instrumento de Satanaz, convertiam em honra de seu Deus e Creador; [...] Então os seus bailes e bebêres eram para honrar a festa daquelle contrario cuja carne tinham de comer; agora tudo se muda em gloria e louvor do Senhor."

P. 448.

"Tornando, pois, á procissão que se fez pela aldeia com toda a solemnidade possivel, direi como se officiou a missa, a qual foi em pontifical, guardando-se nella todo o decoro costumado e não faltando nella alguns motetes que despertavam a devoção dos circumstantes, porque, além de se dizerem com muito primor e graça um delles era do Santissimo Sacramento, que moveu á devoção e lagrimas, ..."

Pp. 450-452.

"Finalmente, o Senhor Bispo, o Deão, Chantre e Conegos da Sé, não quizeram ser defraudados do que outros gozavam. Assim, na véspera do glorioso S. Iago pela manhã estava esta povoação, não só do ecclesiastico como do secular, tão occupada e cheia de romeiros, que não havia mais casa em que pudessem caber. Nesse dia, quasi ás horas do jantar, chegou o padre Antonio Rodrigues com o seu coro de Indiosicos, que já de ha tempos tem mui bem adextrados; com elle vinham o padre Simeão Gonçalves com os seus de Santo Antonio, e o padre Vicente Fernandes com os seus de S. Paulo. Seguindo cada um a sua

cruz, conforme a sua antiguidade, vinha tão vistosa e tão bem ordenada esta procissão que, para Indios Brasis, não se podia exigir mais. Deixando de parte os meninos, que á porfia trabalham em quem irá mais galante com seus diademas e grinaldas, donde... muitas cruces; iam no meio da procissão dous principaes muito antigos e anciãos e mui bem vestidos á portugueza, os quaes, com as suas caras nas mãos, regiam a procissão. Saiba V. Revma. que, vendo alguns os seus trajos e vestidos e o apparatus e boa ordem com que solemnisavam a sua festa, se maravilhavam de que nesta terra houvesse gente de tanto primor e decoro. Ao chegarem perto de casa, de modo que os ouviamos, sahiu o Padre Provincial com os Padres e Irmãos a recebê-los, e juntamente a outra gente que tinha vindo ao jubileu, logo que o souberam, sahiu-lhes ao encontro com tambor e folia e com uma bandeira de tafetá de muitas cores; veio também a musica dos cantores ajudal-os a cantar as suas ladainhas e psalmos, e assim divididos em dous coros faziam o seu officio.

"O Padre Provincial, para edificação dos romeiros, mandou que dessem naquella ordem uma volta pela aldêa, rodeando-a toda, não com pequeno contentamento dos que os viam, porque ao mesmo tempo louvaram ao Senhor e magnificavam a sua bondade, que os havia tirado de tanta cegueira, e vendo-os tão bonitos e tão bem ensinados lhes deitavam mil bênçãos e manifestavam abertamente que se não fartavam de vê-los. Finalmente depois de haver passado a aldêa dizendo as ladainhas com musica solemne e canto de órgão, entrámos na igreja, a qual estava com muita gente que tinha vindo vê-los e que se edificou muito quando os ouviu cantar a

P. 451

Salve. [...]

"Acabando de jantar, puzeram-se os Padres a ouvir confissões e o fizeram até começarem as vésperas de pontifical, que se disseram com muito mais solemnidade que em S. Paulo, porque os cantores eram em muito maior numero, a gente que havia concorrido também excedia e levava vantagem á outra. Á igreja tomaram três homens a incumbência de arranjar-a e para este effeito foram para a povoação oito dias antes para nella fazerem o possível, de modo que estava muito linda e lustrosa, tanto com o que elles lhe puzeram, como com os ornamentos, que eram mui ricos. Acabadas as vésperas tornaram os Padres ao seu officio de confessar, para que ficou muito pouco tempo; como, porém, foram as vésperas tão solemnes que quasi todo o tempo se gastou nelas, mas como havia boa cópia de confessores, suppriram estes o que negava o tempo. Assim, em breve se confessaram muitos e por este jubileu tomaram o Santíssimo Sacramento algumas 150 pessoas, das que vieram ganhar o jubileu.

"Deixei de referir um auto que fizeram do glorioso Santo Iago mui devoto e o regosijo e prazer com que se passou aquelle dia; porque, como são passatempos de gente de fora, não faz tanto ao nosso propósito relatal-os. Fallarei sómente da procissão que se fez neste dia, a qual foi tão sumptuosa e solemne, tanto por causa do numero e diversidade de gente, como pelo apparatus e pompa com que foi ordenada. Na dianteira iam os meninos de cinco povoações que, *ultra* de serem muitos, vê-los a todos christãos fazia um formoso espectáculo, considerando de uma parte a sua

P. 452

innocencia e pureza e de outra a Divina Piedade e Clemência, que com a sua poderosa mão e pelas entranhas da sua misericórdia, com que os havia do alto visitado, de servos do Demonio os havia feito filhos de Deus, e por signal desta victoria, alcançada do Demonio pelo sagrado baptismo, levavam palmas verdes nas mãos. Após elles vinham seus paes e parentes, gente anciã que *olim* comia carne humana, mas agora, já pela bondade de Deus, livres e fora de costumes tão pestilenciaes; muitos delles iam vestidos á portugueza, que, embora aos olhos dos homens parecessem bem, todavia muito mais lustre dava a roupa do sagrado baptismo, que a muitos delles se tem communicado. Junto destes vinham os homens Brancos, dando todos mostras do muito que se edificavam com tão santa obra. Seguiam-se logo a estes os Clérigos e gente de fora, a par com os quaes iam os nossos Padres e Irmãos, que por si sós faziam a procissão, por causa de estarmos ali quasi todos.

“Não menos contentava a musica dos cantores com seus hymnos e psalmos, que com grande melodia resoavam em louvor do Senhor. Sua Senhoria se seguia logo, com as insígnias de pontifical, com a capa de brocado e debaixo de um pallio rico, que levavam os mais nobres e honrados da cidade. Atrás de todos vinham as mulheres brancas, trazendo em sua companhia e em meio dellas as índias das povoações, de quem algumas senhoras que ali iam tinham sido madrinhas, por se terem achado nos annos passados em seus baptismos solemnes. Finalmente, no meio desta procissão iam danças, tambor, com sua bandeira, folia, não só da parte dos índios como dos Christãos, que não pouco regozijavam e alegravam a festa. Com esta ordem e concerto se deu uma volta pela aldêa com grande satisfação de todos; acabada a procissão, que o senhor Simão da Gama com uma vara na mão regia, viemos para a egreja e começou-se a missa de pontifical, officiando-se como em S. Paulo e muito melhor. Também pregou Sua Senhoria, não querendo (embora se achasse mal disposto) privar-nos do contentamento que disso poderíamos ter.”

Car.JoAnch.8, 1565

Carta do Padre José de Anchieta ao Padre Geral Diego Laynes. São Vicente, 8 de janeiro de 1565.

Fonte: apógrafo coevo em espanhol com palavras portuguesas e portuguesismos na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [São Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 167v-188v.

Publicações:

1. **Monumenta Brasiliae**, vol. 4, pp. 120-181. Na p. 121 encontram-se listadas as publicações deste documento.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 141-142, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

P. 139.

"La vida de los franceses que están en este Río ['Ryo de Henero'] es ya no solamente oie apartada de la Iglesia Catholica, mas también hecha salvage. Biven conforme a los Indios comiendo, bibiendo, bailando y cantando con ellos, teñiéndose con sus tintas prietas y bermejas, ornándose con las plumas de los páxaros, andando desnudos a las vezes, sólo con unos pañetes, y finalmente matando contrários según el rito de los mismos Indios, y tomando nombres nuevos como ellos, de manera que no les falta más que comer carne humana, que en lo más su vida es corruptíssima."

P. 146.

"Al otro día, que fue de Corpus Christi [10 de junho de 1564], nos fuemos mui de mañana a su [de 'Cuñambeba'] Aldea [em 'Iperuig'], onde él avia días que nos avia mandado hazer una casita pequeña en medio della para dizir missa. Y quando nos vio saaý él como todas las mugeres dei Aldea, recibieron tanta alegría, como si resuscitáramos aquella hora, hablándonos palabras de mucho amor; y fuesse luego al otra Aldea a combidar a los otros que veniessen a beber a la suya, onde les tenía grandes vinos.

"Y andando bibiendo y bailando con gran fiesta, les dixo que no quería que nadie nos hisiesse mal, ni hablasse alguna palabra áspera, y no estorvassen las pazes que él hazía con nosotros, que determinava de nos defender, aunque supiesse quebrar con ellos. [...]

"Para prueba de lo qual ['es esta una gente tan mala, bestial y carnícera'] es de saber que en este mismo tiempo los del Campo dieron por la sierra en una hazenda de un hombre, ai qual aunque teníamos mandado aviso por cartas, no se quiso guardar, pareciéndole que, como supiessen que estaban muchos de los suios entre nosotros, ya no le harían mal mas ellos no curando de nada,

aunque les dixieron que teníamos ya hechas pazes, le pusieron fuego a la casa y la quemaron, y mataron a él y a su muger, y hizieron luego en pedaços; y otra muger medio quemada y herida llevaron biva, y en su Aldea la mataron con grandes fiestas de vinos y cantares, y junto con ella algunas esclavas.”

P. 150.

“Finalmente lo llevaron fuera [‘el esclavo’, na mesma aldeia, a 25 de junho de 1564] y le quebraron la cabeça y junto con él mataron otro su contrario, los quales luego despedaçaron con grandíssimo regozijo, máxime de las mugeres, las quales andavan cantando y bailando: unas les punçavan con palos agudos los miembros cortados, otras untavan las manos con la gordura dellos, y andavan untando las caras y bocas a otras, y tal avia que cogía la sangre con las manos y la lambía, espectáculo abominable; de manera que tuvieron una buena carnicería, con que se hartar.”

P. 166.

“Mas ni esto bastante para nos poder hazer seguros entre gente [em ‘lperoig’] que a nadie sabe tener respecto ni obediencia, y que quasi siempre anda caliente del viño, en el qual gastavan los mas de los dias bibiendo y cantando todo el dia y noche con grandes gritos y deshonestidades, hombres y mugeres mesclados, de manera que ni en casa ni fuera podíamos estar sin oir y ver sus borracharías y suziedades. Noche me aconteció, lloviendo mucho y haziendo grande frio estar grande parte della fuera de casa em pie, mal guardado de la lluvia y padesciendo el frio hasta que ellos acabassen de beber sus vinos, y en fin, no pudiendo más esperar, tomarme para dentro a guarescer el fuego y acabar la noche entre ellos. Y aquellos que andavan amotinados ya passavan por nosotros sin nos hablar ny mirar sino de travez, como hombres que no nos conocían; y assí todas las noches, máxime quando bebían y cantavan los acostávamos a dormir, offreciendo la cabeça a la espada, mas no era digna a lo menos la mía, de la recibir sobre sý.”

Car.AnBlas.8, 1565

Carta do Padre Antônio Blasquez para o Padre Provincial de Portugal.
Bahia, 9 de maio de 1565.

Fonte: apógrafo coevo em espanhol com portuguesismos na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [São Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 153-155v.

Publicações:

1. **Cartas Avulsas**, pp. 460-468. Segundo a publicação: "copiada no livro de registro 'Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil, ...', cit. fl. 153."
2. **Monumenta Brasiliae**, vol. 4, pp. 185-196. Na p. 185 encontram-se listadas as publicações deste documento.
3. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 143-144, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: publicação em **Cartas Avulsas**

Pp. 462-464: Festa do dia de Jesus, 31 de dezembro.

"Estando tudo a ponto, se começaram as vespas de pontifical com tanto concerto e decoro, e com tanta devoção e lagrimas quantas dias ha que não tenho vistas em semelhantes festas. Todo este espaço que duraram as vespas, que não foi pouco, por serem ditas com grande solemnidade, ou fosse porque a novidade do ne-

P. 463

gocio o pedia, ou a musica e melodia do canto fazia subir a sua consideração a cousas maiores, ou finalmente a contricção dos seus peccados os movia a ter sentimento delles. Houve nestas vésperas três coros diversos: um de canto de órgão, outro de um cravo e outro de flautas de modo que, acabando um, começava o outro, e todos, certo, com muita ordem quando vinha a sua vez. E dado que o canto do órgão deleitava ouvindo-se e a suavidade do cravo detivesse os ânimos com a doçura da sua harmonia, todavia quando se tocavam as flautas se alegravam e se regosijavam muito mais os circumstantes, porque, além de o fazer mediocrementemente, os que as tangiam eram os meninos Brasis, a quem já de tempo o padre Antônio Rodrigues tem ensinado. Foi para o povo tão alegre este espectáculo que não sei como o possa encarecer, e muitos dos que estavam na igreja não o podiam crer, como de facto não o creram si não tiraram a limpo a verdade com os seus próprios olhos, e isto, além de ser motivo para devoção, erao também para dar muitas graças ao Senhor, que não se fallava então na cidade em outra cousa sinão na boa criação e ensinamento destes meninos. Acabaram-se as vésperas já muito tarde, de modo que ficava muito pouco tempo para ouvir confissões;

mas, como os confessores eram muitos, em breve se deu mui bom expediente a todos, trabalhando para que ninguém ficasse desconsolado. Nesta véspera de Jesus, á noite, se aparelharam os Padres e Irmãos para fazerem no outro dia os seus votos, precedendo primeiro a sua disciplina, acabada a qual o Padre Superintendente fez uma pratica acerca da observância e guarda das regras, em que houve muita copia de lagrimas e grandes sentimentos, como certo o verificavam as mostras de fora que não se podiam encobrir, e assim que os Padres iam fazendo os votos, logo se iam a confessar, porque com o ser isto de madrugada, não nos podíamos defender das confissões, e assim estiveram confessando desde muito de manhã até que se começou a missa de pontifical, e antes de se começar se fez *per nostra castra* uma procissão, em que os Padres de casa iam acompanhando Sua Senhoria, o qual ia vestido de pontifical com o seu diácono e subdiacono. Emfim, foi tão concertada e festejada, assim de cantores como de tudo o mais, que não havia

P. 464.

mais que pedir; mas, como acima disse, todo o regozijo era ver os Indiosicos Brasis tangerem as suas flautas, e assim me disse o Bispo, porque paravam elles um pouco, que avisasse o padre que os tinha a seu cargo para que os fizesse tanger, porque nisto parece que punham muita parte do seu contentamento. Acabada a procissão, enquanto se revestia Sua Senhoria, se tocou um pouco o cravo, com que muito se consolaram e provocaram á devoção os circumstantes, e logo depois disto se começou a missa de pontifical e a seus tempos tangiam as flautas e aos seus cantavam os cantores os seus motetes,, tudo certo, com muito primor e graça.

“Chegando a occasião de pregar, Sua Senhoria, estando revestido de pontifical, subiu ao púlpito e fez uma pregação muito boa e de grande doutrina e dahi por diante se proseguiu a missa, na qual tomaram o Santíssimo Sacramento muitos; e ás outras foram tantos que diziam os Padres que nunca por quinta-feira santa, nem por dia de Paschoa, viera tanta copia de gente tomar o Santíssimo Sacramento. Um mercador tinha um terno de flautas muito bom, o qual vendo os Brasíliacos tangerem, lh'o mandou, dizendo que muito melhor empregado seria nelles do que nelle. Ficou a gente tão edificada desta nossa festa que não sei por que cousa deixarão outra vez de se achar a isto presentes. ...”

P. 467.

“... Preparado e ornado o nosso monumento deste modo, fizeram-se os officios da Semana Santa em nossa egreja com muita devoção, de maneira que, si bem que na Sé se solemnisassem com canto, deixavam tudo e vinham á nossa casa. ... ”

Car.JoRodr, 1565

Carta do Padre Jorge Rodrigues para os Padres e Irmãos de Portugal.
Ilhéus, 21 de agosto de 1565.

Fonte: apógrafo coevo em português na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [São Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 160v-162.

Publicações:

1. **Cartas Avulsas**, pp. 491-495. Segundo a publicação: "copiada no livro de registro 'Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil...', cit. fl. 160v."
2. **Monumenta Brasiliae**, vol. 4, pp. 275-282. Na p. 276 encontram-se listadas as publicações deste documento.
3. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 146, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: publicação em **Cartas Avulsas**.

P. 494.

"A egreja, além de ser em si fresca e nova, estava mui bem ornada, não com pannos de armar, porque pola ventura não os ha nesta terra, nem eram necessários, porque as grades e os entretalhos que fez o padre Francisco Pires lhe davam muita graça: as grades são de pau vermelho chamado *condurú*, de balaustres feitos ao torno; os entretalhos continham a *Ave Maria* até *Jesus*, de lettras grandes, cada uma com diversas e delicadas laçarias; estavam pregadas estas lettras nos tirantes da egreja: foi assi a uma obra como a outra louvada dos que alguma cousa entendiam; afora o altar-mór, fizemos outros dous fóra da capella de uma banda e d'outra: estavam todos mui bem ornados, em todos se disse missa; as vésperas foram cantadas em canto de órgão; o padre Francisco Pires pregou. Tudo se fez mui bem, bemdito o Senhor, e com muita alegria espiritual assi dos de casa como de fora. ..."

Car.AnGon, 1566

Carta do Padre Antônio Gonçalves para o Padre Diogo Mirón, Provincial de Portugal. Porto Seguro, 15 de fevereiro de 1566.

Fonte: apógrafo coevo em português na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [São Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 162-164v.

Publicações:

1. **Cartas Avulsas**, pp. 497-506. Segundo a publicação: "copiada no livro de registro 'Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil...', cit. fl. 162."
2. **Monumenta Brasiliae**, vol. 4, pp. 307-320. Na p. 308 encontram-se listadas as publicações deste documento.
3. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 147-148, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: publicação em **Cartas Avulsas**.

Pp. 502-504.

"Outro jubileu se celebrou em esta nossa casa dia de S. pedro, por ser o orago da mesma casa, na qual houve muitas confissões e por falta de confessores não houve mais das que pudera haver e não sermos sinão dous: ainda que começamos a confessar alguns dias antes, não abastou pera poder satisfazer a vontade de todos. Esteve a egreja muito bem concertada, conforme a po-
P. 503

bresa da terra e nós estarmos muito pobres de ornamentos, e tanto que com frontaes de papel nos servimos e isto ainda por festa; houve muitas invenções de fogo a véspera á noite, como são foguetes e rodas de fogo, etc., etc., que ajudaram a celebrar a festa; ao dia, houve missa cantada, pregação e muita devação e lagrimas na gente, reconhecendo ao Senhor a mercê tão grande, que lhes fez com lhes dar este jubileu para salvação de suas almas. [...]

P. 504

"A sexta-feira seguinte se fez o officio do desencerramento do Senhor, com o mesmo sentimento e devação, levando dous Padres, vestidos com suas alvas e descalsos, ao Santíssimo Sacramento em uma tumba toda coberta de preto, que pera isso estava feita, indo diante as três Marias cantando: Heú, heú, Salvador noster, cobertas com seus mantos e corôas em as cabeças, o que tudo causava grande devação e admiração a esta gente, por não haverem visto outra tal nesta terra depois de ser povoada, dizendo que no Reino se poderia fazer tão bem, e melhor não."

Car.AmGon, 1568

Carta do Padre Amaro Gonçalves ao Padre Francisco de Borja. Bahia, 16 de janeiro de 1568.

Fonte: original não localizado. Segundo Leite, tradução coeva para o espanhol com palavras portuguesas ou aportuguesadas, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [São Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 208v-211v.

Título original: "Annual del Brasil para la Provincia Toletana y Aragonia del año 1567."

Publicações:

1. **Monumenta Brasiliae**, vol. 4, pp. 435-445. Na p. 435 encontram-se listadas as publicações deste documento.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 149, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

P. 440.

"Viene mucha gente a la doctrina de los niños [no Colégio da Bahia], que se haze a los domingos y dias de fiesta, a la tarde, después de la de los esclavos, que se la declara en su lengua, con una plática en el fin; mas estos todos los días de la semana acuden a ella, puesto que no tantos por andar en sus trabajos, vienen todavía los esclavos que sirvan en casa a sus señores, decláranse muchas cosas, que la gente huelga de oyr saber. También se edifica de oir cantar los niños cantares devotos y diversos, los quales se le dan acomodados a los tiempos, y estórvanse con ellos otros muchos poco honestos y que escassamente se pueden cantar sin offensa de Dios N. Señor."

P. 445.

"Costumbran-se ayuntar los moços de la escuela en un lugar o ayuntárense por las mañanas temprano en la iglesia o loar a Dios, rezando el hymno 'Veni Creator Spiritus' y el rosário del nombre de Jesus entonado, lo que hace ciertamente mucha devoción a los que lo veen, [se consideran cuánto tiempo ay que estavan estas gentes en tenieblas y oscuridades, envueltas en peccados y vícios nefandos, sin noticia de Dios y sin se acordar de más que de offender a su Creador y Señor, el qual ya agora es de los mismos tan bien servido y loado.]"

Car.Anon, 1574

Carta de 1574. S/a. S/l.

Fonte: original no ARSI, Bras 15 I, doc. 51, ff. 243-249v.

Observação: caligrafia de difícil leitura.

F. 244: Trabalhos dos Padres João Pereira e Jorge [Velloso?], na Província do Brasil.

"... Comites in pace conseruant, litanias, quotidie decantant, mancipia doctrina' Xpianam edocent, rem / diuinam aliquando faciunt materia sane diuinae laudis quod in [C,e]remo tam barbara totq' tantis qi' / feris habitata celebret' diuinissimu' Corporis et Sanguinis D'ni Sacram.^{tu'}. quo circa obnixi sunt Deo / comendandi ut et ipso auxiliant[r] incolumes euadant tot labores et pericula quibus toto hoc Itinere / incedunt obnoxii: ut etiam animaru' saluris aurum cuius causas itr arripuen' D.^{na} Maiestas dignet.' obijcere."

Car.GreSar, 1576

Resposta do Padre Gregório Sarrão ao Padre Inácio Tholosa. Roma, 1576.

Fonte: original no ARSI, Bras 2, ff. 23v-25v. O códice Bras 2 tem o título "Auisos de Roma pera a Puincia do Brasil."

Título original: "Memorial das cousas que o P.^e Gregorio / Sarraõ ha propuesto a N. P.^e Geral cô / la respuesta de su Paternidad. ano.76." Título riscado e anotado acima: "Resposta ad memoriale P. Ignati Tolosa pr.^{lis} / per Patri Greg. Sarranu [?], 1576." Comentário na margem: "Estas cosas mando preguntar [en] / la memorial el P.^e Ignatio Tholosa / siendo Prouincial."

F. 23v.

"Primr.^a m.^{te} ha confrarias del S.^{mo} Sacr.^{to}, y de los defuntos, en las iglesias / onde los n'ros residen. Dizen los n'ros entre ellos missas cantadas y uis-/poras, y la Salue alos sabados, ministran los P.^{es} todos los sacrm.^{tos} como si / fuesen curas, y ansi baptizan, casan, confiessan etc.."

F. 24.

"En algunas Cap.^{tas} uan los n'ros en las pcessiones del S.^{mo} Sacram.^{to} ayudan'/do a cantar los clerigos. En las aldeas se repican los sinos, y se haze / fen'al alos defuntos, hazen les su estacio' y predicanles en el medio de la missa. Rx. haec poterunt ita fieri, dum aliud n' statuitr'; ag'nrali."

Car.LuFon, 1577

Carta do Padre Luís da Fonseca ao Padre Geral da Companhia de Jesus.
São Salvador da Bahia, 17 de dezembro de 1577.

Fonte: original não localizado. Segundo Castagna, publicada apenas em **Lettres du Iappon, Peru, et Brasil.**

Publicações:

1. **LETTRES Dv / Iappon, Perv, Et Brasil, / Enuoyees av R. P General / de la Societé de Iesus, par ceux de la-/dite Societé que s'employent en ces / Regions, à la conuersion des Gentils. / Desdiees à Monsieur Chartier, / seigneur d'Alein-ville.** / [grav] / A Paris, / Chez Thomas Brumen, demeurant au cloz / bruneau, à l'enseigne de l'oliuier. / M. D. LXXVIII. [1578]. / Avec privilege.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 168-169, a partir da publicação acima.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

Tradução: Paulo Castagna.

P. 37. "... On leur fait dresser des Croix par tout les villages, deuant lesquelles s'estas mis à genoulx <u>chantoient les Letanies.</u> "	"... Fizeram [aos tapuias] erguer cruzes em todas as aldeias, diante das quais ajoelham-se para <u>cantar as ladainhas.</u> "
P. 44. "... ['Visite du P. Prouincial, & sa bien venue par tout'] Cette année comme les autres, nostre P. Prouincial les a visitez, demeurant huict tours en chasque Bourgade, qui sont quatre. Et pourtant i'escriray ce qui est adueni en ce mois. Les habitants du bourg saint Iacques, entendãs la venuë dudict Prouincial, sont allez au deuant en procession, <u>chantans harmonieusement le Pseaume Laudate Dominũ</u> , le conduisant en toute allégresse iusques à l'Eglise."	"... ['Visita do P. Provincial e boas vindas que lhe deram'] Este ano [1557], como os outros, nosso p. Provincial [Inácio Tolosa] os visitou ['os índios'], permanecendo oito dias em cada aldeia, que são quatro. E, portanto, escreverei o que ocorreu nesse mês. Os habitantes da aldeia de São João perceberam a chegada do dito provincial e foram, em procissão, ao seu encontro e, <u>cantando harmoniosamente o salmo Laudate Dominum</u> , conduziram-no com toda a alegria até a igreja."

P. 54. "... ['Le Catéchisme appris des enfans, & des autres plus age'] Les Dimâches & iours de festes leurs enfans vont <u>chantant par les rues le Catechisme en langue Brasilienne, & Portugaise si dextrement</u>, qu'ils ne adent en rië aux enfans des Portugalois."	"... ['O catecismo entre as crianças e os outros de maior idade'] Aos domingos e dias de festa suas crianças saem pelas ruas <u>cantando tão destramente o catecismo na língua brasílica e portuguesa</u>, que em nada ficam a dever aos filhos dos portugueses."
P. 65. "['Peraya, en chemĩ prie & catéchise'] Or estant party auec vn Compagnon, & quelques autres du pays, tous les matins deuant que sortir du logis, <u>chantoient ensemble les Letanies</u>, ..."	"['Pereira reza e catequiza em seu caminho'] Tendo partido ['João Pereira, bem versado na língua brasílica'] com um seu companheiro e mais outros do país, <u>cantavam as ladainhas juntos, todos os domingos</u>, antes de deixar suas casas, ..."
Pp. 73-74. "['Les bons offices que ceux de la Cõpaignie faisoient en l'armée Cbrestiene'] Le P. Barthasard Aluarus, auec Louys Gonsaluo, l'accõpaigna pour encourager les soldats en vne si sainte querelle, leur celebrât tous les iours la Messe, <u>chantant les Letanies</u> en la preference de tous agenouillez, entendant leurs confessions, les communiât, dressant des croix en tous les lieux P. 74. qu'ils s'arrestoient."	"['Os bons ofícios que têm os da Companhia no exército cristão'] O p. Baltazar Alvares, com Luis Gonçalves, os acompanha para encorajar os soldados em uma disputa tão santa, celebrando-lhes a missa todos os dias e <u>cantando as ladainhas</u>, preferentemente com todos ajoelhados; ouve suas confissões e os comunga, levantando cruzeiros em todos os lugares onde param."
Pp. 91-92. "... Les plus nobles du Bourg, gisoïët en des lits faicts P. 92 comme rets, tandus sur quatre pauts, ou bois fuchez en terre, parmy la grande court, laquelle retentissoit des cris, siflades, risses, hurlemens, <u>chansons, iueux, danses, & autres telles Orgyques dissolutions</u>, si qu'on eut dict à la vérité que c'estoit vn Enfer: ... "	"Os [índios] mais nobres de cada aldeia deitam-se em leitos feitos como redes, sobre quatro paus ou madeiras fixas na terra, no meio da grande corte, a qual faz soar gritos, assovios, risos, uivos, <u>canções, toques de instrumentos, danças e outras tais dissoluções orgiásticas</u>, que realmente se pode dizer que aquilo é um inferno."

P. 98. "Ce que ayant communiqué avec d'aucuns Gentils-hōmes de nostre bourg, s'en alla au village des Ethniques, accōpné de plusieurs resoluz de morir pour le defendre. Le iour qu'iceux arriuerent audict village, les Sorciers estoient en vn autre voisin, <u>chātans</u>, <u>dansans</u>, banquetans & faisans grand chere."	"Assim que se comunicou com alguns fidalgos de nossa vila, foi à aldeia dos nativos, acompanhado de muitos, resolvidos a morrer para defendê-la. O dia em que chegaram à dita aldeia, os feiticeiros estavam em um outro vizinho, <u>cantando</u>, <u>dançando</u>, comendo e preparando grandes manjares."

Car.CrGouv, 1584

Carta do Padre Cristovão de Gouveia ao Padre Claudio Acquaviva, Geral da Companhia. Colégio de Pernambuco, 6 de setembro de 1584.

Fonte: original no ARSI, fundo Assistentiae Lusitanae 68 (Epist. Lusitan. 1577-1584), doc. 140, ff. 402-403v.

Assinatura: "Collegio de Pernambuco, 6, de setiembre de 84. / [...] / Xpual de Gouea."

Observação: as representações teatrais em português mencionadas no f. 403v são citadas por Leite em **A introdução do teatro**, p. 397.

F. 402v.

"Por uia del P. Francisco de [Guená] memoria se alcanço jubileo plenario en estas partes [ate] dos los / que se hallasen en las procissões en las 4 fiestas principales del anno, perlo que aqui en / nustra iglesia se acostúmbra hazer, y uan los p.^{es} y hermanos entonando las letanias, / por de rador de la iglesia, y se le gastara en esto poco mas de hun quarto de hora: en el col-/legio de la Baya no se hazen estas processiones..."

Car.PeRodr.1, 1597

Carta do Padre Pedro Rodrigues ao Padre João Álvares. Bahia, 15 de junho de 1597.

Fonte: original no ARSI, Bras 15 II, doc. 100, ff. 441-445v.

Título original: "Lra scritta dal P. Pietro Roderico Proule del Brasile / al P. Gio.^e Alvarez Assisstenti della Comp.^a di Giesù, / alli 15 di Giugno .1597. "

Assinatura: " Dalla Bahia à 15 di Giugno. 1597. / [...] / Pietro Roderico."

F. 445. Missão do Padre Domenico Garcia em aldeias do Espírito Santo, aos "Tupinachi", com um companheiro, e outros índios.

"... L'alzò in piedi il Pre', e salutando con [pgasli] il felice arriuo / lo condusse con tutta la gente e brigata alla chiesa, con tamburre, e flauti, del che / rimasero molto ammirati, et il capo loro disse al Pre', che egli ueniua à fargli christiano, / mosso dalla buona fama di noi altri diceua, e dal buon trattam.^{to} che ci fate..."

Car.PeRodr.2, 1599

Carta do Padre Pedro Rodrigues ao Provincial, descrevendo missões ao sertão da Bahia. Colégio da Bahia, 19 de dezembro de 1599.

Fonte: original no ARSI, Bras 15 II, doc. 108, ff. 473-478.

Assinatura: "Deste / Collegio da Bahia de Dezembro 19 de 99. / [...] Pero Rodriguez."

F. 473v.

"Seguese a Capitania do Espirito Sancto que esta em uinte graus, centro e trinta legoas da Bahia para o Sul. / Nesta tiuemos ate agora quatro Aldeas bem fornecidas de gente, e cultuada cu' trabalhos dos nossos P.^{es}, e hu' delles / he o P.^e Domingos Garcia que reside na Aldea dos Reis Magos o qual mandou algu's Indios uelhos dahy a mais / de cento e cincoenta legoas polla terra dentro pera trazerem seus parentes: depois de alguns meses uieraõ com / obra de quatrocentas almas e no caminho foraõ fauorecidos de Nosso So'r dandolhe uictoria de algu's contrarios. / O P.^e os foy receber dahi a algu'as legoas com a gente de sua Aldea leuandolhes refresco de mantimentos, feste- / iando a uinda cum musica de frautas, e outras a seu modo, não se podiaõ fatar de chorar hu's cu' se uerem / na Igreja em uespora de gozarem da paz, e liberdade taõ desejada, os outros, e em especial os nossos p.^{es} / com uerem o feruor com que uinhaõ de tantas leguas pera a Igreja, os home's cu' suas armas, as mulheres com / os f.^{os} no collo, e os mininos e mininas que podiaõ andar com seus bordoezinhos nas mãos."

Car.PeRodr.3, 1601

Carta do Padre Pero Rodrigues ao Padre Geral. Bahia, 15 de setembro de 1601.

Fonte: original no ARSI, Bras 8 I, doc. XI, ff. 28-28v.

Assinatura: "Bahia 15. de sete'bro de 1601. / Pero Rodrigues."

F. 28v.

"Lazaro Goterres [Irmão que foi despedido] no Coll.^o do Rio deu / m.^{to} trabalho ao P.^e Reitor Fer. Cardim co' sua forte co'dição". E em Per.^{co} ao P.^e R.^m / P.^o de Toledo co' desobedie'cias, e desedificaçoe's publicas, como foy entre outras, hua' / qua'do pa tirar os Santos na claße fez huã dança de matachins, e pos hû minino nu-/e'cima de hû banco pa dizer hû dito."

Car.HeGom, 1614

Carta do Padre Provincial Henrique Gomes ao Padre Assistente Antônio de Mascarenhas. Bahia, 16 de junho de 1614.

Fonte: original no ARSI, Bras. 8, ff. 169-174.

Publicações:

1. LEITE, **História**, vol. 5, pp. 5-24.
2. transcrição em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 264-265.

Versão utilizada: publicação em LEITE.

P. 11.

"Não é menos o fervor que se enxerga em as doutrinas, as quais se fazem todos os domingos à tarde na nossa Igreja, depois de o Padre, que as tem a cargo, ir pelas ruas com os mestres e estudantes, ajuntando quantos podem; e, assim com isso, como com boas músicas, que sempre há, descantes, órgãos, e às vezes frautas e charamelas, há de ordinário grande concurso, e se enche a Igreja como para qualquer prègação. Na mesma forma correm em Pernambuco, salvo o variarem-se por diversas Igrejas, por estar a povoação da vila mais espalhada que a desta cidade."

Pp. 12-13.

"Primeiro, com uma sêca mui extraordinária, por cujo respeito além dos gados que nela morreram e outras perdas de momento, houve uma maior que tôdas em se não lograrem as novidades, cuja falta hoje a vai pondo em fome e carência da abundância, que pudera haver de açúcares. Para se atalhar êste mal e desviar o golpe da divina justiça, se aplicaram muitos meios de orações, missas, comunhões, e outras pias obras, e entre as mais, muitas procissões de notável concurso de gente, e grande número de penitentes, que certo é para ver a facilidade com que nesta terra os homens se disciplinam, não só por toda a quaresma com disciplinas de sangue, mas ainda sêcas em a nossa Igreja, em os dois dias da semana que para isso se lhes abre, passando de ordinário o número de cento e cinqüenta, cento e sessenta pessoas; e destas, a maior parte toma duas disciplinas, a primeira comum e a segunda com os cantores, que à primeira cantaram o Miserere; e todos assistem às práticas, que se lhes fazem às sextas-feiras. Mas tornando às nossas Procissões, foi entre as mais muito para ver, assim em concurso de gente com suas tochas e velas nas mãos, como em bom número de penitentes, que passariam de 60, a que fizeram os estudantes e confrades da Confraria de Nossa Senhora, ou, como lá lhe chamam, das 11.000 Virgens, Padroeira desta cidade. Coube aos nossos grande parte de tudo quanto se fêz, não menos em penitentes e outras devoções, que em as prègrações e particulares outras amoestações, com que a todos excitavam e principalmente a que tirassem a causa do mal, que eram

pecados, de que se não colheu pouco fruto. E ùltimamente, quendo a Cidade, à imitação do cabido, que sua procissão se terminasse com o Santíssimo Sacramento desencerrado, escolheram para isso a nossa Igreja, havendo

P. 13

(como alguns disseram) que quando o Senhor os não ouvisse por seus pecados, os ouviria pelo lugar em que o buscavam, e merecimentos dos que ali o tinham e guardavam. Vieram para êsse efeito os da Câmara propôr sua pretensão a este Colégio; fêz-se como pediram, mas diferiu-se contudo, o despacho da nossa e sua petição, ou porque assim o mereciam nossas culpas, ou por querer o Senhor mostrar-nos quanto devíamos estimar a protecção e amparo, que tem esta cidade, em suas Padroeiras, as 11.000 Virgens, em a véspera de cujo dia e festa, que a confraria lhes faz, foi servido começar a levantar o castigo, com boa cópia de água, e ainda que esta não durou mais que dois ou três dias foi muito grande o alívio para tôda a terra. Aqui era para ver a santa competência de a quem se devia atribuir a mercê; porém os mais dos votos tiveram por si os meninos de nossa *Escola*, que levados de uma santa inveja, não contentes de se acharem em tôdas as mais quizeram também por si fazer sua Procissão. Para isto se prepararam uns com suas velas metidas em lanternas de papel, postas em paus a modo de tochas, outros com cruzes, e outras insígnias de penitentes, e todos descalços; juntos mais de 150, nesta forma, começaram a entoar dois as Ladainhas à porta da nossa Igreja, da banda de fora, e respondendo os mais, se foram pelas ruas principais da Cidade com edificação mui notável de quantos os viam, não sabendo se se espantasse mais da ordem e concôrto com que iam, se da devoção que mostravam, e em especial um que no couce da procissão levava um crucifixo em as mãos, coberto com um véu, e acompanhado de duas tochas, representava a mais devota e bem composta figura, que com muitos ensaios se pudera pintar. Começou o acto com meninos, mas como se continuou, e voltaram por adonde saíram, podia-se ver o acompanhamento de gente que traziam após si, trocada já a música de cantochão em a de órgão, que alguns músicos bons cantavam movidos da devoção, que a todos fêz aquela vista, como lhe chamavam, de anjos. Nesta forma continuaram por muitos dias, indo umas vezes a uma Igreja, outras a outra; e nas dos conventos, ainda que de noite, os receberam com as portas das Igrejas abertas, e mostras do muito que estimavam tanta piedade em tão tenras idades, e de uma das vezes se lhes fez no mosteiro dos Padres Bentos, uma breve exortação, e por ser fora da cidade e se terem já acabado as velas a alguns, os mesmos Padres os proveram."

Pp. 18-19.

"Êste, de que falo, achei feito ou concertado de novo, e nele muitos Índios da Aldeia vizinha, com um terno de charamelas em corpo, todos para nos passarem, e com seus arcos nas mãos, postos em ordem de guerra para nos acompanharem como fizeram no restante do caminho, suprimdo à porfia com seus ombros em uma rede a falta de uma cavalgada, que a um dos companheiros, fraco e convalescente ainda de uma doença, tinha fugido. Perto já da Aldeia estava outra esquadra com tambor e bandeira; mais adiante nos esperavam os meninos e mancebos solteiros, a que chamam moços da escola,

por todos aprenderem nela até serem casados. Estes costumam, em os recebimentos dos Provinciais e Visitadores, ir diante com danças por baixo de arcos triunfais, cobertos de ramos frescos até os meterem na Igreja, a qual achamos tão cheia de gente como em o mais solene dia de festa, e tal parecia êste com a boa música do *Te Deum Laudamus*, som das charamelas, frautas, etc. Fêz-se-lhes, como se costuma, uma prática em que nós lhes dávamos as boas estadas em geral, em agradecimento das boas vindas, que nos tinham dado; e porque êste é o ordinário modo com que nos recebem, e agora o fizeram em quantas Aldeias visitei, nesta e na Capitania de Pernambuco, só êste aponto para por êles se tirarem os mais que em nada ficaram àquém, antes alguns avantajados.

"E tornando aos Índios desta Aldeia, se muito me consolaram com as mostras grandes do amor com que nos recebiam, muito mais o fizeram com as que depois deram da estima do que se lhes ensina de nossa fé, virtude e piedade cristã, porque sendo isto em conjunção da festa do Espírito Santo, orago da mesma Aldeia, foi para ver o fervor que em todos houve, e nenhum ficar sem que se confessasse, e comungassem os que a isso se admitem; e por não poderem os confessores acudir a todos como êles desejavam, ainda bem não era manhã já nos estavam em casa fazendo instância grande aos Padres línguas, não fossem à Igreja sem que primeiro eles se confessassem, porque como concorriam muitos Portugueses, arreceavam-se lhes tomassem o lugar mais próprio seu por então (como alegavam) por ser festa sua; e com esta primeira fôrça continuaram pela manhã e à tarde, dois dias antes da festa e dois depois, até que finalmente não ficou nenhum sem alcançar o que queria, continuando pelas oitavas com visitarem a Igreja e assistirem nela por bom espaço, tempo, que segundo seu natural, houveram de gastar em brindes e folias de pouco serviço de Deus. A festa se fez com várias e bem ensaiadas danças de moços e meninos, com seus ditos em louvor do dia, duas prègações, uma em português, outra na língua brasil, vésperas e missa a dois coros, também cantada, tudo com seu baixão, sacabuxa, frautas e charamelas, que dentro na cidade não sei se se fizera melhor."

Car.MaGom, 1621

Carta do Padre Manuel Gomes. S/l, 2 de julho de 1621.

Fonte: original na Biblioteca Nacional de Lisboa, caixa y. 2.22.

Publicações:

1. STUDART, **Documentos**, vol. 1, pp. 273-288.

Versão utilizada: publicação em STUDART.

Pp. 274-275.

"Pareseo ao gouernador do Brasil e ao general darmada Alexandre de Mora serem necessarios Padres da Comp.a, e que sem elles não alquansaria S. Magd. o fim que pertendia pidiram encarisidamente ao P.e Prouincial P.o de Toledo Religiosos de nossa Comp.a propondo o muito seruisso que a D.a e a S Magestade fariam. Auianse oferecido Religiosos de outras Religiois p.a acompanharem ao general assi na pax como na guerra, mas elle affirmaua serem mais poderosas quatro palauras dos Padres da Comp.a, p.a com o gentio, que estaua pella parte dos franceses, que todas suas armas, e que assi o auia expirementado onze annos, que naquellas partes gouernaua, e no Rio Grande, quando desaposarão os franceses, que o tinham occupado.

"Vendo o Padre Prouincial a instansia, que fasião consedeo ao Padre Dioguo Nunes, insigne lingoa do Brasil, e a mim p.a pregar e acodir ao que fose necessario por auer la hereges e saber tambem a lingoa gentilica. Pediram mais leuassemos indios de nossas doutrinas, os quais com dificuldade se mouem a ir, donde não uão Padres.

"Aiuntamos tresentos Indios, exercitados nas armas, que naquellas partes sam soldados de importancia, p.a a guerra e p.a nos acompanharem pellos pouos dos gentios sendo necessario leuaua mais cantores que quantauão os officios divinos e canto dorgão, com frautas, charamelas e outros instromentos musicos, e nas festas solenes representauão dialegos e ao deuino fasiam danças e folias p.a o que tambem leuaua mestre, e p.a que uendo os gentios tudo feito por indios de nossas doutrinas se afeisoassem a reseber nossa santa fé e entendese que o mesmo fariamos insinando seus filhos.

"Partimos aos sinco de Oitubro de 1615 ...

"A tarde disia as ladainhas, a que se achaua o general com toda a soldadesca, que respondião, remataua chamando em nosso fauor aos santos, a que os mercantes inuocão acrescentando N. B. P. Inacio comesando e acabando ao son das charamelas, que seruiam de sinal aos mais nauios darmada p.a fazerem o mesmo."

P. 279: Chegada na Barra do Maranhão, depois de um mês de navegação, primeira missa e relato de práticas cotidianas.

"Tomada posse da fortaleza ordinou Alexandre de Mora que a pr.a missa que na Igreja se disese fosse solene, o que fes com gosto de todos, rendendo as graças a Ds. pello perigos de que nos liurou na uiaigem, e pellas pazes feitas tanto a nosso gosto, eu me aparelhei p.a pregar oferesendo p.o a pregasam aos Religiosos de S. francisco e de Nosa Snr.a do Carmo, a qual elles por então não aseitaram. Chegado o dia disse o padre frei Cosme de Nossa Snra do Carmo que elle estaua aparelhado p.a pregar, eu lho agardesi e cantei a missa que foi de choros com charamelas frautas arpa e outros instromentos necessarios p.a a musica.

"Asentadas assi as pazes comessamos a exercitar os misterios da companhia andando de lugar em lugar aleuantando cruces e Igreias, e a pr.a coussa que faziamos chegando a algum pouo era uisitar os enfermos dandolhe noticia de Ds. e muitos acabando de os bautizar espirauão com moral certesa de sua salvasam. Todos os dias pella mannhã mandaua fazer sinal pello pouo com hua campainha e iunta a gente pregauamos o misterio da Santissima Trindade, a criasam do mundo, a caida dos Anios, o peccado de Adam, a encarnação do Verbo eterno, etc. Acabado o sermão insinauamos as orasois pella lingua gentilica, seguiasse a missa, ella acabada uisitauamos os doentes, bautisando os que estauão in extremis, ajudauamos a bem morrer, enterrauamos os mortos, e para diser tudo em poucas palauras nos eramos os enfermeiros, os medicos os parocos os pregadores.

"A tarde mandaua fazer o mesmo sinal, pregauamos outro sermão semelhante ao de pella menã, as auemarias se fazia o 3o sinal p.a aiuntar os mininos, que hiam em prosisam pello pouo cantando hum de nossa casa as orasois, respondendo os demais, recolhidos na Igreja lhes contaui um exemplo p.a elles se aproueitarem, e em sua casa o contarem aos parentes; O tempo, que restaua assisitamos as obras das Igreias leuantando defronte della hua crux, e outras as entradas do pouo, cada qual pasaua de sincoenta palmos em alto, e p.a isto se fazer com solenidade as enramauão com flores e ramos graciosos.

"Auia musica de frautas, charamelas, e outros instromentos, faziamos uma pratica das m. m. que por meio da S. Crux recebiamos de Ds. ..."

Pp. 286-287: Morte do Padre Diogo Nunes em 1618.

"... Porem Ds. que sabe escolher deixou-me a mim e tirou ao padre meu companheiro, Diogo Nunes, que nesta missam trabalhou com muita edificação e zelo, tinha gastado todo o tempo que na companhia uiueo na conuersam da gentilidade em cuja lingua era insigne: de sua idade não sei mais que ouirlhe afirmar, que quando se denunciou o Concilio tridentino era ia de missa, que por esta conta auia sincoenta e cinco annos era sacerdote e entrou na companhia minino ficou enterrado na capela mor de S. francisco, acharãose a seu enterramento os Religiosos de tres Religiões com suas cruses, dizendo primeiro em casa cada Religioso hum responso de canto dorgão, acompanharão os eclesiasticos e siculares, afirmando auer muitos annos que se não fizera outro enterramento mais solene, arderão no officio muitos sirios, brancos, postos em castisais de prata, o ataude hia ornado de carmisim mandandoo faser so para este efeito dois fidalgos aos quais pedi tomasem a

sua conta este enterramento (por se não usar nesta terra tumba de misericórdia) querendo Ds. onrrar a seu seruo com mostras de gloria, que no ceo lhe daria, ao tornar para casa me acompanharão os ecclesiasticos desembargadores, nobres e pouo com mostras de sentimento do muito que eu sentia ficar so aos des de Março de 620 me embarquei para Espanha, disiam todos os dias as ladainhas as sextas acrescentaua hum miserere de canto dorgão aos sabados as ladainhas de nossa Snra., e salue com charamelas fazia lembranças aos nauegantes, p.a se euitarem algumas ofensas da deuina Magd."

P. 288: Ataque de navios mouriscos na viagem à Espanha.

"... queria o capitam que eu me recolhesse imbaixo, eu lhe afirmei o não auia de fazer, dauam por resam estar la mais acomodado para confesar aos feridos, não me satisfes e subindo ao castelo de popa com os Indios bem armados de frecharia e com as charamelas tornaraome a pedir tomase a minha conta a casa da poluora asas importante posto naquelle conflictio apartando ao capitam lhe manifestei meu pensamento que não areseaua fazernos mal aquelle nauio ao que respondeo que o liurasse eu delle, que ele me metiria no porto a saluamento, e estando ia quasi a tiro de artelharia, mandei tocar nas charamelas a pesa. a que chamauão Batalha, bem cuidoo que não ouuirão mas fazendose na uolta do mar nos deixou rendemos graças a Snra de que tinhamos recebido tantas ms acrescentando o presente, cantando a Antifona Regina coeli lætare etc."

Car.AnVie.1, 1653

Carta do Padre Antônio Vieira ao Padre Provincial do Brasil. Maranhão, 22 de maio de 1653.

Fonte: original não localizado; conhecem-se somente os fragmentos intercalados transcritos na **História da Companhia de Jesus na extinta Província do Maranhão e Pará** do Padre José de Moraes (1759).

Publicações:

1. MORAES, **Corographia**, vol. 3.
2. ALMEIDA, Cândido Mendes de. **Memórias para a história do extinto estado do Maranhão**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1860, vol. 1.
3. Os fragmentos das cartas foram reunidos por João Lúcio Azevedo em **Cartas do Padre Antonio Vieira**, vol. 1, carta LXIV, pp. 316-355.
4. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 423-424, a partir da reconstrução de Azevedo.

Versão utilizada: transcrição na **História** do Padre José de Moraes.

Pp. 231-232: chegada do Padre Vieira ao Maranhão.

"...Enfim, os serviços de Deus nesta parte foram tão continuados que, não bastando o dia, eram necessárias no confessorário as horas da noite; e confessor houve nesta casa a quem couberam, só na Quaresma, cento e vinte e três confissões. As pregações da Semana Santa, desde o dia de ramos até o da Ressurreição, as fizemos todas na matriz, por ser igreja mais capaz; e o vigário-geral e mais clérigos, por serem poucos, nos vieram ajudar a beneficiar os ofícios na nossa igreja, onde se fizeram com a melhor música da terra e muito concerto; com o mesmo fizemos um sepulcro, que, para parecer bem, entre a curiosidade dos que aqui se fazem, foi necessário ser tão bem traçado e alumiado, que pudesse ter lugar em toda a parte; e com haver outros de maior arquitetura, mais custosos, até em o julgar por melhor de todos, mostrou esta gente o amor que tem a todas nossas cousas; e como a todas estas é necessário acudir, não pelo culto divino, senão ainda pelo crédito que tem nele a Companhia, julgue Vossa Reverência quão bem empregada será na pobreza destas casas e igreja a esmola que dessa província lhe fizerem os colégios como fazem a tantos pobres.

"Seguindo o fervor da gente, e desejando que todos fizessem algum serviço geral e público à Virgem Senhora Nossa, cuja invocação é a desta igreja, preguei em dia da Anunciação, e publiquei para que daquela tarde em diante se rezasse o terço do rosário a coros, como se usa em S. Domingos de Lisboa e em outras muitas igrejas da mesma cidade. _Vem por obrigação todos os estudantes e meninos de nossa escola: seguem a estes muitos soldados e gente de todos os estados, e está tão introduzida e aceita a devoção, que se enche ordinariamente a igreja de muitos que concorrem à ela. Faz-se este

exercício ao pôr do sol por ser a hora mais cômoda; põe-se a imagem da Virgem Senhora sobre a ara no altar-mor com velas acesas; assiste um padre, que encomenda o terço pelo método de nossa cartilha. Começam a entoar dous meninos de melhores vozes, e segue toda a igreja alternadamente com grande piedade e devoção. Dura tudo de três quartos para uma hora, a qual todos dão por bem empregada, acabando com ela aquele dia e começando a noite em louvores a Deus e Sua

P. 232

Mãe Santíssima. Nos sábados há maior detença, porque se prega do púlpito um exemplo do rosário, por espaço de meia hora, ao qual é tanto o concurso, que, não cabendo na igreja a muita gente, fica da parte de fora; e aos que ouvem se recomenda contem depois o exemplo aos mais, com que a devoção da Virgem Senhora vai em tanto aumento, que não só rezam nesta forma os que vêm à nossa igreja, mas muitos que não podem vir fazem o mesmo em suas casas com a sua família.

"Não faltará porventura a quem por este modo de devoção com canto público pareça cousa menos própria da Companhia, mas a Vossa Reverência, que esteve em Roma e viu semelhantes devoções que nas sextas-feiras e sábados se fazem na nossa casa professa, certo estou que não há de parecer cousa estranha do nosso instituto, antes muito própria dele, pois é trazer almas a Deus por todas maneiras, e por uma tão segura e aprovada como a devoção da Virgem Senhora, a maior de suas devoções; e para que o fruto não fique só nos portugueses, além das doutrinas ordinárias que se fazem aos índios nos dias santos na nossa igreja, publiquei no sermão da segunda dominga da Quaresma outra doutrina mais geral, a qual se havia fazer todos os domingos à tarde na mesma matriz, por ser igreja de maior capacidade, encomendando a todos mandassem à ela seus índios e índias, como logo se começou a fazer, e se continua com grande proveito espiritual e edificação. Saímos da nossa igreja à uma hora: levamos adiante um grande pendão branco com a imagem do santo Padre Inácio, que leva algum índio principal das aldeias, se o há na cidade, e senão por outro de respeito.

"Vão os nossos estudantes cantando a ladainha. Damos volta pelas ruas principais, levando os índios adiante e as índias atrás, pedindo aos portugueses, que estão nas portas e janelas, que os mandem, e , se é necessário, compelindo os que ficam; e desta maneira, com uma muito comprida procissão, chegamos à matriz, e ali postos os índios de um lado da igreja e as índias de outro, lhes faz o padre a doutrina, ensinando-lhes primeiro as orações do catecismo, e depois declarando-lhes os mistérios da fé, perguntando e premiando os que melhor respondessem. E porque esta gente pela maior parte está muito inculta, e os que sabem alguma cousa são as orações em português, que eles não entendem; não sendo capazes de catecismo tão dilatado e miúdo como é o geral que anda impresso, tomamos dele as cousas mais substanciais e fizemos outro catecismo recopilado, em que, por muito breve e claro estilo, estão dispostos os mistérios necessários à salvação, e este é o que se ensina. Os índios o percebem de tal maneira que respondesse a alguma pergunta que se lhe fazia, à terceira doutrina houveram muitos, e alguns meninos, que responderam a muitas."

Car.AnVie.2, 1654

Carta do Padre Antônio Vieira ao Padre Provincial do Brasil. S/I [Pará], [janeiro] de 1654.

Fonte: original não localizado; conhecem-se somente os fragmentos intercalados transcritos na **História da Companhia de Jesus na extinta Província do Maranhão e Pará** do Padre José de Moraes (1759).

Publicações:

1. Os fragmentos das cartas foram reunidos por João Lúcio Azevedo em **Cartas do Padre Antonio Vieira**, vol. 1, pp. 355-383.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 426, a partir da reconstrução de Azevedo.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

P. 364.

"No dia seguinte, 14 de Dezembro [de 1653], partimos de Mortigura, com a maré da tarde, os Padres Antonio Ribeiro, Francisco Veloso, Manuel de Sousa e eu, cada um em sua canoa, e começámos a navegar por um mar de água doce. Derrotou-nos a escuridade da noite, e o Padre Antonio Ribeiro e eu passámos amarrados às árvores de uma ilha, que nos serviram de âncoras e amarras, que estas embarcações não trazem outras. Chamámos os companheiros, mas nem êles ouviram as nossas, nem nós as suas buzinas."

Car.AnVie.3, 1654

Carta do Padre Antônio Vieira ao Padre Provincial do Brasil. Maranhão, [antes de 22 de março] de 1654.

Fonte: original não localizado. Cópia em português na Biblioteca Pública de Évora (localização não mencionada nas publicações). Alguns trechos foram transcritos na **História da Companhia de Jesus na extinta Província do Maranhão e Pará** do Padre José de Moraes (1759).

Publicações:

1. **Cartas do Padre Antonio Vieira**, vol. 1, pp. 383-416.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 427, a partir da publicação acima.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

P. 392.

"... Em pôsto que esta vez se estimou êste caso pela novidade, de então para cá é cousa tão ordinária nas aldeias, que todos os que vamos a elas experimentamos esta piedade e curiosidade nos índios ['que o que julgara por vinho eram orações']; porque depois de lhe ensinarmos a doutrina rezam em comunidade, como se faz todas as manhãs e tardes na igreja, e recolhidos à noite a suas casas os ouvimos outra vez rezar, e repetir o mesmo que lhe ensinámos. Não crera isto dêstes homens quem de antes os conhecera, e vira quão inclinados são a gastar as noites em seus brincos e passatempos; mas tanto pode a graça sobre a natureza. Nem nós lhe tiramos ou proibimos o seu cantar e bailar, nem ainda beber e alegrar-se, contanto que seja com a moderação devida, por lhe não fazermos a lei de Cristo pesada e triste, quando ela é jugo suave e leve."

P. 393.

"... No Pará falei com um soldado, que se achou na ilha destes bárbaros ['ilha chamada Jones, a qual está atravessada bem na bôca do rio das Amazonas, defronte da mesma ilha do Sol, e é tão grande que encerra em si mais de vinte e nove nações, de línguas tão diferentes como são a alemã e espanhola'], poucos dias depois da morte dos padres [Luís Figueira e seus companheiros], e sobre me confirmar o que escrevi da pintura em que os tem retratados, acrescenta que viu o lugar onde foram mortos, e que era um terreiro grande, com um pau fincado no meio, o qual ainda conservava os sinais do sangue. A este pau os atavam um por um em diferentes dias, e logo se ajuntavam ao redor deles com grande festa e algazarra, todos com seus paus de matar nas mãos. Chamam paus de matar a uns paus largos na ponta, e mui fortes e bem lavrados, que lhes servem como de maçãs na guerra; armados desta maneira andam saltando e cantando, à roda do que há-de morrer, e em chegando a hora, em que já não pode esperar mais sua fereza, descarregam todos à porfia os paus de matar, e com eles lhes quebram as cabeças."

Car.AnVie.4, 1658

Carta do Padre Antônio Vieira ao Padre Provincial do Brasil. Maranhão, 10 de julho de 1658.

Fonte: original no ARSI, Bras. 9, doc. VIII, ff. 57-58v. As publicações não trazem referência à localização do original.

Título original: "Copia da carta p.^a o P.^e P.^{al} / em q' se dá informação da / missaõ da Serra, e das cau-/zas porq' se suspendeo a / vinda dos P.^{es}"

Assinatura: "Maranhão 10 de julho d 1658 / [...] / Antonio Vieira"

Publicações:

1. **Cartas do Padre Antonio Vieira**, vol. 1, pp. 474-482, com a data de junho de 1658.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 432, a partir da publicação acima.

Versão utilizada: documento original.

F. 57 v.

"Q.^{to} aos Indios da Serra dizem os P.^{es} q' saõ ia hoje duas mil e quinhentas Al-/mas, q' tem bom natural, q' ia estaõ todos bautizados, q' ia se confessaõ todos, e m.^{tos} / comungaõ, q' esta quaresma tiveraõ os officios divinos com todas as demonstraçoẽs / de Christandade, e ainda solemnidade, por aver entre elles alguns muzicos da mesma / naçaõ Tobajára dos q' se retiraraõ de Pernambuco..."

Car.AnVie.5, [1660]

Carta do Padre Antônio Vieira ao Rei de Portugal, D. Afonso VI. Pará, [28 de novembro de 1659 ou Maranhão, 11 de fevereiro de 1660].

Fonte: cópia impressa no ARSI, Bras 9, doc. XVI, ff. 130-139v; versão manuscrita em italiano nos ff. 78-86v e ff. 89-104, e em códice da Biblioteca do Vaticano, todas com a data de "Maranhão, 11 de fevereiro de 1660". Segundo Leite, o original em português encontra-se na Biblioteca de Évora, CXV/2-13, f. 339, e tradução francesa na Biblioteca da Ecole de S.^{te} Geneviève, em Paris, com a data de "Pará, 28 de novembro de 1659".

Publicações:

1. **Cartas do Padre Antonio Vieyra.** Lisboa: 1735, pp. 12-45.
2. BARROS, **Vozes saudosas.** 1736, pp. 266-285.
3. **Revista do Instituto do Ceará,** n. 10, pp. 106-123.
4. **Cartas de Vieira.** Coimbra: 1925, vol. 1, pp. 549-571.
5. Parcialmente em MORAES, **Chorographia,** vol 5, nota de rodapé nas pp. 10-33, sem indicação de fonte, com o título **Carta do Padre Antonio Vieira, extraída de Noticias historicas e militares da América, col. pelo abade Diogo Barbosa Machado, para el Rei de Portugal, sobre as missões do Ceará, Maranhão, Pará e grande rio Amazonas.**
6. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes,** vol. 2, p. 441, a partir da publicação em **Cartas do Padre Antonio Vieyra.**
7. O documento foi ainda transcrito nas obras **Crônica da Missão do Maranhão,** do Padre João Felipe Bettendorf; **Vida do Apostólico Padre Antônio Vieira,** do Padre André de Barros e **Santuário Mariano, e historia das Imagens milagrosas de Nossa Senhora,** Frei Agostinho de Santa Maria, sem referência à fonte.

Versões utilizadas: cópia impressa e versão manuscrita do ARSI, e versão em italiano da Biblioteca do Vaticano.

Cópia impressa do ARSI:

Título original: "COPIA / DE HVMA CARTA / PARA ELREY N.SENHOR / Sobre as missoões do Seará, do Mara-/nham, do Parà, & do grande Rio / das Almasónas. / ESCRITA PELLO PADRE ANTONIO VIEIRA / DA COMPANHIA DE IESV, / Prégador de Sua Magestade, & Su-/perior dos Religiosos da mesma / Companhia naquella / Conquista."

Assinatura: "Maranhão, 11. de Feuereiro de 1660."

Impressão: "Lisboa, Na Officina de Henrique Valente de Oliueira / Impressor delRey nosso Senhor. / Anno 1660."

Observação: a acentuação (à, á, ì, è, é) é irregular.

F. 134. Missão à ilha dos Nheengaíbas (Ilha de Marajó).

"Desta sorte ficaram [os Nheengaíbas] habitando toda a Ilha, / sem habitarem nenhuma parte della, seruindolhe porèm em to-/das, os bosques de muro, os rios de fosso, as casas de atalaya, & / cada Nheengaiba de sentinela, & as suas trombetas de rebate."

Ff. 135v-136.

"Nam pode ir o Padre nesta ocasiam, por estar mortalmente / enfermo, mas foy Deos seruido, que o pudesse fazer em 16. de / Agosto, em que partio das Aldeas do Comutá, em doze grandes / canoas, acompanhado dos Principaes de todas as nações Chris-/tãs, & de sómente seis Portugueses com o Sargento mór da Pra-/ça, por mostrar mayor confiança. Ao quinto dia de viagem en-/tráram pello Rio dos Mapuases, que he a naçam dos Nheëngaí-/bas, que tinha prometido fazer a pouoaçam fóra dos matos em / que receber aos Padres; & duas legoas antes do porto sahiram / os Principaes a encontrar as nossas canoas, em hũa sua grande, / e bem equipada, empauesada de penas de varias cores, tocãdo /

F. 136

buzinas, & leuando pocémas, que sam vozes de alegria, & / applauso co que gritam todos juntos a espaços, & he a ma-/yor demõstraçam de festa entre elles, com que tambem de to-/das as nossas se lhe respondia: [...]. Chegados enfim á pouoaçam, desembarcàram os Padres com / os Portugueses, & Principais Christãos, & os Nheengaíbas na-/turaes os leuàram à Igreja, que tinham feito de palma, ao vso / da terra, mas muito limpa, & concertada, à qual logo se dedi-/cou a sagrada Imagem, com nome da Igreja do Santo Christo, / & se disse o, *Te Deum laudamus*, em acçam de graças."

F. 137v.

"Por fim, todos postos de juelhos, disseram os Padres o, *Te / Deum laudamus*, & saindo da Igreja para hũa praça larga, tomà-/ram os Principaes Christãos os seus arcos, & frechas que tinham / deixado fora; & para demonstraçam publica do que dentro da / Igreja se tinha feito, os Portugueses tirauam as balas dos arcabu-/zes, & as lançauam no Rio, & disparauam sem bala, & logo hûs, / & outros Principaes quebrauam as frechas, & tirauam com os / pedaços ao mesmo Rio, cumprindo se aqui à letra: *Arcum conte-/ret, & confringet arma.* Tudo isto se fazia ao som de trombetas, / buzinas, tambores, & outros instrumentos acompanhados de hû / grito continuo de infinitas vozes, com que toda aquella multi-/dam de gentes declaraua sua alegria, entendêdose este gèral cõ/ceito em todas, posto que eram de muy diferentes linguas."

F. 138.

"...os dias que aly se detiueram / os Padres, q foram catorze, se passáram todos, de dia em receber, / & ouuir os hospedes, & de noite em cõtinuos bailos, assi das nos-/sas nações, como das suas, q como diferentes nas vozes, nos mo-/dos, nos instrumentos, & na armonia, tinham muito que ver, & / que ouuir."

Versão manuscrita em italiano nos ff. 78-86v:

Título original: "Copia d'una relazione scritta alla M.^{tà} del / Rè di Portogallo sopra le missioni del maragnone / dell'anno 1659 dal P. Ant.^o Viera Predicatore / di S. M.^{tà} e Visitatore del Maragnone."

Assinatura: "Maragnone 11. di febraro 1660."

Observações: diferente da versão da Biblioteca do Vaticano. Chama a atenção que aqui as "buzinas" são traduzidas por "ciaramelle", e no documento da Bibl. do Vaticano por "trompette".

F. 81.

"...e ciascuno Nheengaiba di sentinella, e le lor trombe / di campana all'armi."

F. 82v.

"...e due leghe / auanti il porto uscirono i principali á incontrare le nostre barche / in una loro grande, e ben adobbata, ornata di penne á uarij colori / toccando ciaramelle, e leuando pocemas, che sono uoci di allegrezze..."

F. 83.

"chiesa del S.^{to} Xpo', e si disse / il Te Deum laudamus in actione di grazie."

F. 84v.

"...Finalmente posti tutti in ginocchi / dissero i Pri.' il Te Deum laudamus [...] Tutto ciò faceuasi a suono di trombette, buccine, tamburri, ed altri strumenti...."

Versão manuscrita em italiano na Biblioteca do Vaticano:

Fonte: Biblioteca do Vaticano, Seção de manuscritos, Mss. Chingiani, Codice R.I.4. "Di Portogallo", ff. 141-148v.

Título original: "Copia d'una lettera / al Re' Nostro Signore sopra / le missioni di Searà, del Maranham / del Parà, e del Gran fiume del-/le Almazone. / Scritta per il P. Antonio Vieyra / della Compagnia di Giesù Predicatore di S. / Maestà e Superiore dei Religiosi / della istessa Compagnia il quel-/la Conquista."

Ff. 145-145v.

"Non potè in questa occasione il Pre' andare con loro per esser mor-/talm.^e infermo, mà [fu, si] Iddio seruito che lo potessi fare sotto li sei-/deci di Agosto et all'ora partì delli luoghi del Comutà con dodeci / barche grandi, accompagnato dalli principali di tutte le Nationi Chris-/tiane, e solam.e di sei Portoghesi con Sargente Mag.re della Piazza / per mostrargli maggior confidenza. Il quinto giorno del uiaggio / introrono per il fiume delli Mapuesi, ch'è la Natione delli Nhe-/engaibas ch'haueua promesso far un popolato fuor delle macchie / doue riceuere li Pri', e sei miglie [r,u]iansi [del] Porto gli uen-

/nero all'incontro li Principali in una sua grande e ben ar-/reda barca parata di penne di uarie colori sonando trompete/ et intonando pocême, cioè uoci d'allegrezza et applauso che gri-/dano tutti assieme con pause, ch'è fra loro la maggior di-/

F. 145v

mostrazione di festa, anche ancora con tutte le nostre gli di ris-/pondeua. [...] Arriuati perfine al Popolato, sbarcorono / li Pri' con li Portoghesi e principali Christiani, e li Nationali / Nheengaibas lo condussero alla Chiesa ch'haueuano fatto di / palme all'uso della terra, ma molto polita e ben accommodata, / la quale subito se dedicò alla Sacra Image col nome di Chie-/sa del S.^{to} Christo e si cantò il Te Deum Laudamus in actio-/ne di gratie:..."

Ff. 146v-147.

... ed era cosa degna di dare /

F. 147.

di dare molte gratie a Dio, ueder li stremi d'allegrezza e uera amicitia / con che insieme s'abbracciavano, e le cose ch'in modo loro, diceuano. Per / fine inginocchiati tutti, dissero li Padri il Te Deum Laudamus, et / uscendo della Chiesa ad una larga piazza, presero li Principali Christi-/ani in mano li loro archi e frezze che haueuano lasciato fuori, e per dimos-/tratione pubblica di quello che dentro in Chiesa s'era fatto spararono l'ar-/chibugi, leuandogli prima le pale, e buttandogli a fiume, e sub.^o gli uni e / gl'altri Principali rompeuano le frezze e tirauano i pezzi in fiume / adempindosi in q. quel uerso. Arcum conteret, & confringet arma. / Et il tutto si faceua a suono di trombe e tamburri et altri istrumenti / accompagnati d'un continuo grido d'infinite uoci, colle quali tutta quella / gente dichiaraua la propria loro allegria intendendosi di tutto questo ge-/nerale concerto, ben ch'erano di differenti linguaggi. [...] Li / giorni che in quel loco si trattennero li Padri furono quattordici, nè / i quali di giorno, altra non si faceua che riceuere le uisite, e di notte in / continui balli cosi delle loro nationi, come delle nostre, che essendo differenti nè i linguaggi, nelle maniere e nell'armonia, erano degni di sen-/tirsi e non meno di uedersi."

Car.MaRodr, 1671

Carta do Padre Manoel Rodrigues ao Padre João Paulo Oliva, Prepósito Geral da Companhia de Jesus, sobre as celebrações por seculares no Maranhão. São Luís do Maranhão, 31 de março de 1671.

Fonte: original no ARSI, Bras 26, doc. XVII, ff. 28-30v.

Assinatura: "S. Luis do / Maranhaõ. 31 de março de 1671. [...] M^{el} Roiz."

F. 28v.

"6.a he que hû dos nossos padres aqui nesta Igreia [canta] por modo de [?] / [solfa] fazendo o compaço aos que o ajudaõ [que saõ] seus decipolos e como / os emcina e emsaia na Clace [Cuidar.^{ão}] [os que os uem] q' os nossos ensinaõ / solfa e já lhe aurtiraõ isto os Sup.^{res} passados não falta que' diga / que melhor seria fazelos dizer ao nosso modo ou não fazer officio q.^{do} / os nossos não chegaõ."

F. 30v. Resumo do conteúdo da carta:

"... / de cantu uni-/[cus] nostrorum. /"

Car.FraAvel, 1671

Carta do Padre Francisco de Avelar ao Padre Geral. Colégio do Rio de Janeiro, 9 de maio de 1671.

Fonte: original no ARSI, Bras 3 II, doc. LXXVI, ff. 112-112v.

Assinatura: "Ex Collegio Januariensi 9 Mayi 1671. / Ad Buenosaires misi Undecim Theologos, ut initiarentur sacris ordinibus, omnes ordinati / ad suam Prouincia' incolumes iam redierunt. / [...] / Franciscus de Avellar."

F. 112: Aldeia de São Barnabé, no Rio de Janeiro.

"In pago D. Barnabae hujus diaecesis Fluminis Januarii erecta est confraternitas / Venerabilis Sacramenti, quod singulis mensibus in tertia Dominica exponitur, et sub / finam missae decantatae fit processio in circuitu eiusdem pagi, assistentibus frequenter / accolis Lusitanis, qui ad huius modi solemnitatem suas spontè faciunt expensas / magno cum animarum emolumento, praedicta enim die multi confitentur, et sacro / pabulo reficiuntur."

Car.JoBett.1, 1676

Carta do Padre João Felipe Bettendorf ao Padre João Paulo Oliva, Prepósito Geral da Companhia. Maranhão, 15 de novembro de 1676.

Fonte: original no ARSI, Bras 26, doc. XXIV, f. 40.

Assinatura: "Maranhone 15 [nou] 1676. / [...] / Joannes Philippus Bettendorffis."

Observação: a caligrafia é de difícil compreensão, e alguns trechos do documento estão destruídos.

"In Noua Residentia Immaculatae Conceptionis / ad fluuium do Pindare, quinque dierum itinere ab urbem / dissita nemo residet [cunstanter] [ac din]. eam coeptam 80 capitibq / auxit P. Joannes Maria [Gessoris]. Petrus Pereira illius successore / ad alios esylius educendes legatas emissit. Me illi succedente Venem[trecho destruido] / anim[ae] septuaginta sex, quas cimbis et cumeatu necessario ad huc / longe dissitus adduci [iussi]. in pago, aduentantes faustis puerorum / obuam procedentium, inter tubis ac tiliarum sonitus acclamationib[q,s] / iuxta templum omni inspectante populo excepi."

Car.JoBett.2, 1678

Carta do Padre João Felipe Bettendorf ao Padre João Paulo Oliva, Prepósito Geral da Companhia. Maranhão, 1678.

Fonte: original no ARSI, Bras 26, doc. XXVII, ff. 45-46v.

Assinatura: "Maranhone / 1678. Joannes Philippus Bettendorffis."

F. 45v. Colégio do Maranhão.

"...Hoc / anno quadraginta horas omni solemnitate et / magna populi deuotione celebrauimus. illo triduo / ego conciones duas habui. Petrus Pereira unam. In / quadragesima ille Diebus Dominivcis quinques ego / sex diebus Veneris in templo nostro meditationes / quas hic praticas uocant habui."

Car.PiCon, 1678

Parte de uma carta do Padre Pier Luigi Consalvi ao Padre João Paulo Oliva. São Luís, 2 de agosto de 1678.

Fonte: original no ARSI, Bras 9, doc. XLIII, ff. 310-312v.

Título original: "Parte di una Ira' scritta dal P. Pier Luigi / Consalvi Sup.^{or} della Missione del Maragnone / Al M^o Rev: Pre' Nro' Gian Paolo Oliua / dalla città di S. Luigi à due d'Agosto 1678 / e tradotta dal latino in nra' lingua."

Assinatura: "Città di S. Luigi nel / Maragnone 2. Agosto 1678. / [...] Pier Luigi Consalvi."

F. 312: Residência "Camboccana".

"... A cui uenendo reci-/tavano per uia, tal'hor cantauano con tutta la diuozione dell'anima / uarie [?, czoni?], [?, ep?ei] formando danzi, e chori, et intanto piangendo di / puro gaudio, e consolaz.^e."

Car.ALPfeil, 1684

Carta do Padre Aloysius Conradus Pfeil ao Padre Geral. Tapuytapera, 19 de junho de 1684.

Fonte: original no ARSI, Bras 26, doc. LVI, ff. 101-102v.

Assinatura: "Tapuytapera. 19. Junii. 1684. / [...] / Aloysius Conradus Pfeil."

F. 102: Maranhão.

"... Hic n. [abrev: enim] verò cu' Costa Lusitanicè Doctrina[m] Xtiana[m], americanâ eandem ego Indis [trado, tracto], & cum cantu ac processio-/ne purgantes animas ciuibus [comendat] pueritia [oisqß: traço sopra, abrv omnisque?] aetas; & Superior è pulpito [perorat, resonat], minus quantum animos tenemus / [oium: abrev. omnium?], & Gubernatoris [noc, noe: abrev: nostre?] ac potestate praefect[us,um] Albuquerque [hujus loci] & Capitaniae Dominus:..."

Car.JodPer, 1685

Carta do Padre Jodocus Peres, Superior das missões, ao Padre Geral.
Évora, 7 de dezembro de 1685.

Fonte: original no ARSI, Bras 26, doc. LXXII, f. 125.

Título original: sem título. Segundo o catálogo: "P. Jodocus Peres Superior missionis / urget executio omnium [conseliorum] ut statim missio restaurari valeat / quo respondere [possinus] quae nobis incumbunt. praertim copia / personarum tam necessaria."

Assinatura: "Eborae 7. Decembr. 1685. / [...] / Jodocus Peres."

Observação: não se encontrou a carta de 22 de setembro de 1685, à qual o texto se refere.

"Accepi litteras, qua V.R. ad me dedit 22. Sept. 1685. quae mihi, ut uerum pro me asin-/ceritate habeat, exiguo admodica [solatio] fuêre: graue enim mihi accidit, non [exauctorari], / ut [rogauere], nec bonum Missionis magno studio currenti [d]eferri; sed differi responsa ad tempus, / quo ego fortè in Europa non adero. Tam enim oneraria una ex Maragnone appulit: / sed quia in Galicia anchoras [jecit], particularia inde nuntia necdum accepimus. [...]"

"Deniqß, cùm certum sit, Religiosos aliorum ordinum in nostram expulsionem insignem / oper[am] contulisse; habeantq ij nos sibi obnoxios cum magna nostra molestia; quòd eorum / operâ [utentur] in cantandis officijs diuinis nostris in templis: quaero, nun satiùs futur[icae] / sit, si deinceps (tum clerici, vel alij saeculares deerunt Musici) nostra festa celebrauerimus / Missâ recitatâ, & concione, absq ullo cantu?" [a carta termina com a pergunta].

Car.AnVie.6, 1688

Carta do Padre Antônio Vieira, Visitador Geral do Brasil, ao Padre Geral da Companhia de Jesus. Bahia, 4 de agosto de 1688.

Fonte: original no ARSI, Bras 3, 262-263v.

Publicações:

1. LEITE, **História**, vol. 7, pp. 369-371.

Versão utilizada: publicação em LEITE.

P. 369.

"Admodum Rev.^{de} in Chro Pater - P.C. - Quæ circa studia a P.^{te} præscripta sunt omnia Magistris ex scripto tradita, et Scholasticis nostris indicta; ut omnes maiori cura in posterum munus suum exequantur.

[...]

"Semel singulis hebdomadis disputationes, quas Sabatinas vocant, à Theologis fiunt, sub aliquo ex tribus Magistris sibi invicem succedentibus; nec quotidianæ diebus adhortationi, et distribuendis sanctis aliquo *Tractatu Speculativo* aut *Morali* deinceps pro examine computabuntur. Reasecabitur etiam quam primum, ut spero, vel minuetur in examine Philosophorum musica, qua tempus de industria inter singula argumenta conteritur, et minus de enodandis difficultatibus cogitatur."

Car.DioMach, 1689

Carta do Padre Provincial Diogo de Machado. Bahia, 15 de julho de 1689.

Fonte: original no ARSI, Bras 3 II, doc. CLXXIII, ff. 270-271.

Assinatura: "Bahya / 15. de Julio de 1689. / [...] / Diogo Machado."

Publicações:

1. LEITE, **História**, vol. 6, p. 107, em português.

Versão utilizada: documento original e publicação.

Documento original:

F. 270: Aldeias do Colégio do Rio de Janeiro.

"Doy a V.P.R. cuenta de las misiones, que tiene esta Provincia / en las partes del Sul, donde aora vengo de visitar. Tiene el Collegio del / Rio de Jan.^{ro} quatro Aldeas, ò Misiones, a las quales acude com el vistuario, / y ordinarias, que son p.^a provizion de los Religiosos, que en ellas assisten: / La. 1.^a con invocacion de S. Pedro, distante del Collegio veinte leguas en el / sitio, que llaman Cabofrio: Consta de mil, y quinze almas: en la qual assis-/ten dos Religiosos Sacerdotes, que dos vezes en el dia les enseñan la doctrina / Christiana en su lengua administrandoles los sacram.^{tos} de la Iglesia, acudien-/doles en sus necessidades asy espirituales, como temporales con gran zelo, y / charidad. Celebranse en el discurso del año las fiestas, y en la Quaresma los / officios Diuinos con musica de canto de organo con sus instrumentos competen-/tes, todo exercitado por los mismos Indios con notable aceo, y deuocion, con que / se edifica el pueblo circumvezino, que a ellos concurre./

La 2.^a Aldea con invocacion de S. Barnabê, distante del / Collegio octo leguas, consta de ochocientas, y quarenta, y tres almas. En ella / assisten dos Religiosos Sacerdotes, que exercitan los mismos ministerios, que ha-/zen los que assisten en la Aldea de S. Pedro, y tan bien en ella se celebran las fiestas del año, y los officios Divinos en la Quaresma con el mismo aceo, / y deuocion. / [...]

F. 270v: Aldeias do Espírito Santo.

"El Collegio de S. Thiago en la villa del Sp.^{to} S.^{to} tiene sugetos / dos Aldeas, [...] una con la inuocacion de los S.^{tos} Reyes Magos [...] y en ella tan bien se celebran los officios Di-/vinos con gran aceo, y deuocion; por que son los Indios, que en ella assisten / mas pios, y bien inclinados."

Tradução de Serafim Leite:

P. 107:

"... tem o colégio do Rio de Janeiro quatro aldeias ou Missões às quais acode com o vestuário e ordinárias, que são para provisão dos religiosos que nela assistem.

"A primeira, com invocação de São Pedro, distante do Colégio vinte léguas, no sítio que chamam Cabo Frio. Consta de mil e quinze almas. Nela assistem dois Religiosos Sacerdotes que duas vezes ao dia lhes ensinam a doutrina cristã em sua língua, administram os sacramentos da Igreja, acodem em suas necessidades assim espirituais como temporais com grande zelo e caridade. Celebram-se no decurso do ano as festas e na Quaresma os Ofícios Divinos com música de canto de órgão com seus instrumentos competentes, tudo executado pelos mesmos Índios com notável asseio e devoção, com que se edifica o povo circunvizinho que a êles concorre.

"A segunda aldeia, com a invocação de São Barnabé, distante do Colégio oito léguas, consta de oitocentas e quarenta e três almas. Nela assistem dois Religiosos Sacerdotes, que exercitam os mesmos ministérios, que fazem os que residem na Aldeia de São Pedro, e também nela se celebram as festas do ano e os Ofícios Divinos na Quaresma com o mesmo asseio e devoção."

Car.PeDias, 1689

Carta do Padre Pedro Dias para o Padre Antônio do Rêgo da Companhia de Jesus, Assistente de Portugal. Roma, 30 de julho de 1689.

Fonte: original no ARSI, Bras 9, ff. 351-356v.

Publicações:

1. LEITE, **História**, vol 5, pp. 444-449.

Versão utilizada: publicação em LEITE.

P. 448.

“Seguiram-se logo os mais Conventos e Religiosos com seus exercícios espirituais, que até este tempo tudo estava em silêncio. No Colégio se deu logo princípio às prègações dos domingos pelo melhor prègador dêle, obrou-se também a novena de S. Francisco Xavier com excelente música, que é o maior concurso deste Colégio por ser a maior devoção de tôda a gente de Pernambuco.”

Car.AnBon, 1695

Carta do Padre Antonio Maria Bonucci ao Padre Tirso Gonzalez, Prepósito Geral da Companhia de Jesus. Colégio do Recife, 19 de maio de 1695.

Fonte: original no ARSI, Bras 3 II, doc. CCXIII, f. 340.

Título original: sem título. "Admodum Reuerende in Xpo' N.P."

Verso da folha: "Ad.^m R.^{do} in Xro' P.N.P. Thyrso / Gonzalez Praep.^o Generali / Soc. Jesu."

Assinatura: "Pernambuci in Collegio Recifensi / 19. Maij 1695. / [...] / Antonius Maria Bonnucci."

"... Hos inter Americani soli montes ac saltus penè ab Hominum commercio segre-/gatus, non laudis humanae cupidine adactus hoc sum opus aggressus; sed / ut in loco peregrinationes meae cantarem dilecto meo, qui unicè tot inter ad-/uersa mihi solatio est, canticum laudis, et laetitiae; ha[b]eremq' semper, si non / in ore, sal[t]em prae oculis Panem illum, cujus gustu fallerem hujus mei spon-/tanei pro Christo exilij aerumnas, incommoda, atqß calumnias: à quibus Peto Pa-/ternitatem Tuam pro es, quo me in Christo Jesu prosequitur amore, ne me diuellat, / sed ut in ijs sustinendis me uerbo Sanctae admonitionis suae confirmet, ac in dies ma-/gis stabiliat."

Car.JoAnd.1, 1697

Carta sobre a morte do Padre Vieira. Padre João Antonio Andreoni. Bahia, 20 de julho de 1697.

Fonte: original no ARSI, fundo Assistentiae Lusitanae 58 (Necrologia - 1548-1741), ff. 515-519. Cópia nos ff. 520-527.

Assinatura: "Bahyae 20 Julij anni 1697. / [...] / Joannes Antonius Andreonus."

Publicação:

1. Annaes da Bibliotheca Nacional, Rio de Janeiro, n. 19, 1897, pp. 145-160, em latim e português, sem informação sobre as fontes.

Título na publicação: "Carta do Padre Reytor do Collegio da Bahia, em que dá conta ao P. Geral da morte do P. Antonio Vieira, e refere as principaes acções de sua vida. P. João Antonio Andreoni, Bahia, 20 de julho de 1697."

Versão utilizada: documento original e publicação em português.

Documento original:

F. 518v.

"Mortem profusis lachrimis, et sinumquam satis, pro / tanti viri meritis prosequentes, ab honore; quo in justis persolvendis ab / omnibus affectis, solamen capere potuerunt. Ab interiori sacello usq ad / templum Metropolitanae sedis canonici, cantoresq una cum Nostris, elatum / corpus associarunt, et matutinisq precibus, laudibusq de more decantatis, solem-/ne sacrificium pro eo obtulerunt, et tumulto extremum rogata requie[m] / lugubriter conclamarunt."

Publicação:

P. 159.

"Os que choraram a sua morte com abundantes lagrimas, nunca assás para os méritos de tão grande varão, puderam tirar algum allivio das honras que todos lhes prestaram, celebrando as suas exequias. Os Conegos e os Cantores, juntamente com os nossos, acompanharam o seu corpo, transportado da capella domestica para o templo da Sé Metropolitana e, depois de cantadas segundo o rito Matinas e Laudes, offereceram pela sua alma a Missa solemne, e entregue á sepultura, tendo invocado sobre elle o eterno descanso, todos lhe deram lugubrememente o ultimo adeus!"

Car.FraMatt, 1700

Carta do Padre Francisco de Mattos. Bahia, 20 de agosto de 1700.

Fonte: original no ARSI, Bras 4, doc. LIV, f. 83.

Assinatura: "Bahiae 20 Augusti 1700. / [...] / Francisco de Mattos."

"Emmanuel Pereira Pinto ex ordine equestri Christi Dni / una cum uxore sua Antonia de Gois ad huc inter moniales / uiuente Bovilia, et Arundineta sacharea, que quinquaginta / millium aureorum Lusitanorum summame equant, se uende-/rentur[,] sacello Diui Francisci Borgiae in templo nostro Ba-/hyensi addicta uoluerunt, cum onere sacri quotidie in eo / faciendi, et duarum Missarum cum solemni cantu singulis / annis necnon quinque uestium mulieribus pauperitus singulis / annis tradendarum."

Car.JoPer, 1703

Carta do Padre João Pereira ao Padre Geral Tirso González. Bahia, 8 de setembro de 1703.

Fonte: original no ARSI, Bras 4, doc. LXIII, ff. 95-96.

Título original: sem título. "Admodum Rev.^{de} in Chro Pater".

No verso da última página: "Admodum Rev.^{de} in Chro Pti' Nostro / Thyrso Gonzalez Societatis Jesu / Praeposito Generali"

Assinatura: "Bahiae 8 Septembris anni 1703. / [...] / Joannes Pereyra."

Ff. 95-96: Colégio de São Paulo e aldeias.

"Visitatio Collegij Paulopolitani omnibus Prouincialibus, / et Visitoribus non leue negotium facessere consue-/uit, propter Sociorum sustentationem, quae maiori ex / parte ex Indorum labore percipitur, quos in tribus / Pagis administrant, cum ad solam Parochorum sus-/tentationem teneantur. [...]

F. 95v.

Quorum sententiam ob easdem / rationes probauit, et P. V.^{ae} offerendas censui [?] / uidens hoc pacto multo magis nobis deuincidos / Paulopolitanorum animos, qui non ut antea / infensi, sed officiosi rebus nostris fauent, et /

F. 96

singularem Diuo Francisco Xauerio affectum osten-/dunt cum liberalitate conjunctum. Pro Nouemdia-/libus, eidem cum Musicorum cantu, et decôro orna-/tu persoluendis, stabiliendisque in futurum, / duo millia aureorum nunc Rectori tribuerunt: / sacerdosque e ditioribus, Guilielmus Pompeus de Almeida, praereptum sibi Funda-/toris honorem uidens, tantundem cum S.^{to} / Fran.^{co} Xauerio impendere, deo fauente, non / dubitat; et plura praestaturum speramus."

Car.JoAnd.2, 1706

Carta do Padre João Antônio Andreoni ao Padre Geral Tamburini. Bahia, 3 de agosto de 1706.

Fonte: original no ARSI, Bras 4, doc. LXVII, f. 102.

Título original: sem título. "Admodum Rev.^{de} in Chro' Pater".

No verso: "Admodum Rev.^{de} in Chro' P. Nostro / Michaeli Angelo Tamburino / Soct.^{is} Jesu Praep.^o Gli."

Assinatura: "Bahiae / 3 Augusti Anni 1706. / [...] / Joannes Antonius Andreonus."

Observação: o documento descreve os funerais do Padre Thyrso Gonzalez no Colégio da Bahia.

"Hodie in hoc Templo Collegij Bahiensi justa / persoluta sunt Admodum Rev.^{de} P. N.^o Gou. [mem.] / Thyrso Gonzalez, [et, ea, eo] tumuli apparatu, et ea / Externorum Religiosorum frequentia, quae in / aliorum Praepositorum exequijs uisa non / sunt. [E] Carmelitanorum Sacra Familia, cum / Prouinciali, et Moderatore conuentus, solemni / ritu defunctorum psalmodiam decantarunt / plusquam quadraginta ejus ordinis Religiosi; / et cum ego ad Aram maiorem cum Ministris / sacrificium offerem; accinendi per quam / suauius munus prosecuti sunt."

Car.JoAnd.3, 1706

Carta do Padre João Antônio Andreoni. Bahia, 12 de novembro de 1706.

Fonte: original no ARSI, Bras 4, doc. LXIX, ff. 104-105v.

Título original: sem título. "Admodum Rev.^{de} in Chro Pater".

Início: "Quae ad Visitationem Collegiorum, Residentiarum et Pagorum / nostrae Administrationes Indorum in Ora Pernambucana spectant, his exequat."

Assinatura: "Bahiae / 12 Novembris Anni 1706. / [...] / Joannes Antonius Andreonus. / Admodum R.^{de} in Chro' Patri Nostro / Michaeli Angelo Tamburino Soc.^{tis} / Jesu Praeposito Generali."

Ff. 105-105v (após a assinatura, como *post-scriptum*): Colégios de Olinda e do Recife.

"In Coll.^o Olindensi, me praesente, justa Admodum R.^o P. N.^o / Thyrso Gonzalez [hu,bo] : [mem.] honorificè persoluta. Adstitère / Cathedralis Ecclesia canonici[,] multique ê singulis caenobijs / uiri Religiosi; et ferè triginta è Carmelitana familia, / [eum, cum] Proali[abrev: Prouinciali], et Conuentus Moderatore; qui, quemadmodum / Bahiae fecerant, hic etiam uita functorum psalmos, et / quae ad solemnem Missam pertinent, decantarunt: /

F. 105v

personante non solam uespere, sed summo [inanae], et ad hora tertia / usque ad meridiem; post modica temporis interualla, omnium / Ecclesiarum Urbis aere campano. /

"In Col.^o etiam Recifensi [eum, cum] maiori Musicorum concentu / a[u,tr,b]curio oppidi cum sodalitia Praesbyterorum Diui Petri; ads-/tantibus Moderatoribus Religiosorum Ordinum, et Praeposito / Congregationis S. Philippi Nerei, multique earundem sacra-/rum Familiarum Socijs, idem honor Laudatissimo Parenti / Nostro exhibitus est quibus, ut par erat, etiam P. V.^o nomine / gratias egi, sungulis moderatores post exequias, domi conueni-/ens."

Car.JoAnd.4, 1711

Carta do Padre João Antônio Andreoni ao Padre Geral Tamburini. Bahia, 26 de junho de 1711.

Fonte: original no ARSI, Bras 4, doc. CVIII, ff. 163-164.

Título original: sem título. "Admodum Rev.^{de} in Chro Pater".

Verso da última folha: "Admodum R.^{de} in Chro' Pri' Nostro / Michaeli Angelo Tamburino Soc.^{tis} / Jesu Praeposito Generali."

Assinatura: "Bahiae 26. / Junij Anni 1711. / [...] / Joannes Antonius Andreonus."

F. 164: Morte de D. Dominicus Alfonsus, "Tyrocinij nostri fundator", no Colégio da Bahia.

"... [Offici] etiam justis a nobis solem-/niter persolutis; et mortuis corporis elatione ab urba-/nis omnibus sodalitatibus, a carmelitis Patribus, et a cano-/nicis, cum musico concentu flebiliter associati, / lega[tis]que multis in pia opera distributis, et elee-/mosyna unius argentei plusquam trecentis pauperibus comitantibus / data; ..."

Car.MaMour, 1711

Carta do Padre Mateus de Moura ao Padre Geral. Bahia, 21 de setembro de 1711.

Fonte: original no ARSI, Bras 4, doc. CXIII, ff. 171-172.

Título original: sem título. "Admodum Rev.^{de} in Chro Pater".

Segundo o catálogo: "de exercitio et functionibus spiritualibus in Coll. et residentiis."

Assinatura: "Bahiae 21 Sept. 1711. / [...] / Matthaeus de Moura."

F. 171: Colégio da Bahia.

"In primis in Collegio Bahyensi Singulis hebdomadis continua-/tur exercitium pro recolenda memoria Passionis Xpi, colloquiis, piis que cantio-/nibus refertum, assistentibus nostris, et externis scholaribus: quod exercitiu' semper / intermediat exhortatio ad praesentem Viroru', ac faeminaru' multitudinem."

Car.MaSeix, 1718

Carta do Padre Manoel Seixas, Visitador das missões do Maranhão, a El Rei. Pará, 13 de junho de 1718.

Fonte: original no ARSI, Bras 26, doc. CXXVI. Cópia fotográfica na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (I 48,14,1), e manuscrita no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Assinatura: "Bellem do Pará, e de Junho / 13 de 1718 / Manuel de Seyxas."

Versão utilizada: cópia da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Observação: o documento não se refere a qualquer tipo de prática musical, mas descreve o regime de repartição dos índios.

F. 61v.

" ... Vão todas es/tas canoas [do Capitão Mór, Sargento Mór, Ouvidor geral e outros] pelas Aldeias, e ou por força / ou por vontade levam todos os Indios / que acham para remarem as ditas ca/noas, e para servirem de soldados."

F. 65v.

" ... Achou-se finalmente um missionario em uma Al/deia só e sem poder exercitar os mi/nisterios de missionario, porque leva/dos os Indios, as mulheres e crian/ças se espalham pelos mattos buscan/do frutas para se sustentarem; pa/ra praticar e reduzir gentios pelos / certoões, sem Indios que os levem e / acompanhem não há meio nem / modo: tudo, supposto este modo de proceder dos Portugueses, mostra que / he superflua a vinda dos Religiosos da Companhia a este Estado ... "

Car.JosBern, 1721

Carta do Padre José Bernardino ao Padre Geral Tamburini. Colégio da Bahia, 11 de fevereiro de 1721.

Fonte: original no ARSI, Bras 4, doc. CXL, f. 209.

Assinatura: "In Collegio Bahiensi 11 Februarii 1721. / [...] / Jozephus Bernardinus."

"Joannes Ludouicus [Soceis] [uis] pietate praeditus, cupidusq̃ aeternae [sa] / festis consequendo, carens Praedibus u[u]lt Deo reddere bona quae de manu / ejus accepit. [...] donat [etiam] Collegii Ecclesiae duo millia aureorum ut / dantur [sensui], et de eorum redetibus fiat festum Conceptiones B. M. V. / cum missa solemne, et SS. Eucharistiae Sacramento exposito."

Car.MaDias, 1721

Carta do Padre Manoel Dias ao Padre Geral Tamburini. Colégio do Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1721.

Fonte: original no ARSI, Bras 4, doc. CXLV, ff. 216-217v.

Assinatura: "Ex Collegio Fluminis Januarii 21. Septembris / 1721. / [...] / Emanuel Dias."

F. 216. Colégio do Rio de Janeiro.

"... Et ibi templum nobiliori loco dignum, huius dedicationi dies cum primâ Missâ / âgetur solemniter octaua Decembris sequentis sub titulo Diui Michaelis, / et Immaculatae Conceptionis;..."

Car.GasFar.1, 1722

Carta do Padre Gaspar de Faria ao Padre Geral Tamburini. S/I [Bahia], 31 de março de 1722.

Fonte: original no ARSI, Bras 4, doc. CCXXX, ff. 346-346v.

Assinatura: "Bae' 31 / Martij 1722. / [...] / Gaspar de Faria."

F. 346: Doação de Antonio Ferreira Lisboa, septuagenário, ao Colégio.

"Haec donantur eo onere, ut fiat in perpetuum annuatim / festum nominis JESU; quis autem non uidet nullum esse onus - / ejusmodissimo, silene perpendatur, ab onere nos eximit; cum festum / illud expensis Collegij semper celebrari consueuerit, licet minori ali-/qua solemnitate, quam quae modo praescribitur; nam modo ad inte-/gram diem extenditur, quod hactenus solo mane absoluebatur."

Car.GasFar.2, 1726

Carta do Padre Gaspar de Faria ao Padre Geral Tamburini. Colégio do Rio de Janeiro, 25 de maio de 1726.

Fonte: original no ARSI, Bras 4, doc. CCIX, ff. 315-315v.

Título original: sem título. "Admodum Rev.^{de} in Chro Pater".

Título no catálogo: "Primum Gymnasium Bahyae, alterum Flumine statutum est. propter materiarum / [juverstatem] et affluentium multitudines. cum gaudio receptus est corpus / Theologiae Flumine."

Assinatura: "Coll.º / Fluminis Januarij 25. Maij an. 1726. / [...] / Gaspar de Faria."

Observação: o documento descreve professores dos Colégios da Bahia e do Rio, até mesmo um externo de língua, mas não menciona um professor de música.

F. 315.

"Perperam in praesenti studia nostra cum reliquis gregariê misce-/buntur; cum enim speciale habuerint ex dispositione P.^{tis} [V.ae] / incrementum, specialem etiam exigunt commemorationem. / Ad finem anni proximê elapsi ex praescripto P.^{tis} [V.s] [b]ipartitum / est primum Gymnasium in Collegio Bahiensi: hujusce rei causa / fuit nimia scholarium frequentia, qui ab unico tantum praeceptore / vix poterant commodè edoceri. Eadem, et fortasse maior causa est, / quae in hoc Fluminensi Collegio similem exigit partitionem, non ta-/men pro primo, sed pro secundo gymnasio.

"Maior, inquam, causa est, quia praeter multitudinem con-/fluentium est etiam diuersitas materiârum, quae diuersos exigunt prae-/ceptores; quis enim praeceptor omnia simul latinitatis rudimenta potest, / commodè tot auditoribus instillare. Dificile sane id est, facile tame', / seu facilius fiet, si quae modo in unico tantum, in duplici tradantur gymnasio à duplici praeceptore."

Car.GasFar.3, 1729

Carta do Padre Gaspar de Faria ao Padre Geral Tamburini. Bahia, 20 de junho de 1729.

Fonte: original no ARSI, Bras 4, doc. CCXLVIII, ff. 384-384v.

Assinatura: "Bahiae 20. Junij 1729. / [...] / Gaspar de Faria."

F. 384.

"Communem laetitiam augere uoluit Ill.^{mus} Ba-/hiensis Archiepiscopus qui pro sua innata pietate, et illa, / quam in omnibus praese[f,s]ert erga Societatem, beneuolentia, / sponte sua pot[ius, iuq, iaq], quam inuitatus, et adesse uoluit, et prodesse; na[m] / sacrum in nouo sacello solemniter celebrauit, et Sanctissimu[m] / Eucharistiae Sacramentum manibus ferens totam domum et su-/periolem et inferiolem percurrit, ut nulla illius pars tantae be-/nedictionis expers remaneret."

Car.MaMot, 1729

Carta do Padre Manuel da Motta ao Padre Geral. Tapuitapera, 14 de agosto de 1729.

Fonte: original no ARSI, Bras 26, doc. CLXII, f. 262.

Título original: sem título. Segundo o catálogo. "Ipse hujus residentiae fundator redditum rationem singulorum rerum quae / occurrant - dem narrati de fructa missiones oer quod [ragesseniam] / habitae a P Gabriele Malagrida - nunc socii gaudent favore popularium / quem arte non habebant."

Assinatura: "Tapuitaperae 14 Augusti 1729. / [...] / Emanuel a Motta."

"Magnum quidem animarû prouentum quotidie hic / experimus, et in hac [pstißimum abbrev:?] quadragesima[m] proxim[m] [praeseris, praeterita] missionem per no-/uem dies faciens P. Gabriel Malagrida, me coadjuuante, et aeliquibus P.P. quos ad hoc ip-/sum petijs a Collegio Maragnonensi: [...] Fructus praecipue cernit[u?] / ad huc in frequentatione sacramentorum, praesertim primis Dominicis unius cujusque / mensis jubilaum lucrando, nuper hic erectum in hac nostra Ecclia B.^{ae} M.^{ae} sub titulo Do / Pillar, ubi etiam quotidie tertiam Rosarij partem, mirabili quidem concentu, ad deuotione / canunt nostri scholastici, una cum pueris huc conuenientitus finito illorum [Ele] / mentario Ludo."

Car.JacCar, 1731

Carta do Padre Jacinto de Carvalho ao Padre Provincial. Lisboa, 21 de maio de 1731.

Fonte: original no ARSI, Bras 26, doc. CLXVIII, ff. 271-272v.

Assinatura: "Lisboa 21 de Mayo de 1731. / [...] / Jacintho de Carualho."

F. 271v: O P. Jacinto de Carvalho se queixa das atitudes do Bispo do Pará, que caiu nas graças do Rei, e determinou que os jesuítas não poderiam continuar nas missões daquele estado sem sua aprovação.

"Em todo o tempo em q estiue com elle na quella terra, q foraõ sinco / anos, se conseruou com nosco em m.^{ta} paz, e amizade; e nas festas q / fizemos na nossa Igreja a canonizaçaõ dos nossos S.^{tos} veyo com o cabi-/do, e toda a muzica da Sê, dice Missa de Pontifice, pregou, e foraõ m.^{tos} / e admiraueis os elogios da Comp.a q da sua boca se ouuiraõ."

Car.SalOliv, 1736

Carta do Padre Salvador de Oliveira ao Padre Geral. Aldeia de Arucará (Pará), 2 de setembro de 1736.

Fonte: original no ARSI, Bras 26, doc. CLXXXIV, ff. 294-294v.

Título original: sem título. Segundo o catálogo: "de reformando et corrigendo catechismo antiquo ejusque usu ad / fidelium instructionem: de degna S Baptismi administratione / providendum."

Assinatura: "Indos Pago Arucaraensi 2. Setembri 1736. / [...] / Salvator Oliverius."

F. 294v.

"Graüter que prohibeat P. V.^a, quod nullus exortis quolunque praetextu / inmutet, [ex, er]igerat, vel aliquid ad augeat tali catechismo ita disposito, et ordinato; / nec ullo modo inuertantur illius ordo, et uersa: in[super], quod seruetur, et / transcribatur in librijs cujus uis Missionis, ut omnibus sit admanus, et ut me / moriae illuno Co'mendent. Per hoc tamen non [i]llitur, quod non [cof, cosc, osc]int / recitari aliquas cantinelas deuotas [X] deuotiones, et pietates cujus [piano, piant]; attamen / hâc, et similia (certe non improbandat) fiant omminò extra doctrinam in / catechismo contentam."

Car.JoVid, 1739

Carta do Padre José Vidigal a D. Francisco d'Almeida Mascarenhas, Principal da Santa Igreja Patriarcal de Lisboa. Colégio do Pará, 7 de outubro de 1739.

Fonte: original na Biblioteca de Évora, códice CXV / 2-13 f. 508; cópia manuscrita na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 11,2,19.

Título original: "Para o Ill.^{mo} Rev.^{mo} S.^r D. Fran.^{co} / d'Almeida Mascarenhas Principal da / Santa Igreja Patriarchal de Lisboa."

Assinatura: "Collegio do para 7 de Outubro de 1739 / Joseph Vidigal".

Versão utilizada: cópia da Biblioteca Nacional.

Observações: segundo o manuscrito, o Padre Aleixo nasceu em Aquedo, Bispado de Coimbra, a 12 de janeiro de 1712. Estudou Letras Humanas, Filosofia e Teologia, formou-se Mestre em Artes e presidiu por 2 anos o curso de filosofia. Ensina Humanidades no Colégio da Companhia, e Gramática e Humanidades nos Estudos Publicos do Pará.

F. único.

"O Padre Aleixo Antonio compos e deu ao Pu/blico na Igreja deste Collegio do Para nas festas de canização [sic] de São João Francisco Regis uma / Tragicomedia, Titullo = Hercules Gallicus Religio/nis vindex Pasurus Teatralis P^{ter} Joani Francisco Regis Societatis Iesu Sanitorum [G?]asti [Reventer?] / Iscripto de genu dicutus ad [Cytornonu?] Magis-/tro in esso Paraensi eiusdeno Societatis Anno D^oni / 1739 = A qual obra esta para se dar á impren/sa, consta de explicar por espécie Poetica as Mi/ssões do Santo na França ios suoris e trabalhos que / padeceo em converter puddores licenciozos, e redu/zir hereges calvenistas."

Car.ManSil, 1745

Carta do Padre Manoel da Silva ao Padre Provincial Caetano Ferreira.

Pastos Bons, 16 de julho de 1745.

Fonte: original na Biblioteca de Évora, códice CXV, f. 313 - 317v; cópia manuscrita (incompleta) na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, I-31,25,17.

Publicações:

1. MORAES, **Corographia**, vol. 4, pp. 396-410, sem indicação de fonte.

Versão utilizada: cópia da Biblioteca Nacional e publicação em MORAES.

Observação: a carta relata os acontecimentos na Missão de Pastos Bons entre novembro de 1744 e 6 de julho de 1745.

Cópia da Biblioteca Nacional:

Ff. 78v-79.

"Logo ao romper do dia, depois de / todos visitarem á bellissima imagem da / Senhora, e o Santissimo que alli se/acha no Sacrario, se lê meia hora de li/ção espiritual: logo huma hora de oração, / que para mim eh vocal, e para os as/sistentes mental, e por fim o quarto de exa/me sobre o que se meditou, de sorte, que alli / vão consumidas huma hora e tres quartos. Se/guese á missa depois de hum bocado de / allivio da cabeça. Antes de jantar se levaõ / duas horas, huma de exame practico, isto he *circa mores*, que vai por via da practica e / em materias muy practicas e saõ as de / mayor proveito, e pello fim hum bocado de /

F. 79

lição espiritual conducente a segunda hora / de oração, que se faz com á de manham para / desta sorte saberem ter oração, em que por fim / dos exercicios ficaõ destros, e ouzaõ _____. De / tarde lá mays inclinar-se para a noyte se / segue ouras duas horas: Os primeiros tres / quartos de exame practico; hum quarto de lição / conducente á meditação; e logo tres quartos de / oração como assim digo para mim vocal, e / para elles mental; porque assim sahem des/tros em meditar: o ultimo quarto que sem/pre passa se expõem o Santissimo, cantan/do o bendito da Missao: se faz o Colloquio, / dásse com o Santissimo a Benção, etc. / Passado algum allivio para á cabeça pellas / sete horas da noite se canta o terço da / Senhora diante della, que suspende. Proponho á meditação, e ahi me alargo a abrilla ..."

F. 80v.

"Neste modo de exercicios / o menor fructo he o de confissoens ainda / geraez, pelo que vejo e experimento / mays á reforma de vida, ficarem com / a oração mental Terço cantado ou reza/do a choros nas suas casas, quando saõ / poucos para o cantarem a choro: por/que porhum aranzel reduzido a bre/vissimos pontos conducentes as obrigaçoens / de Christaõs, e Pays de Familias lhes fi/caõ os feixos de uma vida ajustada para / si e para suas familias, de ensinarem / á Doutrina de alguma freguezia de Sa/cramentos segundo a penuria de Sa/cerdotes que ha."

A cópia da Biblioteca Nacional é incompleta. O trecho a seguir foi extraído da publicação de Moraes:

P. 408.

"Muita e mais consolação [?] nas casas onde dou exercícios commumente, o cantar-se o terço, e nas casas dos que vêm assistir pelo modo do tempo dos exercícios e missões, e se por acaso em um falta, pega em tantos."

Car.JoBrew, 1751

Carta do Padre Joannes Brewer à D. Maria Ana D'Austria. Ibiapaba, 15 de outubro de 1751.

Fonte: original no IEB, coleção Alberto Lamego, cód. 1, doc. 23, em alemão, em gótico cursivo.

Assinatura: "Na missão de Ybyapába, 15 de outubro de 1751."

Versão utilizada: tradução datilografada para o português anexada ao documento, sem referência a data ou autor.

F. único.

"Sereníssima e Poderosíssima Rainha, Clementíssima Senhora: Além dos muitos benefícios que recebêra até agora do real favor de Vossa Majestade, tive no mês passado mais uma prova de sua material bondade para comigo; e por tam repetidos benefícios sinto não saber como hei de render a Vossa Majestade graças bastantes. As cousas que Vossa Majestade me enviou não podiam ser melhores para os índios d'aqui; com ellas recompenso eu os que na Igreja cantam os louvores da mãe de Deus, para tornar d'este modo a Vossa Majestade participante desta boa obra, ainda que de pouca valia."

Car.JoNep, 1753

Carta do Padre Joannes Nepomucenus Szluha à D. Maria Ana d'Austria, Rainha-mãe de Portugal, informando sobre expedição à tribo dos gamelas. Carará, 22 de outubro de 1753.

Fonte: original no IEB, Coleção Alberto Lamego, cód. 1, doc. 40.

Assinatura: "Carará, 22 8br 1753. / Joannes Nepomucenus Szluha J. S. / Missionario Maragn.sis."

F. 3.

"Perventum sub meridiem ad vivillulam unius, / qui postquam nos lubens, quin et cum gaudio quo-/dam admisisset, discessit paululum; moxque / cum corbe fructibus repleto reversus est, quem post / decantatam aliquam cantilenam ad pedes meos / deposuit; deduxitque sumpto prandioco pagum ver-/sus ad villam cæteorum, qui omnes non modo pa-/cifice, sed cum gaudio etiam nosmet exceperunt, / licet nullum antea missionarium nec de Societate / nostra hominem quem piam conspexerint. ..."

Car.FrWol.1, 1756

Carta do Padre Franciscus Wolf ao Padre Visitador e Vice-Provincial.
Colégio do Maranhão, 6 de agosto de 1756.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 II, doc. LXXVIII, ff. 485-488.

Assinatura: "Maragnonij 6 Augusti 1756 / Ex commissione P. Rectoris. / Antonij Dias. / [...] / Franciscus Wolf."

Versão utilizada: documento original, em cópia digitalizada do NHII.

Observação: a carta descreve acontecimentos do Colégio do Pará, como missas, solenidade fúnebre, índios, verba recebida e reforma nas instalações.

F. 485v: Colégio do Pará.

"Singulari devotione / habitae sunt functiones et ceremoniae cum majoris hebdomadae, / chorum musicum constituentibus Seminaristis nostris, ope / et industriâ Regentis in modulis musicis juxta tenorem Ro-/manum instructis: tum aliae festivitates infra annum occurren-/tes, Missis decantatis, et Concionibus habitis. Specialiter [me-/morando] veniunt cum pompa, licet funebri, celebratae Inferiæ / pro magna anima Magni Parentis nostri, p.m. Ignatii Vcielo-/mitis, [...]. Requiem aeternam solemniter ad Aras piissime vitâ Functo / precatu est, sede vacante primus dignitate Canonicus, / Capitulo officium decantate, assistantibus Ordinibus Reli-/giosis, Urbis Senatu, et reliqua nobilitate."

Car.FrWol.2, 1756

Carta do Padre Franciscus Wolf ao Padre Visitador e Vice Provincial.
Pará, 7 de novembro de 1756.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 II, doc. LXXIX, ff. 489-493.

Assinatura: "Parae 7 Nouembris. 1756. / Ex commissione P. Rectoris / Caietani Xauerij. / Franciscus Wolff."

F. 492.

"Adm. R.P. Nostro p.m. Ignatio Vice-Comiti in templo nostro / pro uiribus parentatum est magnifice, mausolaeo extructo [a]b palmorum altitudinis, proportionatae latitudinis, ad omnem / decorem exornato, cujus pars anterior, Ecclesiae januae è diametro / objecta Pij Parentis nostri gestabat ectypum, omnium cordibus / ad aeternam Defuncto requiem comprecandam incitamentum. / Missa [d^e] Acquiem cum officio à melioribus musicis solemnitate / suam acceperunt, nec non à Religiosorum Ordinum, Cleri, principum urbis capitum, Excellentissimorum, Episcopi et Guberna-/toris assistentia.

Car.MaRoc, 1758

Carta do Padre Manoel Ribeiro da Rocha ao Padre Provincial Domingos de Souza. Bahia, 4 de janeiro de 1758.

Fonte: original no Arquivo Histórico da Torre do Tombo, fundo Cartório Jesuítico, maço 97, doc. 133.

Assinatura: "Bahia 4. de Janr.º de 1758 / [...] / Manoel Ribr.º Rocha."

F. único: sobre o livro "Prática dos Oratorios", enviado para impressão em Lisboa.

"Como se offerece a occasiaõ da partida deste Avizo p^a essa / côrte, não posso deyxar de importunar a V.R.^a com mais estas / regras, para lhe pedir que no Livrinho dos Oratorios no / fim do § 7. da primeyra parte, se digne fazer accrescen/tar as palavras seguintes= /

Se bem que os taes Decretos procedem som.^{te} a respeito / das tres Missas cantadas, e não a respeito das reza=/das; ex iis quae Marq. in Brasil. Pontif. lib. 3. á n.º / 501."

Car.BerAg, [1767]

Carta do Padre Bernardo de Aguiar. S/l, s/d [Roma, 1767].

Fonte: original no ARSI, Bras 28, f.25/p.43 ss.

Publicações:

1. LEITE, **História**, vol. 4, p. 295.

Versão utilizada: documento original.

Observações: o códice Bras 28 (*Inventarium Maragnonensis*) difere-se dos outros códices do fundo. Todos os documentos foram copiados pelo Padre Manuel Luís, após a expulsão dos jesuítas, e os originais não foram encontrados. Segundo o f.36v / p.66: "Esta foi a ult.^a copia, q' tresladei, e a acabei de escrever aos 13 do mes / de Abril de 1767. ... P. Manoel Luis." No final da página com a carta do Padre Aguiar, encontra-se a seguinte inscrição: "Bernardo de Aguiar / Copiado fiel^{te}, e acrescentado em alguãs couzas, q' perguntei, com alguns / nomes de negros, q me lembravaõ; pello P. Manoel Luiz. Roma pallacio de [Sora, Sra] Domin-/go, 5 de Abril de 1767."

F.25/p.43

"Na maõ de Carlos Joze Organista do Coll.^o ficou o Cravo do d.^o Coll.^o, aq^m de-/pois de estarmos presos fiz hu' escrito, em q. dizia lho tinha dado; mas foi só p.^a q' os Min^{os} / Regios lho naõ tirassem; q' na verd.^e eu lho naõ dei;..."

3.2 Ânua

An.GoOliv, 1573

Ânua da Província do Brasil de 1572. Padre [Gonçalo de] Oliveira. Colégio do Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1573.

Fonte: original no ARSI, Bras 15 I, doc. 49, ff. 233-238.

Assinatura: "Ex hoc Collegio D. Sebastiani ciuitatis flumij ia-/nuarij. 5. rd. Nouemb. anno milesimo quingentesimo septuagesimo tertio. / [...] / Ex comissione P. Rectoris Blasij Laurentis / [...] Oliueira."

Observações:

1. Dos documentos do códice, este é o mais antigo no formato de uma ânua.
2. Segundo Leite (**História**, vol. 9, p. 25), o autor é o Padre Gonçalo de Oliveira.

F. 234.

"Pueros etiam eodem tempore dec[u]it in nostro templo doctrina' christiana' diebus dominicis Vesperi, ad fi-/nem uº, ac etiam inter docendu' quasi allud agens, in prouectione sermoné di[r]egebant ad que' / no' minor qua' ad concione' fiebat concursus. Profecto hinc Pane continuauit hanc doctrina' / P. Rector Vix Verbis explanem quanto ex hoc exercitio percipiatur utilitas na' nullus e' / qui n' in magna' ad ducatur admiratione' cernés pueros, puellas[ue] quae prae aetate uix uoces ipsas / efformare ualet tanta cu' dexteritate ultr[is,o] citro'qβ interrogare ac respondere: solet haec omnia / P. Rector condire intermixtione salubriu' et unius cuiusqβ conscientiis accommodataru' colloqu / tionu', quibus dami[c,l]e cantillenis q' mentes non solu'tedio leua't, sed et ornamento sunt maximes, ap-/posite' actum illum concludentibus.

"Postqua' P. Prouincialis in D. Vincentiu' decessit, continuauit P. Rector conciones, q' mirû in / modû populo est guatus et acceptûs. Quadragesimali tempore [h,b]is singulis hebdomadis concionatur, / die Veneris nimiru' in nostro quo omnes litania' decantantes tunc confluu't, diebus uº dominicis / in templo maximo:..."

An.QuCax, 1574

Ânua da Província do Brasil de 1573. Padre Quirício Caxa. Colégio da Bahia, 17 de janeiro de 1574.

Fonte: original no ARSI, Bras 15 I, doc. 52, ff. 251-263v.

Título original: "Anua de 1573". No verso da última folha: "Annualis Collegij sinus omnium / sanctoru' in brasilia anni 1574."

Assinatura: "Ex Brasilia abhoc Collegio IESU / Urbe Saluatoris Sinu Sanctorum omnium. 17 Kalendas Januarij anno 1574. / Ex praescripto Patris Prouincialis Ignatij Tholosa. / [...] / Quiritius Caxa."

F. 253: Porto Seguro.

"... Comites in pace co'serua't Litanias quotidie deca'ta't, / mancipia doctrina' chrisiana' edocent, re' diuina' aliquando faciunt: materia sane diuinae laudis quod in [e,C]remo / ta' barbara. tot tantisqß feris habitata celebret' diuinissimu' Corporis et Sanguinis d'ni sacramentu'. Quo circa / obnixe sunt Deo commendandi, ut et ipso auxiliante incolumes euada't tot labores et pericula, quibus toto hoc / itinere incedunt obnoxij: ut etia' animar[s] salutis aur[s] cuius causas iter corripuere diuina maiestas dignet' / obijcere."

F. 257: Aldeia de Santo Antônio.

"Opera P. Poruincialis reducta est doctrina qua hucusqß erudiebantur in modum illius qua^m Pr' Marcus Georgius / compos[ici]t ad maiorem unionem ac conformitatem. Porro licet quod semel percipitur difficile relinquat' alacri-/ter tu' ea' acceptaru't magnaß cu' diligentia discu't, scientes praesertim ad sacra' communione' ea ignorata no' esse / admittendos. Illud inter eos mihi magnopere uidetur commendandu' quod audito signo salutationis angelicae ni-/hil per oe's domos auditur nisi doctrina' elata uoce recitari: filii parentes doce't, mariti uxores, et aliq'n uxores / maritos. [...] Pueri inter se de doctrina singulis diebus solent disputare, utqß ma / gis excitentur singuli suos habe't aemulos nec sine admiratione eorum cernes dexteritate^m in ultro citroqß interrogando / et respondendo; suntqß multis hac de causa oblectationi, praesertim cùm orationes nostro modo decantent, bis quotidie / in templu' co'fluu't doctrina^m edocendi, licetqß defectu horologij eis diliculo cymbalu' pulsetur breui nihilominq spa-/tio repletur templum etia' frigore saeuiente, que in re primarij no^m su't posteriores. Ea est eoru' cura ac diligentia, / eo inquâ deuotio acpietas, ut quacu'qß hora etia' tempore difficili sacru' celebretur semp eius audiendi gratia ecclesia' adeu't / cui omni animi quiete et tranquillitate intersu^mt, sua rosaria et coronas ut vocaⁿt demore recitantes quae omnes se-/cu' gestare solent. Patrem autem abesse aegre feru't eo quod missa priuant' qua' veru' animi cibi' dicere soliti sut."

F. 258: Aldeia de Santo Antônio.

"... Tanto Neophyti ex his quae su't acta dolore intrinsecq su't / perculsi, ut iussi [auloedi] sabbato sancto fistulis canere responderu't se id minime posse efficere domino adhuc exangui / iacente, qua' obre' nec manus ad id praestandu' aptas habere: veru' inenarrabili perfusi su't laetitia summaqß dulcedine tibiae / inflaru't (Bahia) ubi dominu' ressurexisse cognoueru't. Sequenti dominica processione' instaurau't propter iubileu' qu tu'c fru-/ebant', quae solennis ad[moum^m] extiti t tu' propter numerosa' populi turbam, plusna'qß duo millia hominu' su't numerata, tu' prop-/ter magna' cereoru' multitudinem, adeo ut potius res coelestie qua^m terrena uideretur. Alia ite' processio in alio pago facta / est quando secu'do eos pater prouincialis uisitauit, deferebat ipse corpus domini sub pallio damasceno quod neophyti / emera't: antiquioribus eisdemqß primatibus uirgas magna animi uoluptate fere'tibus, quibus sicuti et reliquis omnibus / indumenta festiua no' defuerunt. Singuli modeste et ordinate cereos manibus gesta'tes rosariaqß simul recita'tes in-/cedeba't. Crux odoriferis ac discoloribus apte ibat coⁿposita floclis et herbis, qua 4 simili compositione candelabra co-/mitaba't. cantores qui ex ipsis su't desumpti uersu' alteru' cantu composito, mo[x] alteru' gregoriano, alteru' de / inde fistulis intonabant."

Inf.QuCax, 1575

Informações da Província do Brasil. Padre Quirício Caxa. Bahia, 11 de janeiro de 1575.

Fonte: original no ARSI, Bras 15 I, doc. 55, ff. 273-278v.

Título original: sem título. Segundo o catálogo: "Infomações da Província."

Assinatura: "Ex hoc collegio ciuitatis Saluatoris, Si-/nuqß omnium Sanctorae 11.cal.Jannuarij. 1575. / Ex comissione P. Prouincialis / [...] / Quiritius Caxa."

F. 274v.

"Haud facile dixerim qua'ta' in rebus sacris colendis redolea't pietatem. Distribue's Pr' Pro. oppidis quas habebat reli-/quias, cruces, quibus co'mmode asseruarèt', & festis diebus in supplicatio'ibus circu'ferrent', singulis suas fabricari / fecit. Longum e'et [abrev: esset] id rece'sere qua laetitia fuerint affecti, quo apparatu, & plausu eas exceperint. Ta'tu' dica' quae / apud oppidanos S. Joannis, qui plures su't numero co'tigerint, ex quibus caetera co'iscie't'. Latam in primis adae-/quarunt & munieru't uiam passus 500. longa', qua in re iußu optimatiu' 100 fere uiri opera', posuerunt, agre fe-/rentes quod facti ante no' fuerint certiores, ut longiore' [co'sid]ere't & exornare't explanatam t'n [abrev: tamen] simul et templu' fron-/dosis ramis condecoraru't. Altare in uia inter quatuor fornices quatuor innitentes palmis, erectum umbella cole-/xerunt. His peractis en Prés pagani [oe's - com traço. omnes.] cu' reliquijs sacris accedunt, ad altare psalmis, & hymnis intermixto sub-/inde tibi ar[ae] ca'tu per mediocre' tpo'ris spatiu' indulge't. Adhuc psalmodiae intenedeba't, cu' adue'tare incipiu't nri eo / in oppido residentes, cu' tota plebe erecta cruce litaniam decanta'tes, peruenie'tesqß ad sa'ctas reliquias eas cuncti / genibus flexis adora't. Inde pariter eode' procedendi modo seruato ad pagu' quadrige'tos passus dista'te profic[isen't] / primoribus umbella' hastis sublimibus fere'tibus, no' illic musicus concentus, nec [mancha no papel: selatiore, sclopore] densa inter nemora ru-/cundus boatus. Nocte ia' immine'te templu' ingreditu't, quare breui habita concione dimittu't'. Seque'ti solemni / intersunt sacro, concioni, ac circu' templu' supplicatio'ibus."

F. 275v.

"... Sub nocte' quoqß cymbali dato ab Indo Pri's comite signo oe's ad ostiu' n'rum co'ue-/niunt, fideiqß rudime'tis instruu't': frater pueror[ae] scholam suscipit, in qua .50. in principio, postea ad 100 fere / numerant', qui oratuines breui memoriae mandaru't."

An.LuFons.1, 1576

Ânua da Província do Brasil de 1575. Padre Ludovico Fonseca. Colégio da Bahia, 16 de janeiro de 1576.

Fonte: original no ARSI, Bras 15 II, doc. 58, ff. 288-296.

Título original: "Annuae litterae puinciaie Brasilicae a'ni 1576." [1575?]

Assinatura: "datum in hoc Collegio Ci-/uitatis Saluatoris, ac Bayae omniu' Sanctorum decimo sexto Calend: Januarij anno ad Virgineo partu 1576. / Ex comissione Reuerendi P. P. Ignatius Tholosa. / [...] / Ludouicus Fonseca."

F. 289v: Colégio da Bahia e aldeias.

"De Indis uerò hoc tatu' generatim dica' eos singulos in dies in Dei [Opt. Max.] cognitione et [amore] haud obscuros progressus / facere. Illos hoc anno, sicut et superioribus Pater P. uisitauit, qua in re mensem posuit octo in uno queqß pago diebus co'moratus: Quae / [igr'] hoc mense gesta sunt breuiter perscriba'. Diui Jacobi pagani, de patris aduentu certiores facti instituta supplicatione, extra / pagu' longo itineris tractu' psalmu' Laudate Dominu' modulate' canentes, et tibiaru' concentu, [e,c]um excepturi egrediuntur et / in templu' composito agmine, in solitaqß animoru' laetitia deducunt. Consequenti die hi, qui è flumine [B]egali uenerant, (de / quibus latius inferius aga') Patre' [soli] salutandi gratia co'uenire decernunt Templu' igr' omnes petunt[,] accersitum patre' [un?] / a reliquis [electus] alloquitur, orationis su'ma hac fuit, se proprias sedes, et domus ea tantu' de causa reliquisse, ut in adoptio-/nem filioru' Dei uenirent[,] magno igr' Christiana sacra suscipiendi, et catechesis perdiscendae, desiderio flagrare: qua prop-/se imperata qua' primu' facturos. Pater eos ut potuit uerbis est consolatus, nequaqua' id fieri pose afferens, quousqß doc-/trina, apprimè essent instructi, et christiana sacra callerent: se [tri] solu' pueros, et eos inuenes, qui catechismu' tenerent, sacro [fosset] abl[a,u]-/turu'. Itaqß centu' sedecim stati baptizati, deci matrimonio copulati, uiginti denuo ad sacra' Eucharistiae co'uiuiu' admissi su't, / (co'uiue prius qua admittantur, acri probantur examinae, uerberibus se et ieiuniis antequa' sacra sacra mensae accumbant, macerant) post / sacra' percepta' co'munione' sole'nis supplicatio [est?] musico concentu et tibiaru' harmonia ornata, est instituta. Haec semel dicta uelim / ut de reliquis pagis ide' feratur iudiciu'. Hic cum Pater Inde mulieri à se examinatae co'municandi potestate' faciret, tanta' animo [ce]-/pit laetitia' ut statim lacrimae emicare esperit et [gustatim] manare. /

"Quinqß hic diebus positis in Diui Joannis pagu' pater [discessit] et quonia' in eos dies Diui Joannis ante porta' latina' [cui] te'plu' / in hoc uico dicatu' est[,] festum incidit, jubileu' publicè propos[?] [rasuras no papel] consequendi [gratiâ?] qui è Societate in reliquis pagis / christiani re procurant, simul cu' Neophytis omnibus in eunde' pagu' co'uenerunt. Composi[t] litanisqß decantatis recede-/re solent, in templo omnes deinde confluunt, et breui concione ac jubilaue' consequendo incitantur."

F. 290: Aldeia do Espírito Santo.

"In Spiritus Sancti uico hebdomada' [Pra'] P. consumpsit ubi renati sacro baptismat[e] fuerunt centu' quinquaginta, quatuor de-/cim copulati matrimonio, centu' et quinquaginta confessione purgati, uiginti denuo ad sacru' co'uiuiu' admissi no' sine sole'ni cere-/monia et cantibus."

F. 290v: Aldeia de São Thiago.

"... In Diui Jacobi pago... Indū socios [alloqu?] [du-/riore] [=] [cibo] [nota inserida: sic enim opus erat] pressit, quod ille uniqué tulit, iubetur ante ara' flexis permanere genibus, quousqβ aliud sibi praecipiat obtemperat illic[o'] / sine ulla [tristitiae] signifatione, in genua ante altare prouoluitur, precatorios globulos depromit et Divae Virginis rosariu' recitat: / [interiecto] deinde haud m[o]dico temporis intervallo à Socio euocatus ingente' laetitia' praese [cultu] ferens, accedit. Qui è fluuio Bega-/li uenerant aduentante quadragenario ieiunio a patribus potestate' paulisper cantandi et saltandi (cu tri [nodu'] lustralibus aquis essent / abluti) quod in quadragesima no' liceret, sibi fieri petierunt, qua[e] facta quida' reliquoru' dictis, fide' no' habens patre' de [illa] priuatim ro-/gat (et ne longu' facia') adeò nostris sunt obtemperantes, ut extra pagu' nemo ta' nobilis qua' ab [ictae] conditiones sine [praeuia] facultate / audeat egredi. [...] Quod ide' faciunt singulis pro festis diebus, ubi pri-/mu' Salutationes Angelica[e] signu' datur, et postqua' totos uicos percurrêre, ad templi fores regrediuntur, ubi dominica ore [traço acima: oratione?], Salu-/tatione'qβ angelica recitata pia quada', et optimè modulata cantione hoc sanctum opus concludunt."

F. 291: *Quadragesima*.

"...In primis die antecedente uespertinae preces musico concentu, nec sine tibijs decantantur, et ipsi se acriter flagel-/lis puniunt. Ipso die sole'ni ritu sacrificatur, et postqua' de sacra Eucharistia peroratum est [.] confessioni purgati eadem / reficiuntur, tanto interiore animoru' motu, ut cu' sacrae mensae accumbunt lacryma illis ubertim, [quietissime']qβ fluant. Sole'-/nis deinde supplicatio per pagum instituitur, in qua sub umbella X. Domini corpus à sacerdote pretiose ornatu induto cir-/cunfertur. [...] Primu' ['] Dominico palmaru' die sole'n[is] sacrificio / facto, ramisqβ de more distributis prodierunt supplicantes, crucemqβ praeferentes, et emensa area spatios[a,e,i] è / regione ianuae, foribus in reditu[?] occlusis, sacerdos, qui extra templum cu' signo crucis, populoqβ remanserat, clamare / cepit [Attulise] portas, cui respondebat è templo musici, ut solet. Cum tertio deniqβ admissus esset, et ad ara' maximam / ordo comitantium no' sine omniu' laetitia peruenisset, sacru' missa continuò ceptu' est, Passione Dni. decantanda, ingens ani-/moru' motus, et eoru' qui recitabant, et eoru' qui audiebāt, est factus, tantu'qβ dolore' delictorum atrocissima innocentissi-/mi Domini mortis narratio omnibus attulit simulqβ intimu' solatiu' ita magnum, [ut] satis appareret omnia haec à Spu. Sancto, / proficisci: Atque ita sacru' peractu', et ritus illi sanctissimi populo, quid sibi uellent expositum est. Ad haec fuit excitatu' / sepulchru' ad sanctissimu' X. corpus condendum, ac persoluenda iusta sole'nia, ta' apposite' concinatu' ut no' in pagis, sed / in Ciuitate, hominu' frequentia celebri rem geri

iudicares. Christi item in horto orantis, dormientiu'qß Apostoloru' effi-/gies in alia templi pa[ratura]: quod spectaculu' ad no' mediocre' pietate' omnes [atura]. Quartaeferiae tenebrae quas / appellant, alterna'tibus choris sole'niter decantatae fuerunt. [...] Decantata Passione corpus Dni. co' ritu, quo in Portugalia solet, reclusu' est. [...] Postqua' .n. reliqui patres in / suos pagos discesserunt, ut paganis jubileum Paschatis die propositum impertirent, ipso Sabbato Sancto [post] hy'nu' / Salve Regina, sole'niter decantatum.”

Ff. 292-292v.

“In nostro pagos Deo miserante omnes incolumes peruenere; sed prima nocte Gaspare' febris ita corripuit, ut crebra animi / deliqua['] passus, mortuos ab omnibus indicaretur, ueru' nonnullis ad hibitis remedijs breui coualuit. Spu's Sancti, Diuiqß Jacobi / [o manuscripto foi cortado na ultima linha, poucas palavras sao legiveis.] Neophitis [...] caritato exce[b]erunt quibus etiam [obritam] [pred]iere [ac] [hinc, sine] oblonijs et tibiarum /

F. 292v

cantu, gaudentes quod Ecclesia adiungerentur.”

F. 293: Colégio do Rio de Janeiro.

“Cu' igr' [abrev: igitur] Antonius Salema, qui illa'[,,] huius Prouinciae parte' cu' imperio tenet, tanta' à Tamois, praefecturis suae ditioni subiectis / cladem, in dies infer[ri, rri, rt] [ui,ir]deret eos [no', oro': abrev: oratio] profligare, et ad intermissione' caedere constituit: ualidaq' mani[us,es] tu' ex diuo Vincenti[c,] tu' / ex Spu' Sancto comparata quinto calend. Septembris anni 1575 terra, mariqß ad eos debellandos profectus est qué [?] / Balthasar Aluarus cu' fratre Gonzalez Ludouico est comitatus. Societatis munijs militibus impertiendis se in itinere exercebant: / Sacerdos .n. [abrev: enim] in castris quotidie sacrificabat, litanias omnibus prasesentibq et in genua prouolutis decantabat, militibus confessione / purgatis uiuificu', pané porrigebat, cruces religionis gra [com traço sobre: abrev. grande] erigebat in omnibus locis ubi castra figebantur.”

F. 294: Colégio do Rio de Janeiro.

“...Quemús áut cú admiratione suspendet Tamoiorum ta' in addiscenda doctrina quá in missae sacro in nostro templo / frequentando diligentia: it ut, qua exercent catechesis, per ipsa ciuitatis compita, magna animoru' incuditate decantent.”

F. 294v: São Vicente.

“...ferra secunda haec gerebantur, et quonia' caedis auctores ab ipso solis exortu uino, cantibus, et incompositis saltibus sine ulla tem-/poris intercapedine indulgebant, signu' erat consequenti tertia feria esse homine' occidendu'. [...] Primores ipsius pagi in retibus ad stipites humi [de fixos, defixos] alligatis, et distentis in area quada' iacebant, omnia / circum cantibus, lusibus comessionibus, saltibus, tripudijs, uarijs sonis sibilis ita perpetrabant, ut Barathri ipsuis referrent specie'.”

F. 295: Piratininga.

"Fructus que' nostri in Piratiniga colligunt no' ad lusitanos solu', sed ad Indos praecipue' deriuatur[?], et quonia' in his, quae ad lusitanos specta't / eode' modo, ac in caeteris huius prouinciae habitationibq tempus positu' est, muneri meo cumulate' satisfecisse uidebor si ex ijs quae ad Indo-/ru' conuersione attinent aliquid breuiter delibauero. In pago, cuius nostri cura' gerunt, multi [ui]suntur probatis moribus christiani: [...] Res hic accidit, qua Deus [opt'] [Max.] quantá nostri curam gerat, aperte significauit. Nobiles quida' / Venefici à continenti descenderant, paruú quodda' idolu', (quam ipsi Sanctitatem uocant) magnis quibusda' cucurbitis inclusum afferentes: / ante cuius conspectu' futura, ut arbitrantur, praedicunt, atqß alia' hominibus fides cumin[e,a] destitutis propria, et relatu / indigne' perpetrant. Sanctitati, ut predicam, multi no solum Ethnici, ueru' et aliquot infirm[a,ae] fide['] Chistiani no' sine musico concentu / alijs qß Ethnicorum caeremonijs obuia' prodibant: quanqua' [no' deerant, node erant] multi qua id indignissime ferentes se inuicem ad veneficos tanti / mali causa' accidendos fuerint coh[e,o]rtati."

F. 296: Colégio de Pernambuco.

"... Id ubi uidet / Rector fratri cuida' nostro dialogu' de Sacro Sanctae Eucharistiae uernaculo carmine componendi cura' in[iu,cu]nxit, qui / ab eisde' actoribus ipso die corpori XI [abrev: Cristo] Sacro in Theatru' tanta pietate et animoru' motu datu est, ut omnibus qui ad fue-/rant lacrymas expraesserit, nec fuerit postea quisqua', qui no' amplissimi uerbis[,] rectori gratias acturus ueniret."

An.InTho, 1576

Ânua da Província do Brasil de 1576. Padre Inácio Tholosa. Colégio de Pernambuco, 30 de agosto de 1576.

Fonte: original no ARSI, Bras 15 II, doc. 57, ff. 284-286.

Assinatura: "... collegio de Parnambuco / ultimo de Agosto de 1576. / [...] / Ignatio Tholosa."

Ff. 284-284v: atividades dos Padres Luis da Grã e Gaspar Lourenço na Aldeia de São Thiago.

"... nesta al-/dea de S. Tiago se hiço un bautismo de .116. personas, entre niños y adultos, hicieronse tambien 10 casam.^{tos}/

F. 284v.

"fueron admittidos de [nuctio, nueuo, nuesco] hasta .25. (o 20. ala sagrada comunion, precediendo su examen riguroso y su disciplina / [ya'uinós] antes dela co'munion, yel dia della comunion pcssion solemne con musica y flautas, todo esto es comun en las / otras aldeas, el dia de la sagrada co'munion, como ya otravez escreui a V. Pr. E nesta Aldea despues de exa-/minar una yndia ydalle nueuas que auia de recibir el santißimo Sacram.^{to} començo a llorar lagrimas con alegria / hillo a hillo con hasta confusion de los que stauamos presentes.

"Despues de auer estado en esta Aldea cinco dias, passamos al Aldea de S. Hu' [abrev: João] a celebrar la fiesta dela uocacion de / su yglesia que es de S. Hu' ante portam latinam, aqui se juntaron los Padres delas otras Aldeas co' mucha gente dellas q' / uenia aganar el sancto jubileo, y la costumbre q' se tiene es entrar los q' vienen de las otras Aldeas con prossiçion cantando las le-/dancias, y despues de todos juntos en la iglessia se les haçe una platika en la lengua exortandolo aganar el S.^{tu} jubileo..."

An.LuFons.2, 1578

Ânua da Província do Brasil de 1578. Padre Ludovico Fonseca. Bahia, 16 de dezembro de 1578.

Fonte: original no ARSI, Bras 15 II, doc. 60, ff. 302-304v.

Título original: "Annuae literae Prouinciae anni 1578."

Assinatura: "Datum in ciuitate Sancti Saluatoris tertio Idus Decembris anni / 1578. Ex commissione R^{di} P. Prouincialis Josephi Anchietae. / [...] / Ludouicus Fonseca."

Observação: Leite faz referência às ff. 302v-303 em **Cantos, músicas e danças...**, p. 44.

F. 302v: Colégio da Bahia.

"Quod ad studioru' rationes attinet, cum eadem semper fuerit reru' facies, nihil e' quod peculiare' aliqua' mentionem / faciamus. Hoc tame' anno in studiorum instauratione (quonia' philosophiae professoribus indigebamus) duo domestici / et tres externi non sine ingenti pompa in nostro templo magistrali laurea post acre examen donati sunt. Celebri-/tatem hanc in Brasilica hactenus inaudita' illustrissimq' hujus prouinciae gubernator, Reuerendissimus Episcopus, multiq' / [alis] ciuitatis procures praesentia sua cohonestarunt, miramq' uoluptatem ex habilis orationibus, recitatis Epigrama-/tis, musico concentu tibiatarum, et barbiti harmonia perceperunt. Curriculo philosophici (quod hoc anno initiu' accepit) au-/ditores feliciter sane progrediuntur./

"Asseruuntur in hoc collegio duo ex undecim millibus uirginu' capita, quaru' festu' diem ut Indi qui in municipijs nostrae cum / comissis habitant, honore pro uiribus prosequerentur, huc ad nonsine instrumentis musicis conuenerunt, et in templi nri' / exedra uespertinas primu' preces decantarunt, postridie missae sacrificiu' eo musico concentu, uocu' inflexione, / lepore, et dexteritate prosuunt sunt, ut ingenti oes [com traço sobre: omnes] admiratione suspenderit: adeo ut multi eorum, qui in templo / aderant, audientes eos qui in exedra solemni ritu concinerent Indos [ii, ee com pontos sobre: essere? esse?], rei nouitati perterriti, idq' fieri nequa / qua' posse existimantes[,] amplis[,] quibus sese laccessuerant, [?]pensionibus uicti fuerint."

An.JoAnch.1, 1582

Ânua da Província do Brasil de 1581. Padre José de Anchieta. Bahia, 1º de janeiro de 1582.

Fonte: original não localizado. Cópia em português no Arquivo da Província de Toledo, Varia Historia III, ff. 449-554v. No ARSI encontram-se 4 cópias de uma tradução latina desta carta, em uma versão simplificada.

Publicações:

1. [ANCHIETA], **Cartas**, pp. 300-392.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 201, a partir da publicação acima.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

P. 316: Colégio do Rio de Janeiro.

“Está aqui a nosso cuidado uma povoação de índios cristãos [Aldeia de São Lourenço]. São bem doutrinados, muito afeiçoados às coisas da Igreja, muito amigos dos sacramentos. Celebram com muitas festas e danças e alegrias a missa nova, que o padre que tem cuidado deles lá disse, que, por ser para eles coisa nova, foi causa de muito gosto.”

P. 320: Colégio de Pernambuco.

“E os meninos de nossa escola de ler mostram bem, nos bons costumes e criação, quanta diferença há deles aos que, nas outras escolas da vila, aprendem. Fizeram, nesta quaresma, suas costumeiras procissões das sextas-feiras, cantando suas ladainhas, com os melhores cantores da vila, levando o padre vigário da vara, descoberto, um crucifixo debaixo de um pálio. Era tanto o concurso da gente, que não cabiam na igreja e grande parte dela ficava fora. Havia também sempre boa cópia de disciplinantes, que todos eram curados pelos estudantes com muita diligência.”

An.JoAnch.2, 1584

Ânua da Província do Brasil de 1583. Padre José de Anchieta. Bahia, 5 de janeiro de 1584.

Fonte: original no ARSI, Fundo Epistolae Nostrorum 95 (Epp. Venerabilium S.I. 1555-1592), ff. 118-119v.

Título original: "De rebus ad collegia, domiciliaqꝰ Societatis in hac / Prouincia Brasilica collocata, spectantibus, / breuis narratio. anni 1584."

Titulo no final "Annua dela prouincia del / Brasil del anno de 84."

Assinatura: "Datum Bahyae 5. Kal. Januarij anni 1584. / Joseph de Anchieta."

Publicações:

1. **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 19, 1897, pp. 58-64. Em latim.
2. [ANCHIETA], **Cartas**, pp. 493-517. Tradução para o português, como sendo a ânua de 1584 e datada de 27 de dezembro de 1584. Na p. 493 encontram-se listadas as publicações desta carta.
3. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 206-208, a partir da publicação em **Cartas**.

Versão utilizada: documento original.

Observações:

1. O documento foi descrito em LEITE, **História**, vol. 8, p. 23, como "Breve narrativa das coisas relativas aos Colégios e Residencias da Companhia nesta Provincia Brasilica no ano de 1584."
2. Os ff. 87-141v do códice contêm correspondências e papéis particulares do padre José de Anchieta sobre as missões indígenas da Companhia de Jesus no Brasil, escritas em português, latim e espanhol.

F. 118: Colégio da Bahia.

"Perfectum est omniu^m reliquiaru' sacrariu^m, et in sacello ubi fratres quotidianis sacris intersunt fuit collocatu^m / statuit .n. Pater Visitator ut die inuentionis s. Crucis, in quo verû lignû populo, alia'qꝰ reliquiae in tem/plo nostro uisitandae exponunt^r sole'ni nro's supplicatione per domestica deambulacra pulchris tapetibus, / uarijsqꝰ imaginibus, et floribus uestita, omnes sanctoris reliquiae deferrent^r, et in sacrario capsulis apprime / ornatis distinctó magna cum celebritate ponerent^r. Instituta itaqꝰ est deuota supplicatió comitante organo, / tibijs, clauichordio, et cytharis, psalmorum modulatione."

F. 118a.

"Undeci' milliu' Virgini^m inchoata est confraternitas, quam [importunis] precibus, frequentiq^ß petitione / multis post mensibq^ß à P. Visitatore scholastici impetraru't, qui cum electis oeconomis albo sua noia [abrev: nominata?] / dedenint, nec ij solum sed multi['] et huius urbis incolae ill[ore] exemplo confratres uolu't fieri. Duodecimo / cal. nouebr. qui uirginibq^ß sacer est celebre initiu' dedere, Vespertinas horas, et missae sacrificiu' ad organa / decantantes; tunc .n. [abrev.: enim] poenitentiu' et co'municantiu' insperatus fuit concursus: postea deniq^ß sollemnis / instituta est optimo ordine pcessio, in qua sacerdos noster, qui nouu' sacru' fecerat cum acolutis tria / Virginis^[m] capita sub serico pallio gestabat. [...] /

"Cum ob pluuiæ penuria^m in aperto esset hæc ciuitas steriliatis, famisq^ß periculo: decreuit populos ad caelestia, / subsidia, oblatis petitionibus confugere, clerus imprimis supplicatione' instituit, ciuitas dein' pulcher-/rimû deferens B. Virginis simulachrû .â [abrev: autem, alia] D. Luca depictæ, postremo et ulo^o [abrev: ultimo] loco scholastici ad prima^m / noctem suâ peregerunt hoc ordine. In principio pueri Abecedarij 70. nudatis corporibq^ß cingulo tenus / accensos caereos portantes, reliqui dein' excalceati sequebant^r litanias decantantes. in calce sub ferico / pallio, quod primarij ciuitatis uiri ferebant humeris, portaba't externi quatuor sacerdotes unam / ueluti lecticam apprimé ornatam, et in ea mediu^m corpus argenteu', quod caput virginis inclusum seruat."

F. 118a v. São Vicente.

"D. Vincentius. / In hac praefectura, quæ D. Vincentius nominat^r septem habemq^ß exnris [abrev.: externis], quinq^ß sacerdotes, et duo fratres. tam / hi quam sup.^{es} sunt Societatis instituti obserua'tes, statutis te'poribq^ß uota cû praeparatione solita instau-/rant: proximorum saluti consulu't. SS.^[tar'] Virgini' festu' musicis instrumentis, magna^ß populi deuotione, / celebrarunt."

An.MaBel.1, 1590

Ânua da Província do Brasil de 1589. Padre Marçal Belliarte. Colégio da Bahia, 4 de janeiro de 1590.

Fonte: original no ARSI, Bras 15 II, doc. 71, ff. 368-370v.

Assinatura: "Deste collegio de la Baya en 4 de Enero de 90. / [...] / Marçal Belliarte."

F. 369v. Informação sobre a visita do P. Cristovão de Gouveia.

"En el auiso 26. de la uisita para los collegios se dize, que dia de S. Blas [3 de fevereiro], en que aqui se dá principio a los estudios, se pueda' tener / disputas magnas de artes, Theologia, y casos. El P. Gouea en quanto aqui estuuo ninca puso esto en execucio', por onde / no pudo uer los incouenintes que en ello auia. Este año queriendole executar, y estando ya las disputas intimadas, / descubriero'se tantos que totalmente en el dicho dia no se pueden tener. [...] Dia de S. Blas es fiesta solene / de missa cantada, sermon, y iubileo en este collegio por razon de una notable reliquia del dicho sancto q' aqui ay, por / onde salen de los officios diuinos cerca del medio dia, y como sale la ge'te tan tarde, y cansada, porq' son entonceslos ca-/lores aqui muy excessiuos, no se pueden iu'tar los letrados de fuera, religiosos, Obispo, y cabildo para las disputas menos / de las tres, y tambien por razon de las uisperas, y co'pletas q' primero se han de dezir en la iglesia cathedral. En reci-/tarse la oracion del principio del año, y musica de instrume'tos, y bozes, q' siempre ay, se gasta hasta las quatro, / resta solo hora y media para disputar en tres materias...."

An.MaBel.2, 1591

Anotações para a ânuia da Província do Brasil de 1590. Padre Marçal Belliarte. Colégio da Bahia, 1º de janeiro de 1591.

Fonte: original no ARSI, Bras 15 II, doc. 70, ff. 364-367.

Título original: "Notationes anuae Brasiliensis Prouinciae / anni 1590."

Assinatura: "E' Bayacensi Collegio calendis Januarijs anni 1591. / [...] / Marcellus Belliarte."

Ff. 365v-366: Colégio do Rio de Janeiro.

"... Adolescens qui scholas nostas frequentant candidis su't formati moribus. / Institutum elapsis annis Annuntiatae Virginis sodalitiu^m Bayacensium exemplo magna pietate prosequ'tr' /

F. 366

Erecta est in templo nostro alia sodalitas sub trium Magorum Regum patrocínio cui Indi mancip[?] / solidant nomina: tertiacuaqß uniuscuiusqß mensis Dominica die sacru^m solemni ritu peragitur, fre-/quentes concioni de rebus diuinis Indi assistunt, sceleraqß cofessione deponu't."

An.MaBel.3, 1591

Anotações para a ânuia da Província do Brasil de 1591. Padre Marçal Belliarte. S/I [Bahia], 1591.

Fonte: original no ARSI, Bras 15 II, doc. 75, ff. 375-377.

Título original: "Annotationes Annuae Prouinciae Brasiliae. 1591"

Assinatura: "Marcellus Belliarte".

Observação: o documento tem vários trechos destruídos e ilegíveis.

F. 375v. Colégio da Bahia.

"... Nri scholastici et ad sapientiam, et ad uirtutem pari cursu / contendunt, in deponendis peccat[orae] sarcinis, in audiendis concionibus sunt assidui, / quo exemplo ad similia externi etiam excitantur. Quadragesimali tempore / hic animorum ardor magis eluscet, singulis enim hebdomadis, solemni, iocundoq[ue], / et uocum, et tybiarum cantu comple[tu]ij officium in nr'o templo ab ijsdem cele-/br[a]tur."

An.VeBai, 1593

Ânua da Província do Brasil de 1592. Padre Ventidius Baiardus. Bahia, 1º de abril de 1593.

Fonte: original no ARSI, Bras 15 II, doc. 76, ff. 379-382.

Título original: "Annuae literae Prouinciae Brasiiae an-/ni 1592. pro Prouincia Romana."

Assinatura: "Baiae Calendus april: 1593. / [...] / Ventidius Baiardus."

F. 379: Colégio da Bahia.

"... Sodales quadragesimae tempore Completoriû in nro templo curarunt cele-/brandû sextaquaqß feria, non solum assae uocis, sed etiam organi aliorûqß instrumentorû modulatio-/ne musicorû, cùm auribus demulcendis, tùm mentibus erigendis: cui succedebat ibidem diuerberatio / ea pietatis significatione, ut et alios non paucos suo exemplo ad idem faciendum excitarint, / quod opus bis singulis hebdomadibus obibant."

An.MaOlivr, 1596

Ânua da Província do Brasil de 1596. Padre Manoel de Oliveira. Colégio de Pernambuco, 12 de outubro de 1596.

Fonte: original no ARSI, Bras 15 II, doc. 93, ff. 422-423v.

Assinatura: "Ex collegio Pernambucensi quinto nonas / Octobris 1596. / Ex commissione Patris Prouincialis Petri Rotherici. / [...] Emmanuel de Oliueira."

F. 422: Colégio da Bahia.

"Nullu' est Societatis munus quod nostri in hoc Collegio deligentissime ñ obeam, frequentr' in aede maxima ac in / reliquis tertius urbis templis conciones habent; Catechismi explicatio magna utilitate populu' afficit; et [uol]uptate / capiuntr' aures modulatione cantus, et oculi specie uexilloru' quae p'ferruntr':..."

An.PeRodr, [1597]

Anotações para a ânuia da Província do Brasil de 1597. Padre Pedro Rodrigues. S/l, s/d [Bahia, 1597].

Fonte: original no ARSI, Bras 15 II, doc. 96, ff. 430-432. Cópia nos ff. 455-457.

Título original: "Annotationes annuae Prouinciae Brasiliae / anni domini 1597."

Assinatura: "Petrus Rodericus."

F. 431: Colégio do Rio de Janeiro.

"Duplici Indorum pago peculiari manu nostri consulunt. Hun accurrunt, qui uana / superstitionû deliramenta exuentes dogmata induunt salutaria. Maximo id genus hominû / amore sacra prosequitur. Lustrali potiûimû aquae laudanda fide innititur; nec illuditur: / [suis] namque in morbis sanam eam saepe experitur. Mortis faucibus pene inclusus uolue-/batur adolescentulus seniorum parentu' sera requies: excogitata remedia non per icuriam / illi adhibentur; sed frustra. Inter ancipites dolorum fluctus uersabant miseri parentes; / nec ullus de puerulo bene eos sperare iudebat; cum tibi diuino pulsî Numine / cremati ramusculi (sacer hic erat) extremum spiritû agentê cinere aqua îmix-/to eluunt; quo peracto, triduo somno praeuio subito conualuit."

An.LuFig, 1604

Ânua da Província do Brasil dos anos 1602 e 1603. Padre Luís Figueira.
S/I [Bahia], 1º de fevereiro de 1604.

Fonte: original no ARSI, Bras 8 I, doc. XV, ff. 40-44.

Título original: "Litterae prouinciae Brasiliae duorum / annorum .s. 1602. & 1603."

Assinatura: "Iussu Patris V. pro-/uincialis Ignatij Tolosa pridie Kal. Febr. anni dni 1604. Luis Figr.^a."

F. 43: Colégio do Rio de Janeiro.

"Indorum, qui noui recentesqꝫ ueniunt lustrali aqua abluti repente de-/dunt multi, multi etiam genu flexo obnixe ablui exposeunt, ad id se nata-/le solum reliquisse, in Christianorum conuentus aduenisse allegantes, atqꝫ ut / obtineant, christiana rudimenta maxima cum alacritate addiscunt. Ex / hi quidam dum aegrotaret, ab alio inuisitur, bonoqꝫ esse animo iubetur: ille uero / bono, inquit, sum animo, quia patrem Josephum Anchietam, patrem item [H]ep-/banum Ferdinandum [na ânua seguinte: Eduardo Fernandes] Societatis his oculis aspexi tibias dulciter inflantes, / (qui duo iam defecerant spectatae sanctitatis uixi:) Sed tu, addit, cruce me / signa: facto ergo crucis signo de super, efflauit animam."

An.FeCar.1, 1606

Anotações para a ânuia da Província do Brasil de 1604. Padre Fernão Cardim. Bahia, 13 de janeiro de 1606.

Fonte: original no ARSI, Bras 8 I, doc. XVI, ff. 49-50v.

Título original: "Annonationes annuae puincia / Brasiliae anni Dni' 1604."

Assinatura: "Bahiae pridie Idus Jan. anni dni' 1606. / Ferdinandus Cardinus."

F. 50: Colégio do Rio de Janeiro.

"Collegium Fluminis Januarij. [...] Singulis / quibusq̃ diebus ueneris per quadragesimam de more pompae celebratae, litaniae decantatae, uerberatiões / aliaq̃ incitamenta uirtutum exhibita. Saturni quoq̃ diebus Beatae Virginis antiphona decan-/tatur: quae omnia solemnita sunt omnibus Indorum pagis, qui sub nostrorum sunt tutela. /

"Oppidum Spiritus Sancti /

"[...] Guaraparim Indorum pagus est celebris, in quo / maioris hebdomadae officia hoc anno egregie' sunt celebrata; sacrumq̃ sepulchrum bene / [extractum]; ubi praeter cereas faculas, quadraginta lychni appensi uisebantur, nec de fuit / soto tempore musicorum instrumentorum, uocumq̃ symphonia."

F. 50v: Colégio de Pernambuco (Olinda).

"Quidam ex Indis / potiguaribus ueneficus ueneficia prius, [detestabus], sacroq̃ fonte lotus emoritur. [...] Sodalitium undecim mil-/lium Virginum magis magisq̃ in dies celebre; pro cuius maiore celebritate tragoedia publicè /magno apparatu data fuit."

An.FeCar.2, 1607

Ânua da Província do Brasil do ano 1605 e 1606. Padre Fernão Cardim. Bahia, 11 de abril de 1607.

Fonte: original no ARSI, Bras 8 I, doc. XVII, ff. 51-56v, cópia nos ff. 59-64.

Título original: "Annuae litterae Brasiliae Prouinciae / Anno 1605 et 1606."

Assinatura: "Baya, ii Apriles / 1607 - / Ferdinandus Cardinis"

Observação: no ARSI, Bras 8 I, ff. 197-202, encontra-se um documento com o texto idêntico a este, como sendo de 1615 e de autoria do Padre Francisco Fernandes; parece tratar-se de uma cópia feita por engano, já que a ânua de 1615 do Padre Francisco Fernandes encontra-se no mesmo códice, nos ff. 120-126, com texto diverso.

F. 52: Colégio da Bahia, e aldeias. Nas aldeias:

"In pagis (quinguß ij sunt huius sub tutela Collegij) duo, tresuè ad laborant Indorum sa-/luti, dum simul animorum, et corporum exercent curam; [...]
Cristiana' religionis rudimenta his quotidie / recurruntur, solito more. Quadragesimali tempore Veneris diebus, accipio unius ex epistola, / (quod alijs facile adscribo) pompas celebratas; decantatas litanias; concioneqß praehabita; / uerberationes fere omniu' auditas, exhibitaqß alia ad pietatem excitamenta: egregia, qua in Maiori hebdomada extitere"

F. 53v: Colégio de Pernambuco, e aldeias. Chegada das relíquias das 11 mil Virgens no Colégio. Segundo Leite, as relíquias foram trazidas em 1583 pelo Padre Cristóvão de Gouveia, e a chegada está descrita no relato do P. Fernão Cardim.

"....Ut portum / tenuit, depositum Misericordiae in templo, splendida cu' ambitione populi, et egregia pompa, da-/tis in uia aliquot senis, indè nostrum in templum delatum augustum pignus. Sequenti / luce pontificali solemni ritu celebratum sacrum praesen-/te episcopo; concioneqß ab ipso Pro-/uinciali habita, honorificè locatum fausta nobis cuncta pollicetur."

F. 56: Santos.

"... Reliqua non sine / fiunt: supressa carmina antequâ uulgarentur, quae bonae existimati-/oni iniuriosa, dissidioru' futura erant semina."

An.GasAlv, 1608

Ânua da Província do Brasil de 1607. Padre Gaspar Álvares. Bahia, 2 de agosto de 1608.

Fonte: original no ARSI, Bras 8 I, doc. XVIII, ff. 65-69.

Título original: "Annuae literae Brasiliensis puincia. 1607."

Assinatura: "Bayae postridie Kalendae Augusti / anno Domini 1608. / [...] / Gaspar Alurz".

F. 66: Aldeias da Bahia.

"Multi musicis cum laude exercentur, tum cantu uscis, tum flatu tibiaram, alior / instrumentorum, et [opu]lentum habens h[a,o]rum rerum apparatus ad missa' sacrum solem / caerimonia decantandum. Singulis sabbatis, subuesperam per symphoniacos antiphona salue regina multo apparatu concentuqß decan-/tata quadragesimali tempore ueneris diebus celebrata' pompa' cum lytanijs."

F. 67: Duas aldeias anexas ao Colégio do Rio.

"...Docentur p'terea pueri legere, et scribere quiqß ad eam rem aptiores deliguntr' ad ecclesiasticorum officiorum cultum musicis exer-/centr', tum cantu uocum, tum symphoniaco tybiarum concentu."

F. 67: Colégio do Espírito Santo.

"... Quadragesimali tempore dominicis diebus / in nostro templo doctrinae christianae habitae, et sane frequentes n' otiosae, aut fructu uacuae: / cuius rei causa pueri per plateas duplici incedentes agmine praemittuntur doctrinae christia-/nae carmen decantantes, qui in templo subsistunt, ibiqß ad circun jussam multitudinem, / aliosqß eo confluentes fidei rudimenta explicantur cum cantu, et symphonia, ut quibus / templum adire graue est minori cum taedio aspersa illa quasi curiosae speciè uoluptatis / dicendi molestiam norent non inuiti."

F. 68v: Maranhão.

"Secunda, et longior, et diuturnior fuit expedito ad regionem quam uulgo appellant / Maranhão, [...]. His tam-/dem superatis difficultatibus trium circiter mensium itinere centum, et eo plures leucas / per agrantes ad Ebiopabam montem satis praeruptum undiqß, felici cursu, et si laborioso pe-/netrarunt ea [ascolarum] laetitia, ut lecticis hominum humeris sublatis cum tympanis reboanti-/bus, tibijs, tintinabulis qß fuerint excepti."

F. 69: Idem.

"... Tanta barbarie, et morum feritate offens[ies] / pater [Francisco Pinto, morto pelos indios?], magna spē fruxtratus infinitam prope multitudinem euangelio aperiendi, atqβ / illius gentis adducenda[e,'] ad officium: ueritus p'terea nequit in se ipsum feragens grauius / consulerat pater, e alijs, qui una occiderant debito honore tumultatis regreditur hoc uno salatio / sustentatus, futurum, ut aliquando, si numini placeat, eadem massis feliciores fructu me[tatur] / ibiqβ diuinae laudes extruso daemone decantentur, ubi saeuissima diaboli tyrannis debaccha-/tur. Interim Deo auspice inuidimus, et gratularo deinde cumulatijs, si uita suppetat, et / felicius deprecari speramus."

An.ProvBras.1, 1608

Ânua da Província do Brasil de 1607. S/a. Bahia, 9 de agosto de 1608.

Fonte: original no Arquivo Histórico da Torre do Tombo, fundo Cartório Jesuítico, maço 68, doc. 429. 4 folhas não numeradas.

Título original: "Carta annua da Prouincia do Brasil de / 1607."

Assinatura: "da Bahia 9 de Agosto de 1608. / Por Comissão do P^e Prouincial / Manoel Cardoso."

F. 1v: Colégio da Bahia e suas residências.

"...Os moços filhos dos Indios / christãos são muy doceis e [delvas] abilidades, porque além de saberem a doutrina christã e dialogo das / perguntas, aprendem tambe' a ler e escrever, e muytos se exercitaõ no canto dorgaõ, em q' são muito / destros, e tange' frautas e charamelas co' que celebraõ as missas e' suas igreias co' grande naõ menos / espanto que edificacaõ dos portuguezes. Aos sabados tem sua salve cantada. As sextas feiras da qua-/resma [ouve] procissãõ co' ladainhas cantadas, e no fim della disciplina na igreja ..."

F. 2v: Colégio do Rio de Janeiro.

"Tem este Collegio duas aldeas [hûa] de Visita, e noutra residem quatro, dous sacerdotes e dous Irmaõs / o fruto que nellas se colhe he o comu'. todos os dias se ensina a doutrina christã aos moços e aos mais / que a ella acodem, no que se ve notauel proueito. [...]. Os moços de abilidade aprendem a ler / e escrever, tanger frautas e cantar canto dorgaõ, co' que beneficiaõ as missas cantadas de vespervas / pellas festas do anno co' extraordinaria consolaçaõ dos Indios, e edificacaõ dos portuguezes."

An.PeTol.1, 1611

Ânua da Província do Brasil de 1609 e 1610. Padre Pedro de Toledo. S/I [Bahia], 30 de junho de 1611.

Fonte: original no ARSI, Bras 8 I, doc. XXIV, ff. 103-113.

Título original: "Annuae litterae prouinciae Brasiliae / anno 1609 et 1610."

Assinatura: "Finis Kalen. Junij anni 1611. Pedro de Toledo."

F. 106v: Colégio da Bahia e aldeias.

"Barbari oppido deuastado templis [ac,se,et] / Tuguriis igne consumptis in securum portum pere[sc]ere, cum q̃ hoc etiam / municipium desertum ab incolis inuenirent, ad mo[t]o' igne non [niellis] / domicilijs praecipue e palma rustica coopertis expulsatis etiam templi / cymbalis alinquandiu prosignis laetitiae manifestis conuolant in / torcular, quo se se lusitani homines receperunt obsidentes q̃ saccha-/ [sic] officinam in illius fronte uicissim,..."

F. 108: Aldeia do Espírito Santo.

"... In Spiritus Sancti pago mos fuit denuo / introductus pietate aequae ac deuotione singularis, in eo namq̃ singulo quoq̃ / lunae die mortuis inibi parentatr' integra per indos missa, ac reliquis fune-/ralibus [citicinibs] decantatis."

F. 109: Colégio da Bahia.

"Collegii septa et nostrae uillae opera multum in hoc anno patris Joannis / Lobati pro rectore prodicti industria accreuere, ipsum quoq̃ templum [duabq] / Januis maximis adaptatis redditum gratiosum. Ditauit hoc collegium diuina / quadam supellectile Pater Ferdinandus Cardinus qui totam [tunc] puinciam ex-/officio plustrabat sacram illi ex undecim mille uirginibus reliquiam [lar-]/giendo in cuius laudem, dum ab incolis reuerentius hospitatr' p'ter alios / pomposos apparatus theatrizatum fuit plausibili acclamatione circun'/stantiem. [Presul] illius urbis qui sub Bayensem Episcopum [colitur] / reuerentr' p'ter quam quod sacra[m,e] demore uespere decantaret / solemne' quoq̃ missam die proxime subsequente in ejusdem uirginis hono-/rem aemula minorisfatione cantorum; ex choris dissimilibus magna cum / similitudine modulantium celebravit, nec de fuit ex republica nobelissimq / qui corpus argenteum denouibet ut millius sinu [interius, internis] excanato sacru' / Virginis craniu' debita cum reuerentia seruaretr'; ... "

F. 110: Aldeia de Reritiba.

"... Illa etiam laudatione degna puerorum consue-/tudo in hoc pago; oris .n. dum primo mane audiunt cymbala [trecho riscado: tintinare, in-/cursusetiam p tempus] personare / nihil coeli morati incurias templum illico' adeunt festinantes, ibi qß duos in choros dis-/pertiti cantilenam quandam indulse Virginis Maria et meliflui Iesu no-/minis honorem per totum illud tempus qd ad missam usque [incoeredit] alternis / uicibus ac modulatione consona [riscado: minorissent] decantant."

F. 110v: Colégio de São Paulo.

"...Hunc sequitr' frater / Joannes maximus coadiutor [in temporalibus] integratus homo [certe] aetate / uenerandus, et uirtutum maturitate suspiciendus in multis. caeteris animabq / in uigilant praecipue puerorum quibq illus est inter caeteros Brasiliae / pueros singulare, qd im primis tenebris cum salutatione' angelica' mortalibq / indicunt cymbala repercussa per municipis plateas sonoro agmine discurren-/tes orationes catholicas pronuncient; simulq cum exeunt ab schola ipsam /salutationem angelicam in domos singulos singuli abeuntes resonant ac / decantant."

An.ProvBras.2, 1612

Ânu da Província do Brasil de 1611. S/a. S/l, março de 1612.

Fonte: original no ARSI, Bras 8 I, doc. XXVI, ff. 116-119.

Título original: "Annuae litterae Brasilicae puincae anni / millesimi, sexcentissimi undecimi."

Assinatura: "Vale indiebq martij anni 1612."

F. 117v . Colégio da Bahia, e aldeias.

"Nunc Ind[esq] pagis pedem breuiter interamq, in qui[sq] cultu' qundecim ex nostra familia homins / per [hocce, houe] annuu' spatiu' singularitr' incubuere, non qdem infructuose: [...] Cineraliu' circa tempq nihil addendu' praeter quidquid in more situ' est; / Veneris diebq ad uespertinas preces musico choro, quae [pōünt] solemnes fiunt supplicationes, et / praehabita concione flagris uiri pariter ac pueri non in conuenti se caedunt, in sacra uero heb-/domada Christi corpori custodiendo omnibq fere in pagis flamantium multiplicis et cereoq, et [tae-/dasq] ordine sepulchrales instructae machinae, et parentales christi celebratae exequiae, quaequide' / nostrosq animos sacro sancti misterij memoria dulciter laetant, et Indosq cu' strepere, affi-/ciunt pietata./

"Nec caelestes quidem desunt Indi crecri ad monitq, quos Deus ut caelestia discant reuereri, magni / ducere et firmiorem concionatosq uerbis fidem facere, non infrequenter solet ad hibere: Indq / quidam ad patre' sub tenebras accessit sequenti luce ad prima' aurora' cu' socijs captu' pisces / p fiscendi facultatem exernas, isqß musices bene peritq, et consona' uocis atque ac flexi-/bilis praeditq, suauitate: ab nuit uoto pater, lunae quippe lux erat, qua sepultis expiatoru' / sacru' institutu' pio more decantari; institit Indq, et alias alijs praecibq aggressit intentieres: cui pater asperis aliquantulu' inclinans uerbis renuo iteru' inquit, praesagit enim animus, et / anguratr' [laecu'] et siis trum tibi esse obuientouru' aliquid, cum tui sane causa rei sacrae sunt defu'-/ctorisq animae crastina die destituendae sacrificio:..."

F. 118. Colégio de Pernambuco e aldeias.

"Non prorsus equide' omitta' hoc loco, licet perstringa' paucis, laetificu' plausu', et pompa[sq,rum] celebres apparatq, / qui ab exultabunda, et imane quantu' potest dici indulgente triumpho Ignatij sobole['] in reci-/piendo delatu' ex Olyssippone parentis simulachrum, fuere exhibit, in quibus aequae munificentia / et largitas populi illuxit, et eo magis in parente, quo in filios pia [maior, maicr] uigebat affectio, et beneuolentia./

"Post, inqua', diuturnas nostro[rum] spés non sine anxietate quinqß mensibq laetatas ad Paraibae portu' (sic / Urbi Pernambuco' prope sitae nomen) appullit, qua merx caelestis asportabatur, optata caeloq / saeuis defuncta ad modu' periculis, ter enim unde digressa repetiuerat, et ter pirata[rum]

ungues / diuinitq euaserat insequentu'. de appulsu certior Collegij Rector duos ex nostris statim ad / Paraibam dimisit, qui sacru' onus succollantibq Indis terrestri itinere (nauali quippe obuento[rum] / aduersu' flatu' per difficile) ad Collegiu' co'modiq et tutiq deferrent pluteu'; ita ac iusserat ex-/ecutu' exatlantis difficultatibq non ex ignis: eo die, quo nostri mirifice delineatu' parentis ef-/figie' coram aspexere quantu' laetitiae haustum non facile quidem exponendu', facile tamen ex / amore coniectandu': illico campanu' aes ab eminenti turre, unde melicus aures influeret sonus, fes-/tuo et laetifico pulsu crebro quati, et interualis inflatas tibias plausabiliter personari caeptu', ex / caenobiis itidem, et templo maximo (fama enim iam omnia peruaserat debacchata longius) rep-/etito hilare crepitu ad inuicè Cymbali statu' est."

Ff. 118v-119.

"His ita priuatos velut inter parietes solemniter peractis de translatione in templu', et collocatione pensi-/culatiq[?] [agi] caeptu; ex [consulto] tamen ad diei peruilegiu', quo pater ad superos [...] abiit, ut interi[?] aptius, / quae ad templi decorem, et ornatu', quaeq[?] etiam ad pompa' uenustius celebranda' conferebant, compara-/entr', res fuit prorogata: illucente tandè illa aurora' omniu' uotis nimiu' expetita, quae tunc satur-/nia atris pluuiisq[?] licet coelo, obducto nubq[?] inpendente' nimboq[?] copiam protendente, per quod quide' / stetit quin supplicatio duceretr', triplici dulciter psalentiu' choro, multiplici personantiu' instrume-/torum percussu, et tibia[?] inflatu ita uesperae magnificae celebratae, ut uel ment[e] suspenderes, uel / melos auribq[?] [?]ibere caelestiu' crederes, postea spectaculu' breue, [ut, sit] elegans, et concinnu' arridenti / populo exhibitu', pastores demu' ab Europaeis, et ab Indis indice non inuenust[as] duct[as] saltationes / non nulla, plausibili sane populi gratulatione. /

[...] /

"... Ad / latera adstabant Angeli uestibq[?] conspicui, ad pedes haeresis, idolatria, peccatu', et hum-/ani generis aduersariq[?] catenis alligati submisso uultu, sub tristiciq[?] facie conspiebantur', / nec chorus musicus inde aberat: ita uero pie procedente agmine ad maximu' templum, / per quod transitus erat, aliq[?] similiter triumphans currus non minori elegantia, et mag-/nitudine alteri uenienti sese tulit obuq[?] uertici fides, animarum conuersio, zelus, et / diuinus amor cu' insignibq[?] suo quisq[?] in solio, insidebat, ima psaltes, lyricines et / tibicines em um carro triunfal occupabant. Illi luculento carmine egregie Ignatiis facta, et Libitina dig-/nissima enco'mia buccinantes gratias soluere im'ortales, nec captiui, et concatenati / obiurgationibq[?] [canuere]. hi cantq[?] miscebant auribq[?] iucundissimos: hic comes, deinde in / uia currus pone subsecutus est aliu'. [...] Demu' in maiori altari, [martir] /

F. 119

tubar[um], e tormentor[um] sonitu obstrepente, nec non dulcis harmonia cantus et melos incredibili / omniu' gratulatione, loco edito sertis, et coronis cereis artificiose inserto, et distincto sacra-/rio super imposito': unde beneuolo [c]ultu, paternoq[?] [ore] tum omnibq[?] arridere, tum obuq[?] / [uel ni] praesentes amplexari et affari existimares: hic pompae finis extitit, hic ultimus / celebritati additus colophon."

An.DoCoel, 1613

Ânua da Província do Brasil de 1612. Padre Domingos Coelho. Bahia, 19 de setembro de 1613.

Fonte: original no ARSI, Bras 8 I, doc. XXX, ff. 136-139v.

Título original: "Annua littera brasilica anni 1612."

Assinatura: "Bahyae ex mandato Ru. patris Domini / Coelhi Collegij Rectoris decimo nono Kal. septemb. anno 1613. / Dominicus Coelius."

Versão utilizada: documento original, em cópia digitalizada do NHII.

Ff. 138-138v: Colégio de Pernambuco e Aldeias.

"... Affulsit dies baptismati destinata, cuius / anteludia uisu dignissima: submeridiem choreae diuersae, ac plau/sibiles per totum pagum discurrunt; primis tenebris exhalationes fi-/ctae ex puluure sulphureo artefactae, partim sponte in aerem con/scendentes, partim inuite prope terram saltantes spectantium ocu/los, ac pedes ferebant in sublime, tibiae tam pacis quam belli, su/auiter inflatae, et perstreptentia tympana ad multam nocte au/diuntur. Postero die, quæ fuit dominica sexagesima confert /

F. 138v

se in templum Gammarus cum filijs et uxore; et ab Ecclesia matre una cum / illis in filium adoptatur: sacro mysterium peracto regreditur in domo ut / se ad futura matrimonia induat eleganter, mox ad templum reuertitur / stipatus multis tam Lusitanis, quam Indis, quorum aliquot a quadraginta / leucis conuenerant, omnes festiuis uestibus indutis et holocericis non pauci / ibant in speciem exercitus per acies destributi; praeibant signa cum tym/panis, sequebantur tibiae ac choræ, in medio sponsus, in calce uero spo'/sa, uterqß graphice adornatus: ad ingressum in Ecclesia dialogo ex / cepti; tandem matrimonium contraxit cum una, quam demissis alijs de / git in ueram."

An.FrFern, 1615

Ânua da Província do Brasil de 1614. Padre Francisco Fernandes. Rio de Janeiro, 1º de maio de 1615.

Fonte: original no ARSI, Bras 8 I, doc. XXVII, ff. 120-126.

Título original: "Literae Brasilicae prouvinciae Anni. M.D.C.X.I." [1614?]

Assinatura: "E Collegio Flumi-/nis Januarij 1.º die Maij anni 1615. / Jussu patris prouincialis Henrici Gomez / Tibi obsequentissimus qui esse cupit. / Pater Franciscus Fernandez."

F. 122: Colégio da Bahia e aldeias.

"De Indis appeno duo, qua audire operae pretium erit, [ut po'tequae] ad comendatione' fecere, opini-/onemqß de nostris apud Neophytos, et magni momenti est nostra ad munia obeunda. E cantoribus unus / à nostro impetrare uoleuit, liceret sibi cum alijs ad piscatione[s] [proficisci, profieisei, proficisei]; renuit pater obiectans, ne se-/quenti die [uesset, uellet] defunctorum animas priuari solito suffragio rei diuinae, quæ solemni cantu celebrari / de more consueuerat."

F. 125: Aldeias em geral.

"[T,J]am uero sacro quadragesimalis ieiunii tempore, uehemeter enuntiat pater, de / commo[t]um secundum Deum, horum frequenti conuentu in templum, maximiqß Mercurij, / Venerisq diebus, in quibus [e] nostris sacerdotes duo pij cum ambitione populi dispositos / [nota] Litaniarum serie diuos inuocabant in auxilium, dum pompaticè incederent / solemni cantu; quos Neophiti ipsi suo cum phonasco excipiebant, grata simul / et numerosa modulatione, nec sine pietatis sensu; ut [pote] percurrentibus cunetis glo-/bulos, accensasqß faces [multimodas] gestantibus prae manu; quae omnia pietatis erant / incentiua non modica, cum praeterea praecationes singulas pientior[u,e]s redderent septem, / octo ue sua in terga saeuientes cruento uerbere."

An.SeVaz, 1615

Ânua da Província do Brasil de 1614. Padre Sebastião Vaz. Bahia, 13 de junho de 1615.

Fonte: original no ARSI, Bras 8 I, doc. XXXV, ff. 155-167v.

Título original: "Annuae literae Brasiliae anni / 1614."

Assinatura: "Bahiae Decimo tertio Kal. Junij / anno 1615 / Jussu Reuerendi patris Rectoris / Sebastianus Vaaz."

Observação: leitura prejudicada pela caligrafia de difícil compreensão e pela tinta que atravessou para o verso da folha.

F. 158v. Colégio da Bahia.

"... Tam uero de disciplinorum piet.^e, exquibq multi ad uarios religiosoru' / coetus abiere, de qß sodalitie Vndecim Milliū' Virgīnū' olim florentissimo ni- / hil noui, praeter communia, et literis iam tradita: nihilominus nostro / in templo decantatis Beati patris Jonatis solemniter uesperis duode-/cim post trienij curriculum philosophicum Laurea donati magna cu' [totiq, totis] / Ciuitatis gratulatione."

F. 159.

"...Cumqß Pater Prouincialis de more pagos [inuiseret], leuca' cir-/citer unam [in, n'] [leuib, lenib] laetitiae argumetis obuam eunti multi processere. / Ad pagum [pono] accedent patre, [Ecce] [tibi] uniuersa multitudo, (aegrotos si / excipias) domo egreditur: antecedit cantorum ac tibicinum chorus: bipar-/titiqß omens uenientem hospitem medio excipiunt; alliumqß sublati in ca'tu / manibq de more saluant; tunc Ecclesiam ingreditr' cu' uniuerso comitatu ani-/mi uolupetatem ex patris aduentu praese [ilegivel, mau estado: ferente]: ibiqß cum symphonia ac psalmis / accept[ur]. [...] Quarum una Lusitanis hominibq ex uicinis locis con-/fluentibq altera uero Indorum [idiomate] habita est; apud quos sollemnis / est nos sese nimirum inuicem in hisce festiuitatibq inuitare; itaque / ex circum uicinis pagis omni musicorum genere laetisq. instrum.^{tis} factam / processione ex omni sexu omniq aetate pagu' ubi festum pesagitr' / sub uesperu' ingrediuntū'."

An.MaSanc, [1616]

Ânua da Província do Brasil de 1615. Padre Manoel Sanches. Bahia, 21 de maio [de 1616].

Fonte: original no ARSI, Bras 8 I, doc. XLII, ff. 191-196v. Cópia nos ff. 204-208v.

Título original: "Annuae litterae puincia Brasilicae anni 1615."

Assinatura: "Bahiae sexto idus Maij iussu / Patris Rectoris. / Emmauel Sanches."

193v: Colégio e aldeias do Rio de Janeiro.

"Diebus festis oriente luce nostro in templo, et uespere iterum / per urbem instruendis fidei primordijs seruis datr' opera non sine usura: dum p'scinduntur [abrev: praesciduntur] temeritates quae festiuas eorum saltationes comi-/tari consuescunt. Iisdem diebus idem cu' Lusitanis exercetur munus, / respondente labori utilitate."

F.194v: Espírito Santo, Aldeia dos Reis Magos.

"In eo qui Regum Magorum pagos dicitur degum socij quaterni: / fastigium hoc anno impositu' est templo pro multitudine satis amplo; / dies, quo in eo sacrificari coeptum est cantu rem sacram intercalante, / habita praedicatione, sacrosantæ Eucharistiæ im pompa circumducti-/one, tripudijs more suo praeuntibiq, festiuis qß alijs figmentis ea ce-/lebritate ac lætitia prosequuta est ut tota templi oppidi qß facies - / gaudio uideretur delibuta."

F. 196: Colégio de Pernambuco e aldeias.

"Imbrium inopia, quae fuit permagna omnes omnino arebant fructus, necessariu' negantes / uictum: uaria institutae supplicationes sunt, ad Dei exorandam clementiam, et in / alijs templis per horas quatuor, & uiginti uenerandu' Christi corpus onmniu' conspectibus de-/centi patuit cultu. Sed in his ipsis indubitata[m] [praecipuit] palmam Deiparae sodalitiu' / ad excitandam mechanicorum pietatem in hoc Collegio nuper inchoatum. Nam statuta / die sodales praemissa scelerum expiatione, susceptoqß uitae cibo iugi precatione prae-/senti Domino astitere. [...] Diei, noctis qß horas suaue resonantia instrumenta mixtis / concentibus intersecabant: perpetuam nobiliorum militus cohors excubationem fecit."

F. 196v. Idem.

"Breuem in pagos etiam centemus excursu[m], ne prolixa earunde' repeti-/tione reru' offendantr' aures. [...] Obseruandu' interea sese offert, quod tanta / in strage incolumes seruati tibicines fuere donec B. Ignatijs festiuitate in / Collegio artis suae exhibere peritiam: deinde abeuntes, eadem, qua ad pagu' / peruenerunt, luce simul omnes morbo succumberunt."

An.PeTol.2, 1617

Ânua da Província do Brasil de 1616. Padre Pedro de Toledo. S/I, 17 de agosto de 1617.

Fonte: original no ARSI, Bras 8 I, doc. XLV, ff. 213-224v.

Título original: "Annuae literae Prouinciae / Brasiliae anno domini 1616."

Assinatura: "A Patre Balthasare de Sequeira conscriptae, quarto idus / Augusti anno 1617. / Pedro de Toledo."

Observação: neste documento encontra-se a mais antiga referência ao Maranhão em uma ânua, como uma seção separada.

F. 214v: Colégio da Bahia.

"... Eadem inuictos exhibita / officia, itu'qß frequenter in saccari torcularia, magno animaru' lucro, / quae omnia libenter dissimulamus silentio, ne toties decantata recan-/temus."

F. 215: Colégio da Bahia.

"... Beati parentis nostri / natalis magno apparatu, et uario [pistronatu', pistromatu'] genere, symphoni-/acorum concentu, et bellicarum machinarum boatu celebratus est / dies, quippe dux maximus, qua est in nostros beneuolentia, Recto-/ris hortatu Ignatium militia, adlegit patronum, ergo omnium / tu' ciuiu' tu' suburbanoru' militu' generalis facta est recentio, in / area pp [abrev: propter (proximo)]collegium ad id muneris [pacco'moda, pauo'moda], [...] Faceo duces ipsos gausapinis uestibus decoros, ex uesparu', et missae / solemnitati in templi sacello assistentes; praetereo eqtes solitis ludis / incredibilem multitudine haud semel recreantes, nocturnasqß tene/bras ignitis facibus ad tibiaru' concentum concursantes, missos facio / scolasticos ea similitudine, [qt, qf] supra significauí certamen ementi-/tis p'factoru' psonis, imitantes, ut merito labore fides, ac tandem / positus psonis militum more turmas agentes mira ciuitatis ille ce / bra, et applausu."

F. 223v: Missão ao Maranhão.

"... Ea impri-/mis nauigatio amplam sane gomio praebuit de Deo pariter, hominibusq / bene merendi materiam: ac primu' quidem de suo socio, Indisq'ß, é ma-/ritima iactatione, nauseaq'ß mimium quantum laborantibus, sub noctem / litanias decantabat, et uarijs, de nauigantium more, precibus caeles-/tiu' exposcebat opem."

Tri.SiPinh, 1620

Carta triênia do Brasil de 1617 a 1619. Padre Simão [Pinheiro]. S/I, 11 de abril de 1620.

Fonte: original no ARSI, Bras 8 I, doc. XLVI, ff. 226-249v.

Título original: "Triennium litterarum Brasilicarum ab anno / millesimo sexcentesimo decimo septimo / ad decimu' nonum. / Per Patrem Balthasarem de Sequeira."

Assinatura: "Undecimo Calendas / apriles anni uigesimi supra sexcentesimu'. / Simão [Pinho.]"

Versão utilizada: documento original, em cópia digitalizada do NHII.

F. 229v: Aldeia de São Sebastião, Bahia.

"... Naturae concessit spectatae longo usu pro-/bitatis Inda, et ut uita multaru' illuxit exemplo uirtutum, sic illus-/tris, et piae plenus uoluptatis ius obitus fuit. Nam claro recreata / est angeloru' aspectu, dulciqß exhilarata concentu, quam tibiaru', can-/toru' qß, cu' Ecclesia sacra celebrant, harmonia' longo superare inter-/uallo, affirmauit."

F. 233: Expedição aos tapuia e arabô.

"... Ubi uero apparuit sublatu est omnis scrupulus, ac statim ab Indigenis / una cu' comitibus peramanter accepti patres, quibus domu' ingressis nihil / fuit antiquis quam debitas Deo gratias Hymno Te Deum laudamus re-/citato, nixis humi poplitibus habere."

F. 233: Arabô.

"Templum habebat hic primus pagus ex luto, [...] / Audiebant illi prolibenter, et / memoriter hauriebant, adeo ut pueruli singulis quibusqß noctibus, ins-/tructo agmine, manibus qß in coelum elleuatis oppidu' concursarent, / pia catechismi carmina cantitantes."

F. 235v: Procissão no Colégio do Rio de Janeiro devido à seca.

"Cum multos iam menses Coeli pluuias hiantibus aruis si-/tiret tellus, magnoqß in metu esset difficultas annonae, instituta est à nos-/tris pio cu' apparatu supplicatio, ut misericordiam extorquerent, pater ip-/se prouincialis Sacrosanctum Crucis fragmentum deferebat: praeibant al-/phabetarii pueruli seminudi funibus à collo suspensis alteri, alteri chris-/ti cruci affixi effigies gestantes, omnes tandem sextis spineam christi coro-/nam repraesentantibus redimiti: quamplurimi alij acri flagello sua corpo-/ra cruentabant: Chorus pia, lugubri qß symphonia litaniaru' carmina con-/cinebat."

F. 239: Colégio do Rio de Janeiro

"Addita est huic Collegio tertia sub Diui Petri patrocínio resi-/dencia ad caput frigidum. Hac initiu' habuit anno millesimo sexcente-/simo decimo septimo, inea q̃ munera societatis exequitur par sacerdotu', / qui ex Sancti Spiritus [.] præfectura quingenta capita èo transtulerunt. è n[a,o]ui / exeuntes obuijs studijs, omni q̃ co'mitate excepit Dux. Patres uero excen-/sione facta ab Deo immortalino inchoant, à quo, quæ non ducuntur [u,r]eru' / primordia fausta esse nequeunt. Des igitur solemni ritu, cantoribus alter-/no modulamine concinentibus, ex his, quos ad res diuinas celebrandas / secu' uexerant, sacrificatum. Inde q̃ in locu' ædificando pago destinatu' / abeunt, templum ædificant, domos extenunt."

F. 241v: Colégio de Pernambuco

"Ex latinitatis gymnasium ad gymnasia sanctitatis uiginti quinq̃ / appulere sese, ex quibus octo in societatis ætatis florem Deo consecraru't. / quadraginta horaru' religio illud hic habuit singulare, quod extremis bac-/chanalibus, die scilicet Jobælei ultimo, catechismi gratia scholasticoru' pompa / per plateas cu' præaltis uexillis, et cantu circu'ducta multum depetulanti ho-/minu' licentia detraxit. intercundum nostri duas familias satis amplos / ad arma sese lacescentes opportuno sedarunt occursu."

F. 242v: Pernambuco, morte do Padre Francisco de Oliveira.

"... Noluio uidelicet eum diuina clementia trahere animam inter / tormenta morboru', sed repentin ictu subito hinc illu' sine lectuli tædio, sine / angore illo, qui ex mortis expectatione suscipitur, nec tamen imparatum, aut / improuidum rapuit, quem pridie sacrificium pie Deo obtulisse accepimus. / Erat Oliueira olysiponensis; duo, et quinquaginta agebat annos, triginta / tribus ante uenerat in Societatem. Vir proptem suauitatem moru' non mi-/nus externis, quam domesticis charus, propterea quod funeris exequias, / clerus et cantores una nobiscum celebrarunt, ac funebres preces solita ce-/remonia decantauere."

F. 247: Prodígios do Padre José de Anchieta.

"In principe æde eiusdem præfecturæ (die assumptæ ne in Cælum / Deiparæ, an natæ in terra festo, incertum adhuc) ad populu' uerba fa-/ciebat Anchieta, Ecce tibi medium quasi sermonem progressus, intra pul-/pitum se occultat quadam ueluti corporis iactatione deficiens, cum q̃ An-/chietam animi deliquio laborare auditorium interpretaretur, apparet ite-/rum concionator, atq̃ ad concionem, recitemus semel, inquit, oratione' / dominica[m,ni], et angelicam salutationem pro nostris, qui mediterræ-/nea [abiere], fratribus magno modo in periculo constitutis, dicto pa-/ruit auditor."

An.InTav, [1621]

Ânua da Província do Brasil de 1620. Padre Inácio Taveira. Bahia, 1º de fevereiro [de 1621].

Fonte: original no ARSI, Bras 8 II, doc. LVII, ff. 274-280v.

Título original: "Annuae literae provinciae Brasilicae anno 1620."

Assinatura: "Bahiae priidie Kalendas Februarij: iussu Patris Rectoris Emmanuelis Fernandes. / Ignacio Taveira"

Ff. 275v-276v: Colégio da Bahia e aldeias.

"Saeta huius praeclarißimi Beati patris nuntia, quibus certiores facti sumus, ipsu' / in Beatorum numerum a' Pontifice maximo relatu', eade', qua sub ipsu' iam noctis crepusculu' / hora sonuere, in gratiaru' actionè decantato Hymno, Te Deum laudamus, ett.^a hilari cym-/baloru' pulsu, ad collegij luminaria luminibus interea collucentibus iucundissime sunt excepta / quae omnia cum praecipitem magis animoru' laetitia' demonstrarent, qua' re' digne signifi-/carent, Sanctissimae Triados mysterij dies assignatè, in qua debita tanti gaudij nuntijs gra-/tulatio praeberetur, tunc licet grandia, atqß magnifica fieri temporis breuitas denegavit / non fuit tu' suborta festiuitas aspernanda, quae à vesperi diei solemnitati destinatae

F. 276

Ad 1^{am} noctis facem initium sumpsit multo, ac uario sulphurei pulueris arte elaborato / igne, eodem tempore mulis pictarum lucernarum ignibus totum collegium ardescere / uidebatur. [...] Haec, stata solem-/nitati dies excepit, luce sua nostri templi parietes, uario peripetasmate figuris [at]qß / ac coloribus adornatos ostendens; in eo sacrum alterno a' choro cantu, et suaui instru-/mentorum concentu fuit concelebratum; in solito posteuangelium missae interuallo, / noster concionatur clariora Beati francisci opera, sublimiora qß miracula ipsis sa-/crae paginae illustratae exemplis, cupiosae audientiu' turbae erudite inculcauit. [...] Hinc paratis iam rebus, tridua ante praecipuo hono-/re calendam diem inter ad huc dubiam matutini temporis lucem, hilari nunc bom-/bardarum, nunc tibicinum suauiiter perstreptium sonitu, in media, lata qß pla-/nicie circi, qui collegio adiacet, instar castelli affabre elaborati, unius

F. 276v

noctis opus, prodigiosa appauit moles: [...] /

"Hunc diem sunt anteactos, aliquantulu' tamen largior, diuersitate qß conspicuus / finiit artificiosus ignis. [...] Missae tunc sacrificium ab eiusdem Diui Benedicti religioso / coetu, Abbate in Societatis et Diui laudes magnifice concionante, cantibus solemniter fuit / prosequutum; per urbis plateas interea ad solis usqß occasu' festiuae uagabantr choreae, / quibus ubiqß agitabatur gaudium, et laetitia, huic multiformi artefacti ignis immensi-/tate, nocte cumulus accessit."

An.SiVasc, [1624]

Ânua da Província do Brasil de 1621 a 1623. Padre Simão de Vasconcelos. S/l, s/d [Bahia, 1624].

Fonte: original no ARSI, Bras 8 II, doc. LXVIII, ff. 326-332.

Título original: "Annuae literae Provinciae Brasiliensis / Ab anno 1621 usq[ue] ad 1623."

Assinatura: "Jussu B. Patris Ferdinandi Cardim. Simao de V.concellos."

F. 328: Colégio da Bahia.

"Fuit qui affirmaret, [pridie] Diui Xauerij festum / diem, pene septies sibi hostium chori Colegij huius ingressuro, nullo po-/sito obstaculo, nullo q[ui] uiso mipediente, aditum fuisse prohibitu': cumq[ue] / re perterritus admiranda, apud confessarium nostrum statim peccatoru' sar-/citiam deponeret, iteru' ingred; cerranti, sponti patefacta est via."

F. 329: Aldeias da Bahia.

"In tribus Indorum pagis Collegiio ad nexis / [...] Non tu' / laboru' fructus exiguus, sunt enim rebus divinis apprime dediti; intentiq[ue] /, praecipue n.º per quadragesimam singulis quibusq[ue] diebus Veneris, de / more pompae celebratr'; decantantr' Litaniae, uerberationes, aliaq[ue] id / genus uirtutis incitamenta Exhibentur: qua[s] omnia solemnia sunt om-/nibus Indorum pagis, qui sub nostroru' sunt tutela."

An.AnVie, 1626

Ânua da Provincia do Brasil, mandada à cidade de Roma, ao geral da Companhia de Jesus, do ano de 1624 e 1625, pelo Padre Antonio Vieira. Bahia, 30 de setembro de 1626.

Fonte: original no ARSI, Bras. 8, ff. 342-355, cópia nos ff. 366-377.

Publicações:

- 1. Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 19, 1897, pp. 175-217.
- MORAES, **Chorographia**, vol. 5, pp. 6-121. Sem informações sobre o original.
- Os capítulos sobre o Espírito Santo e Mares Verdes foram publicados na **Revista do IHGB**, Rio de Janeiro, n. 5, 1843, pp. 335-341.
- Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 359-360, a partir dos **Anais da Biblioteca Nacional**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

P. 183: Bahia, ataque dos holandeses.

"... E foi tal a tempestade de fogo, e ferro, tal o estrondo, e confusão, que a muitos particularmente aos pouco experimentados, causou perturbação, e espanto, [...] o contínuo trovão da artilharia tolhia o uzo das línguas, e orelhas, e tudo junto, de mistura com as trombêtas, e mais instrumentos belicosos, era terror a muitos, e confusão a todos."

P. 198.

"... Nas Aldêas onde estávamos os da Companhia, além das Orações, e penitencias, que se accrescentávão todas as sextas feiras, e sabbados, se fazia huma Procissão com Ladainhas cantadas, pedindo misericórdia a Deos: até que o mesmo Senhor no dia da Redempção do mundo, nos quiz mostrar a nossa, antecipando-nos as Alelúyas com a primeira vista da nossa armada, a qual, dia de Páscoa da Ressurreição, primeiro de abril de 1625, amanheceu toda dentro da bahia..."

P. 212: Falecimento do Padre Salvador Coelho, no Colégio de Pernambuco.

"Fez-lhe grandes honras o Prelado da Administração de Pernambuco com toda a sua Clerezia: entrávão pelo Collegio, e o trouxeraõ com tochas do seu Cubiculo à Igreja, onde lhe cantávão hum officio com toda a solemnidade, e pompa poucas vezes vista, nem praticada com os da nossa profissão, e Instituto."

P. 216.

"Determinou logo o Prelado da Administração de Pernambuco, á petição de muitas pessoas de respeito, que esta tão assignalada Mercê se gratificasse a Nosso Senhor, dizendo-se todas as sextas feiras daquelle anno ao Santo Crucifixo huã Missa cantada, para o qual effeito se elegêraõ por Mordomos quatro homens graves: os quaes se tiveraõ por muito ditozos em ser os primeiros no Serviço de tal Senhor. Agora, com a nova Confraria, e Indulgencias, que Sua Santidade concedeo, se continúa a mesma Devoção com grande fervor."

P. 217: O cap. Jerônimo Cavalcanti de Albuquerque solicita ao colégio a presença de um padre na nau que iria de Pernambuco em auxílio à Bahia. Vai o Padre Francisco Borja, e coloca na câmara da proa uma relíquia do Santo Padre José de Anchieta; a nau é atacada pelos holandeses, que lhes causam muito dano, mas a câmara permanece intacta.

"A este fim ajudou tambem muito a Beatificação do Santo Padre Francisco de Borja; a qual se celebrou neste collegio de Pernambuco no anno de 1625, com a solemnidade que pôde ser, de vesporas, Missa cantada, e Prêgação, Jubileo, muitas Confissoens, e Comunhoes, e tambem houve algumas lunminarias.

"Nos dous outros Collegios da Bahia, e do Rio de Janeiro, se fez quazi o mesmo, e pelo menos houve em ambos vesporas, Missa cantada e Pregação."

An.AntRu, 1628

Ânua do Padre Antônio Ruiz, Superior da Missão do Guairá, dirigida ao Padre Provincial Nicolau Duran. S/l [Guairá], 1628.

Fonte: original na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Coleção de Angelis, doc. 872, I – 29,7,18.

Título original: “Carta annua del Guayra / por el P.^e Ant.^o Ruiz del año de 628.”

Publicação:

1. Manuscritos da Coleção de Angelis I – Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1594-1640). Introdução, notas e glossário por Jaime Cortesão. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicações, 1951. Pp. 259-298.

Versão utilizada: documento original.

F. 1v:

“S. Ignácio

[...]

“Desde esta reduccion se hiço este ano un camino bien abierto hasta S. Joseph por el qual se / traxeron cien cabeças de bacas a san Xavier. Es brebe el camino y mui comodo para / nrâ comunicação. La musica tambien se a aventejado mucho que por entender que / lo que sabian bastaba no se cuidaba de que pasasen adelante. Cantan a tres coros, y com/ponem en los violones en los quales tambien estan diestros. Vino a estas reducciones / un clérigo ordenante de la vi.^a de S. Pablo con deseo de acabarse de ordenar en el Paraguay [.Vol]/viose por non averlo bispo, y mui maravillado de ver la policia de los Indios y de oir la musica / con averla buena en su terra ya si llevo alguna musica. En los demas se procede como en / otras annuas emos escripto Y.V.R. vio.”

Tri.AnCoel, 1640

Carta triênia da Província do Brasil de 1638 a 1641. Padre Antônio Coelho. Bahia, 1640.

Fonte: original no ARSI, Bras 8 II, doc. CIV, ff. 516-524.

Título original: "Litterae triennis Provinciae Basilicanae / ab anno domini millesimo, sexcen-/tesimo, trigesimo octavo ad / quadragesimum / primum."

Assinatura: "Bahyae anno domini 1640 / ex comissione Patris Prouincialis Emmanuelis Ferdinandi. / Antonius Coelho."

F. 516v. Colégio da Bahia.

"... Pater Dominicus Coel-/lius, ut qui Senior, et amantissimum Emmanuelis [exgenti] morbo ad-/modum laborantum etnuntiaret se sinc illo non moriturum, am-/bos ineodem amore conuinctas dum uixerint, socios in coelum pariter subituros; [...] Vero enim Vero hunc animi / sensum [expretins] declarauit cum primum eorum parentalia in nostro templo / solitis caerimonijs celebrassimus. Adquae ex seculari, et Ecclesiastico nobi-/lissimi conuenerunt: ex tribus religiosorum familijs, qß hanc urbem nobilitant, / qui dignissimi a[d]fuerunt, augustissimunque Liturgi[c]ae Sacrifitium pro difun-/ctorum animis obtulerunt. Canonici, e digniores ex clero, et religiosis [conuen-]/tibus ex more ecclesiae Lectiones in simile offitium destinatas funebri de mo-/re concentu recitarunt. Eaque caerimonia, ac musicorum apparatu funer-/alia exequuti, ut regalium exequiarum specimen praebuerint non vulgare".

An.ProvBras.3, [1645]

Ânua da Província do Brasil de 1641 a 1644. S/a. S/l, s/d [1645].

Fonte: original no ARSI, Bras 8 II, doc. CV, ff. 526-539v. Versão em latim nos ff. 542-551v.

Título original: "Annua da Provincia do Brasil de 1641 / ate o anno de 1644."

Observações: texto em português, o que é raro em uma ânua do período. Conta no Colégio da Bahia 70 religiosos, 28 sacerdotes, 15 estudantes, 14 irmãos coadjutores e outros noviços.

Ff. 534v-535: Colégio do Rio de Janeiro. Morte do Irmão João Francisco.
"...Estaua este uaraõ de Deus hũ dia de festa / em q' auia grande concurso de gente no Coro de nosa Igreja posto em feruorosa oraçaõ, ou p.^a me-/
F. 535

lhor dizer s[ol]ida contemplaçaõ, daõ os musicos principio á missa q' se cantaua á tres coros, tanto / qß comessaõ á cantar a gloria, [comessa] o corpo do santo uelho como se estiuera disengonsado a in-/clinar á huã, e outra parte com tanto disassocego, [...]. Exq' depois de largo espaço de tempo, q' fora todo o que se gastara na gloria can-/tada, tornou em si, e a compostura que antes tinha cõ hum socego bem [?]hio, do que athe aquelle / instante tinha mostrado, como se estiuera esperando q' dessem os musicos o fim á gloria q' a Deus câ-/tauaõ na terra, p.^a elle o dar tambem á q' lhe cantaua no Ceo, como piam.^{te} se pode crer."

F. 538v: Casa do Espírito Santo. Vitória dos portugueses sobre os holandeses.
"...esforçados com o effeito da gloriosa uictoria, o mostrou, a qual alcan-/sada logo os nossos incitaraõ aos moradores atender as graças á Deus, e a Sam / Mauricio a quem sem duuida atribuiyaõ a uictoria, nem foi dificultoso persuadir / agradecimento a quem se conhecia obrigado, pello que leuado desta exortaçaõ naõ / so ordinaraõ todos huã procissaõ em acçaõ de graças depois de se lhe cantar huã / Missa na nossa igreja, mas tambem deraõ suas esmolras ..."

Versão em latim:

Título original: "Annuae literae Provinciae Brasilicae ab anno 1641."

S/a. S/l, s/d.

F. 548

"Eadem tamen ipsa quae diei successit / dicato Sanctis Martyribus Joanni, & Pauli, quae ei menstrua sorte obtingerat...."

F. 548v. Colégio do Rio de Janeiro.

"In Collegio Fluminis Januarij exce[ss]it è uiuis Joannes Fernandes Coadiutor. [Is] Festo quodam die magna / celebri hominum frequentia altissimae divinarum rerum contemplationi absorptus in choro nostru inten-/debat Joannes, [ubivero] triplex musicorum ordo suaui vocum concentu Gloriam in Missam caepit occinere; [...] Donec largo decurso temporis spatio, dum scilicet Gloria solemni-/ter est decantata, [in se] ipsum [reversus] priorem tenuit corporis situm * satis dispari praeteritae corporis quietu-/dine, [acsi] solum expectasset, quod a' Musicis Glorae Deo decantatae finis adhiberetur in terra, ut etiam / ab ea quae in caelo decantabatur, inuitus ipse cessaret."

F. 551. Domus Spiritus Sancti.

"...[Par ea, Parta] uictoria, illos ad / debitas Deo, sacroq[ue] Patrono grates persoluendas excitarunt, nec fuit suadere grates difficile, quibus [Eccens] / ad huc beneficijs inerat memoria, qua propter non solum solemnem pompam, in gratiarum actionem, / ordinarunt, sed etiam pecunias suas [...] donarunt."

An.ProvBras.4, [1645]

Ânu da Província do Brasil de 1605 a 1644. S/a. S/l, s/d [1645].

Fonte: original no ARSI, Bras 8 II, doc. LVIII, ff. 282-299v.

Título original: "Provinciae Brasiliae".

Observação: relato baseado nas ânuas de 1605 a 1644.

F. 282: Colégio da Bahia, 1607.

"Anno 1607. Domicilia 17. Socijs 175. Sacerdotes 86. 3. [numeração dos itens do relato] Ibi-/dem singulis sabbatis subuesperam per symphonicos / antiphona salve regina multo apparatu, concantu / decantata quadragesima tempore Veneris diebus celebrare / pompa' cum Lytanijs.

F. 283: Aldeia de Reritiba, 1609.

"... Ibidem bruchorum sata depascentium [uis,ins] / ingens aqua' lustralis aspersione depulsa est. Illa / etiam laudatione degna puerorum consuetudo in / hoc pago; oris .n. [abrev: enim] dum primo mane audiunt cym-/bala [personare] nihil Coeli morati iniurias tem-/plum illicò adeunt festinantes ibiq. duos in choros / dispersis cantilenam quandam Indole Virginis Ma-/ria et meliflui Iesu nominis honorem per totum illud / tempus qd. ad missam usque alternis / uicibus ac modulatione consona decantant. 8. Pi-/ratininganis nostris quo [doceam,docemas] paruulis illud in-/est inter caeteros Brasiliae pueros singulare, quod / in primis tenebris cum salutatione angelica mor-/talibus indicunt Cymbala reperiunt per municipis / plateas sonoro agmine discurrentes orationes catho-/licas pronuncient simulq cum exeunt ab schola / ipsam salutationem angelicam in domos singulas / singuli abeuntes resonant ac decantant."

Ff. 283-283v: "Anno 1611. Socijs 169."

"10. De Indis appono duo, quae audire operae pretium erit / ut potequae ad comendationem fecere opinionemque de nostris /

F. 283v

apud Neophitos, et magni momen/ti est nostra ad munia obeunda. cantoribus unus [ac nostro] im-/petrare uoluit liceret sibi cum alijs ad piscationem proficisci / renuit Pater obiectans ne sequenti die uellet defunctorum animas / priuari solito suffragio rei diviniq, quae solemni cantu celebrari / de more consueuerat, institit Neophytas, de quidem pertinaci / animo pro extorquendo, quod intenderat, sed iterum constanter / [s]ep[u]lit pater preces, et deterrere uolens hominãem enuncia-/uit, quod pressagiret animiis, imminere ire cupienti peri-/culum, si abiret, ea vide licet de causa quod sua culpa pri-/uaret afflictos tanto solatio:..."

Ff. 296-297: "Anno 1641, & 1644."

"... In Collegio fluminis Januarij excessit / e uiuis Joannes Fernandes Coadiutor. [Is] festo quodam / die magna celebri hominum frequentia altissimae / divinarum rerum contemplationi absorptus in / choro nostro intendebat Joannes, ubi uerò triplex / musicorum ordo suaui vocom concantu Gloriam /

F. 297.

in Missam coepit occinere; ..."

Sex.AnPin, 1657

Carta sexênia do Brasil de 1651 a 1657. Padre Antônio Pinto. Bahia, 29 de julho de 1657.

Fonte: original no ARSI, Bras 9, doc. IV, ff. 13-25v. Cópia nos ff. 27-46.

Título original: "Sexennium Litterarum Brasilicarum / ab anno 1651 usque ad 1657."

Assinatura: "B.a 29 die Jullii an-/ni 1657. Ex commissione P Prouincialis Simonis Vasconcellos. / Filius obedientissimus / Antonius Pinto."

Publicações:

1. LEITE, **História**, vol. 5, pp. 272-276, em tradução do original em latim para o português.

Versão utilizada: documento original e publicação em LEITE.

Observação: o documento descreve a missão dos Padres Antonio Pinto e Rafael Cardoso aos sertões da Bahia, e visita às Jacuabinas (índios tapuias), aos Tocós, Sapoiás e Paiaiás.

F. 17: Colégio da Bahia. Fundação de missões vinculadas ao Colégio.

"Tametsi omnes hi Barbarij moribus, et ritu non dissentiant, et ideo subhoc communis Tapujarum no-/mine conueniant, iuxta tn' [abr: tamen] colonias, quas volunt, et Duces, quibus parent, priuatis dissident cognominibus, / qui primo patribus in occursum uenere Sapoyases cognomento appellant, [abrev.tur], perfunctis salutationibus, nostri / per interpretem illis aperiunt, uelle se ad eor, [abr: eorum] pagos accedere; His auditis libenter annuere, laetabundique / ut suos permonerent, et hospitio exciperent, discesserunt. Processere PP. erecta cruce praeunte, sub-/sequentibus ex ordine christianis Indis, ad calcem, qui missioni praeerat sacerdos amictus tunica lintea, et / stola; hanc supplicat.^{nis} speciem referentes pagum ingressi sunt, muxqß in spatiosa area, genibus(2) flexis(1) / recitata est Deiparae letania, alto tono, quo barbari excitati, uiri, faemina', pueriqß subito accurrere, in / admirationem effusi, tanto impensius, quanto leuissi[m,on]arum rerum aspectu mirifice capiuntur. Die postera / celebratum est missae sacrificium pari Barbarum stupore, qui nutibus, e gesticulationibus his ualde de-/lectari indicabant, pronis in terram genibus slas' [abr: singulas] christianor, [abr: rum] actiones imitabantur pulsantes pectora S.^a / Peracta celebrat.^{ne} inquisitum est ab eis per interpretem de itiniere, ad Amoepijras."

F. 23v: Colégios de Santos e São Paulo.

"Ubi nostros aduentare uulgatum est, regius Praetor, qui in Societatem summa bene-/uolentia ferebat, una cum Senatoribus duo miliaria extra munimenta urbis ad ipsum pene estu-/arium processit, et PP. naui ascendentibus gratulabundus occurrit solemni pompa, et apparatu flui-/tantibus circa plurimis

oppidanorum scaphis ad gratulandum confluentium [incredibile] usque comitatus, excendentes Primores loci, circumfusa plebis multitudine excepere multum, officijs, oratione obsequia, et laetitiam testati, plurimi in lacrimas effusi uix uerba pronuntiare poterant Cymbalorum / mox per omnes ecclesias creber fragor insonuit; [...] Octauo iam ad aduentum / die promulgatum est Jubilaeum, quo salutaris hostia patuit, et dictae Deo sollemniter grates, concione, et sacro a cantoribus prosecuto, praemissa ab initio plenaria absolut.^{ne} et Censurar, [abrev: rum] et excommunicacionum."

F. 24v. Colégio de São Paulo.

"... Brasiliani quoque vel aemulatione Lusitanorum / in manu uociferatione suo more, et lingua amorem, et laetitiam exprimebant. Cymbalorum per urbis / templa, et Religiosorum hominum aedes frequens erat pulsatio. Hac elati pompa, quam uia antea exclusi decesserant, incedentes ad Basilicam progressi sunt, quam ubi intravere Eucharistiam ueneraturi, Parochus / cum clero psalmum Laudate orsus et, quem Cantores solemniter prosecuti sunt. [...] Habita est huius diei [não fica claro que dia é esse] solemnitas vespertinis precibus, / solemni sacro rite a cantoribus celebrato, concione, ac publica supplicatione: uaria quoque publici gaudij / signa in Urbe attensis triduo ignibus, Equitum uenuste ludentium iurundissimo aspectu, exhibita fuerunt; / Viuat Societas per plateas, et compita a praetereunte turba frequenter in geminabatur."

Publicação em LEITE:

P. 272.

"Os primeiros, que vieram ao encontro dos Padres chamam-se Sapoiasas. Feitas as saudações, disseram-lhes os Nossos pelo intérprete, que queriam ir às suas Aldeias. Anuíram de boa vontade e voltaram contentes a avisar os seus e preparar alojamento. Ia à frente um dos Padres com a cruz alçada, seguido dos Índios cristãos, e depois o Padre Superior destas entradas, revestido de alva de linho branco e estola. E assim em forma de procissão entraram na Aldeia; e no largo terreiro, de joelhos, se cantou a Ladainha de Nossa Senhora, atraindo os bárbaros, homens, mulheres e crianças, que logo chegaram apressurados e admirados, porque se deixam impressionar mais a fundo quanto mais leve é o aspecto das coisas."

Pp. 273-274.

"Os Paiaiasas são muito submissos aos seus pagés a que chamam Visamus. Não têm ídolos, nem divindades, se exceptuarmos uma semelhança de idolatria, no que chamam seu deus Eraquizã [Erachisam], cujo dia festivo, anual, se celebra assim: Fazem uma pequena cabana não muito distante da Aldeia. Juntam-se nela os pagés mais velhos. Vestem ao Tapuia o seu vestido, tecido de folhas de palma, de 15 (quinze) pés de comprimento, todo de pregas e franjas, as quais caem um pouco acima dos joelhos. Na cabeça até os

ombros tem o diadema, que termina para o alto em ponta. Na mão direita uma frecha afiada. Antes que entre na cabana sagrada (a narrativa latina diz aqui templo) do deus Eraquizã, fazem os pagés ingente alarido, e fogem todos os outros Tapuias para dentro das casas.

"Logo sai o Eraquizã, de horrendo e disforme aspecto. Dá volta a tôda a Aldeia, e se encontra alguém mata-o com a seta aguda, que

P. 274

leva na mão direita, para o castigar da sua irreverência, que se atreveu a encontrar-se com tão grande deus.

"Feito o reconhecimento, pára diante das casas, toca a flauta (tíbia) diante delas, signal para as oferendas de comer, e vai sentar-se no meio do terreiro, esperando-as. Saindo então cada um de casa, leva-lhe com grande respeito as oblatas e presentes. Concluída a cerimónia recolhem-se de novo às casas para que não os ache o Eraquidzã, que se levanta e dá outra volta ao redor da Aldeia, e dirige-se à cabana sagrada, donde saem a correr os pagés, apanham as oblatas e presentes e voltam à cabana a banquetear-se.

"Quando algum está doente, leva-se aos pagés para o curarem. Colocam-se em roda. O Pagé principal põe-se algum tempo, como a ladrar ao modo de um cão. Acabando ele, começam os outros com iguais latidos. Entretanto o enfêrmo anda de rastos à roda do círculo dos pagés, dando muitas voltas, enchendo a terra de lágrimas, e o céu de clamores, sem lhe aproveitar o tratamento e cuidado dos médicos, vítima como antes da doença. Se esta é mortal não o ocultam ao doente; e os pais e parentes com paus, instrumentos, ou o que acerta de terem nas mãos, batem à porfia no miserável e lhe aceleram a morte. Cortam o cadáver em pedacinhos e os repartem a todos e a cada um, para o comer, o que fazem com regalo. Se o defunto é casado, o coração e o fígado pertencem ao cônjuge sobrevivente. Dos ossos mais acomodados a isso, fazem flautas; e do crânio, trompas, que tocam na guerra.

[...].

"Quando estavam já perto da primeira Aldeia dos Paiaïases, mandaram os Padres ao Tapuia que fôsse anunciar a sua vinda, que não era a buscar a guerra senão a paz. Os Índios já tinham conhecimento da vinda, pelos seus espias, só duvidavam qual a razão dela e estavam vigilantes, armados e postos à beira dos caminhos por onde haviam de passar. Vencido o pouco espaço que faltava, apareceram os Padres diante dos Bárbaros. Ao saberem o motivo da vinda, perderam o medo e depuseram as armas. O principal aproximou-se a saudar e abraçar os Padres com sinais de alegria. Deram idênticas demonstrações os outros Bárbaros, pintados de várias cores, luzindo as suas penas variegadas e brilhantes, com danças e cantos à sua maneira. São bárbaros, grandes de corpo, e de rosto não tão truculento e feroz como outros, de cabelo comprido, e inclinados à guerra."

An.BaSeq, 1661

Ânua da Província do Brasil de 1659 a 1660. Padre Balthasar de Sequeira. Bahia, 12 de junho de 1661.

Fonte: original no ARSI, Bras 9, doc. XV, ff. 111-119v. Cópia nos ff. 121-129.

Título original: "Annuae literae Brasiliensis Prouvinciae ab anno millesi-/mo, sexcentesimo quinquagesimo nono, usque ad millesi-/mum sexcentessimum sexagesimum annum."

Assinatura: "Bahiae 12 Junij 1661. / B.^{ar} de Seq.^{ra}"

F. 116v: Morte do Irmão Antônio Domingos no Colégio do Rio de Janeiro.

"...Sex supra / quinquaginta annos degit in Societate, uno aetatis saeculo concludens vitam. / Eius funeri sacerdotes maximis templi una cum cantoribus funerali psalmo-/dia parentarunt. [...] /

"In pago Diui Barnabae perpetuis item laboribus quatuor ex / nostris se exercent, siue Indorum doctrinae uacent, siue Lusitanorum saluti in-/dulgeant. [...] Institui-/tur namqß singulis mensibus publica supplicatio, in qua cantoribus sacram / psalmodiem concinentibus Angelorum panis per pagum circumfertur."

An.FrMat, 1664

Ânua da Província do Brasil de 1661 a 1663. Padre Francisco de Mattos. Colégio da Bahia, 25 de junho de 1664.

Fonte: original no ARSI, Bras 9, doc. XIX, ff. 157-168v.

Título original: "Litterae annuae Societatis JESU / ex Brasilia / Ad annos - 1661 - 1662 - et - 1663."

Assinatura: "Ex Collegio Bahiensi anno - 1664 - Junii - 25. / Jussu Patris Joseph à Costa Prouincialis hujus / Prouinciae. / Francisco de Mattos.

F. 166v: residências da Província do Brasil.

"Praeterea omnium annorum sollemnia, quantum loci capacitas / ferre potest, in singulis oppidis Nostri exercent, praecipuè quadragessimalia, / Domini Natalitium, cujusque loci propriam sui templi inscriptionem, et his / alia similia: in quibus omnibus conciones habentur, Missa ad cantorum ar-/moniam celebrantur, supplicationes possibili apparatu loca circumeunt; quibus / secundum quod tempus postulat, uel paenitentiae, uel festiuitatis exempla praeire solent."

An.JoBett.1, 1665

Ânua da Missão do Maranhão de 1665. Padre João Felipe Bettendorf.
Maranhão, 11 de agosto de 1665.

Fonte: original no ARSI, Bras 26, doc. IX, ff. 12-17v.

Assinatura: "in Maranahon[is] 11 Augusti 1665. / [...] / Joannes Philippus Bettendorff."

F. 17v: texto vertical na margem da página.

"Unum monitr' R.^o P.^[ter] [V.^o] [excedit] [circa] sodalitium BV. cujus festum in diem dedicationis templi [incidit] suo indulgentias / habemsis in [falluc] plenarias. [...] Ut hoc festum B. Virginis da Lux seu natiuitatis Deipara' omnes sodalis [ardentor] [lenid]arent summo [sacru'] eum templi nostro honore / [os] ubi [spiro] animarum suem. Coras Imagini Diuae Virgini da Lux sacrâ quotidie omnes parruli [parchtes] tertiã rosarij partes decantant."

An.ManBarr, 1671

Ânua da Província do Brasil de 1665 a 1670. Padre Manoel Barreto.
Colégio da Bahia, 1º de janeiro de 1671.

Fonte: original no ARSI, Bras 9, doc. XXX, ff. 204-217. Cópia nos ff. 222-235.

Título original: "Annuae literae Prouinciae Brasiliae / ab anno 1665 usq̃ ad 1670."

Assinatura: "Ex Collegio Bahyensi I Januarij 1671. / Ex comissione P. Francisci de [Avellar] Provincialis / Provinciae Brasilicae / [...] Emmanuel Barretus."

F. 204: Bahia

"... In nostris Gym-/nasiis literarum studium efflorescit, unâq̃ cum literis amor praeceptorum Dei, ac pro-/bi mores ingeruntur. Lusitanorum prima liberis prima literarum elementa / traduntur, et pro aetatis captu ad elegantiam Christianae disciplinae assuefiunt: Ex / iis non mediocris capitur fructus. Singulis Sabbatis, quâ scholares, quâ pueri sub / uesperem ad nostra templa indesinenter conueniunt, coramq̃ Beatissima Dei Matre / tertiam Rosarij partem alternis decantant ingenua prouoluti, quos viri nobiles non / erubescunt aemulari."

Ff. 204v-205: Bahia.

"Nunc ad Indos, cum quibus nostra maxime desudat industria.. Om-/nibus in pagis haec cum illis co'munis habetur ratio: singulis diebus post solis / ortum quiq̃ pago adsunt, missae sacrificio intersunt, quo peracto, erudiuntur / catechismo, ubi dogmata Christiana, caeteraq̃ fidei mysteria in Indicu' idioma / per eleganter transuersa continentur. Qualibet die lunae sit sacrum pro defunc-/tis in Ecclesia, et saemiterio tumultis, eorumdemq̃ Indorum Chorus modulatur, / quae pro hujusmodi actione instituit Ecclesia. Singulis Sabbatis[,]
Beatae Virginis / salutandae ergo coeunt ad templum, ubi Salve Regina, uel alia por tempore / antiphona ab eisdem decantatur. Sub primum cujuscumq̃ noctis uestibulum / caelibes omnes una cum pueris ad limen Ecclesiae concurrunt, et inde, uno crucem / praeferente, pagum pedetentim ob ambulant, Sanctas, ac deuotas proprio idioma-/te cantilenas proferentes; quae quidem res in audientibus pias ex suscitatur cogi-/tationes. Singulis diebus festis ante celebrationem Missae, Pater, qui pago / praeest, doctrinam Christianam praedocet, deindeq̃ quodlibet fidei Mysterium / seruata ordine dilucidat. Suas quoq̃ sodalitates habent Indi, et quas ex la-/boribus suis comparant pecunias, ad earum ministerium libnter contribuunt. / In diuinis Mysterijs usurpandis sunt assidui. Deueniamus ad Quadragesimam /

F. 205

in qua maiores protuberant in prouentus. Singulis diebus Veneris in area Pagi / septem altaria per circuitum extruuntur, et in illis Dominicae passionis tabellae collocan-/tur: ad initium noctis exit ab Ecclesiae processio, collucentibus circum circa fascibus: / defertur â Patre imago Crucifixi, sanctorum litaniae a Cantoribus recitantur,

anterius / incedit se inhumaniter uerberantium turba, pone' sequitur faeminarum grex accensa / cerea gestantiu', e quarum manibus pendent Rosaria; ubi ad quoduis altare fit accessus, / omnes succidunt in genua, dum aliquod ex responsorijs sanctae hebdomadis canitur epi-/cedium: ter diuina Misericordia implorata, pergitur ulterius, atqß ita peromnia itur / altaria consimiliter. Si uideas inter arbusta circumiacentia emicare flamas, / te prae oculis habere Christi in horto comprehensi effigiem existimatis. Postmodum / ad templum, unde prodierant, se recipiunt, ibi breuis ad eos habetur oratio tempo-/ri accomodata, qua absoluta quinquagesimus Regis Vatis psalmus canitur, ad / cujus sonum secum ipsi flagris, uerberibusqß decertant, tanto cum ardore, ut id / eis spatium, quanuis plerunq' sit longius, per breue uideatur."

F. 207v.

"...Praedicti Indi Sapoyâz quadam ciuilitate ducti, in obendientiam Patris / jurarunt omnes, quando enim volunt, noctu suos efferre cantus, solitasqß ini-/re saltationes, prius student consensum Patris obtinere. Tapuya quidam ha-/bebat filium grauiter aegrotantem, Patrem accersiit, ut super aegrum manus / imponeret, pro eo qß Ecclesiasticas funderet deprecationes; quo facto, aegrotan-/tis Pater alium deinde aduocauit Tapuyam, qui gentilicis cantilenis de-/cumbentem subleuaret."

An.JoBett.2, 1671

Ânua da missão do Maranhão de 1671. Padre João Felipe Bettendorf. São Luís, 21 de julho de 1671.

Fonte: original no ARSI, Bras 9, doc. XXXVII, ff. 259-267v.

Título original: "Littera Annua a P^{de} Joanne Philippo / Bettendorff, totius Missionis status Maragnhonensis / data Anno 1671. Mense Augusto / Ao R^{dum} Ad^m Patrem Nostrum, P^[tri?ter?] Joannem Paulum Oliva, / Præpositum Gn^{lem} Soctis. / IESU."

Assinatura: "in St. Ludouicis in Maranhone / 21 Julij / [...] / Joannes Philippus Bettendorff"

Versão utilizada: documento original, em cópia digitalizada do NHII.

F. 261v: Inauguração da Igreja do Colégio de Santo Alexandre, no Pará.

"Sub decembrem anni 1668 absolutum est templum / Nouum Bethlemi[d] im Para. Illi ardificando [profuis] P Franciscus Velloso / cum esses Superiore Domus S^{ti} Alexandri: est ob latitudinem, longitudinem, / et altitudinem proportionatum ad modo elegans, est amnium [?ujus, ?atus] / facile Princeps. Illud ego dicassi S^{to} Francisco Xauerio, et in emis Nomine / chorum músicúm facientibus fratribus B. Virginis de Mercede, cum licentia / Vicarij Generalis Joannis Pereira Pimentel, nobis amicissimus, [hunc grauter] / decumbentis benedixi."

F. 263.

"... ac belle tuo mero barbaro picta, choreas instituébans / uisaque libelant noctuque...
"... et mulieriubus [?] differentibus sese ingurgitarens; ac domum ad choreas [scu-/paraces], est uocant, disi noctuqß continuandos redirent."

F. 264.

"Hac per quadragesima Conciones habui pomeridianus im templo / nostro, et P Gaspar Mich fecis Praticas [, cū] meditationes confluxū / populi solito. Nec depuis Patri Francisco Velloso [alijsquod agerens]. / [nam prates ?líssimas] Confessiones, alijs in templis concionabantur. / Post Pascha, [nunc soni], nunc alij pagos docendo ac sacramenta ministrado / [obiúimus]. [Visitareram] Residencia S^{ti} Josephi, in qua resideba Pater / [Peans] Franciscus [Salus] sexagesima zelosissimus; cum ecce quodam nocte ad me / uenit [Induit] dicens esse quodam in pago Indos magos; qui ficté confessiones / audirent, diabolo loquerentur, omnemqß populum ad choreas ac cantus / tanquam ad unicam salutis uiam [?]; [?] singulis noctiens Choreas / illas dicei omnibus in [?] Principalis congregatis."

F. 265v: Igreja de Santo Alexandre, outubro de 1669.

"Sacrarium etiam insigne et altum, totum [decantatum] opus / denique quo melius Ulyssipone non [?]."

F. 266v.

"[Ud ut uenestare uide] digressa [est ?] tribus illis diebus / insignem Musicam [?] mane usque ad Vesperam habuimus P R Patres Carmelitas. Magnus / fuit populis [conciones]..."

An.JoBett.3, 1672

Ânua da missão do Maranhão de 1671. Padre João Felipe Bettendorf. São Luís, 15 de janeiro de 1672.

Fonte: original no ARSI, Bras 9, doc. XLI, ff. 298-305v.

Título original: "Litterae annuae Missionis Maragnonij Anni 1671 / a P Joanne Philippo Betendorff totius Missionis / Superiore scriptae, ad R[^o] Ad^m Patrem N^{trum} / Joannem Paulum Oliua / sub initium Anni 1672."

Assinatura: "S^{ti} Ludouici 15 Januarij 1672. / [...] / Joannes Philippus Bettendorff."

F. 301v.

"... Initis his pacis conditionibus publicum / instrumentum composui deminoque Gubernatori obituli, qui illu[m,d] / subsignauit, ac tum coacto [Prolatonim] Religionum, ac senatorum / primariorumque status [rirorum] coetu, in Palatio suo, conditiones / illas me [Prazide, Praeside, Brazile] (Societati Nostr[os,ae] sibi amicissim[is,ae] honoranda gratia) et / Patre Petro de Pedroza Indorum allorum, Augustini inquam Principalis / maxime generi familiarissimo, interprete iuramenta in solemni forma / data excepit: ac [tum], [me] consulente, eundem Patrem Petrum de Pedroza / cum insigni tibicine ac militibus, timpanista etiam, ac omnibus / ad agros excolendes instrumentis deniq^ß pano, tabaco [senbeta], et / uino ad [usto] probe instructum misit in Itapecum, ubi duct [illae, illud] / nationes barbar[ae, as] stationem suam fixerant, ut illu inter tubarum / ac timpanorum strepitus, bombardarumq^ß explosiones, perpetu[a] [p,f]acis / conditiones publicarentur."

F. 303v: entrada do Padre Manuel Nunes no Tocantins. Carajás:

"... Ibant hi in / viginti quinque cimbis, omnes probe armati et instructi arcubus ac sagitis / alijsque suonum bellorum instrumenti."

An.JoBett.4, 1672

Ânua da missão do Maranhão de 1672. Padre João Felipe Bettendorf. São Luís, 28 de agosto de 1672.

Fonte: original no ARSI, Bras 9, XXXVIII, ff. 284-291v.

Assinatura: "in Sti. Ludouici in Mara-/nhone 28 Augustii 1672 / [...] / Joannes Philippus Bettendorff"

Versão utilizada: documento original, em cópia digitalizada do NHII.

F. 284v:

"Anno 1671 instituimus quadra-/ginta horas in nostro templo ad instantiam Congregatorum Totalitis Divae Virginis / da Luz; magno apparatu, ac populi confluxu hoc, ac precedenti anno celebrati / sunt. Totum templum alummo usqß de orsum picturis fuit coopertur; / Altare summum, in quo ex sublimi Throno apparebat Sanctissimum Sacra-/mentum, totum auro, argentoqß fulgens, cereis albis quam plurimis prolucens, / erat usquequaque ad populi stuporem ornatissimum. Diebus singulis / â Reuerendis Patribus Carmelitanis sacrum solemne cum uesperis seu com-/pletorio, suaui uocum, ac instrumentorum musicorum concentu decantatum est."

F. 287: Residência de São João Batista no Vale Mortigura.

"Anno 1670 uenerunt Indi Aroaquizes, qui quindecim ex ui-/ginti pagis suis, ab incolis S.^{ti} Pauli ui abductos nobis sunt conquesti, di-/centis uenire se â parentibus suis [missas], [...] Fuerat Governator / ad inuisendum fortalitium Gurupense, et in reditu in Capitania sua Camu-/tensi constiterat sub finem quadragesimo cum Patre Emmanuele Nunes / Profecturailius ut â me dictum est Missionario. Quamobrem eodem ego / cum [duce turmo], alijsqß tum militibus, tum etiam Indis hinc [nono, nouo] missione / destinatis [perrexi] hebdomadam sanctam eo quo fieri potuit modo, quasi / in urbe essemus, bis me ad populum uerba faciente, et instituta solemni pro-/cessione, non sine multis disciplinantibus transegimus, [eoqß apparatu], secundo / die à Paschata, Patris missionaribus cum [duce], ac militum manu septem / cimbis uectus, inter tubarum clangores, et bombardarum explosiones dimisi-/mus, quo facto ego cum domino Governatore [reuersus] sum in Para, et inde / in Maranhonem."

An.JoBett.5, 1674

Ânua da Missão do Maranhão. Padre João Felipe Bettendorf. Belém do Pará, 25 de março de 1674.

Fonte: original no ARSI, Bras 26, doc. XX, ff. 35-36v.

Assinatura: "Bethlemi[?] magn[i] Para. 25 Martij 1674. / [...] / Joannes Philippus Bettendorffis."

F. 36: São Luís do Maranhão.

"In S^{ti} Ludouici in Maranhone, anno elapso ab defectum pluris[ae] / per totum fere annum, summa fuit [renim] omnium penuria, et siccatis / fontium uenis multi bon'es perierunt. atqβ ob illam etiam causam Templum / nostrum quod ex lapide nouum et amplum molim[ur] aedificari non potuit. [...] P Petrus Aloysio Gonsalui / ad longinquam missionem Indos [adducturris] cum Lusitanis [semexit, perrexit]. / in templo nostro eius urbiis solemnitas quadraginta horarum, magno populi / concursu ac deuotione peracta, et eadem quadragesimam totam transegerunt [.] / Patre francisco Vellozo diebus Veneris [stationes] magno fructu et populi / fletu habente."

An.PiCon.1, 1678

Ânua da Missão do Maranhão de 1678. Padre Pier Luigi Consalvi.
Maranhão, [14] de agosto de 1678.

Fonte: original no ARSI, Bras 26, doc. XXXII, ff. 52 - 55v.

Assinatura: "Maragnoni / [14] Augusti 1678. / [...] / Petrus Aloysius." [Padre Pier Luigi Consalvi].

Versão utilizada: documento original, em cópia digitalizada do NHII.

F. 53: Pará.

"Resid.a alia S. Crucis [Antinasia] ...

"Visitau, et me coram iterum aut erecta, aut instaurata templa, et sacella / turmatim accensu' erudiendi, et Baptizzandi, in Confessionibus expiandi, [z]efici-/endi Angelice Pane, matrimonio iungendi, missae sacrificium ueneraturi, ora-/tiones et precatiunculas tota cortis diuotione recitando, uel cantando pronuncia-/turi, ex liquidiss.^o gaudio festiuas choreas chorosqß ducentes cu' laetabundis fletibus / Presto fuimus infirmis, et nonnolorû posto Baptismû funera excepimus hilaris / famê..."

An.PiCon.2, 1679

Ânua da Missão do Maranhão de 1679. Padre Pier Luigi Consalvi. São Luís do Maranhão, 20 de setembro de 1679.

Fonte: original no ARSI, Bras 26, doc. XLIII, ff. 71-76v.

Assinatura: "Ludouici Maragnon.^[is] . 20 7bris 1679. / [...] / Petrus Aloys Consaluis."

F. 75v: Colégio do Pará.

"Quotidiae, quo[a]d licet missam celebrauimus et nullus dies festus uacuu praeteriit, tertia[m] / quoque' Rosarij partim cum Litanijs SS.^a Dui Genitricis recitauimus, cor unum, et a-/nima una Quingenti & Belli Auces, et praecipue Generalis addietissimus nobis, qui ni-/hil sine nobis mouebat, aut abnuentibus nobis. In diebus solemnioribus Sanctorum / aut Xpi Domini, et Spirictus Sancti, uix duo sacerdotis P. Gondisalus di Veras, quem cum Fra-/tre Coadjutore socium habitam Con[fitici], et Eucharistiam sumere uolentibus satisfaci[?] / bamus ad mult[u,a]m noctem uigilantes in ipsis audiendis, quos Verbi Dei [e,o]pulo Lusitano, atq. indico sermone reficiebamus inter missarum solemnia."

An.FeCoel, 1679

Ânua da Província do Brasil de 1670 a 1679. Padre Felipe Coelho. Colégio da Bahia, 15 de julho de 1679.

Fonte: original no ARSI, Bras 9, doc. XXXII, ff. 237-249.

Título original: "Annuae litterae Provinciae Brasiliensis / ab anno 1670 usque ad annû 1679."

Assinatura: "Ex / Collegio Bahyensi 15. Julij 1679. / Exco'missione, et iussu P. Jozephi de Seyxas hujus Pro-/uincia Provincialis. / [...] Philippus Coelho."

F. 237v: Colégios e aldeias em geral.

"Accedamus ad uiciniora nostri instituti. Lusitanorum filii scholas / nostras frequentant, in quibus praeter litteras humaniores, & Philosophiam, / etiam Theologia scholastica, et moralis per legitur, satis frequenti audientiu' / concursu. Ubi simul mores bonos, pietatem, doctrinam Evangelicam, et Re-/liqua, quae sunt hominis Cristiani condiscunt. Singulis sabbatis â scholis / ad templum convolant, et alternis Diuae Virginis coronam, seu tertiam Rosa-/rij partem ante sacram ejus aram modulatis vocibus decantant."

F. 238v: Aldeias em geral.

"Venio tandem ad nostros Indos, siue Brasilos, in quorum cul-/tura, et reductione [potissimum] Missionariorum nostrorum desudat opera, / et labor indefesus; [...]. Tum longo ordine per pagum procedentes, crucis signo ante e-/unte, orationes pias idiomate proprio concinunt. Sabbatis diebus ad / aram sacram confluunt, ibi qß Diuam Virginem solitis precibus ad / sonos musicos venerantur."

F. 241: Ritual do "Vuam Kidzan" (Varakidran).

"...Nocte cantores vanissimos / periclitanti adhibuere. [...] Profani cantus sub [also, alio, alto] noctis silentio in vicinia perstrepebant; et licet / sub his diebus januis nostris frequentiores adessent per astutiam, ipsi / tamen rituum Praepositi in rei suspicionem nos adducebant: ..."

F. 243v: Morte do Padre Gondçalvus Pereyra, Coadjutor Espiritual.

"... Plurima de CoSuperior / Missionis Kiririnensis Pagi à S. Theresia dicti, cui quinquennio conuixit, / perscribit, quae justum volumen explerent. [...] Ipse latomum, pictorem, sartorem, tornearium, musicum agere visus est, / quae omnia solidarium virtutum splendor, animarum qß zelus illustriora red-/didit."

An.MaCorr, 1693

Ânua da Província do Brasil de 1693. Padre Manoel Correia. Bahia, junho de 1693.

Fonte: original no ARSI, Bras 9, doc. LVIII, ff. 378-386v.

Título original: "Annuae litterae ex Brasilia. / Datae Anno MDCXCIII."

Assinatura: "Bahyae in Brasilia Kal. Junij Anni / MDCXCIII. / P.tris [V.ae]
Seruus in Chto. / Emmanoel Correa."

Publicações:

1. Parcialmente em LEITE, **História**, vol. 5, pp. 277-278, em tradução para o português, com o título **Carta ânua do Padre Manuel Correia**.

Versão utilizada: documento original e publicação em LEITE.

Documento original:

F. 382v: Tapuias, ritual do Varakidran.

"Duces / uerò saltatium, seu [choraules] cucurbitarum perforatarum cor-/tices ante ora gestantes, selectio quarumdam uoluerum ossibus, / quasi tibij utuntur, ad sibilandum potius, quam ad canendum."

F. 383: Cura por um pagè dos Moritises (Moritizi), um dos tapuias.

"Cu-/ratio autem malè [tornatis] carminibus, fumigatione, et uapora-/tione constabat."

Ff. 383v-384: Aldeias tapuia Jurû, Cannabrava, Saleo e Anatûba.

"Inter sunt sacro, silent reuerenter ante / aram; attentè docentem, et cathechizantem audiunt; auditaque / memoriter repetunt. Ineunt matrimonia ad ecclesiae leges stabilia; / à supertitiosis ritibus abstinent; dies festos Deiparae Virginis, ac /

F. 384

Diuís tutelaribus sacros certo precum penso, et instrumentis musi-/cis agunt, ad numerum canere, et psallere à magistris aliunde[ae] / auitis edocti."

Publicação em LEITE:

P. 277 (f. 383).

“Os Moritises (em latim Moritizii), outro género de Tapuias, colocavam também nos seus Pagés, que chamam Bisamuses, tôda a sua esperança, e os chamavam logo que estavam doentes. A cura constava de cantilenas desentoadas, fumigação e aspiração, e com gestos descompostos, atribuíam enganosamente a causa das dores do padecente, ou a êles ou aos seus parentes do lado paterno para que julgassem que morriam por feitiço e deixassem como em testamento aos filhos, o desejo de vingança. Desta maneira quási todos cuidavam que morriam por causa dos seus inimigos, e assim, cada morte se tornava sementeira de outras. E não poucos, por êstes crimes alheios, eram queimados, por insinuação dos feiticeiros, sem temerem castigo entre os Bárbaros êstes semeadores de discórdias e autores do mau conselho.”

P. 298: Ritual indígena do Varakidran (f. 382).

“Enquanto isto se passa dentro da Cabana, no terreiro os moços mais robustos, todos emplumados de várias côres, e com riscas negras no corpo, andam à roda das esteiras, que fecham a cabana, em danças desordenadas e gritaria desentoada. Os chefes da dança e do côro, trazem cabaças vazias e furadas diante do rosto, e usam flautas de osso de certas aves, mais para sibilar do que tocar, cujos ossos têm em grande estima, e guardam com grande veneração, durante o ano. Desta maneira se estende a festa por três ou quatro dias, até que saem da cabana os velhos ébrios do fumo e concluem a festa com os seus vaticínios.”

An.AIGus.1, 1694

Ânua da Província do Brasil de 1694. Padre Alexandre de Gusmão. Bahia, 30 de maio de 1694.

Fonte: original no ARSI, Bras 9, doc. LXI, ff. 394-400v. Cópia nos ff. 402-407.

Título original: "Annuae litterae ex Prouincia / Brasilica / Roman missae anno 1694."

Assinatura: "Bahyae / 30. Maij Anni 1694. [...] Alexandre de Gusmaão."

Ff. 405v-406: Rio de Janeiro.

"... Sacerdotes deinde linteati, quotquot in urbe degebant, Sanctum /
F. 406.

Sebastianum, ejusdem Urbis patronum, et pestilentis morbi expulsorem, /
anteibant; [...] Claudebat de-/nique supplicantium ordinem Sacerdos ê Nostris,
Christi Domini Cruci-/affixi imaginem ferens, multo subsequente Populo,
Cuius que grauioribus, / et cantorum turba, per uias, atque in Templis
psallentium."

F. 407: Seminário de Belém da Cachoeira.

"Seminarium Bethle-/micum mirifice / auctum, et exeo / bona messis collecta.
/ Postremô in Sodalitijs scholasticorum, piorumque civium, sese in Sacris /
commentationibus Sub uesperam cum flagellatione exercentium, nec non in /
laudabili, Sanctissimo que exercitio eorum, qui se ad mortem piê obeundam /
parant in Templo, cum adhortatione efficaci; precipus que decantatis, dili-
/genter, et cum animorum emolumento laboratum est."

An.AIGus.2, 1695

Ânua da Província do Brasil de 1695. Padre Alexandre de Gusmão. Bahia, 6 de julho de 1695.

Fonte: original no ARSI, Bras 9, doc. LXII, ff. 410-415. Cópia nos ff. 420-425.

Título original: "Annuae literae ex Brasilia / Anni 1695."

Assinatura: "Bahyae 06 Julij 1695 [...] Alexandre de Gusmaão."

Ff. 413-413v: Colégio do Recife.

"... Donatae pas-/sim inimicis injuriae etiam à Potentioribus ad uindictam / paratis: remotae insidiae in aliquorum perniciem / structae: relictæ peccandi occasiones inveterata jam / consuetudine detestabiles: satisfactum publicè ijs, qui /

F. 413v

publica injuria fuerant affecti, ac dehonestati; restituta per / retractationes Bonorum fama jam uiolata: excitati ubique / Indigenae ad sacramentorum frequentiam, et ad Deiparae Virginis / cultum, laudesque Rosario contentas statis temporibus decantan-/das; ..."

An.ALGus.3, 1696

Ânua de 1695. Padre Alexandre de Gusmão. Bahia, 5 de maio de 1696.

Fonte: original no ARSI, Bras 4, doc. V, ff. 8-11.

Título original: "Annua in sacra cateche-/sis."

Assinatura: "Bahiae 5 May Anni 1696. / [...] / Alexandre de Gusmaõ."

F. 11: Seminário de Belém.

"Noua Seminarij Bethlemici extra Urbem incrementa / sunt, ampliores Aedes extru[c]tae; Alumnorum undique adueni-/entium numerus, qui hodie supra octoginta censentur; eorum / institutio in literis, cantuque ac christianis moribus diligenter / adhibita; ..."

An.MiAnt, 1696

Ânua da Província do Maranhão de 1696. Padre Miguel Antunes. S/l [Maranhão], 1696.

Fonte: original no ARSI, Bras. 9, doc. LXIV, ff. 426-431.

Título original: "Annuae Maragnonensis An. 1696"

Assinatura: "Miguel Antunes".

Versão utilizada: documento original, em cópia digitalizada do NHII.

F. 426.

"Logo pella manham costumam os Missionarios dizer Missa / aos seus Neophitos, e acabada ella ensinam as oraçoens, e os principaes / Mystérios de nossa S.^{ta} Fé, e o mesmo fazem a tarde antes da ladainha, sendo / assim, q se ha alguns Catecumenos repetem mais vezes entre dia a Doutrina / Christã, p.^a q mais de pressa possam estar habeis p.^a receber o baptismo, o q se faz / com suma difficuld.^{de}, por serem estes Indios de muy pouco cõprehençam, e ente-/dimento mui limitado p.^a perceberem couzas q excedem o material, como direi / mais abaixo."

F. 427: Descrição de rituais indígenas.

"Andam de ordinario em guerra, q fazem contra todos, que / não são de sua lingua; [...] acabado o conflicto / se retiram a festejar a victoria, e o gosto, com q os afremeyam [?], he formados ca-/valeiros na forma seguinte: juntance todos com suas bozinas, e formã-/do hum coro de desentoadas vozes, começam [?] [...].

"Nam deixam tambem de fazer esta experiencia, ainda q de / diverso modo, ás mulheres q querem cazar; porq entam se juntam todos / em festas, e fazendo huâ grande dança levam as pertendentes cada huâ / com dous manguitos feitos de palha cheyos de formigas rayvozas [...], e assim as levam / entre duas mais velhas e nobres, e tudo isso sofrem com paciencia q se fora / por amor de Deos lhe serveria de hum g.^{de} martirio; [...].

"Quando algum morre se convidam todos os parentes ao la-/mentarem, o q fazem por varios dias conforme a qualidade do defunto; / aos q não sam parentes lhe pagam por chorarem, e isto de tal sorte, q apen/nas se conhece se choram, ou se cantam;"

Ff. 430-430v: Outro ritual fúnebre.

"Nam eh bem passar em silencio, o q aqui me succedeo / com um indio antigo Christaõ desta Aldeya. Morreolhe a este / hum sobrinho; e no fim de tres dias tocou huâ bozina em ca/sa, costume q tem em seos mattos, dizendo que dançam fora / a alma do defunto. Chameyo, e reprehendendo deste abuzo, me respon-/deo q o não fizera por crer q as almas ficam em caza, pois bem / sabia que sahindo dos corpos hiam logo para o lugar, que Deos lhes / tinha determinado, com que indoce p.^a a igreja, e ouvindo missa tor/nou outra vez acompanhado de tres meninos innocentes, e pondoce to/dos de joelhos me dice: eu creyo, P.^e, tudo aquillo, que vos me tendes / ensinado acerca da fé cattolica, que professo; verdade he que hoje/

F. 430v

fis aquella acçam, q vos scandalizou tanto, [...] mas como eu não seja merecedor de alcansar o perdaõ, / trago aqui estes innocentes por intercessores diante de Deos."

An.JoAnd.1, 1699

Ânua da Província do Brasil de 1699. Padre João Antonio Andreoni. Bahia, 5 de abril de 1699.

Fonte: original no ARSI, Bras 9, ff. 440-444.

Título original: "Annuae literae ex Provinciâ Brasilicâ / ad Admodum Rev^{dum} Patrem Nostrum datae / anno 1699."

Assinatura: "Bahia 5 Aprilis anni 1699 / [...] / Joannes Antonius Andreonus"

Versão utilizada: documento original, em cópia digitalizada do NHII.

F. 443: Seminário de Belém.

"Denique ut de seminario Bethlemico, ejusque incrementis nonnulla pro coronide adnec/tam; ex acceptis à Rectore Literis hoc anno constat: in eos duos et nonaginta conuictores in Pietate, / ac literis à Magistris nostræ Societatis formari; et numerata pecunia à Parentibus ali. [...] Instructio Adolescentum, eorumque directio, abs/que ulla perturbatione, suavis, ac facilis; cum nemo hactenus inuentus sit, qui erga Superiores minus de / misse se gesserit; aut Praeceptorum repugnare prænempserit, siue reprehensus, siue destinatus ad uerba. / Ab omnibus diurnæ preces matutinæ, meridianæ, ac uespertinæ Deo exactè soluuntur, ac publicè. Ad sin-/gularem Deiparæ cultum in sodalitiis Dominæ à Floribus nuncupato, bis per singulas hebdomadas / excitantur. Frequens apud illos sacramentorum usus, uoluntaria corporis castigatio, examen conscien-/tiæ, et Musicus cantus sub externo Magistro, à quo post Literarum studium instituuntur; ut diebus / festis in Templo Religioni, ac Pietati seruiant, sancta, dulcique Audientium uoluptate, melodiam / illam, et cum ordine conjunctam modestiam admirantium."

An.JoAnd.2, 1700

Ânua das missões. Padre João Antônio Andreoni. Bahia, 10 agosto de 1700.

Fonte: original no ARSI, Bras 9, doc. LXVIII, ff. 445-448v.

Título original: "Brasilia / anno 1700 / de Missionibus."

Assinatura: "Bahiae 10 Augusti Anni 1700. / Mandato P. Prouincialis / P.tris
V.ae [...] Joannes Antonius Andreoniis."

Ff. 445-445v: Atividades dos padres nas aldeias em geral.

"... Cumqu[ae,e] excipiendis confessioni-/bus ipse praesul, aequè ac Missionarius assiduam operam /

F. 445v

daret; gaudio utqu[e,ae] exultabat, maiorem tam sanctae expeditio-/nis utilitatem cernens, aliorum oculis sub sacramentali / uelo contextam: creuitque praesertim in eo amor erga societa-/tem nostra, postquam in Pago uidit, qua pietate Indi à / Superiore instituebantur in Fide; qua attentione sacrificanti / assistebant; et quam bene' ad numeros musicos diuina officia / celebrant. Quae omnia commemorauit deinde in Collegio, et / honorificus uerbis collandauit, pro socio sibi tradito iterum [ut,at]-/que iterum gratias agetis in diocesi lustranda."

An.AnRodr, 1700

Ânua da missão que fizeram dois religiosos da Companhia de Jesus em algumas vilas de São Paulo em 1700. Padre Antônio Rodrigues. Colégio de São Paulo, 24 de dezembro de 1700.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 I, doc. II, ff. 5-7v.

Título original: "Carta Annua da Missão q fizeram / dous Religiosos da Comp.^a em algûas uilas / de S. Paulo no anno de 1700 p.^a o P.^e Fran.^{co} / de Matos da Companhia de IESU Prouincial / da Prouincia do Brazil."

Assinatura: "Collegio de S. Ignacio da vila de S. Paulo 24 / de Dezembro de 1700. / [...] / Antonio Rodriguez."

F. 6v: Vitória dos padres sobre o paganismo dos índios.

"... E por / ella teriaõ hoje no Ceo inexplicauel gozo os Anjos da gloria, e cantariaõ em al-/ternados hymnos o triumpho desta uictoria, q pera Deos naõ pode ser maior, nem / mais gloriozo."

An.MaPed, 1701

Ânua da Missão da Serra de Ibiapaba. Padre Manoel Pedroso. S/l, 20 de outubro de 1701.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 I, doc. III, ff. 9-12v.

Título original: "Carta Annua do que se tem / obrado na Missaõ da Serra de ybyapaba p.^a / o P.^e Francisco de Mattos da Com-/panhia de IESU Prouincial da / Provincia do Brazil."

Assinatura: "20 / de Outubro de 1701. / [...] / Manoel Pedrozo."

F. 9v: Juntam-se 3 aldeias em uma.

"Acabada a Aldeya, e a Igreja se collocou nella a imagem da So-/berana Virgem Senhora, nossa da Assumpsaõ, leuandoa em huma grande, / e bem ordenada procissaõ a Igreja, adonde se disse Missa, e se fes sua ex-/hortaçã aos Indios. E pera mayor celebrid.^e da festa, se administrou o Ba-/ptismo a uinte e cinco cathecumenos, dos quais oito se cazaraõ taõbem no mes-/mo dia. Assim neste dia como nos dous seguintes foi festejada a Se-/nhora com danças, carreiras, e lutas dos Indios, pondose seos premios p.^a osq / melhor o fizessem."

An.JoAnd.3, 1707

Ânua das missões. Padre João Antonio Andreoni. Colégio da Bahia, 21 de novembro de 1707.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 I, doc. XVI, ff. 54-57v.

Assinatura: "Ex Collegio / Bahiensi 21 Nouembris Anni 1707. / [...] / Joannes Antonius Andreonus."

F. 56: Colégio do Rio de Janeiro.

"In Templo Collegij Fluminis Januarij cum / Auditor Generalis Indexque manifesto, et implaca-/bili arderent odio; nec Gubernator Urbis, nec Epis-/copus crescentem in dies ignem extinguere potuis sunt, / Concionat[oris] nostri sermoni usus est Deus, ad hoc / scandalum magna cum laude amouendum. Ver-/ba enim is faciens die Caenae Domini sacro, ita / de odio ab omnibus dependendo antequam ad sumen-/dum Sanctissimum Christi corpus accederent, effi-/caciter Loquutus est; ut de Auditore ibi adstante / triumphum nobilem, Deo bene iuuante rep[er]it-/uerit. Egressus namque è Templo Judicem domi / manentem conuenit; amicabiliter salutauit; praeteriterum se oblitum dixit; et uespertino tem-/pore ambo in solemni supplicatione, spectante / ac mirante Populo, unanimes processerunt."

An.AnPaes, 1712

Ânua do Rio de Janeiro. Padre Antônio Paes. S/I [Rio de Janeiro], 14 de maio de 1712.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 I, doc. XXIII, ff. 86-90v.

Título original: "Annua Fluvii Januarini Colle-/gii Epistola ad R. P. N. Michael-/lem Angelum Tamborinum Societa-/tis IESU Praepositum Generalem."

Assinatura: "XIV Kalendas Maij. MDCCXII. / [...] / Antonius Paez."

Observação: é a mais antiga ânua do Rio de Janeiro.

Ff. 87v-88.

"Conciones quadragesimâ, aduentu, et reliquo anni / tempore solitis a nobis festis prouentu non contemnendo ce-/lebratae: Dominicis praesertim quadragesimae diebus pomeridiano / tempore tant[us] ad conciones audiendas concursus fiebat, ut nos-/tri Collegii templum multitudinem non caperet; [...] / F. 88

Prae-/teria singulis hebdomadis, dominicis diebus, conciunculae haben-/tur in foro, quibus etiam diebus, nostrarum scholarum ab alum-/nis, e Collegii templo, ubi conueniunt, ordinatè procedentibus, doc-/trinae Christianae capita, ita piè ac suauitè decantantur, ut ad / canentium uoces confluant opidani, plurimi que eos insequan-/tur, donec aliquod urbis in templum se recipiant; ubi fidei nos-/trae dogmata explicantur maximo cum auditorum prouentu."

An.JoAnd.4, 1714

Ânua da Província do Brasil de 1714. Padre João Antônio Andreoni. Bahia, 15 de junho de 1714.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 I, doc. XXV, ff. 104-108v.

Assinatura: "Ex Coll.^o / Bahiensi die 15. Junij Anni 1714. / [...] / Joannes Antonius Andreonus."

Ff. 108-108v: Seminário de Belém.

"In Seminario Bethlemico in dubium meritò / uocari potest, [An] Patres ibi uersantes plus sint / Alumnis [proficui], an externis, concursus enim accedentium ad confessarios, et concionatores, praesertim / quadragesimali tempore, Festisque solemnibus, Christo /

F. 108v

Domino, et ejus Sanctissimae Genitrici dicatis, talis / semper est, qualis in frequenti urbe spectatur: lau-/dantique operarij in Templi, denique impigrè labo-/rantes."

An.JoAnd.5, 1714

Ânua da Província do Brasil de 1714. Padre João Antônio Andreoni, Bahia, 24 de dezembro de 1714.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 I, doc. XXIV, ff. 92-97v. Cópia nos ff. 98-103v.

Assinatura: "Bahiae / 24 Decembris, Anni 1714. / [...] / Joannes Antonius Andreonus."

F. 95: Colégio de Olinda. Morte do P. Franciscus Camelo, Reitor, em 17 de dezembro de 1713.

"Ad fuere ejus Funeri omnium Religiosorum Fami-/liorum, Olindae commorantium Superiores, Maio-/ris Ecclesiae canonici, et grauiores è Nobilitate Ci-/ues; et a Carmelitani ordinis Patribus solemne / sacrum factum, concentu musico, et Prouincia-/lis praesentia exornatum; ipso Conuentus Superiore / in summo Altari ministrante."

F. 96: Solenidade pela morte do P. Matthaei Pachequi no Colégio de São Paulo. "Sacerdotes Sodalitij Diui Petri, cum / geminato Musicorum Choro, adstantibus Religio-/sorum Familiarum Patribus, et Nobilioribus ci-/uibus, Exequias illi in nostro Templo soluerunt, / in meriti amenis significationem, quo statim sibi / omnes deuinxerat."

F. 97v: Dificuldade de se realizar cultos nos estabelecimentos em geral. "Cultus, ornatusque in Nostris Templis, non ubi-/tante temporum difficultate, alicubi bene, alicubi me-/diocriter auctus, uel a Rectoribus, uel a Pijs Homi-/nibus, hac in parte laudandis; quia in Deum, Deipa-/ramquae, et Sanctos, pro uiribus, liberates."

An.PINun.1, 1716

Ânua da Província do Brasil de 1716. Padre Plácido Nunes. Bahia, 8 de julho de 1716.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 I, doc. XXVII, ff. 112-119. Cópia nos ff. 120-128.

Assinatura: "Bahyae in Brasilia / IIX. Kal. Jul. anni MDCCXVI. / [...] / Placidus Nunez."

F. 116: Solenidade na Vila de Paranaguá.

"... In Ipso oppido Paranaguensi, quod caput missionis est ad / Australem plagam Argentes flumini ferè Conterminam, praeter consueta nostri or-/dinis festa per annu' recurrentia, quae pro Loci tenuitate non sine pompa pera-/guntur, inducta etiam solemnitas quadraginta horaru' ex scito magistratûs; ad ditae super, eodemmet adnitente, de Passione Domini Conciones in majori je-/junio."

An.PINun.2, 1717

Ânua da Província do Brasil de 1717. Padre Plácido Nunes. Bahia, 13 de agosto de 1717.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 I, doc. XXVIII, ff. 130-135v.

Assinatura: "Ba-/hyae in Brasiliâ Id. Aug.an. M[DCCX]VII. / [...] / Placidus Nunez."

F. 133v: Colégio do Recife.

"...Satis [decôre] celebrata festa anno recurrentia; [...]. B.^{ae} / Virginis Sodalitu seruant eundem, quem antea', perfectionis tenorem. Alteru' externoru' / e ominu' magno passu graditur ad uirtutum, et miros ubiquè concitat sui plausus. Conciones / ibi Dominicis pariantur; praeterquam quod nulla solemnior dies alia sine hâc lineâ."

An.MaRib, 1718

Ânua da Província do Brasil de 1717. Padre Manoel Ribeiro. Bahia, 10 de agosto de 1718.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 I, doc. XXX, ff. 175-178.

Assinatura: "Bahyae die decima Augusti anni millesimi septin-/gentesimi decimi octau." No verso: "Emmanuel Rib.ro."

F. 177: Cerimônia pela beatificação do Padre João Francisco de Régis, em Olinda.

"...Itaque celebrationis, ac publici cultûs sortitae inter se / dies, Carmelitanae familiae primus obrigit, secundus Benedictinae, tertius tandem Reverendssi-/morum Canonorum Collegio. Sacrae funciones, et divina officia peracta, quâ maximâ potuit / pompâ; ex gratâ adeo, officiosa que aemulatine, ut certum haud quaquam sit, quaenam earum / alteri in obsequio cederet, aut in cultu prior, potior ut haberetur. Transacto triduo (id enim tem-/poris sacris solemnis indictum) publica instruitur supplicatio. Hanc ornatum confluerant / omnes urbis sodalitates; et aequato utrimque ordine praecedebant, tanquam pompae anteludia. / Instructo â dextera, laeca que agmine, mediae praeferebantur thensae, holoscricis intextae velis, / intermicantibus lapillis, aureis que taeniis, ac argentiis distinctae. Erant [hae] omnino quindecim; / quas certis distantis interuallis, insigni ornatu uestium, mira que uarietate, praeibant puerorum sal-/tantium chori: sunt ea in urbe hujus artis, canendi que peritissimi. Igitur in uarias turmulas / distributi (erant enim numero quadraginta) ea corpus uenustate, ac [uocum, uocem] modulate uibrabant, / ut attemperata ad numeros specie, concentuque, qua secunque ferrent, mira desigerent admira-/tione intuentes."

F. 177: Colégio do Recife.

"... Nam cum / ante conductum ad celebritatem diem festi per Collegium disponderentur ignes, tota urbe / iidem statim collucere uisi sunt. Nec in urbe modo tanquam praegaudio minore, quasi que / non caperet, sed admare etiam translata est scena. Armatae nauculae, et ignibus / coronatae, infestis concurrentes proris, et pugnae simulachrum innoxie cientes, gratum / oculis praebuere spectaculum. Sed ne usu aures, atque oblectatione priuarentur, perso-/nabant interim suis etiam inuecta nauculis bellica instrumenta, musices que concentus."

An.JoHon, 1719

Ânua da Província do Brasil de 1719. Padre João Honorato. Bahia, 16 de setembro de 1719.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 I, doc. XXXII, ff. 210-214v.

Título original: "Literae annuae Prouvinciae Brasilicae / anni MDCCXIX R.do admodum P. N. / P. Michaeli Angelo Tamborino Socie.^{is} / IESU Praeposito Generali."

Assinatura: "Bahyae / decimâ sextâ Septembris anni MDCCXIX. / P. V.ae/ Ex mandato P.is Prouincialis / [...] / Joannes Honoratus."

F. 210: Colégio da Bahia.

"... In excipiendis rusticorum manci-/piorum confessionibus, ad quas, urgente necessitate, modò impransuz, modò insomnis / accedebat, singulari zelo enituit; quem pariter in promouendâ deuotione erga / B.mam Virginem Sub Rosarij título aliquot annis exhibuit; solebat enim domi-/nicis diebus ad ejus [Rdem, Aedem] ultro ire; ibi qđ nigellos utriusqđ sexûs confluentes ad Ro-/sarij preces B.ma Virgini persolvendas, ad decantandas incitabat, et quae singulis / ad salutem necessaria erant, proprio illorum sermone ê suggestu postea tradebat."

Ff. 211-211v: Colégio do Rio.

"Prae-/ter publicas, quae ad Collegiorum Januas distribui solent, eleëmosynas, [P]livatae eti-/am iis erogantur pauperibus, qui prae pudore ad uictum necessaria palam petere /

F. 211v

non audent. Traduntur in plateis, et publico in foro dominicis diebus christianae / fidei rudimenta tum pueris, tum etiam seruis et ancillis, qui omnes audituri turmatim / confluunt. Sodalitia Scholasticorum in B.mae Virginis Laudem instituta promouen-/tur indies, et statutis diebus post decantatas preces sacro intersunt omnes, praehabitâ / conciunculâ, occurrentis Dominicae Euangelio accomodatâ; et singulis saltem mensibus / ad paenitentiae Sacramentum accedunt de more."

An.AnLim, 1720

Ânua da Província do Brasil de 1720. Padre Antônio de Lima. Bahia, 16 de julho de 1720.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 I, doc. XXXIV, ff. 218-222. Cópia nos ff. 223-227v.

Título original: "Annuae litterae ex / Brasilia 1720."

Assinatura: "Bahyae postridie Idus Julias, / anno 1720. / Ex mandato P. Prouincialis Michaelis Cardozo. / [...] / Antonius de Lima."

F. 219: Morte do Padre Francisco de Mattos.

"Et ille quidem Prouinciam nobilitauit, Libris etiam suis. Wilhelmi Pala-/tini res gestas in Libellum Germanicae Linguae congestas Lusitano sermone donauit. / Edidit etiam volumen parvum concionum. Mortuâ Portugaliae Regina, viduo Re-/gi in Libro exhibuit = Dotoris Lenimentum =. Duos deinde praelo Libro dedit = praefixo titu-/lo = Verbum Dei non alligatum =. Item Enchiridion Meditationum: [J,S]ob obsecrationes, et / vota = et accusato calamo S. Parentis nostri vitam mirifice digestam: Demum Libros / duos grandiores, quibus tessera = Chorus canticorum =, ubi sacrorum voluminum cantus / expositione a mores spectante dilucidavit, quorum tamen ultimum morte raptus in-/consumatum destituit."

An.JuXav.1, 1722

Ânua da Província do Brasil de 1721. Padre Juliano Xavier. Bahia, 14 de abril de 1722.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 I, doc. XXXVIII, ff. 245-250. Cópia nos ff. 251-256v.

Assinatura: "Bahiae postridie Idus Apri-/les annis M.DCC.XXII. / [...] / Julianus Xauerius."

F. 245v: Cerimônia no Colégio do Rio de Janeiro pela morte do Padre Stephanus Gandolfi.

"Sebastianopolitanus Clerus, quem uirtum in dellicijs habue-/rat, ejusdem demortui cadaveri, prius quam terrae mandaretur, Psalmodia fu-/nebri ad Organi concentum reddita solemniter partentauit."

F. 247: Colégio da Bahia.

"... Singulis etiam Dominicis diebus unus é nostris ad forum mittitur populo con-/cionaturus. Et quia frequentiores hujus ciuitatis plateae splenden hodie aris B. Virgi-/ni erectis, ad quas sub noctem confluit populi uicinia terciam Rosarij partem alter-/nis choris modulatura, multi et nostris ad hanc ciuium deuotionem consouendam cunctis / Dominicis et festis diebus per urbem dis perguntur de Deiparae Laudibus populo dictu[rit] [.]/ ad hoc munus Tyronum etiam expeditiores aliquando mittuntur."

An.JuXav.2, 1722

Ânua da Província do Brasil de 1722. Padre Juliano Xavier. Bahia, 6 de setembro de 1722.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 I, doc. XXXIX, ff. 257-262.

Título original: "Annuae Litterae Prouinciae / Brasilicae / anno / 1722."

Assinatura: "Bahiae postridie Nonas Septembris anni M.DCC.XXII. / [...] / Julianus Xaverius."

F. 261v: Colégio de São Paulo.

"De Collegio Paulopolitano illud tantum pro comperto / habemus socios ibi degentes nulla non adhibita diligentia ad propriam perfectionem, et pro-ximorum salutem juuandam incubuisse. Hinc ex illorum concionibus auditis, Deo auxilian-/te odia pleraque, alienum dominis restitutum, confessarij que frequentius pro animabus a / scelere purgandis perquisit. Neque in illo annuae solemnitates cultu solito car[ue,ne,en]te; aut / spiritualia exercitia consueta à nostris amissa sunt."

An.MaOliva, 1725

Ânua da Província do Brasil do ano 1724 a 1725. Padre Manoel de Oliva.
Colégio da Bahia, 16 de outubro de 1725.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 II, doc. XLII, ff. 271-277v.

Título original: "Annuae Litterae / Prou.^{ae} Brasilicae / ab anno 1724, usqß / ad 1725."

Assinatura: "Ex Coll. Bahyensi, decima sex-/ta Octobris anni â Partu Immaculatae Virginis MDCCXXV. / Ex mandato P. Prouincialis Emmanuelis Dias / [...] / Emmanuel de Oliua."

F. 276v: Missões em geral.

"...Tandem (ut coronam rei ponamus ex / Virgin[eis] Rosis) promotus alte Mariani Rosarij cultus. Persuasus ejusdem / tertiaie partis per familias nocturnus cantus: id, quod uidetur quidem duraturum."

An.MaTav, 1727

Ânua da Província do Brasil de 1727. Padre Marcus de Távora. Colégio da Bahia, 1727.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 II, doc. XLIV, ff. 285-292. Cópia nos ff. 293-301.

Título original: "Reuerendo admodum P. Michaeli Angelo / Tamburino Societatis IESU Praeposito Generali."

Assinatura: "Bahyae ex collegio Bahyensi". / [...] / Marcus de Tauora."
Na cópia: "An. M.D.CCXXVII."

Observação: o trecho do f. 286 (f. 294 na cópia) é mencionado em Leite, **a música nas escolas...**, porém erroneamente como pertencente a Bras 3 II.

F. 285v: morte do Padre Juliano Xavier, autor de tragicomédias.

"Par literis, e uirtutibus quartus est P. Julianus Xauerius, et / idem Olyssipone natus: Musarum cultor celeberrimus, et, quod rari post cineres ha-/bent poetae, omnibus charus, sine inuidia doctus. Tragicomaediam Virgineae Assump-/tionis die populo exhibendam, repentè compegerat, temporis angustijs ualdè oppressus; ..."

F. 286: morte do Irmão Pedro de Mattos, no Seminário de Belém.

"Quinto loco subsequitur Frater Petrus de Mattos Lusita-/nus ex oppido Araude, formatus coadjutor temporalis, qui mortem oppetiit in Semina-/rio Bethlemico postridie Idus Decembris an. 1725. Nostri instituti fuerat amantis-/simus, [etis, et is] Societatis aestimator, qui Jesuiticis Laicis adjungi maluit, quam Sacerdotem / agere in quodam ordine, qui illum multoties rogauerat in usum chori; erat enim can-/tor suauiissimus; ..."

F. 287: Bahia.

"... Quadragesimali tempore ad nocturna / apud nos diuerberationem multi concurrunt. [...] Grandi-/us quoq̃ cymbalum, quoderat urbis admiratio, infesta crepitatione rimam aperuerat; / sed aures jam uerberat majore bombo, ingenti nummorum summâ adid consumptâ."

F. 287v: Colégio de São Paulo.

"Proximum est Paulopolitanum Collegium, ubi sudoribus Euan-/geliis par gratia refertur. [...] Scholarum cultus erga Deiparam, / eorumq̃ sodalitas prae omnibus alibi Collegiorum Laudatur, quod unoquoq̃ Sabbato / cantatam in organo Liturgiam mane excipiant, modulentur q̃ ad chordarum ins-/trumenta musica dulce litaniarum carmen, quibus caelorum Reginae Suffragatio-/nes exponunt: Vespere autem salutationes Angelicas alternis occinant, Magistris [ponè, possè] / audientibus, ut siquid â pueris minus bellè, decenteruè, flagris emendent."

F. 288v: Seminário de Belém.

"... Templu['] / multis augetur: renouatis scilicet tribus diuini Puerperii imaginibus, quae rodaci tempore / semesae, Phidiacas manus implorabant: nouis Sacerdotum et altarium tegumentis / auro, et argento renidentibus: nouo Cymbalo: nouo Baldachino, argenteis columnis, / pro antea ligneis, subnixo."

F. 290v: Parati e Ilha Grande.

"...Similis fuit euentus in oppidis Partyo, et Insulâ / Magna, [...]. Ibatîba Littori (nam res est dig-/na, quae a capite repetatur) naufraga quondam appulera Deiparae sine Labe conceptae / pulcherrima imago, quin furiosum pelagus Phidiaco, et Ap[e,o]llaeo labori quid detrahe-/ret, uel minimum laederet. Accurrere gentes, et pulchrum inuentum templo collocarunt, / ubi multae preces, et cantatae salutationes in usu erant statis diebus; sed paulatim, quae / est hominum in Superos desidia, tam mos laudandus penitus aboleuerat."

F. 291v: Ibiapaba.

"Ibiapabensis statio ad Olyndense pertinet Collegium: [...]. Erudiendis quotidianus labor impenditur; mane enim per singulos non festos dies in Ecclesia' / congregantur pueri, et ad ultimi matrimonio ad huc liberi: ibi catechesim audiunt, et recitant, / suo quilibet idiomate: siquis abert, notatus syllabo, et die postera punitur de culpa: fi-/nito Missae sacrificio, Laudes Deo canunt, et domos redeunt. Primis autem Luminibus / rursus ad fores templi coeunt, siue doctrinam memoriter reddituri, siue pia carmine Deo / canturi. Profestis diebus uniuersus pagus catechismo assistet, et breui cohortationi, quae / utroque tonatur idiomate, Brasilico nimirum, et postea Lusitano ad Bubulcos Europaeos, / Liturgiae de montibus accurrentes. Domenica quoq die uespertinis horis circumitur pagus, / praecedente Beatissimae Virginis imagine, et ordine subsequente longo Angelica Saluta-/tione iterantium duplicato choreumate. Sabbato Litaniarum Carmen modulantur."

An.IgSouz, [1733]

Ânua da Província do Brasil de 1732. Padre Inácio de Souza. S/l, s/d [1733].

Fonte: original no ARSI, Bras 10 II, doc. LI, ff. 340-343.

Título original: "Annuae litterae Prouinciae Brasilicae Anni MDCCXXXII. / R.do admodum Patri Francisco [Rezzo] Societatis IESU / Praeposito Generali."

Assinatura: "Ex mandato R.di Patris Prouincialis / Marci Coelho, / [...] / Ignatius de Souza."

F. 341v: Colégio da Bahia.

"... Nil insuper praetermissum est nostrae, proximorum que saluti consentaneum; [aetera, caetera] que / sunt domi, et [choris, soris, feris] rite satisfacta munera['], eo, qui optari poterat, fructu uberrime respondente. / Quoad rem temporariam: nil praeter organum musicum templo additum, auro, picturis que cons-/picuum, et uocum concentu pariter pergratum auribus; opus utique, quo maxime indigebat."

An.LaAlm, 1733

Ânua da Província do Brasil de 1732. Padre Laurêncio de Almeida. Bahia, 1º de janeiro de 1733.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 II, doc. LII, ff. 353-356v. Cópia nos ff. 357-360v.

Assinatura: "Bahiae pridie Kal. Januarii Anni MDCCXXX / III. / Ex mandato R.P. Visitorij Michaelis da Costa. / [...] / Laurentius de Almeida."

F. 356v: Seminário de Belém.

"Alumni quinquaginta nouem litteris, bonis que artibus inftituuntur in Seminario Be-/thlemico. [...] Quod enim ad rem externam spectat, qua Dei beneficio hujus Domi templum auctu' est, sunt ab aliquibus, ut / minutis parcam, oblata crux ex auro et gemis distincta ad B.^{mae} Virginis cultum, insuperque ad S.^{mae} Annae co-/llum exaureis globulis muni[t]e: item musicum organum ad diuinam rem maiori cum solemnitate in posterum / conficiendam."

An.CoPac.1, 1737

Ânua da Província do Brasil de 1736. Padre Cornélio Pacheco. Bahia, 6 de janeiro de 1737.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 II, doc. LV, ff. 369-372. Cópia nos ff. 377-380, como doc. LVII.

Assinatura: "Bahiae pridie Nonas Janua-/ris Anni MDCCXXXVII. / Ex mandato RP. Visitatoris Michaelis â Costa. / [...] / Cornelius Paciecus."

F. 371: morte do P. Marcos Coelho, no Colégio do Rio de Janeiro.

"... Cedendum fuit nobis Carmelitani Ordinis Familiae / ubicumquè Brasiliae nimis erga Societatem efficiosae, funebrem Psalmodiem organicè mode-/randam enixè roganti. Funebrem itidem pompam exornarunt Urbis Praetor, omnes aliae / Religioe Familiae Sebastianopolis Sedis quamplurimi Capitulares, optimates, aliique / bene multi, quatuor insimul diuinorum Ordinum Prouincialibus ad tumulum usque spon-/tè sua feretrum efferentibus."

Ff. 371-371v: Colégio da Bahia.

"... Nec intra domesticos solum parietes promoue-/ri ad aras cultum, super equidem generalem Scholarium congregationem extructa' eleganti opere / uidemus etiam aediculam, opusquidem sculptile, jamque inauratum, quam subter solemni pom-/pa, et litterario plausu appensis initi circumquaque parieti innumeris prope Poetarum, / seu potius Musarum nugis, die uigesima primâ Junij collocandam curauimus D. Aloisij / Gonzagae Studiosae Iuuentuti Patroni, ad unguem exculptam Imaginem tres palmos cum dimi-/dio lungam, [...]

F. 371v

"Statis temporibus ac diebus Deiparentis / Horarum obsequium impendi solitum, haud omino' absoluitur, quin' etiam D. Aloyisi ora-/tio propria solemni cantu recitetur â Congregatis."

An.CoPac.2, 1738

Ânua da Província do Brasil de 1738. Padre Cornélio Pacheco. Colégio da Bahia, 8 de janeiro de 1738.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 II, doc. LVIII, ff. 381-382v. Cópia nos ff. 383-384v.

Assinatura: "Ex Collegio Bahiensi die octava Janua-/rij Anno Domini 1738. / Ex mandato RP. Joannis Pererij Moderatoris Prouinciae. / [...] Cornelius Paciecus."

Ff. 382-382v.

"Diploma Pontificiu' / de heroicitate uirtutûm B. P. Josephi de Anchieta sumum gaudium Brasiliae Societate, et conciuius / uniuersim attulit; id â Nostratibus ubiq locorum suscitantibus ipsis; [...]

F. 382v

"Hinc factum, ne unquam nostri januas Collegij uario lucernarum Sydare co-/ronarentur, quin ciues ipsi simul et Regulares Familiae certatim id temporis ad apparatus, et cymbalorû / strepitum utrimq festiuum, uacua [s]uimet ipsarum aedium spatia in amoris tesseram, et deuotionis sti-/mulum artificiorè incenderent. Id quod Bahiae animaduersum, ad aemulationem usq instituerint re-/liquae Brasilicae Ciuitates; ut saepè jam ad trutinam haud temerè reuocetur, an Nostratibus aequè, exter-/nisue minus, praesens diploma titillasset ad laetitiam. Caeterum Paranambucensis Episcopus, alias nul-/li secundus, imò altiora meditans, omnium primus, admodum Hymnologus sacer, in Collegio Olindensi / Te Deum Laudamus solemniter intonuit. Hanc ipsam Hymnologiam sacram, ut intanti beneficij / Neumosynem Deogrates exolueremus, confluentibus ubiq utriusq Hierarchiae Principibus, primari-/isque uiris, aliisq bene multis, tribus aliis Prouinciae Collegiis Bahiensi, inquam Flumensi, et Re-/ciffensi, ritu et apparatu solemnè indulctum fuit. Hoc loci interim non [absre] erit Reciffensis Ecclesiae / Parochum inferere. Eâ enim temporis differentiâ, quâ Familia Carmellitana (cui in Brasiliâ Societas / in paucis) gratitudinem nostram officiorè praeueniens Hymnologiae sacrae â [seipsâ, se ipsâ] maximoperè modera-/ta terminum fixerat, medius erupit in Ecclesiam Collegij Reciffensis, Nostratibus insciis, Parochis ibi-/dem Reciffensis cum Clero sibi Parochiano, etquidem bene multò, et in ordinem composito, quibus om-/nibus Sacra Christi Dominici effigies è cruce pendentis prominens, uiam institerat: ibi jam nacta op-/portunitate, debitaq Nostratiûm beneuolentia, Te Deum Laudamus denuò modulatè, et organicè ad ini-/tia reuocauit."

An.FrAlm, 1738

Ânua da Província do Brasil de 1738. Padre Francisco de Almeida. Colégio da Bahia, 17 de dezembro de 1738.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 II, doc. LVI, ff. 373-376v. Cópia nos ff. 386-390.

Assinatura: "Ex Collegio Bahyensi 17 Decembrij anni 1738. / [...] / Franciscus de Almeyda."

F. 375v: Solenidade pela morte do P. Gaspar Borges, no Colégio do Rio de Janeiro.

"... Declui jam aetate secessit in / Fluminense Collegium, ubi aduersâ ualetudine diu conflictatus, senio que confectus extremu' / diem clausit septuagenario major, susceptis ritè sacramentis, et non sine magno pietatis sen-/su. Ejus funeri interfuêre plures è religiosis familiis, inquibus Carmelitae inpristinae amicitiae / monumentum justa persoluêre harmonico officio. "

An.AnCos, 1739

Ânua da Província do Brasil de 1739. Padre Antônio da Costa. Colégio da Bahia, 29 de dezembro de 1739.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 II, doc. LIX, ff. 391-392. Cópia nos ff. 393-394.

Assinatura: "Ex / Collegio Bahiensi dia 29 Decembris an. 1739. / [...] / Antonius da Costa."

F. 392: Solenidade pela morte do Padre Gaspar de Faria, no Colégio da Bahia.
"... Quantà cum beneuolentia' Bahiensis Ciuitas prosequeretur, maeror, / et amplitudo funeris indicauit, quò adeptis cohonestandas exequias uniuersa conuenit. Solemrioribus ceremonijs, et musico / quo maximo potuit apparatu institutum funebre sacrum: á varijs Religiosorum Ordinu' hominibus elatus est, comitan-/te Excellm.a Rm.^a hujus sedis Archipraesule, nobili in super Dynastaru' corona', [et flore] ipso nobilissimae ciuitatis."

An.JoNog, 1742

Ânua da Província do Brasil de 1741. Padre José Nogueira. Colégio da Bahia, 1º de janeiro de 1742.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 II, doc. LXI, ff. 399-402. Cópia nos ff. 407-410.

Título original: "Annuae litterae / Prouinciae Brasiliae ab anno 1741."

Assinatura: "E Collegio Bahiensi pridie Kalendas Januarias anni 1742. / [...] / Jozephus Nogueira."

F. 399v: Colégio da Bahia. O texto é metafórico: triunfo do rito romano na Bahia, capital da Província.

"... Romanis denique pompis in hac [sui-] / triumphantis Imperii felicitate [adamussim] praelusurus, duplice tibicinum ordine festiuis Ecclesiae nostrae diebus , et ipsi-/us Rectoris Laudibus Suauiter occinentium, Collegium exornauit. Ne tamen hilari tanti triumphi gloriae feralis / tuba [deesset], quae et ad Triumphantis Ducis aures horribili clangores, ueterum de more, intonare = memento [te] esse / mortalem =; et desideratis Sociorum manibus funebri naeniâ parentaret."

An.MaSeq, [1744]

Ânua da Província do Brasil de 1742 e 1743. Padre Manoel de Sequeira. Colégio da Bahia, s/d [1744].

Fonte: original no ARSI, Bras 10 II, doc. LXII, ff. 411-414.

Título original: "Annuae Litterae Prouincia Brasilicae ad anno 1742 ad 43."

Assinatura: "Ex Collegio Bahyensi / [...] / Emmanuel de Sequeyra."

F. 411v: Colégio de Santos.

"Idem plane labor, neque ex eo profectus plusculum / accessit Collegio Sanctopolitano, quod, rebus indies pejoribus, quantâ omnium inediâ infir-/metur, facili negotio suadendum, desideratis mancipiorum quatuor; caeteris in agonem tan-/tum no prouetis, in quos res, ac domûs fortunae omnem inpartem fulciebantur. Satis ta-/men impensum Missionibus, quidquid per Moderantis jussum, et consilium licuit, quin / ab iis laborum sarcinis, quae sane copiosa, tantillum emaciarentur colligentium uires. / Subuentum quoque largissime templi rebus uel de nostra, uel externorum manu, quod cer-/te opinione majus: manufictum enim, id que auratae, ac pretiosioris caelaturae, D. Anna si-/mulacrum, cui per nouendiales preces inter musicales concentus solemne datum. "

An.JoSep, 1746

Ânua da Província do Brasil de 1746. Padre José de Sepúlveda. Colégio da Bahia, 30 de outubro de 1746.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 II, doc. LXIV, ff. 421-424.

Título original: "Annuae Litterae Societatis IESU / in Prouincia Brasilica ad annu' / M.DCC.XLVI."

Assinatura: "Ex Collegio Bahiensi trigesimâ Octobris anni M.DCC.XLVI. / [...] / Joseph de Sepulueda."

Ff. 421-421v: Colégio do Rio de Janeiro.

"Quarè jam ad Collegium Fluminense descendentes, octo supra centum numeramus / hic Socios: [...] Annuae, prout decebat, exactae sollemnitates: quadragesimales praesertim conciones, quae pleno habitae confluxu, nec fructu dispari. [...] Tanti pro Ecclesia laboris /

F. 421v

Compensator Deus fecisse creditur, ut unum Sartorum de gente mancipum ex ultima domini uoluntate accederet famulatui Templi; cui primus tandem lapis solemni ritu, apparatu que, ac uni-/uersa ciuitate inspectant, positus. Coementa proinde jacta, et erecta jam ad maiorem operis paratem. Quod utique quàm Coelo arriperit, ex eo inspectum, quod, corrumpente telluris machinâ in Coementarium, illaesus tandem ipse euaserit, nec sine numine; instrumenta enim, quae prae manu habuerat, defossa humo tandem reperta sunt."

An.FrSilv, 1750

Ânua da Província do Brasil de 1748 e 1749. Padre Francisco da Silveira. Colégio da Bahia, 15 de janeiro de 1750.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 II, doc. LXVI, ff. 429-430v.

Título original: "Annuae Litterae Prouvinciae Brasilicae anni 1748 et 1749."

Assinatura: "Bahyae in Collegio Bahyensi 15 Ianuarii, anno 1750. / Ex mandato R.P. Simonis Marquez Moderatoris Prouvinciae. [...] / Franciscus da Silvr.^a."

Ff. 429v-430: Ilha de Santa Catarina.

"Ex mandato Regis bini Sacerdotes ê nostris migrarunt in Insulam D. Catha-/rinae âb Equinotiali Linea ad Austrum 7.a supra uigesimu gradum sitam, ut diligentissimi operarii illam Domini uineam / denuo plantatam satis colerent, quò abundantius ferret Deo fructus. Omnes hujus Insulae coloni jam diu ibi degentes, / penitius incultu plura fidei myseria ignorabant, et sacramentorum usum; quippe qui sine Parocho uitam agebant / effraeni uoluptati consentaneam. His accesserum milit[es] aliquot praesidiari, inter quos impunè grassabantur uitia. / Nouissimè appulerunt Insulani alii ab Isulis maris Atlantici oriundi, qui per Regis imperiu' â Patriâ educti nouas / colonias hic coguntur erigere. Erga istos maxima erat impendenda cura, ne aliorum uitiis afficerentur, et in males mo-/res effraenati prolaberentur. Plus laboris hic tulerunt nostri, uel in uitiis jam grassatis eradicandis, uel, ne radicarentur, / impediendis. Missiones instituerunt: excetas colonias inuiserunt: habuerunt ad multitudinem conciones: ab omnibus exceperunt /

F. 430

confessiones: Eucharistiam omnibus dispertierunt: Christianam doctrinam assiduis explicationibus declaratum, et ad meliore' / frugem incultam Insulam impensius reduxêre. Amorem, et deuotionem erga Deiparam ita inculcarunt, ut ejus Rosarium / quotidie decantari fecerint, cui interest totius Insulae Gubernator, milites impreio [c,l]ogens, Aulicos, et populum exemplo con-/duens. Plures adornarunt excursiones in uaria oppidula, et septem, et quindecim Leucarum spatio inter dissita, ut lo-/corum distantia spiritualibus documentes non fraudaret eoru' colonos. [...] His, et aliis ins pectis animarum fructibus, quibus duntaxat / in liant nostri, sibi abundè persuadent coloni nostros sacerdotes non fuisse ê Fluminensi Collegio missios ad telluris spa-/tia praealiis occupanda, (ut falsò autumabant) neq interse comorari ad exigenda, denuò fundanda praedia. Imò ja' / Gubernator, et Regii Ministri ad Regem dedêre Litteras, quibus supplicationem fecerant Regio obsequio, sibi, et colo-/nis plurimum expedire, quod Societatis Sacerdotes ibi in domibus congruo censu stabilitis perpetuò degant, ut populu' / sanâ doctrinâ imbucant. Hactenus enim Regio, insufficienti tamèn, aere, et eleemosynis spontè â populo erogatis / aluntur: donei â Rege abundantius soluatu[s,r], quo uict[ui,is], uestituiqß independente[s,r] â Vulgo [possint astatim] consulere."

An.IgCarv, 1752

Ânua da Província do Brasil de 1751 e 52. Padre Inácio de Carvalho. Colégio da Bahia, 20 de dezembro de 1752.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 II, doc. LXVIII, ff. 439-444.

Título original: "Annuae litterae Prouinciae Brasilicae annorum M.DCC.LI, et LII. / Reuerendo admodum Patre Ignatio uice comiti Societatis JESU / Praeposito Generali Gratia, et Pax Christi Domini."

Assinatura: "Bahyae, ex Col/legio Bahiensi die XX Decembris anni M.DCC.LII. / [...] / Ignatius de Carualho."

Ff. 441v-442: Colégio do Rio de Janeiro.

"... Ex hoc igitur Collegio benè ex-/pletas Missionarorum parets accepimus; per tres enim menses duo Sacerdotes per octo, eoque am-/plius Oppida, quae multis ab hinc annis Missionum beneficia non senserant, animarum salluti / magno animi ardore, pari que fructu insistentes, excurrêre. [...] /

F. 442

Deuota hanc Paenitentium pompam praecedebant innocen-/tes pueri spines diademate redimiti, vultu ad maerorem composito, per interpositas mo-/ras dullce, ad flebiliter canentes."

An.InPas, 1755

Ânua da Província do Brasil de 1754. Padre Inácio de Passos. Colégio da Bahia, 16 de janeiro de 1755.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 II, doc. LXIX, ff. 445-449.

Título original: "Litterae annuae Prouvinciae Brasilicae ad annum 1754."

Assinatura: "Ex collegio Bahyensi 16 Januarii anni / 1755. / Ex mandato R.P.Prouincialis Joannis Honorto / Joannes Honoratus. / [...] / Ignatius de Passos."

Ff. 446-446v: Colégio de São Paulo.

"In Paulopolitano Collegiô, Socis que sibi annexis tres su-/pra triginta Socii eodum annô habitarunt: / Spiritualibus exercitiis exculti sunt omens. / Sanctorum solemnia, sacrae que conciones insigni auditorium frequentiâ celebrata sunt. [...] / F. 446v

Non nihil etiam incrementi excepit Sacel-/lum huic Collegio annexum, nam praeter umbellam ex damascenô sericô, ut solemnus de-/feratur Eucharistia ad infirmos, D. Annae capiti imponendum habuit diadema argen-/teum."

Ff. 447-447v: Ilha de Santa Catarina.

"In Insulâ / D. Catharinae duo é nostris tantummodò degunt. Praecipuus eorum labor est penes / novos Colonos, qui ex Insidis Assorum illui quotannis appellunt. Iis singulis / Dominicis doctrinae christianae rudimenta exponuntur in plateis; iis domus nostra / unicum refugium, quae quamvis tenui sit reditu, pro uiribus suis sumptui non / parcat ad succurrendum egenis. Horum causâ Dei uerbum disseminatur tâm/

F. 447v

in aede maximâ, quam in nostrâ, et aliis ejusdem Insulae. Pueri etiam certatim in [edi]-cendâ doctrina laborant, dê que eâ in nostrô Sacellô disputationes habent. Ubi Domi-/nicis congregatur, genibus que flexis B^{ma} Virginis solitas preces effundunt, Saba-/this que sub uesperam tertiam Rosarii partem alternis vocibus recitant. Et quoni-/am in hujusmodi iuuentute tamquam in sementi, reliqua messis omnis posita ui-/detur, praecipuâ curâ, et diligentia coluntur á nostris. In gymnasio jam nume-/rantur quinquagintâ: omnes eximiae indolis, et ad pietatem suâ sponté propensi. / Et magna opes est fore, ut nostrâ consuetudinê, doctrinâ que exculti, suos quis / que populares ad Christianam pietatem, et elegantiam traducant. Ex mis-/sionibus, quae in quatuor uicina loca factae sunt, fructus ingens collectus est. / Duobus millibus imperdita Paenitentiae, et Synaxeos Sacramenta audita - / uniuersae uitae confessiones trecentae supra quinquaginta; aliquorum nuptiae ce-/lebratae multorum odia re[sti]ncta: quos inter duo demi[em,cin] reconciliati, qui cognationis vinculo conjuncti, uterque alteri caedem moliebatur. Quid plura! / Decretae preces, quibus subleuantur animae flammis addictae lustralibus, et introducitur consuetudo recitandi Rosarium, ut hujusmodi obsequio honore-/tur Caeli, terrae que Regina. Illud mulier recitare non poterat, ut erato so-/lita, ob quauem, incognitiem que mor[bu,tu]m, quem prope annum experieba-/tur."

An.AnFer, 1755

Ânua do Pará de 1755. Padre Antônio Fernandes. Colégio do Pará, 21 de agosto de 1755.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 II, doc. LXXXII, ff. 499-500. Cópia nos ff. 501-502.

Título original: "Litterae Anuae Paraenesis datae ad Patrem Visitatorem, et Vice Prouincialem anno 1755. / Rev. admodum P. Visitator Generalis, V. Prouincialis Francisco de Toledo."

Assinatura: "In Paraensi Col-/legio 21 Augusti, An. 1755. / Ex comissione R. P. Rectoris Caetani Xaverij / [...] / Antonius Fernandes."

F. 499: Colégios e seminários do Pará.

"Scholastici Nostri externi tertiam Rosarij partem, uespertina lectione finita, singulis diebus / cantare solent: qui mos, laudabilis quidem, et à primis hujus Collegij fundamentis usitatus à P. Antonio Vieira / felicitis recordationis initium duxit."

F. 499v.

"Festiuitates annuae, cum Sanctorum nostrorû, tum aliae maioris [R]itûs consueto cum splendore ce-/lebrata sunt, decantatis solemniter Missis, ac concionibus habitis. Idem factum Jubilaeo quadraginta horarum, ex-/posito Sanctissimo in Throno Numerosos inter collucentes cereos populum ad maioris deuotionis feruorem excitantes. / Habita quoque sunt quadragesimales, nec non Sacrae maioris hedomadae ceremoniae."

An.DoTav, 1755

Ânua do Colégio do Maranhão de 1755. Padre Domingos Tavares. Colégio do Maranhão, 28 de maio de 1755.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 II, doc. LXXXIII, ff. 503-503v. Cópia nos ff. 504-504v.

Título original: "Literae Annua Collegij Maragnonensis datae ad P. Visitatorem, et Vice Prouincialem / Anno 1755."

Assinatura: "In Collegio Maragnonensi 28 Maij an'o 1755. / Ex Comissione R.P. Rectoris Antonij Dias. / [...] / Dominicus Tauares."

Observação: alguns trechos são idênticos à ânua do Pará de 1755 do Padre Antônio Fernandes, doc. LXXXII, ff. 499-500, e a caligrafia é a mesma.

F. 503: Colégio do Maranhão.

"Festiuitates annuae, cum Sanctoru' nostroru', tum aliae maioris [R]itûs consueto cum splendore celebrata sunt, / decantatis solemniter Missis, ac concionibus habitis. Idem factu' Anti Cinerali triduo, exposito Deo Eucharistico in Throno nume-/rosos inter collucentes cereos populum ad maioris deuotionis feruorem excitantes: habitae quoque sunt quadragesi-/males, nec non Sacrae maioris hedomadae ceremoniae:..."

F. 503v: Missões aos Gamelas e aos Aniniba.

"Probant hoc ipsum luculenter Missiones aliae duae Barbatorum supradictae, si licet dicere, mansuetiores. In his utut lab[o]-/retur strenue ad abolendos Rictus gentilicos, quibus usque hodie utuntur Barbati, parum admodum proficitur; nondum enim in integrum absti[?] / à Matrimonijs Clandestinis, à quibus ad tempus jam abstinuerant. Quot diebus Ante Auroram tristissimo, ac horrifico ullulatus, quem [ipso? papel rasgado] / Cantum uocant, auras implent, ac Aures ad abominationem audientium: in una harum Missionu' Musicorum [istorum] Infernaliu' usque-/quaque pertaesus Missionarius exquisitis uerboru' lenocinijs non semel suasit barbarijs, ut inconcino', quem à Proauis didicerant, ejulatu' sua-/uiroem substituerent cantum alijs Pagorum incolis usitatum, et persuasit. Cum uero paucis ab hinc hebdomadis ab altero ejusdem / nationis Pago nonnulli portum tenerent emendati Pagi ante diluculu', ac leniorem, quam alias, cantum perciperent, uehementi indi-/gnatione co'moti rem acerrimè ipsis exprobarunt, Abauis suis maximu' illos dedecus afligere dictitantes, si ab eorundem consuetu-/dine, quam cum hacte hauserant, declinarent: quae res eum concitauit motum in reformatis paulo ante cantoribus, ut publico cum / tumultu assurgere, ac fere ad unum omnes fugam arripere ausi sint; ex qua tamen paulo post ad Pagum reducti sunt, ubi juxta har-/moniam ueterem Matutinum Corum suum prosequuntur."

An.SiAlv, 1755

Ânua da Província do Brasil de 1755. Padre Simão Álvares. Bahia, 3 de dezembro de 1755.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 II, doc. LXXX, ff. 495-496v.

Título original: "Litterae annuae Prou. ae Brasil. ad an. 1755."

Assinatura: "Bahia, 3 Decembris anni 1755. / Ex mandato R. P. Prouincialis / Joannes Honoratus / [...] / Simon Alvares."

F. 496: Transformação da residência de Paranaguá em colégio.

"...Hoc ineunte anno jus, et Domus nomen amisit Parnaguense / domicilium, Collegii q' titulum usurpauit nouum et satis amplum aedificium ad quod nostrum immigrarunt / die B.^{mae} V. Sponso dicata. Acta res est magna oppidanorum Laetitia, frequentia q'; uident enim / suarum largitionum fructus in Collegium tandiu expectatum dimana[ss]e. Transmigratio solemnior eua-/sit hymno = Te Deum = musicis instrumentis relato, XDeiparae q' (vulgo do terço) noui templi Tutelari / Missâ uotiuâ pro sequenti die in accepti beneficii memoriam cantu celebratâ. "

3.3 Instruções e Regulamentos

Vis.IgAzev, [1566]

Primeira visita do Padre Inácio de Azevedo. S/l, s/d [Bahia, julho de 1566].

Fonte: original no ARSI, Bras 2, ff. 137-139. O códice Bras 2 tem o título "Auisos de Roma pera a Puincia do Brasil."

Título original: "Visitas dos P.^{es} Visitadores depois de serem / aprouadas pelo Padre Geral. / Primeira Visita do P.^e Ignacio dazeuedo."

Assinatura: "Ignatio dazeuedo." Início: "Aos 24. dias do mes de agosto do anno de 1566 chegou o P.^e Igna-/tio dazeuedo da Comp.^a de Jeusu [...] a este Colle-/gio da Cidade de Saluador..."

Publicações:

1. **Monumenta Brasiliae**, vol. 4, pp. 482-489, com a data de julho de 1568.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 152, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: documento original.

F. 137v.

"As escolas de ler e escrever, que estão introduzidas em as cazas das Capitancias se podem continuar, não se insinando canto nem latim [...]. Acerca de cantar missas y otros officios diuinos, e pcssiones ec. em as partes / onde ha curas e uigairos, que o faze^m em sua igreja os nossos guardem as / Constituiçoes', pcurando ajudar as almas co' as confissoe's, e pregaçoe's, e in-/sinar a doctina Xpã e euitarse ha aemulaçã dos Curas. Nas partes / onde não ha outros sacerdotes, como é Piratininga ou em aldeas entre / os indios, alli poderaõ fazer, segundo uir o Prouincial que co^mue^m pera edifi/caçaõ do pouo, mas de maneira que não falem por isso nos ministerios ya / ditos."

Instr.EvMerc.1, 1573

Carta do Padre Geral Everardo Mercuriano para o Padre Provincial Inácio Tholosa. Roma, 12 de dezembro de 1573.

Fonte:

1. Cópia no ARSI, Bras 2, ff. 42v-43v. O códice Bras 2 tem o título "Auisos de Roma pera a Puincia do Brasil."
2. Cópia na Biblioteca Nazionale Vittorio Emanuele (Roma), códice 1255, doc. 10. O documento 10 consiste de uma série de transcrições com o título "Ordens de Roma tiradas do livro, onde estão / copiadas, das quais se não acharão originais / no Cartorio." A data mais recente mencionada é 24 de fevereiro de 1615. No envelope consta a inscrição "Brasilia: Ordinationes Provinciae. Séc. XVIII."

Título original: "Copia de una de n'ro P.^e G'nral Euerardo Mercuriano / de 12. de deziembre de 1573. para el P.^e Prou.^{al} / Ignatio Tholosa."

Assinatura: "Euer.o Mercuriano."

Versão utilizada: cópia do ARSI.

F. 43.

"Quanto al repicar las campanas y que los n'ros uayan alas pces-/siones y aiudar a cantar al cura supuesto que esto es necesario pa-/ra ayudar a aquellas nuevas plantas, puedese dispensar por agora / q' los n'ros lo agan adonde se uee necesidad. mas co'uiene, que yu'ta-/m.^{te} con esto, entienda' los que fuere' capazes de razon, questo no es co'-/forme a n'ro Instituto, aunque en si la cosa sea sancta, y auisara V. / r. alos n'ros del qn' y como se deuen retirar de tales ministerios, [.s.] qn' / el clero se augme'tara, o que la comp.^a recibiese algu' dano' en su disciplina. / por tanto V.R. ordenarà que aya un libro, en el qual se escriua' las causas [original: cosas, riscado e corrigido por cima] / q' mouiero' ala comp.^a a hazer semeiantes officios q' fue para introducir / el culto ecclastico ec. y no por otro."

Instr.EvMerc.2, 1577

Respostas do Padre Geral Everardo Mercuriano ao Padre Gregório Serrano. S/l, 7 de agosto de 1577.

Fonte: original no ARSI, Acta Congregationum Provincialium 93 (Responsae 1573-79), ff. 213-215v.

Título original: "Memorial de las cosas que el P.^e Greg.^o Serrano ha prop.^{to} / a nuestro P.^e General, con las respuestas de su p.^d / Año Dn'í 1577."

Assinatura: "Visa à Patre nr'ó Gna'li 7.^{mo} die Augusti M.D.LXXVI. / Ant.^s [Posscrinus]"

Título do códice: "RESPONSIONES / REVERENDI AD MODUM PATRIS NOSTRI / Euerardi Mercuriani Praepositi Generalis Societa-/tis Iesu, ad ea quae tum à Congregationibus / Prouinciarum omnium, tum etiam ab ip-/sis met earundem Prouinciarum Supe-/rioribq proposita fuerunt ab anno / electionis ipsius . 1573 . usq̃ / ad annun .M.D.LXXIX. / Qui fuit sextus eius-/dem Generala-/tus."

Observações: o códice contém uma série de regras e respostas sobre várias questões referentes à administração dos estabelecimentos jesuíticos. Nas ff. 205-219v têm-se respostas à Província do Brasil e propostas do Padre Geral acerca das questões relacionadas com a administração religiosa, missão indígena e educacional da Companhia de Jesus. Escritas em latim e espanhol.

Ff. 213v-214.

"12. Mostrar à N.P.^e las cosas q se guardan entre los Indios q no son conforme a nuestros / constitutiones para q su P.^d uea si ay algun inconueniente; q son las sig.^{tes} / Primeram.^{te} ay cofradias del S.^{mo} Sacramento y delos defunctos en las yglesias / donde los nuestros residen. Ordenose esto entre ellos para afficionarlos /

F. 214

alas costumbres sanctos de los christianos, y con esso se tiene hecho grande proue-/cho en sus almas; fue inroduzido esto en la era del 73. /

Dizen los nestros entre ellos missas cantadas y Visperas, y la Salue todos los sabados; / esto se hizo des del principio dela conuersion por la misma causa. / Ministran los P.^{es} todos los sacramentos como si fuessen curas, y assi baptizan, casan, confiessan [?] esto se uso des de el comienço dela conuersion por falta / de clerigos seculares q sepan la lengua para exercitar estos ministerios."

Instr.CIAcq.1, 1585

Carta do Padre Geral Cláudio Acquaviva ao Padre Visitador Cristóvão de Gouveia. Roma, 10 de agosto de 1585.

Fonte: original no ARSI, Bras 2, ff. 55v-56v. O códice Bras 2 tem o título "Auisos de Roma pera a Puincia do Brasil."

Título original: "Copia de una de N.P.General Claudio Aq^aViua / para al P.^e Visitador Christoual de Gouea en / 10. de Agosto de 1585."

Ff. 56-56v.

"En una de 6. de setiembre de 84. pedia V.r. que en los actos q' / se hazen escolasticos como dialogos, tragedias, y comedias &tc. se ad-/

F.56v.

admitta alguna coza en lengoa uulgar, y me parece por las razones q' / V.r. da que en los dialogos solamente se pueda esto hazer, pero / en tragedias, y comedias, no, por ser cozas mas scholasticas, y graues."

Instr.CrGouv.1, 1586

Ordens do padre Cristóvão de Gouveia. Roma, 1586.

Fonte: original no ARSI, Bras 2, ff. 139v-147v. O códice Bras 2 tem o título "Auisos de Roma pera a Puincia do Brasil."

Título original: "Confirmacion que de Roma se embio ala Pu.^a del / Brasil de algunas cosas que el P.^e Christoual / de Gouuea Visitador ordeno en ella el año / de 1586."

Assinatura: "Xpuaõ de Gouuea".

F. 145v: "Para las Aldeas"

F. 146.

"Auiendo moços de escuela los ensen'aran por espacio de hora, y media, assi ala man'ana / como a la tarde, a leer, y escreuir, y despues de esso cantar alos que pareciere que tie-/nen habilidad pra esso auiendo quien lo sepa hazer, mas no los castigue' [p']sumano. /

"Quitense las malas costumbres delos Indios, como auer excessos en los uinos, y bailes de / noche, y las buenas se conseruen, como dizirse la Salue los sabados, y las disciplinas, / y pcessiores de quaresma, y alomenos en las quatro principales fiestas siuuiere ca'tores / Missa cantada para consuelo de los Indios, y aug.^{to} dela Christiandad, y todos los / lunes missa por los defunctos, saliendo al cemiterio con la Cruz, y agua bendita / y cantar, los nin'os la doctrina en sus casas, despues de las auemarias y otras se-/meiantes."

Instr.CIAcq.2, 1587

Carta do Padre Geral Cláudio Acquaviva ao Padre Visitador Cristóvão de Gouveia. Roma, 27 de janeiro de 1587.

Fonte: original no ARSI, Bras 2, ff. 57-57v. O códice Bras 2 tem o título "Auisos de Roma pera a Puincia do Brasil."

Título original: "Copia de una de N. P.^e Gn'ral Claudio aqua Viua / para el P.^e Christoual de Gouuea Visitador / de 27. de Henero de 87."

F. 57.

"Concedese lo que V.R. propone de poderse cantar en canto de organo la noche / del Natal Maytines y missa em n'ra caza, como se haze en la semana S.^{ta} por los / Indios para ayuda dela deuocion en tan S.^{tos} tiempos."

Instr.MaBel, 1588

Instruções para o Padre Marçal Beliarte. S/a. S/I [Roma], 5 de setembro de 1588.

Fonte: original na Biblioteca Nazionale Vittorio Emanuele (Roma), códice 1255, doc. 10.

Assinatura: "P.a o P.e Mar-/çal de Beliarte. 5. de setiembre de 1588."

Observação: o documento no. 10 do códice 1255 consiste de uma série de transcrições com o título "Ordens de Roma tiradas do livro, onde estão / copiadas, das quais se não acharão originais / no Cartorio." A data mais recente mencionada é 24 de fevereiro de 1615. No envelope consta a inscrição "Brasília: Ordinationes Provinciae. Séc. XVIII."

F. 32v.

"Concedese lo que VR pide de poderse cantar em canto de organo la noche de Naidad / maitines, y missa en nuestra casa, como se haze en la somana santa."

Instr.CrGouv.2, 1589

Ordens do Padre Cristóvão de Gouveia. Roma, 1º de janeiro de 1589.

Fonte: original no ARSI, Bras 2, ff. 147v-149v. O códice Bras 2 tem o título "Auisos de Roma pera a Puincia do Brasil." Outra cópia encontra-se no Fondo Gesuitico, Collegia, Busta 11/1369, env. no. 7 (Bahia), doc. no. 10.

Título original: "O que pareceo ao P^e Visitador Christouaõ de Gouuea / ordenar na visita deste Collegio da Baya. 1.o de / Jan.^{ro} de 89. [Veio] confirmado pelo P.^e Geral."

Assinatura: "Xpuaõ de Gouuea".

Versão em Bras 2:

F. 148.

"5. Bem se poderaõ cantar as missas cõ os Indios polo Natal, Circu'cisaõ, / .S. Cruz de Mayo, Onze mil Virgens, e Saõ Christouaõ, como se custuma./

6. Naõ se permitta p.^a algũa de fora ouuir missa, ou pregação da tri-/buna dos Nouiços, e guardesse na nossa Igreja o que se custuma / no Reino acerca de naõ estarem seculares na capella mor, ou cho-/ro no t'po em'q nelle se cantaõ off.^{os} diuinos."

Versão no Fondo Gesuitico:

F. 4

"5. Bem se poderaõ cantar as missas co os Indios [plo] Natal, Circuncisaõ, S. Cruz / de Mayo, Onze mil Virgẽs, e S. Christovaõ, como se costuma./

6. Naõ se permita pessoa algũa defora ouuir missa, ou pregação da tribuna / dos nouiços: e guardese em nossa Igreja o que se costuma no Reino acerca de / naõ estarem seculares na capella mor, ou choro no tempo em q' nelle se cantaõ / os officios diuinos."

Vis.MaLim, [1607]

Terceira visita do Padre Manoel de Lima à Província do Brasil. S/l, s/d
[Colégio de Pernambuco, 3 de dezembro de 1607].

Fonte: original na Biblioteca Nazionale Vittorio Emanuele (Roma), códice 1255, doc. 14.

Título original: "Terceira visita do P.e M.el de Lyma / Visitador Geral desta pu.a do Brazil."

Assinatura: "Manoel de Lyma".

Observação: o documento existe em duas versões, numeradas de 48 a 59 e de 60 a 70. Segundo o catálogo, foi enviada ao P. Claudio Acquaviva, e descreve a chegada do Padre Lima ao Colégio de Pernambuco em 3 de dezembro de 1607.

F. 61: "Pera os Collegios".

F. 61v.

"10. Hauendo comodidade pera nos 3 collegios se faserem / os officios da somana santa em canto dorgaõ podersehaõ / fazer conforme a uisita do P.e Christouaõ de Gouuea. /

11. Naõ se cantem missas proprias dos collegios em suas festas."

F. 62.

"13. O officio de defuntos he so matinas, & laudes, & assi / tangeraõ som.te as Auemarias da noite & de polla menhaã / e ao officio. /

14. [...] E admitasse que em o tal dia [das 11000 Virgens] nẽ / em qualquer outra solenidade se faça passo, ou represen-/taçaõ alguã por pia que pareça dentro da nossa Igre-/ja. E na procissão se moderem as danças, e outras re-/presentações. ..."

F. 64: "Pera os estudos".

F. 64v.

"10. Naõ se façaõ tragedias que obriguẽ a fazerse the-/atro fora dos estudos, [...] /

11. Nas obras que se fizerẽ naõ se vistaõ moços / como mulheres, mas como nymphas alevantada / a roupa hũ palmo do chaõ."

F. 65.

"13. Goardese a vizita do P.e Christouaõ de Gouuea / no que toca a solemnidade de tirar os santos nas classes / cõ musica a qual deue ser moderada, mas naõ se / admitaõ danças."

Instr.CIAcq.3, 1610

Instruções do Padre Claudio Acquaviva para o Padre Henrique Gomes.
S/I [Roma], 22 de junho de 1610.

Fonte: original na Biblioteca Nazionale Vittorio Emanuele (Roma), códice 1255, doc. 10.

Assinatura: "P.a o P.e Enriqß Gomez. 22. de junho de 610. Claudius."

Observações: o documento no. 10 do códice 1255 consiste de uma série de transcrições com o título "Ordens de Roma tiradas do livro, onde estão / copiadas, das quais se não acharão originais / no Cartorio." A data mais recente mencionada é 24 de fevereiro de 1615. No envelope consta a inscrição "Brasilia: Ordinationes Provinciae. Séc. XVIII."

F. 34.

"Encargamos a VR la obseruancia de la regla 58 de su off. en lo tocante alas / comedias, y tragedias, y quitesse ele abuso de se hazeren estas fiestas donde las mugeres / sean del auditorio..."

F. 36.

"Acerca da procissão das virgens na Bahya p.a euitar incouenientes temos orde-/nado, q' naõ aia danças, nem vaõ figuras, nem aia passos, nem vaõ os nossos nella, / poreu naõ he nossa intenção prohibir, que naõ vaõ na procissão algus poucos acom-/panhando as reliquias com suas sobrepelises, & com a decencia religiosa, mas naõ vaõ / acompanhando figuras, nem fasendo representar passos. / O p.e Visitador prohibio be' as tragedias em modo que as molheres as podessem ouuir / estranhamos o que se fez pello passado, & m.to mais sairem no theatro figuras e mo-/lheres auendo disto prohibição."

Vis.AnVie, [1661]

Visita do Padre Antônio Vieira. S/l, s/d [Colégio do Pará, entre 1658 e 1661].

Fonte: segundo Leite, “conhecemos apenas o exemplar manuscrito, achado no Colégio do Pará em 1760. Não nos consta que tenha sido publicado”. Não há informações sobre a localização atual do manuscrito.

Publicações:

1. LEITE, **História**, vol. 4, pp. 105-124.

2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 676-681, a partir de LEITE.

Versão utilizada: publicação em LEITE.

Pp. 106-107.

“VISITA DO P. ANTÔNIO VIEIRA

“Direcção do que se deve observar nas Missões do Maranhão ordenada pelo Venerável P. António Vieira, Visitador Geral delas,

P. 107

com consulta de todos os Padres Missionários e aprovada por nosso M. R. P. Geral desde o princípio das ditas Missões, a qual se guardou sempre, exceptuando o que se julgou já se não podia observar.”

P. 107.

“2. - PRIMEIRA PARTE, QUE PERTENCE À OBSERVÂNCIA RELIGIOSA:

[...]

“3 - [Viagens]. E ainda que seja navegando, além do altar portátil, se leve nas canoas, campainha e relógio de areia, como é costume, e se tanja à oração e exames, e se leia a lição espiritual ordinária, e se reze a Ladainha de Nossa Senhora, como se estivessem na Residência, pois o lugar não o impede. Uma das coisas, que muito se deve e pode rezar nesta Missão, é a lição dos livros espirituais, ocupando neste santo exercício o tempo, tão desocupado e quieto, em que navegamos pelos rios, pois são viagens tão freqüentes. A este fim haverá em todas as Residências bastantes livros espirituais, os quais se poderão também trocar de uma parte para outra, enquanto não houver tanta cópia para tôdas. E tenham entendido todos que o tempo, em que navegamos, é o mais acomodado para os exercícios espirituais, em o qual podemos segurar o que as ocupações da terra nos não consentem.”

Pp. 112-119.

3. - SEGUNDA PARTE. DO QUE PERTENCE À CURA ESPIRITUAL DAS ALMAS:

"14 - [Doutrina de manhã]. Todos os dias da semana, acabada a oração, se dirá logo uma Missa que a possam ouvir os Índios antes de irem às suas lavouras; e para isso se terá a oração a tempo que quando sair o sol esteja ao menos começada a Missa, a qual acabada se ensinarão aos Índios em voz alta as orações ordinárias: a saber Padre Nosso, Avè-Maria, Credo, Mandamentos da Lei de Deus, e da Santa Madre Igreja; e os Sacramentos, acto de contrição, e confissão, geralmente os diálogos do catecismo breve, em que se contêm os mistérios da fé.

"15 - [Escola]. Acabada esta doutrina irão, podendo ser, todos os Nossos, para a Escola, que estará da nossa Portaria para dentro; aonde os mais hábeis, se ensinarão a ler e escrever, e havendo muitos se ensinarão também a cantar, e tanger instrumentos para beneficiar os ofícios divinos; e, quando menos, se ensinará a todos a doutrina cristã, e em caso que o não possa fazer o Padre, ou será seu Companheiro, que sempre é o que mais convém, ou fará algum moço dos mais práticos na doutrina, e bem acostumado.

"16 - [Doutrina da tarde]. À tarde, antes de se pôr o sol, se tangerá a 2.^a doutrina, exortando a todos que venham a ela, e sendo obrigados a vir os meninos e meninas, como é de costume; e nessa doutrina se ensinarão as mesmas orações, que na de pela manhã, mudando sòmente o diálogo do catecismo, que será variadamente um dos outros. E acabada a doutrina sairão os meninos em ordem, dando a volta a toda a praça da Aldeia, cantando o Credo e Mandamentos; encomendando a espaço as Almas do Purgatório e rezando por cada vez um Padre Nosso e uma Avè-Maria.

"Não basta para remédio das Almas e satisfação de nossas obrigações, que se ensine em geral a doutrina nas Aldeias; mas é necessário, que em particular se advirta, se há alguns mais rudes, que a não [saibam] ou não a entendam; e que êstes se tomem a rol, para

P. 113.

que sejam particularmente ensinados. Isto se poderá fazer mais comodamente, quando as Aldeias se desobrigam pela quaresma, pondo à margem das listas, defronte do nome do que há mistér ser ensinado êste sinal + [uma cruzinha] para que o mesmo Padre, ou outro que lhe suceda, conheça os que necessitam de ser catequizados.

"17 - [Catequese dominical]. Aos Domingos, e Dias Santos, se dirá a Missa a hora em que possam estar juntos, e se tomará conta dos que faltarem, para o que aproveitará muito terem lugar certo, na igreja, as casas e suas famílias, sendo primeiro admoestados em particular, e em público, e depois castigados os que forem mais remissos em acudir à Missa; e antes dela, além da doutrina ordinária, se fará uma que contenha comumente dois pontos, e um de Mistérios, ou Evangelho, e outro moral e contra o vício de maior necessidade.

"18 - [Bailes dos índios]. Para que os Índios fiquem capazes de assistir aos ofícios divinos, e de fazer conceito da doutrina, como convém, se lhes consentirão os seus bailes nas vésperas dos domingos e dias Santos, até às 10

horas ou onze da noite sómente, e para que acabem os tais bailes, se tocará o sino, e se recolherão às suas casas.

"19 - [Aldeias de visita]. Nas Aldeias de visita se fará tudo o sobredito nos dias, em que aí residirem os nossos, e quando estiverem ausentes, deixarão nas mesmas Aldeias, como também nas residências, algum Índio ou Índios de mais inteligência e cuidado, que tenham por ofício acudir à Igreja e tanger à doutrina de manhã, e de tarde, e ensiná-la aos meninos, e aos mais, que concorrem a ela, os quais também terão cuidado de baptizar em caso de necessidade, e de ajudar a bem morrer, e de enterrar os mortos.

"20 - [Devoções]. Todas as segundas-feiras, depois da Missa, sairá o Padre, acompanhado da gente que assistir na mesma missa, a rezar na Igreja e cemitério os responsórios na forma do Catecismo.

"Aos sábados na doutrina de pela manhã, e aos dias de Nossa Senhora se acrescentarão nas orações ordinárias a Salvè-Rainha; e nos Sábados de tarde e vésperas da Senhora se rezarão em lugar da doutrina, as suas Ladainhas.

"Na Quaresma podendo ser, se farão, todas as sextas-feiras, as procissões dos Passos com a Ladainha, prática da Paixão, disciplina; e o mesmo com maior solenidade na Semana Santa, na qual se não exporá o Santíssimo, se não houver a decência necessária com licença do Superior.

"21 - [Confrarias]. Se puder ser, haverá em cada Aldeia 3 Confrarias para que se nomearão seus oficiais: uma do Santíssimo, que assistirá à administração deste Sacramento, e da Santa União e lhe pertencerão tôdas as festas de Cristo; outra das Almas, que terá também cuidado de enterrar os mortos, e das outras obras de Misericórdia; outra do Orago da Igreja a quem pertencerão as festas da Senhora e dos Santos.

[...]

"23 - [Rito na administração dos Sacramentos]. Da administração dos Sacramentos todos se guardem inteiramente do Ritual Romano reformado, e só em caso de necessidade se deixem algumas cerimónias conforme a rubrica do mesmo Ritual.

[...]

P. 115.

"28 - [Catecismos de línguas não tupis]. O Padre que os tiver à sua conta procurará com todo o cuidado fazer um catecismo breve, que contenha os pontos precisamente necessários para a Salvação, e dêste usarão nos casos de necessidade, e por ele os irão ensinando e instruindo, mas em caso que totalmente não haja intérprete, nem outro modo por donde fazer o dito catecismo será meio muito acomodado o misturar os tais Índios com os da Língua Geral ou de outra sabida para que ao menos os seus meninos aprendam com a comunicação; e no entretanto se lhes mostrarão as Imagens e Cruzes, e os farão assistir aos ofícios divinos, e administração dos Sacramentos e as mais acções dos Cristãos, para que possam em caso de necessidade inculcar-lhes o baptismo por acenos, pois não há meio de receberem a fé pelos ouvidos, de modo que ao menos *sub condicione* nenhum morra sem baptismo.

[...]

P. 117.

"32 - [Binação da Missa]. Para maior expedição das Missões, e consolação das Freguesias, que temos à nossa conta, será bom, e principalmente nos dias Santos, onde a distância der lugar, usem os Padres do direito e privilégio que têm os Párocos para poderem dizer duas Missas no mesmo dia, e o Cális depois de consumir o Sangue, e enxugado com a boca o melhor que puder ser, o levará o Sacerdote ou na mão junto ao peito, ou no Altar portátil sobre a Ara, e Corporal coberto com o sanguínio, seguindo tudo mais que faz em dia de Natal.

[...]

P. 118.

"35 - [Funerais]. Amortalhado o defunto, se meterá na tumba, e será posto em lugar decente com uma Cruz à cabeceira, e uma luz pelo menos quanto der lugar a pobreza da gente. E por que no modo de amortalhar há nações que usam algumas coisas supersticiosas, estas se lhes proíbam, e ainda alguns excessos com que costumam chorar o defunto, posto que sejam mais demonstrações de dor natural que uso gentílico, se procurará quanto fôr possível se acomodem à política cristã.

"No enterramento nos acomodaremos com o Cerimonial Romano, quanto a limitação da Aldeia permitir; e nos lugares das sepulturas haverá tal diferença, que só os Principais de tôda a Aldeia se enterrem nas grades para dentro, e no corpo da Igreja todos os fregueses da mesma nação; e no adro os escravos que aí se vierem enterrar.

"36 - [Sufrágios]. No dia seguinte ao entêrro de algum, ou no mesmo dia, se houver lugar, acabada a Missa, lhe dirá o Padre um

P. 119.

responso sôbre a sepultura, e será caridade muito grata a Deus se todos os Sacerdotes, que têm cuidado destas tão desamparadas almas disserem uma Missa *in die obitus* por cada um dos que morrerem na sua Freguesia, pois carecem de todo o outro sufrágio; e por êste responso o N. R. Padre alivia a todos os Missionários das Missas que por sua tenção deviam dizer.

"Para suprir a falta dos sufrágios procurem os Padres introduzir nas Aldeias, podendo ser, o uso das Bulas de vivos e defuntos, pagando-se a esmola com alguma coisa, que o defunto deixar, ou de outro modo que facilmente pode descobrir a caridade: será bem, que os Padres apliquem as Indulgências que puderem, assim suas, como as Orações que fazem naquela hora publicamente na Igreja; e as que se fizeram até o fim do dia em que morreu o defunto, e as de encomendação das Almas."

Vis.AnGon.1, 1666

Visita do Padre Antão Gonçalves ao Colégio de Pernambuco. Outubro de 1666.

Fonte: original no ARSI, Fondo Gesuitico, Collegia, Busta 114 / 1487, doc. 8.

Título original: "Visitando o P. Comissario Antam Glz / este Coll.º de Pernambuco, ordenou as / cousas seguintes: em outubro do anno / 1666."

F. 3.

"25. Na festa das onze mil Virgens, naõ se consin-/taõ danças q façã os Estudantes, porq gastaõ m.^{to} aos / paes, e elles perdem seu estudo: se contudo o [juis], / e [mordemos] quisere' aia as taes danças; os nossos naõ / concorraõ p^a ellas, buscando uestidos, ou outras couzas: / ne' as figuras se uistaõ, ou nos estudos, ou no Coll.º / E m.^{to} menos se consintaõ figuras na procissaõ, q uaõ / em trage de molheres, q [fazere'] taes figuras, he mais / p^a estranhar. Tambem naõ se consintaõ commedias, / ou tragedia alguã; e de tudo o assima dito sejaõ / os estudantes auisados."

Vis.AnGon.2, 1666

Visita do Padre Antão Gonçalves. Colégio do Espírito Santo, dezembro de 1666.

Fonte: original no ARSI, Bras 9, doc. XXV, ff. 188-191.

Título original: "Visitando o P. Antam [Glz] Comissa /rio Gl desta Prou.^{ia}
ordenou as cousas se/guintes: anno 1666 mensa Decembri. / Coll. do Sp.^o
S.^{to}."

F. 188.

"A festa dos nossos escrauos que no engenho estaõ / naõ vaõ musicos
alguns brancos, senaõ os Indios da Aldea p^a se / euitarem m.^{tas} e uarias
desordens."

Reg.JoBett, 1670

Compromisso e regras da Congregação de Nossa Senhora da Luz e do Terço, no Colégio dos Padres da Companhia de Jesus, em São Luís do Maranhão. Padre João Felipe Bettendorf. São Luís do Maranhão, 12 de setembro de 1670.

Fonte: original no ARSI, Fondo Gesuitico, Collegia, Busta nn. 94 / 1465, nº 5 (Maranhão).

Título original: "Compromisso e Regras / Da Congregação de Nossa Senhora da Luz e do Terço, no Collegio dos / PP.^{es} da Companhia de JESU, em / S Luis Cidade do Maranhão."

Assinatura: "Em S.^{to} Luis Cidade do Maranhão, / no Collegio de Nossa Senhora da Luz aos 12 de 7bro de 1670 / Joaõ Philippe Bettendorff."

Observação: o Padre Bettendorf menciona a criação da Congregação e suas regras na sua **Crônica**, pp. 265-266.

F. 2. [Início do documento - f. 1 em branco.]

"Os primeiros Principios da Congregação. /

"Querendo o P Antonio Vieira, Sup^{or} e Visitador da Missão dos PP^{es} / da Comp^a de JESU por todo o Estado do Maranhão, entreter os fieis Christãos, na / ueneração, e no amor da Virgem may de Deus, se determinou a Instituir a sancta / e nunca assas louuada deuação do Terço, p^a se cantar todos os dias ao por do sol na Igreja de N^a S^{ra} da Luz. Principiou se esta deuação no Anno de 1653, e foi se / continuando pellos meninos das Escolas, e os estudantes das Classes do Collegio, com / poco concurso de mais gente, ate os 8 de 7^{bro} de 1662; quando o P Pero Luis Glz Sup^{or} / do Collegio [...] começou, / com consentimento do P^e Manoel Nunnez Sup^{or} de toda a Missão, huma Congregação / debaixo do titolo de N^a S^{ra} da Luz e do Terço."

F. 4

"12 Todos os dias podendo ser commodamente assistiraõ ao Terço q se canta / no Collegio diante da Virgem Senhora da Luz, senão o rezaraõ la onde quer q. estiuerm."

F. 5

"De todos os mezes. /

"19 Todas as quartas Domingas do Mez, se Confessaraõ e Commungaraõ todos / na sua Missa q se dira pelas noue ou dez horas [...]. /

"20 Nesta sua Missa assistiraõ ao menos quatro Irmaõs com suas uelas na maõ / desde sanctus ate depois da Communiaõ. e podendo ser [auessi, auem] alguma Musica / mais não sem Missa cantada."

F. 5v.

"23 Hum destres tres dias [do entrudo, antes da Quaresma] confessaraõ e commungaraõ, e cada dia assistiraõ a huma / Missa sua, na qual [auem] alguma Musica. [...] /

"25 Durante a quaresma assistiraõ nas tardes das Domingas, e praticas das sextas feiras / em q se mostraõ os passos. nam auendo impedimento. e teraõ trez uezes disciplina / polespaço de hum miserere cantado, na somana, a saber as segundas, quartas e sextas / feiras."

Ord.SemBel, [1696]

Ordens para o Seminário de Belém. S/a. S/l, s/d [Belém da Cachoeira, 1696].

Fonte: original no ARSI, Fondo Gesuitico, Collegia, Busta nº 15 / 1373, nº 4 (Belém da Cachoeira), doc. nº 1.

Título original: "Ordem / que se ha de guardar / no seminario de Bellem."

Título na publicação: "Ordens para o Seminário de Belém conforme ao que mandou Nosso Reverendo Padre em uma sua de 28 de Janeiro de 1696, e em outra antecedente de 16 de Janeiro de 1694 ao Padre Provincial."

Publicações:

1. LEITE, **História**, vol. 5, pp. 180-189.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 682-683, a partir de LEITE.

Versão utilizada: publicação em LEITE, com exceção do trecho no f. 3 do documento original, que não foi publicado.

Documento original:

F. 3.

"1. O fim deste seminario he a boa criação dos meninos, a fim / de q' saiam ao diante bons Christãos. Aprendem nelle a / ler, escreuer, contar, a muzica, gramatica, latinidade / e as mais letras humanas, e sobre tudo se ha de ter cuida-/do, que os meninos saibam, e entendam bem a douctrina / Christam, e os exercicios de bons costumes."

Publicação:

P. 183:

"12. Mestre de música seja um secular, e de nenhuma maneira os Nossos ensinem solfa nem toquem instrumentos, nem cantem e muito menos na Igreja e no côro."

P. 185:

"24. Haverá duas classes de *Latim*, além da classe de Solfa, e em uma se ensinará a *Arte* e na outra a mais *Latinidade* e *Retórica*, conforme a capacidade dos ouvintes, segundo a ordem das classes da Companhia."

"Ordem que se deve guardar no Seminário de Belém."

P. 187:

"3. Acabado o repouso, irão fazer breve oração ao Senhor ou à Senhora; recolher-se-ão a seus lugares, a estudar as obrigações da classe, até às três horas, e serão castigados os que neste tempo falarem. Às três horas irão à classe; acabada ela poderão falar até à lição de solfa, à qual assistirão todos, e terão suas lições, e serão castigados os que faltarem. Acabada ela poderão espairer até às Avè-Marias, conforme a permissão do Padre Reitor."

P. 188

"6. Nos Dias Santos e suetos à tarde, depois de estudarem uma hora, terão o mais tempo de recreação, e poderão jogar os jogos costumados e merendar, e procurar de aproveitar o tempo, recordando o atrasado, fazendo suas composições, provando os tonilhos, e aprendendo a tocar os instrumentos, conforme a ordem que tiver dado o Padre Reitor."

Vis.FrMat, 1701

Visita do Padre Provincial Francisco de Mattos. Colégio da Bahia, 2 de maio de 1701.

Fonte: original na Biblioteca Nazionale Vittorio Emanuele (Roma), códice 1255, doc. 13.

Título original: "Visita do P.e Provincial Francisco de Mattos."

Assinatura: "Coll.o / da B.a 2 de Mayo de 1701."

Texto acrescentado à assinatura: "Haec ex libro Visitationum a P. Provinciali / Francisco de Mattos ordinato, et fideliter descript[o], / jussus R. P. N. [qui en pd se mitti voluit]. / Bahia, 14 Septembris Anni 1703."

F. 46

"7. Em todas as ceremonias do culto divino se observem as que se mandaõ nas / rubricas da Igreja o tom dos Salmos no officio da somanas [. Ja] cantado no coro, ha de / ser como o dos officios de defuntos; e so as liçoẽs dos Padres, q' regem o coro, poderam / ser entoadoas, assim como o fazem os ditos Padres em tudo a maes, que por aquelle tempo / se canta no altar, e no pulpito."

MARQUES, 1758

Dos poderes pontifícios concedidos aos bispos do Brasil. Padre Simão Marques. Lisboa, 1758.

Publicação original: MARQUES, Simão, S.J. (1684-1767). **Brasilia pontificia sive speciales facultates pontificiæ quæ brasiliæ episcopis conceduntur.** Lisboa: Imprensa de Antonio Vicente da Silva, 1758.

Título na publicação: "BRASILIA / PONTIFICIA / SIVE / SPECIALES FACULTATES PONTIFICIÆ / QUÆ / BRASILIAE EPISCOPIIS / conceduntur, / ET SINGULIS DECENNIIS RENOVANTUR, / cum Notationibus evulgatæ, / ET IN / QUATUOR / LIBROS DISTRIBUTÆ / Per / R. P. SIMONEM MARQUES / conimbricensem Societatis Jesu / In Provincia Brasilica Diœcesis Fluminensis / Examinatiorem Synodalem, olim in Collegio Jannuariensi Sacro, Theologio, Primariū / Professorem, postea verò in eodem Collegio Studiorum generalium Decanum. / ACCESSIT APPENDIX / Pro Casibus in Brasilia reservatis cum desiderata eorum expositione. / OPUS / Omnibus Confessariis, Parochis, Causidicis, et Judicibus / transmarinis, præsertim Ecclesiasticis, in utraque India, tam Orientali, quàm / Occidentali perquàm utili, ac necessarium. / NOVA Editio auctior, et correctior / ULYSSIPONE, / EX Prælo Antonii Vincentii da Silva. Anno M.DCCLVIII. Cum facultate Superiorum"

Observações: segundo o catálogo da Biblioteca Pública de Porto Alegre, Simão Marques nasceu em Coimbra, 1864 [sic – 1684?], e morreu em Roma, a 5 de janeiro de 1767. Com 17 anos entrou para a Companhia de Jesus e no ano de 1702 veio para o Brasil. Fez o curso de Humanidades e Ciências Escolásticas no Colégio do Rio de Janeiro, onde depois foi professor, reitor, examinador sinoidal e por fim provincial. Publicou sermões em português.

"Liber tertius – Notationes ad ultiores novem facultates pontificas quæ brasiliæ episcopis conceduntur."

P. 312:

"Disputatio septima - de decimaoctava, et decimanona facultatibus pontificiis, quæ brasiliæ episcopis conceduntur

"Sectio I – de oratione 40. Horarum, ejusque primeva institutione

[...]

"373. Notatio prima. Quæ fuerit occasio instituendi Orationem 40. Horarum? R. Fuisse vitam licentiosam, & populi Christiani relaxationem in Bacchanalibus: cùm enim triduo illo, quod solemne 40. dierum jejunium antecedit, christiani viderentur passim à Christo suo ad Bacchum, & Veneram palam, & apertè deficere: adeò, ut posito pudore, & omnes Religionis sensu, in omnem licentiam crapulæ, comessionis, lasciviæ, & flagitiorum sese essunderent, quasi ex instante jejunio, quod ad remedium scelerum ab Ecclesia sanctissime institutum est, scelerum captarent ansam, & ad virtutem per flagitia sese

componerent. Hinc occasionem arripuit SOCIETATIS JESU, ut vitiis Bacchanalibus bellum indiceret, non aliis obarmata felis, quàm exquisito templorum ornatu, pio Musicorum concentu, servidis ad populum concionibus, ac solemnibus trium dierum precibus cum Indulgentiis plenariis indictis.

"374. Primus, qui hunc zelum exercuit, fuit P. Oliverius Manaraeus; is enim, supestate adhuc Parente N. Ignatio, dum Laureti degeret intellexissetque hisce Bacchi feriis comœdiam publicam omninò infamem, & obscœnam apparere, eam ut impediret, nullum non movit lapidem: sed dum nec oratione, nec ratione, nec comminatione disturbare posset, consilium cepit plenum religionis, & sanctæ industriæ. Orationem 40. Horarum in Sacello lauretano instituit, quod exquisito, & magnifico apparatu adornavit, eoque populum adeò attaxit, ut foro deserto, actores sibi comœdiam, nemine applaudente, exhibuerint; & pro infami spectaculo, & lavernionum choragio omnes ad celebritatem sacræ ædis affluerint.

Pp. 333-334.

'Sectio X – Resolvuntur obiter nonnulla dubia de aliis Missis celebrandis.

"493. Notatio prima. An nocte Nativitatis Domini dici possint simul tres Missæ? Non est dubium de Missis cantatis: de his enim extant decreta Sacræ Congregationis, quæ citra dubium prohibent post primam Missam cantatam in nocte Nativitatis Domini, alias duas Missas celebrare. Decreta Sacræ Congregationis, verbum transcribere, prout ea affert *Pignatelli tom. 7. consultat. 25. n. 9. substituo loco sequenti.*

"An nocte Sacratâ Nativitatis Salvatoris post primam Missam cantatam, aliæ duæ Missæ immediatè celebrari, & Christi Fidelibus Sacra Eucharistia ministrari liceat?

"494. Respondit Sacra Congregatio: *In nocte Nativitatis Domini post primam Missam cantatam, aliæ duæ Missæ non celebrentur, nec Christi Fidelibus Sacra Eucharistia ministretur in Psalms.*

"495. Item per hæc alia. *Patres S. Caroli Congregationis Clericorum Regularium petierunt responderi: an liceat in nocte Nativitatis Domini post cantatam primam Missam [...]*

P. 334

dias immediatè celebrare, & [c]ommunicare Fideles? Et sacra Congregatio respondit nullo modo licere, sed omninò prohibere. Die 20. Aprilis 1641. [...]

"498. En decreta Sacræ Congregationis, ex quibus apertè constat in nocte Natalis Domini post primam Missam cantatam, nec alias duas Missas immediatè celebrari, nec Sacram Eucharistiam fidelibus ministrari licet. Quare de tribus Missis cantatis, vel faltem de prima Missa cantata, & aliis duabus privatis immediatè celebrandis, non est dubium, cùm faltem de his pallam loquandur decreta.

"499. Totum dubium est de Missis privatis: an scilicet in nocte Nativitatis Domini dici possint successivè tres Missæ privatæ? [...]

"500. R. Affirmativè. Ratio est: Quia decreta S. Congregationis solùm versantur circà tres Missas cantatas, vel faltem circà primam Missam cantatam, & alias duas Missas privatas post primam Missam cantatam in nocte Natalis Domini: ergo in talibus decretis nihil deceditur contra tres Missas privatas simul

celebrandis in ea Sanctissima nocte. Consequentia probatur: Quia decreta S. Congregationis fuerunt expedita in eo sensu, in quo erat quæstio de tribus Missis simul celebrandis in nocte Natalis Domini: quæstio autem erat de tribus Missis cantatis, vel faltem de prima Missa cantata, & aliis duabus Missis privatis immediatè celebrandis post cantatam, & non de tribus Missis privatis."

P. 335.

"503. Non, inquam, obstat hoc decretum, in quo unicè fundantur scrupulosi, qui sententiam affirmativam impugnant: siquidam hoc tale decretum mutilatum assetur à Lacroix, vel à quibus ille accepit: cùm hoc sit idem ominò decretum, quod ex *Pigmatel.* transcripsimus, ut constat ex die, & anno, quibus fuit expeditum: decretum autem, quod assert *Pigmatel.* versatur circa Missas cantatas, vel faltem circà primam Missam cantatam, & alias duas privatas, non verò de tribus Missis privatis: & decretum quod assert Lacroix, loquitur de Missis in confuso, & promiscuè, non distinguendo inter Missas cantatas, & privatas, unde patet decretum circumferri mutilatum."

P. 336.

"507. Notandum 2. Cognationem carnalem in Sanctis esse commendatione dignam. Sic Ecclesia cùm Sanctos Fratres celebrat, verbis utitur, quibus fraternitatem exponit, in officio, & Missa, uti rem commendatione dignissimam, ut advertit *Avendan. citat. Num 115.* Adeò, ut ex cognatione carnali metaphoram defumat Ecclesia ad cognationem spiritualem laudandam, ut in festo Ss. Martyrum Joannis, & Pauli, ubi eorum simultaneam pro Christo Passionem laudat à fraternitate in Sanctis commendabili, sic: *Quos eam fides, & passio verè fecit esse germanos. Id etiam indicat communis illa pro Ss. Martyribus de cantata laudatio in officiis sacris: Hæc est vera fraternitas, quæ vincit mundi crimina.* Et in festo S. Cæciliæ commendatur illud ejus dictum ad Triburtium Valeriani Sponsi fratrem, hoc modo: *Hodie te fateor meum cocinatum, quia amor Dei te fecit esse contemptorem idolorum.* His notatis.

"508. Resolutio sit. In hoc Fluminensi Collegio, ubi de S. Mario sit officium, & dicitur Missa sub ritu duplici ob esus Reliquiam insignem, dividendi non sunt S. Martha, Audifax, & Abacum modo proposito, ..."

Pp. 338-339.

"517. Confirmatur 2. Siquidem qui est absens à propria Ecclesia, potest retinere ritum illius circa recitationem Horarum Canoniarum, & celebrationem Missæ, quamvis sit diversus à ritu Ecclesiæ, apud quam reperitur. Unde Ambrosianus potest recitare Ambrosiano modo, & secundùm aliquos etiam tenetur Græcus apud Latinos servare proprium ritum Græcum: ergo à fortiori

P. 339

poterit celebrare de Sanctis, de quibus celebratur in propria Ecclesia, quia valet argumentum à maiori ad minus, quando minus continentur in maiori, ita ut si licet maius, liceat etiam, quod minus est."

3.4 Catálogos

Cat.AIGusm, 1694

Catálogo trienal da Província do Brasil. Padre Alexandre de Gusmão.
Bahia, 24 de junho de 1694.

Fonte: original no ARSI, Bras 5, ff. 135-143.

Título original: "Tertius / ex tribus catalogis / triennialibus / ex provincia
brasilica / [...] / anno MDCXCIV."

Assinatura: "Bahyae 24 Junij 1694. / [...] / Alexandre de Gusmaão."

Observação: o texto é muito semelhante ao do catálogo de 1701, do Padre Francisco de Mattos.

F. 136v.

"Ex saccharo, et coriis prouentus deducitur ad sumptus Ulyssipone / faciendos,
in emptione olei, uini, farinae triticeae, indumentorum, / et alia hujusmodi;
praesertim pro officinis tum domesticis, tum ex-/ternis necessario apparatu
instaurandis: praeter Ecclesiae sumptus, / qui ex propriis redditibus fiunt, in
oleo, uino, cera, sacrisque / uestibus comparandis, et Musicorum stipendio."

Cat.FrMat, 1701

Catálogo da Província do Brasil. Padre Francisco de Mattos. Bahia, 18 de agosto de 1701.

Fonte: original no ARSI, Bras 6 I, ff. 26-30.

Título original: "Tertius Catalogus Rerum Temporalium."

Assinatura: "Bahiae 18 Augusti 1701. / Franciscus de Mattos"

Publicações:

1. LEITE, **História**, vol. 5, pp. 588-596.

Versão utilizada: documento original.

Observações:

1. O documento descreve todos os colégios e o Seminário de Belém, e as atividades dos padres, mas não são mencionados instrumentos ou professores de música.
2. É muito semelhante ao catálogo de 1694, do Padre Alexandre de Gusmão.

F. 26v. Colégio da Bahia.

"Ex saccharo, et coriis, [t,p]abulisq uenalibus prouentus per-/cipitur ad sumptus Ulyssipone faciendos in emptione olei, uini, fa-/rinae triticeae, indumentorumq', et rerum his similium, quae ad Religio-/sorum uestitum, et uictum, in Collegio, et Pagis Indorum, ad Residen-/tiis, per Bahiense Territorium sparsis, uersantium, sunt necessaria; / praeter Templi sumptus, qui ex propriis redditibus fiunt in oleo, uino, cera, sacrisq' uestibus comparandis, et Musicorum stipendio."

Cat.JoAndr, 1707

Catálogo Trienal da Província do Brasil. Padre João Antonio Andreoni.
Bahia, 29 de dezembro de 1707.

Fonte: original no ARSI, Bras 6 I, ff. 61-65.

Título original: "Admodum R.^o in Chr'o Patri Nostro / Michaeli Angelo Tamburino / Societ. IESU Praep.^o Gen.^{li} / Catalogus / tertius / ex triennialibus Prouinciae / Brasilicae / Romam missus / R.P.Prouinciali / Joanne Antonio Andreono / anno / MDCCVII."

Assinatura: "Bahiae 29 Decembris anni 1707. / Joannes Antonius Andreonus."

F. 65: Colégio de São Paulo.

"Collegium S.^{ti} Ignatij in oppido Diui Pauli. / [...] /

"Data Collegio duo millia aureorum Lusitano-/rum pro celebrandis cum cantu singulis annis ex eorum lucro, / precibus nouemodialibus D. Francisco Xauerio."

Cat.ManDias, 1725

Catálogo trienal da Província do Brasil. Padre Manoel Dias. Bahia, 20 de julho de 1725.

Fonte: original no ARSI, Bras 6 I, ff. 155-158.

Título original: "Catalogus Tertius et Triennialibus / Rerum Temporalium Prouinciae Brasiliae / Romam missus anno 1725."

Assinatura: "Bahiae 20 Julij 1725. / Em'manuel Dias"

F. 157: Colégio de São Paulo.

"Ara D. Xauerio sacra habet ad lucrum scuta romama 3E650 / ex quorum reditibus ipsi necessaria parantur: celebrantur q' cum cantu preces / nouendiales ipsi sacras a die 3.a usq' ad 12.a Martij: celebratur q' in super festum ipsius die 3.a Decembris: emitur q' oleum, quo lampas argentea ante ip/suis Aram indesinenter accensa perseuerat. /

"Ara Beatissima Virgini ab exilio dicata, habet ad lucrum seposita ad / proprium festum celebrandum scuta romana. 330 / Confraternitas Sanctarum Undecim Mille Virginum percipit lucrum scu-/torum romanorum. 230 / Ad celebrandum triduum quadraginta horarum seposita sunt ad lucrû / scuta romana. 1E200 / Templi supellex in aliquibus creuit: emptum est organum sufficien-/tis magnitudinis, quo musicorum cantus in festis mirifice iuuatur, stetit q' / scutis romanis. 200."

Cat.MaCoel, 1732

Catálogo trienal da Província do Brasil. Padre Marcos Coelho. Bahia, 1732.

Fonte: original no ARSI, Bras 6 I, ff. 188-191.

Título original: "Cathalogus tertius ex triennialibus / rerum temporalium Prouinciae Brasilicae / Romam missus an. 1732."

Assinatura: "Bahiae. / Marcus Coelho."

F. 189v: Colégio de São Paulo.

"Ara D. Xauerio sacra habet ad lucrum scuta romana 3E600 / Ex quorum redivitibus ipsi necessaria parantur: celebrantur q' cum cantu preces / nouendiales ipsi sacras â die tertia usq' ad duodecimam Martij: celebratur / insuper festum ipsius die tertia Decembris: emitur q' oleum, quo lampas ar-/gentea ante ipsuis Aram indesinenter accensa perseuerat."

Cat.MiCost, 1736

Catálogo trienal da Província do Brasil. Padre Miguel da Costa. Bahia, 31 de janeiro de 1736.

Fonte: original no ARSI, Bras 6 I, ff. 230-233.

Título original: "Catalogus tertius triennalis. / De rebus temporalibus Prouinciae Brasilicae / Romam missus anno 1736."

Assinatura: "Ba-/hia 31 Januarij 1736. / Michael â Costa."

F. 232: Colégio de São Paulo.

"Ecclesia dispendio Collegij magna ex parte sustentatur, et decenti supellectili sacrâ / ornata uisitur: habet tamen quosdam redditus proprios, destinatos ad ornatum Altaris B. Virginis, / & Sancti Xauerij, cum onere quoque celebrandi quasdam Festiuitates. Ex hujusmodi redditibus per-/cepuit anno elapso scuta. 91."

Cat.ProvsBras, 1749

Catálogo das residências, colégios, seminários e missões nas Províncias do Brasil em 1749. S/a. S/l, s/d [1749].

Fonte: impresso do séc. XVIII no ARSI, Hist Soc 17 (*Catalogus Provinciarum ac domorum*), doc. 42.

Título original: "CATALOGUS / Prouinciarum, Domorum, Colle-/giorum, Residentiarum, Se-/minarorum, & Missionum / SOCIETATIS IESU / Anno MDCCXLIX. / ROMAE, / Ex Typographia Komarek in Platea Sciarrae in via Cursus."

Observações: catálogo impresso das províncias da Companhia de Jesus, constando igrejas, residências, colégios, seminários e missões. As relações da província do Brasil e vice-província do Maranhão encontram-se nas páginas 11 e 12. Na página 40 há uma relação das assistências com o número total das residências, seminários, etc., e na página 42 uma estampa de um mapa mundi com a indicação dos trabalhos dos religiosos da Companhia. Em latim.

P. 11.

PROVINCIAE BRASILIAE

Anatubensis Missio.	<i>Anatubà</i>
S. Andreae Miss.	<i>S. Andre.</i>
Arissariguanensis Resid.	<i>Arissariguam.</i>
Arassatibensis Res.	<i>Arassatiba</i>
D. Auxiliatricis Residentia	<i>N. Senhora do Socorro.</i>
Bahiensis Colleg.	<i>Bahia</i>
Bahiensis Domus Probat.	<i>Bahia</i>
S. Barnabae Mis.	<i>S. Barnabè.</i>
Bethlemicum Semin.	<i>Belem.</i>
Camamuensis Res.	<i>Camamù.</i>
Ad Campos novos Res.	<i>Campos novos.</i>
Cannabravensis Mis.	<i>Cannabrava.</i>
Capitis frigidi Res.	<i>Cabo Frio.</i>
Caraubensis Res.	<i>Caraubà.</i>
S. Catharinae Mis.	<i>S. Catharina.</i>
Caucarensis Miss.	<i>Caucarà.</i>

Cerenhaensis Res.	<i>Cerenhaà.</i>
S. Christophori Res.	<i>S. Christovam.</i>
Coloniae novae Mis.	<i>Nova Colonia.</i>
S. Crucis Res.	<i>Santa Cruz.</i>
Embougensis Miss.	<i>Embougè.</i>
S. Francisci Xaverii Res.	<i>Fran. Xavier.</i>
Goajuruensis Miss.	<i>Goajurù.</i>
Guaitacaensis Res.	<i>Guaitacà.</i>
Guarayrensis Miss.	<i>Guarayrà.</i>
Jaboatamensis Res.	<i>Jaboatam.</i>
Januarii Fluminis Colleg.	<i>Rio de Janeyro.</i>
S. Ignatii Res.	<i>S. Ignacio.</i>
Insulana Dom.	<i>Santa Anna dos Ilheos.</i>
S. Joannis Miss.	<i>S. Joam.</i>
S. Josephi Miss.	<i>S. Joseph.</i>
Intingensis Miss.	<i>Intinga.</i>
Juruensis Miss.	<i>Jurù.</i>
S. Laurentii Miss.	<i>S. Lourenço.</i>
D. a Luce Res.	<i>N. Senhora da Luz.</i>
Mayrayrensis Res.	<i>Mayrayù.</i>
Macacuensis Res.	<i>Macacù.</i>
Maravaensis Miss.	<i>Maravà.</i>
S. Michaelis Res.	<i>S. Miguel.</i>
Moribicensis Res.	<i>Moribica.</i>
Monjopensis Res.	<i>Monjope.</i>
Natubensis Res.	<i>Natube.</i>
Olindense Colleg.	<i>Olinda.</i>
Paraybensis Domus	<i>Parayba.</i>
Parangabensis Miss.	<i>Parangaba.</i>
Paupinensis Miss.	<i>Paupina.</i>
Parnaguensis Domus	<i>Parnaguà.</i>
Patatybensis Res.	<i>Patayba.</i>
Paulopolitanum Colleg.	<i>S. Paulo.</i>
Payacuensis Miss.	<i>Payacù.</i>
Pacocayensis Res.	<i>Pacocaya.</i>
S. Petri Miss.	<i>S. Pedro.</i>
Pitanguensis Res.	<i>Pitanga.</i>
Portus-Securi Domus	<i>Porto Seguro.</i>
Reciffense Colleg.	<i>Reciffe.</i>
Regum Magorum Miss.	<i>Reys Magos.</i>
Reritibensis Miss.	<i>Reritiba.</i>
Saccensis Miss.	<i>Sacco dos Morcegos.</i>
Saccharea Molae Miss.	<i>Engenhos.</i>
Sanctorum Colleg.	<i>Todos os Santos.</i>
Dom. a Scalla Miss.	<i>N. Senhora da Escada.</i>
Searensis Domus	<i>Searà.</i>
Serenahensis Res.	<i>Serenhaèm.</i>

Cat.ProvsBras, 1749

Sobradensis Res.	<i>Sobrado.</i>
Spiritus Sanctus Colleg.	<i>Espirito Santo.</i>
Spiritus Sanctus Miss.	<i>Espirito Santo.</i>
Taguayensis Res.	<i>Taguay.</i>
Tapicyricuensis Miss.	<i>Tapicyricù.</i>
Tujupebaensis Res.	<i>Tujupeba.</i>
Uruburensis Res.	<i>Uruburu.</i>
Ybiapabensis Missio.	<i>Ybiapaba.</i>

"In hac Prouincia numerantur socii num. 445.
Ex his sacerdotes num. 228."

P. 12

MARAGNONIUM V. PROVINC.

Abacaxiensis Resid.	<i>Abacaxi</i>
Andiraensis Miss.	<i>Andirà</i>
Anindybensis Resid.	<i>Anindyba</i>
Arapeaensis Resid.	<i>Arapeà</i>
Araticuensis Resid.	<i>Araticu</i>
Arecarensis Resid.	<i>Arecarò</i>
Aricaensis Miss.	<i>Aricarà</i>
Arvaraensis Resid.	<i>Arvarà</i>
S. Blasii Resid.	<i>S. Bras.</i>
Bocanensis Resid.	<i>Bocano</i>
Bourariensis Resid.	<i>Bourari</i>
Byrajubensis Resid.	<i>Byrajubà</i>
Caaetensis Resid.	<i>Caaetè</i>
Camamuensis Miss.	<i>Camamù</i>
Cumaruens Resid.	<i>Cumarù</i>
Guaricuensis Resid.	<i>Guaricù</i>
Gibiriensis Resid.	<i>Gibiriè</i>
Jagoariensis Resid.	<i>Jagoari</i>
Ibyrajubensis Resid.	<i>Ibyrajuba</i>
Icatuensis Resid.	<i>Icatù</i>
S. Ignatii Resid.	<i>S. Ignacio</i>
S. Josephi Resid.	<i>S. Joseph</i>
Ita Crucaensis Resid.	<i>Ira Cruca</i>
Itapacurensis Resid.	<i>Itapacurù</i>
Maracaensis Resid.	<i>Maracà</i>
Maracuensis Resid.	<i>Maracù</i>
Marajoensis Resid.	<i>Marajo</i>
Maragnonense Colleg.	<i>Maranham</i>
Matris Dei Dom.	<i>Madre de Deus</i>
Moribyrensis Resid.	<i>Maribyrà</i>

Cat.ProvsBras, 1749

Mortigurensis Resid.	<i>Mortigura</i>
Moritibaensis Miss.	<i>Moritibà</i>
Pinariensis Resid.	<i>Pinaria</i>
Paraense Coll.	<i>Parà</i>
Piaguyensis Miss.	<i>Piaguyà</i>
Salinarum Resid.	<i>Salinas</i>
Samaumensis Resid.	<i>Samaumà</i>
Spiritus Sancti Miss.	<i>Espirito Santo</i>
Tapajuensis Resid.	<i>Tapajù</i>
Tapinambensis Resid.	<i>Tapinambà</i>
Tapuytaperensis Domus.	<i>Tapuytaperà</i>
Tocantiensis Miss.	<i>Tocanti</i>
Vigiensis Dom.	<i>Vigia</i>
Xinganesis Resid.	<i>Xingà</i>

"In hac V. Provincia numerantur Socii. num. 145.
Ex hiis Sacerdotes. num. 88."

P. 40

"Status societatis JESU anno M.DCC..XLIX.

"Brasiliae:

Dom Prof. 0
Coll. 7
Dom. Prob. 1
Sem. e Con. 1
Res. 34
Miss. 28
Socii. 445
Ex his Sacer. 228

Maragnonium

Dom Prof. 0
Coll. 2
Dom. Prob. 0
Sem. e Con. 0
Res. 34
Miss. 7
Socii. 145
Ex his Sacer. 88"

MARCOS TADEU HOLLER

UMA HISTÓRIA DE CANTARES DE SION
NA TERRA DOS BRASIS:
A MÚSICA NA ATUAÇÃO DOS JESUÍTAS
NA AMÉRICA PORTUGUESA (1549-1759)

VOLUME 2 - DOCUMENTAÇÃO

Parte 2

Tese em 2 volumes apresentada
ao Curso de Doutorado em
Música do Instituto de Artes da
UNICAMP como requisito parcial
para a obtenção do Título de
Doutor em Musicologia sob a
orientação da Profa. Dra. Helena
Jank.

CAMPINAS
2006

3.5 Relações e crônicas

Cro.JoPol.2, 1539-1556

Vida de Inácio de Loyola e Crônica da Companhia de Jesus, do Padre João Afonso de Polanco. Roma, 1539-1556.

Título original: "Vita Ignatii Loiolae et rerum Societatis Jesu historia. Auctore Joanne Alphonso de Polanco ejusdem Societatis sacerdote."

Publicação: **Monumenta Historica Societatis IESU**, vols. 1,3,5,7,9,11.

Observação: Polanco nunca esteve no Brasil; as informações foram obtidas de cartas recebidas.

Tomus secundus (1550-1552).
MHSI, vol. 3.

P. 385: Índios em São Vicente, em 1551.

"Interim brasiliensis eos valde urgebant, et velut dæmonum depictorum faciem præ se ferebant; nudi enim erant, alii negro colore, alii rubro tincti, alii plumis cooperti, et sagitis clamorem et cornuum sonitum addebant, quo solent in bellis suos animare."

P. 389: Casa em Salvador, em 1551.

"Quotidie Missa, omnibus his canentibus, celebratur; quam alia pia cantica vernacula lingua pueri brasiliensis docebantur, ut per pagos discurrendo, ea canerent."

Pp. 395-396: Índios em Salvador, no dia de São Miguel.

"466. Ipso die Sti. Michaëlis constitutum est ut illi baptizarentur, cum id optarent, idonei videbantur; [...] fuit autem processo instituta neophytorum, quos filii numero viginti quinque præcedebant, alii utriusque sexus sequebantur, et ex pueris unus crucem erectam portabat, et alta voce Pater Noster usque ad civitatem Salvatoris canebant; quæ res et civibus magnæ ædificationi fuit et brasiliensis fir-

P. 396

miores effecit, qui magno desiderio proficiendi tenebantur."

Pp. 718-719: Colégio da Bahia, em 1552.

"651. Adducebat secum tres pueros ex his, qui ex Portugallia venerant a P. Petro Domenech inter orphanos instituti, et horum overa usus initium dedit cuidam Collegio huiusmodi puerorum. Destinati quidem erant ad Sanctum Vincentium; [...] Tres autem illi pueri, simul cum adjunctis, partim suis

conciunculis, in quibus a nostris instituebantur, partim christiana doctrina, partim cantando hymnos quosdam pios, tam christianis quam gentilibus magnæ ædificationis erant; et augebatur hæc domus in dies et insignis futura sperabatur."

Pp. 721-723. Atuação do Padre Nóbrega.

"655. Peregrinationes etiam aliquando faciebant per interiora loca, et verba salutis, partim exhortando, partim canendo, partim supertitiosos insectando, proponebant. [...] Excipiebantur autem sub meridiem et noctem humaniter a brasiliensibus et illis omnia necessaria, quæ habebant, abunde subministrabant, et cum litanias cantarent, sequebantur et ipsi respondendo ora pro nobis. [...]

"656. Alias etiam peregrinationes hujusmodi aut excursus fecerunt cum ædificatione, et in quodam pago, ubi nobilis quidam degebat brasiliensis, qui amicus erat christianorum et ho-

P. 722

spitalitatem in eos exercebat; et cum prope pagum crucem quamdam fixissent, iter quoddam a suo pago præpararunt ut ea deduci posset, et cum pueri, crollis ornati, in supplicationis modum crucem deferrent, brasiliensibus sequentibus et respondentibus in cantu litaniae ora pro nobis, crucem in solo erexerunt; [...]

657. Delectantur valde musica brasilienses, quo fiebat etiam ut libentius pueros cantantes audirent. Cum hostes suos tam atroci odio prosequantur, si tamen cum cantu aut sono aliquo musico ad eorum pagos accedunt, non solum impune id faciunt sed humaniter excipiuntur et quidquid volunt eis conceditur; et ita P. Nobrega secure censebat posse nostros penetrare ad mediterranea brasiliensium et evangelium eis prædicare, si cum hujusmodi cantu aut aliquo genere musicorum eos adirent. Nec solum audiunt, sed tam senes quam anus et cujusvis ætatis brasiliensis ad cantum vel sonum auditum saltare solent. Cum eis veritas prædicatur, eam agnoscunt, et deceptiones suorum magistrorum damnant. Periculum etiam hujus rei fecit P. Nobrega cum pueris et cruce per quosdam pagos continenter discurrens, et cantare faciens de Deo et ad ejus laudem, ad eum modum, quo sua illi mendacia canere soliti erant; et solitas cantiones et orationes dicentes adhortati sunt eos ex nomine Episcopi ut se præpararent ad christianam religionem, non tamen ad eum modum, quo eorum parentes, qui tantum ut acciperent indusia christiani facti fuerunt et male perierunt, sed propter Deum et propter suam salutem, ut fecerant aliqui, quos ipsi nominabant et prospere vivebant; et de gloria paradisi et

P. 723

pœnis inferni, quas illi gravissime timent, disserebant. Quamvis tamen multi perlibenter hos cantus audiebant, ut diximus, in quibus dam pagiis suos filios abscondebant, quia statim morituros esse credebant, et ut arborum folia tremebant, et piper comburebant ut nostros averterent."

Tomus tertius (1553-1554).

MHSI, vol. 5. Madrid: 1895.

P. 458: São Vicente, em 1553.

"993. [...] Bonus quidam sacerdos, qui Nugnius Gabriel dicebatur, initio egregie hos populos docuerat, et eorum filios in quadam magna domo instituebat, et legere et scribere et christianam doctrinam docebat, et quidem cum fructo admirando; et ita cum magno fervore ad Christi fidem accebant, et festis diebus principes populorum, quisque cum suo, ad ecclesiam mane veniebant, et bonus ille sacerdos processiones cum eis faciebat, et pia quædam cantica ad Dei gloriam edocebat."

P. 466: 1553.

"1002. Aliam etiam consuetudinem improbavit Episcopus, qua pueri, qui in collegiis nostrorum instituebantur, cantica et musica instrumenta, quibus illi abundebantur ad suam impietatem, convertebant ad res divinas et pias. Crines etiam tondebant ad eundem modum, quo gentiles id facere soliti erant. Valde autem reprehensione dignum censebat ut ritus gentilicos christiani imitarentur, et id non debere permitti a P. Emmanuele affirmabat. At Emmanuel cum videret corda infidelium his canticis, ad laudem B. M. Virginis et Dei compositis, et ipsorum instrumentis adhibitis, ad Deum et ipsius cultum trahi, et alioqui non esse hos ritus ad idolorum cultum (nam illi idola non habent) nec fidei catholicæ nocere, non esse talem consuetudinem excludendam censebat; et quamvis obediviti prohibendi Episcopo, curavit tamen ut hoc ad iudicium piorum et doctorum hominum in Lusitania referretur."

P. 469.

"1007. Inde ad Portum Spiritus Sancti difficili navigatione appulerunt, ubi residebat P. Alfonsus Blasius, qui occurrit in cimba adventibus; et non solum nostros, sed et prætorem totumque comitatum ad templum nostrum deduxerunt, ubi simul omnes hymnum Veni Creator Spiritus decantarunt. [...] 1008. Inde ad flumen Januarii, quo coloniam novam lusitanorum Gubernator deducere optabat, nostri se contulerunt; [...] Inde nostri ad quosdam pagos verso flumine ascenderunt, qui lusitanis erant benevoli, et per interpretem eis P. Nobrega concionatus est; et congregatis eorum pueris, christianam eis doctrinam tradebant, et cantica quædam, ad Dei et B. Virginis laudem pertinentia, ut addiscerent et memoria retineret curabant."

P. 475: "De his, qui missi sunt in Brasiliam et de provincialis electione."

P. 476.

"1020. P. Ambrosius Perez ad Portum Securum, ut superior diximus, destinatus fuit. [...] Cupiebant autem [P. Vice. Rodriguez et solius] illum christianum efficere, et, si paratum ipsum viderent, baptismum eidem conferre. Invenerunt autem fere duo millia brasiliensium, qui suis cantibus hilaritati operam dabat: ille autem, quem occisuri erant, et quem nostri aliquando allocuti fuerant, in campo quodam ramis absconditus erat, quo nullum christianum accedere permittebant."

Tomus quartus.

MHSI, vol. 7. Madrid: 1896.

P. 611: Da Província do Brasil.

"Ac primo - de ducatu Sancti Vincentii"

Pp. 616-617.

"1309. Cum autem quinquaginta vel sexaginta leucas Petrus Correa per mediterranea progressus esset, sequutus est eum P. Nobrega adhibens unum de Societate, et quatuor vel quinque

P. 617

pueros, quorum unus crucem exiguum, cum in aliquem locum indorum ingrediebantur, in altum erectam deferebat, et cantu quodam valde concinno litanias decantabant; indigenæ pueri se aliis pueris statim adjungebant, alii admirabantur rem novam, et ubique bene accipiebantur; in egressu etiam litanias simili modo cantabant, et aliqui ex pueris, delictis parentibus, eos sequebantur."

Pp. 622-623: Piratininga.

"1326. Sed, ut redeamus Piratiningam, octo de nostra Societate ibidem in brasiliensium spirituale auxilium incumbabant: hi filios suos nostris erudiendos libenter concedebant, ex quibus

P. 623

jam quindecim baptizati erant, et complures alii cathecumeni sub Antonio Rodriguez præceptore optime instructi versabantur, qui horis antemeridianis post lectionem litanias in ecclesia, pomeridianis canticum *Salve Regina* dacantabant, diebus autem veneris magna cum devotione in processionibus usque ad sanguinem se flagellis cædebant, et ex his pueris, cum parentibus suis succederant, populum Deo gratum efficiendum esse nostri sperabant."

P. 627: Piratininga e habitantes.

"1341. Lues autem illa, quæ multos exinxit, novem processionibus in honorem novem ordinum angelorum celebratis, in qua pueri indorum flagellis se cædebant, indi autem utriusque sexus cereos accensos deferebant, et decantatis litanis respondebant, extincta est."

P. 629.

"1347. Sub anni finem non obstiterunt conciones nec exhortationes continuæ quominus incolæ Piratiningæ apud alios sua existimatione caderent: ad quemdam locum egressi sunt, ubi alii cum magna solemnitate potus et cantus pro more suo quosdam adversarios occisuri erant, duo tantum viri, cum alii id recusarent: ipso autem die Natalis, instigante dæmone, hæc illi perpetrarunt, ..."

P. 632: "De locis Baiæ Salvatoris, Portus Securi et Spiritus Sancti"

P. 635.

"1361. Cum autem P. Leonardus ex ducatu Portus Securi auferre vellet P. Ambrosium et ad S.^{tum} Vincentum deducere, accidit ut P. Navarrus ad mediterranea, ut superius diximus, iturus esset, qui in eo præsidio Portus Securi versabatur; et ita pupulus summodere institit ut P. Ambrosius Perez et Antonius Blasquez ibi relictis fuerint, et post unum mensem cum duodecim hominibus, ut diximus, P. Navarrus protecturus, eo ipso die Missam cum magna devotione et commotione sua et circumstantium celebrans, ac vota renovans, accepto baculo et crucifixo, simul cum sociis litanias decantando, ad navigium cum multorum lacrymis deductus est, et magnos in ea peregrinatione labores cum sociis pertulit, siti et fame vexatus."

Pp. 639-640.

"1370. Ibidem octo vel novem dies cum eisdem versati sunt; et eorum cucurbitis, sine sale et oleo coctis, vescebantur, cum farina quadam putrida; et quamvis nauseam provocabat, quod quæ comedebant, in illorum brasiliensium ollis coquebantur

P. 640

in quibus illi humanas carnes coquere soliti erant, fames tamen nauseam hanc superabat; interdum in sylvas se conferebant ut fructibus sylvestribus vescerentur, sorbis præcipue ac moris nutriebantur: cum autem cantarent pueri [in man.: cantantibus pueris], quos secum nostri ducebant, in brasiliensium lingua, omnes illius pagi homines confluebant, et admirabantur;..."

Tomus quintus (1555).

MHSI, vol. 9. Madrid: 1897.

P. 624: Piratininga.

"1709. Nostri interim, qui Piratiningæ residebant, multo quietius et cum majori spe fructus inter Indos versabatur, quamvis illa non omnino magnopere certa esset; nam ut superiori anno diximus, qui ad Christum conversi erant, ad spectandas aliorum gentilium, qui suos hostes occidebant et comedebant, solemnitates, in alium pagum se contulerant. Cum autem redierunt, negabant nostri se eos in ecclesiam admissuros, nisi, prius, se verberibus cædentes, a Domino veniam postularent. Omnes ergo fere unanimi consensu, processione facta et ipsorum filiis litanias decantantibus, ut cum nostris in gratiam redirent, in ecclesiam Calendis Januarii se flagellantes et misericordiam a Deo petentes introierunt. Puerorum etiam, qui in scholam nostram veniebant, frequentia in dies augebatur."

P. 628: Padres tentam retirar crianças índias dos pais.

"1717. [...] Mulieres etiam suos liberos in sylvis abscondebant, et suis cantibus valde clamoris obstrepere nostris nitebantur, ut ipsarum filii nostros non audirent, quia sibi persuadebant [quos] statim erant morituri; ..."

Inf.MaNob, [1549]

Informação das terras do Brasil ao Padre Simão Rodrigues e aos Padres e Irmãos de Coimbra. Padre Manoel da Nóbrega. S/l, s/d [Bahia, 1549].

Fonte: tradução espanhola de original português perdido, publicada em **COPIAS DE VNAS CARTAS EM/biadas del Brasil por el padre Nobrega dela / companhia de Jesus: y otros padres que estan debaxo de su obediência: al padre / mestre Simon preposito de la di-/cha compañía en Portugal: y / a los padres y hermanos de Jesus de Co-/imbra. / Tresladadas de Portugues en Castellano / Recebidas el año de M.D.L.I.** [Coimbra], Tip. de João Barreira e João Álvares, [ca. 1552], sem paginação.

Título original: "Información de las partes del Brasil"

Publicações:

1. **Monumenta Brasiliae**, vol. 1, pp. 145-154. Na p. 146 encontram-se listadas as publicações deste documento.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 21, a partir da publicação em **Monumenta Brasiliae**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

Pp. 150-152.

"De ciertos en ciertos años vienen unos hechizeros de luengas tierras, fingiendo traer sanctidad; y al tiempo de su venida les mandan alimpiar los caminos, y van los a receber con danças y fiestas según su custumbre, y antes que lleguen al lugar, andan las mugeres de dos en dos por las casas, diziendo publicamente las faltas que hizieron a sus maridos, y unas a otras, y pidiendo perdón dellas. En llegando el hechizero con mucha fiesta al lugar, éntrese en una casa oscura, y pone una calabaza que trae en figura

p. 151

humana en parte más conveniente para sus engaños, y mudando su própria boz como de niño, y junto de la calabaza les dize, que no curen de trabajar, ni vayan a la roça, que el mantenimiento por sí crescerá, y que nunca les faltará que comer, y que por sí vendía a casa; y que las agujadas se yrán a cavar, y las flechas se yrán al mato por caça para su señor, y que han de matar muchos de sus contrarios, y captivarán muchos para sus comeres. Y promételes larga vida, y que las viejas se han de tornar moças, y las hijas que las den a quien quisieren, y otras cosas semejantes les dize y promete, con que creen aver dentro en la calabaza alguna cosa santa y divina, que les dize aquellas cosas, las quales creen. Y acabando de hablar el hechizero, comiençan

a temblar principalmente las mugeres con grandes temblores en su cuerpo, que parecen demoniadas, como de cierto lo son, echándose en tierra, espumando por las bocas, y en
p. 152

aquesto les suade el hechizero, que entonces les entra la santidad, y a quien esto no haze, tiénelo a mal. Y después le offrecen muchas cosas. Y en las enfermedades de los gentiles usan también estos hechizeros de muchos engaños y hechizerías. Estos son los mayores contrários que acá tenemos, y hazen creer algunas vezes a los dolientes, que nosotros les metemos en el cuerpo cuchillos, tigeras, y cosa semejantes, y que con esto los matamos.”

His.FundCol, [1574]

História da Fundação dos Colégios do Brasil. S/a. S/l, s/d [posterior a 1574].

Fonte: original na Biblioteca Nazionale Vittorio Emanuele (Roma), Fondo Gesuitico, código 1614.

Título original: "Historia de la fundacion del Collegio dela Baya de todos los sanctos."

Publicações:

- 1. Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, vol. 19, 1897, pp. 75-144.
- Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 245-246, a partir da publicação acima.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

Observações:

- a data mais recente mencionada no texto é 1574.
- trechos do capítulo sobre o Colégio do Rio de Janeiro encontram-se traduzidos para o latim no documento **Da formação do Colégio do Rio de Janeiro**, do séc. XVII, de autoria atribuída ao Padre Antônio de Mattos.

"Cap. 6.º - De como fue encrecim.^{to} la conversión de los Indios y de las Iglesias q los P.^{es} entre ellos edificaron."

P. 84.

"... Los P.^{es} que entonces se occupavan el la conuersion [em ca. 1570] eran el P.^e Gasparl.^{co} P. Leonardo grandes lenguas. P.^e Ant. ruiz P. Gregorio Sarrano P.^e Juá per.^{ra} P.^e P.^o da costa co' algunos otros P.^{es} y her.^{os} lenguas. [...] dezian missas cantadas ..."

"Cap. 11. - De las cosas de edification q acaecieron en las aldeas en este mismo año de 72"

P. 96.

"... Este año [1572] fue el P.^e Rector Greg.^o Sarrano por orden del P. Provincial a visitar las aldeas y hallose en cada una en la fiesta de sus patrones en las quales todos los P.^{es} de las otras aldeas se ajuntã a ganar el Jubileo. Celebranse estas fiestas con grandes solemnidades y con processiones y missas cantadas en canto de organo y flautas q offician los proprios indios mozos de la escuela en special en la aldea de Santiago donde el P.^e Diego fêz dixo su missa nueva co' mucha fiesta y consolacion de los indios y muchos blancos q alli se hallaron en este mismo año en el mes de Noviembre ..."

"Cap. 14. - De las cosas de edificación q acaecieron este año de 73 en las aldeas."

P. 100.

"... Introduxeronse este año algunas cosas por orden del P. Provincial que mucho ajudaron para su provecho spūal una fue la contraria de los defunctos con sus majordomos y las demas cosas necessarias. A essos pertenece buscar y enterrar los defunctos, hallar se presentes a las missas q todos los lunes se dizen por sus almas, tienen para esto mucha cera de limosna de harina y otras cosas q ellos dan. A los enterramientos se halla pñte toda la gente del aldea y despues todos le sacó el alma por la cuenta bendita. Otros q saben mejor rezar le rezan la corona de nra Sñra. [...] Lo 2º que mayor movim^{to} causó en todos fue el admittir los mas capazes a recibir el sanctiss^o Sacramento, cosa q hasta entonces nunca se les avia concedido, haze-se esto con grande exame y rigor porque no se admite sino gente que ya sabe la doctrina y que da muy buen exemplo en la aldea gente q se aparto de los demasiados beberes y cantares gentílicos y con los desseos que tenian de alcanzar tanto bien dexan de beber vino aun los hombres viejos que es el mayor sacrificio que puede hazer de si."

"Cap. 17. - De las cosas de edificaciones q socedieron este año de 74 en las aldeas"

P. 113.

"Entre todos estos Jubileos el principal fue el q se gano en la aldea de Santiago enel dia del mismo santo y por ser tiempo de invierno y de grandes lluvias se ajuntaron alli todas las demas aldeas y entravan de todas con su cruz al levantada y los de las cofrarias con sus insignias cantando las letanias. Estarian en la Iglesia q es muy capaz dos mil personas todos vestidos llevose la plata del collegio para mas solemnidad hizose una solemnissima procession llevando el P.^e Prouincial el Sanctiss^o sacram^o con grandissimo orden y silencio cada aldea con su cruz y sus Maiordomos junto della con sus cirios todos los demas co' candelas."

P. 117.

"El p.^e Leonardo [Nunes] compuso este año una doctrina en la lengua del Brasil [em 1574] quasi tresladando la q hizo el P.^e Marcos Jorge de buena memoria Costo mucho trabajo mas entiendese que sera provechoso. Tambien se hizieron los aparejos para confessar baptizar y ajudar a bien morer y un confessorario en la lengua. Después q saben q ninguno se a de admittir a la sagrada comunión sin saber la doctrina Christiana, son muy diligentes en deprenderla. En taniendo a las avem.^{as} se enseñan por las casas la doctrina de los hijos enseño a los P.^{es} los maridos a las mujeres y a las vezes las mujeres a los maridos. Van los domingos los niños por las calles cantando la doctrina a manr.^a de los blancos. Tienen entre si sus disputas con mucha viveza los domingos a las tardes acabada la doctrina dizen todos juntos unas letanias por la conversion de los gentiles y tienen sus conferencias spuales de las cosas que oyeron por la mañana enel sermon y de otras cosas y desto se entiende quan bien se aprovechan."

"IESVS - Historia de la fundación del Collegio del Rio de Henero y sus residencias"

"Cap. 8. - de la muerte del P.^e Manoel da nobrega y del P.^e Ant.^o roiz"

P. 128.

"... fue este [Antonio Rodrigues, falecido em 1668 aos 52 anos] uno de los P^{es} que mas ayudo en las aldeas de la Baya en la conversion de los gentiles, era de mucho credito entre ellos y todos le tenian grande respecto y por esta causa lo llevo el P.^e Ignacio azevedo consigo para la conversion de los Tamoyos, sabia cantar y tañer flauta con que causava mucha devocion en los gentiles y tenia muchos niños enseñados y estes agora tañen y cantan las missas en las aldeas."

Rel.LuFon, 1576

Relação do Padre Ludovico Fonseca, enviada ao Padre Provincial Everardo Mercuriano. Bahia, 17 de dezembro de 1576.

Fonte: original na Coleção Studart.

Publicações:

1. Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza, n. 23, 1909, pp. 17-63.

Versão utilizada: publicação na **Revista do Instituto do Ceará.**

Pp. 26-27: visita do Padre Provincial às aldeias da Bahia.

"Il P. Provinciale gli ha visitati questo anno et vi ha speso un mese, stando per ogni terra otto giorni. Quelli di S. Giacomo intesa la venuta del Padre, segli fecero incontro un pezzo, cantando devotissimamente il salmo *Laudate Pueri*, con istromenti et tutti poi a chiere honorevolmente lo condussero a ciesa loro. [...] Doppo la cõmunione si fece una solenne processione con musica et instromenti."

P. 31:

"In Santo Spirito si fermó il P. una settimana, battezzandone cento cinquanta, maritando 14, confessando 150 et communicando vienti, con musica et istromenti."

Inf.PeMaf, 1583

Breve informação do Brasil para o Padre Pedro Mafeu. S/a. S/l, 1583.

Fonte: original no ARSI, Bras 15 II, doc. 68, ff. 340-349v.

Título original: "Breue informaçã do Bra/sil pera o Pe Petro Ma/feu / E prim. pera N. P.^e Geral. 1583."

F. 349. Aldeias em geral.

"Ensinaõ [lhes] os padres todos os dias pola manhã a doutrina esta geral, e lhes diz / missa pera q osq' a quiserem ouuir antes de irem pa suas roças despois disto / ficaõ os meninos na escola onde aprendem a ler, e escreuer, cantar, e outros bõs costu-/mes pertencentes a policia Xpaã..."

Inf.CrGouv, 1583

Informação da Província do Brasil de 1583. Padre Cristóvão de Gouveia. Bahia, 31 de dezembro de 1583.

Fonte: original no ARSI, Bras 15 II, doc. 67, ff. 333-339. Cópia incompleta e sem assinatura no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, com o título "Enformacion de la Provincia del / Brasil para Nuestro Padre", datada de 31 de dezembro de 1583, a partir de documento da Biblioteca de Évora, cód. CXVI / 1-33 afl. 37.

Título original: "Enformaçion dela Prouincia del Brasil para / Nuestro Padre." Verso da última página: "Enformaçion de los collegios y casas / de la Comp.^a del Brasil e algunas / ppriedades dela terra. Para nro / P.^e General."

Assinatura: "Dela Baya de todos los S.^{tos} / ult.^o de deziembre 1583. Xtuaõ de Gouuea."

Versão utilizada: documento do ARSI.

F. 334v. Colégio da Bahia.

"... Las ocupaciones de los nros con los proximos son, una lection de Theologia, que oyen dos, o tres estudiantes de fuera, / otra de casos de consciencia, q oyen otros tantos, yla una yla otra algunos de casa, un curso de artes, q oyen diez de fue-/ra, y algunos de casa, dos classes de humanidad, en la primera aprenden veinte, y en la segunda treinta, escola-/res de fuera y algunos de casa, escuela de leer y escevir, y contar, que tiene hasta setenta muchachos, hijos de los Por-/tugueses. los estudiantes en esta tierra son pocos, saben poco, p falta de los ingenios, y no estudiaren, ni la tierra los da / des y, por ser relaxada, remissa, y malenconica, y todo se le ua en fiestas, cantar, y hogar, [...] /

"Tiene este Collegio tres Aldeas de Indios Xpianos [traço] libre, a su cargo, que tendran ultra dos mil personas, s. el Spû.^{to} S. / q dista siete leguas de aqui, S. Juan, que dista ocho, S. Ant.^o que dista quatorze, e nellas residen doze de los / nros de ordinario, Padres seis, y otros tantos hermanos, quatro en cada una, tienen enellas sus casillas, cubier-/tas de palma, y yglesias capazes, adonde enseñan los Indios las cosas necessarias de su saluación, yuntam^{te} en cada / una enseñan los hijos de los Indios, a leer y escreuir, hablar Portugues, tomam bien, y le hablan con gracia, ayu-/dan las missas, y desta manera los hazeen politicos y hombres. En una dellas les enseñan a cantar, y tiene su ca-/pilla de canto y flautas, para suas fiestas, y hazen sus danças con tamboriles y vihuelas, con mucha gracia, como si / fueran muchachos Portugueses, y

quando hazen estas danças se ponen unas diademas p la cabeça, de plumas de / paxaritos de uarios colores, y desta manera hazen también los arcos, se pintan el cuerpo, y assi pintados, y mui / galanos asu modo hazen sus fiestas mui aplazibles, que dan contento, y causan deuoción , por ser hechas p gente ta' / indomita y barbara, mas por la bondad diuina, y medio de los nros hechos hombres politicos y Xpianos."

F.339. Aldeias em geral.

"... dos uezes en el dia se les enseña la doctrina Xpiana, pla mañana acabada la missa en Portugues y en su / lengua, y ala tarde acabados sus seruicios el Dialogo de la fee, ya pareio dela comunion y confession, y todos mucha-/chos y casados, mugeres y niiñas responden alas perguntas con gran candura, los niños de las Indios deprenden con / nro's Padres a leer y escreuir, contar, cantar y hablar Portugues, y todo toma' mui bien."

Rel.FeCar.1, [1584]

Do princípio e origem dos índios do Brasil e de seus costumes e cerimônias. Padre Fernão Cardim. S/l, s/d [1584].

Fonte: manuscrito da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, segundo Batista Caetano, sem indicação de título, código e localização.

Publicações:

1. **Revista Trimestral do Instituto Histórico**, Lisboa, vol. 57, n. 1, 1894, pp. 185-212.
2. [CARDIM], **Tratados**, pp. 79-106.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 209-212, a partir da publicação em [CARDIM].

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

"Do conhecimento que tem do creador
[Cap. 2]

P. 87

"Este gentio não tem conhecimento algum do seu Creador, nem de cousa do Céu, nem se ha pena nem gloria depois desta vida, e portanto não tem adoração nenhuma nem ceremonias, ou culto divino, mas sabem que têm alma e que esta não morre e depois da morte vão a uns campos onde ha muitas figueiras ao longo de um formoso rio, e todas juntas não fazem outra coisa senão bailar; ..."

"Do mundo que têm em seu comer e beber
[Cap. 4]

P. 89.

"Têm alguns dias particulares em que fazem grandes festas, todas se resolvem em beber, e durão dous, três dias, em os quaes não comem, mas somente bebem, e para estes beberes serem mais festejados andão alguns cantando de casa em casa, chamando e convidando quantos achão para beberem, e revesando-se continuão estes bailos e musica todo o tempo dos vinhos, em o qual tempo não dormem, mas tudo se vae em beber, e de bêbados fazem muitos desmanchos, e quebrão as cabeças uns aos outros, e tomão as mulheres alheias, etc."

"Da criação dos filhos

[Cap. 8]

P. 91.

"... Estimão mais fazerem bem aos filhos que a si próprios, e agora estimão muito e amão os padres, porque lh'os crião e ensinão a ler, escrever e contar, cantar e tanger, cousas que elles muito estimão."

"Dos seus bailos e cantos

[Cap. 14]

Pp. 93-94.

"Ainda que são malencolicos, têm seus jogos, principalmente os meninos, muito vários e graciosos, em os quaes arremedão muitos generos de pássaros, e com tanta festa e ordem que não ha mais que pedir, e os meninos são alegres e dados a folgar e folgão com muita quietação e amizade, que entre elles não se ouvem nomes ruins, nem pulhas, nem chamarem nomes aos pais e mães, e raramente quando jogão se desconcertão, nem desavêm por causa alguma, e raramente dão uns nos outros, nem pelejão; de pequeninos os ensinão os pais a bailar e cantar e os seus bailos não são diferenças de mudança, mas é um continuo bater de pés estando quedos, ou andando ao redor e meneando o corpo e cabeça, e tudo fazem por tal compasso, com tanta serenidade, ao som de um cascavel feito ao modo dos que usão os meninos em Espanha, com muitas pedrinhas dentro ou umas certas sementes de que também fazem muito boas contas, e assim bailão cantando juntamente, porque não fazem uma cousa sem outra, e têm tal compasso e ordem, que às vezes cem homens bailando e cantando em carreira, enfiando uns detraz dos outros, acabão todos juntamente uma pancada, como se estivessem todos em um lugar; são muito estimados entre elles os cantores, assim homens como mulheres, em tanto que tomão um contrario bom cantor e inventor de trovas, por isso lhe dão a vida e não no comem nem aos filhos. As mulheres bailão juntamente com os homens, e fazem com os braços e corpo grandes gatimanhas e momos, principalmente quando bailão sós. Guardão

P. 94.

entre si diferenças de vozes em sua consonância, e de ordinário as mulheres levão os tiples, contraltos e tenores."

"Dos seus enterramentos

[Cap. 15]

P. 94.

"... depois de morto o lavão, e pintão muito galante, como pintão os contrários, e depois o cobrem de fio de algodão que não lhe parece nada, e lhe metem uma cuya no rosto, e assentado o metem em um pote que para isso têm debaixo da terra, e o cobrem de terra, fazendo-lhe uma casa, aonde todos os dias lhe levão de comer, porque dizem que como cança de bailar, vem ali comer, ..."

"Do modo que este gentio tem acerca de natar e comer carne humana
[Cap. 18]

Pp. 95-99.

"De todas as honras e gostos da vida, nenhum é tamanho para este gentio como matar e tomar nomes nas cabeças de seus contrários nem entre elles ha festas que

P. 96

cheguem ás que fazem na morte dos que matão com grandes ceremonias, as quaes fazem desta maneira. [...] Chegando á sua terra [os 'tomados na guerra vivos'], o saiem a receber as mulheres gritando e juntamente dando palmadas na boca, que é recebimento commum entre elles, [...].

"Determinado o tempo em que ha de morrer, começam as mulheres a fazer louça, a saber: panellas, alguidares, potes para os vinhos, tão grandes que cada um levará uma pipa; isto prestes, assim os principais como os outros mandão seus mensageiros a convidar outros de diversas partes pera tal lua, ate dez, doze léguas e mais, para o qual ninguém se excusa. Os hospedes vêm em magotes com mulheres e filhos, e todos entrão no lugar com danças e bailos, e em todo o tempo em que se junta a gente, ha vinho para os hospedes, porque sem elle todo o mais agazalhado não presta; a gente junta começam as festas alguns dias antes, conforme ao numero, e certas cerimonias que precedem, e cada uma gasta um dia. [...]

P. 97.

"O segundo dia trazem muitos feixes de cannas bravas de comprimento de lanças e mais, e á noite põem-nos em roda em pé, com as pontas para cima, encostados uns nos outros, e pondo-lhes ao fogo ao pé se taz uma formosa e alta fogueira, ao redor da qual andão bailando homens e mulheres com maços de frechas ao hombro, mas andão muito depressa, porque o morto que ha de ser, que os vê melhor do que é visto por causa do fogo atira com quanto acha, e quem leva, leva, e com o são muitos, poucas vezes erra.

"Ao terceiro dia fazem uma dança de homens e mulheres, todos com gaitas de cannas e batem todos á uma no chão ora com um pé, ora com outro sem discreparem, juntamente e ao mesmo compasso assopraão os canudos, e não ha outro cantar nem falar, e como são muitos e as cannas umas mais grossas, outras menos, alem de atroarem os matos, fazem uma harmonia que parece musica do inferno, mas elles aturão nellas como se fossem as mais suaves do mundo; e estas são suas festas, afora outras que entremetem com muitas graças e adivinhações.

"Ao quarto dia, em rompendo a alva, levão o contrário a lavar a um rio, e vão-se detendo para que, quando tornarem, seja já dia claro, [...] e a cerimonia que se segue é já das mais propinquas á morte, assim como o que ha de aferrar mostra suas forças em só elle o subjugar sem ajuda de outrem assim elle quer mostrar animo e forças em lhe resistir; e às vezes o faz de maneira que, afastando-se o primeiro como cansado em luta, lhe succede outro que se tem por mais valente homem, os quaes ás vezes tição bem enxovalhados e mais o ficarião, se já a este tempo o captivo não tivesse a pêa ou grilhões. Acabada esta luta elle em pé, bufando de birra e cansaço com o outro que o

tem aferrado, sae com coro de nymphas que trazem um grande alguidar novo pintado, e nelle as cordas enroladas e bem alvas, e posto este presente aos pés do captivo, começa uma velha como versada nisto e mestra do coro a entoar uma cantiga que as outras ajudão, cuja letra é conforme a cerimonia, enquanto ellas cantão os homens tomão as cordas, e metido o laço no pescoço lhe dão um nó simples junto dos outros grandes, para que se não possa mais alargar, e feita de cada ponta uma roda de dobras as metem no braço á mulher que sempre anda detraz delle com este peso e se o peso é muito pelas cordas serem grossas e compridas, dão-lhe outra que traga uma das rodas, e se elle dantes era temeroso com a coleira, mais o fica com aqueles dous nós tão grandes no pescoço da banda detraz, e por isso diz um dos pés de cantiga: nós somos aquellas que fazemos estirar o pescoço ao pássaro, posto que depois de outras ceremonias lhe dizem noutro pé:

"Si tu foras papagaio, voando nos fugiras.

"A este tempo estão os potes de vinho postos em carreira pelo meio de uma casa grande, e como a casa não tem repartimentos, ainda que seja de 20 ou 30 braças de comprido, está atulhada de gente, e tanto que começam a beber é um lavarinto ou inferno vê-los e ouvi-los, porque os que bailão e cantão aturão com grandíssimo fervor quantos dias e noites os vinhos durão: porque, como esta é a própria festa das matanças, ha no beber dos vinhos muitas particularidades que durão muito, e a cada passo ourinão, e assim aturão sempre, e de noite e dia cantão e bailão, bebem e fallão cantando em magotes por toda a casa, de guerras e sortes que fizerão, e como cada um quer que lhe oução a sua história, todos fallão a quem mais alto, afora outros estrondos, sem nunca se calarem, nem por espaço de um quarto de hora. [...]

"Ao quinto dia pela manhã, ali ás sete horas pouco mais ou menos, a companheira o deixa, e se vai para casa muito saudosa e dizendo por despedida algumas lastimas pelo menos fingidas; então lhe tirão a peia e lhe passam as cordas do pescoço á cinta, e posto em pé á porta do que o ha de matar, sae o matador em uma dança, feito alvo como uma pomba com barro branco, e uma a que chamão capa de

P. 99

penna, que se ata pelos peitos, e tição-lhe as abas para cima como azas de Anjo, e nesta dança dá uma volta pelo terreiro e vem fazendo uns esgares extranhos com olhos e corpo, [...] Acabado isto, vem um honrado, padrinho do novo cavalleiro que ha de ser, e tomada a espada lh'a passa muitas vezes por entre as pernas, metendo-a ora por uma parte ora por outra da própria maneira que os cachorrinhos dos sanfoneiros, ..."

Rel.JoAnch, 1584

Sobre os colégios e residências da Companhia de Jesus no Brasil.

Padre José de Anchieta. Salvador da Bahia, 1º de janeiro de 1584.

Título original: "De rebus quae pertinent ad Collegia / et residentias societatis ntrae, quae / sunt in Regiōē Brasilica."

Assinatura: "Datae in hoc sinu Saluatoris primo Januarij, 1584./ Joseph de Anchieta"

Fonte: original no ARSI, Bras 8 I, ff. 3-7v.

Publicações:

1. [ANCHIETA], **Cartas**, pp. 336-353, em tradução para o português. Na p. 482 encontram-se listadas as publicações desta carta.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 202-204, a partir da publicação em **Cartas**.

Versão utilizada: documento original.

Observação: Viotti apresenta uma tradução em português do texto em latim, que não será transcrita aqui pela inacuração na tradução dos termos musicais.

F. 4.

"Tres Indorum pagos tuetr' hoc Collegium, in singulis nostrorum quatuor resident, interquos / pater unus aliorum est Superior, eosqβ obeandi muneris ergo, frequenter adit. Obser-/uant omnes, licet pauci, interse modum & ordinem Collegij. non exiguos in hac uinea, / excolenda labores, maiores tn' [abrev: tamen] in eius libertate tuenda perferunt: totius annis exercitui' / cum Indis nullum aliud est, quam doctrinam Xpiana' edocere & explicare, baptizare, / matrimonio coniungere, aegrotos inuisere, sacro oleo infirmos perungere, mortuos sepe-/lire, omnibus deniqβ ad eorum spectantibus salutem intendere: scholam habent abecedaria' / in qua etiam pueri concinendi arti tibijs, & cytharis diligenter dant operam, Vespertinas / horas & missae sacra tam in pagis, quam in nostro Collegio diebus sanctorum reliquijs / sacris organico concentu exornant, adquem illi eligiuntur qui ad uocis concentu' efforma'du' / uidentur aptiores: tantamqβ nostroru' industria in his rebus hent [abrev: habent] dexteritate', ut max.^{am} / lusitanis admirationem incutiant. Mayoris hebdomadae officia sole'niter apud illos celebra'tur / quot annis, qua de causa ingens ta' Indorum, qua' Lusitanorum [alius] confluentiu' fit conuentus: ha-/betur ad Lusitanos de mandato sermo, ad Indos uero de acerba Xi passiōē, tanto gemitu & la-/chrymis omniu', ut durissima corda ad co'miseratione' impellant: sit deuota supplicatio in qua / se plurimi crudeliter caedant:..."

Ff. 4-4v.

"Scholasticorum numerus in dies maior censeptr' uberiorqß ex studio fructus excipitr'. [...] Abecedarij pueri qui octoginta numerum / complent n' uulgare suae uirtutis specimen praebent: laborant diligenter in characteribq / depingendis, ut ad latinas classes tra's ferantr', doctrinae Xpianae quam habent decantata' / & arithmeticae regulis frequenti disputatione praemijs inuitati insudant. Puerorum /

F. 4v

exemplo excitati superiores scholastici in quadragesima diebus ueneris in nostro templo / agregati sole'nes completas musico organo, cytharisqß co'mitantibus decantarunt, quo tota fere / ciuitas confluebat."

F. 5v: São Vicente.

"Sanctarum Virginum festu' quaru' uenerandu' ibi caput á prē Puinciale fuit / relietum, eadem qua semper hoc anno deuotione celebraru't; musica non desue-/runt instrumenta, & ea quae ae templu[m] ornandum necessaria uidebantur: quo die magnus undiqß fit lusitanorum concursus, qui peccatorum sarcinas ad cofessarioru' / pedes abijerunt & sacro sancto Eucharistiae sacramento reficuntur. [...] /

"Instituta est hoc anno ad pietate' augendam celebris Rosarij confraternitas / cum solemni pompa & musico concentu peracto: altaris sacrificiu' initium dedere: facta est tunc deuota populi supplicatio, in qua omnes Rosis benedictis, (quae hic solu' modo / germinantr') alijsqß floribus distinctas coronas capitibus deferebant, gestante patre / sub pallio serico Virginis matris simulacru'; rubicundus itidem circumornatu' rosis."

Inf.JoAnch.1, 1584

Informação do Brasil e de suas capitanias. Padre José de Anchieta. S/I, 1584.

Fonte: segundo Castagna, "Capistrano de Abreu obteve duas cópias desse documento na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, sobre as quais apenas conhecemos seus títulos: 'Enformación de la província del Brasil' e 'Enformação do Brasil e das suas capitanias', a partir dos quais o fez imprimir no Diário Oficial dos dias 14, 16 e 20 de abril de 1886, aparecendo em seguida no nº 1 dos **Materiais e Achêgas para a História da Geografia no Brasil** (Informações e Fragmentos Históricos do Padre Joseph de Anchieta, S.J., 1584-1586), Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1886, p. 1-30 e na **Revista do Instituto Histórico**, VI, pp. 404-435 (esta logo após a publicação no DO)."

Publicações:

1. **Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, S.J. (1554-1594)**; [nota preliminar e introdução de Afrânio Peixoto; um artigo de Capistrano de Abreu; bibliografia de Sommervogel; notas e postfácio de A. de Alcântara Machado], Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1933. (Publicações da Academia Brasileira - Coleção Afrânio Peixoto, II, História, Cartas Jesuíticas, vol. 3) doc. XXIX: "Informação do Brasil e de suas Capitanias - 1584", pp. 301-348. Sem numeração de parágrafos.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 205, a partir da publicação acima.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

P. 305.

"No princípio do ano de 1578 veio por governador Lourenço da Veiga, o qual por si mesmo visitou as aldeias da doutrina que estão a cargo dos Padres, com muito gosto e lagrimas de devoção, vendo as doutrinas, procissões, disciplinas e comunhões dos índios e as missas oficiadas em canto de órgão, com flautas, pelos filhos dos mesmos Índios."

P. 330.

"... Com o vinho das frutas que é muito forte se embebedam muito e perdem o siso, mas deste bebem pouco, e somente o tempo que elas [as 'festas'] duram; mas o vinho comum das raízes e milho bebem tanto que às vezes andam dois dias com suas noites bebendo, e às vezes mais, principalmente nas matanças de contrários e todo este tempo cantando e bailando sem cansar nem dormir."

Rel.FeCar.2, 1585

Informação da missão do Padre Cristóvão Gouveia às partes do Brasil ou Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica. Colégio da Bahia, 16 de outubro de 1585.

Fonte: cópia de Paulo Prado cedida a Batista Caetano, que não indica seu título, paginação e localização.

Publicações:

- 1. Revista Trimestral do Instituto Histórico**, Lisboa, n. 65, 1847, pp. 1-70.
- 2. [CARDIM], Tratados**, pp. 281-372.
- 3.** Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 213-219, a partir da publicação em [CARDIM].

Versão utilizada: publicação em [CARDIM].

Pp. 284-285.

"... Todo o tempo de viagem [de 5 de março a 9 de maio de 1583] exercitámos nossos ministérios com os da nau, confessando, pregando, pondo em paz os discordes, impedindo juramentos e outras offensas de Deus, que em semelhantes viagens, se commettem todos os dias. A noite havia ladainhas, ás quaes se achava o Sr. Governador com seus sobrinhos e mais da nau. Na

P. 285

semana santa houve mandato (7 de abril), ladainhas e Miserere em canto d'órgão..

P. 286.

"Quando o padre [Christovão Gouvea] visitou as classes [do Colégio da Bahia, em 1583], foi recebido dos estudantes com grande alegria e festa. Estava todo o pateo enramado, as classes bem armadas com guardamecins, painéis e varias sedas. O padre Manuel de Barros, lente do curso, teve uma eloquente oração, e os estudantes duas em prosa e verso: recitaram-se alguns epigramas, houve bôa musica de vozes, cravo e descantes."

P. 287.

"Trouxe o padre uma cabeça das Onze mil virgens, com outras reliquias engastadas em um meio corpo de prata, peça rica e bem acabada. A cidade e os estudantes lhe fizeram um grave e alegre recebimento: trouxeram as santas relíquias da Sé ao Collegio em procissão solemne, com frautas, bôa musica de vozes e danças."

Pp. 291-293.

"Chegando o padre á terra [a aldeia do Espírito Santo, em junho de 1583], começaram os frautistas tocar suas frautas com muita festa, o que também fizeram em quanto jantámos debaixo de um arvoredor de aroeiras mui altas. Os meninos indios, escondidos em um fresco bosque, cantavam varias cantigas devotas enquanto comemos, que causavam devoção, no meio daquelles matos, principalmente uma pastoril feita de novo para o recebimento do padre visitador, seu novo pastor. Chegámos á aldêa á tarde; antes della um bom quarto de légua, começaram as festas que os indios tinham aparelhadas as quaes fizeram em uma rua de altíssimos e frescos arvoredos, dos quaes saiam uns cantando e tangendo a seu modo, outros em ciladas saíam com grande grita e urros, que nos atroavam e faziam estremecer. Os *cunumis* sc. meninos, com muitos mólhos de frechas levantadas para cima, faziam seu motim de guerra e davam sua grita, e pintados de várias cores, nusinhos, vinham com as mãos levantadas receber a benção do padre, dizendo em portuguez, 'louvado

P. 292

seja Jesus Cristo'. Outros saíram com uma dança d'escudos á portugueza, fazendo muitos trocados e dançando ao som da viola, pandeiro e tamboril e fruta, e juntamente representavam um breve dialogo, cantando algumas cantigas pastoris. Tudo causava devoção debaixo de taes bosques, em terras estranhas, e muito mais por não se esperarem taes de gente tão barbara. Nem faltou um *Anhangá* sc. diabo, que saiu do mato; este era o indio Ambrosio Pires, que a Lisboa foi com o padre Rodrigo de Freitas. A esta figura fazem os indios muita festa por causa da sua formosura, gatimanhos e tregeitos que faz; em todas as suas festas mettem algum diabo, para ser delles bem celebrada.

"Estas festas acabadas, os índios *Murubixaba*, sc. principaes, deram o *Ereiupe* ao padre, que quer dizer *Vieste?* e beijando-lhe a mão recebiam a benção. [...] Assim de toda a aldêa fomos levados em procissão á igreja com danças e bôa musica de fruta, com *Te Deum laudamus*. [...]

P. 293

Ao dia seguinte, dia da visitação de Santa Isabel, (3 de Julho), precedendo as confissões geraes, renovaram os padres e irmãos das aldêas seus votos, para que estavam ai li juntos, e o padre visitador disse missa cantada com diácono, e sub-diacono, officiada em canto d'órgão pelos indios, com suas frautas. Dali fomos á aldêa de S. João, duas léguas desta, onde houve semelhantes recebimentos e festas, com muita consolação dos indios e nossa."

P. 297.

"...Chegámos á aldêa [de S. Matheus, após o dia 21 de setembro], que dista cinco léguas da villa [de São Jorge dos Ilhéus], por caminho de uma alegre praia. Foi o padre recebido dos indios com uma dança mui graciosa de meninos todos empennados, com seus diademas na cabeça, e outros atavios das mesmas pennas, que os fazia mui lustrosos, e faziam suas mudanças, e invenções mui gratias: ..."

P. 301.

"Tivemos pelo natal um devoto presépio na povoação ["Nossa Senhora da Escada, ermida do collegio, que dista duas léguas da cidade" da Bahia], aonde algumas vezes nos ajuntávamos com bôa e devota musica, e o irmão Barnabé [Tello] nos alegrava com seu berimbau."

Pp. 302-303.

"Aos 3 de janeiro [de 1584] partimos o padre visitador, padre provincial e outros padres e irmãos. [...] Ao dia seguinte depois da missa nos acompanhou [um sacerdote que os havia abrigado no dia anterior, devoto da Companhia e que seria mais tarde um membro dela] até á aldêa [do Espírito Santo], e no caminho junto da cachoeira de outro formoso rio, nos deu um jantar com o mesmo concerto e limpeza, acompanhado de várias iguarias de aves, e caças. [...] Também os frautistas nos alegraram, que alli vieram receber o padre. Junto da aldêa do Espírito Santo nos esperavam os padres que della têm cuidado, debaixo de

P. 303

uma fresca ramada, que tinha uma fonte portatil, que por fazer calma, além de bôa graça, refrescava o lugar. Debaixo da ramada se representou pelos indios um dialogo pastoril, em língua brasilica, portugueza e castelhana. Houve bôa musica de vozes, frautas, danças e d'alli em procissão fomos até á igreja, com várias invenções; e feita oração lhes deitou o padre visitador sua benção, com que elles cuidam que ficam santificados, pelo muito que estimam uma benção do *Abaré-guaçú*.

"Dia dos Reis (6 de janeiro de 1584) renovaram os votos alguns irmãos. O padre visitador [na aldeia do Espírito Santo] antes da missa revestido em capa d'asperges de damasco branco com diacono e subdiacono vestidos do mesmo damasco, baptisou alguns trinta adultos. Em todo o tempo do baptismo houve bôa musica de motetes, e de quando em quando se tocavam as frautas. Depois disse missa solemne com diacono e subdiacono, officiada em canto d'órgão pelos indios, com suas frautas, cravo e descante: cantou na missa um mancebo estudante alguns psalmos e motetes, com extraordinária devoção.."

Pp. 304-306.

"No meio da missa [do Dia dos Reis] houve pregação na língua, e depois procissão solemne com danças e outras in-

P. 305

venções. [...]

"Acabada a festa espiritual lhes mandou o padre visitador fazer outra corporal, dando-lhe um jantar a todos os da aldêa, debaixo de uma grande ramada. Os homens comiam a uma parte, as mulheres a outra: no jantar se gastou uma vacca, alguns porcos mansos e do mato, com outras caças, muitos legumes, fructas, e vinhos feitos de várias fructas, a seu modo. Emquanto comiam, lhes tangiam tambores, e gaitas. A festa para elles foi grande, pelo que determinaram á tarde alegrar o padre, jogando as laranjadas, fazendo motins e suizas de guerra a seu modo, e á portugueza. Quando estes fazem estes motins, andam muitos juntos em um corpo como magote com seus arcos nas mãos, e molhos de frechas levantadas para cima; alguns se pintam, e

empenam de várias cores. As mulheres os acompanham, e os mais delles nus, e juntos andam correndo toda a povoação, dando grandes urros, e juntamente vão

P. 306

bailando, e cantando ao som de um cabaço cheio de pedrinhas (como os pandeirinhos dos meninos em Portugal). Vão tão serenos e por tal compasso que não erram ponto com os pés, e calçam o chão de maneira que fazem tremer a terra. Andam tão inflammados em braveza, e mostram tanta ferocidade, que é cousa medonha e espantosa. As mulheres e meninos também os ajudam nestes bailos e cantos; fazem seus trocados e mudanças com tantos gatimanhos e tregeitos, que é cousa ridícula. De ordinário não se bolem de um lugar, mas estando quedos em roda, fazem os meneios com o corpo, mãos e pés. Não se lhes entende o que cantam, mas disseram-me os padres que cantavam em trova quantas façanhas e mortes tinham feito seus antepassados. Arremedam pássaros, cobras, e outros animaes, tudo trovado por comparações, para se incitarem a pelejar. Estas trovas fazem de repente, e as mulheres são insignes trovadoras. Também quando fazem este motim tiram um e um a terreiro, e ambos se ensaiam até que algum cansa, e logo lhe vem outro acudir. Algumas vezes procuram de vir a braços e amarrar o contrario, e tudo isto fazem para se embravecer. Emfim por milagre tenho a domar-se gente tão fera; mas tudo pode um zeloso e humilde, cheio de amor de Deus, e das almas, etc.

"Moravam os indios antes de sua conversão, em aldêas, em umas ocas ou casas mui compridas, [...] Parece a casa um inferno ou labyrintho, uns cantam, outros choram, outros comem, outros fazem farinha e vinhos, etc."

P. 313.

"Ao dia seguinte [9 de janeiro de 1584] ás dez horas pouco mais ou menos, chegámos á aldêa de Santo Antonio: dos indios fomos recebidos com muitas festas a seu modo, que deixo por brevidade, e ao domingo seguinte baptisou o padre visitador antes da missa sessenta adultos, vestido de pontifical, com grande alegria e festa, e consolação de todos. Na missa, que foi de canto d'órgão, casou a muitos em lei de graça, e deu a communhão a 80; e tudo se fez com as mesmas festas e musica que na aldêa do Espirito Santo."

P. 314.

"Desta aldêa [de Santo Antônio] fomos á de S. João, dali sete léguas, [...] Ao domingo seguinte [23 de janeiro] baptisou o padre 30 adultos, casou na missa outros tantos em ação de graça e deu a communhão a 120. Houve missa cantada, pregação com muita solemnidade, e depois das festas espirituas tiveram outro jantar como os passados, e toda a tarde gastaram em suas festas."

P. 315.

"Em todas estas tres aldêas [do Espírito Santo, de Santo Antônio e de S. João] ha escola de ler e escrever, aonde os padres ensinam os meninos indios; e alguns mais habeis também ensinam a contar, cantar e tanger; tudo tomam bem, e ha já muitos que tangem frautas, violas, cravos, e officiam missas em

canto d'órgão, cousas que os pais estimam muito. Estes meninos fallam portuguez, cantam á noite a doutrina pelas ruas, e encommendam as almas do purgatório."

Pp. 322-324.

"Tornando á quaresma [21 de fevereiro de 1584] em nossa casa tivemos um devoto e rico sepulchro. A paixão foi também devota que concorreu toda a terra; os officios divinos se fizeram em casa com devoção. Sexta-feira Santa (30 de Março) ao desencerrar do Senhor, certos mancebos vieram á nossa igreja; traziam uma veronica de Christo mui devota, em panno de linho pintado, dous delles a tinham e juntamente com outros dous se disciplinavam, fazendo seus trocados e mudanças. E como a dança se fazia ao som de cruéis açoutes, mostrando a veronica ensanguentada, não havia quem tivesse as lagrimas com tal espectáculo, pelo que foi notável a devoção que houve na gente.

"O padre visitador teve as endoenças na aldêa do Espirito Santo, aonde os indios tiveram um

P. 323

formoso e bem acabado sepulchro, [...]. Tiveram mandato em portuguez por haver muitos brancos que alli se acharam, e paixao na lingua, que causou muita devoção e lagrimas nos indios. A procissão foi devotissima com muitos fachos e fogos, disciplinando-se a maior parte dos indios, [...]. O padre visitador lhes fez todo os officios que se officiaram a vozes com seus bradados. Ao dia da Ressureição (1 de abril) se fez uma procissão por ruas de arvoredos muito frescos, com muitos fogos, danças, e outras festas. [...]

"Aos 3 de Maio, dia da invenção da Cruz, houve jubiléu plenario em nossa casa, missa de canto

P. 324

d'órgão, officiada pelos indios e outros cantores da Sé, com frautas e outros instrumentos músicos."

P. 325.

"Na procissão [dia 3 de maio, na Bahia] houve bôa musica de vozes, frautas e órgãos. Em alguns passos estavam certos estudantes, com seus descantes e cravos, a que diziam psalmos, e alguns motetes, e também recitaram epigramas ás santas relíquias. Com esta solemnidade e devoção, chegámos á capella, aonde houve completas solemnes."

P. 326.

"... Chegadas outra vez as monções do Sul, no fim de Junho, partimos para Pernambuco, padre visitador, padre Rodrigo de Freitas, com outros padres e irmãos, que por todos eramos quatorze; não foi o padre provincial, porque ficava muito mal na Bahia. Ao segundo dia com vento contrario, arribámos ao morro de S. Paulo, barra de Tinhaaré, doze leguas da Bahia, aonde estivemos onze dias, sem fazer tempo para continuarmos a viagem. Aqui estivemos dia de S. João Baptista, S. Pedro e S. Paulo [de 23 de junho a 2 de julho de 1584], em os quaes dizíamos missa em um *teigupaba* de palha. Os irmãos, passageiros e marinheiros, commungaram nestas festas: passamos estes dias

com bôa musica, que alguns irmãos de bôas fallas faziam frequentemente ao som de uma suave frauta, que de noite nos consolavam e de madrugada nos espertavam com devotos e saudosos psalmos e cantigas. [...] Algumas vezes íamos gastar as tardes com bôa musica e praticas espirituaes, sobre um fresco rio á vista do mar e pelo lugar ser solitário causava não pequena devoção: ...”

Pp. 329-220.

“Os estudantes de humanidades [do Colégio de Olinda] que são filhos dos principaes da terra, indo o padre á sua classe, o receberam com um breve dialogo, bôa musica, tangendo e dançando mui bem; porque se prezam os pais de saberem elles esta arte. O mestre fez

P. 330.

uma oração em latim. O padre lhes distribuiu contas, relíquias etc.”

Pp. 336-338.

“Acabada a visita de Pernambuco (aonde estivemos três mezes), e chegadas as monções dos Nordestes, aos dezeseis de Outubro partimos para a Bahia, nove padres e três irmãos, acompanhando-nos o padre Luiz da Grã, reitor, com alguns padres do collegio, até a barra, que é uma legua. Houve muitas lagrimas e saudades á despedida, e não se podiam apartar do padre visitador, tão consolados e edificados os deixava, e com estas saudades se tornaram cantando pela praia as ladainhas, psalmos e outras cantigas devotas. [...]

“Ao dia seguinte [17 de outubro], por ser dia das Onze mil virgens, houve no collegio grande festa da confraria das Onze mil virgens, que os estudantes têm a seu cargo; disse missa nova cantada um padre com diacono e subdiacono. Os padrinhos foram o padre Luiz da Fonseca, reitor, e eu com nossas capas d'asperges. A missa foi officiada com bôa capella dos indios, com frautas, e de alguns cantores da Sé, com órgãos, cravos e descantes. E ella acabada, se ordenou a procissão dos estudantes, aonde levámos debaixo do pallio três cabeças das Onze

P. 337

mil virgens, e as varas levaram os vereadores da cidade, e os sobrinhos do Sr. governador. Saiu na procissão uma nau á vella por terra, mui formosa, toda embandeirada, cheia de estudantes, e dentro nella iam as Onze mil virgens ricamente vestidas, celebrando seu triumpho. De algumas janellas fallaram á cidade, collegio, e uns anjos todos mui ricamente vestidos. Da náu se dispararam alguns tiros d'arcabuzes, e o dia d'antes houve muitas invenções de fogo, na procissão houve danças, e outras invenções devotas e curiosas. [...]

P. 338

“... Logo aos 25 [de novembro, na Capitania do Espírito Santo] se celebrou em casa a festa de Santa Catharina; disse missa nova um dos padres que vinha de Pernambuco, filho do governador de Paraguay; [...] O Sr. Administrador foi seu padrinho, e fez officiar a missa pelos de sua capella, e os indios também ajudaram com suas frautas.”

Pp. 339-340.

"... Véspera da Conceição da Senhora, por ser orago da aldêa mais principal, foi o padre visitador fazer-lhe a festa. Os indios também lhes fizeram a sua: porque duas léguas da aldêa em um rio mui largo e formoso (por ser o caminho por agua) vieram alguns indios *murubixába*, sc. principaes, com muitos outros em vinte canoas mui bem equipadas, e algumas pintadas, enramadas e embadeiradas, com seus tambores, pifanos e frautas, providos de mui formosos arcos e frechas mui galantes; [...] O padre assim armado [com um 'arco e frechas na mão', que lhe ofereceu um menino], e elle dando seus alaridos e urros, tocando seus tambores, frautas e pifanos, na chegada à levaram o padre até á aldêa, com algumas danças que tinham prestes. O dia da Virgem

P. 340

disse o Sr. Administrador missa cantada, com sua capella, e o padre visitador pela manhã cedo antes da missa baptisou setenta e três adultos, em o qual tempo houve bôa musica de vozes e frautas, e na missa casou trinta e seis em lei de graça, e deu communhão a trinta e sete.

"Por haver jubileu concorreu toda a terra, e toda a manhã confessamos homens e mulheres portuguezas. Houve muitas communhões, e tudo se fez com consolação dos moradores indios e nossa. Acabada a missa houve procissão solemne pela aldêa, com danças dos indios a seu modo e á portugueza: e alguns mancebos honrados também festejaram o dia dançando na procissão, e representaram um breve dialogo e devoto sobre cada palavra da Ave Maria, e esta obra dizem compoz o padre Álvaro Lobo e até ao Brasil chegaram suas obras e caridades."

P. 342.

"Os portugueses têm muita escravaria destes indios christãos. Têm elles uma confraria dos Reis em nossa igreja, e por ser antes do Natal quizeram dar vista ao padre visitador de suas festas. Vieram um domingo com seus alardos á portugueza, e a seu modo, com muitas danças, folias, bem vestidos, e o rei e a rainha ricamente ataviados, com outros principaes e confrades da dita confraria: ..."

Pp. 345-348.

"Do Espirito Santo partimos para o Rio de Janeiro, que dista alli oitenta léguas. [...] aos 20 (Dezembro de 1584), vespera de S. Thomé, arribámos ao Rio. [...] Neste collegio tivemos o Natal com um presepio muito devoto, que fazia esquecer os de Portugal: e também cá N. Senhor dá as mesmas consolações, e avantajadas. O irmão Barnabé Telo fez a lapa, e ás noites nos alegrava com seu berimbáu.

"Trouxemos no navio uma relíquia do glorioso Sebastião engastada em um braço de prata. Esta ficou no navio para a festejarem os moradores e estudantes como desejavam, por ser esta cidade

P. 346

do seu nome, e ser elle o padroeiro e protector, uma das oitavas á tarde se fez uma celebre festa. O Sr. governador com os mais portuguezes fizeram um lustroso alardo de arcabuzaria, e assim juntos com seus tambores, pifaros e

bandeiras foram á praia. [...] Houve no mar grande festa de escaramuça naval, tambores, pífaros e frautas, com grande grita e festa dos indios; e os portuguezes da terra com sua arcabuzaria e também os da fortaleza dispararam algumas peças de artilharia grossa e com esta festa andamos rica charola, com grande apparatus de vellas accessas, musica de canto d'órgão, etc. [...] Estava um theatro á porta da Misericórdia com uma tolda de uma vela, e a santa

P. 347

reliquia se poz sobre um rico altar em quanto se representou um devoto dialogo do martyrio do santo, com choros e varias figuras muito ricamente vestidas; e foi asseado um moço atado a um páu: causou este espectaculo muitas lagrimas de devoção e alegria a toda a cidade por representar ao vivo o martyrio do santo, nem faltou mulher que não viesse á festa; por onde acabado o dialogo, por a nossa igreja ser pequena lhes preguei no mesmo theatro dos milagres e mercês, que tinham recebido deste glorioso martyr na tomada deste rio, a qual acabada deu o padre visitador a beijar a reliquia a todo o povo e depois continuámos com a procissão e danças até nossa igreja: era para ver uma dança de meninos índios, o mais velho seria de oito annos, todos nusinhos, pintados de certas cores aprazíveis, com seus cascavéis nos pés, e braços, pernas, cinta, e cabeças com várias invenções de diademas de pennas, collares e braceletes. Parece-me que os que viram nesse reino, que andaram todo o dia atraz elles; foi a mais aprazível dança que destes meninos cá vi. Chegados á igreja foi a santa reliquia collocada no sacrário para consolação dos moradores, que assim o pediram.

"Têm os padres duas aldêas de indios, uma dellas de S. Lourenço, uma légua da cidade por mar; e a outra de S. Bamabé, 7 léguas também por mar, terão ambas três mil indios christãos. Foi o padre visitador á de S. Lourenço, aonde residem os padres, e dia dos Reis lhes

P. 348

disse missa cantada officiada pelos indios em canto d'órgão com suas frautas; casou alguns em lei de graça, e deu communhão a outros poucos. Eu baptisei dois adultos somente, por os mais serem todos christãos."

P. 354-356.

"... Fomos em procissão até a igreja [em Piratininga, no dia 25 de janeiro de 1585 ?] com uma dança de homens de espadas, e outra dos meninos da escola; todos iam dizendo seus ditos ás santas reliquias. Chegando á igreja demos a beijar as reliquias ao povo. Ao dia seguinte disse o padre visitador missa com diacono e subdiacono, officiada em canto d'órgão pelos mancebos da terra. ; [...]

P. 356

"Piratininga é villa da invocação da conversão de São Paulo; [...] Terá cento e vinte vizinhos, com muita escravaria da terra, não tem cura nem outros sacerdotes senão os da Companhia, aos quaes têm grande amor e respeito, e por nenhum modo querem aceitar cura. Os padre os casam, baptisam, lhes dizem as missas cantadas, fazem as procissões, e ministram todos os sacramentos, e tudo por sua caridade: não tem outra igreja na villa senão a nossa."

Inf.JoAnch.2, [1586]

Apontamentos sobre Padres da Companhia de Jesus. Padre José de Anchieta. S/l, s/d [após 25 de novembro de 1586].

Fonte: original não localizado.

Publicações:

1. Segundo Castagna, foi publicado pela primeira vez em **Materiais e Achêgas para a História da Geografia no Brasil** nº 1, pp. 56-76, sem indicação sobre o original.
2. **Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, S.J. (1554-1594)**; [nota preliminar e introdução de Afrânio Peixoto; um artigo de Capistrano de Abreu; bibliografia de Sommervogel; notas e postfácio de A. de Alcântara Machado], Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1933. (Publicações da Academia Brasileira - Coleção Afrânio Peixoto, II, História, Cartas Jesuíticas, vol. 3), pp. 469-482.
3. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 225, a partir da publicação em **Cartas....**

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

P. 476.

"[Sobre o Padre Manuel da Nóbrega] No culto divino, ainda que faltavam ornamentos ricos, procuravam houvesse toda a perfeição. Dizia as missas cantadas com toda a solenidade, com canto de órgão e frautas, por amor dos índios, cujos filhos os ajudavam a officiar. Nunca deixava de lavar os pés dos Irmãos á quinta feira santa publicamente na igreja. Era tão zeloso de se pregar sempre a palavra de Deus que até aos Irmãos que lhe pareciam para isso, fazia pregar em português e brasil, ainda que não fossem sacerdotes. Por este fim e por impedir alguns abusos que se faziam em autos nas igrejas, fez um ano com os principais da terra que deixassem de representar um que tinham, e mandou-lhes fazer outro por um Irmão, a que ele chamava Pregação universal, porque além de se representar em muitas partes da costa com muito fruto dos ouvintes que com esta ocasião se confessavam e comungavam, em particular em S. Vicente á fama dele, por ser parte na língua do Brasil se ajuntou quasi toda a Capitania vespera da Circuncisão, e estando se representando á noite no adro da igreja, sobreveiu uma grande tempestade, pondo-se uma nuvem muito negra e temerosa sobre o teatro e começou a lançar umas gotas de agua muito grossas, mas logo cessou a chuva, perseverando sempre a nuvem, até que acabou a obra com muito silêncio e todos se recolheram quietamente a suas casas e então descarregou com grandíssima tormenta de vento e chuva, e a gente movida com muita devoção ganhou o Jubileo, que era o principal intento da obra."

P. 477.

"Algumas vezes, estando em Piratininga com poucos Irmãos, mais afastado de negócios, se metia na sacristia com um devoto amigo, que lhe tangia uma viola ás portas fechadas, e ele entretanto se estava desfazendo em lagrimas com muita serenidade."

Inf.FrSoa, [1590]

Algumas coisas mais notáveis do Brasil e alguns costumes dos índios.

Padre Francisco Soares. S/l, s/d [1590].

Fonte: original na Biblioteca da Real Academia de História de Madrid, Jesuítas, tomo 119, MS 254, ff. 1020-1026.

Publicações:

1. **Coisas notáveis do Brasil.** Apresentação e introdução de A. G. Cunha. Lucas, Instituto Nacional do Livro e MEC, 1966, vol. 1, XXIV, p. 209.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 237-238, a partir da publicação acima.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

Leitura atual: Paulo Castagna.

F. 1021v. “Onde residem os nossos em suas aldeas <u>commumm^{te}</u> tem missa cantada / em canto de orgão os quais são mui inclinados a cantar ha mossos / q’ não chegam a 5 annos (e se os não vira, e o padre Cristouão de / gouuea boa test^a não o crera q’ cantam m^{to} destros seus tipres as missas e / mais motetes e escasam^{te} sabem ler tomam seus ditos e representaõ obras / ã portuges cõ certa graça na pronunciacam q’ certo he p^a ver e asim / os g.^{es} e gente principal quando vai ao choro os tem no collo como cousas / de espanto q’ asim o he <u>alguns tamgẽ e damcam .s. viola, frautas 7 iun/tas, cravo, e orgãos e o q’ lhes ensinam tudo tomam.</u>	“Onde residem os nossos [catecúmenos, da Companhia de Jesus] em suas aldeias, comumente <u>tem missa cantada em canto de órgão, os quais são mui inclinados a cantar. Há moços que não chegam a 5 anos (e, se eu os não vira, e o padre Cristóvão de Gouveia, boa testemunha, não o creríamos) que cantam muito destros seus tiples às missas e mais motetes, e escassamente sabem ler.</u> Tomam seus ditos [papéis] e representam obras em português com certa graça na pronúncia, que certo é para ver. E assim, os grandes e gente principal, quando vão ao coro [da igreja], os tem no colo como coisas de espanto, que assim o é. <u>Alguns tangem e dançam, a saber, viola, flautas 7 juntas, cravo e órgãos e o que lhes ensinam tudo tomam.</u>

"<u>Estes cantores</u> todos andaõ vestidos os mais delles de seda e os mais das / aldeas todos tem suas roupas cõ q' elles folgam e vãõ trabalhar logo 6. / meses aos portugezes por ellas e se andaõ nus ã suas terras sendo gentios he / por não ter de q' fazer roupas nem serio estranhaõ la isso q' andaõ / ã sua inocentia e não lhes falta senaõ gente q' cõ zelo os va buscar / e trazer p^a os doutrinar, pois tanto se faz cõ elles."	"<u>Estes cantores</u> todos andam vestidos os mais deles de seda e os mais das aldeias todos têm suas roupas com que eles folgam e vãõ trabalhar logo 6 meses aos portugueses por elas. E se andam nus em suas terras sendo gentios, e [também] por não terem de que fazer roupas, nem certo estranham lá isso, [pois] que andam em sua inocência e não lhes falta senaõ gente que com zelo os vá buscar e trazer para os doutrinar, pois tanto se faz com eles."

Inf.AnAra, 1592

Informação da Bahia de 1592. Padre Antônio de Araújo. S/I [Bahia], 20 de setembro de 1592.

Fonte: original no ARSI, Bras 15 II, doc. 82, ff. 399-402.

Título original: "Informação da Bahia, de 1592."

Assinatura: "En 20 de Septiembre de 92. / [...] / Antonio daraujo." S/I.

Ff. 399v-400: Colégio da Bahia.

"... Venido el P.^e Rector el se la dio [etc .] y iusgando el P.^e Rector que era / bueno que la carta se dicesse al P.^e Alfonso gago, se la dio delante del mismo P.^e Antonio Dias; el qual sentio / tanto esto que se mudo de suerte, que se aparto de la comunicacion de todos. [...] y caminando el R. con los demas para el dicho lugar [un arboredo], el se dexo / quedar atras, y no llevo sino de ahi a alguns ratos, llegado, el P.^e R., con su acostumbrada clemencia, / y mansedumbre dissimulando, mando que le cantassen un Laudate Dominu' [etc], sinque con todo esto hablasse / cosa alguna con alguno. [...] /

F. 400

Estando pues las cosas en este estado, y llegandose el tiempo / enque el P.^e Antonio dias tenia de ir, siendo llamado, al Collegio, para cantar con los indios la missa de S. Blas, el / Rector le embuio a llamar pa esso sin mas explicacion alguna:..."

F. 401.

"... Acontecio que estando el dicho P.^e [Antonio Dias] en la Iglesia despues de iantar, hablando con una muger / del Contador el qual tambien estaua presente, li hizo dar una musica por sus cantores en la misma Iglesia, / con instrumentos, haziendolos tanbiem baylar, y esto por dos vezes en diuersos dias de fiesta, / a la primera vez se hallo acaso en la dicha aldea el P.^e Domingos Coelho el qual de ninguna manera / se quize hallar presente a esta fiesta aunque intentê llevarlo alla paraque siendo mas los circunsta'tes / no fuesse el caso despues tan estrañado, pero yo siendo muchas vezes llamado, intendi que couenia allar-/me presente (pola causa dicha) esta vez, y la otra que fue dia de los Reys con mas fiesta y regozijo."

GUERREIRO, 1605

Relação anual das coisas que fizeram os padres da Companhia de Jesus nos anos de 1602 e 1603. Lisboa, 1605.

Publicação original: GUERREIRO, Fernão S.J.. **Relação anual das coisas que fizeram os padres da Companhia de Jesus nos anos de 1602 e 1603.** Lisboa, Jorge Rodrigues, 1605.

Título da publicação: "Relaçam Annal / DAS COVSAS / QUE FEZERAM / os Padres da Companhia / de lesvs nas Partes da India / Oriental, & no Brasil, Angola, Cabo Verde, Guine, nos annos / de seiscentos & dous & seiscentos & tres, & do pro-/cesso da conuersam & christandade daquellas par-/tes, tirada da[s] cartas dos mesmos padres / qu[e] de lá vieram. / Pelo padre Fernam Guerreiro da mesma / Companhia, natural de Almodouar / de Portugal. / Vay diuidido em quatro liuros. O primeiro de Iapã / e II. da China & Maluco. O III. da India / O IIII. do Brasil, Angola, & Guiné. / [grav.] / Em Lisboa; Per Iorge Rodrigues im-/pressor de liuros. / ANNO M. D. CV. [1605]."

Outras publicações:

1. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 248-249.

Observação: segundo Castagna, "esta edição, única até a reedição dos trechos referentes ao Brasil por CÂNDIDO MENDES DE ALMEIDA em 1874, é a segunda de uma série de cinco relações anuais, referentes às 'coisas que fizeram os padres da Companhia de Jesus' em várias partes do mundo, de 1600 a 1608, publicadas, respectivamente, em 1602, 1605, 1607, 1609 e 1611 (a primeira relação, apenas, foi reeditada em espanhol em 1604)."

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

"LIVRO QVARTO das covsas do Brasil Angola, & Cabouerde, Guine. "

"Capitvlo. I. – Da Prouincia do Brasil, do numero de casas et peboas da Companhia que nellas ha."

F. 112v.

"Outra cousa, que muyto dificulta a conuersam, & cultiuação desta gente, he a muyta boçalidade, & pouca capacidade, que de sua natureza tem, que não sabemos outra mais boçal no mundo. Pello que custa muyto aos padres domesticalos, & fazellos capazes das cousas de Deos: mas com a perseuerança, & paciencia em lidar com elles, os tem nesta parte tam cultiuado, que tem já suas igrejas em varias pouoações, & aldeas, & nellas suas confrarias do Santissimo Sacramento, & fazem suas procissoens solenes, & seus filhos officiam missas de canto dorgam, & com doçainas, charamelas, & outros instrumentos semelhantes: & reconhecem aos padres por seus pais, como na verdade o sam nas obras."

"Capitvlo. III. - Do fruto en geral, que os nossos fazem nesta prouincia, et de algũas mißões q fizeram ao sertam"

Ff. 113v-114: trecho de "parte de uma carta que escreveu um dos Padres que, no anno de 1602, forão, á uma destas Missões, ao Reitor do Collegio da Bahia", transcrita por Guerreiro.

"Neste mesmo dia [de novembro de 1602, numa aldeia de 'tapuyas' do sertão da capitania da Bahia] à tarde veyo o principal com gente bem armada. Chegando às portas da serca, correo logo polla aldea hũa voz, que dezia. Vem o pay grande sahy todos a recebelo, dizendo isto polo mesmo principal. Sayramno todos a receber com diligencia: & elle começou a entoar hũa arauia, de que nada lhe entendemos, nem cuydo, que elles mesmos a entēdem: & isto falando elle & respondendo lhe os outros à maneyra de clerigos, que rezam coro. Eu tãbem sahy de casa trēs ou quatro passos; Elle estaua como quem ensina a doutrina, mesturãdo mil desbarates como era dizer, santa Maria, Tupama, Re mireco, que quer dizer santa Maria molher de Deos: & outros desprepositos semelhantes. Estaua posto de gíolhos com os olhos no ceo & as mãos leuantadas & abertas como sacerdote

F. 114

que diz missa; deylhe a boa vinda, elle me abraçou dizendo, q me nam espantasse, de se recolher no mato, porque nam queria ser visto de todos, ..."

"Capitvlo. III. - Dalguas outras saídas que fizeram os padres a varias partes do Brasil"

Ff. 115-115v.

"... Mostraram estes Petiguares [de aldeias do sertão da 'capitania da Parayba' em 1602 ou 1603] geral alegria com a ida dos padres, & asi os

F. 115v

vinhão receber muyto lõge, alimpando os caminhos, & ruas, vinhão diante os moços, & de repente sahiam de suas emboscadas com tambores, & festas. Depois vinham os homēs & perto das aldeas sahiam os principais, & as molheres, & quando os padres entrauão mãdauão tãger os sinos, em sinal de festa fazião entrar agente na igreja, onde depois dos padres fazerem oração, lhes faziam hũa pratica, de como os vinha a vizitar, dando lhe os parabēs de terem ja igreja, & querem ser christãos, & que por isso vinhão a suas terras, apregarlhes para por meio da pregação conhecerem a Deos."

F. 117.

"Desta mesma casa de sam Paulo, fez hũa sayda a hũa aldea desta gente ['Garijoos', em 1602 ou 1603] o padre Sebastiam Gomez, vieramno receber ao caminho legoa & meya, com muyta festa & gazalhado. Fez o padre alguns bautismos, entre elles hum de hũa menina de tres annos, a qual acabando de o receber começa a cantar cõ alegria, dizendo que já era filha de Deos, que por isso estaua muyto contente."

Rel.JeRodr, 1607

Relação da missão aos carijós. [Padre Jerônimo Rodrigues]. S/l, 1605-1607.

Fonte: original em português no ARSI, Bras 15 I, 73-100v. Segundo Leite, "o autor, que não vem assinalado, é o P. Jerónimo Rodrigues."

Publicações:

1. LEITE, Serafim. **Novas cartas jesuíticas.** São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1940, pp. 196-246.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 250, a partir da publicação em LEITE.

P. 226.

"... Os meninos [carijós] de cinco, seis anos, e daí por diante [do 'porto de D. Rodrigo, a que se chama o Embitiba', onde os padres missionários estiveram em 1606 e 1607], bailam e bebem com os índios, de dia e de noite, e seus pais revêm-se nisso; e às vezes dormem por onde querem sem seus pais saberem parte disso. E em tudo fazem sua vontade, e se os mandávamos a algum recado, diziam que tinham preguiça, e não iam, e, se iam, não tornavam."

P. 239.

"... Primeiramente [o índio carijó] é gente boa de contentar, nem se toma de lhe darem menos que a outros. Não são ladrões, que pera gente tão cobiçosa, é cousa mui notável, não pelejam entre si; e, posto que são muito amigos do vinho, não se embebedam, antes bebem com tanta quietação que cem destes não fazem a matinada que lá fazem quatro, e estando uma casa cheia deles, bebendo, parece que não está ali ninguém. Todos estão assentados, quando estão bebendo, tirando alguns moços e meninos, que andam bailando e cantando; quando vêm de fora, que hão de beber, já de lá vem todos enfeitados e empenados; e chegando perto das casas, lançam a correr com quanta veemência podem, e com grandes gritas, sem terem de ver com nada, até o lugar aonde está o vinho."

Rel.LuFig.1, 1607

Relação da missão dos Padres Francisco Pinto e Luís Figueira ao Maranhão. Padre Luís Figueira. S/l, 30 de setembro de 1607.

Fonte: original no ARSI, fundo Assistentiae Lusitanae 58 (Necrologia - 1548-1741), ff. 163-169.

Título original: "Relationi della Missione delli PP. Franc.^o Pinto e Luigi Figuera / al Maragnon nel Brasil ma'data al P.^e Ferdinando Cardino / Pro'le della Comp.^a de Giesu in quelle parti alli 30 / di settembre del 1607."

Assinatura: "Alli 30 di / Sett.^{re} 1607. / Figlio in Xto / Luigi Figueira."

Observação: não consta da lista de Serafim Leite de obras do P. Luís Figueira, e não é o mesmo texto do relato de 1608, embora seja semelhante.

F. 165v.

"... Il giorno seguente à mezza strada comparue / il gran Diauolo sig. del luogo con i principali, canta'do e sona'do / i loro istrumenti, e facendo tanta festa, et allegrezza ch'io ne rimasi / attonito, et il P.^e Fran.^{co} pratico nel Brasil si afferma no hauer / mai uisto cosa simile. Consi fatto trionfo, et applauso ci fossero nella / migliore, e piu co'moda casa [?] di tutta la terra, e ci regalarono / con presenti, co'tinuando la musica i balli, e li fausti acclamationsi / senz'intermissione tre giorni, e tre notti."

F. 166: Tratamento dado a prisioneiros.

"... dopo le brauati, e li mal trattame'ti gli danno da mangiare, egli / inuitano à cantar, e ballare."

F. 168v.

"... Tra gli altri si segnalò in q.^{to} il Diauolo gra'de, prouede'doci / abundantem.^{te} conforme al nro [uileggio] co' straordinario affetto, e libe-/ralità. Sono incredibil.^{te} dediti al canto, et al ballo, quali continua-/no senz'interruptione uentiquattr'dore, attribue'do il poter ciò fare / à ualor, e magnifice'za.

"Pregati co' grand'istanza da i loro Padri / habbiamo insegnato a leggere, et cantare quelli figlioli, unica et ami-/rabil uia per guadagnarli, e domesticarli, che prima in uederli, li metteuano a fuggire come si fossimo stati Demoni:..."

Rel.LuFig.2, 1608

Relação da missão do Maranhão pelo Padre Luís Figueira. S/l, 26 de março de 1608.

Fonte: original no ARSI, Bras. 8, 71-83. Segundo Leite, a data correta deve ser 1609, pois o Padre Figueira relatou ter fundado no Ceará em agosto de 1608 a aldeia de São Lourenço.

Publicações:

1. LEITE, **Páginas de história do Brasil.**
2. STUART, **Documentos**, vol. 1.
3. LEITE, **Luiz Figueira**, pp. 107-152.

Observação: não é o mesmo texto do relato ao Padre Figueira de 1607, embora seja semelhante.

Versão utilizada: publicação em LEITE, **Luiz Figueira**.

Pp. 120-121: entre os índios de Ibiapaba.

"Ao dia seguinte nos veio o mesmo principal receber ao meyo do caminho mea legoa da aldea cõ todos os principais e algũas mulheres cõ seus presentes, e elles todos cõ suas bozinas, gaitas e cascaveis, que são seus instrumentos musicos com tanta festa e alegria que eu fiquei pasmado, e o padre com ser antigo sertanista me disse que nunca vira entre gentios cousa semelhãte; emfin dali nos trouxerão a correr sempre revesandose todos a trazer as redes em que vinhamos como se ganhassem perdões; erão tãtos os gritos e festas que parecião doudos.

"Chegando a aldea sahiu hũ grãnde tambor que já toda a manhã hiamos ouvindo e cõ seus maracás (que são hũs cabaços com hũs feijões dentro) tangendo e cantando, e cõ essa solenidade nos meterão na casa que nos tinhão aparelhado e nos trouxerão dous outros logo muitos presentes e as musicas e dâças continuarão dous outros dias cõ suas noites; bendito seja o Senhor que permite que estes barbaros sem o conhecer a Elle conheção e honrem a seus servos só pollo serem".

P. 122: recepção de índios não convertidos.

"De modo que desta serra de Ibiapaba até o Maranhão tudo está cheio de salvages que a todos matão ou cativão, entrão porem cõ elles algũs destoutros indios de paz quãdo vão tratar algũ resgate ou cousa semelhãte mas cõ grandes cautelas dos tapuyas que de ninguem se cõfião e quando lá vão algũs

não hão de levar armas alguas e cõ as frechas nos peitos ou cõ o golpe feito lhe perguntão ao que vem, examinandoos muy bem e fingindo que lhe não crem, e se trazem cousa algũa lha tomão ainda que lhe digão que he para o seu principal porque não lhe tem mais respeito que isto, mas depois de bem provados lhe dão muy de comer e os fazem dançar e cantar e elles tãbem lhe fazem a mesma festa;"

P. 125: Contato com os tapuyas, que enviam uma índia como intérprete.

"... e nos a fizemos deter oito ou nove dias pera esperar pela festa da Assunção de Nossa Senhora em que tínhamos pera fazer hũa procissão cõ hũa dança de meninos destes gentios e hũ diabrete etc. o que tudo causou assi a ella como aos outros desta aldea admiração por ser pera elles grande novidade;"

Pp. 129-130.

"São todos estes incrivelmente inclinados a cãtar e dãçar e porque os pitiguares são nisto affamados e cõnosco hião alguns nheengaraybos, ou mestres de capella desatinavamos que cantassem pera os emsinarem, e fazendo revesar hora huns hora outros cãtavão dias e noites de 24 em 24 horas sem interromper até não poderem falar de tão roucos tendo isto por valentia e delirios, e a nos pedirão que lhe emsinassemos seus filhos o papel (como elles dizem) querendo dizer que lhos emsinassemos a ler e cantar o nosso canto, o que nos cõ facilidade fizemos para os domesticar, mas elles mostram muy pouco talento pera o nosso canto, os do mar facilmente; cõ isto domesticamos muito os meninos que dantes fogião de nos, e alguns que estavam em suas roças me vierão dizer que querião aprender o que eu ensinava aos outros, e muitos dizião resolutamente que se havião de ir cõnosco fogindo de seus pais ou apos nos entre os quais teve graça hũ que representava 12 annos em dizer que se os padres se fossem não tinha outra cousa que senão abrir hũa cova e meterse nella e isso cõ grãnde sentimento, e outro estando eu occupado não sei em que se chegou a my e depois de estar hũ pedaço, me disse não sei que he isto que dantes fugia de ti e agora não me posso apartar. Isto nos servia pera os emsinar e doutrinar, e já sabião muitos delles a doutrina e alguas cousas de nossa santa fee, tãbem os faziamos emsinar a dançar do modo português que pera elles era a cousa de mais gosto que pode ser."

P. 148: outra aldeia, no retorno de Ibiapaba.

"Chegamos a outra aldea que esta junto ao rio chamado Ceara vinte e cinco legoas alem de Jagoaribe, receberão nos com festa, caminhos feitos, emboscada, tamboris, etc."

Rel.JaMont, [1610]

Relação da Província do Brasil. S/a [Padre Jácomo Monteiro]. S/l, s/d [1610].

Fonte: original no ARSI, Vitae 153, ff. 54-66v.

Publicações:

1. LEITE, **História**, vol. 8, pp. 393-425.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 259-263, a partir de LEITE.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

[De Santos ao Rio de Janeiro]

Pp. 396-397.

"Nestas Capitanias não vi cousa notável, salvo a barra de Santos a que chamam Britioga, corrupto vocábul, que o próprio é Biritioca, que na língua dos Brasis quer dizer Casa de Bugios. Está esta barra fechada com duas fortalezas, que a fazem mui defensável. Uma delas está já arruinada, e nesta estava situada

P. 397

uma ermida de Nossa Senhora, em a qual, estando o nosso santo Anchieta em oração de noite, se viu nela um grande resplendor e ouviu música dos Anjos, como testemunharam pessoas que se acharam neste acontecimento."

[Reritiba e Guaraparijn]

P. 400

"Dos Gaitacases à Capitania do Espírito Santo vão 30 léguas, no meio das quais está um rio chamado Reritiba, na língua da terra Rio das Ostras, por haver ali muitas e boas. Dele pera o Sul começa a Capitania de Pero de Gois, que foi a primeira povoação de Portugueses nesta paragem. Junto a este rio está uma Aldeia de gentio, que temos a nosso cargo, e terá perto de três mil almas, aonde nos fizeram mil festas por mar e por terra, já a seu modo, já à portuguesa, esperando-nos uma légua antes da Aldeia, a qual toda estava de uma e outra banda, cercada de palmeiras que pera o dia se trouxeram, aonde os Principais Morubuxabas, vestidos ao natural, com os gijolhos em terra, nos davam as boas vindas, acompanhados de colomins, bem empenados, e mui bons dançantes e tangedores de frautas, violas, e com bandeiras, arcabuzaria, e mil outras invenções. No princípio da Aldeia saiu o Morubuxaba o açu com uma cruz fermosa e bem enramada na mão, acompanhado de dous filhos seus, ricamente empanados, e fazendo uma arenga ou prática da entrega de sua Aldeia, meteu ao P. Visitador a cruz na mão e os meninos se botaram por terra, largando os arcos e frechas. E com notável devação, entoando um Te Deum laudamus, nos fomos à Igreja, na qual se lhes fez uma prática por intérprete, que pera isso levávamos conosco."

"Relação do gentio do Brasil, e seus costumes"

P. 407

"De maravilha se achará em entre eles que não seja cantor. Têm seus tiples, tenores, contrabaixos, contraaltas, e tomam qualquer tom, que lhe dão."

"De como os armam cavaleiros"

Pp. 409-410.

"Um dos mores apetites, que tem esta nação, é a matança dos imigos, pelo que fazem extremos, donde nasce meterem-se com facilidade em evidentes perigos de morte, à conta de serem havidos por esforçados, que entre eles é a suprema honra e felicidade, tomando novos nomes, conforme aos contrários matam, dos quais chegam alguns a ter cento e mais apelidos, e em os relatar são mui miúdos, porque em todos os vinhos, que é a suma festa deste gentio, assi recontam o modo

P. 410

com que os tais nomes alcançaram, com se aquela fora a primeira vez que a tal façanha acontecera; e daqui vem não haver criança que não saiba os nomes que cada um alcançou, matando os imigos, e isto é o que cantam e contam. Contudo os cavaleiros nunca fazem menção dos seus nomes, senão quando há festa de vinhos, na qual se ouve só a prática da guerra, como mataram, como entraram na cerca dos imigos, como lhe quebraram as cabeças. Assim que os vinhos são os memoriais e crônicas de suas façanhas.

"As cerimônias que guardam, quando os armam cavaleiros, são as seguintes. Aqueles que na guerra a primeira vez mataram imigo, não entram logo na sua Aldeia, mas esperam em um tugupar, que é uma choupana que fazem pera o tal efeito, até se aprestarem os vinhos, no que se gastam 3, 4 dias, acabados eles, o vão buscar os velhos e mancebos, e o trazem com grande silêncio, mas contentes, sem bailarem nem tangerem; entrando pela Aldeia, saem-lhe as mulheres, casadas e moças, ao encontro, cantando cantigas, nas quais nomeiam muito a miúdo o nome que o vencedor tomou no morto, e nesta forma o levam até o seu lanço, que é a casa em que ele mora, na qual o vinho está a ponto em mui grandes potes; chegando o fazem estar em pé sem se assentar, e um dos principais, que é como seu padrinho, toma uma espada de pau mui galante, concertada de muita variedade de penas, e mete-lha na mão, o qual, movendo-a pêra uma e outra parte, como quem esgrime, lha toma a tomar, e lha põem debaixo dos pés; depois lhe bota ao pescoço um grande colar de dentes de onças; tomam mais umas penas das asas das andorinhas e metem-lhas nas orelhas em lugar de arrecadas. Esta cerimônia acabada, vem uma sua irmã, e não-na havendo a parenta mais chegada, e dá-lhe uma façanhosa cuia de vinho, a qual bebe encostado sobre a espada, e acabado de a beber, dão todos juntos um medonho urro, e correm os vinhos por todos, e com isto dão fim à armação do cavaleiro, que daquela hora por diante, de todos é havido por tal."

"Do costume que têm quando matam os inimigos em seus terreiros"

Pp. 411-412.

"Feita esta cerimônia gastam dous anos em fazer roçarias de mantimento pera a festa, mudam a Aldeia, fazem casas de novo, as mulheres cozem muita louça na qual o hão-de cozinhar, e pera fazerem vinhos, e nisto gastam de ordinário um ano. Preparadas as cousas necessárias pera este auto, levam o contrario a um rio, no qual o lavam muito bem as mulheres, e um dos principais lhe faz uma fala em que lhe diz que se farte de ver o sol aquele dia, e que jamais o não verá, e que não é ele só o que morre, mas que já tem mortos muitos dos seus parentes, e que muitos mais hão de matar e comer. Acabado este arrezoamento o trazem, cantando, ao som terreiro da Aldeia, no meio da qual lhe têm feito uma casa, tiram-lhe as cordas, que trazia, e põe-lhe outras mui compridas, e mui galantes no feitio, nas quais gastam dous e três anos; de comprimento têm 20, 30 braças, não nas vendem por nenhum preço. Preso com as tais cordas, metem ao que há-de morrer muitas frutas nas mãos pera que com elas atire a quem quiser, o que se faz com grande festa, a qual concluída, o atam com muitas voltas das cordas pola barriga, e nesta forma o deixam ficar uma noite com boa vigia; e sucede fugirem muitos por estarem quase bêbados e levados do sono e cansaço de
bailar.

"Depois tingem o que há-de ser matador de um barro branco, a que chamam tabatinga, a qual cerimônia dizem eles que fazem pera que a alma do que ele há

P. 412

de matar não entre na sua; metem-lhe após isto uma espada na mão mui galante e empenada, e com ela na mão corre todas as casas, acompanhando de todos os moradores, os quais juntos vão bailando, com um bater de pés, bocas, e com uns urros e bater de armas, que é um espetáculo medonho, porque não há ferro velho que este dia não saia ao bailo; e nesta forma se vão aonde está o que há-de morrer, e o matador lhe faz uma fala, dizendo amanhã te hei-de matar, e jamais não verás o sol, por isso sê valente e esforçado, não morras como mesquinho, e procura de deixar de ti memória; e com isto acrescenta um motim, que é o seu bailo guerreiro, o qual faz com grande eficácia, e como cousa que lhe vai sua honra à vista de tanta gente. O dia seguinte, em saindo do sol, levam ao contrario a um terreiro, que têm no meio de suas casas, e será como as grandes praças e recios das cidades de Portugal. Aqui tomam os mancebos as pontas das cordas por que está atado, no meio das quais ele fica, porque querendo arremeter pera uma banda, o puxem pera a contrária; aqui jogam com ele touro com grandes gritas e alaridos, até chegar o matador, que vem acompanhado dos mais esforçados da Aldeia, padrinhando-o alguns velhos, diante dos quais com a espada no ar vem bailando e saltando. Parando diante do que há de morrer, lhe fazem as cerimoniaes seguintes.

"Toma um dos mais honrados a espada com ambas as mãos, e põem-na nos peitos do que há-de morrer, cruzada; e depois lha passa duas ou três vezes por baixo das pernas, e o mesmo fazem ao matador, o qual tomando-a nas mãos esgrime com ela sobre a cabeça do que há-de ser morto, e se o tal é animoso as vezes toma-lha, e dá-lhe com tanta ligeireza que o deixa morto,

pera o qual efeito tem seus padrinhos, que em semelhantes sucessos lhe acodem, voltando, como disse, a espada, lhe dá com ela no toutiço, e dando com elle em terra lhe quebra a cabeça. Acham-se presentes as mães com os meninos, os quais se untam com os miolos e sangue do morto, e dizem como assim aquele matou o imigo, assim eles quando homens matarão outros. Feito isto, ajuntam-se todos, assim homens como mulheres e crianças, e cercando o morto alevantam um choro espantoso, que dura com espaço; e isto fazem por memória e compaixão dos seus, que daquele modo foram mortos. Depois tomam o morto, e chamuscam-no como porco, e o repartem, pera a qual repartição têm um velho muito prático neste ofício, que entre eles é a suma dignidade, o qual da a cada um seu quinhão, ao qual cada um faz particular festa de vinhos. O matador, no mesmo ponto que o mata, se lança em uma rede que lhe tem a ponto na qual está por espaço de um mês sem fazer coisa alguma em penitencia, comendo só farinha sem beber nem se tosquiar. O mes acabado tosquam-no com grandes festas de vinhos. A qual tosquia se faz nesta forma. Têm no meio da casa uma pedra sobre a qual o assentam, e ali, uns bailando e outros cantando, outros bebendo, lhe fazem este ofício com muito tento e vagar, o qual acabado tingem-no todo de preto, e levam-no pelas casas e terreiros, e cada passo bebem, e por fim o sarjam com bem de dores com as quais sarjaduras fica pintado, e medonho, porque nunca se lhe tiram, por lançarem nas fendas certos pós que tiram pera azul, os quais com o sangue fresco ficam eternos."

"Dos agouros da mulheres"

P. 414.

"... Em nascendo o menino, logo lhe fazem arco e frechas, e lhas de penduram no punhos da rede, em que dorme com alguns molhos de diversas ervas, que são os contrários que há-de matar. Juntamente em nascendo o menino, metem-no em um pote, e tengem-lhe com uns cascavéis pera que seja cantor."

"Do costume que guardam em seus bailos e cantos"

P. 415

"Não têm mudanças algumas no bailar. Todo o seu está em continuo bater de pés no chão ao som de um cabaço cheio de umas frutas pequenas e mui duras, de que eles fazem remais de contas mui galantes; e nunca bailam sem cantar; e com este canto e bater de chão vão em fileiras homens e mulheres, que estas de ordinário são tipes, e os dextros nesta arte são entre eles mui prezados, tanto que se têm em seu poder algum contrario, bom cantor e inventor de trovas, que entre eles são raros, como a insignes na arte lhe dão a vida e o têm em muita conta só pela música, que é o único remédio com que alguns se livram de morrer no terreiro. Com os braços e corpos fazem alguns meneios ou momos de várias maneiras em particular com a boca, olhos, rosto, o que é mais particular das mulheres quando bailam sós, cujo canto difere muito do dos homens, assim na toada como na letra. O seu cantar é de ordinário de noite, porque com a quietação dela dizem se ouve muito longe. Além de alguma consonância que nas vozes se enxerga, e põem toda a força em a lançar, são mui importunos nestas músicas, porque começam umas

vezes pola manha, e levam uma e duas noites, 3 e 4, sem dormir quase nada, com cantar e bailar sem cessar; e posto que os ouvi muitas vezes, o que sobretudo me pasmou foi ver 50 índios romeiros, que nos traziam de S. Vicente, começarem a remar ao sol posto, e, juntamente a cantar e, sem interromperem do remo nem das vozes, levarem a noite toda em puro grito sem enlouquecer até às 9 horas do outro dia, em que aportamos em terra, que, se isto não fora, ainda agora me parece que cantaram: e a graça é que ordinariamente repetem a mesma cantiga, levando sempre a mesma toada, as quais eles compõem de qualquer sucesso em que se acham.

"Assim que a 2ª bem-aventurança destes é serem cantores, pois a primeira é serem matadores."

"Do costume que têm em chorar os mortos, e de como os enterram"

P. 416.

"... No 2º dia depois do enterramento, cortam as mulheres os cabelos, os quais têm negros como corvos, e há muitas que depois que perdem o primeiro marido nunca mais casam, guardando continência, e assi nunca mais entram nas festas dos vinhos nem em seus bailos e cantares.

Inf.ColPe, [1615]

Informação do Colégio de Pernambuco. S/a. S/l, s/d [posterior a 1615].

Fonte: original do ARSI, Bras 5 I, f. 113.

Publicações:

1. LEITE, **História**, vol. 5, pp. 331-332.

Versão utilizada: publicação em LEITE.

P. 331:

"Com 7 ou 8.000 Índios, repartidos em 5 Aldeias, nesta Capitania [de Pernambuco] e na de Itamaracá, se ocupam 12 Religiosos, 6 sacerdotes e 6 que o não são. Sua ocupação nelas é de cura de almas, administrando-lhes os Sacramentos do Baptismo, Penitência, Comunhão, Matrimónio e Extrema-Unção, e ensinando-lhes a todos a doutrina, todos os dias, duas vezes: e aos filhos ler e escrever, canto de órgão, charamelas, frautas e outras coisas a que êles se afeiçoam."

Inf.AnMat, 1619

Informação das ocupações dos Padres e Irmãos do Rio de Janeiro para o Assistente de Portugal em Roma. Padre Antônio de Mattos. Rio de Janeiro, março de 1619.

Fonte: original no ARSI, Bras 3 I, ff. 199-201v.

Título original: "Informação das ocupações dos P.^{es} e Irmãos do Rio de Janeyro p.^a o P.^e Assistente de Portugal em Roma - 1619, 1^a. Via. De Antonio de Matos mandada para Roma pelo P. Simão Pinheiro Provincial do Brasil."

Publicações:

1. LEITE, **História**, vol. 6, pp. 563-568.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 342, a partir de LEITE.

Versão utilizada: publicação em LEITE.

P. 564:

"Nem ate agora disse mais q o q fazemos nas Cidades, villas, e povoaçoens povoadas de moradores portugueses e naõ as que fazemos nas aldeas dos Indios Brazis, e nas missoins, a que a seus tempos somos mandados ao sertão, e outras terras mui remotas em demanda de gentio, q venha viver nas aldeas, q estão a sombra dos Portugueses. E faltando destas Aldeas, temos nellas a cura spiritual, qual he a que tem o parocho de suas ovelhas. E tras consigo montes de occupaçoens a quem se determina fazer este off.^o com a devida perfeição e principalmente entre gente de pouca capacidade qual he commum.^{te} a do Brasil. Aqui entra a cathequisar os gentios que se convertẽ à nossa Sancta f, e bautizar os inocentes, e adultos, e outras cousas mais comũas q pertencẽ ao off.^o pastoral. Temos cuidado de os domesticar nos costumes naõ som.^{te} Christaõs senaõ também politicos para q saibaõ viver em paz e quanto for possível sem queixa naõ somente entre si senaõ também com os vizinhos portuguezes, para que saibãõ promover o culto divino, e ajudar a celebrar os off.^{os} divinos com canto de orgaõ e instrumentos músicos, e com a devida decencia. Nem tem estes Indios outros medicos; nẽ outros enfermeiros, nem outros tutores, ou curadores, senaõ os Religiosos da Comp.^a A cargo deste Coll.^o estão duas destas aldeias; hũa no Cabo Frio, q pode distar desta cidade 18, ou 20 legoas, outra daqui 10 legoas no distrito do Macucũ."

Inf.MaGom, 1621

Informação da Ilha de S. Domingos, Venezuela, Maranhão e Pará. Padre Manuel Gomes. Colégio de Santo Antão (Lisboa), 22 de janeiro de 1621.

Fonte: original no ARSI, Bras 8, ff. 334-338.

Publicações:

1. LEITE, **História**, vol. 3, pp. 427-431.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 344-345.

Versão utilizada: publicação em LEITE.

Pp. 429-430.

"Informação da ilha chamada Maranhão.

"Ho que agora chamão Maranhão he huma ilha duas legoas da terra firme, a qual fazem os rios Muni, Itapucuru, e Meari, os quaes se aiuntão em hum, antes de esboquar no mar, deixando esta ilha no meyo, tem dezoito legoas de comprido, e sinco de largo e como esta na boca dos rios tem duas barras huma de maes de tres otra de maes de sinco, nesta ilha tinhão os francezes suas fortalezas daqui os lançamos tomandolhe a artelharia cõ todos os petrechos de guerra e fizemos tres fortalezas nesta Ilha e terra firme nos ocupamos na salvação das almas, levantando cruces e igrejas cõ musica e charamelas que eu levava, cantando aos dias santos e domingos missas de canto de orgão com os cantores índios que do Brasyll levava, para afeiçoarmos os animos dos Gentios a nossa Santa Fee, e para verem a diferença que avia de nós aos hereies. Nos povos a que chegava mandava todos os dias fazer sinal cõ huã campainha pella manhã aiuntandosse na igreja, eu ou o Padre meu companheiro lhes ensinavamos as orações pregavamos dando noticia de Deus, do misterio da Santissima Trindade, da caída dos Anjos, da criação do mundo, do

P. 430

pecado de Adam, da encarnação do Verbo Eterno, e dos maes milagres de nossa santa fe, repartindo o catecismo [sic] e instrução por dias logo se dizia huma missa.

"A tarde mandava fazer o mesmo sinal e depois de lhe ensinar as orações continuavamos cõ o catecismo [sic] antes da noite se tornava a fazer o mesmo sinal, a que acodião os meninos, e saindo da igreja em procissão davão volta pello povo, cantando as orações, entoando hum de nossa casa ao qual seguião os maes, recolhendose na igreja, se lhes contava alguma historia, isto tudo pella lingua Brasylica, curavamos aos doentes, aplicando as mesinhas que a

charidade nos ensinava, levava quatro sangradores e muitas vezes acontecia antes da missa mandar fazer vinte sangrias por aver huma doença perigosa, emfim eramos enfermeros, apos os remedios do corpo applicavamos os da alma, catequizando, bautizando, ajudando a bem morrer, levandoos a enterrar, dizendo-lhe responsos, e como as doensas forão muitas, padecemos muito trabalho, levantandonos da mesa a acodir aos doentes para que nos chamavão. Tres casos apontarei, deixando otros.

“Estando hum dia levantando huã cruz que de ordinário passavão de sesenta palmos de comprido, por aver naquellas partes maderos altíssimos, cõ musica e charamellas, pregava o Padre companhero as mersês que o Senhor por meyo daquelle santissimo sinal nos fazia, disseme hum principal se he verdade isto que nos pregaes rogai a Deus dê saude a meu filho que está mal, respondilhe fizesse elle a petição poes em sua povoação levantavamos a crux ao que tomou se vos não osaes a lho pedir, que o conheceis, como o farei eu que o não conhesso, rogeilhe nos puzessemos de Joelhos e repetisse o que eu dissesse. Fe-lo elle assi. Fizemos oração a Deus, ovio-o o Senhor e recolhendose en casa achou o filho são.”

Rel.MatAg, 1621

Relação da nova Residência que se fez em Porto Seguro por ordem do Padre Provincial Domingos Coelho aos 25 de Dezembro de 1621 anos.
Padre Mateus de Aguiar.

Fonte: original no ARSI, Bras 8, ff. 317-319.

Publicações:

1. LEITE, **História**, vol. 5, pp. 229-236.

Versão utilizada: publicação em LEITE.

P. 231:

"Enfim, ainda que cansados, lhes demos o sim, mas que só disséssemos missa, por não vir nem aparelhado para poder prègar em festa nova para mim, nem por estar para isso. Ao dia seguinte veio o Capitão em pessoa com duas redes armadas e moços para elas e nos levaram lá, e no caminho tanto apertaram comigo que me determinei a lhes prègar de repente como fiz. E me ajudou Nosso Senhor, ainda que foi sem sobrepeliz, e se festejou bem a festa, com sua missa cantada e prègação, confissões e comunhões. E sôbre a tarde nos viemos para as nossas casas."

P. 232:

"Vendo eu e o Padre meu companheiro o que passava, lhes demos o sim de ficarmos na terra e de logo nos começarmos a preparar, para fazermos algum modo de agasalhado de cubículos, Igreja e mais oficinas, para religiosamente podermos estar, ainda que tudo fôsse de palha por entretanto. E ficando nós nesta conformidade, mandamos chamar alguns Índios e vieram de muito boa vontade; e, com outras ajudas dos moradores, em duas semanas e meia fizemos a Igreja, capaz quási da mais gente da Vila, com sua sacristia, portaria e mais oficinas necessárias, e tudo de telha, prego e ripa e paredes de taipa de mão, com tanta diligência dos que a faziam que aos 23 de Janeiro de 622 anos, dia da septuagéssima, cantamos missa na nossa Igreja, a qual se armou muito arrezoadamente para isso."

Pp. 233-234:

"E tanto que se acabou de fazer a Igreja e tudo o demais, aos 2 de Fevereiro, dia de Nossa Senhora das Candeias, depois de jantar, se deu princípio às obras novas, armando o primeiro taipal. E para o solenizar, se arvorou um formoso mastro com sua bandeira branca de vinte palmos em quadra, ao som de um tambor, e de muitas arcabuzadas e mosquetadas, que com muita destreza disparavam os mancebos da terra, entressachando sua música e descante e repiques de sinos e um Te Deum Laudamus do Padre Vigário, com todos os músicos de sua capela. Tudo o qual fazia suave e deleitosa harmonia, e diziam os homens que já com tais mostras de alegria estavam firmes do bem que tanto desejavam e nem faltaram, em seus intervalos, algumas danças de mancebos que o faziam mui destramente.

"E quando foi ao alevantar do taipal, os mais graves da terra foram lançar os seus cestos de terra e todos êles, postas as capas, o armaram com muito fervor. E o que mais se assinalou foi o Padre Vigário, que cavava com a enxada e martelava, e outros com o prumo nas mãos. Ao som das arcabuzadas, e mais harmonia, com muita harmonia e geral aplauso de todos se pisou o taipal."

Rel.MigAr, 1621

Extrato de algumas coisas escritas do Brasil no ano de 1621. Padre Michele Daraço [Padre Miguel ou Manoel de Araújo]. S/l, 31 de dezembro de 1621.

Fonte: original não localizado.

Título na publicação: "Estrato / DI ALCVNE COSE / Scritte Dal Brasile / Nell'Anno MDCXXI."

Assinatura: "Per ordine del P. Rettore Ferdinando Cardin. / Michele Daraço. / [...] / l'ultimo di Dicembre. 1621."

Publicações:

1. **Lettere anue d' Etiopie, Malabar, Brasil, e Goa**, pp. 119-136.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 348-349, a partir da publicação acima.

Versão utilizada: publicação em **Lettere anue**.

Observação: segundo Leite (**História**, vol. 8, p. 64) não consta em nenhum documento o nome Miguel de Araújo. O padre Manoel de Araújo era professor de latim do Colégio da Bahia em 1621, época em que o Padre Cardim era Reitor, e talvez o tradutor romano tivesse interpretado sua assinatura, "M.^{el} d'Araujo", como "Michele".

P. 119.

"Estratto di alcune cose scritte dal Brasile nel 'anno MDCXXI"

P. 128.

"Collegio, e residenza del Fiume Gennaro"

Pp. 130-131.

"La selva Goitaca, piena di barbari, e selvaggi, ha cominciato a rendere qualche frutto degno de' celesti giardini, mercè alla coltura incredibile dei nostri; tra l'altre opere, è una che, richieste dai nostri a dargli li bambini per battezzarli, n'offrirono tredici, de' quali abbelliti con l'acqua batesimale, undici n'andarono al cielo, ad intercedere per i loro genitori; per meglio addolcire questi ad offerirgli alla sacra fonte, determinarono li nostri di dare sepoltura a quei felici corpicciuoli, con funerale de qualche mostra; Per tanto due Padri con la Cotta in dosso, accompagnato da molti Indiani, con fiacciole accese, à suono di campagne, con voci di canto, gli condussero alla chiesa. Stavano meravigliati li barbari, e ralleggrati dal non più veduto spettacolo, si resero poi molto cortesi a simili richieste.

"Vengo alla festa, e allegrezza, per la Beatificazione del B. P. Francesco Xaverio. Giunta che fù la nuova, che il Pontefice Paolo V aveva dichiarato per Beato il Xaverio, si fecero dimostrazioni eccessive, per l'affetto grande, che deve l'India tutta à sì glorioso suo Apostolo. Su l'annotarsi da un'altra torre, cominciarono varii segni d'allegrezza. Il Collegio coronato di lumi, tirò a schiena la gente à dimandare, che novità fosse questa: qualse saputassi, rendevano gratie à Dio, chiamando & invocando ad alta voce, Beato Xaverio. Desiderava calmamente la nobilità, & il volgo, che li fusse letto il Breve Pontificio da Roma, pero condescendendo li Padri à giuste demande, fù determinato un giorno, nel quale il Predicatore promulgasse in pubblica Chiesa questo breve. Il concorso fù smisurato, la divotione indicibile, il contexto senza motto; e bene si vide la sera medesima nella varietà delle feste fatte dal popolo in ogni parte della città. Il Vescovo tanto parziale dela Santo, quanto interessato della Compagnia, fece che la sua chiesa avanzasse ogn'altra in contrasegni di liberale affettione. Egli stesso, con le sue mani per devotione del Beato, fabricò vaghe lumiere di colori diversissimi, semonandole e facendole una vagha ghirlanda all'edifitio, tirnado gl'occhi, e le lingue d'infinita turba. Nel giorno poi della festa, egli stesso cantó il Vespro solennemente, vi fù musica triplicata, stromenti varii, addobbi pretiosi, e con una bellissima processione si terminò il tutto; non mancando li nobili la sera cò cavalli addobbati à maraviglia di accompagnare la publiche allegrezze con tornei, e giostre segnalate."

P. 134.

"Collegio e residenza di Pernambuco.

"Gradento in particolare s'é dato del cõtinuo a gl'Etiopi; sogliono congregarsi per le Ville, e Castella, attendendo a balli, giuochi, ed'imbriachezze."

Rel.CoAri, 1622

Breve relação da festa que se fez na cidade da Bahia na canonização de São Francisco Xavier. Padre Conrado Arizzi. S/l, [Bahia?], 21 de novembro de 1622.

Fonte: original no ARSI, Bras 8 II, doc. LXVI, ff. 321-324.

Título original: "Breve relatione della festa che s'ha / fatto in q.a / città della Bahija nella canonizzaz.e de [nostri] [S.gno] et / Fran.co Xavier all' 21. do Nobre / dell'anno di 22."

Assinatura: "dal Brasile, 2 di Gennaio / dell'anno 1623. Per la fretta della nave non ho [potuto] farla migliore. [...] / Conrado Arizzi."

F. 321.

"...dopo questo [tiros de artilharia] comincio la / festa all' [rs] di nostro [ininteligível] suono di pifare..."

Rel.JoMar, 1624

Missão dos Mares Verdes que fez o Padre João Martins e por seu companheiro o Padre Antônio Bellavia por ordem do Padre Domingos Coelho, Provincial na era de 1624. S/l, s/d.

Fonte: original no ARSI, Bras 8, ff. 360-365.

Publicações:

1. LEITE, **História**, vol. 6, pp. 167-176.

Versão utilizada: publicação em LEITE.

Observações:

1. O relato descreve a terceira entrada do Padre João Martins aos Paranaubis ou Mares Verdes, no alto Rio Doce, atual Minas Gerais. Junto com o Padre Martins foi o P. Antonio Bellavia, e os índios que haviam baixado. Saíram da Aldeia dos Reis Magos (Espírito Santo) no dia 5 de junho de 1624 e retornaram no dia 14 de setembro, com 450 Paranaubis.

2. Segundo Leite, o documento não vem assinado por ter sido elaborado pelos dois missionários, porém conserva-se com a caligrafia do P. Bellavia, com vestígios da sua origem italiana, sobretudo na duplicação dos "tt": *matto*, *mattam*, *prattica*, *fatto*.

P. 168.

"Não estavam todos na Aldeia, quando nós chegamos. Muita parte dêles eram à caça, e entre êstes o principal. Foi logo o recado da nossa vinda. O qual ouvido, vieram depressa, certificados já que éramos Padres, mostrando connosco e com tôda a gente, que connosco trazíamos, muitos sinais de amor, chegando-se a nós sem arco e frecha, ainda que viram os nossos mui bem armados delas e de espingardas, antes começaram a cantar e bailar juntamente com os nossos, naquela noite e por todo o tempo que com êles estivemos, tratando-nos do melhor modo que puderam em nos agasalhar e prover de todo o necessário, com muita caridade e amor, de que ficamos mui maravilhados por ver tanta humanidade e cortesia em gente selvagem e bárbara, cuja glória tôda está posta em matar e comer os seus inimigos, uns dos quais eram os nossos Índios, o que acrescentou mais a maravilha."

P. 171.

"Era também de espantar o quão sóbrios eram no beber, porque nunca, enquanto com eles conversamos, sentimos bebedices, coisa notável por serem nesta miséria excessivos, mas antes alguns, quando queriam beber, nos vinham pedir licença como que se eles fossem Índios criados debaixo do nosso bafo. Entre os mais sinais de amor que com os nossos Índios mostraram, um foi, que querendo o Padre mandar os nossos Índios fazer as canoas, que eram necessárias para viagem, não no consentiram por então, dizendo que esperassem outro dia, porque lhes queriam fazer algum mimo. Foram logo às suas roças com muita pressa, donde trouxeram legumes em tanta abundância, que os nossos Índios não os puderam levar todos, fazendo a matalotagem para irem fazer as canoas 6 léguas longe da Aldeia. Quando cantavam e bailavam ao modo dos seus antepassados, diziam a nós e aos nossos Índios, que não estranhássemos aquilo, nem julgássemos que eles fossem por isso mudados do seu parecer, mas que estavam fortes e constantes na palavra que nos tinham dado de se vir connosco; e que o mudar-se do primeiro parecer era próprio de Tapuias, e não de homens como eles eram. E bem o mostrou o principal, porque, quando ele se partiu da Aldeia, o que fez, dois dias antes que nós partíssemos, com outros velhos e velhas pela dificuldade que haveria em não poderem seguir-nos, foi primeiro por todas as casas exortando os seus que se abalassem e viessem com o Padre, pois ele já se partia diante de todos."

Rel.FrCarn.1, 1628

Relação da Missão aos Carijós. Padre Francisco Carneiro. S/I [Rio de Janeiro], 1628.

Fonte: original no ARSI, Bras 8 II, doc. LXXVIII, ff. 388-395v

Título original: "Missio ad Carijos a Pra' F.co Carn.º / 1628."
S/assin.

Observação: segundo informação do acervo, talvez seja de autoria do Padre Antônio de Araújo. O Padre Antônio de Araújo era superior da Missão, e o Padre Francisco Carneiro reitor do Colégio do Rio.

Versão utilizada: documento original, em cópia digitalizada do NHII.

F. 388: Início.

"... Nunc Missionis tantum cpletum enarrabo, qua Men-/sium nouem absump[t,s]i, praeter quos amplius pater Antonius de Arahuio huiusq / contriuit, ut infra [sae]te explan[bo].

F. 388v: partida dos padres do Colégio do Rio de Janeiro e recepção pelos missionários de Laguna.

"Adeo notabili municipum gratulatione, ut ausim sane affirmare ingentis mihi / fuisse gaudij spectaculo, lætitiæ pariter, ac memorem, quo obuia se fundebant, / contemplari: lætitiæ, inquam, dum templum, aedes et uias ad proximam usq / fluminis ripam, amænissimis uersicoloribusq arborum frondibus arte eximia ador-/narunt dum uarias etiam per flumem scaphas uexillas illustratas reboantiumq / timpanorum, sono belli instar formidabiles, nostrum expectaturas aduertam dimi-/sere."

F. 391v.

"Hac tempestate sacrosancta hebdomada, quanta maxima potuit ceremonis / apparatusq peracta est. feria quinta in [caenadomini] indos socios caelesti [c]ibare / conuiuio [cu]raui. Eadem die Mandatum Domini, noctusq (finita pompa, qua per / multi terga flagris cruentarunt) passionis series publice docta: hunc [pae]ne te-/norem reliquiae dies ad paschalem usq habuere, namq misteria unaquaq figurata / sigillatim traddebantur. Rei nouitate pagani ita Christianorum sorti inui-/debant, et Christiani in Christi fide confirmati; ut certe egregiam sic affan-/di ansam nobis praebuerint: si illa rerum tenuitas, adeo mentes, et animos ele-/uabat: quid inter Lusitanos! ubi fanorum ornatus, musices consonantia, aliaq / id genus supererant, et iucundo erant insipientibus aspectui."

Rel.InSeq, [1635]

Missão dos Padres Inácio de Sequeira e Francisco de Moraes às terras dos Carijós no ano de 1635. S/a [Padre Inácio de Sequeira]. S/l, s/d [1635].

Fonte: original no ARSI, Bras 8 II, doc. XCVII, ff. 488-500v. Cópia nos ff. 460-472v.

Título original: "Missaõ que por ordem do P.^e Prouincial D.^{os} Coelho fez o P.^e Ignacio de Seq.^{ra} / ueira] com o P.^e F.^{co} de Moraes as terras dos Carijos no anno de 1635."

Assinatura na cópia: "Ignacio de Seqr.^a"

Publicações:

1. Parcial, a partir do f. 492v, em LEITE, **História**, vol. 6, pp. 495-521.

Versão utilizada: documento original, em cópia digitalizada do NHII.

F. 493v:

"Com ser isto assi são os Carijôs de sua natureza m.^{to} intereceiros (vicio comũ atodas as nações / do Brasil) mas elles nisto as excedem atodas: e a cauza he o trato q' tem cõ os Portuguez/ses, que começando a commercar cõ elles, chegaraõ atanto extremo na venda desi mesmos q' / por huã carapuça resgatou hũ Portuguez sinco Carijôs vendidos deseus mesmos na-/turaes; houtro Portuguez comprou tres Carijôs por huã soalha de hũ pandeiro, que emprego / tivera se o pandeiro lhe tangeria encordoado cõ todas suas pessas, sem duvida trouxera toda huã aldea inteysa."

F. 497v: descrição de ritual antropofágico dos índios carijós.

"...lhe faz singir pelloso/sos e sinturas muitos, e mui compridos colares dos dentes enfiados, que tiraraõ das cavei/ras dos m.^{tos} mortos, que em tal acto comeraõ. As quais, pera recrearem mais o povo, vem / cantando e dançando ao som dos alquidares, e gamellas, que levaõ nas mãos pera nellas toma/rem o sangue, e as mais entranhas daquela rez, chegando-se a elle fazendolhe os gestos, e / caretas, que de tam boas caras se espera, pois a graça das danças, mudanças, continensias, e trespas/sos, eu os deixo à consideração de quem sabe quam ligeiros se movem cento e vinte annos / sobre hũ corpo. Da musica sei eu deserto q' mais estimaõ os passos da garganta q' dessem / em bocados pera o ventre que não os que sobem em quebrados p.^a os ouvidos."

Rel.Amaz, 1636

Missão que fez o Padre Luís Figueira da Companhia de JESU, Superior da Residência do Maranhão, indo ao Grão-Pará, Camutá e Curupá, capitanias do Rio das Amazonas, no ano de 1636. S/a. S/l, 14 de junho de 1636.

Fonte: original no ARSI, Bras 8 II, doc. XCVIII, ff. 501-504.

Assinatura: "Aos 14. do mez / de junho do mesmo anno de 636."

Publicações:

1. LEITE, Luiz Figueira, pp. 181-203.

Versão utilizada: publicação em LEITE.

P. 190: Viagem ao Camutá e ao rio Tocantins.

"Em todas estas aldeas, que são 5 ou 6 fizeraõ os Indios muita festa ao Padre dandolhe seus presentes de farinha, carne, pexe, frutas, e outras couzas que elles estimaõ: em especial em huã chamada Boigig que quer dizer *Água de Cobra*. Todas as indias em hũ terreiro da Igreja fizerão seus baylos e cantos, dizendo muitos motetes a seu modo tocantes à vinda do Padre representando nelles o modo della e da canoa em que vinha, tirando de tudo materia de se alegrarê."

P. 202: volta do Padre Luís Figueira.

"Aqui no Camutá estavaõ os Indios todos cõ grandes prantos, porque neste meyo tempo morrera muita gente na aldea que ali está junta aos Portuguezes, de sarampaõ e camaras de sangue [...]. E são notaveis os modos cõ que celebraõ as exequias de seus defunctos, *silicet*, ajuntaõse todos, tomaõ os moveis que ficaraõ do defuncto, *silicet*, arcos, frechas, espadas, ???, redes evestidos, cõ estas couzas nas mãos dançaõ e choraõ, representando as acções do defuncto quando era vivo, como guerreava, como dançava, como remava nas canoas, e tudo o mais que elle fazia, e nos gastaõ muitos dias."

Mem.LuFig, 1637

Memorial sobre as coisas tocantes à conquista do Maranhão. Padre Luís Figueira. S/I [Lisboa], 8 e 10 de agosto de 1637.

Fonte: original na coleção Studart.

Título original: "Sobre hu memorial que fes Luiz figr.^a Religioso da Companhia de jesus sobre as cousas tocantes a conquista do Maranhão."

Publicações:

1. STUDART, **Documentos**, vol. 3, pp. 26-39.
2. **Revista Trimestral do Instituto do Ceará**, Fortaleza, n. 24, 1910, pp. 215-399.
3. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 377, a partir da **Revista Trimestral do Instituto do Ceará**.

Versão utilizada: publicação em STUDART.

P. 34.

"... o amor e obediencia que lhe tem [aos Padres da Companhia de Jesus] todo o gentio daquellas partes he grande, fundado em que os defendem e amparão, e como lhe sabem a lingua elles fasem quanto bem podem esperitual e temporal, muitos os tem e reconhesem por paes e se fião so delles por tradição de seus passados, e que tem ysto a contradição de alguns poderosos e da governança que porque os padres lhe não consentem que os cativem e os obrigão a que se lhe pague seu trabalho, quando se servem delles os não podera sofrer, e que podia afirmar com toda a verdade que vira no brasil algumas Aldeas de yndio cõ a administração dos padres com suas Igrejas muito limpas e bem conçertadas e providas de tudo o necessario ao culto divino com charomelas e musicas, e os yndios tão contentes acodindo ao serviço da republica que senão lembravão já de sua gentelidade...."

Rel.LuLop, [1639]

Relação da viagem do Socorro. S/a [Padre Luís Lopes]. S/l, s/d [1639].

Fonte: original na Biblioteca Pública de Évora, CXVI / 1-14 a nº 1, ff. 1-56. Cópia manuscrita no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, folhas 13 - 52 do códice.

Título original: "Relaçã da viagem do Socorro, que / o Mestre de Cam//po D. Diogo Lobo levantou / nas Ilhas dos Açores, e le//vou em 15 navios á / Cidade da Bahia, e das couzas // mais notaveis, que / neste caminho succederam princi//palmente na Náo / Nossa Senhora de Guadalupe." (Os sinais "/" referem-se a quebras de páginas; os sinais "//" estavam presentes na cópia.)

Publicações:

1. FREDERIC MAURO. **Le Bresil Au XVIIe Siecle. Documents Inédits Relatifs À L'Atlantique Portugais.** Separata de **Brasilia**, Coimbra, vol. 11, 1961, pp. 11-68.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 381-384, a partir da publicação acima.

Versão utilizada: cópia do IHGB.

Observações:

1. O documento não faz referência a qualquer data
2. Na nau estavam presentes dois padres da Companhia de Jesus (um visitador e seu companheiro), e o Padre Frei Helias, religioso do Carmo. Várias pessoas do navio têm seus nomes citados no texto (como o Padre Helias), mas os nomes dos dois padres jesuítas jamais são mencionados; referências a eles são feitas com grande frequência em todo o texto, mas são sempre mencionados como "o Padre Visitador" ou "Vizitador" e "o Padre Companheiro do Padre Visitador" ou simplesmente "o Padre Companheiro".
3. Segundo Leite (**História**, vol. 6, p. 593):
"39ª expedição (1639)
P. Pedro de Moura, Visitador Português (Alpalhão, Portalegre)
P. Luiz Lopes, Secretário " (Vidigueira)
Miguel Gonçalves, sócio "
Luiz Lopes, que veio a ser Provincial de Portugal, ocupou diversos cargos, um dos quais o de Reitor do Colégio de S. Miguel, nos Açores, em 1636. Entre outros escritos deixou uma 'Relaçam da viagem do socorro, que o mestre de Campo Diogo Lobo levantou nas Ilhas dos Açores, e levou em 16 navios à Cidade da Bahia; e das Cousas mais notaveis que neste caminho succederam, principalmente na náo N. S.^a de Guadalupe', 8º ff. 55. Faleceu em Évora, a 1 de Março de 1676."

F. 14v.

"Dada esta noticia ao Mestre de Campo, se reco/lheraõ os Padres com os Cantores, que hiaõ na Náo, a can/tar as Vesperas a seu Santo Patriarcha [Santo Inácio], nas quaes capi/tulou o Padre Frei Helio Religiozo do Carmo que hia / na mesma Náo para da Bahia passar ao Maranhão."

F. 15.

"... Á chachota se / seguiraõ varias cantigas Pias em louvor do Santo [Inácio], com / que se passou a tarde alegremente estando o convez em / todo este tempo tam quieto como se fora terra firme, e por / essa cauza pode o tambor da chacota fazer mil peças em / lugar bem apertado. /

"Em amanhecendo o dia seguinte [30 de julho, véspera do dia de Santo Inácio] empavesou-se o Navio e / lançou seus rabos de gallo do alto dos Mastareos, e ouviraõ o Padre / Visitador e seu Companheiro de confissaõ a alguns soldados e ma/rinheiros, e a seu tempo se tornou a armar o Altar (porque he / necessario tiral'o logo em se acabando os officios Divinos para dar / expedição aos marinheiros) e disse o Padre Companheiro a / S.^{ta} Missa, e nella deu communhaõ a 15 pessoas seculares: / a 2^a Missa disse o Padre Frei Helias Religiozo do Carmo, que / como fica dito passava no mesmo Navio para o Maranhão. / A 3^a Missa disse o Padre Visitador, a qual foi cantada ao mo/do que uzaõ os Padres da Companhia em Portugal; o Padre / Frei Helias cantou a Epistola."

F. 15v.

"Era conveniente, que tendo o Capitaõ da In/fanteria, e o Capitaõ e Mestre do Navio e o Piloto, e mais / Cantores Marinheiros, e Soldados celebrado, como podiaõ a / festa do Glorioso Patriarcha Santo Ignacio, os Padres se mos/tracem agradecidos, e convidacem ao Capitaõ da Infan/taria Paulo Machado de Lemos, e ao Capitaõ Mestre / do Navio Antonio de Salazar, e ao Piloto por nome Pan/taleaõ Rangel, e ao Padre Frei Helias, e a hum homem / nobre do rancho do Capitaõ da Infantaria, chamado / Lourenço de Lima, a huma honesta refeição."

Ff. 16-16v.

"E ja que fizemos menção das Missas e Pregação, Vespo/ras e Salvas de Mosquetaria e Artilheria grossa que houve /

F. 16v

no Navio Nossa Senhora de Guadalupe em honra de / S. Ignacio; he justo que a façamos tambem das La/dainhas de Nossa Senhora, que todos os dias se can/taraõ no mesmo Navio [la sobre] a tarde na forma se/guinte. Consertava-se com huma bandeira, o lugar / da banda direita do Mastro da Mezena, e logo se punha / a Imagem de Senhora de S. Lucas, de que arriba / fallamos, e se dava signal com a campainha, para que / acudicem os Cantores, e estivessem atentos os soldados e / marinheiros: e postos todos de joelhos, e principalmente / o Capitaõ Paulo Machado de Lemos que em tudo era / sempre o primeiro, começavaõ o Padre Visitador, e o P.^e / Frei Helias a entoar as Ladainhas em cantoxaõ [sic], e res-/pondiaõ os Cantores repetindo sempre o

mesmo que / os Padres entoavaõ, ora em cantochaõ ora em canto de / Orgaõ. Acabada a Ladainha diziaõ todos em voz / alta Senhor Deus Mizericordia 3 vezes: e logo se toca/va o Tambor, para os Soldados entrarem de guarda / e entraram nella todos os dias, e vigiavaõ seus quartos, / como se estivessem cercados de inimigos: e este costu/me se guardou sempre em toda esta viagem."

F. 18.

"... Vespóra de São Lourenço [segunda feira, 8 de agosto] á tarde se / cantaraõ Vespóras solemnes no Navio Nossa Senhora de / Guadelupe, á honra do insigne Martir São Lourenço / [...] Capitulou nas Vespóras o P.^e Compa-/nheiro do P.^e Visitador do Brazil."

F. 19.

"E / a seu tempo se começaraõ as Missas, estando o Altar bas/tantemente ornado. A primeira disse o Padre Visitador / [...] A segunda o Padre Frei Helias, e a terceira que foi can/tada o Padre Companheiro do Padre Visitador do Brazil."

F. 20: Ilha de Santo Antão.

"Ainda que parecia ao Piloto, que / hiamos passando a Leste das Ilhas; com tudo o Mes-/tre sempre se inclinou a que havia nos deter vista d'ellas, / como na verdade succedeo, quase á boca da noite, no fim / da Ladainha de Nossa Senhora, cantada como sempre."

F. 23.

"Vinha-se chegando a tarde deste Domingo quatorze / d'Agosto, e vespóra da Virgem Nossa Senhora d'Assumpção, e / era bem que em reconhecimento de tantos beneficios para / o Navio recebidos em tal dia, nos mostracemos agradecidos / á Virgem Sagratissima, e assi selhe cantaraõ suas vespóras, / nas quaes capitulou o P.e Vizitador. Ellas acabadas se rezou / a Ladainha da mesma Senhora."

F. 31v: manhã de quarta feira, 7 de setembro.

"E a seu tempo se cantaraõ / as Vespóras, em honra do Nascimento da Virgem Nossa /

F. 32

Senhora; capitulou o Padre Visitador."

F. 47.

"A suas horas se disseraõ trez Missas / [...] e a 3^a o P.^e Frei Helias, e foi / cantada e de Nossa Senhora do Rosario."

F. 51v: resumo da relação.

"Houve Missa todos os Domingos e / Sanctos. Tivemos 4 vezes vespervas solemnes / e 5 vezes Missa cantada e Ladainhas de / Nossa Senhora cantadas todos os dias as Missas / por todas (contando huma que disse o P.^e Frei Helias dia do Apostolo Saõ Theago em que parti/mos da Barra de Ponta Delgada depois do / P.^e Visitador e seu Companheiro embarca/dos os quaes na madrugada do mesmo dia / disseraõ Missa no seu Collegio e depois de se em/barcarem armaraõ o Altar e emprestaraõ o / Ornamento ao P.^e Frei Helias para com sua / Missa consolar os Soldados e Marinheiros que / estavaõ tristes por naõ terem commodo para / satisfazer ao preceito) foraõ 49 das quaes foraõ / 5 cantadas e 44 rezadas. Nellas se deu a /

F. 52

Communhaõ em toda a viagem a 90 pessoas / seculares. Fizeraõ o P.^e Visitador se seu Com-/panheiro nesta jornada 15 Pregaçoens e huma / Doutrina solemne."

Rel.SiMen, 1640

Navegação e viagem do Padre Simão Mendes de Lisboa a Buenos Aires e Rio de Janeiro em 1640. Rio de Janeiro, 15 de junho de 1640.

Fonte: original na Biblioteca de Santo Isidoro. Cópia manuscrita na Biblioteca Nacional.

Título original: "Navegacion y viage del padre Simon Mendez / de la Comp.^a de Jesus, desde Lisboa á Buenos / Ayres y Rio de Janeiro en 1640. Simon Mendez, Rio Jenero, y Junio 15 de 1640."

Versão utilizada: cópia da Biblioteca Nacional.

F. 24:

"Luego q.^e los PP.^{es} de / aqui lo supieron nos embiaron á recibir y á buscar, / y juntam.^{te} el Governador, llevando un terno de / cheremias, y llevandonos á terra con mha fiesta, acompañado de capitanes ... "

TELES, 1645

Crônica da Companhia de Jesus na Província de Portugal. Padre Baltazar Teles. Lisboa, 1645.

Publicação original: TELES, Baltazar S.J.. **Crônica da Companhia de Jesus na Província de Portugal.** Lisboa, Paulo Craesbeeck, 1645.

Título na publicação: "CHRONICA / DA / COMPANHIA / De Iesv, / Na Provincia / De Portugal; / E Do Qve Fizeram, Nas Conqvistas / d'este Reyno, os Religiosos, que na mesma Provincia entráram / nos annos em que viveo / S. Ignacio Loyola, / nosso Fundador. / Pelo P. M. Balthazar Tellez / da mesma Companhia, natural da cidade de Lisboa, / & nella Lente de Prima de Theologia. / PRIMEIRA PARTE, / Na Qval Se Contem os / principios d'esta Provincia, / No tempo, em que a fundou, et governou / O P. M. Simam Rodrigves, Com sua sancta vida, & morte. EM Lisboa, / Com todas as licenças necessarias. / Por Paulo Craesbeck. Anno do Senhor M.DC.XXXXV. [1645]."

Outras publicações:

1. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 393-394.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

"Livro Terceiro DA CHRONICA Da Companhia De Iesv. Nos Reynos De Portvgal."

"Capitvlo IV. Continùase a mesna materia, em especial dos custumes dos naturaes do Brasil; et das barbaras ceremonias, com que comem a carne humana"

P. 448.

"... [col. 1] ['Das ceremonias q' usam, quando trazem algum Tapuya cativo'] Ao entrar da aldea, até chegar a casa, ou choupana do que o cautivou, vem com festas, bailos, & cantigas, & o Tapuya cativo, vem fazendo seu bailo da guerra, com estranha braveza, sem mostra alguma de sentimento. [...]

"[col. 2] ['Do modo cõ q' trazẽ o Tapuya pera o matarem'] Chegando o dia assinalado, primeiro o vam lavar a hum rio, pera hir mais purificado, & dahi o trazem com grande feira, de bailos, & de cantigas, dizendo lhes, que nam estranhe fazeremlhe o que elle, & seus parentes muitas vezes a outros tinham feito: ..."

P. 449.

"[col. 1] ['Descreve-se o modo cõque sahe o matador do Tapuya'] Entra no terreiro, aonde se hà de executar a morte, acompanhado com seus padrinhos: começa a dar varios passos, como prologo que entra no theatro, antes que comece a lançar a loa: faz logo hum bailo tam terrivel, que mete horror, enchendo o ar de rinchos, de assubios, & alaridos. Nam he pequeno espanto ver apos isto sahir o preso ao terreiro, dando tambem seus saltos, fazendo suas danças, & assubiando, com tal festa, & alvoroço, como se aquele fora hum dia de gram prazer. ..."

"Capitvlo V. Como o Governador Thomè de Sousa edificou a cidade do Salvador, et do que os religiosos da Companhia fizeram nestes principios, ensinando os gentios, et pretendendo tirarlhes o costume de comer carne humana"

P. 455.

"['Traças, q' usavam os Padres pera bautizar estes gentios presos.] hiam os Padres muy dissimulados, com pretexto de quererem assistir àquella sua solemnidade: pediam licença, entravam no terreiro, viam as danças, ouviam as musicas, & finalmente assistiam em toda a festa; ..."

"Capitvlo VI. Do sancto zelo, et virtudes do P. Manoel de Nobrega (primeiro Provincial da provincia do Brasil) em quanto esteve em Portugal."

Pp. 456-457. ['O que os Gregos fingiam de Orphèò.'] Foy tam estimado entre os Gregos, aquelle seu tam celebrado cantor Orphèò, que nam sòmente lhe engastâram a sua cithara, entre as mais nobres costellações do cèò, mas também a elle o contavam entre os seus Deoses mais milagrosos, atribuíndolhe, entre outros dos seus falsos milagres, que com a suavidade da cithara, & melodia da voz, trazia apos si os penhascos, tornãdoos tam brandos, como se fossem cordeirinhos. Nam eram os sábios de Grécia tam ignorãtes, q' chegassem a persuadirse, que Orphèò abrandava as pedras, & amansava as féras; porém quizeram, como prudentes, significar por estas alegorias a grande sabedoria de Orphêo, merecedora de elles o canonizarẽ, pois foy o primeiro mestre, q' tiveram os Gregos, quãdo mais agrestes, & quãdo mais incultos,

P. 457

[col. 1] & quando mais dados a ter por melhor iguaria (como os Aymurés no Brasil) o prato da carne humana.

"['Os Brasis estam hoje muy domesticados'] O que de Orphéo fingio a antiguidade de Grecia, vemos em nossos dias cõprido na gẽtilidade do Brasil, que verdadeiramẽte parece hũ novo encantamẽto de vozes divinas, & musicos celestiaes, ..."

Rel.FrGon, 1647

Relação da Província do Brasil pelo Padre Francisco Gonçalves. S/l, 1647.

Fonte: original no ARSI, Bras 8 II, doc. s/n, ff. 568-574v.

Título original: "Relation' data al [Molto Dx.] P. N. Vincenzo Carrafa Generale della Comp.a / di Giesu dal P. Francisco Gonsalis Procuratore della Provincia del / Brasil di alcune cose della stessa Provincia"
Na contracapa: 1647.

F. 571: Nação dos Guaitacá, entre o Rio de Janeiro e Espírito Santo.
"...se / hauessero fatto naufragio nelli liti di quel tratto di mare, che essi habitano, ammassaua-/no tutti le pson.e, che liberate dal naufragio, [quiui] corteggiuano, e poi / en canti, suoni, sinfonie, e feste se le mangiauano..."

Rel.JoMay, 1656

Diário da jornada que o Padre João de Sotto Mayor fez ao Pacajá em 1656. S/l.

Fonte: original da Biblioteca de Évora, códice 115-2-11 ff. 66. Cópia manuscrita na Biblioteca Nacional.

Publicações:

- 1. Documentos dos arquivos portugueses que interessam ao Brasil**, n. 8, 1945.
- 2. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, vol. 77, n. 130, 1914, pp. 156-179.

Versão utilizada: publicação na **Revista do IHGB**.

P. 168: Chegada ao Pacajá.

"Entretanto mandei levantar uma Igreja para n'ella termos a semana santa, e ensinar a estes gentios, e como eu suppunha que havíamos por lá cinco ou seis mezes, mandei-a fazer capaz e de páus fortes [...]"

"Acabou-se a Igreja e n'ella celebramos a semana santa com vantagem à limitação em que estávamos: houve um sepulchro de luzes escondidas que faziam sahir as cores azues, verdes, vermelhas e rôxas, de tafetás que se achavam no arrayal (a ambição de escravos traz ao sertão estas alfaias). O remate era um crucifixo: nesta Igreja houve mandato, paixão, disciplina e ressurreição; e o que mais me espantou muitas lagrymas, cousa nova em gente do Pará. Aqui comungaram todos quinta-feira de Endoenças: houve procissão de cruz e tambem dia de Paschoa, com repetidas salvas de mosqueteria, musica (que se achou quem cantasse), tambores, gaitas e varias dansas, com que sahiram os Indios das nossas aldeias, o que tudo causava grande admiração no gentio, e muito mais quando viram as cerimoniaes com que, depois de instruidos, baptizei meninos e meninas."

Pp. 176-178: visita a outras aldeias.

"Meti-me em uma ubá com o altar portatil e trez Indios mais que apenas ella pode levar [...]"

"Faltava agua para as canôas nadarem: fizemos uma procissão todos descalços, de noite, rezando as ladainhas; disse uma missa a Nossa Senhora, que todos lhe ofereceram pela mesma tenção."

Rel.AnVie.1, 1659

Relação da Missão da Serra de Ibiapaba, pelo Padre Antônio Vieira. S/l, 1659.

Fonte: original não localizado. Nenhuma das fontes publicadas menciona o original; segundo Castagna, comparando-se os textos percebe-se que a publicação de BARROS serviu de fonte para as demais.

Publicações:

1. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, n. 18, 1904, pp. 86-138.
2. ALMEIDA, Cândido Mendes de. **Memórias para a história do Maranhão**. Rio de Janeiro, 1860, vol. 2.
3. [Vieira, Antônio], **Obras escolhidas**, vol. 5, pp. 72-134.
4. BARROS, André de. **Vozes Saudosas**. Lisboa: Miguel Rodrigues, 1736, pp. 3-89.
5. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 436-438, a partir de BARROS.

Versão utilizada: publicação em **Obras escolhidas**.

“VIII - Descrição do sítio da serra de Ibiapaba: sua dificultosa subida; sua altura, que excede as nuvens; condição de seus moradores e, chegados a ela os missionários, quanto obram.”

Pp. 98-99:

“Não foram novas aos padres as incomodidades do sítio, de que já tinham certas notícias, como dos costumes dos moradores, os quais acharam em tudo no estado em que acima os descrevemos, posto que foram recebidos deles com grandes demonstrações de gosto e humanidade, e com aquela admiração e aplauso que sempre acham nesta gente todas as cousas novas. A primeira em que entenderam os padres, foi em levantar igreja, de que eles não só foram os mestres, senão os oficiais, trabalhando por suas próprias mãos, assim pelo exemplo como pela necessidade, porque era pouca a diligência com que os moradores se aplicavam à obra. A do edificio espiritual se começou juntamente, porque desde o primeiro dia, começaram os padres a ensinar a doutrina no campo, a que concorriam principalmente os pequenos, que muito brevemente tomaram de memória as orações e respondiam com prontidão a todas as perguntas do catecismo. Mas depois que os padres lhes ensinaram a cantar os mesmos mistérios, que compuseram em versos e tons muito acomodados, viu-se bem com quanta razão dizia o P.^e Nóbrega, primeiro missionário do Brasil, que com música e harmonia de vozes se atrevia a trazer a si todos os gentios da América. Foram daqui por diante muito maiores os concursos e doutrinas de todos os dias e maiores também as esperanças que os padres conceberam de que por meio desta música do Céu queria o divino Orfeu das almas encantar estas feras destas penhas, para as trazer ao edificio da sua Igreja.”

"XIII - Estado pernicioso dos índios da serra. Suas ignorâncias, heresias e trato com o Demónio"

P. 116:

"Não há muitos anos que um velho dos de Pernambuco, feiticeiro, levantou uma ermida ao Diabo nos arrabaldes da povoação, e pôs nela um ídolo composto de penas, e pregou que fossem todos a venerá-lo, para que tivessem boas novidades, porque aquele era o que tinha poder sobre as sementeiras; e como a terra é mui sujeita a fome, foram mui poucos os que ficaram sem fazer sua romaria à ermida. Estava o velho assentado nela, e ensinava como se haviam de fazer as cerimónias da devação, que era haverem de bailar continuamente de dia e de noute, até que as novidades estivessem maduras, e os que cansavam e saíam da dança haviam de beijar as penas do ídolo, no qual afirmavam alguns que ouviram ao Demónio falar com o velho, e outros que se lhe mostrou visível, vestido de negro."

"XVII - Parte o P.^e António Vieira para a serra. Valor com que empreende o caminho por terra com os mais companheiros. Gastam vinte e um dias. Chegam descalços e com os pés em chagas. Trata da reformação da cristandade. Acaba com os índios cousas que pareciam impossíveis"

Pp. 132-133:

"Entraram na serra em Quarta-Feira de Trevas pela uma hora; e logo na mesma tarde começaram os ofícios que se fazem com toda a devação e perfeição, por serem quatro os sacerdotes e os índios de Pernambuco terem vozes e música de canto de órgão, com que também cantaram a missa da Quinta-Feira, e à Sexta-Feira a Paixão, em que vieram todos adorar a cruz com grande piedade, e na tarde, ao pôr do Sol, se fechou a tristeza daquele dia com uma procissão do enterro, em, que iam todos os meninos e moços em duas fileiras com coroas de espinhos e cruces às costas, e por fora deles na mesma ordem todos os índios arrastando os arcos e frechas ao som das caixas destemperadas, que em tal hora, em tal lugar e em tal gente acrescentava não pouco a devoção natural daquele acto. O ofício do Sábado Santo e o da madrugada da Ressurreição se fez com a mesma solenidade e festa, a qual acabada, começaram os padres a entender na reformação daquela cristandade ou na forma e assento que se havia de tomar nela; e porque a matéria era cheia de tantas dificuldades, como se tem visto no discurso de toda esta relação, era necessária muita luz do Céu para acertar em os maiores convenientes, e muita maior graça de Deus para os Índios os aceitarem e pôr em execução. Para alcançar esta luz e graças se tomou por padroeiro de toda a missão da serra a S. Francisco Xavier e se lhe fez uma novena, em que, além dos exercícios ordinários da Religião que se aplicavam todos por esta tenção, se dizia todos os dias missa do santo, e os padres juntos na igreja tinham pela manhã meia hora de oração mental e de tarde outra meia hora; uma, a que precedia um quarto de lição espiritual, em que se lia uma meditação, a que também assistiam todos, rematando-se a oração de pela manhã com a ladainha dos santos, e à tarde com a de Nossa Senhora, à qual se achavam também os meninos da aldeia e muitos outros homens e mulheres, por se acabar esta devoção na hora em que começava a doutrina."

Rel.AnVie.2, [1661]

Relação do sucesso do Maranhão. S/a [Padre Antônio Vieira]. S/l, s/d [1661].

Fonte: original no ARSI, Bras 9, doc. XIII, ff. 69-70.

Título original: "Relação do sucesso do Maranhão".
Segundo o códice: "Manu P Vieira scriptum documentum."

Observação: a data provável do documento é 1661, quando ocorreu restituição dos padres ao Maranhão, e também o último ano em que o Padre Vieira esteve na Província.

Ff. 69-69v: restituição dos Padres da Companhia ao Maranhão após a expulsão. 25 de março, chegada do Governador Ruy Vas de Figueira, que restituiu os padres às casas e às missoes.

"... E o G.^{or} fez oração na Igreja do Coll.^o q' avia hu' anno es-/tava fechada, e no dia seg.^{te} se disse nella missa cantada, aq assistio o Governador / F. 69v

acompanhado de tudo oq avia no Maranhão. Quem cantou a missa foy o Vigr.^o G.^l / do qual escreve o mesmo G.^{or} o m.^{to} q' o ajudara nesta acção..."

Rel.GasMis, 1662

Relação da missão do Padre Gaspar Misch da Companhia de Jesus ao Rio Amazonas. Padre Gaspar Misch. S/l [Bahia, Amazonas], 28 de julho de 1662.

Fonte: original no Arquivo Histórico da Propaganda Fide, fundo "America Meridionale dall'Istmo de Panamá allo Stretto di Magellano", códice I (1649-1713), ff. 150-155v.

Título original: "[?] P. Casparis Mish ex Baia in America / ad flumen Amazoniam. 28 Julij 1662."

No envelope: "Relatio / ex Americana / Missione pro / A.R.P. Gaspari Mish / soc. Jesu Th[?].l."

F. 151v: cerimônia fúnebre dos índios.

"Faeminae jublecto post [h]iparium / circumeunte Lincerna ac potum ministrante quem puellae ore marticatum, ut saepe / spectauit in [obbam] ex puerunt, mancipia è quibus unum quod mortuo alteri in uita deferari-/at, ipsi occidunt ac deuorant, oblongis stipilibus terra alli[b,s]is funebri pompae interstre-/p[u]nt, uiri rebus gestis ac nobiles genere bini & bini ante demortui ardes primum / deinde totum per oppidum citato obambulant, gradu, ac tubis ligneis fistularum / in modum elaboratis ad numeros, minio & cauium plumis conspiciunt [,]aures inferius / perforatae in humeros, capillq oleo aud balsamo luridus intergum de fluit, tota / facies ad risum juxta ac terrorem diuersimode ex[u]ella."

VASCONCELOS, 1663

Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil. Padre Simão de Vasconcelos. Lisboa, 1663.

Publicação original: VASCONCELOS, Simão de S.J.. **Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil.** Lisboa: Henrique Valente de Oliveira, 1663.

Título na publicação: "CHRONICA / da / Companhia de JESV / do / Estado do Brasil: / e / do qve obrarão sevs filhos / nesta parte do novo mvndo. / TOMO PRIMEIRO / da entrada da Companhia de Jesv / nas partes do Brasil / e / dos fvndamentos qve nellas / Lançâão, & continuarão seus Religiosos em quanto alli trabalhou o Padre Manuel / da Nobrega Fundador, & primeiro Prouincial desta Prouincia, / con sua vida, & morte digna de memoria: / e / algvas noticias antecedentes / curiosas, & necessarias das cousas daquelle Estado, / pello Padre / Simão de / Vasconcellos / da mesma Companhia: / Natural da Cidade do Porto, Lente que foi da sagrada Theologia, / & prouincial / no dito Estado. / Lisboa. / Na Officina de Henrique Valente de Oliveira Impressor delRey N. S. / Anno M. DC. LXIII. [1663]."

Outras publicações:

1. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 446-457.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

"Livro Primeiro, DAS NOTICIAS Antecedentes, cvriosas, e necessarias, das covsas do Brasil."

"SVMMA. Contêm este liuro o descobrimento admirauel do Nouo mundo, aßi por parte da Noua Espanha, como por parte do Brasil. O modo com que se repartio entre os dous Reys de Portugal, & Castella. A descripção, & demarcação geographica de suas terras, costas, rios, portos, cabos, enseadas, & serranias fronteiras ao mar. E a resolução de algũas duuidas curiosas, a saber: Quem foraõ os prmeiros progenitores dos Indios? Em que tempo entrãrão neste Nouo mũdo? De que parte vierão? De que nação eraõ Por onde, & de que maneira entrarão? Como naõ conseruãrão suas cores, lingoa, & costumes, seus descendentes?"

P. 9.

"[col. 1] ['Trato que começãrão a ter com os Indios.'] Descião [os índios, por ocasião do descobrimento] a ver como [col. 2] em manadas, ordenados porém a seu modo em som de guerra; & erão tãtos os que cõcorrião, que ao principio dauão cuidado. Porém com sinaes, & acenos, & muito mais com dadiuas (a melhor falla de todas as nações) de cascaueis, manilhas, pêtes, espelhos, cousas pera elles as maiores do mundo, vierão a conhecer que nossa entrada não era de mau titulo: fizeram confiança, trouxerão mulheres, e filhos, & filhos

[sic.], & tratarão logo cõ os Portugueses fóra de todo o receio: traçarão em sua presença mostras de alegrias, a modo de sua gentilidade, galanteados elles & ellas de tintas de paos e pennas de passaros, fazendo festas, bailes, & jogos, lançãdo frechas ao ár: & por fim vieraõ carregados de animaes, & aues de suas caças, & de frutas varias da terra, q' por não vistas outro tẽpo dos nossos, não podiaõ deixar de agradar, Quando se ãbarcaua o General, acõpanhavaõno cõ mostras de prazer: hião

P. 10

[col. 1] com elle até a praia, huns se metião pella agoa, chegando o batel, outros nadauão à contenda com elle, outros seguiaõno até as naos em jangadas, tudo sinaes de amizade, dando a entẽder, que lhes era grata sua presença, & q' ficauão agradecidos de sua boa correspondẽcia. ['Natural dócil dos Indios.'] Sobre tudo mostraua esta gente natural docil, & domauel; porque assistindo entre os nossos ás Missas, & mais actos Christaõs dos Religiosos do Seráphico P. S. Francisco, que alli se achâraõm estauão decẽtemẽte, como pasmados, mostrãdo fazer conceito de bõdade daquellas ceremonias, põdose de joelhos, batendo nos peitos, leuãtando as mãos, & fazẽdo as mais acções, q' vião fazer aos Portugueses, como pezarosos de não entẽderem elles tãbẽ o q' significauão."

P. 88.

"[col. 1] [Seus instrumẽtos, musicos, et danças'] Tem tambem [os índios] seus instrumẽtos músicos. Hũs os fazem de ossos de finados, a que chamão cãgoêra: outros chamão muré-murè: outros maiores cõmummente de conchas chamaõ membyguaçú, & outros vrucá: outros de cana chamaõ membyapára. Saõ mui dados a dançar, & saltar de muitos modos, a que chamaõ quaú em geral: a hum dos modos chamaõ urucapy: a outro, dos de menor idade, chamaõ curúpiãra: outro quaibípaye, outro quaibiàbucú. Hũ destes generos de danças he mui solenne entre elles; & vem a ser, que andaõ nelle todos á roda sem nunca mudarem o lugar [col. 2] donde começãrão, cantando no mesmo tom arengas de suas valentias, & feitos de guerra, com taes assouios, palmadas, & patadas, que atroaõ os valles. E pera que não desfallegão em acção tão heroica, assistem alli ministros destros, que dão de beber aos dançantes cõtinuamẽte de dia, & de noite, até que vão embebedandose & caindo ora num, ora outro, & finalmente quasi todos."

Pp. 88-91.

"[col. 2] [Costumes particulares da nação dos Tapuyas.'] He esta gente dos Tapuyas a mais vagabunda entre todas: mudão os sitios quasi todos os dias cõ esta ceremonias. ['Consultas, et ceremonias q' fazẽ cada dia a cerca do sitio em que hão de habitar.'] Aa vespõra do dia, o Principal de todos faz ajuntar a relé de seus feiticeiros, & adeuinhadores, que sempre tem em grande quantidade; & feito concelho com elles, pergunta, aonde será bem que vão assentar rancho o

P. 89

[col. 1] dia seguinte? & o que hão de fazer nelle? de que maneira hão de matar as feras? &c. Ouuido o oráculo, o modo que tem de partir he nesta forma. Antes que abalem, vaõ todos juntos a lauarse em rio, ou outra qualquer agoa:

feito o lauatorio, esfregaõ os corpos pella area, lodo, ou terra, & tornaõ segunda vez a lauar-se; & saídos da agoa, vaõse ao fogo, & ao ar delle vaõ sarjãdo seus corpos cõ dêtes de animal por diuersas partes, até lançarem sangue: & este tem por remédio vnico pera euitar o cansaço, que havião de ter no caminho. Chegados ao lugar destinado por seus feiticeiros, os que são mais mancebos vão logo ao matto, cortão ramos, fazẽ barracas toscas, & pequenas, chamadas como elles Tapuyas: & logo estas são pouoadas das mulheres, crianças, & bagagem de todos os haueres que consigo trazem. Isto feito, deste lugar (morada que ha de ser de num dia) partem [col. 2] os homens, huns á caça, outros á pesca, outros a mel-sylvestre; & as mulheres, as demais idade, hũas às raizes de eruas, outras às frutas, que possaõ seruir-lhes de pão, & jũtamente de vinho. As de menor idade ficão em casa, & vão preparando as cousas assim como vão vindo pera sustento commũ de todos. O demais tẽpo cãtão, danção, saltão, & lutão.

“[‘Modo de caçar dos Tapuyas.’] He para ver a breuidade, & facilidade com q’ cação. Ajuntãose os caçadores todos (q’ communnente vẽ a ser muitos cẽtos) vaõse ao lugar destinado, seguindo o oráculo de seus feiticeiros, despedẽ algũs deites, os mais destros, a vigiar as couas, & jazigos da caça; os quaes achados, voltão, & dado pũto, vão todos, & cercão o lugar, & como são em tanta quãtidade, & destros na arte, não lhes escapa fera algũa, por mais ligeira ou manhosa q’ seja; porq se fogẽ das mãos, ou dos arcos, daõ na boca dos caẽs caçadores

P. 90

[col. 2] Concluída a caça, logo cõ grande festa daõ com toda ella no meio de seus ranchos, cantando, & bailando; saẽlhe ao encontro na mesma forma, as q’ ficãrão em guarda das choupanas, desentranhaõ as feras (cẽto, duzentas, & às vezes mais, segundo o numero dos caçadores, & fertilidade do sitio) & feitas grandes couas cubertas por dentro de folhas, metem nellas os animaes em pedaços, & cubertas de terra, pondo fogo sobre ellas, na maneira como assima dissemos, ficão cozidas, ou assadas, como em forno. [...]

“[col. 2] [‘Todo o tempo que lhes sabeja de caçar, et comer gastão em jogos, cantos et bailes.’] O tempo que sobeja do dia, gastão em jogos, cantos, & bailes; & assi vaõ passando a vida, sem cuidado algum da eterna, ou conta algũa do bem, ou do mal que fizeraõ. Sobre a tarde toma o Principal a consultar seus feiticeiros a cerca do dia seguinte; neste fazem o mesmo, & o mesmo em todos os de mais; & este he seu modo continuo de viver.

“[‘Modos de furar as orelhas, faces, et beijos.’] He singularmente fero entre esta gẽte o modo de furar as orelhas, faces, & beijos. Tomaõ o pobre moço padecẽte, leuaõno como em procissão entre cantos & danças; & chegando ao lugar destinado, hũ dos mais nobres feiticeiros amarrao de pés & mãos, de maneira q’ naõ possa mouerse: & logo entra outro feiticeiro, & com hũ pão duro, & agudo lhe fura as orelhas, faces, ou beijos, segũdo o q’ pedem os parentes, ou suas boas obras merecẽ; planteando ãtre tãto as mãys à vista do tormẽto dos filhos; porém

P. 91

[col. 1] leuando tudo em bem, por ser acção de gloria, a honra da família.”

"Livro Segvndo DAS NOTICIAS cvriosas, antecedentes, da covsas do Brasil."

"SVMMA. Contêm outra parte da resolução das perguntas curiosas das cousas dos Indios. Se chegou a degenerar algũa de suas nações, de maneira que perdebe o ser de humana? Que Religião seguem? Se he certo que veio a estas portes S. Thomè, ou outro Apostolo de Christo? Se estando na ignorancia de sua gentildade, podiaõ saluarse alguns delles? Trata da bondade da terra do Brasil? Defende esta das Calumnias, que os Antiguos lhe impunhaõ de Zona torrida, & inhabitauel: & por fim mostra a bondade do clima, & duvída, se nelle plantou Deos o Paraíso Terreal?"

Pp. 107-111.

"[col. 1] ['Tem algũs vestigios de Deos, et da outra vida.'] Os mesmos vestigios ha entre elles da immortalidade da alma, & da outra vida; porque tem pera si, que os varoens valentes, que nesta vida matáraõ em guerra, & comerão muitos dos inimigos; & da mesma maneira as femeas, que foraõ tão ditosas que ajudâraõ a cozellos, assallos, & comellos; depois que morrem se ajuntaõ a ter seu paraíso em

P. 108

[col. 1] certos valles, que elles chamaõ câpos alegres (quaes outros Elysios) & alli fazem grandes banquetes, cantos, & danças. Porém os que foraõ couardes, & que em vida não obráraõ façanhas, vão a penar com certos maos espíritos, a q' chamão Anhangas. [...]

P. 109

"[col. 1] ['Seus feiticeiros, et feitiçarias'] Tem grande canalha de feiticeiros, agoureiros, & bruxos. Aquelles (a que chamaõ Payes, ou Caraybas) cõ falsas apparências os enganão, & estes os embruxaõ a cada passo. Os Tapuyas neste particular saõ os peores; porque âlẽ de não conhecerem a Deos, creem inuisiuelmẽte o diabo em fórmulas rediculas de mosquitos, çapos, ratos, & outros animaes despreziueis. Os feiticeiros, agoureiros, & curadores, saõ entre elles os mais estimados; a estes daõ toda a veneração; & o que dizem, pera com elles he infalliuel. Os modos de dar seus oráculos, & adiuiñar o futuros, saõ varios, & ridículos: porei hũ, ou dous, por exemplo. ['Exemplo primeiro de suas feitiçarias. Chronica delRey D. Manoel, fol. 41.'] Vaõ algũs de num cabaço a modo de cabeça de homem fingida, com cabellos, orelhas, narizes, olhos, & boca: estriba esta sobre hũa frecha, como sobre pescoço, & quando querem dar seus oráculos fazem fumo dentro deste cabaço com folhas secas [col. 2] de tabaco queimadas; & do fumo que sae pellos olhos, ouvidos, & boca da fingida cabeça, recebẽ pellos narizes tanto, até que com elle ficão perturbados, & como tomados do vinho; & depois de assi animados, fazem visagẽs, & ceremonias, como se foraõ indemoniados: dizem aos outros o que lhes vẽ à boca, ou o que lhes ministra o diabo; & tudo o que dizẽ em quanto dura aquelle desatino, creẽ firmemẽte, qual se fora entre nós reuelação de algum Propheta. A huns ameaçaõ a morte, a outros mas vêturas, a outros boas; & tudo recebe o vulgo ignorante, como ditto de algũa Deidade. Em qualquer lugar que apparece, fazemlhe grandes festas, danças, & bailes, como áquelle que traz consigo espirito tão puro.

"[col. 2] ['Exemplo segudo.'] Hũ trosso de soldados Portugueses, que tinha partido em companhia de grande qualidade de Indios a fazer guerra ao sertão, vio

P. 110

[col. 1] com seus olhos, e depos vniformemente o caso seguinte. Postos em fronteira dos inimigos os nossos, entrãrão em duuida, se se hauia de acommeter, ou não, porq estavaõ intrincheirados fortemente, & cõ melhor partido de defensores. Ex que hum dos Indios, que por nós militauão, sae a hũ terreiro fronteiro ao inimigo, & fixando na terra duas forquilhas, amarrou fortemente sobre ellas hũa claua, ou maça de pao, que é sua espada, & chamão tangapèma, toda galãteada de pennas de pássaros variadas ã cores. Depois que teue amarrada a claua, conuocou a muitos dos seus pera q' dançassem, & cantassem ao redor della: & acabadas suas danças, & cantos, começou o mesmo feiticeiro a fazer as suas per si só, & ao redor da mesma maça, acrescentado a ellas ridiculas ceremonias, momos, & esgares. Feito isto, chegando-se à espada, ou maça, disse entre dêtes certas [col. 2] palauras mal pronunciadas, & peor entendidas; & dittas estas, soprando àlem dellas tres vezes sobre a espada, de improuiso ficou esta solta das ligaduras em que estaua, saltou fóra das forquilhas, & foi voando pellos áres com assás de admiração dos Portugueses, que desejosos de ver o fim, perseueràrão em hum lugar. Cousa espantosa! Dalli a pouco espaço de tempo, viraõ todos, que tornaua a vir a mesma espada voando pellos áres, pello mesmo caminho, & á vista de todos se tomaua a pôr no próprio lugar, & sobre as mesmas forquilhas; porém com grande diuersidade, porque vinha toda ensangüentada, & estilando sangue, qual se viera de grandes matanças. Ficãrão confusos os Portugueses, porém o feiticeiro contente, & declaroulhes o pronostico a sinal certo de victória: acrescentando, que podiaõ seguros acommeter, porque havião de matar os contrarios, & derramar P. 111

[col. 1] delles muito sangue. Elle o disse, & o sucesso o mostrou breuemente, porque matàrão sobre quatro mil, e poseraõ em fugida innumeraveis."

"Livro Primeiro da CHRONICA da Companhia de JESV do Estado do Brasil. Pello Padre SIMÃO DE VASCONCELLOS da mesma Companhia. Natural da Cidade do Porto, Lente que foi na sagrada Theologia, & Prouincial no ditto Estado."

"SVMMA. Contém a eleição, principio de vida, viagem, & chegada ao Brasil, do Padre Manoel da Nobrega: os fundamentos da conuersão das almas, que nelle lançou por si, & por seus companheiros, desde o anno de 1549. até o de 1555. com os princípios da fundação do Collegio da Bahia, S. Vicente, Casas do Espirito santo, Pernambuco, & Porto seguro: & os fins bemaßombrados dos seruos de Deos Saluiador Rodriguez, Leonardo Nunes, Pedro Correia, João de Sousa, Domingos Pecorela, & João Aspilcueta Nauarro."

Pp. 53-54.

"[col. 1] ['Outra traça de bautizar cõ agoa de hum lenço molhado.'] Quando sabião [os padres], q' em algũa daquellas aldeas [indígenas, em 1549 na Bahia] hauia de hauer padecente, hião então a visitalla, & estando lá como a

caso, pe-[col. 2]dião licença pera ir ao terreiro, com protesto de ver aquellas suas músicas, & danças: & como esta gente se preza muito de que os Abarés (assi chamão aos Padres) lhe gabem seus bailes, & vozes quando cantaõ, & muito mais que se dignem de serem presêtes a ellas; no ponto que alli os viaõ, cheios de vanglória, de tal maneira se imbebiaõ na festa, que descuidauaõ por algum espaço do padecente; & logo na tal occasiaõ chegauase algum delles ao justicado, & daua-lhe alie breuemête o melhor que podia noticia de nossa S. Fê, persuadindoo à contrição de seus peccados, & a pedir o Sacramêto do Bautismo: & feito isto, tirando de num lenço, que leuaua ensopado em agoa, e espremendolho sobre a cabeça, dizendo a fórma do Bautismo, o deixaua Christão; & triumphaua com esta santa inuençaõ dos embustes, com que o inimigo infernal enganaua esta pobre gente:

P. 54

& com isto por então se contentauão estes zelosos trabalhadores, até melhor occasiaõ."

P. 83.

"[col. 1] ['Fez levantar dous Seminários pera doutrina dos filhos dos Indios.'] Outra cousa acabou cõ os Indios mui necessária [na Bahia, em 1550]; e foi, que leuantassem duas casas em duas aldeas principaes, pera que fossem como dous Seminarios, aonde se ajuntassem seus filhos, & os das mais aldeas, pera hauerem de ser cathequizados com maior commodo, & perfeição: á imitação de outro Seminário, que leuan-[col. 2]tara o Padre Nobrega jûto à cidade, de que logo diremos. Forão estes Seminarios meio efficaz; porque em breue ficarão os meninos mestres dos pays em todo o genero de doutrina Christãa; que era força q' espalhados elles por suas casas, cantando de dia, e denoite, cõposta em sua propria lingua, a communicassem a todos. E o que foi cousa mais notauel, que tendo, por mandado dos Padres, cuidado cada qual dos meninos em sua casa de visitar qualquer que estiuesse doente, & rezar sobre elle a Oração do Padre nosso; aconteeo por vezes, com a boa fé destes innocentes, obraremse curas milagrosas, de que os Indios ficauão admirados, & com maior conceito da fé que professamos."

P. 85.

"[col. 1] ['Leuanta o Padre Nobrega cõ suas proprias mãos hum Seminário Junto á cidade, pera criação dos meninos na doutrina Christãa.'] Junto á cidade [da Bahia, em 1550] tinha também a industria do Padre Nobrega, & seus companheiros, leuando casa de Seminário com suas próprias mãos, & trabalho Neste criauão, & sustentauaõ quantidade de meninos filhos dos Indios, & mestiços da terra, em bons costumes, & doutrina Christãa, com muito fruto, & ajuda das almas: porque faziaõ tãta estima deste Recolhimento que de todas as partes concorriaõ meninos, em tal numero, que parecia já impossuiel sustentallos. Aqui aprêdiaõ a ler, escreuer, contar, ajudar á Missa, & doutrina Christãa: & os que estauaõ mais prouectos sahiaõ em procissoens pellas ruas, entoando em canto de Solfa as Oraçoens, & mysterios da Fé, compostos em estylo."

P. 106.

"[col. 1] ['Vai em crescimento o Seminário dos meninos.'] O Seminário, ou Cõfraria dos meninos filhos dos Indios [na Bahia em 1552], & mestiços, hia em crescimẽto marauilhoso. Tinha cuidado delle o P. Saluador Rodrigues, cõ cuja doutrina florescia com louuor de todas as virtudes Saiaõ ã procissoes todos jũtos pella cidade, cãtãdo as Ladainhas, & Oraçoens da doutrina Christãã ã cãto de Solfa, cõ tal modestia, & religiã, q' leuauaõ os olhos de todos: & começauã a pretender os Portugueses aggregar seus filhos a elles, pera sairẽ bem doutrinados. Outras vezes hiã em procissã da cidade até suas próprias aldeas leuãdo sua Cruz leuãtada, [col. 2] & cãtãdo as mesmas deuacões em lingoa Brasilica; cõ sũmo gosto & alegria dos pays, que de nenhũa cousa mais se prezauã. ['Indios sã grãdes amigos do canto, et he hũ meio de sua cõuersã.'] Nenhũa outra satisfaz tãto a esta gẽte, como a doçura do cãto: nella poẽ a felicidade humana. Chegou a ser opiniã de Nobrega, que era hũ dos meios, cõ q' podia conuerterse a Gentilidade do Brasil, a doce harmonia do canto; & por esta causa ordenou se lhe pusessẽ em Solfa as Oraçõs, & documẽtos mais necessarios de nossa S. Fé; porque á volta da suauidade do canto entrasse em suas almas a intelligẽcia das cousas do Ceo."

Pp. 115-116.

"[col. 1] ['Castigo notauel que ameaçou dar o Padre Nobrega a num mestiço que cõmetteo deshonestidade.'] Porém aqui he digno de notar o sucesso de hum destes mestiços [mamelucos, que serviam nas igrejas]. Tirada seuera informação, achou o P. Nobrega, que delinquira: cõuẽceoo, exagerou lhe a culpa, & a pureza da Companhia, em cuja casa estaua; e depois de feito capaz, disse lhe assi: Irmão meu, a fealdade do peccado que cõmetestes, & o aggrauo q' com elle fiz estes á Companhia, só pòde satisfazerse com que sejais enterrado viuo: tende paciẽcia, pedi perdã a Deos, confessai, & comun[col. 2]gai; porq à manhã a taes horas se ha de abrir sepultura na Igreja, & se vos ha de fazer Officio, & cantar Missa de defũtos, & haueis de ser enterrado viuo. Começou a tremer o pobre mestiço; & como conhecia a inteireza, & resolução de Nobrega, deose por acabado: confessou, comungou, & ao tempo assinalado dobrãrãose os sinos, celebrouse o Officio de defuntos, & disse a Missa o P. Manoel de Paiua de corpo presente amortalhado, (suspensa ao tal espectaculo muita gẽte Portugueses, & Indios, & ainda parentes do penitenciado:) & sendo acabado o Officio, & Responsorio vltimo (como he costume) foi botado na coua, & depois de algũa terra em sima lançouse de joelhos o Irmão Pedro Correa (que só sabia em segredo a intẽção de Nobrega) pedindo cõ lagrimas perdã por aquelle peccador, de quem já podia esperarse que viuiria como resuscitado dalli em diante. Ao Irmão

P. 116

[col. 1] seguirã todos os presentes; a cujos rogos o Seruo zeloso, que não pretendia mais que metter espãto, & mostrar a pureza da Companhia, vsou de misericórdia, & mandou que fosse desẽterrado, & desamortalhado, deixando liure, porém despedido da companhia dos Religiosos, q' dalli em diante se abstiuerã de receber semelhante gẽte, nem ainda pera o seruico da Casa. E ficou sojeito presente por toda a sua vida com o nome de Fulano da Coua."

Pp. 135-136.

"[col. 2] ['Traduzia em lingoas vulgares, et romãces pios os lascivos, porque cantassem estes, et desterrassem os Profanos.'] Era destro ['o Irmão Ioseph de Anchieta', na Bahia em 1554] em quatro lingoas Portuguesa, Castelhana, Latina, e Brasilica; em todas ellas traduzio em romãces pios, com muita graça, & delicadeza, as cantigas profanas, que então andauão em vso; cõ fruto das almas, porque deixadas as lasciuas não se ouuia pellos caminhos outra cousa senão cantigas ao diuino, conuidados os entendimentos a isso do

P. 136

[col. 1] suaue metro de Ioseph."

Pp. 137-138.

"[col. 1] ['Os filhos dos Indios do Seminário de S. Vicente, ajudão muito a conuersaõ dos pays, et parentes.'] Pera mais fácil ca[col. 2] thecismo de tanta gẽte, ordenou o Padre Nobrega [da Bahia, em 1554] que viessem da villa de S. Vicente aquelles meninos filhos dos Indios que como já dissemos, tinhaõ ali criado os Padres em Seminario de boa doutrina, & sabiaõ já ler, escreuer e cãtar muitos delles: foraõ estes de grande ajuda a toda a sua gente, continuãdo na noua aldea sua escola, & ajudãdo a beneficiar os Officios sagrados em cãto de orgão, cõ destreza, & instrumẽtos musicos (o mór gosto, & incitamẽto, q' podia hauer pera os pays.) As traças que vsavão, erão as seguintes. Iuntauãose à noite a cantar pellas casas cantigas de Deos em propria lingoa, cõtrapostas às que elles costumauão cantar vãs, & gentílicas: com os Padres ajudauão a cathequizar: na escola instruião aos seus iguaes, assi em doutrina, como em ler, escreuer, & cantar; & vinhaõ a ser quasi mestres destes. Todos os dias pella manhã no fim

P. 138.

[col. 1] da escola cantauaõ na Igreja as Ladaínhas dos Santos; & à tarde a Salue Rainha, com outras pias Oraçoens emcanto de orgão: às sextas feiras açoutauaõse com disciplinas, que todos faziaõ de linho de cardos; duas vezes no dia dauaõ lição da Doutrina Christãa, & em breue tempo nesta forma foraõ bautizados com toda a solemnidade possiuel passante de trinta destes meninos (& eraõ mais de cento os que esperauão semelhante fortuna) com grande festa, & applauso, & não menos exemplo dos pays: com os quaes com tudo os Padres hiaõ mais deugar porque arraigassem bem nas cousas da Fé, & desarreigassem de seus ritos gentílicos, especialmente das muitas mulheres, e vinhos, que são os vicios que mais costuma perturballos, & instigallos a grãdes desarranjos. Nestes vicios a nenhuns tinhão mais contrarios que seus propri[col. 2]os filhos; porque estes, com zelo já Christão, vigiaõ os pays, & os accusaõ aos Padres, & ajudauão a lhes quebrar as talhas de vinho em suas bebedices."

P. 164.

"[col. 1] ... Corria o principio de Ianeiro, do presente anno [de 1555], e foraõse as escondidas dos Padres quantidade de Indios da aldeas de Pirátininga a num lugar por nome Iaraibatígba, aonde tinhão preparado grandes vinhos pera brindarẽ sobre as carnes de hum Tapuya, que haviaõ de

matar, & comer em terreiro. [‘Castiga o Padre Nobrega seueramente os Indios por matar em terreiro, et comer carne humana.’] Obrarão seu intento liurementemente, porque ficauão muito distâtes dos Padres: porém voltando não se achárão tão folgados; porque o Padre Nobrega reuestido da ira do zelo de S. Paulo, depois de reprehender grauemente o atreuimento em homens já Christãos, os mais delles, lhes deu penitencias mui graues; & entre ellas, que não entrassem na Igreja até [col. 2] não irem todos disciplinados de mão commũ (como o foraõ em suas festas abominaueis) pedindo perdão ao Senhor, que tinham offendido. Quem vira o arrependimento destes Indios, & a facilidade com q’ aceitarão as penitências, diria, que não hauia gente mais apta para o Reyno de Deos. Forão todos, sem repugnância algũa, disciplinandose: hiaõ diante delles seus filhos cantandolhes as Ladainhas, & Psalmo Miserere: & depois de feita a penitencia, & reconciliados á antiga graça dos Padres, voltáraõ logo ao vomito.”

“[Livro Segundo DA CHRONICA da Companhia de Iesv, do Estado do Brasil.]”

“[SVMMA. Continuam os trabalhos do Padre Manuel da Nóbrega, e seus companheiros, já em mais núnero, com grande fruto na cultura das almas, desde o ano de 1555, até o de 1562. Entre os mais obreiros avulta o Irmão José de Anchieta, prodigioso; e o Padre Luís de Grã, segundo provincial do Brasil. Dá-se notícia das guerras dos Portugueses contra os franceses na enseada do Rio de Janeiro. Da fundação daquela cidade, e colégio dela. E tocam-se os trânsitos à melhor vida de nosso S. Patriarca Inácio de Loiola, delRei João o Terceiro, e dos Irmãos Bartolomeu Adão, e Mateus Nogueira]”

Pp. 176-180.

“[col. 1] [‘Modo que guardão os Padres na Doutrinados Indios, nas aldeas em que residem.’] Deste tempo em dian-[col. 2]te se começáraõ a meter nas aldeas [da Bahia, em 1556] Escolas de meninos, de ler, escreuer, cantar, & doutrina Christãa, cõ a mesma perfeição dos que estauão no Seminario; de cujo aproueitamẽto já dissemos. O modo de ensinar, que nellas se vsava, & ainda hoje perseuera nas almas do Brasil (com pouca variedade em algũas dellas) he o seguinte. Rompẽdo a manhã, em se ouuindo pella aldea o sino q’ tange á Missa, todos os meninos della se vão ajuntar na Capella mór da Igreja, aonde postos de joelhos, em coros iguaes, entoão em voz alta louuores de Iesu, & da Virgem; dizendo os de hum coro: Bemdito, & louuado seja o santissimo nome de Iesu: & respondendo os do outro: E o da bemaumenturada Virgem Maria Mãy sua pera sempre, Amen: & logo todos juntos: Gloria Patri, et Filio, et Spiritu sancto, Amen. E nisto continuaõ até chegar a Missa. Chegada esta, a ouuem em silencio; & aca-

P. 177

[col. 1]bada ella (idos os mais Indios) esperaõ elles no mesmo lugar o Religioso que tem cuidado delles, o qual lhes ensina as oraçoens da Doutrina Christãa em voz alta, & após esta da mesma maneira os mystérios de nossa santa Fé, em Dialogos de perguntas & respostas, compostos pera este effeito em lingoa do Brasil, da santissima Trindade, criação do mundo, primeiro homem, Encarnação, Morte, & Paixão, Ressureição, & mais mysterios do Filho

de Deos, do Iuizo vniuersal, Limbo, Purgatório, inferno. Igreja Catholica, &c. E ficão tão destros, que podem ensinar, & ensinão com effeito em suas casas aos pays, que são mais rudes ordinariamente (supposto que também estes, & as mãys tem sua particular doutrina todos os dias santos, & Domingos na mesma Igreja, com praticas accõmodadas sobre ella.) Acabada a Doutrina, tornaõ a dizer os meninos a coros: Lou-[col. 2]uado seja o santissimo nome de Iesu. Respondem os outros: E o da santissima Virgem Maria Mãy sua pera sempre: Amen. E logo esperaõ que os mande, & vão todos juntos a suas escolas, a ler, escrever, ou cantar: outros a instrumentos tão destros, que ajudam a beneficiar as Missas, & procissoens de suas Igrejas, com a mesma perfeição que os Portugueses. (A cuja vista achando-se presête hũ Bispo, não pode ter as lagrimas, considerando a capacidade que nunca imaginâra em taes sujeitos.) Nestas escolas gastaõ duas horas da manhã, & outras duas horas da tarde, tomadoselhes a tanger o sino, a q' pontualmente acodem.

"[Modo como encoandão as almas do Purgatorio os meninos das aldeias.] Tãgêdo ás Aue Marias da noite, tornaõse ajũtar à porta da Igreja, & daqui formaõ procissaõ com Cruz leuantada diante, & postos em ordem vão cantando

P. 178

[col. 1] pellas ruas em alta voz cantigas santas em sua lingoa, até chegarem a hũa Cruz destinada, a cujo pé postos de joelhos encomendaõ as almas do Purgatório na forma seguinte, em sua lingoa propria. Fiéis Christaõs, amigos de Iesus Christo, lêbraiuos das almas, que estão penando no fogo do Purgatorio: ajudaiais com num Padre nosso, & Aue Maria, pera que Deos as tire das penas que padecẽ. E respondẽ todos: Amẽ. Rêzaõ em alta voz o Padre nosso, & Aue Maria, e voltão com a mesma procissaõ, & canto até a portaria dos Padres, onde por fim entoão, & respondem como assima: Bendito & louuado seja o sãtissimo nome de Iesu, &c. esperaõ que os mandem, & mandados se vão a suas casas.

"[Occupação que os Padres tem com os Indios.] Este he o exercicio dos meninos: o dos Padres he o que se segue. Bautizão os innocentes, cathequizão os adultos, administraõlhes o Sacramêto de Matrimonio na Ley [col. 2] da graça, & o da Eucharistia aos que são capazes: ensinaõlhes a boa intelligencia, obseruancia, & perfeição de todas estas cousas. Defendem sua liberdade, curaõ suas doenças, preparãoos pera bem morrer, sepultão em suas Igrejas os que morrem, com a solemnidade de enterro dos mais pontuaes Portugueses, com tumba, procissaõ, Cruzes, velas acesas, Confrarias. E sobre tudo discorrem, & penetraõ os sertoes, prégrandolhes o caminho do Ceo, trazendoos, & introduzindoos na santa Igreja.

"He bẽ q' digamos tãbẽ o q' os Indios fazẽ. He esta gẽte tanto mais fácil em aceitar a Fé do verdadeiro Deos, quãto menos empenhada estã cõ os falsos; porque nenhũ conhece, ou ama, que possa roubarlhe a affeição. Seus idolos são os ritos auessos de sua Gẽtilidade, multidão de mulheres, vinhos, odios, agouros, feitiçarias, & gula de carne humana: vécidos es-

P. 179

[col. 1] tes, nenhũa repugnância lhes fica pera cousas da Fé: & porque he tão admirauel a majestade, & consonancia das obras do verdadeiro Deos, que ellas mesmas estão prégando ao entendimẽto mais rude (quãdo a affeição não está

impedida) que são dignas de toda a creença. Assi que vécidas as difficuldades dos ritos, he muito pera louuar a Deos, ver nesta gête o cuidado com que os já Christãos acodem a celebrar as Festas, & Officios diuinos. São afeçoadissimos a musica; e os que são escolhidos pera Cantores da Igreja, prezaõse muito do officio, & gastão os dias, & as noites em aprender, & ensinar outros. Saẽ destros em todos os instrumentos musicos, charamelas, frautas, trombetas, baixões, cornetas, & fagotes: com elles beneficião em canto de orgao Vesporas, Completas, Missas, Procissoes, taõ solẽnes como entre os Portugueses. [...]

P. 180

"[col. 1] ['Prezãose da perfeição do culto divino'] Os sabbados á tarde acodem [os meninos índios] á Igreja, & cantão deuotamente a Salue da Virgem Senhora nossa em canto de orgão, com seus cirios nas mãos: & todas as segũdas feiras pella manhã os Responsorios dos defuntos, encomendando com o Sacerdote suas almas a Deos ao fim da Missa."

Pp. 250-252.

"[col. 2] ['Chegado às aldeas bautiza incansauelmente, et celebra muitos Matrimonios na Ley da graça.'] Nesta maneira chegou o Padre Gram a hua das aldeas mais antigas [da Bahia, em 1561], por onde lhe pareceo começar [os batismos dos índios], & foi a S. Paulo. Achou feita a Igreja hum bosque, armada de ramos, & flores, segundo a possibilidade dos q' a preparauaõ. Aqui lhes agradeceu o bem que se tinham applicado ás cousas delia; & lhes fez pratica do que mais importaua a sua saluação, da efficacia dos Sacramentos da Igreja Catholica; & feito exame, achando muitos instruídos nos mysterios da Fé, começou a bautizallos cõ a mór solemnidade possiuel de ornamentos Ecclesiasticos, apparato de padrinhos, & ceremonias santas da Igreja, porque fizessem elles conceito

P. 251

[col. 1] da grandeza do que recebiaõ, & entrassem os outros em nouo fervor de procurar o mesmo. Desta passou á aldea de Santiago pouco distante, aonde obrou na mesma fôrma: & dahi à de S. João, onde achou o Padre Gaspar Lourenço, & o Irmão Simão Gonçalves. Aqui saíraõ os cathecumenos com Cruz alçada a receber o padre fora de pouoado passante de meia legoa, com músicas, festas, coroas na cabeça, como em symbolo da esperanza do dia feliz de seu Bautismo. Chegou o Padre Prouincial, bautizou em num dia 173. & em outro 113. depois dos quaes celebrou grande numero de Matrimonios na Ley da graça, renunciadas as mais mulheres de seu Gentilismo.

"[col. 2] 'Continua com a visita das aldeas.'] Nesta ['ilha de Itáparica'] entrou ['o Padre Gram'] na vespõra [3 de maio de 1561] da Inuenção da Santa Cruz de Mayo; & aqui lançáraõ os cathecumenos a barra sobre todas as outras aldeas, porque sairão grande espaço fora a receber o Padre Prouincial em fôrma de procissão mais deuota que todas, com hũa grande Cruz que muitos delles leuauão às costas, & os de mais cantando a coros, ajoelhandose a passos diante della, adorandoa

P. 252

[col. 1] com deuação, & reuerencia, até encontrar com o Padre Prouincial: [...]
Ao dia seguinte [5 de maio] da Inuenção da S. Cruz, matriculou ['o Padre

Prouincial'] no liuro da milicia della pelo santo Bautismo cento & setenta & tres cathecumenos, ordenou Escola, assinando Mestre, com quem os Meninos aprendessem, á volta de ler, & escrever, a Doutrina & costumes Christaõs: logo se ajuntáraõ a esta passante de trezêtos."

Pp. 254-255.

"[col. 1] Porém o inimigo não cansa: entra o outro dia, & cõ elle outro embuste. Ao tempo que estaua o Padre Prouincial celebrãdo o santo Sacrificio da Missa, com [col. 2] a mór solemnidade possiuel [na aldeia do Bom Jesus], & pera que com mais apparato celebrasse também os Matrimonios, que pera então guardára: virando-se depois do Offertório ao pouo, & tendo já tomado a mão a hũ dos contrahêtes, indo tomar a da esposa, de improviso todos quantos estauão na Igreja estremecêrão, & se leuantáraõ, & deraõ a fugir, qual se fora hum bando de aues á vista de algũ fero gauiaõ, & com tão desusado impulso, que não atinando com as portas, saião pellas próprias paredes (eraõ ellas de palma) até ficar desēparado o Templo. Foraõ forçados sair apos elles os dous Acolitos, que ajudauam à Missa, assi reuestidos como estauaõ, a reduzillos, & aquietallos, deixando só em o Altar o Missacantante pegado àquele a quem tinha tomado a mão, que escaçamente pode reter. Porém nem nesta terceira tragedia pode preualecer o inferno; porque os dous Acolites reduziraõ a to

P. 255

[col. 1]dos, fazendoos a seu modo capazes, que não hauia fundamento algũ pera tal desordem. Tornáraõ á Igreja, continuáraõse os Sacramentos, ficando frustrado o enganador. que posto q' pôde perturbar, não pode impedir. Viose aqui hum ridiculo espectáculo, que mostrou bem de quẽ procedia; porque os noiuos, que pera esta festa se tinhaõ enfeitado, quando voltáraõ vieraõ descompostos, sujos, esfarrapados, da desordem com que tinhaõ fugido, & dos lugares em que se tinhaõ escondido.

"['Parte a outra Gentilidade, assenta com ella sitio pera duas aldeas.'] Apenas tinha acabado com a pouoação do Bom Iesu o Padre Prouincial, quando chegáraõ Embaixadores de certos Gentios, que habitauão dez legoas mais ao Norte, a pedir Padres. Não commetia semelhâtes empresas a outro o nosso incansauel Obreiro: partio elle mesmo com os Embaixadores, & Por mais que preuenio auiso, foi festejado dessa gê-[col. 2]te sobre todas as outras; porque quando menos o cuidou, muito antes que chegasse a ella, ouuio que atroauão as maltas multidaõ de vozes incompostas; reparou, & eraõ cantigas a modo do sertão, com que saiaõ a dar lhe as boas vindas, homens, mulheres, & meninos. Vinhaõ em ordem, os meninos primeiro, em segundo lugar os varoens, & no terceiro as mulheres; galanteados todos com enfeites de pennas de pássaros, pedras nos beijos de cores diferêtes, & marchando ao som de seus costumados instrumêtos."

"Livro Terceiro, DA CHRONICA da Companhia de Jesv do Estado do Brasil."

"SVMMA. Contém a continuação da Historia desde o anno de 1562. até o de 1568. A notavel missaõ do Padre Nobrega, et Ioseph de Anchieta, a fim de assentar pazes às terras dos Tanoyos. A dotação do Collegio da Bahia. A fundação da Casa dos Ilheos. O progreßo, et fim das guerras do Rio de Ianeiro,

fundação daquella Cidade, et Collegio della. A visita que fez nesta Prouincia o Padre Ignacio de Azeuedo, até voltar por Procurador a Roma. A morto do Padre Diogo Laynes segundo Geral da Companhia, a quen succedeo o S. Padre Francisco de Borja: et a dos Padres Diogo Iacome, et Antonio Rodrigues.”

P. 379.

“[col. 1] Na instrucção dos filhos dos Indios foi extremado [o irmão Antônio Rodrigues, em 1568]: ensinualhes por sua mesma lingoa a policia de que eraõ capazes, & á volta da Doutrina Christãa, ler escreuer, cantar, & tanger instrumentos musicos pera o culto diuino, porque em tudo era destro: & era em tal forma, que elles sós officiauaõ destramente todas as festas da igreja.”

“Livro Qvarto DA CHRONICA da Companhia de Jesv do Estado do Brasil.”

“SVMMA. Contém a Historia notauel do martyrio insigne dos 40 Martyres da Companhia de Iesu do Brasil, Ignacio de Azeuedo, et seus coopanheiros, com breue summa de suas vidas. A morte ditosa do Venerauel Padre Manoel da Nobrega, Fundador, et primeiro Prouincial desta Prouincia; et suas heroicas virtudes. E o Poema da Vida da Virgẽ Senhora, nossa cõposto por modo admirauel, pello Venerauel Padre Ioseph de Anchieta; prometido no Liuro terceiro desta Obra pera este lugar.”

Pp. 398-399.

“[col. 2] [‘Procissoens às santas Cruzes.’] Todos os dias de manhã, antes ou depois da Missa [em Val de Rosal, Portugal, no ano de 1569], leuaua [o P. Inácio de Azevedo] a Comunidade em procissão pellos campos; porque á vista do ameno dos aruoredos, & das flores, espertasse os animos ao louor do Criador dellas. Saíão todos cãtando as Ladainhas, corredo certas Cruzes distantes, & ao pé destas postos de joelhos acabauaõ entoando em canto de ór P. 399

[col. 1] gão, Dulce lignum, dulces clauos, etc. & concluía o Padre Ignacio com três Oraçoens, hũa da Cruz, outra do Rey, & a terceira, Respice, quaesumus Domine etc.”

Pp. 401-403.

“[col. 2] [‘De seus exercidos pera com os da nao’] Não só entre si, tãbẽ no conuês [da nau em viagem do Porto para o Brasil, antes de sua morte em 15 de julho de 1570], exercitauaõ os nossos pios officios. Todos os dias ensinuaõ a Doutrina Christãa: acudiaõ a ella todos os da nao, desde o Capitaõ até o gurumete menor: folgauaõ de respõder, leuados de premios q’ lhes dauaõ. Aa tarde cãtauaõ as Ladainhas ã musica

P. 402

[col. 1] de órgão: os Domingos, & Festas leuantauaõ Altar com ricos paramentos, & com a Imagem santíssima pintada por Sam Lucas; & dizia o Padre Ignacio Missa, se não consagrando (por consideração dos perigos do mar, & vso daquelles tempos) fazendo com tudo no mais aquelle santo Sacrificio com a mór solênidade possiuel. [...]

"[col. 2] Constaua a Frota de sette naos, & hũa carauela: hia toda junta em cõserua, & tanto à falla, que podião cõmunicarse hũs cõ os outros: de dia festejauamente cõ saluas de artelharia: ['Cantauão os nossos prosas deuotas.'] e porq de noite houuesse també

P. 403

[col. 1] algum aliuiio do espirito, mandava o Padre Ignacio cantar alguns Musicos que leuaua, os Irmãos Magalhaens, Aluaro Mendes, & Francisco Peres Godoi, ao som de hũa arpa, prosas deuotas; & era a musica tão sentida & saudosa de noite sobre o mar, que fazia levantar os espiritos, & atrahia a si os nauios, que para ouuilia se chegauão mais perto: o Padre Ignacio subia ao Ceo, rompia em lagrimas, & pareciaõlhe aquellas as vespas das alegrias que cedo esperaua."

Pp. 445-446.

"[col. 2] ... & foi, que pediria [Francisco Peres de Godoy] ao Pa-

P. 446

dre Ignacio de Azeuedo quisesse leuallo pera o Brasil, onde mais se sofria defeito semelhante, & se recompensaua com o espirito que sentia de ajudar aquella Gentilidade, & outras partes de boa sciencia de Direito Canonico, & Canto de órgão, em que era versado."

Pp. 466-467.

"[col. 2] ['Zelo do culto diuino.'] Em todo o genero de culto diuino era [o P. José de Anchieta, em 1570] exactissimo: faltauão naquelle tẽpo ornãmẽtos ricos, mas com os pobres de que vsava nossa Igreja, se esmeraua sua limpeza, & perfeiçãõ. Frequentemẽte dizia

P. 467

[col. 1] Missa solenne em canto de órgão, pera maior louuor de Deos, & exercicio santo dos Indios, que ajudauam a officialla cõ suas vozes, & instrumentos musicos, em que andauão destros."

Rel.Br, [1692]

Relação sumária do que obraram os Padres da Companhia de Jesus no Brasil desde o ano de 1690 até o de 1691. S/a. S/l, s/d [1692].

Fonte: original no ARSI, Bras 9, doc. LVI, ff. 375-376v.

Título original: "Relação sumaria do qß obraraõ / os PP. da Comp. de IESU no / Brazil em ordem ao bem espiritual / do proximo desde o anno 1690 / ate o de 1691."

F. 376: Bahia.

"Nas cinco Aldeas dilingoa Geral dos Indios, a saber duas / em Porto Seguro, huâ nos Ilheos, huâ no Camamû, e na do Espirito Santo / perto da Bahia, se occuparaõ os Missionarios nos misterios costumados, / doutrinando, baptisando, e ouuindo de Confissãõ aos Indios: sendo a do Ca-/mamû, e a do Espirito Santo tambem de muito proueito p. os brancos, prin-/cipalm.^{te} no tempo da Quaresma, e Somana Santa, por se faserem / nellas os officios com toda a decencia, musica, prociçoens e sermoens, / como costumamos nas uillas mais pouoadas."

Rel.Rj, [1692]

Relação do que se obrou pelos Padres da Companhia de Jesus na diocese do Rio de Janeiro no Brasil desde o ano de 1690 até o de 1691.

S/a. S/l, s/d [Rio de Janeiro, 1692].

Fonte: original no ARSI, Bras 9, doc. LV, ff. 371-372.

Título original: "Relação do que se obrou pelos PP.^{es} da Comp.^a / na diecesi do Rio de Jan.^{ro} no Brazil desde / o anno de 1690 athe o de 1691."

F. 371v: Colégio do Espírito Santo, e aldeias.

"Fizeramse as 40 horas do entrudo com musica, e sermam / e as indoenças, com apparato decente deuação e concurço e as mais festas / do anno, assim nossas, como as commuas', nem houue descuido na dou-/trina dos negros; e assi como se ajudaram os filhos dos moradores da / villa com o ensino, da piedade, e das letras."

Vis.ManCor, 1693

Visita ao Seminário de Belém. Padre Manoel Correa. Bahia, 13 de junho de 1693.

Fonte: original no ARSI, Bras 3 II, doc. CCIV, ff. 326-327v.

Assinatura: "Bahyae. 13 Junij 1693. / [...] / Emmanoel Correa."

F. 326v.

"... Deiparam, quietu tempore absoluto, in Tem-/plo salutant [os alunos]; quod etiam, quoties ad classem eundum, aut ex / illa exeundum, faciunt, psalmo ad numerum decantato. Pome-/ridianum tempus in praeuidendis lectionibus, et in audiendis Prae-/ceptoribus terunt: per semihoram Musicae operam nauant, in / qua ualde profecerunt; nam omnia quae in solemni sacro / et in Maiori Hebdomada decantantur, optime callent: quod in / aperto campo extra urbem eô accedentibus pergratum accidit, / et est seminarium institutioni ualde conforme; de canto / enim inquisitio fit, cum sacris ordinibus postulant initiari. / Ante caenam tertiam Rosarij partem in Templo, elata moderate vo-/ce, decantant. / [...]

"... Diebus Dominicis officium B.^{tae} Virginis sine labe ori-/ginali conceptae decantant."

F. 327.

"Pro quo consultationem instituti, ut P.^[ter] V.^a monebat, uocatis / Prouinciae et Collegij consultoribus, et duobus alijs, bonum rerum / usum habentibus; uisumque est, praeter distributionem temporis, / et exercitia superius memorata, haec etiam debere seruari, quae / P.^{tis} V.^{ae} examinanda proponi[s], antequam statuantur. Interim tamen / ex praescripto P.^{tis} V.^{ae} libera P.ⁱ Rectori quo ad omnia administratio relinquitur./

"P.^o [abrev: primeiro] Cum in hoc Seminario tantum de addiscenda computandi, / scribendi, et canendi Arte, et de Grammaticae et Humaniorum Lite-/rarum studio agatur (neque enim hic Philosophiae cursus est instituen-/dus), et ad formandos in prima aetate, in Pietate, et Christianis mori-/bus ejus Alumnos sedulo incumbatur; uisum est non debere exce-/dere, eos, qui admitti potunt, duodecim aut tredecim annorum / aetatem; nec supra quinquennium, aut sexennium in Semina-/rio retinendos."

F. 327v.

"7.o Seruandam in Seminario Musicae scholam sub externo / Praeceptore, ab ipso initio benè institutam."

Rel.FruCor, 1696

Relação da viagem do Padre Frutuoso Correia ao Maranhão. São Luís, 26 de maio de 1696.

Fonte: original no ARSI, Bras, 9, ff. 416r-419v.

Título original: "Relação da viagem que fez o padre Fructuozo Correa mandado por ordem de Nosso Reverendo Padre Geral Tyrso Gonzalez a ler Theologia ao Maranhão 'ad tempus', e de algũas couzas notaveis, que vio em Cabo Verde, e na Cidade de S. Luiz do Maranhão, levando para aquella Missão o Irmão Miguel da Sylva, e dous pertendentes da Companhia de Jesus."

Publicações:

1. LEITE, **História**, vol. 9, apêndice C, pp. 386-392.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 488-489, a partir de LEITE.

Versão utilizada: publicação em LEITE.

P. 387.

"Aos 25, dia de Nossa Senhora da Encarnação, em que as nãos da India havião de dar à vella com os navios do Brazil, Cacheo, Cabo Verde, e o nosso, cantou o P. Comissario dos Mercês Missa a Nossa Senhora que officiarão os seus Religiozos com Harpa, Baxão e viola para mitigar as saudades da muzica desse Reyno; no fim da missa preguey sobre o Grande Patrocinio da Senhora, pois viamos unidos na invocação da Nao Piedade em Esperança [...].

"Com ventos sudoestes velejamos às 4 horas da tarde dia de São Francisco de Paula ate a enseada de S. Jozeph; à 3.^a e 4.^a feira ate o meyo dia foy serração, chuva, e vento sul, com que na 4.^a feira à tarde, por ser o lugar em que estavamos perigozo, tornamos a sobir para Belem; neste dia ouve missa votiva a Santa Maria do Socorro, Senhora da Ordem das Mercês, prodigiosa para os navegantes; no fim da missa preguey, como também na 5.^a feira depois da missa, que cantou o Padre Comissário."

P. 388.

"E daqui poderão Vossas Reverencias collegir qual eu estaria, basta so dizer que ate o penultimo dia desta navegação vim enjoado, e padecendo outros achaques que não refiro; mas nem por isso dexey de pregar 5.^a feira de Endoenças na altura da Ilha do Mayo, e dia de Pascoa na villa da Praya de Cabo Verde, e dia de Pascoella, na Sê desta Ilha, o nascimento da Senhora Infanta, como tambem fizemos a Novena do S. Xavier na altura da linha, e em todos os dias della contey exemplo, e no fim preguey depois da missa cantada. [...]

"A 5.^a feira 12 de Abril tivemos bom vento e mares quietos, e pellas 5 horas da tarde mandou o nosso capitão que arribassemos a Nao do Brazil, que nos servia de Capitania, e feitas as despedidas costumadas, nos fizemos na volta de Cabo Verde: no Domingo de Ramos, na 4.^a feira de trevas, na 5.^a feira e 6.^a da Paxão se fizerão na Nao os ofícios da semana Santa, cantando à Harpa hũa lição em cada Nocturno: Na 5.^a feira de Endoenças comungarão noventa e tantas pessoas, e ja no dia antecedente tinham comungado os Sigânos, e mais desterrados; e neste dia lhe dey e levey de jantar ao modo, que os Padres em Portugal costumão nesta semana levar de jantar aos prezos. [...].

"... nestas idas e vindas se gastarão os dias de 6.^a feira ate a 3.^a, 2.^a Oitava da Pascoa, com que no sabbado do Aleluia forão à villa muitos religiosos; que pello cantar das lições e officiar da missa merecerão o jantar tão esplendido, como se pode dar em Portugal, e eu e meo Companheiro o experimentamos no Domingo da Pascoa, porque o Cappitão Mor e Tenente da Praça com outros Cabos nos veyo buscar ao Navio para que lhe fosse pregar a Pascoa."

P. 389.

"Como não deu licença o Governador da Ilha para lançarmos as carretas, levantamos anchora para tomarmos porto na Cidade; neste dia estivemos quasi perdidos, porque arribou a nao sobre hum penhasco com tão pouca distancia que ao Piloto deu hum desmayo; mas livrounos Nossa Senhora, a quem rezavamos todos os dias em publico as suas ladainhas, e o seu terço na alvorada da manhã e a noite..."

P. 391.

"Na 6.^a feira pois dezoito de Mayo passamos com bom sucesso os perigos e baxos desta costa, e no sabbado seguinte, ao por do Sol, ancoramos defronte da Fortaleza desta Cidade: Cantamos as Ladainhas a Nossa Senhora em acção de graças."

P. 392.

"Ao presente fica a terra [Maranhão] livre de todos os achaques, e ja com os mesmos exercicios espirituaes, que os Padres tem introduzido e vem a ser que nossa Igreja cantão todos os dias os estudantes e meninos da escolla o Terço de Nossa Senhora com a sua Salve e nos Sabbados acrescentão as Ladainhas; No fim das duas missas cantão o Bendito e o Louvado seja o Santissimo Sacramento etc., tudo com tanta graça e suavidade de vozes que se os echos chegassem a Portugal podião sem fabula atrahir muitos sojeitos para esta Gloriosa Missão. Todos os dias Santos se tange a missa hora e meya antes de amanhecer, a que todos os escravos e Indios da Cidade, e juntos lhe faz num Padre doutrina na Lingua da terra, e ditas as orações, sobe o P. ao altar e lhes diz missa: isto mesmo observão nas Aldeas, onde de mais costumão os meninos todos os dias irem em duas alas com sua cruz diante encomendarem as Almas; dando hũa volta pella Aldea se recolhem à Igreja e depois de se lhe fazer doutrina na Língua cantão como huns Anjos as ladainhas de Nossa Senhora. Este o modo com que os Nossos Padres conservão e augmentão esta nobre christandade."

Rel.FiBou, 1696

Relação da maneira com que se botarão os Padres da Companhia de Jesus fora de suas missões no Rio de São Francisco. Padre Filippe Bourel, Bahia, 20 de outubro de 1696.

Fonte: original no IEB, col. Alberto Lamego, cód. 34, doc. 12.

Título original: "Relação da maneira com que se botarão os PP.^{es} / da Comp.^a de Jesus fora das suas missoes / no Rio de S. Francisco."

F. 1v.

"Aos 26 [de julho] na festa de S.^{ta} Anna tocou o P.^e Francisco Ignacio, missionario na Aldea do Achará damenhaã o sino como costumava, e chegando os / Indios a seu costume depois da doutrina disse missa, acabada a missa apareceu / o Capitam Fernandinho da Varge com pouco mais ou menos de 150 Indios, de outra administraçam que costumaõ estar ao mando do dito Sargento major / Procurador da Casa da Torre, empenados e pintados tocando suas frautas em / som de guerra, e acometendo ao dito P.^e com catanas e carabinas (armas q' / commumente não são proprias dos Indios se não dos brancos) paos de jogar."

Cro.JoBett, 1698

Crônica da Missão do Maranhão. Padre João Felipe Bettendorf. S/l [Maranhão], 25 de maio de 1698.

Fonte: original não localizado. Segundo a publicação, "é a Chronica impressa agora pela primeira vez em sua integra, aproveitada uma cópia que da existente na Torre do Tombo foi obtida por Gonçalves Dias. Ignora-se onde pára o original, si por acaso não se extraviou." O IEB possui cópia manuscrita de alguns trechos na coleção Yan de Almeida Prado, com o título "Chronica / da / Mihsão da Companhia de Jesus / em o / Estado de Maranhão / pello Padre / João Phelippe Betendorff / Missionario antigo / da mesma Missão / Tomo 1º. / Dedicado a N. S. da Luz."

Publicações:

- 1. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 72, 1909, pp. 1-697
- 2.** Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 491-507.

Versão utilizada: publicação na **Revista do IHGB**.

"LIVRO 1º. DA ORIGEM DO NOME, DESCOBRIMENTO DO ESTADO E CAPITANIA DO MARANHÃO."

"CAPITULO 9º. DA CAPITANIA DO CAMETÁ."

Pp. 26-27.

"Trinta leguas da Cidade de Belem do Grampará, para o Sul, está sita a Capitania do Cametá, cujo Donatario primeiro foi Feliciano de Carvalho, pae de Francisco de Albuquerque Coelho de Carvalho, e avô do nosso Governador prezente, Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho. Tem seu nome do rio que ahi entrou, e em os tempos passados foi de grande fama, assim por seus muitos moradores, como por ser alli aonde de ordinario se aprestavam as armadas quando haviam de fazer suas correrias, porem mudaram-se depois para outras partes, ficando lá a aldêa do Cametá povoada de indios da terra, com sua egrejazinha, a qual largaram os primeiros Padres que lhe assistiram e a tinha feito, servindo-se depois da igreja de S. João Baptista, freguezia dos Portuguezes, dos quaes ainda alguns poucos moravam pelos arredores com o seu Ouvidor da Capitania, até se mudarem para o sitio da Villa do Cumarú, onde em tempo presente tem sua freguezia de taipa de pilão, com o Padroeiro S. João Baptista que era da igreja velha do Cametá, em a qual estava enterrado Francisco de Albuquerque Coelho de Carvalho, deante do Altar mór, bem no meio da Capella, onde se

P. 27

desenterrou com missa solemne, que cantaram os Reverendos Religiosos das Mercês, estando os ossos postos em uma éça de junto com suas velas brancas, prégando eu, o Padre João Felipe, então subprior da Missão..."

"LIVRO 2º. DO QUE OBRARAM OS PADRES MISSIONARIOS, EM TEMPO DO GOVERNO DO PRIMEIRO GOVERNADOR DO ESTADO, E DO SEGUNDO, EM QUE SE FEZ A VIAGEM PARA QUITO, E DO TERCEIRO, EM QUE OS HOLLANDEZES TOMARAM O MARANHÃO."

"CAPITULO 9º. DA PRIMEIRA CHEGADA DO PADRE ANTONIO VIEIRA COM SEUS COMPANHEIROS À MISSÃO DO MARANHÃO E O QUE OBRARAM EM ELLAS."

P. 78.

"Despediu-se o Padre Antonio Vieira da Côrte com os seus companheiros Manoel de Souza e o Padre Matheus Delgado, o Padre Thomé Ribeiro, os Padres Antonio Soares o Salvador do Valle e o Irmão Simão Luiz e embarcados em o porto de Lisbôa em o anno de 1652, chegaram com feliz viagem á cidade de S. Luiz do Maranhão, onde foram recebidos como uns Anjos do Céu. Passados os primeiros dias de descanso e visitas, tratou o Padre Antonio Vieira que vinha por subprior de toda a missão de pôr correntes todas as funções da Companhia. Instituiu o terço que cada dia pelas cinco horas da tarde depois da classe se canta pelos estudantes e meninos da escola deante da imagem de Nossa Senhora da Luz, que estava no altar mór; e porque nunca viesse a acabar-se esta tão grande devoção poz-lhe confraria com seu compromisso, assistindo sempre dous Irmãos com tochas accesas naquelles principios, e cantando a Salve Rainha e Ladainha pelos musicos de Nossa Senhora das Mercês estando ali um exemplo da Senhora; no cabo mandou tambem que se continuasse o pleito contra Antonio Gouvea testamenteiro do defunto nosso bemfeitor Antonio Muniz Barreiros, pae de Ambrozio Muniz que morava comnosco, ordenou que em os domingos e festas se fizessem andando o Padre com a canna na mão, acompanhado dos estudantes com sua bandeira cantando as orações e ladainhas pela cidade, que se visitassem as prisões e hospital, ou casa da Misericordia e mais aos doentes para que não faltassemos a nenhuma obra de caridade."

"LIVRO 3º. DO QUE OS PADRES OBRARAM DESDE O ANNO DE 1655 ATÉ O ANNO DE SUA PRIMEIRA EXPULSÃO, EM 1661."

"CAPITULO 2º. VAI O PADRE SOUTO MAIOR PARA A TERRA DOS INGAIBAS COM A TROPA QUE MANDOU O GOVERNADOR ANDRÉ VIDAL PARA CASTIGAR OS ARUANS QUE TINHAM MORTO O PADRE LUIZ FIGUEIRA E OS QUE IAM COM OS NAUFRAGADOS."

P. 94.

“Não deixou esta acção do Padre João de Souto Maior de ser murmurada de muitos ecclesiasticos, e senhores que tinham por grande indecencia deixar-se uma Imagem de Christo Crucificado em mãos de barbaros e pagãos; porém o tempo mostrou ser infallivel a promessa de tão grande penhor, porque os barbaros o tiverão em grande veneração, o todo aquelle tempo não sahiram mais em canôas ligeiras a seus latrocinios, e no fim do anno se fizeram as pazes com universal alegria, trazendo do sertão em primeiro logar a Sagrada Imagem que tinha ficado em seu poder por penhor; com grandes festas e trombetas e bailes a seu modo rustico, com grande solemnidade foi recebida esta Sagrada Imagem, em a capitania do Grampará, porque se recebeu com procissão solemne que mandou fazer o Vigario Geral, e com missa cantada em acção de graças e prégação, assistindo as Communiidades das Religiões e nobreza toda, louvando tanto a Deus Nosso Senhor por uma tão grande maravilha.”

“CAPITULO 3º. RELATA-SE O PRINCÍPIO DA MISSÃO DA SERRA, DADO EM TEMPO DO PADRE ANTONIO VIEIRA SUBPRIOR, E DE ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS GOVERNADOR DO ESTADO.”

P. 96.

“... Chegados que foram depois de uma larga e penosa viagem, trataram logo de fabricar egreja e casa de residencia que por ordem do Padre Subprior da missão dedicaram ao glorioso Apostolo das Indias S. Francisco Xavier, acudindo ao serviço de Deus de dentro e de fóra com grande zelo, porque instruidos os Tabajaras se baptizaram todos com suas mulheres e filhos, e se formou naquelles mattos uma grande e bella christandade, a qual se ia dilatando pelas nações ao redor, se o inimigo de nossa salvação não o impedira com os estorvos que se verão depois; faziam-se em a aldêa da residencia os officios divinos a canto de orgam com os indios musicos, e chameleiros que lá se achavam vindos de Pernambuco onde dantes moravam.”

“CAPITULO 4º. ENTRADA DO PADRE JOÃO DE SOUTO MAIOR PELAS TERRAS DOS PACAJÁS, POR MISSIONARIO DA TROPA QUE IA AO DESCOBRIMENTO DO OURO POR ORDEM DE EL-REI DOM JOÃO O 4º.”

Pp. 98-99.

“Chegado o tempo da quaresma sem embargo de estarem em mattos agrestes, fizeram-se todos os actos de penitencia com grande devoção, assim dos christãos como do gentio que

P. 99

para esse effeito trouxeram muita abundancia de cera, entoando-se as musicas do Sion em a terra selvagem e rustica daquelle paganismo.”

CAPITULO 11^o. VISITA O PADRE SUBPRIOR ANTONIO VIEIRA A MISSÃO DE S. FRANCISCO XAVIER SITA NA SERRA OU MONTES DE YBIAPABA.

P. 123.

"Logo que os Padres Missionarios e indios da aldêa souberam que vinha o Padre Subprior Antonio Vieira, o foram receber ao caminho com os Principaes com muita festa e danças dos meninos, e assim o acompanharam até a igreja onde se repicou sino, tocando os Tabajaras Pernambucanos suas charamellas e frautas; feita a oração, recolheu-se o Padre Subprior para sua casa dos Padres, onde vieram dar-lhe as boas vindas, trazendo-lhe suas fructas, e mais putabas, conforme seu costume;..."

"CAPITULO 14^o. DO QUE O PADRE FRANCISCO GONÇALVES OBROU COMO VISITADOR E PARTICULAR EM ESTA MISSÃO ATÉ SUA DITOSA MORTE EM CAMETÁ."

P. 131.

"... Às tardes continuava com a mesma doutrina e catechismo, baptizando os innocentes e adultos, que já tinham sciencia dos principaes mysterios de nossa Santa Fé; ao fim da doutrina, sahia com todo o auditorio a encommendar as almas pela aldêa, entoando os meninos em voz alta a doutrina christã com Cruz alçada, e respondendo todos, assim indios como indias, uniformementes a tudo; e para que se fizesse todos os dias este acto com mais devoção e maior solemnidade, elle era o que muitas vezes entoava aos gentios a santa doutrina, levando deante uma Cruz, ajoelhando-se em todos os cantos da aldêa, até se tornarem a recolher á igreja da qual tinham sahido, fazendo que se guardasse este costume em todas as nossas residencias."

"CAPITULO 15^o. FAZ O PADRE SUBPRIOR ANTONIO VIEIRA PAZES COM OS INGAIBAS E MAIS NAÇÕES DAQUELLA ILHA"

P. 136.

"... porque este modo de guerra volante e invisivel não tivesse estorva da casa, a primeira cousa que fizeram esses barbaros, tanto que se resolveram a guerra com os Portuguezes, foi desfazer e como desatar as povoações em que viviam, dividindo as casas pela terra dentro a grandes distancias, para que em qualquer perigo pudesse um avisar os outros, e nunca serem acommettidos juntos, ficando desta sorte habitando toda a ilha sem habitarem nenhuma parte della, servindo-lhes, porém, todos os bosques de muros, e os rios de defesa, e as casas de atalaia, e cada Ingaiba de sentinella, e as suas trombetas de rebate;..."

Pp. 138-139.

"... Ao quinto dia de viagem entraram pelo rio dos Mapuazes, que é a nação dos Ingaibas, que tinha promettido fazer a povoação fóra dos mattos em que receber os Padres, e duas legoas antes de chegarem ao porto sahiram os

Principaes a encontrar as nossas canoas em uma sua, grande e bem equipada, empavezada de pennas de varias côres, tocando bozinas e levantando pocemas, que são vozes de alegria e applauso com que gritam todos juntos a espaços, e é a maior demonstração de festa entre elles, com que tambem de todas as nossas se lhes respondiam. [...]

P. 139

Chegados enfim á povoação, desembarcaram os Padres com os Portuguezes e Principaes christãos, e os Ingaibas naturaes os levaram á igreja que tinham feito de palmas ao uso da terra, mas muito limpa e concertada, a qual logo se dedicou á sagrada Imagem, com nome da igreja de Santo Christo, e se disse Te-Deum Laudamus, em acção de graças."

Pp. 141-142.

"Era cousa muito para dar graças a Deus vêr os extremos

P. 142

de alegria e verdadeira amizade com que davam e recebiam estes abraços, e as cousas que diziam entre elles; por fim, postos todos de joelhos, disseram os padres o Te Deum Laudamus, e sahindo da igreja por uma praça larga, tomaram os Principaes Christãos seus arcos que tinham deixado fóra, e para demonstração publica do que dentro da igreja se tinha feito, os Portuguezes tiraram as balas dos arcabuzes, e as lançaram ao rio e dispararam sem bala, e logo uns e outros Principaes quebrarão as fréchas e atiraram com os pedaços ao mesmo rio, cumprindo-se aqui a letra - *Arcum conteret et confringet arma*.

"Tudo isso se fazia ao som de trombetas, buzinas, tambores e outros instrumentos, acompanhados de um grito continuo de infinitas vozes, com que toda aquella multidão de gente declarava sua alegria, estendendo-se este geral conceito a todas, posto que eram de mui differentes linguas. [...] Os actos da solemnidade que se fizeram foram tres, por não ser possível ajuntarem-se todos em um mesmo dia; e os dias que alli se estiveram os Padres, que foram quatorze, se passaram todos, de dia em receber e ouvir os hospedes, e de noite em continuos bailes, assim das nossas nações como das suas, que, como differentes pelas vozes, modos, instrumentos, e harmonia, tinham muito que ver e que ouvir."

"CAPITULO 16º. MANDA O PADRE SUBPRIOR ANTONIO VIEIRA UMA CARTA PARA ROMA A PEDIR MISSIONÁRIOS, FAZ O CORREGEDOR NOVO DO MARANHÃO PARA A BANDA DA MATRIZ E CHEGA O PADRE JOÃO MARIA GORCENIM COM SEUS COMPANHEIROS."

P. 146.

"... Aqui se detiveram uns dias [o Padre Antônio Vieira e seus companheiros, na Aldeia de São João em Gurupi, em 1660 ou 1661], esperando aguas vivas para poder passar, que com as aguas mortas ficam em secco pelo caminho, e depois de terem aguas, continuando sua navegação, foram ao Maracanã, e dahi á aldeia dos Tapinambás, que o Padre Francisco Velloso tinha descido de

seu sertão e situados de novo, com bella egreja e casas, á beira mar da ilha do Sol; aqui foram recebidos com muita festa e bailes, que lhes faziam os meninos, estando toda a praça cheia de indios desejosos de ver e saudar o Padre Subprior e seus Companheiros; ...”

“CAPITULO 17º. PARTE O PADRE JOÃO FELIPPE BETENDORF, COM O IRMÃO JACOB COELHO, THEOLOGO DA PROVINCIA GALLO-BELGICA, PARA A MISSÃO DO MARANHÃO.”

Pp. 152-154.

“... Pelo caminho [após alguns dias em Cabo Verde, até o Maranhão, onde chegaram em janeiro de 1661] não faltamos com a doutrina e

P. 153

prégação a seu tempo, nem com seu terço e ladainhas cantadas, com que iamos alegremente navegando, sem nos adoecer ninguém, nem nos faltar cousa nenhuma. [...]

P. 154

Despedimo-nos delle [do Padre Matheus Delgado, no Sergipe] em o porto, e partimos com Antonio Franco, tapanhuno mui ladino, para continuar nossa viagem. Depois de uns dias assaz perigosos e molestos, em razão dos muitos mosquitos, chegamos á aldêa do Gurupy, uma bôa hora distante da villa. Lá achamos o Padre Bento Alvares, com seu companheiro, o irmão Ignacio de Azevedo, bom musico e algum dia valente soldado;...”

“LIVRO 4º. LEVANTAMENTO DO POVO DO MARANHÃO E PARÁ CONTRA OS PADRES DA COMPANHIA DE JESUS, EU QUANTO SE INSTITUE A MISSÃO DO RIO DAS AMAZONAS COM MISSIONARIOS E RESIDENCIA EM OS TAPAJÓZ.”

“CAPITULO 3º. BREVE RELAÇÃO DO QUE OBREI PELOS TAPAJÓZ, ANTES DO LEVANTAMENTO DO PARÁ CHEGAR ATÉ LÁ.”

Pp. 170-171.

“... aconteceu um dia que vendo eu uma fileira grande de homens e mulheres com seus filhinhos ao collo ou pelas mãos, e igaçabas ou quartas grandes de vinho na cabeça, perguntei ao alferes João Corrêa que cousa era esta procissão de gente, e disse-me elle que eram os indios da aldêa que iam beber e fazer suas danças que chamam poracés no Terreiro de Diabo. Mandeí-o que fosse avisal-os da minha parte que logo voltassem para suas casas, e quando não obedecessem ao que lhes mandava dizer, quebrasse os potes ou igaçabas dos indios, e derramasse o vinho no chão, [...] Outro terreiro tinham tambem dentro da mesma aldêa, que os brancos chamavam de Mofama; este tambem não se frequentou mais e ficaram

P. 171

tirados os terreiros em que os Diabos tinham grande ganancia pelas desordens que em elles se commettiam com as continuas beberronias e danças.”

"CAPITULO 5º. CONTINUAÇÃO [CAPITULO 4º. DECLARA-SE MAIS PARTICULARMENTE AS DILIGENCIAS QUE DE LÁ SE FIZERAM PARA LEVANTAR O GURUPI E EFFECTIVAMENTE LEVANTARAM O CAPITÃO DO GRAMPARÁ E PRENDEU-SE O PADRE ANTONIO VIEIRA, SUBPRIOR E VISITADOR COM OS MAIS PADRES.]"

P. 180.

"... continuando o Padre Gaspar a sua viagem, fui-me eu pouco depois com um morador do Gurupá por nome Lucas Madeira para assistir aos indios que lá se achavam; estive em a aldêa de S. Pedro muitos dias, [...] e era tão pouca a christandade daquelles barbaros que, estando uma parenta sua morrendo na sua rêde com a assistencia minha, ahi mesmo estavam bailando e fazendo seus poracés e bebedices, pondo-lhe o doente uma cuia de farinha secca debaixo da rêde, para que della comesse se quizesse."

"CAPITULO 8º. ENCOMMENDA A SENHORA RAINHA AO NOVO GOVERNADOR RUY VAZ DE SIQUEIRA, MUITO, A RESTITUIÇÃO DOS PADRES, E O MESMO FEZ AO PADRE ANTONIO VIEIRA, JÁ POSTO EM LISBOA, E RELATA-SE O MODO COM QUE ELLE E SEU CAPITÃO MÓR SE HOVERAM EM AQUELLA RESTITUIÇÃO."

P. 195.

"... Cousa é digna de se narrar que, depois de nossa expulsão, em quanto não foram nenhuns padres para a casa do Maranhão, nunca se deixou de cantar o terço, nem ainda em a segunda oitava do Espirito Santo, em cujo dia se tinha feito o levantamento."

"CAPITULO 10º. CHEGAM O PADRE SALVADOR DO VALLE E O PADRE JOÃO MARIA DO REINO PARA O MARANHÃO, E SÃO RECEBIDOS..."

P. 202.

"... Da matriz foram os Padres com o mesmo acompanhamento á casa de Nossa Senhora da Luz, sendo véspera de seu santo nascimento [em 8 de setembro de 1662], que é orago da sua egreja; cantaram-se-lhe as vespervas, e em o dia seguinte a Missa solemne, estando tambem o Senhor exposto, por espaço de oito dias, entoando todos uniformemente o terço do Rosario, pela contemplação dos mysterios da Senhora, devoção que se continuou sempre, desde que a instituiu o Padre Antonio Vieira, Superior da missão, sem faltar um só dia, o que se imprimiu tanto em o coração de todos que ainda o anno da expulsão estando fóra do Maranhão, todos os Padres se não quiseram esquecer della."

"CAPITULO 11º. MANDA O GOVERNADOR RUY VAZ DE SIQUEIRA TROPA AO RIO DAS AMAZONAS AO RESGATE DOS ESCRAVOS, CUJO CABO ERA ANTONIO ARNAU, MORADOR DO MARANHÃO, E LEVA UM FRADE DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS POR MISSIONÁRIO, MAL SUCCEDIDO."

Pp. 209-210.

"... Os indios [Aruaquizes, do Amazonas] que fizeram mais façanhas em a guerra e se avantejaram aos outros em esforço e valentia, antes de lhe darem titulo de cavalleiro, fazem que padeça primeiro por tempo de um mez grandes jejuns e abstinencias, como um abstinente e solitário

P. 210

anachoreta, e depois, ajuntando muitos vinhos para a festa, para cujo gasto se fintam os parentes e amigos, o trazem para o meio da aldêa e dahi o levam a pendurar em uma rede atada ao cume de uma casa, que tem mui bem ornada de varias pennas e é toda de palma, nem serve mais que para este ministerio; ahi se occupam, uns com danças, outros com assobios e folias, em signal de alegria, porém os mais amigos e parentes lhe dão muita pancada com umas pelles de onça e outros animaes que tem guardadas e arroladas para este fim, para experimentarem se é soffredor de trabalhos e contente em o padecer; cuidam que este é o maior favor que se lhe faz; o cavalleiro que se ha de armar está com tanta paciencia em as pancadas, que não dá de si um gemido nem mostra ter tormento algum, e se houvesse algum que mostrasse, ficava incapaz de tal honra e infamado em geração. [...]

"Acabado tudo isso, o tomam a pendurar mais, por espaço de oito dias, ao cume mais alto da casa nova, feita de palmas e para serem todos testemunhas de sua paciencia e perseverança em aquelles martyrrios que lhe dão, armam suas redes debaixo delle, assistindo-lhe, e como estes oito dias são os ultimos, nelles lhe apertam mais o jejum, tendo a casa ornada de quartos de carne de porco do matto, e andando seus parentes com outros indios continuamente a comer e a beber á sua vista, com danças que fazem de noite e de dia, sem socego algum, ao som de seus instrumentos barbaros, festejando sua ditosa sorte e dando-o por muito honrado da grande dignidade a que honrados o levantam.

"O officio das velhas que nunca estão em casa ociosas, é irem todas juntas em dança, com aguas cheirosas, ás tardes e manhãs a laval-o e todas lhe praticam que não desfalleça em os trabalhos que brevemente passam, ..."

"CAPITULO 12º. COMO SE HOVERAM OS PADRES DO PARÁ EM TEMPO DAS BEXIGAS DAQUELLA E MAIS CAPITANIAS CIRCUMVIZINHAS"

Pp. 213-214.

"Começando esta praga pestilencial em a cidade do Pará [em 1662], tinha eu ficado, com alguns de maior autoridade, que se elegesse

P. 214

S. Francisco Xavier por Padroeiro, para aplacar a Ira de Deus, e que para isso se faria uma procissão com Missa cantada e pregação, que correria por minha conta;..."

"CAPITULO 15º. CHEGA O PADRE FRANCISCO VELLOSO COM SEUS COMPANHEIROS AO MARANHÃO, E MANDA O PADRE SUPERIOR, EM MEU LOGAR, MANOEL NUNES SUPERIOR DO PARÁ, E CHAMANDO-ME A MIM, PARA SER SUPERIOR DA CASA DO MARANHÃO"

P. 224.

"... ás mais aldêas todas [de São José, São Gonçalo e a dos Guajarás], assim da ilha como Itapecurú, corria com grande perigo e incansavel zelo o Padre Gonçalo de Veras, umas por terra, outras por mar, não tendo outros remeiros que os rapazes que lhe serviam e tocavam as flautas do tempo do sacrificio da Missa, por ser um delles Tabajara da serra, que sabia tocar, e ter alem destes uns indios chameleiros da mesma nação, com um indio velho, mestre de todos, o qual morava em a aldeia de S. José."

P. 226: relato do padre Gonçalo de Veras sobre a casa do Maranhão.

"... Pelo que toca ao espiritual, andava quasi em igual passo com o que anda de presente, porque o Padre Antonio Soares, que era mestre do latim, acudia cada dia á tarde com seus discipulos e meninos das escolas, ao cantar do terço; ..."

"LIVRO 5º. DO QUE SE OBROU DO ANNO DE 1667 ATÉ O ANO DE 1684"

"CAPITULO 5º. O PADRE SUPERIOR DA MISSÃO VISITA AS ALDÊAS TODAS, LEVANDO EM SUA COMPANHIA O PADRE PERO LUIZ E O IRMÃO DOMINGOS DA COSTA."

P. 260.

"Dos Tapajoz subimos seis dias para riba [em ca. 1670] para os Tupinambaranas, que por aquelle tempo moravam em uma ponta sobre o rio das Amazonas; ahi estivemos doutrinando, baptizando, casando..... uma egreja..... de S. Miguel. Estando cansados com o muito trabalho do dia, mandei os remeiros que levassem a canoa grande em que iamos pelo meio do rio, que por aquelle tempo estava quieto, e nós á boca da noite nos fomos pôr dentro della, cuidando que por meio desta prevenção não nos perseguisse tanto a praga de mosquitos, que não deixavam descansar a ninguem; porém, foram nos seguindo, tanto que não houve Padre nem ainda indio que pudesse fechar olho para dormir; o que vendo eu que levava em nossa companhia um indio, por nome Thomazio, trombeteiro, mandei-lhe tocasse trombeta, virado para banda de um outeiro, para com a agradavel correspondencia do éco que ahi havia, passarmos a noite com algum alivio, ou ao menos com menos molestia pelo divertimento que causou."

"CAPITULO 7º. CONTINUA-SE O MAIS QUE O PADRE SUPERIOR OBROU, ESTANDO DE VISITA AO MARANHÃO"

Pp. 265-268.

"Mandou por aquelle tempo o Padre commissario da Confraria de Nossa Senhora do Socorro cartas com poderes do Reino para a instituir por todo o Estado do Maranhão, e assim logo a instituiu [...]. Foi-se propagando essa devoção com tanto fervor que

P. 266

[...] institui então, de Nossa Senhora da Luz e Terço do Socorro; e porque ainda a Confraria de Nossa Senhora da Luz não estava incorporada e de Roma a tinham feito incorporar, vindo-me de lá bulla de acceitação com todas as indulgencias que se participam, estas li aos irmãos e mandei que se expusesse nas festas do orago ás portas das egrejas, com a instrucção da Confraria do Socorro, e assignando o modo que haviam de guardar para a acceitação dos irmãos. [...] Prescrevi-lhes tambem as regras que se costumavam guardar em as solemnidades ou confrarias da Europa, e lhes li a todos com grande sua acceitação; mas como esta terra não é capaz dessas cousas por morarem os irmãos commummente em suas fazendas, não houve logar para se poderem guardar.

"Era o Padre Velloso reitor do Collegio em aquelle tempo, em que, por eu ter escripto a Roma que as Casarias se podiam chamar Collegios e os Superiores dellas Reitores, por terem os requisitos para isso, concedeu o nosso muito Reverendo Padre João Paulo Oliva licença para se chamarem assim dahi por deante. O Padre Velloso, primeiro reitor do Collegio, pediu-me com os irmãos da Confraria, que tambem instituisse a devoção das quarenta horas que a Confraria ha de fazer á sua custa. Tive eu para isso alguma repugnancia dantes, por parecer-me não haveria quem fizesse e continuasse a fazer os gastos e não são pequenos, e com o tempo podiam vir a cahir ás costas do Collegio; mas como quer que, assim o Padre reitor, como a direcção da Confraria, como o prefeito e assistente e mais irmãos, instaram fortemente, institui então com elles as quarenta

P. 267

horas para sempre, e porque os gastos não fossem tão molestos, fiz que esta Confraria se juntasse com a de Nossa Senhora do Socorro, porque como esta havia de fazer uma festa em o anno, fosse em o dia de Nossa Senhora do Terço em dia de Nossa Senhora da Luz, e por que aquelle dia ha jubileu e indulgencias plenarias, alcancei de nosso muito reverendo Padre Geral que as da Confraria se pudessem deferir a ganharem o domingo seguinte. Isto assim ficou, fazendo-se as festas com tão grande solemnidade, que nem as de Lisboa lhes ganham em devoção, porque nos dias das quarenta horas, em tempo de entrudo, ha tanto concurso em nossa igreja, que é cousa para dar graças a Deus, assim por isso como por não se achar pela cidade desordem alguma. Desencerra-se pela manhã o Senhor exposto em seu Throno, bem adornado com sua musica e Missa cantada, com pregação á tarde, pelas duas horas, por serem as manhãs impedidas com muitas confissões e mais communhões, e para que se possa continuar sempre a devoção por todo o dia, retirando-se gente para tornar um bocado, assistem aquellas horas os religiosos e

estudantes com os musicos, os quaes, depois de um bom jantar, que lhes dá a Confraria, em uma casa perto da igreja, cantam seus motetes, acabada a pregação, cantam-se as completas e as ladainhas e se encerra o Senhor, e pelo mesmo modo se passam os mais dias, tirando o dia terceiro em que ha procissão pelo terreiro, acompanhando os religiosos e clerigos e todos os seculares, assim homens como mulheres, o Santo Sacramento e a Imagem da Senhora, que se eleva em sua charolla, e ao cabo de tudo, cantando-se Tantum ergo, dada a benção do Senhor, se recolhem todos para suas casas com tanta modestia pela cidade como se não fossem dias de entrudo, em que pelas outras terras parece andar o inferno todo solto para procurar aos homens as offensas de Deus Nosso Senhor. Por meio desta devoção já se acha o povo todo muito disposto para a Santa Quaresma; ella é as tardes em as domingos e praticas em as sextas-feiras, depois das Ave-Marias, á boca da noite, com tanto concurso que não cabe a gente em a igreja e está pelas ruas. Não falo das lagrimas que se derramam, principalmente em os colloquios que se fazem ao

P. 268

cabo, mostrando-se uns passos de umas imagens de vulto feitas em Lisboa, tão perfeitas que não ha outras eguaes. Tenho corrido muitas terras e visto o que alli se faz em tempo da Santa Quaresma, e confesso que lá se revê o Maranhão em apparatus, concurso e musicas; porém, não em as lagrimas que se choram até desmaiarem algumas pessoas: não tenho visto cousa semelhante.”

“CAPITULO 8º. VAE O PADRE JOÃO MARIA GORSONY COM O IRMÃO MANOEL RODRIGUES E DESCE BOA PARTE DOS GUAJAJARAS DE SEU SERTÃO PARA A RESIDENCIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO IMMACULADA, SOBRE O RIO DO PINARÉ E ALDÊA DE CAYRITIBA.”

Pp. 270-272.

“Veio a isso o padre João Maria e lhes deu palavra de lhes fazer cumprir estas suas condições sem nenhuma fallencia. Com isso se embarcaram, poucos dias depois, em boa quantidade, com suas mulheres e filhos em canoas que se tinham deixado no porto á vinda e outras ligeiras, que fizeram para este effeito com toda a pressa. Não é crível quanto padeceram os Padres durante a jornada [entre 1670 e 1673], com tanta gente que levaram a seu cargo. O Padre João Maria, para alegral-os pelo caminho, lhes tocava uma gaitinha, que toca perfeitamente bem por solfa, e o irmão lhes dava de comer por suas proprias mãos, com que lhe pegaram as bobas de umas creanças, das quaes se bem se curou depois, comtudo ficou muito mal tratado dellas até o presente.

“Tinha o Padre João Maria dado ordem aos da aldêa, que o viessem encontrar com canoas e mantimento e assim o cumpriram; com que nada lhe faltou para chegarem á sua aldêa onde foram recebidos com grande alegria e festa, e tendo sido levados primeiro para a igreja para darem graças a Deus com um Te Deum Laudamus, foram repartidos pelos ranchos de seus parentes até em outra occasião podel-os accomodar melhor. [...]

P. 271

[...] Acharam-se estes primeiros [Guajajaras de Cayritiba] tão bem onde estavam, que avisados seus parentes em o sertão, vieram uns oitenta, entre grandes e pequenos, por terra, tendo-se já ido o Padre João Maria para o Pará, e estando eu em seu lugar, enquanto como reitor do collegio, e tinha ido a visitar a aldêa por um pouco de tempo, fui recebel-os com trombetas ao porto e os levei com fésta á egreja, e dahi, depois de rezar em alta voz o *Te Deum*, tomei-os em rol e fui repartindo por seus parentes que logo os agasalharam e vestiram a seu contento. [...] O Padre João Maria os ensinou a tocarem a gaitinha, e assim affeioadissimos a este genero de instrumento os fez, e estão tocando noites e dias, estando des-

P. 272

occupados; não ha duvida que um dos meios para entretel-os e affeioal-os a ficar e estar com os Padres, é ensinál-os a tocar algum instrumento para suas folias em dias de suas festas em que fazem suas procissões e dansas, levando deante de si a imagem da Virgem Senhora Nossa, cantando alternativamente: *Tupá cy angaturana, Santa Maria Christo Yàra.*"

"CAPITULO 11º. VARIAS COUSAS QUE SE OBRARAM PELO PARÁ ANTES QUE O PADRE SUPERIOR PARTISSE PARA O MARANHÃO COM O GOVERNADOR, QUE LEVAVA OS OSSOS DO QUE TINHA SIDO ENTERRADO EM A EGREJA DO CAMETÁ."

Pp. 280-281: inicia-se no Maranhão a educação dos filhos dos moradores, com classes de latim, e as escolas passam a se chamar Colégios.

"Estavam os nossos irmãos coadjutores ensinando os meninos da escola a lêr, escrever e contar, pois em isto eram destros o irmão Marcos Vieira, e sobre todos o irmão Balthazar Campos, e como o Padre Salvador do Valle, estando em o Collegio, tinha ensinado em particular dous rapazinhos, pareceu-me bem abrir classe de latim para se ensinar alguns filhos dos moradores que quisessem estudar. [...] Mandou o nosso muito Reverendo Padre geral Paulo Oliva, á instancia do Padre Superior da Missão, que visto as Casas terem com que sustentar os sujeitos dellas, e mais

P. 281

haver classes de latim, se chamassem Collegios e os Superiores dellas Reitores, o que começaram ha pouco por patentes de Roma, como os mesmos Superiores da Missões. [...] Acompanhei-os [‘o Capitão-Mór do Pará, seus dous filhos, com a communitade dos religiosos de Nossa Senhora das Mercês’, para desenterrar os ossos do avô do governador, entre 1670 e 1673] em o tempo da ida e foi com grande gosto que desenterramos os ossos, que estavam em o meio, deante do altar-mór, e achou-se uma medalha e um..... puzeram-se os ossos em decente bahú, sobre a eça rodeada de bom numero de vellas

brancas; cantou-se a missa com toda a solemnidade, e préguei então, tomando por thema que os filhos de Israel tiraram os ossos de seu pae Jacob e os levaram do Egypto para a terra da promessa."

"LIVRO 6º. DAS COUSAS QUE SUCCEDERAM Á MISSÃO EM TEMPO DO GOVERNO DO PADRE PERO LUIZ GONSALVI, ROMANO."

"CAPITULO 1º. VEM DE ROMA PATENTE DE SUPERIOR DA MISSÃO AO PADRE PERO LUIZ GONSALVI, E AO PADRE FRANCISCO VELLOSO DE REITOR DO PARÁ, E A MIM DO COLEGIO DO MARANHÃO E PRINCIPIAM TODOS SEUS GOVERNOS."

P. 301.

"... deste modo fomos bellamente até a residencia do Caeté, onde o Padre Gonçalo de Veras, que tambem era vigario da vara para os brancos, nos agasalhou com toda a satisfação, não faltando as dansas dos moradores que, á boca da noite, vieram com suas violas fazer festa a seu vigario geral e juntamente a mim que ia em sua companhia."

"CAPITULO 6º. TRATA-SE DO QUE SE PASSOU, SUCCEDENDO IGNACIO COELHO, GOVERNADOR NOVO, A PERO CESAR DE MENEZES, E PARTICULARMENTE DA CHEGADA DO PADRE IODOCO PERES, COM SEUS COMPANHEIROS, DO BRAZIL"

P. 322.

"... Estava eu tambem ainda reitor do collegio do Maranhão, e como em o dito collegio, poucos dias depois, houve as quarenta horas, que se fazia com toda a solemnidade e concurso, ..."

"CAPITULO 7º. CHEGADA DE D. GREGORIO DOS ANJOS, PRIMEIRO BISPO DO MARANHÃO E DA LEI DO ANNO 1680"

P. 328.

"... Em o dia de sua entrada foi Sua Illustrissima á Nossa Senhora do Desterro, acompanhado de muitas canoas, entre as quaes a nossa, de Santo Ignacio; era como a capitanea, por ser a maior e mais perfeita. Lá se revestiu de pontifical, com a sua mitra á cabeça, montou a cavallo, servindo-lhe o irmão Manoel Rodrigues como de estribeiro-mór, por aquella vez; foi cavalgando pelas ruas todas enramadas e parando pelos cantos della, onde encontrava uns arcos triumphaes bem feitos e adornados, junto aos quaes os recebiam os moradores com suas musicas dos religiosos de Nossa Senhora da Mercês, e uma pratica, dita por um dos magnatas de maior habilidade, com bizzarria e graça, acompanhada de vivas e applausos do povo todo. Foi continuando desta sorte seu caminho até chegar ao arco do Collegio de Nossa Senhora da Luz, á vista do qual ficou todo pasmado, e deteve-se para ouvir uma comediasinha

que se lhe ia representando; porém como vinha chuviscando sobre os ornamentos pontificaes, foram á matriz e lá se representou com agrado de todos. Ao cabo de tudo, deu a benção e se retirou para as casas de Manoel Valdez, onde teve varias representações de encamisadas a cavallo, dansas e outros generos de demonstrações de festas e alegria, uns oito e mais dias.”

“CAPITULO 12º. PARTE O PADRE SUPERIOR PERO LUIZ PARA VISITAR A MISSÃO COM PARTICULAR CUIDADO O CABO DO NORTE, ENCOMMENDADO D’EL-REI”

P. 347.

“... Logo que o Padre Superior, Pero Luiz, entrou em o Collegio do Maranhão commigo [em 1681 ou 1682], achamos o estrangeiro Pascoal Pereira, nosso amigo antigo, com seus chameleiros para nos dar as boas vindas.”

“CAPITULO 13º. SUCEDE O PADRE IODOCO FERES AO PADRE PERO LUIZ, E COMO REITOR DO COLLEGIO DO PARÁ AO PADRE FRANCISCO RIBEIRO E FALLECE O PADRE PERO LUIZ”

P. 350: funerais do Padre Pero Luís.

“... e foi gloriosa sua sepultura, officiendo o nosso bispo Dom Gregorio dos Anjos, cantando officio as religiões e clérigos, ...”

“CAPITULO 14º. VISITA O PADRE IODOCO PERES A MISSÃO DO RIO AMAZONAS, E CHEGA AO RIO DA MADEIRA E LOGO DEPOIS VAE VISITAR O MARANHÃO ”

P. 356.

“... São os Irurizes mui curiosos, e lavram com singular arte sua as suas trombetas ou mumbiz e bordões de varias castas, que vendem aos que vão para suas terras.”

“LIVRO 7º. DO LEVANTAMENTO DO POVO DO MARANHÃO, EXPULSÃO E RESTITUIÇÃO DOS PADRES MISSIONARIOS DA COMPANHIA DE JESUS”

“CAPITULO 3º. EXPULSAM E EMBARCAM OS PADRES DO MARANHÃO”

P. 373: O Padre Bettendorf é levado de navio, com outros padres, para Pernambuco.

“Observaram-se todas as horas de oração, e exames ladainhas, as quaes á tarde eram sempre cantadas em honra da Virgem Senhora Nossa, e como iam também ordenadas e guardadas as cousas tocantes ao serviço de Deus, quiz sua bondade que sempre tivessemos marés de rosas ...”

"CAPITULO 4º. PARTE O PADRE VISITADOR EM O BARCO GRANDE, E CHEGA POUCOS DIAS DEPOIS O BARCO PEQUENO COM O SUPERIOR DA MISSÃO E MAIS SUJEITOS QUE O ACOMPANHAVAM AO CEARÁ"

P. 379.

"... Em o dia seguinte, vespera do Espirito Santo [de 1684], desembarquei com os padres e alguns irmãos, deixando os mais para guardas do fato; fomos direitos ao Collegio do Recife, onde por então o Padre Manoel Carneiro servia o officio de reitor e o Padre Antonio Maria, Italiano, era o afamado *factotum* daquelle Collegio; fomos recebidos com toda a caridade, e depois de jantar nos veio convidar o Padre Pero Dias, reitor de Olinda, para seu Collegio, e nos levou comsigo, contando-nos pelo caminho, que faziamos em canôa, as novas dos bons successos das armas imperiaes contra o turco, que tinha vindo com grande poder sobre Vienna.

"Em o dia seguinte, disse missa em o altar mór, ao som das charamellas de seus dextrissimos chameleiros, respeitando com isso o Padre reitor Pero Dias, o vice superiorado, que breve tempo tinha exercitado, pela viagem, por ordem do Padre visitador, o qual chegou pouco depois."

P. 380.

"Ia de volta para a Bahia uma mulher casada, com sua mãe, irmãosinhos e criadas, que tinha sido desterrada para Pernambuco por uma ocasião que tinha tido com um morador rico daquelle banda; e tinham varios trabalhado debalde em reduzil-a a que fosse para casa de seu marido, e como eu o sabia de varias partes, e do mesmo governador, tratei de ganhar a benevolencia della e logo, sem embargo de andar enjoado, pratiquei depois do terço e ladainhas cantadas, de sorte que com o favor do Céu ficou tocada da divina graça e me disse depois que só receiava a primeira entrada em sua casa, mas estava resoluta de ir de todo o modo morar com seu marido legitimo,..."

"CAPITULO 7º. PARTI EU COM O IRMÃO MARCOS VIEIRA, DE PERNAMBUCO, PARA O REINO A DAR CONTA A SUA MAJESTADE DA EXPULSÃO DOS PADRES DO MARANHÃO"

P. 392: viagem para Lisboa, iniciada em junho de 1684.

"Pouco nos durou o vento, porque logo depois nos deu uma calmaria grande, que nos foi acompanhando quasi até a ilha Terceira. Estava eu sempre muito enjoado, mas nem por isso deixava de cantar com toda a gente da nau o terço e ladainha de Nossa Senhora, acrescentando de dous em dous dias uma pratica doutrinal, á qual tambem assistia um clérigo, Rangel que ia fazer queixa a Sua Magestade sobre um negocio com os conegos, do qual veio bem despachado."

"CAPITULO 18º. VAI O PADRE ANTONIO PEREIRA COM O PADRE BERNARDO GOMES POR MISSIONARIO DO CABO DO NORTE, E PÕEM RESIDENCIA EM A ILHA DE CAMUNIXARY ONDE, DOUS MEZES DEPOIS, FORAM MORTOS AMBOS PELOS TAPUYAS"

P. 431.

"Não parou aqui a infernal furia dos matadores, mas passou muito adiante: depois da matança [em setembro de 1688] despiram os corpos mortos e os dependuraram nús do tirante da casa, partiram-nos em pedaços, assando e comendo-os, guardando, porém, os cascos das cabeças para beberem seus vinhos por elles, e algumas canellas para fazerem suas gaitas e pontas de suas fréchas, como também a gordura e banhas para se untarem com ellas. Fartos já do sangue dos dois missionários, os matadores Oivanecas de nação, poz Goamimani, da nação Aricoré, fogo á casa, e o indio Moximaré, da aldêa de Mucurá, da gente Maraunizes, com tres outros companheiros surripou uma canella do Padre Bernardo Gomes, para della fazer uma gaita."

"CAPITULO 20º. DESPACHAM-SE ULTIMANENTE TODOS OS PAPÉIS TOCANTES Á MISSÃO DO MARANHÃO EM A CÔRTE; DESPEDEM-SE OS MISSIONARIOS DE SUAS MAGESTADES, E SE EMBARCAM PARA SUA MISSÃO, TENDO UNA NAVEGAÇÃO TÃO ADVERSA QUE SÓ CHEGAM POR MILAGRE A ELLA."

P. 438: viagem de Lisboa ao Maranhão em 1688.

"Por isso não houve devoção que não fizéssemos a Santo Antonio, grande padroeiro do capitão e aos mais santos do Céu principalmente a Santo Ignacio, a S. Francisco Xavier e á Virgem Senhora da Conceição, padroeira da nau, fazendo-lhes nossas devoções, sem nunca deixar de cantar sua ladainhas e terço á boca da noite, nem faltando com as doutrinas, que aos domingos e festas fazia o Padre José Ferreira, ou alguns dos Irmãos, noviços ou estudantes."

Pp. 440-441.

"Estava a nau andando direita para o Occidente com a prôa para Oeste, nem havia já esperanças humanas de tomar outro porto senão as Indias de Castella, por cujo rumo já ia encaminhada vinte e quatro horas havia, pouco mais ou menos, quando tomando o piloto altura, achou que em vez de ter andado para Oeste tinha montado gráo e meio para o Sul; com que, sem embargo de quererem ainda alguns marinheiros, amigos das patacas, continuar a viagem com a prôa para o Sul, disse eu ao capitão e piloto que, já que Deus, por milagre manifesto, nos levava e fazia montar para o Sul, virássemos a proa para lá e fôssemos pelo rumo do Maranhão. Fizeram-no assim e com todo

P. 441

o bom successo, porque, montando sempre de mais a mais, passámos a linha em breves dias, e como por aquelle tempo cahia a festa de nosso santo patriarcha Ignacio, celebramol-a com muita devoção e alegria, conforme

permittiam o logar e mais circunstancias; tocou-se tambem clarim, dispararam-se as peças de artilharia, concorrendo Jacob Egres com seus instrumentos que tocava admiravelmente bem, e não faltou prégação, que eu fiz em louvor do Santo, tendo feito outra em dia do glorioso Santo Antonio, com agrado de todos."

"CAPITULO 22º. CHEGA O PADRE MANOEL NUNES DO BRAZIL COM ALGUNS TRESE SUJEITOS QUE LÁ ESTAVAM E COM OUTROS NOVOS, AO MARANHÃO, LEVA O PADRE SUPERIOR DA MISSÃO ALGUNS COMSIGO AO PARÁ, E DISPÕE QUE SE MUDE A ALDEA DE MAREÚ PRA O TAPECORÚ."

P. 454.

"Thomaz do Couto [irmão que havia chegado da Bahia em 20 de outubro de 1688] se applicou para mestre do latim, que ensinou com muita satisfação [no Colégio do Maranhão], concluindo tudo com uma tragedia publica em que levou o applauso de todos; ..."

"LIVRO 8º. PÕE-SE A MISSÃO EM ESTADO MAIOR E SUA ULTIMA CONSISTENCIA"

"CAPITULO 2º. COMEÇO COMO SUPERIOR A VISITA DO COLLEGIO E RESIDENCIA DO MARANHÃO, E, ACABADA ELLA, PARTO PARA O GRAM-PARÁ."

P. 478.

"Não é crível quanto sentiram os visinhos de nossa roça a mudança do Padre Diogo da Costa para o Collegio [entre 1690 e 1692], porque sabia fazer ornamentos de papel para a egrejinha de Nossa Senhora da Luz, que lá temos, que pareciam ornamentos das mais ricas e engraçadas télas do Reino, e como tambem sabia cantar e tocar admiravelmente bem a viola, ensinou os rapazes a cantarem e tocarem, suspendia os ouvintes quando se cantavam as Ladainhas e Salve Rainha á honra da Virgem Senhora Nossa da Luz, cuja imagem se venéra naquella roça, que era a que os primeiros padres puzeram em nossa igreja do Maranhão, donde eu a tinha mudado muitos annos havia, quando nos veiu a nova, tambem de vulto, que hoje temos em Maranhão."

"CAPITULO 11º. DA REDUÇÃO DOS CAYCAYZES E DA CAUSA QUE DERAM PARA SE LHES FAZER GUERRA, COM QUE FUGIRAM ELLES, E MAIS OS GUANAZES E GUAXINAZES TODOS PARA OS MATTOS."

P. 513.

"Logo ao romper do dia, saem os homens á caça, e trazendo alguma presa a apparelham, assim elles como as mulheres, comendo-a todos juntos, ainda que meia assada; depois disso dormem e acabando de dormir começam a cantar e a bailar, grandes e pequenos, até alta noite e não poderem mais, que

então..... a descansar, servindo-lhe de cama o chão, e este modo de cantar e bailar guardavam quando vinham á cidade de S. Luiz do Maranhão, atordoando com seus cantos desentoados os religiosos do Collegio e toda a vizinhança, e muito mais ainda quando tinham bebido uma gotinha de aguardente, da qual são tão amigos todos os indios, ...”

“CAPITULO 12º. RELATA-SE O PROGRESSO E SUCESSO DAS OBRAS DA EGREJA NOVA.”

P. 521: Igreja nova do Colégio de Nsa. Sra. da Luz do Maranhão.

“Na egrejinha nova, que ha de servir do sacristia da igreja grande, fizeram-se naquelle anno [ca. 1691] as quarenta horas com grande solemnidade, concurso e devoção, porque houve muitas confissões e communhões, com sermão depois de jantar, um dos quaes fiz eu às tardes, e das domingas da quaresma fez o Padre Iodoco Peres, bella e frutuosamente, sobre umas parabolos do Evangelho, das quaes a ultima foi do senhor da vinha, que ameaçava de aforar sua vinha a outros, se os que a tinham se não emendassem, porém, ao cabo, pedia a Deus não entregasse esta vinha do Estado a outra nação, porquanto nenhuma lhe serviria com tanto primor nas festas e veneração do Santíssimo Sacramento, como faziam os portuguezes; o Padre João da Silva fez ás sextas feiras com grande successo e muitas lagrimas dos ouvintes, por ser elle mesmo um dos primeiros que choravam. Além destas devoções, instituidas pelos já referidos, institui, de mais, no tempo deste meu segundo superiorado, a devoção da novena de S. Francisco Xavier, á instancia do senhor governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, e do Padre João de Avellar, o qual contou e ponderou muito bem alguns exemplos da vida do santo, com grande concurso e devoção da nobreza e povo todo; expoz-se o Senhor com toda a decencia, e sendo sacristão o irmão Marcos Vieira, não faltaram velas brancas no altar nem musica dos estudantes destros, que, ajudados dos de Gregorio de Andrade, que tocava ricamente o cravo, cantavam as ladainhas da Senhora de Loreto, officiando e dando a benção no cabo, com o Santissimo Sacramento, o Padre vice reitor Diogo da Costa, com edificação e satisfação de todos.”

“CAPITULO 16º. DISPUZ ALGUMAS COUSAS TOCANTES AO COLLEGIO E EGREJA ANTES DE MINHA PARTIDA PARA O PARÁ.”

P. 532.

“Dei ordem que se acabasse a aula começada para se ler curso de philosophia, depois o da theologia aos nossos, dando licença a todos de fóra de vir, conforme os poderes que disso tinha de nosso muito reverendo Padre geral, nomeando por mestre do curso o Padre Ignacio Ferreira, e dando-lhe por discipulos o irmão Thomaz do Couto, o qual tinha ensinado uns annos a classe de latim no Maranhão, com muita satisfação dos de dentro e de fóra, não só pelo bom exemplo de sua religiosa vida, mas tambem pelo bom modo com que ensinara, e exercitando seus discipulos em recitar poemas, declamar orações, representar admiravelmente comedias, com que surprehendia toda a cidade...”

"LIVRO 9º. RELATA-SE A REPARTIÇÃO DAS MISSÕES QUE SE FEZ POR ORDEM DE EL-REI ENTRE OS MISSIONARIOS DAS RELIGIÕES, E O QUE OBROU O SUPERIOR NOVO, BENTO DE OLIVEIRA, EM O TEMPO DE SEU GOVERNO."

"CAPITULO 14º. COMEÇAM AS BEXIGAS EM S. LUIZ DO MARANHÃO, PASSAM PARA O CAETHÉ E JOANNES, E FINALMENTE DÃO NO PARÁ, ACUDINDO OS PADRES COM SUA CARIDADE E NOVENAS, FEITAS A S. FRANCISCO XAVIER, EM AGOSTO DE 1695."

Pp. 585-586.

"Reluziu nesta occasião a grande caridade em nossos padres do Collegio, e sobre todos o Padre reitor José Ferreira, que sem embargo que tinha assaz que lidar com os seus, acudia com lenhas, aguas, peixe e farinha a varias casas e com sacramentos da confissão por si e pelos seus todos, a toda a cidade, não só de dia, mas ainda de noite, a qualquer hora que o chamavam, e para aplacar a ira do Céu instituiu uma novena em honra de S. Francisco Xavier, á qual o povo acudia com grande devoção,

P. 586

por ser com o Senhor exposto, missa cantada e prégação ao cabo de tudo;..."

P. 588.

"A roça de nosso irmão Francisco Rodrigues tambem escapou, porque se mettem com toda a gente no matto; escapou tambem o engenho de S. Francisco de Borja, porque Dona Catharina, nossa irmã, senhora delle, o encommendou a seu Santo, promettendo de lhe fazer sua festa, como depois fez, assistindo a ella o Padre superior da missão, Bento de Oliveira, então reitor mestre do curso, com todos seus discipulos, que cantaram a missa, sendo eu prégador."

"CAPITULO 15º. REFERE-SE COMO DERAM AS BEXIGAS NA CAPITANIA DO CAMETÁ E COMO SE HOVERAM OS PADRES MISSIONARIOS DA COMPANHIA NO TEMPO DELLAS."

P. 593: Igreja na aldeia de Inhuaba.

"E foi cousa para se notar muito que ao mesmo tempo que tudo eram umas tristezas pelas outras partes, naquelle logar cantasse eu missas solemnes, ajudado dos domesticos de Diogo Pereira, que eram os meus musicos, e acompanhavam canto com suas rabecas e violas, que tocavam com muita destreza, e sobre todos elles Manoel Pereira, filho morgado de Diogo Pereira, que, na ausencia do Padre João Justo, me acompanhava, explicando-lhe eu a logica e physica até o fim das cousas."

"LIVRO 10º. TRATA-SE DAS COUSAS DA MISSÃO ACONTECIDAS EM TEMPO DO SUPERIORADO DO PADRE JOSÉ FERREIRA."

"CAPITULO 9º. O QUE SE PASSOU DESDE O PRINCIPIO DO ANNO 1697 ATÉ A PASCHOA DA RESURREIÇÃO."

P. 632.

"Houve tambem, pelo mesmo tempo, 40 horas no Gram-pará, em a egreja, de S. Francisco Xavier; preguei, no domingo do entrudo; na segunda-feira o Padre Miguel Antunes, e na terça-feira, como mais autorizado e de mór concurso, o Padre reitor e mestre do curso, Bento de Oliveira. Houve muitas confissões e communhões no Maranhão e não poucas no Pará, mas não foi menor a devoção dos que assistiram na egreja ao Senhor, exposto todos esses dias. Houve tambem sextas-feiras no Pará, na mesma egreja, as quaes eu fiz, pregando o Padre reitor Bento de Oliveira o sermão da Paixão e não faltaram lagrimas do penitencia naquella occasião, principalmente ao cabo do sermão da Paixão. O sepulchro do Maranhão seria admiravelmente preparado pelas bellas mãos do irmão Marcos Vieira, sacristão antigo e mui querido de Nossa Senhora da Luz, mas com licença sua, parece-me lhe levaria a palma o do Pará, como levou, sem nenhuma duvida, a todos os mais da cidade, assim na multidão das vellas brancas como na belleza e grandeza da obra, feita toda com papel encrespado, e coberto de lata, que lhe dava um lustro incomparavel em o parecer de todos; não fallo nos officios das trevas, porque no Pará houve bellas e mui gabadas vozes de gente destra no canto; tambem por toda a quaresma houve assistencia dos muitos reverendos padres das Mercês, para cantarem, ao som do cravo, os misereres, no principio, e, no cabo das praticas, os seus motetes devotissimos, accommodados á Sagrada Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo."

"CAPITULO 19º. CASTIGOS DE ALGUNS AMANCEBADOS SEM EMENDA"

P. 667.

"Três casos me contou o Padre João Angelo, missionário dos Boccas, acontecidos em sua missão, os quaes todos quero referir brevemente aqui, para escarmento dos amancebados.

"Indo uma india casada, da aldêa dos Boccas, para o matto com seu marido, que ia á caça, eis que, apartando-se um pouco delle, lhe appareceu o diabo em fórma de indio, mas com pés e mãos de cabra, umas pontas na cabeça e no nariz, feio e formidável; ficou a india assombrada na presença desta phantasma e dahi por diante sempre com pouca saude, conforme o seu marido contou ao Padre João Angelo.

"Passados uns dias, tomou o mesmo maligno espirito a mostrar-se em fórma visível á india, que já não o estranhou tanto, antes pouco a pouco se foi de tal maneira familiarisando com elle, que se lhe entregou por amiga, communicando com elle, com se fôra qualquer indio, e elle a ensinou a cantar as cantigas de suas dansas, até que ficou mestra das mais e tão desejosa de dansar, que não havendo quem a acompanhasse ia bailando só pela aldêa até achar que se lhe ajuntasse e bailasse com ella; assim viveu tempos a miserável india, até morrer sem confissão."

Fund.ColRio, [16--]

Da fundação do Colégio do Rio de Janeiro. S/a [Padre Antônio de Mattos]. S/l, s/d [Rio de Janeiro, séc. XVII].

Fonte: original no ARSI, Fondo Gesuitico, Collegia, Busta 202 / 1587 A. Numeração de folhas de 1 até 35.

Título original: "De prima col-/legij Flumi-/nis Januarij / institutione; / et quib'dein-/ceps ad dita-/mentis excre-uerit. / Reuerendo admodu' / Patri nostro Mutio Vi-/telleschio Praepposi-/to generali Soci-/etatis IESU."

Observações:

1. Segundo o catálogo, o texto é do séc. XVII, e o autor é o P. Antonio de Mattos. O último capítulo (12) menciona a data 1619. Segundo o catálogo do ARSI, o P. Vitelleschi nasceu em Roma em 1639, ingressou na Companhia em 1655, fez os votos em 1673 e faleceu em 1703 em Roma.

2. O trecho dos ff. 22v-23, transcrito abaixo, sobre a morte do Padre Antônio Rodrigues, é a tradução para o latim do documento **História da Fundação dos Colégios do Brasil**, do séc. XVI, de autor desconhecido, originalmente em português.

F. 9v. Título: "Duo ex nostris Tamoyis pro compo-/nenda pace obsides traduntur. / Caput .5." Nóbrega e Anchieta."

F. 12.

"... Permanet igitur sine socio Anchieta, sed non sine / Deo: quo ita noctu, diriqß familiariter utebatur, ut mul-/ta, et longe dissita, et multo post tempore futura diui-/no numero addisceret: quae in eius biologia uidere licet./ Nam ea nos ad alia properantes relinquimus. Illud dixi-/rim, diem quamlibet in [tria], quatuorue spatia diuisiße: / unum in docendo res fidei barbaros ponebat, alterum in / componendis carminibus de uita Beatiß.æ Virginis / Mariae, quam eo tempore sine charita, et atramento (mirum / equidem) elegiacis quinquies millenis supra septingentena / [tricena] bina decantauit."

F. 22v. Título: "Societatis nostrae aliquot pié, glorio-/sé é uita descedunt. Cap. 9^m."

Ff. 22v-23.

"Jam uero ex nostro Januarensi Collegio, qui primus / mo[r]iens in illam uiuentium, ut credimus, terram abijt, fuit / Pater Antonius Rodericus. Hic ex Paraguây, Carijoorum-/que terra in Diui Vincentij Praefecturam ueniens, ibi nos-/trorum consuetudine allectus Societati nostrae nomen / dedit; magnosqß fecit in Religione progressus; praecipué / ueró Indorum boni studiosißimus fuit, multumqß illorum / in Bahia pagis ad fidei conuersionem inuit, ac miri-/ficé diuinum prouexit cultum. Erat enim non solum /

F. 23

Brasilicae linguae, sed etiam musicae, necnon tibicinij bené / peritus; quibus plurimos Brasiles instruxit pueros; at-/que ex eo ueluti seminario ad caeteros in Brasilia In-/dorum Christianorum pagos uscibus, tibiisqß canendi sci-/entia permanauit. Quarum rerum suauitate delini-/ti Barbarorum animi plurimum ad deuotionis sensum, / dignéqß de diuinis concipiendum rebus profi[erunt, erint]./

"Itaqß propterea Pater Antonius Rodericus in / magno à Brasilibus Indis pretio habebatur. Ob idqß á Pa-/tre Visitatore Azeuedio in Ianuariam Coloniam traduci-/tur, ut caelestis doctrinae armonia, et cantus suauitate effe-/ratos illos Tamoyarum animos mansue faceret. Quò postqß / peruenit frequens erat cum Indis, quos Gubernator Mendus / de Sà ab Spiritus Sancti praefectura socios belli contra / Tamoyas sibi aduinxerat. Quo labore quinquagesim-/mo secundo aetatis suae anno, decimo quarto á Religionis / ingressu, unoqß tantum ab aduentu in Flumen Ianuarium / transacto, nouem erectis templis, quae in diuersis Indorum / pagis diuino numini aedificauerat, ultimam uitae periodum conclusit."

F. 29. Título: "Augescit collegium cum numero religioso-/rum, tum acceßu permanentium a-/liquarum occupationum[s]. / Cap. 11."

F. 31. 1585

"Annus octogesimus quintus numerum ad qua-/ternarium supra uicenarium auxit."

Ff. 31v-32.

"Et ut capitis huius concinam instituto, non omittam / inter Brasiles Indos Lusitanorum seruoß confraternita-/tem quandam in templo nostro sub sanctorum Magorum / Regum patrocínio institutam anno octogesimo sexto, /

F. 32

quae ad praesens tempus durat; ut hoc religionis exercitio serui / etiam pietatem addiscant. At nonagesimo tertio quadra-/gesimalem ultra uapulationem, de qua supra, eisdem Sa-/turninis diebus completorium suaui tum uocum tum musi-/corum instrumentorum cantu in eodem templo decanta[ri, ns] / caepit; quae melodia in Dominicam diem, tempusqß uesper-/tinam antecedens concionam postea translata fuit."

F. 33. Título: "Diuius cultus in Collegio, aedificia, et / redditus ampliantur usqß ad annum millesi-/mum sexcentessimum decimum nonum. / Caput 12."

F. 33v.

"... Necesse etiam fuit communem domus ianuam loco su-/o accomodare: quo iam pulchra, et praealta turris pro ho-/rologio, eiusqß librandis ponderibus, caeterisqß templi cym-/balis ex archetypo constructa est; eiusdemqß ianae pe-/ristylium nunc paramus."

Rel.JoVil, 1714

Relação das missões do Maranhão. Padre João de Villar. Colégio do Maranhão, 30 de maio de 1714.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 I, doc. XXVI, ff. 110-111. Outra via encontra-se na Biblioteca de Évora, cód. 115 / 2-13 afl. 427, a partir do qual foi realizada a cópia manuscrita do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Título original: "Relatio de statu Maragnonensis Missionis, inqua / summatim explicantur omnia, etiam mala, quae / possunt euenire missionariis, eam praesertim desi-/derantibus."

Assinatura: "In Maragnonensi / Collegio 30 Maij 1714. / Joannes de Villar."

F. 110v: Missões em geral.

"Circa id quod spiritualis eorum a nobis pe[s\t]it instructio, haec est frequentio[s] praxis / quotidie per hebdomadam post oratione' matutinam fit sacrum, cui inter sunt omnes pueri / e puellae; et ex caeteris quotquot uolunt interesse: postea Missionarios eos eorum idiomate, doc-/trina informat Christiana, recitans pariter cum illis oratione' Dominicam, Saluta[tione]m Angelicam, / Symbolumque Apostolicum, decem praecepta Decalogi, et quinque Sanctae Ecclesiae; septem peccata / lethalia, septem uirtutes oppositae, atque septem sacramenta. His enodate repetitis, eos grada-/tim interrogat de omnibus mysteriis credendis, de confessione Sacramentali, ac de Eucharistia San-/ctissima recipiendis utiliter; ad quae, licet turmatim, respondent omnes apposite: tum ingenua / prouoluti confessione percurrunt generalem, actum contritionis efficiunt; et Angelorum Custodem / salutantes, ab ipso submisce postulant, ut eos sibi commissos bene per omnia dirigat; ac tandem mu-/sica omnium uoce Sanctissimu' Sacramentu' de more ab omnibus laudatur. Deinceps ubi existunt / catechumeni uel ante, uel post meridiem infatigabiliter instruuntur.

"Singulis item diebus Vespere sub solis fugam, omnium additur puerorum, ac puellaru' / processio; quae in duas alas diuisa á propria egreditur Ecclesia, et, omnibus alternatiue cantanti-/bus P. N. et Ave Maria, ad Crucem quae non longe distat, resta contendit; indeque genibus prius / inflexis, ad pro animabus purgatorij precibus aliquot effusis, eodem ordine et cantu processio tota / exurgens in Ecclesiam reuertitur; Ubi ad eum modum quo mane, idem doctrinae exercitium / solent omnes habere renouatum, ac pro coronide diei Litanias B. Virginis; qua' Salve Regina Can-/tata salutant omnes suauissime."

Rel.BaPil, 1717

Anacefaleose ou narração da solenidade pela beatificação do Padre João Francisco Régis, da Companhia de Jesus. Frei Bartolomeu do Pilar. Pernambuco, 31 de outubro de 1717.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 I, doc. XXIX, ff. 136-173.

Título original: "Anacephalaeosis, / siue / Solemnium Apparatus / quo / Societas Brasilica / Viri Apostolici / P. Joannis Francisci Regis / Societatis IESU Sacerdotis / in Beatorum numerum relati memoriam / prosecuta est, / compendiosa, et exacta / Narratio."

Assinatura: "In Pernambucensi Domo Congregationis Oratorij, / 31 Octobris die, anni a reparatione mundi 1717. / Doctor Fr. Bartholomeus do Pilâr."

Observações: O documento descreve a cerimônia de beatificação do Padre João Francisco Régis, da Companhia de Jesus. O texto e o autor não são mencionados por Leite.

O Frei Bartolomeu do Pilar, carmelita, foi o primeiro bispo do Pará. Segundo SALLES, 2001, "seria grande impulsionador da música no Grão-Pará. Trouxe para Belém, na sua comitiva, além dos clérigos fundadores do bispado, numeroso contingente de músicos: nove capelães músicos, sendo um deles mestre-de-capela; oito moços de coro, também instruídos em música; um organista; um chantre e um subchantre. Diz-se que era muito amigo da música, cantor..."

O texto, porém, refere-se a ele na 3ª pessoa, e aos "nossos" da Companhia de Jesus, e indica ser o relato de um jesuíta a partir do texto do Frei Bartolomeu do Pilar:

F. 172: "Enimverò ad promovendam erga virum Apostolicum pietatis / religiosae cultum aequum habui narratis subnectere, quod authentico testimonio / accepimus a Reverendissimo Domino Fratре Bartholomaeo do Pilâr, Marano-/"

F. 172v

ninesis Diaecesis in regione Paracensi renuntiato nuper Episcopo. Ita ille / in atuographo nobis dato trigesima prima Octobris die, anni 1717."

O relato parece fantasioso e exagerado às vezes, mas as informações coincidem com a ânuia do período.

Colégio da Bahia:

F. 137v.

"Decorem flammeo spectaculo addidit è turrium fastigiis cymba-/lorum assidue garrientium, et quidem numerosè pulsatorum sonus. [S]ua parte / Collegium ad Urbem spectat, per turres, per atrium templo finitimum, per loca si-/mil, et sedes, quae ad januam Colegij pertinen, ordine multo collocata perstre-/pebat magna omnium instrumentorum copia, quibus utimur ad conciliandum / publicis spectaculis, etiam ex aurium assentatione, pretium."

Ff. 138v-139.

"Vix sibi destinatas sedes occupauerant, ex sacro apo-/dyterio in templum egressio sunt tres ex sacerdotibus nostris, jam canis, et / aetate uenerabiles, et ipsi pretiosissimó dites ex serico uestibus, quod auro / multo arrificum manus onerauerant. Ibat unus in plumatili, deductoque / ad talos indumento: duo alij stipabant huic latera instructi Dalmaticis, / uterque habilis ad altaris ministeria. Praecedebant cum accensis cereis / ex non sacerdotibus duodecim reticulatis superpellicijs ex tenuissima, et / candidissima bysso uestiti. Simul ventum ad prncipem templi aram, re-/ducto sacri tabernaculi, ubi seruatur ad usum populi divina Synaxis, ostio-/lo, canora voce intonans, hymnum = Te Deum Laudamus = exorsus est Il-/lustrissimus Archipraesul, excipientibus illum selectissimis cantoribus, quos / in quatuor choros distribuerat Professor artis musicae peritissimus, cui caeteros / regendi cura mandabatur; idque inter quamplurima omnis generis instrum-/

F. 139

menta, quae ad harmonicam majestatem canentium choris adhibentur."

F. 141v.

"Iam tertiâ mensis Maij supra vigesimam Luce fruebamus, / jam sexta post solis ortum diuiserat hora diem, cum ad pulsum horologij, gratos in-/ter, et festos Cymbalorum plausus, displosorum tormentorum sonitu, clangore / tubarum, laetoque caeterorum instrumentorum sonitu IESUiticum forum per-/strepebat."

Ff. 141v-142.

"Constituto ad officium uespertinum tempore, Canonicis, / et caeterâ Cleri turbâ comitatus templum iniit Illustrissimus Archiepi-/scopus: [...]

F. 142

Vespe-/rarum solemnitatem ad noctis confinium ferme protractam, gratissimam omni-/bus reddidit cantorum simul, et musicorum instrumentorum suauitas: dul-/sissimum auribus lenocinium, praeter ea, quibus oculi pascebantur."

F. 142v.

"Posteriâ Luce, quae nouo Indigeti sacra erat, uixdum inierat / finitorem Aurora, cum sacra simul, et profana rursus instrumenta per-/strepere. Vbi jam adulta dies, et commodum tempus extitit sacrus officiis in-/choandis, cum duobus Proregibus intrauit Religiosos Lares Illustrissimus Ar-/chiepiscopus

splendidissimo, e solito ampliore comitatu. Sequebatur inf[s]ula-/tum Ecclesiae Principem Canonorum Collegium; qui mox ad templum, de-/inde in paratas sedes recepti, iuvante numerosâ Praesbiterorum Externorum tur-/ba, matutinas preces juxta datas ab Ecclesia regulas harmonicis concentibus / recitarunt. /

"His ritè peractis, ad aram progressus Protomysta sacer, quem / gemmis et auro laboratae uestes ornabant, Pontificali ritu diuinis operatus est. / Recreabantur interea circumstantium aures musicorum, et cytharaedorum con-/centibus, quos Symphonicae artis magister ex omnium cantorum grege sele-/gerat, et in uarios choros distribuerat, ut se inuicem hinc inde canendo excipe-/rent, ita que adderent suauissimae arti augustiorem speciem."

Ff. 143v-144.

"... Se primores ex urbe monituros, ut ornaturi hospitibus mensas, de Conuiuiorum Le-/gibus Patres Societatis antè consulant, perinde ac solent de conscientiae dubiis. Auxerat Conuiuij speciem, praeter epulorum multitudinem, et splendidae men-/

F. 144

sae peregrinum apparatus, etiam tubarum clangor, et musicorum instrumen-/torum concentus, quae in atrio juxta triclinium certatim pulsata, quo tempore palatu indulgebatur, jejun[a]s aures non sustinebant. /

"Vixdum ex mensa convivae surrexerant, cum secundae horo-/logium jam lapsq post meridiem horae signum fecit. Caeperant rursus ex tem-/pli turribus campanae perstrepere, cum janitor adventare monuit Carmelitano-/rum Patrum familiam; qui structo ordines procedentes eo tempore ad templi / trium appropinquaverant, quo jam illis [extra] januam Nostrates occurrerant. / Hic comiter, et religiosè salutados inter solita mutuae benevolentiae signa, / prius in templum, deinde in Collegio deduxerunt, post habitas Deo solemniter gratias Eucharistico hymno, ubi tamdiu remanerent, donec initiandis Vespe-/ris opportunum tempus incideret. Congregaverant ex omnibus illi monasterijs, / etiam longe ab urbe dissitis, universos cantores, quos ille Ordo selectissimos / habet, et omni musicorum instrumentorum genere versatissimos. /

"Straverant jam pretiosis tapetibus totam illam interiorem / templi aream, quae a cratibus grandioribus ad sacellum maximum, et latera-/lia versus excurrit. Hic justum scamnorum numerum collocaverant, quae o-/peram canendis Vesperis daturus exciperent. ..."

F. 144v.

"... Ante B. Patris effigiem duos accenderant grandiores / cereos, in quibus elegantissimè ductis ex auro literis IESUiticum stemma / descripserant, quod exteriori parte Carmelitano cingebatur, ut ita innuerent, in / intimo pectore Marianae Familiae IESuiticam circumferri. Tandem inchoatae / sunt Vesperae, moderante chorum R. Patre Provinciali cum duobus ex gra-/vioribus sui Ordinis, et multâ jam pollentibus auctoritate Praesbyteris."

F. 145.

"Sequenti luce, cum primi vix caeperant aurore radis perstringere / montium vertices, [f]ervere rursus campanae in consuetos plausus, ac totum cre-/ pare forum creberrimis tormentorum displosionibus, parcente nunquam auribus / tubarum murmure, stridore fistularum, et aliorum instrumentorum tumultu, / quae simul audita geminabant animorum laetitiam misturâ vocum, et ipsâ so-/ni confusione. Eadem ex adverso praestabant Carmelitani Patres, qui mini-/mae nostrae Societatis causam hac fecerant in parte suam, non sanctâ minus, / quam pertinaci aemulatione tanquam è specula observantes Nostratum vias, / ut per eadem vestigia graderentur. /

"Longe ante constitutam horam ad inchoandum solemne sa-/crum jam templum nostrum subierat tota simul eorum communitas, reli-/giosam Familiam ducente cruce, quam in altum erectam, pretiosèqu[a] ornatam, / more suo praeferebant. Comitantibus Nostris in templum recepti, ubi jam / populi venerationi expositum fuerat divinum Eucharistiae Sacramentum, ceci-/nêre flexis genibus hymnum = Tantum ergo = tam dulci vocum, tanque sua-/vi concordia, ut cygnos diceret ad fluentia gratiae modulantes./

"Consueto tempore solemni sacro initium fecit R. Pater / Provincialis sub iis, quas sibi, ac Sociis ex templo suo asportari jusserat, auro / simul et serico ad omnem elegantiam intertextis vestibus. Quid cantorum / peritiam, et suavitatem, quid numerum referam? Quid musicorum instrumen-/ta..."

Ff. 145v-146.

"Paulò postquam amotae sunt mensae, secunda sonuit post me-/ridiem hora; extemplòque, festiue crepitantibus cymbalis, è monasterio suo / ad templum se nostrum contulit splendidissima Benedictinorum Patrum / Familia; ubi statim religiosâ comitate a Nostris excepta, hinc ad aulam / interiorem Collegij deducta est, ibique morata, donec sol instituendis ve-/speris apti temporis admoneret in occasum paulò declivior. Sericis, et rigen-/tibus auro uestibus, quas secum detulerant, vbi commodè visum fuit, vesper-/

F. 146

tinâs preces inchoarunt vix credendâ pompae ostentatione, vel ad numerum mi-/nistrorum, et symphoniae novitatem respiceres, vel ad cantorum selectissimo-/rum copiam, et concordem musicorum instrumentorum in quatuor choros digestam multitudinem.

"Administrantibus officium praefuit Reuerendissimus Pater / Provincialis, adstantibus duobus Excellentissimis Proregibus cum Illustris-/simo Vrbis Archipraesule. Post habitas insolito splendore Vesperas, quibus / etiam interfuerat augustissima Patrum Carmelitanorum Familia, inter mu-/tuas gratulationes demini sunt omnes, crepantibus interea bellicis machinis, / et jam propè ad fastidium obtudentibus aures cymbalorum tinnitibus, / fistularum murmure, tubarum clangoribus."

F. 147.

"Data igitur corporibus requie, quoniam ex throno publico in / arcanum tabernaculum recondenda erat diuina Synaxis, omnes sub Vespe-/rem, comitantibus Nostris, in templum successere, Vbi [rite, ritem] habitis, quae jubent Ec-/clesiae canones, inter tubas atque symphoniam, inter cymbalorum

festiue percus-/sorum sonitus, inter alia demum jubilantium animorum signa, Negata Vulgi / oculis sacra hostia finem omnibus imposuit, quae toto triduo peragenda statuera-/mus."

F. 147v.

"Vix ergo prima fax noctis occidenti soli parentauerat, / cum cymbalis crepitantibus, gementibus tubis, sonantibus fistulis, laboran-/tibus uno, eodemque tempore bellicis machinis, mille ignibus rutilare IESUi-/tica Domus, et turrium caepere fastigia. [...]

"Aderat spectatura igneos ludos ex Collegio nostro sacra / Patrum Carmelitanorum Familia, quorum templum, et monasterium tot / facibus eodem tempore circumdabatur, quot nunquam fortè Attica vidit in / Proserpinae Rapto solemnitis. Totum extimâ parte forum ambierant piccata / dolia, et ipsa plena jam habili ad flammam concipiendas, nutriendasque ma-/teriâ. Cum templi atrium, tum publicae januae propylaeum, vi multa sonantium / instrumentorum prestrepeba't. Suspenderat omnium oculos jam instans Ludo-/rum solemnitas, cum ex quatuor fori angulis, post accensa dolia, conceptae / flammae impetu[m] raptae quatuor in caelum faculae ludicro incendio prolusêre."

F. 160v.

"...Tibialium loco ex / aôura candidissima cothurnos suffecerat, quos aureo textu venustissimè di-/scriminaverat."

Ff. 161v-162.

"Postremae omnium religiosae Familijs, Clerusque oblongo, / duplicato ordine promiscuè gradiebantur. [...]. Sacrosanctam hostiam ponè se-/quebantur excelentissimi Proreges, cum innumera populi multitudine, strepen-/

F. 162

tibus aere campano turribus, totoque interea foro symphoniacis tibiis, clan-/gentibus tubis, et creberrimis tormentorum bellicorum displosionibus reboan-/te."

Colégio do Rio de Janeiro:

F. 163v.

"...A-/postolici Viri gestis interpretans: talem que dedit, qualem optares ad comendationem / Artis, emendatissimam. In sacrae [Z]eteculae ostio collocata, sinistra prensaverat Chri-/sti Domini a cruce pendentis imaginem, eminens dextrâ, concionati similis. Sym-/phoniacis instrumentis totum templum personabat. Alliciebant suavissimae Canto-/rum voces dulcissima titillatione animos, aures que liquidissima voluptate recre-/abant; nam, praeterquam quod artis musicae peritissimi erant, ingens illorum multitudo / in quatuor dissecta choros obierat suas alternatim vices, per aurium sensus eò gra-/tius blanditura praecordiis."

F. 165.

Tripudiantium chorus B. Stanislai Kost[kae] praecenerat fercu-/lum. Ex his duo referebant Herculis, Lernaëque Hydrae fabulam, cum fortissimus / heros rotatâ clavâ immane monstrum decapitabat; eo spectaculo innuentes, A-/postolicum virum B. Joannem Franciscum Regis instar Hercules extitine, qui / Itygium colubrum evangelico gladio, instructus gratiae viribus, obtruncavit. B. / Aloysij Gonzagae thensam anteibant scholares quinque, muliebriter propemodum / culti, et qui ipsi vestium non magis, quam praestantia formae conspicui, metricis / rhythmis encomia Sanctissimi Herbis tripudiando modulabantur. Hoc ipsum / praestabant, qui ante currum Beati Viri gradiebantur, undecim juvenes, sal-/tatores ipsi, ac musici, quibus sericas, et laciniosas vestes multum auri, gemaeq' / ditaverant."

Colégio de Olinda

F. 167v.

"Taceo pretiosas equorum phaleras apud quos scio novi[ss]e / jam pridem, quantus sit in equis adornandis Pernambucensium Luxus. / Singulas thensas antecedeat Epheborum tripudiantium chorus, per que sibi / praescripta temporum intervalla suavissime canentium Beati Herois en-/comia. Per calles populo confertissimos aegrè aditum processuri molebantur. / Utcumque tamen itum est; praemissis de satellitum grege nonnullis, que den-/sissimam plebem discuterent, et viam incedentibus aperirent."

Colégio do Recife

F. 170.

"Hoc idem praestitere circumvicini cives; imo etiam eorum non / pauci, qui domos incolunt a Collegio remotiores, qua liberior in aedes illorum ex / ipso Collegio prospectus excurrit. Dum haec terrâ gerebantur, mari quoquè para-/batur insigne spectaculum, quod errantibus ignibus ad vicina littera praeberetur; / nam, comminâ nocte, visae procul a portu, toto circum freto, qua se laxant aequo-/res sinus, incendiariae cymbae discurrere, quae obliquis nunc viis, nunc rectis, saepeque / transversis in portum illabentes, maritimarum belluarum speciem fecerant, quas / diteres ad tripudium symphoniacis instrumentis è profundo maris excitatas."

F. 170v.

"Postquam statis in conspectu illius scenae jocatum est, vertêre / umbratilis praelii atrocitatem in meliores blanditias: nam schemate pugnae consumpto, / indulgere musicis numeris, cantorum caetibus ita tremulas, et pa-/tulas voces ad gubernantibus ad fidium sonantium leges, ut crederes Nerei-/dum vulgus è fluibz emersisse; aut etiam Syrenarum choros, tumultum bellicum suavissimo concentu mitigaturos. Laudavere omnes ingenium sum-/ptuosae Voluptatis: et quoniam adulta jam nox vigiliâ longâ fatigatos ad / somni otium invitabat; remissionem populo fecimus, silentio cantorum choris, / et vocalibus cymbis imposito."

Rel.JacCar, 1719

Relação das missões do Maranhão do Padre Jacinto de Carvalho, ao Padre Geral. Lisboa, 21 de março de 1719.

Fonte: original em italiano no ARSI, Bras 10, doc. XXXI, ff. 180-208v.

Assinatura: "Lisbona 21 marzo 1719 / [...] / Giacinto de Carualho"

Versão utilizada: documento original, em cópia digitalizada do NHII.

F. 185: ritual dos Tubitaba.

"Prima di tutto, preparata nella casa del novello cavaliere gran quantità di / vasi si pieni di vino, tutti i paesani a schiere s'accorrono urlando con / voci si incondite, e strepitando con trombe si rauche, che sembra quella / casa essere un inferno scatenato,..."

Ff. 185v-186: cerimônia fúnebre.

"Tutto il Parentado del defonto portasi carico di vasi pieni di vino nella / di lui casa, e ridottone in cenere le ossa del morto, parte ne immergono / nel vino, parte in certo altro loro liquore rossio con cui le donne, e / huomini si lordano il viso e poi schiantati dal teschio del trapassato / i denti segli'appendono al collo, e inghiolandatisi il capo con una corona / di piume d'uccelli di colori diversi si caricano i forami [da lalbri], gia / altrove nominati con quantità di [prebruze] si fattamente lavorate / che per quanto di moto si faccia, difficilmente escono dal proprio sito /

F. 186

e cingono le gambe con alcuni, come sonagli: quindi armatisi d' / arco, gl'huomini la sinistra, e di saette la destra, e le donne tenen-/do frecce da una mano, e orciuli dall'altra, si sospendono alla / sommità d.^a casa due [reti], in una d.^e quali collocano una scorza di / testuggine, e cinque zucche sostenenti: le veci del capo, mani, e piedi; / nella seconda si pone a sedere uno dei piu riguardevoli insieme con una / donna, e qui con un bastone perquotono la corteccia d.^a testuggine / schiamazando si sgraziatamente quanto [?uno] puo immaginarsi; in cosi / fare tutto il rimanente degl'huomini, e donne pazamente gridando e / cantando fortemente battano i piedi in terra, e cinque femmine distribuisco-/no a tutti il vino dal quale resi ubriachi si dipartano [rifrando], o alla / meno trista aggravati dal sonno si stramazano per terra a dormjre."

Ff. 188-188v: cantos litúrgicos.

"Primieramente in ciascuno giorno della settimana, dato il solito / tempo all'oratione celabresi il tremendo sacrificio à cui / tutti intervengono i fedeli [in vao co] catecumeni, prima che / essi si dipartino per le loro facende alla campagna, quale fi-/nito rispondono tutti al P.^{de}, che p.^{ma} di loro recitano l'oratione Domenicale, la Salve, la salutatione Angelica, / il simbolo, il decalogo, i Comandam.^{ti} della Chiesa, i sette / sagram.^{ti}, l'atto di contrizione, e finalm.^{te} il Dialogo del / Catechismo, in cui contengonsi tutti i misteri di nostra fe-/de: quindi partendo ogn'altro solo i catecumeni, ed alcuni / de più rozzi di cui n'e'[apresso] il P.^{de} uma distinta nota / si rimangano per essere instrutti nello spatio di tre quar-/ti d'ora circa i misteri della Fede. Che se o il P.^e o / il suo compagno per qualche occupatione fosse dacio' for-/se impedito, subito si sostituisce a' tale effetto uno / de schiavi di maturita' a costumi bene sperimentati: [?] / per che verso i loro congiunti infermi sono poco affettuosi a / questi popoli, sogliono i PP. due volti il giorno visita-/re ogni casa per porger sollievo non solo spirituale co / santi insegnamenti, ma' ancor temporale, con [vitta?] e / medicine giunta il poter loro all'infermi, se a'caso al-/cun ne ritrovino. Sul'imbrunire della sera, ritornata / la gente in Chiesa e cantata alocunatinam.^{te} la terza parte del Rosario di Nostra Donna, d'ordinario in pro-/cessione i fanciulli, e le fanciulle fino alla piazza / della Popolazione, cantando sacre canzoni e fratto fratto / si prega per le anime: Pregando, recitandosi la salut.^e/

F. 188v

Angelica, e l'oratione Domenicale, final.^{te} si catechiz-/zano non altrim.^{ti} che la mattina in chiesa, e si recita-/no le litanie de Santi a' riserva del Sabato, in cui vi / si cantano le proprie della Vergine. Nelle Domeniche / ed altri di festivi, piu' tarde del solito, [si] da' principio / al Santo Sacrificio, a' cagione di dare agio tanto a' vi-/cini, quanto a' piu' lontani, e questi han d'uopo il fa-/re almeno tre leghe di camino, per intervenirvi. Che / se alcuno sene esenti, facilm.^{te} si discuopre, essendo / a' tale effetto destinato in Chiesa il luogo a' ciascuna / famiglia. Al sacrificio pero' precede un'esortatione / comunemente in due punti divisa, uno per trattare / di qualche misterio di nostra Fede, l'altro per [detes-/fare] qualche vizio, o' commendare alcuna virtu', giun-/ta la capacita' dell'udienza, ed ogni lunedì vi e' / costume d'accompagnare un sacerdote per cio' destina-/to a recitare in chiesa opure nel cimiterio tre res-/ponsorij, secondo la norma del catechismo a bene-/ficio de Defonti, ed in ciascun Venerdi di Quares-/ma fatta la Processione in memoria di Christo ap-/passionato, e portando la Croce al Calvario, si da / principio ad un Discorso sopra la Passione, a cui / sussiegono le litanie, osservandosi [l'istesso tenore dal / nostri] nelle altre Popolationi da essi [?] visi-/tate e per essere a' cio' piu' spediti, piantano comune-/mente la loro habitatione sulle rive de fiumini..."

F. 190v.

"E per che i loro concenti sono balli, che piu tos-/to sono di molestia, e di tormento; anziche di [solliano] / eglino subodovato il nostro tedio in [udiuli] non ar-/discono di cantare ò suonare, se [g.^{ma}] non ne ottengono / la

permissione, è questa [?] al [g.^{ma}] [favlisi il cenno?], / che diano fine subitam.^{te} ciascun si quietà, e si diparte.”

Ff. 199v-200.

“...Gran [... / ...] fra quelli che vestito non fosse ma molto [...] grande fu la / maraviglia quando simirò il fiume ricoperto di barche in gran moltitudine / [sopra cohe] quali da [? castella] eran venuti i cristiani allà sollenità portan-/do ciascuno le proprie insegne zampogne, e timpani e tutti non solamente bene / F. 200

abbillati nel vestito ma ancor calzati e in tutto somiglianti à Portoghesi se non fos-/se nel color del volto discrepante. Assistè alla Messa, e alla Predica deportandosi / in tutto come gli altri Cristiani, di poi accompagnò la processione in cui si portarono / tutte le croci de i castelli di quella Parrochia, quanti à questi andavano alcu-/ne persone ballando secondo l'usanza Portoghesa, e fratto fratto cantanvansi [si-/condentemente] da fanciulli e fanciulle sagre [canzoni?]: ciascuna croce era segui-/ta da alcune sagre immagini, insegne e [?] dei castelli. La Piazza di [Pira-/guirâ?] [dava cena] bello spettacolo [?] per la varietà degli archi fabbricati di ra-/mi di palme intrecciati di fiori, e in ciascuna imboccatura di piazza havevano / inalzato un grand'albero ricoperto con maestria da capo al piedi di Ananates e / di altri pomi.”

F. 201v.

“Ciochè consumma allegrezza [udito[dal P.e Missionario subitamente se [?] / [?] quatto christiani che gli servissero di rema-/torj, [dopo] sei di di viaggioa centr'acqua, ceco si vede venjre incontro i / [Perunj] su 300 canoe, che cosi chiamano le barche, e appena il [?] /ro [siedero] fiatto alle trombe, e fecero altre' dimostrazione d'allegrezza...”

Ff. 207v-208.

“... In verita non / sara cosi facile lo scusarci acanti Iddio retissimo giudice, se [docente] / per ragione del proprio istituto [vivere] ovunque maggiore si sperì / il servizio d'Iddio, si tralasci di porgere aiuto a questa genti [peraltro] / si bisognose, colla certezza di frutto grande si vogliano [impiegars?] /

F. 208

la lunga esperienza, che lo di queste parti mi rende ben sicuro del non / ritrovarsi mai, o molto di [?] cosa, che [servindola] di gusto, o di sollievo, / atro non veggonsi, che selve i fiumi [terne] senza alcun artificio, / case, o per meglio dire tugurij malissimo fatte, popoli deformj, e / horribili nel portamento di natura crudele, e tratto frodolento, / sciocchi nel parlare, disgustosj nelle loro allegreze, e particolarmente / nel canto si disgraziato, che tormenta chi l'ode.”

Cro.DomAr, 1720

Crônica da Companhia de Jesus na missão do Maranhão. Padre Domingos de Araújo. S/l [Maranhão], 1720.

Fonte: original na Biblioteca Pública de Évora, códice CXV/2-11, ff. 209-331v, incompleto; cópias manuscritas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (11,2,7) e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Título original: "Chronica da Compa-/nhia de Jesus da Missaõ do / Maranhão pelo Padre Do-/mingos de Araujo / Escripta / em 1720."

Versão utilizada: cópia da Biblioteca Nacional.

Observações: o Padre Domingos de Araújo nunca esteve no México; a comparação entre os índios do México e do Brasil, nos ff. 77 e 77v, é feita por meio da obra **Crônica da Província do México**, do Frei Agostinho d'Avila, freqüentemente mencionada no texto do Padre Araújo.

Livro I

F. 56v.

Cap. 12 - "Gentio, engenho, e costumes dos / Indios do Estado do Maranhão".

F. 59.

"Ao Santissimo Senhor nosso / Paulo 3º Pontifice Maximo, / Frei Juliaõ Garcez da Ordem / dos Pregadores, primeiro Bis-/po de [Mascala] na Nova Espanha das Indias do [Cezar Car-/los] S. S. P. ... "

Ff. 59v-60.

"... Já seu engenho [dos índios do México] /

F. 60

e docilidade sobre modo nos admira, ou os man-/dem cantar, ler, escrever, pohntar, ou esculpir, e tu-/do o mais que pertence as artes liberais, e para / os mais rduimentos das outras mui perpicasas. [...] Aprendem com todo o primor o can-/to Ecclesiastico, ou seja organico, ou Gregoria-/no, ou qualquer outro de modo que não há / muita necessidade de cantores estrangeiros."

F. 78v.

"Mas nos deste estado / he mui prompta a rasaõ, não a sua inca-/pacidade (sinta cada qual o que quiser, e / abunde no seu sentir) mas não se lhes / dar lugar de nenhum modo, com a multidaõ / de canceiras e trabalhos, de que os

carre-/gaõ, pois athe crianças de doze, ou treze / annos os arrastaõ das suas doutrinas / para já servirem com o remo na mão, / nas Canoas, e no certaõ tambem no seu / cacáo, cravo, e escravo; porque se hou-/vesse lugar, tempo, e descanso, teriaõ já os / seus missionarios mostrado a Igreja de De-/os, e ao mundo todo que athe de serem / Sacerdotes saõ capazes.”

F. 64v: sem indicação de local.

“Cantando-se na noite de Natal o – Gloria / in excelsis Deo – muitos dos Indios o / ouviraõ na sua lingua, na qual ainda / naquelle tempo não estava vertido, o que / não pode succeder senaõ por obra de Deos, / que com este milagre quis consolar, des-/pertar a devoção humilde dos Pobres Indios.”

F. 76v.

Cap. 13 – “Concluzaõ da materia do / Capitulo antecedente.”

Ff. 77-77v.

“2. O genio pois e ingenio dos Indios deste estado / hé o mesmo que dos Indios de Mexico. So / em huma partida não está provado no ler, / escrever, cantar todo o genero de canto, e no / estudo, e pericia da lingua latina. Porque / ainda athe agora [os não] applicaraõ os mis-/sionarios a estes exercicios e artes; nem a / mui pouca residencia que fazem nas su-/as aldeias em rasaõ de andarem quase to-/da a vida com o remo na mão, servindo / a Ministros de El Rei, e a moradores em tra-/to successivo, a isto dá lugar por estarem / suas aldeas a maior parte do anno desertas; / mas ainda que não foraõ ensinados, mostraõ / mui boa habilidade para cantar, quan-/do aos Sabbados se canta a Salve, Lada-/inhas Lauritanas de Nossa Senhora, e nos / dias Santos, e festivos, e nas Quintas feiras - / Tantum ergo Sacramentum – desde o levan-/tar da hostia e quando o Senhor se leva / aos [enfermos? Infernos?]. Os que seos missionarios en-/

F. 77v

ensinaraõ a ler, e escrever, em pouco tem-/po sahem com sufficiencia; e porque me-/tidos em tantos generos de canceira, os não / deixaõ continuar, não sahem cabaes, nem / tambem os missionarios tem o vagar, e / fleuma que esse cuidado hade mister. / Onde melhor se vê seu ingenio, e capaci-/dade nas artes, que facilmente aprendem, / e em que servem bem, porque há nelles / muito bons barbeiros, sangradores (offi-/cio que athe nas suas miolheres se admi-/ra) ferreiros, serralheiros, carapinas, ou / carpinteiros, pedreiros, pintores e esculpto-/res. Nestes e semelhantes officios, he delles / mui bem servido todo o estado.”

Livro II

F. 165.

Cap. 22 - “No anno 1652 vem de Lisboa para o / Maranhaõ com seus companheiros o / gram Padre Antonio Vieira.”

Ff. 166-166v.

"Passados os dias de descanso, e / visitas, o Padre Antonio Vieira que vinha / Superior de toda a missaõ da Companhia / no Maranhão se applicou logo com vigi-/lante comprehensiva providencia a causa /

F. 166v

do Sacrossanto Evangelho, as dependencias do / seu officio [...]. Ordenou que to-/dos os dias os Estudantes e meninos da Escho-/la cantassem o terço, Salve Rainha e lada-/inha da Senhora na Igreja da Senhora da / Luz no Collegio do Maranhão, e para que / se perpetuasse esta devoção instituiu huma / Irmandade, de cujos irmãos dois no princi-/pio assistiaõ com duas tochas nas mãos, e / no fim cantava o mesmo Padre Antonio Viei-/ra hum exemplo com que fortemente movia / e affervorava a todos no amor, e devoção / da Senhora."

F. 174.

Cap. 24 - "Ultima determinação, e conclusão na / antecedente deliberação. Embarca-se / para Lisboa o Padre Superior Antonio / Vieira, e despacho dos negocios da / missaõ, que na Corte vai tractar."

Ff. 175v-176.

"Da Ilha Terceira passou á de S. / Miguel, donde em huma Fragata de seu Ir-/maõ passou a Lisboa, deixando por toda a par-/te importantes opperações, e effeitos de seu /

F. 176

vivo fervoroso espirito, da singular devoção que ti-/nha a Augustissima Virgem Mãi de Deos, fasen-/do que em todas as partes se cantasse o Ter-/ço do modo, que no Maranhão o tinha instituido."

Livro III

F. 177v.

Cap. 1 - "Chegada segunda vez de Lisboa ao Ma-/ranhão o Padre Superior Antonio / Vieira, e publicadas as Novas Leis do Se-/renissimo Senhor D. Joam 4º, tomaõ / posse os missionarios de huma admi-/nistração com outra, da temporal / com a Espiritual, repartindose pe-/las missoes, ou residencias."

F. 178.

"Entoaraõ por fim todos prometendose secu-/los aureas entre outras mui gostosas humanas / letras - esta tambem.

Crescite virtutes fecunda que florea totas / Ingeniis fratrius campus certes que merenti / Itat favor. Ornatus proprius *industria donis./

*Cladeam. de Com. Malii Theodorii"

F. 180v.

Cap. 2 - "Manda o Governador Andre Vidal / huma tropa a castigar os Aroás, que / matairão o Padre Luis Figueira, e seos / companheiros naufragados na barra / do Pará. Vai por seu missionario o Pa-/dre Joao de Sotto Maior com interes-/ses do Evangelho importantes, e succes-/sos desta exposiçaõ."

F. 184: Devolução da imagem do Cristo Crucificado, roubada pelos índios.

"... tendo em suas / terras a sagrada imagem com muito aceio, e / reverencia, dahi a hum anno a trouxeraõ ao / Pará vindo a ajustar as pazes, entregando o sa-/grado penhor, que em seu poder tiveraõ, com / mui alegres festejos com bayles e os mais, que cos/tumaõ. E assim mesmo foi a sagrada ima-/gem recebida com procissão solemne, que man-/dou fazer o vigario geral, e missa cantada em acçaõ de graças, assistindo todas as Religi/oens, e ordens, Ecclesiastico, nobreza, e povo..."

F. 184.

Cap. 3 - "Tropa para o Rio Pacajá. Seu missi-/onario o Padre Joaõ Sotto Maior / com seu companheiro o Padre Sal-/vador do Valle: este não prossegue, / fica no Camota com quatro missõ-/ens. Sucesso do Pacajá, da tropa / e morte do Padre Sotto Maior, com / o que passou depois."

F. 186.

"Chegado já o tempo Santo da Quaresma / fiseraõ-se os officios della, e os exercicios da / penitencia com devoçaõ grande assim dos / soldados e dos Indios Christaõs como dos / pagaõs, que jantaraõ e trouceraõ muita / quantidade de cera, e se ouviaõ naquelle / tempo os cantares de Sion em terra / taõ alheia e taõ selvagem da quelle paganis-/mo."

Rel.LuBuc, 1721

Relação das missões no Maranhão. Padre Luigi Maria Bucharelli. Pará, 8 de agosto de 1721.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 I, doc. XXXVII, ff. 235-239. Cópia nos ff. 241-244.

Título original: segundo o índice do códice, "P Luigi Maria Bucharelli ARPN. / Relatio missionis in tracta Maranhonensi a se factae ao 1720 / ex licentia Patris Superiores V. Provinc. Manoel de Leitão."

Assinatura: "Pará, 8. Agosto 1721. / [...] / Luigi M.a Bucharelli"

F. 241.

"Ispirato da Dio l'anno passato 1720, chiesi licenza al P. Manuel de Seyxas, / nostro Superiore in questa V. Prouincia per fare una Miss.^e nella Città di S. Lui- / gi di Maragnone, oue allora mi ritrouaua leggendo Teologia a Nri. Egli ma la / diede molto ampia, con condiz.^e, che interuenisse il Beneplacito di Monsig.^r Ve- / scouo. Aspettai fino ad auer terminato il corso Teologico, cioè fino alla Festa / del nro' P. Ignazio, quando in queste parti terminano tutto le scuole [...] Promulgada dunque / la Miss.^e, ed essendo già concorsi dalle Tenute, e Luoghi circonuicini i Porto-/ghesi colle loro famiglie, per assistere ad essa; nella nra' chiesa capace / di molto concorso, e perciò da me scelta per le prediche della Missione, feci / un Discorso, che seruiua d'Introduz.^e, e d'Inuito alla medesima Miss.^e. A qu-esto Discorso feci uenire processionalm.^e tutte le confraternitate d.^a città, ciascu-/na da per se, e cantando per istrada fino ad entrare in chiesa le Litanie d.^a B. / Ver.^e: Le medesime Litanie feci cantare dopo finito il d.^o Discorso, nel cele-/bre tuono di Grottaferrata, non mai per l'addietro udito in queste parti. E / certam.^e piacque de tal modo, anco per essere i Cantori alcuni scolari di otti-/me uoci, che tutta l'Udienza restò rapita del canto; sicchè auendo io già / detto da Pulpito che per non allungare souerchio il tempo d.^e funzioni / le Litanie non si sarebbero cantate se non in qlla p.^a sera, fu necessario ad / istanza degli Uditori farle cantare in tutte le altre sere seguenti. Con che / rimase d.^o tuono molto applaudito in S. Luigi d. Marag.^{ne}, e di poi negli altri / luoghi, oue si è fatta la Miss.^e, udendosi di continuo risonare, nelle chiese, per le strade, e per le piazze. Terminate in qlla prima sera le Litanie, fe-/ci cantare ad onore di S. Fran.^{co} Xauerio, che prendeuo per Protettore d.^a Miss.^e, / un Pater, Aue, e Gloria, col suo uerso, ed orazione."

F. 241v.

"...Nel di dunque 17. / del sud.^o Mese di 7bre, sotto la Protezione d.^a Ver.^e S., e di S. Fran.^{co} Xauerio, / poco dopo tramontato il sole, essendo già concorsa alla nra' chiesa bastante gen-/te, acciò questa non auesse occasione de trattenersi in cicalecci, mentre staua / aspettando, che principiasse la Predica, feci cantare

una d.^e Laudi [Spti], che / costumaua nelle sue Miss.ⁿⁱ il P. Segnesi, tradotta in Portoghese. Nel mentre che cosi si cantaua ueniuanu procissionalm.^e una dopo l'altra le Compa-/gnie, [...]. Finita la Predica, e date le solite auuertenze, si cantarono come nel di pre-/cedente le Litanie a N. S.^{ra}, ed il Pater, Aue, e Gloria col versetto, ed Oraz.^e à / S. Fran.^{co} Sav.^o. Il che terminato, nel tempo in che con buon ordine, e molta/ quiete andaua uscendo di chiesa la gente, prima le Confraternite, e di poi à / poco a poco tutti gli altri, feci cantare il Salmo Laudate Pueri Dnum', inter-/rotto à ciaschedun uerso dal canto di quei medesimi uerseti, de'gli usaua / il P. Segnesi, cioè Lodato à ogni momento N. Gesù, Giuseppe, e Maria S.^a / tradotti in rime Portoghese. Questo feci con molto bun successo, per toglie-/re all'udienza ogni occasione di star ciarlano in Chiesa, come qui per altro / si costuma più che in Italia."

F. 242.

"...Dietro a questi [ao Sacerdote e aos Franciscanos] seguiuano alcuni Cantori, esse pure uestiti in abi-/to Penitente, che flebilm.^e cantauano il Salmo Miserere, interrompendolo / à ciaschedun uerso con qle parole, Miserere nri' Dni', miserere nri'. [...] Dopo le donne, che erano / moltissime, andauano altri Cantori, che senza disturbare i primi, degli per la / lontananza non si potevano udir le uoci, cantauano nel medesimo modo il Mi-/serere: [...] uiano alla rinfusa dietro à tutti, cioè dietro agli ultimi Cantori, che can-/tando come i primi, ed i secondi chiudeuano le file degli uomini."

F. 242v.

"...dopo la Predica sud.^a / d.^a dilezione fraterna, ed il canto solito d.^e Litanie [&.^a], andiedi col Santo Croci-/fisso in mano fuori d.^a Porta d.^a Chiesa, accompagnato dà due fratelli di una / Comp.^a [...] Nell'ultima sera in che si aueua à por termine alla / Miss.^e, dopo di auere exortato n.^a Predica alla preseueranza ne' buoni proposità / benedissi prima tutte le Classi di persone, indi feci cantare solennem.^e il Te / Deum Laudamus, ..."

F. 243.

"...Racomandai di più il cantare, ò recitare in ogni casa la / terza p.^e del Rosario: e questo pure si è ueduto eseguire con molto feruore / perche dopo l'Angelus Dni' d.^a sera non si ode in tutte le strade che uoci / diuote di ci stà lodando la Verg.^e S.^a . [...] Ebbe questa Miss.^e una circostanza par-/ticulare di edificaz.^e, e fu, che erigendo io in questa occasione n.^a chiesa / matrice di [q].^{ta} terra una Confraternità N. S. Rosario, in uigore d.^a fa-/coltà perciò comunicatami dal R.^{mo} P. F. Antonino Cloche, Generale che fu / di Pri. di S. Domenico, tutti con gran feruore concorssero à farsi arruolare ad / essa, e di là mi seriuono, che fino al presente questa Confraternità si và / di g.^o in g.^o aumentando; ad unandosi ogni Domenica n.^a d.^{ta} Chiesa uomini / e donne in gran numero per cantare il Rosario, e frequentandosi molto dà / Cnfratelli i Santi Sacramenti."

Rel.EmBrit, 1723

Breve notícia dos acontecimentos do Colégio do Maranhão nos anos 1722 e 1723. Padre Emmanuel de Brito. Colégio do Maranhão, 21 de junho de 1723.

Fonte: original no ARSI, Bras. 26, ff. 231-232v.

Título original: "Brevis notitia laborum, qui pro animarum salute a Patribus Collegii Maragnoniensis suscepti sunt ab anno 1722 ad 1723."

Publicações:

1. LEITE, **História**, vol. 4, pp. 395-397.

Versão utilizada: publicação em LEITE.

Observação: o Padre Emmanuel de Brito era Reitor do Colégio do Maranhão quando escreveu o documento.

P. 395.

"Mense Octobri ejusdem anni coepta est frequentari congregatio sub titulo Imaculatæ Conceptionis B. Mariæ nunc primum instituta ad pietatem, cum eorum Adolescentium, qui scholas nostras frequentant, tum præterea, virorum quorumvis Urbem incolentium, confovendam; qui omnes festis quibusque diebus in Gymnasium docendis humanioribus literis deputatum conveniunt, ibique quà laudibus B. Virginis decantandis, quà sacræ adhortationi exaudiendæ, horæ spatium insumunt; et præterea ad menstruam confessionem, et Comunione quæ ab ipsis latinitatis studiosis obiri ex scholarum nostrarum consuetudine solet, aliam Confessionem, et Comunione quot mensibus addunt ex præscripto ejusdem congregationis."

Rel.MisDur, [1749]

Fundação das missões de Formiga, de São José e de São Francisco Xavier, e seu fim injucundo. S/a. S/l, s/d [posterior a 1749].

Fonte: original no ARSI, Bras 10, doc. XLV, ff. 302-303v.

Título original: "Fondazione di tre missione nel Duro detta / la prima Formiga, la seconda S. Giuseppe, / la terza S. Francesco Saverio, e loro / disgraziato fine."

Versão utilizada: documento original, em cópia digitalizada do NHII.

Ff. 302v-303.

"In fatti, si exhibi [?] il detto Rego [?] / come fece da qual luogo le reliquie della sua popolazione/

F. 303

le quali si trovarono arrivar al numero di 1600 anime, onde fui / poi stabilita la Missione detta della Formiga. Celebró messa nel giorno seguente il P. Benedetto Soares, delle cerimonie del-/la quali molto si meravigliarono gli Indiani."

Cro.CoJes, [1750]

Crônica da Companhia de Jesus na Vice-Província do Maranhão. S/a. S/l, s/d [1750].

Fonte: original na Biblioteca Nacional de Lisboa, Mss. fundo antigo no. 4516 A fl. 341; cópia manuscrita no IEB, Coleção Yan de Almeida Prado, códice 2, incompleta, e sem indicação de autor.

Título original: "Chronica da Comp.a de Jesus da V. Província do Maranhão. Anonyma, letra do séc. XVIII."

Versão utilizada: cópia do IEB.

Observações:

1. Segundo Leite, o documento seria de 1750 ou pouco depois.
2. Apesar da semelhança com a **História da Companhia de Jesus na extinta Província do Maranhão e Pará** do Padre José de Moraes (1759), não se trata do mesmo texto.

Cap. 7: Descrição do Rio Amazonas e missões da Cia. desde a Fortaleza dos Paixis até o Rio Madeira.

F. 17: Descrição da Aldeia de São Miguel, com 4000 almas, administrada por Padres da Província do Peru. O responsável é o Padre Gaspar de [...], muito velho, e fala 8 línguas de índios.

"Tem na sua Igreja muitos instrumentos, como órgão, arpa, etc., que sabem tocar os mesmos índios."

F. 22: Aldeia de Exaltação da Cruz, 5000 almas, cujo responsável é o Padre Leonardo de N, crioulo natural do Peru.

"... tem essa aldeia mestres que ensinão a ler, e escrever, cantar e tocar instrumentos muzicos."

Rel.InEst, 1751

Relação da Missão das Bocas em Araticu, do fim do ano de 1747 até o ano de 1750. Padre Inácio Estanislau. Bocas em Araticu (Pará), 31 de agosto de 1751.

Fonte: original no IEB, coleção Alberto Lamego, cód. 43, doc. 129.

Título original: "Relação das cousas de mayor edificação, q' tem sucedido nesta Missão / das Bocas em Araticū, do fim do anno de 1747, athe o anno de 750: / por ordem do P.P.R.V.P.^{al} Joseph Lopes."

Assinatura: "Boccas em Araticu, 31 de agosto de 1751 / [...] / Ignacio Estanislao."

F. 3.

"Do anno [S.^a dito] athe o presente não huve desturvios alguns / de consideração nesta Missão. Sempre esteve em paz, e sucego. Assistem / ms. postoq não todos, a Missa nos Domingos, e dias Santos: Ao terço de / N.^a S.^{ra}, no Sabado, no qual dia se canta na Igreja devota, e [inviodum.^{te}] / [e] não no Domingo porq' depois da Missa se vão recolhendo varios as / suas roças. Muitos ouvem Missa no dia de semana, e nunca [indice] / Missa, que digo todos os dias, q' não tenha ms. ouvintes, e ouvem 2, / e 3 q.^{do} ha, que' os diga: costume q' não tenho visto em outras Al-/deyas. No Domingo de tarde pellas 4 horas mando tocar o sino, e / alguns se ajuntaõ, a que' explico a doutrina Christaõ [sic], ora os Mandame'-/tos, ora as outras oraçoens, ora como se devem confessar, o cumungar."

Rel.AnMach, [1753]

Breve narração do que tem sucedido na Missão dos Gamelas, desde o ano de 1751 até 1753. S/a [Padre Antônio Machado]. S/l, s/d.

Fonte: original na Biblioteca de Évora, DCCCLIII/25-47; cópia manuscrita na Biblioteca Nacional, sem informação sobre autor, local ou data.

Título original: "Bréve narração do que tem succedi/do na Missão dos Gamellas, d'esde o anno / de 1751, até 1753."

Publicações:

1. MORAES, **Chorographia**, vol. 5, pp. 347-361, sem indicação de autor ou fonte.

Versão utilizada: cópia manuscrita na Biblioteca Nacional.

Observações: segundo Leite (**História**, vol. 3) a autoria é do Padre Antônio Machado (1717-1760), e o manuscrito original encontra-se na Biblioteca de Évora, cód. CXV/2-14, 20.

F. 24.

"Saõ [os gamelas] muito dados / ao cantar, e dansar com o seu barbaro / modo de tal sorte, que nisto gastaõ muita parte da tarde, e noite, e aca/baõ ao amanhecer, cuja musica acabada / preparaõ os arcos, e fréchas, e vão caçar / um dia por outro."

Documento anexo à cópia manuscrita: "De tudo quanto deu a Fazenda Real para os Mis/ssionarios dos Gamellas, avaliado pelos prêços mais / subidos, que correm no Maranhão, ainda fóra do / tempo dos Navios."

"80 machados, 60 fouces, 60 ferros, 40 facões.

80 tizouras, 80 espelhos, 80 pentes, 25 papeis d'agulhas, 100 d. facas, 30 papéis de Nambipóras (???), 2 d. enchadas, 40 chapéus.

8 d. de carapuças, 4 bastões p.^a os principaes, 12 fardas p.^a os principaes, 40 d. de loiça. 80 [canad.] de aguada da serra, 12 @ ballas, 20 milheiros d'anços sorteados.

2 d. harpões, 50 d. pregos sorteados, 12 serras, 12 enchos, 21 alq. Sal, 30 rollos de paus, 600 alq. de far.^a, 8 espingardas.

4 @ polvora, 8 @ chumbo, mais 4 d. de ballas, 8 rolos de pano p.^a vestuario dos gamellas, 6 ferros de canôas, humas balanças.

Rel.AnMach, [1753]

1 caixa de chifre, 4 candeas de folha de flandres, @ sabão, 2 @ breu, 1 almofariz, 6 limas sorteadas, 10 @ de carne seca, 10 - para uma roda de ralar mandioca, 2 @ tabaco, 1 ritual, 3 livros em branco, 8 frasqueiras sorteadas, 3 estojos de barbear, 12 lancetas, 2 thesouras grandes.

2 bacias de sangrar, 4 d. potes, 6 panellas de barro, 1 chocolateira, 1 caldeirão pequeno de cobre, 1 d colheres e garfos de chumbo, 1 d facas de mesa, 8 lib. de pimenta, 1 lib. canella.

2 l cominhos, 2 l erva doce, 1 rolo de pano cazeiro para toalhas, 1 canoa de meia viagem.

1 altar portátil de parparanha, 2 @ cera branca, 64\$000 para sino, missal, thuribulo, naveta e canoa de pescar, 1 imagem de Cristo crucificado, 6 castiçais pequenos de estanho, 8 cubos de hóstias.

1 ornamentos de damasco branco, "encarnado, "chamalote verde, "draguête roxo.

1 cálix e pátena de prata, 1 alva de pano de linho arrendada, "sem rendas, 2 corporais, 2 guardas, [2 amictos] sem renda, 2 toalhas de pano de linho para o altar sem renda."

Rel.HeHoff, 1753

Relação da viagem do Padre Hennig Hoffmayer S. J. de Lisboa ao Pará, enviada à Rainha de Portugal D. Maria D'Austria. Pará, 23 de outubro de 1753.

Fonte: original no IEB, Coleção Lamego, manuscrito 1.41.

Publicações:

1. LAMEGO, Alberto. **A terra Goytaca à luz de documentos inéditos**, vol. 3. Paris: L'édition d'art Gaudio, 1925, pp. 326-350.

Versão utilizada: tradução em português anexa ao documento original, com observações, sem referência ao tradutor.

F. 2.

"Pela primeira / vez [no dia 6 de junho] celebramos a santa missa, pois até então tinha sido impossível fazelo por causa do mau cheiro, do / enjoo dos doentes e dos fortes movimentos do mar. Ao mesmo tempo principiámos uma novena / à maria Santissima à qual todos deviam assistir, com Rosario, canto da ladainha e da Salve Rainha."

F. 2v: 11 de junho.

"Quando à noite estavam todos a cantar o Hymno de s. Julio / saltaram para dentro do navio tres voadores como procurando um refugio junto de nós."

Obs. do tradutor: "traziam relíquias d'este Santo, como adeante se verá."

F. 3: 16 de junho.

"Pelas 6 horas [...] acabamos a novena.

[...]

"Quando à noite estávamos a cantar a Salve Rainha, eis / que os voadores foram outra vez attrahidos para dentro do navio pela nossa melodia"

F. 5: 11 de julho.

"Durante as ladainhas voou em volta da nau / um pássaro branco chamado 'rabo dos juncos', o que foi para nós um novo signal da / proximidade da terra."

F. 6: 15 de julho, dia de Nsa. Sra. do Carmo. Recepção no Maranhão (Rochedo de Itacolomi ou Itacurumim?).

"Ao desembarcar na praia / fomos recebidos pelo R. G. Provinical acompanhado por umas 50 pessoas do Collegio. / Leváramnos à sua formosa Egreja onde entoamos o Te Deum. Alegraram se muito ao ver / chegar um tão grande numero de missionarios como ainda nunca tinham visto. Vinham / ao nosso encontro os pequenos indios nus; grande e pequenos pediamnos a benção; / so os brancos escarneciam de nós. Logo no dia seguinte vieram nos visitar os '[Menistros]' / às quaes visitas nós pagámos; o resto do tempo foi empregado, parte em aprender o portuguez, / parte o 'tapuia' bem como em tomar informações do paiz, do qual se pode dizer / com verdade que Deus prodigalizou [àquelle] todos os dons e thesouros naturais. Só a arte / é que aqui não penetrou."

Rel.BeFon, [1757]

Maranhão conquistado a Jesus Cristo, e à Coroa de Portugal pelos religiosos da Companhia de Jesus. S/a [Padre Bento da Fonseca]. S/l, s/d [Maranhão, após 1757].

Fonte: original na Biblioteca de Évora, cód. 115 / 2-14 afl. 2; cópia manuscrita no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Título original: "Maranhão conquistado a / Jesus Christo, e à Corôa de / Portugal pelos Religiosos da / Companhia de Jesus. / Fragmentos de uma chronica por / lettra do P.^e Bento da Fonseca, es-/criptos depois de 1757."

Versão utilizada: cópia do IHGB.

F. 319.

"Cap. 11 – São restituídos os P.^{es} às suas cazas e Al/deias, e o que se obrou até o fim do anno de / 1662."

F. 320: Após a expulsão dos Padres do Maranhão.

"Com estas disposições [sic] se partio [o P. João Felipe Bettendorf, Superior do Colégio] pa-/ra o Maranhão, chegando ao Gurupi / deixou ahi ao P.^e Manoel Peres, e ao / Irmaão Balthazar de Campos, para cui-/darem da Aldeia; e seguindo viagem / chegou ao Maranhão nas vesporas / de N. Sr.^a da luz a 8 de setembro com / o intento de fazer a festa a nossa Sr.a / da Luz Padroeira do Collegio, como fez. / Sendo para admirar que desde o dia / do levantamento e expulsão dos Padres / sempre se continuou o Sacramento na / nossa Igreja, o qual renovava, c. recom/mendação dos P.^{es}, o Vigario Geral Fran-/cisco da Costa, e como também sempre / se continuou a cantar o Terço a N. S.^a, / costume inalterado que ha naquelle / Collegio, principiado pelo P. Antonio Vieira."

F. 343.

"Cap. 23 – Do Governo das Aldeias por estes an/nos, e Tropas que se fizerão principal/mente no Rio Urubu, e descripção / delles."

F. 345: Morte do Frei João da Silveira, Padre Mercedário, pelos índios no Itapicurú.

"No cume da dita Caza penduraraõ os ditos Cavalleiros [o P. Silveira e um índio língua] / muito altos, estando a Casa muito / bein ornada de pennas, flores, etc. / Nesta caça entra toda a Aldeia em / danças, flautas, e outros instru/mentos de gosto."

Not.Miss, 1757

Notícia das missões dos jesuítas no Maranhão desde 1712 até 1757.

S/a. Funchal, 20 de abril de 1757.

Fonte: original na Biblioteca de Évora, cod. 115.2.14 no. 23; cópia manuscrita no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, arq. 1.2.36.

Título original: "Notícia das missões dos jesuítas / no Maranhão desde 1712 ate 1757."

Versão utilizada: cópia manuscrita do IHGB.

F. 112v

"... a confirmei com o exemplo / de S. Nepomuceno, cuja especial devoção in/troduzi na cidade de S. Luis, fazendo-lhe / uma tragedia com o titulo 'silentium / constans' e foi a primeira que no metro tra-/gico se representou no Maranhaõ. Fis lhe / extracto em vulgar que repartido no povo / deu conhecimento do santo e se lhe fizeraõ / imagens."

Rel.JoMor, 1759

História da Companhia de Jesus na extinta Província do Maranhão e Pará. Padre José de Moraes. Colégio do Pará, 1759.

Fonte: segundo Leite (**História**, vol. 8, p. 382) o original encontra-se na Biblioteca de Évora, cód. CXV/1-27, f. 771 pp.

Título original: segundo a mesma fonte, "Historia da Companhia de Jesu da Provincia do Maranhão e Pará, que ás Reaes Cinzas da Fidelissima Rainha e Senhora Nossa D. Mariana d'Austria, offerece seo Author o P. Joze de Moraes, filho da mesma Provincia, anno de 1759."

Publicações:

1. MORAIS, José de S.J. **História da Companhia de Jesus na Província do Maranhão e Pará.** Rio de Janeiro: Editorial Alhambra, 1987.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 580-588.

Observação: nas pp. 231-232 encontra-se a carta do Padre Antônio Vieira de 22 de maio de 1653, que foi transcrita neste trabalho em um item separado (Car.AnVie.1, 1653), e não foi repetida aqui.

Versão utilizada: publicação de 1987.

"LIVRO I – DA CAPITANIA DO MARANHÃO."

"CAPÍTULO VIII – PRIMEIRO ENCONTRO DAS NOSSAS ARMAS COM OS FRANCESES."

P. 54: carta do Capitão Alexandre de Moura de 20 de outubro 1620.

"... Chegando à barra do Maranhão já tarde, me pareceu que era necessário na mesma noite desembarcarem os ditos padres com todos os seus índios, e o sargento-mor com 150 soldados e com cinco peças de artilharia, em um posto conveniente para melhor defender-se a entrada da barra, e ficarem superiores ao socorro que viesse à dita fortaleza, e os ditos padres mandaram logo recado a alguns índios principais, os quais acudiram, e os receberam com as armas nas mãos, bandeiras arvoradas, e charamelas, e outras festas a seu modo, e lhes fizeram as práticas necessárias para os reduzir a nossa devoção.

"E foi isto de muita importância, para mais depressa se entregarem os franceses, vendo-se desamparados do gentio e com todos os portos tomados, por onde lhes podia vir socorro; e em todo tempo que lá estive se ocuparam os ditos padres em dar notícia da nossa santa fé ao gentio, doutrinando-o, catequizando-o, e batizando-o; cumprindo com suas obrigações na salvação

das almas assim dos portugueses, pregando-lhes e confessando-os, como pelos povos dos índios; levantaram cruzes e igrejas, e lhes faziam suas pregações, e missas cantadas, e exercitavam-se nas obras de misericórdia, curando aos doentes com muita caridade; procedendo os ditos padres assim na armada, como na tomada da fortaleza, e na salvação das almas muito bem, não perdoando aos trabalhos, nem de dia, nem de noite, havendo muitas e perigosas doenças no gentio; e nas cousas de guerra ajudaram, quanto sua religião o permite: e merecem que Sua Majestade lhes mande agradecer o muito serviço, que nesta jornada lhe fizeram. E por me pedirem a presente lhes mandei passar na verdade, e assim o juro pelo hábito que recebi de S. Bento, de que sou professo.”

“CAPÍTULO IX – DO QUE OBRARAM OS PORTUGUESES DEPOIS DA SAÍDA DOS FRANCESES, E DO MUITO QUE TRABALHARAM OS NOSSOS PRIMEIROS MISSIONÁRIOS NA CONVERSÃO DAQUELAS ALMAS.”

P. 58.

“Foi objeto da sua [Padres Manuel Gomes e Diogo Nunes] primeira diligência diminuir o número de aldeias, pra que, juntas em menos povoações, pudessem ser melhor assistidas, e doutrinadas pelos padres, que para o mesmo fim mandaram erigir igrejas onde pudessem administrar sacramentos, celebrar sacrifícios e ensinar os dogmas da nossa fé, pelo método que para isso traziam, conforme o louvável costume das nossas aldeias do Brasil.

“Eram os operários insignes mestres no seu apostólico ministério, por isso não perdoavam a diligência alguma que pudesse conduzir ao bom regímen e instrução daquelas almas. Eram destros nas línguas dos tupinambás (com especialidade o Padre Nunes), que com as freqüentes práticas que lhes faziam, os adiantavam muito na observância da lei que professavam e pretendiam professar os que ainda não passavam de catecúmenos...

“Todos os dias de manhã e de tarde faziam ajuntar na igreja os meninos e meninas, aos quais juntos, em voz alta mandavam repetir as orações, rematando sempre com a salve-rainha e bendito, cantado pelas melhores e mais agradáveis vozes dos seus neófitos. Nos domingos se juntavam todos e antes de entrar a missa rezavam a santa doutrina, ouviam a explicação dos divinos mistérios e assistiam às missas que nos dias clássicos eram cantadas e acompanhados de muito bom e ajustado som de charamelas, para o que tinham trazido já ensinado alguns dos tupinambás no tempo em que estiveram em Pernambuco, o que tudo convidava os mesmos índios, que pela sua natural preguiça são de ordinário pouco afetos a qualquer trabalho. Nestes, e semelhantes exercícios, gastavam louvavelmente o tempo, não se descuidando de assistirem com sua costumada caridade aos enfermos, curando-os nas suas enfermidades e ajuntando aos remédios do corpo as mais importantes e eficazes medicinas da alma.”

Pp. 60-61: Transcrição da carta do Padre Superior Manuel Gomes ao padre provincial do Brasil, de 5 de outubro de 1615.

"Entrados que fomos no forte, já tomado São Luís, quis o capitão-mor que a primeira missa que se dissesse na Igreja fosse solene, como foi, cantando-se a dous coros e com charamelas. [...]

P. 61

"Nós nos ocupávamos na saúde espiritual e corporal dos enfermos, sangrando-os e dando-lhes outras mezinhas que os desejos de os ver sãos nos ensinavam, e sendo gentios diziam que tudo o que de nós tinham ouvido era verdade, e desejavam levar a cada um de nós à sua aldeia, para que os curássemos e fizéssemos cristãos. Porém satisfizemos a estes desejos com lhes levantar cruzes altas ao som de charamelas, e o Padre Diogo lhes declarava o que representavam; até que o Senhor que nelas derramou seu sangue seja servido, que eles se aproveitem dele, e a nós dê forças e graça para o servirmos."

"CAPÍTULO X – DÁ-SE NOTÍCIA DA TRASLADAÇÃO DOS OSSOS DO VENERÁVEL PADRE FRANCISCO PINTO, O QUE DEUS OBROU POR SUA INTERCESSÃO, E DO ROTEIRO QUE O SERVO DO SENHOR GUARDAVA NA REDUÇÃO DOS GENTIOS."

P. 67.

"Recolhidos os padres à povoação, era já chegado o dia do soleníssimo batismo do Principal Camarão, que foi a dominga da Quinquagésima do ano do Senhor de 1612. Ao sábado à tarde se deu princípio com muitas danças e mascaradas a seu modo, que embora bárbaro, não deixava também, sendo como era, de parecer ridículo.

"Havia flautas dispostas em harmonia de vozes, a que de quando em quando acompanhavam os tamborezinhos que serviam de compasso aos bailes e de alegre recreação aos ouvidos. Seguiam-se as vozes, que sendo de algum modo gratas, só se faziam enfadonhas pela repetição contínua das mesmas cantigas, acomodadas todas à solenidade do seguinte dia, como é costume entre eles. De noite houveram tiros e luminárias, que se gastou toda em danças, e toque de instrumentos rústicos, por serem notavelmente inclinados a estas e semelhantes folias; amanheceu o domingo, que naquele dia bem se podia chamar páscoa de flores, pelas muitas do campo com que estava alcatifado o caminho da casa do principal até a igreja."

"CAPÍTULO XI – CONTINUAM OS PADRES MANUEL GOMES E DIOGO NUNES COM O MESMO FERVOR O LOUVÁVEL EXERCÍCIO DOS SEUS MINISTÉRIOS NA ILHA DO MARANHÃO, E ÚLTIMA RESOLUÇÃO QUE TOMARAM À VISTA DOS INJUSTOS PROCEDIMENTOS DE SEUS JÁ AMBICIOSOS, E NÃO MENOS ORGULHOSOS MORADORES."

P. 73.

"Já na nossa igreja se observava o inviolável costume das doutrinas todos os domingos e dias santos, a que assistiam assim índios, como portugueses, no

fim das quais sempre se fazia alguma exortação acomodada aos bons costumes.

"Na Quaresma se continuavam com notável fruto, às sextas feiras pelos Passos da Paixão de Cristo Nosso Senhor. Na Semana Santa se exerciam as cerimônias daqueles dias com a maior perfeição que podiam, expondo-se o Santíssimo na quinta feira em uma pequena custódia de prata que os padres tinham trazido de Pernambuco, com muitas luzes de cera branca, em um vistoso trono, e guarda de soldados na igreja até o domingo da Ressurreição; o que tudo obravam os padres com especial culto acompanhado umas vezes de motetes por solfa, outras das músicas mais alegres, conforme a ocasião do dia o pediam."

"LIVRO II – PROGRESSO DA COMPANHIA NO MARANHÃO."

"CAPÍTULO III – DO MAIS QUE OBRA O PADRE LUÍS FIGUEIRA E SEUS COMPANHEIROS NO MARANHÃO NO FELIZ GOVERNO DE SEU PRIMEIRO GOVERNADOR E CAPITÃO-GENERAL FRANCISCO COELHO DE CARVALHO."

P. 144.

"Determinou [o Padre Luís Figueira, 14 anos depois de ter chegado ao Maranhão, 1636 ou 1638??] tomar à sua conta visitar as aldeias que estavam menos distantes da cidade, para que na falta de pasto da santa doutrina não experimentassem tão visível desamparo aquelas almas; e como era insigne no idioma dos índios, escreveu tão claros e breves compêndios, pelos quais lhes explicava os mistérios mais recônditos da nossa fé, que os aldeanos além de ouvir com gosto, aprendiam com facilidade, quanto por eles o caritativo padre lhes ensinava: e como ao mesmo tempo não podia acudir a todos, instruiu, qual outro Xavier, catequistas, que na sua ausência fizessem todos os dias repetir as orações e explicação da doutrina, assim aos meninos e meninas, como aos mais provectos na idade, para que fosse um mesmo ensinar e aprender de todos.

"Era notável o fruto com que o bom padre via reverdecer aquelas mirradas plantas pela ignorância e esquecimento próprio, por falta do orvalho da divina palavra, que era o mesmo que a necessidade que padeciam de operários; e querendo-lhes fosse mais suave o jugo da lei que professavam, lhes compôs em devotas canções pela sua mesma língua, com que haviam de louvar a Deus, e sua Mãe Santíssima, aos anjos e santos do Céu; e para melhor os atrair com a melodia do canto, ele mesmo tomava o trabalho de ensinar os inocentes de melhores vozes, para na sua boca aperfeiçoar os louvores divinos com maior fruto."

"CAPÍTULO IX – CHEGAM AO MARANHÃO COM FELIZ VIAGEM OS NOVE RELIGIOSOS MANDADOS PELO JÁ NOMEADO SUPERIOR DE TODA A MISSÃO O PADRE ANTÔNIO VIEIRA."

P. 192: No final de 1652, o Padre Manuel de Lima traz consigo os corpos de dois santos mártires, S. Bonifácio e Santo Alexandre.

"Eram estes os veneráveis corpos de S. Bonifácio e Santo Alexandre, que os nossos missionários queriam tirar no navio com a maior pompa e aparatoso triunfo. Depois de preparada a Igreja o melhor que as penúrias daquele tempo permitiam, convidados primeiros os religiosos e eclesiásticos, foram conduzidas aos 2 de dezembro em solene procissão as preciosas relíquias dos santos mártires, e colocadas no altar-mor da nossa igreja de ambos os lados do sacrário, beneficiando-se de tarde às vésperas da festa do glorioso Apóstolo do Oriente S. Francisco Xavier, e no dia seguinte, missa cantada com sermão, em que pregou com não menos espírito que retórica o Padre Souto-Maior, unindo as glórias da colocação dos sagrados ossos na América com as do Santo Apóstolo no Oriente.

"Estes dous tesouros que deu o Santíssimo Padre Urbano VIII ao Padre Manuel de Lima foram aplicados, o de S. Bonifácio ao colégio do Maranhão, e o de Santo Alexandre ao colégio do Pará, de onde este se tomou o nome, que além de terem especial culto nos dous altares em que foram religiosamente colocados, se faz deles particular comemoração nas ladainhas de cada dia, por costume antigo da vice-província."

"CAPÍTULO X – FELIZ VIAGEM PARA A MISSÃO DO MARANHÃO DO GRANDE PADRE ANTÔNIO VIEIRA, GRANDE EMBARAÇO QUE TEVE ANTES DA SUA PARTIDA, PODERES E MERCÊS COM QUE O DESPEDIU O PIÍSSIMO E SEMPRE AUGUSTO REI O SR. D. JOÃO IV."

Pp. 200–201.

"Por tradição sabíamos, que o costume de se rezar o terço da Virgem Senhora nas nossas naus portuguesas fora introduzido pelo Padre Vieira, mas muitas vezes que andou embarcado, e porque as vivas e eficazes razões com que movia os homens do mar lhes ficaram impressas no coração, de umas para outras naus

P. 201.

se foi comunicado esta suavíssima pensão; porque uns aos outros sabiam promover a devoção e cordial afeto à Mãe de Deus.

"Passou esta tradição à evidência, quando o vi firmado pela sincera e nada afetada pena do mesmo padre, de que resultará maior crédito a esta nossa asserção.

"No Maranhão, nas ilhas Terceira, S. Miguel e graciosa, e em todos os navios em que naveguei introduzi o rezar-se o terço do rosário publicamente a coros, donde se tem pegado esta devoção a quase todos os navios mercantes e das armadas, por indústrias daqueles mesmos marinheiros que comigo assistiram."

[...]

"Já dissemos em como a 26 de dezembro desferiu velas do porto de Cabo Verde para o do Maranhão a caravela em que iam os nossos padres, que, como até então tinham obrado, continuaram os exercícios de sua cidade até o Maranhão, sendo as razões dos passageiros mais necessitados as primeiras

que repartiam na sua pobre mas asseada mesa. Pregava o Padre Vieira todos os domingos e dias santos, dizia algumas missas, a que muitas vezes se ajuntava grande número de confissões e comunhões. A doutrina corria por conta do Padre Manuel de Lima. A freqüência da oração, que sempre precedia a lição espiritual da vida dos santos, era abraçada de muitos e louvada de todos, e todos os dias se cantava o terço, que se concluía com a ladainha, salve e bendito da Senhora. Aos mais provectos na virtude não explicava e dava o mais acomodado método de orar, não faltando também ao exame da consciência, em que muitos acompanhavam os padres ao som da campainha, de tal sorte que a errante embarcação parecia colégio de religiosos e comunidade de reformados, com tantos e tão santos exercícios.”

Pp. 202-203: transcrição de carta do Padre Vieira ao Padre Provincial do Brasil, de 22 de maio de 1653.

“... Demos graças a Nosso Senhor por nos livrar daquele perigo, e lhe pedimos livrasse também aos companheiros: começando logo a cumprir a promessa que à Virgem Senhora fizemos, de toda a caravela rezar o terço do seu rosário enquanto a viagem durasse, como se fez, e aos domingos e dias santa em voz alta a coros. [...]”

P. 203.

“Vinham outros religiosos na caravela, mas as cousas espirituais correram todas por nossa conta. Nós cantamos sempre a ladainha da tarde. Eu preguei aos domingos do Advento, e todas as festas principais; o Padre Manuel de Lima fez as doutrinas todos os dias que no tempo e seus achaques davam lugar, e teve por sua conta o rancho da proa, fazendo práticas familiares e repartindo livros espirituais;...”

“LIVRO V – DE OUTRAS AÇÕES DOS NOSSOS MISSIONÁRIOS NO ESTADO DO MARANHÃO, E DAS DO GRANDE PADRE ANTÔNIO VIEIRA ATÉ SUA PARTIDA PARA O PARÁ.”

“CAPÍTULO I – CHEGAM À CAPITAL DO MARANHÃO MAIS OBREIROS DA COMPANHIA DA PROVÍNCIA DO BRASIL, E DO QUE O PADRE VIEIRA OBROU EM SERVIÇO DE DEUS E BEM DAS ALMAS.”

Pp. 265-266: atuação do Padre Vieira no Maranhão em 1653.

“Estabelecida em melhor forma a classe e escola, cuidou da assistência dos enfermos e vigilância com os moribundos, não se esquecendo do desamparo dos miseráveis presos; tudo pelas regras, e conforme a direção e fim do nosso louvável instituto; e para que tudo se executasse com os auxílios divinos, recomendava a todos a reza ou canto do santíssimo rosário da Mãe de Deus, e que

P. 266

todos, assim portugueses, como índios assistissem às doutrinas estabelecidas na nossa e na igreja matriz. Já os sermões e costumada energia do Padre Vieira iam colhendo no confessionário, o que primeiro semeara do púlpito, porque embora não faltassem pedras e espinhos, em que muitas vezes caía, e bem ao caso a semente, para abrandar as primeiras, bastava a graça, para

demonstrar as segundas não faltava a indústria, enquanto se não topava com a boa terra, que essa sem muito trabalho prometia logo e oferecia o fruto pelo trabalho. Já a frequência dos sacramentos era ordinária, a reforma dos costumes a mais exemplar, a restituição da liberdade dos índios a mais seguida, e a mais praticada, não sendo necessárias as extorsões da violência, quando para a execução sobejavam os meios da suavidade e brandura.”

“CAPÍTULO II – DO QUE OBRARAM OS PADRES ANTÔNIO RIBEIRO E TOMÉ RIBEIRO, NA VISITA DAS ALDEIAS DA ILHA DO MARANHÃO.”

P. 276: Carta do Padre Vieira do Maranhão de 1654.

“Sucedeu aqui aos missionários com os índios o que ao sacerdote Eli com Ana, mãe de Samuel, que o que julgaram vinho, eram orações da doutrina. E posto que esta vez se estimou este caso pela novidade, de então para cá é cousa tão ordinária nas aldeias, que todos que vamos a elas experimentamos esta piedade e curiosidade nos índios, porque depois de lhes ensinarmos a doutrina, razão em comunidade, como se faz todas as manhãs e tardes na igreja, e recolhendo-se a suas casas, os ouvimos outra vez rezar e repetir o que primeiro lhes ensinamos. Não crera isto destes homens, quem primeiro os conhecera, mas tanto pode a graça sobre a natureza! Nem nós lhes tiramos os dias de festa, nem proibimos o seu cantar e bailar, nem ainda o beber e alegrar-se, contanto que seja com a moderação devida, por lhes não fazermos a lei de Cristo mais pesada e triste, quando o seu jugo é suave e leve”

“CAPÍTULO VI – DO MAIS QUE SE OBROU NA CAPITANIA DO PARÁ DEPOIS DE CHEGADOS OS DOUS PADRES MANUEL DE SOUSA E MATEUS DELGADO.”

Pp. 300-301.

“... Instituíram [os padres Manuel de Sousa e Mateus Delgado, que chegaram na capitania do Pará em 53] em primeiro lugar e puseram em praxe a convocação das doutrinas gerais todos os dias na nossa igreja e nos domingos em outras mais da cidade, conforme o santo costume do padre superior da missão Antônio Vieira, com grande fruto e aproveitamento da ilha de S. Luís do Maranhão.

“A estas doutrinas assistiam todos os índios da cidade, que seus senhores podiam escusar do serviço, revezados ora uns, ora outros; por estarem já os ânimos dos moradores bastantemente dispostos com os sermões da Quaresma e semana próxima. Acabadas as orações, que todos repetiam em voz alta, entravam os dous padres, que eram peritos na língua, a explicar os mistérios e a instrui-los no que haviam de crer e obrar, e como se fossem decuriões da classe, umas vezes a uns, outras e outros, iam perguntando, ensinando e apontando onde viam que erravam. Neste santo exercício gastavam com visível aproveitamento

P. 301

a maior parte dos dias e grande parte das noites, não faltando ao mesmo tempo em acudir aos índios moribundos e em extrema necessidade com os

sacramentos do batismo e confissão.”

P. 302: carta do Padre Mateus Delgado de 20 de fevereiro de 1654.

"Pelo que, procurando nós acudir a este extremo desamparo, depois de batizarmos inocentes, e prevenirmos com os sacramentos aos que estavam em perigo de morte, começamos logo a levantar cruzes, fazendo-as e ensinando-as a fazer aos índios por nossas mãos, e da mesma maneira tratamos de levantar igrejas, que fizemos de cobertura de palma, quanto o permitia a brevidade do tempo, as quais se vão já hoje melhorando, para nelas se poder celebrar com decência o santo sacrifício da missa e haver lugar em que se ajuntassem os índios, como fizemos em todas as ditas aldeias, ensinando-lhes as orações do catecismo, em sua própria língua, e instruindo-os nos mistérios de nossa santa fé, de maneira que os entendessem e fizessem conceito deles.”

“LIVRO VI – DA ENTRADA DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA NA CAPITANIA DO PARÁ, DO DESCOBRIMENTO ESPIRITUAL DO RIO DAS AMAZONAS, E DAS ALDEIAS QUE NELE FUNDARAM OS RELIGIOSOS DA COMPANHIA DE JESUS.”

“CAPÍTULO I – ENTRA O PADRE ANTÔNIO VIEIRA NA CIDADE DO PARÁ A DAR PRINCÍPIO A ESTA ESPIRITUAL CONQUISTA.”

P. 308.

“Além dos sermões dos domingos e dias santos, instituiu [o Padre Vieira] os dos sábados sobre a devoção da Virgem Senhora, cujo terço a coros persuadiu a todos com admirável consolação dos muitos que quotidianamente assistiam a tão louvável costume que ainda hoje se conserva, posto que só entre os estudantes das nossas classes e meninos da escola, cantando-se sempre no fim o bendito e louvado da Conceição, pelo tom que ainda conserva com o nome do seu autor. Instituiu demais as doutrinas gerais e públicas, saindo em procissão, cantando a ladainha com belas vozes e ensinando as orações e mistérios em uma e outra língua. Na língua brasílica se fazia todos os dias indispensavelmente na nossa igreja aos índios e escravos que assistiam na cidade, sendo ele e o Padre Souto-Maior, os que sem grande interpelação de uns a outros se empregavam em tantos e tão santos exercícios, por quererem assim desempenhar a obrigação que lhe coubera pela primeira distribuição, parecendo incrível que dous sujeitos pudessem sós e sem ajudantes acudir às obrigações do púlpito, do confessionário, da cadeira, das doutrinas, dos moribundos, dos presos, e às da urbanidade e política, também levavam tempo quando as visitas não eram de médico.”

“CAPÍTULO II – INTENTA O PADRE ANTÔNIO VIEIRA ENTRAR PELO RIO DO AMAZONAS, MAS NÃO O CONSEGUE; OFERECEM-LHE A ENTRADA DO RIO TOCANTINS, QUE ACEITA. – DÁ-SE NOTÍCIA DO DITO RIO, E DO QUE RESULTOU NESTA VIAGEM.”

P. 321: Carta do Padre Vieira ao Padre Provincial Francisco Gonçalves,

provavelmente de 1654.

"No dia seguinte (14 de dezembro) partimos de Mortigura com a maré da tarde os Padres Antônio Ribeiro, Francisco Veloso, Manuel de Sousa e eu, cada um em sua canoa, e começamos a navegar por um mar de água doce. Derrotou-nos a escuridão da noite, e o Padre Antônio Ribeiro e eu a passamos amarrados às árvores de uma ilha, que nos serviram de âncoras e amarras, que estas embarcações não trazem outras. Chamamos os companheiros, mas nem eles ouviram as nossas, nem nós as suas buzinas."

"CAPÍTULO VIII – CONTINUA A DESCRIÇÃO DO RIO AMAZONAS, E MISSÕES DA COMPANHIA, DESDE O RIO TAPAJÓS ATÉ RIO DA MADEIRA."

Pp. 363-364.

"Subindo o rio [Itenês ou Guaporé] acima, em distância de trinta léguas, se encontra da parte oriental ou esquerdo do rio a missão ou aldeia de S. Miguel, que se diz tem

P. 364.

para cima de quatro mil almas. É governada pelos padres da Companhia da Província do Peru, e atualmente é missionário dela o Padre Gaspar de N.... já muito velho, o qual fala oito línguas diferentes de índios, e tem reduzido muitos à nossa santa fé. Fabricam estes índios panos de algodão e açúcar. Têm na sua igreja muitos instrumentos, como órgão, harpa, etc., que sabem tocar os mesmos índios. Subindo o mesmo rio Guaporé acima, em distância de seis léguas, se encontra à mão direita a boca do rio Madalena. Entrando por este rio Madalena acima, em distância de cinco léguas, têm os padres da Companhia do Peru uma aldeia de quinhentas almas da invocação de Santa Maria Madalena, que deu o nome ao rio, o qual desce do sul para o norte, e o missionário atual desta aldeia é o Padre José Ritevambe, italiano."

P. 365

"... Subindo pela boca do Guaporé pelo rio Mamoré acima quinze léguas se vai dar em uma grande aldeia de índios dos padres da Companhia, castelhanos da evocação da Exaltação da Cruz, que se diz tem mais de cinco mil almas; cujo missionário atual se chama o Padre Leonardo de N..., crioulo, natural do Peru.

"Tem esta aldeia engenho de açúcar, de que se sustenta, e muitos oficiais de ferreiro, entalhadores, carpinteiros e dos mais ofícios; assim como mestres que ensinam a ler e a escrever, cantar, e tocar instrumentos músicos. Mais acima desta aldeia da Exaltação está outra sobre o rio Mamoré, da invocação de S. Pedro, e é maior número de almas que a da Exaltação, por ser a mais antiga destas missões, e se diz ter mais de oito mil almas. Tem o mesmo governo, e ofícios, que a da Exaltação, e nela assistem comumente muitos padres da Companhia, que servem de ajudar aos missionários das mais aldeias."

Rel.AnSou, 1759

Missão dos Padres Antônio de Souza e José Machado nas vilas de Iguape e Cananéia no ano de 1759. Padre Antônio de Souza. Colégio de Paranaguá, 25 de maio de 1759.

Fonte: original no ARSI, Bras 10 II, doc. LXXIV, ff. 463-467v.

Título original: "Lettera / della Missione, che fécerò li Padri An-/tonio di Souza, e Giuseppe Machado né / Villagi di Ygoape, e Cananéa l'anno 17-/59: al Rd. Pre. Prouinciale Manoello /di Siqueyra."

Assinatura: "Collegio di Parnaguá 25 di Maggio 1759. / [...] / Antonio di Sousa."

Observação: o documento é parte de uma série de relatos sobre missões.

F. 464v.

"Contro la volontà, ed intenzio-/ne dé Missionari quindeci giorni ne duró la loro Missio-/ne in questo Villagio di Ygoápe; [...] Col esercizio di queste funzioni Parrocchiali nulla / tralasciarano delle proprie de Missionari, como sono prediche Corona [terço do Rosario] cantata si nella chiesa, come per le strade / del Villagio, Confessioni, Messe [St.^a]: attendendo sempre / con particolaritá alle proprie de Religiosi; ..."

F. 467.

"... Continuarono alla / fine il loro viaggio verso il Villagio di Parnaguá; / e nel giorno immediato á quello della partenza del / Villagio di Cananéa pranzarono peristrada in un / luogo apertinente al Collegio di Parnaguá: quivi / di notte tempo, finita la Corona, che é solito can-/tarsi in tutti Sabbati alla Madonna, si fece la / Dottrina á Gióvani, ed esortazione a tutti, tanto s-/chiavi, come Indiani, che in quella piccola tenuta / possiede, ed aministra il Collegio."

Rel.ExpJes, [176-]

Breve relato da expulsão dos jesuítas do Brasil, extraído de uma carta do Provincial. S/a. S/l, s/d. [Rio de Janeiro, anterior a 1773. 176?].

Fonte: original no ARSI, Hist Soc 229 (*Varia scripta de S.I ante 1773*), ff. 60-61v.

Título do documento: segundo o índice do códice, "Breuis relatio de expulsione Jesuitarum e Brasilia e litteris P. Provincialis."

Ff. 60-60v.

"Brieue ragguaglio di quanto è accaduto a P.P. d..^a Prou.^a / del Brasile, nel loro discacciamento da regni d'Portogallo, / estratto d'una lettera di quel P. Prouinciale./

"Doppo un lungo blocco di presso a 5 mesi, doppo una ge-/nerale inuasione di tutti i beni del colleggio, ed un totale / spoglio d'ogni pouero auere di ciascheduno in particolare / doppo un saccheggio dato alla chiesa non senza irri-/uerenti maniere, di tutti gli argenti, e d'ogni supelletti-/le, doppo intimato il regio interdetto con cui ci ueniua / proibito l'aprir più le porte d.^a chiesa, ed il sono delle / campane così uigorosamente, che non c'era neppur / permesso dare il segno usato tra cattolici al portarsi / del S.^{mo} Viatico dentro la med.^{ma} clausura del Collegio / a nr'i moribondi, com'è accaduto ben tre uolte, con eguale / nr'o rammarico, che scandalo del popolo. Doppo il discaccia-/mento ueramente barbaro dal nr'o collegio de serui domes-/tici grauemente ammalati, anzi moribondi, talchè alcuni / difatto morirono nell'attuale loro trasporto; Doppo rotta / ogni clausura dell'atrio domestico continuamente aperto / all'andare e uenire de soldati. Che più doppo mille strapassi in-/giurie, e grauissime calunnie ruceuate non meno dal / Gouvernatore che dal uescouo, dal Rio de Janeiro / ambi uniti a nr'o danno sotto la guardia de soldati. Siamo / stati finalmente condotti alla naue del Re, e / chiusi nella profundasentina d.^a med.^{ma}. Fra tali an-/gustie e strettezze di sito, che in niun conto c'era possibile / il coricarci, o il sedere, anzi neppure lo stare diritti in piedi / senza scambieuole intollerabile appressione, talche non più / reggendo a questa, ne al giusto timore di sicura morte, che / da tanta angustia e soffocamento pareua ineuitabile 25 stati / sin allora constanti ad ogni altro Martirio abbandonarono / la Religione preualendosi dell'esibizione fatta a tutti dal /

F. 60v

Riformatore. Adunque il giorno 16 de Março rinseruati / nella sudetta angustissima sentina guardata nella sua / uscit da soldati colla nuda spada alla mano, dammo iprincipio alla troppo molesta nr'a nauigazione ..."

F. 61v.

"... [Tutti né] / qsti dieci [5 professos e 5 nao professos que abandonaram a Companhia], e 17 altri grauemente ammalati, che furono sciolti / e mandati nella casa dell'inferneria, o per dir meglio nella / prigione diro così restammo 265, ed a 28 di giugno sul fare / della notte cantando Inni di lodi a Dio abandonammo il / [Tago], ed entrammo nell'Oceano."

Mem.AnsEck, [176-]

Memórias de um jesuíta prisioneiro de Pombal. Padre Anselmo Eckart. S/l, s/d [posterior a 1759].

Fonte: original não localizado. Segundo o prefácio da publicação moderna, o texto foi publicado pela primeira vez entre 1775 e 1789 nos tomos 7, 8 e 9 do **Journal zur Kunstgeschichte und zur allgemeinen Litteratur**, do Padre Christoph Gottlieb von Murr, sob o título **R.P.A.E (R. P. Anselmi Eckart) Historia Persecutionis Societatis Jesu in Lusitania**.

Publicação: ECKART, Anselmo. **Memórias de um jesuíta prisioneiro de Pombal.** São Paulo: Ed. Loyola, s.d.

P. 36: 1758. Acusações contra o Padre Eckart.

"Quanto a isto, tenho a dizer que estive presente, que vi tudo com os meus próprios olhos, que nesta comédia, ou antes, tragédia, eu desempenhei um papel principal. Na manhã de 20 de Dezembro de 1755, estando eu a celebrar missa com os meninos e meninas da catequese, chegou de súbito Mendonça Furtado [...] e uma centena de soldados, com a intenção de proclamar que a aldeia de Trocano ia ser condecorada com o título de vila."

P. 40: 1758. Continuação da viagem pra Sanfins. Chegada a Leiria, cidade da Estremadura lusitana, descrição da *Procissão dos Passos* no segundo domingo da Quaresma, 19 de fevereiro.

"A frente desta piedosa procissão ia um etíope tocando trombeta. É um ofício muito bem remunerado, 4.000 reis ou 10 florins, pois entre os portugueses não há quem o queira exercer, por o povo estar falsamente convencido, de que, se o condutor desta procissão morrer no mesmo ano, não se poderá salvar por ter anunciado com um trombeta fúnebre a morte do nosso Salvador."

P. 72: 1759.

"No mesmo dia 12 de Março, foram presos três Jesuítas do Colégio do Porto, um dos quais o Padre Francisco de Toledo, atrás mencionado, que tinha sido expulso dois anos antes do Maranhão por ordem de Sebastião José de Carvalho. Cantara ele, nessa madrugada, a Missa solene de S. Francisco Xavier, por ser o último dia da Novena da graça, para na tarde do mesmo dia ir dar com os ossos na cadeia."

Pp. 238-239: Descrição do Palácio de Munique e sua Capela.

"A igreja da nossa Companhia é suficiente, só por si, para imortalizar o Duque Guilherme, seu fundador que nela jaz sepultado no meio da capela-mor, apneas com esta inscrição escolhida por ele mesmo: *Domine, dum veneris iudicare, noli me condemnare*. Todo o serviço religioso daquele templo está a cargo dos Nossos. Ouvem as confissões como antes, e pregam ao povo nos domingos e dias santos. Eu mesmo assisti a dois sermões. As seis principais festas dos nossos Santos são solenizadas com Missa cantada e o seu panegírico."

His.ProvMar, 1770

História da Companhia de Jesus na Vice-Província do Maranhão do ano 1607 a 1700. S/a [Padre Matias Rodrigues]. Roma, 18 de agosto de 1770.

Fonte: original no IEB, coleção Yan de Almeida Prado, código 42, com numeração de páginas e anotações nas margens.

Título original: "Historia / Proprouinciae Maranionensis / Societatis IESU. Pars Prima / Ortus, et res gestas / Ab Anno 1607. ad 1700. / Complectens."
Prefácio: "Ex domo Professa Romana Decimo quinto Kalend. Septembris 1770."

Observações: segundo Serafim Leite, o autor é o Padre Matias Rodrigues.

Livro primeiro: Expedição dos Padres Francisco Pinto e Luís Figueira. Morte do Padre Francisco Pinto em Ibiapaba.

P. 1.

"Partis primae, liber primus / primam expeditionem ad maranionem, / eiusque Regionis notitien complectens."

P. 35.

"... Interea omens uino pleni / et bene pas[s]i circa cum omnino nihil, si sorbi-/tiunculas excipias delibantem barbaros agitant / choreas."

P. 37: descrição dos índios.

"... [75. Quantum Mu-/sica delectentur] Musicis instrumentis, licet barbaris, ita / delectantur, ut P. Emmanuel de Nobrega Brasi-/lorum Apostolus, dicere non dubitauerit, se musi-/cis instrumentis, si darentur, tanquam alium or-/pheum, omnes Americae feras, truncos, ac Saxa (In-/dos intellige) ad Christum tracturum."

Pp. 65-66: Padres Luís Figueira e Antonio Pinto em Ibiapaba.

"[116. Miro plausu de-/ducuntur, exci-/piunturque in / alium pagum] Leucam unam ante pagum obuam se dedit uxor Dia-/boli Leuis cum aliquot Indis nouum commeatum / à Principe missum afferentibus. Insequenti die di-/midiam à pago leucam honoris causa egressus / est Princeps ipse, aliis multis inferioris subselii / Principibus, quam plurimisq utriusq sexus clien-/tibus stipatus. Patres benigno uultu, et amplexu / accepit: Dein eos reti impositos, et ab Indis protali / officio decertantibus portatos ipse Princeps cum aliis / pedes, buccinis interea, tibiis, crepitaculisq more / suo horrendum prestrepentibus, in pagum deduxit / tantam omnium laetitia, ut mentis impotes uide-/rentur. Pater Figueira admiratione defixus obstu-/puit

P. 66

puit, et P. Pintus, talibus licet assuetus, simile / tamen nunquam hausisse oculis palam affirma-/uit. In aditu pagi accesserunt tympanorum, alis-/rumq instrumentorum musicorum strepitus, / et barbara Indorum Carmina. Hos inter plausus ex-/ceptio sunt in tugurium ad id multò anteparatur. / Carmina, instrumentorum strepitus, et saltatio-/nes totos tres dies, ac noctes, Indis alternantibus, / tenuerunt."

P. 70: Ainda em Ibiapaba.

"... [121. Supplicationem in-/stiuerunt: qua / pompa, et admira-/tione Indorum!] Die B. Virgini in Caelos As-/sumptae instituere Patres solemnem supplicatio-/nem, qua innocentes pueri choreas agitans in-/noxias, aliaq id genus uisebantur."

P. 72: Funeral de Padre Antonio Pinto pelos índios.

"... Post aliquot dies In-/dus iste in phthisim incidit, Paenitentieq, et Eu-/charistiae Sacramentis bis susceptis, die in obiit / incredibili dolore Patrum Cadauer maxima, qua / potuit, pompa elatum est. Praeibant Indi om-/nes cereis accensis instructi, portabant aliqui / feretrum ad id paratum, supplicationem coge-/bant Patres linteati, et funebria carmina de-/cantantes."

Livro segundo: Expedição ao Maranhão para a expulsão dos franceses. Atuação dos Padres Diogo Nunes e Manuel Gomes. Morte do Padre Nunes e retorno do Padre Gomes à Europa.

P. 113: Celebração da beatificação do padre Inácio de Loyola em 1610.

"... [4. Qua pompa, gau-/dioq celebrent fi-/lijs Beatum Patrem!] Templae festiuis ornamentis uestita, Car-/mina ad musicos modos edita, Oratores prima-/rij, è superiori Loco, Ignatium, quantum po-/terant, celebrarunt. [...]: Musae in Lycaeis plau-/dentes: theatra insignia Beati facinora eden-/tia: parietes ipsi ingeniosis Carminibus appen-/sis uocales redditi, amicaeq rates inimicis nos-/tris placido aequotes concurrentes."

P. 125: Viagem dos Padres Manuel Gomes e Diogo Nunes ao Maranhão, após a conquista. Partiram a 5 de outubro de 1615.

"... Sub noctem Lauretanae Virginis / preces ipsi[s] praeaeuntes, Indis, aliisq omnibus res-/pondentibus, decantabant; Dein uariis aliis de / nauigantium more precationibus Caelestem im-/plorabant opem."

P. 136: Atuação dos Padres Gomes e Nunes juntos aos índios do Maranhão em 1617.

"... [35. Per Insulam ex-/currunt, Indosq / excolunt uariis / modis] Iudebant arbores in terram dejicere, / earumq truncos in Cruces effingere: tum eas con-/cinentibus iterum tubis, Carminaq fundentibus / Neophytis Cantoribus ad id instructis, per Syluescen-/tem illum tractum erigebant. [36. Cruces erigunt] Praeterea Salutaria / Crucis Sanctae mysteria explicabant per otium / subitaria

templa uero Deo, [37. Templa constru-/unt] regionibus illis uerè igno-/to, construebant, Barbaris ipsis operam conferenti-/bus: at uerò, ut hi Laborem non recusarent, non / dedignabantur Patres exemplo praeire, materiem / caedendo, humerisq asportando. Diebus omnibus / Deo [colendo] unicè dicatis, celeberrimi P. Emma-/nuelis de Nobrega, primarii Brasiliae Apostoli, mo-/rem secuti, [38. Musica instru-/menta, cantumq / rebus diuinis ad-/hibent: quanto / cum fructu!] rem diuinam cantabant ad organi so-/nitum, cantantibus quoq, atq pulsantibus etiam / instrumenta Neophytis. Industriis hisce inescati / mirum quot ethnici ad templas confluebant uisuri, / audituriq rem nunquam antea uisam, nec audi-/tam. Videbatur hic ad ueritatem conuersa menda-/cium Poetarum fabula, quam de Orpheo [ui] Citha-/rae, Carminisq dulcedine Syluas, montesq, lapides, / ac

P. 137

ac truncos ad se trahente comminiscuntur.”

Pp. 138-139: Ritual cotidiano nas Igrejas.

“[40. Tria prodigia tra-/ditae Fidei con-/firmandae oppor-/tuna] Interea non pauca ad Fidem, quam praedicabant, con-/firmandam operatus est Deus, quorum tria / hic Literis consignabo. Ad tubarum sonitum, / diuinamq Carmina quodam in pago Crux sexaginta / pedes

P. 139

pedes alta (tam procerae illic gignuntur arbores) de more erigebatur.”

Pp. 159-160: Tradução da declaração de Alexandre de Moura para o latim.

“[75. Testimonium / Alexandri de Mou-/ra de expeditione / Maranionensi]

P. 160

“... Extemplo Laudati patris per legatos / adseriuerunt aliquot Indorum Principes, quos accur-/rentes exceperunt, armis mano militum ad pectus / erectis, explicatis uexilis, tubarum cantu, aliisq / Laetitiae indiciis inter Indos fieri solitis, atq sermo-/nibus opportunis ipsos eò adduxerunt, ut ad / Lusita-

P. 161

Lusitanas partes transirent. [...] Per totum illud temporis, quod Mara-/nionense commoratus sum, desudarunt Patres in / Sancta Fide nostra gentibus inculcanda, Cate-/chesim tradendo, conciones habendo, confessiones / excipiendo, Cruces, Ecclesiasq per Indorum pagos / erigendo, remq diuinam ad organi tubarumq son-/nitum decantando. Ea musicam instrumenta secum / è Brasilia tulerunt, ut in culto diuino non cederunt / Gallis, inter quos aliquot haeresis Labes infecti nu-/merabantur.”

Livro terceiro: Estabelecimento dos jesuítas no Maranhão. Expedição ao Pará e Amazonas. Naufrágio e morte do Padre Luís Figueira.

Pp. 187-188.

“[Annus Christi / 1625. / 15. / Templum Mara-/nionense Sole-/mni pompa, plau-/suq dicatur] ... Templum in ur-/be, quo in extruendo communi ferè opera hacte-/nus insudatum, absolutum est. Id, cum unicum / esset in urbe ex caemento calce durato compactum, / Sanc-

P. 188

Sanctissimo Christi Corpori asseruando, utpote de-/centius, ac tutius, electum, solemniq pompa di-/catum [im]perio. Antemeridianis horis post rem / diuinam ad concentum musicum factam, atq / orationem à quodam è nostris eleganter habitam, / solemniissima instructa fuit supplicatio urbis pla-/teas percursura. [...] Haec inanè: pomeridianis uerò horis, con-/fluente iterum, atq inspectante uniuersa Ma-/ranione, datus est in scenam peruenustus dialo-/gus, quo pristina sub Barbaris, et recens sub Chris-/tianis riti-

P. 189

ritibus Maranionis facies adeò graphicâ et metri / et actorum proprietate repraesentata est, ut modò / gaudium, modo luctus spectatoribus incusserit."

Pp. 206-207.

"Post tres circiter nauigationis dies ad oppidum Camù-/tam 20. Leucas à Para disjunctum appulit: eum-/dem appulsum magnis Laetitiae significationibus ex-/cepit Praefecturae dominus, Laudatus Felicianus de / Carualio in domos ad id multò anteparatas, de omni-/busq ad commeatum pertinentibus illi, socio, ac re-/migibus Indis abunde prouidit. Ibi de gaudente Vir-/gine ad Indos Coelij Clientes dixit Figueira magno / cum plausu, ac fructu: post festum eodem Coelio / honoris gratia stipatus quinq, sexue pagos ad oram / aduer-

P. 207

aduersi cujusdam Fluminis Tocantins per Leucas / quindecim adjacentes inuisit. [36. Indorum pagos / inuisit] In omnibus his pa-/gis ad Figueiram confluebant Indi, munusculis su-/is cumulabant, laetisq tripudiis, cantibus, et Car-/minibus è re nata pactis more suo celebrant."

Livro quarto: Restauração da Companhia no Maranhão por obra do Padre Antonio Vieira. Elogio ao Padre Vieira.

P. 372: Viagem de Vieira ao Maranhão, práticas no navio.

"[91. B. Virginis bene-/ficio à tribus pi-/raticis nauibus / Liberaritur] ... Cùm nulla / euadendi spes esset, uotum B. Virgini pro obti-/nenda liberatione nuncupant. Vouent tertiam / Rosarij partem per Reliquum nauigationis pri-/uatim recitare quotidie, diebus uero Domini-/cis grato utrinque Carmine decurrere, si in-/festas naues euadant. Extemplo incipiunt liberare fidem. Extemplo ad fuit Mariae nu-/men."

Pp. 415-416: Atuação de Vieira no Maranhão.

"... Subsequeban-/tur Scholastici, qui jam tum Societatis Scholas / frequentabant, Lauretanae Virginis preces grato / Carmine fundentas. Pium cogeabat agmen Vieyra / arun-/

P. 416

arundine, quo deuios, errantesque dirigeret, instruc-/tus."

Pp. 417-419.

"[148. Pium morem ter-/tiae Rosarij partes / in nostro templo / quotidie psallendae / instruit.] Neque hic steterunt tanti Viri industriae. Die Annūtia-/tae Virgini Consecrato, quo Caelum afflictissimis mor-/talium rebus arridere caepit, orationem habuit / Vieyra ad Confertissimam populi multitudinem. / Ad orationis calcem denuntiauit omnibus ex ea / die[s] initium dari Sanctissimo Rosario psallendo in / Societatis templo. Eo frequentes concurrerent, / et

P. 418

et tantae Virgini, ex qua salus incipit, ac pendet, / grati, obstricti que esse curarent. Persuasit: nam / postero die ad occasum uergente Praefectus Urbis, / Auditor generalis, maior regiarum fortunarum / Prouisor, maximus aciei Structor, Episcopi Vica-/rius, et praeter alia praecipua Urbis capita, tanta / populi uis confluit, ut templum omnibus ca-/piendis par non esset. Tum multis facibus cir-/cum imaginem B. Virginis à Luce, quae templo / praesidet, ardentibus, duo iuuenes musica arte, / gratiorique uoce praediti, marianas preces de mo-/re praecinere caeperunt, et reliqua turba gra-/to inuicem concentu prosecuta est. Vieyra in-/ter duos iuuenes linteatus existens Mysteria / ex pio libello recolebat, et Carmen apposita pre-/catione claudebat. Hinc Marianum ejusmodi / obsequium in dies propagari caepit per diuersa Ur-/bis familias, quae prima Nocte in unum coactae, / Urbem Marianis laudibus resonare faciebant: / postea uero refrigescente pio more, id in Scho-/lasticos tantum nostras operam dantes recidit, / ad memorandamque obsidionem nostram, 2.^a / Junij An. Millesimo Septingentesimo Sexagesi-/mo

P. 419

mo factam perseuerauit. [149. Singulis quibusq; / Sabbatis Maria-/num cultum au-/get] Dies Sabbato id maiori / celebritate fiebat. Solistis precibus Lauretanae Lau-/des addebantur, ac Vieyra ipse historiam aliquas, / ex qua Mariae sub Rosarij titulo cultae eximia / in mortales clementia eniteret, frequenti mul-/titudini referebat. Tam pijs functionibus inten-/tus accepit, in diuersis Urbis locis uersari haud / paucos Indos morbo tentatos, nec dum Sacro / humore abuersos. Itaq; quin solita ministe-/ria ommitteret, eo deuolauit alacer: Christia-/nis rebus diligenter eos imbuat, imbutosq; mul-/tos Caelo intulit."

P. 461: Terço do Rosário na uiagem do Padre Vieira ao Maranhão.

"[196. Praesentem B. Vir-/ginis opem expe-/riuntur omnes.] Secundum haec / ad turbam conuersus, eam uerbis ignem spiran-/tibus cohortatus est, ut Beatae Virgini, cui Ma-/re, ac Venti ancillantur, Votum de tertia Rosa-/rij parte in perpetuum recitanda conciperent, / si discrimen euaderent."

Pp. 463-464: Ilha Graciosa, nos Açores.

"[198. Liberalitas Insu-/lanorum in Vieiram, / atq; hujus in Socios / naufragos.] ... E naufragis unus, / et quadraginta numerabantur capita, inter / quae deprehendebantur Carmelitae quatuor. Om-/nes, quippe qui omnibus et ab Oceano, et prae-/donibus spoliati, omnibus humano usui neces-/sariis

P. 464

sariis indigebant. Omnibus itaq Vieyra [ablidèò] / contulit. Quatuor Carmelitis religiosum cul-/tum interiorem, exteriorem que praestitit: cae-/terae uero turbae subuculas, calceos, tibialia, re-/liquaque necessaria indumenta."

P. 469.

"... Musici passeress, qui Canarij dicun-/tur, et in Lusitaniam caueis inclusi deferenban-/tur, ad formidandum rudentium sonitum, tan-/quam ad musicas fides cantum aera rumpebant."

Livro quinto: Volta de Vieira de Portugal. Expedições ao Tocantins, Ilha de Joannes, Ibiapaba, Amazonas. Morte do Padre Souto Maior. Vieira Superior e Visitador. Expedição a Ibiapaba. Acontecimentos do Pará.

Pp. 557-558: Construção da igreja em Ibiapaba, após Vieira.

"[83. Laudabilis industriae / et fructus] ... Majores natu, qui par-/uulis exemplo praeire deberent, tardiores erant! / Quod cùm animaduenterent Patres, praesens ad eos / pertrahendos incitamentum excogitarunt, Ipsa / diuina mysteria, precesq uersibus illigarunt, ad / musicosq modos deinde Canere jusserunt. Tum / apparuit, quàm ex uero dicebat P. Emmanuel / de Nobrega, primus Brasiliae Apostolus, si Musica, / harmoniaq uocum adhiberetur, audere se omnes / Brasiliae gentes ad Fidem pertrahere. Quippa ma-/iores ex inde concursus fieri caepti, maiorq Patri-/bus affulgere spes, Diuinum Orpheum uelle mu-/sicis Carminibus duos homines ad Ecclesia aedifi-/cium perducere. Plurimi aetate jam adulta Sa-/cris undis intingi uoluerunt. Nullus fuit geni-/tor, qui [Licet] Sacro fonte Lustratos non esset, / par-/

P. 558

paruulos suos ad Sacrum fontem afferre grauaretur, / Horum plurimi extemplo rapti sunt in caelum, ne / malitia mutaret intellectum eorum."

Pp. 677-678: Vieira entre os Nheengaíbas, na Ilha de Joannes (Ilha de Marajó).

"[195. Prodeunt obuiam / Nheemgaibae P. / Vieirae, eumq mag-/no plausu exci-/piunt] Quinto nauigationis die ingressi / sunt nostri flumen Mapoasium, illorum / scilicet Nheemgaibarum, qui eo pagum, in / quem exciperent P. Vieiram, deducere polliciti / fuerant. Simul atque nostrorum classem duas / adhuc leucas à portu aduerso flumine se tarde / ferentem prospexere[t], id, quod erat, suspicati, eò obuiam conuolauere Principales illius Na-/tionis, magna uecti cymba, multis instructa / remigibus, uersicoloribusq auium plumis ap-/primè ornata. Inter remigandum latè cir-/cumsonabant laeti buccinarum clangores, uo-/ciferationesque, quales apud eas gentes effuso / in gaudio fiunt, ab Indis, seruatis temporis / interuallis, alternis editae, [quas finitima etia / littera], repercussa nemora augebant. Parquo-/que à nostris clamor, plaususque reddebatur. / Quo spectasse uidentur carmina illius, que mo-/nuit = Bene psalite in uociferatione = sta-/tim

P. 678

tim, ac Vieirae cymbam cognouerunt, in eam / insiliere Principales; ..."

Pp. 679-680.

"[197. P. Vieiram dedu-/cunt primò in Tem-/plum, dein in aedem / illi paratum] ... Ea unica adibatur porta, ambulacro distingue-/batur, et conclauius, totaque religiosis se-/ptis, qualibus operarij nostri in alij pagis ute-/

P. 680

utebantur, cingebantur. Pago igitur appulsi, per / quam benigne ab omnibus, qui uisendi studio ru-/erant circumfusi, sunt excepti, et inter innu-/merabilem Indorum multitudinem in templum / deducti. Ibi imaginem Christi, cui templum / ipsum statim dedicatum, abesque appellatus / est, reuerentes collocarunt, Abrosianumque / carmen in gratiarum actionem percurrerunt, ubi cordium ardor uocum suppleuit concentus."

Pp. 689-691: Vieira entre os Nheengaíbas, transcrição da carta de Vieira a El-Rey de 1660.

"[206. Mutui plausus] ... Utriq Principales, / tum /

P. 690

tum Christiani, tum barbari frangebant sagit-/tas, fraetasq proijciebant in flumen. E caeteris / priuatis alij tubas, alij buccinas inflabant, / alij tympana, alij alia ad strepitum edendum / apta pulsabant. Immensum hunc strepitum / commintabantur [locud] interruptus clamor in-/numerabilium uocum, quibus illarum gentius / turba explicabat laetitiam, quae in omnium cor-/de regnabat, in uultuque emminebat, et quam-/uis linguis multum abhorrerent, satis inui-/cem intelligebantur. [...]

P. 691

"... dies comsumpti omni-/no sunt in excipiendis, audiendisq hospitibus; alijs super alios intransibilibus: noctes verò / in non intermissis choreis tum à Christianis, tum à barbaris nationibus ductis, quae cum / uocibus modo, instrumentis musicis, armo-/niâq multum discreparent, jucundum ocu-/lis spectalum, gratam auribus oblectamen-/tur finis."

Pp. 711-713: Viagem dos padres a Ibiapaba.

"[226. Peruenunt Padres / Ibiapabam] Laboribus itineris, incommoditatibusq multum sane / addidit celeritas, qua factum est. Tempus Pas-/chale appetebat, optabantque Patres non solum / id festum, sed Sanctioris etiam Hebdomadae dies / apud Ibiapabam celebrare. Itaque plus solito ma-/turauerunt uiam, unoq, et uiginti diebus (quod / ad id tempus à nullo factum fuerat) Ibiapabam / peruenerunt quidem, sed nudis pedibus (ita enim uiam/

P. 712

uiam fecerant) adeò faede uulneratis, ut non ni-/si post multos dies accepta uulnera coirent. / Hora erat prima post meridiem, diesq quar-/ta, et uigesima Martij, in qua feria quarta Te-/nebrarum, ut appellant, eo anno incidit. [227. Pietas pereos eos ex-/cirata] Vix sa-/lute accepta, redditaque, Patres quatuor, simul / et Indi à Pernambuco quandam profecti, qui can-/tum, quod dicunt, Organi callebant, initium / Sacris carminibus psallendis fecerunt. Postero / die rem Diuinam eodem concentu celebrauerunt: / Feria 6.^a Sacram Christi patientis Historiam al-/ternis de more cantauerunt; secundum haec mi-/ra pietate ab omnibus Sacra Crux adorata est. / Visenda supplicatio, quam Sepulturae

uocant, ad / occasum solis instituta, maestitiam illius diei / clausit. In ea
procedebant pueri omnes, ac juue-/nes in duas alas diuisi, spineis seruis
redimiti, pon-/derosisque Crucibus onusti. Horum ad Latus In-/di maturiores
passibus aequis, eodemque ordine / gradiebantur, arcus, et sagittas per
humum tra-/hentes. Per certa temporis interualla perstrepe-/bant rauca
tympana, quae tali hora, tali Loco, / talemque inter gentem mestitiam, rei
proprias, / non /

P. 713

non parum augebant. Tanto maerori respondit / Laetitia, qua Sabbato,
posteroque solemnissimo die / Diuina Mysteria celebrata sunt."

Rel.JoDan, 1776

Tesouro descoberto no Amazonas, pelo Padre João Daniel. Lisboa, 1757-1776.

Fonte: original na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Publicações:

- 1. Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 95 (tomos I-II), 1975; tomo I: pp. 7-437, tomo II: pp. 7-440.
- 2. DANIEL, João. Tesouro descoberto no máximo Rio Amazonas.** Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2004. 2 vols.

Versão utilizada: publicação nos **Anais da Biblioteca Nacional**.

Tomo I

"Parte Segunda: notícia geral dos índios seus naturaes, e de algũas naçoens em particular. Da sua fé, costumes, e das cousas mais notáveis da sua rusticidade."

"Capítulo 3º: prosegue-se a mesma matéria dos seus costumes"

Pp. 205-206.

"São muito amigos de festas, danças, e bailes; e tem para isso suas gaitas e tamboris; pois ainda que não tem ferro, lá tem habilidade de fabricarem as gaitas de algumas canas, ou cipós ocos, ou que facilmente largam o âmago; e os tamburis de paos occos, ou se é necessário os ajustam com fogo. Uma das suas gaitas muito usada é uma como flauta, a que podemos chamar o pao que ronca, com três buracos, dous na parte superior, e um na inferior; e ordinariamente o mesmo, que a toca, bate com a outra mão no tamboril. E não há dúvida que alguns o fazem com perfeição, e com suave, e doce melodia, ajustando as pancadas do tamboril ao som da flauta, bailando juntamente compassados de modo, que podem competir com os mais destros galegos, e finos gaiteiros. Nem é necessário que alguém os ajude; porque o mesmo com a mão esquerda, e dedos, sustenta, toca, e florea na gaita; debaixo do braço pendurado o tamboril, e com a mão direita o vai batendo e tocando. Outras das suas gaitas mais afamadas são de taboca, certo gênero

P. 206

de canas tão grandes, e grossas, que delas se fazem óptimas escadas de 50, 60, e mais palmos de comprimento, como em seu lugar direi. São estas flautas compridas de 5, ou 6 palmos, e tão grossas, que podem servir de boas trancas aos mariolas. Chamam-nas toré, e os flauteiros para poderem animar taes almanjarras são grandes beberões; mas ordinariamente só as tocam nas suas beberrias, e por isso as reservo para quando descrever as suas vinhaças, e então exporei também as suas danças, e bailes. Estas gaitas, e tamboris são ã parte da herança, que deixam aos filhos; como também alguns penachos das mais lindas penas de pássaros, que matam; e com elas tecem vistosas

grinaldas, com que ornem e enfeitam as cabeças: outros fazem cingulos, que cingem na cintura, e arremedam bastantemente os atafaes de furta cores dos almocreves, ao menos tem com eles alguma semilhança, e os ditos jaezes são gala, e ornato dedicado só às suas maiores festas, e solemnes aparatos.”

Pp. 212-215.

“Tem muitos dias solemnes, e muitas solemnidades de primeira classe, quaes são o dia do nascimento de algum filho, dos seus noivados, casamentos, e muitos outros, para os quaes preparam muito de antemão os guisados,

P. 213

e os vinhos, provendo as iguaçabas, e adegas. Chegado pois o dia, que ordinariamente tem já tido vésperas solemnes, e não lhe falta nunca as outavas, se vão ajuntando e concorrendo os convidados, ou toda a povoação. Pondo-se então algumas velhas, e mais graves ao pé das iguaçabas com os copos, isto é cuias, na mão, vão enchendo bem as medidas a quantos vem chegando, repartindo a cada um sem medida, e de quando em quando também elas vão bebendo; e logo armam as suas danças, e bailes, pegando uns nos tamboris, e gaitas, outros dançando, e todos a dar voltas, e de quando em quando se fazem na volta das iguaçabas a molhar a garganta. E nestas voltas, e bebidas com poucos bocados gastam horas, e horas té quase caírem, uns de bêbados, e outros de cansados; e se chega de fora algum, ou alguns forasteiros, logo são admitidos na festa (e metidos nas danças, se gostam delas) e brindados com o seu vinho, porque não são escassos. E depoes, que os primeiros não podendo já resistir ao Baco, que lhes berra nas tripas, cae um para aqui, e outro para ali, cessa por algũas horas, ou até a tarde a função; e depoes das trégoas, entram segundos, e quantos ainda podem saltar, e assim succedendo uns aos outros, dura a festa enquanto duram os vinhos. [...]

“Os dias porém mais solemnes nos Índios mansos, em que mais desbancam, são nas quatro festas mais principaes do ano, que são Natal, Páscoa de Ressurreição, Páscoa do Espírito Sancto, e dia do Orago da sua igreja, porque nestes dias o juiz, e mais mordomos se empenham até mais não poder. E posto que o dia do Orago seja o próprio, contudo também nas ditas páscoas ha de arder a missão em festas, danças, bailes e beberronias, não só por comemoração, mas por muitos dias, e oitavas, *sub poena* de o juiz ser

P. 214

censurado, e motejado dos mais: porém já com a comunicação dos brancos fazem mais vistosas estas festas, e mais regulares, especialmente se tem algum, que os dirija. Apontarei aqui algumas das suas danças, por ser em seu próprio lugar, que na verdade não deixam de ser más. A primeira é dos seus tambores, e gaitas, porque além da flauta acompanhada do tamboril, que já dissemos, tem muitos outros tambores maiores, que saem nas suas festas; e é tão nobre o ódio de os tocar, que só os mais velhos, e gravachões os tocam, o que fazem assentados com ambas as mãos, em lugar de vaquetas, e enquanto eles tocam e batucam, não tocam, ou soam as flautas, porque isso e só para tamburileiro, e quando os mais se assentam a roda, então sae ele a fazer o seu papel, como já dissemos.

“As flautas, que chamam toré, que reservamos para este lugar, e são como dissemos, de 4, e 5 palmos de comprimento, e grossura de um braço, feitas de

cana taboca, ordinariamente são acompanhadas a duo, ou terno, sem tambor, e os gaiteiros as tocam abraçados uns com os outros: porque com uma mão seguram a flauta inclinada para a terra, e com a outra mão lançada ao pescoço do companheiro se une com ele, para ambos, ou todos três se regularem bem no baile, o qual todo se cifra em caminhar um pouco no meio da assembléa, já abaixando, e já alevantando o corpo, e ao mesmo tempo dando suas compassadas patadas, e mudando os braços quando viram. E neste exercício consiste toda a dança, acompanhada, ou compassada das flautas, as quaes, posto que não tem buracos como as ordinárias lá tem sua especial indústria. E posto que ao perto, e ao pé não sejam tão suaves, em proporcionada distância parecem boases com o som muito suave, e agradável, e ainda ao pé não é dispeciente, especialmente sendo acompanhadas das castanholas e guisos nos pés, e como são tão grandes soam muito ao longe, e quanto mais longe, mais suaves. A dança mais ordinária é fazerem uma roda bastantemente larga, em que entram todos, menos os velhos, que de assento estão batucando com ambas as mãos nos tambores, e os meninos: feita assim a roda, se vão virando uns para os outros, já para um e já para outro lado, dando ao mesmo passo patadas, e acompanhando com gritos; mas tudo ao compasso, que dá o guia da dança, e nestas voltas, e viravoltas, ou revoltas, vão sempre dando um passo, para diante: algũas vezes trazem nos pés seus guisos, e nas mãos uns paozinhos, que compassadamente vão dando uns nos outros com arremedo da dança dos cajados; mas sem o regulado som dos paozinhos. É esta a sua mais universal dança, mais, ou menos festiva e agradável conforme o som, e graça, que lhe dão as vozes: porque uns o fazem com gritos do aa, aa, aa, mais, ou menos garganteados: outros com tom baço, e outros com tom grave, e os mais sem tom, nem som; mas para eles não se faz melhor na sua estimação. "Os menores meninos, e meninas tem sua dança particular, a que chamam o sairé, em que regularmente não entram homens mais, do que os tamburileiros, e ainda esses não estão metidos nas danças, mas estão de fora dando o compasso com o tamboril; e o tom, e pé de cantiga, a que responde e corresponde a chusma, com advertência, que os meninos vão em diverso sairé das meninas, e não misturados os de um com os do outro sexo. Consiste o sairé em ãa boa quantidade de meninos todos em fileira atrás uns dos outros com as mãos nos ombros, dos que lhe ficam adiante, em 3, 4 ou mais fileiras: e na vanguarda anda um menino, se a dança é de ascânios dos mais altos, ou menina, quando o sairé é de hembras, das mais taludas pegando com ambas as mãos nas bases de um meio arco, o qual em várias travessas está enfeitado com algodão, flores, e outras curiosidades, é no remate

P. 215

em cima prende ãa comprida fita, que salvando por cima das cabeças de toda a chusma, vai rematar a outro, ou outra; que na retaguarda lhe pega, e a puxa de quando em quando para trás, e logo laxa para diante conforme o compasso da primeira, que já levanta o sairé, e já o abaixa, já o inclina para diante, agora para trás, e agora para as bandas: e a cada movimento do sairé dão um passo para diante, e logo outro para trás, acompanhados das vozes, até, ou cansarem, ou os tamburileiros de fora pararem com o toque do tamboril. Nas missões, em que ainda conservam o seu sairé, o fazem já com mais galantaria, porque o ornam, e adornam com o enfeite de boas fitas de diversas cores, e

lindas plumagens, espelhos, e vários outros adornos; e ao seu compasso entoam, e cantam devotas cantigas, ou aos Sanctos, ou em abono dos juizes da festa, que algũas vezes vão no couce da procissão muito à grave, isto é atrás do sairé rodeados dos mordomos, e metidos entre as suas varas, porque pegando nas pontas uns dos outros fazem a roda um quadro, ou quadrângulo, em que os juizes vão como metidos entre varaes, especialmente quando nas festas saem, das igrejas, e picam de roda para suas casas bem providas de mocroró para hospedarem o acompanhamento, que bem o agradece com estas, e muitas outras danças, e festins, enquanto duram as vinhaças."

Tomo II

"Parte Quarta: do tesouro descoberto no Rio Amazonas"

"Capítulo 6º : Do regimen dos missionários nas missões do Amazonas."

P. 47: Missões espanholas.

"A praxe ordinária é assim: pela manhã mandar tocar o sino a doutrina a que sendo domingo, ou dia santo acode todo o povo, acabada a doutrina lhes fazem alguma prática doutrinal, depois da qual celebram missa, a que assistem os neófitos com boa ordem: os piquenos separados dos adultos no cruzeiro da igreja; os meninos todos para uma banda, as meninas para a outra; no corpo da igreja, a gente feminina; em último lugar os adultos. Ao levantar a Deos principiam os meninos em alguma canção devota, que cantam a dous coros e as continuam até o fim, a qual acabada entoam a "salve a Senhora", e outras canções té o missionário se expedir; o qual dando a benção a todos os despede para suas casas: pouco depois sae o missionário acompanhado dos seus meninos, e muitas vezes do barbeiro, e vai por toda a povoação a visitar os doentes. De tarde se há baptizandoos vae a igreja baptizá-los, depois torna a visitar os doentes, depois se é domingo volta a igreja com a gente, que ordinariamente acode toda, assiste e acompanha a procissão do terço do rosário, que vai pelo terreiro, ou praça, e se termina na mesma igreja com as ladainhas da Senhora, Salve, e outras canções devotas té as "Ave Maria", em que se retiram a suas casas e a maior parte aos seus sítios, e roças: e este mesmo é o diario em todos os mais dias da semana, excepto o não haver prática, nem terço. Mas sempre tem muitas occasiões de exercitar a paciência, e caridade.

"Tem ordinariamente lindas igrejas nas suas missões, com bons ornamentos, e paramentos para os ofícios Divinos que não tem inveja aos templos das cidades com 3, ou mais sinos, feitas ordinariamente de madeira escolhida, retábulos bem feitos, e em algumas dourados, imagens de vultos cortinados, e finalmente com tudo, o que costumam ter as igrejas bem ornadas, e parimentadas; e em algumas para maior devoção costumam os meninos por mandado dos missionários pôr nos altares pratos de jasmims, que vão colher antes da Doutrina em algum [em branco no manuscrito] que tem ao pé das igrejas; e nas festas adornam com arcos de ramadas, o que tudo serve não só para maior culto e glória de Deus, mas tãoobê para mais atrair os índios e promover a devoção."

"Parte Quinta: em que se mostra um novo, e fácil método de sua agricultura: O meio mais útil para extrair as suas riquezas, e o modo mais breve para desfrutar seus haveres para mais breve e mais facilmente se efetivar a sua povoação e comércio."

"Tratado 6º - Das missões do Amazonas, e seus estados."

"Capítulo 1º - Das condições onerosas das missões do Amazonas."

Pp. 209-211.

"Estas são as condições mais onerosas das missões do Amazonas, o maior desassossego dos missionarios, de sorte que mais lhes custa esta repartição, do que todas as mais fadigas do seu ministério; o maior flagelo dos índios, e maior destruição das missões portuguesas. Digo portuguesas; porque as missões espanholas que estão mui florentes naqueles estados tem outro mui diverso regimem, tanto, que não só se não extraem os seus índios para serviço algum dos brancos, ou suas canoas; mas nem ainda se consente em

P. 210

muitas delas o entrarem, ou aportarem lá brancos alguns, para se evitarem com esta providência os muitos distúrbios, que acusam nas missões; por isso são tão populosas, e florentes, que vale mais ãa sua das mais piquenas aldeias do que a mais populosa missão portuguesa. Porém [sic]

"Como já apontei acima os danos grandes desta repartição dos índios aos moradores, aqui agora só descreverei dous dos seus maiores inconvenientes; e com eles responderei a um reparo, que fazem muitos, perguntando qual seja a razão porque nas missões espanholas, se façam com tanto festejo esperitual os Ofícios Divinos, e com tanta remissão nas portuguesas? e como para os descimentos dos índios bravos, e salvages haja tanta dificuldade nos estados portugueses, e tanta facilidade nos espanhóis? Agora responderei ao reparo com descrever dous dos maiores inconvenientes, que trazem anexos a repartição dos índios ao serviço dos brancos. O 1º é o não poderem celebrar-se com o decoro necessário os Ofícios Divinos suposta a repartição dos índios; e a causa é: porque com a repartição dos índios, não ha índios estáveis nas aldeias; todos estão expostos a marcharem para fora a maior parte do ano:

"Desta sorte não se podem insinar os mininos, e muito menos os adultos a música, nem instrumentos músicos, porque é trabalho perdido: Que vale cansar-se um missionário a insinar os seus neófitos a cantar ãa missa, a celebrar um ofício, a tocar alguns instrumentos se eles chegando a ser capazes de oficiarem nas igrejas se obrigam a ir remar canoas, e trabalhar para os brancos? Todos os missionários tem catequistas, e sacristães que tem ensinado com grande desvelo, e industriado para os ajudar nas obrigações da igreja; porém às vezes é tal persiguição de índios para o serviço real, e serviço dos brancos, que nem sacristães, nem catequistas ficam isentos de saírem para fora, como socedia no meu tempo; com semelhantes desordens como se hão de insinar outros a música, e Ofícios Divinos? Por isso dizia um grande missionário, e mui experimentado a um general empenhado a que se ensinasse todos os meninos índios as letras humanas sem, sequer que os índios aprendam, e saibam ler, e escrever, e mais artes tire-lhes o remo da mão; e seria bom; porque se quase toda a sua vida andam os pobres índios a

remar canoas, e a servir aos brancos quase, ou peor que escravos, como hão de aprender, ou de que lhes servem as letras humanas.

"No tempo do dito general que por ãa parte com as escolas, e outros meios parece que queria, e pertendia augmentar os índios, por outra parte era o tal desassossego para remar as canoas, e mais serviços que ainda lhes davam tempo para descansarem; apenas saíam uns, e já se pediam outros; apenas chegavam alguns do serviço de muitos meses, e não havendo outros de reserva para irem em seu lugar obrigavam os mesmo, que chegavam a voltarem, e houve occasiões, em que não perdoando nem ainda os officiaes mais preciosos nas aldeias, e não achando já índios, nem ainda previligiados, pegavam, e obrigavam às índias a ir remar as canoas, e mais para as suas maganagens, e para todos estes distúrbios, tinham os militares absolutos poderes do dito general; [...] Os índios andavam sempre em ãa roda viva; suas mulheres quase viúvas padeciam as maiores misérias; os filhos as maiores fomes, que talvez nunca padeceram: vejam agora lá se podem os missionários ter promptos, e expeditos, e estáveis offician-

P. 211

tes dos Offícios Divinos, e se podem celebrar, como desejam, e convém as funções das suas igrejas? Por isso um missionário de outra religião, desejando por ãa parte celebrar com todo o esplendor os Offícios Divinos, e considerando por outra a instabilidade dos índios, mandou ensinar as meninas mais hábeis da doutrina a beneficiar os officios da igreja solfa etc., e na verdade só elas o podem fazer por mais estáveis nas suas aldeias, se não tivessem outros inconvenientes, que as proíbem de semelhantes ministérios.

"Não assim nas missões castelhanas, onde os índios são estáveis, bem como qualquer povoação de brancos da Europa, e por isso os ensinam os seus missionários, aprendem solfa, aprendem instrumentos músicos, celebram nas igrejas com muita solenidade os Offícios Divinos aproveitam-se nas artes mecânicas, e finalmente bem logra-se, o que se lhes ensinam. E tem outra conveniência a música dos índios, e é que gostam muito delas; nem há cousa, que mais os atraia à igreja do que a música; a música os convida a freqüentarem as igrejas, a música os excita a celebrarem com muita solenidade os Offícios Divinos, a música finalmente os acarecia, e move ainda os salvages a saírem de seus matos, a submeterem-se aos missionários, a ouvirem a Doutrina Cristã, e a fazerem-se católicos.

"Bem conhecia o grande missionário o Padre Vieira esta verdade, e por isso aconselhava aos mais missionários daquele Estado, que introduzissem nos seus neófitos o canto, e instrumentos músicos, e ele mesmo assim o fazia, e fez para isso um grande provimento de instrumentos dos quaes ainda restavam, e vi alguns no meu tempo, e bem o conheciam, experimentavam os mais missionários; porém a extração dos índios para o serviço dos brancos, e a sua instabilidade nas aldeias os fez conhecer, que era trabalho perdido a música nos índios, já frustrados, o que se gastava nos instrumentos; e incompatíveis neles as artes liberaes, e mecânicas com o remo na mão quase sempre, com os laboriosos servicos dos brancos: Querer por ãa parte fazê-los homens com o cultivo das artes, e por outra querer sirvam como escravos, e que só se ocupem no serviço dos brancos é quer impossíveis."

Fund.IgrConv, [1777]

Fundação das igrejas e conventos dos padres da Companhia de Jesus.
S/a. S/l, s/d [posterior a 1777].

Fonte: original na Biblioteca de Évora, DCCCXLI / 25-35; cópia manuscrita na Biblioteca Nacional.

Título original: "Fundação das Igre-/jas e Conventos dos Re/gulares / Padres da Comp.^a de / Jesus extincta."

Versão utilizada: cópia manuscrita da Biblioteca Nacional.

F. 4: Vila Velha, Bahia.

"Á imitação do Seminário / levantado p.^{lo} P.^e Leonardo [Nunes] em S. / Vicente, mandou [O Padre Nóbrega] em duas / Aldeias, em cada uma dellas / levantar seu Seminário, onde / se juntassem os filhos dos In-/dios, não só daquellas Aldeias, / senão também das outras / fossem catequisados com mai-/or commodo, e perfeição, e jun-/to da Cidade levantou outra / com suas proprias mãos, e / trabalho, onde crevão e susten-tavão quanti.^{de} de meninos / filhos dos Indios, e mestiços da / terra, onde aprendião a ler, es-/crever, contar, ajudar à Missa, / e doutrina Christã, sahindo os / m.^s provectos, e adiantados em / procissões pelas ruas, entoando / em canto de solfa as Orações e / Misterios da Fé, compostos em / estilo."

F. 7v.

"... e foi levado [O Padre Nóbrega, em 1553] a Vil-/la de S. Vicente aonde os Padres / o receberão com Te Deum laudamus, e alegria do povo..."

F. 14: Visita do Provincial Luis da Gram às aldeias da Bahia, em 1561.

"... Desta / passou á Aldeia de S. Tiago, / pouco distante, onde prati-/cou o mesmo, e dahi a de S. João, / onde achou o P. Gaspar Louren-/ço e ao Irmão Simão Gonçalves, / onde sahirão a receber os Ca-/techumenos, com Cruz alçada / fora do Povoado, passante de mei-/a legoa, com musicas e festas, / e chegado, q. fosse, baptizou em um / dia 173, e em outro 113, e celebrou / grande numero de matrimonios."

Ff. 27-28.

"... e aos 21 / de Setembro chegarão ao por-/to, e forão recebidos com gran-/de applauso, e restituído An-/chieta a sua casa, e a seus a-/mados Irmãos, começou a de-/senrolar daquelle felicissimo /

F. 28

Thesouro de sua memoria por / ordem de Livros, Cantos, e Capitulos, / toda aquella comprida serie,/ não menos q. de 4H172 versos, que / fazem 2H086 disticos prodigioso / parto de sua memoria, tu-/do em louvor da Virgem Nossa / Senr.^a."

F. 41: Padre Inácio de Azevedo em Portugal.

"...Fazia-lhes [aos noviços] Igna-/cio praticas, dava-lhes desen-/ganos do q. havião de padecer / na Empresa. Os officios baixos e-/ram appetecidos. Todos os dias / pela manhã, antes, ou depois / da Missa, levava a [Com.^e] em / procissão pelos campos, cantan-/do as Ladainhas, correndo cer-/tas Cruzes distantes, e ao pé destas, / postos de joelhos, acabavão ento-/ando em Cantochoão = (*Dulce Lignum*, / *dulce clavos*), e concluia o P. Igna-/cio com 3 orações, uma da Cruz, / outra do Rei, e a 3^a (*respice quo, su/mus Domine*, [fv^a.?]), ... "

F. 43-43v: Viagem do Padre Inácio ao Brasil, em 1570.

"... Todos os / dias ensinavão a doutrina Chris-/tã, e a ella acodião todos os da / náó, desde o Capitão até o Guru-/mete menor: folgando de res-/ponder pelos premios, q. lhes / davão: de tarde cantavão as / Ladainhas em musica; nos / Domingos, e dias Santos levanta-/vão Altar com ricos paramentos [...].

F. 43v

"Ia toda a frota junta em / conserva, e tanto a [falar?] q. pó-/dião communcar-se uns / com os outros; de dia festeja-/vão-se com salvas de arte-/lharia, e de noite manda-/va o P. Ignacio cantar alguns / musicos q. levava, os Irmãos / Magalhães [-? e?] Alvaro Men-/des e Francisco Pires Godoy, ao / som de uma Arpa prosas de-/votas; o P. Ignacio subia ao / Céó, e rompia em lagrimas."

F. 159: "Chegada dos P.^{es} a Ser-/ra da Ibiapaba, e do q. nel-/la passarão."

F. 159v.

"O primeiro emprego foi levan-/tar Igreja, e os mesmos Padres forão os / Arquitetos, officiaes, e serventes: logo no / no [sic] 1^o dia da sua chegada, começa-/rão a fazer doutrina aquellas fu-/gitivas ovelhas [...] e [tardes] com-/pozerão a Santa Doutrina em ver-/so, e a ensinarão a cantar aos / meninos, q. a aprendiã, do q. pro-/cedeo crescer o concurso a doutri-/na de todos os dias."

F. 176: Chegada de Vieira.

"... Forão / navegando todos e ferrado o porto / desembarcou Vieira, e se recolheu / a Igreja, q. os Indios tinham feito de / palma, e nella com o titulo do S. / Christo, se collocou a sua Imagem e se resou o Te Deum."

Ff. 178-178v: Missa em Ibiapaba.

"... Depoz as vesti-/duras Sacerdotaes, vierão os Bar-/baros todos abraçar primeiram.^e / aos Padres, logo aos Portugueses, e de-/pois aos Principaes das Nações / Christãs. E pondo-se todos de joelhos / se resou o (Te Deum) em

acção de / graças. Saidos p.^a fora se vião / alli em uma larga Praça o con-
/curso de todas as Nações q. vierão / seguindo cada uma o seu Prin-/cipal, e
p.^a publica demonstra-/ção os Portugueses tiravão as balas / dos Arcabuzes, e
disparando sem /

F. 178v

ellas as arremecavão ao Rio, os Prin-/cipaes quebravão as frechas e ati-/ravão
com os pedaços ao Rio, tocan-/do trombetas, businas, tambores, / e outros
barbaros instrumen-/tos em signal de alegria ..."

F. 181v: Viagem de Vieira a Ibiapaba, em 1660.

"Erão 4 Sacerdotes, q. acompanhados / dos Indios Pernambucanos, q. ti-
/nhão, e sabião o canto de orgão, de-/rão à terra nova ternura, e ao céu
alegia."

Rel.JoCae, [1777]

Do exílio dos padres da Companhia de Jesus da Província de Portugal.

Padre José Caeiro. S/l, s/d [após 1777].

Fonte: original não localizado.

Título na publicação: "De exilio Provinciæ Lusitanæ S. J." e "De exilio Provinciarum Transmarinarum Assistentiæ Lusitanæ S. J."

Publicações:

- 1. Primeira publicação após 160 anos do manuscrito inédito de José Caeiro sobre os jesuítas do Brasil e da Índia na perseguição do Marquês de Pombal.** Edição bilíngüe (latim-português), tradução de Manuel Narciso Martins e introdução de Luiz Gonzaga Cabral. Salvador: Escola Tipográfica Salesiana, 1936. Sem informações sobre o original.

Observação: segundo Cabral, o texto seria posterior a 1777.

"1ª. parte: De exilio Provinciæ Brasiliensis Societatis Iesu."

Cap. 11.

P. 197: Expulsão dos Padres do Colégio do Rio de Janeiro em 1759.

"Quasi toda a noite seguinte se passou em examinar os objectos pertencentes aos jesuítas recém-chegados. Quinhentos escudos que pertenciam a vários colégios, fôram roubados, assim como todos os livros, excepto os breviários, e todos os manuscritos, que desapareceram por completo. Das outras coisas a maioria foi para o fisco, outras foram roubadas e algumas foram restituídas aos jesuítas."

"Quadringenta Romana scuta [...] obrepta; libri quoque, præter sacrarum codices, scriptaque ad unum omnia capta."

Cap. 15

Pp. 259-260: Prisão dos Padres Bento Nogueira e José Mota, da Aldeia de São José em São Paulo, em novembro de 1759, pelo bandeirante José Felipe.

"Era o bandeirante homem perverso e de maus figados; e, logo que no dia seguinte encarou com o Padre Nogueira, apontou-lhe ao peito duas pistolas; e mandou tocar os sinos como para festas, para reunir os indígenas na igreja. Aí, depois de ter o povo cantado a Ladainha da Mãe de Deus, falou-lhe em termos realmente dignos de seu engenho inculto e boçal; "

"... cum populus Magnæ Dei Matris nomina christiano ritu concinuisset, ... "

"2ª. parte: De exilio Vice-Provinciæ Maranionensis."

Cap. 14

Pp. 505-506: Bulhões no Pará, cerimônia de posse no Colégio como reformador.

"A festa celebrou-se com rito solene, contrastando com a tristeza dos jesuítas; foi desmedido o contentamento de Bulhões, que parecia estar ao auge de seu júbilo, mormente quando, em sólio elevado admitiu ao beija-mão os jesuítas, postos de joelhos. Depois disso, ao som de numeroso câro de músicos, que ele convidára, celebrou com grande aparato missa pontifical no altar-mór."

"Post haec, conciente musicorum, quos ipse invitaverat, choro, ad aram templi maximam sacrum solemne, apparatu ingenti celebravit."

Cap. 15.

Pp. 526-527: Bulhões no Colégio do Maranhão, 16 de junho de 1759.

"A 16 de junho convidou o Governador e os oficiais do exercito, os superiores das Ordens religiosas e todos os nobres da cidade a acompanharem com grande aparato o Bispo Bulhões ao colegio dos jesuitas. Aqui celebrou de pontifical, como já fizera no colegio paraense, o que levou muito mal o Prelado maranhense, por fazer isso sem autorização sua.

"Aqui se houve Bulhões como de costume, mandando vir de casa do Governador o preciso para o sacrifício e não pedindo nada aos jesuítas. Enquanto o Reitor do colegio cantava não sei que orações no altar-mór, imperou-lhe, com um grande grito, o Bispo, sentado num alto solio, que cantasse mais alto."

"Collegii Rectori, nescio quid ad aram maximam templi cantanti, solio præalto haerens Bulhonis clamore ingenti imperavit, ut voce altiori cantaret."

von MURR, 1785

Viagens de alguns missionários da Companhia de Jesus na América, segundo seus próprios relatos. Padre Christoph Gottlieb von Murr. Nürnberg, 1785.

Publicação original: Von MURR, Christoph Gottlieb. **Reisen einiger Missionarien der Gesellschaft Jesu in Amerika aus ihren eigenen Zufäßen.** Nürnberg, bey Johann Eberhard Zeh, 1785.

Pp. 451-614.

"Des Herrn P. Anselm Eckart, ehemaligen Glaubenspredigers der Gesellschaft Jesu in der Capitania von Pará in Brasilien, Zuläße zu Pedro Cudena's Beschreibung der Länder von Brasilien, und zu Herrn Rectors Christian Leiste Anmerkungen im sechsten lessingschen Beytrage zur Geschichte und Literatur, aus den Schätzen der herzoglichen Bibliothek zu Wolfenbüttel. Braunschweig, 1781 gr. 8."

P. 459.

"Anmerkung zur Beschreibung Brasiliens."

P. 461.

"Es schrieb P. Benedictus de Fonseca von Annadia den 11. August 1779, daß die Dörfer (er versteht die gemessene Missionen und sogenannte Städtchen) sowohl in Maranhão, als zu Pará, fast erloschen, und viele gänzlich hin sind. Seine eigene Worte heißen: As Aldeas tanto no Maranhão, como no Pará, estão quasi extintas, e muitas de todo extintas."

P. 574.

"Ebendaß [@557]"

"... 1753 sah ich in dem Hofe von unserm Collegio in gemeldeter Stadt [São Luís] einen so verungestalteter Indianer [um gamella], mit seinem Bogen und Pfeilen tanzen. Der Gesang, den er dazu gebraucht, war mehr der Stimme eines wilden Thiers, als eines vernünftigen Menschen, ähnlich."

Pp. 576-577.

"Ebendaß [@557]"

"Bey allen Festen müssen sie tanzen und singen. Dieses geschihet nach dem Trommelschlage, und dauret die ganze Nacht; da vergessen sie den Schlaf. Die Trommel rühret nur ein einziger, der, ohne aufzuhören mit seiner Mut fortfähret, bis der helle Tag anbricht.

"Ebendaß. Der Taft und der Gesang, ob er gleich nur aus ein paar abwechselnden Töne bestehet. Ein gesang von ihnen ist dieser: xé rybyretá

iporangeté guyrá júba cocé: das ist: meine jüngern Brüder sind schöner, als ein gelber Vogel. Diese Worte werden immerfort wiederholt. Sie bleiben also bey einerley [?eyer]. Archilochi melos canunt. Wenn sie das Nachts auf dem Wasser fahren, so [bestellen?bestehen?] sie sich großer Hörner zum Blasen. Sie sind auch liebhaber der Zwergpfeifen und Maultrommeln. Sie haben ein sehr großer und fürchtenlichlautendes Instrument. Es ist ein ausgehöhlter Baum, sehr dick, und mit Löchern, in welche lange Stecken gesteckt werden, und damit wird die ganze Maschine herum gedrehet. Dieses war in Trocano einem altem und halb blinden Amerikaner seine tägliche Morgenmusik; solches holzerne Geheule scheint ein den Tapuyern in dem Walde gewöhnliches musikalisches Werkzeug zu sein. Sie haben auch einige in der Nachbarschaft herumgehende Feste. Wenn diese in einem Hause ein Ende haben, so stecken sie auf das Dach des andern Hauses einen grossen Strauß, zum Zeichen, daß nächstens die Feyerlichkeit allda gehalten werde. "

3.6 Biografias

Vid.SalRod, [s/d]

Vida do Padre Salvador Rodrigues. S/a. S/l, s/d [Posterior a 1553].

Fonte: original no ARSI, fundo Assistentiae Lusitanae 58 (Necrologia - 1548-1741), ff. 30-31.

Título original: "Vita del P. Saluatore Rodrigues."

Observações: segundo o documento, o Padre Salvador Rodrigues chegou na Bahia em 1550 e morreu em 15 de agosto de 1553.

Ff. 30-30v.

"Percioc-/che riuscivano i Ragazzi in processione assai ordinata pelle strade / della città [da Bahia] cantando le Letanie, ed orazioni del Catechismo in mu-/sica; ed era tal la compostezza, e gravità, co' cui caminavan, che tutti / s'ammiravano. I Portoghesi vedendo questa buona educazione bra-/mavan che loro figliotti fossero ammessi nel Seminario, acciocchè / colla struzione del P. Salvatore uscissero ben addotrinati. Altre vol-/te dirizzavano la processione a' villaggi portando una croce inal-/zata, e cantando le stesse divozioni nella lingua brasilica: il godi-

F. 30v

mento, ed allegrezza de' Padri era in maniera sì grande, che trop-/po soddisfati, e contenti guardavan il profittevole insegnamento, / che suoi figliouli riceveano nel seminario, perchè come gli pia-/ce in ogni modo il canto, che pare porre in esso la felicità umana, / ed i Missionari conoscendo l'inclinazione di loro composero in / musica i Misterij della Santa Fede, e s'affaticavano ne loro in-/maestrazione, poichè vedeano il notabile frutto, ed opinione, ch'/avea della dottrina loro."

Rel.FrBern, [1559]

Breve relato de obras de padres e irmãos defuntos, do ano 1539 ao 1599. Padre Francisco Bernardonium. S/l, s/d [1599].

Fonte: original no ARSI, Vitae 101.

Título original: "Imago Tumuli Societatis Iesu. / seu / Breues Narrationes / Rerum Gestarum / à / Patribus, et Fratribus / eiusdem Societatis / Probitate, et Litteris / Insignibus / Primo à condita Religione saeculo / Vita functis / Collecte / Per Franciscus Bernardonium. / Tomus Primus / continens / Annos Societatis 60. / Ab Anno D.ni: 1539. ad Anno 1599. inclusive."

Observações: todo o código tem a mesma caligrafia e estrutura, com biografias curtas de membros da Companhia de Jesus. Apesar do bom estado de conservação, a caligrafia é pouco legível.

Pp. 295-310: Sobre as vidas do Padre Inácio de Azevedo e seus companheiros, mortos no naufrágio de 5 de junho de 1570.

P. 297.

"... Laudebant [nautae], militesq / et caeteri [electorae, uectorae], pulcherrimo ordine, innocentissi-/mis [uictae] exemplis, comitatu [?] sancto: quotidie cû / publicû Patres egressi uerba ad [Rectores, Vectores], [fart, furt, tart, turt]amq: / [nauticae], ad pietates in[c]erend[ae, as] habebant, cathe-/chismus explicabat à meridie: inuocabanq à com-/muni pio cantu, et litaniaru nomenclatura caeli-/ter, missaq città sacrificio celebrataq."

P. 299.

"... Ipse [raptus] caelitis / litaniaru carmine im medio [caetu] inuocatis, / propè [malus, natus] Deiparae Virginis effigie e S.Sme / [Ex]quilino Romae exemplo in aerea [lamina, Carmina] expre[s-] / [sat] manu tenens, gradus fixit."

Rel.QuiCax, 1598

Breve relação da vida e morte do P. José de Anchieta. Padre Quirício Caxa. S/I, 1598.

Fonte: cópia em português da Biblioteca Nacional do Porto, MS 554.

Publicações:

1. LEITE, Serafim. **A primeira biografia inédita de José de Anchieta – Apóstolo do Brasil.** Separata da Revista **Broteria**, Lisboa, n. 18, mar/abr 1934, 29 pp.
2. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 343-344, a partir de LEITE.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

P. 14: de como aprendeu a língua do Brasil [cap. 4].

“E, porque lhe não ficasse coisa, com que pudesse aproveitar, compôs também Cantigas devotas na língua, para que os moços cantassem, porque para tudo tinha habilidade. Uma vez a este propósito, desejando o Pe. Nóbrega impedir alguns abusos que se faziam em autos nas igrejas, lhe mandou para que a noite de Natal fizesse um modo de representação devota, em português e na língua [dos índios], com que todos se aproveitassem em devoção e alegria espiritual. Esta se fez em muitas partes da costa, com muito fruto dos ouvintes que com esta ocasião se confessavam e comungavam. E para N. S. mostrar que esta obra lhe era aceita sucedeu o seguinte. Havia-se de representar em S. Vicente, tendo-se já representado em Piratininga, e como, com o português, tinha muitas coisas na língua, ajuntou-se toda a capitania, véspera da Circuncisão. E estando toda a gente junta sobreveio uma grande tempestade, e sobre o teatro se pôs uma nuvem negra e temerosa, que começou [a] lançar de si algumas gotas grossas. Com isso se começou a gente a inquietar e levantar. Acudiu o Ir. José dizendo que se aquietasse que não era nada. Fez-se a obra, que durou três horas, com muita quietação, devoção e lágrimas, e, depois da gente recolhida em suas casas, descarregou a nuvem com tão grande tormenta de vento e água que a todos fez espalhar e louvar ao Senhor.”

P. 22: da morte do Pé. José [cap. 11].

“O Administrador [Bartolomeu Simões Pereira] com seus clérigos e os religiosos lhe fizeram o ofício com toda a solenidade e música, e ao outro dia lhe disseram a missa, e pregou o Administrador, dizendo dele muitas coisas de muito louvor, chamando-o Apóstolo do Brasil, e dizendo que bom pai e protector haviam perdido assim todos os índios como Portugueses.”

Rel.Anon, 1598

Breve relação da vida e morte do Padre José de Anchieta, recolhida por ordem do Padre Provincial Rodrigues no ano de 98. S/a. S/l, s/d [1598].

Fonte: original no ARSI, Bras 15 II, doc. 101, ff. 447-453.

Título original: "Breve Relação / Da vida, & morte do P.^e / Joseph D'Anchieta, [Q].^{to} / Prouincial, q' foi do / Brasil recolhida / Por ordem do P.^e / Prouincial P.^e / [Roez'] / No anno de nouenta e oito."

F. 450: "Da Morte do P.^e Joseph. Cap. 11"

F. 451.

"O admi-/nistrador com todos seus clérigos, e os Religiosos lhe fizeram o officio com toda a / solemnidade e musica, e ao outro dia lhe disserão a missa, e pregou o administra-/dor, dizendo delle muitas couzas de m^{to} louuor, chamandoo Apostolo do Brasil, / e dizendo quam bom Pay e Pector auiaõ perdido todos assi Indios como Portugue-/zes.

Rel.InTho, 1600

Morte de Don Antonio Parreras, Bispo do Brasil, descrita pelo Padre Inácio Tholosa. Bahia, 16 de maio de 1600.

Fonte: original no ARSI, Bras 3 I, doc. 96, f. 190.

Título original: "En esta dase a r.p. cuenta de la muerte de Don Antonio Parreras obispo del Brasil."

Assinatura: "Baya .16. de Mayo de .600. / Ignatio Tholosa."

"Enterrose en na' iglesia en la capilla maior por el pedirlo. el cabildo le hizo un officio muy solemne. / y un padre del collegio predico en sus exequias. Despues los [frailes] del Carmo lo hiziero' otro officio. / y oy nuestros estudiantes y cofrades delas Virgines hiziero' otro bien solemne."

Vid.PeRodr, 1607

Vida do Padre José de Anchieta. Padre Pedro Rodrigues. Bahia, 30 de janeiro de 1607.

Fonte: segundo Castagna, "Publicada nos **Anais da Biblioteca Nacional** (vol. XXIX, pp. 181-287) com o título 'vida do Padre José de Anchieta pelo Padre Pedro Rodrigues Conforme a Cópia existente na Biblioteca Nacional de Lisboa', recebe, às pp. 286-287 o seguinte comentário: 'Biblioteca Nacional de Lisboa. - Códice da Biblioteca de Alcobaça, nº 431 (306 moderno), de pag. 1 a 59. Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro ha uma copia de outra que se acha em Évora (Cod. ex. /117) menos completa; [...] Esta cópia de Évora vem impressa nos Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1897, vol. XIX, de pag. 2 a 49. R. 40.211.' A cópia de Lisboa, segundo a impressão dos ABN, leva a data de 'seis de dezembro, de seis centos e vinte annos' e é assinada por 'Christouão de Souza Cout.º'. Seu título (na p. 183) é o seguinte: 'VIDA Do Padre Jose de Anchieta da Companhia de JESV. Quinto Prouencial q. foy da mesma Companhia no Estado do Brazil. Escrita pello Padre Pero Roíz, natural da Cidade de Évora e sétimo Prouencial da mesma Prouincia'."

Publicações:

- 1. Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**, vol. 29, 1907, pp. 181-287.
- Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 251-253, a partir dos **Annaes**.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

"LIVRO PRIMEIRO / Da Vida do Padre Jozeph de Anchieta da Companhia de IESV. Quinto Prouincial q. foy da mesma Companhia no Estado do Brazil."

"Cap.º noueno. Compoen o P.º José a uida de Nosa Srã en verso e outras obras"

P. 209.

"... Outras muitas obras compôs em diuersos tempos, por q. tinha para iso muita graça, e faselidade, em todas as coatro lingoas que sabia, latina portugueza, espanhola e brazilica. Mudaua cantigas profanas ao diuino, e fazia outras nouas, ha onrra de Ds e dos santos, q. se cantauão nas Igrejas e pellas ruas e praças, todas muy devotas com q. a gente se edeficaua, e mouia ha temor e amor de Ds.."

“Cap.º quinze. Da morte e sepultura do Padre Joze”

P. 224.

“ ... Ho admenistrador [da ‘Vilia do Esperito Santo’] com os clérigos e religiosos, lhe fizerão o officio de noue lições, com toda a solenidade e muzica posiucl, e a o outro dia lhe cantarão a missa, [...]”

“LIURO SEGUNDO”

“Cap.º noueno. Das occupaões dos padres da Companhia q. residen com os Indios eu suas aldeas”

P. 244.

“... [‘Rozairo do nome de JESV’] A doutrina q. a todos se ensina são as orações, e parte do dialogo que contem a declaração dos artigos da fee, e apos isto se recolhem os meninos, para a escola cada hū a sua instancia hūs a ler outros a cantar cantocham e canto dorgão, e outros a tanger frautas e charamelas para oficiarem as missas em dias de festas, e ornarem as prosições, na aldea e na cidade, e em outros autos pubricos, como quando se examinão na sala, os estudantes do curso para bachareis, e lesençeados, e quando tomão os grãos. As sinquo oras da tarde se torna a tanger o sino ha doutrina, a que acode a gente que se acha pella aldea, e se lhes ensina a doutrina com a outra parte do diálogo, que contem a declaraçam dos sacramentos, finalm.^e ha boca da noite saem os meninos em prosiçam da porta da Igreja, atee a crus, cantando algūas orações, e encomendando as almas do fogo do purgatório.”

“LIURO QUOARTO / Dos milagres que Ds obrou pello Padre Jose de Anchieta”

“Cap.º noueno e vltimo. Do resplendor e muzica do ceo.”

Pp. 285-286.

“ ... E tornando a trazer consigo a candeia, o deixarão [‘a hūa Irmida de Nossa Sra’, na ‘fortaleza da Britioga, situada em hūa das barras da Ilha de São Visente’], soo as escuras, e se recolheram na torre, aonde veuião com suas famílias, sendo ja alta noite, e estando todos dormindo soo a molher de Alfonso Gl'z estaua esperta, a qual o accordou dizendo: sör, acorday e ouuireis hūa couza marauilhoza. Acordou leuantouse abrio hūa janella, da fortaleza e virão ambos com seus olhos ha Irmida, por entre as telhas e porta, e por sima dos frecháes toda alumuada com grande resplendor, que os pos em admiração, e juntamente ouuirão hūa musica, tão suaue que no enleuou a elle e tirou de seu sentido, como em seu testemunho jura, e querendo deser abaixo, para uer aonde a muzica se daua, por lhe pareser q. ha ouuia de longe, imaginando que seria, algū nauio que viesse entrando pella barra, aquellas oras da noite, querendo deser como digo, se lhe arepiarão, os cabellos com temor e lhe parecia que pegauão e tinhamão mão delle, e assy não se atreueo a ir uer o que

era; durou a claridade e musica por bom espasso de tempo, de que ambos ficarão por extremo consolados. Vinda a menhà fizeram diligencia pellos moradores da fortaleza, e por sua gente de seruiso, se teuara alguém lume ha Igreja, e acharão que não, falarão então ao mesmo padre Jose, e tratando do resplendor e da muzica que ambos uirão, e ouuirão, ha resposta do padre foy obrigarlos como filhos seus esperituaes q. erão, não descobrisem, a nimgem o que virão, e ouuirão, daquella claridade, e muzica emquanto elle viuese, o que elles pello amor e repeito que tinham ao padre, goardarão inteiramente, sem o descobrirem a pessoa viua, atee aquelle dia que erão tres de outubro de seiscentos e dous annos, em o qual dia sendo então morador, da cidade de São Sebastião Ryo de Janeiro, preguntando

P. 286

juridicamente, pello reuerendo padre Martim Fr'z, Vigario Jeral da mesma cidade, se sabia algũa couza da vida do padre Jose de Anchieta, jurou tudo ho assim dito, e acrescentou o dito Afonso Gl'z que lhe paresera, aquella muzica e resplendor couza do ceo, assy pello grande temor que em sy sentira, e juntamente muita consolação como por se uer o que era, e tambem como o mesmo padre querendo primeiro encobrir esta marauilha, e vendo que não podia, lhes mandou o tiuesem em segredo."

BERETTARI, 1617

BERETTARI, Sebastiano. **Vida do padre José de Anchieta**. Lion: Horácio Cardon, 1617.

Título na publicação: "vita R. P. / IOSEPHI / Anchietae Socie-/tatis Iesv Sacerdo-/tis in Brasilia / defuncti. / Ex is Qvae De Eo Petrvs / Roterigvs Societatis / Iesv Praeses Prouincialis in Brasilia quatuor libris Lusitanico idiomate / collegit, alijs gss monumentis / fide dignis a / Sebastiano Beretario / ex eadem Societate descripta. / Prodit nunc primum in germania / [grav.] / Coloniae Agrippinae, / Apud Ioannem Kinchivm. sub / Monocerote. / M. D. C. XVII. [1617] / Permissu Superiorum et priuil."

Título na tradução espanhola:

"Vida / DEL PADRE / Ioseph de Anchieta / de la Compañia de / Iesvs, y Provinical / del Brasil. / Tradvzida de Latin en / Castellano por el Padre Esteuan de Paternina / de la misma Compañia, y natural / de Logroño. / [grav.] / Con Priuilegio. / En Salamanca, En la Empronta de Antonia / Ramirez viuda, Año 1618."

Outras publicações:

1. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 319-324.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

Observação: segundo Castagna, BERETTARI foi jesuíta e professor de Belas Letras em Roma, nunca esteve no Brasil, mas seu livro é importante pela divulgação da vida de Anchieta no início do séc. XVII.

TEXTO LATINO	TRADUÇÃO EM ESPANHOL
Vitae IOSEPHI ANCHIEtae e Societate Iesv Liber Primvs.	LIBRO Primero de la Vida del Padre Ioseph de Ancheta de la Compañia de Iesvs.
Pp. 74-75. "... Et, vt erat studio ad rem diuinam primiuendam indeffeso, & studio par ingenium, industriaque suppetebat, ad auertêdos à lasciuis cantionibus Christianos veteres, Neophytosq; & catechumenos iucundo oblectamêto ad	CAPITVLO VI. Llegado Ioseph al Bras il enseña la lengua, y deprende la de la tierra. Pp. 50-51. "Y como su cuydado dela honra de Dios era infatigable, y su ingenio igual a su cuydado, para hazer oluidar a los

P. 75

pietatem incitandos, contulit se ad pia conscribenda carmina. Erat ille linguarum quatuor, Latinae, Lusitanae, Hispanice, & Brasilica benè peritus. His omnibus se scribendis versibus multa cum industria exercuit. Res illi successit ad votum: nã & lasciuas cantiunculas, quae vulgo canebantur, in pia cantica conuertit, & nouos ipse cantus, à se multa cum vetustate cõpositos, in vsum induxit. Quae ita omnium magna gratia excipiebãtur, vt iis interdiu, noctuque assidue plateae, viciq; personarent; in Ecclesia etiam inter catechistica cantica decantarentur. Quae res omne genus hominum tũ nostratium, tũ indigenarum as piè Deum venerandum excitabat."

Vitae IOSEPHI ANchietae e Societate Iesv Liber Secvndvs.

Pp. 162-164.

"... Est in his instituendis certa descripta ratio. Manè cùm prima luce signum datur ad salutationem Angelicam; haud ita multo post conueniunt ad Missae sacrũ, sub sacrũ Christianam doctrinam ipsorum lingua, & inter

P. 163

Catechismum solemnes preces vna omnes edocentur; inde ad suum quisque opus dimittuntur.

"HAEC fere omnibus in locis, vbi aut Catechumeni, aut rudiores adhuc, Neophyti instituuntur. Quibus autem in locis Societatis Patres resident, & maior est vitae cultus inductus, post salutationem Angelicam ante Missam pueri, puellaeq; ad templi fores seorsim in choros distributi, assa voce alternatim rosarium decantant. Initium illo quasi prologo faciunt pueri: Benedictum et clarificatum sit sanctissimum nomen IESV. Quibus per antistrophẽ puellae respondent. Et sanctissimae Virginis Mariae matris eius, nunc, et semper. Amen. Inde alternantes chori rosarium

Christianos antiquos, y modernos los Romances lasciuos, y entenderlos con gusto y suauidad a la virtud, compuso honestos y piadosos versos. Sabia muy bien quatro lenguas diferentes, Latina, Castellana, Por-

P. 51

tuguesa; y Brasil, y en todas exercito su ingenio, reduziendolas a metro.

Respondio el sucesso a su desseo;

porque conuirtio los Cantares deshonestos en canticos piadosos, introduziendo los que el con notable gracia auia compuesto. Recibianlos con tanto gusto, que de noche y de dia resonauan con ellos las plaças, y las calles, y en la Iglesia entre los canticos de la dotrina Christiana se cantauan: incitando assi a todos los Christianos Brasiles, y Portugueses a las alabanças, y a la reuerencia de Dios."

LIBRO Tercero de la Vida del Padre Ioseph de Ancheta de la Compañia de Iesvs.

CAPITVLO II. Las misiones que los Padres de la Compañia hazen en el Brasil, y el modo con que enseñan a los Indios.

Pp. 156-158.

"... Ay en doctrinarlos determinado ya este modo. Por la mañana quando la campana auisa, que se rezen las Auemaria, se juntã todos a oyr Missa en la Iglesia. Despues della en su misma lengua se les enseña el Catechismo, y las oraciones comunes; y luego se despiden cada vno a su trabajo. Este estilo se guar

P. 157

da en todos los lugares donde se doctrinan Catechumenos, o Christianos, aun no bien enseñados en los misterios de la Fè. Pero dõde tiene casas la Compañia, y residen Padres della, con mas exercicios son cultiuados los Indios. "Después que se tocan, y se rezan las Auemarias, antes de oyr Missa se juntan a la puerta de la Iglesia los muchachos, y muchachas Brasiles, y diuididos en dos

modulationem aggrediuntur: absoluta
quaque decade, interponunt laudem:
Gloria Patri. Decursa tota pētacontide, ad
Missae sacrosanctum sacrificium se vna
cum aliis componunt. Haec cum aliis in
locis, tū praecipuè in vicis, qui ad colonia
Spiritus sancti pertinent quotidiana sunt.
Missã brevis expli-

P. 164

catio sequitur Cathechismi ipsorū lingua
communis omnibus: quā breui absoluta
discedūt reliqui pueri ad scholas suas se
recipiunt; & pro aetatis gradu alij legendo,
musicis aij exercentur, tū Gregoriano
cantu, tum harmonico. Non pauci etiam
maiores minoresque tibias, quae flauta, &
ceramia vulgò nominant, ad symphoniam
inflare assuescunt. quo deide artificio
diebus festis Ecclesiae sacra exequutio, &
supplicationes, cum traducuntur,
exornantur. Vespere porrò hora quinta
pomeridiana, rursus dato signo ad
Christianae doctrinae cōcionem euocantur;
explicaturque iis pars altera Catechismi.
Absoluto Catechismo, pueri supplicatione
ab Ecclesia ad Crucem vsque non inde
longè consecratam pio cum cantico
procedunt, pro animalibus noxarum
reliquias purgantibus supplicantes."

Vitae IOSEPHI ANchietae e Societate Iesv.
Liber Tertivs.

Pp. 294-297.

"PERFVNCTVS regendi munere Iosephus
aliquamdiu in Vincentiana sede: sed variae
occasionēs, seu Praesidium iussa modo
huc, modo illuc hominem trahebāt. Venit
aliquando ad dilectum sibi Maramosium
gregem, qui circa Biritiocam confederant;
de quibvs videtur praecipua cura sollicitus
fuisse, biduoque apud eos commoratus
est: quo tempore petiit ab hospite, qui
arcem tenebat, vt se noctu ex arce
mitteret, cupere se noctem illam in
Oratorio B. Virginis iuxta arcem sito

ordenes cātã a coros en alta voz el
Rosario de la VIRGEN. Dã principio al
Rosario los muchachos diziẽdo. Bendito
y glorificado sea el Sātissimo nōbre de
IESVS; y respōden las niñas, y el de la
Santissima Virgen MARIA su madre, por
siempre jamas amen. Y luego comiençan
cantando su Rosario; después de cada
diez Auemarias, dizen el Gloria Patri; y
acabado el Rosario entran en la Iglesia;
y oyen con los demas la Missa. Hazese
assi cada dia en todos los lugares
nuestros; pero especialmente se vsa
este exercicio en las aldeas de la Colonia
des Espiritu Santo.

P. 150

Siguiese a la Missa vna breue declaraciõ
de la Doctrina Christiana, y concluyda
esta vanse los otros Indios, y los niños
se recogen a sus escuelas; donde segun
la capacidad de su edad vnos leen, o
escriuẽ, otros depreden cãto, o el llano,
o el de organo. Muchos en vez de
nuestros instrumentos musicos se
adiestran a tocar sus flautas; y assi se
celebran las Missas, y processiones con
musica de voces, y de instrumẽtos. A
las cinco d la tarde buelue la cãpana a
llamar a los Indios ala explicaciõ de la
Doctrina, y buelue a explicarse
succintamēte otra parte del Catechismo.
Despues los niños ordenados en
processiõ desde la Iglesia a vna Cruz
leuatada à amediana distãcia, van
cantando a rogar por las almas q en el
Purgatorio padecẽ."

LIBRO Qvarto de la Vida del Padre
Ioseph de Ancheta de la Compañia de
Iesvs.

CAPITVLO III - Dexa Ioseph el Rectorado
de san Vicente: y cuentanse cosas muy
particulares suyas, miẽtras fue morador
particular deste Colegio.

Pp. 269-272.

"... Vino vna vez a visitar la gente de los
Maramosios, principal cuydado suyo, y
muy queridos del, que auian hecho
assiẽto en la jurisdiccion de san Vicente,
vezinos al fuerte, que cierra, y guarda la
entrada del puerto de la villa. Estuuõ

transigere. Libenter ar-
P. 295

cis praefectus ei permisit, ipseq; vna cum Alfonso Gonzalo genero suo hominem eo deduxerunt, inde se in arcem receperunt, facem, qua ad nocturnum lumen vsi essent, referentes, Iosepho ibi nocturnis in tenebris relicto. Intempesta nocte, cunctis quiescentibus, vna Gonzali couiux vigilabat. Haec admirabili viso pernota, maritum ad eandem rem spectandam magno studio à somno excitat.

Prospectant ambo per fenestram; sacellum vident admirabili splendore circumfusum: splendor è tegulis, valuis, culmine, fastigio, totaque porticu emicabat: concentum praeterea admirabili sono vocum non admodum lōge audiebant. Que res magnan eos in admirationem, ad propè extasim abripuit. Voluit Gonzalus ex arce excendere, vt quid id esset, cognosceret; ratus, quoniam harmoniam sibi à longe exaudire videbatur, nauem aliquam id noctis in portū inuehi. Verū cum descendere coepisset, capillus ei prae horrore

P. 296

obliguit; sensuque se quasi inuisibili manu retineri. Itaque eo spectaculo vna cum cōiuge diu potiti, mira ambo dulcedine perfusi sunt, cuius etiam memoriae iucūdo sensu in multos postea dies recreabātur. Postero die, cum cōige diluxisset, domesticos, reliquosq; arcis vicinos, seruitiaq; percunctati, an aliquid luminis eorum aliquis in Oratoriū per noctem intulisset, comperiunt nihil quidquam horum factum esse. Ipsum denique Iosephū interrogant, vnde tantum lumen ea nocte è sacello effulsisset, Is initio contemptim tergiuersari, rem totam dissimulando obscurare: sed cum perspecta, & probata veritate teneretur graui contestatione, pro ea, quā spiritali Patri obedientiā deberēt, illis praecepit, ne quandiu viuerent, cum vllo mortalium ea de re verbum vllum facerent. Aliud nihil ex eius semone expresserunt; quod illi pro ea reuerētia, qua Patrem prosequabantur, santè seruauerunt do-

P. 297

nec illo vita functo anno salutis millesimo sexcentesimo tertio. 5. Non. Octobres

entre ellos dos dias, y aposentauase en el mismo castillo; pero pidio al Alcayde vna noche que le dexasse salir à vn oratorio

P. 270

vezino, dedicado a la virgen, poeq queria passar en el aquella noche. Concedio el Alcayde con muy buena voluntad à Ioseph lo que pedia, y el y Alonso Gonçalez yerno suyo le acompañaron a la Iglesia, y se recogieron en el fuerte; dexando a Ioseph sin luz alguna, acompañado solamēte de las tinieblas de la noche.

"En el silencio della durmiendo todos velaua sola la muger de Gonçalo yerno del Alcayde. Esta mouida de la vista de vn estraño espectaculo, despertó a su marido, para que con ella gozasse del. Assomaronse ambos a vna ventana, y vieron la capilla en que oraua Ioseph llena de soberana luz, que embiaua sus rayos por las vētanās, y puertas, y cercaua todo el edificio; y oyeron juntamente musica de acordadas, y admirables voces, que sonaua no lexos de los oyentes. Quiso Gōçalo baxar a aueriguar la causa, creyendo que alguna caue, segun la distan

P. 271

cia, a que se oyan las voces, entraua en el puerto con aquella armonía. Pero començando a baxar se le erizaron con subito temor los cabellos, y sintio detenerse con inuisible mano. Gozaron el, y su muger largo rato de aquella fiesta Celestial, recreadas sus almas con soberana dulcedumbre, la qual sentian despues por muchos dias siempre que les representaua la memoria aquel admirable espectaculo. Preguntaron el dia siguiente a todos los que viuiā en el fuerte, si alguno auia dexado luz en la Capilla de nuestra Señora la noche antes y todos respondieron que no.

Vitimamente quisieran saber de Ioseph, qual fue la causa de tanta luz en el oratorio de virgen? El al principio no hazia caso, ni rostro a la pregunta, queriendo con dissimulaciō encubrir toda la cosa, pero apretado con la verdad vista, y atestiguada de los dos, les rogo com mucho afecto, y aun mando por

Gonzalus in vrbe S. Sebastiano ad sinum Ianuariensem à Vicario generali eius ciuitatis proferre iussus est, siquid memoria dignum de Iosepho sciret, iuratus totam eius rei seriem narrauit, adiecitq; se Musicam illam, harmoniam, splendoremq; coelestem fuisse pro certo habere; ..."

Vitae IOSEPHI ANchetae e Societate Iesv Liber Qvintvs.

P. 414.

"... Eius corpus sacerdotali indutũ ornatu, arca lignea inclusum, post biduum funebri pompa, indigenarum subcollatione ad oppidum Spiritum sanctum deportatum, prosequẽte de Societate Ioannes Ferdinando cum sacerdotali stola linteato, & Reritibanorum magna multitudine cum funebri lamentatione, & precatione."

obediencia que como

P. 272

a su confessor, y padre espiritual le deuian, que mientras à el le durasse la vida, a ninguno diessen noticia de parte alguna de aquel sucesso. No pudieron sacarle otra palabra, y respectando su mandamiento, como de padre suyo, le obedecieron; y guardaron fielmente secreto, hasta que despues de su muerte el año de 1603. a tres de Octubre, Alonso Gonçalo mandado del Prouisor en la Ciudad de san Sebastian, en la Colonia Ianuariẽse, que dicesse si sabia alguna cosa memorable de la vida des padre Ioseph de Ancheta: conto con juramento todo el caso passado. Y añadio, que se persuadia ciertamente que aquella luz, y armonia fue Celestial,..."

LIBRO Qvinto de la Vida del Padre Ioseph de Ancheta de la Compañia de Iesvs.

CAPITVLO VII. Exequias de Ioseph.

Pp. 404-405.

"... Vistieron el cuerpo con insignias Sacerdotales, y cerrado en vna arca P. 405.

de madera, en hombros de Brasiles fue traydo al Espiritu santo con pompa funeral, dos dias despues [11 de junho de 1597] de su dichosa muerte. Venia acompañado al difunto el Padre Iuan Fernando de la Compañia vestido de Alba, y Estola, y grande multitud de vezinos de Reritiua cantando funebremente."

Vid.AnMac, [1650]

Vida do Padre João de Almeida da Companhia de Jesus, nascido na Inglaterra e morto no Brasil, escrita em latim pelo Padre Antônio Macedo, português, e traduzida em italiano. Padre Antônio de Macedo. S/l, s/d [1650].

Fonte:

1. ARSI, Vitae 107. Documento ilegível.
2. ARSI, Vitae 117. 97 folhas numeradas.

Título original: "Vita / del P. Giovanni d'Almeida / della Comp.^a di Giesù / Nato in Inghilterra / e Morto nel Brasile / Descritta in Latino / Dal P. Antonio Macedo Portuguese / e transportata ultimam.^{te} in Italiano."
Data no catálogo do códice: ca. 1650.

Publicação: **De vita et moribvs Joannis de Almeida Societatis Iesv Presbyteri. Antonio de Macedo eiusdem Societatis authore.** Roma: Franciscum Tizunum, 1671.

Versão utilizada: original em Vitae 117 e publicação.

Observações:

1. Obra composta por 3 livros, escrita em italiano, que ocupa todo o códice. A partir da F. 87 tem-se "Continuano le mareuiglie operate / da Dio nel Brasile per mezzo / del Vener.^{le} P. Giovanne d'Al-/meida d.^a Comp.^a di Giesu." A folha tem acima a data em outra caligrafia: "1658".
2. Não é o mesmo texto da biografia escrita por Simão de Vasconcelos.
3. Serafim Leite não menciona o Padre Macedo no volume de "escritores".
4. Consta de Sommervogel, vol. 5, col. 243. "Cet ouvrage aurait été traduit en français et publié en Belgique en 1673. Je ne l'ai pas rencontré."
5. Segundo o catálogo do ARSI: o original latino foi publicado na Itália como **De vita et moribus Ioannis de Almeida Soc. Iesu presbyteri.** Veneza, 1669. Cf. Sommervogel, vol. 5, col. 243.
6. As descrições são extremamente fantasiosas: ouro que brota da terra, plantas e árvores que bailam e sussuram quando o Padre reza uma missa a céu aberto, etc.

F. 7: "Cap. IV. Dello studio, che Giouanni fece, e de' pericoli, che / passò in Pernambuco, e del su ingresso nella / Compagnia."

Ff. 13v-14.

"Hanno li nostri preceduti operarij stabilito, in queste / parti del Brasile, una certa maniera di ammaestrare nella / christiana pietà quella gente: e Giovanni, per quanto con-/ueniua ad uno, che non haueua ancora gli ordini sagri, pun-/tualmente l'osseruò. Al farsi del giorno, con una campa-/na si dà il segno dell'Aue Maria, col quale svegliati i fan-/ciulli, e le fanciulle concorrono alla chiese, doue spartiti / in due ordini, si mettono, come in processione auanti la / porta, e quiui recitano a uicenda la terza parte del Ro-/sario: la quale finita, entrano in chiesa, odon diuo-/tamente la Messa, dopo la quale siegue una breue dichia-/ratione del catechismo, in lingua loro, che sia intesa da / tutti: e dopo questo le zitelle tornano à casa à laurare, / et i fanciulli uanno à scuola, doue, conforme all'ingegno / et habilità di ciascuno, chi si applica alle lettere, e chi / à varij officij: e nello stesso tempo, che imparano ò le / scienze, ò le arti; s'imbezzon di un retto, et honesto modo / di uiuere. Ne' giorni festiui è solito di celebrare una / messa cantata, nella quale si suonano uarij istromenti, che / aumentano assai la dignità del sacrificio, e conciliano una / non so qual ueneratione./

"Già è noto, che li Brasilij, con niuna cosa / maggiormente si commouono alla pietà, che colla musica: /

F. 14

perciò la maggior parte de' misteri della santa fede sono / stati messi da quei della Compagnia in pie canzoni, accioche / più soauemente uengano in quegli aspri ingegni inseriti. Verso / la sera si da di nuouo segno colla campana, et i fanciulli, / et fanciulle, seruando tra di se il solito ordine, e distintione / di sesso, tornano alla chiesa, doue si esplica loro un'altra / parte del catechismo. Finalmente, ordinata una processione, uanno à due à due, à uicenda cantando ad una croce alzata / non molto lungi dalla chiesa: è quiui tutti genifeilessi fanno / oratione per l'anime del purgatorio: la qual finita, tornan' / à casa."

Publicação:

P. 24.

"Capvt Quintum: Bahie Tyrocinium ponit: inde in Spiritus S. Colonian tendit."

Pp. 33-34.

"Diebus festis mos est rem diuinam solemni ritu celebrare harmonico cantu, & varij generis symphonijs, quæ rerum sacrarum dignitatem augent, & ueneratione conciliant. Constat Brasilos nulla re ad pietatem magis, quàm modis musicis permoueri; eam ob causam pleraque fidei Christianæ mysteria, quò suauius asperis mandentur ingenijs à Societatis hominibus pijs cantibus inferuntur.

"Sub vesperam rusùs edito campanà signo pueri, & puellæ, seruato inter se ordine, sexùsque discrimine, ad templū confluunt, ijsque explicatur pars altera Catechismi. Ad Crucem denique modico à templo interuallo alternis canentes supplicationem instituunt, ibiq; in genna flexi pro animis purgatorias pœnas luentibus preces [sundunt, fundunt?] quibus expeditas domos repetunt."

VASCONCELOS, 1658

VASCONCELOS, Simão de. **Vida do Padre João de Almeida.** Lisboa, Oficina Craesbeeckiana, 1658.

Título na publicação: "VIDA / DO P. JOAM / d'Almeida da / Companhia do Brazil, / Composta / pello Padre Simam de / Vasconcellos da mesma Companhia, Prouincial na / dita prouincia do Brasil. / Dedicada / ao Senhor Salvador Correa / de Sâ, & Benauides dos Conselhos de / Guerra, & Ultramarino de Sua / Magestade. / Em Lisboa. / Com todas as licenças necessarias. / na officina Craesbeeckeriana, Anno. 1658."

Outras publicações:

1. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 433-435.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

"LIVRO SEGVNDO DA VIDA DO PADRE IOAM D'ALMEIDA DA COMPANHIA DE JESV."

"CAPITOLO IV. PROSEGVE A MESMA MATÉRIA d'outros Varoens, que nestas Aldeias concorreram."

P. 41.

"[‘Modo com que o P. recebeo os índios que vinham a fazerse Christaons.‘] Feito isto, leuantouo o Padre [Domingos Gracia], & depois de dados os parabens da vinda, os foi guiando [os índios] ao som d'Instrumentos, Musicas Festiuas, & outras Demõstraçoens d'alegria, até a Aldeia [a 400 ou 500 léguas da Aldeia do Espírito Santo], & Igreja della: acuja entrada ficaram os Barbaros espantados da Magestade do Culto Diuino, & modo delle. Fezlhe o Padre aqui hũa pratica com tal Feruor, & Eloquencia em sua Lingua, que o Principal, & todos os de mais ficaram admirados, & disseram huns, pera os outros, estas formais palauras: Se este P. correrá todos noßos Sertões, nam ouuera ninguẽ que ficasse nelles. Passou tudo isto no anno de 1597."

"CAPITOLO VII. TORNA A CAPITANIA DOESPIRITO Santo: tem cuidado ali d'huma Residencia d'índios; & desta, vai mandado pela Obediencia a hũa Gloriosa Mißan."

Pp. 50-51.

"4. [‘Modo com que se auia no ensinar a Doutrina.‘] O modo da sua [do P. João de Almeida] Doutrina (que nestas Aldeias, & tẽpo teue principio. & daqui foi

continuando por todas as mais da Prouincia) era o seguinte [entre 1593 e 1604 ou 1605]. Logo pela manhã depois de toçadas, & rezadas as Ave Marias, antes d'ouir Missa, se ajuntavam á porta da Igreja os Mininos, & Mininas da Aldeia; & diuididos em Ordem de Procissam, cantauam em Coros a alta voz as Orações, dando principio a ellas os Mininos por este Versículo: Bemditto, & Louuado seja o Santissimo nome de IESU. E respondendo as Mininas: E o da Santissima V. M. Mãe sua, pera sempre Amem. E continuauam cantando as ditas Orações da Senhora: & outros cõ Gloria Patri, & Filio, & Spiritu Sacio no fim de cada hũa. As quais acabadas entravam na Igreja, & ouuam Missa; os Mininos a hũa parte, & as Mininas a outra. Acabada a Missa, lhes fazia declaração da Doutrina Christã, & depois se recolhiam os Mininos a suas Escolas, cada hũ segundo sua capacidade; huns a Ler, & a Escreuer, outros ao Canto Cham, outros d'Orgam. Muitos aprendiam a tanger Instrumentos Musicos, em q sahiam destros os mais delles, & Officiavam Missas, & Procissões como em qualquer Cidade o fazem os Portuguezes.

"5. As cinco da tarde os tomava a chamar o Sino, & lhes tornaua a explicar a Doutrina Christã, & Catecismo; depois da qual tomavam os Mininos em Procissam na mesma forma, cãtãdo a Coros pelas Almas do fogo do Purgatorio, até hũa Cruz alta, q em certa distancia do Terreiro estaua Aruorada. E deste modo se introduzio principalmente por aquellas Aldeias, & dellas se espalhou pelas demais de toda a Prouincia. Todo o tempo, que aqui sobejaua ao Padre, o cupava com o Catecismo; instruindoos, & Bautizandoos; curando os Enfermos com grade Caridade

P. 51.

administrandolhes os Sacramentos, & Sepultura aos que morriam.

6. Fazia muita diligencia por arreigar nos Corações daquelles Indios, como de todos os com que tratava, a Deuaçam do Santissimo Sacramento, & do Venerando Sacrificio da Missa. Nas Cartas annuas daquelles tempos do anno de 1595. & 1596 q estam guardadas no Collegio do Rio de Janeiro, achei humas prouas desta Deuaçam entre os índios, com differença neste particular dos outros annos. Notase ali, que desd'o anno de 1595. se começou a dar principio ao Pio costume, que depois ficou introduzido, de se desenterrar na Igreja dos Indios, naquellas Aldeias, o Santissimo Sacramento, em o tempo Santo da Quaresma: com aduertencia, que naquelles dous annos de 95. & 96. que foram os que ali rezidio o P. Almeida, sendo ainda Irmam, se Celebrava esta acçam com mui grande Deuaçam, & Piedade daquella Gente. Celebrandose juntamente os Officios Diuinos em Canto d'Orgam, com Prégaçam, Procissam Solene de muitos, & varios Penitentes; & todas as mais Celebidades, que em qualquer Cidade se fazem; & tudo beneficiado pelos Indios, couza mui propria do Deuto Espirito d'Almeida, ao qual attribuo, com boas conjeituras, a introduçam deste Santo Exercicio em tempo que ainda era Irmam."

"LIVRO TERCEIRO DA VIDA DO PADRE IOAM D'ALMEIDA DA COMPANHIA DE JESV."

"CAPITOLO V. FICASE EM SAM PAVLO: DASSE noticia do Principio daquella Casa, & Aldeias."

P. 73.

"5. ['Dasse noticia da Casa de S. Paulo et dos trabalhos dos Padres em sua Fundação.'] Este foi o principio da Casa; Vejamos agora o das Aldeias [desde 1554]. Tanto que os Indios viram os Padres cõ Residência feita naquellas suas Terras, que estam metidas de beiramar pera o seu Sertam cousa de 12. legoas, lugar entam deshabitado totalmente dos Portuguezes; deceram logo de boa vôtade do mais interior do Sertam poucos, & poucos, a situar suas Aldeias junto a elles; porque tinham desejos de serem Industriados, & Bautizados pelos Padres, & con effeito en breue tempo leuantaram Igreja, & nella os Doutrinauam. Todos os dias diziam Missa, & beneficiauam os Officios Diuinos, & foram Bautizando a muitos, reduzindoos de seus costumes Barbaros à maneira do viuer dos Christãos, cõ Escolas de Ler, Escrever, & Canto, como até hoje [em 1658] o fazem."

"LIVRO QVARTO DA VIDA DO PADRE IOAM D'ALMEIDA DA COMPANHIA DE JESV."

"CAPITOLO XIV PROSEGVE A MISSAM, E DO QVE nella obrou."

P. 159.

"8. ['Vem quatro Principais receber os Padres ao Caminho.'] Daqui [de São Paulo] mandaram diante Embaixadores, a esta Gente dos Goitacas-Goaçús [no 'Destrito do Rio de Janeiro', em fins de 1619], os quais chegaram, & voltaram com resposta, que fossem os Padres seguramente a suas Aldeias, & que seriam bem recebidos: assi o fizeram, porque os vieram receber ao Caminho quatro Principais, com suas Molheres, & Filhos em modo de Danças, & Festas, segundo seu costume, & com presentes de Legumes a seu uso."

"LIVRO SETIMO DA VIDA DO PADRE IOAM D'ALMEIDA DA COMPANHIA DE JESV."

"CAPITOLO II. DA SOLENIDADE DE SVAS Exequias, Concurso, & Deuaçam do Pouo."

P. 338.

"3. ['Grande Concurso que ouue dos Fieis as Exequias do padre Almeida.'] Estando assim junto este Concurso, das sete pera as oito horas da menhãa dos 25. de Setembro, foi trazido o Corpo defunto da Capella interior do Collegio, pera a Igreja, a hombros de quatro Sacerdotes Irmaãos seus, mas ajudados de muitos Seculares, que desejauam por sua Deuaçam tocar naquella Tũba, como em outra Arca da Lei: & posto em o Cruzeiro da Igreja, cõ o Rosto pera o Pouo, como he costume ã Sacerdotes, foi visto de todos cõ grãdes Lagrymas & Saudades, & jutamẽte cõ Alegria interior d'Algũs, causada daquella Fermosura de Rosto, que parecia d'hũ Anjo.

"4. O melhor do Ecclesiastico, & Musicos da Terra, tomou por sua Deuaçam beneficiarlhe o Officio de Corpo presente, que foi cantado com muita solenidade."

Vid.JoAlm, 1662

Primeiro livro da vida do Padre João de Almeida da Companhia de Jesus. S/a. S/l, 2 de junho de 1662.

Fonte: original no ARSI, Vitae 118. 54 folhas numeradas.

Título original: "Libro Primo della Vita del P. Giovanni d'Almeida / della Compagnia de Giesu." Anotação na margem: " Estratto / dalla uita stampata / in portoghese: / che fú letto in / reffettorio nella / Casa Professa / in Roma."

Assinatura: "1662.2.Junij."

Observações: segundo o catálogo, o texto foi extraído da obra Padre Simão de Vasconcellos S.I. (Cf. SOMMERVOGEL, vol. 8, col. 485), e é distinta da biografia escrita pelo Padre Antônio de Macedo, apesar das semelhanças.

F. 10. "Cap. [sem número]. / Ritorna fatto sacerdote per la Residenza, / e missioni dello Spirito Santo."

Ff. 10v-11.

"Alla mattina doppo il segno dell'Aue Maria, prima dela / messa, si radunauano li fanciulli, e fanciulle alla porta / della chiesa in due ale distinte, e recitauano in alta uoce / l'orationi alternatiuam.^{te} come in dui chori, dando principio / i maschi con qsto uersetto - Benedetto, e lodato sia il SS..^{mo} / Nome di Giesù; e rispondeuano le femine - E quello della / Santiss.^a V.M.^a Madre sua per tutto sempre Amen. E / continuauano tutte l'oratione del catachismo, dicendo al / fine di ciascheduna il Gloria Patri etc. quale finite in-/trauano in chiesa sentiuano la messa li fanciulli di /una parte, e le fanciulle d'un'altra; dopo la messa gli spi-/egaua la dottrina christiana; poi se ne andauano alle scuo-/le secondo le loro distribuzioni e capacita; chi da legere / escriuere, chi di musica; chi di sonar organo, et altri / istromenti, che seruono per uso della chiesa nelle messe, / e processioni; e riescono tanto bene in qste arte che posso- / [sic] competir con li Europei. Alla sera tornauano al suo-/no dela campana, et il P. Giovanni gli tornaua a insegnar / ed dichiarar il catechismo, e dottrina xp.^{na}, e poi se ne ritor-/nauano procissionalm.^{te} cantando a chori orationi per / l'anime del purgatorio, fin ad una formoza Croce che stava /

F. 11

inalberata in certo luogo discosto dalla chiesa. E daquel / tempo restó introdotto questo modo di insegnar gli Indiani, / e fú preso da tutte gli altri missioni e Residenze della / Prou.^a [...] /

"Grandem.^{te} se insegnaua per inserir ne' cori di quelli / Indiani, e di tutti con chi trattaua, le diuotione del SS.^{mo} / Sagram.^{to}, e S.^{to} Sacrificio della messa; et al P. Giovanni / si atribuisce il S.^{to} costume, che hoje s'osserua, di espor-/re il Venerabil Sacram.^{to} nelle chiese de'Indiani nel tem-/po S.to di quaresima, facendo celebrare gli officij diuini con / musica, prediche, e processioni solenni fatte per li med.^{mi} [abbrev: medesimi] / Indiani con molti disciplinanti etc. cose molto proprie dello / Spirito del P. Almeyda."

F. 52v. "Cap. [sem número]. Delle sue essequie."

"... Il meglio dell'ecclesiastico, e del / Regolare con la meglio musica della città presero a suo conto la / solennita dell'ufficio di corpo presente;..."

VASCONCELOS, 1672

VASCONCELOS, Simão de. **Vida do venerável Padre José de Anchieta**. Lisboa: João da Costa, 1672.

Título na publicação: "VIDA / do Veneravel Padre / Ioseph de Anchieta / da Companhia de Iesv, / Tavmatvrgo / do Nouo Mundo, na Prouincia do Brasil / Composta / Pello P. Simam de Vasconcellos, da mesma Companhia, Lente de Prima na sagrada Theologia, & Prouincial que foi na mesma Prouincia, / natural da Cidade do Porto. / Dedicada ao Coronel / Francisco Gil d'Araujo. / Em Lisboa. / Na Officina de Ioam da Costa. / M. DC. LXXII.]1672]. / Com todas as licenças neceßarias."

Outras publicações:

1. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 466-469.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

Observações: segundo Castagna, esta biografia foi reeditada apenas em 1943 (Rio de Janeiro, Imprensa Nacional). Também segundo Castagna, VASCONCELOS baseou sua obra em documentos jesuíticos, em biografias anteriores de José de Ancheita e em sua própria **Crônica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil**, de 1663, transcrevendo, inclusive, trechos completos, sem alterações.

"LIVRO PRIMEIRO DA VIDA DO P. IOSEPH DE ANCHIETA da Companhia de Iesu. CONTÉM OS ANNOS DE SVA PVERÍCIA; de sua entrada na Companhia de Iesu; partida pera o Brasil, & Capitania de San Vicente; & do que nestas partes obrou, sendo Irmam sem Ordens sacras até a era de 1556."

"CAPITVLO V. Modo da pobreza, & ordem com que assentou caza, & escola nos campos de Piratininga; como igoalmente ensinava a lingua latina; & aprêdia a dos Indios, & atendia ao bem das aluas; & contase um cazo milagroso, & celebre de suspensam da chuua."

P. 26.

"[Tradusia por todas as lingoas em romãces pios, os lasciuos, porque cantassem estes, & desterrassem os profanos.] Em quatro lingoas era destro [o P. Anchieta, na 1ª. metade de 1564], na Portugueza, Castelhana, Latina, & Brasilica, em todas ellas traduzio em romances pios, com muita graça, & delicadeza, as cantigas profanas, que andauam em vso, com fructo das almas; porque deixadas as lasciuas, nam se ouuia pellos caminhos outra cousa, senam cantigas ao diuino, conuidados a isso os entendimentos do doce metro de Ioseph."

"CAPITVLO VI. Modos varios com que conuerteo muitas almas, per si e seus discipolos: & modos vários, com que o inferno o pretendia estoruar."

Pp. 29-30.

"['Traços de Ioseph na conuersas dos Indios.'] Hauia em S. Vicente hum Seminario de muitos filhos dos Indios do sertam de Piratininga, que os Padres lhes tinham pedido para criá-los na doutrina Christam: Estauam estes ja bastantemente instruidos na fé, ler, escreuer, & cantar: ['Modo pera os campos os meninos do Seminário em ajuda dos Indios.'] Foy traça de Ioseph, que viessem estes meninos pera os campos encorporarse com seus discipolos em fauor, & ajuda dos Paes, cõ o effeito, que logo veremos. Continuauam estes na noua Aldea sua escola, ajudauam a beneficiar os officios diuinos em canto de orgam, & instrumentos músicos. (O mor gosto e incitamento, que podia auer para os Pães, que já ali estauam, vindos de seus sertoes.) ['De quãto foy a ajuda destes mininos] Espalhauamse a noite pellas cazas de seus parentes, a cantar as cantigas pias de Ioseph em propria lingoa contrapostas às que elles costumauão cantar vaãs, & gentlicas: Com os Padres ajudauam a cathequizar: Na escola instruiam aos seus igoaes, na doutri-

P. 30

na, ler, escreuer, & cantar; & vinham a ser Mestres os que ainda eram discipolos; todos os dias pela manhã, no fim da escola, cantauam na Igreja as Ladainhas dos santos, & a tarde a Salue de Nossa Senhora, com outras pias oraçoens em canto de orgam:..."

"CAPITVLO VIII. Dos mais discipolos da escola de Ioseph, além do Irmã Pedro Correa."

P. 43.

"['Do Irmão Gregorio Serram, & seus encomios'] O terceiro Discípulo de Ioseph, [em Piratininga, entre 1554 e 1556] [...] foy o Irmaõ Gregorio Serram [...] E que sendo ainda Irmaõ, com occupaçam do estudo, tinha cuidado de humas das Aldeas daquelles campos, juntamente com o Irmão Manuel de Chaues, afim de estudar a lingoa & ajudar aos filhos dos Indios, nos costumes da fé, ler, escreuer, & cantar."

"LIVRO TERCEIRO DA VIDA DO P. IOSEPH DE ANCHIETA da Companhia de Iesv. CONTÉM OS ANNOS2 QVE GOVERNNOV na Capitania de S. Vicente, como Reitor daquelle Collegio e das cazas de Santos, & S. Paulo, annexas: e juntamente os que na mesma Capitania continuou por subdito E as couzas admirauéis, que ahi lhe succederam, até quasi o anno de 1578."

"CAPITVLO VI. Do grande espirito de missoens de Ioseph, & dos fauores extraordinarios, que nellas fazia o Ceo: especialmente da canoa perdida, de que escapou com milagre: e de outra virada de que sahio sem se molhar, nem seu Breuiario."

Pp. 162-163.

"['Modo de ensinar os Indios em suas Aldeas.'] O modo com que os primeiros missionários ensinam os Indios já bautizados, ou cathecumenos, & redusidos à Aldeas sugeitas à Republica, he o seguinte. Rompendo a manham em se ouuindo pella Aldea o sino, que tange à Missa, todos os meninos se vam

ajuntar na Capella mor da Igreja aonde postos de joelhos, em coros iguais, entoam em voz alta louvores de Iesu, & da Virgem: dizendo os de hũ coro: Bendito, & louuado seja o santissimo nome de Iesu, & respondendo os do outro, & o da bem afortunada Virgem Maria may sua pera sempre. Amem. E logo todos juntos dizem. Gloria Patri, & Filio, & Spiritu sancto. Amem. E nisto continuam até chegar a Missa: chegada esta, ouuêna cõ silencio, & acabada ella idos os mais Indios esperam elles no mesmo lugar o Religioso, que tem cuidado delles, o qual lhes ensina as orações da doutrina Christã, em voz alta, & apoz esta, da mesma maneira os misterios de nossa santa fé, em dialogo de perguntas, & respostas, (composto pera esse effeito em lingua do Brasil) da santissima Trindade, creação do mundo, primeiro homem, Encarnação, Morte, Paixão, Resurreição, & mais misterios do Filho de Deos, do Iuizo vniuersal. Limbo, Purgatório, Inferno, Igreja Catholica, &c. E ficam tam destros estes meninos, que ensinam depois aos pais tem sua doutrina particular, todos os dias santos, &

P. 163

Domingos, na mesma Igreja com praticas sobre ella, acabada a doutrina tomam a dizer os meninos a coros: louuado seja o santissimo nome de Iesu, respondem os outros, & o da santissima Virgem Maria may sua pera sempre. Amem. E logo esperam que os mandem, & vam todos juntos a suas escolas aler, escrever, ou cantar: Outros â instrumentos musicos, segundo o talento de cada hum. E saem no canto & instrumentos tam destros, que ajudam a beneficiar as Missas, & procissoens de suas Igrejas, com a mesma perfeição que os Portuguezes. Nestas escholas gastam duas horas da manhã; outras duas da tarde. “[’Modo de encommendar as almas do Purgatorio’] Tangendo as Ave Marias da noite, tornamse ajuntar à porta da Igreja, & daqui formam procissam com cruz leuantada diante, & postos em ordem, vam cantando pellas ruas em alta voz prosas santas em sua lingua até chegarem a huma cruz destinada, a cujo pé postos de joelhos encommendam as almas do Purgatorio, na forma seguinte. Fieis Christãos amigos de Iesu Christo lembraiuos das almas, que estam penando no fogo do Purgatorio; ajudaiaes com hum Padre nosso, & huma Ave Maria, paraque Deos as tire das penas que padecem. & respondem todos. Amem: Rezam em alta voz o Padre nosso, & Ave Maria, & voltam com a mesma procissam, & canto até a portaria dos Padres, onde por fim entoam, & respondem como assima; & esperam que os mandem, que sem isso nam vam E neste hé o exercício dos meninos.”

P. 164.

“[’Sam afeiçoados à musica’] Hé muito pera louuar a Deos, ver nesta gente o cuidado com que os já Christãos acodem a celebrar as festas, & ofícios diuinos: Sam afeiçoadissimos à musica, & os que sam escolhidos dos Padres pera cantores da Igreja, prezamse muito do officio, & gastam os dias, & as noites em aprender. Saem destros em instrumentos musicos, charamelas, frautas, trombetas, baixões, cornetas, & fagotes; com eles beneficiam em canto de orgam vesporas, completas. Missas, procissoens tam solemnes, como entre os Portuguezes. [’Amigos do culto divino’] Presamse de que andem bem adornadas suas Igrejas de ornamentos. Cruzes, alampadas, castiçais; turibulos. Confrarias & tudo o maisque pertence ao culto diuino das mesmas

Cidades: & folgiam de ser os primeiros que contribuam pera estas peças, empenhando pera isso seu suor, & trabalho; & hé entre elles falta notada, possuir cousas de preço, sem que repartão com a Igreja nos dias de festa armão suas Igrejas, com eramados aprasiueis de eruas, & flores, que tal vez excedem às sedas; & nam ha algum por mais respeitado que seja, que em semelhantes occasioens, nam canse, & sue. Sera tido como por sacrilego entre elles, deixar de acudir a huma das festas por mais distantes que estejam: os sabados à tarde cantam na Igreja deuotamente a salue da Virgem Senhora Nossa, em canto de orgam com seus liuros nas mãos: & todas as segundas feiras pella menham os reponsorios dos defuntos, encommendando com o Sacerdote suas almas a Deos, no fim da Missa. Na Quaresma fazem seus sepulchros, que elles mesmos pintam: tomam disciplinas de sangue correndo os passos pella somana santa. E sobre tudo sam zelosos por ordinario de confessar, & comungar; & enuergonhandose muito entre os outros aquelles, que nam tem idade, ou capacidade para isso."

"LIVRO QVINTO DA VIDA DO P. IOSEPH ANCHIETA da Companhia de Iesu. CONTEM OS ANNOS QVE PASSARAM depois de ser Prouincial, até sua ditosa morte, que foram doze, desde o anno de 1585, até o de 1597. & as obras narauilhosas, que em todo este tempo obrou."

"CAPITVLO XV. Sentimentos dos Indios na morte de Ioseph, & como foy por elles levado à Vila em procissam de plantos."

Pp. 349-350.

"[Leuaõ o corpo defunto em procissam 14 ou 15 legoas'] Ouueram em fim de partir [de Beritiba para o Espírito Santo, a 11 de junho de 1597], formaram procissam com pompa funeral, Cruz alçada diante, o Padre Ioam Fernandes reuestido com alua, esfola, & grande multidam de Brasis; postos em ordem, & em canto funebre: ['Nam sentẽ pezo, ou cãçasso os que o leuão & acõpanham']

P. 350

sendo caminho de quatorze, ou quinze legoas foy couza auêriguada, que nehum dos que carregaram [o corpo do P. Anchietta], sentio pezo, ou cançasso algum, antes consolaçam, & aliuiio."

P. 351.

"['He leuado pellos Confradei da Misericórdia atè as partes de nossa Igreja.'] Ordenouse pois a procissam cõ todo o aparato possiuel daquelles Cidadõens que dezejauam fazello supremo Leuauão o corpo nas andas sobreditas, os Confrades de S. Misericordia até a porta de nossa Igreja, & dai o recolherão Sacerdotes da Cõpanhia Fizeramlhe exequias de tres nocturnos, & musica solemne de instrumẽtos, o Prelado Administrador, Clero, & Religiosos de S. Francisco. O seguinte dia cantaram a Missa, & pregou nella o Prelado louuores conuenientes a tam grande defunto: Chamoulhe bemaumenturado. Apostolo do Brasil, Missionário santo, & referio algumas de suas marauilhas, excitando a memória dellas aquelle pouo tam affeigoadado, que se derretia em lagrimas."

Vid.TomSou, [169- ou 17--]

Vida do Padre Tomé de Souza. S/a. S/l, s/d [posterior a 3 de fevereiro de 1692].

Fonte: original no ARSI, fundo Assistentiae Lusitanae 58 (Necrologia - 1548-1741), ff. 503-507v.

Título original: "Vita P. Thomae de Souza."

Observação: a data da morte do P. Tomé de Souza é 3 de fevereiro de 1692.

Ff. 506-506v.

"Altera verò die, qua tumu-/

F. 506v

landum erat illius cadaver, funebri cymbalorum / sonitu commotus Reverendissimus Doctor Joannes / Pimenta de Carvalho Cathedralis Ecclesiae Fluminis / Januarij Cantor Maximus, et Fluminensis Dioeceseos / pro absente tunc temporis Episcopo Gubernator, Re-/verendo P. Mathaeo de Moura, Collegij Rectori, nun-/tiare iussit velle se sepulchralles pro anima P. Thomae / defuncti exequias celebrare; habitoque debitis cum gratiis / illius beneplacito, advenit ipse quattuor Capitularibus, / necnòn Capellanis, ac pleno Cathedralis Ecclesiae cho-/ro, praecedente cruce, comitatus, et Collegium ingresus / e[ff]ormata ex praedictis simùl, et Nostratisbus Proces-/sione, religiosum defuncti Patris cadaver ab interiori sa-/cello ad Ecclesiam deportavit; ibique Officium, organo, / aliisque musicis instrumentis personantibus solemnità / administravit: ac finito Missae Sacrificio, corpus de-/votè parità, ac honorificè sepulturae mandavit."

Mor.JoVil, [1719]

Morte do Padre João de Vilar. S/a [Padre Jacinto de Carvalho]. S/l, s/d [posterior a 27 de setembro de 1719].

Fonte: original na Biblioteca de Évora, códice CXV / 2-13, f. 318-323, e em latim no ARSI, Bras 10, f. 229-232; cópia manuscrita em português na Biblioteca Nacional, e em latim no Instituto Histórico Brasileiro, ambas sem indicação de autor.

Título original: "Illustre morte que padeceu o veneravel Padre Joam de Villar da N. Companhia depois de sua religioza e santa vida no Estado do Maranhão."

Observação: segundo Leite, a autoria é do Padre Jacinto de Carvalho.

Publicação:

1. MORAES, **Corographia**, vol. 4, pp. 372-395, sem indicação de autor, data ou fonte; segundo Leite, esta publicação apresenta erros de leitura.

Versão utilizada: cópia da Biblioteca Nacional.

Ff. 73-73v: Chega no Maranhão a notícia da morte do Padre Villar.

"Metido o corpo na canoa, o / trouxeraõ para a aldea do Itapicurú , e o / enterraraõ na mesma Igreja que elle tinha / antigamente edificado, junto do altar / Mor. Chegadas as novas da sua morte / 73v.

a Cidade do Maranhão, não se pode fa-/cilmente explicar quam grande fosse o / sentimento geral de todos. Fescelhe o of-/ficio de defunctos com toda a solemnidade / na nossa Igreja, que cantaraõ os Religiosos / do Carmo, e das Mercês, veio assistir o Bispo / com todo o clero, o Senado da Camera com to-/dos os ministros da justiça."

Lemb.Def, 1730

Lembrança dos defuntos que estão enterrados na Igreja de Nsa. Sra. da Luz do Colégio da Companhia de Jesus do Maranhão. S/a. Colégio de Santo Alexandre (Pará), 1730.

Fonte: original na Biblioteca Nacional de Lisboa, seção XIII, fundo antigo, doc. no. 4518; cópia manuscrita no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Título original: "Lembrança dos defuntos, que estam / enterrados na Igreja de N. S. / da Luz do Collegio da Companhia de / JESU do Maranhão."

Versão utilizada: cópia do IHGB.

Observação: apesar do documento trazer a data de 1730, encontram-se referências a fatos posteriores a essa data, como a morte do Irmão Manoel Machado em 1740, na f. 27.

F. 1.

"Parte 1ª / Dos PP., e II. da Companhia / que estam enterrados na Igr.ª nova. / Previa noticia da Igreja."

F. 1v: Solenidade de inauguração da igreja nova, 30 de julho de 1699.

"Na tarde deste dia se can-/tarão as Vesperas de N. S. P.ª, a que assistio / o dito Senhor Bispo com capa magna, e / concorreo a esta solemnidade o mais nobre, / e luzido desta Cidade no dia seguinte de / 31 de Julho cantou Missa nova o Padre / Ignacio Roiz de Tavora, pregou o Padre / Iodoco Peres assistindo a tudo o mesmo Se-/nhor Bispo com capa magna: nas Vespe/ras, e dia esteve o Senhor exposto na tri/buna, que estava muito bem ornada de / ramos, e com a Missa se acabou toda a / Festa."

F. 6.

"Aos 20 de Agosto de 1712 levou Deos para / si o Ir. Marcos Vieira de idade de 84 annos, / dos quais 58 viveo na Companhia. [...] Ao terço / da Senhora, que todos os dias cantão os / meninos na nova Igreja, assistia sem-/pre, ainda quando mais velho, e mais cançado."

Ff. 13v-14.

"Aos 22 de Janeiro de 1723 passou des/ta, a melhor vida o Ir. Francisco Thomas. [...] Mostrou /

F. 14

particular zelo do bem commum, e ze-/lo de chamar os meninos, e meninas pa-/ra a doutrina, com os quaes rezava, e / cantava nos Sabbados a Ladainha de / N. Senhora."

Ff. 16v-19v.

"O Ir. Ignacio Luiz [...]

F. 18v

"Sua quotidiana, e continua / assistencia era no Coro, ouvindo quantas / Missas se dizião, e podia ouvir, se os acha/ques lhe permittião; vizitava o SS.^{mo} mui/tas vezes de manhã, e tarde athe o tem-/po da Ladainha; assistia ao Terço, que tam/bem cantava, acompanhando os meninos; [...]

F. 19v

"Finalmente aos 9 de outu-/bro de 1727 / [...] expirou."

Ff. 27-30.

"Aos 11 dias de março de 1740, [...] / passou desta a melhor vida / o Ir. Manoel Machado.

F. 28

"Nunca / falhava ao terço do Collegio, e fora del-/le, quando os estudantes externos o can-/tão, e elle cantava ao seu modo de tal / sorte, que metia interna devoção ver a / devoção com que estava. Fazendo / o refeitório em Tapuytaperá cantava a Ave / Maria e o Rozario servindo as acço-/

F. 28v

Acçoens de Martha, e ajundanto as de / Maria: e o mesmo fazia em outra oc-/cupações. [...]

F. 29 v

"Pelo Natal andava / repozando aquella santa alma, che-/gando ainda a dançar em signaes de / jubilos, pelo Nascimento de Deos Me-/

F. 30

Menino, sendo que em hum Varão tão San-/to isto era o maior indicio da Santidade, / e aquella dança me pareceo de hum Sera-/phim encarnado."

BARROS, 1746

BARROS, André de. **Vida do Apostólico Padre Antônio Vieira**. Lisboa: Nova Oficina Silviana, 1746.

Título na publicação: "VIDA / Do / Apostolico Padre / ANTONIO VIEIRA / da Companhia de Jesus, / Chamado Por Antonomasia / O GRANDE: / Acclamado no Mundo / Por Principe dos Oradores Evangelicos, Prégador Incomparavel / Dos Augustissimos / REYS DE PORTUGAL, / Varaõ esclarecido em Virtudes, e Letras Divinas, e Humanas: / Restaurador das Missões do Maranhão, e Pará. / Dedicada / Ao Serenissimo / Senhor Infante / D. ANTONIO / Pelo / P. ANDRE DE BARROS / Da Companhia de Jesus / [grav.] / LISBOA: / Na Nova Officina Sylviana / M.D.CC.XLVI. [1746] / Com permissão dos Superiores, e Privilegio Real."

Outras publicações:

1. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 572-576.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

Observação: segundo Castagna, o autor serviu-se apenas de compilação bibliográfica, particularmente das cartas de Vieira. Também segundo Castagna, a obra foi reeditada apenas em 1837 na Bahia.

"VIDA do Apostolico Padre Antonio Vieyra Da Companhia de Jesus, Chamado Por Antonomasia O Grande. Livro I."

P. 69.

"CXXVII. [...] ['Apostolico desvelo na embarcação do P. Vieyra.'] Todas as tardes cantavaõ a Ladaíinha: [na nau que levava o p. Vieira de Portugal ao Maranhão, entre 22 de novembro de 1652 e 16 de janeiro de 1653]."

"VIDA Do Apostolico Padre Antonio Vieyra Da Companhia de Jesus. Livro II."

Pp. 130-131.

"XXIX. ['Procissão da santa doutrina, que introduz' (enquanto esteve no Maranhão, entre 16 de janeiro de 1653 e junho de 1654)'] Pela huma hora da tarde sahia da Igreja dos Padres até a Matriz [de São Luis] em ornadas fileiras hum vistozo, e numerozo concurso de almas a beber luz daquelle coração, que era o deposito da sabedoria, e do zelo. Hia como bandeira sagrada na retaguarda hum guiaõ de côr branca, e nelle a pintura de Santo Ignacio de Loyola, luz do Mundo, e terror do Infer-

P. 131

no: arvorava-o hum Indio principal das aldêas da Cidade, ou algum outro entre elles de repeito. Adiante hiaõ os Indios, atrás destes as Indias, entoando a acentos harmoniôzoz entre aquella infantaria os estudantinhos, que já

frequentavaõ as classes, a Ladainha da Mãe de Deos: clarins, que no suave das vozes deleitavaõ os ouvidos, os corações no devoto. No fim se via o Grande VIEYRA, que por illustrar, e polir aquellas rudes almas, tão preciosas, como as mais cultas, deixára a luz, e os applausos de Europa. Discorria esta sagrada pompa pelas principaes ruas da Cidade, recolhendo de caminho á bandeira os Indios, que andavaõ dispersos, e constrangendo a alguns, a quem a ignorância fazia estranhos, o medo fugitivos.”

Pp. 133-134.

“XXXIV. [‘Mudanças nos costumes.’; ‘Introduz a devação do Rosario.’] Já parecia outro aquelle povo, revestindo-se a Cidade nova face: o Padre ANTONIO VIEYRA, reconhecendo como o Ceo dava efficácias a suas vózes, e ás dos seus, foy repetindo as industrias, e buscando em nóvos exercicios nóvos alentos á empreza. Chegou o dia da Annunciação; (aquelle dia feliz, em que se abriu a porta á fortuna do Mundo) e depois de ter no púlpito empregada toda a alma nas ponderações daquelle portentozo Mysterio, no fim do Sermaõ publicou, como daquella tarde por diante se dava principio á devação do Rosário, cantando-se a córos o Terço da Senhora naquella mesma Igreja do Collegio, em que os Padres a veneraõ com o titulo da Senhora da Luz.

“XXXV. Foy isto hum attractivo, e reclamo agradável áquelle povo: começava-se ao fenecer do dia; e era tal o concurso, que de ordinario se enchia a Igreja com a multidão de todos os estados. Assistiaõ por ley impósta os estudantes, que frequentavaõ as classes. Composto o altar com muitas luzes á Imagem da Soberana Mãe da Luz do Mundo, davaõ prin-

P. 134

cipio dous moços das melhores vózes, entoando sonóramente, e respondendo com devação notável a gente toda. [‘Exemplo, que nisto dá.’] Entre os dous musicos assistia com sobrepeliz o Padre ANTÓNIO VIEYRA para apontar os Mysterios, e para os concluir com as orações competentes. Daqui nasceo atear-se o fogo desta devação tão vivamente naquelles moradores, que pelas casas particulares formavaõ os mesmos coros as familias, ouvindo-se soar harmoniôzamente em partes diversas este obsequiozo culto á Rainha dos Ceos, e terra.”

Pp. 232-233.

“CCXVII. [‘sobre o trabalho dos padres da Companhia de Jesus com os índios da Serra de Ibiapaba, entre 4 de julho de 1656 e 22 de junho de 1657] Acodiraõ á doutrina principalmente os pequenos, que em breve se puzeraõ destros nas perguntas, e respostas do Cathecismo; sendo sempre os grandes para isto remissos, e tardos, com o conhecido descuido, e negligencia destas Nações. Não se aquietáva porêm o animo de tão esforçados Soldados, vendo que não correspondia a tantas fadigas aquelle infausto paiz: inventou [Antônio Vieira] o seu zelo hum novo genero de guerra, com que tirasse do po-

P. 233

der do demonio aquellas almas, que elle roubava ao Ceo. [‘Cõpoem a santa doutrina em verso, que os mininos cantavaõ’] Compuzeraõ a santa doutrina em verso, e a ensinavaõ a cantar com agradáveis tons aos mininos, que a aprendiaõ: e ao ouvir-se entre aquella barbaridade esta consonancia do Ceo,

forão muito mayores os concursos á doutrina de todos os dias; e começáráõ a nascer esperanças de ver domesticadas aquellas féras, attrahidos pelo Orpheo Divino rochedos tão duros. [‘Com isto attrahiráõ os grandes.’] Bautizaráõ-se muitos adultos, e todos os innocentes; porque não houve pay, que não trouxesse a tão Sagrada fonte seus filhos, dos quaes em breve tempo voárão muitos a occupar os lugares, que a Providencia Divina lhes tinha determinado no Paraíso.”

“VIDA Do Apostolico Padre Antonio Vieyra Da Companhia de Jesus. Livro III.”

P. 270.

“II. [‘Ilha dos Nheengaíbas, chamada dos Joannes.’] He aquella Ilha [‘atravessada na boca do grande rio das Amazonas’] hum confuso labyrintho, tecido de rios, e bosques: huns com mil voltas, entradas, e sabidas; outros parecendo totalmente fechados, saõ só para aquellas humanas féras penetraveis. Da situação natural do seu terreno se souberáõ déstramente valer estes Indios; e declarada a guerra contra os Portuguezes, [em 1658] com discurso militar, e cautelozo valor, para naõ serem accõmettidos juntos, desatáraõ as povoações. Estendêráõ-se pela terra dentro, e a largas distancias forão espalhando as casas, vindo a ficar toda a Ilha huma defendida povoação sem povoação; ou incontrastavel fortaleza, a quem os rios serviaõ de fosso, os bosques de muralha, ou estacada invencivel; sendo cada casa huma atalaya, cada morador huma sentinela, que a qualquer rumor de inimigo tocava com suas buzinas a rebate.”

P. 280.

“XXIV. [‘Companheiros, que leva’] Aos 16 de Agosto [de 1659] sahio [Antônio Vieira] das aldêas do Camutá com o Padre Thomé Ribeiro este grande Capitaõ de Christo com doze canoas [para a ‘empresa dos Nheengaíbas’]: acompanhavaõ-no os Principaes de todas as Nações Christãs, e dos Portuguezes só seis com o Sargento mór da praça, para não meter desconfiança áquelles Gentios. Ao quinto dia embocáraõ o rio dos Mapuázes aquelles, que tinhaõ promettido os Padres; [‘Alegre encontro, que tem’] quando duas leguas antes do porto se avistou huma canõa grande, que demandando as nossas, vogava toda empavezada, e com a magnificencia innocente, de que usaõ aquellas gentes: isto he, ornada por todas as partes de pennas de várias côres, representando entre as ondas huma ave maritima, ou hum jardim errático. Vinhaõ nella os Principaes daquela Nação, tocando a demais chusma suas buzinas, e a alternados espaços levantando vózes, e gritos, demonstração, de que usaõ na mayor alegria. Respondia-se das nossas canõas com igual expressão, soando por aquelles bosques uns equívocos écos, ao Ceo alegres, ao Inferno temerózos; vendo-se aqui á letra aquella estranha consonância do Psalmista: [‘Psal. 32. 3.’] Bene psalite ei in vociferatione.”

P. 282.

“XXVII. [‘Desembarcaõ no desejado porto.’] Forão navegando todos com alegria mutua, e ferrado o porto [no Pará, a 16 de agosto de 1659], desembarcou com todos o Padre VIEYRA; e bastando-lhe pizar aquella feróz

terra para a render, podia imitar o dito do Grande Cesar em Africa: Teneo te Africa, a não reconhecer se devia tudo ao verdadeiro Senhor dos Ceos, e terra, Deos das victorias. Tinhaõ os Nheengaíbas feita de palma, ao uso da terra, a promettida Igreja: pobre, (como se deixa entender) mas muito asseada. [‘Achaõ feita Igreja, e casa: e rēdem a Deos as graças’] Nella com o titulo do Santo Christo se collocou a sua Imagem, dizendo-se o Te Deum laudamus, em que os affectos do coração supprirão a melodia das vózes, e harmoniozo canto.”

Pp. 288-290.

“XLII. [‘Festas, em que todos rompem’ (após solenidade na aldeia dos Nheengaibas pela chegada dos padres, pouco depois da ocasião em que se rezou o Te Deum na igreja no dia 16)] Sahindo para fóra, não foy menor o triunfo. Via-se alli huma larga praça, e nella o concurso de todas aquellas Nações, que vieraõ, seguindo cada huma o seu Principal: e para publica demonstraçaõ, do que dentro da Igreja se tinha obrado, os Portuguezes

P. 289

tiravaõ as bálas dos arcabuzes, e disparando sem ellas, as arremeçavaõ ao rio; os Principaes quebravaõ igualmente as suas frechas, e atiravaõ com os pedaços ao mesmo rio; soando no mesmo tempo, e explicando-se a geral alegria de Nações, e línguas muy diversas com trombetas, buzínas, e tambores, e outros instrumentos a nós bárbaros, a todos agora festivos; [...]

“XLIV. Reduzido com tanta suavidade á nossa obediencia aquelle bravo Gentilismo, detivéraõ-se com elle os Padres quatorze dias,

P. 290

os quaes se gastavaõ em receber, e ouvir hospedes; mas as noites inteiras eraõ huma perpétua festa, assim das nossas Nações, como das suas, sendo continuos os bailes com diferentes modos, vózes, e harmonias.”

Pp. 300-301.

“LXI. [‘Chega á serra á quarta feira de Trévas á huma hora.’] Chegou [o padre Vieira] finalmente, depois de vinte e hum dias de jornada (até áquelles tempos a mais breve) á famosa serra de Ibiapába. [‘Ordena logo os Officios daquella tarde, e dos demais dias.’] Era huma hora, e o dia de quarta feira de Trévas, em que se contavaõ 24 de Março [de 1660]; e sem mais descanso, nem perder ponto á religiosa regularidade, ordenou logo os Officios daquella tar-

P. 301

de, que celebráraõ com devaçãõ piedóza. Eraõ quatro os Sacerdotes, que acompanhados dos Indios Pernambucanos, que tinhaõ, e sabiaõ o canto de Órgão, déraõ á terra nóva ternura, ao Ceo alegria. Segui-se a quinta feira, em que ao mesmo canto se celebrou Missa, e na festa a Paixaõ do Senhor; vindo aquelles leões feitos cordeiros á adoração da Cruz com rara piedade. Ao pôr do Sol houve mais que ver, e que chorar na procissão do Enterro. [‘Procissão do Enterro devotissima.’] Ordenou-se a fúnebre representaçaõ com devota pompa. Hiaõ nella todos os mininos, e moços com coroas de espinhos na cabeça, e Cruzes ás cóstas em duas fileiras: por fóra destes ao mesmo compaço, e ordem hiaõ os Indios grandes arrastando com submissãõ

respeitôza os arcos, e frechas; soando ao mesmo tempo, e augmentando a dor, e o horror sagrado, as caixas destemperadas, tantas excitativas á fereza, agora á Fé, e á humanidade."

"VIDA Do Apostolico Padre ANTONIO VIEYRA Da Companhia de Jesus. Livro IV."

P. 496.

"CXLV. Da capella interior, juntamente com a Cõmunidade, foy acompanhado dos Reverendissimos Conegos [o corpo do p. Vieira, a 18 de julho de 1697, no Collegio da Bahia], e musica daquella Sé Metropolitana até á Igreja. Alli os mesmos cantarão Missa, e fizéraõ as honras ultimas a cinzas taõ beneméritas."

"VIDA Do Apostolico Padre ANTONIO VIEYRA Da Companhia de Jesus. Livro V."

Pp. 522-523.

"XVII. ['Quanto introduz para este fim' (o culto divino no Maranhão)] Com o mesmo zelo procurava por outros modos augmentar o culto da Religiaõ; porisso até o Mysterio do Nascimento de Christo lhes representava no Presepio, mandando hir todas as imagens, e figuras necessarias áquella ternissima exhibiçaõ dos dias do Natal. Introduzio-lhe tambem procissões: e

P. 523

porque aquelles Gentios se levaõ muito das exterioridades, e saõ muito inclinados aos seus bailes, mandou-lhes hir para as festas, Missas, e procissões, muitas frautas, e charamelas, cascavéis, e outras invenções innocentes, para que viessem não ser triste a Fé de Christo."

Pp. 595-596.

"CXLVIII. ['Introduz o Terço nos navios.'] O amor a esta Senhora o fez introduzir a devaçaõ do Terço do Rosario Santissimo. Em todas as embarcações, que não eraõ de Hereges, o fazia rezar todos os dias por toda a gente da náõ; e foy isto com tanta felicidade, que os marinheiros, que tinhaõ navegado com o Padre VIEYRA, continuárão em outras viagens a mesma devaçaõ, de que veyo pegar-se em todos os navios Portuguezes, assim mercantíns, como de guerra, este Celestial contágio.

"CXLIX. ['E no Maranhão.'] No Maranhaõ acendeo tambem este Divino fogo, instituindo cantar-se o mesmo Terço na Igreja da Companhia de

P. 596

JESUS, e o Padre VIEYRA se fez Capellaõ da Senhora, assistindo a elle com sobrepeliz para dizer as orações dos Mysterios. Exhortou a todos, a que em suas casas o rezassem, como faziaõ, ouvindo desde entaõ o Ceo estas vózes todas as noites em muitas partes, e ao mesmo tempo: porque a senhora da casa com filhas, e escravas de hum lado, e o senhor com filhos, e escravos do outro, entoavaõ á Mãe de Deos, este Angelico descante."

FONSECA, 1752

FONSECA, Manoel da. **Vida do venerável padre Belchior de Pontes**. Lisboa: Francisco da Silva, 1752.

Título na publicação: "VIDA / Do Veneravel Padre / BELCHIOR / De Pontes, / Da Companhia de Jesus / Da Provincia do Brasil, / Composta Pelo Padre / Manoel da Fonseca, / Da Mesma Companhia, / e Provincia. / Offerecida / Ao Nobilissimo Senhor / Manoel Mendes / De Almeida, / Capitão Mór da Cidade de S. Paulo &c. / [grav.] / Lisboa: / Na Officina de Francisco da Silva. / Anno de MDCCLII. [1752]. / Com todas as licenças necessarias."

Outras publicações:

1. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, pp. 577-579.

Versão utilizada: transcrição em CASTAGNA.

"CAPITULO II. - Aprende a ler, e cantar."

P. 8.

"Como seus pays cuidavaõ muito no aus[entar] do filho [Belchior de Pontes, nascido na vila de 'Pirâjuçãra', em 1644 (antes de 6 de novembro)], tanto que houve oportunidade [segundo] o louvavel costume daquelles tempos [lhe] deraõ mestre [na 'Villa de S. Paulo'], com quem aprendesse também os [galanteyos] da voz, para que em idade competente recreasse como cisne os ouvidos dos que lhe assistissem, quando nos altares, a que estava destinado, o ouvissem louvar a Deos. Nesta arte achou diffculdade, como elle ao depois confessava, ou porque fosse [mui] divertida, do que lhe pedia o genio, ou porque a sua voz se não accommodava com tanta variedade de figuras: mas como era sujeito á vontade de seus pays [,] pôs toda a diligencia para conseguir com trabalho, o que talvez por natureza não pudera alcançar.

"Com os exercicios de ler, e cantar ajuntava sempre os das virtudes: e como estas com o uso se hiaõ connaturalizando em sua alma, hia dando mayores sinaes della."

P. 9.

"Com a humildade conservou sempre a sinceridade de menino em tal extremo, que todos os casos, que lhe succediaõ adversos, os attribuia a seus peccados. Tanto que soube ler, e cantar, o recolheraõ seus pays para o retiro de Pirâjuçãra, ou fosse porque os cabedaes os não ajudavaõ a sustentar o filho tanto tempo na Villa, ou porque talvez por este tempo foy Deos servido levar-lhe o pay, ou por qualquer outro destino, que não podemos alcançar."

"CAPITULO III. - Do Bailo que aproveitou no espirito, sendo estudante"

P. 12.

"... Divertia se algũas vezes seu irmão Joaõ de Pontes com o suave de musicos instrumentos, mas elle nada prezo de terrestres melodias, se conservava como serpente surda, que foge á suavidade do encantador, no seu amado retiro [na época em que 'determinou sua mãy mandálo para o estudo' com os padres da Companhia de Jesus, ainda em 'Pirâjuçâra']. Nem o ter aprendido a cantar era motivo sufficiente, para que em companhia do irmão gastasse algum tempo neste licito exercicio: antes de tal sorte se houve em toda a sua vida, que quem não soubesse que tinha aprendido esta arte, julgaria que nem ainda muito de longe tinha cortejado ao harmoniozo Apollo."

"CAPITULO XV. - Sua devoção à Paixão de Christo."

P. 80.

"... Vinha na Semana Santa ao Collegio ['de S. Paulo'], e assistindo com os mais Religiosos no Coro todo o tempo, em que se cantava o Officio das trevas, tanto que ouvia o Benedictus, sabia, e entrando no cubiculo gastava todo o tempo, em que se cantava o Miserere, castigando o seu corpo com huma rigorosa diciplina, e vingando com duros golpes as injurias, que tant[o] [...] vivo nos propõem a Santa Igreja: ..."

"CAPITULO XXII. - Contrahe amizade con o Capitão Pedro Vaz de Barros; varios sucessos em sua casa; profetiza-lhe a norte, e declara a sua bemaventurança."

P. 126.

"Vivia junto á Aldêa de Carapicuyba, em hum sitio distante huma legoa, o Capitão Pedro Vaz de Barros, Cavalheiro dos principaes de S. Paulo, o qual com a communicacão de tantos annos de vizinhança travou com o nosso Heróe huma mui fervorosa amizade. Era a sua casa de numeroza familia, tendo debaixo de sua jurisdicção mais de quinhentas almas, para cuja doutrina, e da vizinhança, convidava muitas vezes ao seu bom amigo, para que em huma Capella, que tinha no seu Sitio, lhes fizesse Missaõ por alguns dias. Como esta occupação era muy conforme ao zelo, e desejo, que tinha de salvar a todos, acceitava o convite, gastando neste imprego em diversos tempos semanas inteiras."

P. 127.

"Passados alguns annos, adoeceo Maria Leite de Mesquita, com quem estava santamente unido aquelle Cavalheiro com o vinculo do matrimonio; como o mal crescesse, pediraõ ao seu bom amigo que a fosse consolar com as suas palavras, e fortalecer com os santos Sacramentos para o caminho da eternidade, a cujas portas na sua opiniaõ estava batendo todas as horas. Acodio elle promptamente, ouviu-a de Confissação, e disposto tudo como convi[nha], sahio do apozento, e caminhando para a Capella disse aos circunstantes que a enferma não estava boa. Acabada a Missa, ouvido cantar o Bendito, que, segundo o louvavel costume introduzido nas fazendas, no fim della se costuma cantar, brotou nestas palavras: Em casa, onde se canta tam bem o Bendito, não ha morte, prepare se para trabalhos. Succedeo tudo assim; porque ainda que a enfermidade cresceo desorte, que passou alguns dias sem falla, com tudo recuperou a saude, vivendo depois muitos annos, e padecendo os profetizados trabalhos, de que foraõ causa seus mesmos filhos."

Vid.EsCam, [1765]

Vida do Padre Estanislau de Campos da Companhia de Jesus. S/a. S/l, s/d [Roma, 1765].

Fonte: original não localizado; cópia manuscrita em latim no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sem informação sobre autor, local ou data.

Título na cópia: "Vita / Patris Stanislai de Campos / é Societate Jesu."

Texto anexo à cópia: "Vida do Padre Mestre Estanisláo de / Campos S. J. escripta em Roma / e de lá trazida em manuscripto. / Ignorase quem seja o auctor. / O original manuscripto, do qual o presente / he copia fiel, foi trazido da Italia pelo / finado Padre José de Campos Lara que foi uma / das victimas da cruel perseguição de que aos Padres / da Sancta e illustre Sociedade de Jesus fez / o Marquez de Pombal; e foi sobrinho do P.^e M.^e / Estanisláu [sic]."

Publicações:

1. Revista do IHGB, Rio de Janeiro, n. 52, 1889, pp. 5-104. Edição bilíngüe, com tradução para o português de T. Alencar Araripe.

Versão utilizada: cópia do IHGB (texto em latim) e publicação da **Revista do IHGB** (tradução em português).

TEXTO ORIGINAL	TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS
F. 13. "Caput V – Præficitur Collegio Bahiensi"	P. 21. "Capítulo V – Governa o Collegio da Bahia"
F. 19. " ... Qua/rè, adventate tempore subeundis Philosophiæ / examinibus destinato, scholasticã ornari aulam, / <u>primarios Civitatis musicos Collegii sumpti/bus conduci</u> , et id genus alia imperavit, ut ex-/terni Scholares falsam, qua laborabant, opi/nionem deponerent, non posse Juniores nos/tros Litterarias obire functiones nisi eo/rum opidus adjuvarentur."	P. 28. "§ 18. Por esta razão, xegado [sic] o tempo destinado aos exames de filozofia, mandou, a expensas do collegio, ornar a sala da escola, <u>vir os principaes muzicos da cidade</u> , e fazer outros preparativos, afim de que os estudantes externos perdessem a falsa opinião, em que estavam, de não poderem os nossos estudantes assistir a festas literárias, se não fossem coadjuvados por suas riquezas."

Vid.JoMen, [1760]

Vida do Padre José Mendonça da Província do Brasil. S/a. S/l, s/d
[posterior a 1760].

Fonte: original no ARSI, Vitae 167 (Necrologia Amphiora 1600-1847), ff. 170-193v.

Título original: "Vita del P. Giuseppe Mendozza della Prouincia del / Brasile."
No final: "Ricauato dalla uita manuscritta composta da un sacerdote
Portoghese / appena seguita la du lui morte."

Observações: segundo o catálogo, o Padre José Mendonça nasceu em Recife em 1686. Foi ordenado em 18 de outubro de 1702, e professou o 4º voto na Bahia em 15 de agosto de 1720, e faleceu em Roma a 20 de outubro de 1760.

F. 175. Colégio do Rio de Janeiro.

"... Trouauasi presente ogni / sabbato ai fanciulli della nostra scuola quando andauano in chiesa a cantare / il Rosario, e le Litanie della SS.^a Vergine; inuitaua a questa diuozione anche gli / scolari d'altre suole, acciò molti più insieme lodassero la gran Madre de Dio, / ed esso gli ordinaua, e insisteu a perche quei teneri fanciulli facessero quell' / azione con tutta la maggior possibile modestia, compostezza, e diuotione."

Vid.MaCor, [1766]

Vida do Padre Manoel Correia, pelo Padre José Rodrigues [de Melo].
S/l, s/d [posterior a 1760. 1766?].

Fonte: original no ARSI, Vitae 81.

Título original: "Vitae / Emmanuelis Correa / Societatis IESU / Lusitani. / A. Josepho Rodrigues ejusdem / Societatis sacerdote."

Observações:

1. Segundo o catálogo: "Questa opera del P. Jose Rodriguez de Mello, ex-gesuita peruano (1704-1783) è stata pubblicata: Vita Venerabilis P. Emmanuelis Corraeae e Societate Iesu in Brasilia missionarii. Una cum adiectis animadversionibus historicis. Fano S. Martini, 1789, 8o, 303 p. Cf. Sommervogel, vol. 6, col. 1982."
2. A obra é descrita por Leite e Sommervogel. Segundo Leite (**História**, vol. 9, p. 100), o autor "nasceu a 24 de Janeiro de 1723 na Cidade do Porto. Entrou na Companhia, na Baía, a 19 de Julho de 1739. Fez a profissão solene no Colégio de Paranaguá a 15 de Agosto de 1756. Professor de Letras Humanas nos Colégios de Santos e Paranaguá, no qual estava por sobrevir a perseguição geral. Deportado em 1760 do Rio de Janeiro para Lisboa e Estados Pontíficos. Insigne humanista, e no exílio de Itália cultivou a poesia portuguesa e latina. Faleceu em Roma a 4 de Agosto de 1789." Segundo Sommervogel, vol. VI, col. 1982: "Rodriguez de Mello, Joseph, né à Pisco (Pérou), le 17 décembre 1704, admis le 1^{er} janvier 1719, enseigne la grammaire, la philosophie et l'Écriture Sainte. Il fut déporté en 1759, alla à Rome, et y mourut en 1783." Aparentemente se trata de um engano, e Leite e Sommervogel não descrevem a mesma pessoa.
3. 1760 é a data mais recente mencionada, no capítulo sobre a expulsão dos jesuítas, p. 42. Segundo Leite, alguns manuscritos (não diz quais) trazem a data de 1766.

P. 8: Livro primeiro.

"Caput 2.^{um} / Ejus in Societatem ingressus et tyrocinium."

P. 11: Maio de 1729.

"... Caeteram deinde Spiritu-/alium rerum operam per statas diei totius distributio-/nes tam accuratè exigebat, ut nihil eorum, quae tempus, / et locus paterentur, negligi sineret; et praeter exercitia / nouitiis nostris usitata, passim nouendiales preces, alia / que pietatis officia indicebat, propitiandis nimirum Di-/uis, quos in patronos faustae nauigationes ascuerat. Sin-/gulis etiam noctibus Lauretanum Carmen, et quinque Sa-/lutationem Angelicarum decades Sociis quotidie pio / cantu percurrentibus, Angelicus et ipse phonascus sua-/uissima, quâ erat praeditus, uoce praeibat."

P. 14.

"Caput 3.^{um} / Studiorum curriculum."

Pp. 16-17.

"Corporis sensus, ceu perduelles famulos, nè qua / liberius, audaciusque divagarentur, in acri semper custo-/dia, et fraeno continebat. Fraudabat passom oculos as-/pectu rerum, etiam non prophanarum, modo uoluptatem / intuenti afferre possent. Nihil erat in Brasilia specta-/bilius solemni supplicatione, quam habebat quotan'is Di-/uae Ursulae, et Sociis martyris purpuratis studiosa, / juuentus in earum tutelam, et in nostram disciplinam tra-/dita. Cum multa spectatores traherent, tum peculiariter / oculos inuitabant ad sui spectaculum triumphales currus; / nihil enim ad opulentiam, et elegantiam in his desiderares. / Inter juniores nostros, qui spectatum ad fenestras conflue-/bant, aderat Correa; procedente uerò pompâ magnificâ, du' / caeteri pascebant oculos innocentibus delicus, Correa su-/

P. 17

os [hurmi] desigebat, et naturale' intuendi appetitum strenu-/e domabat, atque ab adstantium non nemine, qui rem ob-/seruauerat, interrogatus aliquando, cur oculos a pio spe-/ctaculo auerteret. Spectabimus, inquit, in Caelo longe no-/biliorem Sanctarum Virginum triumphum: sine me ocu-/los illi spectaculo seruare. Non minus aurium illece-/bras fugiebat. Musicos concentus, nisi quibus sacra / templa personarent, audire non amabat. Garrula quid / occineret fama, quaesiuit nunquam, nam quae publicè, pri-/uatimque agerentur, si ad suam curam non spectarent, / essentque ab aeternis sejuncta ratonibus, nulla illi co-/gnoscendi cupiditas, ac nè patientia quidem auden-/di."

P. 18.

"Tanta ue-/rò contentio, laborque eò collimabant[,], ut procuratione corpor-/rum lucra fierent animarum. Nec nihi in hoc etiam / genere lucrifactum est; nam praeter spiritalem operam / multis, qui catholica sacra retinebant, sedulò impensam, / ingerebantur passim de religione disputationes; ad luce tanta / distabant nostri tenebriorum delizia, ut eorum uel obstinatissi-/mi quique, et si recantare sententiam non auderent, nihilomi-/nis doctrinae copiam, moderationem, atque humanitatem in / nostris hominibus aperte dilaudent. Nec defuere interim, / qui officiosa partim charitate deliniti, partim rationum mo-/mentis, quibus orthodoxa ueritas innitur, ad eam amplecten-/dam adducti, palinodiam Caluinianis erroribus solemniter / canentes, Fidem Catholicam juxta Tridentinae synodi praes-/criptum magno Ciuitatis plausu, atque gratulatione profes-/si sunt."

P. 20.

"Caput 4.^{um} / Grammaticam, et humaniores litte-/ras docet magno cum discipulorum fruc-/tu."

P. 23.

"Nulla uerò illi prior, ac potior cura fu-/it, quam ut teneris discipulorum animis singularem erga / Deiparam amorem instillaret. Teneriores ille pueros, ut ue-/hementius inflammaret diuinae Matris Benjaminos, gran-/diores uerò natu

adoslecentes tantae Reginae honorari-/os ephebos solebat appellare. Nec uerbo modo, sed po-/tissimum exemplo cultum Virginis discipulos edocebat. / Quoties Marianni Officii percurrenda esset hymnodia, / medius ipse aderat inter Parthenios Sodales, et uoce, quam / habebat suauissimam demulcens audientium aures, animos / ad Sanctissimae Matris amorem alliciebat.”

P. 66. Livro segundo.

“Caput 5.^{um} / Eius pietas aduersu Christum / Dominum.”

“Diui Assertoris mysteria, è quibus praeci-/pua meditationum capita eruebat, religiosissimo cultu pro-/sequebatur. Erga Dominum recens natum, et in cunis ua-/glientem tenerrimo amoris sensu afficiebatur. Natalitiis / feriis ad priuatum sacellum, ubi nostrae iuuentutis pie-/tas Christi praesene affabrè solebat extruere, uacuo ab ar-/bitris tempore itabat, atque in genua prouolutus dulces / cantiunculas diuino Pusioni consecrabat, tam liquidis in-/timi amoris indiciis, ut curiosos observatores qui aliquan-/do per ostii rimas indagabant, quid intus ageretur, ad pietatem uehementer incenderet.”

Pp. 67-68.

“Idem, cum ex Bahiensi Collegio ad [L]iquitaensem / Custodiam cum Sociis commigrasset, ut intimus hero / suo domicilii propinquitate fieret, in ipso sacelli domestici sacrario peropportunum diuersiorum sibi delegit; [...] /

P. 68.

“... Dominum sa-/cra theca inclusum religioso caetui uale, beneque dictu-/rum, in Crucis formam circumagente, praeter alia Comu-/niter obita religionis officia, nostri homines Ambrosia-/num Carmen alternis uersibus concinere aggressi sunt. / Inter Caeteros Correa cum uoce, tum pietate eminebat; / praesertim uerò illa uerba = Te ergo quaesumus tuis fa-/mulis subueni, quos pretioso sanguine redemisti = tanto / cecinit amoris sensu; tanta spiritûs dulcedine, ut nullus / astantium potuerit lachrymas continere, concentum illum / diuinis auribus jucundiolem reddente copioso flêtu.”

3.7 Inventários

Inv.AldRer, 1759

Inventário dos bens da Aldeia de Nossa Senhora da Assunção de Reritiba. 5 de julho de 1759.

Fonte: original no Arquivo Histórico Ultramarino, fundo Rio de Janeiro, caixa 56, doc. 5485.

Título original: "Inventr. dos bens da Aldea de N. Sr^a / da Assumpção de Reritiba."

Observações:

- 1.** O inventário encontra-se anexo ao "Ofício de João Pereira de Araújo e Azevedo, ao [Secretário de estado da Marinha e Ultramar], Tomé Joaquim da Costa Corte Real, de 5 de Julho de 1759.", assim como os inventários da Aldeia de São Pedro do Cabo Frio, da Casa de Santa Catarina e da Colônia do Sacramento.
- 2.** As folhas de todos os inventários estão claramente fora de ordem, e não são numeradas. Não é possível saber se se trata de frente ou verso, por isso optou-se aqui pela referência aos números de páginas, embora não exista numeração no documento original.

P. 10.

"Instrum.^{tos} e mais moueis da Igr.^a /
Hum Organo pequeno /
Hum crauo sem cordas /
Hum Baixaõ"

Inv.AldSPed, 1759

Inventário das alfaías, ornamentos e do mais pertencente à igreja da Aldeia de São Pedro de Cabo Frio. 5 de julho de 1759.

Fonte: original no Arquivo Histórico Ultramarino, fundo Rio de Janeiro, caixa 56, doc. 5485.

Título original: "Copia do Inventario das alfayas, ornam^{tos} [do mais] pertencente / a Igreja da Aldea de S. Pedro do Cabo Frio."

Observação: Cf. as observações referentes ao **Inventário dos bens da Aldeia de Nossa Senhora da Assunção de Reritiba.**

P. 5.

"Miscelanio do mais, q' resta pertenc^{te} a Igr.^a."

Pp. 67.

"Hum Organo com seu banco, e outro p^a o Organista /
Hua Estante com seu pé p.^a as funçoens do chôro, e off.^o de defuntos /
Dous bancos grandes, q' seruem no chôro /
Hua Arpa com sua caixa /
Hum terno de Xaramelas com sua Sacabuxa /
Duas frautas /
Duas Rebecas /

P. 7

Hum baixaõ. "

Inv.AldEmb, 1759

Inventário da Igreja da Capela Nsa. Sra. do Rosário, Embu. 2 de dezembro de 1759.

Fonte: cópia xerográfica no Arquivo Público do Estado de São Paulo, Acervo Permanente, Documentos do Tribunal de Justiça Federal, Pasta Cópias de Inventários, sem referências à localização do original. Segundo Trindade (1984), o original encontra-se na Delegacia do Tesouro do Estado de São Paulo.

Título original: "Autos de Inventario e Sequestro / feito nos bens, que se acharaõ na Aldeya / de Mboy termo da cidade de Sam Paulo administrada pelos Padres da Companhia / da dita cidade a que procedeo o Doutor Ouvidor geral João de Souza Filgueiras por / ordem do Ilustrissimo, e Excelentissimo / Senhor Conde de Bobadella."

Publicações:

1. TRINDADE, **Música colonial paulista**, p. 19.

Versão utilizada: cópia do Arquivo Público do Estado de São Paulo

F. 8.

"Inventario dos Bens da / Aldeya de Mboy do termo da Cida=/de de Sam Paulo administrada / pelos Padres Jezuitas da mesma Cidade. "

F. 14.

"Hum Orgam pequeno /

Hum Manicórdio /

Hum Baixaõ /

Duas Arpas /

Huâ Caixa com varios papeis de solfa /

Duas Rabecas novas com sacos de baeta vermelha, e suas Caixas /

Huâ dita velha com saco de linhage /

Hum Rabecaõ novo com sua Caixa [...]

Tres Bancos no Coro; dous de Espaldar, e hum pequeno do Orgaõ /

Huâ Caixa, em que estaõ nove sayotes, e outros enfeites / das danças dos Carijós"

Inv.ColMar, [1760]

Inventário da igreja do Colégio do Maranhão. S/d [1760].

Fonte: original no ARSI, Bras 28, f.23/p.39 ss.

Título original: "Inventario do Coll.^o da Mar.^{am}"

Publicações:

1. LEITE, **História**, vol. 3, apêndice C, pp. 433-435.

Versão utilizada: documento original.

Observações: o códice Bras 28 (*Inventarium Maragnonensis*) difere-se dos outros códices do fundo. Todos os documentos foram copiados pelo Padre Manuel Luís, após a expulsão dos jesuítas, e os originais não foram encontrados. Segundo o f. 36v / p.66: "Esta foi a ult.^a copia, q' tresladei, e a acabei de escrever aos 13 do mes / de Abril de 1767. ... P. Manoel Luis." De acordo com outros trechos, os inventários foram feitos em 1760. Segundo Leite (**História**, vol. 4, p. 410, apêndice I, nota de rodapé): "O Inventário copiou-o o P.e Manuel Luís, num livro ou cadernos do seu uso. onde além disso incluiu outros documentos e notas pessoais, que nos permitiram identificá-lo e serão sumamente úteis para a história, ainda a fazer, daquela época atribulada. "Manuel Luís nasceu em Horta-de-Vilarica (Moncorvo), no dia 26 de Maio de 1731. Entrou na Companhia de Jesus em Lisboa a 15 de Março de 1750, e no ano seguinte já se encontrava na Vice-Província do Maranhão (Bras. 27, 173v). Exilado com os mais para Portugal, daqui passou à Itália. Em 1766 achava-se em Tívoli, e em 1768 em Roma, quando organizava este Inventário. "Referindo-se à Memória, que o Rei das Duas Sicílias apresentou ao Papa 'aos 15 de Abril pouco mais ou menos do ano de 1768', acrescenta, incluindo-a nos seus cadernos: e foi 'copiada pelo P. Manuel Luís aos 18 do mesmo mês, de 1768, Roma, no Palácio de Sora e Sala do Grão-Pará'."

F. 25v/p.44.

"Inventario da Igr.^a do Mar.^{am}"

F. 26v/p.46.

"... 8, ou 10 bancos debayxo do corô, em cima porem 9 bancos pintados de vermelho, e 2 / arquibancos: hu' Orgaõ; na torre 4 sinos, 2 delles g.^{des}, e 2 mais pequenos."

Inv.Vigia, [1760]

Inventário da casa da Companhia de Jesus na Vila da Vigia. S/d [1760].

Fonte: original no ARSI, Bras 28, f.15 / p.23 ss.

Título original: "Inventario da Caza da Comp.^a de JESUS da Villa da Vigia"

Observações: sobre o códice Bras 28 (*Inventarium Maragnonensis*), cf. as observações sobre o **Inventário da igreja do Colégio do Maranhão**.

F. 15v/p.24.

"Inventario da Igr.^a

"Huã Igr.^a g.^{de} de pedra, e cal com 3 altares, e 2 torres tudo acabado; [...] hu' orgão pequeno de can[a]s;..."

Inv.SemBel, 1760

Inventário dos ornamentos de ouro e prata e mais alfaías pertencentes à igreja do Seminário de Belém da Companhia de Jesus. 23 de janeiro de 1760.

Fonte: original no Arquivo Histórico Ultramarino, fundo Bahia (Castro e Almeida), caixa 26, doc. 4894.

Título original: "Instrumento do Inventario / dos Ornamentos, Ouro, Prata, e mais / Alfayas, pertencentes a Igreja do Semi-/nario de Bethlem, que foi dos Religiosos / da Companhia denominada de JESUS." Data no catálogo do fundo: 23 de janeiro de 1760. Folhas não numeradas.

F. 20.

"Varios trastes da Igreja, e / da Sachristia."

F. 20v.

"Hum Orgão muito velho, e hum banquinho / em que se assenta o Organista, aualiado em / dezanouemil, e duzentos reis.....19\$200. / Hum crauo velho, e sem cordas, aualiado em / seis mil, e quatrocentos reis.....6\$400"

Inv.ColBah, 1760

Inventário dos ornamentos de ouro e prata e mais alfaias pertencentes à igreja do Colégio da Companhia de Jesus da Cidade da Bahia. 5 de março de 1760.

Fonte: original no Arquivo Histórico Ultramarino, fundo Bahia (Castro e Almeida), caixa 26, doc. 4893.

Título original: "Instrumento do Inventario dos Ornamentos Ouro, Prata, e mais Alfayas / pertencentes a Igreja do Collegio da Com-/panhia denominada de IESUS da Cidade / da Bahia." Segundo o catálogo do fundo: 5 de março de 1760. Folhas não numeradas.

Publicações:

1. LEITE, **História**, vol. 7, apêndice D, pp. 377-416.

Versão utilizada: documento original.

F. 36v.

"Bancos da Igreja"

Ff. 37-37v.

"Hum Orgão velho, e destemperado, que não / toca por se achar com os foles rotos, e algumas pessas delle /

F. 37v.

delle quebradas."

Inv.AldGuar, 1760

Inventário dos bens da Igreja de São João Batista da Missão das Guaraíras. 7 de junho de 1760.

Fonte: original no Arquivo Histórico Ultramarino, Série Inventários dos Bens Confiscados aos Jesuítas em Pernambuco, códice 1964, ff. 390 a 399.

Título original: "Invent.o que mandou fazer / o Dr / Dezembargador Bernardo / Coelho da / Gama Casco de todoz / os benz pertencentes a esta Missão / do Guaraíraz e Igreja de Saõ / Joaõ Baptista."

Versão utilizada: documento original, em cópia digitalizada do Projeto Resgate, Códices do fundo do Conselho Ultramarino relativos ao Brasil existentes no Arquivo Histórico Ultramarino.

F. 394.

"Sinco mil reis de Nossa Senhora em maõ / do Capitão mor dos Indios Baltezar / da Sylva que selhe emprestou, quando / foy a Pernambuco achamado de Sua / Excellencia. e poraõ tambem / em sua maõ humas charamellas des/ta Igreja."

Inv.FazSCruz, 1768

Inventário dos bens da Fazenda de Santa Cruz (Rio de Janeiro). 6 de maio de 1768.

Fonte: original não localizado.

Título na publicação: "Treslado do auto de Inventario da Real Fazenda de Santa Cruz e benz que nella seacham que fes o Desembargador dos Aggravos e Juis do Sequestro geral feito aos denominados Jezuitas o Doutor Manoel Francisco da Silva e Veiga."

Publicações:

- 1. Archivo do Districto Federal**, n. 2, 1895, pp. 73-77 (com continuação em outras páginas isoladas). Segundo a revista, o texto seria uma cópia "literal e autenticada" de um original do "Cartorio do Thesouro".
Outras publicações a partir desta fonte:
- 2. SANTOS, Iza Queiroz. Origem e evolução da música em Portugal e sua influência no Brasil.** Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1942
- 3. LEITE, História**, vol. 6, p. 60.
- 4.** Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 1, p. 103, nota 312.

Versão utilizada: publicação em **Archivo do Districto Federal**.

P. 77.

"Instrumento da muzica pertencentes a Igreja"

"Tres rabecas huma quebrada

Hum Rabecam velho

Hum cravo

Hum manicordio

Duas flautas doses

Huma violla quebrada

Oito xoromellas que constão dos Instrumentos seguinte:

Hum baixo demetal amarelo

Hum tenor depau amarello e pé demetal amarello digo depau vermelho e pé demetal amarello

Hum contralto da mesma forma

Hum Tiple depau amarello

Huma requinta depaó amarello

Dous Tiples de pao vermelho Com sintos demetal

Dous bues depáo amarello

Hum dito depáo pintado"

Av.ColSP, 1771

Avaliação dos bens dos jesuítas da Capitania de São Paulo. 6 de junho a 16 de julho de 1771.

Fonte: original no Arquivo Nacional, cód. 481: Bens confiscados aos jesuítas de São Paulo. Inventário do Colégio de São Paulo, Colégio de Aragariguama, etc.

Título original: "Auto de inventario que mandou fazer / o Juis Ordinario, O Lecenciado Jeronimo Roiz / dos bens dos Padres JESUITAS por ordem do / Ilustrissimo Excelentissimo Senhor Dom Luis / Antonio de Souza Botelho Mouraõ Governador / Capitaõ General desta Capitania de Saõ Paulo em / cumprimento da Real Ordem de Sua Magestade Fidelissima que Deos Guarde."

Observação: não é uma avaliação dos bens do Colégio, mas de bens trazidos ao Colégio.

F. 5.

"Aos Seis dias domes de junho de mil / setecentos e setenta e hum annos nesta Cidade de Sam Paulo, em o Collegio / da mesma, adonde foi [vindo?] Or/dinario, O Licenciado Jeronimo Rodri/gues, commigo Tabelliam de seo cargo / ao diante nomeado, e os avallidores / Joaõ Dias Sirqueira de Antonio Ber/nardino de Senna, para efeito / deste inventario na descripçam dos bens / dos Padre jesuitas, em observancia / da Ordem do Ilustrissimo e Exce/lentissimo Senhor, Dom Luis Antone/o de Souza Botelho Mouram, para / bem do Servisio de Sua Magestade Fi/delissima que Deos guarde, de que pa/ra [?] fiz esse termo Eu Ignacio / Antonio de Almeyda Tabelliam / o descrevy."

F. 92.

"Madera / Hua armaçaõ de Orgaõ que se acha prin/cipiado de mader de Sedro com o que / lhe diz respeito de mader visto e ava/liado por doze mil e oitocentos reis com / que se say.....12\$800."

Rec.BensRec, 1774

Receita dos bens confiscados aos jesuítas no Colégio do Recife. 1º de janeiro de 1774.

Fonte: original no Arquivo Histórico da Torre do Tombo, fundo Capitánias do Brasil, livro 609.

Título original: "1774 / L.º 12 de Receita do Rendim.º / dos bens confiscados / aos denominados / Jezuitas / da 3.ª classe."

Observações: o livro faz parte de uma série de volumes receitas dos bens sequestrados aos jesuítas no Recife. Todos os itens deste livro se referem a imóveis, menos este.

F. 1.

"Pertensentes a 3.ª classe / que são todos os de[?]ais que / se achão grauados com miças, & outras obras / pias & juro, que tem os ditos onus de cujas se con-/seruauaõ em cofre o que produziaõ salvas as des-/pezas vrgentes, e pela Carta regia de 28 de Ag.º / de 1770 se remetem ao Real Erario. / Por onde se hade tomar contas ao thezr.º / Antonio Pintto / E teue principio em o 1.º de Janr.º de / 1774."

Ff. 10-11v.

"Rematações"

F. 11

"Julho 31.

"Do Rdº. Manoel da S.ª da remataçaõ que fes de / hu' organo pertencente ao d.º Collegio [do Recife] Vinte / mil r 20\$000."

Aut.ColSP, 1774

Auto de Praça lançando os bens dos jesuítas do Colégio de São Paulo.
21 de novembro de 1774.

Fonte: original no Arquivo Nacional, cód. 481: Bens confiscados aos jesuítas de São Paulo. Inventário do Colégio de São Paulo, Colégio de Aragariguama, etc, f. 174 ff.

F. 186.

"Logo no mesmo acto de Praça lan/sou o dito Capitão Joaquim Xavier da / Costa Valle em huma Coroa de ouro [...] e em hum Organo / pequeno detres Com [...] pertences pelo pre/sso de Cincoenta e Cinco mil Reis."

Inv.ColSP, 1775

Inventário dos bens do Colégio de São Paulo. 22 de abril de 1775.

Fonte: original no Arquivo Nacional, cód. 481: Bens confiscados aos jesuítas de São Paulo. Inventário do Colégio de São Paulo, Colégio de Aragariguama, etc, f. 167v ff.

Título original: "Avaliassoins dos beins de que / estaõ [?] Manoel Joze Gomes depozitario / dos beins [?] Jezuitas / pertencentes ao Collegio que foy delles / desta Cidade de Saõ Paulo."

F. 168v.

"Hum organ piqueno de tres com / todos os seus canudos em bom uzo de es/tanho que foy visto e avaliado com / enformaçaõ do organista da Se Igna/cio Xavier Carvalho acharaõ [valer / ?es] ditos avaliadores a quantia de sin/coenta e sinco mil reis com que se / say.....55\$000"

Inv.AldEmb.2, 1909

Inventário das imagens, prata, paramentos e mais alfaías e objetos da Igreja de Nossa Senhora do Rosário do Embu. 20 a 22 de outubro de 1909.

Fonte: original no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, no Livro-tombo da Igreja do Embu, 1882-1920, ff. 10-14.

Título original: "Inventario das imagens, prata, paramentos e / mais alfaías e objectos pertencentes à Egreja Matriz / desta Parochia de Nossa Senhora do Rosario / de Mboy, o qual é oranizado em virtude de / determinação de Ex. [Rom.^a]. o Sm. D. Duarte Leo-/poldo e Silva, Arcebispo Metropolitano, quando / aqui nos dias 20, 21 e 22 de Outubro de 1909, em / visita pastoral."

F. 13.

"Objectos diversos.

"...um harmonium francez (Debain) contendo cinco oitavas, treze regis=/tros, teclado transpositor, etc. / um orgão (pequeno) desmanchado."

3.8 Outros

Repr.CoJes, [1667-1676]

Representação que fez a Companhia de Jesus do Estado do Maranhão a El-Rei, pelas vexações e desordens que padecem no mesmo Estado.

S/a. S/l, s/d [Maranhão, 1667-1676].

Fonte: original não localizado; cópia manuscrita na Biblioteca Nacional.
Referência ao original na cópia: "Collecção de Papeis, relativos ao Estado do / Maranhão, e Companhia de Jezus nelle / estabelecida, existente na Bibliotheca Re-/al de Saõ Francisco de Lisboa (Catalogo / de Mss. De Polygraphia T.4 = 28 afl 194)."

Título na cópia: "Representação que fez a Companhia de / Jezus do Estado do Maranhão a El Rei, pe-/las vexações e desordens que padecem no mes-/mo Estado."

Versão utilizada: cópia da Biblioteca Nacional.

Observações:

- 1.** O volume traz vários documentos, porém todas as referências aos originais estão riscadas.
- 2.** O texto menciona o Governador Geral Alexandre de Souza Freire, que esteve no cargo entre 1667-1676.
- 3.** O documento não se refere a qualquer tipo de prática musical, mas descreve o regime de repartição dos índios, e menciona índios levados à força para trabalhos.

Ff. 271-271v.

"... Ficando / finalmente os missionarios sós nas Aldeaz, sem official algum, sem sachristaõ, sem / sangrador, nem barbeiro, e sem quem lhes / fosse caçar, nem pescar para se poderem / sustentar, vendo-se obrigados a de pesca-/dores de almas, serem agora pescadores de / peixes, accompanhados de algumas crian-/ças, que por incapazes do serviço tinham / ficado nas aldeas; vendo-se obrigados a fa-/zerem o oficio de cavadores, abrindo as co-/vas, quando morria alguma India para / a enterrarem com as outras Indiaz; ven-/

F. 271v

do-se obrigados a pegarem em hum remo / ajudados das ditas crianças, para passa-/rem em uma canoinha a outras aldeas / da sua administração, ou para se irem / confessar com outro missionario."

Ser.ManCar, 1668

Sermão do Padre Manoel Carneiro no Colégio do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1667.

Publicação original: Sermam que pregou o padre mestre Manoel Carneyro da Companhia de JESU no collegio do Rio de Janeiro em o segundo dia das quarenta horas no anno de 1667. Évora: Officina da Universidade, 1668. Sem numeração de páginas.

Observação: o sermão é baseado no Salmo 118 – *cantabilis mihi erant justificationes tuæ*, linha 54: “Argumento de meus cantos são os vossos decretos”. Todo o sermão se refere a elementos da prática musical.

F. 3.

“Ouço hoje, digo ao Divino, & percebo ao humano huma letra cantada por duas vozes, porque ouço hoje a hum homem muzico, & a hum Deos solfista: a hum Deos solfista, porque vindo Deos d’aquella Hostia ao homem arrependido nestes tres dias, celebra nestes tres dias a justificaçam do homem d’aquella hostia. [...] A hum homem muzico, porque considerando hoje o homem as misericordias de Deos sacramentado, gratifica tambem hoje a Deos sacramentado suas misericordias.”

F. 3v.

“Cantabilis mihi erant justificationes tuæ.

“A tres tempos costumam reduzir os Muzicos toda a consonancia, & harmonia da solfa: ao primeiro chamam tempo perfeito, ao segundo tempo imperfeito, & ao terceiro tempo de permeyo. Estes sam todos os tempos de que se compoem a solfa humana: [porem] na solfa Divina tambem se acham estes tempos; porque como Deos em todo o tempo dezeja cantar a justificaçam de suas creaturas, nam quis que na sua solfa faltassem tambem estes tempos. Ora vamos discorrendo brevemente pellos tempos desta Divina solfa. Canta Deos primeiramente no tempo perfeito, a justificaçam de suas creaturas, porque pera Deos cantar a justificaçam de suas creaturas, nam ha tempo mais habil que o tempo perfeito.”

F. 5v.

“A segunda propriedade da solfa, he cantar Christo no tempo imperfeito nossa justificaçam.”

F. 6.

"Se ao prezente nos achamos no estado imperfeito da culpa, ouçamos as vozes d'aquella Divina Cythara, que Cythara chamou Clemente Alexandrino ao Divino Sacramento. [...] E se as vozes da Cythara de David assi melhoravam as imperfeições de Saul, tambem nossas imperfações [sic] terão melhora com as consonancias do filho de David sendo Cythara."

Ff. 6-6v.

"A terceira propriedade da solfa Divina vem a ser cantar Christo nossa justificação no tempo de premeyo [...] O tempo de premeyo na solfa humana, he aquelle que contem em si o tempo perfeito, & imperfeito: de maneira, que do tempo perfeito, & imperfeito, se compoem na solfa humana o tempo de permeyo; pois esse mesmo vem a ser o tempo de permeyo na solfa Divina."

Ff. 7v-8.

"... Ouçamos agora as condições da nossa muzica. [...] Este he o echo que corresponde hoje á voz de Deos da parte do homem; & esta vem a ser toda a muzica humana. [...] Toda a muzica pera ser bôa hade contar de boas vozes. E que condições hade ter uma voz pera ser boa? Se perguntares aos muzicos este ponto, ham vos de apontar entre outras, tres condições. A primeira, que seja a voz entoada: Segunda, q seja compassada a voz: Terceira, que saiba dar valia as figuras. Estas sam as condições que se pedem pera a voz ser boa na muzica; & estas avia de ter pera bem a nossa voz."

F. 18v.

"Na arte da solfa dizem [os mu]zicos, que mayor valia [huma] maxima que uma longa; [hum] breve que hum semibreve; huma minima que huma seminima; huma figura branca que huma figura preta. E que sendo isto assi na solfa dos homens, sejam tais os homens na solfa de Deos."

Test.ViEmm, 1673

Testemunhos dos Padres Antônio Vieira e José Soares Emmanoel, da Companhia de Jesus, na eleição do bispo da Catedral de São Luís do Maranhão. Maranhão, 9 de dezembro de 1673.

Fonte: original no Arquivo Histórico da Propaganda Fide, fundo "America Meridionale dall'Istmo de Panamá allo Stretto di Magellano", códice I (1649-1713), ff. 175-186.

Título original: "P.^o interrogat. testis ubi fita fit terra Ciuitas nunctam S.^{ti} Lud:^{ci} / uulgo del Maranza, et quare ità uocati. [...] / 5. Vo[t,r]am inea ad fit sacrarium sacra supelectili et ad pontaliam / exercenda suff. instructum Chorus, Organum Turris cum Cam-/panis, et Cemeterium." No envelope: "Maragnon. / 9 Xmbre. 1673."

Ff. 180v-181.

"Super interrogatoriis praeliminaribus optime Rx eo / quia est Ptr' Societ.s Iesu."

F. 181

"Ad 5^m: Rx Habet Sacrestia sacra supelectili istructam / non tamen ad Pontalica[m], habet chorum non / tamèn Organum fixum, sed in ocurentijs por-/tati[s] adest parua Turris cum campana, et Ce-/meterium."

Con.EngSer, [1734]

Das contas do Engenho de Sergipe vindas na frota de 9 de março 1734.
Padre Luís Veloso. S/l [Lisboa].

Fonte: original no Arquivo Histórico da Torre do Tombo, fundo Cartório Jesuítico, maço 58, doc. 57. 6 folhas não numeradas.

Título original: "Das contas do eng.' de / Sergipe uindas na frota / de 734 em 9 de Março."

Assinatura: "Luis Velozo".

F. 3v. "Safra de 1730 p.^a 1731."

"Aos q' vieraõ cantar os Reis ... " ... " ... " \$640."

Def.Jes, [17--]

Defesa dos jesuítas contra o Vigário da Paróquia de São Pedro. S/a. S/l, s/d [17--].

Fonte: original na Biblioteca Nazionale Vittorio Emanuele (Roma), código 1255, doc. 15. Numeração de páginas de 1 a 8, e de folhas de 71 a 74v.

Título original: "Difesa de PP. Gesuiti contro le pretese del Vicario della Parrocchia de S. Pedro." Segundo o catálogo do código, é do séc. XVIII.

P.1 / F. 71.

"O Dez.or Joseph da Sylva, e Gouvea instituhio em huã Capella, que tinha nos / limites da Parochia de S. Pedro huã Capellania de seus proprios bens sem intervenção da / authoridade do Ordinario, excluindo qualquer jurisdição, por ampla, que seja, p.a qß se não / possa intrometer em administrar, ou tomar contas em caso algum, como consta da verba da / doação; e fez doação da mesma Capella à Religião da Comp.a de J&sus, e constituhio aos P.es / da mesma Companhia administradores da Capellania, impondolhes o onus de duas Missas per-/petuas, e de huã festa de Missa cantada, e Sermaõ à Senhora dos Agonizantes invocação / da d.a Capella. Quizeraõ os P.es da Companhia celebrar a festa sem sua licença, e sem qß os P.es lhe dessem emolumentos pella mesma festa, allegando, que a Capella por estar sita / nos limites de sua Parochia, lhe era sujeita."

P. 2 / F. 71v.

"Da qual doutrina se vê claramente, qß os P.es da Comp.a como ad-/ministradores da Capella, podem cantar a Missa, e fazer a festa, e tudo o mais, qß o / seu fundador mandou, sem que o Ordinario, e menos o Parocho os possa impedir; ..."

P. 8 / F. 74v: parecer final.

"Tambem não obstaõ os Cap.os allegados em contrario, quod autem 5.o Cap. illud / 8.o Cap. nullus de jur. patron. Cap. Cum et plantare; porqß nelles sò se determina, qß o pa-/trono Leigo não possa sem authorid.e do Bispo das Igrejas, ou decimas, aut quidquid eccle-/siastici juris est; porqß como os P.es da Companhia tem Licença do Summo Pontifice p.a / aceitar a Capella, de que se trata, he escuzada a licença do Ordinario p.a validar a aceita-/ção da mesma Capella. Alem de qß no Cap. nullus se dispoem, qß se o Leigo der alguma / cousa eclesiastica a algum Mosterio, e o Bispo não quizer consentir na doação sem cau-/sa racionvel, se recorra ao Pontifice, p.a qß conceda a Licença; e como os P.es da Comp.a / tenhaõ ja esta licença, escusado lhes he outro recurso."

3.9 Documentos de autoria não-jesuítica

Rel.ToSou, [155-]

Algumas coisas que aconteceram aos irmãos da Companhia de Jesus no Brasil, pelo Governador Tomé de Souza. S/l, s/d. [155-]

Fonte: original no ARSI, Bras 3 I, doc. 27, ff. 61-62. O documento 27 (ff. 58-63) tem o título "Copia d'alcune lettere mandate per diuersi Padri del Brasil".

Título original: "Parti di alcune cose, che hanno accaduto alli fratelli della / Compagnia de Jesu nel Brasil, scritta per il Gouvernatore / Tomaso de Sousa."

F. 62: Colégio da Bahia.

"Andavano i fanciulli che uennero del Regno et stauano in / questo collegio per le uille predicando, et cantando cose del S.^{re} nella lingua della Terra..."

Cer.AIMou, 1620

Certidão de Alexandre de Moura dada aos Padres da Companhia.

Setúbal, 20 de outubro de 1620.

Fonte: original no ARSI, Bras 8, ff. 301-301v. Uma versão em latim encontra-se transcrita no documento manuscrito **Historia Proprovinciæ Maranionensis Societatis IESU**.

Publicações:

1. LEITE, **História**, vol. 3, pp. 101-102.
2. Transcrita na **História da Companhia de Jesus**, do Padre José de Moraes (1759). Segundo o autor: "certidão copiada fielmente do original". Sem informação sobre as fontes.
3. MORAES, **Chorographia**. Sem informação sobre as fontes.

Versão utilizada: publicações em LEITE e MORAES.

Observações:

1. Segundo Leite, o Padre Manuel Gomes enviou esta certidão para o Padre Geral, acompanhada da advertência, cujo original se encontra no ARSI, Bras 8, f. 307: "Costumam no Brasil quando vão a semelhantes jornadas pedirem aos Generais certidões que eles dão juradas e assinadas, para, quando é necessário atalhar a murmuradores, constar que vão os Padres a servir a Deus e secundariamente ao rei, e que nos perigos das batalhas também arriscam suas vidas. Pedi uma a Alexandre de Moura, cujo traslado mando a V. Paternidade e não quis se estendessem mais no muito que os Padres trabalharam naquela jornada, por não parecer que buscamos louvores humanos. E pelo serviço do mesmo Deus imos adonde vão Índios para os confessar e administrar os sacramentos, por não haver outros que lhes saibam a língua e o façam; e também porque eles vão com muita dificuldade aonde não vão Padres, e movem-se com mais facilidade quando os Padres lhes pedem, porque são índios de nossas doutrinas dos quais os Padres têm cuidado".
2. Os textos publicados em Moraes e Moraes apresentam diferenças substanciais com relação à transcrição de Leite, provavelmente devido a diferentes traduções de versões em latim.

Publicação em LEITE:

P. 102.

"E chegando ao pôrto de Ceará, me pareceu serem necessários índios, que ali residiam, que tivessem conhecimento do gentio e terra do Maranhão. Pedi ao Padre Manoel Gomes, Superior da missão, fizesse nisso todo o possível, e levou sessenta frexeiros. E chegando à barra do Maranhão, já tarde, me

pareceu ser necessário, na mesma noite, desembarcarem os ditos Padres com todos seus índios [...]. E os ditos Padres mandaram logo recado a alguns índios principais os quais acudiram e os receberam com as armas nas mãos, bandeiras arvoradas, charamelas e outras festas a seu modo, e lhes fizeram as práticas necessárias para os reduzir à nossa devoção. [...] E, em todo o tempo que lá estive, se ocuparam os ditos Padres em dar notícia da nossa santa fé ao gentio, doutrinando-o, prègando e confessando, levantando cruzes e Igrejas pelos povos dos Índios; cantando-lhes missas, com canto de órgão e charamelas que tudo os Padres levavam, para em nada o culto divino ficar inferior ao que os Franceses faziam, porque entre êles havia alguns hereges. Exercitavam-se mais nas obras de misericórdia, curando aos doentes com muita caridade e enterrando os mortos, não perdoando aos trabalhos, nem de dia, nem de noite, havendo muitas e perigosas doenças no Gentio. E procederam, assim na armada como em terra, com muito exemplo, ajudando nas coisas de guerra e tomada da fortaleza, quanto sua religião lhes permite.”

Publicação em Moraes (semelhante à transcrita pelo Padre Moraes):

P. 76.

“Chegando ao porto do Ceará, me pareceu serem necessários mais Indios, daquela nova povoação, e por terem mais conhecimento da terra, e Gentio, pedi ao Padre Manoel Gomes superior da missão, fizesse nisto todo o possível, e encomendou o dito Padre o negocio, ao Padre Diogo Nunes, insigne na lingua Brasilica, e levárão mais setenta frexeiros. Chegando a barra do Maranhão já tarde, me pareceu, que era necessário na mesma noite desembarcarem os ditos Padres, com todos os seus Indios [...], e os ditos Padres mandarão logo recado a alguns Indios principaes, os quaes acudirão, e o receberão com as armas nas mãos, bandeiras arvoradas, e charamellas, e outras festas a seu modo; e lhe fizerão as praticas necessarias, para os reduzir à nossa devoção. [...] e em todo o tempo que lá estive se occuparão os ditos Padres em dar noticia da nossa santa fé ao Gentio, doutrinando-o, catechizando-o, e baptizando-o; cumprindo suas obrigações na salvação das almas assim dos Portuguezes, pregando-lhes e confessando-os, como pelos povos dos Indios, levantarão cruzes e igrejas, lhes fazião suas prégações, e missas cantadas, e exercitavão-se nas obras de mizericordia, curando os doentes com muita caridade, e procedêrão os ditos Padres, assim na armada, como na tomada da fortaleza, e na salvação das almas muito bem, não perdoando aos trabalhos, nem de dia, nem de noite, havendo muitas, e perigosas doenças no Gentio, e nas cousas de guerra ajudarão, quanto sua religião o permite.”

Cer.ManNob, 1630

Certidão do Padre Manoel da Nóbrega, Vigário da Sé do Rio de Janeiro, sobre os padres da Companhia de Jesus. Rio de Janeiro, 16 de abril de 1630.

Fonte: original no ARSI, Fondo Gesuitico, Collegia, Busta 203 / 1588, nº 12 (São Paulo) doc. nº 1.

Assinatura: "... dezasseis dias do mes de / Abril de mil & seiscentos & trinta annos. O R.^{do} Manoel da Nobrega."

Observação: o documento nº 1 da busta 203, com o título "Treslado das certidoões", consiste de uma série de cópias de certidões de autoridades sobre a atuação dos padres da Companhia de Jesus.

Ff. 1v-2.

"O R.^{do} Manoel da Nobrega Vigairo por sua Mag.^{de} da Sé Matriz / desta Cidade de Saõ Sebastiaõ Rio de jan.^{ro} certifico, & he uerdade que / os R.^{dos} P.^{es} da Comp.^a de IESUS tem a seu cargo neste estado do Brasil / a administração dos Indios, os quais sendo por natureza barbaros, & / rudes, os ensinaõ a ler, escreuer, cantar, & outras artes; e tem / em suas Aldeas Igrejas com tudo o aparam.^{to} necessario, e bom ornato / do culto diuino ..."

Cer.FrCos, 1630

Certidão de Francisco da Costa Barros sobre os padres da Companhia de Jesus. Rio de Janeiro, 17 de abril de 1630.

Fonte: original no ARSI, Fondo Gesuitico, Collegia, Busta 203 / 1588, nº 12 (São Paulo) doc. nº 1.

Assinatura: "Rio de jan.^{ro} a dezasete / de Abril de mil & seiscentos & trinta annos. Francisco da Costa Barros."

Observação: sobre o documento nº 1 da busta 203, cf. a observação na **Certidão do Padre Manoel da Nóbrega**, de 1630 (Cer.ManNob, 1630).

Ff. 1-1v.

"Francisco da Costa Barros Prouedor & Contador da fazenda de sua / Mag.^{de} nesta Cap.^{ia} do Rio de jan.^{ro} certifico pello juram.^{to} do ditto cargo, qß / os Religiosos da Comp.^a de IESUS tem, como he notorio, a seu cargo em todo / este estado do Brasil a administração dos Indios delle os quais sendo por / sua natureza, rudes & barbaros, ensinaõ a ler, & escreuer, cantar, & outras / artes politicas, & tem nas Aldeas suas Igrejas com todo o ornato, & aparam.^{tos} / requisitos p.^a o culto diuino, a que acodem os ditos indios com grande edifi- / cação & exemplo, ..."

Cer.PeAlb, 1630

Certidão de Pedro Homem Albernaz sobre os padres da Companhia de Jesus. Rio de Janeiro, 18 de abril de 1630.

Fonte: original no ARSI, Fondo Gesuitico, Collegia, Busta 203 / 1588, nº 12 (São Paulo) doc. nº 1.

Assinatura: "... dezoito de Abril de mil & seiscentos & / trinta annos.
Pedr'homem Albernaz."

Observação: sobre o documento nº 1 da busta 203, cf. a observação na **Certidão do Padre Manoel da Nóbrega**, de 1630 (Cer.ManNob, 1630).

F. 1v.

"Certifico eu o P. Pedr'homem Albernaz Gouernador, Prouisor / & Vigairo Geral desta Diocesi da Cidade do Rio de jan.^{ro} qβ os P.^{es} da Com-/panhia de IESUS tem nesta cidade & mais estado do Brasil, a adminis-/tração dos Indios, resedindo com elles em suas Aldeas, onde fazem m.^{to} / seruiço a D^s e a sua magestade, ensinandolhes os bons costumes, a ler / escreuer, cantar, & tanger & outras artes de qβ os brancos summa m.^{te} / se edificaõ. ..."

Cer.MaSa, 1630

Certidão de Martim de Sá sobre os padres da Companhia de Jesus. Rio de Janeiro, 20 de abril de 1630.

Fonte: original no ARSI, Fondo Gesuitico, Collegia, Busta 203 / 1588, nº 12 (São Paulo) doc. nº 1.

Assinatura: "Rio de jan.^{ro} / Vinte de Abril de mil & seiscentos & trinta annos: [...] / Martim de Sâ."

Publicação:

1. LEITE, **História**, vol. 6, p. 236.

Observação: sobre o documento nº 1 da busta 203, cf. a observação na **Certidão do Padre Manoel da Nóbrega**, de 1630 (Cer.ManNob, 1630).

Versão utilizada: documento original.

Ff. 1-1v.

"Martim de Sá fidalgo da casa de sua Mag.^{de} super intendente das ma-/terias de guerra desta Costa do Sul, Capitaõ mor & G.^{dor} desta Cap.^{ia} do / Rio de jan.^{ro} certifico qß os R.^{dos} P.^{es} da Comp.^a de IESUS desta re-/partição do sul tem a seu cargo as doutrinas dos Indios nas Aldeas / das capitancias da dita repartição, em cuja administração procedem / com grande feruor & zelo do seruico de D^s, e redução dos ditos In-/dios doutrinando os, & instruindo os em nossa S.^{ta} fé com grande cui-/dado & aproueitam.^{to} dos ditos Indios & fazendo em tudo marauilhosos / progressos, tratando do culto diuino com m.^{to} exemplo, & fazendo lhes / Igrejas mui grandes & capazes, nas quais se administraõ os officios / diuinos com a diuida essencia, ensinando os p.^a este effeito a ler, escreuer, / & cantar, & alguns instrumentos musicos."

Car.MaMon, [1640]

Carta de ca. 1640 com a resposta do Marquês de Montalvão sobre a queixa dos paulistas. S/l, s/d [1640].

Fonte: original não localizado.

Publicação:

1. LEME, Informações sobre as minas de São Paulo, p. 196. Sem informação sobre a fonte.

P. 196.

"... e também é sabido que entregando-se algumas vezes a clérigo seculares a cura espiritual de algumas aldeas ellas se acabaram de todo e sómente persistiram as que têm a seu cargo os padres da Companhia, que pelo zelo que têm do bem espiritual dos próximos, tão conhecido, contam por semelhantes incommodidades, e é muito para ver a doutrina com que tem os indios das aldeas que hoje tem, porque em cada uma dellas beneficiam os ditos índios as missas em cantos de orgão, e assistem aos mais officios divinos; e todas as vezes que são necessarios os indios para o serviço de V.M., os mandam com grande pontualidade."

Car.MiAnd, 1659

Carta do Conde Miranda Andrade sobre o que pede o índio do Maranhão Jorge Tagaibuna. Pernambuco, 1º de agosto de 1659.

Fonte: original na coleção Studart.

Publicação:

1. STUDART, **Documentos**, vol. 3, pp. 222-224.

Versão utilizada: publicação em STUDART.

Observação: neste documento informa-se que o índio Jorge Tagaibuna oferece seus serviços à coroa portuguesa, e que o mesmo afirma ter tomado a Fortaleza do Ceará dos holandeses com o pai, amigos e vizinhos, e propõe a abertura de caminho entre Pernambuco e Maranhão.

P. 222.

"Jorge Tagaibuna, Indio do Maranhão, fes petição a Vmgd. nste Conselho, em que diz, que elle he filho de D.^{os} Ticuna, principal, e Capitão de sua nasção, e Aldeas, çitas na Capitania do Camury do dito Estado; E que o dito seu Pay, e outros Indios circunvezinhos, o enviarão a esta Corte a offerecer seus pessoas, e Vidas ao Serviço de Vmgd. [...]"

"Pede a Vmgd., que tendo a tudo respeito, e ao particular serviço que fes em franquear o dito Caminho, lhe faça Vmgd. merçe do habito de Xpo, e outro para o dito seu Pay, cada hum cõ sua tença nos dizimos do Maranhão, E mandar que se lhe dê hum ornamento para se poder celebrar o S.^{to} Sacrifício da Missa, hum Sino e huas charamellas."

Pet.AntMen, 1659

Sobre o que pede Antonio Mendes, Cabo das tropas de Pernambuco, em razão da forma, em que se poderão reduzir à obediência de S. Mag.^{de} os índios tapuias, e outros particulares. [Pernambuco,] 28 de novembro de 1659.

Fonte: original na coleção Studart.

Publicações:

1. STUDART, **Documentos**, vol. 4, pp. 100-104.
2. **Revista Trimestral do Insituto do Ceará**, Fortaleza, vol. 34, 1920, p. 328.
3. Transcrito em CASTAGNA, **Fontes**, vol. 2, p. 440.

Versão utilizada: publicação em STUDART.

Observação: no documento, Antônio Mendes informa a V. Magd. que seria conveniente a conservação de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande, e a condução para estas capitâneas dos índios que se ausentaram para a serra de Capaoba, Seará e Camusy, onde não são necessários.

P. 102.

"...seria necesario mandar Vmg.^{de} escrever a Francisco Aragiba grande servidor, e Vassalo de Vmg.^{de} na Capitania do Seará, donde com tanto valor tem defendido, e defende as terras de Vmg.^{de} mandandose-lhe hũa medalha, e hũ vestido, como ao Capitão do Camusy, e dandose ao dito Pedro de Lara, hũ ornamento, sino e charamellas para a sua Aldea, em que rezide, cô que se possa celebrar as officios divinos..."

Rel.PeAlm, [1717]

Diário da jornada de Dom Pedro de Almeida e Portugal do Rio Janeiro até a cidade de São Paulo, e desta até as minas, no ano de 1717. S/a. S/l, s/d [1717].

Fonte: original no Arquivo Histórico Colonial, Lisboa.

Título original: "Diário da jornada, que fes o Exm.^o Senhor Dom Pedro desde o Rio de Janeiro athé a cid.^e de São Paulo, e desta athe as minnas anno de 1717."

Publicação:

1. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Rio de Janeiro, n. 3, 1939, pp. 283-316.

Versão utilizada: publicação na Revista do SPHAN.

Observações: Dom Pedro de Almeida e Portugal era na época governador da capitania de São Paulo e Minas.

P. 306: Aldeia da Companhia de Jesus próxima à Villa de Mogi. Segundo Leite, é Itaquaquecetuba.

"30 [de setembro] Acompanharão a sua Ex.^a o ditto Padre e os dous Paulistas, que athe ly tinham feito huma legoa athe emcontrar com dous Padres da Companhia, que erão admenistradores da hũa Aldeya de Indios, q ficava mais adiante, e despedindose sua Ex.^a delles continuou a jornada athe Aldeya aonde o receberão os Indios com humas danças, a modo das que fazem as regateiras com os arcos, e com esta muzica adiante, se apeou sua Ex.^a na Igreja a fazer oração..."

SANTA MARIA, 1722-1723

Publicação original: SANTA MARIA, Frei Agostinho de. **Santuário Mariano, e historia das Imagens milagrosas de Nossa Senhora.** Vols. IX e X. Lisboa, 1722-23.

Tomo IX

"Santuário Mariano, e historia das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e milagrosamente manifestadas, & apparecidas em o Arcebispado da Bahia, & mais bispados, de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande, Maranhão & Grão-Pará."

Livro I

P. 40.

"Título XV: Da milagrosa Imagem de Nsa. Sra. Da Paz do Collegio da Companhia"

"...depois pelo tempo adiante se deu principio a hum magnifico Templo, como se estava vendo, com as portas principaes para o Nascente do sol, & nelle se está admirando a grandeza, & generosidade de seu fundador [D. Sebastião], pois do muyto com que enriqueceo aquelle Collegio, nasceo a sua Magnificencia.

"Neste novo templo he buscada com muyto grande devoção a venerandam & muyto devota Imagem de Nossa Senhora da Paz. [...] Tem Irmandade que a serve, & a festeja com devoção, & muyta grandeza no dia da Natividade da Senhora em oytos de setembro [...] He muyto grande o concurso do povo a louvar aquella Senhora. Della nos da noticia na sua relação o Cura da Sé, o Lecenciado João Borges de Bayrros, por mandado do Ilustrissimo Arcebispo o Senhor Dom Sebastião Monteyro da ???".

Pp. 225-226.

"Título CXVII: Da imagem de nossa Senhora de Belem, que se venera no Seminario da Companhia na Cachoeira"

"Com essa Santissima Imagem tem todos aquelles moradores huma muyto grande devoção, & assim he a sua Casa muyto frequentada com muytas romages, & a ella vão muytas pessoas ter as suas Novenas [...]. Com a grande devoção, que todos tem à Senhora de Belem, lhe fazem hũa muyto grande festa nos tres dias de Natal, ou nas tres oytavas do Nascimento de Deos Menino, onde naquelles dias concorre muyta gente a assistir à Mãe de Deos, & a visitar seu Santuario."

Livro II

"Titulo LXIV: Da milagrosa Imagem de nossa Senhora da Graça de Orobucana"

P. 409: 1659, descrições do Pará: missões ao longo dos Tocantins, entrada no rio dos Mapuaezes, contato com os Nheengaybas.

"Chegados em fim à povoação, desembarcarão os Padres com os Portuguezes, & Principes dos Christãos; & os Nheengaybas naturaes os levarão á Igreja, que tinham feyto de palma ao uso da terra, mas muyto limpa, & concertada, a qual logo se dedicou à Sagrada Imagem, com o nome da Igreja do Santo Christo, & se disse o Te Deum laudamus em acção de graças."

P. 413: Celebração da paz com o portugueses. Cópia da carta de Vieira ao Rei de Portugal D. Afonso VI, de 28 de novembro de 1659.

"Finalmente posto todos de joelhos disseram os padres o *Te Deum laudamus*, & sahindo da Igreja para huma larga praça, tomárão os Principaes Christãos os seus arcos, & frechas, que tinham deyxado fora, & para demonstração pública do que dentro da Igreja já tinham feyto, os Portuguezes tiravão as balas dos mosquestes, & as lançavão no Rio, & desparavão sem bala; & logo uns, & outros Principaes quebravão as frechas; & atiravão com os pedaços ao mesmo Rio [...] Tudo isso se fazia ao som de trombetas, bozinas, tambores, & outros instrumentos acompanhados de hum grito continuo de infinitas vozes, com que toda aquella multidão de gente declarava sua alegria [...].

"... Os actos desta solemnidade, que se fizerão, foram tres, por não ser possivel ajuntarem-se todos no mesmo dia, & os dias que alli se detiverão os Padres, que forão quatorze se passarão todos, de dia em receber, & ouvir os hosdpedes, & de noyte em continuos bailes, assim das nossas naçoens, como das suas, que como diferentes nas vozes, nos modos, nos instrumentos, & na harmonia, tinham muyto que ver, & que ouvir.

"Tudo isto refere o Padre Antonio Vieira no decimo quarto tomo de seus sermões."

Tomo X: Rio de Janeiro.

Livro I

P. 63: Campos de Guaytacases, Goytacases, segundo relação do Padre Frei Miguel de São Francisco.

"As maiores fazendas são do Rio de Janeiro, principalmente das Religiões da Companhia de Jesus."

P. 65.

"Da milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Conceyção dos Guaytacazes.

"Do sitio do Desterro andando seis legoas para diante, se encontra com o Santuario de Nossa Senhora da Conceyção. Fica este na fazenda dos Padres da Companhia. Tem elles naquelles dilatados campos hũa muyto rica fazenda, &

muyto dilatada, aonde trazem muyto grandes manadas de gado, muytos criados, & muytos escravos. No meyo desta fazenda edificaraõ huma Igreja, que parece foy feyta para Collegio, & nella colocáraõ huma fermosa Imagem da Mãe de Deos, a quem deraõ o titulo de sua purissima Conceyçaõ. Ve-se esta Senhora collocada no Altar mór daquella Igreja, & Patrona della, & está cõ muyta veneraçãõ, & tudo com aquelle grande aceyo, com que o costumaõ fazer aquelees Santos Religiosos em todas as partes, não só nas Casas Professas, & Collegios, mas nas granjas, & quintas. Os mesmos Padres lhe fazem a sua festa no seu mesmo dia de oyto de Dezembro, & neste concorre a mayor parte dos moradores daquelles campos a assistir à celebridade, & a visitar a Rainha dos Anjos."

Pp. 70-71.

"Da milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Assunção de Iirituba"

"...se chega ao rio Iirituba, tambem muyto caudalozo, aonde está huma grande Aldea de Indios da administração dos Padres da Companhia [...]"

"Aqui a este Santuario concorrem os Indios a ouvir a Santa Doutrina daquelles Santos Religiosos, que os ensinaõ, & encaminhaõ com grande caridade a observar os Divinos preceytos. Nesta paroquia estaõ varias Confrarias, a que os Indios assistem com zelo e fervor; o que a Senhora cultiva com as suas misericordiosas maravilhas: porque recorrendo a ella em seus trabalhos, achaõ na sua piedade muyto certo os seus alivios. Os mesmo Indios são os que fazem as suas festividades, concorrendo com tudo o que podem para a despeza dellas. E raras vezes sucede admittirem nas suas Confrarias algum homem branco, isto he, algum Portuguez, & quando o fazem, he sómente para que seja Thesoureyro das esmolas. Da Senhora da Assunção faz menção o Padre Fr. Miguel de São Francisco nas suas relações."

Pp. 166-167.

"Titulo X: Da milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Ajuda do Bayrro de Taquaquicetuba"

"... a quem daõ o nome de Taquaquicetuba, & aonde os Padres da Companhia tem hũa grande fazenda, que he povoada de Indios daquelles, qye [não??] são senhores toda a sua liberdade.

"Estes indios são os que hoje naquelle lugar servem a Nossa Senhora, & elles com a ajuda dos Padres lhe fazem a sua festa."

Car.ManAn, 1749

Carta do Secretário de Estado Manoel Antonio de Azevedo Coutinho ao Governador da Capitania de Santa Catarina. S/I [Ilha de Santa Catarina], 20 de novembro de 1749.

Fonte: original no Arquivo do Estado de Santa Catarina, fundo Avisos Diversos ao Governador da Capitania 1748/1804.

F. 6.

"Também foi S. Mag.^{de} servido que / houvesse hum collegio / de Padres da Comp.^a nessa Ilha para instrucção da Mocidade, / e tambem para que com mais edificação, e com mayor nu/mero de ministros, se instruhissem na Relligião, e podessem ter o exercício della os moradores da Ilha."

Ind.Bras, 1758

Índios famosos em armas, que concorrerão no Estado do Brasil para sua conquista temporal e espiritual. S/a. S/l, 10 de março de 1758.

Fonte: original no IEB, col. Alberto Lamego, cód. 5, doc. 6.

Título original: "Índios famosos em armas, q' neste Es-/tado do Brazil concorrerão, p^a sua con-/quista temporal, e spiritual."

F. 2v.

"25. Tres meninos Índios, de 3 annos de Idade, foraõ vistos, / e admirados dos Portuguezes na B^a cantar solfa ao com-/paço, sem saberem ler, trepados em bancos, p^a verem a / solfa dos livros."

Nota na margem:

"P. Franco na / Imagem da virtud. / de Evor. na vida / do P. Christov. de / Gouveia for. 176 / no. 13."

F. 3.

"E aos 3 meninos cantores de 3 annos faz consonancia / hum Cunumi da Aldea do Espirito Santo, chamado Pedro de 12 an-/nos de id.^e, o q. bem se pode contar entre os mais destros Geografos, / apontando com o dedo a cid^{es} Principaes das 4 partes do mundo. [...] do q. tem feito va-/rias vezes ostentaçaõ nesta Quinta da B.^a em prez.^{ca} de alguns Religi-/ozos doutos, e autorizados da Comp.^a de Jesus, e o q mais admira, he / não ter outro conhecimento mais q das letras do A.B.C.. / Este in-/da vive, quando isto escrevo a 10 de março de 1758."

Of.AgFel, 1760

Ofício do desembargador Agostinho Felix de Souza Capello ao conde de Bobadella. Rio de Janeiro, 10 de março de 1760.

Fonte: original na Biblioteca Pública do Porto, código 555.

Publicação:

1. Parcialmente em FAZENDA, **Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro.**

Versão utilizada: trechos publicados em FAZENDA.

P. 122: Seqüestro de bens no Colégio do Rio de Janeiro, realizado a partir de 3 de novembro de 1759.

"... e além disto na occasião em que se estava pondo o cerco presenciei e toda a tropa [sic], que tanto que foi sentida esta diligencia, começarão a voar papeis em pedaços, das janellas de alguns cubiculos por algum tempo, dos quaes, mandando-se apanhar parte delles não se pôde fazer juizo certo do que continhão antes de dilacerados e depois disso se tem divulgado que dentro do Collegio se queimou grande copia de papeis e livros."

ÍNDICE DE DOCUMENTOS

Act.LuGon, 1553-1555	19
Act.PetRib, [1566]	29
An.ALGus.1, 1694.....	270
An.ALGus.2, 1695.....	251
An.ALGus.3, 1696.....	272
An.AnCos, 1739.....	298
An.AnFer, 1755	305
An.AnLim, 1720.....	287
An.AnPaes, 1712	280
An.AnRodr, 1700	275
An.AntRu, 1628	248
An.AnVie, 1626	246
An.BaSeq, 1661	256
An.CoPac.1, 1737	295
An.CoPac.2, 1738	296
An.DoCoel, 1613	237
An.DoTav, 1755	306
An.FeCar.1, 1606	228
An.FeCar.2, 1607	229
An.FeCoel, 1679	267
An.FrAlm, 1738	297
An.FrFern, 1615	238
An.FrMat, 1664	257
An.FrSilv, 1750	302
An.GasAlv, 1608.....	230
An.GomVaz, 1576.....	54
An.GoOliv, 1573	208
An.IgCarv, 1752	303
An.IgSouz, [1733]	292
An.India, 1577	56
An.InPas, 1755.....	304

An.InTav, [1621]	244
An.InTho, 1576	216
An.JoAnch.1, 1582	218
An.JoAnch.2, 1584	219
An.JoAnd.1, 1699	275
An.JoAnd.2, 1700	276
An.JoAnd.3, 1707	279
An.JoAnd.4, 1714	281
An.JoAnd.5, 1714	282
An.JoBett.1, 1665	258
An.JoBett.2, 1671	261
An.JoBett.3, 1672	262
An.JoBett.4, 1672	263
An.JoBett.5, 1674	264
An.JoHon, 1719	286
An.JoNog, 1742	299
An.JoSep, 1746	301
An.JuXav.1, 1722	288
An.JuXav.2, 1722	289
An.LaAlm, 1733	294
An.LuFig, 1604	227
An.LuFons.1, 1576	214
An.LuFons.2, 1578	217
An.MaBel.1, 1590	221
An.MaBel.2, 1591	222
An.MaBel.3, 1591	223
An.MaCorr, 1693	268
An.ManBarr, 1671	259
An.MaOliva, 1725	290
An.MaOlivr, 1596	225
An.MaPed, 1701	278
An.MaRib, 1718	285
An.MaSanc, [1616]	240

An.MaSeq, [1744]	300
An.MaTav, 1727	291
An.MiAnt, 1696	273
An.PeRodr, [1597]	226
An.PeTol.1, 1611	233
An.PeTol.2, 1617	241
An.PiCon.1, 1678.....	265
An.PiCon.2, 1679.....	266
An.PINun.1, 1716.....	283
An.PINun.2, 1717.....	284
An.ProvBras.1, 1608	232
An.ProvBras.2, 1612	235
An.ProvBras.3, [1645].....	250
An.ProvBras.4, [1645].....	252
An.QuCax, 1574	209
An.SeVaz, 1615.....	239
An.SiAlv, 1755	307
An.SiVasc, [1624].....	245
An.VeBai, 1593	224
Ata.Congr, 1575-1577.....	34
Ata.CongRom, 1568.....	5
Aut.ColSP, 1774	575
Av.ColSP, 1771	573
BARROS, 1746	550
BERETTARI, 1617	530
Car.AIPfeil, 1684.....	174
Car.AmGon, 1568.....	144
Car.AmPir, 1555.....	101
Car.AnBlas.1, 1554	93
Car.AnBlas.2, 1557	110
Car.AnBlas.3, 1559	115
Car.AnBlas.4, 1559	116
Car.AnBlas.5, 1561	125

Car.AnBlas.6, 1564	132
Car.AnBlas.7, 1564	134
Car.AnBlas.8, 1565	140
Car.AnBon, 1695	180
Car.AnCri, 1545.....	42
Car.AnGon, 1566	142
Car.Anon, 1574	145
Car.AnPir, 1551	68
Car.AnPir.2, 1560	122
Car.AnRodr.1, 1553	88
Car.AnRodr.2, 1559	117
Car.AnVie.1, 1653	160
Car.AnVie.2, 1654	162
Car.AnVie.3, 1654	163
Car.AnVie.4, 1658	164
Car.AnVie.5, [1660].....	165
Car.AnVie.6, 1688	176
Car.AValig, 1576	55
Car.BelDi.1, 1566	51
Car.BelDi.2, 1566	52
Car.BerAg, [1767]	205
Car.BrLour.1, 1553	90
Car.BrLour.2, 1554	92
Car.CrGouv, 1584	150
Car.DiJac, 1552	70
Car.DioMach, 1689	177
Car.DiTup, 1552	78
Car.FraAvel, 1671	170
Car.FraLop, 1565.....	50
Car.FraMatt, 1700.....	182
Car.FranBor, 1570	53
Car.FrEst, 1553	13
Car.FrPas, 1578.....	57

Car.FrPir.1, [1552]	82
Car.FrPir.2, 1552	85
Car.FrPir.3, [1557]	110
Car.FrPir.4, [1559]	114
Car.FrWol.1, 1756	202
Car.FrWol.2, 1756	203
Car.GasBaz, 1553	43
Car.GasFar.1, 1722	191
Car.GasFar.2, 1726	192
Car.GasFar.3, 1729	193
Car.GreSar, 1576	146
Car.HeGom, 1614	154
Car.InLoy.1, 1554	14
Car.InLoy.2, 1554	15
Car.InLoy.3, 1556	22
Car.InLoy.4, 1556	23
Car.IrmPort, 1553	87
Car.JacCar, 1731	195
Car.JeNad.1, 1563	27
Car.JoAnch.1, [1554]	95
Car.JoAnch.2, 1554	96
Car.JoAnch.3, 1554	97
Car.JoAnch.4, 1555	99
Car.JoAnch.5, 1557	107
Car.JoAnch.6, 1560	118
Car.JoAnch.7, 1560	119
Car.JoAnch.8, 1565	138
Car.JoAnd.1, 1697	181
Car.JoAnd.2, 1706	184
Car.JoAnd.3, 1706	185
Car.JoAnd.4, 1711	186
Car.JoBett.1, 1676	171
Car.JoBett.2, 1678	172

Car.JoBrew, 1751	200
Car.JodPer, 1685	175
Car.JoNep, 1753	201
Car.JoPer, 1703	183
Car.JoPol.1, 1556	21
Car.JoPol.2, [1556]	44
Car.JoRodr, 1565	142
Car.JosBern, 1721	189
Car.JoVid, 1739	197
Car.JuAzp.1, 1550	65
Car.JuAzp.2, 1555	102
Car.LeNun, 1550	66
Car.LeVal.1, 1561	127
Car.LeVal.2, 1562	129
Car.LeVal.3, 1563	130
Car.LuEst, 1557	24
Car.LuFon, 1577	147
Car.LuGra, 1554	98
Car.MaDias, 1721	190
Car.MaGom, 1621	157
Car.MaMon, [1640]	595
Car.MaMot, 1729	194
Car.MaMour, 1711	187
Car.ManAn, 1749	602
Car.MaNob.1, 1549	60
Car.MaNob.2, 1549	61
Car.MaNob.3, 1550	62
Car.MaNob.4, 1552	74
Car.MaNob.5, 1552	77
Car.MaNob.6, [1552]	82
Car.MaNob.7, 1553	89
Car.MaNob.8, 1559	112
Car.ManSil, 1745	198

Car.MaRoc, 1758	204
Car.MaRodr, 1671.....	169
Car.MaSeix, 1718	188
Car.MiAnd, 1659.....	596
Car.NicLan, 1577	30
Car.NuBar, 1562.....	47
Car.PeCor.1, 1551	67
Car.PeCor.2, [1554].....	94
Car.PedCru, 1563	49
Car.PeDias, 1689.....	179
Car.PeDom.1, 1550.....	63
Car.PeDom.2, [1552]	86
Car.PeRodr.1, 1597.....	151
Car.PeRodr.2, 1599.....	152
Car.PeRodr.3, 1601.....	153
Car.PeSar.1, 1552	75
Car.PeSar.2, 1553	91
Car.PiCon, 1678	173
Car.RuyPer.1, 1560.....	121
Car.RuyPer.2, 1561.....	124
Car.SalOliv, 1736	196
Car.SePin, 1563	131
Car.VicRod.1, [1552]	69
Car.VicRod.2, 1552	72
Car.VicRod.3, [1552]	73
Car.VicRod.4, 1552	84
Cat.AIGusm, 1694.....	336
Cat.FrMat, 1701	337
Cat.JoAndr, 1707.....	338
Cat.MaCoel, 1732	340
Cat.ManDias, 1725	339
Cat.MiCost, 1736	341
Cat.ProvsBras, 1749	342

Cer.AIMou, 1620.....	589
Cer.FrCos, 1630	592
Cer.ManNob, 1630	591
Cer.MaSa, 1630.....	594
Cer.PeAlb, 1630	593
Con.EngSer, [1734]	584
CONSTITUTIONES, 1583 [1558]	8
Cro.CoJes, [1750].....	480
Cro.DomAr, 1720.....	472
Cro.JoBett, 1698	440
Cro.JoPol.1, 1555	16
Cro.JoPol.2, 1539-1556	348
Def.Jes, [17--]	585
Des.SebHenr, 1714.....	38
FONSECA, 1752.....	555
FORMULA SCRIBENDI, [1580]	6
FORMULA, 1540 e 1550	3
FRANCO, 1726	39
Fund.IgrConv, [1777]	513
Fund.ColRio, [16--].....	460
GUERREIRO, 1605	381
His.FundCol, [1574]	355
His.ProvMar, 1770	499
Ind.Bras, 1758	603
Inf.AnAra, 1592.....	380
Inf.AnMat, 1619	393
Inf.ColPe, [1615].....	392
Inf.CrGouv, 1583.....	360
Inf.FrSoa, [1590].....	378
Inf.JoAnch.1, 1584	368
Inf.JoAnch.2, [1586]	377
Inf.MaGom, 1621.....	394
Inf.MaNob, [1549]	60

Inf.PeMaf, 1583.....	359
Inf.QuCax, 1575.....	211
Instr.AnMasc, 1626.....	37
Instr.CIAcq.1, 1585.....	313
Instr.CIAcq.2, 1587.....	315
Instr.CIAcq.3, 1610.....	319
Instr.CrGouv.1, 1586	314
Instr.CrGouv.2, 1589	317
Instr.EvMerc.1, 1573.....	311
Instr.EvMerc.2, 1577.....	312
Instr.InLoy, 1556.....	20
Instr.JaLain, 1562.....	48
Instr.JeNad.1, [1562].....	26
Instr.JeNad.2, [1566].....	28
Instr.JoPol.1, 1547	12
Instr.JoPol.2, 1558	45
Instr.JoPol.3, 1558	46
Instr.MaBel, 1588.....	316
Inv.AldEmb, 1759.....	566
Inv.AldEmb.2, 1909	577
Inv.AldGuar, 1760	571
Inv.AldRer, 1759	564
Inv.AldSPed, 1759	565
Inv.ColBah, 1760.....	570
Inv.ColMar, [1760]	567
Inv.ColSP, 1775	576
Inv.FazSCruz, 1768	572
Inv.SemBel, 1760.....	569
Inv.Vigia, [1760]	568
Lemb.Def, 1730.....	548
MARQUES, 1758	331
Mem.AnsEck, [176-]	498
Mem.LuFig, 1637	406

Mem.LuGon, [1555]	17
Mor.JoVil, [1719]	547
Not.Miss, 1757	486
Of.AgFel, 1760	604
Ord.SemBel, [1696]	328
Pet.AntMen, 1659	597
Quad.AnBlas.1, [1556]	103
Quad.AnBlas.2, [1557]	104
Rec.BensRec, 1774	574
Reg.ColOrf, 1615	35
Reg.JoBett, 1670	326
Rel.Amaz, 1636	405
Rel.AnMach, [1753]	482
Rel.Anon, 1598.....	525
Rel.AnSou, 1759.....	496
Rel.AnVie.1, 1659	416
Rel.AnVie.2, [1661]	418
Rel.BaPil, 1717	463
Rel.BeFon, [1757]	485
Rel.Br, [1692]	434
Rel.CoAri, 1622	400
Rel.EmBrit, 1723	478
Rel.ExpJes, [176-]	497
Rel.FeCar.1, [1584]	362
Rel.FeCar.2, 1585.....	369
Rel.FiBou, 1696	439
Rel.FrBern, [1559]	523
Rel.FrCarn.1, 1628.....	403
Rel.FrGon, 1647	414
Rel.FruCor, 1696	437
Rel.HeHoff, 1753	484
Rel.InEst, 1751	481
Rel.InSeq, [1635]	404

Rel.InTho, 1600.....	526
Rel.JacCar, 1719	469
Rel.JaMont, [1610]	387
Rel.JeRodr, 1607	383
Rel.JoAnch, 1584.....	366
Rel.JoCae, [1777].....	516
Rel.JoDan, 1776	507
Rel.JoMar, 1624	401
Rel.JoMay, 1656	415
Rel.JoMor, 1759	487
Rel.JoVil, 1714	460
Rel.LuBuc, 1721	476
Rel.LuFig.1, 1607	384
Rel.LuFig.2, 1608	385
Rel.LuFon, 1576	358
Rel.LuLop, [1639].....	407
Rel.MatAg, 1621.....	396
Rel.MigAr, 1621.....	398
Rel.MisDur, [1749]	479
Rel.GasMis, 1662.....	419
Rel.PeAlm, [1717]	598
Rel.QuiCax, 1598.....	524
Rel.Rj, [1692]	435
Rel.SiMen, 1640	411
Rel.ToSou, [155-].....	588
Repr.CoJes, [1667-1676].....	580
SANTA MARIA, 1722-1723.....	599
Ser.ManCar, 1668.....	581
Sex.AnPin, 1657.....	253
SUMMA, 1539	2
TELES, 1645	412
Test.DiLain, 1558	25
Test.ViEmm, 1673	583

Trat.JeNad, [1577]	31
Tri.AnCoel, 1640.....	249
Tri.SiPinh, 1620.....	242
VASCONCELOS, 1658.....	537
VASCONCELOS, 1663.....	420
VASCONCELOS, 1672.....	542
Vid.AnMac, [1650]	535
Vid.EsCam, [1765].....	557
Vid.JoAlm, 1662	540
Vid.JoMen, [1760]	558
Vid.MaCor, [1766]	559
Vid.PeRodr, 1607.....	527
Vid.SalRod, [s/d]	522
Vid.TomSou, [169- ou 17--].....	546
Vis.AnGon.1, 1666.....	324
Vis.AnGon.2, 1666.....	325
Vis.AnVie, [1661]	320
Vis.FrMat, 1701	330
Vis.IgAzev, [1566].....	310
Vis.MaLim, [1607]	318
Vis.ManCor, 1693	436
von MURR, 1785.....	518

ÍNDICE DE AUTORES

A

- Acquaviva, Cláudio.** Nasceu em Nápoles em 1581 e entrou para a Companhia em 1567. Em 1581 foi eleito Superior Geral da Companhia, cargo que ocuparia por mais de 30 anos. Faleceu em 1615 (biografia disponível em <http://www.gesuiti.it>).
Carta ao Padre Visitador Cristóvão de Gouveia de 1585 313
Carta ao Padre Visitador Cristóvão de Gouveia de 1587..... 315
Carta ao Padre Henrique Gomes de 1610..... 321
- Aguiar, Bernardo de.** Reitor do Colégio do Maranhão no momento da expulsão.
Carta de ca. 1767 205
- Aguiar, Mateus de.** Nasceu em ca. 1575, na Bahia, e entrou na Companhia em 1592. Sabia a língua “da terra” e de Angola, e passou a maior parte da vida nas aldeias e residências. Faleceu em 1656, no Rio de Janeiro (Leite, vol. 8, p. 4).
Relação da residência que se fez em Porto Seguro em 1621..... 396
- Almeida, Francisco de.** Nasceu em 1706 em Belém da Cachoeira, na Bahia, e entrou para a Companhia em 1721. Foi professor de Filosofia na Bahia em 1745, e era Visitador do Colégio do Rio quando sobreveio a perseguição. Foi exilado em Lisboa em 1760, e faleceu em Roma em 1761 (Leite, vol. 8, p. 6).
Ânua da Província do Brasil de 1738 297
- Almeida, Laurêncio de.** Nasceu em Maragogipe (Bahia) em 1704, e entrou na Companhia em 1718. Foi professor de Filosofia e Teologia, e Superior do Colégio de Paranaguá. Residia no Colégio de São Paulo na época da expulsão. Faleceu em Roma em 1765 (Leite, vol. 8, p. 10).
Ânua da Província do Brasil de 1732 294
- Álvares, Gaspar.** Nasceu em ca. 1570 em Portugal, e entrou na Companhia em Évora, em 1586. Embarcou em 1601 para o Brasil com o Padre Fernão Cardim, e foi aprisionado por corsários ingleses. Foi resgatado com o Padre Cardim, e chegou ao Brasil em 1604. Em 1607 era consultor do Colégio da Bahia, mas não existem referências suas após essa data (Leite, vol. 8, p. 11).
Ânua da Província do Brasil de 1607 230
- Álvares, Simão.** Nasceu em 1727 em Lisboa e entrou para a Companhia em 1743. Faleceu em Roma em 1763 (Leite, vol. 8, p. 12).
Ânua da Província do Brasil de 1755. 307

Anchieta, José de. Nasceu em 1534 em Laguna, nas Canárias. Entrou para a Companhia em 1551, em Lisboa, e embarcou para o Brasil em 1553, com o Padre Luís da Grã. Fez em particular os cursos de Filosofia e Teologia, e admitiu-se à profissão solene em 1577. Foi Superior das capitanias de São Vicente e do Espírito Santo, e Provincial. Faleceu em 1597 na Aldeia de Reritiba (Espírito Santo), e em 1617 iniciou-se o processo de sua beatificação (Leite, vol. 8, p. 16).

Carta aos Padres e Irmãos de Coimbra, de 1554.....	95
Carta ao Padre Inácio de Loyola de 1554	96
Carta de 1554	97
Carta ao Padre Inácio de Loyola	99
Carta aos Padres e Irmãos de Portugal, de 1557	107
Carta ao Padre Lainez, de 1560	118
Carta ao Padre Lainez, de 1560	119
Carta ao Padre Lainez, de 1565	137
Ânua da Província do Brasil de 1581.....	218
Ânua da Província do Brasil de 1583.....	219
Sobre os colégios e residências do Brasil, de 1584	366
Informação do Brasil, de 1584.....	368
Apontamentos sobre os Padres da Companhia, de ca. 1586	377

Andreoni, João Antônio. Nasceu em 1649 em Luca, na Toscana (Itália) e entrou para a Companhia em Roma, em 1667. Foi professor no Seminário Romano. Embarcou para o Brasil em 1681, por influência do Padre Antônio Vieira. Foi Visitador de Pernambuco, Reitor do Colégio da Bahia e Provincial. Foi contrário às idéias de Vieira, e movia os padres italianos e alemães contra os portugueses. Escreveu a obra **Cultura e opulência do Brasil** com o pseudônimo André João Antonil, uma importante fonte sobre aspectos econômicos do Brasil do séc. XVIII. Faleceu na Bahia em 1716 (Leite, vol. 8, p. 45).

Carta sobre a morte do Padre Vieira, de 1697.....	181
Carta ao Padre Geral Tamburini, de 1706	184
Carta ao Padre Geral Tamburini, de 1706	185
Carta ao Padre Geral Tamburini, de 1706	186
Catálogo trienal da Província do Brasil, de 1707	338
Ânua da Província do Brasil de 1699.....	275
Ânua das missões de 1700	276
Ânua das missões de 1707.....	279
Ânua da Província do Brasil de 1714.....	281
Ânua da Província do Brasil de 1714.....	282

Antunes, Miguel. Nasceu em Lisboa, em 1664, e entrou na Companhia em 1679. Partiu para o Maranhão em 1680, e faleceu em 1699 (Leite, vol. 8, p. 59).

Ânua da Província do Maranhão de 1696.....	273

Araújo, Antônio de. Nasceu em 1566, na Ilha de São Miguel, nos Açores, e entrou na Companhia na Bahia, em 1582. Foi professor de Humanidades e Teologia, e Procurador do Colégio da Bahia. Era conhecedor da língua dos índios, e escreveu o conhecido **Catecismo da língua brasílica**, publicado em 1618. Foi superior das missões do sul. Faleceu em 1632, no Espírito Santo (Leite, vol. 8, p. 60).

Informação da Bahia de 1592	380

Araújo, Domingos de. Nasceu em 1672 em Arcos de Valdevez, e entrou na Companhia em 1689. Embarcou para o Brasil em 1691, onde completou os estudos. Foi professor de Humanidades, Filosofia e Teologia. Faleceu no Pará em 1734 (Leite, vol. 8, p. 63).

Crônica da Comp. de Jesus da Missão do Maranhão, de 1720..... 472

Araújo, Manoel de. Nasceu em 1590 em Viana do Minho e entrou na Companhia em 1608. Aprendeu a língua brasílica na Aldeia de Escada, em Pernambuco, onde esteve em 1619 com o Padre Luís Figueira. Em 1621 era professor de Humanidades no Colégio da Bahia. Deixou a Companhia em 1639 (Leite, vol. 8, p. 63).

Extrato de algumas coisas escritas do Brasil em 1621 398

Arizzi, Conrado. Nasceu em 1595, provavelmente na Sicília, entrou para a Companhia em 1615 e chegou ao Brasil em 1622. Não existem referências suas após essa data (Leite, vol. 8, p. 65).

Breve relação da festa que se fez na Bahia em 1622 400

Avelar, Francisco de. Nasceu em 1607, na Ilha de Santa Maria, nos Açores e entrou para a Companhia em 1622, na Bahia. Foi professor de Humanidades e Teologia, Reitor dos Colégios da Bahia, de Olinda e do Rio de Janeiro, Vice-Provincial e Provincial. Era bom conhecedor da língua brasílica. Faleceu na Bahia, em 1693 (Leite, vol. 8, p. 67).

Carta ao Padre Geral de 1671 170

Azevedo, Inácio de. Nasceu no Porto em ca. 1527, e entrou na Companhia em 1548. Foi Reitor de Lisboa e Braga. Esteve no Brasil em 1566 como Visitador. Em 1570 voltava ao Brasil com uma grande expedição de missionários, professores, pintores e oficiais mecânicos, quando foram atacados e mortos por corsários franceses (Leite, vol. 8, p. 69). Segundo a **Crônica** do Padre Simão de Vasconcelos (1663, pp. 446 e 403), era versado em canto de órgão, e na sua segunda vinda ao Brasil, em 1570, trazia consigo também músicos, os irmãos Magalhães, Álvaro Mendes, e Francisco Peres Godoi (Leite, vol. 8, p. 69).

Visita do Padre Inácio de Azevedo, de 1566 310

B

Baiardus, Ventidius. Nasceu em 1543 na Itália, entrou na Companhia em 1575 e embarcou para o Brasil em 1577. Foi professor de Humanidades nos Colégios da Bahia e do Rio de Janeiro. Não se adaptou à realidade da Companhia no Brasil; em 1593 pretendia passar para alguma outra ordem, e não se encontram referências suas após essa data (Leite, vol. 8, p. 90).

Ânuo da Província do Brasil de 1592 224

Barreto, Manoel. Nasceu em Santos, em ca. 1653, e entrou na Companhia em 1668. Foi Superior da Fazenda de Santa Cruz. Faleceu na Bahia em 1718 (Leite, vol. 8, p. 87).	
Ânua da Província do Brasil de 1665 a 1670	259
Barreto, Nunes M.. Missionário na Índia.	
Carta ao Padre Lainez	47
Barros, André de.	
Vida do Apostólico Padre Antônio Vieira, de 1746	550
Bazaeus, Gaspar. Missionário e Vice-Provincial da Índia.	
Carta ao Padre Inácio de Loyola, de 1553	43
Belliarte, Marçal. Nasceu em Lisboa, em ca. 1543, e entrou na Companhia na mesma cidade, aos 19 anos. Foi eleito Provincial do Brasil, onde chegou em 1587. Voltou a Portugal em 1595, e faleceu em Évora em 1596 (Leite, vol. 8, p. 91).	
Ânua da Província do Brasil de 1589	221
Anotações para a ânua da Prov. do Brasil de 1590	222
Anotações para a ânua da Prov. do Brasil de 1591	223
Bernardino, José. Nasceu em Lisboa, em ca. 1663. Estudou no Colégio da Bahia, e entrou para a Companhia em 1682. Ocupou todos os altos cargos da Província. Faleceu na Bahia, em 1738 (Leite, vol. 8, p. 96).	
Carta ao Padre Geral Tamburini, de 1721	189
Bernardonium, Francisco.	
Breve relato dos Padres e Irmãos defuntos, de 1539 a 1599	523
Bettendorf, João Felipe. Nasceu em Luxemburgo, em 1625 e entrou na Companhia em 1647. Pediu para ser enviado ao Japão, mas conseguiu o Maranhão, para onde embarcou em 1660. Foi Reitor dos Colégios do Maranhão e Pará, e Superior da missão. Faleceu em 1698, no Colégio do Pará (Leite, vol. 8, pp. 98-99).	
Carta ao Padre Geral João Paulo Oliva, de 1676	171
Carta ao Padre Geral João Paulo Oliva, de 1678	172
Compromisso e regras da Congr. de Nsa. Sra. da Luz, de 1670	326
Ânua do Maranhão de 1665	258
Ânua do Maranhão de 1671	261
Ânua do Maranhão de 1671	262
Ânua do Maranhão de 1672	263
Ânua do Maranhão de 1673	264
Crônica da Missão do Maranhão, de 1698	440

Blasques, Antônio. Nasceu em Alcântara, na Espanha, em ca. 1528, e entrou na Companhia em 1548. Foi para o Brasil em 1553, com o Padre Luís da Grã, e atuou principalmente na Bahia, onde faleceu em 1606 (Leite, vol. 8, p. 107).

Carta aos Padres e Irmãos de Coimbra, de 1554	93
Quadrimestre de janeiro a abril de 1556.....	103
Quadrimestre de setembro de 1556 a janeiro de 1557	104
Carta ao Padre Inácio de Loyola de 1557.....	110
Carta ao Padre Geral de 1559	115
Carta ao Padre Geral de 1559	116
Carta ao Padre Lainez de 1561	125
Carta ao Padre Provincial de 1564	132
Carta para Portugal de 1564	134
Carta ao Padre Provincial de 1565	140

Bonucci, Antônio Maria. Nasceu em 1651 em Arezzo, na Itália, entrou na Companhia em Roma, em 1670, e embarcou para o Brasil em 1681. Atuou nos Colégios de Olinda e do Recife, e em 1696 passou à Bahia. Em 1703 voltou a Roma, onde faleceu em 1729 (Leite, vol. 8, p. 110).

Carta ao Padre Tirso Gonzalez, Geral da Companhia de 1695	180

Borgia, Francisco.

Carta ao Padre Gundisalvo Álvares, de 1570	53

Bourel, Filipe. Nasceu em 1659 em Colônia, na Alemanha, entrou na Companhia em 1676 e embarcou para o Brasil em 1693. Fundou a missão de Apodi, no Rio Grande do Norte, onde faleceu em 1709 (Leite, vol. 8, p. 121).

Relação de como os Padres da Companhia se botaram fora do S. Francisco, de 1696	439

Brewer, Joannes. Nasceu em Colônia, na Alemanha, em 1718, e entrou na Companhia em 1737. Não consta dos catálogos a data de sua vinda ao Brasil, mas em 1745 residia na Aldeia dos Paracus, no Ceará. Em 1757 lecionava Matemática no Colégio da Bahia. Em 1759 foi deportado para Lisboa, e em 1769 foi aprisionado no cárcere de São Julião da Barra. Saiu com vida em 1777, e faleceu em Colônia, em 1789 (Leite, vol. 8, p. 122).

Carta à D. Maria Ana D'Austria.....	201

Brito, Emmanuel de. Nasceu em Ourentã, era aluno da Universidade de Coimbra quando entrou para a Companhia, em 1691. Pediu a missão do Maranhão e Pará, para onde embarcou em 1703. Foi Reitor dos Colégios do Maranhão e do Pará, e Superior da missão. Faleceu no Colégio do Pará em 1727 (Leite, vol. 8, p. 124).

Breve notícia dos acontecimentos no Colégio do Maranhão nos anos 1721 e 1722	478

- Bucharelli, Luigi Maria.** Nasceu em Florença, em 1684, e entrou na Companhia em Roma, em 1703. Em 1718 embarcou para o Maranhão, onde foi professor de Humanidades, Filosofia e Teologia. Escreveu um **Catecismo na língua brasílica**. Faleceu no Maranhão em 1749 (Leite, vol. 8, p. 125).
Relação das missões do Maranhão, de 1721 476

C

- Caeiro, José.**
Do exílio dos Padres da Companhia de Jesus 516
- Câmara, Luís Gonçalves da.**
Memorial 17
Atos do Padre Inácio de Loyola 19
- Cardim, Fernão.** Nasceu em ca. 1549 em Viana do Alentejo, entrou para a Companhia em 1566, embarcou para o Brasil em 1583, como secretário do Visitador Cristóvão de Gouveia e ficou no Brasil após a volta do Visitador. Foi Reitor dos Colégios da Bahia e do Rio de Janeiro. Em 1598 foi a Roma como Procurador, e na viagem de volta, em 1601, foi aprisionado por corsários ingleses; voltou ao Brasil em 1604, após ter sido libertado. Era Reitor do Colégio da Bahia em 1624, no momento da invasão dos holandeses. Faleceu em 1625 (Leite, vol. 8, p. 133).
Anotações para a ânuia da Prov. do Brasil de 1606 228
Ânuia da Província do Brasil de 1605 e 1606 229
Do princípio e origem dos índios do Brasil, de ca. 1584 362
Informação da missão do P. Cristóvão de Gouveia, de 1585 369
- Carneiro, Francisco.** Nasceu em ca. 1580 em Resende (Lamego). Aos 11 anos veio para o Brasil, e era estudante do Colégio da Bahia quando entrou para a Companhia, em 1596. Aprendeu a língua brasílica e trabalhou nas aldeias, atuando na defesa da liberdade dos índios. Foi Reitor do Colégio do Rio de Janeiro por 10 anos, e Provincial. Faleceu na Bahia, em 1652 (Leite, vol. 8, p. 143).
Relação da missão aos Carijós, de 1628 403
- Carneiro, Manoel.** Nasceu em ca. 1630 em Mesão Frio, no Porto, entrou para a Companhia na Bahia, em 1647. No Colégio do Recife ensinou Letras Humanas, Filosofia e Teologia. Era bom conhecedor da língua brasílica. Faleceu em Olinda, em 1686 (Leite, vol. 8, p. 145).
Sermão no Colégio do Rio de Janeiro, em 1667 581
- Carvalho, Inácio de.** Nasceu em 1722 na Bahia e entrou na Companhia em 1739. Dedicou-se às missões no sertão baiano. Faleceu em 1759, na Aldeia de Canabrava (Leite, vol. 8, p. 149).
Ânuia da Província do Brasil de 1751 e 1752 303

Carvalho, Jacinto de. Nasceu em Pereira (Coimbra) em 1677, entrou na Companhia em 1691 e seguiu para o Maranhão e Pará em 1695. Atuou em missões na Amazônia por 13 anos, e retornou a Portugal. Esteve no Brasil novamente como Visitador. Faleceu em 1744 em Coimbra (Leite, vol. 8, p. 150).	
Carta ao Padre Provincial, de 1731.....	195
Morte do Padre João de Villar, de 1719.....	547
Relação das missões do Maranhão, de 1719	469
Caxa, Quirício. Nasceu em ca. 1538 em Cuenca, na Espanha, entrou para a Companhia aos 21 anos, em 1559, e em 1563 partiu de Lisboa para o Brasil. Foi professor de Latim, Casos de Consciência e Teologia Especulativa. Faleceu no Colégio da Bahia em 1599 (Leite, vol. 8, p. 158).	
Breve relação da vida e morte do P. José de Anchieta, de 1598 ..	524
Ânua da Província do Brasil de 1573.....	209
Informações da Província do Brasil, de 1575	211
Coelho, Antônio. Nasceu em ca. 1613 em Coimbra, entrou na Companhia na Bahia, em 1628. Foi professor de Letras Humanas. Deixou a Companhia entre 1650 e 1654 (Leite, vol. 8, p. 163).	
Carta trênia da Província do Brasil, de 1638 a 1641	249
Coelho, Domingos. Nasceu em ca. 1564, em Évora, entrou para a Companhia em 1578 e embarcou para o Brasil em 1587. Ordenou-se em 1592 e logo assumiu a cátedra de Teologia. Em 1624 foi aprisionado pelos holandeses; libertado 2 anos depois, partiu para Roma e retornou ao Brasil. Faleceu na Bahia em 1639 (Leite, vol. 8, p. 164).	
Ânua da Província do Brasil de 1612	237
Coelho, Felipe. Nasceu em ca. 1650, na Bahia, e entrou para a Companhia em 1665. Foi professor de Filosofia e Teologia, e Reitor dos Colégios de Olinda, Rio de Janeiro e Bahia. Faleceu na Bahia em 1732 (Leite, vol. 8, p. 166).	
Ânua da Província do Brasil de 1670 a 1679	267
Coelho, Marcos. Nasceu em ca. 1676 em Pitanga, na Bahia, e entrou na Companhia em 1693, com 17 anos. Foi professor de Letras Humanas, Filosofia e Teologia na Bahia. Faleceu quando era Reitor do Colégio do Rio de Janeiro, em 1736 (Leite, vol. 8, p. 167).	
Catálogo trienal da Província do Brasil, de 1732	340
Consalvi, Pier Luigi. Nasceu em ca. 1629 em Montefano, na Itália, entrou na Companhia em Roma em 1644 e embarcou para as missões do Maranhão em 1661. Foi Superior da casa de São Luís do Maranhão e de toda a Missão. Faleceu no Pará em 1683 ou 1684 (Leite, vol. 8, p. 169).	
Parte de uma carta ao Padre João Paulo Oliva de 1678.....	173
Ânua da Missão do Maranhão de 1678	265
Ânua da Missão do Maranhão de 1679	266

- Correia, Frutuoso.** Nasceu em 1655 em Braga e entrou na Companhia em Portugal em 1671. Embarcou para o Maranhão como professor de Teologia em 1696, quando já tinha ensinado Humanidades, Retórica, Filosofia e Teologia em Évora. Terminado o curso voltou a Portugal, onde faleceu em 1735 (Leite, vol. 8. p. 171).
Relação da viagem ao Maranhão, de 1696 437
- Correia, Manoel.** Nasceu em ca. 1633 em Extremoz, entrou na Companhia aos 17 anos de idade, foi Mestre em Artes. Em 1692 era Reitor do Colégio do Porto, quando partiu para o Brasil como Provincial. Faleceu em 1693 na Bahia, vítima da febre amarela (Leite, vol. 8. p. 173).
Ânua da Província do Brasil de 1693 268
Visita ao Seminário de Belém, de 1693 436
- Correia, Pero.** Português de origem nobre, chegou ao Brasil em 1533 ou 1534. Em 1550 foi o primeiro no Brasil a ser admitido na Companhia. Segundo Nóbrega, era um grande conhecedor da língua brasílica. Faleceu em fins de 1554, antes de ser ordenado, morto pelos carijós a caminho do Paraguai (Leite, vol. 8. p. 175).
Carta aos Irmãos na África de 1551 67
Carta a um padre do Brasil de ca. 1554 94
- Costa, Antônio da.** Nasceu em 1709 em Cabo Frio, entrou na Companhia em 1723 e foi professor de Humanidades, Filosofia e Teologia. Faleceu na Bahia em 1755 (Leite, vol. 8. p. 176).
Ânua da Província do Brasil de 1739 300
- Costa, Miguel da.** Nasceu em 1676 em Lorvão (Coimbra), entrou na Companhia em 1693 e em 1713 fez a profissão solene em São Luís do Maranhão. Em seguida passou para a Província do Brasil, onde foi Superior da Casa da Paraíba, Visitador dos Colégios do Brasil, Reitor dos Colégios de Olinda e da Bahia e Vice-Provincial. Faleceu no Funchal em 1748 (Leite, vol. 8. p. 180).
Catálogo trienal da Província do Brasil de 1736 341
- Criminalis, Antônio.** Missionário na Índia.
Carta ao Padre Inácio de Loyola de 1545 42
- Cruz, Pedro da.** Missionário na Índia.
Carta aos Padres e Irmãos de Évora de 1563 49

D

- Daniel, João.** Nasceu em 1722 em Travaços. Entrou na Companhia em Lisboa em 1739 e embarcou para o Maranhão e Pará em 1741. Em 1757 fez a profissão solene na Fazenda de Ibirajuba, mas 8 dias depois foi desterrado para Portugal, por uma interpretação particular do Evangelho, e aprisionado nos cárceres de São Julião da Barra, onde escreveu sua obra **Tesouro descoberto no Amazonas**, e faleceu em 1776 (Leite, vol. 8, p. 190).
Tesouro descoberto no Amazonas, de 1776 505

Dias, Belchior. Missionário na Índia.	
Carta aos Padres da Companhia de Jesus em Portugal de 1565	51
Carta ao Padre Leoni Henriques de 1566	52
Dias, Manoel. Nasceu em Coimbra em 1664, veio para o Brasil e entrou para a Companhia em 1681. Foi professor de Filosofia no Rio de Janeiro e de Teologia na Bahia, Reitor do Colégio do Rio de Janeiro em 1720, Visitador da Bahia e Provincial. Faleceu na Bahia em 1752 (Leite, vol. 8, p. 194).	
Carta ao Padre Geral Tamburini de 1721	190
Catálogo trienal da Província do Brasil de 1725	339
Dias, Pedro. Apóstolo dos negros, nasceu em 1622 na Vila de Gouveia e entrou para a Companhia no Rio de Janeiro em 1641. Foi Reitor dos Colégios de Santos e de Olinda. Destacou-se pela caridade para com os escravos negros, cuja língua conhecia, chegando a publicar a Arte da língua de Angola em 1697. Faleceu na Bahia em 1700 (Leite, vol. 8, p. 199).	
Carta ao Padre Antônio Rego, de 1689.....	179
Doménech, Pero.	
Carta aos Padres e Irmãos de Coimbra, de 1550	63
Carta ao Padre Inácio de Loyola, de 1552	86
 E	
Eckart, Anselmo. Nasceu em 1721 em Bingen, entrou na Companhia em 1740 e em 1753 embarcou para as missões do Pará e Maranhão. Durante a expulsão foi deportado para Portugal e preso nos cárceres de Almeida e em 1762 transferido para os de São Julião da Barra, de onde saiu com vida em 1777. Voltou para a Alemanha e em seguida partiu para a Rússia. Faleceu em 1809, em Polosk (Leite, vol. 8. p. 204).	
Memórias de um jesuíta prisioneiro de Pombal.....	498
Emmanoel, José Soares.	
Testemunho na eleição do bispo de São Luís, de 1673.....	583
Estanislau, Inácio. Nasceu em 1708 no Minho, entrou na Companhia em Coimbra em 1728 e embarcou no mesmo ano para as missões do Maranhão e Pará. Era Vice-Reitor do Colégio do Pará no momento da expulsão. Foi aprisionado nos cárceres de Azeitão em 1760 e transferido para os de São Julião da Barra em 1769, onde faleceu em 1777 (Leite, vol. 8. p. 213).	
Relação da Missão das Bocas em Araticu de 1747 a 1750	481
Estrada, Francisco de.	
Carta ao Padre Inácio de Loyola de 1553	13
Estrada, Ludovico de.	
Carta de 1557	24

F

Faria, Gaspar de. Nasceu em 1672 na Bahia, entrou na Companhia em 1688 e fez a profissão solene no Rio de Janeiro em 1708. Foi professor de Humanidades, Filosofia e Teologia, mestre de noviços, Reitor do Colégio da Bahia e Provincial. Faleceu na Bahia em 1739 (Leite, vol. 8. p. 217).

Carta ao Padre Geral Tamburini de 1722	191
Carta ao Padre Geral Tamburini de 1726	192
Carta ao Padre Geral Tamburini de 1729	193

Fernandes, Antônio. Nasceu em 5 de junho de 1727 em Belide (Coimbra) e entrou na Companhia em 1743, ano em que partiu para as missões do Maranhão e Pará. No momento da expulsão estava em Tapuitapera; foi exilado em 1760 para Lisboa e em seguida para Roma (Leite, vol. 8, p. 221).

Ânua do Pará de 1755	305

Fernandes, Francisco. Nasceu em Portugal em 1574 e entrou na Companhia em Évora, em 1590. Em 1614 encontrava-se no Rio de Janeiro. Foi Reitor dos Colégios de Pernambuco (1619) e do Rio de Janeiro (1627). Em 1631 encontrava-se em Reritiba e em 1641 novamente no Colégio do Rio. Não consta nos catálogos a partir de 1646 (Leite, vol. 8, p. 222).

Ânua da Província do Brasil de 1614	238

Figueira, Luís. Nasceu em ca. 1575 em Almodóvar e entrou na Companhia em 1592. Embarcou para o Brasil em 1602 e fez a profissão solene em Olinda em 1611. Era bom conhecedor da língua tupi, da qual escreveu uma gramática. Foi extremamente ativo no Norte do Brasil: fundou o Colégio de São Luís do Maranhão e foi o primeiro a chegar a Ibiapaba e ao Rio Xingu. Voltava de Portugal quando naufragou próximo a Belém do Pará, em 1643, e foi morto pelos índios Aruãs da Ilha de Marajó (Leite, vol. 8, p. 235).

Ânua da Província do Brasil de 1602 e 1603	227
Relação da Missão ao Maranhão, de 1607	384
Relação da Missão ao Maranhão, de 1608	385
Memorial sobre a conquista do Maranhão, de 1637	406

Fonseca, Bento da. Nasceu em 1702 em Anadia, próximo a Aveiro, entrou na Companhia em 1718 e em 1720 embarcou para as missões do Maranhão e Pará, onde estudou e foi professor de Teologia e Filosofia. Encontrava-se em Lisboa em 1739, quando assumiu o cargo de Procurador Geral das Missões do Maranhão e Pará, e ainda se encontrava no cargo no momento da expulsão. Foi encerrado nos cárceres de Almeida e a partir de 1762 nos de São Julião da Barra. Saiu deles com vida em 1777 e faleceu em sua terra natal em 1781 (Leite, vol. 8, p. 243).

Maranhão conquistado a Jesus Cristo	485

Fonseca, Ludovico (Luís) da. Nasceu em ca. 1550 em Alvaiade (Lisboa), entrou na Companhia em 1568 e partiu para o Brasil em 1569. Na Bahia recebeu o título de Mestre em Artes. Foi professor de Gramática e Teologia Moral, Secretário do Padre Provincial José de Anchieta e Reitor do Colégio da Bahia. Em 1593 foi Procurador na 5ª Congregação Geral em Roma; faleceu na volta ao Brasil, em 1594, em Madrid (Leite, vol. 8, p. 254).
Carta ao Padre Geral de 1577 147
Ânua da Província do Brasil de 1575..... 212
Ânua da Província do Brasil de 1578..... 217
Relação enviada ao Padre Provincial Mercuriano, de 1576..... 358

Fonseca, Manoel da. Nasceu em 1703 em Lordelo (Braga) e entrou na Companhia em 1724. Em 1732 estudava no Colégio da Bahia; em 1737 estudava Teologia no Colégio do Rio de Janeiro, já ordenado. Atuou no Sul, entre o Espírito Santo e São Paulo. No momento da expulsão encontrava-se no Colégio de Vitória, do qual foi deportado para Lisboa e em seguida para Roma. Faleceu em Pésaro em 1772 (Leite, vol. 8, p. 257).
Vida do venerável Padre Belchior de Pontes, de 1752..... 555

Franco, Antônio.
Sinopse das ânuas da Companhia de Jesus de Portugal de 1540 até 1725 39

G

Gomes Vaz. Missionário na Índia.
Ânua da Índia de 1576..... 54

Gomes, Henrique. Nasceu em 1555 em Pinheiro de Ázere (Portugal), entrou na Companhia em Évora, aos 17 anos, em 1571 e embarcou para o Brasil em 1587. Foi Reitor do Colégio de Pernambuco (1591), Provincial, Visitador Geral e Procurador em Roma. Faleceu na Bahia em 1622 (Leite, vol. 8, p. 268).
Carta ao Padre Assistente Antônio de Mascarenhas de 1614 154

Gomes, Manuel. Nasceu em ca. 1570 em Cano (Évora), entrou para a Companhia em 1586 e embarcou para o Brasil em 1595. Era conhecedor da língua brasileira. Foi o primeiro jesuíta em São Luís do Maranhão, e assistiu à sua conquista em 1615. Faleceu em 1648, no Rio de Janeiro (Leite, vol. 8, p. 270).
Carta de 1621 157
Informação da Ilha de São Domingos, Venezuela, Maranhão e Pará, de 1621..... 394

Gonçalves, Amaro. Nasceu em ca. 1540 em Chaves, entrou na Companhia em 1559 e embarcou para o Brasil em 1566, com o Padre Inácio de Azevedo. Em 1668 passou para o Colégio de Pernambuco, do qual foi o primeiro professor e, mais tarde, Reitor. Faleceu no Rio de Janeiro em 1579 (Leite, vol. 8, p. 272).
Carta ao Padre Francisco de Borja de 1568..... 144

Gonçalves, Antão. Nasceu em ca. 1600 em Extremoz e entrou na Companhia em Évora em 1615. Foi professor de Filosofia e Teologia na Universidade de Évora. Veio ao Brasil em 1665 como Visitador e retornou a Portugal em 1668, onde foi Provincial. Faleceu em Roma em 1680 (Leite, vol. 8, p. 272).	
Visita ao Colégio de Pernambuco, de 1666	324
Visita ao Colégio do Espírito Santo, de 1666	325
Gonçalves, Antônio. Nasceu em ca. 1531 em N. S. da Serra (Lisboa), entrou na Companhia em 1554 e embarcou para o Brasil em 1560. Conhecia a língua brasileira e trabalhou com índios da Bahia, de São Paulo e do Rio de Janeiro. Foi Superior da Capitania do Espírito Santo em 1584. Faleceu em 1611 no Rio de Janeiro (Leite, vol. 8, p. 273).	
Carta ao Padre Diogo Mirón, Prov. de Portugal, de 1566	143
Gonçalves, Francisco. Nasceu em 1597 na Ilha de São Miguel, nos Açores, entrou na Companhia no Rio de Janeiro em 1613 e fez a profissão solene em 1636, na Bahia. Foi Procurador em Roma, Provincial do Brasil e Visitador do Maranhão. Combateu os holandeses na invasão da Bahia em 1638. Atuou nas missões do Maranhão e Pará, e na sua entrada no Rio Negro em 1658 subiu até onde ainda não tinham chegado outros portugueses. Faleceu no Camutá em 1660 (Leite, vol. 8, p. 274).	
Relação da Província do Brasil de 1647	414
Gouveia, Cristóvão de. Naceu em 1542 na Cidade do Porto e entrou na Companhia em Coimbra em 1556. Foi Reitor do Colégio de Bragança, da Universidade de Évora e do Colégio de Santo Antão em Lisboa. Foi Visitador do Brasil em 1583, e suas instruções continuaram em vigor por muito tempo após sua partida, com pequenas adaptações. Faleceu em Lisboa em 1622 (Leite, vol. 8, p. 279).	
Carta ao Padre Geral Claudio Acquaviva de 1584	150
Ordens para a Província do Brasil de 1586	314
Ordens para a Província do Brasil de 1589	317
Informações da Província do Brasil de 1583	360
Grã, Luís da. Nasceu em ca. 1523 em Lisboa, estudou Artes e Direito em Coimbra e entrou na Companhia em 1543. Foi Reitor do Colégio de Coimbra. Embarcou para o Brasil em 1553 e foi Provincial em 1559, sucedendo o Padre Nóbrega. Foi Reitor dos Colégios da Bahia e de Pernambuco e Superior de São Vicente. Faleceu no Colégio de Pernambuco em 1609 (Leite, vol. 8, p. 284).	
Carta ao Padre Inácio de Loyola de 1554	98
Guerreiro, Fernão.	
Relação anual das coisas que fizeram os padres da Companhia de Jesus nos anos de 1602 e 1603	381

Gusmão, Alexandre de. Nasceu em Lisboa em 1629, embarcou com sua família para o Brasil em 1644 e entrou na Companhia no Rio de Janeiro em 1646. Foi Reitor dos Colégios do Espírito Santo e da Bahia, e duas vezes Provincial. Fundou o Seminário de Belém da Cachoeira, do qual foi Reitor. Faleceu no Seminário em 1724 (Leite, vol. 8, pp. 289-290).

Catálogo trienal da Província do Brasil de 1694	336
Ânua da Província do Brasil de 1694	270
Ânua da Província do Brasil de 1695	271
Ânua da Província do Brasil de 1695	272

H

Henrique, Sebastião.

Despesas de uma casa da Companhia de Jesus, de 1714	38

Hoffmayer, Hennig. Pertencia à Província da Áustria. Embarcou de Lisboa para o Maranhão e Pará em 1753, quando já se avizinhava a expulsão. Faleceu no Pará em 1757 (Leite, vol. 8, p. 299).

Relação da viagem de Lisboa ao Pará, de 1753	484

Honorato, João. Nasceu na Bahia em 1690 e entrou na Companhia em 1704, aos 14 anos. Foi professor de Humanidades, Filosofia e Teologia, Vice-Reitor do Colégio de Olinda, Procurador em Roma e Provincial. Foi exilado em Lisboa em 1759. Foi aprisionado nos cárceres de São Julião da Barra, de onde saiu em 1767. Faleceu em Roma em 1768 (Leite, vol. 8, p. 301).

Ânua da Província do Brasil de 1719	286

J

Jácome, Diogo. Entrou para a Companhia em 1548 e veio para o Brasil com o Padre Nóbrega, em 1549. Foi enviado a Ilhéus nesse mesmo ano, no ano seguinte a Porto Seguro e depois a São Vicente, onde ficou, com o Padre Leonardo Nunes. Serviu depois no Espírito Santo, para onde foi em 64 com o Padre Paiva e o irmão Pedro da Costa. Lá foi ordenado sacerdote em 1562, e faleceu em 1565 (Cartas Avulsas, p. 127).

Carta aos Padres e Irmãos do Colégio de Coimbra, de 1552	70

L

Lainez, Diego. Nasceu em 1512 em Almazan, na Espanha e em 1534 foi um dos primeiros a juntar-se ao Padre Loyola em Paris. Por solicitação do Para, participou do Concílio de Trento. Foi o primeiro Padre Geral eleito após a morte de Loyola, cargo que ocupou de 1558 a 1565, ano em que faleceu (biografia disponível em <http://www.reformation.org/general-number2.html>).

Testemunho do encontro com o Papa Paulo IV, de 1558	25

Instruções ao Padre Nunes Barreto de 1562	48

Lanoy, Nicolaus.	
Carta ao Padre Geral Everardo Mercuriano de 1577	30
Lima, Antônio de. Nasceu em ca. 1689, na Bahia e entrou na Companhia em 1703. Faleceu na Aldeia do Espírito Santo (Bahia) em 1724 (Leite, vol. 8, p. 315).	
Ânuo da Província do Brasil de 1720	287
Lima, Manoel de. Nasceu em ca. 1554 em Lisboa e entrou na Companhia em Évora em 1571. Foi Visitador do Brasil entre 1607 e 1610. Em 1610 retornou a Portugal e foi Reitor do Colégio de Coimbra. Faleceu em 1620 na casa de São Roque, em Lisboa (Leite, vol. 8, p. 316).	
Terceira visita à Província do Brasil, de ca. 1607	318
Lopes, Francisco. Missionário na Índia.	
Carta aos Padres e Irmãos do Colégio de São Roque, de 1565	50
Lopes, Luís. Nasceu em 1597 na Vidigueira (Évora) e entrou na Companhia em 1611. Foi professor de Gramática e Filosofia em Évora, Reitor dos Colégios de São Miguel, Coimbra e Évora e companheiro do Visitador do Brasil Pedro de Moura. Faleceu em Évora em 1676 (Leite, vol. 8, p. 321).	
Relação da viagem do Socorro, de ca. 1639	407
Lourenço, Brás. Nasceu em ca. 1525 em Melo, entrou na Companhia em Coimbra em 1549 e embarcou para o Brasil na 3ª expedição, com o Padre Luís da Grã, em 1553. Foi Superior da Capitania do Espírito Santo, onde concentrou sua atuação. Faleceu na Aldeia de Reritiba (Espírito Santo) em 1605 (Leite, vol. 8, p. 323).	
Carta aos Padres e Irmãos de Coimbra de 1553	90
Carta aos Padres e Irmãos de Coimbra de 1554	92
Loyola, Inácio de. Fundador da Companhia de Jesus. Cf. biografia no cap. 3 do vol. 1 deste trabalho.	
Carta ao Padre Nicolau Lanoy de 1554	14
Carta ao Padre Nicolau Lanoy de 1554	15
Carta de 1556	20
Carta ao Padre João Pelletario de 1556	22
Carta ao Padre Nicolau Lanoy de 1556	23
 M	
Macedo, Antônio de.	
Vida do Padre João de Almeida, de ca. 1650	535
Machado, Antônio. Nasceu em 1717 em Lisboa, entrou na Companhia em 1731 e embarcou em seguida para as missões do Maranhão e Pará. Foi professor de Gramática e Retórica. Era Reitor do Seminário do Maranhão quando sobreveio a expulsão. Foi deportado para Portugal em 1760. Ao chegar em Lisboa deixou a Companhia e foi internado no Hospital São João de Deus, onde faleceu 3 dias depois (Leite, vol. 8, p. 331).	
Breve narração da Missão dos Gamelas, de 1751 a 1753	482

Machado, Diogo de. Nasceu em 632 na Bahia e entrou na Companhia em 1646. Foi Vice-Reitor de Olinda, Superior do Recife e da Paraíba, Reitor dos Colégios do Espírito Santo e da Bahia, Provincial e Visitador de Pernambuco. Faleceu na Bahia em 1713 (Leite, vol. 8, p. 333).	
Carta de 1689	177
Marques, Simão. Nasceu em 1684 em Coimbra, entrou na Companhia em 1701 e embarcou em seguida para o Brasil, onde concluiu os estudos. Fez a profissão solene no Rio de Janeiro, em 1718. Foi professor de Humanidades, Filosofia e Teologia no Colégio do Rio de Janeiro, Reitor do Colégio da Bahia e duas vezes Provincial. Durante a expulsão foi deportado para Lisboa e em seguida para a Itália, onde faleceu em 1767 (Leite, vol. 8, p. 354).	
Dos poderes pontifícios concedidos aos bispos do Brasil, de 1758	331
Mascarenhas, Antônio.	
Tratado de cerimônias para a casa de São Roque, de 1626	37
Mattos, Antônio de. Nasceu em 1561 em Santarém e entrou na Companhia em 1577, quando era estudante no Colégio de Santo Antão em Lisboa. Embarcou para o Brasil em 1598 e foi professor de Teologia Moral no Colégio da Bahia. Em 1624 foi nomeado Provincial, mas foi capturado pelos holandeses quando viajava do Rio para a Bahia. Foi resgatado e voltou ao Brasil em 1628, com o mesmo cargo de Provincial. Faleceu em 1645 no Colégio do Rio de Janeiro (Leite, vol. 8, p. 358).	
Informação das ocupações dos Padres e Irmãos do Rio de Janeiro, de 1619	393
Da fundação do Colégio do Rio de Janeiro	460
Mattos, Francisco de. Nasceu em 1636 em Lisboa, entrou para a Companhia em 1652 e embarcou em seguida para o Brasil. Em 1670 fez a profissão solene na Bahia. Foi Procurador Geral em Lisboa por 18 anos. De volta ao Brasil, foi Reitor dos Colégios do Rio de Janeiro e da Bahia. Faleceu na Bahia em 1720 (Leite, vol. 8, p. 362).	
Carta de 1700	182
Visita ao Colégio da Bahia, de 1701	330
Catálogo da Província do Brasil de 1701	337
Ânuo da Província do Brasil de 1661 a 1663	257
Mendes, Simão.	
Narração da viagem de Lisboa ao Rio de Janeiro, de 1640	411
Mercuriano, Everardo.	
Carta ao Padre Provincial Inácio Tholosa de 1573	311
Respostas ao Padre Gregório Serrano de 1577	312

Misch, Gaspar. Nasceu em 1626 em Luxemburgo, entrou na Companhia em 1646 e embarcou para o Maranhão em 1660. Dedicou sua vida ao trabalho nas missões e aldeias do Pará e Amazonas. Faleceu em 1697 no Colégio do Pará (Leite, vol. 8, p. 377). Relação da missão ao Rio Amazonas, de 1662	419
Monteiro, Jácomo. Nasceu em ca. 1574 em Lousã (Coimbra) e entrou na Companhia aos 17 anos de idade. Em 1607 acompanhou o Padre Visitador Manuel de Lima ao Brasil. Voltou a Portugal, e em 1614 era Reitor do Colégio de Santo Antão (Leite, vol. 8, p. 380). Relação da Província do Brasil de ca. 1610	387
Morais, José de. Nasceu em 1708 em Lisboa, entrou na Companhia em 1727 e embarcou no ano seguinte para o Maranhão. Foi deportado em 1759 para Lisboa, onde ficou recluso em local ignorado. Foi libertado em 1777. Não se conhece a data de sua morte (Leite, vol. 8, p. 382). História da Companhia de Jesus na extinta Província do Maranhão e Pará, de 1759	487
Motta, Manuel da. Nasceu em 1685 em Cabril (Penafiel), entrou na Companhia na Bahia em 1703, terminou os estudos em Coimbra e passou às missões do Maranhão e Pará em 1712. Foi missionário por 15 anos. Faleceu em Curupá (pará) em 1747 (Leite, vol. 8, p. 385). Carta ao Padre Geral de 1729	194
Moura, Mateus de. Nasceu em Abrantes em ca. 1639, entrou na Companhia em 1653 e embarcou para o Brasil em 1664. Foi professor de Teologia na Bahia e de Filosofia no Rio de Janeiro, Reitor dos dois Colégios e Provincial. Faleceu na Bahia em 1728 (Leite, vol. 8, p. 385). Carta ao Padre Geral de 1711	187
N	
Nadal, Jerônimo de. Instruções de ca. 1562	26
Carta ao Reitor do Colégio de Viena de 1563	27
Instruções ao Reitor do Colégio de Viena de ca. 1566	28
Tratado de tradições e costumes da Cia. de Jesus de ca. 1577	31
Navarro, Juan de Azpicuelta. Nasceu em Navarra, era parente do Padre Inácio de Loyola e de São Francisco Xavier e entrou na Companhia em 1545 em Coimbra. Veio ao Brasil com o Padre Nóbrega na primeira missão, em 1549. Aprendeu o tupi e atuou nas aldeias da Bahia. Faleceu na Bahia em 1557 (Leite, vol. 8, p. 83). Carta aos Padres e Irmãos de Coimbra de 1550	65
Carta aos Padres e Irmãos de Coimbra de 1555	102

Nóbrega, Manoel da. Fundador da Província do Brasil. Nasceu em 1517 em Portugal e entrou na Companhia em Coimbra, em 1544. Embarcou em Lisboa em 1549 na armada de Tomé de Souza com 5 companheiros, e aos 31 anos de idade foi o primeiro jesuíta nas Américas. Participou da fundação das cidades de Salvador e do Rio de Janeiro, e fundou São Paulo. Percorreu todas as capitania de Pernambuco a São Vicente, promovendo a liberdade e a catequese dos índios e a educação dos meninos. Após passar o cargo de Superior ao Padre Luís da Grã, continuou como Superior das Capitanias do Sul. Faleceu no Colégio do Rio de Janeiro em 1570 (Leite, vol. 9, p. 3).

Informação das terras do Brasil de ca. 1549	353
Carta ao Padre Simão Rodrigues de 1549	60
Carta ao Padre Simão Rodrigues de 1549	61
Carta ao Padre Simão Rodrigues de 1550	62
Carta ao Padre Simão Rodrigues de 1552	74
Carta ao Padre Simão Rodrigues de ca. 1552	77
Carta ao Padre Simão Rodrigues de ca. 1552	83
Carta ao Padre Luís Gonçalves da Câmara de 1553	89
Carta ao Padre Miguel Torres de 1559	112

Nogueira, José. Nasceu em 1711 no Recife e entrou na Companhia em 1727. Foi professor de Letras Humanas, Filosofia, Teologia e Sagrada Escritura, e Superior do Seminário de Mariana. Encontrava-se na residência de Santa Cruz (Rio de Janeiro) no momento da expulsão. Foi deportado para Lisboa em 1760 e em seguida para a Itália. Ainda vivia em Pésaro em 1774, mas não se conhece a data de sua morte (Leite, vol. 9, p. 14).

Ânua da Província do Brasil de 1741	299

Nunes, Leonardo. Nasceu em São Vicente da Beira (Guarda) e entrou na Companhia em 1548. Em 1549 embarcou para o Brasil com Nóbrega. Fez algumas excursões aos Patos (atualmente em Laguna, Santa Catarina) e foi o primeiro jesuíta nos Campos de Piratininga. Faleceu em um naufrágio em 1554, quando retornava a Portugal e Roma, enviado por Nóbrega para relatar os acontecidos no Brasil (Leite, vol. 9, p. 16).

Carta de 1550	66

Nunes, Plácido. Nasceu em 1683 em Lisboa, entrou na Companhia em 1699 e fez a profissão solene na Bahia, em 1718. Foi pregador de renome, Reitor dos Colégios da Bahia e de Olinda e professor de Sagrada Escritura. Faleceu na Bahia em 1755 (Leite, vol. 9, p. 18).

Ânua da Província do Brasil de 1716	283
Ânua da Província do Brasil de 1717	284

O

Oliva, Manoel de. Nasceu em 1690 no Porto e entrou na Companhia em 1707. Atuou nas aldeias do Brasil, sobretudo no Rio de Janeiro. Faleceu em 1740 (Leite, vol. 9, p. 21).

Ânua da Província do Brasil de 1724 e 1725	290

Oliveira, Gonçalo de Padre. Nasceu em ca. 1534 em Arrifana de Santa Maria e entrou na Companhia em 1552. Foi grande conhecedor da língua brasílica e capelão do exército na conquista do Rio de Janeiro contra os franceses. Saiu e entrou da Companhia por 3 vezes. Atuou em São Paulo, Bahia, Espírito Santo e Pernambuco, onde fundou a primeira aldeia da Capitania. Faleceu em 1620, no Colégio de Olinda (Leite, vol. 9, p. 24). Ânua da Província do Brasil de 1572	208
Oliveira, Manoel de. Nasceu em 1564 em Portel, entrou na Companhia em 1582 em Évora e embarcou para o Brasil em 1591. Foi Superior de Santos e de São Paulo, Vice-Reitor do Colégio do Rio de Janeiro e Reitor do Colégio da Bahia. Não se sabe a data de sua morte, mas já não consta no catálogo de 1610 (Leite, vol. 9, p. 25). Ânua da Província do Brasil de 1596	225
Oliveira, Salvador de. Nasceu em Belas, arredores de Lisboa, em 1695 e entrou na Companhia em 1715. Formou-se na Missão do Maranhão e Pará, onde foi professor de Latim. Faleceu na Aldeia de Arucará em 1736 (Leite, vol. 9, p. 27). Carta ao Padre Geral de 1736	196
P	
Pacheco, Cornélio. Nasceu em 1699 em Igarapu (Pernambuco) e entrou na Companhia em 1716. Excelente pregador. Com a expulsão foi deportado para Lisboa e faleceu no mar, em 1760 (Leite, vol. 9, p. 31). Ânua da Província do Brasil de 1736 Ânua da Província do Brasil de 1738	295 296
Paes, Antônio. Nasceu em 1682 em São Miguel de Alagoas, em Portugal, e entrou para a Companhia em 1701. Foi deportado para Lisboa em 1760, e faleceu nos cárceres de Azeitão em 1761 (Leite, vol. 9, p. 32). Ânua do Rio de Janeiro de 1712	280
Pasio, Francesco. Missionário na Índia. Carta ao Irmão Laurentio Pasio de 1578	58
Passos, Inácio de. Nasceu em 1722 na Bahia e entrou na Companhia em 1737. Com a expulsão foi deportado para Lisboa; em 1766 passou para os Irmãos de São João de Deus (Leite, vol. 9, p. 34). Ânua da Província do Brasil de 1754	304
Pedroso, Manoel. Ânua da Missão da Serra de Ibiapaba de 1701	278
Pereira, João. Nasceu na Ilha de São Miguel, no Açores, em 1646 e entrou para a Companhia em 1662. Foi professor de Retórica e Teologia Moral, e Reitor de vários Colégios em Portugal. Em 1702 embarcou para o Brasil como Provincial, e retornou a Portugal em 1706. Faleceu em 1715 na casa de São Roque, em Lisboa (Leite, vol. 9, p. 40). Carta ao Prepósito Geral Thyrso Gonzalez de 1703	183

Pereira, Ruy. Nasceu em 1533 em Trás-os-Montes, entrou na Companhia em 1550 e embarcou para o Brasil em 1559. Não se adaptou à Companhia e deixou-a; já não consta no catálogo de 1565 (Leite, vol. 9, p. 43).	
Carta aos Padres e Irmãos de Portugal de 1560	121
Carta aos Padres e Irmãos de Portugal de 1561	124
Peres, Jodocus. Nasceu em 1633 em Friburgo (Suíça), entrou na Companhia em 1653 na Alemanha e embarcou para o Maranhão em 1678. Não conseguiu aprender a língua brasílica; atuou nos colégios e em cargos administrativos. Faleceu em 1707 no Pará (Leite, vol. 9, p. 44).	
Carta ao Padre Geral de 1685	175
Pfeil, Aloysius Conradus. Nasceu em 1638 em Konstanz, na Alemanha, entrou na Companhia em 1654 e em 1679 partiu para as missões do Maranhão. Atuou em missões no Amazonas e no Rio Negro. Faleceu em 1701 no Mar dos Açores, durante uma viagem do Pará a Lisboa (Leite, vol. 9, p. 49).	
Carta ao Padre Geral de 1684	174
Pilar, Bartolomeu do, Frei. Carmelita, foi o primeiro bispo do Pará e um grande impulsionador da música, levando consigo para Belém “nove capelães músicos, sendo um deles mestre-de-capela; oito moços de coro, também instruídos em música; um organista; um chantre e um subchantre. Diz-se que era muito amigo da música, cantor...” (Salles, 2001).	
Narração da solenidade pela beatificação do Padre João Francisco Régis, da Companhia de Jesus, de 1717	463
Pina, Sebastião de. Nasceu em 1542 em Aviz, entrou na Companhia em Évora em 1557 e embarcou para o Brasil em 1563. Deixou a Companhia em 1577 (Leite, vol. 9, p. 55).	
Carta ao Padre Gonçalo Vaz de 1563	131
Pinheiro, Simão. Nasceu em ca. 1568 em Aveiro, entrou na Companhia em 1584 e embarcou para o Brasil em 1591, aos 23 anos de idade. Foi Superior de Porto Seguro, Reitor dos Colégios de Pernambuco e da Bahia e Provincial. É mencionado pela última vez no Colégio da Bahia em 1631 (Leite, vol. 9, p. 55).	
Carta triênia do Brasil de 1617 a 1619	242
Pinto, Antônio. Nasceu em ca. 1552 nos Açores e entrou na Companhia em 1568. Conhecia a língua brasílica. Atuou nas aldeias e era chamado de o <i>Amainara</i> , senhor da chuva. Foi morto em 1608 por índios quando passava por Ibiapaba com o Padre Luís Figueira, na primeira tentativa de chegar por terra ao Maranhão (Leite, vol. 9, p. 56).	
Carta sexênia do Brasil de 1651 a 1657	253
Pires, Ambrósio. Nasceu em ca. 1525 em Lisboa e entrou na Companhia em 1546. Embarcou para o Brasil em 1553 com o Padre Luís da Grã e foi Reitor do Colégio da Bahia. Retornou a Portugal, foi Reitor do Colégio de Santo Antão e deixou a Companhia em 1568 (Leite, vol. 9, p. 57).	
Carta ao Padre Diego Mirón de 1555	101

Pires, Antônio. Nasceu em ca. 1519 em Castelo Branco e entrou na Companhia em Coimbra em 1548. Veio para o Brasil em 1549 com o Padre Nóbrega. Foi Visitador de Pernambuco, Reitor do Colégio da Bahia e Superior. Faleceu na Bahia em 1572 (Leite, vol. 9, p. 58).

Carta aos Irmãos da Companhia de 1551.....68

Carta aos Padres e Irmãos da Companhia de Portugal de 1560 ... 123

Pires, Francisco. Nasceu em ca. 1522 em Celorico da Beira (Guarda), entrou na Companhia em 1548 e embarcou para o Brasil em 1550. Foi Reitor do Colégio da Bahia e Superior de Ilhéus. Faleceu na Bahia em 1586 (Leite, vol. 9, p. 62).

Carta ao Padre Pero Doménech de 1552 78

Carta aos Irmãos de Portugal de ca. 1552 82

Carta aos Irmãos da Companhia de 1552.....85

Carta de ca. 1557 108

Carta aos Padres e Irmãos do Col. de São Roque de ca. 1559 114

Polanco, João Afonso de. Nasceu em 1517 em Burgos, na Espanha, de uma família nobre e abastada. Ainda jovem foi enviado a Paris para estudar; ali conheceu o Padre Loyola e em 1541 juntou-se à Companhia. Em 1547 o Padre Loyola nomeou-o seu secretário. Manteve o cargo mesmo após a morte de Loyola, até 1573, junto a seus dois sucessores, Diego Lainez e Francisco de Borja. Foi o responsável pela tradução das **Constituições** para o latim. Faleceu em 1576 (Biografia disponível em <http://www.conspiration.de/syre/english/dez/e1221.html>).

Instruções de 1547 12

Vida de Inácio de Loyola e Crônica da Companhia de Jesus, de 1539 a 1556. 16, 348

Carta ao Padre Michaeli Turriano de 1556 21

Carta de ca. 1556.....44

Instruções às missões da Índia de 1558 45

Instruções às missões da Índia de 1558 46

R

Ribadeneyra, Pedro de.

Atos do Padre Inácio de Loyola, de ca. 1566.....29

Ribeiro, Manoel. Nasceu em 1687 em Coimbra e entrou na Companhia em 1701. Foi professor de Letras Humanas nos Colégios do Espírito Santo, de São Paulo e da Bahia. Faleceu na Bahia em 1745 (Leite, vol. 9, p. 74).

Ânua da Província do Brasil de 1717..... 285

Rocha, Manoel Ribeiro da.

Carta ao Padre Provincial Domingos de Souza de 1758 204

Rodrigues, Antônio (1). Nasceu em ca. 1516 em Lisboa e em 1535 partiu de Sevilha como soldado na Armada de D. Pedro de Mendonza. Assistiu à fundação de Buenos Aires e de Assunção. Do Paraguai foi a São Vicente, onde entrou na Companhia em 1553. Ordenou-se sacerdote em 1562. Atuou com o Padre Nóbrega na fundação de São Paulo e de várias aldeias na Bahia. Era cantor e tocador de flauta. Faleceu em 1568 (Leite, vol. 9, p. 82).	
Carta aos Padres e Irmãos de Coimbra de 1553	88
Carta ao Padre Manoel da Nóbrega de 1559	117
Rodrigues, Antônio (2). Nasceu em ca. 1650 em Paiopires, próximo a Lisboa, embarcou para o Brasil em 1668 e no mesmo ano entrou para a Companhia. Foi Reitor dos Colégios de Santos e de São Paulo. Faleceu no Rio de Janeiro em 1736 (Leite, vol. 9, p. 84).	
Ânuo da missão em vilas de São Paulo, de 1700	277
Rodrigues, Jerônimo. Nasceu em 1552 em Cucanha (Lamego), em família nobre, entrou na Companhia em 1572 e embarcou para o Brasil em 1575. Atuou sempre junto aos índios. Faleceu na Aldeia de Reritiba (Espírito Santo) em 1631 (Leite, vol. 9, p. 86).	
Relação da missão aos carijós, de 1605-1607	383
Rodrigues, Jorge. Nasceu em ca. 1539 em Évora, entrou na Companhia em 1559 e embarcou em seguida para o Brasil. Foi professor de latim no Colégio da Bahia e de primeiras letras em Ilhéus. Sabia a língua brasileira e atuou em diversas aldeias. Faleceu na Aldeia de São Barnabé (Rio de Janeiro) em 1612 (Leite, vol. 9, p. 87).	
Carta aos Padres e Irmãos de Portugal de 1565	142
Rodrigues, José. Nasceu em 1723 na Cidade do Porto e entrou na Companhia na Bahia em 1739. Fez a profissão solene no Colégio de Paranaguá em 1756. Foi professor de Letras Humanas nos Colégios de Santos e Paranaguá. Com a expulsão foi deportado em 1760 do Rio de Janeiro para Lisboa e Estados Pontíficos. Faleceu em Roma em 1789 (Leite, vol. 9, p. 74).	
Vida do Padre Manoel Correia, posterior a 1760	559
Rodrigues, Manoel. Nasceu em 1630 em Ponta Delgada, nos Açores, entrou na Companhia em 1656 e embarcou para as missões do Maranhão e Pará em 1660. Era boticário e arquiteto; desaguou pântanos, praticou obras de escoamento e construiu a igreja de Anindiba. Em 1724 vivia no Colégio do Maranhão; não se sabe a data de sua morte (Leite, vol. 9, p. 87).	
Carta ao Padre Geral João Paulo Oliva de 1671	169
Rodrigues, Matias. Nasceu em 1729 em Portelo (Miranda), entrou na Companhia em 1748 e embarcou no mesmo ano para as missões do Maranhão e Pará, onde concluiu os estudos. Em 1760 foi deportado para Portugal e depois para a Itália. Em 1774 vivia em Ruffinello; não é mencionado na relação de 1780 dos padres que viviam na Itália (Leite, vol. 9, p. 88).	
História da Vice-Província do Maranhão de 1607 a 1700	499

Rodrigues, Pedro [ou Pero]. Nasceu em 1542 em Évora e entrou na Companhia em 1556. Foi professor de Humanidades e de Teologia Moral, Reitor do Funchal e de Bragança, Visitador de Angola e Provincial do Brasil. Foi um dos mais fecundos escritores de sua época. Faleceu em Olinda em 1628 (Leite, vol. 9, p. 91).

Carta ao Padre João Álvares de 1597	151
Carta ao Padre Provincial de 1599	152
Carta ao Padre Geral de 1601	153
Vida do Padre José de Anchieta, de 1607	527
Anotações para a ânuia da Província do Brasil de 1597	226

Rodrigues, Vicente. Nasceu em 1528 em São João da Talha (Sacavém), entrou na Companhia em 1545 e embarcou para o Brasil em 1549 com o Padre Nóbrega. 15 dias após a chegada tinha aberto uma escola de ler e escrever na Bahia, sendo assim o primeiro mestre-escola do Brasil. Foi Superior da Bahia na ausência do Padre Nóbrega em 1553, e de São Paulo de Piratininga. Faleceu no Rio de Janeiro em 1600 (Leite, vol. 9, p. 99).

Carta de ca. 1552	69
Carta de 1552	72
Carta ao Padre Simão Rodrigues de ca. 1552	73
Carta aos Padres e Irmãos de Coimbra de 1552	84

Ruiz, Antônio. Superior das missões no Guairá.

Ânuia do Guairá de 1628	248

S

Sanches, Manoel. Nasceu em ca. 1584 em Alcains (Guarda), entrou na Companhia em 1602 e embarcou para o Brasil em 1607. Aprendeu a língua brasílica, atuou nas aldeias e foi professor de Letras Humanas e Filosofia no Colégio da Bahia. Faleceu no mesmo Colégio em 1627 (Leite, vol. 9, p. 113).

Ânuia da Província do Brasil de 1615	240

Sardinha, D. Pedro Fernandes, Bispo. Esteve no Brasil entre 1552 e 1556 como o primeiro Bispo de Salvador. Era partidário da impossibilidade da conversão dos índios ao cristianismo. Foi morto e devorado pelos caetés da Bahia em 1556 (Castagna, 1991, vol. 2, p. 36)

Carta ao Padre Simão Rodrigues de ca. 1552	75
Carta ao Reitor do Colégio de Santo Antônio de 1553	91

Sarrão [ou Serrão], Gregório. Nasceu em Sintra em 1527, entrou na Companhia em 1550 e embarcou para o Brasil em 1553, com o Padre Luís da Grã. Foi pregador nas línguas portuguesa e brasílica. Foi Procurador em Portugal e Roma entre 1575 e 1577 e depois Reitor do Colégio da Bahia. Faleceu no Espírito Santo em 1586 (Leite, vol. 9, p. 123).

Resposta ao Padre Inácio Tholosa de 1576	146

Seixas, Manoel. Nasceu em Rio Bom (Lamego) em 1661 e entrou na Companhia em 1677. Foi Visitador da Missão do Maranhão em 1717, e retornou a Portugal em 1721 (Leite, vol. 9, p. 118).

Carta a El-Rei de 1718	188

Sepúlveda, José de. Nasceu em 1711 na Bahia e entrou na Companhia em 1727. Foi professor de Retórica. Faleceu no Seminário de Belém da Cachoeira em 1748 (Leite, vol. 9, p. 120).	
Ânua da Província do Brasil de 1746	301
Sequeira, Balthasar de. Nasceu em 1588 na Bahia e entrou na Companhia em 1603. Foi professor de Humanidades, Reitor do Colégio da Bahia e Provincial. Faleceu na Bahia em 1663 (Leite, vol. 9, p. 120).	
Ânua da Província do Brasil de 1659 a 1660	256
Sequeira, Inácio de. Nasceu em ca. 1581 em Resende (Lamego) e entrou na Companhia na Bahia em 1598. Foi professor de Humanidades, Superior de Ilhéus, Vice-Reitor e Procurador do Colégio do Rio de Janeiro. Sabia a língua brasílica. Empreendeu missões à Serra das Esmeraldas, ao Sertão dos Goitacazes e à Lagoa dos Patos. Faleceu no Rio de Janeiro em 1644 (Leite, vol. 9, p. 121).	
Missão aos carijós no ano de 1635	404
Sequeira, Manoel de. Nasceu em ca. 1682 na Bahia e entrou na Companhia em 1699. Foi professor de Humanidades, Filosofia e Teologia, Reitor do Seminário de Belém da Cachoeira e dos Colégios do Recife e da Bahia e duas vezes Provincial. Foi deportado para Lisboa em 1760 e em seguida para Roma, onde faleceu em 1761 (Leite, vol. 9, p. 122).	
Ânua da Província do Brasil de 1742 e 1743	300
Silva, Manoel da. Nasceu em 1697 em Santiago de Besteiros (Viseu) e entrou na Companhia em 1717. Fez a profissão solene em 1734 em São Luís do Maranhão, onde foi professor de Filosofia e Teologia. Com a perseguição foi aprisionado na Ilha das Cobras (Rio de Janeiro) e deportado em 1761. Faleceu nos cárceres de São Julião da Barra em 1766 (Leite, vol. 9, p. 125).	
Carta ao Padre Provincial Caetano Ferreira de 1745	198
Silveira, Francisco da. Nasceu em 1718 na Ilha de São Jorge, nos Açores, entrou na Companhia em 1735 e fez a profissão solene no Recife, em 1753. Com a expulsão foi deportado para Portugal. Em 1780 vivia em Colognola. Faleceu em Urbânia em 1795 (Leite, vol. 9, p. 126).	
Ânua da Província do Brasil de 1748 e 1749	302
Soares, Francisco. Nasceu em ca. 1560 em Ponte de Lima e entrou na Companhia em 1575. Sabia a língua brasílica. Em 1589 acompanhou o Padre Visitador Cristóvão de Gouveia na sua volta a Portugal, quando foram aprisionados por piratas ingleses. Faleceu em Bragança em 1597 (Leite, vol. 9, p. 139).	
Algumas coisas notáveis do Brasil, de ca. 1590	378
Sotto-Maior [ou Sotto Mayor, Sotomaior], João. Nasceu em ca. 1585 em Lisboa e entrou para a Companhia em 1620. Passou muitos anos na Bahia como Procurador. Foi capturado pelos holandeses em 1624 e levado à Holanda; em 1638 encontrava-se novamente na Bahia, onde ainda vivia em 1652 (Leite, vol. 9, p. 141).	
Diário da jornada ao Pacajá de 1656	415

Souza, Antônio de. Nasceu em 1712 em Muía (Braga), entrou na Companhia em 1729 e fez a profissão solene em 1746 no Rio de Janeiro. Atuou nas aldeias e missões volantes. Com a perseguição foi deportado para Lisboa e em seguida para a Itália. Faleceu em Pésaro em 1790 (Leite, vol. 9, p. 142).
Missão às vilas de Iguape e Cananéia em 1759 496

Souza, Inácio de. Nasceu em 1704 em Lisboa, entrou na Companhia em 1719 e fez a profissão solene em Olinda em 1737. Foi pregador e professor de Humanidades, Filosofia e Teologia. Quando sobreveio a expulsão era Reitor do Colégio de Olinda. Foi deportado em 1760 para Lisboa e em seguida para a Itália. Faleceu em Roma, no Palácio de Sora, em 1764 (Leite, vol. 9, p. 143).
Ânua da Província do Brasil de 1732 293

Szluha, Joannes Nepomucenus. Nasceu em 1725 em Gyalu (Hungria) e entrou na Companhia em 1738. Foi professor de Gramática e Retórica. Em 1753 embarcou para Lisboa. Com a expulsão foi deportado para Portugal. Voltou à Hungria, onde foi capelão dos exércitos imperiais e Reitor do Colégio de Raab. Faleceu depois de 1773 (Leite, vol. 9, p. 149).
Carta à D. Maria Ana d'Austria de 1753 201

T

Tavares, Domingos. Nasceu em 1720 em Montalvão, entrou na Companhia em 1739 e embarcou para o Brasil em 1741. Era Superior das Aldeias Altas, quando sobreveio a expulsão. Em 1760 foi exilado para Portugal e em seguida para a Itália; em 1774 vivia em Collevocchio e em 1780 em Roma, no Trastevere (Leite, vol. 9, p. 150).
Ânua do Colégio do Maranhão de 1755 306

Taveira, Inácio. Nasceu em ca. 1593 na Bahia e entrou na Companhia em 1608. Sabia a língua brasílica. Foi pregador, latinista e professor de Teologia. Faleceu na Bahia em 1650 (Leite, vol. 9, p. 153).
Ânua da Província do Brasil de 1620 244

Távora, Marcus de. Nasceu em Bragança em 1699, entrou na Companhia em 1717 e fez a profissão solene na Bahia em 1735. Foi professor de Filosofia e Teologia, e Reitor do Colégio de São Paulo. Com a expulsão foi deportado para Lisboa e Itália em 1760, e faleceu em Roma no mesmo ano (Leite, vol. 9, p. 153).
Ânua da Província do Brasil de 1727 291

Teles, Baltazar.
Crônica da Companhia de Jesus na Prov. de Portugal de 1645 412

Tholosa, Inácio. Nasceu em ca. 1533 em Medinacelli (Segóvia) e entrou na Companhia em Portugal em 1560. Embarcou para o Brasil em 1572 como Provincial, depois foi Reitor dos Colégios do Rio de Janeiro e da Bahia. Faleceu na Bahia em 1611 (Leite, vol. 9, p. 163).
Morte de D. Antônio Parrera, Bispo do Brasil, em 1600 526
Ânua da Província do Brasil de 1576 216

Toledo, Pedro de. Nasceu em ca. 1550 em Granada, entrou na Companhia em 1571 e embarcou de Lisboa para o Brasil em 1576. Foi professor de Teologia Moral, Reitor dos Colégios de Pernambuco, Rio de Janeiro e da Bahia e Provincial. Faleceu na Bahia em 1619 (Leite, vol. 9, p. 162).

Ânua da Província do Brasil de 1609 e 1610 233

Ânua da Província do Brasil de 1616 241

V

Valignani, A.. Visitador das missões na Índia.

Anotações para uma carta ao Padre Geral de 1576 56

Valle, Leonardo do. Nasceu em ca. 1538 em Bragança. Veio para o Brasil ainda menino e entrou na Companhia em 1553, aos 15 anos de idade. Atuou nas aldeias da Bahia, Porto Seguro e São Paulo. Faleceu em 1591 em São Paulo (Leite, vol. 9, p. 169).

Carta aos Irmãos de Portugal de 1561 127

Carta aos Padres e Irmãos do Colégio de São Roque de 1562 129

Carta ao Padre Provincial Gonçalo Vaz de 1563 130

Vasconcelos, Simão de. Nasceu em ca. 1596 na Cidade do Porto e veio ainda adolescente com a família para o Brasil. Entrou na Companhia em 1615. Foi professor de Humanidades e de Teologia Especulativa e Moral e Reitor do Colégio do Rio de Janeiro. Teve influência considerável no Brasil, dentro e fora da Companhia. Faleceu no Rio de Janeiro em setembro de 1671 (Leite, vol. 9, p. 174).

Vida do Padre João de Almeida, de 1658 537

Vida do Padre José de Anchieta, de 1672 542

Ânua da Província do Brasil de 1621 a 1623 245

Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil de 1663 420

Vaz, Sebastião. Nasceu em ca. 1582 na Ilha de Santa Maria, nos Açores e entrou na Companhia em 1599. Era pregador e sabia a língua brasileira. Não se sabe a data de sua morte, mas ainda consta do catálogo de 1671 (Leite, vol. 9, p. 183).

Ânua da Província do Brasil de 1614 239

Vidigal, José. Nasceu em 1674 na Vila de Torrão (Alentejo), entrou na Companhia em 1690 e embarcou para o Maranhão em 1695. Foi missionário em aldeias, Reitor do Colégio do Maranhão, Superior, Vice-Provincial e Visitador Geral. Escreveu um catecismo na língua "dos Manaos" que em 1740 foi adotado pela Companhia. Faleceu em 1748 no Colégio do Pará (Leite, vol. 9, p. 187).

Carta a D. Francisco d'Almeida Mascarenhas de 1739 197

Vieira, Antônio. Nasceu em 1608 em Lisboa e veio ainda menino com os pais para o Brasil. Entrou na Companhia na Bahia em 1623, quando era aluno do Colégio. Ensinou Humanidades e Retórica nos Colégios da Bahia e de Pernambuco, e recebeu o grau de Mestre em Artes pelo Colégio da Bahia. Ordenou-se sacerdote em 1634. D. João IV nomeou-o pregador régio e ocupou-o em embaixadas à França, Inglaterra Holanda e Itália. Em 1652

embarcou para as missões do Maranhão e Pará como Superior e depois Visitador; por sua defesa da liberdade dos índios foi expulso das missões do Maranhão em 1661. Em 1662 foi denunciado à Inquisição e preso em Coimbra em 1665, mas em 1668 saiu livre das acusações. Em 1681 retornou ao Brasil, onde viveu os últimos anos no Colégio da Bahia e na Quinta do Tanque. Faleceu em 1697, no Colégio de Bahia. Segundo Leite, a obra de Vieira, por ser vasta e complexa, é confusa nas biografias, e muitos manuscritos, esparsos pelos arquivos, trazem títulos desiguais (Leite, vol. 9, pp. 192-193).

Carta ao Padre Provincial de 1653	160
Carta ao Padre Provincial de 1654	162
Carta ao Padre Provincial de 1654	163
Carta ao Padre Provincial de 1658	164
Carta ao Rei de Portugal de 1659 ou 1660	165
Carta ao Padre Geral de 1688	176
Visita do Padre Vieira, entre 1658 e 1661	320
Ânuia da Província do Brasil de 1624 e 1625	246
Relação da Missão da Serra de Ibiapaba de 1659	416
Relação do sucesso do Maranhão de ca. 1661	418
Testemunho na eleição do bispo da catedral de S. Luís de 1673 ..	583

Villar, João de. Nasceu em 1663 na Vila de Tancos (Lisboa), entrou na Companhia em Lisboa em 1682 e embarcou para as missões do Maranhão e Pará em 1688. Foi professor de Humanidades e Reitor do Colégio do Maranhão. Foi nomeado Superior da missão do Maranhão quando foi morto por índios no Rio Itapicuru, em 1719 (Leite, vol. 9, p. 364).

Relação das missões do Maranhão de 1714	462

von Murr, Christoph Gottlieb.

Viagens de alguns missionários da Companhia de Jesus na América, segundo seus próprios relatos, de 1785	518

W

Wolf, Franciscus. Nasceu em 1707 em Landeck, na Silésia, entrou na Companhia em 1723 e embarcou para as missões do Maranhão e Pará em 1738. Por 9 anos atuou nas aldeias. Durante a expulsão foi deportado para Lisboa e aprisionado nos cárceres de São Julião da Barra, onde faleceu em 1767 (Leite, vol. 9, p. 367).

Carta ao Padre Visitador e Vice-Provincial de 1756	202
Carta ao Padre Visitador e Vice-Provincial de 1756	203

X

Xavier, Juliano. Nasceu em 1690 em Lisboa, entrou na Companhia em 1704 e embarcou para o Brasil em 1705. Em 1722 era professor de Humanidades na Bahia. Faleceu em 1725 em São Inácio de Campos Novos, no Rio de Janeiro (Leite, vol. 9, p. 371).

Ânuia da Província do Brasil de 1721	288
Ânuia da Província do Brasil de 1722	289

INDEX RERUM NOTABILIUM

A

Aldeias

meninos aprendem a cantar, em 1583	359
meninos índios oficiam missas com canto de órgão e flautas, em 1578.....	368
neófitos cantam às quartas e sextas-feiras da <i>Quadragesima</i> com seu professor de canto (<i>phonascum</i>), em 1614.....	238

Atabales

no recebimento do Padre Luís da Grã em uma aldeia da Bahia, em 1562	129

B

Bahia

Aldeia de Santa Cruz

missa com canto de órgão no Dia da Exaltação da Cruz, em 1561.....	128
padres são recebidos pelos índios com tambores, em 1561	127
procissão com motetes em canto de órgão, cantares e folias dos índios, em 1561.....	128
Vésperas solenes com canto de órgão em 1561	128

Aldeia de Santo Antônio

canto de <i>fistulae</i> no Sábado Santo, em 1573.....	210
cantores escolhidos alternam canto <i>composito</i> e canto gregoriano, outros tocam <i>fistulae</i> , em 1573	210
índios recebem o Padre Luís da Grã com tambores, em 1561	125
missa com canto de órgão na visita do Padre Cristóvão de Gouveia, em 1584	372
neófitos tocam <i>tibiae</i> em 1573.....	210
orações cantadas pelos meninos "a nosso modo" em 1573.....	209
procissão dos índios que tangiam e cantavam uma folia "a seu modo", em 1561	126

Aldeia de São João

índios recebem o Padre Luís da Grã com cantos em sua língua, em 1561.....	125
ladainhas cantadas em 1575	211
meninos índios fazem procissão com ladainhas cantadas quando vão até a Aldeia de São Paulo, em 1564	133
missa cantada na visita do Padre Cristóvão de Gouveia, em 1584	372
musicus concentus em 1575	211
recebimento do Padre Luís da Grã com músicas e festas, em 1561, segundo documento de ca. 1777	513
salmos e hinos alternados com canto de <i>tibiae</i> em 1575	211

Aldeia de São Paulo

meninos índios lêem, escrevem, cantam, e ajudam nos ofícios, em 1559.....	112
procissão com cantos e danças dos índios e coro dos Irmãos, e missa cantada, em 1564.....	133
procissão solene com ladainhas em dia de <i>Corpus Christi</i> , em 1559	113
Vésperas cantadas em canto de órgão e <i>Salve Regina</i> cantada pelos meninos índios, em 1564	133
Vésperas e missa com canto de órgão, capela e cantores em 1563	130

Aldeia de São Pedro

missa cantada em 1566.....	143

Aldeia de São Sebastião

<i>concentu</i> de <i>tibiae</i> e de cantores em 1619	242

Aldeia de São Tiago	
batismo solene com canto de órgão, cançonetas e motetes, em 1561	126
ladainhas cantadas em procissão, em 1574.....	356
<i>musicus concentus</i> e harmonia de <i>tibiae</i> em 1575.....	212
procissão com música e instrumentos, em 1576	358
procissão solene com música e flautas em 1576	216
salmo Laudate Dominum cantado e tibiaturum concentu em 1575	212
Aldeia do Espírito Santo	
cerimônia de batismo, matrimônios, confissão e comunhão com música e instrumentos, em 1576.....	358
cerimônia solene de batismo, matrimônio e confissões com cantos em 1575	213
hinos e cantigas "dos nossos" seguidos de cantos e danças dos índios, em 1564	132
meninos índios tocam flautas e cantam cantigas pastoris na recepção do Padre Cristóvão de Gouveia, em 1583	370
missa cantada oficiada pelos índios, com canto de órgão e flautas, na visita do Padre Cristóvão de Gouveia, em 1583	370
o Padre Antônio Rodrigues ensina meninos a cantar, em 1564.....	132
o Padre Luís da Grã é recebido com folia de tamboris em 1560.....	133
ofícios da <i>Quadragesima</i> e Semana Santa com música, em 1691	434
recebimento com terno de charamelas, tambor e danças em 1614.....	155
Vésperas e missa cantada a dois coros com baixão, sacabuxa, flautas e charamelas, em 1614	156
Aldeia do Rio Vermelho	
ladainhas a dois coros, flautas e missa cantada pelos devotos e meninos órfãos, em 1556	106
meninos órfãos entram em procissão, cantando, e maravilham os índios, em 1557 ..	110
o Padre Antônio Rodrigues ensina os meninos índios cantar e missa e a <i>Salve Regina</i> , em 1556	105
Aldeias	
hino <i>Salve Regina</i> cantado no Sábado Santo em 1575.....	214
ladainhas cantadas às sextas-feiras da <i>Quadragesima</i> , em 1607.....	229
ladainhas cantadas às sextas na <i>Quadragesima</i> , em ca. 1623	245
meninos cantam cantigas "en lengua de los negros [índios]" e "en la nuestra", em 1554	92
meninos índios aprendem a cantar, têm sua capela de canto e flautas e fazem festas com tamboriles e violas	360
meninos índios aprendem canto, <i>tibiae</i> e <i>cytharæ</i> , e oficiam missas e Vésperas com <i>organicus concentus</i> , em 1583.....	366
músicos cantam <i>Salve Regina</i> nos sábados da <i>Quadragesima</i>	230
ofícios celebrados por músicos, em 1700	276
pelas quais andam os meninos do Colégio, com pregações e cantigas "polla lingoa", em 1552	74
procissões com ladainhas cantadas para que os holandeses fossem expulsos, em 1625	246
recebimento do Padre Visitador com coro de cantores e <i>tibicini</i> , em 1614	239
Vésperas cantadas às sextas-feiras com coro músico, em 1611	235
Colégio	
alunos cantam alternadamente o Terço do Rosário aos sábados, em ca. 1670	259
celebração das Onze Mil Virgens com canto de órgão em Vésperas e Missa em 1583	220
com instrumentos músicos, e missa com <i>musicus concentus</i> em 1578.....	217
cerimônia com órgão acompanhante, <i>tibijs</i> , <i>clavichordio</i> e <i>cytharis</i> em 1583	219

cerimônia de láurea	
com <i>musicus concentus</i> de <i>tibiae</i> e harmonia de <i>barbiti</i> em 1578.....	217
com Vésperas solenes cantadas em 1614.....	239
cerimônia fúnebre	
com <i>musicus concentus</i> em 1711.....	186
com o máximo aparato músico, em 1739.....	298
solene da igreja, com salmodias cantadas pelos carmelitas em 1706.....	184
Completas solenes com órgão e <i>cytharae</i> , que acompanham o canto dos alunos	
nas sextas-feiras da <i>Quadragesima</i> , em 1583.....	367
<i>concentus</i> de <i>symphoniaci</i> [músicos] na comemoração do nascimento de	
"Nosso Santo Pai", em 1616.....	241
coro e <i>concentus</i> de instrumentos, sons de <i>tibicines</i> em 1620.....	244
doutrinas nos domingos à tarde com descantes, órgãos, flautas e charamelas,	
em 1614.....	154
feita com músicos contratados pelo Padre Estanislau Campos.....	557
meninos andam pelas aldeias com pregações e cantigas "polla lingoa", em 1552.....	74
meninos e padres cantam ladainhas e <i>Te Deum laudamus</i> em cerimônia de	
batismo, em 1556.....	104
meninos índios aprendem canto, <i>tibiae</i> e <i>cytharae</i> , e oficiam missas e Vésperas	
com <i>organicus concentus</i> , em 1583.....	366
missa cantada em dia de São Brás, em 1590.....	221
missa cantada pela beatificação do Padre Francisco de Borja, em 1625.....	247
missa com capelas dos índios e cantores da Sé, na visita do Padre Cristóvão de	
Gouveia, em 1584.....	374
missa oficiada com canto de órgão, flautas e outros instrumentos músicos pelos	
índios e outros cantores da Sé, em 1584.....	373
missa solene na Festa da Nossa Senhora da Conceição, em 1721.....	189
música de cravo, vozes e descantes na recepção ao Padre Cristóvão de Gouveia,	
em 1583.....	369
música de instrumentos e vozes na oração do início do ano, em 1590.....	221
não se fazem procissões cantadas pelos padres e irmãos, em 1584.....	150
órgão comprado em 1733.....	293
procissão com cantochão e canto de órgão, em 1614.....	155
promessa de Emanuel Pereira Pinto e sua esposa de se rezar duas missas	
com canto solene por ano, em 1700.....	182
<i>Quadragesima</i>	
Completas com vozes desacompanhadas, órgão e outros instrumentos em 1593.....	224
ofício realizado pelos alunos com canto de vozes e <i>tibiae</i> em 1591.....	223
<i>Te Deum laudamus</i> cantado em ação de graças, em 1620.....	244
teatro	
tragicomédia sobre a Assunção da Virgem exibida em 1726.....	291
teatro, vésperas solenes e missa com cantores na cerimônia das Onze Mil	
Virgens, em 1610.....	233
Terço cantado	
aos domingos pela Congregação de Nsa. Sra. do Rosário em 1719.....	285
<i>tibicines</i> em fila dupla em festividades na igreja, em 1741.....	299
um órgão no inventário da igreja, de 1760.....	570
Vésperas com canto de órgão, cravo e flautas dos meninos índios ensinados	
pelo Padre Antônio Rodrigues, em 1565.....	140
Ilhéus	
Vésperas com canto de órgão, em 1565.....	142

Porto Seguro	
ladainhas cantadas em 1573	209
ladainhas cantadas na partida do Padre Navarro, em 1554.....	93
meninos índios causam devoção com pregações e cantares de N. Senhor, em 1552	82
missa cantada em 1622.....	396
Seminário de Belém da Cachoeira	
alunos aprendem instrumentos e solfa, em ca. 1696	329
aulas de canto de 1696.....	272
comprado um órgão que executa ofícios divinos com grande solenidade, em 1732....	294
professor externo de música, em 1693	436
seminaristas aprendem música e cantam nos ofícios, em 1693	436
um órgão e um cravo no inventário da igreja, de 1760	569
Baixões	
em Vésperas e missa cantada na Aldeia do Espírito Santo (Bahia), em 1614 ...	156
na atuação dos padres no início da colonização, segundo o	
Padre Vasconcelos em 1672	544
no inventário da Aldeia de Reritiba (Espírito Santo), em 1759	564
no inventário da Aldeia de São Pedro (Rio de Janeiro), em 1759.....	565
no inventário da Aldeia do Embu (São Paulo), em 1759.....	566
que aprendem e tocam nos ofícios os índios nas aldeias do Brasil,	
em ca. 1560, segundo o Padre Vasconcelos, em 1663	430
tocados nos ofícios pelos religiosos das Mercês durante a viagem do	
Padre Frutuoso Correia ao Maranhão, em 1696.....	437
Barbiti	
harmonia de *, em cerimônia de láurea no Colégio da Bahia, em 1578.....	217
Batalha	
tocada pelos índios nas charamelas, em ataque de navios mouriscos na	
viagem do Padre Manoel Gomes à Espanha, em 1620.....	159
Batismo	
com motetes e flautas, na Aldeia do Espírito Santo, em 1584.....	371
com música de vozes e flautas, na Aldeia da Conceição (Espírito Santo),	
em 1584	375
de indiozinhos com ladainhas cantadas e <i>Te Deum laudamus</i> , na Bahia,	
em 1556	104
solene com motetes, canções e canto de órgão na Aldeia de São Tiago	
(Bahia), em 1561.....	126
Berimbau	
tocado pelo Irmão Barnabé Tello, na Bahia, em 1583	371
tocado pelo Irmão Barnabé Tello, no Colégio do Rio de Janeiro, em 1584	375
Búzios	
tangidos pelos índios em alarde infernal, em São Vicente, em 1550	66
Buzinas	
com as quais os padres se comunicam em viagem pelos rios, em 1654	162
dos Nheengaibas, em celebração de paz com os portugueses, em 1660.....	166
e desentoadas vozes, em ritual de guerra de indígenas do Maranhão,	
em 1696	273
em recebimento dos padres em Ibiapaba, em 1608	385
em recebimentos pelos Nheengaibas, em 1660	166

C

Caixas

destemperadas, em procissão de Sexta-feira Santa em Ibiapaba, em 1659..... 417

Cantigas

- cantadas por Irmãos ao som de uma suave flauta, na ida do Padre Cristóvão de Gouveia da Bahia a Pernambuco, em 1584 374
- de Nossa Senhora
- cantadas pelos meninos órfãos ao partir de Lisboa, em 1550.....64
 - cantadas pelos meninos órfãos de Lisboa "al tono gentílico" em 1552.....75
- na língua dos índios
- cantadas na Bahia pelos meninos índios trazidos de São Vicente, em 1554, segundo o Padre Vasconcelos, em 1663 427
 - cantadas pelos meninos em aldeias da Bahia em 1554 92
 - cantadas pelos meninos em procissão na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1559..... 113
 - cantadas pelos meninos na recepção do padre Cristóvão de Gouveia, na Aldeia do Espírito Santo, em 1583..... 370
 - cantadas pelos órfãos de Lisboa, que vão pelas aldeias, em ca. 1552 69
 - compostas pelo Padre José de Anchieta 524, 527, 531, 542
 - compostas pelo Padre Luís Figueira para atraí-los com a melodia do canto, em ca. 1638, segundo o Padre Morais em 1759 490
 - de Nsa. Sra., cantadas pelos meninos órfãos de Lisboa "al tono gentílico" em 1552 75
 - e "pello seu toom" são uma forma de atraí-los, segundo Nóbrega em 1552.....83
 - e em português, pelos meninos, em Porto Seguro em 1552 82
 - índios se juntam de noite para cantar cantigas de Deus em sua língua, na Aldeia de Piratininga, em São Paulo, em 1554 95
 - meninos do Colégio da Bahia cantam cantigas em sua língua e "na nossa", em 1556 106
 - meninos índios cantam o catecismo nas línguas portuguesa e brasílica, nas aldeias do Brasil, em 1577 148
 - meninos índios cantam orações em sua língua, ensinadas pelo Padre Navarro em 1550 62
 - nas aldeias do Rio de Janeiro, em 1553 87
 - Pater Noster* composto pelo Padre Navarro "em modo de seus cantares", em 1550 65
 - pelos meninos órfãos de Lisboa, em 1552 77
 - que cantam "polla lingoa" os meninos do Colégio da Bahia pelas aldeias, em 1552 74
 - que cantam os mamelucos pelas aldeias, em 1551.....68
 - sobre a vida de Nsa. Sra., compostas pelo Padre José de Anchieta, em documento do séc. XVII 460
 - Tupá cy angaturana, Santa Maria Christo Yàra* cantada em procissões na Aldeia de Cairitiba, em ca. 1607, segundo o Padre Bettendorf em 1698 451
 - pastoris compostas para a recepção do Padre Cristóvão de Gouveia, na Aldeia do Espírito Santo (Bahia), em 1583 370
 - pias na Semana Santa no Colégio da Bahia, em 1711..... 187
 - sacras cantadas pelos meninos índios divididos em dois coros na Aldeia de Reritiba (Espírito Santo), em 1610 234

Canto

aulas no Seminário de Belém da Cachoeira (Bahia) em 1696.....	272
boa música de vozes no Colégio da Bahia, na recepção ao Padre Cristóvão de Gouveia em 1583	369
cantares santos e hinos pelo Padre Nóbrega e meninos em procissão pelas aldeias, em 1552	84
desacompanhado e com instrumentos, no ofício das Completas, na <i>Quadragesima</i> , no Colégio da Bahia em 1593	224
e <i>symphonia</i> , com os quais se explica a doutrina cristã nos domingos da <i>Quadragesima</i> , no Espírito Santo, em 1607	230
ensinado aos meninos índios na Aldeia de Piratininga, em São Paulo, em 1554	94
ensinado aos meninos índios, em São Vicente, em 1553	89
ensinado no Seminário de Belém da Cachoeira (Bahia), em 1693	436
índios têm seus tiples, tenores, contrabaixos, contraltos e tomam qualquer tom que lhes dão, nas aldeias do Brasil em ca. 1610	388
no Colégio da Bahia, em 1596	225
ofício realizado na <i>Quadragesima</i> no Colégio da Bahia com canto de vozes e <i>tibiae</i> em 1591	223
pelos estudantes do Colégio de Olinda, em procissão de ação de graças nas Quarenta Horas, em 1619	243

Canto de órgão

cantado pelos índios nos ofícios divinos, nas aldeias do Rio de Janeiro, em 1619	393
cantado por cantores do Colégio da Bahia em procissão devido à seca, alternado com canto gregoriano, em 1614	155
com o qual se celebram os ofícios divinos nas aldeias do Espírito Santo, em 1595, segundo o Padre Vasconcelos em 1658	538
e flautas	
em missas cantadas oficiadas pelos índios, em aldeias da Bahia, em 1570	355
na primeira missa em São Vicente, em 1551	70
pelos índios, em Vésperas, nas aldeias do Rio de Janeiro em 1607	232
e instrumentos tocados pelos índios nos ofícios da <i>Quadragesima</i> , na Aldeia de São Pedro do Cabo Frio, em 1689	177
em batismo solene na Aldeia de São Tiago (Bahia), em 1561	126
em missa cantada na Aldeia de Santo Antônio (Bahia), em 1584	372
em missa oficiada pelos índios na Aldeia de Piratininga (São Paulo), em 1585 ..	376
em missa oficiada pelos índios na Aldeia de São Lourenço (Rio de Janeiro), em 1584	376
em missas cantadas com charamelas, na chegada dos padres ao Maranhão em 1620	590
em missas cantadas pelos alunos aos sábados com instrumentos de cordas no Colégio de São Paulo, em 1727	291
em missas oficiadas pelos índios na Bahia, em 1607	232
em missas oficiadas pelos índios que haviam sido trazidos de Pernambuco, no Maranhão, em 1621	394
em missas oficiadas pelos meninos índios com charamelas, doçainas e outros instrumentos, nas aldeias do Brasil, em ca. 1603	381

em missas oficiadas pelos meninos índios nas aldeias do Brasil, em 1578	368
em motetes em procissão na Aldeia de Santa Cruz (Bahia), em 1561	128
em ofícios cantados na Bahia pelos meninos índios trazidos de São Vicente, em 1554, segundo o Padre Vasconcelos, em 1663	427
em procissão com ladainhas cantadas com música solene na Aldeia de São Tiago (Bahia), em 1564	136
em Vésperas	
e missa na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1563	130
em Ilhéus, em 1565	142
na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1564	133
pelos índios, nas aldeias do Rio de Janeiro em 1607	232
pelos meninos índios ensinados pelo Padre Antônio Rodrigues, na cidade da Bahia, em 1565	140
solenes na Aldeia de Santa Cruz (Bahia), em 1561	128
ensinado aos meninos índios nas aldeias de Pernambuco, em ca. 1615	392
na atuação dos Padre Gomes e Nunes nas aldeias do Maranhão, em 1617, segundo o Padre Rodrigues em 1770	501
na noite de Natal e na Semana Santa, nas aldeias do Brasil em 1586	315
na Semana Santa, pelos índios músicos trazidos de Pernambuco, em Ibiapaba, em 1659	417
no Colégio da Bahia, na celebração das Onze Mil Virgens, em 1583	220
nos ofícios da Semana Santa nos Colégios, em ca. 1607	318
nos ofícios divinos em Ibiapaba, realizados pelos índios músicos e chameleiros trazidos de Pernambuco, em 1656, segundo o Padre Bettendorf em 1698	442
pelos índios e cantores da Sé, em missa no Colégio da Bahia, em 1584	373
pelos índios em missa solene na Aldeia do Espírito Santo, durante a visita do Padre Cristóvão de Gouveia, em 1584	371
pelos índios, em missa do Padre Cristóvão de Gouveia, na Aldeia do Espírito Santo (Bahia), em 1583	370
pelos meninos índios em missa, em São Vicente, em 1553	87
que aprendem os meninos índios para oficiarem missas e procissões, em 1617	531
que aprendem os meninos índios para oficiarem missas, em 1607	528
que sabiam os índios músicos levados por Vieira de Pernambuco para a Serra de Ibiapaba em 1660, segundo documento de ca. 1777	515

Canto gregoriano

alternado com canto <i>composito</i> e <i>fistulae</i> , por cantores escolhidos, na Aldeia de Santo Antônio (Bahia) em 1573	210
alternado com canto de órgão na viagem do Padre Luís Lopes ao Brasil, em 1639	409
na cidade da Bahia em procissão devido à seca, alternado com canto de órgão, em 1614	155
que aprendem os meninos índios para oficiarem missas e procissões, em 1617	531
que aprendem os meninos índios para oficiarem missas, em 1607	528

Cantores

cantam alternadamente na fundação da Aldeia de São Pedro (Rio de Janeiro), em 1617	243
cantam o <i>Miserere</i> em cerimônia na igreja do Colégio do Maranhão, em 1721	477
com <i>lyricines</i> e <i>tibicines</i> em carro triunfal em procissão em ação de graças pela chuva, em Pernambuco, em 1611	236
<i>concentu</i> de * e de <i>tibiae</i> na Aldeia de São Sebastião (Bahia), em 1619	242
de ótima voz, os estudantes do Colégio do Maranhão, em 1721.....	476
e capela oficiam missa de canto de órgão na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1563	130
em cerimônia fúnebre no Colégio de Olinda, em 1619	243
em maior número na Aldeia de São Tiago que na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1564.....	136
os melhores em cerimônia fúnebre no Colégio do Pará, em 1756.....	202

Capela

de canto e flautas dos meninos índios nas aldeias da Bahia, em 1583	360
de flautas dos índios, que oficiam missa no Colégio da Bahia, em 1584	374
e cantores oficiam missa de canto de órgão na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1563	130

Carminae

cantadas pelos meninos do Colégio do Espírito Santo, nos domingos da <i>Quadragesima</i> , em 1607	230
compostas pelos Padre Gomes e Nunes nas aldeias do Maranhão, em 1617, segundo o Padre Rodrigues em 1770.....	500
na língua dos índios, sobre o diálogo da Santa Eucaristia, no Colégio de Olinda em 1575	215
vulgares, proibidas no Colégio de Santos em 1607.....	229

Cascavéis

com os quais meninos índios fazem danças no Colégio do Rio de Janeiro, em 1584	376
como presentes dos portugueses para os índios, segundo texto de 1663	420
em recebimento dos padres em Ibiapaba, em 1608	385
que as índias tangem para que o filho seja bom cantor, nas aldeias do Brasil, em ca. 1610.....	390

Catecismo

cantado pelos meninos índios nas línguas portuguesa e brasílica, nas aldeias do Brasil, em 1577	148

Celebração das Onze Mil Virgens

com canto de órgão em Vésperas e Missa, no Colégio da Bahia, em 1583	220
com instrumentos músicos e missa com <i>concentus musicus</i> , no Colégio da Bahia, em 1578	217
com missa cantada no Colégio da Bahia, em 1584	374
com teatro, vésperas solenes e missa com cantores no Colégio da Bahia, em 1610	233
sem passos ou representações, segundo instruções de 1607	318
sem passos ou representações, segundo instruções de 1666	324

Cerimônias de láurea

- no Colégio da Bahia com harmonia de *barbiti* e *concentus tibiularum*, em 1578 . 217
 no Colégio da Bahia com Vésperas solenes cantadas, em 1614..... 239

Cerimônias fúnebres

- com clero e cantores no Colégio de Olinda, em 1619..... 243
 com *concentus musicus* no Colégio da Bahia, em 1711..... 186
 com dois coros, oficiada pelos sacerdotes da Congregação de São Pedro
 no Colégio de São Paulo em 1713 282
 com *musicorum concentu* no Colégio do Recife em 1706 185
 com o máximo aparato músico, no Colégio da Bahia em 1739..... 298
 com procissão dos meninos órfãos e missa cantada, na Bahia, em 1552..... 72
 com salmodias e *organi concentum* em 1722 288
 com salmodias pelos sacerdotes e cantores, no Colégio do Rio de Janeiro,
 em 1660 256
 com salmos apropriados a missa solene, cantados pelos carmelitas no
 Colégio de Olinda, em 1706..... 185
 com solenidade oficiada pelos melhores cantores, no Colégio do Pará,
 em 1756 202
 com toda a solenidade e música na morte do Padre Anchieta
 em 1597 524, 525, 528
 devem ser feitas somente com matinas e laudes, segundo instruções
 de ca. 1607..... 318
 exéquias do Padre Tomé de Souza com o cantor e coro da Catedral do
 Rio de Janeiro, e ofício com órgão e outros instrumentos em 1697 546
 na morte do Padre Antônio Vieira, com Matinas e Laudes cantadas por
 cantores na Sé da Bahia, em 1697 181
 no Colégio do Rio de Janeiro, com ofício "harmônico" realizado pelos
 carmelitas, em 1738..... 297
 oficiada pelos carmelitas no Colégio do Rio de Janeiro com salmodias
 fúnebres e instrumentos, em 1736..... 294
 oficiada por carmelitas no Colégio de Olinda com *concentus musicus*,
 em 1713 282
 oficiadas pelo clero e religiosos da Bahia com aparato de músicos no
 Colégio, em 1640..... 249
 ofício cantado por seculares no Colégio de Olinda, em 1625 246
 ofício com músicos e cantado a três coros, no Colégio do Rio de Janeiro,
 em ca. 1641..... 250
 ofício de defuntos cantado pelos carmelitas e mercedários na morte do
 Padre João de Villar, na igreja do Colégio do Maranhão, em 1719 547
 pelos eclesiásticos e músicos da terra na morte do Padre João de Almeida,
 segundo Padre Vasconcelos em 1658 539
 solene, com salmodias cantadas pelos carmelitas na igreja do Colégio da
 Bahia, em 1706 184

Charamelas

com as quais os músicos índios tocam a peça "batalha" em ataque de navios	
mouriscos na viagem do Padre Manoel Gomes à Espanha, em 1620	159
dos índios, na chegada dos padres ao Maranhão em 1620	590
e missas cantadas com canto de órgão na chegada dos padres ao	
Maranhão em 1620	590
em doutrinas nos domingos à tarde no Colégio da Bahia, em 1614	154
em missa do Padre Pero Dias, reitor, no Colégio de Olinda, em 1684,	
segundo o Padre Bettendorf em 1698	454
em missas oficiadas pelos índios na Bahia, em 1607	232
em missas oficiadas pelos meninos índios nas aldeias do Brasil, em ca. 1603 ..	381
em Vésperas e missa cantada na Aldeia do Espírito Santo (Bahia), em 1614 ...	156
ensinadas aos meninos índios nas aldeias de Pernambuco, em ca. 1615	392
levadas pelo Padre Gomes para o Maranhão, em 1621	394
na atuação dos padres no início da colonização, segundo o Padre	
Vasconcelos em 1672	544
necessárias ao culto divino e presentes nas igrejas dos jesuítas do Maranhão,	
em 1637	406
no inventário da Aldeia de São Pedro (Rio de Janeiro), em 1759	564
no inventário da igreja da Aldeia das Guaraíras (Rio Grande do Norte),	
em 1760	565
no inventário da igreja da Fazenda de Santa Cruz (Rio de Janeiro), de 1768 ...	566
no recebimento do Padre Vieira em Ibiapaba pelos índios Tabajaras levados	
de Pernambuco, em 1658, segundo o Padre Bettendorf em 1698	443
que aprendem e tocam nos ofícios os índios nas aldeias do Brasil,	
em ca. 1560, segundo o Padre Vasconcelos, em 1663	430
que aprendem os meninos índios para oficiarem missas, em 1607	528
terno de *, na Aldeia do Espírito Santo (Bahia), em 1614	156
tocadas nas missas pelos índios tupinambás trazidos de Pernambuco ao	
Maranhão, em ca. 1615, segundo o Padre Moraes, em 1759	488
tocadas pelos índios de Pernambuco na primeira missa no Maranhão,	
em 1615	158
tocadas pelos índios músicos levados na armada de Alexandre de Moura	
ao Maranhão, em 1615	157

Chameleiros

do estrangeiro Pascoal Pereira dão boas vindas aos padres no Colégio do	
Maranhão, em ca. 1681, segundo o Padre Bettendorf em 1698	453
do Padre Pero Dias, reitor do Colégio de Olinda, em 1684, segundo o	
Padre Bettendorf em 1698	454
índios levados de Pernambuco para a Serra de Ibiapaba fazem ofício com	
canto de órgão em 1656, segundo o Padre Bettendorf em 1698	442
índios Tabajaras de Pernambuco correm as aldeias do Maranhão com o	
Padre Veras, segundo o Padre Bettendorf em 1698	448

Clarim

na viagem do Padre Bettendorf de Lisboa ao Maranhão, em 1688	456

Clavichordium

acompanhando cerimônia no Colégio da Bahia em 1583	219

Composição

de cantiga pastoril para a recepção do Padre Cristóvão de Gouveia, na Aldeia do Espírito Santo (Bahia), em 1583	370
de cantigas na língua dos índios pelo Padre Luís Figueira para atraí-los com a melodia do canto, em ca. 1638, segundo o Padre Moraes em 1759.....	490
de <i>carminae</i> sobre o diálogo da Santa Eucaristia na língua dos índios, no Colégio de Olinda em 1575.....	215
do <i>Pater Noster</i> pelo Padre Navarro "em modo de seus cantares", em 1550	65
dos mistérios em versos e tons acomodados, para que os meninos índios possam cantar, pelos padres em Ibiapaba, em 1659	416

Concentus

de instrumentos, coro e sons de <i>tibicines</i> no Colégio da Bahia em 1620.....	244
de <i>organum</i> , em cerimônia fúnebre no Colégio do Rio de Janeiro, em 1722.....	288
de <i>symphoniaci</i> [músicos] na comemoração do nascimento de "Nosso Santo Pai", no Colégio da Bahia, em 1616	241
de <i>tibiae</i> e canto pelos meninos mais aptos nos ofícios das aldeias do Rio de Janeiro, em 1607	230
em cerimônia de láurea no Colégio da Bahia em 1578	217
na comemoração do nascimento de "Nosso Santo Pai", no Colégio da Bahia, em 1616	241
na Aldeia de São Tiago (Bahia) em 1575.....	212
de vários instrumentos no Colégio de Olinda, em 1615.....	240
de vozes e instrumentos músicos nas Vésperas oficiadas pelos carmelitas no Colégio do Maranhão, na <i>Quadragesima</i> de 1671.....	263
e aparato com que se canta a antífona <i>Salve Regina</i> na aldeias da Bahia, em 1607	230
<i>musicorum</i> em cerimônia fúnebre no Colégio do Recife em 1706.....	185
nos ofícios das Quarenta Horas, segundo instruções de 1758	332
<i>musicus</i> com <i>tibiae</i> nas aldeias da Bahia na <i>Quadragesima</i> em 1575	213
e harmonia de <i>tibiae</i> na Aldeia de São Tiago (Bahia) em 1575.....	212
em cerimônia fúnebre no Colégio da Bahia, em 1711	186
em cerimônia fúnebre oficiada no Colégio de Olinda por carmelitas em 1713.....	282
em cerimônias em Piratininga (São Paulo) em 1575	215
em missa na celebração das Onze Mil Virgens no Colégio da Bahia, em 1578	217
na Bahia, Aldeia de São João em 1575	211
na fundação da Confraria de Nsa. Sra. do Rosário, em São Vicente, em 1583.....	367
na igreja do Colégio do Maranhão, em cerimônia em 1625, segundo o Padre Rodrigues em 1770	502
na novena na entrega da imagem de Santa Ana no Colégio de Santos, em 1746	300
que o padre Manoel Correia não apreciava ouvir quando feito nas cerimônias na igreja, em ca. 1760	560
no Terço do Rosário cantado pelos alunos na igreja de Tapuitapera (Maranhão) em 1729.....	194
<i>organicus</i> , pelos meninos índios nas aldeias e no Colégio da Bahia, em 1583 ..	366

Confrarias

das Onze Mil Virgens	
apresenta ao público no Colégio de Olinda uma tragédia, em 1604	228
celebra de festa com missa cantada no Colégio da Bahia, em 1584	374
de Nsa. Senhora	
alunos cantam missas aos sábados com canto de órgão e instrumentos de	
cordas, no Colégio de São Paulo, em 1727	291
alunos cantam orações no Colégio do Rio de Janeiro, em 1719	286
de Nsa. Sra. da Luz	
deve cantar o Terço do Rosário todos os dias ao pôr do sol no Colégio do	
Maranhão, segundo instruções de 1670	326
instituída pelo Padre Bettendorf em ca. 1670	449
no Maranhão, festas com músicos que cantam motetes, completas e ladainhas,	
em ca. 1607, segundo o Padre Bettendorf em 1698.....	450
de Nsa. Sra. das Flores, no Seminário de Belém, em 1699.....	275
de Nsa. Sra. do Rosário	
cantam o Terço aos domingos no Colégio da Bahia em 1719	286
fundação com pompas solenes e <i>musicus concentus</i> em São Vicente, em 1583	367
do Santíssimo Sacramento, nas aldeias do Brasil, em 1603.....	381
dos Reis, na igreja da Aldeia da Conceição (Espírito Santo), em 1584	375

Contraponto

no regimento do Colégio dos Meninos Órfãos de Lisboa, de 1615	35

Cornetas

na atuação dos padres no início da colonização, segundo o Padre	
Vasconcelos em 1672	544
que aprendem e tocam nos ofícios os índios nas aldeias do Brasil, em	
ca. 1560, segundo o Padre Vasconcelos, em 1663.....	430

Coro

coros alternados nos Ofícios de Trevas nas aldeias da Bahia.....	214
de cantores e <i>tibicini</i> em recebimento do Padre Visitador nas aldeias da	
Bahia em 1614	239
dos Irmãos canta <i>Te Deum laudamus</i> e <i>Laudate Dominum</i> em procissão	
na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1564.....	133
e <i>concentus</i> de instrumentos com sons de <i>tibicines</i> no Colégio da Bahia	
em 1620	244
e instrumentos músicos nas Vésperas cantadas solenemente no Colégio	
do Rio de Janeiro, na canonização de São Francisco Xavier, em 1622 ...	399
formado pelo seminaristas e dirigido por <i>Regentis</i> instruído nos ritos	
romanos canta na Semana Santa, no Colégio do Pará, em 1756	201
músico canta as Vésperas às sextas-feiras nas aldeias da Bahia, em 1611	235
nas aldeias do Brasil, em 1549	61
tríplice em Vésperas em ação de graças pela chuva, no Colégio de	
Olinda, em 1611	236

Corpus Christi

com procissão solene e ladainhas, na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1559...	113
com procissão solene, em 1549	61

Cravo

do Colégio do Maranhão deixado com o organista durante a expulsão, em 1759	205
dos cantores da Sé, em missa no Colégio da Bahia, em 1584	374
e descantes dos estudantes, acompanhando salmos e motetes, em alguns passos em procissão na cidade da Bahia, em 1584.....	373
em Vésperas, tocados pelos meninos índios ensinados pelo Padre Antônio Rodrigues, na cidade da Bahia, em 1565.....	140
no Colégio da Bahia, na recepção ao Padre Cristóvão de Gouveia em 1583	369
no inventário da Aldeia de Reritiba (Espírito Santo), em 1759	564
no inventário da igreja da Fazenda de Santa Cruz (Rio de Janeiro), de 1768 ...	572
no inventário da igreja do Seminário de Belém (Bahia), de 1760	569
pelos índios em missa solene na Aldeia do Espírito Santo, durante a visita do Padre Cristóvão de Gouveia, em 1584.....	371
que aprendem e tocam os meninos nas aldeias da Bahia, em 1584.....	372
tocado após a procissão, na cidade da Bahia, em 1565.....	141
tocado pelos catecúmenos nas aldeias do Brasil, em ca. 1590	378
tocado pelos Padres das Mercês no Colégio do Pará, em 1697	459
tocado por Gregório de Andrade na Novena de São Francisco Xavier, na igreja do Colégio do Maranhão em ca. 1691	457

Cytharae

acompanhando cerimônia no Colégio da Bahia em 1583	219
e órgão em Completas solenes, acompanhando o canto dos alunos do Colégio da Bahia nas sextas-feiras da <i>Quadragesima</i> , em 1583	367
ensinadas aos meninos índios nas aldeias e no Colégio da Bahia, em 1583	366

D

Danças

ao modo dos portugueses	
de escudos, dos meninos índios, no recebimento do padre Cristóvão de Gouveia, na Aldeia do Espírito Santo, em 1583	370
e dos índios, em procissão solene na Aldeia da Conceição (Espírito Santo), na visita do Padre Cristóvão de Gouveia, em 1584.....	375
e invenções, nas aldeias do Brasil em 1549.....	61
ensinadas aos índios de Ibiapaba, o que era para eles de muito gosto, em 1608.....	386
de matachins, que fez o Irmão Lázaro Gotierres no Colégio do Rio de Janeiro, antes de ser despedido, em 1601.....	153
dos meninos índios, no recebimento do Padre Vieira em Ibiapaba, segundo o Padre Bettendorf em 1698	443

Descantes

dos cantores da Sé, em missa no Colégio da Bahia, em 1584	374
e cravos dos estudantes, acompanhando salmos e motetes, em alguns passos em procissão na cidade da Bahia, em 1584.....	373
e música dos mancebos da terra, em Porto Seguro, em 1622.....	397
em doutrinas nos domingos à tarde no Colégio da Bahia, em 1614	154
no Colégio da Bahia, na recepção ao Padre Cristóvão de Gouveia em 1583	369
pelos índios em missa solene na Aldeia do Espírito Santo, durante a visita do Padre Cristóvão de Gouveia, em 1584.....	371

Doçainas

em missas oficiadas pelos meninos índios nas aldeias do Brasil, em ca. 1603 .. 381

Dulce lignum, dulces clavos

cantado em canto de órgão pelo Padre Inácio de Azevedo em Portugal
em 1569, segundo o Padre Vasconcelos em 1663 432
cantado em cantochão pelo Padre Inácio de Azevedo em Portugal em
1569, segundo documento posterior a 1777 514

E

Ensino de música

aulas de canto no Seminário de Belém da Cachoeira (Bahia) em 1696..... 272
por um professor externo, no Seminário de Belém da Cachoeira (Bahia),
em 1693 436
por um professor externo, no Seminário de Belém da Cachoeira (Bahia),
em 1699 275

Escolas

de ler, escrever e cantar, na Aldeia de Piratininga (São Paulo) em 1554 94
nas aldeias, onde meninos aprendem a ler, escrever e cantar, em 1583 359

Espírito Santo

Aldeia da Conceição
procissão solene com danças dos índios e "á portuguesa", em 1584 375
recebimento do Padre Cristóvão de Gouveia com danças, tambores, flautas
e pífanos dos índios, em 1584 375

Aldeia de Guaraparim

Semana Santa celebrada com *symphonia* de instrumentos músicos e vozes
em 1604 228

Aldeia de Reritiba

meninos índios cantam cantigas sacras divididos em dois coros, em 1610..... 234
recebimento dos padres com bons dançantes e tangedores de flautas e
violas em ca. 1610 387
um órgão, um cravo e um baixão no inventário de 1759 564

Aldeia dos Reis Magos

o Padre Domingos Garcia faz recebimento dos índios descidos com música de
flautas e outras "a seu modo", em 1599 152

Aldeias

celebram-se os ofícios divinos em canto de órgão, em 1595, segundo
o Padre Vasconcelos em 1658..... 538
tambores e flautas dos índios, em 1597..... 151

Colégio

canto e *symphonia* através dos quais se explica a doutrina, em 1607 230
Quarenta Horas com música, em 1691 435

Vila de Nossa Senhora da Vitória

meninos cantam *Salve Regina* e ladainhas na fundação, em 1559 117

F**Fabordão (*Falsum bordonem*)**

- na ata da Primeira Congregação da Província Romana da Companhia de Jesus,
de 1568 5
- definido como canto figurado, na crônica do Padre Polanco de 1555 16
- nas Vésperas podem-se cantar os salmos em *, segundo instruções do Padre
Jerônimo de Nadal ao Reitor do Colégio de Viena de ca. 1566..... 28

Fagotes

- na atuação dos padres no início da colonização, segundo o Padre
Vasconcelos em 1672 544
- que aprendem e tocam nos ofícios os índios nas aldeias do Brasil,
em ca. 1560, segundo o Padre Vasconcelos, em 1663 430

Festa da Nossa Senhora da Conceição

- com missa solene na igreja do Colégio da Bahia, em 1721 189

Fistulae

- alternadas com canto *composito* e canto gregoriano, na Aldeia de Santo
Antônio (Bahia) em 1573 210
- tocadas no Sábado Santo, na Aldeia de Santo Antônio (Bahia), em 1573 210

Flautas

- acompanhando *Te Deum laudamus* na Aldeia do Espírito Santo (Bahia),
em 1614 156
- alternadas com coros na Aldeia do Rio Vermelho (Bahia), em 1556..... 105
- doadas por um mercador após ter visto os meninos índios tocando,
na cidade da Bahia, em 1565 141
- doces, no inventário da igreja da Fazenda de Santa Cruz (Rio de Janeiro),
de 1768 572
- dos índios
- de guerra, em 1696 439
 - de osso, em ritual do Varakidran, em 1693 269
 - feitas dos ossos dos inimigos..... 111
 - nas aldeias do Amazonas, em 1776..... 508
 - nas aldeias do Espírito Santo, em 1597 151
 - no Maranhão em 1612, segundo o Padre Moraes em 1759 489
 - no recebimento do Padre Cristóvão de Gouveia, na Aldeia da Conceição
(Espírito Santo), em 1584 375
 - que tocam os meninos em missas e procissões, em vez de “nossos instrumentos”,
no início da atuação dos jesuítas no Brasil, segundo documento de 1617 531
 - tocadas pelos índios de Pernambuco na primeira missa no Maranhão, em 1615 158
 - tocadas pelos índios músicos levados na armada de Alexandre de Moura
ao Maranhão, em 1615 157
- dos meninos índios
- capela de * nas aldeias da Bahia em 1583 360
 - em missa na cidade da Bahia, em 1565 141
 - em São Vicente, em 1553 89
 - na recepção do Padre Cristóvão de Gouveia, na Aldeia do Espírito Santo
(Bahia), em 1583..... 370
- e canto de órgão
- em missas cantadas oficiadas pelos índios, em aldeias da Bahia, em 1570 355

em Vésperas oficiadas pelos índios, nas aldeias do Rio de Janeiro, em 1607	232
na primeira missa em São Vicente, em 1551	70
em doutrinas nos domingos à tarde no Colégio da Bahia, em 1614	154
em missas	
oficiadas pelos índios na Aldeia de São Lourenço (Rio de Janeiro), em 1584	376
oficiadas pelos índios na Bahia, em 1607	232
oficiadas pelos meninos índios nas aldeias do Brasil, em 1578	368
em procissões solenes	
com música de vozes e órgãos na cidade da Bahia, em 1584	373
da Sé ao Colégio da Bahia, em 1583	369
na Aldeia de São Tiago (Bahia) em 1576	216
em recebimento de índios descidos, na Aldeia dos Reis Magos	
(Espírito Santo), em 1599	152
em recebimento dos padres na Aldeia de Reritiba (Espírito Santo),	
em ca. 1610	387
em Vésperas	
e canto de órgão oficiadas pelos índios, nas aldeias do Rio de Janeiro, em 1607	232
e missa cantada na Aldeia do Espírito Santo (Bahia), em 1614	156
tocadas pelos meninos índios ensinados pelo Padre Antônio Rodrigues,	
na cidade da Bahia, em 1565	140
ensinadas aos meninos índios nas aldeias de Pernambuco, em ca. 1615	392
na atuação dos padres no início da colonização, segundo o Padre	
Vasconcelos em 1672	544
no inventário da Aldeia de São Pedro (Rio de Janeiro), em 1759	565
no recebimento do padre Cristóvão de Gouveia, na Aldeia do Espírito	
Santo, em 1583	370
no recebimento do Padre Vieira em Ibiapaba pelos índios Tabajaras levados de	
Pernambuco, em 1658, segundo o Padre Bettendorf em 1698	443
nos ofícios da Semana Santa em Pernambuco, em 1561	124
pede-se que enviem algumas para que os meninos com elas atraíssem	
os índios, em 1552	79
que aprendem e tocam nos ofícios os índios nas aldeias do Brasil,	
em ca. 1560, segundo o Padre Vasconcelos, em 1663	430
que aprendem e tocam os meninos nas aldeias da Bahia, em 1584	428
que aprendem os meninos índios para oficiarem missas, em 1607	528
que sabia tanger o Padre Antônio Rodrigues, em ca. 1560	357
terno (de sete) tocado pelos catecúmenos nas aldeias do Brasil,	
em ca. 1590	378
tocadas pelos índios	
em missa do Padre Cristóvão de Gouveia, na Aldeia do Espírito Santo (Bahia),	
em 1583	370
em missa no Colégio da Bahia, em 1584	373
em missa solene na Aldeia do Espírito Santo, durante a visita do Padre	
Cristóvão de Gouveia, em 1584	371
Tabajaras de Pernambuco que corriam as aldeias do Maranhão com o Padre Veras,	
segundo o Padre Bettendorf em 1698	448
tocadas por Irmãos acompanhando salmos e cantigas, na ida do Padre	
Cristóvão de Gouveia da Bahia a Pernambuco, em 1584	374

Folias

dos brancos	
e tambor, em festa na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1564.....	135
dos índios	
"a seu modo" e "á portuguesa" em confraria dos Reis, na igreja da Aldeia da Conceição (Espírito Santo), em 1584	375
com seus tangeres e cantares em procissão na Aldeia de Santa Cruz (Bahia), em 1561	128
de tamboris, quando o Padre Luís da Grã é recebido na Aldeia do Espírito Santo (Bahia) em 1560	123
e danças após procissão, na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1563.....	130
e danças dos Aruaquizes, do Amazonas, em descrição do P. Bettendorf de 1698.....	447
e tambores em recebimentos dos padres e índios que vêm de outras aldeias, na Aldeia de São Tiago (Bahia), em 1564	136
tangida e cantada a seu modo, na Aldeia de Santo Antônio (Bahia), em 1561	126

G

Gaitas

dos índios Tapuias da Ilha de Camunixary, feitas de canelas dos adversários, em 1688	455
dos índios, em recebimento dos padres em Ibiapaba, em 1608	385
e tambores tocados em jantar na Aldeia do Espírito Santo (Bahia), na visita do Padre Cristóvão de Gouveia, em 1584.....	371
e tamboris dos índios, no Amazonas, em 1776	507
no domingo de Páscoa, no Pacajá (Pará), em 1656	415
pede-se que enviem algumas para que os meninos com elas atraíssem os índios, em 1552.....	79
que o Padre João Maria Gorzoni ensinou os meninos índios a tocar, na Aldeia de Cairitiba, em ca. 1607, segundo o Padre Bettendorf em 1698.....	451

Gloria

cantado na noite de Natal, nas aldeias do Maranhão, em 1720	473

H

Harpas

levadas pelo Padre Inácio de Azevedo ao Brasil em 1570, segundo documento posterior a 1777.....	514
levadas pelo Padre Inácio de Azevedo ao Brasil em 1570, segundo o Padre Vasconcelos em 1663.....	433
na igreja de uma aldeia da Província do Peru, em relato sobre o Maranhão do séc. XVIII	480
na igreja de uma aldeia da Província do Peru, segundo o Padre Morais em 1759	495
no inventário da Aldeia de São Pedro (Rio de Janeiro), em 1759	564
no inventário da Aldeia do Embu (São Paulo), em 1759	566
tocadas nos ofícios pelos religiosos das Mercês durante a viagem do Padre Frutuoso Correia ao Maranhão, em 1696.....	437
tocadas pelos índios de Pernambuco na primeira missa no Maranhão, em 1615	158

I**Ibiapaba**

cantos e danças dos índios na missão dos padres Luís Figueira e Francisco Pinto, em 1607	384
feita da Senhora com danças dos índios, em 1701	278
índios cantam louvores da Mãe de Deus, em 1751	199
índios músicos trazidos de Pernambuco oficiam a Semana Santa com canto de órgão, em 1659	417
índios músicos trazidos por Vieira de Pernambuco fazem ofícios com canto de órgão, em 1660, segundo documento de ca. 1777	515
ladainhas cantadas aos sábados, em 1727	292
ofícios divinos realizados com canto de órgão pelos índios músicos e charameleiros trazidos de Pernambuco, em 1656, segundo o Padre Bettendorf em 1698	442
ofícios divinos realizados com solenidade pelos índios músicos trazidos de Pernambuco, em 1658	164
os padres ensinam os meninos a cantar os mistérios que compuseram em versos e tons acomodados, em 1659	416
recebimento do Padre Vieira com charamelas e flautas dos índios músicos Tabajaras trazidos de Pernambuco, em 1658, segundo o Padre Bettendorf em 1698	443
recepção dos padres com <i>tympanis</i> e <i>tibiae</i> em 1607	230

Ilha de Santa Catarina

filhos dos colonos recitam aos sábados o Terço do Rosário, em 1755	304
Terço do Rosário cantado todos os dias, em 1749	302

Índios

atraídos pela música	
cantigas "pello seu toom" e instrumentos que usam em suas festas são uma forma de atraí-los, segundo Nóbrega em ca. 1552	83
das cantigas "polla lingoa" que cantam pelas aldeias os meninos do Colégio da Bahia, em 1552	74
de cantigas compostas em sua língua pelo Padre Luís Figueira para atraí-los com a melodia do canto, em ca. 1638, segundo o Padre Moraes em 1759	490
de canto de órgão dos meninos, em São Vicente, em 1553	87
dos índios cantores que haviam sido trazidos de Pernambuco, no Maranhão, em 1621	394
dos meninos em procissão, na Aldeia do Rio vermelho (Bahia), em 1557	110
dos meninos órfãos de Lisboa, que cantam "pelo mesmo toom dos Índios, e com seus instrumentos", em 1552	77
dos meninos órfãos de Lisboa, que cantam ladainhas em procissão e fazem pregação em uma aldeia, em ca. 1552	69
e harmonia de vozes, com os quais o Padre Nóbrega traria a si todos os gentios da América, segundo o Padre Vieira, em 1659	416
ensiná-los a tocar um instrumento é um dos meios para afeiçoá-los, segundo o Padre Bettendorf, em 1698	451
gentios são afeiçoados à música e cantares, na Aldeia do Rio Vermelho (Bahia), em 1556	105
nada atraí mais os Brasis que a música, em ca. 1650	536
nas aldeias do Brasil em ca. 1560, segundo o Padre Vasconcelos, em 1663	430

o Padre Luís Figueira ensina os filhos dos índios a cantar, única maneira de domesticá-los, em Ibiapaba, em 1607	384
o Padre Nóbrega ordena que orações e outros documentos sejam postos em canto de solfa para que com a suavidade do canto entrasse nas almas dos índios as coisas do céu, segundo o Padre Vasconcelos, em 1659	426
pedem que os padres ensinem os meninos a cantar, em Ibiapaba, em 1608	386
pediam ao Padre Navarro que cantasse como havia feito na procissão, em 1549	61
segundo o Padre Nóbrega, instrumentos músicos, mesmo que dos bárbaros, conquistariam os índios, segundo documento de 1770	499
seriam conquistados com cantos e instrumentos, em 1552	79
cantos	
cantigas cantadas em voz alta para que seus filhos não ouçam os padres, na Bahia, em 1554	98
de diversas maneiras e grandes festas, em São Vicente, em 1553	90
desentoados que atordoavam os religiosos do Colégio do Maranhão, em ca. 1690	457
desentoados, em ritual do Varakidran, em 1693	269
dos meninos índios em sua língua, contrapostas às que eles costumavam cantar, vãs e gentílicas, em 1554, segundo o Padre Vasconcelos, em 1663	427
e grandes vozearias, com os quais costumavam comer os brancos, em São Paulo, em 1554	96
e harmonias diabólicas, em São Vicente, em 1551	68
em Ibiapaba, na missão dos Padre Luís Figueira e Francisco Pinto, em 1607	500
em repetição enfadonha, no Maranhão em 1612, segundo o Padre Moraes em 1759 ..	489
em sua língua, na recepção do Padre Luís da Grã, na Aldeia de São João (Bahia) em 1561	125
cantos e danças	
após hinos e cantigas dos jesuítas, na Aldeia do Espírito Santo (Bahia), em 1564	132
associados a bebedeiras	70, 72, 97, 100, 107, 115, 118, 119, 138, 163, 356, 362, 368, 383, 390, 445, 446
com motetes das índias, em aldeia do Camutá, em 1636	405
de um gamela visto pelo Padre von Murr no Colégio do Maranhão, e cuja voz se assemelhava mais a de um animal, em 1753	518
descrição de suas práticas durante a visita do Padre Cristóvão de Gouveia à Aldeia do Espírito Santo (Bahia), em 1584	372
descrição nas aldeias do Brasil, em ca. 1610	391
descrição pelo Padre von Murr, em 1783	519
dos Gamelas, ao seu bárbaro modo, em 1753	482
em Ibiapaba, em 1607	384
em Porto Seguro, em 1555	102
em procissão na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1564	133
em São Vicente, em 1575	214
índias nuas que cantam como se fossem diabos	111
índios não cantavam ou dançavam em tristeza pelo grande número de mortos pelas doenças, em 1561	126
instrumentos, e outras dissoluções orgiásticas	148
nas aldeias do Amazonas, em 1776	507
ritual do Varakidran, em 1693	269
danças	
bailes são consentidos nas vésperas dos domingos e dias santos, segundo instruções do Padre Vieira em ca. 1661	321
descrição de ritual em 1584	363
descrição nas aldeias do Brasil, em ca. 1610	389
descrição, em 1653	421

e bailes, em festa na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1564.....	135
e festas para receber os feiticeiros, em 1549.....	353
e mascaradas ridículas, no Maranhão em 1612, segundo o Padre Morais em 1759	489
em descrição do Padre Bettendorf de 1698	447
na festa da Senhora em Ibiapaba em 1701	278
no domingo de Páscoa, no Pacajá (Pará), em 1656	415
instrumentos	
buzinas, e desentoadas vozes, em ritual de guerra de indígenas do Maranhão, em 1696	273
cantos e danças, e outras dissoluções orgiásticas.....	148
descrição de ritual em 1584	364
descrição pelo Padre von Murr, em 1783.....	519
descrição pelo Padre Vasconcelos, em 1653	421
dos Nheengaíbas, em celebração de paz com os portugueses, em 1660.....	166
em descrição do Padre Bettendorf de 1698	447
em Ibiapaba, na missão dos Padre Luís Figueira e Francisco Pinto, em 1607	500
flautas feitas com ossos de inimigos.....	111
mesmo dos bárbaros, segundo o Padre Nóbrega, conquistariam os índios, segundo documento de 1770.....	499
nas aldeias do Amazonas, em 1776.....	507
no Maranhão em 1612, segundo o Padre Morais em 1759.....	489
que usam em suas festas e cantigas "pello seu toom" são uma forma de atraí-los, segundo o Padre Nóbrega em 1552.....	83
tambores e flautas, nas aldeias do Espírito Santo em 1597	151
tangiam nos busios e faziam alarde que parecia um inferno, em 1550	66
tangidos em procissão na Aldeia de Santa Cruz (Bahia), em 1561.....	128
utilizados por jesuítas	
meninos órfãos de Lisboa tangem instrumentos dos "bárbaros" nos domingos e festas, em 1552.....	75
reação do Bispo Sardinha, em 1552	75
reação do Bispo Sardinha, em 1553	91
tocados pelos meninos órfãos de Lisboa, em 1552.....	77, 79
música	
a seu modo	
cantando e tangendo na recepção do padre Cristóvão de Gouveia, na Aldeia do Espírito Santo, em 1583	370
danças em procissão solene na Aldeia da Conceição (Espírito Santo), na visita do Padre Cristóvão de Gouveia, em 1584.....	375
em recebimento de índios descidos, na Aldeia dos Reis Magos (Espírito Santo), em 1599.....	152
meninos índios cantam cantigas em procissão na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1556.....	113
procissão com uma folia cantada e tangida na Aldeia de Santo Antônio (Bahia), em 1561	126
meninos índios cantam orações em sua língua, em lugar de cantigas lascivas e diabólicas que usavam antes, em 1550	62
músicos	
ajudam a celebrar os ofícios com canto de órgão e instrumentos músicos nas aldeias do Rio de Janeiro, em 1619	393
cantores levados de Pernambuco oficiam missas com música nos dias santos e domingos no Maranhão, em 1621	394
devem ir às festas dos escravos, em lugar de músicos brancos, segundo instruções de 1666	325
e chameleiros levados de Pernambuco para a Serra de Ibiapaba fazem ofícios com canto de órgão, em 1656, segundo o Padre Bettendorf em 1698.....	442
fazem os ofícios da <i>Quadragesima</i> com instrumentos músicos e canto de órgão na Aldeia de São Pedro do Cabo Frio, em 1689	177
levados de Pernambuco para a Serra de Ibiapaba, em 1658.....	164

levados por Vieira de Pernambuco para a Serra de Ibiapaba fazem ofícios com canto de órgão, em 1660, segundo documento de ca. 1777	515
mostram muito boa habilidade para cantar, nas aldeias do Maranhão, em 1720	473
"nheengaraybos" ou mestres de capela, levados pelos padres na primeira jornada por terra ao Maranhão, em 1608.....	386
que cantavam os ofícios em canto de órgão com flautas, charamelas e outros instrumentos, levados na armada de Alexandre de Moura ao Maranhão, em 1615	157
são destros em todos os instrumentos, com os quais beneficiam os ofícios em canto de órgão, nas aldeias do Brasil em ca. 1560, segundo o Padre Vasconcelos, em 1663	430
Tabajaras de Pernambuco correm as aldeias do Maranhão com o Padre Veras, segundo o Padre Bettendorf em 1698	448
Tabajaras levados de Pernambuco para a Serra de Ibiapaba recebem o Padre Vieira com charamelas e flautas, em 1658, segundo o Padre Bettendorf em 1698....	443
tocam nas charamelas a peça "batalha" em ataque de navios mouriscos na viagem do Padre Manoel Gomes à Espanha, em 1620	159
trazidos de Pernambuco oficiam as missas da Semana Santa com canto de órgão, em Ibiapaba, em 1659.....	417
tupinambás trazidos de Pernambuco ao Maranhão cantam missas e tocam charamelas no Maranhão, em ca. 1615, segundo o Padre Moraes, em 1759	488
oficiam missas	
com boa capela de flautas no Colégio da Bahia, em 1584.....	374
com canto de órgão e flautas, na Aldeia de São Lourenço (Rio de Janeiro), em 1584	376
com canto de órgão e flautas, na Aldeia do Espírito Santo, durante a visita do Padre Cristóvão de Gouveia, em 1583	370
com canto de órgão na Aldeia de Piratininga (São Paulo), em 1585.....	376
com canto de órgão nas aldeias de São Paulo, em 1640	595
com canto de órgão, flautas e outros instrumentos, com os cantores da Sé, no Colégio da Bahia em 1584.....	373
com canto de órgão, flautas, cravo e descantes na Aldeia do Espírito Santo, durante a visita do Padre Cristóvão de Gouveia, em 1584	371
com suas flautas em missa no Espírito Santo, em 1584	374
Instrumentos de cordas	
acompanham ladainhas cantadas aos sábados no Colégio de São Paulo, em 1727	291
Instrumentos músicos	
de todos os gêneros em procissão no recebimento do Padre Visitador nas aldeias da Bahia, em 1614	239
e canto de órgão pelos índios nos ofícios da <i>Quadragesima</i> , na Aldeia de São Pedro do Cabo Frio, em 1689	177
e canto de órgão, em ofícios cantados na Bahia pelos meninos índios trazidos de São Vicente, em 1554, segundo o Padre Vasconcelos, em 1663.....	427
e flautas tocados pelos índios em missa no Colégio da Bahia, em 1584.....	373
e salmodias em cerimônia fúnebre oficiada pelos carmelitas no Colégio do Rio de Janeiro, em 1736	295
e três coros nas Vésperas cantadas solenemente no Colégio do Rio de Janeiro, na canonização de São Francisco Xavier, em 1622	399
e vozes na oração do início do ano no Colégio da Bahia, em 1590.....	221

em celebração da Semana Santa, na Aldeia de Guaraparim, Espírito Santo, em 1604	228
em missas oficiadas pelos meninos índios nas aldeias do Brasil, em ca. 1603 ..	381
ensinados no Seminário de Belém da Cachoeira, em ca. 1696	329
mesmo dos bárbaros, segundo o Padre Nóbrega, conquistariam os índios, segundo documento de 1770	499
na atuação dos Padre Gomes e Nunes nas aldeias do Maranhão, em 1617, segundo o Padre Rodrigues em 1770	501
na festa da Santíssima Virgem em São Vicente, em 1583	220, 367
na igreja de uma aldeia da Província do Peru, em relato sobre o Maranhão do séc. XVIII	480
na igreja de uma aldeia da Província do Peru, segundo o Padre Moraes em 1759	495
que aprendem e tocam nos ofícios os índios nas aldeias do Brasil, em ca. 1560, segundo o Padre Vasconcelos, em 1663	430
tocados pelos índios de Pernambuco na primeira missa no Maranhão, em 1615	158
tocados pelos índios músicos levados na armada de Alexandre de Moura ao Maranhão, em 1615	157
tocados pelos índios nos ofícios divinos, nas aldeias do Rio de Janeiro, em 1619	393

J

Jesuítas e música

coro dos Irmãos na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1564	133
devoção com canto público não parece próprio da Companhia, no Maranhão, em 1653	161
dizem missas cantadas e vésperas nas igrejas onde residem, em 1576	146
o Padre Antônio Rodrigues sabia cantar e tanger flautas, em ca. 1560	357
em algumas capitanias ajudam os clérigos a cantar em procissões, em 1576 ..	146
hinos e cantigas "dos nossos" na Aldeia do Espírito Santo (Bahia), em 1564 ...	132
no Colégio da Bahia não se fazem procissões cantadas pelos padres e irmãos, como em Pernambuco, em 1584	150
o Irmão Barnabé Tello toca berimbau na Bahia, em 1583	371
o Irmão Barnabé Tello toca berimbau no Colégio do Rio de Janeiro, em 1584 ..	375
o Irmão Pedro de Matos, cantor suavíssimo, morre no Colégio da Bahia em 1725	267
o Padre Belchior de Pontes se conservava surdo às "melodias terrestres" dos instrumentos tocados pelo seu irmão, embora tenha aprendido a cantar, segundo o Padre Fonseca em 1752	556
o Padre João Felipe Bettendorf canta missas solenes acompanhado dos seus músicos com rabecas e violas, na Aldeia de Inhauba, em 1695	458
o Padre Manoel Correia não apreciava ouvir <i>musicus concentus</i> feito nas cerimônias na igreja, faleceu em 1760	560

o Padre Vieira ordena que todos os dias os estudantes cantem o Terço do Rosário, <i>Salve Regina</i> e ladainha da Senhora, e ele mesmo canta um exemplo, em 1656, segundo o Padre Domingos de Araújo, em 1720	474
o Superior das missões se preocupa com o uso do canto nos ofícios no Maranhão, após outros padres o terem feito nas igrejas dos jesuítas durante sua expulsão, em 1685	175
os "nossos" não devem ensinar solfa, tocar instrumentos ou cantar, segundo instruções de ca. 1696	328
os devotos preferem ouvir uma missa rezada na Companhia que uma cantada na Paróquia, em 1555	101
o Padre Gondícalus Pereira, músico, falece no Colégio da Bahia em ca. 1679 ..	267
padres e irmãos cantam ladainhas em procissões no Colégio de Olinda, em 1584	150
salmos e cantigas dos irmãos ao som de uma suave flauta, na ida do Padr e Cristóvão de Gouveia da Bahia a Pernambuco, em 1584.....	374
um dos padres é advertido por cantar por modo de solfa fazendo o compasso no Colégio do Maranhão, em 1617	169

L

Ladainhas cantadas

aos domingos pelos meninos índios nas aldeias do Brasil, em 1577.....	148
aos sábados pelos meninos do Colégio do Maranhão, em 1696	438
<i>compositi</i> , na Aldeia de São João, Bahia em 1575	212
da Senhora de Loreto	
aos sábados pelos índios das aldeias do Maranhão, em 1720.....	473
na ida dos Padres Manuel Gomes e Diogo Nunes ao Maranhão, em 1615	500
na igreja do Colégio do Maranhão, na Novena de São Francisco Xavier, em 1691.....	457
de Grotaferrata, que nunca haviam sido ouvidas no Brasil, pelo Padre Luigi Maria Bucarelli, na igreja do Colégio do Maranhão em 1721	476
de Nossa Senhora	
aos sábados no Colégio do Maranhão pelos meninos, em 1730	548
para atrair os Sapoiasas, em 1657	253
todos os sábados no Colégio do Rio de Janeiro, segundo documento posterior a 1760	558
em canto de órgão todos os dias na Bahia pelos meninos índios trazidos de São Vicente, em 1554, segundo o Padre Vasconcelos, em 1663	427
em Ibiapaba aos sábados, em 1727	292
em Porto Seguro em 1573	209
em procissões	
com <i>symphonia</i> no Colégio do Rio de Janeiro, devido à seca, em 1619	242
de Quinta-feira de Endoenças, pelos meninos índios do Colégio da Bahia, em 1560...	122
dos estudantes (índios e índias) do Colégio do Maranhão, em 1653.....	161
dos meninos do Colégio da Bahia, para receber o Irmão Antônio Rodrigues, em 1556	106
dos meninos índios que vêm da Aldeia de São João (Bahia), em 1564	133
dos que vêm à aldeia de São João (Bahia) de outras aldeias em 1576	216
nas aldeias da Bahia para que os holandeses fossem expulsos, em 1625	246
nas sextas-feiras da <i>Quadragesima</i> nas aldeias e Colégio da Bahia, em 1607	232

pelos dois meninos cantores que levava o padre Provincial à Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1561	126
pelos meninos do Colégio de Olinda na <i>Quadragesima</i> , em 1582	218
pelos meninos órfãos de Lisboa, em ca. 1552	69
pelos padres e irmãos, no Colégio de Olinda, em 1584	150
na Aldeia de São João, Bahia, em 1575	211
na Aldeia de São Tiago (Bahia), em 1574	356
na ida de Nóbrega de São Vicente para a Aldeia de Piratininga (São Paulo), em 1554	94
na partida do Padre Navarro de Porto Seguro, em 1554	93
na primeira missão ao Maranhão, em 1616	241
na Quadragesima	
aos sábados, nas aldeias da Bahia, em 1607	230
às sextas-feiras no Colégio do Rio de Janeiro em 1573	208
às sextas-feiras no Colégio do Rio de Janeiro, em 1604	228
nas aldeias da Bahia em 1607	229
nas aldeias da Bahia às sextas na <i>Quadragesima</i> , em ca. 1623	245
pelo povo da Aldeia de São José (São Paulo), no momento da expulsão dos padres, em 1759	516
pelos meninos em São Vicente, em 10. de janeiro de 1555	100
pelos meninos índios todos os dias na Villa de Nsa. Sra. da Vitória (Espírito Santo), em 1559	117
pelos mercedários no Colégio do Maranhão, em ca. 1652, segundo o Padre Bettendorf em 1698	441
pelos padres e meninos índios na cidade da Bahia, em 1556	104
por músicos nas festas da Confraria de Nsa. Sra. da Luz, no Maranhão, em ca. 1607, segundo o Padre Bettendorf em 1698	450
todos os dias na viagem dos padres do Maranhão a Pernambuco, na época da expulsão em 1685	453
todos os dias pelos estudantes na igreja do Colégio do Maranhão por ordem do Padre Vieira, em 1656, segundo o Padre Domingos de Araújo, em 1720	474
todos os sábados pela manhã com instrumentos de cordas no Colégio de São Paulo, em 1727	291
<i>Laudate Dominum</i>	
cantado na Aldeia de São Tiago (Bahia) em 1575	212
cantado no recebimento do Padre Inácio Tolosa na Aldeia de São João em 1575	147
cantado pelo coro dos Irmãos em procissão na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1564	133
cantado pelo coro em procissão na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1564	135
<i>Laudate pueri</i>	
cantado com instrumentos no recebimento do Padre Provincial, na Aldeia de São Tiago (Bahia), em 1576	358
<i>Lyrícines [tangedores de lyrae]</i>	
com cantores e <i>tibícines</i> em carro triunfal em procissão em ação de graças pela chuva, em Pernambuco, em 1611	236

M**Manicórdio**

- no inventário da Aldeia do Embu (São Paulo), em 1759 566
 no inventário da igreja da Fazenda de Santa Cruz (Rio de Janeiro), de 1768 ... 572

Maracás

- em folia com tangeres e cantares dos índios em procissão na Aldeia de
 Santa Cruz (Bahia), em 1561 128
 em recebimento dos padres em Ibiapaba, em 1608 385
 tocados pelos meninos órfãos na Aldeia "do Grilo", na Bahia, em 1552 79

Maranhão

- Aldeia da Imaculada Conceição
 recebimento com *tubae* e *tibiae*, em 1676 171
 Aldeia de Tapuitapera
 Terço do Rosário cantado pelos alunos na igreja em 1729 194
 Aldeias
 atuação dos Padre Gomes e Nunes com *tubae* e outros instrumentos músicos e
 canto de órgão, em 1617, segundo o Padre Rodrigues em 1770 501

Colégio

- a Congregação de Nsa. Sra. da Luz deve cantar o Terço do Rosário todos os dias
 ao pôr do sol, segundo instruções de 1670 326
 alguns alunos eram cantores de ótima voz, em 1721 476
concentus musicus na igreja, em cerimônia em 1625, segundo o Padre Rodrigues
 em 1770 502
 cravo deixado com o organista durante a expulsão, em 1759 204
 cravo tocado na igreja por Gregório de Andrade, na Novena de São Francisco
 Xavier, em 1691 457
 inauguração da igreja nova com Vésperas e missa cantada, em 1699 548
 meninos cantam "como uns anjos" o Terço do Rosário todos os dias, e aos
 sábados acrescentam as ladainhas, em 1696 438
 meninos cantam o Terço do Rosário na igreja, em 1665 258
 missa cantada pelo Vigário Geral, na restituição dos padres após a expulsão,
 em ca. 1661 418
 missas solenes cantadas nas festividades anuais, em 1755 306
 na igreja se fazem as pregações da Semana santa com a melhor música da terra,
 em 1653 160
 o costume de se cantar o Terço do Rosário na igreja se mantém inalterado desde
 que foi principiado pelo Padre Vieira, segundo documento de ca. 1757 485
 o Padre Vieira institui o Terço do Rosário em 1652, segundo o Padre Bettendorf
 em 1698 441
 o Padre Vieira ordena que todos os dias os estudantes cantem o Terço do Rosário,
 Salve Regina e ladainha da Senhora, em 1656, segundo o Padre Domingos
 de Araújo em, 1720 474
 o Padre von Murr vê um gamela dançar e cantar, e sua voz se assemelhava mais
 a de um animal, em 1753 518
 ofício de defuntos cantado pelos carmelitas e mercedários na morte do Padre João
 de Villar, em 1719 547
 procissão com ladainhas cantadas pelos estudantes, em 1653 161
 Quarenta Horas com solenidade, em 1674 264
 Quarenta Horas com solenidade, em 1678 172
 Quarenta Horas com solenidade, em ca. 1680, segundo o P. Bettendorf em 1698 452
 Quarenta Horas solenes, em ca. 1691 457

Terço do Rosário cantado todos os dias na igreja pelos meninos, em 1730.....	548
tragédia pública apresentada pelo Irmão Tomás do Couto em 1688	456
um dos padres canta por modo de solfa fazendo o compasso, em 1617	169
um órgão no inventário da igreja, de 1760.....	567
Vésperas cantadas, missa solene e terço cantado na Véspera do nascimento da Virgem, em 1662, segundo o Padre Bettendorf em 1698.....	446
Vésperas na <i>Quadragesima</i> oficiadas pelos carmelitas com <i>concentu</i> de vozes e instrumentos músicos , em 1671	263
igrejas dos jesuítas são providas de charamelas e música, em 1637	406
índios trazidos de Pernambuco oficiam missas aos domingos e dias santos com canto de órgão, em 1621	394
índios tupinambás trazidos de Pernambuco cantam missas e tocam charamelas no Maranhão, em ca. 1615, segundo o Padre Morais, em 1759	488
Missão de Pastos Bons, Terço do Rosário cantado ou rezado, em 1745	199
missas cantadas com canto de órgão e charamelas, na chegada dos padres em 1620	590
motetes por solfa na <i>Quadragesima</i> , em ca. 1620, segundo o Padre Morais em 1749	490
primeira missa, cantada ao som de charamelas, flautas, harpas e outros instrumentos necessários para a música, em 1615.....	158
Meninos	
alunos do Colégio de Olinda cantam a ladainha em procissão nas sextas-feiras da <i>Quadragesima</i> , em 1582	218
cantores	
levados pelo Padre Provincial da cidade da Bahia à Aldeia de São Paulo (Bahia), para cerimônia de casamentos e batismos, em 1561	126
índios	
ajudam a cantar a missa na Aldeia de Piratininga (São Paulo), em 1554	95
aprendem a cantar a missa e a <i>Salve Regina</i> , na Aldeia do Rio Vermelho (Bahia), em 1556	105
aprendem a cantar cantochão e canto de órgão e tanger flautas e charamelas para oficiarem missas, em 1607	528
aprendem a cantar cantochão e canto de órgão e tanger instrumentos músicos para oficiarem missas e procissões, em 1617.....	531
aprendem a cantar e tanger, em 1584.....	363
aprendem a cantar e tanger, tanger flautas, violas, cravos e oficiam missas em canto de órgão nas aldeias da Bahia, em 1584	372
aprendem a cantar nas aldeias da Bahia, têm capela de instrumentos e dançam como meninos portugueses em 1583.....	360
aprendem a cantar nas escolas das aldeias, 1583	359
aprendem a ler, escrever e cantar na Aldeia de Piratininga (São Paulo), em 1554	94
aprendem a ler, escrever, cantar e tocar flautas em São Vicente, em 1553	89
aprendem canto, <i>tibiae</i> e <i>cytharae</i> , e oficiam missas e Vésperas com <i>organicus concentus</i> , nas aldeias e no Colégio da Bahia em 1583	366
aprendem o canto de órgão, e a tocar charamelas e flautas, nas aldeias de Pernambuco, em ca. 1615.....	392
cantam a doutrina pelas ruas à maneira dos brancos, em 1574	356
cantam cantigas "en lengua de los negros [índios]" e	92
cantam cantigas "pola lingua" e em português, nas aldeias do Brasil, em 1552.....	82
cantam cantigas em português e em sua língua na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1556	113

cantam cantigas sacras divididos em dois coros na Aldeia de Reritiba (Espírito Santo), em 1610	234
cantam ladainhas em São Vicente, em 1. de janeiro de 1555	100
cantam o catecismo nas línguas portuguesa e brasílica, nas aldeias do Brasil, em 1577	148
cantam orações em sua língua, ensinadas pelo Padre Navarro em 1550	62
cantam <i>Salve Regina</i> e ladainhas todos os dias na Villa de Nsa. Sra. da Vitória (Espírito Santo), em 1559	117
cantam <i>Salve Regina</i> na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1564	133
cantam todos missa de canto de órgão, em São Vicente, em 1553	87
cantam, tocam viola, cravo, órgão e flautas nas aldeias do Brasil, em ca. 1590	378
causam devoção com cantares de Nosso Senhor, em Porto Seguro, em 1552	82
da Aldeia de São João (Bahia), fazem procissão com ladainhas cantadas em 1564	133
de melhores vozes cantam a <i>Salve Regina</i> no Maranhão, em ca. 1615, segundo o Padre Morais em 1759	488
do Colégio da Bahia, cantam ladainhas na procissão de Quinta-feira de Endoenças, em 1560	122
do Colégio da Bahia, sabem a doutrina tanto na língua dos índios como em português, em 1560	122
ensinados pelo padre Antônio Rodrigues, oficiam Vésperas com canto de órgão, cravo e flautas na cidade da Bahia, em 1565	140
fazem dança no Colégio do Rio de Janeiro, pintados e com cascavéis em 1584	376
fazem procissões solenes e oficiam missas com canto de órgão, doçainas, charamelas e outros instrumentos, nas aldeias do Brasil, em ca. 1603	381
lêem, escrevem, cantam e ajudam nos ofícios na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1559	112
mais aptos fazem música nos ofícios com <i>concentu</i> de <i>tibiae</i> e canto nas aldeias do Rio de Janeiro, em 1607	230
músicos são levados de São Vicente para a cidade da Bahia, em 1554, segundo o Padre Vasconcelos, em 1663	427
na Bahia sabem ler, escrever e cantar, e fazem pregações, em 1552	74
oficiam missas com canto de órgão e flautas, nas aldeias do Brasil, em 1578	368
que Nóbrega pretende enviar a Lisboa, por saberem ler, escrever e cantar, em 1552	74
tocam dia e noite a gaita que o padre João Maria Gorzoni os ensinou, na aldeia de Cairitiba, em ca. 1607, segundo o Padre Bettendorf em 1698	451
tocam flautas e cantam cantigas pastoris na recepção do Padre Cristóvão de Gouveia, na Aldeia do Espírito Santo (Bahia), em 1583	370
órfãos de Lisboa	
andam pelas aldeias da Bahia com pregações e cantigas "polla lingoa", em 1552	74
cantam "pelo mesmo toom dos Indios, e com seus instramentos", e os atraem, em 1552	77
cantam ladainhas em procissão em uma aldeia, fazem a pregação e encantam os índios, em ca. 1552	69
cantam missa na Aldeia do Rio Vermelho (Bahia), em 1556	105
cantam todos os domingos e festas cantigas de Nsa. Sra. "al tono gentílico", e tocam instrumentos dos "bárbaros" em 1552	75
cantam Vésperas e oficiam missa em aldeia da Bahia, em 1556	107
em procissão em cerimônia fúnebre na Bahia, em 1552	72
em procissão pelas aldeias com o Padre Nóbrega, com cantares santos e hinos, em 1552	84

entram cantando em procissão na Aldeia do Rio Vermelho (Bahia), e maravilham os índios, em 1557	110
partem para o Brasil, cantando cantigas de Nsa. Sra. em procissão, em 1550	64
pede-se que enviem de Portugal alguns que saibam tocar, em 1552	79
vão pelas aldeias pregando e cantando cantigas na língua da terra, em ca. 1552	69
Mestres de capela	
ou "nheengaraybos", índios músicos levados pelos padres na primeira jornada por terra ao Maranhão, em 1608	386
Miserere	
cantado em procissão devido à seca, na cidade da Bahia, em 1614	154
cantado na <i>Quadragesima</i> ao som do cravo pelos Padres das Mercês no Colégio do Pará, em 1697	459
cantado por cantores em cerimônia na igreja do Colégio do Maranhão, em 1721	477
em canto de órgão na Semana Santa, na viagem de vinda do Padre Cristóvão Gouveia ao Brasil em 1583	369
Missas	
a primeira em São Vicente, com flautas e canto de órgão, em janeiro de 1551	70
cantadas	
a dois coros com baixão, sacabuxa, flautas e charamelas, na Aldeia do Espírito Santo (Bahia), em 1614	156
a primeira no Maranhão, com instrumentos tocados pelos índios trazidos de Pernambuco, em 1615	160
com canto de órgão	
com instrumentos de cordas no Colégio de São Paulo, em 1727	291
de capela e cantores na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1563	130
e charamelas, na chegada dos padres ao Maranhão em 1620	590
e flautas, oficiadas pelos meninos índios nas aldeias da Bahia em 1570	355
e flautas, oficiadas pelos meninos índios nas aldeias do Brasil em 1578	368
na Aldeia de Santo Antônio (Bahia), em 1584	372
na noite de Natal e na Semana Santa, nas aldeias do Brasil em 1586	315
no dia da Exaltação da Cruz, na Aldeia de Santa Cruz (Bahia), em 1561	130
nos dias santos e domingos, pelos índios que haviam sido trazidos de Pernambuco, no Maranhão, em 1621	394
oficiada pelos índios na Aldeia de Piratininga (São Paulo), em 1585	376
oficiada pelos índios, com suas flautas, na Aldeia de São Lourenço (Rio de Janeiro), em 1584	376
pelos índios e cantores da Sé, no Colégio da Bahia, em 1584	373
pelos índios, na Aldeia do Espírito Santo, durante a visita do Padre Cristóvão de Gouveia, em 1583	370
pelos índios, na Aldeia do Espírito Santo, em 1584	371
com diácono e subdiácono	
na Aldeia de Piratininga, em 1585	376
na Aldeia de Santa Cruz (Bahia), em 1561	128
na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1563	130
na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1564	133
na Aldeia do Espírito Santo, em 1584	371
na cidade da Bahia, em 1565	141
nas aldeias do Brasil, em 1549	61
no Colégio da Bahia, em 1584	374
com harmonia de canto nas aldeias do Brasil no Natal e na <i>Quadragesima</i> , em ca. 1663	257
de defuntos	
na Bahia, em 1552	72
no Colégio da Bahia, em 1557	108
e rezadas	
na Bahia, em 1758	203

em Porto Seguro, em 1622	396
na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1559.....	113, 114
na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1564.....	133
na Aldeia de São Pedro (Bahia), em 1566	143
na cidade do Pará, no tempo das Bexigas, em 1662, segundo o Padre Bettendorf em 1698	447
na inauguração da igreja nova do Colégio do Maranhão, em 1699.....	548
na transformação da residência de Paranaguá em colégio, em 1755.....	307
nas aldeias do Brasil, em 1549	61
nas festividades anuais do Colégio do Maranhão, em 1755.....	306
nas quatro principais festas do ano, para consolo dos índios, em 1586	314
no Colégio da Bahia, em dia de São Brás, em 1590.....	221
no Colégio do Pará, em 1756.....	201
no Natal, Circuncisão, Santa Cruz de Maio, Onze mil Virgens e São Cristóvão, nas aldeias do Brasil em 1589	317
no Natal, segundo instruções de 1758	332
oficiadas pelos meninos índios com canto de órgão e flautas nas aldeias do Brasil, em 1578	368
pela beatificação do Padre Francisco de Borja, nos colégios da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro, em 1625.....	247
pelo Bispo Bulhões com numeroso coro de músicos convidados, na igreja do Colégio do Pará, na expulsão dos jesuítas, em 1759	517
pelo Padre Nóbrega, em São Vicente, em 1553.....	87
pelo Vigário Geral de São Luís do Maranhão, na restituição dos padres após a expulsão, em ca. 1661.....	418
pelos alunos no Seminário de Belém da Cachoeira (Bahia), aos domingos, em 1693	436
pelos devotos e meninos órfãos, na Aldeia do Rio Vermelho (Bahia), em 1556	105
pelos índios tupinambás trazidos de Pernambuco ao Maranhão, em ca. 1615, segundo o Padre Morais, em 1759.....	488
pelos índios, em 1551	68
pelos meninos índios com <i>organicus concentus</i> , nas aldeias e no Colégio da Bahia em 1583	366
pelos padres na Vila de Piratininga (São Paulo), em 1585	376
pelos padres nas aldeias do Brasil em 1577.....	312
por meninos índios na Aldeia de Piratininga (São Paulo), em 1554	95
promessa de Emanuel Pereira Pinto e sua esposa de se rezar duas missas com canto solene por ano no Colégio da Bahia, em 1700	182
todo 3º domingo na Aldeia de São Barnabé (Rio de Janeiro), após exposição do Sacramento, em 1671.....	170
todos os domingos da <i>Quadragesima</i> na viagem do Padre Quirício Caxa ao Brasil em 1563	131
sem flautas e canto de órgão, no Colégio da Bahia, em 1556	104
solenes	
cantada pelos mercedários no Camutá em 1698	441
cantadas pelo Padre Bettendorf, e acompanhadas pelos seus músicos com rabecas e violas, na aldeia de Inhauba, em 1695	458
com salmos apropriados cantados por carmelitas no Colégio de Olinda, em 1706.....	185
na Festa da Nsa. Sra. da Conceição, na igreja do Colégio da Bahia, em 1721	189
oficiadas com instrumentos e canto de órgão pelos índios nas aldeias do Brasil, em ca. 1560, segundo o Padre Vasconcelos, em 1663	430

Mistérios

cantados em canto de solfa em procissões dos meninos índios, em aldeias fundadas pelo Padre Nóbrega em ca. 1550, segundo documento de ca. 1777	513
cantados em canto de solfa pelos meninos índios, nas aldeias da Bahia em 1550, segundo o Padre Vasconcelos em 1663	425
compostos pelos padres em versos e tons acomodados, para que os meninos índios possam cantar, em Ibiapaba, em 1659	416
da Senhora, instituídos pelo Padre Vieira no Maranhão, segundo o Padre Bettendorf em 1698	446

Motetes

cantados na <i>Quadragesima</i> ao som do cravo pelos Padres das Mercês no Colégio do Pará, em 1697	459
cantados pelos catecúmenos nas aldeias do Brasil, em ca. 1590	378
cantados por "um mancebo estudante" em cerimônia de batismo e missa, na Aldeia do Espírito Santo (Bahia), em 1584	371
cantados por músicos nas festas da Confraria de Nsa. Sra. da Luz, no Maranhão, em ca. 1607, segundo o Padre Bettendorf em 1698	450
cantados por solfa na <i>Quadragesima</i> no Maranhão em ca. 1620, segundo o Padre Moraes em 1749	490
das índias, em aldeia do Camutá, em 1636	405
e canto de órgão em batismo solene na Aldeia de São Tiago (Bahia), em 1561	126
e salmos dos estudantes, acompanhados de cravo e descantes, em alguns passos em procissão na cidade da Bahia, em 1584	373
em canto de órgão, em procissão na Aldeia de Santa Cruz (Bahia), em 1561	128
em procissão na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1564	135
por meninos índios em missa na cidade da Bahia, em 1565	141

Músicos

acompanham as missas solenes do Padre Bettendorf com rabecas e violas, na Aldeia de Inhauba (Pará), em 1695	458
brancos não devem ir às festas dos escravos, mas somente índios, segundo instruções de 1666	325
cantam motetes, completas e ladainhas nas festas da Confraria de Nsa. Sra. da Luz, no Maranhão, em 1607, segundo o P. Bettendorf em 1698	450
cantores	
da Sé oficiam missa com os índios, no Colégio da Bahia, em 1584	374
da Sé oficiam missa em canto de órgão com os índios, no Colégio da Bahia, em 1584	373
e capela oficiam missa de canto de órgão na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1563 ..	130
em missa na cerimônia das Onze Mil Virgens, no Colégio da Bahia, em 1610	233
os melhores em cerimônia fúnebre no Colégio do Pará, em 1756	202
celebram ofícios nas aldeias da Bahia, em 1700	276
contratados pelo Padre Estanislau Campos no Colégio da Bahia	557
da Igreja, nas aldeias do Brasil em geral, em 1575	213
em cerimônia fúnebre oficiada pelo clero e religiosos da Bahia no Colégio, em 1640	249

em ofício fúnebre cantado a três coros, no Colégio do Rio de Janeiro, em ca. 1641	250
índios	
e chameleiros levados de Pernambuco para a Serra de Ibiapaba fazem ofício com canto de órgão em 1656, segundo o Padre Bettendorf em 1698	442
levados de Pernambuco para a Serra de Ibiapaba, em 1658	164
levados por Vieira de Pernambuco para a Serra de Ibiapaba fazem ofícios com canto de órgão, em 1660, segundo documento de ca. 1777	515
que cantavam os ofícios em canto de órgão com flautas, charamelas e outros instrumentos, levados na armada de Alexandre de Moura ao Maranhão, em 1615	157
Tabajaras de Pernambuco correm as aldeias do Maranhão com o Padre Veras, segundo o Padre Bettendorf em 1698	448
Tabajaras levados de Pernambuco para a Serra de Ibiapaba recebem o Padre Vieira com charamelas e flautas, em 1658, segundo o Padre Bettendorf em 1698	443
tocam nas charamelas a peça "batalha" em ataque de navios mouriscos na viagem do Padre Manoel Gomes à Espanha, em 1620	159
Tupinambás trazidos de Pernambuco ao Maranhão cantam missas e tocam charamelas no Maranhão, em ca. 1615, segundo o Padre Morais, em 1759	488
numeroso coro convidado pelo Bispo Bulhões pra missa cantada na igreja do Colégio do Pará, na expulsão dos jesuítas, em 1759	517
organista do Colégio do Maranhão fica com o cravo do Colégio durante a expulsão, em 1759	204
<i>symphoniaci</i> [músicos]	
cantam <i>Salve Regina</i> com aparato e <i>concentu</i> nos sábados da <i>Quadragesima</i> , nas aldeias da Bahia, em 1607	230

N

Natal

com <i>Gloria</i> cantado nas aldeias do Maranhão, em 1720	473
com missas cantadas, segundo instruções de 1758	332
Matinas com canto de órgão nas aldeias do Brasil em 1586	315
missas com harmonia de canto nas aldeias do Brasil, em ca. 1663	257

Nésperas

pede-se que enviem algumas para que os meninos com elas atraíssem os índios, em 1552	79

Novena de São Francisco Xavier

com canto de músicos no Colégio de São Paulo, em 1706	183
com cravo e ladainhas da Senhora de Loreto, na igreja do Colégio do Maranhão, em 1691	457
com excelente música, no Colégio do Maranhão, em 1689	179

O**Oboés**

no inventário da igreja da Fazenda de Santa Cruz (Rio de Janeiro), de 1768 ... 572

Ofícios

cantados

na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1559..... 114

Completas

cantadas por músicos nas festas da Confraria de Nsa. Sra. da Luz, no Maranhão,

em ca. 1607, segundo o Padre Bettendorf em 1698..... 450

com vozes desacompanhadas e com instrumentos, no Colégio da Bahia em 1593 224

oficiadas com instrumentos e canto de órgão pelos índios nas aldeias do Brasil,

em ca. 1560, segundo o Padre Vasconcelos, em 1663 430

solenes com órgão e *cytharae*, que acompanham o canto dos do Colégio da Bahia

nas sextas-feiras da *Quadragesima* em 1583..... 367

solenes, após procissão na cidade da Bahia, em 1584 373

de Trevas

cantado no Colégio de São Paulo, segundo o Padre Fonseca, em 1752 556

cantado por coros alternados nas aldeias da Bahia em 1575..... 214

sem canto, na Aldeia de Piratininga (São Paulo), em 1560 119

sem música, na cidade da Bahia, em 1565..... 141

Laudes

cantadas por cantores na morte do Padre Antônio Vieira, na Sé Bahia em 1697..... 181

Matinas

cantadas por cantores na morte do Padre Antônio Vieira, na Sé Bahia em 1697..... 181

no Natal com canto de órgão nas aldeias do Brasil em 1586..... 315

Vésperas

cantadas

a dois coros com baixão, sacabuxa, flautas e charamelas, na Aldeia do Espírito Santo (Bahia), em 1614 156

com solenidade na Aldeia de São Tiago (Bahia), com grande número de cantores, em 1564..... 136

na inauguração da igreja nova do Colégio do Maranhão, em 1699..... 548

nas aldeias da Bahia às sextas-feiras pelo coro músico, em 1611 235

no Colégio do Maranhão na véspera do nascimento da Virgem, em 1662, segundo o Padre Bettendorf

em 1698 446

pelos meninos órfãos de Lisboa em aldeia da Bahia, em 1556..... 106

solenemente a três coros e vários instrumentos no Colégio do Rio de Janeiro, na canonização de São

Francisco Xavier, em 1622..... 399

com canto de órgão

cravo e flautas dos meninos índios, na cidade da Bahia, em 1565 140

e flautas pelos índios, nas aldeias do Rio de Janeiro, em 1607 232

em Ilhéus, em 1565 142

na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1563..... 130

na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1564..... 133

na celebração das Onze Mil Virgens no Colégio da Bahia, em 1583..... 220

solenes, na Aldeia de Santa Cruz (Bahia), em 1561..... 128

em ação de graças pela chuva, com três coros, vários instrumentos e *tibiae* no

Colégio de Olinda, em 1611..... 236

oficiadas com instrumentos e canto de órgão pelos índios nas aldeias do Brasil,

em ca. 1560, segundo o Padre Vasconcelos, em 1663 430

oficiadas pelos carmelitas com *concentu* de vozes e instrumentos músicos na

Quadragesima no Colégio do Maranhão, em 1671 263

solenes

cantadas em cerimônia de láurea no Colégio da Bahia em 1614..... 239

e missa com cantores na cerimônia das Onze Mil Virgens, em 1610..... 233

Orações

cantadas

- em canto de órgão todos os dias na Bahia pelos meninos índios trazidos de
São Vicente, em 1554, segundo o Padre Vasconcelos, em 1663 427
- em canto de solfa em procissões dos meninos índios, em aldeias fundadas pelo
Padre Nóbrega em ca. 1550, segundo documento de ca. 1777..... 513
- em canto de solfa pelos meninos índios, nas aldeias da Bahia em 1550, segundo o
Padre Vasconcelos em 1663 425
- na êxedra do Colégio da Bahia, na celebração das Onze Mil Virgens, em 1578..... 217
- pela confraria de Nsa. Sra. no Colégio do Rio de Janeiro, em 1719..... 286
- pelos meninos índios em sua língua, ensinadas pelo Padre Navarro em 1550 62

Órgão

- acompanhando cerimônia no Colégio da Bahia em 1583 219
- comprado no Colégio da Bahia, em 1733 293
- comprado no Colégio de São Paulo, em 1725 339
- comprado para o Seminário de Belém da Cachoeira, e executa ofícios
divinos com grande solenidade, em 1732..... 294
- de canas no inventário da igreja da Vila da Vigia, no Pará, de 1760 568
- dos cantores da Sé, em missa no Colégio da Bahia, em 1584 374
- e *cytharae* em Completas solenes, acompanhando o canto dos alunos do
Colégio da Bahia nas sextas-feiras da *Quadragesima*, em 1583 367
- em cerimônia fúnebre no Colégio do Rio de Janeiro, em 1722 288
- em doutrinas nos domingos à tarde no Colégio da Bahia, em 1614 154
- em procissão na cidade da Bahia, em 1584..... 373
- na igreja de uma aldeia da Província do Peru, em relato sobre o Maranhão
do séc. XVIII 480
- na igreja de uma aldeia da Província do Peru, segundo o Padre Moraes
em 1759 495
- na receita dos bens confiscados no Colégio do Recife, em 1774 574
- no inventário da Aldeia de Reritiba (Espírito Santo), em 1759 564
- no inventário da Aldeia de São Pedro (Rio de Janeiro), em 1759..... 565
- no inventário da Aldeia do Embu (São Paulo), em 1759..... 566
- no inventário da igreja do Colégio da Bahia, de 1760 570
- no inventário da igreja do Colégio de São Paulo, de 1775 576
- no inventário da igreja do Colégio do Maranhão, de 1760 567
- no inventário da igreja do Seminário de Belém (Bahia), de 1760 569
- no ofício das Completas, na *Quadragesima*, no Colégio da Bahia em 1593 224
- portátil, na catedral de São Luís do Maranhão, segundo declaração dos
Padres da Companhia, de 1673..... 583
- tocado pelos catecúmenos nas aldeias do Brasil, em ca. 1590 378

Outras ordens

beneditinos

- cantam missa solene no Colégio da Bahia, em 1620 244

carmelitas

- cantam salmodias em cerimônia fúnebre no Colégio da Bahia, em 1706 184
- cantam salmos fúnebres apropriados a missa solene no Colégio de Olinda, em 1706. 185
- e mercedários cantam ofício de defuntos na morte do Padre João de Villar, no
Colégio do Maranhão, em 1719..... 547

fazem ofício "harmônico" em cerimônia fúnebre no Colégio do Rio de Janeiro, em 1738	297
oficiam cerimônia fúnebre no Colégio de Olinda com <i>concentus musicus</i> , em 1713....	282
oficiam cerimônia fúnebre no Colégio do Rio de Janeiro com salmodias fúnebres e instrumentos, em 1736	295
oficiam Vésperas com <i>concentu</i> de vozes e instrumentos músicos na <i>Quadragesima</i> no Colégio do Maranhão, em 1671	263
clero e religiosos da Bahia oficiam cerimônia fúnebre no Colégio com aparato de músicos em 1640	249
fazem ofícios cantados na igrejas dos jesuítas durante sua expulsão no Maranhão, o que preocupa o Superior, em 1685	175
mercedários	
cantam missa solene em desenterramento no Camutá, em ca. 1698	441
cantam <i>Salve Regina</i> e ladainhas no Colégio do Maranhão, em ca. 1652, segundo o Padre Bettendorf em 1698	441
coro na inauguração da igreja do Colégio de Santo Alexandre (Pará), em 1668	261
e carmelitas cantam ofício de defuntos na morte do Padre João de Villar, no Colégio do Maranhão, em 1719	547
fazem música na recepção a D. Gregório dos Anjos, primeiro Bispo do Maranhão, em São Luís, em 1680	452
oficiam missa com harpa, baixo e viola na ida do Padre Frutuoso Correia ao Maranhão, em 1696	437
tocam cravo, cantam <i>Miserere</i> e motetes na <i>Quadragesima</i> no Colégio do Pará, em 1697	459
seculares cantam ofício fúnebre no Colégio de Olinda, em 1625	246

P

Padres e Irmãos

Aleixo Antônio	
compôs uma tragicomédia no Colégio do Pará, em 1739	197
Álvaro Lobo	
compôs breve diálogo sobre cada palavra da Ave Maria, apresentado na Aldeia da Conceição (Espírito Santo), em 1584	375
Antônio Rodrigues	
com seu coro de meninos índios, na Aldeia de São Tiago (Bahia), em 1564	135
dizia o <i>Miserere</i> , no Colégio da Bahia, em 1560	121
ensinava aos meninos índios na escola da Aldeia de Piratininga (São Paulo), em 1554	96
ensinava meninos a cantar na Aldeia do Espírito Santo (Bahia), em 1564	132
ensinava os meninos índios a cantar a missa, na Aldeia do Rio Vermelho (Bahia), em 1556	105
ensinava os meninos índios a cantar e tanger instrumentos músicos para o culto divino, em 1568, segundo o Padre Vasconcelos, em 1663	432
sabia cantar e tanger flauta, e ensinava os meninos que agora tanger e cantam as missas nas aldeias, em ca. 1560	357
Vésperas com canto de órgão, cravo e flautas de meninos índios, ensinados por ele, em 1565	140
Antônio Vieira	
ordenou que todos os dias os estudantes cantem o Terço do Rosário, <i>Salve Regina</i> e ladainha da Senhora, e ele mesmo cantava um exemplo, em 1656, segundo o Padre Domingos de Araújo, em 1720	474

Balthazar Álvares	
levava os meninos da Aldeia de São João (Bahia) até a Aldeia de São Paulo em procissão com ladainhas cantadas, em 1564.....	133
Barnabé Tello	
tocava seu berimbau na Bahia, em 1583	371
tocava seu berimbau no Colégio do Rio de Janeiro, em 1584	375
Belchior de Pontes	
conservava-se surdo às "melodias terrestres" dos instrumentos tocados pelo seu irmão, embora tenha aprendido a cantar, segundo o Padre Fonseca em 1752	556
Diogo da Costa	
tocava e ensinava viola, e se muda para o Colégio do Maranhão em ca. 1690	456
Domingos Garcia	
fez recebimento de índios descidos com música de flautas e "outras a seu modo", na Aldeia dos Reis Magos (Espírito Santo), em 1599.....	152
Francisco Gonçalves	
entoava aos gentios a Santa Doutrina, em Ibiapaba, segundo o Padre Bettendorf em 1698	443
Francisco Tomás	
cantava aos sábados a Ladainhas de Nossa Senhora no Colégio do Maranhão com os meninos, e faleceu em 1723.....	548
Gondígalus Pereira	
músico, faleceu no Colégio da Bahia em ca. 1679	267
Inácio de Azevedo (1)	
bom músico, na Aldeia de Gurupi (Pará), em 1661, segundo o Padre Bettendorf, em 1698	445
Inácio de Azevedo (2)	
cantava em Portugal <i>dulce lignum dulces clavos</i> em canto de órgão, em 1569, segundo o Padre Vasconcelos em 1663	432
era versado em canto de órgão, segundo o Padre Vasconcelos em 1663	433
levava músicos na viagem ao Brasil, em 1570, e rompia em lágrimas ao som de uma harpa segundo documento posterior a 1777.....	514
levava músicos na viagem ao Brasil, em 1570, e rompia em lágrimas ao som de uma harpa segundo o Padre Vasconcelos em 1663	433
levou consigo o Padre Antônio Rodrigues, músico, para a conversão dos tamoios, em ca. 1560	357
Inácio Luiz	
acompanhava os meninos cantando o Terço do Rosário, e faleceu em 1727	549
João Felipe Bettendorf	
cantava missas solenes acompanhado dos seus músicos com rabecas e violas, na aldeia de Inhauba, em 1695	458
João Maria Gorzoni	
tocava gaita por solfa e ensinou aos meninos índios a tocá-la, na aldeia de Cairitiba, em ca. 1607, segundo o Padre Bettendorf em 1698	451
José de Anchieta	
compôs cantigas devotas na língua dos índios	524, 527, 531, 542
compôs cantigas sobre a vida de Nsa. Sra. na língua dos índios, segundo documento do séc. XVII	460

Juan de Azpicuelta Navarro	
compôs o <i>Pater Noster</i> "ao modo dos cantares" dos índios	65
conhecia bem a língua dos índios	60
era solicitado pelos índios que cante como havia feito na procissão, em 1549.....	61
ladainhas cantadas em sua partida de Porto Seguro, em 1554.....	93
Juliano Xavier	
compôs uma tragicomédia sobre a Assunção da Virgem no Colégio da Bahia,	
em 1727	291
Leonardo Nunes	
compôs uma doutrina na língua dos índios, em 1574.....	356
Luís Figueira	
compôs canções devotas na língua dos índios, para atraí-los com a melodia do	
canto, em ca. 1638, segundo o Padre Moraes em 1759.....	490
ensinava os filhos dos índios a cantar, única maneira de domesticá-los, em Ibiapaba,	
em 1607	384
Manoel Correia	
não apreciava ouvir <i>musicus concentus</i> feito nas cerimônias na igreja,	
faleceu em 1760	560
Manoel Machado	
cantava o Terço do Rosário no Colégio do Maranhão com os estudantes,	
e a Ave Maria e o Rosário em Tapuitapera	549
Pedro de Matos	
cantor suavíssimo, morto no Colégio da Bahia em 1725.....	291
Pero Dias	
reitor do Colégio de Olinda, disse missa acompanhado de seus chameleiros,	
em 1684, segundo o Padre Bettendorf em 1698.....	454
Salvador Rodrigues	
tangia e dançava com os meninos em 1552	76
Tomás do Couto	
apresentou tragédia pública no Colégio do Maranhão em 1688	456
ensinava os alunos a representarem comédias, no Colégio do Maranhão,	
em ca. 1690	457
Paixão de Cristo	
cantada na Sexta-feira Santa em Ibiapaba pelos índios músicos trazidos	
de Pernambuco, em 1659	417
cantada nas aldeias da Bahia em 1575	213
Pandeiros	
no recebimento do padre Cristóvão de Gouveia, na Aldeia do Espírito Santo,	
em 1583	370
pede-se que enviem alguns para que os meninos com eles atraíssem os	
índios, em 1552.....	79
Pará	
Aldeia das Bocas em Araticu	
Terço do Rosário cantado aos sábados, em 1750	481
Aldeia de Inhuaba	
o Padre Bettendorf canta missas solenes com seus músicos, que acompanham o	
canto com rabecas e violas, em 1695	458

Colégio

alunos externos cantam todos os dias o Terço do Rosário, após as aulas vespertinas, em 1755	305
apresentada uma tragicomédia escrita pelo Padre Aleixo Antônio, em 1739	197
cerimônia fúnebre com solenidade oficiada pelos melhores cantores, em 1756	203
coro músico formado por seminaristas canta na Semana Santa, em 1756	202
inauguração da igreja com o coro dos mercedários, em 1668	261
missa cantada pelo Bispo Bulhões com numeroso coro de músicos convidados, na expulsão dos jesuítas, em 1759	517
missas na igreja com música da Sé, em 1736	195
<i>Quadragesima</i> com <i>Miserere</i> e motetes cantados ao som do cravo pelos Padres das Mercês, em 1697	459
missas cantadas na cidade no tempo das Bexigas, em 1662, segundo o Padre Bettendorf em 1698	447
Vila da Vigia	
um órgão de canas no inventário da igreja, de 1760	568

Paraná

Aldeia de Paranaguá	
Quarenta Horas solenes em 1716	283
Colégio de Paranaguá	
hino <i>Te Deum</i> com instrumentos, e missa cantada na transformação da residência em colégio, em 1755	307
Terço do Rosário cantado todos os sábados, em 1759	496

Pater Noster

composto pelo Padre Navarro "ao modo dos cantares dos índios" em 1550	65

Pernambuco

Aldeias	
os meninos índios aprendem o canto de órgão, e a tocar charamelas e flautas, em ca. 1615	392
Colégio de Olinda	
carmelitas cantam os salmos fúnebres apropriados a missa solene, em 1706	185
carmelitas oficiam cerimônia fúnebre com <i>concentus musicus</i> , em 1713	282
cerimônia fúnebre com clero e cantores, em 1619	243
diálogo da Santa Eucaristia composto em <i>carminae</i> na língua dos índios, em 1575 ...	215
estudantes recebem o Padre Cristóvão de Gouveia com diálogo, boa música, dançando e tangendo muito bem, em 1584	374
meninos cantam a ladainha em procissão nas sextas-feiras da <i>Quadragesima</i> , em 1582	218
missa cantada pela beatificação do Padre Francisco de Borja, em 1625	247
o Padre Pero Dias, reitor, diz missa acompanhado de seus chameleiros, em 1684, segundo o Padre Bettendorf em 1698	454
ofício fúnebre cantado por seculares, em 1625	246
padres e irmãos cantam as ladainhas em procissões, em 1584	150
procissão em ação de graças nas Quarenta Horas, com canto, em 1619	243
<i>Te Deum laudamus</i> cantado pelo Bispo de Pernambuco, em 1738	296
<i>tibicines</i> [tangedores de <i>tibiae</i>] das aldeias exibem sua arte durante as festividades de Santo Inácio, em 1615	240
três coros, vários instrumentos e <i>tibiae</i> em Vésperas em ação de graças pela chuva, em 1611	236

Colégio do Recife	
cerimônia fúnebre com <i>musicorum concentu</i> em 1706.....	185
um órgão na receita dos bens confiscados em 1774	574
Ofícios da Semana Santa com flautas, música e estrondo da artilharia, em 1561	124
Pífaros	
dos índios, em recebimento do Padre Cristóvão de Gouveia, na Aldeia da Conceição (Espírito Santo), em 1584.....	375
dos portugueses, na festa de São Sebastião no Rio de Janeiro, em 1584	376
e artilharia na comemoração pela canonização de São Francisco Xavier, na Bahia, em 1622.....	400
Procissões	
cantadas com orações e mistérios em canto de solfa pelos meninos índios, em aldeias fundadas pelo Padre Nóbrega em ca. 1550, segundo documento de ca. 1777	513
com canto, em ação de graças nas Quarenta Horas, pelos estudantes do Colégio de Olinda, em 1619	243
com canto dos meninos órfãos à entrada da Aldeia do Rio Vermelho, na Bahia, em 1557	110
com cantores, <i>lyricines</i> e <i>tibicines</i> em um carro triunfal em ação de graças pela chuva, em Pernambuco, em 1611	236
com cantos e danças dos índios, e coro dos Irmãos, na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1564	133
com coro cantando hinos e salmos, na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1564 .	135
com danças, música de flautas e <i>Te Deum laudamus</i> na visita do Padre Cristóvão de Gouveia, na Aldeia do Espírito Santo, em 1583	370
com ladainhas cantadas	
com música solene e canto de órgão, na Aldeia de São Tiago (Bahia), em 1564	136
como um costume de se vir de outras aldeias, na Bahia, em 1576	216
dos estudantes (índios e índias) do Colégio do Maranhão, em 1653.....	161
e pregação dos meninos órfãos de Lisboa por uma aldeia, em ca. 1552	69
e <i>symphonia</i> no Colégio do Rio de Janeiro, devido à seca, em 1619	242
na Aldeia de São Tiago (Bahia), em 1574.....	356
nas aldeias da Bahia para que os holandeses fossem expulsos, em 1625	246
nos domingos e festas pelos estudantes do Colégio do Maranhão, em 1652, segundo o Padre Bettendorf em 1698	441
pelos dois meninos cantores que levava o padre Provincial à Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1561.....	126
pelos meninos do Colégio da Bahia, devido à seca, em 1614	155
pelos meninos do Colégio da Bahia, em Quinta-feira de Endoenças, em 1560.....	122
pelos meninos do Colégio da Bahia, para receber o Irmão Antônio Rodrigues, em 1556	106
pelos meninos do Colégio de Olinda na <i>Quadragesima</i> em 1582	218
pelos meninos índios que vêm da Aldeia de São João (Bahia), em 1564.....	133
pelos padres e irmãos no Colégio e Pernambuco, em 1584.....	150
com motetes	
em canto de órgão, folia e tangeres dos índios na Aldeia de Santa Cruz (Bahia), em 1561	128
na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1564.....	135

com música de vozes, flautas, órgãos, descantes, cravos, salmos e motetes, na cidade da Bahia, em 1584	373
com música e trombetas, nas aldeias do Brasil em 1549.....	61
com <i>Te Deum laudamus</i> e <i>Laudate Dominum</i> cantados pelo coro dos Irmãos, na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1564.....	133
com todos os gêneros de instrumentos músicos, no recebimento do Padre Visitador nas aldeias da Bahia, em 1614	239
devido à seca, com <i>Miserere</i> cantado, na cidade da Bahia, em 1614	154
do Padre Nóbrega e meninos pelas aldeias, com cantares santos e hinos, em 1552	84
dos índios com folias e danças, na aldeia de Cairitiba, em ca. 1607, segundo o Padre Bettendorf em 1698.....	451
dos índios, que tangiam e cantavam uma folia "a seu modo", na Aldeia de Santo Antônio (Bahia), em 1561	126
dos meninos órfãos em cerimônia fúnebre, na Bahia, em 1552.....	72
nas quais em algumas capitânias os jesuítas ajudam os clérigos a cantar, em 1576	146
solenes	
com flautas, boa música de vozes e danças, quando levam as relíquias das Onze Mil Virgens da Sé ao Colégio da Bahia, em 1583	369
com música e flautas na Aldeia de São Tiago (Bahia) em 1576	216
com música e instrumentos, na Aldeia de São Tiago (Bahia), em 1576	358
com os meninos índios cantando em português e em sua língua, na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1556	113
em dia de <i>Corpus Christi</i> , com ladainhas, na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1559 ..	113
em dia de <i>Corpus Christi</i> , nas aldeias do Brasil, em 1549.....	61
oficiadas com instrumentos e canto de órgão pelos índios nas aldeias do Brasil, em ca. 1560, segundo o Padre Vasconcelos, em 1663	430

Professor de música

externo, no Seminário de Belém da Cachoeira (Bahia), em 1693	436
externo, no Seminário de Belém, em 1699.....	275
no Seminário de Belém da Cachoeira deve ser um secular, segundo instruções de ca. 1696.....	328
(<i>phonascum</i>) canta com os neófitos às quartas e sextas-feiras da <i>Quadragesima</i> nas aldeias do Brasil, em 1614	238

Q

Quadragesima

com canto de órgão e instrumentos tocados pelos índios nos ofícios, na Aldeia de São Pedro do Cabo Frio, em 1689	177
com <i>concentus musicus</i> nas aldeias da Bahia em 1575.....	213
com <i>Miserere</i> e motetes cantados ao som do cravo pelos Padres das Mercês, no Colégio do Pará, em 1697.....	459
com motetes cantados por solfa no Maranhão em ca. 1620, segundo o Padre Moraes em 1749	490
Completas com vozes desacompanhadas e com instrumentos, no Colégio da Bahia, em 1593.....	224

domingos	
com missa cantada, na viagem do Padre Quirício Caxa ao Brasil em 1563.....	131
doutrina explicada com canto e <i>symphonia</i> , no Espírito Santo, em 1607	230
missas com harmonia de canto nas aldeias do Brasil, em ca. 1663.....	257
ofício realizado no Colégio da Bahia pelos alunos com canto de vozes	
e <i>tibiae</i> em 1591.....	223
ofícios com música na Aldeia do Espírito Santo (Bahia), em 1691	434
quartas-feiras	
canto dos neófitos com seu professor (<i>phonascum</i>) nas aldeias do Brasil, em 1614...	238
sábados	
<i>Salve Regina</i> cantada no Colégio do Rio de Janeiro, em 1604	238
<i>Salve Regina</i> cantada após as Vésperas, com músicos, <i>concentu</i> e muito aparato,	
nas aldeias da Bahia, em 1607	230
sextas-feiras	
canto dos neófitos com seu professor (<i>phonascum</i>) nas aldeias do Brasil, em 1614...	238
cerimônias com pompas e ladainhas nas aldeias da Bahia, em 1607.....	230
com ladainhas cantadas nas aldeias da Bahia em ca. 1623.....	245
com ladainhas cantadas no Colégio do Rio de Janeiro, em 1604.....	228
com procissão e ladainhas cantadas na Bahia, em 1607.....	232
com procissões cantadas pelos meninos do Colégio de Olinda, em 1582	218
Completas solenes com órgão e <i>cytharae</i> , que acompanham o canto dos do Colégio	
da Bahia em 1583	367
ladainhas cantadas nas aldeias da Bahia, em 1607.....	229
ladainhas cantadas no Colégio do Rio de Janeiro em 1573	208
Vésperas oficiadas pelos carmelitas com <i>concentu</i> de vozes e instrumentos	
músicos no Colégio do Maranhão, em 1671	263
Quarenta Horas	
com <i>concentus musicorum</i> , segundo instruções de 1758	332
com música, no Colégio do Espírito Santo, em 1691.....	435
solenes, na aldeia de Paranaguá, em 1716.....	283
solenes, na igreja do Colégio do Maranhão, em 1674	264
solenes, na igreja do Colégio do Maranhão, em 1678	172
solenes, na igreja do Colégio do Maranhão, em ca. 1680, segundo o	
Padre Bettendorf em 1698	452
solenes, na igreja do Colégio do Maranhão, em ca. 1691	457
R	
Rabecas	
dos músicos, acompanhando o canto em missas solenes na aldeia de	
Inhauba, em 1695	458
no inventário da Aldeia de São Pedro (Rio de Janeiro), em 1759.....	565
no inventário da Aldeia do Embu (São Paulo), em 1759.....	566
no inventário da igreja da Fazenda de Santa Cruz (Rio de Janeiro), de 1768 ...	572
Rabecões	
no inventário da Aldeia do Embu (São Paulo), em 1759.....	566
no inventário da igreja da Fazenda de Santa Cruz (Rio de Janeiro), de 1768 ...	572

Recebimentos

com cantos na língua dos índios na chegada do Padre Luís da Grã, na Aldeia de São João (Bahia) em 1561	125
com danças, tambores, flautas e pífanos, na chegada do Padre Cristóvão de Gouveia à Aldeia da Conceição (Espírito Santo) em 1584.....	375
com folia de tamboris na chegada do Padre Luís da Grã, na Aldeia do Espírito Santo (Bahia), em 1560	123
com instrumentos e cantando o salmo <i>Laudate pueri</i> , na chegada do Padre Provincial à Aldeia de São Tiago (Bahia), em 1576	358
com música de flautas e "a seu modo", na Aldeia dos Reis Magos (Espírito Santo), em 1599	152
com os índios cantando e tangendo a seu modo na recepção do Padre Cristóvão de Gouveia, na Aldeia do Espírito Santo, em 1583	370
com tambores dos índios na chegada do Padre Luís da Grã, na Aldeia de Santo Antônio (Bahia) em 1561	125
com tamboris, na Aldeia de Santa Cruz (Bahia), em 1561.....	127
com tangeres e atabales na chegada do Padre Luís da Grã a uma aldeia da Bahia, em 1562	129
com terno de charamelas, tambor e danças, na Aldeia do Espírito Santo (Bahia), em 1614.....	156
com <i>tubae</i> e <i>tibiae</i> na Aldeia da Imaculada Conceição, em 1676.....	171
com <i>tympanis</i> e <i>tibiae</i> na chegada dos padres a Ibiapaba em 1607.....	230
com uma dança de meninos empenados, na chegada do padre Cristóvão de Gouveia à Aldeia de São Mateus, em 1583.....	370
de padres pelos Petiguares com tambores e festas, nas aldeias da Capitania da Paraíba, em ca. 1603	382
do governador da Capitania de São Paulo com danças e música, na Aldeia de Itaquaquecetuba, em 1717	598
do Padre Inácio Tolosa com o salmo <i>Laudate Dominum</i> na Aldeia de São João em 1575	147
do Padre Luís da Grã na Aldeia de São João, com músicas e festas, em 1561, segundo documento de ca. 1777.....	513
do Padre Vieira em Ibiapaba com charamelas e flautas dos índios Tabajaras levados de Pernambuco, em 1658, segundo o Padre Bettendorf em 1698	443
do Padre Visitador nas aldeias da Bahia com coro de cantores e <i>tibicini</i> , em 1614	239
dos padres com bons dançantes e tangedores de flautas e violas, na Aldeia de Reritiba (Espírito Santo) em ca. 1610.....	387
dos padres e índios que vêm de outras aldeias, com tambor e folia, na Aldeia de São Tiago (Bahia), em 1564.....	136
dos padres Luís Figueira e Francisco Pinto em Ibiapaba, em 1608.....	385
pelos Nheengaíbas com buzinas e pocemas, em 1660	166

Regentis

instruído nos ritos romanos dirige o coro dos seminaristas, no Pará, em 1756. 201

Regina coeli laetare

antífona cantada após ataque de navios mouriscos na viagem do Padre Manoel Gomes à Espanha, em 1620..... 159

Rio de Janeiro

Aldeia de São Barnabé	
missa cantada todo 3º domingo, após exposição do Sacramento, em 1671	170
salmódias sacras por cantores em cerimônias todos os meses, em 1660.....	256
Aldeia de São Lourenço	
índios celebram a missa com cantos e danças em 1582	218
missa oficiada pelos índios com canto de órgão e flautas, em 1584	376
Aldeia de São Pedro do Cabo Frio	
fundação da aldeia, com cantores, em 1617	243
instrumentos mencionados no inventário da igreja, de 1759	565
música de canto de órgão com seus instrumentos, oficiada pelos índios, na	
<i>Quadragesima</i> , em 1689	177
Aldeias	
índios ajudam a celebrar os ofícios divinos com canto de órgão e instrumentos	
músicos, em 1619.....	393
índios cantam cantares de Nosso Senhor em sua língua, em 1553	87
índios oficiam Vésperas com canto de órgão e flautas, em 1607	232
meninos mais aptos são escolhidos para officiar a música nos cultos com canto e	
<i>concentu de tibiae</i> , em 1607	230
na <i>Quadragesima</i> cantam-se as ladainhas às sextas e a <i>Salve Regina</i> aos sábados ...	228
Colégio	
alunos cantam a doutrina cristã na igreja aos domingos, em 1712	280
cerimônia fúnebre com salmódias pelos sacerdotes e cantores em 1660	256
confraria de Nsa. Sra. no Colégio do Rio de Janeiro canta orações, em 1719	286
dança de meninos índios, pintados e com cascavéis em 1584.....	376
exéquias do Padre Tomé de Souza com o cantor e coro da Catedral do Rio de	
Janeiro, e ofício com órgão e outros instrumentos em 1697	546
ladainhas cantadas nas sextas-feiras da <i>Quadragesima</i> em 1573	208
ladainhas de Nsa. Sra. e Terço do Rosário cantados todos os sábados,	
segundo documento posterior a 1760	558
missa cantada pela beatificação do Padre Francisco de Borja, em 1625	247
músicos em ofício fúnebre cantado a três coros, em ca. 1641.....	250
ofício "harmônico" realizado pelos carmelitas em cerimônia fúnebre, em 1738.....	297
procissões com ladainhas cantadas e <i>symphonia</i> em 1619	242
<i>Quadragesima</i> com ladainhas cantadas às sextas-feiras, em 1604	228
salmódias fúnebres com instrumentos em cerimônia fúnebre oficiada pelos	
carmelitas, em 1736.....	295
<i>Salve Regina</i> cantada nos sábados da <i>Quadragesima</i> , em 1604	228
todos os manuscritos são destruídos na expulsão, em 1759	516
Vésperas cantadas solenemente a três coros e vários instrumentos, na canonização	
de São Francisco Xavier, em 1622.....	399
Fazenda de Santa Cruz	
instrumentos no inventário da igreja, de 1768.....	572
padres ensinam os índios a cantar e tanger instrumentos, em 1630	593, 594
padres ensinam os índios a cantar, em 1630	591, 592

Rio Grande do Norte

Aldeia das Guaraíras	
charamelas no inventário da igreja, de 1760	571

Rosário do Nome de Jesus

cantado pelos meninos do Colégio da Bahia, em 1568	147
dito todos os domingos e dias santos no Col. da Bahia, em 1560	122

S**Sacabuxa**

- em Vésperas e missa cantada na Aldeia do Espírito Santo (Bahia), em 1614 ... 156
no inventário da Aldeia de São Pedro (Rio de Janeiro), em 1759 565

Salmódias

- cantadas pelos carmelitas em cerimônia fúnebre no Colégio da Bahia,
em 1706 184
em cerimônia fúnebre oficiada por carmelitas no Colégio do Rio de Janeiro,
em 1736 295
fúnebres, no Colégio do Rio de Janeiro em 1660 256
fúnebres, em cerimônia no Colégio do Rio de Janeiro em 1722 288
sacras, por cantores, todos os meses, na Aldeia de São Barnabé
(Rio de Janeiro), em 1660 256

Salmos

- cantados em procissão na Aldeia de Santa Cruz (Bahia), em 1561 128
cantados por "um mancebo estudante" em missa na Aldeia do Espírito
Santo (Bahia), em 1584 371
cantados por Irmãos ao som de uma suave flauta, na ida do Padre Cristóvão
de Gouveia da Bahia a Pernambuco, em 1584 374
e motetes dos estudantes, acompanhados de cravo e descantes, em
alguns passos em procissão na cidade da Bahia, em 1584 373
fúnebres apropriados a missa solene, cantados por carmelitas no Colégio
de Olinda, em 1706 185

Salutatio Angelica

- cantada alternadamente nos sábados à tarde no Colégio de São Paulo,
em 1727 291
cantada e tocada no Colégio e aldeias de São Paulo, em 1610 234

Salve Regina

- aos sábados na viagem do Padre Quirício Caxa ao Brasil em 1563 131
cantada
á tarde pelos meninos índios, na Aldeia de Piratininga (São Paulo), em 1554 96
aos sábados nas igrejas com canto de órgão pelos índios nas aldeias do Brasil,
em ca. 1560, segundo o Padre Vasconcelos, em 1663 430
aos sábados pelos índios na Bahia, em 1607 232
após procissão na Aldeia de São Tiago (Bahia), em 1564 136
em canto de órgão todos os dias na Bahia pelos meninos índios trazidos de
São Vicente, em 1554, segundo o Padre Vasconcelos, em 1663 427
na *Quadragesima* aos sábados após as Vésperas, com músicos, *concentu* e
muito aparato, nas aldeias da Bahia, em 1607 230
nas aldeias da Bahia no Sábado Santo em 1575 214
pelos meninos índios de melhores vozes no Maranhão, em ca. 1615, segundo o
Padre Moraes em 1759 488
pelos meninos índios na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1564 133
pelos meninos índios na Aldeia do Rio Vermelho (Bahia), em 1556 105
pelos meninos índios nos ofícios na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1559 112
pelos meninos índios todos os dias na Villa de Nsa. Sra. da Vitória (Espírito Santo),
em 1559 117
pelos meninos órfãos de Lisboa na partida para o Brasil, em 1550 64

pelos Padres mercedários no Colégio do Maranhão, em ca. 1652, segundo o Padre Bettendorf em 1698	441
todos os dias pelos estudantes na igreja do Colégio do Maranhão, por ordem do Padre Vieira, em 1656, segundo o Padre Domingos de Araújo em, 1720	474
cantada aos sábados pelos índios nas aldeias da Bahia, em ca. 1670	259
cantada nos sábados da <i>Quadragesima</i> no Colégio do Rio de Janeiro, em 1604	228
dita todos os sábados pelos meninos no Colégio da Bahia, em 1560.....	122
Santos	
Colégio	
<i>carminae</i> vulgares proibidas em 1607	229
<i>concentus musicales</i> na novena na entrega da imagem de Santa Ana, em 1746	300
São Paulo	
Aldeia de Piratininga	
escola de ler, escrever e cantar, em 1554	94
índios se juntam de noite para cantar coisas de Deus em sua língua, em 1554	95
meninos da escola cantam <i>Salve Regina</i> às tardes, em 1554.....	96
meninos índios ajudam a cantar a missa em 1554	95
missa oficiada pelos índios com canto de órgão, em 1585	376
<i>musicus concentus</i> em cerimônias em 1575	215
o Padre Antônio Rodrigues ensina aos meninos na escola, em 1554	96
ofício de trevas sem canto, em 1560	119
Aldeia de São José	
ladainhas cantadas pelo povo no momento da expulsão dos padres, em 1759	516
Aldeia do Embu	
instrumentos mencionados no inventário da igreja, de 1759	566
Aldeias	
<i>Salutatio Angelica</i> cantada e tocada em 1610	234
Colégio	
canto de músicos na Novena de São Francisco Xavier, em 1706	183
cerimônia fúnebre a dois coros, oficiada pelos sacerdotes da Congregação de São Pedro, em 1713	282
Ofício de Trevas cantado, segundo o Padre Fonseca, em 1752	556
<i>Salutatio Angelica</i> cantada e tocada em 1610	234
um órgão pequeno no inventário da igreja de 1774	575
escolas de ler, escrever e canto desde 1554, segundo o Padre Vasconcelos em 1658	539
índios oficiam missas com canto de órgão, em 1640	595
missas cantadas aos sábados com canto de órgão e instrumentos de cordas, em 1727	291
Vila de Piratininga	
missas cantadas pelos padres em 1585	376
São Vicente	
cantares e harmonias diabólicas dos índios, em 1551	64
cantos e danças dos índios em 1575	214
índios tanger busios em alarde infernal	66
instrumentos músicos na festa da Santíssima Virgem, em 1583	220, 367
ladainhas cantadas pelos meninos em 1. de janeiro de 1555	100
meninos cantam todos missa de canto de órgão, em 1553.....	87
meninos índios aprendem a ler, escrever, cantar e tanger flautas, em 1553.....	89

<i>musicus concentus</i> na fundação da Confraria de Nsa. Sra. do Rosário, em 1583	367
primeira missa com canto de órgão e flautas em 1551	70
procissão à Igreja da Vila e na volta missa cantada pelo Padre Nóbrega, em 1553	87
<i>Te Deum laudamus</i> na recepção do Padre Nóbrega em 1553, segundo documento de ca. 1777	513

Semana Santa

celebrada na Aldeia de Guaraparim, no Espírito Santo, com <i>symphonia</i> de instrumentos músicos e vozes em 1604	228
com cantigas pias no Colégio da Bahia, em 1711	187
com canto de órgão nas aldeias do Brasil em 1586	315
com coro músico formado por seminaristas, no Colégio do Pará em 1756	201
com ofícios cantados pelos alunos do Seminário de Belém da Cachoeira (Bahia), em 1693	436
domingo com música, tambores, gaitas e várias danças dos índios, no Pacajá (Pará), em 1656	415
em canto de órgão pelos índios músicos trazidos de Pernambuco, em Ibiapaba, em 1659	417
ofícios com canto de órgão nos Colégios, em ca. 1607	318
ofícios com flautas, música e estrondo da artilharia, em Pernambuco, em 1561	124
ofícios com música na Aldeia do Espírito Santo (Bahia), em 1691	434
pregações com a melhor música da terra, na igreja do Colégio do Maranhão, em 1653	160
Quinta-feira de Endoenças com procissão e ladainhas cantadas pelos meninos do Colégio da Bahia, em 1560	122
Sábado Santo com <i>fistulae</i> e <i>tibiae</i> , nas Aldeia de Santo Antônio (Bahia), em 1573	209
com <i>Salve Regina</i> cantado nas aldeias da Bahia no Sábado Santo	213

Seminaristas

cantam em coro na Semana Santa no Colégio do Pará em 1756	201

Solfa

cantada por três meninos índios, em documento de 1758	603
cantada por um padre na Igreja do Colégio do Maranhão, em 1671	169
canto de *, no qual são compostas orações e mistérios da fé para os meninos índios, nas aldeias da Bahia em 1550, segundo o Padre Vasconcelos em 1663	425
ensinada no Seminário de Belém da Cachoeira, em ca. 1696	328
no canto de motetes na <i>Quadragesima</i> no Maranhão, em ca. 1620, segundo o Padre Moraes em 1749	490
orações e mistérios da fé entoados em canto de * em procissões dos meninos índios, em aldeias fundadas pelo Padre Nóbrega em ca. 1550, segundo documento de ca. 1777	513
papéis de * no inventário da Aldeia do Embu (São Paulo), em 1759	566
pela qual o Padre João Maria Gorzoni tocava gaita, na aldeia de Cairitiba, em ca. 1670, segundo o Padre Bettendorf em 1698	450

Sonajas

- pede-se que enviem algumas para que os meninos com elas atraíssem
os índios, em 1552..... 79

Symphonia

- de instrumentos músicos e vozes na Semana Santa, na Aldeia de Guaraparim,
Espírito Santo, em 1604 228
e cantos, com os quais se explica a doutrina cristã nos domingos da
Quadragesima, no Espírito Santo, em 1607 230
e ladainhas cantadas em procissão devido à seca, no Colégio do Rio de Janeiro,
em 1619 242
no recebimento do Padre Visitador nas aldeias da Bahia, em 1614..... 239

T

Tambores

- dos índios, em Ibiapaba, na missão dos Padre Luís Figueira e Francisco Pinto,
em 1607 500
dos índios, em recebimento do Padre Cristóvão de Gouveia, na Aldeia da
Conceição (Espírito Santo), em 1584 375
dos índios, nas aldeias do Espírito Santo, em 1597 151
dos Nheengaíbas, em celebração de paz com os portugueses, em 1660..... 166
e festas em recebimentos dos padres pelos Petiguares, nas aldeias da
capitania da Paraíba, em ca. 1603..... 382
e folia dos brancos, em festa na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1564 135
e gaitas tocados em jantar na Aldeia do Espírito Santo (Bahia), na visita do
Padre Cristóvão de Gouveia, em 1584 371
em recebimento dos padres em Ibiapaba, em 1608 385
em recebimento na Aldeia do Espírito Santo (Bahia), em 1614 156
em recebimentos dos padres e índios que vêm de outras aldeias, na Aldeia
de São Tiago (Bahia), em 1564..... 136
no domingo de Páscoa, no Pacajá (Pará), em 1656 415

Tamboris

- com os quais meninos índios fazem danças nas aldeias da Bahia em 1583..... 360
e gaitas dos índios, nas aldeias do Amazonas, em 1776..... 507
em folia dos índios, quando o Padre Luís da Grã é recebido na Aldeia do
Espírito Santo, na Bahia, em 1560 123
em recebimento dos padres em Ibiapaba, em 1608 386
na recepção de padres na Aldeia de Santa Cruz (Bahia), em 1561 127
no recebimento do padre Cristóvão de Gouveia, na Aldeia do Espírito Santo,
em 1583 370

Tantum ergo

- cantado às quintas-feiras, e nos dias santos e festivos pelos índios das
aldeias do Maranhão, em 1720 473

Te Deum laudamus

cantado com charamelas, flautas, etc. na Aldeia do Espírito Santo (Bahia), em 1614	156
cantado em ação de graças no Colégio da Bahia, em 1620	244
cantado em cerimônia de batismo dos indiozinhos, no Colégio da Bahia, em 1556	106
cantado pelo Bispo de Pernambuco no Colégio de Olinda, em 1738	296
cantado pelo coro dos Irmãos em procissão na Aldeia de São Paulo (Bahia), em 1564	133
cantado por todos após a pregação na igreja do Colégio do Maranhão, em 1721	477
com instrumentos, e missa cantada na transformação da residência de Paranaguá em colégio, em 1755	307
dito em ação de graças entre os Nheengaíbas, em 1660	166
em procissão na visita do padre Cristóvão de Gouveia, na Aldeia do Espírito Santo, em 1583	370
entoado em recebimento dos padres na Aldeia de Reritiba (Espírito Santo), em ca. 1610	387
na recepção do Padre Nóbrega em São Vicente em 1553, segundo documento de ca. 1777	513

Teatro

"comediazinha" representada na recepção a D. Gregório dos Anjos, primeiro Bispo do Maranhão, em São Luís, em 1680, segundo o Padre Bettendorf em 1698	453
a primeira tragédia no metro trágico apresentada no Maranhão, em ca. 1757 .	486
Auto de Santo Iago na representado na Aldeia de São Tiago (Bahia), em 1564	136
comédias que o Irmão Tomás do Couto ensina os alunos a representarem, no Colégio do Maranhão, em ca. 1690	457
diálogos	
da Santa Eucaristia no Colégio de Olinda, em 1575	215
pastoril representado pelos índios em língua brasileira, portuguesa e castelhana, na Aldeia do Espírito Santo (Bahia), em 1584	371
por estudantes do Colégio de Olinda na recepção do Padre Cristóvão de Gouveia, em 1584	374
representado no recebimento do padre Cristóvão de Gouveia, na Aldeia do Espírito Santo, em 1583	370
representados pelos índios nas festas solenes, no Maranhão, em 1615	157
sobre cada palavra da Ave Maria, composto pelo Padre Álvaro Lobo e apresentado na Aldeia da Conceição (Espírito Santo), em 1584	375
e pompa na comemoração das Onze Mil Virgens, no Colégio da Bahia, em 1610	233
não se deve fazer representação alguma em cerimônias, segundo instruções de ca. 1607	318
regulamentado pelo Padre Nóbrega para impedir "abusos", em 1586	377
regulamentado pelo padre Nóbrega para impedir "abusos", segundo o Padre Quirício Caxa em 1598	524
tragédia apresentada ao público no Colégio de Olinda, pela Confraria das Onze Mil Virgens, em 1604	228

tragédia pública apresentada pelo Irmão Tomás do Couto no Colégio do Maranhão em 1688	456
tragédias e comédias não devem ser realizadas em língua vulgar, em 1585....	313
tragicomédia escrita pelo Padre Aleixo Antônio no Colégio do Pará, em 1739...	197
tragicomédia sobre a Assunção da Virgem exibida ao povo pelo Padre Juliano Xavier, no Colégio da Bahia, em 1727.....	291
Terço do Rosário	
a coros, como se usa em Lisboa, instituído pelo padre Antônio Vieira, no Maranhão, em 1653.....	160
cantado	
à noite nas missões da Bahia, em 1725	290
alternadamente aos sábados pelos alunos do Colégio da Bahia, em ca. 1670.....	259
aos domingos pela Congregação de Nsa. Sra. do Rosário no Colégio da Bahia em 1719	286
aos sábados na Aldeia das Bocas em Araticu (Pará) em 1750	481
aos sábados pelos alunos dos colégios diante do altar, em 1679	267
inicialmente por dois meninos de melhores vozes, depois por toda a igreja alternadamente, no Maranhão, em 1653	161
na igreja do Colégio do Maranhão mesmo durante a expulsão dos jesuítas em 1685, segundo o Padre Bettendorf em 1698	446
no Colégio do Maranhão em costume inalterado desde que foi principiado pelo Padre Vieira, segundo documento de ca. 1757	485
no Colégio do Maranhão na véspera do nascimento da Virgem, em 1662, segundo o Padre Bettendorf em 1698	446
ou rezado na Missão de Pastos Bons (Maranhão) em 1745	199
pelos alunos externos do Colégio do Pará todos os dias, após as aulas vespertinas, em 1755	305
pelos alunos na Aldeia de Tapuitapera (Maranhão), em 1729	194
pelos alunos, antes do jantar, no Seminário de Belém da Cachoeira (Bahia) em 1693	436
pelos meninos do Colégio do Maranhão, todos os dias, em 1696.....	438
pelos meninos na igreja do Colégio do Maranhão, em 1665	258
pelos meninos todos os dias na igreja do Colégio do Maranhão, em 1730	548
por coros alternados no Colégio da Bahia em 1722	288
todos os dias na Ilha de Santa Catarina, em 1749.....	302
todos os sábados no Colégio de Paranaguá, em 1759	496
todos os sábados no Colégio do Rio de Janeiro, segundo documento posterior a 1760	558
deve ser cantado todos os dias ao pôr do sol pela Congregação de Nsa. Sra. da Luz na igreja do Colégio do Maranhão, segundo instruções de 1670	326
instituído por Vieira no Maranhão em 1652, segundo o Padre Bettendorf em 1698	441
que o Padre Vieira ordena que todos os dias os estudantes cantem na igreja do Colégio do Maranhão, em 1656, segundo o Padre Domingos de Araújo em, 1720.....	474
recitado aos sábados pelos filhos dos colonos da Ilha de Santa Catarina, em 1755	304

Tibiae

acompanhando cerimônia no Colégio da Bahia em 1583	219
alternadas com salmos e hinos na Aldeia de São João (Bahia), em 1575.....	211
centu de	
e de cantores na Aldeia de São Sebastião (Bahia), em 1619.....	242
e canto pelos meninos mais aptos em ofícios nas aldeias do Rio de Janeiro, em 1607	230
na Aldeia de São Tiago (Bahia) em 1575	212
na comemoração do nascimento de "Nosso Santo Pai", no Colégio da Bahia, em 1616	241
dos índios, em ritual do Varakidran, em 1693.....	268
e canto de vozes em ofício na <i>Quadragesima</i> , no Colégio da Bahia, em 1591 ..	223
em cerimônia de láurea no Colégio da Bahia em 1578	217
em recebimento na Aldeia da Imaculada Conceição, em 1676	171
em Vésperas em ação de graças pela chuva, no Colégio de Olinda, em 1611...	236
ensinadas aos meninos índios nas aldeias e no Colégio da Bahia, em 1583	366
nas aldeias da Bahia na <i>Quadragesima</i> em 1575.....	213
nas aldeias de Pernambuco, em 1612.....	237
tocadas por neófitos na Aldeia de Santo Antônio (Bahia) em 1573	210

Tibicines [tangedores de tibiae]

com cantores e <i>lyricines</i> em carro triunfal em procissão em ação de graças pela chuva, em Pernambuco, em 1611	236
coro de cantores e de * em recebimento do Padre Visitador nas aldeias da Bahia, em 1614	239
coro, e <i>centus</i> de instrumentos no Colégio da Bahia em 1620.....	244
das aldeias exibem sua arte durante as festividades de Santo Inácio, no Colégio de Olinda, em 1615	240
em fila dupla em festividades na igreja do Colégio da Bahia, em 1741.....	299

Trombetas

com as quais o Padre Bettendorf recebe índios descidos, na Aldeia de Cairitiba, em ca. 1670, segundo o Padre Bettendorf em 1698.....	451
com música, em procissão nas aldeias do Brasil em 1549	61
dos Nheengaíbas, em celebração de paz com os portugueses, em 1660.....	166
dos Nheengaíbas, na Ilha de Marajó, em 1660	166
na atuação dos padres no início da colonização, segundo o Padre Vasconcelos em 1672	544
no ataque dos holandeses à Bahia, em 1624	246
ou mumbiz dos índios Irurizes, em relato de 1698	453
que aprendem e tocam nos ofícios os índios nas aldeias do Brasil, em ca. 1560, segundo o Padre Vasconcelos, em 1663	430
tocada por um índio de nome Thomazio na visita do Superior às missões do Maranhão, em ca. 1670, segundo o Padre Bettendorf em 1698	448

Trombeteiros

um índio de nome Thomazio na companhia Padre Superior durante sua visita às missões do Maranhão, em ca. 1670, segundo o Padre Bettendorf em 1698	448

Tubae

- canto de *, na atuação dos Padre Gomes e Nunes nas aldeias do Maranhão,
em 1617, segundo o Padre Rodrigues em 1770 501
- e explosões, assim como doce harmonia de cantos em ação de graças em
Pernambuco, em 1611..... 236
- em recebimento na Aldeia da Imaculada Conceição, em 1676 171

Tympanis

- e *tibiae* na recepção dos padres em Ibiapaba em 1607 230
- nas aldeias de Pernambuco, em 1612..... 237

V

Viagens

- com canto gregoriano alternado com canto de órgão na vinda do Padre
Luís Lopes ao Brasil, em 1639 409
- com clarim e instrumentos de Jacob Egres na volta do Padre Bettendorf de
Lisboa ao Maranhão, em 1688 456
- com ladainhas cantadas na primeira missão ao Maranhão, em 1616 241
- com ladainhas cantadas todos os dias na viagem dos padres do Maranhão a
Pernambuco, na época da expulsão em 1685 453
- com ladainhas e *Miserere* em canto de órgão na Semana Santa, durante a
vinda do padre Cristóvão Gouveia ao Brasil em 1583..... 369
- com ladainhas loretanas cantadas na ida dos Padres Manuel Gomes e Diogo
Nunes ao Maranhão, em 1615 500
- com missa cantada todos os domingos da *Quadragesima*, ladainhas todas as
tardes e *Salve Regina* aos sábados, na vinda do padre Quirício Caxa
ao Brasil em 1563..... 131
- com músicos que o Padre Inácio de Azevedo trazia ao Brasil, em 1570, e
ao som de cuja harpa rompia em lágrimas, segundo documento
posterior a 1777 514
- com músicos que o Padre Inácio de Azevedo trazia ao Brasil, em 1570, e
ao som de cuja harpa rompia em lágrimas, segundo o Padre
Vasconcelos em 1663 433
- com ofícios dos religiosos das Mercês acompanhados de harpa, baixo e
viola na ida do Padre Frutuoso Correia ao Maranhão, em 1696 437
- com salmos e cantigas dos irmãos ao som de uma suave flauta, na ida do
Padre Cristóvão de Gouveia da Bahia a Pernambuco, em 1584 374
- com terço e ladainhas cantadas na ida do Padre Bettendorf a Lisboa,
em 1684 454
- com terço e ladainhas cantadas, na ida do Padre Bettendorf ao Maranhão,
em 1661 445

Violas

- com as quais meninos índios fazem danças nas aldeias da Bahia em 1583..... 360
- com as quais os moradores da Aldeia do Caeté (Pará) fazem festas aos
padres, em ca. 1670, segundo o Padre Bettendorf em 1698 452
- dos músicos, acompanhando o canto em missas solenes na aldeia de Inhauba,
em 1695 458

em recebimento dos padres na Aldeia de Reritiba (Espírito Santo), em ca. 1610.....	387
no inventário da igreja da Fazenda de Santa Cruz (Rio de Janeiro), de 1768 ...	572
no recebimento do padre Cristóvão de Gouveia, na Aldeia do Espírito Santo, em 1583	370
que aprendem e tocam os meninos nas aldeias da Bahia, em 1584.....	372
que tangia um amigo do Padre Nóbrega, em Piratininga, em 1586.....	377
tocada e ensinada pelo Padre Diogo da Costa, que se muda para o Colégio do Maranhão em ca. 1690.....	456
tocada nos ofícios pelos religiosos das Mercês durante a viagem do Padre Frutuoso Correia ao Maranhão, em 1696.....	437
tocada pelos catecúmenos nas aldeias do Brasil, em ca. 1590	378

finj